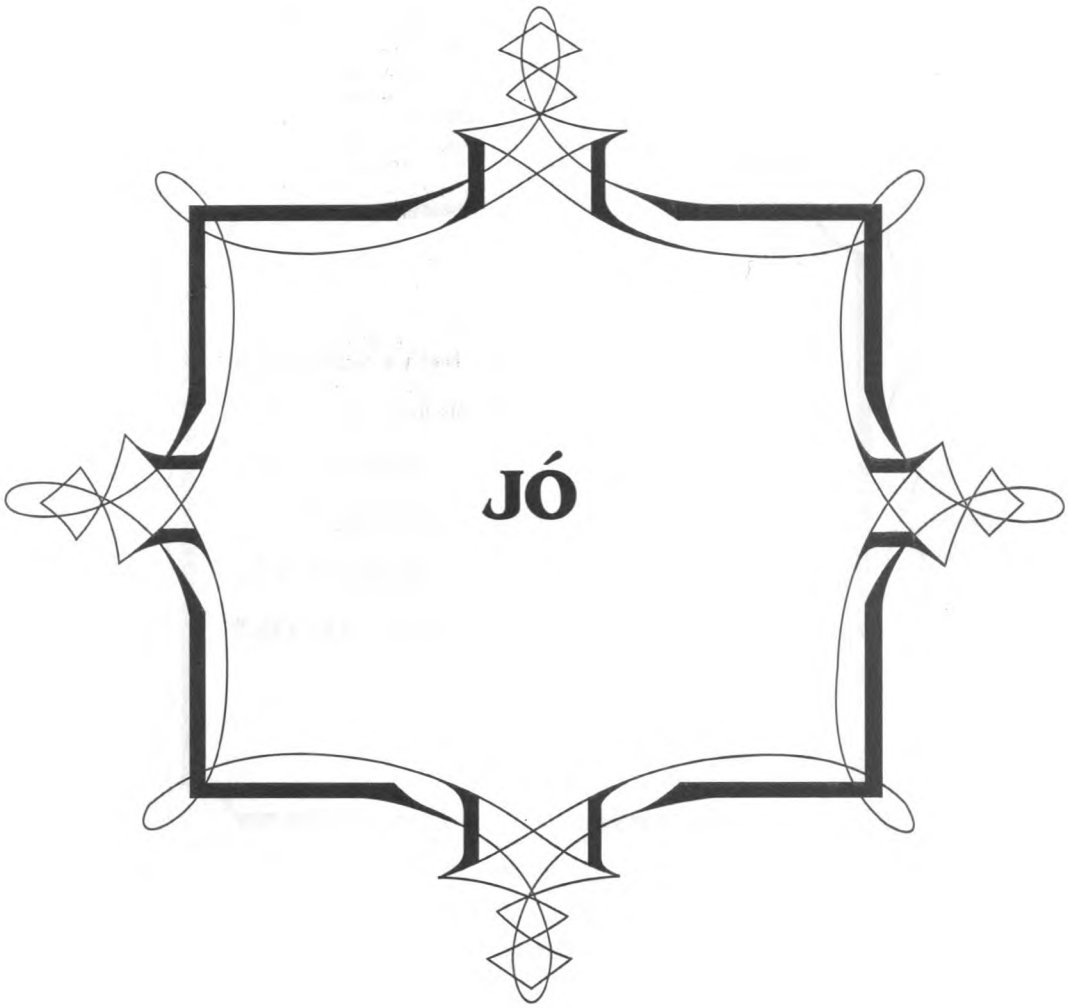
O ANTIGO TESTAMENTO INTERPRETADO

VERSÍCULO POR VERSÍCULO

Autor
R. N. Champlin, Ph. D.

JÓ

HAGNOS



JÓ

O Livro que Procura Soluções para o Problema do Mal

Eu sei que meu Redentor vive, e por fim se levantará sobre a terra. Depois, revestido este meu corpo da minha pele, em minha carne verei a Deus.
Jó 19.25,26

Jó

42 Capítulos
1.070 Versículos

INTRODUÇÃO

Esboço:

I. Caracterização Geral
II. O Homem Jó; Problema de Historicidade
III. Proveniência
IV. Data, Autoria e Integridade do Livro
V. O Problema do Mal
VI. Esboço do Conteúdo
VII. Bibliografia

I. Caracterização Geral

Este livro reflete episódios da época patriarcal, quando a lei mosaica ainda não havia sido promulgada. Os intérpretes antigos e alguns modernos continuam favorecendo a data mais antiga do livro. Ver sobre *Data,* na quarta seção deste artigo. Todavia, quase todos os intérpretes modernos, embora acreditem que houve, realmente, um homem de nome Jó, que é a figura central do livro desse nome, e que ele deve ter vivido na época dos patriarcas hebreus, acreditam que a narrativa primeiramente circulou sob a forma de tradições orais, até que foi reduzida à forma escrita, aí pelo século V ou IV A.C. Quanto a especulações sobre a historicidade de Jó, ver o artigo sobre Jó, 2. *Jó do Livro de Jó.* Uma das razões para a defesa de uma data posterior do livro é que ele pertence à chamada literatura de sabedoria, dentro da tradição judaica, literatura essa pertencente a um período posterior. Além disso, talvez reflita uma grande crise de fé criada na mente nacional judaica, pelos cativeiros assírio e babilônico. Nesse caso, o livro não seria mera peça pessoal, refletindo os conflitos de um indivíduo isolado acerca do problema do mal, e, sim, um tipo de busca dos judeus por uma resposta acerca das aflições que Israel sofreu como nação. A antiga doutrina judaica, tão forte no Antigo Testamento, acerca da regularidade e previsibilidade da retribuição divina, foi perturbada pelos imensos sofrimentos da nação às mãos de povos pagãos que, sem dúvida, eram mais corruptos do que os judeus. O décimo nono capítulo de Jó mostra-nos que o homem que é sábio conserva a sua crença na retidão e na vindicação dada por Deus aos retos. A esperança da vindicação após a morte (uma resposta comum para o problema do mal) acha-se em Jó 19:25-27.

Os consoladores de Jó, que eram apenas atormentadores, não podiam perceber outra coisa além de uma retribuição divina regular, precisa e previsível. Para eles, Jó estava sofrendo porque merecia tal coisa, o que, segundo pensavam, fatalmente mostraria ser a verdade, apesar da capa de justiça com que Jó se vestia.

Alguns eruditos pensam haver problemas com o arranjo do material, supondo que algum editor, ou editores, de uma época posterior, tivessem feito adições que só teriam servido para lançar o livro na confusão. O capítulo vinte e um, diferentemente dos capítulos primeiro a décimo nono, retrata um Jó cético, que condenou a si mesmo e, então, foi levado à sabedoria *divina* no capítulo vinte e oito. Após uma espécie de discurso de despedida, que contém um juramento de liberação (caps. 30 e 31), que seria, basicamente, um paralelo aos discursos dos capítulos terceiro a décimo nono, quanto à atitude, aparece uma reprovação *desnecessária* por parte de certo Eliú (caps. 32—37). Então o próprio Deus força Jó a retratar-se (caps. 38 e 39). Isso posto, parece haver consideráveis mudanças de atitude entre os capítulos terceiro a décimo nono, por um lado, e as porções subseqüentes do livro. E alguns estudiosos supõem que isso reflita adições feitas posteriormente. Todavia, isso poderia ser reflexo apenas de um confuso arranjo e tratamento, por parte do próprio autor sagrado que, ao abordar uma questão espinhosa, não se mostrou muito metódico quanto, talvez, gostaríamos que ele tivesse sido. As presumíveis adições seriam os capítulos 28, 32-37 e 38 e 39.

Alguns estudiosos também supõem que o prólogo (Jó 1 e 2) e o epílogo (Jó 42:7-17) tenham sido adições feitas ao corpo original do livro. Outros eruditos têm criticado a filosofia que transparece na obra, supondo que as tragédias gregas sejam superiores, pois, nessas tragédias, quando um homem sofre, nunca mais se recupera. E dizem que isso é mais realista diante da vida. No entanto, Jó recuperou-se e prosperou mais do que antes. Todavia, a vida também nos mostra casos de recuperação diante do sofrimento, mesmo nesta vida, não havendo nisso nada que possa ser considerado contrário à realidade. Mediante essa recuperação de Jó, o autor sagrado estava dizendo que a providência divina é capaz de nos surpreender. Em primeiro lugar, devido a razões desconhecidas, o homem sofre; e a única razão para isso é a inescrutável vontade de Deus. Em segundo lugar, para consternação daqueles que acreditavam que Jó era um homem iníquo, subitamente ele voltou a prosperar materialmente. E isso prova que a resposta simplista para o problema do sofrimento, de que este resulta de erros cometidos, nem sempre explica o que está acontecendo entre os homens. Por outro lado isso também prova que não podemos afirmar que Deus nunca abençoa os pecadores. Assim, os eruditos que não apreciam a bela e surpreendente recuperação de Jó—como se isso sempre fosse contrário à experiência humana, o que já vimos que não é assim—apegam-se à idéia de que o epílogo do livro foi uma adição posterior, com o intuito de vindicar, artificialmente, a causa de Jó, de tal modo que "tudo está bem com aquilo que termina bem", o que, conforme sabemos, não corresponde à mensagem que o autor sagrado queria transmitir.

Outro Propósito. O livro de Jó provê uma resposta ou várias respostas para o problema do mal, sobre o que tratamos especificamente na quinta seção. Não há que duvidar que esse é o principal problema a ser ventilado no livro. Porém, em adição a isso, também é seguro que o autor sagrado estava sondando as profundezas da fé de um ser humano, mesmo diante do sofrimento moral e físico. Todavia isso constitui apenas uma das respostas possíveis para o problema do sofrimento. Um indivíduo pode lançar-se nos braços da graça, do amor e do poder de Deus, sofrendo no escuro, escudado exclusivamente em sua fé. De alguma maneira, em algum lugar, Deus está no seu trono, e tudo corre bem no mundo, a despeito de teimosas evidências humanas em contrário.

Qualidade Estética. Alfred, Lord Tennyson, que foi um poeta de grande envergadura, considerava o livro de Jó como "o maior poema dos tempos antigos e modernos". "Esteticamente falando, Jó é a produção literária suprema do gênio dos hebreus". (E)

Admiráveis Qualidades Intrínsecas. É de estranhar que um livro que nada exiba de caracteristicamente israelita, onde a lei mosaica nunca é promovida, tenha encontrado lugar seguro no cânon hebraico da Bíblia. Essa posição do livro de Jó nunca foi seriamente desafiada. Podemos apenas supor que a sua qualidade estética seja tão grande que ninguém jamais ousou desafiar seu direito ao rol dos livros divinamente inspirados. Outrossim, o livro reflete uma experiência humana crítica, sendo uma busca por respostas para certas duras experiências humanas, pelas quais todos os povos se interessam.

II. O Homem Jó; Problema de Historicidade

Sob o título ***Jó,*** segundo ponto, (ver a respeito no *Dicionário*) falamos sobre a origem e o significado do nome Jó, além de apresentarmos uma discussão sobre o problema da historicidade do livro. Esse artigo também procura fazer uma descrição abreviada da caracterização do homem Jó, no livro que traz o seu nome.

iii. Proveniência

Se o livro de Jó não é uma obra histórica e, sim, uma novela filosófico-religiosa, uma parte da literatura de sabedoria judaica, então não importa muito a investigação acerca de onde o livro foi escrito. Mas, se trata de uma obra histórica, então temos o informe, em Jó 1:3, de que o relato ocorreu no "Oriente", com "o maior de todos os do Oriente". Mesmo nesse caso, porém, o autor sagrado, outro que não o próprio Jó, poderia ter escrito acerca de Jó, um homem do

Oriente, sem que ele, o autor, residisse ali. Apesar de não podermos determinar onde o livro foi escrito, pode ser que o forte caráter aramaico do livro indique que foi produzido em um centro aramaico de erudição. Se o livro realmente deriva-se da época dos patriarcas (ver sobre *Data*, seção IV), então esse lugar poderia ter sido em algum ponto perto de *Araam Naharaim* (a Araam dos Dois Rios), ao norte da Mesopotâmia. Nos fins do segundo milênio A.C., tribos araméias deslocaram-se para o sul e se estabeleceram nas fronteiras entre a Babilônia e a Palestina, continuando a controlar a rota de caravanas que atravessava a área de Cabur. E foi então que Alepo e Damasco tornaram-se centros dos arameus. O trecho de Jó 1:17 poderia indicar um tempo quando os caldeus ainda estavam vivendo como seminômades, isto é, antes de 1000 A.C. Mas, se o livro de Jó pertence a uma data comparativamente posterior, então todas as especulações dessa natureza têm pouco ou nenhum valor, no que diz respeito à proveniência desse livro.

"Parece que Jó foi uma personagem histórica que passou por experiências incomuns. Ele, talvez, fosse um xeque que vivia próximo ao deserto da Arábia, em uma época similar à dos patriarcas hebreus. O autor do livro usou de licença poética, e assim transformou a narrativa sobre os sofrimentos de Jó em um memorável drama". (AM)

Jó é apresentado como homem que vivia na terra de Uz (Jó 1:1), que alguns estudiosos supõem que ficasse situada em algum ponto entre Damasco da Síria, ao norte, e Edom, ao sul, ou seja, nas estepes a leste da Síria-Palestina. Porém, mesmo que essa informação seja correta, isso não significa que o autor do livro residia ali. A conclusão é que não dispomos de informação certa quanto a esse particular.

IV. Data, Autoria e Integridade do Livro

1. Data. O livro é encaixado, bem claramente, dentro do período dos patriarcas hebreus. Não há nenhuma menção à lei mosaica, como também coisa alguma distintamente judaica no livro. Alguns eruditos supõem que houvesse uma tradição oral, que preservava a narrativa, fora de Israel, antes de ter sido posta em forma escrita, por algum israelita desconhecido. A isso podem ter sido feitas adições, da parte de um editor ou editores posteriores, como um prólogo, alguns dos capítulos finais e o epílogo. Se Jó foi uma personagem histórica, então poderíamos datá-lo dentro dos limites amplos entre 2000 e 1000 A.C. Várias descrições, como a longa vida de Jó, o fato de que suas riquezas eram aquilatadas sob a forma de gado, e que o relato parece refletir uma vida nômade (própria das tribos dos sabeus e dos caldeus), ajustam-se ao segundo milênio A.C., melhor que qualquer outra época posterior. Isso faz de Jó um homem que viveu há muito tempo no passado, talvez até algum tempo antes de Abraão. Por outro lado, visto que o livro faz parte da literatura de sabedoria dos judeus, muitos têm pensado que sua compilação pertence a um tempo muito posterior a isso. As opiniões a respeito divergem muito umas das outras, indo desde o segundo milênio até o século IV A.C. Encontraram-se fragmentos do livro de Jó entre os manuscritos do mar Morto, o que elimina a data ultraposterior de 200 A.C., como alguns eruditos têm arriscado. Todavia, esse livro poderia refletir especulações filosóficas, sobre o problema do mal, especificamente o *porquê* dos sofrimentos de certos homens bons, o que já pertence ao período pós-exílico dos judeus. Os judeus estavam então meditando sobre como grandes tragédias podem sobrevir aos homens, conforme os próprios judeus tinham sofrido às mãos dos assírios e dos babilônios. Idéias comuns sobre como operam a divina providência e a retribuição, estavam sendo testadas pelos acontecimentos históricos, e o livro de Jó pode ter sido uma tentativa para provar respostas para esse problema.

2. Autoria. Em vista do ambiente patriarcal que transparece no livro, a tradição judaica piedosa tem pensado que *Moisés* foi o autor do livro de Jó *(Baba Bathra* 14v ss), embora isso, segundo outros, esteja fora da realidade. O próprio livro não nos fornece nenhuma indicação de que Jó tenha escrito qualquer porção da obra. Isso posto, temos um autor desconhecido que viveu em um período desconhecido. "A menção aos bandos de caldeus (Jó 1:17), e o uso da arcaica palavra *qesitah* (42:11, em nossa versão portuguesa, "dinheiro") apontam, meramente, para a antiguidade da história, e não para a sua presente forma escrita. Os eruditos modernos têm variado na data do livro, desde os dias de Salomão até cerca de 250 A.C., embora as datas mais populares variem entre 600 e 400 A.C., apesar do que há uma tendência crescente em favor de datas posteriores. Os argumentos com base no assunto, na linguagem e na teologia, provavelmente, favorecem uma data até posterior à de Salomão; mas, visto que o livro é *sui generis* dentro da literatura dos hebreus, e que a linguagem empregada é tão distintiva (alguns eruditos chegam a pensar que se trata de uma tradução de um original aramaico, enquanto que outros consideram que seu autor teria vivido fora da Palestina), qualquer dogmatismo deriva-se de fatores subjetivos e preconcebidos". (ND)

3. Integridade. Na primeira seção, **Caracterização Geral,** demos as razões pelas quais alguns eruditos duvidam que o livro inteiro tenha sido escrito por um único autor. As porções atribuídas a algum outro autor-editor são o prólogo (caps. 1 e 2), a descrição sobre o hipopótamo (40:10—41:25), os discursos de Eiiú (32:1—37:24), o capítulo vigésimo primeiro, e o epílogo (42:7-17). Alguns estudiosos dizem que os capítulos 28, 32-37 e 38-39 também são adições. Porém, até onde podemos ver as coisas, as razões contra e a favor da autoria original dessas seções são puramente subjetivas, e nada de positivo pode ser provado. É verdade que uma grandeza essencial de expressão poética percorre a obra inteira; mas, tanto podem ter havido dois ou três poetas envolvidos, como também somente um. Além disso, qualquer autor pode inserir material tomado por empréstimo; e, nesses pontos, certa incongruidade ou diferença de estilo pode ser observada, interrompendo a suavidade do fluxo da apresentação, sem que isso indique a contribuição feita por algum outro autor.

Segundo esses críticos, os discursos de Eliú são rejeitados como originais (Jó 32:1—37:34), porque ele não é mencionado no epílogo, onde os amigos de Jó foram repreendidos. Porém, se o epílogo foi acrescentado por algum autor posterior, por que ele omitiu esse nome? Deveríamos supor que os discursos de Eliú tivessem sido incluídos no livro após a adição do epílogo? Novamente, entramos em um raciocínio meramente subjetivo, não havendo como fazer nenhuma afirmação absoluta acerca do problema assim levantado. E nem isso é necessário para a crença na divina inspiração do livro. Todos os livros da Bíblia contêm seus elementos humanos, e nenhum deles foi escrito em um vácuo, para então ser hermeticamente fechado. Os eruditos que fazem a fé depender dessas coisas enfatizam aquilo que se reveste de pouca ou nenhuma importância, exceto que essas coisas, mui naturalmente, desempenham um papel legítimo na análise e na avaliação literárias.

V. O Problema do Mal

Oferecemos ao leitor um detalhado artigo sobre o *Problema do Mal* (ver a respeito no *Dicionário*). O livro de Jó é o único livro da Bíblia que aborda especificamente esse problema, ao mesmo tempo que é um dos mais extensos escritos que têm sido preservados desde tempos antigos. Alguns estudiosos negam que o tema principal do livro seja esse problema, preferindo sugerir que o livro realmente perscruta as profundezas da fé que um homem é capaz de ter, diante de inexplicáveis sofrimentos. Porém, isso, por si mesmo, faz parte do problema do mal. No que consiste o problema do mal? Esse é o problema que consiste em explicar como é que pode haver tanta maldade no mundo. Existe o *mal natural:* os acidentes, as inundações, os terremotos, os incêndios, as enfermidades e, acima de tudo, a morte, a qual parece ser o ponto culminante dos males naturais. Existem males que não se derivam diretamente da vontade e dos atos maus dos homens. Essas são coisas naturais que afligem todas as pessoas. Esses são "atos de Deus", conforme alguns dizem. Existe também o *mal moral,* males que se derivam diretamente

da vontade e dos atos pervertidos e maldosos dos homens, como as guerras, as matanças, a desumanidade do homem contra o homem. Essa questão toda envolve Deus: Se existe um Deus todo-sábio (que conhece até o futuro), todo-poderoso e todo-amoroso, então por que há tanta maldade e sofrimento neste mundo? Não podemos lançar a culpa de tudo sobre a perversidade humana. Jó ficou muito doente, e sua carne, por assim dizer, desprendeu-se de seus ossos. Isso foi uma enfermidade, parte dos males naturais. Por que Deus permite o sofrimento? Por que o homem bom sofre? Por que os homens maus não são julgados? Por que razão os ímpios prosperam? Qual é o resultado final do sofrimento? Haverá algum dia sem sofrimentos? Estas são perguntas que os homens costumam fazer, perplexos. Apesar de não haver respostas absolutas e perfeitas, nosso artigo sobre o problema do mal procura dar aos leitores as respostas que existem. Mas, todas essas respostas funcionam melhor quando são outras pessoas que sofrem. Quando temos de enfrentar alguma grande tragédia, então as respostas que existem não nos parecem muito boas.

Razões do Sofrimento, Segundo o Livro de Jó:

Seja como for, o livro de Jó procura nos fornecer algumas respostas para o problema do mal. Abaixo, oferecemos um sumário:

1. Os discursos dos amigos molestos de Jó fornecem a resposta-padrão, que está sendo posta em dúvida, por este livro: Deus castiga os ímpios com o sofrimento. Segundo os amigos de Jó, a retribuição divina é a grande resposta. Mas, apesar de haver nisso alguma razão, Jó nos é apresentado como um homem *inocente* das acusações de que o acusavam, pelo que *os seus* sofrimentos não podiam ser atribuídos àquelas acusações. Mesmo quando ele se confessou pecador, e declarou que se arrependia, isso não foi feito a fim de explicar *por que* ele estava sofrendo, mas serviu apenas para mostrar que todos os homens, diante de Deus, devem assumir uma posição de humildade, como pecadores que são. Ver Jó 42:6.

2. Os discursos de Eliú salientaram o princípio de que o sofrimento é uma *disciplina* para os justos, o que corresponde a um princípio verdadeiro, embora, por certo, não seja *a* resposta no caso específico de Jó. Ver Jó 33:16-18; 27:30; 36:10-12.

3. Jó 19:25,26. Os remidos participam de uma gloriosa vida póstúmulo, pelo que todos os sofrimentos terrenos e temporários são ali obliterados. Essa é uma boa resposta-padrão, sem dúvida, mas não é ainda o principal argumento do livro. Seja como for, essa resposta tenta pôr na correta perspectiva o problema do sofrimento humano. Nós, como seres mortais, exageramos a importância das coisas temporais e transitórias desta vida. Pode haver desígnio ou não nessas coisas; mas elas duram por algum tempo, e logo se acabam.

4. *Há profundezas da fé* que os justos podem obter, e que lhes conferem coragem para enfrentar seus sofrimentos, sem duvidarem da providência e dos desígnios de Deus. Apesar disso também não são uma resposta definitiva para o problema, é uma espécie de solução para aqueles que estão sofrendo no presente. Um homem, mediante a sua fé, impõe-se à sua situação adversa, obtendo nisso razão para prosseguir, significado, desígnio e esperança.

5. O texto sagrado declara que Deus atua em todo o universo, trazendo chuvas à terra onde nenhum homem existe (Jó 38:26), que Deus está cônscio do mal e dos sofrimentos (personificados nos monstros, hipopótamo e crocodilo, Jó 40:15—41:34). É óbvio que Deus cuida dos homens e observa os seus sofrimentos. Apesar de, talvez, não sabermos qual a *razão* de nossos sofrimentos, pelo menos tomamos consciência da bondade e da providência permanentes de Deus, o qual permite todas essas coisas, e assim podemos descansar no Senhor.

6. A *Presença de Deus.* Essa é a resposta final e mais excelente do livro de Jó. Poderíamos dizer: "Estive com o Senhor, e sei que não pode sobrevir ao homem, finalmente, um dano permanente". Essa é a resposta mística, a resposta que envolve a presença majestática e consoladora de Deus. Na presença de Deus, talvez os nossos argumentos intelectuais não *melhorem;* mas a nossa fé em sua providência torna-se *invencível.* Os místicos que têm experimentado a presença divina têm chegado ao extremo de negar a existência do mal, exceto como um fator que envolve a ausência do bem, ou seja, aquilo que contrasta com o bem positivo. Todos os atos de Deus estão encobertos dos olhares humanos, embora vejamos muitas luzes. Há cores brilhantes e escuras, formando um grande desenho, como em um tapete. As cores escuras fazem destacar a beleza das cores brilhantes; e, juntas, essas cores, brilhantes e escuras, produzem uma beleza singular. Alguns místicos afirmam que o mal e o sofrimento perfazem as cores escuras daquele simbólico tapete, e que, finalmente, tudo é bom, tudo é necessário; tudo faz parte da beleza de todas as coisas. Na presença de Deus, pois, sentimos isso, embora, talvez, nos faltem argumentos intelectuais para afirmar tal coisa de modo inteligente. Na presença de Deus, pois, encontramos sua vontade inexcrutável, e nos inclinamos, reverentes, sabendo que até o mal redundará em bem para nós, embora não saibamos dizer de que maneira. Quando a alma comunga com Deus, ela sabe que Deus está em seu trono, e que tudo está bem no mundo. Talvez não disponhamos de respostas intelectuais, mas podemos experimentar a presença d'aquele que nos dá as respostas, e é em momentos como estes que sabemos que o Consumado Artista nunca cai em erros e equívocos. O criador de todas as coisas indagou de Jó: "Acaso, anularás tu, de fato, o meu juízo? Ou me condenarás, para te justificares?" (Jó 40:8). Jó não ficou satisfeito com as respostas que lhe foram dadas e, sim, com a comunhão imediata com o Ser divino. Foi isso que levou Jó, à semelhança dos grandes profetas, a dizer: "Eu te conhecia só de ouvir, mas agora os meus olhos te vêem" (Jó 42:5). E todas as soluções possíveis para o mal que há neste mundo são encontradas em face dessa visão beatífica.

7. O prólogo tem por finalidade dar-nos a resposta (ou, pelo menos, uma resposta), desde o começo. Satanás, percebendo a prosperidade de Jó, e como Deus elogiou seu fiel servo, pôs então em dúvida a lisura de Jó, propondo submeter a teste a autenticidade de sua bondade. Jó seria bom por ser verdadeiramente justo, ou seria bom somente porque Deus o havia abençoado? Em outras palavras, a sua bondade era autêntica justiça de alma, ou seria uma bondade *egoísta,* alicerçada sobre a prosperidade material? Seguiu-se o terrível teste de Jó. Se levarmos em conta isso, de forma literal, e não como um esquema literário para introduzir a narrativa, então temos aí um mui perturbador ensino de que os justos podem sofrer meramente porque os poderes malignos querem submetê-los a teste; e, mais perturbador ainda é o pensamento de que Deus coopera para que os justos sejam submetidos a essas provas! Portanto, é melhor compreendermos esse prólogo (provavelmente escrito por um autor diferente daquele que compôs o grande poema) como um artifício literário, e não como algo cuja intenção era mostrar que as Escrituras ensinam que os poderes malignos podem fazer uma espécie de barganha com Deus, com o resultado de que os justos acabam sofrendo injustamente.

VI. Esboço do Conteúdo

1. Prólogo. O teste é proposto e aceito (caps. 1 e 2).
2. Primeira Série de Discursos. O discurso de Jó e de seus três amigos molestos (caps. 3—14).
   a. Jó seria culpado, pelo que estava sendo punido. Essa é a razão do sofrimento humano.
   b. Jó nega tal acusação.
3. Segunda Série de Discursos. Os três amigos molestos de Jó discursam e recebem sua resposta (caps. 15—21).
4. Quarta Série de Discursos. Elifaz e Bildade apresentam novos argumentos e Jó lhes dá resposta (caps. 22—33).
5. Discursos de Eliú (caps. 32—37)
   a. O propósito da aflição (caps. 32—33)
   b. Vindicação da pessoa de Deus (cap. 34)
   c. As vantagens da piedade (cap. 35)
   d. Deus é grande, e Jó é ignorante (caps. 36 e 37)
   e. Eliú faz a valiosa observação de que o sofrimento pode servir-nos de disciplina.

6. Os Discursos de Deus (caps. 38—42:6)

Na Presença de Deus, a solução deve ser sentida, mesmo quando não intelectualizada.

a. Deus é todo-poderoso e majestático! Jó percebe sua pequenez e sente a vaidade de suas palavras (38:1—40:5).

b. O poder de Deus contrasta com a fraqueza humana. Jó se arrepende e demonstra a humildade que cabe bem ao homem. A *presença* de Deus experimentada garante a solução final para o problema do mal (40:6—42:6).

7. *Epílogo.* Os molestos consoladores de Jó são repreendidos. Deus reverte a fortuna de Jó, e a paz e a abundância material substituem a enfermidade e a carência (42.7-17).

VII. *Bibliografia.* AM B DH G I IB ND NTI PAT PF PF (1841).

Ao Leitor

O leitor sério, ao examinar o livro de Jó, preparará o caminho para seu estudo lendo a introdução ao livro. Esta introdução aborda os seguintes assuntos: caracterização geral; o homem, Jó; o problema da historicidade; proveniência; data, autor e integridade do livro; o problema do mal; esboço do conteúdo.

Um Livro Distinto. Jó é o único livro da Bíblia que aborda o *problema do mal.* Consiste virtualmente em um monólogo e em um manual sobre o assunto que é um dos mais difíceis problemas tanto para a teologia como para a filosofia. O problema do mal pergunta: "Por que os homens sofrem, e por que sofrem como sofrem?".

Os homens sofrem através do *mal moral,* isto é, da desumanidade do homem contra o homem. Os homens sofrem através do *mal natural,* isto é, dos abusos da natureza, enfermidades, incêndios, inundações, terremotos, desastres naturais e, o campeão de todos os males — a morte.

O livro de Jó apresenta um caso notável de "sofrimento desmerecido", cujas *razões* não podemos discernir. É fácil explicar o sofrimento (pelos menos, é mais fácil), quando aplicamos a *lei do carma,* a lei da causa e do efeito: os homens sofrem porque merecem sofrer, por causa de seus pecados, erros, lapsos e omissões. Essas *causas* podem ser encontradas na vida presente, em algum estado preexistente (conforme acredita a Igreja Cristã Oriental) e em vidas terrenas anteriores, se pensarmos que a reencarnação é uma doutrina válida. Seja como for, podemos discernir *causas:* algum erro cometido leva os homens a sofrer com o mal. Embora essa idéia, sem dúvida, esteja por trás de muitos casos de sofrimento, há outras considerações e mistérios envolvidos, que nenhuma explicação pode resolver. Na introdução, quinta seção, comento sobre os tipos de respostas que o livro de Jó fornece. Então, no *Dicionário,* no artigo chamado *Problema do Mal,* penetro mais profundamente no assunto. Obtemos assim algumas respostas, mas, quando o mal *nos atinge,* as respostas não são tão adequadas como quando atinge outra pessoa.

O Livro de Jó é uma ótima peça poética e tem muitas características e qualidades que ultrapassam a simples consideração do problema do mal, o que tento sublinhar na introdução.

As Profundezas da Fé. Não podemos dizer que o livro de Jó resolve os problemas do mal. Ele apenas tenta fornecer algumas respostas. Sonda as profundezas da fé e acha ali alguma *consolação,* a despeito do sofrimento. Jó encontrou, na *presença de Deus,* a resposta para o problema do mal, mas exatamente *como,* não sabemos dizê-lo. Portanto, restam mistérios, mas a investigação compensa e nos dá segurança, mesmo sem o conhecimento completo.

Mensagem Principal do Livro. Embora o livro, de fato, proponha uma teodicéia (a defesa da bondade de Deus diante do sofrimento humano), apresenta primariamente o problema da existência ou não da fé e da espiritualidade desinteressada. Porventura um homem tem fé por razões egoístas? Porventura ele obtém em sua fé ganho, material e espiritual, que o beneficie? Haverá ele de servir a Deus, adorará ele a Deus, se as coisas saírem erradas e se suas orações não forem respondidas? O autor sagrado traz o problema do mal ao quadro, para testar a teoria da fé e da adoração desinteressada. Quais são os motivos que levam um homem a viver piedosamente? Os homens são sempre egoístas? Porventura um homem adora Deus somente por Ele ser Deus, sem considerar alguma vantagem pessoal através de sua fé? "Haverá na terra um homem fiel a Deus, pelo fato de ele ser de Deus?" (Bernhard W. Anderson, comentando Jó 1.9). Esse intérprete prossegue a fim de dizer: "A questão do livro de Jó não é a teodicéia, mas a adoração verdadeira".

"A sugestão sutil de Satanás, de que a adoração é algo basicamente egoísta, fere no âmago do homem sua relação com Deus. O livro de Jó faz mais do que levantar a questão do sofrimento dos justos. Através das palavras de Satanás, o livro também trata dos motivos para a vida piedosa. Porventura alguém servirá o Senhor se não obtiver algum lucro pessoal com isso? A adoração é uma moeda que compra uma recompensa celestial? É a piedade parte de um contrato mediante o qual um homem obtém lucro e afasta a tribulação?" (Roy B. Zuck, comentando Jó 1.9).

Ateísmo. A principal razão (embora certamente não a única) pela qual os homens são ou se tornam ateus consiste no problema do sofrimento. Eles calculam que um Deus como o alegado, que permite a existência do sofrimento observável no mundo todos os dias, na realidade não deve existir. Sua suposta "bondade suprema" entra em conflito com o que acontece às pessoas.

O Deus de Satanás. (Ver as notas adicionais em Jó 1.11, além das sugestões que se seguem.)

Caros leitores, tomarei uma posição sobre as questões que estamos tratando e que não encontrei em minhas fontes informativas. Em primeiro lugar, sugiro que o *tipo de Deus* inventado pela fala de Satanás, que demanda adoração sem importar como Ele age, é o *Deus voluntarista* do judaísmo primitivo. O *voluntarismo* (ver a respeito no *Dicionário*) supõe que a vontade de Deus seja dominante, em detrimento de qualquer consideração da bondade (conforme a compreendemos) ou mesmo das regras morais (conforme as entendemos). Contra esse tipo de Deus, observo que, de acordo com as Escrituras, Deus estabeleceu as regras e é a *Origem* de toda a moralidade que tem sido imposta aos homens. Se o homem abandonar o amor e voltar-se para o Destruidor, então Ele não será mais o Deus das Escrituras, ou, pelo menos, o Deus do Novo Testamento.

O Testemunho de Jesus. Jesus falou em Deus como um *Pai.* Disse Ele: "Qual dentre vós é o homem que, se seu filho lhe pedir pão, lhe dará uma pedra? Ou se lhe pedir peixe, lhe dará uma serpente?" (Mat. 7.9,10). O Deus que dá uma pedra a um filho seu que pede pão, ou que sempre dá uma serpente quando o filho lhe pede um peixe, não é o Deus retratado no Novo Testamento. Se um homem orar e suas orações nunca forem respondidas, se a sua vida estiver plena de miséria, enfermidade, acidentes e morte de entes queridos, e se dissermos que "Deus está fazendo isso", então penso que temos de abandonar aquele *conceito de Deus* (o Deus do voluntarismo). Também não devemos estar interessados na adoração ao tipo de Deus que Satanás inventou. Um filho tem o direito de pedir favores a seu pai. A lei do Amor exige misericordiosa e abundante reação. Portanto, não existe algo como fé desinteressada, visto que nosso relacionamento com Deus é entre filho e Pai. Naturalmente, existem pessoas espiritualmente egoístas, e nisso há abuso.

"Na linguagem poética do livro (de Jó), Deus está em operação no universo, a ponto de fazer 'chover sobre a terra, onde não há ninguém' (Jó 38.26); e Ele estava consciente do mal (personificado

pelos monstros como o hipopótamo e os animais orgulhosos) (Jó 40.15-41.34). Ao mesmo tempo, Deus cuidava de Jó com tanto empenho que se revelou pessoalmente a ele, e com ele compartilhou a visão de suas responsabilidades cósmicas. Um Deus que confessa sua preocupação com o homem é um Deus que está profundamente envolvido no destino humano. Deus não é uma força passiva. Na presença da santidade e do amor criativo, o homem virtuoso desiste de seu orgulho na adoração. À sua maneira pessoal, o poeta transmitiu um ponto de vista do pecado que transcende a moralidade, e a consciência do pecado só é possível dentro do contexto da fé" (*Oxford Annotated Bible,* introdução).

Teísmo. A citação anterior expressa com eloqüência a natureza do *teísmo* (ver a respeito no *Dicionário).* Assim é que Deus criou, mas também se faz presente para intervir nos negócios dos homens: ele recompensa, pune e guia. Os homens são moralmente responsáveis diante de Deus. Que o leitor contraste o *teísmo* com o *deísmo* (ver também no *Dicionário).*

Os Livros Poéticos. O livro de Jó dá início à seção dos livros poéticos: Jó, Sal., Pro., Eclesiástico, Cantares de Salomão e Lamentações. Em sua forma poética, esses livros investigam a condição humana e relacionam os homens com Deus de maneiras múltiplas. "São livros de experiências humanas do povo de Deus, sob as várias circunstâncias da vida terrena. Essas experiências, à parte das meras circunstâncias externas, são operadas neles pelo Espírito... Os livros poéticos são épicos, líricos e dramáticos, e suprem exemplos de expressão literária que não há igual na literatura não-inspirada" (*Scofield Reference Bible,* introdução).

Principais Problemas do Livro; Dificuldades Teológicas. Ver a exposição sobre esses temas em Jó 1.1, onde apresento uma declaração detalhada.

Capítulos e Versículos. O livro de Jó conta com 42 capítulos e 1.070 versículos. Em Jó 40.20, chegamos ao versículo 13.888 do Antigo Testamento, o equivale 60% dos versículos totais dessa coletânea, que contêm 23.148 versículos.

Pessimismo. Em sua luta com o sofrimento, Jó caiu no pessimismo, desenvolvendo a idéia de que a própria existência é um mal (pelo menos até onde ele estava pessoalmente envolvido). Ver Jó 3.3 ss. Ver na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* o verbete chamado *Pessimismo.*

EXPOSIÇÃO

Capítulo Um

Prólogo. O Teste é Proposto e Aceito (1.1 – 2.13)

Apresentação do Herói do Livro, Jó (1.1-5)

Alguns estudiosos supõem que o prólogo (Jó, capítulos 1 e 2) e o epílogo (42.7-17) tenham sido adições feitas ao corpo original do livro. O *prólogo* é criticado sob bases teológicas: Será que Deus joga com Satanás, às expensas de seu povo, que assim se torna peão em um sinistro jogo divino? É perfeitamente possível que o leitor hebreu, não-iluminado pela teologia superior do Novo Testamento, realmente acreditasse nisso. Devemos lembrar que a teologia dos hebreus era fraca quanto a *causas secundárias*, tendendo a atribuir tudo, de bom ou de mal, tão-somente a Deus. Assim sendo, se Satanás tivesse uma idéia má e quisesse jogar um jogo sinistro qualquer, então, em certo sentido, isso poderia ser atribuído ao próprio Deus. Mas a presença desse tipo de teologia não significa que o autor *original* não tivesse encabeçado seu livro com um prólogo que contivesse tal coisa. Por outra parte, talvez tudo seja apenas um artifício literário para introduzir o livro, que não deva ser tomado a sério como uma *declaração teológica*.

O *epílogo* também é criticado, porque as "coisas acabaram todas muito bem", em contradição com a experiência humana. As tragédias gregas punem seus heróis com uma perda; com outra perda; e, finalmente, com o *esmagamento*. E alguns pensam que isso caracteriza melhor o que realmente acontece na vida. Portanto, de acordo com alguns estudiosos, as tragédias gregas são uma literatura superior ao livro de Jó, porquanto refletiriam melhor o que acontece na experiência humana. Por outra parte, algumas coisas sucedem, coisas que nos surpreendem, e então ficamos cheios de alegria e senso de triunfo. A experiência humana também s apresenta ocasionalmente casos espetaculares de recuperação, após a derrota e a tragédia, quando então, com freqüência, algum *milagre* está em operação. Ora, *isso* também faz parte da experiência humana. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Milagre*.

O *prólogo* (capítulos 1 e 2) foi escrito em prosa, e o restante do livro tem forma poética. "O propósito do prólogo é apresentar o *herói* e os demais *protagonistas* do poema. Foi composto em estilo viçoso e sereno, conforme a maneira das narrativas patriarcais, e move-se rapidamente sem transições psicológicas. Trata-se de um *drama* em dois atos paralelos, precedido por um *prelúdio* e seguido por um *poslúdio*. O próprio drama oferece uma introdução às discussões poéticas" (Samuel Terrien, introdução ao prólogo do livro de Jó).

O prólogo inclui um comentário sobre o caráter espiritual de Jó, anotações sobre sua família, possessões materiais e as atividades de Satanás contra ele. A introdução desenvolve-se rapidamente, e chegamos às confrontações com os "consoladores", quando então mergulhamos em muitos argumentos complicados e contra-argumentos.

O País de Jó; Nome e Caráter (1.1)

1.1

Havia um homem na terra de Uz, cujo nome era Jó. Quanto a um sumário sobre *Jó*, ver o *Dicionário*, segundo ponto. O primeiro ponto do artigo discute o próprio nome, que parece significar "retorno" ou "odiado". O nome em hebraico é *'iyyobh*, que parece estar relacionado a *'ayabh*, "ser hostil" ou "tratar como um inimigo". Mas, no tocante ao Jó do livro à nossa frente, o autor sagrado pode estar tentando transmitir a idéia de "um objeto de inimizade e perseguição", e isso está em consonância com o livro como uma espécie de monólogo sobre o problema do mal: "Por que os homens sofrem e por que sofrem como sofrem?". Ver as notas anteriores sob o título *Um Livro Distinto;* ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Problema do Mal;* e ver a introdução ao livro presente, quinta seção. Jó era objeto de uma *hostilidade cósmica*. Ele foi submetido a teste, do qual seus muitos sofrimentos fizeram parte.

Alguns relacionam o nome a um termo árabe cognato, chegando assim à idéia de "voltar", isto é, "arrepender-se" e voltar à restauração. No Alcorão (38.16,44), temos o epíteto *'awwabh*, "arrependido", nome atribuído tanto a Davi quanto a Jó.

Terra de Uz. Ver sobre *Uz* no *Dicionário*, quanto a explicações completas. Presumivelmente, estamos tratando com um território nas fronteiras da Iduméia (Edom) com a Arábia. Nesse caso, talvez o livro esteja apresentando Jó como um xeque árabe. Ou, então, se insistirmos em fazer dele um hebreu (o que não faz o livro de Jó), devemos supor que ele vivia no deserto da Arábia. As alusões bíblicas não transmitem a idéia de que se tratava de um lugar a sudeste da Palestina (ver Jer. 25.19 ss.; Lam. 4.21). Cf. Jó 2.11, onde temos os nomes de localizações onde viviam alguns dos amigos de Jó.

Caráter Moral e Espiritual de Jó. Quatro descrições sobre os aspectos do caráter de Jó nos são dadas:

1. Ele era um homem *íntegro*. Em outras palavras, ele não tinha inadequações espirituais dominantes. Jó era *inculpável*, isto é, era *moralmente são*. Cf. Gên. 6.9, onde o mesmo é dito sobre Noé, e Gên. 17.l, sobre Abraão.
2. Jó era homem *reto*. Em outras palavras, ele não se desviava dos padrões de Deus. Cf. o vs. 8 com Jó 2.3. Ele tinha um *espírito reto* e regras de retidão no coração, as quais observava em sua vida.
3. Ele *temia a Deus*, a base de toda a piedade e espiritualidade. Ele tinha grande *reverência* por Deus e pelas coisas espirituais e, realmente, *temia* quebrar as regras morais e espirituais. Ele sabia que Deus é vingador do mal e queria evitar isso mediante uma atitude certa. Ver no *Dicionário* o detalhado artigo chamado *Temor*, sobretudo o primeiro ponto, onde dou explicações completas com muitas referências bíblicas.
4. Jó *se desviava do mal*, aplicando todo o seu conhecimento e não pecando por mera curiosidade, por motivo de vantagem pessoal, ou por qualquer outra razão.

Note-se que essa avaliação da espiritualidade de Jó foi repetida por Deus diante de Satanás (ver Jó 1.8; 2.3). O autor diz que Jó era um homem inocente que estava prestes a sofrer. Seu sofrimento não foi provocado por nenhum carma negativo.

O Palco é Armado. Esse *tipo* de homem (e não um pecador notório) estava prestes a sofrer coisas horríveis. Jó, pois, tornou-se o mais conhecido exemplo bíblico de *sofrimento desmerecido*. O autor sacro, portanto, aproximou-se do problema do mal de um ponto de vista vantajoso. Ele não nos permitiria resolver o problema do sofrimento humano mediante um apelo para a questão de causa (pecado) e efeito (julgamento). O problema do sofrimento humano é mais profundo.

O Problema da Historicidade. O livro de Jó é posto dentro de uma situação anterior à lei mosaica. A lei de Moisés não é mencionada. E, além disso, se Jó fosse um xeque árabe, não estaria envolvido na lei mosaica, afinal de contas.

Alguns eruditos, a maioria deles liberais, embora alguns conservadores, não aceitam um Jó histórico. Eles supõem que o livro seja uma novela poético-religiosa, sobrecarregada de raciocínios filosóficos, e não o registro histórico de um homem pobre que sofreu todos os tipos de males, embora nada merecesse. Um apelo é a falta de genealogia no caso de Jó. Mas *Elias*, o profeta, também não tem registro genealógico no Antigo Testamento. Outrossim, se Jó tivesse sido um xeque árabe (e não um hebreu), não haveria muito sentido em registrar sua genealogia. Na segunda seção da *Introdução*, entro no problema da historicidade do livro.

O Palco Histórico. O livro é posto em uma situação anterior à lei de Moisés. A lei mosaica nem é mencionada. E, além disso, se Jó fosse um xeque árabe, não se envolveria na lei mosaica, seja como for. O livro é posto dentro do período dos patriarcas, anterior à lei. Isso não significa, entretanto, que tenha sido realmente escrito naquela época, tornando-se assim um dos mais antigos livros da Bíblia. Um autor mais recente, no entanto, pode ter propositadamente posto o livro dentro de uma situação anterior à lei, a fim de não permitir que "a observância da lei" fosse suposta como a razão pela qual os homens sofrem. Ver a seção IV da *Introdução*, chamada *Data, Autoria e Integridade do Livro.* Se a legislação mosaica estivesse misturada à questão, obteríamos a resposta padrão dos hebreus ao problema do mal: "Você quebrou a lei (ainda que inconscientemente) e agora está sofrendo *por causa disso*". Mas, embora esse seja um elemento para o problema do mal, a questão é mais profunda; e o autor sagrado anelava por aprofundar-se no tema.

A Busca pela Fé. A esperança de entender *por que* os homens sofrem não é conduzida no livro como uma inquirição filosófica. A mente dos hebreus não se voltava para as questões filosóficas. Era sempre impulsionada por tendências religiosas. A investigação gira em torno da fé (sem levantar questões) em relação ao problema do sofrimento. Essa é, porém, uma das *abordagens* na investigação do problema do mal, e a fé está incontestavelmente envolvida na questão. O *significado da fé* e o *porquê dos sofrimentos* estão intimamente relacionados. Perguntar: "Qual é o sentido da fé?" já envolve o sofrimento dos homens e o problema do mal. Naturalmente, se alguém insiste em que o *significado da fé* é o tema verdadeiro do livro e que o *porquê do sofrimento* é uma parte disso, então quem poderia objetar?

A Família de Jó; Riquezas e Fama (1.2-3)

1.2

Nasceram-lhe sete filhos e três filhas. Aquele homem *inculpável e temente a Deus*, que observava todas as leis da moralidade e da espiritualidade, também era um homem muito rico, próspero, conhecido e feliz. Nada lhe faltava. Portanto, esse é o homem que seria reduzido a *nada*. Vejamos, pois, como ele reagirá diante dessa nova situação. Não podemos acusá-lo de ter caído em pecados graves. Por que, pois, ele sofreu? Obteremos várias respostas parciais (ver a quinta seção da *Introdução),* mas não haverá resposta absoluta, exceto "na presença de Deus é que todas as coisas são resolvidas". Isso, entretanto, nos deixa no mistério do Ser divino. A *fé* precisa descansar o caso nesse ponto.

Jó tinha uma família feliz, uma boa esposa, *sete filhos e três filhas.* Eles formavam uma unidade familiar feliz, livre de preocupações, seja no campo econômico, seja no campo da saúde, seja em qualquer outro campo da vida diária. "Herança do Senhor são os filhos; o fruto do ventre, seu galardão" (Sal. 127.3)" (Samuel Terrien, *in loc.*). Para a mente dos hebreus, Jó tinha todas as indicações da aprovação divina.

Terminada sua provação, exatamente o mesmo número de filhos e filhas lhe foi restaurado (ver Jó 42.13).

1.3

Possuía sete mil ovelhas... este homem era o maior de todos os do Oriente. Jó era um homem muito *rico,* com um total de 11.500 animais domesticados, divididos naqueles tipos de animais que os homens ricos precisam: animais de trabalho, animais que serviam como alimentação, e animais de transporte. Tal riqueza capacitava-o a ter uma *casa muito grande,* vastas propriedades e abundância de escravos, que mantinham todas as suas posses em boa ordem. Isso, de acordo com uma avaliação popular, era evidência da aprovação e da ajuda divina. Jó era "o maior de todos os do Oriente", expressão vaga que é inútil investigar. Ele era o maior homem de sua área e desfrutava de poder político e favor entre seus vizinhos. A *área* na qual ele vivia era o deserto da Arábia, conforme o vs. 1. "Ele era o chefe dessa área, mas não sabemos o quanto essa área se estendia. Os árabes ainda chamam o Haurã, ou seja, o distrito a leste de Jerusalém, de 'terra de Jó'" (Ellicott, *in loc.*).

A área onde Jó vivia ficava no "deserto" (Jó 1.19). Era um lugar fértil, falando em termos agrícolas, e próprio para a criação de gado (ver Jó 1.3,14 e 42.12), provavelmente fora da própria Palestina. "O povo do *Oriente* era identificado com os habitantes de Quedar, no norte da Arábia (Jer. 49.28). Jó era também incomumente sábio. Os homens do Oriente eram notórios por sua grande sabedoria, que eles expressavam artisticamente em provérbios, cânticos e histórias... Jó era altamente respeitável (ver Jó 29.7-ll); sábio conselheiro (29.21-24); empregador honesto (31.13-15,38,39); hospitaleiro e generoso (31.16-21,32); e fazendeiro próspero (31.38-40)" (Roy B. Zuck, *in loc.*). No entanto, esse homem foi ferido pela tragédia, por razões desconhecidas.

1.4

Seus filhos iam às casas uns dos outros. Jó era homem ativo, que se movimentava e ia a muitos lugares, realizava muitas coisas e era bem-sucedido em tudo quanto fazia. Seus filhos eram honrados pelos vizinhos, sendo convidados para muitas festas, e as filhas (bonitas, sem dúvida) eram favorecidas, sendo convidadas para os lares de criadores de gado e fazendeiros prósperos, cujos filhos queriam tê-las como esposas. Essa "situação familiar" ajudava Jó a prosperar cada vez mais. O texto, contudo, não dá a entender "prazeres descuidados", que poderiam fazer parte da queda de Jó, conforme uma de minhas fontes pretende. Pelo contrário, Jó tinha uma boa família que era querida pelos seus vizinhos. Nenhum de seus filhos dava trabalho e todos seguiam o seu bom exemplo. Naturalmente, quando a tribulação chegou, sua família foi avassalada, mas isso foi resultado do sofrimento de Jó, não a causa. A pergunta que o autor sagrado apresenta é: "Por que os *inocentes* sofrem?". Ele não falará sobre *carma.*

O autor sagrado enfatiza "o amor e a harmonia dos membros da família de Jó, em contraste com a *ruína* que logo interrompeu tão bela cena de felicidade... A narrativa *dá a entender* que a série de festas eram os aniversários de cada filho ou filha" (Jamielson, *in loc.*). É possível que tais celebrações fossem confinadas a tempos específicos, provavelmente a festas de sete dias, nas quais mais de uma pessoa era honrada.

"Os filhos desse príncipe edomita eram, ao que tudo indica, solteiros, e, no entanto, cada um deles mantinha sua casa de uma maneira real (cf. II Sam. 13.7; 14.28 ss.). Tão incomum era a *harmonia fraterna,* que regularmente eles se reuniam para ter banquetes em família, para os quais convidavam seus irmãos, costume excepcional no antigo Oriente" (Samuel Terrien, *in loc.*).

1.5

Chamava Jó a seus filhos e os santificava. Jó era *homem piedoso,* e assim fazia com que aquelas muitas festas se tornassem ocasiões de observância religiosa com o apropriado cerimonial de purificações e sacrifícios. Jó queria ter certeza de que, se algum de seus filhos tivesse pecado, esse pecado seria expiado, e nenhum empecilho viria de alguma inadequação espiritual. Ele se preocupava com que nenhum de seus filhos viesse a amaldiçoar secretamente a Deus. Ele considerava cuidadosamente o *bem-estar espiritual* de sua família. O autor sagrado nos diz que Jó era próspero *e* piedoso, e que a tragédia atingiria um homem *inocente;* de nós espera-se que perguntemos: "Por quê?". Jó era um homem muito rico, porquanto era rico tanto espiritual quanto materialmente. A prosperidade sempre arrasta sua própria ameaça. Os ricos acabam por voltar-se à idolatria de muitas espécies, literais e espirituais. Mas não era esse o caso de Jó. Ele provou que é melhor um crente ser rico do que pobre, e que o homem espiritual não tem dificuldade para manusear dinheiro, que, afinal, pode ser uma fonte de *serviço* espiritual.

Os Sacerdotes da Família. Sabemos que originalmente o pai era o sacerdote da família. Mais tarde, entre o povo hebreu, surgiu o clã sacerdotal, os levitas, o que transformou a tribo deles em uma casta religiosa. Portanto, muitos dos deveres que cabiam antes aos sacerdotes foram formalizados em adoração *pública.* Mas a história de Jó é posta dentro do período patriarcal, quando o chefe de uma família era também o sacerdote da família. Sem dúvida, é isso o que está por trás da cena referida neste versículo, onde Jó oferece pessoalmente os devidos sacrifícios. Presumimos que o autor sacro esteja atribuindo à sociedade árabe o tipo de condições que existiam na sociedade hebréia. Os árabes, afinal, eram filhos de Abraão e tinham as mesmas tradições essenciais dos hebreus.

E blasfemado contra Deus em seu coração. Cf. Jó 2.6,9. Satanás supunha que os homens dotados de riquezas, até mesmo o piedoso Jó, privados de seus bens materiais e de seus familiares, transformar-se-iam em *amaldiçoadores de Deus.*

O Drama no Céu: Deus e Satanás Disputam sobre Jó (1.6-12)

Yahweh Recomenda Jó; Primeiro Ato do Drama (1.6-8)

Jó era elogiado pelos homens, e também foi elogiado por Deus. O Adversário (Satanás), em suas andanças pela terra, tinha observado Jó, aquele grande homem, mas não demonstrou respeito por ele e duvidou da autenticidade de sua espiritualidade, questionando a avaliação feita por Deus. Os vss. 9-12 seguem-se a essa parte consternadora do livro. Deus barganhava com Satanás para prejuízo de Seu povo. Ver a introdução àquela seção, no vs. 9, onde abordo o problema.

1.6

Num dia em que os filhos de Deus vieram apresentar-se perante o Senhor. Os *filhos de Deus* eram seres divinos ou subdivinos que compartilhavam da natureza da deidade. Cf. Jó 2.1; 38.7; Gên. 6.2; Sal. 29.1; 82.1,6; 89.6; Dan. 3.25. Esses *filhos* apresentavam-se periodicamente diante do Pai para prestar contas (cf. I Reis 22.19; Zac. 6.5). O autor sacro descreve a cena de uma corte real do Oriente: o rei em seu trono, e seus filhos (os quais, naturalmente, se ocupavam em muitas atividades, privadas e públicas) entrevistados pelo pai para certificar-se de que tudo corria bem. Provavelmente, está em vista aqui alguma visão primitiva dos *abhis.* Lembremos que eles eram chamados *elohim* (deuses). Alguns estudiosos insistem em que temos aqui uma espécie de *politeísmo,* no qual haveria Deus e deuses. Outros estudiosos insistem em que Deus é Pai por criação, e nenhuma comunidade dotada de natureza divina é assumida. Seja como for, na redenção, os homens aparecem como partícipes da natureza divina (ver II Ped. 1.4). Ver esse versículo no *Novo Testamento Interpretado.* Ver também, na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* o verbete intitulado *Transformação segundo a Imagem de Cristo,* quanto a detalhes completos sobre o assunto. A redenção eleva os homens acima da posição dos anjos e confere-lhes participação genuína na natureza divina, embora em escala finita. Contudo, a participação do indivíduo remido na divindade aumenta cada vez mais. Visto que há uma infinitude com a qual seremos cheios, também deve haver infinito enchimento. O homem remido se aproxima mais e mais da infinitude. A glorificação é, pois, um *processo eterno,* e o homem avança de um estágio de *glória* para outro nesse processo (ver II Cor. 3.18). *Essa* é a obra eterna do Espírito.

Veio também Satanás entre eles. Alguns intérpretes tentam distinguir Satanás do restante dos filhos de Deus, como se deles não fizesse parte, mas de alguma maneira estivesse associado ao grupo. Essa é, contudo, uma interpretação artificial e forçada, baseada no dogma. Seja como for, não encontramos aqui um Satanás vil e rebelde, que era o quadro projetado sobre ele no judaísmo posterior, adotado pelo cristianismo. Esse *filho de Deus* já aparece como uma espécie de *adversário,* conforme o sentido da palavra Satanás. Mas ainda não era um ser maligno. Em outras palavras, temos aqui, no livro de Jó, um estágio de desenvolvimento da doutrina de um diabo pessoal, o príncipe do mal e cabeça do exército de seres espirituais malignos. Ver no *Dicionário* o verbete denominado *Satanás.* O significativo é que as "tribulações de Jó" foram idéia de Satanás. Ele queria pôr fim ao *fingimento piedoso,* removendo as supostas causas da piedade, ou seja, a prosperidade física e material.

Satanás. "Este nome aparece nas páginas do Antigo Testamento como o de uma pessoa específica, aqui e em Zac. 3.12, e, talvez, em I Crô. 21.1 e Sal. 109.6. Cf. Núm. 22.22,32. Somente aqui e no livro de Zacarias temos o artigo definido, *o adversário*" (Ellicott, *in loc.*).

1.7

Então perguntou o Senhor a Satanás. *Satanás* compareceu diante de Yahweh para fazer seu relatório de atividades, pois, como é óbvio, ele tinha essa responsabilidade diante de Deus, o Rei da corte, chamado aqui de *Yahweh,* o *Eterno.* Ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Deus, Nomes Bíblicos de.* Satanás, entretanto, não tinha muita coisa inspiradora para dizer sobre suas atividades. Ele apenas vagueara pela terra, uma espécie de vagabundo espiritual, observando o que faziam os homens, talvez interferindo aqui e ali, para o bem e para o mal, mas não se envolvendo muito em coisa alguma. Note a diferença de apresentação, quando isso é comparado com o Novo Testamento:

Sede sóbrios e vigilantes. O diabo, vosso adversário, anda em derredor, como leão que ruge, procurando alguém para devorar.

(I Pedro 5.8)

As duas descrições sobre Satanás são definitivamente diferentes, mas a primeira menciona um poder que ele pode usar para o mal, quando isso lhe é permitido (ver o vs. 12).

1.8

Perguntou ainda o Senhor a Satanás. *Em suas vagueações,* Satanás, observando tanta loucura humana, e rindo-se "do que são esses loucos mortais" (conforme diziam os gregos), deve ter visto pelo menos *uma grande exceção* ao caos geral: *Jó,* homem piedoso e bom. Neste ponto, Yahweh chama Jó afetuosamente de "meu servo". O elogio espiritual de Jó é repetido no vs. 1, onde o leitor também poderá ver os detalhes. Uma de minhas fontes informativas erra muito o alvo ao projetar no texto o Satanás do judaísmo posterior e do cristianismo, regozijando-se sobre o fato de que, se Satanás dominava a terra com o mal, havia um homem, Jó, a quem ele não conseguia dominar. O livro de Jó, entretanto, não transmite tal idéia. Satanás ainda não era "o deus deste século" (II Cor. 4.4; Efé. 2.2). E nem o mundo inteiro estava debaixo de "seu controle", para o mal (ver I João 5.19). Ele era apenas uma espécie de vagabundo cínico. Jó, o *santo eminente,* irritou o Satanás que figura no livro de Jó, porquanto ele julgava que Jó tinha uma piedade falsa e pretensiosa, a qual cairia por terra diante da mais leve provocação. Satanás estava ansioso para provar que a *sua* avaliação do caráter de Jó é que estava certa, não a de Yahweh. O Satanás de uma época posterior, dotado de poderoso intelecto, saberia que a piedade de Jó era *genuína,* e tentaria fazer essa condição chegar ao fim, mediante a mudança perversa de uma boa condição em outra má.

Egoísmo. Ver sobre este termo na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia.* Certos filósofos éticos supõem que um homem aja somente no seu auto-interesse, embora possa disfarçar-se de nobre. Satanás chamou Jó e, sem dúvida, todos os alegados homens espirituais de *egoístas,* pessoas envolvidas na "espiritualidade" somente por auto-interesse.

As Dúvidas e os Planos de Satanás: Interferência Cósmica na Vida de Jó (1.9-12)

Deparamos aqui com alguns problemas teológicos: porventura Deus barganha com Satanás e testa Seu povo com provas severas, apenas para provar um ponto a um adversário cínico? Nesse caso, então já temos nossa explicação sobre o problema do mal, pelo menos no que dizia respeito a Jó e, por analogia, a muitos outros casos. *A resposta é a seguinte:* "O problema do mal, e por que os homens sofrem como sofrem, pelo menos em alguns casos, deriva das barganhas de Deus com Satanás, o qual quer submeter os crentes a teste, para mostrar que eles são hipócritas". Na quinta seção da *Introdução* ao livro, *não* alisto isso como uma das razões dos sofrimentos humanos, porquanto não o considero possível. De fato, essa é uma *teologia má,* não me importo quem a promova.

Portanto, *o que* podemos dizer sobre esta seção?

1. *Primeiramente,* de acordo com a mente dos hebreus, que era sempre religiosa e nada filosófica, a *principal coisa* em vista é a "adoração desinteressada", e não, estritamente falando, o problema do mal. A piedade de Jó baseava-se em motivos egoístas? O autor estava falando sobre a possibilidade de uma devoção genuína e autêntica, não como aspecto principal (juntamente com Habacuque e o salmista): "Por que os ímpios prosperam e por que os justos sofrem?". O autor do livro de Jó usa o problema do mal como um modo de investigar a sua consideração primária: Haverá alguém que adore a Deus por causa de Deus, e não para atender a seus próprios propósitos egoístas?

Não obstante, o livro também serve de pesquisa autêntica, para entendermos por que os homens sofrem, e por que sofrem como sofrem. Ver a quinta seção da *Introdução,* bem como, no *Dicionário,* o verbete intitulado *Problema do Mal.*

2. Quais eram as intenções do autor sacro (adoração genuína ou investigação sobre o problema do mal), quer dizer, sobre esse "acordo" de Deus com Satanás, que terminou por atingir a Jó de forma tão selvagem? Verdadeiramente, isso reflete uma teologia distorcida. Mas alguns intérpretes não concordam com esta minha avaliação.

3. Alguns estudiosos ultraconservadores dizem simplesmente: "Coisas assim podem acontecer. Deus dá a Satanás poder tal, que ele pode usá-lo para prejuízo de Seu próprio povo". Entristeço-me por dizer ao leitor que esse é um crasso *voluntarismo* (ver a respeito na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia).* O *voluntarismo* é a doutrina que diz: "Aquilo que Deus faz é certo e aquilo que Ele *quer* é correto, a despeito de nossos padrões morais, que podem ser aplicados ao caso". Mas temos de fazer uma distinção sobre aquilo que os "homens dizem que Deus é, e aquilo que Ele realmente é e faz". O homem recebeu seus padrões morais da parte de Deus, o Doador, e Deus não está prestes a quebrar Suas próprias regras, especialmente se isso visa prejudicar Seu próprio povo.

Penso que é ridículo dizermos que um homem *inocente* sofre (como foi o caso de Jó), por causa de alguma barganha cósmica entre Deus e Satanás. Como poderia Deus rebaixar-se a tanto? É a teologia humana que se rebaixa a essa posição, não o Deus Todo-poderoso. Temos aqui uma *teologia primitiva,* não iluminada pelas que se seguiram. Os homens têm alcançado melhor compreensão sobre a natureza, os atributos e as obras de Deus, e *continuarão a mover-se* cada vez mais para um entendimento melhor.

A posição dos ultraconservadores tinha o mau hábito de deixar-nos com dogmas primitivos, que atualmente já melhoraram devido a maiores luzes. Quem disse que o Antigo Testamento foi iluminado pela mesma luz que temos no Novo Testamento? Por certo, a passagem dos séculos trouxe muitas doutrinas melhores, que não se adaptam bem a algumas doutrinas mais antigas.

4. Alguns eruditos dizem que a única coisa que temos no livro de Jó é uma *boa história,* usada como *artifício literário* para introduzir o drama que se segue, e que não devemos excitar-nos acerca da teologia que o livro contém. Não somos responsáveis por esse tipo de teologia, nem o autor original estava interessado em fazer *declarações teológicas* com sua história. Essa idéia, embora aberta a questionamentos, é melhor que a de número 3, pelo menos.

5. *Sumário.* A terceira interpretação é definitivamente forçada e deve ser rejeitada. A quarta interpretação resolve o problema teológico, mas, provavelmente, não é o que o autor sagrado tencionava. Quanto às doutrinas, especialmente as mais importantes, como a que transparece neste texto, que envolve uma compreensão da natureza divina, não devemos empregar textos do Antigo Testamento, especialmente trechos controvertidos. A *teologia,* tal como qualquer outro campo do conhecimento e da investigação, *progride.* E tem avançado para além da compreensão que o autor sacro detinha a respeito do texto diante de nós.

Embora a questão essencial de Jó seja a verdadeira fé a qualquer custo, bem como a adoração que isso envolve, temos uma *teodicéia* que faz parte da questão da fé, bem como uma sondagem dentro do enigma do sofrimento.

Finalmente, os inocentes podem sofrer e realmente sofrem. Nem todas as coisas ruins que acontecem podem ser atribuídas à *Lei Moral da Colheita segundo a Semeadura* (ver a respeito no *Dicionário*). Os inocentes podem sofrer, e realmente sofrem, mas não pela razão sugerida na seção que se segue. Talvez, para certas pessoas, o sofrimento seja uma *disciplina* e uma *escola,* um plano intrincado para a melhoria através da *adversidade.* Mas isso não nos dá todas as respostas. Na presença de Deus, encontramos nossas respostas, mas no momento, elas estão veladas por um enigma, o enigma dos *mistérios* que circundam o Ser divino. É nesse ponto que precisamos de *fé* autêntica, a base da adoração autêntica. Deus é o *Mysterium Fascinosum* e também o *Mysterium Tremendum* (ver sobre ambos no *Dicionário*).

É um quebra-cabeça envolto em um mistério, dentro de um enigma.

(Sir Winston Churchill)

Deus se move de maneira misteriosa,
Para realizar Suas maravilhas.
Ele implanta seus passos no mar,
E cavalga sobre a tempestade.

(William Cowper)

1.9-10

Então respondeu Satanás ao Senhor. O *Adversário* (Satanás), que se deleita em dificultar a vida dos homens, embora deva prestar contas a Yahweh, na verdade tinha observado o esplêndido Jó, mas não se impressionara. Por que Jó não seria piedoso? Ele tinha tudo e não era perturbado. A bênção de Deus o cercava por todos os lados. Sua família era protegida. Ele tinha poder e fama. Tudo quanto fazia, prosperava. Suas terras sempre produziam boas colheitas. Seu comércio sempre obtinha bons lucros. Qual homem vivo não louvaria a Deus *se* gozasse dessas condições?

Daí emerge a *principal pergunta* do livro. Haverá algo como a espiritualidade *desinteressada?* Não será a espiritualidade do homem apenas outra forma de *egoísmo,* um agente mediante o qual ele obtém vantagens?

"Satanás manifestou a pior forma de ceticismo e demonstrou incredulidade pela bondade humana" (Ellicott, *in loc.*). Ele levantou a questão da *motivação* à espiritualidade de Jó. Satanás não negou que, *aparentemente,* Jó era um modelo de piedade. Mas acreditava que nele nada restaria de piedoso, *caso* todas as bênçãos divinas lhe fossem removidas.

"É um sinal dos filhos de Satanás zombar e não dar crédito a nenhum homem por sua *piedade desinteressada.* O egoísmo, dizem eles, está no fundo da religião do melhor homem" (Fausset, *in loc.*).

Os Principais Problemas do Livro; Dificuldades Teológicas (1.11)

1.11

Estende, porém, a tua mão... e verás. Considere o leitor estes cinco pontos:

1. As *barganhas cósmicas* que envolvem Deus e Satanás, que azedam a vida humana e trazem desastres, compõem uma idéia do livro que já comentei e rejeitei na introdução à seção de Jó 1.9-12.
2. Haverá algo como *adoração desinteressada?* Ver os comentários após este versículo.
3. Ver o *Deus da voluntariedade.* Ver os comentários que se seguem.
4. Por que os *inocentes sofrem* e o problema das *causas secundárias.* Ver os comentários que se seguem.
5. *O problema do mal.*

Considere agora o leitor estes outros cinco pontos que são a resposta para as cinco perguntas anteriores:

1. *Barganha cósmica.* Ver os cinco argumentos e raciocínios na introdução a Jó 1.9-12. As almas estão seguras nos braços de Jesus. Os seres humanos não são os perdedores de jogo cósmico entre Deus e Satanás.

Docemente minha alma descansará.

(Fanny J. Crosby)

2. *Adoração desinteressada?* Se um *golpe divino* derrubasse Jó, ele terminaria amaldiçoando a Deus, o Poder divino, conforme Satanás insistia. Em outras palavras, a espiritualidade humana seria sempre *interesseira.*
   A *mensagem principal* do livro vem assim à tona: A adoração humana a Deus e a fé humana serão basicamente egoístas? Algum homem terá fé, servirá e adorará a um Deus que nunca responde às orações e permite desastre após desastre para arruinar a sua vida? A piedade humana será apenas um meio para obter riquezas materiais e evitar a dor? Haverá algum homem que continue tendo fé, se nunca obtiver nenhum benefício pessoal dessa fé? Será sua fé verdadeira, se apenas quer obter lucros espirituais e felicidade para si mesmo, se não estiver realmente interessado no próprio Deus?
3. *O Deus da voluntariedade.* Caros leitores, tomarei posição sobre essas questões anteriores que não encontrei em minhas fontes informativas. Primeiramente, sugiro que o *tipo de Deus* que Satanás inventa (evidentemente com a aprovação do autor do livro), que requer adoração sem importar como Ele aja, é o Deus da voluntariedade do judaísmo primitivo. Ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Voluntarismo.*
   Trasímaco, no diálogo platônico desse nome, perguntou: Algo é direito porque Deus assim o quer, *ou* Deus quer alguma coisa por ser direita? Se for direito somente porque Deus o quer, e se isso está errado de acordo com a moralidade humana, então estaremos falando sobre o *voluntarismo,* ou seja, o domínio da vontade, a despeito da evidente imoralidade daquilo que é desejado. Mas se Deus deseja algo por ser isso intrinsecamente bom (moralmente correto), então teremos escapado ao voluntarismo. Estamos supondo que existam valores morais *fixos* e *verdadeiros,* e que a moralidade divina é a fonte e a inspiração da moralidade humana. Estamos pressupondo que a moralidade divina não esteja baseada na vontade caprichosa, mas seja um valor fixo.
   O *voluntarismo* é a noção teológico-filosófica que diz que a vontade domina no universo e, usualmente, essa é a *vontade irracional,* até onde o homem pode determinar as coisas. A vontade de Deus, ao que se presume, domina a ponto de que a Sua razão e bondade obscurecem, se é que não são totalmente eliminadas. Deus faz o que melhor Lhe parece, sem ter de agradar o homem. Sua vontade domina, para detrimento de Sua bondade (conforme entendemos o termo) e a despeito da moralidade (conforme a compreendemos). Contra tais noções, observo que *esse* tipo de Deus é uma invenção humana. O próprio Deus deixou o exemplo de toda a bondade *humana.* O próprio Deus estabeleceu as regras da moralidade. Será que a Fonte da bondade e da moralidade, mediante algum capricho cósmico, desconsideraria Suas próprias regras? O âmago dos atributos de Deus é o *amor,* conforme as religiões e as filosofias não cansam de afirmar. Porventura o grande Deus do amor abandonou Sua própria natureza e tornou-se um Destruidor? Nesse caso, Ele não é mais o Deus das Escrituras iluminadas, especialmente, do Novo Testamento. Quero lembrar o leitor de que o calvinismo *radical* é voluntarista, de maneira que deve ser rejeitado.

O Testemunho de Jesus. Jesus referiu-se a Deus como Pai. Ele disse: "Qual dentre vós é o homem que, se seu filho lhe pedir pão, lhe dará uma pedra? Ou se lhe pedir peixe, lhe dará uma serpente?" (Mat. 7.9-10). O Deus que desse uma pedra quando o filho lhe pedisse pão, ou uma serpente quando lhe pedisse um peixe, seria um Deus da voluntariedade, que agiria de modo caprichoso. Esse não é o Deus teísta do Novo Testamento. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Teísmo.* Se um homem orar e suas orações nunca forem respondidas, se sua vida for cheia de miséria, enfermidades, acidentes e morte de entes queridos, e se dissermos: "Deus está fazendo tudo isso!", então penso que esse conceito de Deus (o da voluntariedade) deve ser abandonado. Nem deveríamos estar interessados em adorar esse tipo de Deus. Se falarmos contra esse tipo de Deus, não estaremos blasfemando, mas rejeitando um conceito de Deus que o homem inventou. Um filho tem o *direito* de pedir favores a seu pai e esperar um tratamento justo, racional e benévolo. A lei do amor requer reações favoráveis misericordiosas e até abundantes. De outro modo, a oração não teria sentido, porquanto o homem que pedisse um peixe ao Pai celeste, obteria uma serpente. Não há coisa como uma adoração desinteressada, ou uma fé desinteressada, visto que nosso relacionamento com Deus é entre filho e Pai. Naturalmente, há pessoas "espirituais" motivadas pelo egoísmo, que fazem de sua alegada espiritualidade um meio de lucro pessoal. Mas, quando se chega a esse ponto, já estamos falando sobre *abuso.* Devemos evitar os dois extremos: o Deus voluntarista e o abuso.

4. *Por que os inocentes sofrem, e o problema das causas secundárias.* Infelizmente, a lei do carma (da semeadura e da colheita) não explica tudo. Mesmo que fizéssemos a reencarnação entrar na questão, isso não solucionaria o problema do sofrimento, porquanto é evidente que os *inocentes* sofrem. Podemos supor, com segurança, que a *maior parte* dos sofrimentos seja autoproduzida, sem importar se a causa se encontre *nesta vida,* em vidas anteriores (se é que a reencarnação exprime uma verdade) ou em alguma existência espiritual da alma, antes da vida física (conforme pensa a Igreja Oriental Ortodoxa). Ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Lei Moral da Colheita segundo a Semeadura.* O livro de Jó, corretamente (segundo acredito), propõe o problema: *Por que os inocentes sofrem?* Portanto, não soluciona o problema do sofrimento. Considere o leitor estes versículos:

... embora me incitasses contra ele para o consumir sem causa.

(Jó 2.3)

... multiplica as minhas chagas sem causa.

(Jó 9.17)

Note o leitor que aquilo que é atribuído à obra de Satanás em Jó 2.3, é atribuído a Deus em Jó 9.17. Sim, a teologia dos hebreus era fraca quanto a causas secundárias.

Causas Secundárias. A teologia dos hebreus tendia por pensar em termos de uma *Única Causa* operando em *todas as coisas.* Essa atitude, como é óbvio, faz de Deus a causa do mal e não meramente do bem. O calvinismo *radical* é afligido com a mesma deficiência. Eis a razão por que promove, impudentemente, sua doutrina de reprovação ativa. O Deus deles também é voluntarista: Sua vontade faz obscurecer o exercício de Seu amor. De fato, o calvinismo radical contradiz abertamente João 3.16, ao afirmar que Deus *não ama* o mundo inteiro, mas somente o mundo dos eleitos. Tal teologia (a primitiva fé dos hebreus e o moderno calvinismo radical) é *unipolar,* aderindo a um lado das grandes questões e ignorando o outro, ou seja, *o outro pólo.* E não é responsabilidade nossa sempre tentar reconciliar pólos opostos.

Nada é tão óbvio neste nosso mundo como o fato de que existem *genuínas* e *poderosas causas secundárias,* que nada têm que ver com Deus e Sua bondade. Essas causas secundárias provocam males que contradizem o amor de Deus.

Pessoas inocentes realmente sofrem e precisamos examinar as *razões* disso. Não podemos erguer os braços e dizer: "Foi Deus quem fez isso!", ou então: "Foi Satanás quem fez isso!". Precisamos buscar razões *benevolentes* por trás do sofrimento dos inocentes. Costumamos dizer: "Deus assim o quis!", mas isso não é suficiente. Deveríamos dizer: "Deus assim o quis (ou o permitiu) por razões válidas e benevolentes". Se abandonarmos o amor de Deus em qualquer situação, então não haverá mais razão para continuarmos a viver. Temos de enfrentar o *enigma* do sofrimento dos inocentes. O *caos* entra na questão; mas, de alguma maneira, até o caos se relaciona à fonte da bênção, visando o bem. Continuamos a pensar no problema do mal, buscando iluminação e sabedoria. Continuamos sondando, cientes de que o amor escreverá o capítulo final da história humana. O amor, e não uma vontade arbitrária, está no controle de todas as coisas.

5. *O problema do mal.* Já pudemos determinar que o problema do mal não é o tema principal do livro de Jó. O tema principal é *adoração e fé desinteressada.* Mas o problema do sofrimento humano está tão intrinsecamente envolvido nessa questão, que se tornou um dos tópicos principais do livro. Ver a quinta seção da *Introdução* ao livro. O livro de Jó não soluciona esse problema, um dos mais difíceis tanto para a teologia como para a filosofia, mas oferece uma discussão e uma busca frutífera. É responsabilidade do homem espiritual ser *fiel* a Deus mesmo quando estiver sob um sofrimento aparentemente insensato. Temos de continuar perscrutando. Há luz em algum ponto. A lei do amor está brilhando ali, em algum lugar.

Em algum romper do dia dourado, Jesus voltará!
Em algum romper do dia dourado, todas as batalhas ganhas!
Ele bradará a vitória, irromperá a melancolia,

Em algum romper do dia dourado: para mim,
- para você.

(C. A. Blackmore)

1.12

Somente contra ele não estendas a tua mão. *A barganha cósmica* reduziu o bom homem, Jó, a quase nada. Quanto ao problema teológico envolvido nessa questão, ver a introdução a Jó 1.9-12. Os estudiosos ultraconservadores compreendem o texto literalmente: pode Satanás barganhar com Deus e causar dano aos justos? Os críticos pensam nisso como uma idéia absurda, atribuindo-a à primitiva teologia judaica, agora ultrapassada. Alguns deles objetam em transformar a questão num problema teológico, supondo que o "ambiente celestial" e a "barganha cósmica" sejam apenas *artifícios literários,* e não proposições teológicas. Seja como for, seria bastante ridículo transformar tão controvertidos textos do Antigo Testamento em base de qualquer doutrina cristã importante.

Quanto ao sofrimento dos *inocentes,* ver os parágrafos finais das notas na introdução a Jó 1.9-12 e, no vs. 11, o quarto ponto. Quanto aos principais problemas do livro de Jó e suas dificuldades teológicas, ver os *cinco pontos* discutidos no vs. 11.

Dizer alguém que Deus não prejudicou Jó, mas *permitiu* que Satanás o fizesse, não exime o texto de sua dificuldade. Eu jamais permitiria que um assassino mutilasse meu filho. Se ele o fizesse, estando em meu poder impedir o crime, então eu seria *culpado* do crime como cúmplice. Além disso, o texto não é aliviado de sua dificuldade se destacarmos que Satanás estava *limitado* em sua má ação: ele não podia *matar* Jó. Cf. II Cor. 12.7,9, onde vemos Paulo sendo assediado por Satanás (por permissão de Deus), para que se mantivesse humilde. Ver também I Tes. 2.18, quanto às limitações impostas ao princípio do mal no mundo. Sabemos que o mundo inteiro está no colo do Maligno, que opera suas maldades e colhe seus frutos através de toda a espécie de matança e destruição. Mas supor que Deus desfere essa força para atacar Seus filhos é uma teologia perturbadora, independentemente de quem a defendeu ou defende ainda.

O Targum, em comentário sobre o presente versículo, mostra Satanás a agir pela "autoridade" de Deus, e o mal como se fosse originado na "presença do Senhor". Caros leitores, não compro essa teologia, e por "comprar" uso a expressão inglesa que significa *aceitar.* Que os estudiosos ultraconservadores a comprem.

Samuel Terrien observa aqui que o autor sagrado não tinha "consciência dos problemas teológicos levantados por tal desenvolvimento e que qualquer comentário relativo à *crueldade divina* está fora de lugar". Mas a *razão* pela qual o autor sacro não tinha consciência de problemas teológicos é que ele defendia uma teologia primitiva incompatível com as idéias mais avançadas de Deus no Novo Testamento. Além disso, na verdade, não há no caso nenhuma crueldade divina. Esse *fator,* na realidade, é apenas um elemento infeliz da história, conforme o *autor sacro* a apresentou, não refletindo como as coisas realmente são. Se a cena da corte celestial e a barganha cósmica são meros *artifícios literários,* então não haverá nenhum problema.

A Primeira Visitação do Mal (1.13-22)

1.13

Sucedeu um dia, em que seus filhos e suas filhas comiam. Este primeiro ataque de Satanás, para prejudicar a Jó, limitou-se às suas riquezas e à sua família. Incorporou *quatro* desastres distintos. A segunda visitação (capítulo 2) traria enfermidade contra o corpo de Jó. Ver em Jó 1.16 os quatro ataques dolorosos. Considerados em seu conjunto, esses ataques ilustram tanto o mal natural quanto o mal moral (abusos da natureza e abusos da parte de homens ímpios e desarrazoados).

O Primeiro Ataque Desastroso. Satanás estava com pressa, querendo golpear Jó onde ele seria mais gravemente ferido: destruiria seus bens e seus familiares! Algum tipo de festa especial seria a cena do primeiro ataque satânico, de modo que a alegria seria transformada em súbita *angústia.* O autor quer falar da *angústia,* quando um homem é derrubado no chão por acontecimentos esmagadores. Esse homem haveria de levantar-se e louvar a Deus? Manteria ele sua adoração de maneira desinteressada? Ou esse homem diria: "Se Deus é assim, então doravante sou um ateu?". A maioria dos ateus o é por causa do problema do mal: Por que os homens sofrem e por que sofrem como sofrem? Onde estão a bondade, o poder e a proteção de Deus? Como poderemos reconciliar a bondade de Deus com o sofrimento que vemos no mundo? Por que os *inocentes sofrem?* Ver a quinta seção da *Introdução* ao livro de Jó.

A seção dos vss. 13-19 apresenta *quatro* desastres que reduziram Jó a virtualmente *nada.* Nesses ataques, Satanás não tocou no corpo de Jó. Até aí a saúde de Jó não fora assediada. No capítulo 2, entretanto, o corpo de Jó é atingido, o que alguns supõem ser o teste mais severo que ele teve de enfrentar.

"Satanás começou seus assaltos contra Jó, quando seus *dez filhos* se banqueteavam na casa do irmão mais velho (vss. 13 e 18; cf. o vs. 4). Os assaltos foram alternativamente causados por forças humanas e naturais: o ataque dos sabeus (vs. 15); o fogo de Deus (vs. 16); o ataque desfechado pelos caldeus (vs. 17); e grande ventania que soprou da banda do deserto (vs. 19). Deus permitiu a Satanás desfechar ambos os tipos de causas, para conseguir o seu propósito dentro de um cronograma rápido e preciso. Jó, quando se encolhia sob o choque das notícias de uma perda, era estonteado por outro choque" (Roy B. Zuck, *in loc.*).

Notemos *dois* tipos específicos de mal: os desastres naturais, que constituem o "mal natural"; e desastres que vêm da vontade pervertida do homem, isto é, o "mal moral". Jó sofreu ambos os tipos. Apesar de assim esmagado, ainda reteve sua fé e adoração, mostrando que elas eram desinteressadas e não baseadas em vantagens pessoais. Esse é o principal tema do livro. Podem essa fé e essa adoração desinteressadas existir diante de uma grande adversidade? O *tema principal,* naturalmente, incluía outro: o problema do mal.

Satanás estava *ansioso* por fazer Jó sofrer. Sabemos que existem grandes forças malignas no mundo, e devemos diariamente pedir a proteção de Deus contra elas. Por outra parte, só existe um Poder no universo, o de Deus, embora chamemos de poderes a outras energias. Repousamos sobre o poder de Deus, que opera através do Senhor Jesus Cristo.

Sei que a mão de Deus é
Minha própria promessa.
Sei que o Espírito de Deus
É meu irmão.
A quilha do universo é o amor.

(Walt Whitman)

O Primeiro Teste: Mal Moral (1.14-15)

Jó era um homem rico que não tinha com o que se preocupar no mundo. O ataque de Satanás foi desfechado primeiramente contra as suas riquezas. É agonizante ser rico e de súbito tornar-se pobre, o que tem sido a experiência de tanta gente durante as grandes guerras. Conheço pessoalmente, na cidade de Guaratinguetá, no estado de São Paulo, um homem que foi um rico fazendeiro na Europa, mas perdeu tudo. Ele terminou no Brasil, vendendo roupas masculinas! Mas ele continua a relembrar os "bons dias de antigamente". O problema do mal não é algo que *incomoda a mente. É antes algo contra o qual a alma tem de lutar.* Na luta, estaremos tratando com a tessitura da vida e não com a lógica. Uma grande pergunta é: "Por que o mal é permitido no mundo de Deus?". Mais importante ainda: "Como podemos vencer o mal e triunfar?". Jó chegou a ver Deus, finalmente (ver Jó 19.27) e, na presença de Deus, encontrou a solução de como vencer o mal (mas não escapar dele).

Na novela de Thornton Wilder, *The Bridge of San Luis Rey,* temos a cena em que a ponte, de súbito, ruiu, lançando à morte uma dúzia de pessoas, no abismo lá embaixo. Um jovem padre, perturbado por esse "ato de Deus", resolveu pesquisar o problema. Estudou a vida de todas as *doze* vítimas e fez a admirável descoberta de que *todas* tinham vivido de tal modo que se *prepararam* para aquele modo preciso e aquele tempo de morte. Mas o jovem padre, tão ansioso por sondar os mistérios de Deus, foi prontamente queimado na fogueira, como um herege que tinha avançado demais em sua tentativa de justificar os caminhos de Deus perante os homens. Caros leitores, a novela expõe uma boa história e, talvez, até verdadeira, *em algum sentido.* Mas o problema do mal tem, como uma de suas marcas distintas, o elemento do mistério. Não cede diante de nossas pesquisas e de nossa lógica. Deus oculta-se (ver Isa. 45.15).

1.14-15

Deram sobre eles os sabeus. Ver no *Dicionário* o verbete *Sabeus (Povos),* quanto a completas informações. Os sabeus eram árabes de um ou mais distritos. Uma história anterior relata como eles mataram mil bois e 500 jumentos, e também os seus guardadores (ver Gên. 10.7 e 25.3). Portanto, nos dias de Jó, tudo consistia em negócios, como era usual.

O primeiro ataque removeu parte das riquezas de Jó, assim como alguns trabalhadores. Portanto, temos aí saque e assassinato, crimes horrendos que perturbaram a mente e a alma de Jó.

"Foi em um *domingo,* 7 de dezembro de 1941, que as bombas caíram sobre Pearl Harbor. Você ora e uma criança morre! Você participa da Ceia do Senhor e, ao voltar para casa, recebe um telegrama do Ministério da Guerra, informando-o da morte de uma pessoa querida! Que espécie de mundo é este? ... Você pode ser purificado de todos os seus pecados e, no entanto, perde a fortuna e a saúde. Mas, apesar de todas as suas perdas, você não perderá o favor divino, e não perderá, em nenhum grau, o melhor que Ele tem reservado para você" (Paul Scherer, *in loc.*). O irmão Scherer, assim sendo, fala-nos sobre a *fé,* mas algumas vezes a fé míope não corresponde. Contudo, a *verdade* permanece. Como?

Um homem *inocente* estava sofrendo. Por quê? Continuamos a sondar atrás de respostas, mas existem muitos mistérios.

Note o leitor que o primeiro teste resultou da vontade perversa do homem. O problema do mal, pois, deriva de vontades pervertidas, ao que chamamos de "mal moral". Mas também deriva de desastres naturais, e a isso chamamos de "mal natural".

Segundo Teste: Desastre Natural, Mal Natural (1.16)

1.16

Jó seria atingido de todas as direções e maneiras. Homens perversos movimentar-se-iam contra ele (vss. 14-15), praticando o *mal moral.* Em seguida, a natureza mover-se-ia contra ele, tornando-o vítima do *mal natural.* Essas são as duas classificações principais do problema do mal. Note-se como esses *quatro testes* ocorreram:

Males Morais e Naturais Alternados:
1. Vss. 14-15: *mal moral* (sofrimentos provocados pela desumanidade do homem contra o homem).
2. Vs. 16: *mal natural* (sofrimentos provocados pela natureza).
3. Vs. 17: *mal moral* (sofrimentos provocados pelo homem).
4. Vss. 18-19: *mal natural* (sofrimentos provocados pela natureza).

Fogo do Céu. Quanto a outra referência a *fogo do céu,* ver Lev. 10.2 e Núm. 11.1. E, naturalmente, temos as chamas que destruíram Sodoma e Gomorra (Gên. 20.23-29). O texto presente não tenta definir no que consistia esse fogo. Só entendemos que foi algo totalmente devastador. As conjecturas incluem raios incomuns, erupção vulcânica ou um fogo sobrenatural que permanece indefinido. Talvez alguma grande conflagração tenha sido *iniciada* por um relâmpago, e o incêndio, varrendo os campos, destruiu os animais domésticos e aqueles que cuidavam deles. Quanto ao poder destruidor do *relâmpago,* cf. Êxo. 9.23; Núm. 16.35; I Reis 18.38; II Reis 1.10,12,14. "O *príncipe dos ares* recebeu permissão para exercer controle sobre esses agentes destruidores" (Fausset, *in loc.*).

Supõe-se que 7.000 ovelhas tenham sido mortas. Ver o vs. 3.

Terceiro Teste: Mal Moral (1.17)

De forma alternada (ver sobre o vs. 16), temos agora outro teste provocado pela vontade perversa do homem, um ato de desumanidade do homem contra o homem, depois de *um ato de Deus sobre a natureza.*

1.17

Os caldeus. Ver no *Dicionário* o detalhado artigo intitulado *Caldéia.* Homens ímpios, que se originaram naquela região do mundo, saíram ao redor saqueando e matando, produzindo muitas vítimas inocentes. Eles arrebatavam animais domesticados, a principal fonte de riquezas da época. Naquele assalto em particular, eles tiveram grande sucesso, tomando 3.000 camelos (ver o vs. 3). Adicionando a perda de 3.000 camelos às 7.000 ovelhas destruídas, temos as riquezas essenciais de Jó obliteradas. Os camelos eram os animais de transporte da época, os *cavalos do deserto,* por assim dizer. Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Camelo.*

"Os caldeus eram habitantes ferozes e saqueadores da Mesopotâmia. É possível que eles tivessem vindo da direção norte, em contraste com os sabeus (vs. 15), que vieram do sul. Ao que parece, esses assaltos, por parte dos dois grupos, foram ataques de surpresa" (Roy B. Zuck, *in loc.*). Os caldeus, ou *chasdim,* eram descendentes de Naor, irmão de Abraão (Gên. 22.20,22), os quais se estabeleceram na parte leste do país. Xenofonte (*Cyropaedia,* 1.3.11) observou que os caldeus eram muito cruéis. Sabe-se que esse povo se misturou a árabes vagabundos e, como eles, viviam do saque e do assassinato. O texto ilustra a circunstância triste e bem conhecida de que as perturbações raramente vêm uma só de cada vez. As tribulações assediam os homens com golpes, raramente com um único golpe.

Quarto Teste: Mal Natural (1.18-19)

No vs. 16, salientei como o mal natural e o mal moral se *alternavam,* tornando miserável a vida de Jó. Portanto, temos dois testes da parte do mal natural (segundo e quarto) e dois testes da parte do mal moral (primeiro e terceiro). O *problema do mal* (ver a respeito no *Dicionário*) manifesta-se mediante essas duas maneiras principais. Os quatro testes destruíram quase tudo quanto Jó possuía, exceto alguns membros de sua família e ele mesmo. Ele continuava com boa saúde física, mas sua mente fora lançada na angústia.

1.18-19

Falava este ainda quando... Ver como esta expressão introduz os testes dois, três e quatro. O autor sacro diz que Jó agora estava reduzido a quase nada, *muito rapidamente.* Em outras palavras, Jó foi devastado quase da "noite para o dia", conforme diz uma expressão idiomática moderna.

Destruição da Família de Jó. Uma coisa foi perder as riquezas e os servos. Algo muito diferente foi perder membros da própria família. Conforme avançaram, os testes *intensificaram* os sofrimentos. Grande vendaval (talvez um vento sobrenatural) fez a casa onde estava a maior parte da família de Jó (em meio a uma grande festa; cf. o vs. 13), *desabar.* Somente uma pessoa não-identificada (provavelmente um servo, não um filho) escapou e correu para contar a Jó o que havia acontecido.

> *Algo na ordem da criação saíra errado. Os pássaros piam contra nós. O sol nos requeima. A natureza nos derruba por terra. O temor deixa a mente desnorteada. Sim, algo na ordem da criação saiu errado. Quem se responsabiliza por todas essas crises, por toda essa transição, por toda essa dor?*
>
> (Russell Champlin)

O *vento soprou no deserto,* aparentemente atacando com a força de um tornado. O vento demoliu tudo em seu caminho, *incluindo* a casa na qual os filhos de Jó se divertiam, e se encaminhou diretamente para o alvo. O tornado foi *satanicamente* orientado. Esse foi o segredo de sua *precisão.* Ver as notas expositivas nos vss. 11-12, quanto a uma discussão completa sobre os problemas teológicos que essa circunstância cria.

Ali estava Jó, reduzido a nada. Porventura ele agora amaldiçoaria a Deus, conforme Satanás disse que faria (vs. 11)? Continuaria Jó a adorar a Deus, quando as "razões" para isso fossem removidas? Continuaria a adorar a Deus, embora ele, um homem *inocente* (ver Jó 2.3), tivesse sido ferido? Aceitaria sua fé o fato de que terríveis sofrimentos podem sobrevir a um homem *piedoso?* Seria sua adoração desinteressada, ou ele adoraria a Deus somente quando obtivesse algum benefício pessoal dessa atitude e desses atos? Ver as observações introdutórias, imediatamente antes da exposição em Jó 1.1, especialmente aquelas sob o título *Mensagem Principal do Livro.*

O Triunfo de Jó (1.20-22)

Na primeira *lufada* de desastres, Jó provou que a adoração de um homem a Deus pode ser *desinteressada.* Um homem pode adorar a Deus simplesmente porque isso é correto, não porque alguma vantagem pessoal se deriva da espiritualidade. Outrossim, um homem *inocente* pode reter sua fé mesmo que sofra de forma aparentemente injusta e por razões desconhecidas, *se* houver alguma razão. Um homem ainda pode adorar e servir a Deus quando sofre "sem uma causa" (ver Jó 2.3). Ver Jó 1.11, quanto às *dificuldades teológicas* apresentadas pelo livro: o Deus voluntarista; o sofrimento dos inocentes; o poder que Satanás tem de ferir homens espirituais porque Deus lhe permite fazer isso; e o problema do mal em geral. A teologia dos hebreus era fraca quanto a *causas secundárias,* o que os levava a atribuir ao Poder Supremo a causa de tudo, de bom e de mal. Ver outras notas expositivas sobre essa deficiência teológica, no vs. 11.

1.20

Então Jó se levantou... e adorou. Jó demonstrou os sinais orientais comuns de consternação e tristeza. Ver Jó 2.12 e Gên. 37.29,34; 44.13; Juí. 11.35, quanto ao ato de rasgar as vestes, e o artigo do *Dicionário* chamado *Vestimentas, Rasgar das.* Quanto ao ato de *rapar a cabeça* como sinal de consternação, ver Isa. 15.2; Jer. 48.37; Eze. 7.18. Coisa alguma é dita em relação a lançar cinzas sobre a cabeça, outro sinal de consternação. Ver II Sam. 13.19; Est. 4.1. Em Jó 2.8, vemos Jó sentado sobre cinzas ou sobre lixo. Mas ali *lixo de cinzas* é o que mais provavelmente está em vista. Ver a exposição naquele ponto. Ele não se cortou nem se mutilou, conforme os pagãos costumavam fazer. A lei mosaica e os costumes hebreus não permitiam a mutilação.

Ver no *Dicionário* o detalhado artigo intitulado *Lamentação,* sobretudo a terceira seção, que descreve os atos ou costumes associados à questão.

O fato de Jó ter *caído no chão* foi uma conduta de desespero, mas ele transformou isso em um ato de adoração. Jó adorou a Deus no pó, algo que Satanás dissera que ele não faria nem poderia fazer. Cf. a conduta de Davi (II Sam. 12.20) e Ezequias (II Reis 19.1). "Momentos de intensa tristeza ou provação, *ou* momentos de grande alegria, forçam-nos à presença imediata de Deus" (Ellicott, *in loc.*).

1.21

E disse: Nu saí do ventre de minha mãe. *Desnudado* de suas riquezas e de sua família, Jó estava *nu* diante de Deus, tal como esteve nu ao nascer. O Senhor (Yahweh) é o Doador e o Tirador, e Jó não disputou os direitos Dele. Satanás pensava que Jó só se interessava por seus próprios direitos pessoais. Satanás estava tratando com um homem melhor do que supusera. Jó nasceu destituído, havia florescido e, então, retornara à destituição. Jó estava resignado diante desse retorno e atribuiu tudo ao poder divino. Ele não pensou que o caos estivesse envolvido, nem a chance. Cf. Gên. 3.19; Sal. 139.13,15; Eclesiástico 40.1, quanto a declarações similares à do presente versículo. Yahweh é o proprietário geral de tudo, e Seu nome deve ser sempre bendito, em qualquer vicissitu-

de (ver I Sam. 3.18; Eclesiastes 5.15). Essa bênção, posta nos lábios de um árabe, toma alguns intérpretes de surpresa, porquanto eles supunham que *Elohim,* e não *Yahweh,* fosse o nome divino original do versículo. Contudo, não há apoio textual para isso. Foi um autor hebreu quem escreveu este versículo. Ademais, os árabes, como filhos de Abraão que eram, poderiam ter usado os mesmos nomes divinos. É curioso notar que até hoje, no noroeste da Arábia, sobreviventes falam palavras similares às do texto presente. Eles entoam uma fórmula litúrgica: "Seu Senhor o deu, seu Senhor o tirou" (*The Book of the Ways of God,* Emil G. Graeling).

"Reconhecendo os direitos soberanos de Deus... , Jó louvou ao Senhor. É verdadeiramente notável como Jó seguiu a adversidade com a adoração, o ai com a adoração. Diferente de tantas pessoas, ele não cedeu à amargura. Recusou-se a culpar a Deus por qualquer erro (cf. Jó 2.10)" (Roy B. Zuck, *in loc.*).

Aflições vindas da Mão Soberana
São bênçãos disfarçadas.

(Adam Clarke)

John Gill (*in loc.*) salientou, com toda a razão, que toda essa consternação diz respeito a coisas materiais e físicas. A alma de Jó não fora desnudada. Sua alma nada perdera. Esse é um fator, no problema do mal, que devemos sempre observar.

1.22

Em tudo isto Jó não pecou. Se Jó se tivesse rebelado contra a *causa* de suas calamidades, teria pecado. Portanto, o ateísmo, que *resulta* da contemplação de todo o mal que aflige este mundo, é uma *reação pecaminosa.* Ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Deus, Conceitos de,* e, especialmente, o artigo intitulado *Ateísmo.* Apresento um artigo detalhado sobre o *Ateísmo,* na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia.*

"O primeiro ato do drama aproxima-se do término (vs. 22), com uma indicação da recusa de Jó de 'atribuir a Deus qualquer insensatez'. A palavra hebraica *tiphlah* (falta de gosto) aplica-se a caprichos morais e a mau comportamento. Jó não acusou a deidade de capricho imoral e desgoverno" (Samuel Terrien, *in loc.*). Isso implica uma ou duas coisas: O Deus voluntarista de Jó (ver o vs. 11) estava simplesmente acima da crítica de Jó. Ou, então, Jó acreditava em *razões* genuínas para o sofrimento humano, mesmo no caso dos sofrimentos de um homem espiritual inocente, embora tais razões estejam, com freqüência, ocultas para nós.

Uma Ilustração Dramática. O dr. John Brown registra um incidente que ilustra bem o texto à nossa frente. Havia um clamor de dor. O pai da família proferiu esse clamor em desespero. Os filhos vieram correndo para ver o que acontecia. Ali, de pé diante deles, estava o pai deles. Seu rosto estava branco e contorcido de tristeza. Naquele momento, ele controlou sua agonia com um ato da vontade. Disse aos filhos: "Vamos agradecer ao Senhor". Ele se voltou para um sofá, e ali, por perto, jazia a esposa dele, a mãe deles, *morta.* Caros leitores, esse incidente faz parte das memórias de um homem que, em meio à tragédia, não se esqueceu de dar graças! Quem se responsabiliza por todas essas crises, por todas essas transições, por toda essa dor?

Capítulo Dois

Os testes que provaram Jó continuam induzindo a busca de uma resposta à pergunta: "Haverá algo como uma adoração desinteressada? Porventura um homem adorará e servirá a Deus embora não obtenha nenhuma vantagem pessoal disso, mas somente sofrimento e dor?".

Drama no Céu: Deus e Satanás Disputam o Caso de Jó; O Segundo Ato do Drama (2.1-10)

Jó passou pelos primeiros *quatro testes,* que o deixaram *nu* (Jó 1.1-19). Ali, prostrado no chão, afundado em sua tristeza, ele continuava adorando a Deus. Estava provado que Satanás se equivocara, pelo menos até aquele ponto. O drama comprovara o fato de que existe *adoração desinteressada* (o tema principal do livro). Um homem inocente, embora severamente afligido, e *sem causa alguma* (ver Jó 2.3), ainda assim pode adorar a Deus, embora não haja vantagem aparente para ele em tal atitude.

Os sofrimentos não transformam necessariamente homens espirituais em ateus, embora homens profanos corram para o ateísmo na primeira provação. Quanto aos problemas teológicos levantados pela narrativa, tais como o conceito de um Deus voluntarista; o sofrimento dos inocentes; o poder de Satanás para prejudicar homens espirituais; por que Deus lhe dá permissão para fazer isso e o problema do mal em geral, ver as notas expositivas em Jó 1.11, cuja substância não repito aqui. Ver também, no *Dicionário,* o detalhado artigo chamado *Problema do Mal.* O tema principal do livro é a adoração desinteressada. Porventura um homem adora e serve a Deus somente por causa das *vantagens* que sua espiritualidade lhe proporciona, ou pode existir verdadeira adoração sem a busca de vantagens pessoais? Trabalhando juntamente com isso (e fazendo parte necessária desse tema), temos de considerar o problema do mal, o *porquê* dos sofrimentos. Ver a *Introdução* ao livro, quinta seção, quanto aos tipos de respostas que o livro de Jó fornece. Pode a adoração desinteressada ser mantida em meio ao sofrimento?

O *segundo diálogo* de Deus com Satanás reproduz, palavra por palavra, o primeiro diálogo encontrado em Jó 1.6-8, exceto por uma progressão na narrativa. No primeiro diálogo, Deus só chamou Satanás para contemplar o esplêndido caso de Jó, o homem perfeito. Agora ele aponta para o que restou *daquele* tipo de homem, a despeito dos quatro testes severos que Satanás (com a permissão de Deus) contra ele lançara (ver Jó 1.13-19). Satanás supunha que a lógica de Deus contivesse uma falha: não fora tocado *o corpo de Jó,* a possessão mais entesourada da qual ele continuava a cuidar e a nutrir, como uma mãe faz com seu filho infante. Portanto, embora Jó tivesse sido testado, não fora provado de *tal maneira* que se transformasse em um blasfemo. Qualquer crente pode passar por certos testes; ninguém pode passar por todos os testes possíveis, conforme Satanás pensava. O Príncipe do Mal continuou a duvidar dos *motivos* de Jó para adorar a Deus. Continuou seguro de que esses motivos eram vis e egoístas, porque todos os homens são essencialmente egoístas. O que os homens realmente adoram é o seu próprio "eu". Ver na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* o detalhado artigo chamado *Egoísmo.*

2.1

Num dia, em que os filhos de Deus vieram apresentar-se perante o Senhor. Este versículo é diretamente paralelo a Jó 1.6, cujas notas expositivas também se aplicam aqui. O presente versículo adiciona, *uma vez mais, evidências* que demonstram ter havido *outra ocasião* na qual os "filhos de Deus" se apresentaram diante de Elohim, para dar conta de suas atividades. Quando homens bons, que se professam religiosos, se reúnem em pleno acordo para adorar o Senhor, o Targum diz que eles são *companheiros dos anjos.* E os anjos são chamados filhos de Deus, em um sentido especial, por serem seres divinos. O Targum diz que essa segunda reunião dos filhos de Deus com o Pai celeste ocorreu "um ano mais tarde", mas isso é uma fantasia desnecessária. Adam Clarke, *in loc.,* diz que tal reunião, que incluiu Satanás, foi apenas metafórica, e não real. Mas isso labora contra o judaísmo da época representado pelo livro de Jó. A malignidade de Satanás de um judaísmo posterior, como é óbvio, não permitira um convite para ele entrar na corte celeste e falar com o Rei Supremo.

2.2

Então o Senhor disse a Satanás. Este versículo é paralelo a Jó 1.17, cujas notas expositivas também se aplicam aqui. Satanás continuava suas perambulações pela terra, presumivelmente realizando algum tipo de serviço, como filho de Deus em missões delegadas. *Satanás* teria de prestar contas a *Yahweh,* nome divino que aparece em ambos os versículos. Tendo feito tudo quanto podia para destruir Jó, Satanás tinha agora um "relatório especial" a oferecer. Porventura Jó blasfemou contra Deus, quando suas riquezas e sua família foram violentamente removidas? Não! Não obstante, Satanás "sabia" que Jó blasfemaria se seu corpo fosse atacado, o que seria uma provação mais severa que a anterior. Satanás lançou-se à aventura de provar que Jó não passava de um hipócrita egoísta, cuja espiritualidade terminaria uma vez que não mais servisse para beneficiar seu próprio "eu".

2.3

Observaste o meu servo Jó? Este versículo é essencialmente idêntico a Jó 1.8, exceto pelo fato de que agora temos uma *progressão.* Jó passara nos primeiros *quatro testes* que tinham aniquilado suas riquezas e sua família. Mas Satanás queria outra chance para destruí-lo. Incrivelmente, de acordo com nossa teologia mais iluminada, Deus daria a Satanás essa oportunidade, só para provar um argumento. Mas tudo isso não passa de artifício literário. Ver Jó 1.11, quanto aos problemas teológicos do livro.

Para o consumir. Literalmente, no hebraico, "devorar". A despeito da severidade de sua provação, Jó se manteve firme em sua *integridade* pessoal.

Sem causa. Esta parte do versículo é importante para a compreensão do livro. Diz-nos que os *inocentes* sofrem testes severos, sem nenhuma razão. O *carma* (ver na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia*) não explica todas as coisas terríveis (e as boas também) que acontecem às pessoas. Há outras forças em operação. Portanto, temos uma pergunta angustiante: "Por que os *inocentes* sofrem?". Isso faz parte do *problema do mal* (ver a respeito no *Dicionário*).

Talvez os intérpretes estejam corretos quando vêem Deus repreender indiretamente a Satanás, pelo mal que ele praticou. Contudo, recordemos que a teologia dos hebreus era fraca quanto a causas secundárias e, assim, aquilo que Satanás fez, os hebreus entendiam como se tivesse sido feito por Deus, a primeira e *única* causa real das coisas.

A Aprovação de Deus. Yahweh-Elohim aprovou o homem Jó, que agora jazia na miséria, caído no pó, mas que continuava adorando a Deus (ver Jó 1.20). Ele aprovava o homem que não proferira blasfêmia contra a *causa* de seu sofrimento, a saber, o nome de Deus, que fora quem lhe dera tudo (ver Jó 1.21). Satanás foi forçado a dar um "bom relatório" sobre o homem, mas continuava insistindo em que o próprio homem na realidade não era bom. Agora, bastaria um pouco mais de tempo e alguns testes mais severos, para que ficasse provado o caso contra Jó.

2.4

Pele por pele. A alusão é a animais que foram mortos, e cujas peles foram utilizadas para o fabrico de vestes, tendas, odres etc. O ensino aqui é o seguinte: "Nada existe, neste grande mundo, que um homem valorize tanto quanto o seu corpo". A pele de um animal morto tinha *valor* comercial.

"Pele por pele provavelmente é um provérbio usado por algum negociante" (*Oxford Annotated Bible,* comentando este versículo). A ênfase recai sobre o *valor* de um couro de animal. A pele de um animal vale dinheiro. Portanto, o corpo de um homem é a coisa mais valiosa que ele possui, e tocar no corpo é a essência de tudo quanto o homem valoriza.

Jó resistira à perda de suas riquezas e à perda de sua família, mas tocar em seu corpo com sofrimento poria fim à sua fé, conforme calculava Satanás.

"Um homem sacrificará tudo quanto tem neste mundo para salvar a sua vida" (Adam Clarke, *in loc.*). É por isso que, ocasionalmente, vemos o espetáculo de um homem rico gastando todas as suas riquezas, a fim de tentar curar um corpo doente.

"Satanás zombou amargamente do egoísmo do homem e disse: 'Jó está disposto a separar-se de sua propriedade e de seus filhos, porquanto essas coisas são externas, são *bens permutáveis*'. Mas ele dará qualquer coisa, até sua própria fé religiosa, a fim de salvar sua vida" (Fausset, *in loc.*). Ver na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* o verbete chamado *Egoísmo.* Todos os atos de uma pessoa, bons e maus, são auto-orientados, isto é, feitos por interesse próprio, ainda que, em alguns casos, essa atitude possa ser perfeitamente disfarçada.

2.5

Estende, porém, a tua mão. Se Deus permitisse que Satanás prejudicasse o corpo de Jó, em breve ficaria evidente que a alegada espiritualidade do homem era apenas um meio de auto-serviço. Então ele abandonana sua adoração e serviço a Deus, como coisas inúteis, e revelaria todo o seu egoísmo. De fato, conforme pensava Satanás, Jó cairia em *desgraça extrema* e pronunciaria blasfêmias abertas, *amaldiçoando Deus,* a fonte de suas misérias. Ver Jó 1.11, onde temos declaração similar cujas notas também se aplicam aqui. Satanás continuava insistindo em que não existe adoração desinteressada. O livro de Jó examina essa tese como tema principal e envolve o problema do sofrimento humano na questão, como um corolário necessário.

2.6

Mas poupa-lhe a vida. *A Permissão Divina é Dada.* Novamente, devemos lembrar a fraqueza da teologia dos hebreus, que não levava em consideração causas secundárias, pois fazia de Deus a *única causa.* Portanto, quando Deus dava permissão para que Satanás fizesse algo contra Jó, era o mesmo que *causar* o sofrimento de Jó. "Para provar a falácia dos argumentos de Satanás, Yahweh dispôs-se a submeter Seu herói à tortura" (Samuel Terrien, *in loc.*). Essa não é uma teologia aceitável para nós, mas o era para os antigos hebreus. Várias de minhas fontes informativas *repudiam* essa barganha cósmica, mediante a qual um homem reto sofria *sem causa* (ver Jó 2.3).

Adam Clarke chama a questão inteira de *metáfora,* não aceitando nenhuma barganha cósmica real. Outros eruditos dizem que estamos tratando com *artifícios literários,* e não com acontecimentos metafísicos. É melhor afirmar que estamos lidando com uma teologia obsoleta, no tocante a *alguns* pontos do livro. Por que pensaríamos ser estranho nossa teologia ultrapassar a antiga teologia dos hebreus, e ter ela deficiências? Se a teologia dos hebreus não fosse deficiente, não haveria necessidade do Novo Testamento. Quanto a uma discussão detalhada dos problemas teológicos do livro de Jó, ver as notas expositivas em Jó 1.11, cuja substância não reitero aqui. Também é bom lembrar que nossa atual teologia tem deficiências e, conforme avançar a verdade, novas idéias substituirão as antigas, como sempre ocorreu na busca pela verdade. Jesus disse que o Espírito guiaria Seus discípulos à verdade que Ele mesmo não tinha apresentado (João 16.13). Isso *sempre* será a verdade, visto que a verdade é uma inquirição eterna, e não uma realização definitiva. Estamos crescendo espiritualmente e sendo continuamente iluminados, e esse será sempre o *nosso* caso. Somente Deus está isento desse avanço na verdade, pois apenas Ele é infinito. Mas, em Suas obras, o próprio Deus está sempre avançando. *Estagnação* é uma palavra estranha à verdadeira teologia.

A Restrição. Qualquer tipo de sofrimento poderia ser administrado por Satanás, menos matar Jó. Deus tinha planos para o "sobrevivente" do teste, no que consiste pelo menos parte do livro. Primeiramente, porém, era necessário ficar provado que existe adoração desinteressada e que um homem espiritual não é apenas um egoísta. A espiritualidade envolve mais do que isso.

Note-se como até o apóstolo Paulo reteve alguns elementos da teologia que é expressa no texto presente:

> *E para que não me ensoberbecesse com a grandeza das revelações, foi-me posto um espinho na carne, mensageiro de Satanás, para me esbofetear, a fim de que não me exalte.*
>
> (II Coríntios 12.7)

Caros leitores, neste versículo do Novo Testamento continuamos diante da antiga e deficiente teologia dos hebreus: a falta de apreciação por causas secundárias. Assim é que Satanás saiu pelos arredores, fazendo o serviço de Deus e afligindo o apóstolo Paulo. A teologia do tempo de Paulo explicava essencialmente os males físicos como o trabalho de poderes demoníacos, e muitas pessoas carismáticas de nossos dias afirmam o mesmo. Conheço pessoalmente um caso em que uma hemorragia cerebral que deixara uma senhora, membro de uma igreja, essencialmente paralisada, foi manuseada como uma possessão demoníacal As pessoas que tentaram ajudar aquela senhora fizeram um *exorcismo* nela, na tentativa de restaurar suas pernas paralisadas.

Segunda Visitação do Mal. O Corpo de Jó é Afligido (2.7-10)

A primeira visita do mal ocorreu em *quatro* acontecimentos distintos ou desastres. Ver Jó 1.16. As riquezas e a família de Jó foram atacadas. Cada um desses quatro desastres foi uma expressão do *problema do mal* (ver a respeito no *Dicionário* e na quinta seção da *Introdução* ao livro de Jó). Dois desses ataques foram manifestações do mal moral, ou seja, a desumanidade do homem contra o homem; e dois foram expressões do mal natural, os abusos da natureza (acontecimentos naturais). Esses *dois aspectos* constituem a essência de *como* o mal e a tragédia ferem os homens.

A aflição do corpo de Jó foi uma manifestação do mal natural. Este mundo hostil traz dilúvios, incêndios, terremotos e enfermidades. Mas o rei das aflições naturais é a morte. Devemos salientar aqui o óbvio: nenhuma das provações pelas quais Jó passou atingiu ou prejudicou sua *alma.* Essa é uma importante consideração na tentativa de explicar os *porquês* do sofrimento humano.

Ilustração Baseada em um Cântico Popular. Na década de 1960, saiu uma canção que ilustra bem a isenção da alma humana dos ataques do mal, se essa alma é a de um homem espiritual.

> *Miguel remou o bote para o outro lado, Aleluia!*
> *Miguel remou o bote para o outro lado, Aleluia!*
> *O rio Jordão é profundo e largo, Aleluia!*
> *Esfria o corpo, mas não a alma, Aleluia!*

Pessimismo. Os extremos sofrimentos físicos de Jó fizeram-no cair na armadilha do pessimismo. A definição primária do pessimismo é a de que a própria existência é um mal. O capítulo 3 deste livro, a *lamentação de Jó,* exprime esse ponto do princípio ao fim. Ver na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* o artigo chamado *Pessimismo.* Ver Jó 3.6.

2.7

E feriu a Jó de tumores malignos. Satanás afligiu Jó com "tumores malignos", ou úlceras. Não há como determinar a natureza exata dessa enfermidade, nem isso é importante para a compreensão do texto. Até as humildes pústulas (King James Version) são uma questão séria. Resultam de uma infecção cutânea avançada, que penetra nas camadas mais profundas da pele e, então, chega a um músculo. São causadas por bactérias, como o estreptococo ou o estafilococo, e devem ser tratadas por meio de antibióticos.

A Enfermidade. Não estamos abordando um caso de lepra. O hebraico original diz aqui *shehin ra,* que subentende uma *inflamação.* Não há inflamação mais

estranha do que uma pústula, e ter pústulas do alto da cabeça à planta dos pés seria algo que uma pessoa não poderia suportar. Samuel Terrien, *in loc.*, investigou as palavras hebraicas *shehin ra* no Antigo Testamento, tendo descoberto que elas são usadas para falar de certa variedade de enfermidades, de modo que tais palavras, por si mesmas, não nos ajudam grande coisa. Talvez a condição fosse a desordem cutânea denominada *pemphigus foliaceus*, que aparece de súbito e alcança quase imediatamente um estágio agudo. Por outra parte, toda essa conversa sobre qual seria a doença envolvida nos afasta da mensagem central do texto: Jó tornou-se, de fato, um homem miserável. Algumas vezes a provação consiste em viver, e não em morrer e, algumas vezes, morrer é algo excelente.

Roy. B. Zuck (*in loc.*) escolheu *penphigus foliaceus* como o candidato mais provável. Essa enfermidade deixa os cabelos eriçados, ao ouvirmos a descrição da afecção: inflamação, úlceras, coceira, degeneração das características faciais, perda de apetite, depressão, horrendas pústulas que atraem vermes, dificuldade de respirar, mau hálito, dor contínua, rápida perda de peso, pele escurecida, febre e descamação da pele! É possível que Satanás, conhecendo tudo sobre essa enfermidade, a tivesse escolhido para Jó.

2.8

Tomou um caco para com ele raspar-se. *Em sua agonia,* Jó retirou-se para um monte de lixo, para ali morrer. A tradução "sentado em cinza" reflete o termo hebraico *mazbala,* ou seja, um montão de lixo de cinzas. Até hoje, segundo dizem os viajantes, do lado de fora das aldeias árabes, pode-se observar monturos, montes de lixo, carcaças apodrecendo, crianças brincando em meio a pilhas de lixo, esmoleres sem moradia e idiotas da vila perambulando ao redor, e cães selvagens brigando por *pedacinhos de alimentos* que encontram naquela confusão horrenda. Jó, o respeitado príncipe árabe, abandonou sua casa e foi para lugar tão miserável, a fim de esperar pela morte. Ele estava rasgado por dentro, pela dor e pela angústia mental. Não havia medicamentos, e suas orações desesperadas eram inúteis.

Raspar-se. Por que Jó tinha de raspar seus ferimentos não é revelado, mas é provável que ele usasse aquele caco para coçar suas pústulas. Talvez ele também estivesse removendo o pus que corria de suas pústulas. Suas feridas eram por demais nojentas para serem tocadas.

Houvera tempo em que o aristocrata Jó se sentara entre os sábios nos conselhos da cidade, mas agora o vemos sentado a raspar-se em suas pústulas putrefatas.

Em vão aos deuses (se há algum) oramos
Vítimas infelizes pagando por deboches praticados.
Homens continuam a adorar suas divindades sonolentas
Mas a morte zomba da devoção deles e
Faz parar seu hálito que ora.
Até em santuários santificados a sorte intrusa chega,
E tira os devotos de seus túmulos.

(Adaptação de Ovídio)

A Esposa de Jó o "Consola" (2.9-10)

2.9

A *escandalosa esposa de Jó* conseguiu, de alguma maneira, escapar aos golpes que acabaram com sua família (Jó 1.15 ss.). Ela havia sido como uma rainha na cidade, gastando o dinheiro de Jó com alegria feroz. Agora o dinheiro dele se acabara; os filhos dele morreram; e tudo quanto restava a Jó era seu monte de lixo e suas pústulas. A mulher de Jó era exatamente como Satanás esperava que fosse. Se ela tivesse alguma espiritualidade, certamente era uma espiritualidade egoísta. Ela não tinha nada de adoração desinteressada. Ver Jó ainda firme em sua "integridade" era o máximo de insensatez, na opinião dela. Ela disse a Jó que fizesse o que Satanás dissera que ele faria - "amaldiçoar a Deus" (Jó 1.11; 2.5) - e, depois disso, *morrer* e obter o fim do triste drama. Ela não se preocupava se Jó seria ou não um pecador que estivesse pagando pelos seus erros. Ela simplesmente queria que ele e seu Deus saíssem do caminho. Ela queria que a farsa da fé religiosa terminasse, pois não agüentava ver tão "inúteis" sofrimentos.

John Gill (*in loc.*) repreendeu os intérpretes judeus que "fingem saber tudo" e tolamente chamaram a esposa de Jó de *Diná,* a filha de Jacó.

Portanto, os inimigos de um homem podem ser aqueles de sua própria casa (Miq. 7.6 e Mat. 10.36). A oposição à espiritualidade torna-se uma prova especialmente amarga quando vem de um familiar próximo.

Samuel Terrien (*in loc.*) interpreta que a esposa de Jó só estava tentando vê-lo morto e livre de sofrimentos, supondo que uma *maldição* tivesse o poder de eliminar os sofrimentos dele. Em outras palavras, ela era uma antiga advogada da *eutanásia.* Ver na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* o verbete chamado *Eutanásia.* Ela raciocinava que, se Jó amaldiçoasse a Deus, uma retaliação divina mataria o homem, pondo fim a seus sofrimentos. O irmão Terrien chegou a supor que o ato da mulher de Jó tenha sido *inspirado pelo amor,* por mais ignorante que tenha parecido ser. Mas provavelmente Agostinho estava mais próximo da verdade quando comparou a mulher de Jó a Eva, a tentadora original que produziu a morte, ao chamá-la de "ajudante de Satanás".

Ao toque gentil de uma mulher pura e virtuosa,
O que, neste mundo, cruel e indiferente,
Se pode comparar?

(Russell Champlin)

2.10

Mas ele lhe respondeu: Falas como qualquer doida. "Jó não caiu na tentação. Ele reconheceu em sua proposta aparentemente razoável o sinal da insensatez. A fé oferecia a ele uma razão mais elevada do que o raciocínio humano" (Samuel Terrien, *in loc.*). Ele a chamou de "doida" e companheira dos "insensatos" (no hebraico, *nehaloth,* a palavra de Sal. 14.1). É o insensato que diz em seu coração: Não há Deus. Embora a mulher não tenha negado a existência de Deus, estava dando a entender isso no caso de Jó: seria melhor nada ter que ver com o "Deus dele". Deus é quem estava afligindo Jó. Talvez essa mesma força destrutiva pudesse ser mais provocada ainda, ao ser amaldiçoada, e talvez matasse Jó, em vez de meramente deixá-lo miserável. Assim provocado, Deus faria um favor a Jó se o matasse. Mas isso concorda com o raciocínio dos insensatos. Jó, por sua vez, continuava olhando para Deus, para que Ele fizesse justiça. Ele já havia recebido muita bondade da mão divina. Então recebera o mal. De alguma maneira, Jó não sabia como nem por quê.

O ano está na primavera,
O dia ainda está de manhã;
A manhã está às sete horas;
As faldas das colinas estão peroladas com o orvalho;
O caracol está no espinho;
Deus está no Seu céu,
Tudo vai bem com o mundo.

(Robert Browning)

Não pecou Jó com os seus lábios. Jó não ousou blasfemar e podemos assumir com segurança que, por igual modo, não havia maus pensamentos em seu coração. A versão caldaica adiciona a este versículo as palavras: "Mas em seu coração ele pensou palavras", o que é um comentário infeliz e incorreto. Vários intérpretes judeus seguem tolamente a versão caldaica. O pecado e a insensatez são aliados nas Escrituras (ver I Sam. 25.25; II Sam. 13.13; Sal. 14.1). Mas Jó não se tornou culpado em nenhum dos dois sentidos.

Apresentam-se os "Consoladores" de Jó (2.11-13)

Nos capítulos 3-14 do livro de Jó, temos a primeira série de diálogos entre Jó e seus "amigos". Mas, antes que o autor chegue aos *diálogos,* ele apresenta aqueles que trocarão idéias com Jó em raciocínios teológico-filosóficos.

Naturalmente, a notícia da triste sorte de Jó se espalhou por toda a parte e, entre aqueles que ouviram falar dela, estavam seus três amigos especiais, que tinham desfrutado de tempos favoráveis com ele e vivido com ele nos "anos bons". Provavelmente eram homens bons, mas tolos, que pensavam ter a resposta para todas as coisas, até para o problema do mal. Eles anelavam por comunicar a Jó, o pobre homem, a sabedoria deles. Eram indivíduos dogmáticos e cheios de credos fixos, homens que podiam voltar-se para qualquer passagem nos livros sagrados e oferecer sabedoria instantânea para qualquer ocasião. Tinham respostas simplistas para problemas difíceis e nunca haviam imaginado que poderiam existir enigmas sobre os quais eles *não* possuíam nenhum conhecimento. Prepararam suas *ministrações pastorais* para aquele pobre homem, Jó, uma ovelha que se tinha desviado. Eles compreendiam sua tarefa com fórmulas adredemente preparadas e certas premissas que, conforme pensavam, poderiam lançar luz sobre qualquer situação. Eles falaram principalmente sobre a lei do *carma* - cada indivíduo recebe aquilo que semeia - e jamais pensaram que o *inocente* pudesse sofrer.

2.11

Ouvindo, pois, três amigos de Jó. Os três amigos de Jó vieram da parte noroeste da Arábia. O prestigioso xeque, Jó, estava em dificuldades. E eles pensaram que poderiam ajudá-lo. Deixaram momentaneamente suas atividades e tentaram endireitar o caso de Jó, porque, como era óbvio, ele estava sendo punido por causa de um ou mais pecados secretos. As intenções deles eram boas, mas não eram tão sábios quanto pensavam ser. Seus credos, cuidadosamente preparados, tinham grandes hiatos. Suas filosofias não se aproximavam muito da explicação sobre tudo o que acontece neste mundo.

Elifaz o temanita. Quanto a notas expositivas completas sobre esta pessoa, ver o artigo no *Dicionário,* cuja informação não repito aqui. Ele residia em Temã, Edom (Gên. 36.11; Jer. 49.7; Oba. 9; Eze. 25.13; Amós 1.12), que antigas fontes informar ter sido um lugar famoso por seus sábios.

Bildade o suíta. Quanto a informações detalhadas sobre este homem, ver o artigo no *Dicionário.* Pertencia à tribo dos suah, sendo assim um suíta. Provavelmente isso significa que ele estava associado aos nômades arameus, os quais migraram para a parte sudeste da Palestina (ver Gên. 25.2,6). Seu nome parece ser derivado da frase aramaica que significa "amado do Senhor".

Zofar o naamatita. Há um artigo detalhado sobre ele, no *Dicionário,* e, como nos casos dos outros dois amigos de Jó, citados aqui, os artigos fornecem o âmago dos seus argumentos, e não meramente o pouco que se sabe sobre cada um desses homens. Não há certeza quanto ao significado do nome desse homem, embora pareça estar associado à idéia de um "pássaro que gorjeia" ou "prego afiado". Ele vivia em Na'amah, que talvez fosse a mesma que Djebel-el-Na'anmah, na parte noroeste da Arábia.

Assim, Jó foi privilegiado em ser visitado pelos homens mais sábios da área e, conforme eles pensavam, certamente trariam alguma solução para o problema dele. Mas em breve tornou-se claro que:

> *Havia mais coisas no céu e na terra*
> *Do que era sonhado em suas filosofias.*
>
> (Shakespeare)

Ver Jó 1.1, quanto ao local onde Jó residia, próximo das regiões de seus três amigos.

2.12

Levantando eles de longe os olhos e não o reconhecendo... Tão mutilado, emaciado e deformado estava Jó, que seus amigos nem puderam reconhecê-lo. Satanás tinha cumprido muito bem a sua tarefa. A primeira reação deles não foi atacar Jó e dizer-lhe quão grande pecador ele era (o que terminaram fazendo) mas, sim, caíram em profunda lamentação, por causa dos sofrimentos do amigo. Eles levantaram a voz em altas lamentações e, então, realizaram aqueles atos orientais comuns de consternação, o que Jó também tinha feito. Cf. Jó 1.20, onde dou notas expositivas sobre a questão. Ver também II Sam. 12.16 e Lam. 2.10. Ver no *Dicionário* o artigo detalhado sobre o tema da *Lamentação,* especialmente a terceira seção, onde discuto os costumes específicos ou atos relacionados à questão.

Assim, ali estavam eles, Jó e seus três amigos, sentados naquela *mazbala,* aquele montão de lixo de cinzas (ver Jó 2.8). Jó estava preparado para morrer. Mas seus amigos queriam experimentar suas filosofias sobre ele, antes que a morte o vencesse. Ali estavam eles, formando uma visão dolorosa e ridícula, bastante burlesca, se Jó não estivesse sofrendo tanto. Imagine-se aqueles sábios xeques árabes sentados juntos sobre o montão de lixo, em vez de nos portões da aldeia, onde poderiam exibir suas riquezas e sabedoria!

2.13

Sentaram-se com ele na terra, sete dias e sete noites. *Sete Dias de Silêncio!* É difícil para nós imaginar costumes como esses. Por sete dias e sete noites, os quatro homens ficaram sentados sobre seus montículos de cinzas, desfigurados com cinzas e sujeira, as vestes rasgadas, sujas e miseráveis. O *silêncio* se devia à consternação e ao respeito. Que se pode dizer quando um amigo está em tão miserável estado? A tristeza de Jó era profunda, e eles não queriam agravá-la ainda mais, através de conversa tola. Finalmente, os três amigos de Jó cederam diante dessa tentação, mas durante sete dias não disseram uma só palavra.

Jó foi o primeiro a falar, e seu tristonho monólogo está registrado no capítulo 3. Encorajados por sua fala, os três amigos correram em socorro dele, com seus argumentos inadequados.

O *suicídio* era uma medida conhecida entre os antigos semitas, mas sua incidência em nada se assemelhava ao que se vê na maioria das nações modernas. Portanto, a autodestruição estava fora de cogitação. Jó por certo enfrentava a possibilidade da morte, mas não a apressaria, uma sábia decisão. Ver na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* o verbete intitulado *Suicídio.* Esta questão está coalhada por toda a espécie de dificuldades, com as quais se debatem nossos teólogos e filósofos.

"Sentar-se no silêncio com Jó durante uma semana talvez tenha sido a maneira de seus amigos lamentarem sua condição moribunda, ou talvez um ato de simpatia e consolo, ou, ainda, uma reação de horror. Sem importar qual tenha sido a razão, de acordo com os costumes da época, os três amigos de Jó tinham de dar ao sofredor a primeira chance de expressar-se" (Roy B. Zuck, *in loc.*).

Cf. a conduta de Davi em II Sam. 12.16. Ver também Gên. 1.10; I Sam. 31.13 e Eze. 3.15. O autor nos transmitia um sofrimento intenso, para o qual *razões* urgentes tinham de ser buscadas. Essa busca e a discussão poética a respeito, na discussão do livro (ver Jó 3.1-31.40), oferecem um de nossos mais eloqüentes poemas antigos.

Capítulo Três

A Discussão Poética (3.1 – 31.40)

Primeira Série de Discursos (3.1 – 14.22)

Os *costumes e a cortesia* exigiam que o homem afligido tivesse permissão de falar primeiro, portanto este capítulo do livro, em sua inteireza, contém a lamentação de Jó. Depois dessas lamentações, seguem-se os ataques de seus amigos, os quais afirmaram principalmente que Jó era um pecador secreto e estava sendo punido com justiça. Em outras palavras, ele estava engajado em um caso radical da *Lei Moral da Colheita segundo a Semeadura* (ver a respeito no *Dicionário*). Temos aqui a mais óbvia razão para o sofrimento humano, embora, de maneira alguma, a única. De fato, o livro de Jó ensina que os *inocentes* sofrem. Ver Jó 2.3. As aflições de Jó não tinham *causa* alguma. Quanto aos problemas teológicos do livro, que são a barganha cósmica em detrimento dos justos; se existe ou não uma adoração desinteressada; o Deus voluntarista do judaísmo; por que os inocentes sofrem; e o problema geral do mal, ver os comentários em Jó 1.11. Ver a quinta seção da *Introdução* ao livro de Jó e, no *Dicionário,* o artigo chamado *Problema do Mal.*

O tema principal do livro de Jó é a *adoração desinteressada.* Porventura um homem haverá de adorar a Deus quando disso não tirar benefício algum? Em outras palavras, seria verdadeira a doutrina do *Egoísmo* (ver a *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia)?* Um homem age de maneira desinteressada em favor do próximo, ou ele sempre espera alguma vantagem pessoal? Será a espiritualidade de um homem (sua fé e sua adoração) apenas uma maneira de servir a si mesmo? A piedade humana é apenas um meio de obter vantagens pessoais e uma maneira de afastar o perigo? Estaria um homem realmente interessado em Deus, por Sua causa somente? Satanás supunha que, se a vida de Jó se tornasse miserável, ele amaldiçoaria a Deus (Jó 1.11 e 2.5). Portanto, Jó foi afligido *sem que houvesse causa* para isso, somente para ver se ele reteria a sua *integridade.* Quando suas riquezas e sua família lhe foram arrebatadas, ele passou no teste (capítulo 1). Em seguida, seu corpo foi profundamente afligido, mas ele também passou nesse teste (capítulo 2). O sofrimento humano entra no livro como um meio de testar a espiritualidade do indivíduo, e o livro de Jó torna-se, assim, o único que trata demoradamente do *porquê* do sofrimento humano e do problema do mal. O sofrimento humano ocorre através do *mal moral* (a desumanidade do homem com o homem) e também através do *mal natural* (o abuso da natureza, como enfermidades, incêndios, inundações, terremotos e a morte). Jó sofreu amplamente tanto os abusos da vontade humana pervertida como os abusos da natureza. No entanto, ele reteve a sua integridade espiritual.

A Lamentação de Jó (3.1-26)

A Maldição (3.1.10)

Por causa de seus supremos sofrimentos, Jó caiu no abismo de uma quase total desesperança. Ele proferiu uma *maldição,* mas não contra Deus, conforme Satanás disse que ele faria (ver Jó 1.11 e 2.5). Ele desejou jamais ter nascido (vss. 2-10 deste capítulo) ou, então, que tivesse morrido por ocasião de seu nascimento (vss. 11-19). Visto que essas bênçãos não lhe tinham sido conferidas, ele desejava morrer em breve (vss. 20-26). Mas ele falou com sua voz miserável sem chegar a ponto nenhum. Ele ignorou tanto Deus como o ser humano, ao proferir o seu "ai". Em consonância com o costume e a prática dos semitas, Jó não pensou em suicidar-se, embora o suicídio não fosse desconhecido entre eles.

Pessimismo. Em sua luta contra o sofrimento, Jó caiu no pessimismo, a idéia de que a própria existência é um mal (pelo menos até onde ele estava pessoalmente envolvido). Ver na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* o artigo denominado *Pessimismo.* Ver as notas adicionais em Jó 3.6.

3.1

Amaldiçoou o seu dia natalício. Jó amaldiçoou o seu "dia natalício". Sentimo-nos muito tristes quanto aos infantes que morrem e diante de pais que perdem suas crianças; mas Jó viu que, em seu caso, essa condição teria sido uma grande bênção. Quanto ao problema vexatório da morte dos infantes e as questões teológicas levantadas por esse acontecimento, ver no *Dicionário* o detalhado artigo chamado *Infantes, Morte e Salvação dos.* O dia e a noite, de acordo com as

PESSIMISMO

Passou Jó a falar, e amaldiçoou o seu dia natalício.
Disse Jó: Pereça o dia em que nasci
e a noite que disse:
Foi concebido um homem!
Converta-se aquele dia em trevas; e
Deus, lá de cima, não tenha cuidado dele,
nem resplandeça sobre ele a luz.

Jó 3.1-4

O SOFRIMENTO NÃO POUPA NINGUÉM

A Vida

Feliz aquele que em modesta lida,
Isento da ambição e da miséria
No regaço do amor e da virtude
A vida passa. Mais feliz ainda
Se, das turbas ruidosas afastado,
À sombra do carvalho, entre os que adora,
Sente a existência deslizar tranqüila,
Como as águas serenas do ribeiro;
Mas, que digo! Nem esse, infindos males,
Comuns a todos, seu viver não poupam.

Soares de Passos

crenças antigas (ver Sal. 19.3), eram dotados de uma espécie de existência autônoma. Se ao menos o *dia do nascimento de Jó*, ou a noite em que ele fora concebido, nunca tivessem ocorrido, então Jó teria escapado ao caos da existência e aos resultados temíveis de uma vida inútil. O livro não expõe a possibilidade de uma alma preexistente ter nascido em um corpo diferente. O discurso de Jó só indica que, sem *aquele* nascimento, que acabou produzindo tanto sofrimento, ele nunca teria existido e, portanto, não estaria sofrendo. Isso, caros leitores, é uma teologia míope, até onde me diz respeito. Nesse ponto, estou com a Igreja Ortodoxa Oriental, apegado à idéia da preexistência da alma. Ver na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* o artigo geral sobre *Alma*. Não acredito que se possa anular uma *alma* meramente porque duas pessoas, um homem e uma mulher, não se uniram sexualmente para produzir um *bebê*. Por certo, a história da alma é separada e distinta da história do corpo que, finalmente, ela venha a possuir. Caros leitores, é uma *frivolidade* pensar que uma alma eterna depende da procriação física para poder existir. Mas é isso o que uma grande parte da Igreja Cristã acredita atualmente. A Igreja Ortodoxa Oriental acredita na preexistência e independência entre a alma e o corpo (eles têm histórias separadas), sem reencarnação, embora algumas pessoas na Igreja Ortodoxa Oriental misturem a reencarnação nesta questão. Quanto a um artigo detalhado sobre o assunto, ver na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* o verbete chamado *Reencarnação*. Como é óbvio, Jó desejava a *não-existência*, e não uma nova chance de uma vida nova, sem complicações, por meio da reencarnação.

Jó amaldiçoou o seu nascimento, a sua vida, e não Deus, conforme Satanás afirmou que ele o faria (ver Jó 1.11 e 2.5).

3.2-3

Pereça o dia em que nasci. *Jó ampliou a maldição*, dando detalhes e conferindo volume à sua queixa e às suas lamentações. As notas que ofereço no vs. 1 deste capítulo também se aplicam aqui. O *dia* e a *noite* personificados, por assim dizer, são entidades com uma espécie de existência autônoma. O dia e a noite, pois, tinham trazido a Jó sua miséria, e ele desejou que, de alguma maneira, eles fossem obliterados em sua existência, para que ele próprio pudesse descansar no *nada*.

Uma Curiosidade. Notemos que Jó não olhou estrada abaixo para a *imoralidade*. No período patriarcal, pode ter havido essa idéia, entre os hebreus, mas não há nenhuma expressão dessa noção no Pentateuco. A idéia só entrou no pensamento dos hebreus nos Salmos e Profetas, sem grande esclarecimento. No período intermediário entre o Antigo e o Novo Testamento foi mais desenvolvida, e ainda mais no Novo Testamento. É verdade que em Jó 19.26 essa esperança é levantada, possivelmente mediada através da ressurreição, e não através de uma alma imortal que sobrevive à morte biológica do corpo. Alguns vêem a reencarnação nessa referência, mas isso é discutível. Seja como for, é notável que a lamentação de Jó, que vemos aqui e nos capítulos seguintes, não tente aliviar o problema do sofrimento humano com uma visão da existência futura, além do sepulcro, onde o sofrimento pudesse ser anulado. Isso, entretanto, está em harmonia com a teologia geral do período patriarcal. Os livros escritos por Moisés não prometem uma vida de bem-estar para além da morte biológica nem ameaçam os ímpios com a punição em uma futura vida, não-física. Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Alma*, e ver na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* o artigo chamado *Imortalidade*.

A Noite Personificada Fala. Ela anunciou o conceito de um filho que teria sido a alegria de sua mãe. Mas o futuro era tão negro e miserável, que nenhum regozijo foi encorajado. John Gill curiosamente comenta aqui que nem mesmo as próprias *mulheres* sabem em que noite exata elas conceberam e, certamente, os *homens* não o sabem. Mas a *Noite* sabia. A noite em que Jó foi concebido foi uma noite miserável, que ele desejava fosse anulada. Alguns estudiosos interpretam a Noite como personificação de Satanás e colocam nela o pecado original, mas isso é apenas fantasia. Ver, contudo, Jó 14.4.

Elaborações do Conceito. Os vss. 4-5 elaboram sobre o *dia* do nascimento de Jó; os vss. 6-7 falam sobre a noite em que ele foi concebido; e o vs. 10 anela pela anulação do nascimento dele.

3.4

Converta-se aquele dia em trevas. Jó volta a lamentar o seu nascimento. O dia é luz, e luz é esperança. Mas o primeiro dia de Jó foi de trevas miseráveis e repleto de presságios ruins. Deus não levou em conta o dia do nascimento de Jó. A luz não incidiu sobre aquele dia. Antes, foi um dia melancólico, de negligência e tristeza, por causa do tipo de vida que finalmente haveria para Jó. Premonições de desespero anulavam qualquer alegria que pudesse estar envolvida no nascimento de um filho. Deus se tornara um estranho para aquele pequeno, que fora esquecido pelo Ser divino e pelos seres humanos.

Deus... não tenha cuidado dele. "Literalmente, *requerer, perguntar a respeito* e, assim, *manifestar cuidado a respeito*" (Ellicott, *in loc.*). Empregando o linguajar popular, podemos dizer que o versículo significa: "Deus não poderia importar-se menos". No ato de criação, Deus disse: "Haja luz", e houve luz. Mas o dia de Jó não teve luz nem esperança. Seu nascimento foi uma espécie de anticriação. A providência do sorriso de Deus não abençoara aquele dia.

> *... Cópula, nascimento, morte*
> *Esses são os fatos...*
>
> (Thomas Stearns Eliot)

Esses são os fatos brutais de uma vida sem Deus e sem esperança. As palavras de Eliot indicam que não há *significado* nenhum nesta vida. Jó caiu nessa armadilha, no meio de sua miséria. Para ele não havia *fatos remidores*.

3.5

Reclamem-no as trevas e a sombra da morte. *O dia precário de Jó* deveria ser engolido por trevas melancólicas, varrido por nuvens escuras e aterrorizado pela negridão. Supostamente, o dia é iluminado, mas o de Jó era escuro.

"A palavra aqui usada para *enegrecimento* é a única ocorrência do vocábulo em todo o Antigo Testamento. Está em vista a negridão que acompanha um eclipse, um tornado ou uma pesada tempestade" (Roy B. Zuck, *in loc.*). O dia do nascimento de Jó foi um dia de pesada tempestade. A luz não pôde atravessar as espessas trevas. O nascimento de Jó, por assim dizer, foi um equívoco, uma piada cósmica. Ele foi vítima de uma mentira cósmica. Entrou na vida já trazendo aquela incurável que causaria sua morte e, assim, teve uma peregrinação triste e sem sentido para lugar nenhum. O dia do nascimento de Jó foi *aterrorizado* pelas trevas preternaturais, por aquele *blecaute* inoportuno e inesperado. Sua vida fora obscurecida desde o começo.

3.6

Aquela noite! dela se apoderem densas trevas. A miséria de Jó era tão profunda que ele desejava que as negras trevas anulassem tudo, toda a vida e toda a existência. Essa anulação tinha de começar pela noite em que ele fora concebido. Ele anelava, de alguma maneira, voltar àquele ponto do tempo. Se, de algum modo, a noite de sua concepção pudesse ser obliterada, então a *fonte* de sua *tristeza* seria engolida pelo *nada*, que era a grande esperança de Jó, inútil naturalmente, mas uma ânsia retrospectiva. Ele não queria que a noite de sua concepção fosse um tempo marcado no calendário. Ele não queria que aquela noite tivesse ocorrido em um dia específico do ano. Se aquele dia se transformasse em nada, então *ele* seria reduzido a nada, e esse era o seu desejo mais intenso.

Pessimismo. A definição básica do pessimismo é que a própria existência é um mal. Assim sendo, o pior pecado do homem seria o fato de ele ter nascido. Schopenhauer, o mais eloqüente advogado do pessimismo como um sistema filosófico, acreditava que a melhor coisa que poderia acontecer seria Deus fazer com que todas as coisas cessassem de existir. Então haveria a paz do nada. A *insana vontade de viver* está na base de toda a miséria humana. A vida é nossa inimiga; a morte é nossa amiga, *se* ela pudesse indicar total obliteração. Infelizmente, Schopenhauer acreditava na *reencarnação*, mecanismo insano mediante o qual se dá continuidade à vida. Jó caiu num pessimismo do tipo do de Schopenhauer. Ver na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* o verbete chamado *Pessimismo*. Entristeço-me por ter de dizer aos caros leitores que a Igreja Ocidental tem uma teologia de extremo pessimismo acerca do destino humano (excetuando alguns poucos salvos). De fato, esse pessimismo ultrapassa qualquer coisa que o livro de Jó contém. Não obstante, Deus surpreenderá os pessimistas provendo coisas maravilhosas por meio da missão de Cristo, que finalmente beneficiará todos os homens. Ver no *Dicionário* o artigo *Mistério da Vontade de Deus*.

3.7

Seja estéril aquela noite. Ainda personificando a Noite, Jó esperava que, de alguma maneira, a noite de sua concepção ficasse estéril (literalmente, no hebraico, ficasse "pedregosa"). A concepção de um filho costuma levar a um nascimento jubiloso. Jó preferiria a esterilidade, para que não houvesse um dia que seria de profunda tristeza, em vez de alegria. "Jó imprecou males sobre o dia em que ele nasceu, e agora (vs. 7) sobre a noite em que ele fora concebido" (John Gill, *in loc.*). Ele queria que a noite em que fora concebido se tornasse tão estéril como a pedreira. Cf. Isa. 49.21. "Os orientais, emocionais como são, gritavam quando um menino nascia. Mas Jó disse: 'dela sejam banidos os sons de júbilo', ou seja, naquela noite na qual uma concepção prometeu que nasceria um filho". Viver é sofrer, e há grande futilidade em toda a vida. A bondade é quando não há fagulha de vida para começar uma existência humana. O *pessimismo* era a teologia de Jó, no momento.

3.8

E sabem excitar o monstro marinho. Obras de poderes malignos, como aqueles possuídos por encantadores e sábios, ou forças cósmicas desconhecidas poderiam despertar o monstro dorminhoco, fazendo-o impor o caos. Em seu desespero, Jó desejava que *qualquer espécie* de poder destruidor obliterasse a ele e à sua memória, aliviando assim o seu sofrimento. Em outras palavras, ele queria estar morto, por quaisquer meios existentes. Jó desejava que o dia de sua concepção pudesse ter sido obliterado, salvando-o do infortúnio de ter nascido e vivido neste mundo caótico. Ver na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* o verbete denominado *Caos.*

O monstro marinho. Alguns intérpretes ocupam-se aqui em uma exegese inútil, tentando identificar esse monstro marinho com algum animal terrestre, como o crocodilo, ou com algum animal marinho, como a baleia ou a serpente do mar. Antes, Jó entrou no terreno da mitologia do Oriente Próximo e falou sobre o monstro marinho com sete cabeças, que teria o poder de engolir o sol ou a lua, mediante algum eclipse. Mais extensamente ainda, o monstro teria o poder de engolir a própria criação com seus poderes sobrenaturais.

Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Leviatã,* onde forneço detalhes sobre o assunto, os quais não reitero aqui.

"Leviatã é um monstro marinho que, de acordo com a antiga mitologia dos semitas, pertencia ao mundo do *caos,* que o Criador, Deus, precisou subjugar, a fim de estabelecer uma terra habitável. Em Isa. 27.1, leviatã, o monstro marinho, é inimigo de Deus, enquanto em Sal. 104.26 ele se torna mero joguete nas mãos de Yahweh. Jó 41.1 ss. e Sal. 74.14 usam o termo para transmitir a idéia de sentimento de um temor elementar, produzido pelo crocodilo. Tal como no caso de *tannin* (Jó 7.12; em nossa versão portuguesa, 'monstro marinho' também) e *rahab* (Jó 9.13; em nossa versão portuguesa, 'auxiliadores do Egito', e 26.12 falta em nossa versão portuguesa), leviatã tornou-se personificação do *antagonismo cósmico* a Deus. Despertar esse poder era levar o mundo de volta ao caos primevo. O sofredor preferiria que a própria terra chegasse ao fim, antes que ele tivesse sido concebido" (Samuel Terrien, *in loc.*).

3.9

Escureçam-se as estrelas... dessa noite. Jó desejava que as *trevas* obliterassem o dia de sua concepção e o dia de seu nascimento, conforme demonstram os versículos anteriores. Naquela noite escura, ele não queria que estrela alguma desse o mínimo de iluminação, nem que os primeiros alvores da madrugada viessem a iluminar o ambiente. As estrelas da manhã são os planetas Vênus e Mercúrio, luzes que podem ser vistas facilmente de madrugada, por causa de seu brilho (cf. Jó 38.7). Vênus é a *terceira luminária* do firmamento, vindo depois do sol e da lua. Jó queria também que Vênus deixasse de despedir seus raios e, assim, anunciasse o dia de seu sofrimento. O hebraico original é bastante poético no tocante à madrugada: "as pálpebras da manhã", comparando os raios da manhã à abertura das pálpebras de uma pessoa que vai despertando. Jó não queria abrir os olhos para o sol, nem queria que astro algum do céu os abrisse. Antes, desejava que as trevas aniquilassem tudo. Os poetas árabes chamam o sol de "olho do dia". Jó queria que todos os olhos permanecessem fechados, a fim de que ele pudesse mergulhar *no nada de suas trevas.*

3.10

Pois não fechou as portas do ventre de minha mãe. As trevas cósmicas infelizmente não tinham sido capazes de impedir que a mãe de Jó o concebesse, nem de impedir seu nascimento por meio de algum aborto misericordioso. Portanto, a *tristeza* tomou-se a palavra do dia. Usualmente vemos a vida como um bem e a morte como um mal a ser evitado, mas os sofrimentos de Jó tinham revertido esse ponto de vista. Ele tinha caído no *pessimismo,* supondo que a própria existência fosse um mal. Ver as notas expositivas em Jó 3.6. Foi realmente um *infortúnio* que as portas do ventre de sua mãe não se tivessem fechado na terrível noite de sua concepção. Se isso tivesse acontecido, Jó não teria vindo à existência. Caros leitores, em Jó 3.1, tento mostrar que é má teologia supor que a existência da alma humana depende da procriação física. A alma tem de ser mais do que isso. Contudo, do princípio ao fim, Jó não apelou para um pós-vida, no qual a alma seria libertada dos males e sofrimentos da vida física. Como consolação, ele se voltou para o *nada,* não para a vida depois do sepulcro. Schopenhauer, o mais eloqüente advogado do pessimismo, fez a mesma coisa. Ele se voltou para o *nada,* como se isso fosse a própria salvação, e esperava que, algum dia, Deus preferisse anular toda a espécie de vida. Disso viria a paz. Finalmente, em Jó 19.26, a esperança de uma vida futura brilhou na consciência de Jó.

A vida breve é nossa porção aqui.
Breve tristeza, cuidados de pouca duração.

(John Mason Neale)

A Inquirição (3.11-19)

3.11

Por que não morri eu na madre? Tendo havido a concepção, Jó deveria nascer. Diante do fato terrível, ele desejou ter nascido morto. Nesse caso, poderia ter "expirado" antes que o sofrimento começasse. A morte hipnotizara Jó. Ele começou a olhar para a morte com mórbida alegria. Ele se juntou à companhia daqueles filósofos pessimistas do Egito e da Babilônia, que viam a morte como um estado de tranqüilidade, sono e nada (vs. 13). O pensamento dos hebreus, em contraste, encarava a morte como um mal a ser evitado. Um severo sofrimento tirara de Jó a *idéia,* conforme se diz em uma expressão idiomática moderna.

Por que não expirei ao sair dela? Note que a versão portuguesa concorda aqui com a Revised Standard Version e não faz o versículo dar a entender uma alma imaterial e imortal que deixa o corpo por ocasião da morte biológica. Nascer *vivo* e sair em *segurança* do ventre materno, para a *vida,* era visto como um ato especial da providência divina (Sal. 22.9). Jó desejou que aquela pequena demonstração da providência divina não tivesse operado em favor dele. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Providência.* Ver na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* o verbete intitulado *Infantes, Morte e Salvação dos.*

3.12

Por que houve regaço que me acolhesse? Uma vez nascido, o bebê, de acordo com os costumes orientais, era primeiramente posto nos joelhos da mãe, de maneira que um pouco de descanso era desfrutado. Então o bebê era levado aos seios maternos. Havia também o costume patriarcal de colocar o bebê recém-nascido nos joelhos de um *antepassado paterno,* simbolizando que a criança pertencia à sua descendência e estava abençoado com a companhia de seu antepassado e de seus contemporâneos (ver Gên. 50.23). Talvez seja isso o que esteja em vista no presente versículo. Jó desejava não ter descansado nos joelhos de sua mãe nem ter sido recebido em sua família por meio da bênção patriarcal. Preferia ter sido um natimorto, ou ter morrido antes de ser colocado sobre os joelhos de alguém. Entrementes, desejava nunca ter tomado leite de sua mãe, pois assim poderia ter morrido de fome, uma grande *vantagem* que não lhe teria permitido chegar àqueles dias de sofrimento. Em seu desespero, ele chegou a ver a vida como indigna de ser vivida. Jó foi tratado com grande cuidado, mas preferia ter caído morto no chão. Ver também Gên. 30.3 e Isa. 66.12. Jarchi informa-nos que uma parteira, tendo completado o parto, tomava temporariamente a criança em seu regaço, dando-lhe descanso e consolo. Ela lavava o corpinho do recém-nascido com água e sal e o enrolava nos paninhos apropriados. Os gregos e romanos também tinham um costume semelhante ao da bênção paterna dos hebreus. O pai recebia a criança e, pondo-a sobre os joelhos, tornava assim conhecido que aquele bebê era "seu filho", agora recebido em sua família. A deusa Levana é retratada como se estivesse ordenando o gesto de amor e preocupação (Kipping, *Antiq. Roman.* 1.1. cap. I, sec. 10).

3.13

Porque já agora repousaria tranqüilo. *Morrer por ocasião do nascimento* teria sido muito melhor do que uma *vida na morte.* Permanente sono e paz teriam resultado da morte do infante Jó, muito melhor do que a morte viva do Jó adulto. Como é claro, Jó não antecipava a continuação da vida através de uma alma imortal. Tal crença só surgiu na fé hebraica no tempo dos Salmos e Profetas e, mesmo assim, ainda não claramente definida. Delineamentos de doutrinas como o céu e a terra teriam de esperar pelos livros apócrifos e pseudepígrafos e, finalmente, pelo Novo Testamento. A teologia, como qualquer outro campo do conhecimento, cresce e se desenvolve. De muitas maneiras, a teologia dos hebreus era *deficiente.* Se assim não fosse, não haveria necessidade das revelações do Novo Testamento.

Nas Escrituras, a morte, tal como em certa expressão idiomática moderna, é chamada de *sono* (ver Sal. 13.3). Isso não subentende, nos primeiros livros da Bíblia, que somente o corpo dorme, e a alma vai para Deus, conforme dizem alguns intérpretes cristãos ao comentar sobre o presente versículo. Antes, em consonância com a teologia deficiente da época, Jó via a morte como *sono eterno* (não-existência) do ser que antes existira.

3.14-15

Com os reis e conselheiros da terra. Seria melhor para Jó ter entrado no esquecimento (não-existência), porquanto, afinal, os grandes homens do passado, como os reis, os poderosos, os aristocratas, os ricos, os famosos, tinham-no precedido para o *doce nada.* Tais homens tinham construído um nome para si mesmos, edificado cidades, feito grandes exércitos colocar-se em marcha, obtido vitórias, impressionado seus contemporâneos. Eles tinham recolhido grandes quantidades de ouro e prata (vs. 15) e tinham sido admirados pelas massas populares.

AS LAMENTAÇÕES DE JÓ

Discursos Envolvidos	Falado para SI Mesmo	Falado contra Deus	Falado contra Inimigos
Soilóquio Introdutório (cap. 3)	3.11-19, 24-26	3.20-23	3.3-10
O Primeiro Discurso de Jó (caps. 6-7)	6.1-12; 7.1-10	7.12-21	6.13-20
O Segundo Discurso de Jó (caps. 9-10)	9.25-31	9:17-21; 10.8-17	
O Terceiro Discurso de Jó (caps. 12-14)	14.1-6, 7-15	13.3, 14-16, 23-27	
O Quarto Discurso de Jó (caps. 16-17)	17.4-10	16.9-14	
O Quinto Discurso de Jó (cap. 19)		19.7-12	19.13-19
O Sexto Discurso de Jo (cap. 21)			cap. 21
O Sétimo Discurso de Jó (caps. 23-24)	23.3-12		
O Oitavo Discurso de Jó (caps. 26-31)	29.2-6, 12-20; 30.16-19. 24-31	30.20-23	30.1-15

Definições:

O que é *lamentável* é algum fato que provoca tristeza, miséria, lágrimas, remorso, aflição ou descontentamento. Um acontecimento adverso, perverso ou desprezível traz lamentação. A *lamentação* é uma expressão informal (particular) ou formal (falada ou escrita) que expressa dor e tristeza. Alguns poemas e canções são lamentações formais. Existe na Bíblia o livro chamado *Lamentações,* que chora a queda de Jerusalém e seu cativeiro na Babilônia, isto é, a morte de uma nação. Quando Jó estava sob a mão pesada de Deus, ele tinha muitas razões para lamentar. Quanto mais pesada ficou a mão divina, mais amargas ficaram as lamentações do pobre homem. Ele foi abandonado por Deus e pelos homens.

RAZÕES PARA LAMENTAÇÃO

1. *Tristeza pelos mortos.* Abraão lamentou por Sara (Gên. 23.2); Jacó por José (Gên. 27.34,35); os egípcios por Jacó (Gên. 50.3,10); Maria e Marta por Lázaro (João 11.31).

2. *Em face das calamidades.* Estão inclusas as calamidades já sofridas ou apenas antecipadas. Ver Jó 1.21, 22; Êxo. 33.4; Jon. 3.5; Jer. 14.2; Nee. 1.4; Est. 4.3.

3. *Por causa do arrependimento pelo pecado.* Ver Jon. 3.5, Jer. 14.2; Nee. 1.4; Est. 4.3.

4. *Lamentações cultuais.* Os profetas de Baal, no monte Carmelo, lamentavam-se e laceravam-se na tentativa de agradar ao seu deus e provocar intervenção em favor deles (I Reis 18.28). O culto de Israel, em determinadas ocasiões, também estava associado à lamentação (Jer. 41.5). Ezequiel deixou registrado um caso de lamentação cúltica pagã (Eze. 8.14); e o mesmo fez Isaías (Isa. 45.4), ainda que nesse último caso os israelitas estivessem envolvidos em ritos pagãos.

ALGUNS MODOS E COSTUMES DE LAMENTAÇÃO

1. *Choro e clamor em voz alta.* Esses atos são mencionados em conexão com a lamentação em Gên. 50.10; II Sam. 13.36; Sal. 6.6; 42.3. Os orientais, de modo geral, eram bastante vocíferos em suas lamentações.

2. *Lágrimas.* Uma emoção forte, positiva ou negativa, provoca lágrimas.

3. *Desfiguramentos.* Havia demonstrações externas nas lamentações. Uma pessoa assentava-se sobre cinzas e salpicava cinzas sobre o rosto (II Sam. 13.19; 15.32). A barba era raspada, os cabelos eram aparados, ou eram arrancados tufos de cabelos (Lev. 10.6; II Sam. 19.24; Eze. 26.16). Alguns povos pagãos laceravam o corpo, uma prática proibida pela lei mosaica (Lev. 19.28).

4. *Roupas rasgadas.* Ver Gên. 37.29,34; II Crô. 34.27; Mat. 26.65.

5. *Roupas de pano de saco.* Ver Gên. 36.34; II Sam. 14.2; Sal. 38.6.

6. *Cabeça coberta.* Ver Lev. 13.45; II Sam. 15.30; Jer. 14.4.

7. *Remoção das roupas;* nudez, falta de higiene corporal. Ver Êxo. 33.4; Deu. 21.12,13; Eze. 26.16; Dan. 10.3; Mat. 6.16,17.

8. *Lamentações profissionais.* Ver Jer. 9.17; II Crô. 35.25; Mat. 9.23. Ver o artigo *Sepultamento, Costumes de, no Dicionário.*

Contudo, foram reduzidos ao nada, e era isso o que agora Jó anelava ansiosamente. Era como se ele estivesse dizendo: "Eu teria boa companhia em meu esquecimento interminável". Esta, naturalmente, é uma declaração que não faz sentido, mas, pelo menos por enquanto, era o que atraíra a *mente enferma* de Jó.

A última cena...
Que põe fim à última e estranha história,
Em uma segunda infância, e então o esquecimento.

(Adaptado de Shakespeare)

3.16

Ou, como aborto oculto, eu não existiria. *Bendito Aborto.* Certos infantes nunca vêem a luz do nascimento. O útero os expulsa, *mortos.* Essa era outra condição que teria aliviado Jó dos sofrimentos que ele experimentou como adulto.

O infante (um feto já bem desenvolvido) nasceu morto, arrancado abruptamente da árvore da vida. O corpinho minúsculo foi sepultado. Os pais sacudiram a cabeça e perguntaram: "Por quê?". Seja como for, a criança nada sofreu. Haveria uma alma já em companhia do corpo que se foi para algum mundo espiritual? Alguns teólogos respondem com um "sim" e outros com um "não". Alguns eruditos dizem-nos que a alma não chega a combinar-se com corpo que ela sabe não ser viável, isto é, que não viverá. Nesse caso, o corpo infante, abortado, nunca foi habitado por uma alma. Jó, entretanto, não aceitava esse tipo de teologia. De fato, ele estava interessado unicamente na doce morte que punha fim a todas as coisas, incluindo os sofrimentos.

Que dizer sobre a morte dos infantes e a questão da salvação? Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Infantes, Morte e Salvação dos,* que apresenta as várias teologias que acompanham o fenômeno.

Minha vida terminou tão cedo
Que não sei
Por que começou.

(epitáfio achado no túmulo de um infante,
no oeste dos Estados Unidos)

Houve um costume mediante o qual os infantes abortados eram sepultados em poços ou cavernas, mas é provável que a maioria deles tenha recebido sepultamentos normais. Cf. Eclesiastes 6.3-5, que emite sentimentos similares aos de Jó.

Morte, Bendito Nada para Todos (3.17-19)

3.17-19

Os vss. 17-19 falam da *igualdade* de todos no esquecimento. A morte traz o nada total, e esse nada é igual para todos quantos viveram, sem importar se foram fortes ou fracos, ricos ou pobres, reis ou aldeões, criminosos ou justos, opressores ou oprimidos, grandes ou pequenos, escravos ou mestres. Todos os mortos tornam-se uma massa inexistente, um doce nada. Esses obtiveram a *paz* final. Não há como Jó pudesse ter contemplado qualquer tipo de vida de uma alma imaterial, combinada com algum julgamento pelo mal e alguma bênção para os justos. Ele não estava dizendo: "A morte torna iguais todas as almas que habitam em um mesmo lugar". Ele estava dizendo: "A morte produz a não-existência para todos, e isso é bom".

Compare o leitor os sentimentos expressos por Horácio (*Odar. lib.* 1. Od. iv. vs. 13).

A morte é o estado
Onde compartilham de uma honra igual,
Aqueles que foram sepultados ou não;
Onde Agamenom não sabe mais
Que ele desprezou Íris;
Onde o belo Aquiles e Tersites jazem
Igualmente nus, pobres e secos.

Os gregos pensavam que era uma calamidade para o corpo morto permanecer insepulto, porquanto isso (alegadamente) impedia a viagem da alma para o mundo dos espíritos. Mas Horácio não viu vantagem em ser sepultado ou ficar insepulto. Outrossim, a sua *honra* era, de fato, uma *desonra.* Seu mundo dos espíritos era um lugar lúgubre.

A *sorte* bate à porta de todo homem, de maneira imparcial. Bate à porta do palácio e à entrada da cabana do campo. A sorte de Jó, pois, não tomou nenhuma alma para alguma outra existência, mas apenas deixou corpos, sepultos e insepultos. Que diferença fazia se aqueles corpos haviam sido antes grandes homens ou homens comuns? Que diferença fazia que alguns tivessem construído pirâmides, e outros cabanas sem janelas?

A morte devora tanto os cordeiros como as ovelhas.
A morte é a grande niveladora.

(Provérbio de século XVII)

O Clamor (3.20-26)

3.20

Por que se concede vida ao miserável...? Seria um desserviço a Deus dar vida a um corpo que, ao chegar ao estágio adulto, experimentasse miséria e dor? Qual o propósito servido pelo sofrimento humano? Jó lutou com o *problema do mal* (ver a respeito na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia*). Ver Jó 1.1, quanto à exposição dos principais problemas do livro de Jó. Por que os *inocentes* sofrem? Compreendemos a lei do carma, isto é, a *lei moral da colheita segundo a semeadura* (ver a respeito no *Dicionário*). Mas tal lei não resolve o *porquê* do sofrimento. Algumas vezes os homens sofrem sem causa (aparente). Jó 2.3 diz que Jó "sofreu sem causa", ou seja, "sem razão alguma". Pode o *caos* atacar a um homem justo', enquanto Deus se põe de lado e não presta atenção a coisa alguma? Jó debateu-se com os mistérios da providência divina. Sua mente estava perplexa diante de enigmas. *Por muitas vezes,* em seu solilóquio (capítulo 3), Jó perguntou "Por quê?". Ver os vs. 11,12,16,23 e cf. Jó 7.20 e 13.24.

Para Jó, era *incongruente* que a vida tivesse sido usada somente para fomentar o sofrimento. Portanto, ele perguntava "por quê?".

Jó estava laborando definitivamente sob a *ilusão* de que a vida humana é algo que acontece *uma única vez,* e a morte extingue essa vida, que *antes* um homem tivera. Se ele pudesse ver uma vida de sofrimentos como somente *um capítulo* na história contínua da alma, então poderia ter posto *essa vida* sob melhor perspectiva. A Igreja Ortodoxa Oriental acredita na preexistência e na pós-existência da alma, e crê que a associação com o corpo seja uma vicissitude da alma. A Igreja Ocidental, por sua vez, acredita na sobrevivência da alma após a morte biológica. As religiões orientais acreditam na imortalidade e na reencarnação. *Todas* essas respostas são melhores do que a teologia deficiente de Jó. A *visão patriarcal* de Jó sobre o homem não era capaz de tratar com o problema do sofrimento. A visão patriarcal fornecia ao homem apenas uma única existência física. A teologia posterior dos hebreus remediou isso até certo ponto. Nosso conhecimento sobre a alma continua a crescer. Sabemos mais agora sobre a natureza espiritual do homem do que sabíamos no começo do período neotestamentário. A teologia é uma ciência em contínuo crescimento e, conforme ela cresce, o quadro se torna mais otimista, e não pessimista.

3.21

Que esperam a morte, e ela não vem. *Os homens sofrem* muito tempo esperando a morte, mas ela se mostra relutante e mantém-se afastada. Os homens felizes temem a morte, e ela, de súbito, derruba-os por terra, quando ainda eles queriam viver muitos anos mais. Alguns homens, no sofrimento, escavam pela morte, como um homem escava em busca de um tesouro, ou seja, eles desejam a morte *ardentemente.* Para o homem que sofre, a morte, e não a vida, é o *tesouro* que deve ser buscado. Jó continuava a laborar a ilusão de que a vida humana é uma única coisa, e a morte extingue essa única e curta vida, conforme anoto no último parágrafo sobre o vs. 20. O pobre homem escava *freneticamente* a fim de desenterrar um tesouro que ele supunha estar enterrado. O homem miserável, que sofre, anela pela morte de alguma maneira. Alguns homens "escavam" cometendo suicídio, mas essa não era uma opção permissível. Sobre esse assunto, ver as notas em Jó 2.13, bem como o artigo chamado *Suicídio,* na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia.*

Alguns homens miseráveis, sofredores, escavam em busca de tesouros, mas para consternação deles nada encontram. Alguns homens buscam desesperadamente a morte como fim para o sofrimento, mas ela se recusa a bater em sua porta. Isso também causa consternação. "... eles anelam mais por serem separados da vida do que aqueles que amam o ouro e escavam pedindo a morte" (Adam Clarke, *in loc.*).

Talvez a metáfora usada por Jó seja a da "mineração". Os homens escavam pelo minério do ouro, que está profundamente enterrado no solo, formando veios. Mas ficam desapontados quando tudo quanto conseguem desenterrar é sujeira. Jó, pois, tinha de contentar-se com a sujeira de uma vida contínua e miserável.

3.22

Que se regozijariam por um túmulo. Alguns homens alegram-se muito quando encontram o tesouro da morte, porque assim são definitivamente libertados dos sofrimentos e da calamidade. Minha mãe sofreu quatro anos e meio com o câncer e, em muitas ocasiões, anelava pela morte. Ela me perguntou um dia: "Quanto tempo é preciso para morrer?". E a consternação se estampou em sua face. Houve ocasiões em que ela temeu a morte, mas quando a morte finalmente

chegou, ela lhe deu boas-vindas e, caros leitores, assim também fizemos todos nós. Existem vidas que afundam tão profundamente na dor, que não acham que vale a pena continuar vivendo. Então nos voltamos para a imortalidade da alma e achamos conforto nesse pensamento. Jó, por outra parte, voltava-se para o esquecimento total como resposta.

Satanás tomara as riquezas e a família de Jó, e então afligira seu corpo de maneira insuportável. Também parece ter obtido acesso à sua *mente*. Jó não era mais capaz de *pensar retamente* e, de fato, sua teologia deficiente não o ajudou nessa questão.

Josefo (*Antiq.* 1.13. cap. 8, sec. 4) diz-nos que Hircano, ao abrir o túmulo de Davi, encontrou três mil talentos, e grande foi o seu regozijo! Portanto, aquele que encontra a morte, quando precisa dela para que cessem as suas dores, é um homem feliz.

3.23

Por que se concede luz ao homem...? *Luz*, neste versículo, significa *vida* através do nascimento. Ser trazido à *luz* é ser trazido à vida física. Confiamos em que Deus nos cerque, isto é, ponha uma barreira de proteção ao nosso derredor, mantendo fora o mal e os sofrimentos. No caso de Jó, pelo contrário, ele foi cercado por sofrimentos, cortado de toda a ajuda externa e mantido prisioneiro em sua casa de dores. Jó estava *perplexo* diante da *ação reversa* de Deus. Quando deveria ter sido protegido, foi perseguido por males de toda a espécie. A muralha que Deus construíra, a fim de manter a miséria de fora, mostrou ser o portão pelo qual a dor entrou. Neste versículo, Jó, pela primeira vez, atribuiu suas calamidades diretamente a Deus. A teologia dos hebreus era fraca quanto a causas secundárias para quem Deus fora feito Única Causa e, portanto, até a origem do mal. Mas a vontade de Deus era considerada suprema, e ninguém podia falar contra isso. Esse é o tipo de teologia que encontramos em Rom. 9, o que significa que essa forma de teologia sobreviveu no tempo do Novo Testamento. Uma teologia mais iluminada, tanto dentro quanto fora do Novo Testamento, reconhece o livre-arbítrio humano como a existência de causas secundárias que explicam o mal. A teologia hebraica primitiva criou um *Deus voluntarista*, cuja vontade é suprema e age contra a moralidade, conforme os homens a entendem. Ver Jó 1.11, quanto aos vários problemas do livro criados pelas diversas formas de teologia primitiva.

Ver Jó 1.10, quanto ao uso que Satanás fez da palavra "sebe" (cerca) para indicar os cuidados protetores de Deus. Algo na ordem da criação havia saído errado. As aves entoavam um cântico contrário. O sol estava muito quente. A natureza pisava sobre Jó. Temores deixavam sua mente perplexa. Quem se responsabilizaria por todas essas crises, por toda essa dor?

3.24

Porque em vez do meu pão me vêm gemidos. *A Impaciência de Jó.* Temos ouvido falar da famosa "paciência de Jó". Mas nós o vemos aqui impaciente e até rebelde contra a sua sorte. A miséria se tomara seu alimento e sua bebida. Seus gemidos, tão constantes, eram como água sendo derramada. "Não mais podemos falar em paciência. Não se manifestara, por enquanto, um desafio aberto, mas uma rebeldia *subentendida*. É esse o homem que encostou sua testa no pó, submisso diante de Deus, e disse: O Senhor o deu e o Senhor o tomou. Bendito seja o nome do Senhor? Não é o mesmo homem. É Jó, o Titã, que logo começará, em sua loucura, a entrar em choque com o Todo-poderoso" (Paul Scherer, *in loc.*).

Uma Alusão. As pústulas de Jó tinham tomado conta de tal modo do seu corpo, que se tornara difícil para ele comer. Além disso, na condição em que se achava, quem teria desejo de comer? Portanto, os gemidos e suspiros de dor de Jó tornaram-se o seu alimento. Eram tão abundantes que pareciam as correntezas impetuosas de um grande rio, ou a maré que bate na praia, quando começa a subir. Talvez haja uma alusão a muito *choro*. As lágrimas lhe escorriam pela face, como um rio. "Não havia senão suspiros e soluços" (John Gill, *in loc.*).

3.25

Aquilo que temo me sobrevém. Este é um dos versículos mais conhecidos do livro de Jó. Os *temores* de Jó tinham chegado a uma drástica condição de realidade. O *terror* caíra sobre ele. Ele não poderia ter temido coisa pior. Suas calamidades eram supremas. Franklin D. Roosevelt, que foi presidente dos Estados Unidos da América, consolou os cidadãos americanos durante a Segunda Guerra Mundial, com sua famosa declaração: "A única coisa que devemos temer é o próprio temor". Mas isso não aconteceu no caso de Jó. Rebecca West disse: "O temor, como a dor, parece e soa pior do que nos faz sentir", mas não foi esse, igualmente, o caso de Jó. Foi assim que Jó anelava morrer, nunca ter sido concebido, nunca ter nascido. Sua dor era maior do que ele podia suportar.

Jó tinha sido um homem rico, mas agora fora reduzido a nada pelos ladrões e pelos desastres naturais. Jó tinha uma bela e próspera família, mas quase todos eles tinham sido mortos por criminosos e por calamidades naturais. Jó era um homem inteligente que tinha gozado de boa saúde, mas agora seu corpo fora atacado por uma enfermidade nojenta.

Todas as coisas humanas estão sujeitas à decadência,
E quando a Sorte ordena, até monarcas devem obedecer.

(John Dryden)

Quando perdemos tudo, incluindo a esperança,
A vida torna-se uma desgraça, e a morte, um dever.

(Voltaire)

3.26

Não tenho descanso. Já lemos que não há *paz* para os ímpios. Mas Jó era um homem *inocente* que sofrera sem causa (Jó 2.3).

Mas os perversos são como o mar agitado, que não se pode aquietar, cujas águas lançam de si lama e lodo. Para os perversos, diz o meu Deus, não há paz.

(Isaías 57.20,21).

Mas Jó era um homem *inocente* para quem não havia paz. Compreendemos a *Lei Moral da Colheita segundo a Semeadura* (ver a respeito no *Dicionário*), mediante a qual os ímpios recebem o que merecem. Portanto, temos de admitir que é difícil compreender por que os inocentes sofrem sem nenhuma *razão* moral ou espiritual. Isso se assemelha ao *caos*.

Minha alma, por que estás desconsolada dentro em mim,
Assediada, perseguida pelo dilúvio e pelo estrondo do mundo?
A esperança está perdida hoje ou menos do que nos anos passados,
Rebaixada e apequenada por essas lágrimas não-derramadas?

Ou a esperança é uma altura sublime e dominante,
Ascendendo até mundos brilhantes além?
Senhor, é isso o que tenho ouvido.
Mas a fé jaz morta com olhos bem fechados.
Uma grande verdade, dizem, aquela esperança lá adiante.
A fé cega a nada responde,
E, no entanto, nem por isso deixa de ser a verdade.

(Russell Champlin)

"O *solilóquio* (capítulo 3) está no começo das disputas faladas. Trata-se de um poema de magnitude raramente igualada, pois seu estilo não envelheceu e seus temas reverberam na mente de todo o homem que tem sido esmagado... É uma maldição, uma inquirição e um grito. Corresponde ao que sabemos sobre a própria vida" (Samuel Terrien, *in loc.*).

Esse poema, como é natural, desnuda as deficiências humanas do pensamento e da compreensão. Não contempla nenhuma esperança para além do sepulcro; atribui a Deus o mal, sendo fraco quanto a causas secundárias. Deus estava em Seu céu, mas as coisas definitivamente não estavam certas neste mundo. O capítulo 3 de Jó é uma expressão eloqüente de *pessimismo* (ver a respeito na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia*).

Capítulo Quatro

Primeiro Ciclo da Discussão (4.1 – 14.22)

Primeiro Discurso de Elifaz (4.1 – 5.27)

O trecho de Jó 4.1-11 fala sobre o *dogma da justiça*. Nenhum homem poderia sofrer como Jó estava sofrendo, a menos que fosse *culpado* de alguma transgressão, aberta ou secreta. Elifaz pregou a *Lei Moral da Colheita segundo a Semeadura* (ver a respeito no *Dicionário*), ou a lei do carma. Isso, como é claro, é *uma* das respostas para o *problema do mal* (ver a *Introdução* ao livro de Jó, seção quinta, e o artigo do *Dicionário* assim chamado). Os ímpios recebem aquilo que semeiam. Mas o livro de Jó é mais profundo e pergunta: "Por que os *inocentes* sofrem?". Jó sofreu sem causa (ver Jó 2.3) ou, pelo menos, não merecia seus sofrimentos por haver pecado ou por ser injusto. Podemos supor que houvesse alguma razão divina, mas certamente *não a barganha cósmica* com Satanás, que

o autor usa como um artifício literário para introduzir o livro. Os justos *não* sofrem por causa de alguma barganha de Deus com Satanás. Ver Jó 1.11, quanto aos vários problemas teológicos do livro, informação que não repito aqui.

Sinceridade dos "Consoladores" de Jó. O livro de Jó insiste nesse ponto. As idéias dos três amigos de Jó eram parciais e, algumas vezes, completamente erradas, mas eles mesmos eram sinceros. Eles vieram de longe para falar com o amigo (ver Jó 2.11). A preocupação deles por Jó era genuína, mas sua teologia inadequada não solucionou o problema do mal nem, especificamente, por que Jó, um homem inocente, sofria. O silêncio inicial deles devia-se ao respeito que sentiam por Jó e ao espanto diante das calamidades que viam (Jó 2.13). A amizade é um dos principais temas da literatura de sabedoria oriental e hebréia, e não há razão alguma em supormos que os amigos de Jó se mostrassem hostis para com ele. Bons amigos reprovam quando isso se faz necessário. Algumas vezes esses amigos estão com a razão e, outras, estão enganados e também não têm todas as respostas, mais do que nós.

Elifaz falou primeiro, o que provavelmente indica que era o mais idoso dos três amigos e também o mais respeitado por sua sabedoria. Como indivíduo *dogmático* que era, pensou saber todas as respostas e acreditou que o alegado enigma dos sofrimentos de Jó poderia ser facilmente explicado pelo seu discurso. Ele era um indivíduo dogmático que havia tido *impressionante experiência espiritual* envolvendo o aparecimento de um espírito (vss. 13 ss.). Essa experiência, ao que se presume, dera a ele *autoridade* para falar, pois, afinal, *Jó* não tinha passado por tão gloriosa prova; portanto, Jó era um homem abaixo de Elifaz quanto à realização espiritual, e dotado de sabedoria inferior. Erroneamente, Elifaz pensava que seu *dogma* era autenticado pela sua experiência. Mas aprendemos, mediante a observação, que pessoas de todas as espécies de denominações e religiões passam por impressionantes experiências espirituais, sem que isso possa ser tomado como poder autenticador para suas crenças. Não obstante, tais experiências não devem ser desprezadas. Pode haver algum significado nelas, como também nenhum significado. Precisamos testar cada caso individualmente e nada aceitar somente porque as pessoas dizem isto ou aquilo, ou porque têm vivido experiências espirituais.

"Elifaz era um indivíduo religioso cujo dogmatismo repousava sobre uma experiência notável e misteriosa (vss. 12-16). Porventura um espírito passara alguma vez diante da face de Jó? Os pêlos de sua carne já se tinham eriçado alguma vez? Pois então que Jó se mantivesse *manso,* enquanto alguém tão superior quanto Elifaz declarasse a causa dos infortúnios dele. Elifaz disse muitas coisas verdadeiras (como seus dois amigos também disseram) e por várias vezes chegou a mostrar-se eloqüente; mas permaneceu duro e cruel, um homem dogmático que precisava ser ouvido por causa de uma notável experiência" (*Scofield Reference Bible, in loc.*). A observação do dr. Scofield, naturalmente, não fez justiça a Elifaz. Mais do que um sujeito dogmático, Elifaz era um sábio oriental, um ancião respeitado por todos. Mas sua teologia era deficiente. Ele pensava saber mais do que realmente sabia, o que corresponde à condição da maioria dentre nós (se não de todos nós).

Circunstâncias dos Discursos:

1. Uma semana inteira de silêncio foi interrompida pela lamentação de Jó (capítulo 3).
2. Então os três amigos de Jó, Elifaz, Bildade e Zofar (Jó 2.11) sentiram-se compelidos pelo pessimismo de Jó (seu desejo de morrer) a falar e explicar o *porquê* dos sofrimentos de Jó.
3. Cada um deles falou por sua vez e recebeu uma resposta da parte de Jó. Esse ciclo repetiu-se três vezes, com exceção do terceiro amigo, que não falou pela terceira vez.
4. Os críticos permaneceram adamantinos em sua posição teológica, que dizia que os indivíduos justos estão isentos desses sofrimentos e, antes, são recompensados. Em contraste, são os pecadores, abertos e secretos, que recebem p tratamento que Jó recebeu (por exemplo, ver Jó 4.7,8).
5. Os sofrimentos de Jó se originavam de seu pecado, e ele precisava arrepender-se para pôr fim ao castigo divino. Isso contradizia Jó 1.1,8 e 2.3, a saber, que Jó estava sofrendo "sem causa". O problema era mais profundo do que os críticos de Jó supunham. É possível que os *inocentes* sofram.
6. Conforme as falas prosseguem, os "amigos" de Jó foram-se tornando mais amargos e venenosos e continuavam a insistir sobre a necessidade do arrependimento (ver Jó 5.8; 8.6 e 11.14).
7. Muitos detalhes foram adicionados à teoria teológica que fornecia ilustrações quanto à tese: precisamos apelar para o Deus indignado (Jó 5.8); precisamos ser puros e retos, para evitar tais calamidades (Jó 8.6); o pecado deve ser descontinuado (Jó 11.14); os ímpios estão sempre em perigo (Jó 15); os pecadores caem numa armadilha (Jó 18); os pecadores não vivem por muito tempo e perdem suas riquezas (Jó 20); alguns pecados específicos, dos quais Jó era aparentemente culpado, foram nomeados (Jó 22.5-9); Bildade galhofou de Jó chamando-o de *verme* (Jó 25.5,6).
8. O tempo todo, Jó manteve a sua *inocência,* o que significava que as falas de seus três amigos, que por muitas vezes eram discursos eloqüentes, não haviam desvendado a verdadeira causa de seus sofrimentos. Ver Jó 6.10; 9.21; 16.7 e 27.6.
9. Jó chegou a atribuir seus sofrimentos diretamente a Deus, a Única Causa, em concordância com a fraqueza da teologia dos hebreus, que não levava em consideração as *causas secundárias.* Ver Jó 6.4; 9.17; 13.27; 16.12 e 19.11.
10. Por que Deus se mantinha a afligi-lo permanecia um *enigma.* Jó perguntou a Deus o porquê desse sofrimento (Jó 7.20; 13.24). Ver também a razão do solilóquio de abertura (Jó 3.11,12,16,20,23).
11. Jó pensava que, se pudesse arrastar Deus a um tribunal, poderia demonstrar que Deus estava sendo injusto com ele (Jó 13.3; 16.21; 19.23; 23.4 e 31.35).
12. A despeito de suas queixas, Jó permanecia firme em sua adoração, provando assim que existe adoração desinteressada. Nem tudo quanto o homem faz se alicerça no egoísmo. Esse é o principal tema e consideração do livro de Jó.
13. Permanecem *enigmas* sobre as *razões* do sofrimento humano. O problema do mal não é resolvido, mas algumas sugestões úteis são feitas, as quais sumario e discuto na quinta seção da *Introdução* ao livro de Jó. O problema do mal é a segunda mais importante consideração do livro, um assunto intimamente entretecido com o primeiro.

Primeiro Discurso de Elifaz (4.1 – 5.27)

4.1

Então respondeu Elifaz. Ver anteriormente notas expositivas que nos informam sobre esse homem. Ver no *Dicionário* o verbete sobre ele, onde dou detalhes e um sumário que não repito aqui. Ele era um homem que viera de longe, provavelmente um xeque árabe, tal como Jó também o era. Sábio, era um homem respeitado por suas contribuições à teologia e à filosofia. Era um indivíduo dogmático que tinha significativa experiência espiritual (vss. 12 ss.) o que, segundo ele pensava, lhe dava *autoridade* especial. Muito provavelmente, Elifaz era o mais idoso e distinto dos três amigos de Jó, e por isso lhe foi dada a primeira chance de falar. O artigo sobre ele sumaria suas *três falas.* Sua irritação com o "pecador Jó" foi-se acentuando quando Jó continuou insistindo em sua inocência. Ele terminou acusando Jó de todas as variedades de vícios e pecados vis. Sua teologia não abria espaço para a tese de que um homem *inocente* pode sofrer, e suas sondagens no problema do mal só o levavam à consideração sobre a *Lei Moral da Colheita segundo a Semeadura* (ver a respeito no *Dicionário*). Em outras palavras, Elifaz era um homem sábio, mas advogava uma teologia *deficiente,* como *sempre* acontece com os indivíduos *dogmáticos.* Ademais, tal como todos os dogmáticos, ele se tornou amargo contra o seu oponente, Jó. Era praticante feito do *ódio teológico.*

Odium Teologicum
Ó Deus... que carne e sangue fossem tão baratos!
Que os homens viessem a odiar e matar,
Que os homens viessem a silvar e decepar a outros
Com língua de vileza,
... por causa de...
"Teologia".

(Russell Champlin)

4.2

Se intentar alguém falar-te, enfadar-te-ás? Era impossível não falar, mas Elifaz polidamente pediu permissão de Jó para expressar-se. Elifaz já tinha as respostas (segundo ele pensava) e em breve iluminaria o pobre Jó, seu inferior. É sempre assim que os indivíduos dogmáticos pensam e agem.

"Elifaz falou com tato e cautela. Ele não tencionava deliberadamente iniciar uma discussão acadêmica. Sabia que até uma *reprimenda* sem consideração só serviria para aumentar os sofrimentos do pecador. Ele suspeitava que deveria permanecer em silêncio, mas não podia mais resistir à tentação de falar. Ele poderia repreender os erros do homem ferido" (Samuel Terrien, *in loc.*).

"Nada havia de errado em sua intenção. Elifaz, Bildade e Zofar tinham em mente a tentativa de fazer o sofredor abandonar seus pensamentos mórbidos sobre si mesmo, a fim de pensar em Deus. Mas apesar disso, os amigos de Jó estavam equivocados" (Paul Scherer, *in loc.*). Esses mesmos intérpretes também depreciam os discursos, sermões e doutrinas "quase religiosos, quase psiquiátricos" de nossos tempos modernos, que tentam solucionar todos os problemas difíceis da mente e do corpo com uma psicologia popular, misturada à teologia popular. Que bem faria falar a Jó acerca de "relaxar", "livrar-se de seu complexo de inferioridade", fazer afirmações vazias e diárias como "Estou melhorando de todas as maneiras e todos os dias" e "ter imagens apropriadas sobre pai e mãe"?

"Visto que você proferiu palavras injuriosas para o seu Criador, quem pode resistir e ficar sem falar? É nosso *dever* levantar-nos em favor de Deus e corrigi-lo" (Adam Clarke, *in loc.*).

4.3

Eis que tens ensinado a muitos. O próprio Jó, como sábio de boa reputação, já tinha instruído outras pessoas. Ele tinha praticado o bem e fortalecido os fracos. Visto que fora instrutor de outras pessoas e lhes fizera o bem, assim também era apropriado que ele, ao precisar de instrução, suportasse tudo com paciência, evitando qualquer atitude amargurada.

Mãos fracas. A *mão* é o instrumento da ação. Quando a mão está fraca, o homem está debilitado em sua inteireza. As mãos representam o homem inteiro. Cf. Isa. 35.3; II Sam. 4.1. Quanto a uma referência similar no Novo Testamento, ver Heb. 12.12.

4.4

As tuas palavras têm sustentado aos que tropeçavam. Os que "tropeçavam" (moral e espiritualmente) eram ajudados pelos conselhos de Jó e, sem dúvida, por suas boas obras e atos de caridade abertos. Jó havia fortalecido as mãos dos fracos e também seus *joelhos vacilantes.* Heb. 12.12 inclui tanto as *mãos* (vs. 3) quanto os *joelhos* (vs. 4) e pode ser uma citação indireta da presente passagem. Ou, então, podemos estar tratando com uma expressão hebraica comum que aparece aqui e ali, na literatura dos hebreus. O Targum diz que o ato de "tropeçar" é tropeçar no "pecado", e é assim que os seres humanos caem na calamidade. Mas muito provavelmente a referência é *geral.* Isso quer dizer que, quando Jó encontrava pessoas que estivessem padecendo de *qualquer* tipo de necessidade, ele as ajudava com suas palavras e ações.

Joelhos vacilantes. Um homem dotado de joelhos fracos ou enfermiços é fisicamente fraco, a despeito de qualquer outra força que possa ter. Assim sendo, moral e espiritualmente, há pessoas de joelhos débeis que não podem resistir a nenhum tipo de tentação e provação. Além disso, há pessoas desafortunadas e afligidas que também são vacilantes de joelhos, embora não estejam enfrentando nenhum problema especial de pecado. "Os desanimados precisam ser encorajados" (Adam Clarke, *in loc.*).

4.5

Mas agora, em chegando a tua vez, tu te enfadas. Jó se tornara o homem com mãos fracas e joelhos vacilantes. O conselheiro agora precisava receber conselhos. O ajudador agora precisava de ajuda. Mas afortunadamente para Jó ele tinha *três ajudadores* que estavam presentes para corrigi-lo. Os três homens não tinham nenhuma dúvida de que o problema de Jó era um *problema com o pecado.* E o arrependimento remediaria qualquer situação.

...te enfadas. Jó foi vencido por seus problemas, a ponto de *perturbar-se* debaixo deles. A calamidade havia avassalado o pecador. Ele tinha perdido o contato com Deus. Tudo quanto ele temia o havia alcançado (ver Jó 3.25). Jó tinha afundado sob o tremendo peso que o esmagava.

...te perturbas. Tão perturbado estava Jó, que preferia a morte à vida: ele preferia nunca ter sido concebido; ou então, uma vez concebido, ter sido abortado; e agora, tendo chegado à maturidade, queria morrer (capítulo 3). Jó se tornara um consumado *pessimista.* A definição primária de *pessimismo* é que a própria existência é um mal. Quanto a isso, ver a *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia.*

Jó era como um peixe fora d'água; e não tinha forças para nadar; e o céu estava irado contra ele, atingindo-o com seus raios.

4.6

Não é o teu temor de Deus aquilo em que confias...? *O temor de Deus é o princípio do saber* (Pro. 1.7). Há no *Dicionário* um detalhado artigo intitulado *Temor.* A primeira seção, chamada *Temores Benéficos,* é um comentário sobre a natureza e os benefícios do temor a Deus no coração humano. Jó, de conformidade com Elifaz, tinha perdido suas amarras, escorregado para fora do temor e respeito apropriados a Deus. Havia perdido a comunhão com o Senhor. Existia pecado na vida dele que corroía tudo. Cf. Jó 15.4 e 22.4 (temor sem um objeto refere-se *à fé e à piedade*). Jó teria permitido que sua integridade se debilitasse. Sua fé já não era tão forte como antes. Corrupções interiores tinham enfraquecido o sábio homem. Agora ele precisava de esperança. Mas olhem para ele: desesperançado e querendo morrer. Isso só poderia significar que ele tinha perdido sua integridade. Sua fé já não era tão genuína como antes. Elifaz, pois, estava chamando Jó de volta de seu estado de degradação, para que ele recuperasse a integridade. Jó tinha bom "registro em seu passado". Elifaz, pois, chamou-o de volta aos tempos de bom atleta espiritual, cheio de força e poder. O pecado tinha-o tirado da pista de corrida. Nenhum homem inocente tinha jamais perecido. Jó tinha perdido a inocência e estava perecendo. O amigo de Jó, Elifaz, relembrou-o dos benefícios passados de sua espiritualidade e exortou-o a *retornar* ao antigo estado. Arrependimento era a palavra do dia. No entanto, Jó era homem inocente, algo que a mente de Elifaz não podia compreender. Isso estava "além de sua teologia".

Elifaz Investiga as Razões do Sofrimento. A Triste Colheita de Tribulação de Jó (4.7-11)

Algumas vezes a origem das aflições é um enigma, mas Elifaz não incluía enigmas em sua teologia. Ele pensava poder resolver qualquer problema, voltando-se para algum capítulo e versículo, o que, aliás, é uma prática moderna extremamente difundida entre os evangélicos! Elifaz apelou para a experiência de Jó: "Já pereceu algum homem inocente? És tu o único caso para o qual alguém poderia apontar?".

4.7

Lembra-te: acaso já pereceu algum inocente? A *teologia de Elifaz* não podia ir além do que era óbvio, a doutrina tradicional de um indivíduo material que sofre as retribuições *deste mundo* por causa de pecados cometidos. Ele não apelou para uma retribuição de pós-túmulo como meio de equilibrar as contas. Não falou sobre uma alma imortal e imaterial, nem sobre as doutrinas do céu e da terra. Sua teologia estava rigidamente dentro dos limites dos conceitos patriarcais. A alma imortal só entrou na teologia dos hebreus nos Salmos e nos Profetas, e mesmo assim sem a elaboração de recompensas ou punições na existência pós-túmulo.

Elifaz não podia imaginar um único exemplo de sofrimento "sem causa" (Jó 2.3). Para ele, os inocentes não sofreriam. O problema do mal era explicado por ele com a simples lei do carma, a *Lei Moral da Colheita segundo a Semeadura* (ver a respeito no *Dicionário*). Sua *teologia* era, na realidade, uma *humanologia,* visto que não tinha mistérios. Seu sistema não tinha defeitos, pensava ele, mas, para conseguir tal sistema, ele tinha de *simplificar,* aquilo que é o vício das teologias sistemáticas. Para conseguir armar uma teologia sistemática, sem nenhuma exceção evidente e nenhum problema difícil, é preciso engajar-se numa *quádrupla atividade:* simplificar, omitir, adicionar e distorcer as Escrituras. Além disso, é preciso supor que as Escrituras Sagradas são um compêndio absoluto de idéias teológicas, algo que elas não reivindicam para si mesmas.

"Até a prosperidade, para nada dizermos sobre a adversidade, é uma punição para os ímpios (ver Pro. 1.32). Para os justos, entretanto, os castigos trabalham para o bem deles (ver Sal. 119.67; Isa. 71.75)" (Fausset, *in loc.*).

Pereceu. É anacronismo fazer disso a punição pelo pecado, em alguma existência do pós-túmulo. E a punição "neste mundo", que terminasse na morte, era o que Elifaz tinha em mente. Elifaz, como é óbvio, tinha visto outros casos de "sofrimento inocente", mas sempre fizera desses casos possibilidades de *pecados secretos* sendo punidos.

4.8

Segundo eu tenho visto. É perfeitamente possível que Paulo tenha citado este versículo (de forma livre) quando nos deu a lei da colheita segundo a semeadura, em Gál. 6.7,8. Quanto a uma completa explicação, ver sobre esses versículos no *Novo Testamento Interpretado.* Ver na seção quinta da *Introdução* ao livro presente como a lei do carma compõe parte do problema do mal, sendo uma explicação que faz parte do quadro. Ver no *Dicionário* o detalhado artigo chamado *Lei Moral da Colheita segundo a Semeadura.* Dentro da teologia e da filosofia, essa lei é aplicada de maneira bastante ampla. A Igreja Cristã Ocidental confina sua operação a uma única vida terrena e, depois, a algum lugar de punição. Mas a Igreja Ortodoxa Oriental faz da preexistência da alma parte da questão. Pecados e fracassos de outras existências também devem ser seguidos com a retribuição apropriada; as boas obras devem também receber a devida retribuição, e o bem que tiver sido feito deve ter sua recompensa. As religiões orientais fazem a lei da colheita segundo a semeadura (o carma) aplicar-se a uma série de vidas, mediante muitas reencarnações. Isso significa que agora você pode estar pagando por algum mal cometido na idade Média. Coligir benefícios é o lado positivo da lei, e isso também se aplica a uma longa fileira de vidas. Elaborei um artigo detalhado, com os *prós* e os *contras* que estão atrelados a essa doutrina, na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia.* Ver sobre *Reencarnação.* Pode-se perceber, por meio dessas explicações, que a lei da colheita segundo a semeadura desfruta de larga aplicação no pensamento humano. Elifaz tinha uma versão dessa aplicação: o homem é punido neste mundo *físico* devido ao mal que ele pratica. Sua mente não ia além disso. Ele era cego o bastante para supor que, tendo dito *isso,* houvesse explicado o problema do sofrimento humano, mas isso é apenas um começo, quando estamos tratando com o problema do mal.

Começos. Caros leitores, entristeço-me por ter de dizer a vocês que *toda* teologia e filosofia é apenas um *começo,* quando estamos investigando os enigmas da existência humana, nesta vida e na outra. As teologias sistemáticas, com seus dogmas sábios-estúpidos, enganam as pessoas para que pensem que aquilo que pode ser dito já o foi. Mas essa é uma abordagem simplista e infantil da teologia. Sempre necessitaremos, desesperadamente, de liberdade para investigar, um elemento fundamental para buscar e obter a verdade. Elifaz, pensando que já havia descoberto toda a verdade, não tinha paciência com a investigação.

4.9

Com o hálito de Deus perecem. O *hálito de Deus,* operando como se fosse uma grande fornalha, consome o pecador. Em sua ira, Deus (metaforicamente) respira fogo e fumaça, através de Sua boca e de Seu nariz, e nenhum homem ímpio escapa. "A morte prematura é o resultado da ira de Deus, uma idéia expressa quase com as mesmas palavras em Sal. 90.7" (Samuel Terrien, *in loc.*).

A alusão não é ao vento oriental ressecante que de tal maneira aterrorizava os fazendeiros, destruindo suas plantações, mas, sim, a algum monstro horrendo que podia espalhar e realmente espalhava a devastação entre os homens. Ver sobre *Ira de Deus,* no *Dicionário,* quanto a completas explicações. O fogo era sempre um símbolo do julgamento, e esse conceito avançou até o Primeiro Livro de Enoque; o Rio de Fogo tornou-se um meio para punir os pecadores *após* a vida física. Então se transformou no Lago de Fogo, no livro de Provérbios (19.20; 20.10,14,15; 21.8). As chamas do inferno foram acesas pela primeira vez no livro de Enoque, e o Novo Testamento incorporou esse modo de falar acerca da retribuição. A mente simplista e naturalista fez disso um fogo *literal* e, assim, nasceu uma doutrina horrenda. Só podemos entender a questão, falando em sentido *metafórico.* Ver na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* o verbete intitulado *Lago de Fogo.* Caros leitores, lançar uma alma eterna, imortal e *imaterial* em chamas literais teria tanto efeito como jogar uma pedra contra o sol. Dizer, conforme um homem me foi dito um dia, "Deus pode fazer a alma sentir o fogo", é tão ridículo e infantil que não merece um instante de nossa atenção. Seja como for, Elifaz não estava falando sobre algum julgamento no pós-túmulo, com o seu fogo. Estava falando metaforicamente sobre a ira de Deus contra o pecador literal, neste mundo material. O homem era tão simples em seus pensamentos que supôs que as chamas nunca tocassem um homem inocente. Pelo contrário, pessoas inocentes hoje em dia é que estão no fogo.

"*Perecem.* Vss. 7,11,20. Os retos (comparar com Jó 1.1,8; 2.3) não são *destruídos.* Mas os que aram o mal e *semeiam a tribulação* também a colhem (cf. Pro. 22.8; Osé. 8.7; 10.13), e assim os *ímpios* perecem sob a *ira* de Deus. Tal teoria, entretanto, simplesmente não se ajusta a *todos* os fatos. Por muitas vezes, os inocentes *sofrem* (ver Luc. 13.4,5; João 9.1-3; I Ped. 2.19,20) e é freqüente os ímpios não enfrentarem problemas. O ponto de vista de Elifaz, de uma doutrina estanque de retribuição, não condiz com a realidade" (Roy B. Zuck, *in loc.*).

O campo da iniqüidade produz o fruto da morte.

(Ésquilo)

Mas

O bom tempo de Deus
Nem sempre cai em um Sábado,
Quando o mundo espera receber salários.

(Robert Browning)

4.10-11

Cessa o bramido do leão. *Uma Curiosidade Lingüística.* Ao empregar a "metáfora do leão" a estes versículos, o poeta utilizou *cinco* palavras diferentes para o animal. Estamos informados que a língua irmã, o árabe, tem 400 palavras para o temível leão! De acordo com o número de sinônimos que nossos idiomas têm inventado para qualquer objeto, conceito ou acontecimento, obtemos uma idéia da importância destacada a essas coisas. Era temível ser apanhado por um leão. Devemos lembrar que a antiga Palestina estava infestada de feras que vagueavam pelos campos e pelas montanhas. Ser morto por uma fera era um perigo diário que as tribos nômades tinham de enfrentar por todo aquele território. Ver Lev. 26.22, quanto à ameaça de *julgamento divino* por meio das feras. Na língua inglesa muito mais palavras exprimem a transmissão e a recepção de dor do que palavras empregadas com referência ao prazer. As palavras que exprimem "possessão" (em um dicionário realmente completo) enchem uma página inteira. Palavras para *desaprovação* (e variantes) são mais ou menos o dobro do que aquelas que indicam "aprovação". Assim também, o temível leão era variegadamente referido.

A natureza certamente não é benigna para com o pecador. Portanto, temos o *leão que ruge,* a *voz terrível* do leão que persegue e apanha sua presa; os *dentes perfuradores* do leão jovem e faminto, que não somente rasgam a carne, mas até quebram os ossos. Mas o *leão velho,* em seu estado degenerado, perece por falta de alimento e, algumas vezes, o leãozinho perece por falta da caça bem-sucedida de seus pais. Elifaz descreveu *calamidades* associadas aos leões. Os leões tanto podiam vitimar como ser vítimas, e o pecador se assemelha a isso. Fazer, porém, de Jó um leão, de sua esposa uma leoa, e de seus filhos os leõezinhos é um refinamento exagerado do texto, que não se ajusta ao sentido. O leão é o rei dos animais e, embora possa prosperar em suas caçadas, até ele mesmo pode chegar a um fim desastroso. Os ímpios também podem ser fortes como o leão e prosperar, mas os dias maus chegam quando o próprio leão, velho e fraco, torna-se uma vítima. Por igual modo, muitos poderes opositores ferozes atacam o pecador, tal como o leão ataca sua presa. Elifaz estava a dizer-nos que o pecador é tomado de surpresa por forças destruidoras, tal como um leão ataca subitamente uma vítima impotente e incapaz de defender-se.

O Mistério do Sofrimento (4.12-21)

Uma Visão Noturna Reveladora (4.12-16)

Temos a seguir uma descrição do terror noturno, uma experiência mística que iluminou um homem sábio e deu-lhe uma origem sobre-humana de certo conhecimento. Existem experiências místicas verdadeiras e falsas. Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Misticismo,* quanto a detalhes. Uma visão pode ser somente um sonho ou uma alucinação, quando se está acordado, ou pode ser um vislumbre de outro mundo, um mundo superior. Não há como saber da verdadeira natureza da experiência de Elifaz, mas ele tinha *certeza* de que a mão divina havia tocado nele. Qualquer que tenha sido a natureza daquela experiência, contudo, nem por isso ela resolveu o problema do mal (conforme Elifaz alegava), e nem mesmo alterou a teologia dogmática deficiente do homem que passara pela experiência. Ademais, as experiências místicas permeiam todas as religiões e jamais poderão ser usadas como provas do valor da verdade de sistemas de crenças. Um homem jamais pode dizer: "Minha doutrina é correta, porque eu tive tal e tal experiência mística".

Necessitamos desesperadamente do *toque místico* em nossa vida espiritual, pois esse é *um* dos meios que nos ajudam no desenvolvimento espiritual. Ver na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* o verbete intitulado *Desenvolvimento Espiritual, Meios do.*

Caros leitores, há certa loucura entre várias denominações modernas para restaurarem o misticismo cristão, como as línguas, as profecias etc. Sugiro que esses foram *começos,* e não finalidades, e que a vereda mística atual não tem de seguir e, de fato, talvez seja melhor não acompanhar a do primeiro século. Seja como for, nossa experiência espiritual deve incluir o contato com a presença de Deus, que nos fortalece, nos transforma e nos faz crescer espiritualmente. Entretanto, *todas as experiências* são apenas trampolins que nos levam a algo superior, e não finalidades em si mesmas. Ver na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* o verbete chamado *Movimento Carismático,* quanto às minhas opiniões sobre esse assunto e quanto às opiniões de meu tradutor, que tem visto esse território em primeira mão. Ver o vs. 15, quanto às várias explicações sobre a natureza de uma visão, suas causas e origens.

4.12

Uma palavra se me disse em segredo. Elifaz foi sábio o bastante para reconhecer a pequenez de sua revelação. Um poder qualquer aproximou-se dele. Foi-lhe trazida uma mensagem, a qual ele assimilou *um pouco.* Elifaz foi suficientemente sábio para evitar a jactância tola daqueles que recebem alguma experiência e se exaltam acima das outras pessoas, supondo que suas teologias tenham chegado à plena maturidade por causa de tal experiência mística. Note-se que Elifaz superestimou o pouco que havia recebido, porquanto pensava que essa experiência lhe tinha dado a *única razão* para o sofrimento humano, quando há muitas razões que o justificam. Ademais, nada foi aprendido quanto a por que os inocentes sofrem, conforme ocorria o caso de Jó. Em outras palavras, a augusta experiência de Elifaz era bastante interessante, mas não tinha nenhuma aplicação ao caso miserável de Jó.

Autoridade. Elifaz usou sua experiência mística para emprestar autoridade ao seu dogma, um erro comum, conforme saliento na introdução à seção de Jó 4.12-21. As experiências místicas são tão generalizadas que, se emprestassem autoridade aos credos, *todos os credos* deveriam ser corretos!

Ver a exposição no vs. 15, quanto a *várias explicações* sobre a natureza, as causas e as origens da visão de Elifaz, bem como sobre a natureza do *espírito* que apareceu a ele.

Caros leitores, a experiência parece ensinar-me que o Poder de Deus se move em muitos lugares, de muitas maneiras, e *todas* as denominações são apenas seitas. Há certa *universalidade* de manifestações que não depende de

credos, aos quais tanto temos enfatizado para prejuízo de nossa compreensão espiritual. Todas as denominações se assemelham a casas com portas e janelas. Algumas portas estão abertas ao conhecimento; outras estão fechadas. A diferença entre as denominações reside, essencialmente, em quais portas e janelas elas abrem e quais fecham. Apesar de poderem ser canais de informação, também são depositários estagnados de material antigo, que seria melhor limparmos e descartarmos.

Ver a *Introdução* ao capítulo 4 de Jó, quanto a informações gerais sobre a natureza dos discursos do livro de Jó.

4.13

Entre pensamentos de visões noturnas. *Benditas Sejam Aquelas Visões Noturnas!* O dia e suas atividades terminam. Um homem vai descansar. Esse homem é um ser espiritual. Ele conhece as realidades espirituais. Não é um iniciante na fé. Sabe que o sono pode funcionar como uma porta que abre a casa do tesouro das revelações de Deus. Sabe que pode obter um vislumbre do outro mundo, através de sonhos e visões que descerram as revelações de Deus; sonhos e visões que o iluminam, e ele gosta de ser iluminado. A agitação e a bulha da vida passam em poucas horas. Seus olhos físicos estão fechados, mas seus olhos espirituais estão alertas. E, algumas vezes, o Espírito se aproxima e toca naquele pobre mortal enquanto ele dorme. O homem espiritual sabe dessas coisas.

A visão veio e "Elifaz apelou para uma fonte de autoridade sobrenatural, quase profética. Ele não falava em nome de alguma tradição, conforme a maioria dos sábios está acostumada a fazer" (*Oxford Annotated Bible,* comentando o vs. 13).

"O livro de Gênesis exibe a mesma idéia de revelação através de visões noturnas. Ver Gên. 15.1; 20.3; 30.11; 41.1; 46.2. Mais adiante, no Antigo Testamento, isso só se torna comum de novo no livro de Daniel... O *sono profundo* deste texto nos faz lembrar Gên. 2.21 e 15.12" (Ellicott, *in loc.*).

Deus é o sono do trabalhador.

(Eclesiastes 5.12)

Nas águas mais profundas há a melhor pesca.

(Provérbio do século XVII)

4.14

Sobrevieram-me o espanto e o tremor. O *temor* é fenômeno comum nas experiências místicas, porque um homem espiritual subitamente enfrenta um mundo enigmático, bem como novas experiências para as quais ele não tem categorias cerebrais. *Tememos* o que é estranho, desconhecido e imprevisível. Quando a Presença se faz sentir, é por si mesma temível. A seção IX do artigo sobre *Misticismo* (ver a *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia*) apresenta as *Categorias Místicas,* isto é, as coisas que comumente acompanham essas experiências.

Percebi-me
Ao ser levantado acima do meu próprio poder,
E com nova visão me reacendi,
Tal que luz nenhuma é tão pura
Que meus olhos contra ela foram fortificados.

(Dante, Paraíso, *xxx.38-60)*

O espanto se apoderou daquele que tivera a visão. Seus ossos chacoalharam dentro dele. Sua carne estremeceu em todo o corpo. Os cabelos de sua cabeça se eriçaram de horror. A aparição da Presença Divina foi súbita e inesperada. Tremendo, ele se levantou da "fragilidade e fraqueza da natureza humana, devido à consciência da culpa e do senso da terrível majestade de Deus, e a uma desassossegada apreensão de quais poderiam ser as conseqüências daquilo" (John Gill, *in loc.*).

4.15

Então um espírito passou por diante de mim. Nem Elifaz nem o autor sagrado do livro elaboraram sobre essas palavras simples, de maneira que obtemos uma discussão sem nenhum resultado preciso:

1. Alguns insistem em que a palavra "vento", uma tradução possível do termo hebraico *ruah,* é o que devemos entender aqui em lugar de "espírito". Uma lufada de "ar" pode estar em foco, conforme temos em Jó 41.16; Êxo. 10.13; Eclesiastes 1.6 e 3.19. Note o leitor que o espírito de Samuel foi chamado de *elohim,* um deus (I Sam. 28.13). Nesse caso, algum *vento espantoso* passou por diante de Elifaz, eriçando os cabelos de sua cabeça e de sua face.
2. Alguns estudiosos supõem que esse espírito fosse o espírito de um humano desencarnado, ao qual foi dada uma espécie de missão. Coisas dessa natureza acontecem. Algumas vezes os espíritos aparecem por dispensação de Deus, ou meramente por serem espíritos errantes que ainda não encontraram lugar no mundo intermedjário, pois as barreiras finais ainda não foram estabelecidas. Mas essa teologia não fazia parte do período patriarcal e representa um anacronismo na explicação do texto presente.
3. Outros pensam que o espírito era um *demônio,* pelo que a visão teria sido diabólica, mas isso é contra qualquer indicação do texto.
4. Talvez fosse um *espírito angelical,* o que já fazia parte da teologia do período patriarcal.
5. Alguns críticos supõem que todas essas coisas tenham sido manifestações patológicas de uma *mente humana perturbada,* nada tendo que ver com o sobrenatural, embora sejam assim comumente interpretadas.
6. Ou tudo foi apenas *alucinação* de um sonho acordado, um fenômeno que, às vezes, acontece e é tido como sobrenatural. Estudos recentes mostram que *algumas* pessoas podem produzir alucinações à sua vontade, e outras pessoas têm sonhos que tomam como algo mais do que isso. Sabemos que as alucinações fazem parte de uma percepção do bom senso e todas as pessoas têm alucinações todos os dias, em algum grau. Essas coisas pertencem aos segredos da psique humana, ainda pouco compreendidos pela nossa ciência. Até mesmo uma alucinação e certos sonhos, em que a pessoa esteja acordada ou dormindo, podem ter algum sentido espiritual. Mas as experiências místicas por certo são mais do que os truques da psique humana. Algumas manifestações psíquicas são naturais, inteiramente dependentes da psique e dela originárias. Mas algumas experiências místicas conseguem tocar em outros mundos e existências.
7. Outros estudiosos ainda pensam que o espírito que apareceu a Elifaz seria o *Espírito de Deus,* mas nosso texto não chega a essa altura toda. O autor sacro estava pensando em alguma *forma medianeira* do poder divino, e não no próprio poder divino.

Elifaz não era um *repetidor.* Ele afirmava ter tido somente uma experiência significativa. Estou conjecturando que a possibilidade de número 4 seja a explicação mais provável, mas não podemos ter certeza. Por que Elifaz não disse simplesmente: "O anjo do Senhor me apareceu?". Estou imaginando que ele não era capaz de definir sua própria experiência com precisão, a ponto de não poder explicá-la. Mas, embora o homem só contasse com aquela única experiência, ele punha sua autoridade sobre ela, pensando dar foros de verdade ao seu dogma. Caros leitores, isso não passa de *ilusão.*

4.16

Parou ele, mas não lhe discerni a aparência. O espírito era *indistinto,* sem forma estabelecida, uma das características das manifestações dos espíritos. Os espíritos parecem ter o poder de aparecer em grande variedade de formas ou, simplesmente, como uma energia indistinta no ar. Alguma forma havia, contudo. O silêncio reinava e, subitamente, uma *voz* se fez ouvir. A voz entregou a *mensagem* que a visão teve o intuito de trazer-lhe. Cf. o silêncio e a voz de que se lê em I Reis 19.12. Alguns estudiosos sugerem que o autor do livro de Jó, embora colocando seu livro dentro do período patriarcal, o tenha escrito após a composição de I Reis, estando familiarizado com a história de teofania de Elias no monte Horebe. Os vss. 17 ss. dão a mensagem que o espírito comunicou.

O espírito apareceu, esvoaçou ao redor, parou, manifestou certa energia de forma indistinta e então falou. Não estando acostumado com tais coisas, Elifaz ficou ali, olhando e tremendo, tremendo e olhando, os pêlos arrepiados e a boca aberta.

A Mensagem do Espírito (4.17-21)

Examinando as palavras do texto sagrado, derivamos algum entendimento como este:

1. O que quer que aconteça aos homens, podemos ter certeza de que eles o merecem (a lei do carma, ou da colheita segundo a semeadura). Ver no *Dicionário* sobre *Lei Moral da Colheita segundo a Semeadura.*
2. Os homens precisam de uma visão exaltada de Deus, na qual eles são humilhados e deixar de falar tolices, como serem eles inocentes. Os inocentes não sofrem nem podem sofrer.
3. As pretensões de santidade são meras afrontas a Deus, o único Ser realmente santo. Quando falamos sobre pureza, estamos limitados a falar sobre Deus.
4. Até os anjos "santos", imortais, são acusados de insensatez pelo augusto Deus. Portanto, que pode fazer o homem para escapar ao escrutínio divino?
5. O estado do homem mortal, em contraste com os seres imortais (os anjos), é lamentável, atacado pela decadência, e ele termina por ser reduzido ao pó. O homem orgulhoso perece, ninguém o vê nem se importa. Tais homens são humildes pecadores que merecem ser julgados.

6. Não há sabedoria no homem, e ele morre como um animal, sem deixar vestígio. Ele merece o que obtém, e a arrogância apenas tenta ocultar os pecados secretos.

Os montes gemeram nas dores do parto;
Grandes expectativas encheram a terra.
E eis! um ratinho nasceu.

(Faedro, Fábulas, IV.22.1)

7. A mensagem de Elifaz foi essencialmente a de Rom. 3.23: "Pois todos pecaram e carecem da glória de Deus". Ele pensava que, na realidade, a punição de Jó decorria do fato de ser ele tão grande pecador. Jó admitiu ser um pecador, mas negava que seus atuais sofrimentos tivessem alguma coisa que ver com essa condição. Sua dor era *grande demais* para ser explicada.

4.17

Seria porventura o mortal justo diante de Deus? Jó não seria um homem *justo,* conforme pretendia ser. O padrão da justiça é Deus, e Jó, em sua arrogância, estava fazendo-se *mais justo* do que o próprio Deus, pretendendo saber mais do que Deus. Deus sabia, porém, que Jó era injusto e, assim, o estava castigando. Mas *Jó* acreditava que era justo.

Na realidade, nenhum homem é *puro* diante de Deus. Isso é um *truísmo.* Jó não reivindicaria sua pureza em comparação com Deus ou "diante de Deus". Mas negava que seu enorme sofrimento derivasse de sua impureza natural como pecador. A teologia de Elifaz tinha negligenciado outros fatores em operação. De fato, um homem *inocente* sofria grande aflição por razões ainda não determinadas.

O mortal... o homem. O hebraico diz aqui literalmente "fraco" e "forte", respectivamente, e os intérpretes têm feito o melhor que podem para interpretar esses termos. Foi assim que "fraco" tornou-se *mortal,* e "forte", *homem.* Seja como for, o *frágil* homem é sempre um pecador e merece a punição que obtém. E até o suposto homem *forte* (que poderia ser concebido como se não tivesse defeitos debilitadores) na realidade é impuro diante da presença de Deus. Tal homem também é moral e espiritualmente fraco.

4.18

Eis que Deus não confia nos seus servos. Os "servos" e os "anjos", que figuram neste versículo, são uma e a mesma entidade. Os anjos de Deus *O servem,* uma idéia tradicional tanto no judaísmo quanto no cristianismo. E também servem aos que hão de herdar a salvação, conforme vemos em Heb. 1.14: "*Não são todos eles espíritos ministradores, enviados para serviço a favor dos que hão de herdar a salvação?*".

Sem dúvida alguma, os *filhos de Deus* referidos no prólogo, que tiveram de prestar relatórios ao Pai celeste acerca de suas atividades (Jó 1.6 e 2.1), devem ser compreendidos como os *anjos.* Nada é dito quanto à natureza de suas atividades, mas compreendemos que missões contínuas lhes são determinadas. Eles são delegados e embaixadores do Rei, considerados responsáveis diante Dele. Como servos do Rei Supremo, eles precisam ser seres elevados, poderosos e muito inteligentes, mas até tais seres são acusados de insensatez e, de acordo com a compreensão divina, merecem repreensão ocasional por seus atos tolos. Ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Anjo.*

"O poeta, neste versículo, não tencionava lançar os anjos no descrédito. Ele meramente desejava exaltar a perfeição de Deus. Assim, ao aparecer no horizonte o sol brilha mais que o brilho dos planetas e das constelações" (Samuel Terrien, *in loc.*).

Se Deus acusa os anjos divinos de insensatez, quanto mais encontrará Ele falta no homem que é frágil e mortal? O homem é um modelo de defeitos e pecados. Diariamente, o homem aparece como um insensato. Sua justiça é apenas um fingimento, e sua conversa piedosa não passa de arrogância. Deus nem ao menos pode confiar em Seus santos anjos, quanto mais no homem desviado, o pecador mortal. Cf. Jó 15.14-16 e 25.4,5, onde sentimentos similares são expressos e idéias são adicionadas.

Alguns intérpretes, contudo, fazem o vs. 18 referir-se aos *anjos caídos,* mas isso é contra o intuito do autor sacro. Até os elevados, santos, poderosos e inteligentes anjos, que estão a serviço do Rei, são cheios de defeitos e insensatez, quanto mais o homem! Comparar ou contrastar os anjos caídos ao homem dificilmente serviria aos propósitos do autor sagrado. Os anjos não merecem *confiança,* no sentido mais pleno; e menos confiança ainda merecem os homens.

4.19

Quanto mais àqueles que habitam em casas de barro. *A Fragilidade Humana é Descrita.* Enquanto os anjos habitam na glória e Deus habita em Seu trono augusto, o humilde homem reside em ridículas casas de barro, que ele mesmo constrói. Assim é salientada sua pobreza de espírito. Ele é uma criatura dotada de pouco intelecto e de visão deficiente, e a cabana de barro exibe sua pobreza de espírito. O humilde homem vem do barro e ao barro retorna. Até os insetos são capazes de destruir a substância do homem e esmagar-lhe a vida. Mas alguns estudiosos acham que devemos entender aqui que "o homem é esmagado como a traça". O homem é como um inseto que é pisado pela sorte e reduzido a um *mingau.*

Cujo fundamento está no pó. Temos aqui uma referência à humilde origem do homem, porquanto ele é feito do pó da terra. Ver Gên. 2.7; 3.17; Eclesiastes 12.7. Alguns estudiosos vêem nisso um sentido moral: o homem está na lama moral e espiritual, visto que veio, literalmente, do pó da terra. Embora o autor, sem dúvida alguma, acreditasse nisso, é duvidoso que esse seja o sentido da passagem.

"O homem é tão frágil que até uma traça pode destruí-lo" (Ellicott, *in loc.*). Isso implica seu estado humilde e pecaminoso, e como ele, cheio de iniqüidade, merece o duro tratamento que recebe da mão divina. O menor acidente pode matar um homem. Além disso, o homem é tão fraco moralmente como é fraco fisicamente. Assim, eram ridículos os protestos de Jó de que ela era inocente, bem como era intolerável sua arrogância.

"Jó deveria adotar uma atitude de humildade, em vez de rebelar-se contra a vontade divina" (*Oxford Annotated Bible,* comentando sobre o vs. 18).

4.20

Nascem de manhã, e à tarde são destruídos. *Continuam as Descrições sobre a Fragilidade Humana.* Um homem levanta-se pela manhã, sentindo-se muito bem e em ótimas condições de saúde. Mas à tarde pode estar morto. Um animal selvagem o ataca; ou ele sofre algum tolo acidente. Até uma simples enfermidade pode matar um homem em um único dia. O pobre sujeito, que pensa ser algo grande, morre tão rápida e ridiculamente; e quando morre, outros homens nem notam a sua morte, nem sentem falta dele. Um homem é apenas

Um tolo de cabeça oca
A caminho de sua morte poeirenta.

(Russell Champlin)

Sabemos bem, com base na experiência, que os homens se iludem e correm para a ruína, quando imaginam que permanecerão para sempre sobre a terra.

(João Calvino)

Ninguém, entre os mortais, dá atenção à sua própria morte iminente, nem dá muita atenção à morte de outrem.

(Ewald)

Pois todos os nossos dias se passam na tua ira; acabam-se os nossos anos como um breve pensamento.

(Salmo 90.9)

Perece o justo, e não há quem se impressione com isso.

(Isaías 57.1)

Perecem para sempre. Alguns intérpretes, erroneamente, fazem a alma entrar no quadro. Mas o poeta estava falando sobre o homem mortal, sua morte e a breve duração da vida humana, não sobre o perecimento da alma em algum lugar imaterial. Essa doutrina, na qual a alma é condenada em algum lugar imaterial, não fazia parte da teologia patriarcal e, de fato, nem é delineada no Antigo Testamento. Só entrou na teologia dos hebreus nos livros pseudepígrafos, escritos durante o período intertestamentário, isto é, nos 400 anos de silêncio divino, e muito mais ainda se desenvolveu no Novo Testamento. Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Julgamentos dos Homens Perdidos.*

4.21

Se se lhes corta o fio da vida. As *cordas da tenda* são os meios pelos quais a tenda é mantida em posição, para que permaneça funcional. Se essas cordas forem cortadas do chão, onde são seguradas por estacas, a tenda ruirá. Um homem também é assim. Sua vida é mantida por coisas deveras frágeis. Seu corpo é um estudo virtual em precariedade. As veias de seu cérebro, tão importantes, são extremamente finas e fracas. Se uma delas se romper, ele estará morto. Ou um coágulo de sangue entope uma dessas veias, e tal homem ficará paralisado pelo resto de sua vida. Seu coração é uma bomba delicada que des-

cansa entre cada batida, mas não são necessários muitos anos para que o coração fique inteiramente exausto. Além disso, há aquelas horrendas enfermidades e acidentes que dão a um homem uma morte instantânea ou, pelo menos, apressam o processo.

O homem era um tolo e morreu como um tolo. Ele nunca atingiu a sabedoria, que era um dos principais propósitos da vida. Vivia para o "eu" e para as coisas materiais. Ele esqueceu Deus, e Deus, finalmente, o esqueceu.

"As pessoas perecem, morrendo sem chamar a atenção de outras e *sem sabedoria.* Morrer sem haver encontrado a sabedoria era o *desastre final* nos países do Oriente Próximo e Médio. Essas palavras, proferidas por um antagonista que se fez amigável, não são sutis. A casa de Jó não estava segura. Ele era como material de construção espalhado e esmagado no chão como traça. Sua vida estava estragada e sem firmeza, como uma tenda que cai quando suas cordas são afrouxadas (cf. Jó 5.24; 8.22; 15.34). De acordo com Elifaz, Jó definitivamente não era um homem sábio... Pois era óbvio que Jó estava sofrendo por ser um pecador" (Roy B. Zuck, *in loc.*).

As coisas eram conforme diziam os gregos:

> *Quão tolos são esses mortais!*
> *A maioria nunca tem o direito ao seu lado.*
>
> *Os tolos formam uma terrível e avassaladora maioria,*
> *Por todo o vasto mundo.*
>
> (Henry Ibsen)

Se se lhes corta. O trecho hebraico envolvido pode ter o significado de cortas a corda da tenda, mas também pode apontar para a *preeminência* ou para a *excelência.* Nesse caso, o poeta quer dar a entender que a excelência humana de nada vale. Tal excelência perece juntamente com o homem. "Excelência, beleza pessoal, força física, eloqüência poderosa e várias vantagens mentais. Todas essas coisas passam... Não mais são vistas ou ouvidas entre os homens. A memória delas perece com a memória daqueles que morrem" (Adam Clarke, *in loc.*).

Quanto a um sumário dos elementos da mensagem do espírito que assustara a Elifaz, ver a exposição na introdução ao vs. 17.

Capítulo Cinco

Continua o Discurso de Elifaz. Ver a introdução à seção, que também serve para iniciar os discursos dos três amigos de Jó, no começo do capítulo 4.

O Fruto da Obstinação (5.1-7)

Jó, ao insistir sobre a sua inocência, não provou ser puro, mas, na opinião de Elifaz, apenas adicionou ao seu já considerável estoque de pecados a obstinação, parente da rebeldia. Portanto, mais ainda se tornou objeto do desprazer divino, fazendo com que seus sofrimentos aumentassem, se isso fosse possível.

Elifaz havia observado a dureza de Jó, que recusava render-se à razão e arrepender-se. Um homem piedoso teria reconhecido suas falhas e, há muito, ter-se-ia inclinado, submisso, diante de Deus (Jó 4.2-6). Sob a superfície de uma alegada *integridade,* ali jazia a iniqüidade (Jó 4.7-11). Os próprios santos anjos são censurados pelo olho penetrante de Deus, quanto mais os homens humildes, mortais e miseráveis (Jó 4.12-21). Jó, incapaz de impulsionar-se a interceder diante de Deus, só podia usar mediadores (Jó 5.1-5), e isso seria melhor do que sua atitude obstinada, até este ponto da história. Ver na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* o artigo chamado *Mediação (Mediador).* Entretanto, Elifaz não tinha fé em tal ministério e já havia lançado dúvida sobre quão apropriada era a mediação angelical (ver Jó 4.18). Jó não tiraria proveito se seres "insensatos" intercedessem por ele. Elifaz pensava que Jó poderia ter-se inclinado diante de tais seres e, assim, destacou a questão no vs. 1 deste capítulo.

5.1

Chama agora! Haverá alguém que te atenda? Jó pode ter deixado de orar a Deus e expressar seu arrependimento, porquanto tolamente tentou conseguir ajuda da mediação angelical, o que teria sido um ato tolo, porquanto Deus acusava até aqueles seres augustos com "imperfeições" (Jó 4.18).

O discurso do primeiro amigo de Jó tornou-se irônico: "Qual dos santos anjos dar-te-ia atenção, e qual deles seria eficaz perante o elevado Deus e far-te-ia qualquer bem?". Os "santos", sem dúvida, são os mesmos anjos de Jó 4.18. Cf. Jó 15.15; Zac. 14.5 e Dan. 8.13.

Avança e chama. Vê se existe algum ser além de Deus que seja capaz de ajudar-te. Seja como for, para qual dos elevados anjos te voltarias? E, mesmo que te voltasses para tal ser, poderia ele fazer-te algum bem? O caso é claro. Não há intermediário para ti. Assim sendo, vai diretamente a Deus, confessa teus pecados e arrepende-te. Então terás alívio do teu sofrimento.

Desenvolvimentos Teológicos. "A idéia de *anjos intercessores* bem pode constituir o primeiro sinal de uma tendência dos pensamentos que levarão à visão do Mediador (Jó 9.33), da Testemunha celestial (Jó 16.19) e, finalmente, do Redentor (Jó 19.25)" (Samuel Terrien). Foi assim que os discursos levaram à antecipação de uma figura messiânica, que os cristãos aplicam a Jesus Cristo.

Este versículo provavelmente subentende que, ainda que a *mediação angelical* estivesse disponível e passível de uso, um pecador notório como Jó não seria beneficiado por seu concurso. Não estão em vista os santos (humanos) que já se foram deste mundo, embora *alguns* intérpretes católicos romanos tenham usado Jó 5.1 como apoio às orações feitas aos santos mortos.

5.2

Porque a ira do louco o destrói. Aqui Jó é chamado (indiretamente) de *louco.* A ira de Deus mata loucos como Jó. Ele só podia esperar que seu sofrimento prosseguisse à conclusão lógica da *morte.* O zelo ou inveja também é um agente matador. Aqui temos o Deus zeloso que defende Sua honra contra pecadores blasfemos. Jó se estabelecera como seu próprio deus e, assim sendo, era culpado da mais vil idolatria. Quanto ao *Deus ciumento,* ver a exposição em Deu. 4.24; 5.9; 6.15 e 32.26,21. Alguns intérpretes aplicam esse ciúme, ou zelo, ao próprio Jó. Ele era um homem zeloso de suas próprias boas obras, realizações e qualidades espirituais. Isso o teria cegado para a verdade da questão. Jó era um homem "... quente, apaixonado, irado contra Deus, invejoso diante da prosperidade alheia, insensato... tudo o que serviria para sua própria ruína" (John Gill, *in loc.*). Portanto, independentemente de ser inveja divina ou humana, essa atitude contribuiria para pôr fim à vida de Jó.

A inveja humana é a podridão dos ossos (Pro. 14.30). Ver no *Dicionário* o detalhado artigo chamado *Inveja.*

5.3

Bem vi eu o louco lançar raízes. *Os ímpios prosperam,* por algum tempo. Elifaz observara como os tolos prosperam e lançam raízes no solo, como se fossem viver para sempre. Contudo, ele também perceber como a calamidade, súbita e inesperada, os arrebata da face da terra. Ele vira Jó seguindo a mesma vereda destruidora, e, por isso, o estava avisando. A calamidade do louco é então transferida para seus filhos, conforme passa a afirmar o vs. 4. Cf. este versículo com Jer. 12.2 e Sal. 27.35,36. Vimos e comentamos tais sentimentos em Jó 4.9,19. Ver Jer. 17.8 e Sal. 37.35,36. Elifaz julgou que, no caso de Jó, haveria alguma *podridão secreta.* Ele era a vítima culpada de uma sábia ira de Deus. O Juiz justo estava ocupado em *atos retributivos.* Elifaz contava com uma única resposta que ele pensava aplicar-se universalmente a todos os casos de sofrimento. Sua teologia era deficiente. No sofrimento humano, há mais fatos em operação do que a *Lei Moral da Colheita segundo a Semeadura* (ver a respeito no *Dicionário*).

5.4

Seus filhos estão longe do socorro. *Os loucos ferem seus próprios filhos,* porque sua calamidade, como é natural, também os esmaga. Eles participam do julgamento que sobrevém a seus pais e, sendo pecadores em si mesmos, adicionam combustível à fogueira. O Antigo Testamento encerra tanto a idéia de que os filhos dos ímpios sofrem, por causa dos pecados dos pais, *como também* a idéia de que os filhos podem sofrer somente por seus próprios pecados. Quanto a sofrer ou morrer pelos pecados dos pais, ver Êxo. 20.5 e Núm. 14.18. Naturalmente, devemos lembrar que, de acordo com a primitiva teologia dos hebreus, não estamos tratando, nestes versículos, com a alma imaterial, mas tão-somente com as calamidades terrenas que, com freqüência, resultam na morte biológica. Por certo, neste versículo do livro de Jó, não estamos falando de um julgamento de além-túmulo, em alguma dimensão espiritual, seja de forma positiva, seja de forma negativa. As doutrinas do céu e do inferno só foram enfocadas nos livros pseudepígrafos e apócrifos, quando a teologia dos hebreus avançou. Além disso, no Novo Testamento, tais idéias foram ainda mais elaboradas.

"Não importa o quanto o insensato pareça prosperar pelo momento, pois a maldição é rápida e lhe sobrevém de súbito, e todos os outros homens observam o que acontece. Sua casa é destruída, seus filhos são oprimidos, seus campos são tomados e confiscados, suas cercas são derrubadas, e suas riquezas tornam-se meras iscas para os cobiçosos" (Paul Scherer, *in loc.*).

Às portas. A teologia judaica posterior fez com que versículos tais como Êxo. 20.5; Núm. 14.18; Eze. 18.20 e o presente versículo fossem aplicados ao julgamento espiritual, depois da morte biológica. E, naturalmente, os teólogos cristãos deram prosseguimento a essa atividade. Tal interpretação, entretanto, é anacrônica. O Targum diz aqui: "... são esmagados nas portas do inferno, no dia

do grande julgamento", um exemplo daquilo de que estou falando. As portas da fazenda ou da cidade de alguém tornam-se a "porta do inferno". A porta era um lugar de ações judiciais (ver Jó 22.10; Sal. 127.5; Pro. 22.22; Gên. 23.10 e Deu. 21.19). Os filhos dos loucos seriam perseguidos pela lei e pelos atos judiciais. Sofreriam a destruição formal e legal, bem como a perda pessoal da parte de certo número de calamidades.

5.5

A sua messe o faminto a devora. Os bens materiais de um homem ímpio são cobiçados pelos observadores invejosos, que espreitam as calamidades que o atingem. Esses observadores arrebatam suas terras; pilham sua colheita; e até obtém algo de vantajoso de seus "espinhos", isto é, de fontes inesperadas de riquezas. O hebraico original, neste ponto, é obscuro, o que leva os intérpretes a conjecturar o que está em pauta. Alguns estudiosos vêem aqui uma "cerca de espinhos", que foi plantada pelo insensato para proteger suas uvas e suas plantações. Os opressores não têm a menor dificuldade em passar por tais barreiras. O Targum e a Vulgata armam homens (exércitos pequenos, particulares, ou grupos de saques) que atacam as plantações de um homem pobre. Os *bandidos do deserto* reduzem a nada o insensato e tornam-se, assim, agentes de Deus, que efetua um justo julgamento.

É provável que Elifaz tivesse aludido à perda das riquezas de Jó, quando os sabeus tomaram seu gado e mataram seus servos (Jó 1.15). Ele pensava que um homem inocente não poderia sofrer essas desgraças, e que os sabeus foram instrumentos divinos das aflições de Jó.

5.6

Porque a aflição não vem do pó. *As Aflições Nunca Acontecem de Maneira Simplista.* Elas não se *originam do solo,* como se fossem planta daninha gerada de alguma semente carregada pelo vento para aquele trecho da terra. Existem causas para tristeza e dor, e Elifaz encontra essas causas *no homem.* É assim que os ímpios são punidos com justiça, por serem *fontes originárias* do mal. E que não se culpe a sorte! Nem se culpe o mero acaso! dizem os críticos. "Os homens mesmos são a causa, e, se você está sofrendo, então você é o culpado!" Naturalmente, males como os dilúvios, os terremotos, os desastres, os acidentes, as enfermidades e a morte natural, por assim dizer, parecem originar-se do solo, porquanto, em muitos casos, não podemos atribuir-lhes causas morais. É provável que Elifaz tomasse um terremoto, por exemplo, resultado da iniqüidade moral dos homens. O problema do mal consiste nessas *duas* categorias latas, os males morais (coisas que derivam da desumanidade do homem contra o homem) e os males naturais (abusos e desastres da natureza independentes da vontade humana). Ver a quinta seção da *Introdução* ao livro de Jó, e no *Dicionário* o artigo intitulado *Problema do Mal.*

É *do solo* que vem o sustento do homem, por meio da agricultura. Do solo vem também a água necessária. O solo é a origem dos metais que os homens usam para fabricar instrumentos. Ele abençoa, e não amaldiçoa. O homem é a fonte das maldições.

"Não é de meras causas naturais que nos chegam as aflições e tribulações. A justiça de Deus é que as inflige contra o homem ofensor" (Adam Clarke, *in loc.*).

O presente versículo foi impresso como título de um jornal parisiense no dia em que Hitler invadiu a cidade de Paris, durante a Segunda Guerra Mundial. O que aconteceu naquele dia não foi resultado de causas naturais nem veio da sorte: veio de Hitler, um dos grandes monstros humanos da história.

5.7

Mas o homem nasce para o enfado. Este breve versículo é um dos mais conhecidos do livro de Jó. Expressa a desgraça humana com suas múltiplas tribulações, reveses e desastres. As calamidades são tantas, que parecem fagulhas subindo de uma fogueira crepitante. O homem, pois, nasce para tais calamidades. Elas fazem parte da condição humana, da qual todos os seres humanos participam. Essas inúmeras aflições, Elifaz atribuía ao próprio homem.

A fonte de todas as guerras, a origem de todos os males, jaz em nós mesmos.

(Pierre Lecomte Du Nouy)

O homem chega neste mundo como um ser corrupto, ansioso por *azedar* e complicar o que poderia ser uma boa vida. Sendo pecador, o homem peca e continua pecando. E então começa a colher os resultados de sua insensata semeadura, mas continua a semear. Ele deixa claro que arruína a sua própria vida. É um autêntico caso de suicídio.

O destino não é uma questão de chance.
É uma questão de escolha.

(William Jennings Bryan)

Os jovens pensam que os idosos são tolos.
Os idosos sabem que os jovens são tolos.

(George Champman)

Cada homem é o arquiteto de sua própria fortuna.

(Appius Claudius)

Os *maus hábitos,* cultivados cuidadosamente através dos anos, são como tropas inimigas acampadas entre um povo conquistado. Não apreciamos a presença deles, mas somos impotentes para nos livrarmos. Falamos bravamente em caçá-los. Em segredo, esforçamo-nos contra eles, mas no fim obedecemos a eles sem oferecer resistência.

Interpretações Deste Versículo. Embora tão simples, este versículo tem sido submetido a grande variedade de interpretações:

1. *Faíscas.* Um fazendeiro queima um campo para abrir espaço para o plantio. Ele acende um grande fogo. A madeira está úmida, de maneira que o calor a faz expandir-se. Ao expandir-se, a umidade explode, levantando grande quantidade de fagulhas. É conforme alguém já disse: "As fagulhas não parecem voar em outra direção, senão para cima, e isso mostra quão inevitável é a tribulação. A tribulação é incansável. Está sempre presente, tal como as fagulhas sempre sobem do fogo".
2. Em algumas versões antigas, lemos sobre *abutres* ou *águias,* em vez de "fagulhas", como possíveis traduções do termo hebraico. Essas aves de rapina, tal como as fagulhas, podem ser vistas a subir bem alto, lembrando ao homem sua existência precária. A palavra aqui traduzida por "faíscas" é, literalmente, "filhos de *resep*" e alguns estudiosos fazem essa expressão referir-se às aves de rapina.
3. Ou os *filhos de resep* podem ser uma alusão ao deus ugarítico do relâmpago, da pestilência e das chamas. Nesse caso, *poeticamente,* o autor sagrado refere-se às dificuldades que viriam sobre o homem através dos atos do hostil deus das calamidades. E, naturalmente, para compreendermos que ele merece o que obtém.

"As tribulações originam-se do pecado comum do homem, por meio da lei das conseqüências naturais, tal como as fagulhas naturalmente esvoaçam no ar, vindas do fogo lá embaixo" (Fausset, *in loc.*).

Na loja do diabo todas as coisas se vendem,
Cada grama de escória custa um quilo de ouro;
Por uma capa e sinetes pagamos com a vida,
Adquirimos bolhas com a tarefa inteira da vida.

(James Russell Lowell)

O Dever do Homem na Terra (5.8-27)

O Apelo de Elifaz (5.8-17)

5.8

Quanto a mim eu buscaria a Deus. *Remédio oferecido:* buscar a Deus com sinceridade e reverter o curso do desastre por meio do arrependimento. Era isso o que *Elifaz* se propunha a fazer, mas Jó continuava a insistir sobre a sua inocência.

Sofreste açoites e vergões
Tratamento de opróbrio e de dor
Para que curasses a minha praga,
E minha paz obtenha para sempre.

(Hino germânico)

O sofrimento pode produzir a redenção quando gera o arrependimento apropriado, como os sofrimentos de Cristo, combinados com o arrependimento humano.

"Se eu fosse você", disse Elifaz a Jó. "Está entre as ironias da vida que homens como Elifaz são os primeiros a apresentar-se como médicos da alma dos aflitos... Eles têm *carroças* cheias de conselhos a dar aos aflitos, os quais, dessa maneira, tornam-se seus monturos... Os conselhos são oferecidos sobre a suposição de que um homem, somente por ser desafortunado, deva estar em um plano moral e intelectual inferior ao de seu próspero conselheiro... Como tais homens se avantajam de sua posição!" (James Mckechnis, em seu livro, *Job, Moral Hero*).

Cf. Isa. 8.19; 9.13; Amós 5.8; I Crô. 22.19, que também exortam ao homem que busque a Deus para remediar os seus problemas.

5.9

Ele faz cousas grandes e inescrutáveis. Elifaz continuava seu apelo para Jó agir, buscando Deus da ma maneira certa e abandonando as tolas pretensões de inocência. "*Deus é poderoso* para ajudá-lo; considere ao menos o que Ele tem feito." Ele tinha feito um sem-número de coisas maravilhosas. "Seu caso não é difícil demais para Ele. É desesperador, mas não impossível. Que seu próprio desespero dirija a sua mente para o Deus que opera maravilhas".

O magnânimo Desespero somente
Poderia ter-me mostrado algo tão divino.
Onde a débil Esperança jamais alçaria vôo,
Mas somente agitaria suas asas diáfanas.

(Andrew Marvell)

"Os vss. 9-11 formam uma *doxologia* que justifica a idéia de um apelo à deidade, descrevendo Seu poder e Sua justiça. O vs. 9 é quase idêntico a Jó 9.10 e pode ser uma interpolação colocada neste local" (Samuel Terrien, *in loc.*). Cf. os vss. 9-16 com Luc. 1.46-55.

"Nenhuma obra, por mais complicada que seja, é profunda demais para Ele traçar o Seu *plano*. Nenhuma obra, por mais estupenda que seja, é grande demais para Ele *executar* o Seu poder. Aquele que é reto está sempre seguro ao entregar Sua causa a Deus e Nele confiar" (Adam Clarke, *in loc.*). O Deus que tem feito maravilhas na natureza, que realiza feitos grandes, e até insondáveis e nunca imaginados, certamente pode resolver os pequenos problemas do homem.

Inescrutáveis. "... as coisas da natureza, muitas das quais são um quebra-cabeça até para os maiores filósofos, os quais são incapazes, a despeito de toda a sua sagacidade, de descobrir suas causas e razões" (John Gill, *in loc.*). O Deus que planejou e executou a criação da própria natureza tem os recursos para resolver os problemas de Suas criaturas. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Providência de Deus*.

5.10

Faz chover sobre a terra. Algumas das obras de Deus são *inescrutáveis*, mas outras são facilmente perceptíveis, como a chuva que é concedida providencialmente e os suprimentos de água nos rios e nos lagos. Tais coisas são necessárias para a sobrevivência humana. Podemos ver essas obras divinas todos os dias, com nossos próprios olhos e, embora tão visíveis e óbvias, ainda assim são obras grandíssimas de provisão, da parte do Pai celeste, o qual controla todas as coisas. Tal Deus certamente pode solucionar os problemas de um pobre homem, *contanto que* este O busque em arrependimento.

"Elifaz aconselhou Jó a *apelar para Deus*, porque Deus é majestático, poderoso (vs. 9) e benévolo, enviando chuvas para as plantações (vs. 10). Outrossim, Deus encoraja e socorre aos abatidos e entristecidos (vs. 11). Ele também frustra os espertos (vss. 12-14) e livra o necessitado e o pobre (vss. 15-16)" (Roy B. Zuck, *in loc.*).

Pela providência divina, a chuva cai sobre toda a terra. A chuva não respeita um país ou um agricultor. É universal e ilustra a *universalidade* da providência divina. Portanto, Jó era candidato a receber as bênçãos e a intervenção divina.

Cf. a declaração de Jesus, em Mat. 5.45: "para que vos torneis filhos do vosso Pai celeste, porque ele faz nascer o seu sol sobre maus e bons e vir chuvas sobre justos e injustos".

5.11

Para pôr os abatidos num lugar alto. São exatamente os *humildes* que precisam ser elevados, e os que *choram* que precisam ser consolados. Por conseguinte, Deus cuida de casos difíceis e até desesperadores. Jó não estava fora do alcance da mão divina, a menos que continuasse em sua atitude de rebeldia, recusando-se a confessar sua culpa. O homem humilde torna-se grande quando a providência de Deus exerce controle sobre ele. Aquele que chora é exaltado e cheio de alegria, porque o poder de Deus é suficiente para essa operação. Estamos tratando com um Deus que trabalha e *faz grandes reversões e surpresas*. Quão agradável é sermos objetos de uma surpresa divina! Surpresa! Oh, Senhor, concede-nos tal graça.

"... a exaltação do homem deve vir da parte de Deus, não de seus próprios esforços pessoais. Cf. Sal. 75.4-10 e a oração de Ana, em I Sam. 2.6-8. Ver também Sal. 113.7" (Ellicott, *in loc.*).

Os atos providenciais de Deus são distribuídos por um Poder imparcial. Elohim é o Pai de todas as humildes criaturas da terra. Ele eleva os humildes e rebaixa os orgulhosos (Luc. 1.53). Jó, por conseguinte, teria de abandonar sua arrogância, se quisesse ganhar alguma coisa da mão divina.

5.12-13

Ele frustra as maquinações dos astutos. *As surpresas e reversões* de Deus também se aplicam aos astutos, que imaginam coisas más e as põem em prática quando obtêm uma chance. Os planos dos indivíduos astuciosos são anulados, e seus atos são revertidos. Sem dúvida, Elifaz estava incluindo Jó entre esses homens astuciosos, hipócritas, pretensiosos e arrogantes. Tais homens só podem chegar a um mau fim, e Jó, de tão doente, não estava muito distante da calamidade última, a *morte*. A sabedoria de um indivíduo pode ter um mau uso. De fato, alguns *sábios* tornam-se *astuciosos*, e foi isso o que Elifaz supôs que tivesse acontecido no caso de Jó. O sábio regozija-se naquilo que sua sabedoria pode realizar visando o bem. Mas o astucioso fica *desapontado* em seus desígnios. Os astutos são como os construtores de Babel. A torre que estavam construindo, pensavam eles, logo lhes abriria a habitação divina. Mas foi então que houve uma reversão divina. A terra foi abandonada. O trabalho de construção cessou, e os operários foram espalhados.

A força e o erro atrapalham o homem que faz uso deles. E, em sua maior parte, essas coisas ricocheteiam na cabeça do planejador.

(Lucrécio, lib. v., vs. 1151)

Astutos. No hebraico temos a palavra *arum*, a mesma usada para descrever a serpente em Gên. 3.1.

Ele apanha os sábios na sua própria astúcia. Esta é uma das duas porções do livro de Jó citadas no Novo Testamento. A outra passagem é Jó 41.11 (ver Rom. 11.35). A sabedoria deste mundo é loucura para Deus. Homens astutos causam a própria destruição, mediante sua sabedoria mal aplicada, que se transforma em astúcia. A providência de Deus arranja de tal modo os eventos que os planejadores astutos são prejudicados. Ilustrando o presente texto, Paul Scherer (*in loc.*) conta sobre homens ricos e poderosos, na cidade de Chicago, nos Estados Unidos, que controlavam mais riquezas do que o governo federal americano obtinha com a cobrança de impostos! No entanto, veja o leitor o que aconteceu. Sete daqueles homens poderosos morreram na pobreza. Outros foram, finalmente, aprisionados, e alguns deles cometeram suicídio. E foi assim que certos homens astutos foram destruídos por sua própria astúcia.

Os egípcios, que perseguiram Israel, a fim de destruí-lo, foram, eles mesmos, destruídos. Para Israel, entretanto, as águas do mar se abriram. Mas para os egípcios, as águas se fecharam. José foi vendido para o Egito, mas tornou-se o primeiro-ministro do faraó. Seus irmãos, que receberam o dinheiro de sua venda, terminaram famintos. Hamã foi enforcado (ou empalado) no próprio instrumento que tinha preparado para eliminar Mordecai (ver Est. 5.14; 7.10).

5.14

Eles de dia encontram as trevas. Os *ímpios* encontram as trevas em pleno meio-dia. O tempo da luz, para os justos, é mais do que noite para o pecador. A iluminação é sinal de espiritualidade. Os ímpios se distinguem por suas trevas e ignorância. Jó agia como um homem iluminado e sábio, mas, para Elifaz, Jó estaria habitando na noite da ignorância e da rebeldia.

O Ímpio Tateia ao Meio-dia. Cf. Isa. 59.10; Deu. 28.29. "Em vívida metáfora, Elifaz estabelece a sorte daqueles que 'conspiram contra o Senhor' (Sal. 2.1-5). A cegueira deles é uma espécie de cegueira judicial que feriu 'aos que estavam fora' (Gên. 19.11) da casa de Ló, em Sodoma. Essa cegueira também feriu o coração do faraó (Êxo. 8.15,19; 9.12). Atingiu a patrulha do rei da Síria, diante das palavras do profeta Eliseu (II Reis 6.18). E cegou os políticos e 'sábios' dos dias de Isaías (Isa. 31.2). É dessa maneira que a luz de Deus se transmuta em trevas. Leia de novo a terrível acusação de Paulo contra o mundo dos gentios, em Rom. 1.18-32" (Paul Scherer, *in loc.*).

"Este versículo possivelmente é uma alusão à praga das trevas que atingiu o Egito, trevas tão espessas que podiam ser sentidas (Êxo. 10.21)" (Ellicott, *in loc.*). Ver João 9.39, quanto a uma clara referência à cegueira judicial, isto é, a cegueira espiritual que resulta do julgamento de Deus contra os pecadores. Ver também Atos 17.27.

Escura como o mundo do homem...
Cegos como os mil novecentos e quarenta pregos
Na cruz.

(Edith Sitwell)

5.15-16

Salva o necessitado da mão do poderoso. A Revised Standard Version diz aqui *órfão*. O pobre órfão é salvo da boca dos ímpios, porquanto tem a salvação do Senhor. Ele é salvo da mão gananciosa e violenta que se estende para fazer-

lhe mal, porquanto ele tem a salvação do Senhor. Entrementes, os "sábios", que, na realidade, são hipócritas, perecem através de vários instrumentos de punição de Yahweh. A palavra "boca", usada no vs. 15, significa as calúnias e as ameaças dos ímpios que oprimem a seus semelhantes. A *espada* pode ser a *justiça vingadora* das autoridades civis, mas nisso a justiça é pervertida. Os inocentes sofrem e são executados pelos indivíduos ímpios e desarrazoados. O autor falava de grandes injustiças sociais, não apenas de injustiças pessoais. Cf. Sal. 57.4 e 59.7, quanto às metáforas da *boca* e da *espada*.

5.17

Bem-aventurado é o homem. Deus corrige *todos* os homens, porque todos são culpados diante Dele. O autor sacro toma a posição de Rom. 3.23: "Pois todos pecaram e carecem da glória de Deus". Jó, sem dúvida, concordaria com esse parecer. Ele não se considerava livre de pecado. Tão-somente negava que seu *imenso sofrimento* resultava de sua própria iniqüidade. Seu registro era bom. Ele não merecia os sofrimentos que estava experimentando. De fato, ele sofria sem causa aparente (Jó 2.3), tal e qual Yahweh tinha declarado. Elifaz, entretanto, não era capaz de entender o princípio pelo qual os inocentes podem sofrer. Ele oferecia *felicidade* (bem-estar geral) ao indivíduo arrependido e esperava que Jó fosse esse homem. Ele não oferecia esperança e não tinha explicações para os inocentes que sofrem.

Para a *correção feliz* aplicada por Yahweh ou Elohim (o nome divino usado no presente texto), cf. Sal. 94.12 e Heb. 12.5-13, breve homilia sobre o assunto. Ver também Tia. 1.12. Afinal, os *filhos* são corrigidos para seu próprio bem. O sofrimento pode agir como *disciplina*, outra resposta para o problema do mal. Até um homem inocente pode sofrer, se isso for uma medida de disciplina espiritual. Naturalmente, Elifaz não estava advogando *somente* disciplina. Ele defendia a idéia de que a correção do pecador pode servir *também* de disciplina, e não de mera retribuição. Naturalmente, isso abriga alguma verdade, mas mesmo assim não explica o caso de Jó. Ele não estava sendo disciplinado. Ver *Problema do Mal*, a quinta seção da *Introdução* ao livro, e o verbete com esse título no *Dicionário*.

A *disciplina* não deve ser desprezada nem rejeitada, e não devemos ressentir-nos de sua aplicação. Esta porção do presente versículo é diretamente paralela a Pro. 3.11. O homem não deve agir como uma *criança* rebelde; também não deve ser infantil quando o Pai celeste lhe envia alguma provação, a fim de disciplinálo. Ele deve aprender suas lições com alegria e confiança. Se o sofredor rejeitar seu teste de retribuição e disciplina, acabará perecendo (ver Jó 4.7-11). Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Disciplina*, quanto a explicações detalhadas.

Bem-aventurado. Este vocábulo deriva-se de uma palavra hebraica que significa "estender-se", "atingir um alvo distante", "andar energicamente na direção de algo". Em seu *andar*, um homem é impelido em seu caminho e, ao atingir a razão para o curso de sua vida, ele se mostra eufórico. Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Andar*.

Todo-poderoso. O Deus Todo-poderoso sabe o que está fazendo. Sua retribuição e sua disciplina são justas e bem-intencionadas. Ele usa Seu poder para aprimorar Seus filhos, não para prejudicá-los. Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Todo-poderoso*.

Promessas aos Arrependidos (5.18-27)

Elifaz fez a Jó uma *oferta atrativa*. Se ele se arrependesse de seus pecados, encontraria um *Deus benévolo*, que reverteria todos os seus sofrimentos e toda a sua perda. Todas as espécies de coisas boas foram prometidas: curas das feridas (vs. 18); escape do mal presente e do futuro (vss. 19-22); prosperidade (vs. 23 e 24); posteridade (vs. 25); vida longa (vs. 26); bem geral (vs. 27). A oferta foi bela e, ao que se pode presumir, Elifaz foi o porta-voz de Elohim. O que ele disse era atrativo, mas não se adaptava ao caso de Jó.

5.18

Porque ele faz a ferida e ele mesmo a ata. Jó estava todo ferido, física e mentalmente. *Deus*, conforme Elifaz reafirmava, infligira-lhe aqueles ferimentos, e assim poderia curá-los e tornar Jó novamente são. A Jó cabia remover a *causa*, isto é, o pecado, oculto ou conhecido. Os críticos de Jó enfatizaram o dever do homem para com Deus. Um homem nada representa e está sob a ira de Deus, a menos que satisfaça às condições da autêntica santidade. Elifaz insistiu sobre sua tese: a lei da colheita segundo a semeadura. Sua mente não podia sair dos estreitos limites desse raciocínio. Ele havia simplificado o problema do mal, possibilitando, assim, apenas duas respostas: *retribuição* contra o pecado, e *disciplina*. Mas tendo ele falado sobre essas coisas, ainda havia enigmas no problema do sofrimento humano. Os *sofrimentos de Jó* continuavam enigmáticos.

Cf. este versículo com Deu. 32.39; Osé. 6.1 e I Sam. 2.6, que emitem sentimentos similares.

"Como um cirurgião explorador, Deus faz um ferimento ainda maior, mediante sondagens, abrindo mais ainda a ferida, para que a matéria estranha saia e se possa aplicar o medicamento" (John Gill, *in loc.*).

A *teologia dos hebreus*, durante muitos séculos, desprezou a cura dos médicos e referiu-se a Yahweh como o único curador legítimo. No campo físico, isso era um exagero, embora no campo espiritual seja uma verdade óbvia.

5.19

De seis angústias te livrará, e na sétima... *Total livramento da tribulação* é o significado das sete provas que podem ser anuladas pelo poder divino. Quando falamos sobre Deus, estamos falando de um poder ilimitado que oferece livramento de uma ou de todas as formas de aflição.

> Se teu corpo sofre dor e tua saúde não podes recuperar,
> *E tua alma quase se afunda no desespero.*
> *Jesus sabe a dor que sentes, Ele pode salvar-te e curar-te*
> *Leva tua carga ao Senhor, e deixa-a com Ele.*
>
> (C. Albert Tindley)

Sete. Número da perfeição e de um estado completo. Assim sendo, toda a espécie de provação pode afligir-nos, mas o poder divino é suficiente para suprir todos os tipos de cura e reverter qualquer sofrimento. Alguns intérpretes pensam que Jó sofreu *sete* tipos específicos de provação, ou então que Elifaz tinha em vista sete tipos particulares de aflição, mas essas interpretações são fantasiosas. Devemos entender metaforicamente o número *sete*. Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Número (Numeral, Numerologia)*, quanto aos significados dos números e a importância que a Bíblia empresta a eles.

"Deus salva igualmente de *muitos*, tanto quanto de *poucos*" (Adam Clarke, *in loc.*). O Senhor nos livra de *todas* as tribulações (ver Sal. 34.6,15,17,19). Ver também Pro. 6.16; 30.15,18,21, quanto a expressões similares que envolvem números.

O mal te não tocará. Esta é uma grande promessa, similar a Sal. 91.10,11, que diz:

> *Nenhum mal te sucederá, praga nenhuma chegará à tua tenda. Porque aos seus anjos dará ordens a teu respeito, para que te guardem em todos os teus caminhos.*

5.20

Na fome te livrará da morte... na guerra. Estes são dois grandes males sociais e universais que matam as massas populares: a fome e a guerra. A despeito de todo o nosso progresso e tecnologia, o mundo moderno está repleto destes males. Mas aquilo que mata as massas populares não tocaria em Jó, *se* ele se separasse do mundo pecaminoso, através do verdadeiro arrependimento.

> *Caiam mil ao teu lado, e dez mil, à tua direita; mas tu não serás atingido.*
>
> (Salmo 91.7)

Elifaz prometeu a Jó aquilo que ele não podia garantir. Que é mais claro do que os piedosos perecerem, juntamente com os pecadores, nos desastres naturais? Um ônibus cheio de evangélicos sofre um desastre na estrada, e muitos crentes são mortos. O avião que transportava o Coro do Tabernáculo Mórmon (muitos anos atrás) caiu e matou a muitos deles. Um pastor e a sua filha missionária foram, tola e ridiculamente, sepultados, no automóvel deles, por uma avalancha de neve que, de súbito, os apanhou no caminho. E considere isto o leitor! Eles estavam a caminho da igreja, para que ela pudesse fazer seu apelo missionário. No entanto, naquele carro miserável, foram ambos esmagados. Caros leitores, a lista é interminável. Então indagamos: "Por que os homens sofrem, e por que sofrem como sofrem?". E também perguntamos: "Por que os inocentes sofrem?". A retribuição e a disciplina, *brinquedos* de Elifaz, não eram adequados no caso de Jó.

5.21

Do açoite da língua estarás abrigado. Elifaz retornou agora à língua caluniadora, condenatória e injuriosa dos ímpios que oprimem a outros. Ver o vs. 15. Os ímpios falam de maneira ameaçadora e então cumprem suas ameaças contra outras pessoas. Algumas vezes eles operam mesmo através dos sistemas judiciários. Algumas vezes têm seus executores particulares e sempre oprimem economicamente. O mundo está cheio de ameaças contra os pobres e fracos. Elifaz chegou a pensar tolamente que um homem pobre e arrependido seria

protegido. Mas a simples observação mostra-nos que as coisas não operam desse modo neste mundo ímpio.

"Talvez nenhum mal seja mais temido do que o açoite da língua. Falar mal, detratar, caluniar, tagarelar, espalhar boatos, sussurrar e escandalizar são alguns dos termos que usamos quando queremos expressar a influência maléfica de um caluniador. Isso incendeia um mundo de fogo, que deriva do inferno... Ver Sal. 31.20; 52.2-4; Pro. 12.18; 14.3 e Tia. 3.5-8" (Adam Clarke, *in loc.*). Ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Linguagem, Uso Apropriado da.*

Alguns pensam que o caluniador, neste caso, era o próprio Satanás, o ser que estava por trás das tribulações de Jó, conforme vemos no prólogo do livro. Mas essa referência específica não parece estar em mente. O Targum refere-se à língua má de Balaão, para ilustrar o texto.

5.22

Da assolação e da fome te rirás... das feras da terra. *Três outros tipos* de perigo são anulados por Deus no caso do homem justo: forças destruidoras em geral; a fome, em particular, e as feras. Os poderes assoladores têm paralelos nos versículos anteriores. O vs. 22 menciona as ameaças destruidoras em geral. O vs. 20 já havia citado a fome; Jó 4.10 já havia falado na ameaça dos animais ferozes. Assim sendo, este versículo simplesmente repete elementos que já haviam aparecido e tinham sido comentados.

Este versículo adiciona o *riso feliz* do justo. Longe de ficar com medo, ele é capaz de minimizar os perigos, porquanto está seguro na mão divina, e uma cerca divina fora posta em torno dele. Ele tem o anjo de Deus em seu portão, em suas portas, nas janelas de sua casa (Sal. 91.11,12). Ser assim protegido traz alegria que substitui o temor. Jó estava vivendo em *temor.* Elifaz ofereceu-lhe *alegria,* como substituto pelo temor, *caso* ele se arrependesse.

O Targum espiritualiza estes versículos e faz dos animais ferozes inimigos, como certas pessoas, mencionando Ogue como exemplo. Mas o trecho, sem dúvida, fala literalmente de animais ferozes. A Palestina antiga estava infestada de animais de várias espécies, matadores de homens, pelos quais as tribos nômades eram severamente vazadas.

5.23

Porque até com pedras do campo. *Paz com a natureza,* tanto a animada quanto a inanimada, foi prometida ao homem bom que anda corretamente com Deus. O autor sagrado menciona as *pedras* para falar de qualquer ameaça natural, como os terremotos, as inundações e coisas semelhantes. Conforme Elifaz pensava, a *natureza* não atacaria jamais um homem inocente. Naturalmente, sabemos que isso não é verdade. Durante a Segunda Guerra Mundial, foi pregado um sermão que prometia aos justos que nenhuma bomba explodiria perto de suas residências; mas tal prédica não foi realista. Paulo expressou melhor ainda essa questão ao lembrar-nos dos *gemidos* e das *dores de parto* que devemos experimentar no corpo, enquanto esperamos pela redenção da alma (ver Rom. 8.19,22,23). Alguns intérpretes hebreus pensavam que as pedras referiam-se a tábuas de pedra levantadas nos campos, as quais conteriam pactos inscritos sobre elas. Nesse caso, nenhum pacto feito com o Ser divino seria quebrado. Os pactos não seriam ameaçadores para o homem bom. Mas isso parece muito fantasioso. Antes, o homem bom, por assim dizer, tem um pacto com a própria natureza, que mantém afastados os temíveis desastres naturais.

Outras interpretações são dadas às *pedras:* o homem bom não teria um campo cheio de pedras onde fosse difícil plantar. Além disso, seus inimigos, que habitavam em fortalezas de pedra e esconderijos, em cavernas e buracos nas colinas, não atacariam o homem bom. Mas *pedras* literais, como as que existem na natureza, parecem ser o que o autor sagrado entendia no texto

E então, pela *terceira vez,* o escritor fala da batalha contra as feras do campo. Ver Jó 4.10; 5.22,23. Ver Lev. 26.22, quanto à ameaça constante dos animais ferozes, bem como as notas expositivas em Jó 4.10, para maiores detalhes.

Cf. este versículo com Osé. 2.18: "Naquele dia, farei a favor dela aliança com as bestas-feras do campo, e com as aves do céu, e com os répteis da terra; e tirarei desta o arco, e a espada, e a guerra e farei o meu povo repousar em segurança".

5.24

Saberás que a paz é a tua tenda. O justo teria um *lar seguro* onde habitar. "Nenhum mal te sucederá, praga nenhuma chegará à tua tenda" (Sal. 91.10). Então, ele não sofrerá nenhum dano às suas riquezas, ou seja, a seus animais domesticados e às suas plantações. Quando ele sair para inspecionar e contar seu gado, não encontrará animais perdidos, injuriados ou doentes. Antes, reterá suas riquezas, e isso por causa da bênção de Deus.

O Targum faz da casa do homem justo um lugar para a instrução quanto à lei, um *santuário particular.* Se um homem fizer de seu lar um lugar assim, poderá esperar proteção divina especial. Adam Clarke mencionou a questão de *vizinhos hostis* como uma fonte de tribulação que interrompe a paz doméstica. A paz em um lar deve incluir bons vizinhos. Então, nenhum inimigo viria para saquear lares e aldeias. O saque inclui assassinatos, ataques sexuais e seqüestros, coisas que destroem uma família. Assaltantes, andarilhos e assassinos serão mantidos longe da habitação do justo. Isso constituía uma ameaça constante às aldeias e aos acampamentos no deserto da Palestina.

5.25

Saberás também que se multiplicará a tua descendência. Sempre foi muito importante para a mente semita que um homem gozasse de grande prosperidade. Isso fazia parte do *pacto abraâmico.* Ver sobre Gên. 15.18, quanto a um sumário das promessas feitas a Abraão, e ver especificamente Gên. 15.5. Jó, ainda recentemente, tinha perdido os seus servos e seus familiares, através dos atos violentos de saqueadores e por meio de desastres naturais. Ver Jó 1.13,18. Portanto, deve ter sido especialmente amargo para Jó ouvir falar em uma grande posteridade. O que fica implícito, naturalmente, é que Jó, o pecador, era aquele que tinha perdido a sua família. Jó, o homem bom, inocente quanto a pecados secretos, não teria sofrido tão horrendas perdas.

Como a erva da terra. Coisa alguma prospera e se espalha tanto como a erva daninha dos campos, que simboliza a fertilidade e o poder de sobrevivência. O pobre Jó foi informado de que, se ele não tivesse sido um pecador, até aquele dia sua família seria como um campo coberto de erva fértil.

Das cidades floresçam os habitantes como a erva da terra.

(Salmo 72.16)

A família do homem seria tão numerosa quanto "os espirais de erva que ninguém pode enumerar, tal como não pode enumerar as estrelas do céu ou a areia das praias do mar, mediante cuja figura de linguagem grande posteridade é, algumas vezes, expressa" (John Gill, *in loc.*). Quanto a essas figuras de linguagem, ver sobre *estrelas* (Gên. 22.17 e Êxo. 32.13) e sobre *areia* (Gên. 22.17 e I Reis 4.20).

A *relva* é uma figura de linguagem que fala da fragilidade do homem, bem como da facilidade e prontidão com que o homem perece. Ver Sal. 90.5,6; 102.4; 103.15; Isa. 40.6.8.

5.26

Em robusta velhice entrarás para a sepultura. Uma *longa vida* é desejável, quando usada de modo útil, especialmente na promoção da espiritualidade. É melhor, contudo, viver bem do que viver longos anos, mas é melhor ainda viver bem e por muitos anos. Vida longa para os justos era uma suposição semítica e uma promessa padrão. Quanto a uma vida longa como algo desejável, ver as notas sobre Gên. 5.21. Quanto a uma longa vida em resultado da observância da lei, ver Deu. 5.15; 22.6,7 e 25.15. Cf. o uso que Paulo fez dessa figura de linguagem em Efé. 6.2,3. O primeiro mandamento dado, ao qual vinculamos uma *promessa* e, nesse caso, vida longa, era a questão de honrar pai e mãe. Certamente é desejável ter uma vida longa, realizar algo de valor e estar *pronto* para morrer, e morrer com o conhecimento de que se agiu bem, tendo tido tempo para cumprir a própria missão. Oh, Senhor, concede-nos tal graça!

Você não morrerá antes do tempo. Você partirá desta vida como um convidado que comeu bem e está satisfeito. Você partirá feliz com o que tiver aprendido e feliz porque desfrutou de uma vida plena e útil. Você morrerá como aquele grão de cereal que teve a oportunidade de passar pelo curso completo do ano, a primavera, o verão, o outono e o inverno. E, tendo então caído por terra, sua história não terminará. Você levantar-se-á do pó para a vida eterna (ver I Cor. 15.42-44).

"O sepulcro não é o fim melancólico da vida, mas, antes, é a passagem para uma vida superior, para a qual o indivíduo já está maduro. 'Já agora a coroa da justiça me está guardada, a qual o Senhor, reto juiz, me dará naquele dia; e não somente a mim, mas também a todos quantos amam a sua vinda' (II Tim. 4.8)" (Ellicott, *in loc.,* que cristianizou o texto). Elifaz não esperava por uma vida além-túmulo, algo que não havia entrado ainda na teologia patriarcal.

"Ir para o sepulcro em pleno vigor, como molhos de grão de cereal, retrata lindamente uma vida vivida plenamente e pronta para terminar. Cf. Jó 42.17" (Roy B. Zuck, *in loc.*). Morrer ainda no vigor da vida é um privilégio dado a bem poucos. Elifaz pensava que o homem bom poderia esperar esse tipo de morte.

5.27

Ouve-o, e medita nisso para teu bem. Elifaz tinha *confiança em sua autoridade,* a qual ele adquirira mediante uma experiência mística incomum (ver Jó 4.13 ss.). Ele acreditava que sua experiência garantia a veracidade de seu credo, um

erro comum entre os indivíduos dogmáticos. Seja como for, ele terminou seu discurso assegurando a Jó que havia autoridade por trás de suas palavras e que Jó faria bem em assimilar e seguir o que ele lhe dissera. Essa também é uma atitude comum dos indivíduos dogmáticos que vivem *inchados* em seus credos, achando que, presumivelmente, solucionam todos os problemas no céu e na terra. Se Jó soubesse o que era melhor para ele, tomaria a sério a palavra de Elifaz e agiria de conformidade com o que ouvira da parte dele. Caso contrário, teria de adquirir sabedoria pelo caminho difícil. Soltando esse raio final, o crítico terminou o seu discurso.

Esse imperativo final tinha por finalidade deixar o sofredor com um agudo senso de inferioridade. Isso justificava, naquele que falava, a convicção quanto ao caráter rebelde de Jó. Então, de acordo com os críticos de Jó, ele de fato respondeu (capítulos 6 e 7) como se fosse um rebelado contra Deus, desconsiderando todas aquelas "sábias" palavras como não aplicáveis ao seu caso.

No tocante ao problema do mal (por que os homens sofrem e por que sofrem como sofrem), o discurso poético e, algumas vezes, eloqüente de Elifaz, ofereceu somente duas respostas comuns: *retribuição* (colheita do que o indivíduo tiver semeado) e *disciplina*. Esses fatores são importantes quanto ao *porquê* do sofrimento humano, mas outros fatores permanecem como enigmas, apesar de toda a nossa argumentação. Elifaz, pois, cometeu o erro comum dos indivíduos dogmáticos. Ele pensou ter todas as respostas embutidas em seu credo limitado.

Elifaz era um homem simples. Ele tinha duas respostas fáceis para uma pergunta muito difícil. Mas devemos lembrar que a simplicidade não é, necessariamente, sinônimo da verdade. As verdades de Deus transcendem a nossa compreensão; são profundas e elevadas demais para nós. Temos algumas respostas limitadas a respeito de determinadas coisas. Além disso, a verdade é uma *aventura* que prossegue sem parar. Não é uma realização definitiva.

Capítulo Seis

Continuamos com a *primeira* série de discursos, a fala dos três amigos de Jó e a resposta de Jó, que ocupam os capítulos 3-14 do livro. Na introdução ao capítulo 4, ofereço um sumário no tocante à série de discursos, o que não repito aqui. Ver especialmente *Circunstâncias dos Discursos*. Cada um dos críticos de Jó falou e recebeu uma resposta da parte dele. Esse ciclo ocorreu por *três vezes*, exceto pelo fato de que o terceiro amigo de Jó não apresentou um terceiro discurso. O capítulo 6 nos dá a primeira resposta de Jó ao primeiro discurso, de Elifaz. Ele não ficou convencido com os argumentos e a eloqüência de Elifaz. Seu caso, Jó acreditava, ficara sem resposta, diante da insistência de seu crítico de que a *retribuição* e a *disciplina* seriam suficientes para explicar por que os homens sofrem, e por que sofrem como sofrem. Ver sobre *Problema do Mal*, na V seção da Introdução ao livro, e ver o mesmo título no *Dicionário*.

Resposta de Jó a Elifaz (6.1 – 7.21)

O Solilóquio (6.1-20)

O Peso da Angústia (6.1-13)

Elifaz havia oferecido um discurso *ortodoxo*. Mas a ortodoxia dele não se aplicava ao caso de Jó. Sua calamidade era grande demais. Ultrapassava qualquer julgamento divino razoável, quanto a qualquer pecado secreto que ele pudesse ter praticado. Seus infortúnios tinham de estar envolvidos em fatores que ainda não tinham sido ventilados. Jó era um homem *inocente* que estava sofrendo (Jó 2.3).

6.1-2

Então Jó respondeu. "O patriarca sofredor declarou que a razão de sua queixa era que a sua *angústia*... era *pesada*. Mas, se a sua queixa fosse comparada em uma balança com a sua miséria, esta seria muito mais pesada. De fato, mais pesada do que areia molhada. Suas palavras (capítulo 3), embora aparentemente impetuosas, *nada eram*, se comparadas aos seus sofrimentos" (Roy B. Zuck, *in loc.*).

"O livro de Jó é um épico sobre a vida interior. Lutero, em certa passagem, compara o sofredor com o Enéias de Virgílio, um tipo do herói eterno, conduzido por todas as águas e oceanos, através de todas as hostilidades, até que ele se tornou um guerreiro capaz e habilidoso. Simplesmente não havia tal heroicidade em Jó. O poema é inteiramente oriental. Seus discursos ficam pendurados como pérolas, em um fio tão tênue como uma narrativa" (Paul Scherer, *in loc.*).

Uma Pesagem Divina. Jó ansiava que seu caso fosse realmente avaliado. Era uma angústia realmente pesada. Mas quem poderia julgar exatamente quão pesada ela era? As respostas fáceis de Elifaz, o indivíduo dogmático, de que Jó sofria por causa de *retribuição* (ele estava colhendo o que teria semeado) e estava sendo *disciplinado* (ele precisava sofrer para melhorar a sua espiritualidade), simplesmente não se ajustavam à *imensidão* de sua tristeza. Essa tristeza fez a balança descer até o fundo. Uma pesagem divina, e não uma pesagem humana, poderia determinar quais eram as verdadeiras razões de seu sofrimento. Elifaz tinha apresentado falsos argumentos; eloqüentes, sim, mas nem por isso, verdadeiros.

Lembretes. Quanto a uma maior compreensão do livro de Jó, tome nota dos quatro pontos a seguir:

1. O *tema principal* do livro é a adoração desinteressada. Haverá um homem capaz de continuar a adorar a Deus e dar atenção a coisas espirituais, *se* ficar demonstrado que não está obtendo nenhuma vantagem egoísta para fazê-lo? Porventura um homem promove a espiritualidade como meio de ganhar alguma vantagem para si mesmo? Ver "Ao Leitor", sob o título "A Principal Mensagem do Livro", nos comentários de Introdução, imediatamente antes da exposição a Jó 1.1. Ver também, na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia*, o artigo chamado *Egoísmo*.
2. Jó, em seus sofrimentos, tornou-se um pessimista. Ver na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* o verbete chamado *Pessimismo*.
3. O *problema do mal* é aquele que ocupa a maior parte do espaço do livro. Está intimamente relacionado ao primeiro tema da adoração desinteressada. Por conseguinte, o livro de Jó apresenta uma teodicéia. Quanto às respostas dadas, ver a Introdução ao livro, seção V, e, no *Dicionário*, o verbete chamado *Problema do Mal*.
4. O livro de Jó está fundamentado sobre uma primitiva teologia dos hebreus, que causa problemas para a mente moderna cristã. Ver Jó 1.11, quanto a um sumário para esses problemas.

6.3

Esta na verdade pesaria mais que a areia dos mares. *A areia dos mares* não apenas é infinitamente abundante, mas também se molha quando banhada pela maré. Por conseguinte, falar em seu *peso* é metáfora vívida. A *esse peso*, Jó comparou seu próprio sofrimento, por causa da pesada carga de tristeza. Jó admite que proferira *palavras precipitadas* (Revised Standard Version), quando se deixou afundar em seu pessimismo, no capítulo 3. A palavra hebraica traduzida por "precipitada" pode significar "selvagem". Talvez as reprimendas severas de seus amigos tenham levado Jó a falar de maneira um tanto descontrolada. Ver Pro. 27.3, quanto a outra referência ao peso da areia. Ali, a *ira* do homem insensato aparece como mais pesada ainda do que a areia ou a pedra. John Gill cristianizou o texto, referindo-se ao peso da glória que é dado ao crente em Cristo (II Cor. 4.17). Os protestos de Jó eram violentos por causa de seus imensos sofrimentos. "Suas palavras (capítulo 3, sua *lamentação*) foram aparentemente impetuosas, mas, em comparação com seus sofrimentos, eram como nada" (Roy B. Zuck, *in loc.*).

6.4

Porque as flechas do Todo-poderoso. *O próprio Deus*, insistiu Jó, atirava flechas envenenadas contra ele. Novamente, Jó pôs a culpa em Deus por suas tribulações. Cf. o capítulo 3. A teologia dos hebreus era fraca quanto a *causas secundárias* e terminava atribuindo a Deus todas as coisas, como se Ele fosse a única causa. O hipercalvinismo comete erro idêntico, com os mesmos resultados: Deus é a fonte até mesmo do mal. Nada dizemos porque adoramos a um Deus *voluntarista*, ou seja, um Deus cuja vontade é suprema e que não obedece às leis morais que Ele impôs aos homens. Pelo menos, essa é a armadilha na qual caiu a teologia dos hebreus e na qual o moderno hipercalvinismo também tem caído. Ver na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* o artigo chamado *Voluntarismo*. No voluntarismo, a vontade é a consideração suprema, e a razão é virtualmente nada. Os homens, segundo o voluntarismo, erram ao buscar razões para os atos de Deus. Eles simplesmente confiam em Sua vontade, sem importar se essa vontade está certa ou errada. É conforme Trasímaco, em um dos diálogos de Platão, perguntou: "Deus faz uma coisa porque está certa, ou essa coisa está certa meramente porque Ele assim a faz?". Caros leitores, o voluntarismo apresenta um Deus distorcido. Trata-se de uma teologia e de uma filosofia deficientes, independentemente de aparecerem aqui e ali nas Escrituras, tal como em Rom. 9. Cf. Jó 7.20; 16.12,13; Lam. 3.12,13, quanto a versículos similares que falam sobre "atacar a Deus".

Uma Resposta Má para o Problema do Mal. Um Deus, cheio de vontade, que faz tanto o bem quanto o mal (conforme os homens julgam a questão), controla tudo. Portanto, não nos admira o fato de que o mundo tenha tanto mal, dificuldades e tribulação. Deus é a causa do mal!

Um homem cuja esposa tinha afundado juntamente com o Titanic disse a um amigo: "Não acredito, por um momento sequer, que Deus tenha qualquer coisa que ver com isso!". "As pessoas precisam parar de acreditar em um Deus como esse" (Paul Scherer, *in loc.*).

Oh, Amor, que não me deixas ir.
Dou-Te de volta a vida que devo,
Que nas profundezas de Teu oceano, seu fluxo
Possa ser mais rico e mais pleno.

(George Matheson)

Mesmo depois de termos feito essas observações, ainda assim não solucionamos o problema do mal. Continuamos tendo grande dificuldade para dar respostas adequadas a esta pergunta: "Por que os *inocentes* sofrem?".

Além das flechas, temos os raios e os relâmpagos, os grandes e incansáveis poderes destruidores de Deus. Jó julgou-se ferido pelos repetidos raios de Deus. Sua condição era desesperadora, e ele culpava a Deus por seu desespero. Ele era ferido por dentro pelas flechas e espetado por fora pelos relâmpagos. Suas misérias eram multifacetadas e mortais.

Os terrores de Deus se arregimentam. A metáfora é a de um exército assediador. Deus se tornara como um exército hostil contra Jó, cujo caso era desesperador e sem solução. Cf. Efé. 6.11 ss., onde ataques tão maliciosos são atribuídos a Satanás. Por meio de uma teologia voluntarista, Satanás, como agente de Deus, faz a vontade Dele, quer os homens gostem, quer não. Por conseguinte, ser atacado por Satanás é ser atacado por Deus, causa única de tudo. Nenhuma *causa secundária* participa do drama.

6.5

Zurrará o jumento montês junto à relva? Os *animais*, em qualquer necessidade que tenham, fazem tremenda confusão. O jumento montês, quando lhe falta alimento, sai zurrando. O burro domesticado faz a mesma coisa, quando seu proprietário o negligencia. O boi que não recebe ração também muge e deixa seu dono louco com o ruído que faz. Assim também Jó, sofrendo como sofria, continuava gritando, e quem poderia acusá-lo? Entrementes, os amigos de Jó eram como jumentos bem alimentados. Não clamavam acerca de coisa alguma. E também não entendiam todo o barulho que Jó estava fazendo. Eram como burros gordos. De fato, eram jumentos nédios.

6.6

Comer-se-á sem sal o que é insípido? *Jó Muda Aqui a Sua Metáfora.* No versículo anterior, ele se assemelha a um animal faminto que clama por alimento. No vs. 7 ele obtém um alimento repelente, que lhe parece intragável (Revised Standard Version). Seus sofrimentos se assemelham à fome do animal faminto que protesta a cada segundo, ou como um homem que é forçado a comer alguma coisa indigesta, cujo gosto é *insuportável.* Algumas traduções só dão a idéia de comer um *ovo sem sal,* o que, afinal, não é assim tão mau. O hebraico é incerto, assim algumas traduções não se referem simplesmente ao ovo, mas a algum alimento nojento. Seja como for, a vida se tornara *intragável* para Jó. Era como uma refeição nojenta, que ninguém, no uso correto de sua mente, comeria. Seu alimento era "repulsivo e insípido" (*Oxford Annotated Bible,* comentando sobre o vs. 6). A Revised Standard Version traduz "visco de beldroega", em lugar de *ovo.* A beldroega é uma planta usada por algumas pessoas para fazer saladas, mas em muitos lugares é evitada.

O ponto destacado por Jó é que o homem precisa de alimentos decentes. Deus lhe estava servindo uma refeição repulsiva, lançando todo aquele sofrimento contra ele. Talvez, em *segundo lugar,* Jó protestasse contra os conselhos de seus amigos, idênticos a alimento sem sal e repulsivo.

Sal. Este elemento era muito valorizado no Oriente, onde se comiam muitos legumes e verduras como alimento principal. Naturalmente, o sal continua sendo muito valorizado, embora estudos científicos demonstrem que o *sal, e não o* açúcar, é o verdadeiro *vilão.* Aqueles que não consomem sal virtualmente desconhecem problemas de pressão alta e outros problemas arteriais. Mas as pessoas, mesmo sabendo disso, continuam usando sal em excesso. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Sal,* em suas aplicações metafóricas.

6.7

Aquilo que a minha alma recusava tocar. Jó não tinha apetite pela comida que Deus lhe estava servindo. Ele não queria tocar naquele alimento. Era algo *nojento* para ele. Este versículo, pois, repete essencialmente as idéias que aparecem no versículo anterior. Jó reiterou a natureza repulsiva de sua "refeição de vida". Ele preferiria passar fome e morrer a continuar participando daquela coisa horrível. "Minha enfermidade é como um alimento nauseante" (Umbreit, *in loc.*). Em outras palavras, Jó estava doente de viver, mas talvez temesse morrer. Cf. a metáfora de Sal. 42.3: "As minhas lágrimas têm sido o meu alimento".

Definitivamente, Jó *não* estava:

Buscando o alimento que ele come,
Nem estava satisfeito com o que obtinha.

(Shakespeare)

Ele se parecia com o pessimista que:

Nada tinha para fazer senão trabalho;
Nada tinha para comer senão comida;
Nada tinha para vestir senão roupas.

(Benjamim King)

Sua vida se fixara em um ciclo horrendo de atos inúteis, acompanhados por profunda tristeza.

6.8

Quem dera que se cumprisse o meu pedido. Os vss. 8-13 nos levam de volta ao desejo que Jó tinha de morrer, tão prevalecente em suas lamentações, expressas no capítulo 3. Cf. Jó 3.3-13. Em primeiro lugar, ele desejava nunca haver sido concebido; mas, se tivesse sido concebido, que tivesse passado por um aborto espontâneo; mas, se lhe faltassem essas *bênçãos,* então que tivesse nascido morto. Faltando-lhe todas essas outras bênçãos, então ele desejava ter morrido jovem, para nunca ver o dia no qual sua vida se transformara. Jó se tornara um completo pessimista. O *pessimismo* (ver a *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia*) é a crença de que a *própria vida* é má. A salvação seria o fim de toda a existência. Então, haveria paz. Nessa paz não haveria sofrimento. Penso que qualquer homem que estivesse sofrendo como Jó preferiria sofrer aniquilamento absoluto a continuar vivendo aquele tipo de vida. Jó não levantou a questão de uma vida para além do sepulcro, por meio de uma alma imaterial que sobreviveria à morte biológica. Isso refletia naturalmente uma deficiência em sua teologia patriarcal. Finalmente, ele veio a esperar uma *ressurreição* (Jó 19.25 ss.), doutrina dos hebreus que entrou em sua teologia, antes que entrasse qualquer doutrina da alma.

O meu pedido. Devemos compreender que Jó *desejava a morte* e *orava* por isso. Para ele, a morte seria uma bênção divina. E ele não esperava sobreviver à morte em alguma forma imaterial. "O tema egípcio do desejo pela morte prematura reaparece (ver o capítulo 3). Outrossim, Jó temia que, em sua tortura, ele viesse a negar as palavras do Santo (vs. 10)" (*Oxford Annotated Bible,* comentando sobre o vs. 8). Se *isso* viesse a acontecer, então ficaria provado que Satanás estava com a razão (ver Jó 2.4,5). Os homens desejam morrer quando estão em profunda aflição, mas desejar a morte não é prova de que o indivíduo esteja pronto para morrer.

Jó não estava pensando em suicídio, quase desconhecido entre os povos semitas e que não era tido como solução apropriada para as tribulações. Contudo, nada havia de tão desejável para Jó quanto a morte.

6.9

Que fosse do agrado de Deus esmagar-me. *A noite eterna* era o Seu desejo. Nada mais de estrelas para contemplar; nada mais de luz; nada mais de ciclos de manhã e tarde; não mais dia que se seguiria à noite. Novamente, a teologia de Jó não tinha lugar para uma alma imortal. A teologia dele era deficiente. Ver as notas sobre Jó 1.11, quanto aos vários problemas teológicos do livro.

Jó também clamou à divindade brutal (Eloah) que o *esmagasse* e o cortasse em pedaços, terminando assim sua triste história. *Eloah tinha poder.* Podia fazer o que fosse de sua vontade. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Deus, Nomes Bíblicos de,* quanto a plenas explicações. O nome *El,* sozinho ou em combinações, é a palavra semita para "poder". Jó tinha cessado de esperar uma bênção beneficente. Ele queria que um poder destrutivo pusesse fim a tudo, libertando-o de suas agonias. *Eloah* é a forma singular de *Elohim.* Trata-se essencialmente de uma forma poética, sendo encontrada principalmente no livro de Jó.

"Jó queria ser como uma flor cortada no campo, ou como uma árvore cortada até as raízes por um machado, ou desejava que o fio de sua vida fosse cortado, Isa. 38.12" (John Gill, *in loc.*).

Que soltasse a sua mão. É provável que a metáfora, neste caso, seja a soltura dos prisioneiros. Cf. Sal. 105.20. Caso sofresse morte prematura, Jó seria como um prisioneiro cujo tempo de confinamento tivesse chegado ao fim e, para ele, a morte significaria a libertação. Até ali, a mão divina lhe havia administrado aflição. Mas também poderia soltá-lo, através da morte, e era por isso que Jó anelava tanto.

6.10

Isto ainda seria a minha consolação. A morte prematura teria impedido que Jó blasfemasse. Satanás havia predito que o sofrimento do corpo faria de Jó um

blasfemo (Jó 2.4,5), e Jó, em sua agonia, viu que isso poderia tornar-se realidade. E então ficaria provado que ele não possuía fé desinteressada e havia adorado a Deus somente por algum benefício que isso pudesse produzir para seu "eu". Em outras palavras, ele era um egoista. Ver na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* o verbete chamado *Egoísmo.* Um homem submetido a sofrimentos extremos é capaz de quase tudo, até de blasfemar. Penso que Deus pode ignorar isso quando se trata de um homem reduzido a quase nada e sujeitado a uma punição *cruel e incomum*, conforme reza a lei americana a respeito de algumas formas de execução. Minha mãe sofreu de câncer durante quatro anos e meio. Sua personalidade inteira mudou. Ela me disse, certo dia: "Esta enfermidade tira de nós toda a forma de humanidade". O Deus de amor não ficará preocupado com as palavras amargas de alguém que foi reduzido a um verme esmagado. O *verme esmagado* não é a mesma pessoa que existira antes. Os dois são entidades diferentes. Talvez o profeta Baha Ullah estivesse mais próximo da verdade quando nos consolou dizendo que os testes difíceis podem tirar-nos a fé. Por outra parte, o tempo devolve a fé, e devemos ter paciência de esperar pela operação do tempo, depois de uma provação severa.

Até aquele ponto, Jó não foi hipócrita. Ele não negou nenhuma das palavras do Santo. Ele conservou a fé, mesmo sob o teste mais severo, sabendo todo o tempo que ele era *inocente.* Mas um esmagamento contínuo poderia levá-lo à blasfêmia. Ele queria sair do mundo antes que isso pudesse acontecer. Ele se endureceria sob as suas tristezas, isto é, suportaria tudo, até que a morte o libertasse. O texto hebraico é incerto aqui. e a tradução "dor" poderia ser "exultação". Nesse caso, Jó *exultaria em sua dor,* porquanto saberia que isso, em breve, o levaria para o doce esquecimento da morte.

6.11

Por que esperar se já não tenho forças...? Para que prolongar esta agonia? De que adianta a força física? O que importa ser forte e continuar no sofrimento? É muito melhor morrer do que sofrer pacientemente uma dor insuportável. Esse tipo de vida não vale a pena. Não restavam mais forças em Jó, não havia mais recursos para ele continuar em sua tristeza. Ele não era feito de pedra ou bronze (vs. 12), o que talvez lhe permitisse suportar mais ainda aquela agonia. Ele queria liberdade. Liberdade para morrer.

Elifaz tinha sugerido que Jó poderia ser restaurado à saúde caso se arrependesse (ver Jó 4.19 ss.). A Jó, porém, não restavam forças para ter esperança de recuperação. Seus servos estavam mortos; quase todos os membros de sua família tinham sido destruídos; suas riquezas tinham sido obliteradas: seu corpo estava reduzido a uma massa nojenta de pústulas; suas forças físicas tinham-se exaurido. A morte, pois, se tornara atrativa para ele. E ele pediu a Deus que o deixasse *ir-se,* que o deixasse morrer.

6.12

Acaso a minha força é força de pedra? Jó não fora feito de bronze ou pedra. Era apenas uma pessoa física, frágil, sujeita aos ataques da natureza. Sócrates lembrou aos juízes, na *Apologia de Platão,* que ele não era "um pau ou uma pedra", sem sentimentos e sem a capacidade de sofrer. Paulo, sob o sofrimento, ouviu as palavras "minha graça te basta" (II Cor. 12.19). Mas Jó não ouviu palavra alguma, nem foi consolado e, ainda por cima, supunha estar sendo alvejado sem cessar pelas *flechas divinas* (Jó 6.4). Portanto, ele não estava recebendo nenhuma consolação divina. Pelo contrário, considerava culpa divina suas aflições.

A *Ilíada* de Homero (lib. iv, vs. 507) tem algo similar ao falar dos ferimentos da guerra:

> *Seus corpos não são feitos de rochas,*
> *Nem suas costelas são de aço.*
> *As armas ferem, e os golpes são sentidos.*

6.13

Não! jamais haverá socorro para mim. Em si mesmo, Jó não encontrava ajuda nem tinha fonte alguma do "eu" fora de si mesmo, quer da parte de Deus, quer da parte dos homens. Ele estava completamente *destituído.* Qualquer recurso a que ele pudesse ter apelado estava *afastado,* tanto por causa de sua tristeza, como por causa do decreto divino. Contrastar este versículo com Jó 5.22.

> *A esperança é tão barata quanto o desespero.*
>
> (Thomas Fuller)

> *O castelo era chamado Castelo da Dúvida,*
> *E seu proprietário era o Gigante Desespero.*
>
> (John Bunyan, *O Peregrino*)

O Fracasso da Amizade (6.14-20)

O texto à nossa frente é notoriamente obscuro e tem provocado muitas traduções e interpretações. Mas pelo menos uma coisa parece clara. A verdadeira piedade se evidencia quando um amigo é verdadeiro. Os homens devem uns aos outros a gentileza, que é outro nome para o *amor.* Jó queixou-se de não receber o que merecia meramente por ser um homem entre os homens; presumivelmente, um homem que tinha amigos. Há aquela piedade fingida, a qual fala de amor, mas persegue e censura outros seres humanos; e era isso o que Jó estava experimentando. Algumas vezes os filhos pródigos deixam a casa paterna meramente porque irmãos mais velhos censuradores permanecem ali. E os pais cegos não vêem as causas verdadeiras das coisas. A igreja não se preocupa com as favelas, contanto que seus membros aumentem de número, continuamente, em seus próprios consolos e luxos. Os homens amam o próprio "eu" e acumulam coisas sobre si mesmos e sobre seus parentes próximos, enquanto continuam surdos ao clamor da angústia humana. A *amizade,* algumas vezes, fracassa. Qual de nós não conhece muitos casos parecidos com este? O amigo de ontem é o homem abandonado de hoje. Os amigos, com freqüência, são amigos de outras pessoas meramente para *explorá-las.*

6.14

Ao aflito deve o amigo mostrar compaixão. "A prova da verdadeira religião jaz na compaixão humana pelo próximo. Outra tradução possível é: 'Um homem deve mostrar bondade para outro homem em desespero, mesmo para quem esquece o temor ao Todo-poderoso'" (*Oxford Annotated Bible,* comentando sobre este versículo). A versão portuguesa escolhe a segunda possibilidade. Mas a Atualizada da Sociedade Bíblica, reverte o significado, subentendendo que o homem que abandona a Deus não merece a bondade de seus amigos. Essa idéia, entretanto, dificilmente poderia ter sido aquilo que Jó dissera. Jó buscava a *bondade humana,* independentemente do estado de sua espiritualidade naquele momento. "Mesmo que ele se tivesse afastado do Todo-poderoso, ainda assim precisava de companheirismo" (Roy B. Zuck, *in loc.*).

Ainda outros percebem aqui um *temor* de que o sofrimento poderia resultar na *apostasia:*

> *Se o opróbrio vem de seu amigo para o desesperado,*
> *Ele pode esquecer o temor do Todo-poderoso.*

Dita a mesma coisa, menos desajeitadamente, esse mesmo pensamento foi dado por Kissane, como:

> *Quando um amigo decepciona aquele que está desesperado,*
> *Ele esquece o temor do Todo-poderoso.*

Não importa qual seja a verdadeira tradução deste versículo, a *bondade humana* é enfatizada. A bondade deve ser estendida ao desesperado, sem importar o que pensemos sobre a sua condição espiritual. Afinal, são os enfermos, físicos ou espirituais, que *precisam de cura.* A graça divina providencia a cura. mesmo no caso daqueles que nada merecem. Então a *misericórdia* entra em ação, no lugar da lei da colheita segundo a semeadura. Todos nós, com freqüência, carecemos de misericórdia.

> *As amizades multiplicam as alegrias e dividem as tristezas.*
>
> (Henry George Bohn)

> *Nunca injuries um amigo, nem mesmo brincando.*
>
> (Cícero)

6.15-16

Meus irmãos aleivosamente me trataram. *Se Jó esperava bondade* da parte de seus amigos, eles eram como um leito de rio traiçoeiro que, algumas vezes, estava seco, mas, de súbito, por meio de chuvas ou de neves que se dissolviam, tornava-se uma torrente impetuosa, destruindo tudo em sua passagem. Riachos gentis podem tornar-se rios caudalosos, e foi exatamente o que aconteceu aos amigos de Jó. Jó acusou seus *irmãos* (de raça, que também eram seus amigos íntimos) de o terem decepcionado, quando ele mais precisava deles. Trivialidades piedosas eram, para eles, mais importantes do que uma demonstração de autêntica espiritualidade, a qual repousa, afinal de contas, no *amor,* e não em algum credo que precise ser defendido eternamente. O vs. 16 empresta outra distorção à metáfora. Durante o inverno, os rios se enregelam. A superfície torna-se gelo, e tudo parece calmo. Mas abaixo da superfície, que não é enregelada, está a torrente rugidora. Se a camada de geio for fina, alguma pessoa que de nada suspeite pode terminar *debaixo do gelo.* Um rio, pois, é *hipócrita* por nature-

TEMAS REPETIDOS NAS RESPOSTAS DE JÓ

Temas repetidos podem ser, meramente, um artifício literário para fornecer cenários para novas seções. Encontramos muito este tipo de repetição em I e II Crônicas. Ou a repetição pode ser uma maneira para desenvolver um tema mais prolongamente. O Salmo 119 fornece 176 louvores ou descrições da lei. O hino à lei, para conseguir tantas declarações, repete muitos temas diretamente, ou com modificações leves. Por *muito falar* a lei fica *muito louvada*. A este tipo de repetição chamamos de *embelezamento*. A repetição também é utilizada para enfatizar o que está sendo falado. Existe também a *repetição-surpresa*. O impacto de uma idéia é alcançado com uma repetição que nos surpreende. Por exemplo: um sobrinho de Henry James perguntou-lhe: "O que é que eu devo fazer com a minha vida?". James respondeu: Existem três coisas importantes na vida: seja gentil; seja gentil; seja gentil. Esperamos três coisas diferentes, mas ouvimos que existe uma só coisa de imensa importância. O choque da repetição nos impressiona com a lição a ser transmitida. Outro exemplo deste tipo de repetição: um pai deve ao seu filho três coisas: exemplo; exemplo; exemplo.

Finalmente, existe a repetição de argumentação. Sempre em discussões, as pessoas envolvidas repetem seus argumentos, procurando forçar o oponente a aceitar suas idéias "por muito falar" as mesmas coisas. O livro de Jó exibe este tipo de repetição, tanto nos seus próprios discursos, como nos de seus "amigos". O gráfico a seguir lista cinco temas essenciais que são repetidos em todas as três séries de acusações e resposta. Então, dentro de cada palestra, os mesmos temas se repetem.

A Primeira Série de Discursos

Os Temas Repetidos	Primeiro Discurso	Segundo Discurso	Terceiro Discurso
1. Desapontamento entre amigos	6.14-20	----	12.1-3; 13.1-12
2. A grandeza de Deus	----	9.1-12	12.7-25
3. Decepção na maneira como Deus trata os homens	7.11-17	9.13 — 10.17	1.2-6
4. Desespero com a vida e/ ou desejo de morrer	6.8-13; 7.1-10	10.18-22	cap. 14
5. Desejo que Deus o vindique ante os homens	7.20-21	----	13.13-19

A Segunda Série de Discursos

1. Desapontamento entre amigos	16.1-5; 17.3-5	19.1-4	21.1-6
2. A grandeza de Deus	----	19.28-29	21.19-22
3. Decepção na maneira como Deus trata os homens	16.1-17	19.5-22	21.7-18;23-24
4. Desespero com a vida e/ ou desejo de morrer	17.6-16	----	----
5. Desejo que Deus o vindique ante os homens	16.18—17:2	19.23-27	----

A Terceira Série de Discursos

1. Desapontamento entre amigos	----	26.1-4	(não houve um terceiro discurso nesta série)
2. A grandeza de Deus	23.8-17	26.5—27.12 cap. 8	
3. Decepção na maneira como Deus trata os homens	24.1-17	----	
4. Desespero com a vida e/ou desejo de morrer, mas aqui são os ímpios que morrem, a declaração sendo generalizada	24.18-25	27.13-23 caps. 29-30	
5. Desejo que Deus o vindique ante os homens	23.1-7	cap. 31	

Observações:

1. As repetições servem para enfatizar certas idéias-chaves.
2. Os mesmos temas se repetem na segunda e na terceira séries de discursos e também nos discursos individuais. A precisão desta repetição indica que foi feita de propósito. As idéias voltam para serem discutidas de novo, com certa variação de tratamento.
3. A estatura do livro, como uma composição literária, é aumentada pela percepção que o livro é um grandioso poema. Levou considerável habilidade manejar essa grande massa de material de forma poética.
4. Quando amigos se ajuntam para discutir um problema, um diálogo resultará. Considere os diálogos de Platão. Mas o livro de Jó emprega o estilo literário do discurso. Este meio de ensino ocupa muito espaço e tempo, mas é efetivo se for habilmente manejado.

za, mostrando externamente um aspecto, diferente do interior. Jó chamou seus três amigos de *hipócritas*. Eles eram amigos que se sentiam felizes por festejar juntamente com ele em tempos de abundância e paz. Mas, chegando a tribulação, tornaram-se seus *inimigos*. Eram indivíduos dogmáticos, com um credo correto, mas a essa correção faltava o *amor*, de maneira que nada daquela correção lhes adiantava; tal como I Cor. 13 ensina com eloqüência. O vs. 17 distorce ainda mais a metáfora, o que anoto ali.

Turvada com o gelo. A neve e o gelo que permanecem no solo por algum tempo carregam-se de sujeira do ar bem como de objetos que passam. É assim que a neve e o gelo *escurecem*, e assim permanecem até que outra camada de neve seja depositada por alguma tempestade, como uma capa branca de neve e gelo. Talvez esse fenômeno seja o que Jó tivesse em mente, nesta parte do versículo. A cor *negra* da neve turvada nos faz lembrar dos lamentadores que vestem sua roupa de cilício (ver Sal. 35.14).

6.17-18

Torrente que no tempo do calor seca. A *metáfora do rio* forneceu a Jó ainda outra distorção. Talvez esse rio imaginário de Jó ficasse seco parte do ano. Ao que tudo indica, era um rio completamente inofensivo. Mas eis que, de repente, transforma-se em uma torrente rugidora, ficando perigoso. Então cria uma fina camada de gelo à superfície, tornando-se traiçoeiro para os que de nada suspeitam. Então, quando o calor sobrevém, esse *tipo de perigo* é anulado. Mas, no lugar disso, há uma sequidão mortal. O rio, antes caudaloso, agora não tem água. Tornou-se um rio morto. As caravanas de camelos param, porque os condutores dos animais sabem que "aqui há água", mas, quando se aproximam, enchem-se de desespero, porque o calor secou toda a água. Os camelos ajoelham-se no chão e morrem de sede. Assim acontecia a Jó e seus três amigos. Seus amigos tinham-se tornado rios *secos*. Não demonstravam nenhuma simpatia ou consolo pelo pecador, deixando-o morrer de sede.

Quando outros ajudadores falham,
E o consolo foge,
Fica comigo.

(H. F. Lyte)

As caravanas que viajam por aquelas regiões de riachos põem sua esperança nessas torrentes. Mas, faltando água nelas, as caravanas perecem no deserto. Assim acontece aos necessitados que se dirigem a outros, pedindo ajuda, mas não encontram a água da bondade humana. Em lugar de água, os homens encontram um deserto espiritualmente seco. Os alegados homens piedosos os decepcionam. O amor é a prova da espiritualidade (ver I João 4.7). Mas alguns homens só têm a religiosidade espalhafatosa dos credos e das cerimônias. A espiritualidade de algumas pessoas não passa de ostentação pessoal. São como riachos secos no deserto. Os homens se perdem totalmente nas areias secas da falsa espiritualidade.

6.19

As caravanas de Tema a procuram. As caravanas de camelos partiam de Tema para juntar-se a outras caravanas, em *Seba*. Nos tempos antigos, as caravanas viajavam juntas, o que conferia alguma proteção contra os ladrões e saqueadores. Ou era em Seba que os mercadores esperavam, ansiosamente, a entrega das mercadorias trazidas pelas caravanas. Seja como for, Jó falou sobre a *ânsia* e a *expectação* de todos os envolvidos. Mas uma coisa era necessária. O *ciclo dos negócios* não poderia continuar sem a existência de água no deserto. O caminho era longo demais para ser percorrido, não fora um suprimento de água ao longo do trajeto. O processo inteiro dependia de adequado suprimento de água. Assim é que os homens, ao percorrer as estradas poeirentas desta vida, dependem da bondade de outros, que tornem a viagem um sucesso. Sem amor, as pessoas perecem.

Ver no *Dicionário* os artigos chamados *Tema e Seba*. Talvez Tema fosse um território no norte do deserto da Arábia, nas fronteiras com a Síria. Havia tráfico feito por camelos e comércio vindo do golfo Pérsico para o mar Mediterrâneo (ver Isa. 21.14; Jer. 25.23). Seba provavelmente era um distrito do golfo da Arábia (cf. Jó 1.15), onde os negociantes praticavam seu comércio e recebiam mercadorias das caravanas.

Os negociantes de Seba esperavam anelantemente pelas caravanas. Teriam elas sido perturbadas pelos ladrões? Saqueadores teriam roubado suas mercadorias? Não, nada disso havia acontecido. O que tinha sucedido era muito pior. Os caravaneiros tinham perecido por um ato da *natureza traiçoeira*. Assim era que Jó estava morrendo, enquanto seus traiçoeiros amigos não lhe ofereciam a água da simpatia humana. Seus amigos tinham fracassado diante da prova da verdadeira piedade. Eles estavam cheios de credos sábios, mas o coração deles era seco como uma pedra.

6.20

Ficam envergonhados por terem confiado. É provável que Jó estivesse referindo-se agora às caravanas, e não aos negociantes de Seba. Em seu descuido, eles se desviaram da rota, buscando as águas presumidas. Mas ficaram desapontados e confundidos. Encontraram somente areia. A expectação transformou-se em desespero. E Jó, em sua aflição, não encontrou um único amigo.

Se você tem um verdadeiro amigo,
Você tem mais do que sua partilha.

(Thomas Fuller)

"Ora, a esperança não confunde... " (Rom. 5.5). Mas Jó, à semelhança dos condutores de caravanas de camelos, tinha perdido a esperança. Comparar a descrição de Jeremias sobre a fome, em Jer. 14.3.

A Invectiva (6.21–7.7)

6.21

Assim também vós outros sois nada para mim. "Vós vos tornastes como pessoas que não existem. Vós sois nada para mim. Vedes a minha calamidade e temeis que Deus vos puna por vossos pecados, *se* mostrardes simpatia para comigo. Vós pensais que Deus fere àqueles que mostram bondade para com os pecadores. Se sois tão sábios, dizei-me agora onde eu errei. Dizei-me, ou calai-vos!"

Sois nada para mim. O original hebraico diz aqui, literalmente, "Vós sois... não!". O texto é por demais abrupto, e a sintaxe é incoerente, demonstrando alguma grande emoção, que venceu o fluxo suave da linguagem. Temos aqui uma explosão emocional, que fez da linguagem mera *carne moída*.

... vos espantais. Um possível consolador pode ficar gelado diante de uma cena de dor extrema. Mas os *consoladores* de Jó se enregelaram na inação, porquanto temiam que o divino Vingador que atacara Jó se voltasse contra eles, caso consolassem "o pecador".

"Há uma espécie de amizade espúria nessa situação, que, ocasionalmente, se esconde no pano de fundo, como se não houvesse amizade. Em outras ocasiões, essa amizade torna-se *acovardada*. Há um indício aqui de que os amigos de Jó temiam consolá-lo a fim de não comprometer sua posição diante do Todo-poderoso" (Paul Scherer, *in loc.*).

Os amigos de Jó tornaram-se um leito seco de riacho, inútil e hipócrita. Eram águas enganadoras, que nem existiam.

6.22-23

Acaso disse eu: Dai-me um presente? "Em sua destituição, Jó não esperava nenhuma ajuda material, mas verdadeira simpatia e compreensão" (Samuel Terrien, *in loc.*). A amizade de seus amigos tinha errado o alvo. Ele não queria dons que pudessem provocar tensão quanto à situação financeira deles. Ele queria o presente espontâneo da bondade humana. Nunca havia pedido nada para seus amigos. Em sua hora de necessidade, eles se mostraram mesquinhos, embora usassem palavras gentis; suas palavras eram aguçadas e cortantes e, em certas ocasiões, abusivas. Jó tinha muito para *restaurar*, pois havia perdido todas as suas riquezas. Mas, mesmo nessa condição, não esperava ajuda financeira. Ele tinha uma necessidade mais profunda, para a qual eles estavam cegos. "Quando um homem entra em decadência e torna-se prejudicial para seus amigos, vinte coisas são acumuladas para que possam falar contra o caráter dele. Eles dizem que ele é indolente, pródigo e extravagante, de modo que não mereceria nenhuma ajuda. Dessa maneira, os amigos poupam seu dinheiro e justificam sua falta de doações. Esse era o caso de Jó. Ele nem ao menos pedira dinheiro" (John Gill, *in loc.*).

Ao que tudo indica, Jó estava mergulhado em dívidas e não tinha como pagá-las. Seus "opressores" o pressionavam, mas não dispunha de recursos materiais para quitá-las. Isso aumentava a miséria em que ele vivia. Jó, entretanto, não pedia que ninguém o redimisse de suas dívidas. Estes versículos também parecem indicar que Jó não tentou vingar-se dos que tinham matado seus servos e familiares, e saqueado seus bens. Ele não conclamou seus amigos a compor uma força armada e ir atrás dos sabeus ou caldeus (ver Jó 1.14,17). Nem tentou transformar seus amigos em *vingadores*. Lembramos que Abraão, espontaneamente, restaurou os bens de Ló pela força das armas (ver Gên. 14). Jó não seguiu o caso de Abraão, exigindo que seus amigos arriscassem a vida em seu favor, tal como Abraão se tinha arriscado em favor de Ló.

A mim me pertence a vingança; eu é que retribuirei, diz o Senhor.

(Romanos 12.19)

A mais nobre vingança consiste em perdoar.

(Provérbio do século XVI)

6.24

Ensinai-me, e eu me calarei. *Os sofrimentos de Jó eram intensos demais* para serem explicados pela *Lei Moral da Colheita segundo a Semeadura* (ver a respeito no *Dicionário*). Ele pleiteou em favor de uma *pesagem divina* para que se determinasse o que lhe dava tanta tristeza, o que podia comparar-se ao peso de sua dor (Jó 6.23). Coisa alguma que seus amigos haviam dito tinha *tanto peso.* Por conseqüência, Jó conclamou seus três amigos para dizer *algo* que oferecesse uma razão lógica para suas condições. Ele estava aberto às instruções dadas por eles, mas também sabia que, até aquele instante, eles tinham errado o alvo com suas instruções.

O outro argumento que Elifaz apresentou foi a *disciplina. No entanto, Jó não precisava* tanto de disciplina. Ele não era algum grande pecador, nem vivia indisciplinado. E, caso ele tivesse *errado,* então queria saber que grande(s) pecado(s) tinha(m) causado todos aqueles funestos acontecimentos. "Errado" é tradução das palavras hebraicas que significam "estar estonteado na bebedeira" (cf. Isa. 28.7; Pro. 20.1). Talvez esteja em vista alguma espécie de erro ritual (ver Lev. 4.13), cometido na ignorância, que poderia ter ofendido a Deus. Talvez alguma torpeza moral fosse a causa (ver I Sam. 26.21; Pro. 5.23), mas, nesse caso, Jó não fazia idéia do que poderia ser. Jó estava disposto a deixar-se convencer e instruir, mediante o poder de palavras honestas. "Vocês pensam que estou estonteado e tropeçando para cá e para lá como um bêbado. Tratem claramente comigo. Mostrem-me o que tenho feito e ficarei calado" (Paulo Scherer, *in loc.*). Tão sábias instruções seriam *bondosas.* Mas até aquele ponto, seus críticos tinham somente sido *cruéis.*

6.25

Oh! Como são persuasivas as palavras retas! As *palavras retas* revelam a verdade, mas os argumentos dos críticos de Jó eram meros disparates: nada provavam; nada corrigiam; nenhuma solução davam para os sofrimentos de Jó. Pelo contrário, eram apenas palavras irritantes derramadas sobre os ferimentos de Jó. Palavras retas são as que se originam da verdadeira sabedoria. A fonte final e última dessas palavras é Deus, que dá sabedoria e compreensão aos homens. Palavras *honestas são cheias de* força.

Leais são as feridas feitas pelo que ama, porém os beijos de quem odeia são enganosos.

(Provérbios 27.6)

Os atos falam mais alto do que as palavras.

(Provérbio do século XX)

Palavras sem pensamentos nunca chegam ao céu.

(Cláudio)

A sabedoria é plena de compaixão.

(Eurípedes)

Cf. este versículo com Pro. 8.6,9. Ver também Isa. 11.21.

6.26

Acaso pensais em reprovar as minhas palavras...? A fala de um homem desesperado (como o caso de Jó) é tão leve quanto o vento. Isto é, os amigos de Jó *tratavam as palavras dele* como se não houvesse peso nelas. Eles as consideravam falsas e hipócritas. Eles sabiam, realmente, criticar, mas não tinham sabedoria suficiente para aplicar suas palavras ao caso, resolvendo o enigma. Eram as *palavras deles* que não tinham mais peso do que a brisa que soprava. Os críticos de Jó não tinham sido capazes de encontrar nenhuma falha na *conduta* dele, assim terminaram meramente atacando suas *palavras.* Eles nada tinham resolvido. Contudo, continuavam a persegui-lo, por causa das suposições contidas em seus credos: nenhum homem inocente pode sofrer.

6.27

Até sobre o órfão lançaríeis sorte...? Jó fora deixado como um *órfão* pelos desastres que o haviam atingido. Ele falava em sentido metafórico: era uma criança sem pais; estava sozinho no mundo; não tinha família, e seus poucos amigos tinham-se tornado seus críticos.

Lançaríeis sorte...? Os "amigos" de Jó eram como um bando de abutres, lançando sortes sobre o homem caído para ver qual valor ainda não consumido pelas calamidades poderiam tomar dele. Ver Sal. 22.18. Eles tinham tentado fazer de um amigo mera mercadoria. Outro sentido possível é "lançar uma rede por sobre" (em lugar de lançar sortes). Eles tinham tratado Jó como um animal ferido e caído. Eles eram os caçadores, ao passo que Jó era a caça. Tinham escavado uma armadilha para ele, da mesma maneira que os homens capturam animais ferozes em buracos na terra, para matá-los e ficar com o couro. A Revised Standard Version diz, nesta parte do versículo, "barganharíeis", o que corresponde à tradução de nossa versão portuguesa "especularíeis", resguardando, assim, a metáfora comercial.

Sem importar qual metáfora exata Jó tenha usado, o sentido de suas palavras é claro: seus críticos estavam preparados para realizar qualquer ato de *crueldade.* Alguns estudiosos traduzem essa parte referente à rede como: "festejam sobre seu amigo"; tal como os homens, às vezes, capturam animais e então preparam um alimento qualquer com eles, para celebrar algum evento trivial. A palavra hebraica foi usada dessa maneira em II Reis 6.23 e Jó 41.6. Aben Ezra e Bar Tzemach entenderam a frase dessa maneira. Jó queixou-se de que seus alegados amigos o tratavam como um animal que capturassem, matassem e comessem.

6.28

Agora... olhai para mim. Jó convidou seus amigos a dar uma boa olhada nele. "Vede que homem miserável sou. Nenhum homem em *minhas* condições teria *energia* para mentir. Qualquer pecador em minha condição fugiria para Deus para pedir-Lhe ajuda, plenamente arrependido. Mas o que estais vendo é um homem *inocente* desesperado". Jó não estava mentindo diante da face de Deus, apresentando-se como se fosse aquilo que não era. Por igual modo, ele não mentiria diante de seus amigos sobre a questão. Estava ansioso para confessar os seus pecados, para fazer reparação e restituição por quaisquer erros cometidos contra outrem e para dar as boas-vindas àquele alívio e bênção divinos que Elifaz prometera ao pecador arrependido (ver Jó 5.19 ss.).

Os críticos de Jó podiam olhar para seu rosto. Quando ele falava, porventura havia qualquer careta ou gesto que indicasse que ele estava mentindo? Se olhassem, só veriam a tristeza de um homem inocente. Os credos deles não continham proposições que explicassem o caso. Eles tinham apenas uma teologia deficiente. De fato, todas as teologias são deficientes. As teologias que têm todas as respostas e solucionam todos os enigmas são apenas *humanologias.* Livros, palavras e pensamentos não avançam muito na explicação do *Mysterium Tremendum* (ver a respeito no *Dicionário*) que é Deus.

Os teólogos sistemáticos acreditam muito em si mesmos ao tentar descrever a natureza de Deus. Mas usualmente só conseguem descrever um super-homem. Tudo quanto eles podem dizer é aquilo que o homem é, elevado a uma potência superior. É claro que Deus é "outro", e não "isso".

6.29

Tornai a julgar, vos peço. Jó convidou seus críticos a reconsiderar seu caso, para que "nenhum erro fosse cometido". Ele pediu que seus críticos o vindicassem e provassem o que realmente era verdade: *Jó era inocente.* Então eles fariam progresso aproximando-se de alguma espécie de interpretação correta do caso. Em primeiro lugar, teriam de abandonar falsos julgamentos. Somente então seriam capazes de fazer julgamentos verdadeiros. Jó, pois, convidou seus amigos a reverter o curso em que estavam, abandonando suas falsas premissas. Jesus disse: "Não julgueis, para que não sejais julgados" (Mat. 7.1). Tanto mais, essa declaração deveria aplicar-se aos atos e às palavras de um homem, quando a pessoa julgada é, de fato, inocente diante das acusações. "Eram os amigos de Jó que precisavam converter-se, e não Jó"! (Samuel Terrien, *in loc.*). Meus argumentos são prova suficiente de minha inocência" (Adam Clarke, *in loc.*).

A justiça de minha causa triunfará. Ou, melhor ainda, conforme diz a Revised Standard Version: "Minha vindicação está em jogo". Verdadeiros amigos ajudariam Jó a ser vindicado diante de qualquer acusação de maldade. Uma vez concretizado esse passo, então poderiam ser encontradas as causas *reais* dos sofrimentos de Jó.

6.30

Há iniqüidade na minha língua? Se Jó estivesse proferindo falsidades, ele poderia degustá-las. Qualquer perversidade seria amarga em sua boca. Ele tinha sensibilidade suficiente para discernir a calamidade do erro. Foi assim que Jó usou a "metáfora de degustação". Enquanto falava, ia provando suas palavras. Seu senso de percepção dizia-lhe que elas eram verazes. Malícia e mentira têm um gosto revoltante para o homem justo. Em linguagem direta, sem nenhum sentido metafórico, Jó dizia que "sua *consciência* era capaz de discernir a correção de seu caso" (*Oxford Annotated Bible,* comentando sobre este versículo).

Alguns estudiosos fazem a segunda parte do versículo referir-se à degustação das palavras de seus amigos, por parte de Deus, e não à degustação das próprias palavras. Nesse caso, ao prová-las, ele as julgava repelentes, amargas e destruidoras. Ele julgava que seus amigos estivessem proferindo "coisas perniciosas". Cf. as "palavras devoradoras", mencionadas em Sal. 52.4.

Capítulo Sete

Este capítulo continua dando a resposta de Jó a Elifaz, de maneira que não introduz nenhuma nova seção. Jó 6.1–7.21 registra a primeira resposta a seu primeiro amigo, que também se aplica aqui. Os discursos dos três amigos de Jó e as respostas de Jó a eles ocupam os capítulos 3-14.

A Vida é Sem Esperança (7.1-6)

Jó continuou com sua resposta a Elifaz, tomando, de forma marcante, a posição de um *pessimista*, tão evidente em sua lamentação do capítulo 3. Os pessimistas argumentam que a própria vida é um mal, e que a salvação consiste na cessação de toda a existência, na redução ao nada. Isso garantiria paz a todos os sofredores. Ver no *Dicionário* sobre *Pessimismo*.

"Jó sofria porque a vida humana, de modo geral, é um *serviço duro*. Ele estava sujeitado à condição de um homem mortal que levava a vida de um soldado ou mercenário (vss. 1-3). A dor física faz as noites e os dias parecer intermináveis (vss. 4 e 5)" (Samuel Terrien, *in loc.*). A vida nada é senão dor, e ela tem uma miserável e dolorosa duração. Não vale a pena viver, era o pensamento central de Jó, embora ele nunca tivesse proferido tais palavras.

A vida é ridiculamente breve, e até essa brevidade está plena de dores absurdas. A vida passa como se fosse um vento, e esse vento é um tufão.

7.1

Não é penosa a vida do homem sobre a terra? Jó acreditava na teoria de que há um tempo apropriado para viver e para morrer, no caso de cada indivíduo, e breve é esse tempo determinado, no qual a miséria também é determinada para fazer essa breve vida tão miserável quanto possível. Jó, pois, continuou defendendo seu *pessimismo* (ver a respeito no *Dicionário*), pensando que a própria existência é um mal. A vida, dessa maneira, é um plano e um prazo, mas isso não significa (de acordo com o raciocínio pessimista) que ela seja boa. Antes, é um mal determinado. Jó expandiu aqui a "ode à miséria", sua lamentação do capítulo 3. O mal se assemelha a algum monstro voraz, o qual ataca e consome toda a vida e toda a existência. É como algum monstro que engole aquilo que poderia ser um bem, tornando-o amargo e espantoso. Que há para se viver? Alguns poucos dias, meses e anos determinados para um homem, mas são plenos de sofrimento, até mesmo no caso de crianças. Dizemos: "Quem dera que fosse dia! Quem dera que fosse noite!". Porque não agüentamos nem uma coisa nem outra. Ver Deu. 28.67.

> *Cheio de dores, este ser intelectual,*
> *Cujos pensamentos vagueiam pela eternidade,*
> *Ele perece, é engolido e se perde,*
> *No ventre largo da noite incriada.*
>
> (Milton, *Paraíso Perdido*, Livro II.11.146-150)

Duração da Vida. Alguns estudos parecem indicar que, no caso da maioria das pessoas, não está determinada nenhuma duração absoluta de vida. Elas podem viver alguns poucos anos a mais ou a menos, sem que isso perturbe o propósito da vida. A oração pode tornar mais longa a vida, como se deu no caso do rei Ezequias, que obteve 15 anos extraordinários (ver II Reis 20.6); mas isso não significa que os homens ganhem alguma coisa se viverem um pouco mais. Tudo depende daquilo que cada indivíduo tiver de fazer. Todos nós precisamos de tempo para cumprir nosso propósito. Ver Saí. 39.4. No livro de Jó, ver também 14.5,13,14; 29.2,3.

Penosa a vida. A metáfora pode incluir a idéia de um *escravo*. Ele tem uma vida para viver, mas de que vale? Ele serve a outros, sua e labora até a exaustão, e ninguém se importaria se ele continuasse a viver ou se morresse. Portanto, todos os homens são escravos dos desastres da vida e das vicissitudes miseráveis. Ou, então, a metáfora é que o *soldado* leva uma vida dura e amarga, matando ou sendo morto. O termo hebraico, *saba*, "serviço duro", pode também indicar o serviço militar. Ver Jó 14.14 e Isa. 40.2.

7.2

Como o escravo que suspira pela sombra. *Um escravo*, no meio de suas misérias, servindo a um senhor duro, nunca tem um momento de descanso ou paz. Esse homem, que trabalha e sua, ao sol e no calor do dia, anela por qualquer sombra que alivie sua dor, seja a sombra de uma árvore, de uma rocha ou de algum abrigo. Ou, então, "sombra" é uma figura poética que significa "noite". O escravo anela ansiosamente pela noite que o salvará do sol e de seus labores. A noite é a sombra da terra inteira. Talvez Jó estivesse retratando um homem a trabalhar durante o calor do *dia* de sua vida, anelante pela *noite*, isto é, pela sua *morte*.

7.3

Assim me deram por herança meses de desengano. Os dias de Jó eram muitos, e suas noites não lhe conferiam alívio. Sua miséria era ininterrupta, pior que a de um soldado ou escravo.

"Sou como um escravo. Tenho meu labor determinado para o dia. Sou como um soldado, assediado pelo inimigo. Sou obrigado a estar continuamente de vigia sem nenhum descanso" (Adam Clarke, *in loc.*). Os dias de miséria de Jó eram uma condenação inevitável. Os dias eram agoniados e as noites, melancólicas. Sua vida era vazia ou vã. Cf. Jó 7.16 e Eclesiastes 1.2,14. "Tudo é vaidade".

Meses. Mediante este vocábulo, Jó enfatizou a natureza da longa duração de sua miséria. Ele sofria e não podia levá-la a um fim. Ele não tinha nenhuma esperança de alívio e anelava pela noite da morte.

7.4

Ao deitar-me digo: Quando me levantarei? Quando chegariam suas *noites naturais* que, segundo se poderia esperar, confeririam algum alívio? Bem contrário era o caso. Ele não podia encontrar maneira de deitar-se que facilitasse suas dores. Suas feridas latejavam da cabeça aos pés. Ele anelava pelo amanhecer. Mas, quando o dia chegava, coisa alguma mudara; a dor não havia passado; a tristeza só era renovada pela luz do dia. Então ele orava: "Senhor, ajuda-me a passar esta noite". Quando o dia amanhecia, ele orava: "Senhor, ajuda-me a atravessar este dia". Mas o céu não acolhia suas orações. Jó fora abandonado por Deus e pelos homens. Cf. Sal. 130.6.

Farto-me de me revolver na cama. Jó vivia *saciado* com seus sofrimentos e tentativas de obter alívio. "Ele estava farto e saciado com suas voltas na cama, como um homem fica de tanto comer, conforme a palavra também pode significar" (John Gill, *in loc.*).

7.5

A minha carne está revestida de vermes. Dentre todos os homens, Jó era o mais miserável. Vermes tinham atacado seus ferimentos; provavelmente, as larvas das moscas, que comem carne morta. Não havia como ele tomar um banho, de maneira que a sujeira e o suor o deixavam uma desgraça. Sua pele rachava à toa e ficava putrefacta como se ele fosse um homem morto. "Quem poderia dormir com o corpo coberto de vermes (que, provavelmente, roíam a carne morta) e escamas de sujeira (literalmente, crostas de sujeira)? As escamas em sua pele endureciam e rachavam; seus ferimentos drenavam pus" (Roy B. Zuck, *in loc.*).

Crostas de sujeira. "Incrustações de pus endurecido e seco, que formavam as partes mais altas das pústulas, em um estado de decadência" (Adam Clarke, *in loc.*). Os intérpretes falam em varíola e elefantíase. Mas a verdade é que as desgraças de Jó ultrapassavam essas enfermidades. Seja como for, Jó era uma massa nojenta, de acordo com a medida de qualquer um dos sentidos físicos, como a vista, o olfato e o tato.

7.6

Os meus dias. Nesta passagem bíblica, "dias" significa a duração da vida (vs. 1), e aqui esses dias são chamados velozes e com seu final para breve. Sua vida breve e miserável tinha passado *sem nenhuma esperança*. Cf. Jó 6.11; 14.19; 17.11,15. Jó desistiu da esperança de ter felicidade algum dia. A teologia de Jó era a de que uma vida é miseravelmente breve e não há vida além do sepulcro, o que lhe poderia conferir esperança. A teologia dos patriarcas não incluía a doutrina de uma alma imortal. Em Jó 19.26, Jó parece manifestar a esperança de uma nova existência, após a vida física, mediante a ressurreição, mas esse versículo é muito disputado. Ver Jó 1.11, quanto à discussão sobre os problemas teológicos do livro. Jó tinha uma teologia deficiente, como, de fato, dá-se com toda a teologia geral do Antigo Testamento.

Mais velozes do que a lançadeira. Os povos antigos não contavam com nossas máquinas, veículos, aviões e foguetes. Por isso mesmo, Jó estava reduzido a ilustrar a *pressa* da vida mediante uma simples lançadeira de tecelão. Tratava-se de uma mecânica capaz de movimentos muito ligeiros, segundo as medidas da tecnologia antiga. Cf. Jó 9.25; 16.22. Quanto a outros versículos que falam

sobre o tempo curto que o homem tem para viver, ver Sal. 90.5; 102.11; 103.15; 144.4; Isa. 38.12; 40.6 e, no Novo Testamento, Tia. 4.1.

Oração (7.7-21)

7.7

Sopro. Esta metáfora, muito provavelmente, preserva a idéia de *velocidade* que figura no vs. 6, mas adiciona a condição de ausência de substância. As misérias de Jó levaram-no a orar. A oração de Jó é uma espécie de *solicitação* chorosa. Ele apela ao Deus "brutal", pedindo piedade. Deus é visto como um poder destruidor e agressor. A teologia dos hebreus era fraca quanto a causas secundárias, de modo que as misérias de Jó foram atribuídas a Deus, a *Causa Única*. A exagerada ênfase moderna sobre a predestinação (que corresponde ao fracasso em reconhecer o livre-arbítrio), como no hipercalvinismo, cai na mesma armadilha. A Causa Única, como é óbvio, é a causa do mal. Ver a discussão sobre os problemas teológicos do livro em Jó 1.11. Jó esperava que o tremendo espetáculo de seus sofrimentos induzisse Deus a agir com misericórdia, a fim de aliviar sua condição. Jó reteve a fé, embora fraca, na bondade de Deus, a despeito dos seus sofrimentos.

O "vento", conforme dizem aqui (em lugar de "sopro") algumas traduções, é tanto rápido (continuando a metáfora do versículo anterior) como sem substância. O vento, ninguém sabe de onde vem e ninguém sabe para onde vai. O vento vem e vai. Algumas vezes sopra furiosamente, mas logo se transforma em brisa calma ou é até obliterado. Deus deveria ter piedade, caso contrário a vida de Jó desapareceria como o sopro suave da brisa, para nunca mais retornar. Seus breves dias perder-se-iam na miséria. Se esse "vento" for compreendido como mero "sopro" (conforme faz a nossa versão portuguesa), a metáfora será ainda mais severa. A vida nada mais é que um sopro, dado por um homem. Ele inala e então o ar, e isso termina a história do sopro.

Em breve, nem Deus nem os homens continuariam vendo Jó. "Deus não mais o veria (cf. Jó 7.17-19,21). Ele desapareceria para sempre, enviado para o sepulcro, para nunca mais retornar (cf. o vs. 21)" (Roy B. Zuck, *in loc.*).

"É em seus momentos de desespero que o homem começa a orar" (*Oxford Annotated Bible,* comentando sobre o vs. 7). Cf. este versículo com Sal. 78.39.

7.8

Os olhos dos que agora me vêem. Olhos divinos e humanos em breve não veriam mais Jó. Sua condição deplorável era certamente terminal. Jó clamava pela *piedade* divina e humana. Deus e os homens olhavam para ele com olhos desinteressados. Jó deixou entendido que Deus poderia agir com piedade *tarde demais*. Jó já teria desaparecido de vista. Nesse caso, Deus teria perdido a oportunidade de demonstrar bondade, e Jó sentia que havia algo de errado com isso. Os hebreus promoviam um conceito voluntarista de Deus. Ou seja, a *vontade é suprema,* e Deus pode agir de maneira que, para os homens, seria algo imoral. Em outras palavras, Deus não estava obrigado a seguir as regras morais que Ele mesmo instrui os homens a observar. Ninguém pode protestar, porquanto o poder divino poderia fulminá-lo pela blasfêmia. Mas esse conceito de Deus certamente está incorreto. Como é óbvio, é por trás de pontos de vista exagerados da predestinação que se deixa de fora qualquer benefício para os homens humildes, quebrantados e "não-eleitos". Tal visão anula o amor de Deus, Seu principal atributo e o único que pode fazer jus ao nome divino, pois dizemos que "Deus é amor". Ver na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* o artigo chamado *Voluntarismo.* O voluntarismo anula Deus como o Grande Intelecto, o qual age de acordo com a suprema razão e a propriedade das coisas, e não meramente de forma voluntariosa. Também anula a esperança que temos no *Mistério da Vontade de Deus* (ver a respeito no *Dicionário*), que faz provisão graciosa em favor de todos os homens, embora nem todos sejam eleitos.

Pode haver neste versículo o mesmo elemento presente em Sal. 104.32. O olhar de Deus faz a terra tremer. Trata-se de um olhar temível, destruidor.

> *Vi um grande trono branco e aquele que nele se assenta, de cuja presença fugiram a terra e o céu, e não se achou lugar para eles.*
>
> (Apocalipse 20.11)

7.9

Tal como a nuvem. A *Metáfora da Nuvem.* Aqueles que costumam observar as nuvens se admiram diante do fato de que as nuvens mudam de formato tão rapidamente, aparecem e desaparecem, e se desintegram. Isso se deve às poderosas correntes de ar da atmosfera, invisíveis e impalpáveis pelo homem na terra, embora reais. Assim também os poderes divinos ocultos exercem poderoso efeito sobre o homem, o qual pode aparecer e desaparecer pelas *correntezas* da adversidade, sejam elas terrestres, humanas, celestiais ou divinas. Forças que os homens não compreendem garantem sua vida breve e, no caso de muitos, sem sentido algum. Quando uma nuvem desaparece, desaparece. E, de acordo com a teologia dos antigos patriarcas, quando um homem morria, realmente morria. Não haveria uma alma imortal mediante a qual o homem continuasse a existir. Em Jó 19.26, Jó parece ter obtido o vislumbre de uma vida futura; mas os eruditos disputam o significado do versículo. Muitos deles não conseguem ver a ressurreição nesse quadro, e certamente o versículo não falava de uma parte imaterial, a alma imortal. Alguns estudiosos vêem aí um sinal da reencarnação, mas isso também é duvidoso.

"O pensamento da *finalidade* da morte impulsionou Jó a ignorar toda a moderação na linguagem, mesmo ao falar com Deus. A atitude quase terna com que a oração começou agora se transforma em amarga exposição" (Samuel Terrien, *in loc.*).

Os intérpretes que apelam para a ressurreição e para as doutrinas da imortalidade, a fim de aliviar as declarações amargas de Jó, mostram-se *anacrônicos.* Somente no tempo dos Salmos e dos Profetas é que uma clara indicação de crença na vida vindoura entrou na teologia dos hebreus e, mesmo assim, sem definições. É um erro cristianizar as declarações de Jó. Isso seria *eisegese* e não *exegese.* Em outras palavras, coloca-se no texto o que a pessoa *quiser ver,* em vez de explicá-lo, naquilo que ele é *realmente.*

> *Antes,*
> *O homem é uma nuvem que se desvanece.*
> *Ele se evapora na superfície do céu*
> *Ele se dissipa até o nada, como uma nuvem quando se transforma em chuva.*

O homem é um ser *efêmero,* ou seja, de acordo com a raiz da palavra grega, vive *apenas um dia,* como algumas espécies de insetos, que, literalmente, uma vez abandonando o estágio de larva, têm apenas um dia para viver.

7.10

Nunca mais tornará a sua casa. O próprio indivíduo, sepultado no solo ou em uma caverna, nunca mais retorna à sua casa. E, então, dentro em breve, até o lugar onde ele vivia é obliterado pelo tempo. Ele desapareceu; sua casa desapareceu; a história terminou sem remédio e sem esperança.

> *Pois, soprando nela o vento, desaparece; e não conhecerá, daí em diante, o seu lugar.*
>
> (Salmo 103.16)

John Gill (*in loc.*) imaginou o corpo de Jó no sepulcro, seus sofrimentos terminados; mas também imaginou seu espírito no céu, entoando hinos com os anjos. Por conseguinte, "ele podia exultar em seus sofrimentos, porquanto logo estaria livre, podendo sentar-se e entoar hinos, na beira da eternidade". São belas palavras que provavelmente exprimem uma verdade, mas são anacrônicas e cristãs, e não hebraicas e patriarcais.

7.11

Por isso não reprimirei a minha boca. *Jó Nada Tinha para Perder.* Ele não poderia ser mais miserável do que já era. Ele não tinha esperança de que uma vida feliz haveria de fazê-lo retornar à terra, e não tinha nenhuma visão de bem-aventurança na terra. Por conseguinte, ele clamou ao Deus duro, solicitando piedade, e proferiu palavras duras, amargas. Nem por isso, contudo, escorregou para a blasfêmia, conforme Satanás disse que ele faria (ver Jó 1.11 e 2.5). Mas certamente Jó foi rebelde e descuidado em suas palavras. E quem não seria, se tivesse experimentado os sofrimentos de Jó? A maioria dos homens blasfema e nega a existência de Deus, ou seja, corre para o *ateísmo* prático. Em outras palavras, não são ateus por terem inventado excelentes argumentos que demonstram a inexistência de Deus. Pelo contrário, são ateus *circunstanciais.* São incrédulos em razão do sofrimento deles mesmos e de outras pessoas. Se Deus é o Todo-poderoso, se é Todo-bem, se pode prever todas as coisas, de onde vêm a dor e o mal? Por que Deus não faz parar o mal e a dor? Ver a seção V da Introdução sobre o *Problema do Mal,* e ver o mesmo título no *Dicionário* quanto a uma explicação mais detalhada.

"Tudo é sem esperança. Portanto, darei licença a mim mesmo para que me queixe" (Adam Clarke, *in loc.*). Os filhos de Jó tinham desaparecido desta vida. Suas riquezas tinham sido destruídas e saqueadas. Seu corpo era uma massa de pústulas. Ele se queixava amargamente. Nada mais lhe restava.

7.12

Acaso sou eu o mar...? *Toda a Atenção de Deus Tornou-se Negativa.* Jó estava sendo tratado como se fosse o mar misterioso, a habitação de toda a espécie de animal poderoso e destruidor. Estava sendo tratado como se fosse um monstro marítimo ou uma gigantesca serpente venenosa. E Jó perguntava: "Por

que toda essa atenção? Por que toda essa atenção, se ela só traz dor?". As palavras de Jó, embora em completa consonância com a antiga teologia dos hebreus, combinam-se aqui com referências a antigas noções sobre a criação:

1. *O Mar.* Temos aqui uma menção ao oceano primevo, que o Criador precisou guardar dentro de seus limites próprios, a fim de manter a segurança e a paz no mundo. Cf. Sal. 89.9 ss. Algumas vezes, o mar é combinado com *Raabe,* como em Jó 9.13; 26.12 e Sal. 74.13 (ver as notas explicativas). E também é combinado com *Teom,* conforme se vê em Jó 28.14 e 38.16, cujas notas o leitor deve consultar. Aqui é combinado com *Tannim,* o monstro marinho, ou uma gigantesca serpente venenosa, que faz o mal tanto mais temível. Jó, como se fora o mar, precisava ser restringido pela dor.
2. *O Tannim,* ou monstro marinho, talvez visto como uma espécie de gigantesca serpente marinha venenosa, criatura temível, tinha de ser vigiado por Deus, para não fugir do controle. Disse Jó, sarcasticamente: "Ó Deus Todo-poderoso, estás com medo de mim que tenhas que me afligir tão terrivelmente para me manteres sob controle?".

Para que me ponhas guarda? Um poema acádico retrata Marduque, o mais elevado deus, a vencer o dragão. Ele teve de aprisionar a besta e montar guarda sobre ela para que não se libertasse e invadisse as águas, causando tribulação novamente. Provavelmente há alguma alusão poética nestas palavras. Jó, aquele temível dragão (conforme as palavras deixam entendido), exigia poderes divinos especiais para ser mantido sob controle, e assim foi afligido e posto na prisão dos sofrimentos. *Sarcasmo* era a palavra do dia. Jó nada tinha para perder. Ele não restringia a sua boca.

7.13-14

Dizendo eu: Consolar-me-á o meu leito. O poeta retornou aqui aos pensamentos do vs. 4, cujas notas o leitor deverá consultar. O pobre homem, esperando algum alívio da dor, deita-se na cama. Mas ali ele se agita e revolve a noite inteira, porquanto coisa alguma alivia o seu sofrimento. Além disso, paralelamente a esses desconfortos e agonia, Deus adicionou temores psíquicos e espirituais. Quando, finalmente, chegava a dormir, Jó tinha pesadelos. Ou, então, quando ainda não havia dormido, terríveis visões patológicas o aterrorizavam. É provável que, aqui, "visões" sejam um paralelo poético de "sonhos". Jó não estava reivindicando o que Elifaz tinha clamado, que ele tivera verdadeiras visões (ver Jó 4.13 ss.). Estudos demonstram que males físicos podem exercer efeito sobre a vida dos sonhos, tornando-os assustadores e até patológicos. Os sonhos podem refletir a miséria humana e tornar um homem ainda mais miserável do que ele já se sente. Ver na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* o artigo chamado *Sonhos.* Os pesadelos de Jó tornaram-se tão severos, e sua insônia tão aguda, que ele suspeitava haver nessas coisas uma espécie de castigo divino. Estava envolvida alguma espécie de desintegração psicológica, podemos estar certos. "Jó acusou *Deus* de havê-lo assustado com sonhos, pelo que nem no sono ele podia escapar de seus problemas. Uma vez mais, Jó expressou o desejo de pôr fim à sua miséria por meio da morte (cf. Jó 3.20-23; 6.8,9; 10.18,19 e 14.13)" (Roy B. Zuck, *in loc.*).

Alguns intérpretes supõem que os temíveis sonhos de Jó resultassem da atuação de *demônios.* O próprio Satanás entrava na vida de sonhos de Jó. Não sei dizer se esse era ou não o caso. O fato é que Jó, tendo uma teologia fraca quanto a causas secundárias, naturalmente atribuía a Deus aquilo que Satanás fazia. Porém, existem causas secundárias que são reais e, algumas vezes, poderosas, que nada têm que ver com Deus.

7.15

Minha alma escolheria antes ser estrangulada. *O desejo de morrer* retomou a Jó, e, dessa vez, o *estrangulamento* pareceu-lhe atrativo. Ele não estava pensando em enforcar-se (suicídio). Embora esse método fosse conhecido entre os povos semitas, sua ocorrência não era freqüente. "Morte, antes que meus corpos", é o que se lê no texto massorético; mas a maioria dos eruditos faz uma pequena alteração no fraseado hebraico, para que diga "dores" ou "tortura", o que explica o que lemos em nossa versão portuguesa: "antes a morte do que esta tortura". As versões portuguesas dão uma ou outra dessas variações. A versão Atualizada da Sociedade Bíblica diz "esta tortura". Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Massora (Massorah); Texto Massorético.*

A palavra "ossos" (que não figura em nossa versão portuguesa) é interpretada como "minha vida" ou "meus membros em geral, aflitos como eles estão". Jó pode ter-se referido a um *esqueleto desgastado e enfermo* (cf. Jó 19.20), que é sugestão de Fausset (*in loc.*). Visto que é o esqueleto que suporta todo o corpo humano, a palavra pode ter sido usada para referir-se ao "corpo inteiro", como John Gill (*in loc.*) conjeturava.

7.16

Estou farto da minha vida. Jó veio a abominar sua vida e não tinha o menor desejo de viver "para sempre" ou por "muito tempo". Ele estava vivendo uma vida que não era digna de ser vivida, e queria que ela terminasse o mais cedo possível. Ele desejava que seus amigos (e até o próprio Deus) o deixassem em paz, a fim de que pudesse viver os poucos dias que lhe restavam, em paz relativa, ou, pelo menos, não avassalado por palavras vãs a coroar sua miséria física. Alguns fazem deste versículo um apelo desesperado de Jó a Deus para "livrá-lo" desta vida, e esse apelo substitui o anterior (para ser deixado sozinho), que parece melhor: "Deixa-me sozinho, isto é, deixa de afligir-me, quanto aos poucos e vãos dias que me restam (cf. Jó 10.20 e Sal. 39.13)" (Fausset, *in loc.*).

Sopro. A King James Version, em inglês, diz aqui "um hálito", e a Imprensa Bíblica Brasileira diz "vaidade". "Sopro" refere-se à brevidade da vida que Deus soprou sobre as Suas criaturas humanas (ver Gên. 2.7). Uma vida curta é apenas como um inspirar e um exalar. Em breve ela se acaba, tal como um homem solta seu último suspiro. Cf. o vs. 7, onde vento é alternativa para "sopro". A vida nada é senão uma respiração que um homem toma. Ele inspira, expira, e isso é tudo. Sua vida se acabou. Ver Sal. 144.4.

O Espanto de Jó (7.17-21)

Estes cinco versículos levam-nos ao fim do primeiro discurso-reprimenda, proferido contra a primeira fala de Elifaz. Quase certamente o Salmo 8 estava na mente do poeta, ou então, mediante gigantesca coincidência, o salmista e o poeta disseram virtualmente as mesmas palavras. Jó é posto dentro do período patriarcal, mas isso não quer dizer que o livro de Jó tenha sido realmente escrito naquela época. Situar Jó na época patriarcal pode ter sido apenas o recurso literário de um autor posterior.

O espanto de Jó pode ter girado em torno de *por que* o grande Criador e Sustentador de todas as coisas demonstrou tanta atenção para com ele (negativa e destrutivamente). Por que a mente divina pensaria tanto nele para criar-lhe tantas dificuldades?

7.17

Que é o homem, para que tanto o estimes...? "A maioria dos comentadores concorda em reconhecer que esta estrofe é uma paródia do Salmo 8, contanto, naturalmente, que esse salmo seja anterior ao livro de Jó. Enquanto o salmista perguntou por que o Criador dos céus estrelados teria conferido ao homem domínio sobre a natureza, o atormentado árabe Jó indagava, não sem bastante ironia, por que tão grande Deus faria dele o centro da atenção divina. E daí perguntou por que o Senhor do Universo visitaria o homem minúsculo a cada manhã e o testaria a cada momento". Novamente, a linguagem é similar à do Salmo 8 (vs. 4), embora aquele salmo signifique 'visitar com favor', ao passo que o trecho hebraico do livro de Jó significa 'visitar com punição'. Outro salmo aborda o mesmo tema, com intuito quase idêntico e, como Jó, vincula a idéia da *brevidade* da vida (Jó 7.6) à idéia do exagero de Deus quanto à importância da pecaminosidade do homem (Sal. 144.3,4) (Samuel Terrien, *in loc.*).

"O espírito do salmista era de devotada adoração, enquanto o espírito de Jó era de agonia e desespero" (Ellicott, *in loc.*).

7.18

E cada manhã o visites. As visitações do salmista eram divinas, originadoras de esperança. Mas as de Jó eram terríveis punições divinas, episódios de julgamento que quase o tinham obliterado.

> *O homem é apenas uma cana, a mais débil na natureza. Mas ele é uma cana pensante. Não é mister que o universo pegue em armas a fim de esmagá-lo. Um vapor, uma gota de água, o suficiente para destruí-lo.*
>
> (Pascal)

"Em uma atitude amargurada, Jó parodiou a fé do salmista, distorcendo deliberadamente, ressentido, as palavras de seu contexto" (Paul Scherer, *in loc.*). O Observador dos homens tinha feito de Jó Seu alvo de violências.

7.19

Até quando não apartarás de mim a tua vista? *O ataque de Deus contra Jó* era tão constante que ele nem ao menos tinha tempo de engolir a própria saliva. Em Jó 9.18, Jó nem tinha tempo de recuperar o fôlego, tão rápidos e constantes eram os ataques sobre ele. Se Jó conseguisse manter a língua umedecida, certamente continuaria seu amargo queixume. Com isso devemos conferir a expressão moderna: "Num piscar de olhos". Talvez Jó tivesse ficado doente em sua garganta e até engolir se tornara quase impossível para ele!

7.20

Se pequei. Jó não admitia ter pecado a ponto de todas aquelas miseráveis calamidades o atingirem. Mas ele observou que, se tivesse pecado, então por

certo a reação divina era exagerada. "O pecado humano não pode justificar a hostilidade de Deus contra o homem" (*Oxford Annotated Bible,* comentando sobre o vs. 20). Ironicamente, Jó chamou Deus de "o Preservador do homem", mas então Ele fez essa preservação apenas prolongar a agonia, em vez de trazer bondade e felicidade. Deus fez do homem Seu alvo de ataque e o preservou para *aquele* exato destino. Ele o conservou vivo para que pudesse continuar a atacá-lo.

Somos para os deuses o que as moscas são para os meninos. Eles nos matam por diversão.

(Shakespeare)

Jó refere-se aqui ao *enigma* do sofrimento. Se Deus é Todo-bom, Todo-poderoso, Todo-conhecedor, então de onde vem o mal? Se Deus fosse considerado um Ser malévolo. então o problema do mal teria achado sua solução final. Essa é a explicação do pessimismo. Ver na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* o verbete chamado *Pessimismo.* Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Problema do Mal,* e ver a seção V da Introdução ao presente livro. Poderia Jó, no meio de todo esse sofrimento insensato, continuar demonstrando *adoração desinteressada* a Deus, ou terminaria ele blasfemando, conforme Satanás disse que teria? Sua adoração era egoísta? Porventura ele adorava e servia somente para obter coisas para si mesmo? Essa é a questão principal do livro.

Ver a *Mensagem Principal do Livro* sob a seção intitulada *Ao Leitor,* nas notas imediatamente antes da exposição a Jó 1.1.

7.21

Por que não perdoas a minha transgressão...? Se Jó tinha pecado, e *se suas agonias* tivessem sido causadas por isso, então "por que Ele não perdoava?", perguntou Jó a Deus. A bondade é um atributo divino *essencial,* e isso significa que Ele demonstra *misericórdia* e redime os homens do pecado e seus efeitos. O perdão é, tradicionalmente, parte da relação divino-humana, porque os homens sempre têm necessidade dele. Declarou Voltaire: "Deus me perdoa. Esse é o trabalho Dele". O evangelho ensina-nos idêntica verdade. Jó disse a Deus que Seu perdão tinha de vir em breve, naquela mesma noite, enquanto ele dormia no pó, porquanto havia boa chance de que, na manhã seguinte, a morte já o tivesse arrebatado. Uma vez mais, vemos que Jó não olhava para além da morte biológica, para encontrar a vida eterna. Ele não esperava sobreviver à morte em uma alma imaterial. Isso não fazia parte da teologia patriarcal. É possível que, em Jó 19.26,17, ele estivesse esperando pela ressurreição, mas esses versículos são controvertidos, como se outra coisa pudesse estar em foco. Seja como for, Deus não estava olhando para uma "esperança mais além", para solucionar os sofrimentos terrenos de Jó ou de qualquer outro ser humano.

A parte final deste versículo nos remete aos sentimentos do vs. 8, onde comento a questão. Jó chegou a ter uma débil esperança. Talvez Deus, de súbito, o favorecesse, de modo que ele não desaparecesse antes do raiar da próxima manhã.

Pobre coração humano,
Conheço o êxtase de toda a tua dor,
E a angústia de tua alegria.

(James Strahan)

Mas Jó sussurrou:

Não fui moldado para os Teus cuidados,
Para depender de Ti e Ter esperança,
E esperar pela Tua lenta compaixão.

(idem)

Jó reafirmou sua antiga confiança em um Deus de amor, mas *sarcasticamente* asseverou estar frustrado em sua esperança.

Capítulo Oito

Continuamos com a seção iniciada no capítulo 3, a *primeira série* de discursos dos três amigos de Jó, com correspondentes repreensões da parte de Jó. Essa seção se estende até o capítulo 14. Ver a introdução ao capítulo 3. O plano geral do livro é que os três amigos de Jó falaram cada um por três vezes, com exceção do terceiro amigo, que não falou pela terceira vez. Por sua vez, Jó deu respostas a eles. Na introdução ao capítulo 4, sob o título *Circunstâncias dos Discursos,* apresento um sumário dos itens e uma caracterização geral do plano dos discursos, o que não repito aqui. Os críticos de Jó transmitiram, essencialmente, a mesma mensagem: os sofrimentos de Jó resultavam de seus pecados, dos quais ele precisava arrepender-se. Além disso, há a questão da disciplina que a dor oferece. Eles não chegaram a lugar nenhum e deixaram sem solução o problema do mal. Os sofrimentos de Jó não podiam ser explicados. A razão desses sofrimentos continuavam um *enigma.*

A mensagem principal do livro é uma adoração desinteressada. Porventura os homens adoram a Deus para ganhar algo para o próprio "eu", em vez de servir ao próprio Deus? Será verdade o *Egoísmo* (ver na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia*)? Ver também, no *Dicionário* o verbete intitulado *Pessimismo,* a posição que Jó assumiu em seus sofrimentos e em suas queixas. O *Problema do Mal* (ver o artigo no *Dicionário* e a seção VI da *Introdução* ao livro) entra como tema secundário, um corolário necessário sobre a natureza da adoração.

O crítico-atacante-amigo agora era *Bildade.* Ver no *Dicionário* o artigo sobre *Bildade,* quanto ao que se conhece a respeito de sua pessoa e quanto à natureza dos seus argumentos.

"Bildade era um indivíduo dogmático-religioso do tipo superficial. Seu dogmatismo repousava sobre as tradições (por exemplo, Jó 8.8-10), sobre a sabedoria proverbial e sobre frases piedosas aprovadas. Esse dogmatismo abunda em seus discursos. Seus chavões exprimem verdades batidas, mas, na verdade, todas as pessoas conhecem bem esses chavões (ver Jó 9.1,2; 13.2) e não lançam nenhuma luz sobre os problemas que Jó estava enfrentando" (*Scofield Reference Bible,* comentando sobre o vs. 1 deste capítulo).

A *posição de Bildade* era essencialmente a mesma que a de Elifaz, mas seu ataque era inspirado por uma ira escaldante contra a insolência e a irreverência de Jó (demonstradas no capítulo 7). Ele era um crente convencido, que estava pronto para atacar qualquer oponente que encontrasse pelo caminho, como se fosse um *fundamentalista combativo.* Para ele, a eloqüência de Jó nada mais era que um vento tempestuoso verbal (8.2), estando ele seguro de que não era um inchado com seus próprios pensamentos. Inchado ou não, ele não foi capaz de solucionar o problema que tinha nas mãos: o *porquê* do sofrimento humano, embora tenha dependido de muitos *textos de prova* em sua tentativa. Ver o artigo sobre ele no *Dicionário,* quanto a um completo exame sobre seus raciocínios.

8.1

Bildade, o suíta. Presumivelmente, ele era descendente distante de Sua, um dos filhos de Abraão e Quetura, que habitava no deserto da Arábia, chamado nas Escrituras de "terra oriental" (Gên. 25.6). Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Sua,* terceiro ponto.

8.2

Até quando falarás tais coisas? "Até quando falarás tais coisas, como se fosses uma tempestade, com tua ousadia e blasfêmias? Não passas de um saco de vento, Jó. É tempo de parares e me escutares, uma verdadeira fonte de sabedoria. Tu, Jó, falas de forma violenta e sem sentido. Protesto em altas vozes contra ti. Ouve os meus gritos. Eles têm sabedoria para instruir-te." Portanto, Bildade falou como quem tinha alguma espécie de autoridade:

Sou o Senhor Oráculo.
Quando abro os meus lábios
Que nenhum cão ladre!

(Shakespeare)

Bildade começou "abruptamente e sem moderação". Os mestres fundamentalistas combativos sempre proferem *verdades abruptas.* Algumas vezes elas causam mais dano do que mentiras. A língua cortante injuria. Verdade falada sem amor deixa de ter as suas virtudes.

Odium Teologicum

Ó Deus... que carne e sangue fossem tão baratos!
Que os homens viessem a odiar e matar,
Que os homens viessem a silvar e decepar a outros
Com língua de vileza,
... por causa de...
"Teologia".

(Russell Champlin)

Qual vento impetuoso? Ou seja, desconsiderando as restrições apropriadas, com discursos ousados e barulhentos, vãos, precipitados e desordenados contra Deus. Bildade virtualmente acusou Jó de *blasfêmia,* semelhantemente ao que Satanás disse que Jó se rebaixaria a fazer, caso fosse submetido a severo teste (ver Jó 1.11; 2.5).

8.3

Perverteria Deus o direito...? Em seus discursos quase blasfemos (capítulos 3 e 7), Jó acusou virtualmente Deus de perverter o juízo e a justiça. Era claro, para Bildade, tal como tinha sido para Elifaz (capítulo 4), que os sofrimentos de Jó eram causados como um julgamento contra ele. Presumivelmente, a *grandeza* dos sofrimentos de Jó podia ser explicada pela *gravidade* de seus pecados. Portanto, afirmar sua inocência e "repreender" a Deus em face do doloroso tratamento a que estava sendo submetido, equivalia a dizer que Deus tinha pervertido o juízo e a justiça. Bildade perdeu completamente de vista a possibilidade de que algo diferente do *pecado* pudesse ser a *causa* dos sofrimentos de Jó. Ele continuou a tocar a *mesma canção* que Elifaz tocara, mas tão-somente alta. Desde o começo, Bildade estava "atrasado", isto é, aproximava-se do problema com uma idéia preconcebida sobre a razão pela qual Jó estava sendo afligido. Ele apresentou suas respostas antes de ter feito qualquer investigação. Essa abordagem é típica de indivíduos dogmáticos que presumem que seus credos podem resolver qualquer problema no céu ou na terra. Eles nunca pensam, uma vez sequer, que seus credos podem ser parciais, e parcialmente *errados*. Bildade acusou o homem enfermo, mas na realidade nunca disse qual era a causa de sua enfermidade.

Estaria Deus punindo Jó por nada? Jó 2.3 diz que sua dor era "sem causa", e o prólogo culpa uma barganha cósmica feita com o próprio Satanás. Dificilmente podemos aceitar essa abordagem. Ver Jó 1.11, quanto à discussão sobre os problemas teológicos do livro de Jó. Ver também Jó 1.12, quanto às idéias adicionais.

8.4

Se teus filhos pecaram contra ele. *Bildade* feriu Jó com sua grande faca ao relembrar-lhe como seus filhos tinham morrido miseravelmente. "Naturalmente, eles morreram por serem pecadores. Deus os cortou desta vida. E tu, Jó, estás sofrendo por causa de teus pecados, e em breve Deus também te cortará, se não te arrependeres."

Bildade ignorou o *mistério* do sofrimento dos *inocentes* com uma pergunta retórica. Em seguida, sua ira inspirou-o a mostrar-se cruel. Elifaz ainda demonstrou alguma simpatia; mas Bildade assemelhou-se mais a um boxeador que salta quando a campainha toca. Bildade era o campeão de Deus, enquanto Jó era o ofensor de Deus. Bildade feriu Jó com sua adaga, "precisamente onde sabia que feriria mais fundo: no coração do pai cujos filhos tinham morrido. Seus filhos eram pecadores, e essa era a razão pela qual morreram prematuramente" (Samuel Terrien, *in loc.*).

Diz o original hebraico: "Deus os jogou fora", como se eles fossem um lixo inútil. Jogar fora significa a destruição e o esquecimento da *morte*. Eles sofreram a inevitável conseqüência de seus atos tolos.

"Certamente esse ataque cruel e sem coração feriu Jó profundamente. Afinal de contas, ele tinha oferecido sacrifícios para encobrir os pecados de seus filhos (ver Jó 1.5)" (Roy B. Zuck, *in loc.*).

8.5-6

Mas, se tu buscares a Deus. O arrependimento era a solução mágica, conforme Bildade insistiu. Um homem precisa buscar e suplicar a Deus, presumivelmente fazendo os sacrifícios e emendas pelos resultados de pecados antigos. Então o favor divino estaria garantido, e, como um passe de mágica, os sofrimentos de Jó terminariam. Se Jó fosse *puro* e *reto*, então a misericórdia divina poria fim a seus intensos sofrimentos. O fato de que eles continuavam sem dar-lhe descanso mostrava que Jó era um pecador incansável, que nunca se arrependera. Se Jó se arrependesse, teria feito o seu papel e, então, Deus faria a parte Dele e curaria Jó.

O segundo crítico de Jó, portanto, perdeu completamente de vista que a *Lei Moral da Colheita segundo a Semeadura* (ver a respeito no *Dicionário*) não explica todo o sofrimento que há no mundo. Os inocentes podem sofrer e realmente sofrem. O problema do mal está repleto de enigmas. A lei do carma é poderosa, e a *retribuição* é necessária e útil, porquanto cura, e não meramente castiga. Mas não podemos explicar todas as coisas e condições más apelando a essa lei. Jó havia apelado a Deus (ver Jó 7.20,21), mas seus críticos supunham que seu apelo carecesse de sinceridade moral.

Deus havia arrebatado as *propriedades* de Jó. Mas, se ele se arrependesse, obteria novas propriedades, "restauração da justiça de tua morada", onde Deus entraria em comunhão com o seu proprietário. Suas antigas propriedades eram cenário de segredos e pecados graves, ou não teriam sido destruídas pelas forças da natureza. Alguns estudiosos espiritualizam "morada" neste versículo, pensando significar a *alma*. Jó prosperaria espiritualmente, mas essa é uma explicação anacrônica.

8.7

O teu primeiro estado. O primeiro estado de Jó seria pequeno em relação ao que Deus faria, caso ele se arrependesse. As bênçãos divinas aumentariam a cada dia, até que ele se tornasse novamente um homem *próspero* (sinal da bênção divina, segundo as crenças dos hebreus). Bildade estava prometendo-lhe riqueza maior do que ele tivera antes de começarem as suas tribulações. O crítico de Jó promovia o raciocínio comum de que as bênçãos materiais são sinal de bênção divina. Naturalmente, quando a tempestade passou, foi exatamente isso o que aconteceu. Jó aumentou suas propriedades 100% acima do que tinha antes, isto é, *o dobro*. Ver Jó 42.1 ss. Não obstante, as bênçãos finais de Jó não ocorreram pelas razões apresentadas por Bildade.

O Testemunho do Passado (8.8-19)

8.8

Pois, eu te peço, pergunta agora a gerações passadas. *Bildade Apela para as Tradições.* Os antigos tinham muita coisa para ensinar-nos, foi o raciocínio dele. Eles instruiriam Jó, e Bildade seria o porta-voz deles. O segundo crítico de Jó era um indivíduo dogmático que derivava sua autoridade das tradições. Ele vivia citando os livros que exploravam questões de sabedoria. Se Jó tivesse lido tais livros, provavelmente teria deixado de assimilar o conteúdo deles.

A sabedoria dos antigos sábios estava preservada sob a forma de *provérbios*, principalmente. De fato, os antigos tinham preferência por esse tipo de instrução. Jó é considerado um dos livros da *Literatura de Sabedoria* dos judeus, de maneira que o uso de provérbios neste livro é apropriado.

"Elifaz havia apoiado seus pontos de vista apelando para a sua própria experiência (ver Jó 4.8). Bildade tentou apresentar-se introduzindo uma autoridade supostamente maior, as observações feitas por pessoas das gerações passadas" (Roy B. Zuck, *in loc.*). Presumimos que os *patriarcas* mais respeitáveis fossem as fontes de informação de Bildade. Naturalmente, as tradições têm um lugar apropriado. Uma voz chega até nós, vinda do passado. Mas não devemos depender somente disso. De muitas maneiras, sabemos mais que os antigos, mesmo nos campos da teologia e da filosofia, para nada dizer sobre as ciências. Ser antigo não significa, necessariamente, ter razão. Até as Escrituras do Antigo Testamento foram ultrapassadas pelo Novo Testamento, provando que o antigo é ultrapassado pelo moderno.

8.9

Porque nós somos de ontem, e nada sabemos. Na moderna expressão idiomática, diríamos: "Nascemos ontem", em lugar do hebraico "nós somos de ontem". Presumivelmente, a antigüidade adiciona peso à autoridade. Embora ainda não houvesse cânon das Escrituras, as declarações dos sábios eram tidas em alta estima e, sem dúvida, considerava-se que uns tantos provérbios contivessem a *inspiração divina*. Em contraste, os "modernos" nada sabem, e o presente dia curto é apenas uma *sombra*. Era através dos antigos que o sol coava sua luz, obscurecendo qualquer sabedoria moderna.

"Ele era como o tipo *paleortodoxo* de teólogo que apelava para o passado, sem perceber que o presente requer que se *repensem* as fórmulas que não são mais adequadas" (Samuel Terrien, *in loc.*). Os credos baseados na autoridade dos antigos expressavam a autoridade humana. Visto que ele tinha um credo, não precisava pensar.

São como a sombra. Ou seja: 1. com pouca luz; 2. tendo vida de pequena duração (Jó 7.6,7.9). Os relógios de sol dos antigos operavam através da sombra projetada, lançada pela luz do sol.

A Tirania das Tradições. Qualquer pessoa pensante sabe o que representa a tirania das tradições. Existe o mau hábito de romantizar o passado. Outrossim, devemos lembrar que o presente é o herdeiro de *todo* o passado, estando em melhor posição para fazer juízo do que um homem situado em algum *lugar* no passado. Ademais, a verdade é *uma aventura contínua*, e não uma realização definitiva. É ridícula a suposição de que a verdade possa ser reduzida a um credo ou a um grupo de credos, ou mesmo a *todos* os credos agrupados juntamente. A verdade, tal como Deus, é infinita, e qualquer indivíduo, grupo, denominação ou sistema religioso todo, do Oriente ou do Ocidente é, necessariamente, fragmentar. O passado é uma peça do quebra-cabeça, mas não é o quebra-cabeça completo e resolvido. Por certo, dentro do credo de Bildade não havia resposta para o problema do sofrimento humano. Ele não resolveu o problema do mal, a despeito de toda a sua pretensão.

8.10

Porventura não te ensinarão os pais...? *O Mestre Consumado.* Alguns professores gostam de agradar seus ouvintes, apresentando *coisas novas* como se fossem troféus para serem admirados. Bildade, entretanto, não tinha nenhuma novidade ou inovação. Ele estava convencido de que suas tradições, cheias da sabedoria dos antigos, eram adequadas ao problema de Jó, bem como a qualquer outro problema nos céus ou na terra. O passado era visto como o mestre consu-

mado. Bildade andava iludido por haver simplificado em demasia a verdade e abandonado a busca pela verdade. Ele tinha estacionado o seu trem na estação das tradições. Mas o verdadeiro trem da verdade havia deixado a estação e partido para novos horizontes. Bildade pensava à semelhança da geometria euclidiana: ele poderia reduzir tudo a fórmulas máximas e jamais levantar caso que não tivesse sido previsto em seu sistema de provérbios.

Do próprio entendimento. Um entendimento ganho através da experiência, sem nenhuma intenção de estagnar-se. Bildade, entretanto, havia estagnado a verdade; Jó tinha dito: "Ensina-me..." (Jó 6.24), mas falara com Deus. Bildade era um insuficiente substituto de Deus, como também era o seu conceito de "verdade através somente de credos".

8.11

Pode o papiro crescer sem lodo? Para que haja papiro, será mister primeiro haver um lodaçal, no qual o papiro medrará. Para que haja um lodaçal fértil de canas, é preciso haver água, sendo esse o *sine qua non* de toda a vida. Portanto, de acordo com o segundo crítico de Jó, para que a pessoa tenha a verdade, é necessário considerar a sabedoria dos patriarcas e de seus livros, com declarações escolhidas e provérbios. Para ele, esse era o *sine qua non* para obter o conhecimento. Ver na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* o artigo intitulado *Conhecimento e a Fé Religiosa*, quanto aos modos de tomarmos conhecimento das coisas e quanto às teorias da verdade. A planta do papiro era boa para fabricar papel, recipientes, sapatos, cestas, barcos e outros utensílios. Mas só estava disponível para uso quando devidamente cuidada e cultivada. Assim também, a verdade tinha muitas aplicações, e o *lodaçal* onde era cultivada fazia parte das atividades dos antigos. Ver na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* o artigo chamado *Papiro*.

8.12-13

Antes de qualquer outra erva se secam. A fraca planta do papiro é mais frágil que a própria erva. E outro tanto sucede a todos quantos, devido à sua arrogância, não querem arrepender-se e se esquecem de Deus. Na opinião de Bildade, esse era o caso de Jó. Bildade chamou Jó, abertamente, de *ímpio*, e viu em sua enfermidade um caso terminal. A morte em breve haveria de removê-lo da terra, da mesma maneira que a frágil planta do papiro logo se resseca e morre.

A esperança do ímpio perecerá. A King James Version diz "hipócrita", mas a Revised Standard Version, concordando com a nossa versão portuguesa, diz "ímpio". O termo hebraico correspondente, *haneph*, originalmente significava uma pessoa *profana* (ver Jer. 3.1; Sal. 106.38). Mais tarde adquiriu o sentido de renegado, descrente, alguém que *atraiçoa* sua missão (cf. Isa. 10.6). De acordo com seu segundo crítico, Bildade, Jó era um traidor da causa santa. Tal homem deveria *perecer*, o que significa, em todo o livro de Jó, que a morte biológica, que fazia parte da teologia dos antigos patriarcas, representava o fim da personalidade humana. Por conseguinte, Bildade não estava falando de um julgamento que aconteceria depois do sepulcro, pois essa doutrina só entrou na teologia dos hebreus no tempo dos livros intertestamentários dos livros apócrifos e pseudepígrafos. Os eruditos sabem que as chamas do inferno só foram acesas no livro de I Enoque. Dan. 12.2 faz uma previsão dessa doutrina, mediada através da ressurreição. Cf. o presente versículo com Sal. 9.17.

8.14

Sua confiança é teia de aranha. *A Metáfora do Inseto.* Que intrincado desígnio tem a teia de aranha! Nós a admiramos, embora temamos o pequeno inseto que a teceu. Mas quão fácil é acabar com a própria teia! Assim acontece à esperança dos ímpios, que chega a transformar-se em nada, rápida e completamente, embora, em alguns casos, haja uma demora, de acordo com a maneira como os homens calculam o tempo.

"Os ímpios, subjugados pelos fortes hábitos do pecado, esperam infrutiferamente, até que o último fio da teia da vida seja cortado. Mas então eles não têm mais forças, e a vida deles se reduz a nada" (Adam Clarke, *in loc.*) O ímpio se edifica em esperança e vive seu breve dia; mas o que ele edificou se arruína, com freqüência sob um único golpe, tal como acontece à teia de aranha, que, apesar de tão bela, é completamente desmantelada por um único golpe.

A teia de aranha é tecida de suas próprias entranhas. Assim também as obras do ímpio são autoproduzidas, sem nenhuma aplicação da graça e do poder de Deus. Não admira, pois, que pereçam tão rapidamente!

8.15

Encostar-se-á à sua casa. *Continua Aqui a Metáfora da Teia de Aranha.* Tendo terminado a sua teia, a aranha sai ao redor para aplicar pressão às várias partes dela, a fim de testar a sua resistência. Agora a teia é chamada de "casa" da aranha. Se um animal ou ser humano se encostar naquela magnífica estrutura, a teia imediatamente cederá e se desintegrará. Por semelhante modo, é isso o que acontece *à casa* do ímpio. Qualquer pressão, qualquer teste, qualquer julgamento é suficiente para derrubá-la. E, quando a casa rui, o homem morre. Portanto, consideremos o espetáculo. O homem constrói uma magnífica estrutura. Sua vida torna-se cheia de luxos e prazeres, e ele fica arrogante com a excelência de sua casa. Mas na primeira vez que um julgamento divino *se apóia* sobre aquela casa, ela rui. Aquele homem é um construtor insensato, alguém que, nas palavras de Jesus, constrói sobre a areia (ver Mat. 7.26).

Diz um provérbio árabe:

> *O tempo destrói a casa bem construída,*
> *Tal como acontece à teia de aranha.*

8.16

Ele é viçoso perante o sol. A *Metáfora da Planta.* Agora o ímpio é comparado a uma planta, em suas raízes, crescimento e duração de vida. O poeta já havia empregado a metáfora de uma planta, o papiro (vss. 11-12). Uma planta, como todo o tipo de vida, depende do sol: sem luz não há vida. Mas essa planta excelente dispõe de muita luz do sol, e assim cresce e seus ramos se desenvolvem em todas as direções. Ela parece tão viçosa que somos tentados a pensar que viverá para sempre. Ela é verde e vibrante; saudável e forte. Ela prospera e floresce. Assim também o ímpio aumenta suas riquezas, poder e prestígio. Ele enfia suas raízes profundamente no solo, e seus ramos se entrelaçam em muitos empreendimentos. Fausset (*in loc.*) pensa que a descrição aqui é de uma planta dotada de flor. Esse tipo de planta é ridiculamente vigorosa e desloca toda a competição por solo. Gananciosamente ocupa todo o espaço e torna o jardim impróprio para as flores. Essa é uma boa descrição do homem ímpio e gananciosa.

8.17

As suas raízes se entrelaçam. As *raízes* da relva são tão vigorosas como as folhas. Elas se aprofundam no solo e se entrelaçam em redor de tocos e rochas. Até parece que essa erva viverá para sempre. A erva foi transplantada para o jardim. Temos aqui um caso claro da sobrevivência do mais apto, que não é, obviamente, a sobrevivência do melhor. Os fortes sobrevivem. Os fracos perecem. As ervas são os reis dos jardins. Este versículo ensina que os *ímpios prosperam*, mas que seu breve dia logo se acaba.

8.18

Mas se Deus o arranca do seu lugar. Mas agora considere o leitor o que está acontecendo: o jardineiro chega ao jardim. Ele se encaminha para perto da erva, lança-lhe um olhar mau, agarra a planta acima da superfície e puxa-a pelas raízes. Com um único golpe, a erva termina. Somente um pequeno buraco no solo assinala o lugar onde estava a erva, que antes prosperava com tanta arrogância. Até o próprio buraco entra no ato e diz à erva: "Nunca te vi". Até a memória da planta se oblitera. A segurança da erva era apenas superficial. Forças externas terminaram toda a triste história.

"O próprio solo envergonha-se da erva murcha, à sua superfície, como se nunca tivesse estado vinculada a ela" (Fausset, *in loc.*).

"O sentido é que a erva será tão totalmente destruída que não serão deixadas nem raízes nem folhas, nem coisa alguma que mostre que a erva cresceu uma vez ali" (John Gill, *in loc.*). Os homens são chamados para relembrar o poder do Jardineiro Cósmico que, finalmente, impediu que a erva crescesse em seu jardim.

8.19

Eis em que deu a sua vida! Alguns eruditos pensam que o texto hebraico original está corrompido neste trecho. Roy B. Zuck sugere o seguinte sentido: "A única alegria que tal planta pôde experimentar consistiu em saber que alguma outra coisa a substituiu". Mas será que uma erva seria retratada como tendo alegria porque foi substituída por outra planta? Então teríamos a declaração simples de que a erva jaz ali, em decadência, e isso poderia ser esperado, igualmente, da parte do homem ímpio. Adam Clarke, *in loc.*, porém, prefere ficar com a idéia da *alegria*, e diz que essa declaração é irônica. A alegria da erva foi a sua destruição. Todo o júbilo, jogos, passatempos, o prazer do homem piedoso, ou seja, sua *alegria*, logo se reduziu a nada.

A alegria do homem, na vida, tornou-se uma espécie diferente de alegria, na morte. A prosperidade reduziu-se em morte, e era a mesma coisa em um sentido, desde que a primeira produziu a segunda. O hipócrita jacta-se de sua alegria, mas não sabe que a *verdadeira alegria* (sarcasmo) consiste na morte inevitável.

A segunda parte do versículo é clara. No lugar da erva, alguma outra planta medrará. Ninguém é indispensável. A vida continua. As ervas podem substituir outras ervas, ou flores podem substituir as ervas. O Jardineiro Cósmico está

envolvido no *processo inteiro,* assim é melhor nenhum indivíduo mostrar-se arrogante. A erva pensava que o lugar seria dela para sempre. Mas logo se tornou a casa de outra planta.

Eis! Aqui está ele, apodrecido em seu caminho,
E do solo outra planta crescerá.

(paráfrase do versículo, por Samuel Terrien, *in loc.*).

Muitas coisas crescem no jardim que nunca tinham sido plantadas ali.

(Provérbio)

8.20

Eis que Deus não rejeita ao íntegro. *Em contraste* com o que aconteceu à erva, o Jardineiro Cósmico não rejeitará jamais o homem perfeito. Se um homem for *inculpável,* conforme Jó declarou ser, estará livre do julgamento divino. Mas parecia evidente que Jó não era inocente, porquanto tinha caído na desintegração e esperava inocentemente o seu fim. Além disso, Deus não ajudará um indivíduo malfeitor. Ora, Deus não estava ajudando Jó, o que o marcava, obviamente, como um homem ímpio, pois, de outra maneira, ele nunca teria chegado àquele estado de miséria. Compare-se esse sentimento com Jó 1.1,8; 2.3 e 8.6. O Targum diz aqui *contrário.* O ódio divino destrói logo aquilo que odeia. Somente a santidade é respeitada pela Mente divina. Mas o ímpio é repelido de modo aborrecido e desprezível. Essa era outra das máximas de Bildade.

Com a mesma certeza com que Deus pune e desarraiga o ímpio, com a mesma certeza Ele defende e salva o justo.

(Adam Clarke)

Todavia, estou sempre contigo, tu me seguras pela minha mão direita.

(Salmo 73.23)

8.21

Ele te encherá a boca de riso. Um Jó arrependido se encheria de riso, em vez de gritar de dor. Estaria pleno de regozijo, em vez de amargas queixas. Jó era o seu pior inimigo e, assim sendo, não permitia que o rio da alegria fluísse. Era um *impedimento* para seu próprio bem-estar, algo tão comum entre todos nós.

"A atitude de Bildade era de egoísmo sem simpatia. Ele desejava pensar bem sobre Jó, porquanto era seu amigo, mas não podia reconciliar a condição aflita de Jó com nenhuma teoria de governo justo e, por conseguinte, era impulsionado a suspeitar de que nem tudo andava direito com ele" (Ellicott, *in loc.*).

Então, a nossa boca se encheu de riso, e a nossa língua, de júbilo; então, entre as nações se dizia: Grandes cousas o Senhor tem feito por eles.

(Salmo 126.2)

8.22

Se Jó endireitasse seus caminhos diante de Deus, então nenhum homem poderia prevalecer contra ele, porquanto o próprio Deus seria o seu defensor. Os sabeus e os caldeus tinham atacado e destruído suas riquezas e sua família (Jó 1.15,17). Isso havia acontecido porque Jó cultivava um ou mais pecados secretos. Mas isso nunca poderia repetir-se, porque o governo de Deus é justo e generoso. A residência de Jó tinha sido nivelada por inimigos, e suas riquezas, de modo geral, tinham sido saqueadas. Mas um Jó justo teria uma residência segura, porquanto estaria sob a mão divina. Os saqueadores seriam nivelados pelo poder divino, antes de terem a oportunidade de fazer o mal ao homem bom. Assim aconteceria aos que tinham isolado Jó para feri-lo; visto que o odiavam, seriam *envergonhados* antes de terem oportunidade de agir.

Deitemo-nos em nossa vergonha, e cubra-nos a nossa ignomínia, porque temos pecado contra o Senhor, nosso Deus, nós e nossos pais, desde a nossa mocidade até ao dia de hoje; e não demos ouvidos à voz do Senhor, nosso Deus.

(Jeremias 3.25)

Envergonhem-se e juntamente sejam cobertos de vexame os que se alegram com o meu mal; cubram-se de pejo e ignomínia os que se engrandecem contra mim.

(Salmo 35.26)

Capítulo Nove

O plano geral dos discursos do livro é que os três críticos-amigos de Jó produziram três discursos cada um, exceto o terceiro amigo, que produziu somente dois discursos. Por sua vez, Jó respondeu com réplicas às argumentações deles. Os capítulos 3-14 ocupam-se desse arranjo. Assim é que agora, neste capítulo, temos a réplica de Jó contra o seu segundo crítico, Bildade. Quanto a maiores detalhes sobre essas questões, ver a introdução ao capítulo 4, especialmente sob o título *Circunstâncias dos Discursos.* A mensagem principal do livro é a *adoração desinteressada.* É o ser humano totalmente egoísta, contra aqueles que apenas adoram e servem a Deus? Que benefício pessoal ele pode obter de tal atividade? Continuará ele com sua adoração se estiver sendo severamente afligido? O problema do mal surge em cena como um corolário necessário da mensagem principal. Ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Problema do Mal.* E ver na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* os artigos chamados *Egoísmo* e *Pessimismo* (que foi a posição manifestada por Jó, no capítulo 3 do livro, e, de fato, na maioria dos lugares). Quanto aos problemas teológicos do livro, ver as notas expositivas em Jó 1.11.

A resposta de Jó, dada no capítulo 9, parece referir-se aos argumentos de Elifaz, e não aborda somente ou exclusivamente os argumentos de Bildade. Seja como for, ambos os críticos apresentaram a mesma tese, embora de diferentes maneiras: Deus pune o homem maligno; o homem bom não pode sofrer como Jó estava sofrendo. Elifaz falou como homem que tinha sua própria autoridade, por causa de sua experiência espiritual superior. Bildade, entretanto, falou como homem que transmitiu a sabedoria dos antigos, que não falava em seu próprio nome. Ambos eram indivíduos dogmáticos que se mostravam indispostos a considerar qualquer idéia que não se ajustasse exatamente aos seus credos. Nenhum dos dois chegou perto de resolver o problema do sofrimento humano: por que os homens sofrem, e por que sofrem como sofrem? Pode um homem inocente (Jó 2.3) sofrer? Nenhum dos dois chegou perto de explicar o problema do mal, e Jó compreendeu isso, o que é evidenciado pelas suas respostas.

Samuel Terrien supõe que as respostas de Jó seguissem um plano de "reação adiada", de modo que o discurso de Jó é a resposta a Elifaz, e não a Bildade. Nesse caso, a passagem de Jó 9.2-21 constitui essa resposta, ao passo que o trecho de Jó 9.32–10.22 é uma meditação sobre o caráter de Deus, que termina com uma oração.

9.1-2

Então Jó respondeu. Jó ofereceu uma réplica ao discurso de Elifaz, ou ao discurso de Bildade, ou a ambos. "Como se tivesse tido tempo para meditar sobre o primeiro discurso de Elifaz, Jó citou a declaração cardeal dele com aparente aprovação (vss. 2-7)" (Samuel Terrien, *in loc.*). Note o leitor como as palavras de Jó reproduzem as palavras do visitante fantasmagórico de Jó 4.17 (virtualmente igual ao vs. 2 deste capítulo).

Graus de Culpa. Ninguém é inculpável no sentido absoluto do termo, "pois todos pecaram e carecem da glória de Deus" (Rom. 3.23). Jó não estava argumentando contra essa tese óbvia, nem estava reivindicando não ter pecado. Ele meramente afirmava que seus imensos sofrimentos não se originavam de tal causa (ver Jó 2.3). Ele não estava sendo punido por seus pecados. Devia haver *alguma outra resposta* para os seus sofrimentos. Note o leitor como o autor sacro não menciona o sistema sacrificial do Antigo Testamento. Ele escreveu "como se" tivesse escrito antes da doação da lei, de modo que também não podia fazer a expiação pelo pecado participar do quadro. De fato, antes da outorga da lei, em muitas culturas havia aqueles sacrifícios que, presumivelmente, produziam expiação pelo pecado. Somos informados, em Jó 1.5, que Jó ofereceu os sacrifícios apropriados para expiação e santificação. Mas ele sentia que essa não era a verdadeira maneira pela qual um homem se tornava justo diante de Deus.

Os ímpios perecem (ver Jó 8.13, parte do discurso de Bildade), mas Jó sabia que era inocente. Por que *estava ele* sofrendo?

... porque à tua vista não já justo nenhum vivente.

(Salmo 143.2)

Ver na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* o artigo chamado *Justificação* quanto a uma discussão cristã sobre a questão. A resposta dada pelos antigos era uma bondade respeitável, mas não uma santidade absoluta; vida respeitável, mas não liberdade absoluta do pecado; e expiação, por meio de

sacrifícios e abiuções, para compensar as diferenças. Jó, entretanto, não estava satisfeito com essas respostas antigas.

9.3

Se quiser contender com ele. Neste ponto, Jó parece usar a linguagem legal dos tribunais. Se um homem tomar seu caso perante Deus e fingir ser justo, outros rirão diante dele e o expulsarão do tribunal. Esse homem tolamente tentaria contender com o próprio Deus! Além da questão da justiça, há milhares de outras questões sobre as quais um homem pode estar enganado, e o Mestre da Corte poderia apontá-las para ele, envergonhando-o, pois ninguém é capaz de responder às perguntas divinas (ver Jó 38.3; 40.4 e 42.2-6). Não obstante, Jó sabia que tinha uma resposta que seus críticos não tinham: o homem inocente pode sofrer e realmente sofre. Porém, ele não sabia dizer *por quê*. A questão era enigmática. Deus tem todo o poder, mas poder sem amor é intolerável. Deve haver, em algum lugar, uma resposta que leve o amor em consideração. Ver Jó 5.8, parte do discurso de Elifaz: a apresentação de uma causa perante Deus. Mas, para ver-se envolvido nessa atividade, o indivíduo deveria ser *justo,* ou um raio o derrubaria por terra antes que ele pudesse falar. Jó teve a audácia de duvidar de Deus (ver Jó 10.2; 13.22; 14.15; 31.35-37), exigindo respostas da parte Dele. Mas tudo quanto obteve foram perguntas divinas que o deixaram confuso, e o enigma do sofrimento permanecia. Quanto ao que pode ser dito no livro de Jó sobre o problema do mal, ver a *Introdução* ao livro, seção V.

Nem a uma de mil cousas. Deus pode acusar um homem de mil coisas, mas o homem não pode defender-se de um único caso. Outrossim, Deus pode apontar para mil buracos em seu credo, e o homem não terá nenhuma resposta. Ou então Deus pode fazer-lhe mil perguntas difíceis sobre coisas em geral, conforme Ele demonstrou mais tarde (ver as referências acima), e o homem não terá resposta para um único enigma. Por conseguinte, é melhor permanecer afastado do tribunal celestial, e não provocar Deus com perguntas e acusações tolas.

9.4

Ele é sábio de coração e grande em poder. Deus é Todo-sábio (onisciente) e também Todo-poderoso (onipotente). Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Atributos de Deus.* Empregando o que os teólogos chamam de *Via Eminentiae* (ver na *Enciclopédia*), os homens tentam descrever Deus aplicando a Ele, em alto grau, suas próprias qualidades e atributos. Além disso, eles inventam argumentos intelectuais para explicar por que acreditam que Deus existe e quais são as Suas verdadeiras qualidades. Em outras palavras, eles usam *argumentos positivos,* essencialmente baseados em suas experiências, incluindo as experiências místicas e os seus raciocínios. Esse método produz algum fruto e tende por cair no *Antropomorfismo* (ver a respeito no *Dicionário*), segundo o qual Deus é transformado em um Super-homem.

Além disso, há a *Via Negationis*, que é a abordagem negativa. "Deus é transcendental." Ele não é aquilo que o homem é. Algum fruto nasce, mas é difícil falar sobre qualquer coisa referente à experiência humana, à qual nosso conhecimento está essencialmente vinculado. Seja como for, os *omnis* (onipresente, onisciente, onipotente) são conceitos essencialmente negativos, visto que, na realidade, não temos experiência com o infinito, e, se temos, essa experiência é inefável. Assim sendo, o *omni* torna-se não-infinito, mas *muito grande.* Portanto, o texto presente fala da grande sabedoria e poder de Deus. Nenhum pecador ousa aproximar-se de tal sabedoria e poder. Os ímpios não podem prosperar porque é o Deus Todo-sábio e Todo-poderoso que, afinal de contas, determina o seu destino. Até o mais sábio dos homens e o mais poderoso se postam como crianças desnorteadas diante do Deus Altíssimo.

Comparar o presente versículo com Jó 12.13; 38.1–40.2; 40.6-41. Deus exibiu Seus atributos de sabedoria e poder quando confundiu Jó posteriormente.

"Deus confunde o mais hábil argumentador com a Sua sabedoria, e o mais poderoso homem com o Seu Poder" (Fausset, *in loc.*).

9.5

Ele é quem remove os montes. O poeta ilustra o *grande poder* de Deus que ele havia descrito no vs. 4. Trata-se de um poder tão grande que pode derrubar montanhas, sem dúvida uma referência a terremotos. Atos da natureza são atribuídos a Deus, conforme fazemos até em tempos modernos. O vs. 6 quase certamente continua com a idéia do terremoto. "Pelas fortes convulsões dos terremotos, montanhas, vales e colinas e até ilhas inteiras são removidos em um único instante" (Adam Clarke, *in loc.*). Além disso, o trabalho é feito sem o acompanhamento de qualquer notícia. Tudo ocorre mediante algum poder invisível, o que pode ser muito destrutivo. Assim sendo, o poder de Deus derruba o ímpio a qualquer momento, sem aviso. Nenhum homem prosperará se for contrário ao Todo-poderoso.

> *Dar-me-ia pressa em abrigar-me do vendaval e da procela.*
>
> (Salmo 55.8)

Comparar com Zac. 4.8 e Pro. 16.20. Voltaire ficou muito infeliz com Deus, por causa de um terremoto que atingiu Lisboa em 1776, com a perda de 50.000 pessoas. E há inúmeras ilustrações disso por toda a história da humanidade. Alguns terremotos, especialmente, os destruidores, são acompanhados por erupções vulcânicas, o que adiciona terror e destruição àquilo que já é temível.

Na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* ofereço um detalhado artigo chamado *Terremoto.* Na Bíblia, os terremotos figuram entre as armas mais potentes do arsenal de Deus.

9.6

Quem move a terra para fora do seu lugar. Continua aqui a *ilustração* do terremoto. Os terremotos mais poderosos podem sacudir até mesmo as colunas da terra. O antigo conceito semita da terra, em relação ao cosmo, era como segue: havia um *firmamento,* uma estrutura tipo cúpula arqueada por cima da terra. Acima dessa massa sólida de material existia grande expansão de água. O sol, a lua e as estrelas eram luzes fixadas no lado de baixo do firmamento. A terra era chata, e nas beiradas havia montanhas sobre as quais o firmamento repousava em dois extremos. A terra penetrava nas águas abaixo, isto é, no abismo de água. Pensava-se que abaixo da terra estava o *seol.* Por baixo do seol havia as colunas sobre as quais repousava toda a massa. Mas não temos nenhuma conjectura a respeito de em que as *colunas* repousavam. Seja como for, essas colunas formavam os alicerces da terra inteira. Quanto a uma ilustração dessa visão cósmica, ver na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* o artigo chamado *Astronomia.* A declaração do vs. 6 é que as próprias colunas que servem de alicerce da terra podem ser sacudidas pelo poder de Deus, ameaçando toda a vida e até a própria existência da terra. Algum terremoto gigantesco poderia destruir a terra e seus habitantes mediante um único golpe fatal. Os intérpretes que supõem que os antigos pontos de vista semíticos não pudessem errar, apresentam uma questão que deixa a desejar, argumentam que estamos tratando aqui de expressões metafóricas, e não declarações literais de crença.

> *Vacilem a terra e todos os seus moradores, ainda assim eu firmarei as suas colunas.*
>
> (Salmo 75.3)

Esta declaração no livro de Salmos supõe que o próprio Deus firma as colunas da terra, pelo que nada de catastrófico pode acontecer a ela. Essas colunas seriam instáveis, não fosse a preservação divina providencial. Mas o poder de Deus pode fazer as colunas vacilar, e, por igual maneira, Deus castiga homens ímpios, fazendo-os perecer.

9.7

Quem fala ao sol. Se o sol fosse impedido de elevar-se acima do horizonte, isso seria um notável milagre de Deus. Talvez o poeta tenha falado metaforicamente de tal poder: Deus pode fazer o que Ele bem quiser. Alguns estudiosos reduzem essa figura a um mero eclipse, ou a nuvens que ocultam o sol nascente. Naturalmente, temos de considerar o longo dia de Josué, o que também ocorreu mediante algum freio divino do sol, mas também é explicado mediante termos naturais. Ver no Dicionário o artigo denominado *Astronomia,* quinta seção, intitulada *A Astronomia e Outros itens Interessantes, na Bíblia.* Ver também sobre *Josué, Longo Dia de,* e a narrativa em Jos. 10.12-14. Quanto a detalhes sobre essa história, ver o verbete intitulado *Bete-Horom, Batalha de.*

Sela as estrelas. Provavelmente, devemos pensar aqui em nuvens espessas. As estrelas não são vistas por causa dos atos divinos de Deus, que controlam a natureza. O autor sagrado enfatiza como a própria natureza está sujeita ao poder de Deus, quanto mais o homem humilde, o pecador que merece o julgamento divino.

Os céus são como um grande livro no qual podemos ler a glória de Deus. Algumas vezes, porém, Deus sela o livro, "de forma que ele não pode ser lido. Algumas vezes os céus tornam-se negros como o ébano, e então nenhuma estrela, figura ou caráter nesse grande livro de Deus pode ser lida" (Adam Clarke, *in loc.*). Diz o Targum: "Sela as estrelas com nuvens". Também podemos pensar em tempestades violentas, que ilustram o poder divino e ameaçam os homens, tal como podem selar a luz vinda do céu.

Jó, em seu pessimismo, falou sobre os céus como algo que emite luz. Ver Jó 3.9. Cf. também Jó 41.15.

A Amoralidade da Onipotência (9.8-13)

9.8

Quem sozinho estende os céus... O poder de Deus é ilustrado, igualmente, pelo ato criativo de espalhar as estrelas, estabelecendo a ordem cósmica. Então

as temíveis ondas são como nada para Deus. Ele também as criou e pode sair andando sobre elas sempre que quiser. Quando Deus pisa sobre as águas, causa grandes tempestades e ondas no mar, que assustam os marinheiros.

A *antiga cosmologia dos hebreus* retratava toda a criação feita para o homem, pelo que os luzeiros do céu, isto é, o sol, a lua e as estrelas existiam para dar luz e conforto aos homens. Portanto, ao espalhar os céus, Deus o fez como quem arma uma tenda para cobrir e proteger. Pelo lado de baixo, a tenda foi feita brilhante, com inúmeras luzes, por causa do homem.

Consideremos:

1. *O Deus Voluntarista.* Os versículos diante de nós retratam uma *Vontade Inexorável* que nenhum homem pode colocar em dúvida, mesmo que Ele viole as condições morais impostas ao homem. Ver na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* o verbete chamado *Voluntarismo.* Nesse conceito de Deus não damos grande importância à razão e à justiça, conforme compreendemos esses termos. As coisas estariam certas porque Deus as quer, e não porque estão certas em si mesmas.
2. *A Onipotência do Deus Amoral.* Então Deus tem poder onipotente, mas isso não é controlado pela moralidade do homem, mesmo que ela tenha sido imposta ao homem por parte de Deus. Portanto, o vs. 12 retrata Deus como um ladrão ou raptor cujos atos não podem ser nem obstruídos nem postos em dúvida.
3. *O Inteiramente Outro.* Deus, pois, é o "inteiramente outro". Não podemos atingir o conhecimento sobre Deus examinando o homem e aplicando os atributos humanos a Ele, em um grau mais elevado. Ver as notas sobre Jó 9.4, quanto a *Via Eminentiae* e *Via Negationis,* maneiras de explicar Deus. Os versículos à nossa frente aplicam a *Via Negationis.* Deus é transcendental e não pode ser descrito mediante a aplicação dos conceitos antropomórficos. "Os juízos de Deus continuam sendo insondáveis, e inescrutáveis são os Seus caminhos! (Rom. 11.33). Porém, esses juízos não podem ofender, em análise final, a imagem Dele mesmo, expressa na vida humana. De outro modo, Suas *maravilhas* tornar-se-iam 'maravilhas', de fato!" (Paul Scherer, *in loc.,* limitando-as por meio de uma moralidade apropriada).

Caros leitores, o hipercalvinismo promove um conceito voluntarista de Deus. A isso devemos resistir sobre bases morais. O Deus de amor não pode sair fazendo certas coisas que Lhe são atribuídas, como a reprovação ativa, por exemplo. Um conceito de julgamento que não seja temperado pelo amor é um conceito voluntarista. O julgamento divino existe para corrigir e remediar, não apenas para punir. De fato, todos os julgamentos de Deus são remediais, até o julgamento dos perdidos. Ver sobre I Ped. 4.6, no *Novo Testamento Interpretado.* E ver, no *Dicionário,* o artigo intitulado *Julgamento de Deus dos Homens Perdidos.*

9.9

Quem fez a Ursa, o Órion, o Sete-estrelo e as recâmaras do sul. *O ato da criação* é também descrito porque mostra o poder de Deus e Sua vontade inexorável. Ele fez as constelações de estrelas, cujos nomes são registrados aqui. Dou artigos sobre as constelações no *Dicionário,* de maneira que o leitor pode examiná-los, quanto a informações mais detalhadas. Ver os artigos chamados *Plêiades (e Outras Constelações); Sete-Estrelo.* Os homens olham para os céus admirados, e sabem que ali há grande poder. O poeta assegura que esse Poder existe, não meramente para ser admirado, mas para impressionar os ímpios hipócritas. Por outra parte, esse Poder também existe para abençoar os arrependidos. Jó podia fazer essa escolha. Os nomes próprios têm sido variegadamente traduzidos e interpretados, mas a mensagem é bastante clara. Devemos lembrar que Deus *transcende* Seu cosmo criativo, e isso também ilustra Seu poder.

As recâmaras do sul. Isto é, as *regiões invisíveis* do hemisfério sul, com seu próprio jugo de inúmeras estrelas, em distinção às outras constelações que tinham acabado de ser citadas. O autor fala da *vastidão* dos céus estrelados. Ver no *Dicionário* o artigo denominado *Astronomia,* que ilustra essa vastidão através do conhecimento moderno.

9.10

Quem faz grandes cousas. *Ninguém pode sondar* a *verdadeira natureza* do próprio Deus ou de Suas obras. Deus faz maravilhas sem-número, porque tem o poder e a sabedoria para tanto. Por conseguinte, ninguém pode pôr-se diante de Deus e interrogá-Lo. Ele não tem de prestar contas a quem quer que seja. Não existe tribunal diante do qual Ele possa ser convocado e interrogado. Mas podemos estar certos de que o Seu poder fere o homem maligno e de que Ele julga o pecado. Note o leitor como este versículo faz referência à declaração de Elifaz, em Jó 5.9. Ver as notas ali quanto a outros detalhes. O segundo crítico de Jó salientou que o caso de Jó não era muito difícil para Deus, o qual faz maravilhas sem fim. Mas devemos buscar a Deus da maneira certa, incluindo a humildade e o arrependimento. O caso de Jó era desesperador, mas não impossível. Jó reconhecia o Poder divino, mas só o via operar em sua vida de forma negativa. E isso o deixava assustado. Jó reconhecia o estupendo poder de Deus, mas demorava-se sobre Seus terríveis atos de destruição, os quais, segundo todas as aparências, não eram governados por nenhuma razão, pois, afinal de contas, faziam-no sofrer "sem causa" (Jó 2.3).

9.11

Eis que ele passa por mim, e não o vejo. *O Deus Oculto.* Deus deixa Suas pegadas por toda a parte, assim sabemos que Ele está "ali, em algum lugar". Mas Ele é transcendental, e nunca podemos achá-Lo. Ele está acima de nossa percepção e de nossa razão, além de nossa investigação. Ele transcende ao cosmo criado e não nos admiramos por não poder encontrá-Lo. "Ele é incompreensível em todos os Seus caminhos e em todas as Suas obras. E assim deve ser, se Ele é *Deus.* Sua própria natureza e operações são *inescrutáveis*" (Adam Clarke, *in loc.).* Deus é "inteiramente outro", conforme comento nas notas sobre o vs. 8. Ver na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* o detalhado artigo chamado *Transcendente, Transcendência, Transcendentais.* Ver as notas sobre o vs. 8 deste capítulo quanto à *Via Negationis,* um modo de dizer algo sobre Deus. Dizemos que Deus é *imanente* (está presente em Sua criação) e também *transcendente* (está fora, acima e além de Sua criação, de forma que permanece oculto da compreensão humana). Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Atributos de Deus.*

Cf. Jó 4.15, onde o crítico Elifaz disse algo similar, e ao que Jó provavelmente se referia.

9.12

Eis que arrebata a presa! quem o pode impedir? *A Metáfora do Ladrão.* Jó falou com Deus como se Ele estivesse agindo como um ladrão ou seqüestrador. Um ladrão não pede licença ao dono da casa para roubar. Ele simplesmente chega e rouba. As pessoas são seqüestradas subitamente e sem aviso prévio. A palavra hebraica traduzida por "arrebata" é usada somente aqui em todo o Antigo Testamento (uma *hapax legomenon),* mas cognatos são encontrados em outros trechos bíblicos, como em Pro. 23.28 e outros lugares para referir-se à violência humana. Nossa versão portuguesa expressou bem a questão com a tradução *Arrebata a presa!*

"Deus é implicitamente comparado a um ladrão e seqüestrador a quem ninguém pode resistir, ou mesmo criticar e censurar" (Samuel Terrien, *in loc.*). Este versículo subentende um Deus voluntarista, alguém que é tão "completamente outro" que está acima das regras da moralidade que Ele impôs ao homem. Ver os comentários no vs. 8, que desenvolve este tema. Jó foi lançado em horrendo sofrimento "sem causa" (Ver Jó 2.3), mas não tinha direito de perguntar a Deus: "Por quê?". Era a vontade de Deus, a vontade inquestionável e inexorável. O artigo no *Dicionário* chamado *Voluntarismo* põe em dúvida esse tipo de conceito de Deus. O voluntarismo deixa inteiramente de fora o conceito de Deus como um Deus de amor (ver I João 4.8) e enfatiza a vontade às expensas da razão, da moralidade e da justiça, conforme compreendemos esses termos. O voluntarismo manifesta uma teologia desequilibrada. Na verdade, o Deus revelado no Novo Testamento contém um conceito superior do Deus do Antigo Testamento, e por que isso nos deveria surpreender?

"Mesmo que Deus estivesse, por assim dizer, laborando em erro e se tornasse um *assaltante,* ainda assim poderia manter a Sua causa devido ao Seu grande poder, e então esmagar o Seu adversário" (Ellicott, *in loc.*).

9.13

Deus não revogará a sua própria ira. Deus é inexorável na aplicação de Sua vontade e poder, e assim faz todos os inimigos prostrar-se a Seus pés. Até os temíveis *aliados de Raabe* não podem oferecer-Lhe resistência.

Auxiliadores do Egito. *Raabe.* Nos livros poéticos do Antigo Testamento, este nome é usado para indicar um monstro de poder demoníaco. Quando esse vocábulo é empregado, parece estar relacionado aos atos criativos de Deus, ao restringir o mar, pelo que somos levados a pensar em algum monstro marinho terrível. Visto que esse monstro é usado como símbolo do Egito (ver Isa. 30.7; e ver as notas sobre Jó 3.8 e 7.12), nossa versão portuguesa chama aqui Raabe de "auxiliares do Egito", referindo-se a um mito da criação babilônica, no qual Marduque derrotou Tiamate (outro nome para Raabe e para o leviatã; ver Jó 7.12) e, então, capturou seus auxiliares. Posteriormente, Raabe tornou-se um apelido do Egito (ver Sal. 87.4; 89.10 e Isa. 30.7). Tiamate também pode referir-se à deusa do oceano salgado primevo, a antagonista do deus-herói do grande épico babilônico. Isso significa que Deus conquista e subjuga deuses de qualquer espécie. Sendo esse o caso, que poderia fazer o pobre Jó contra Deus? Como resistiria ele aos poderes e ao julgamento de Deus? Só lhe restava continuar sofrendo "sem causa" (Jó 2.3). Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Tiamate,* quanto a detalhes.

Ver também sobre *Raabe,* em Jó 26.12 e Isa. 51.9. Se Deus venceu nesse "conflito cósmico", então nenhum homem sobre a face da terra pode chamar a atenção Dele nem resistir à Sua vontade inexorável e ao Seu poder.

Fútil é Contender com Deus (9.14-19)

9.14

Quanto menos lhe poderei eu responder...? Jó, o pobre sofredor, não era ninguém para questionar o Todo-poderoso, Aquele que criou os céus e a terra. Jó não ninguém para derrotar tão poderoso e tão temíveis poderes sobrenaturais. Ele não era capaz de escolher palavras que compusessem um bom argumento. Ele não podia raciocinar com o Deus voluntarista. Restava-lhe somente continuar sofrendo de forma *enigmática*.

Aqui o quadro é o de uma ação legal na qual Jó ou se fingiu um defensor sem esperança (vss. 14-15), ou um querelante incapaz de forçar uma audição (vs. 16). A despeito de tudo, Jó manteve firme a sua inocência (vs. 15). Jó pensava que o poder de Deus era *arbitrário*, em consonância com o conceito voluntarista dos hebreus sobre Deus. A razão estava longe do contexto. Ele simplesmente tinha de submeter-se a um sofrimento aparentemente ridículo.

"Não posso contender com meu Criador. Ele é o *Legislador e o Juiz*. Como permanecerei de pé no julgamento, diante Dele?" (Adam Clarke, *in loc.*). "Em uma luta de forças, o Criador tem as vantagens" (*Oxford Annotated Bible*, comentando sobre o vs. 10).

9.15

A ele, ainda que eu fosse justo, não responderia. Nem mesmo um *homem inocente* pode raciocinar com o Deus que pune à toa. Ele não dispõe de razões que se apliquem. Os sofrimentos permanecem um enigma. Ao homem inocente, não podendo apelar para a razão, só restaria rogar a misericórdia de Deus. Seu apelo era por *piedade*, e não por justiça, conforme ele entendia o termo. Ele era um réu sem esperança, no tribunal divino. Reconhecendo isso, só esperava um pouco de misericórdia para aliviar suas dores.

É errado cair aqui na armadilha de Elifaz, supondo que Jó, embora *inocente* de um ou mais atos específicos que tivessem causado seus sofrimentos, era um pecador terrível, o que explicaria os julgamentos a que era sujeitado.

> *Tenho asco de mim mesmo quando vejo Deus,*
> *E transformo-me no nada.*
> *Contente que Tu sejas exaltado,*
> *E Cristo seja tudo em todos.*
>
> (Adam Clarke)

Jó ficaria calado na presença do terrível Juiz. Portanto, ele tão-somente apresentaria um apelo por misericórdia, em vez de falar em sua própria defesa, por motivo de sua inocência.

"... súplica, e não asserção" (Ellicott, *in loc.*).

9.16-17

Ainda que o chamasse. Jó, em sua dor e humilhação, não esperava realmente que Deus ouvisse seu apelo de inocência e misericórdia... Isso era verdade, porque ele tinha aprendido que tudo quanto podia esperar de Deus era ainda mais sofrimento. Encontramos aqui palavras de total *desespero*. Jó havia sido esmagado até o lugar em que não supunha que apelos, quer por justiça ou por misericórdia, fossem eficazes com seu Deus voluntarista. O vs. 16 também parece indicar que Deus só responderia se houvesse mais dor. E até mesmo um *Deus ouvinte* só esmagaria mais ainda.

"Seus apelos por misericórdia não passavam de tola fantasia, na presente realidade, em que Deus o esmagava como se fosse uma tempestade" (Samuel Terrien, *in loc.*). O Targum e a versão siríaca dão ao texto hebraico uma vocalização diferente, fazendo a palavra "tempestade" ter o sentido de "por um nada" ou "com um cabelo". Em outras palavras, Jó sofria "sem causa" (ver Jó 2.3). O vs. 17 repete a afirmação. Jó permaneceu firme na convicção de que era um homem inocente. Ele lançava a culpa por seu sofrimento em um Deus arbitrário e voluntarista, que causa sofrimentos sem razão discernível.

Jó foi apanhado na armadilha de uma teologia inferior, na qual a *inexorável* vontade divina abençoa ou amaldiçoa sem considerações de razão e moral, conforme o homem julga essas coisas. Mas estou imaginando que *qualquer* homem, antigo ou moderno, que fosse sujeitado aos sofrimentos de Jó, cairia para essa teologia deficiente. Um sofrimento aparentemente insensato transforma muitos homens em ateus, enquanto outras pessoas, que não abandonam definitivamente a Deus, são transformadas em voluntaristas.

Jó sempre fora um homem de oração e, sem dúvida, tinha visto grandes coisas acontecer. Mas, naquele período de sua vida, a oração o decepcionara. Certamente ele não recebera nenhuma satisfação da parte do tribunal celeste. A cúpula celestial se transformara em uma cúpula de cobre, pois o cobre é símbolo do julgamento divino.

Esmaga. Aqui e em Gên. 3.15 e Sal. 139.11 são as três ocorrências dessa palavra hebraica no Antigo Testamento. Ver as notas expositivas sobre o vs. 18.

9.18

Não me permite respirar. Os gritos de desespero de Jó se tornavam cada vez mais agoniados. Do ponto de vista dos hebreus, ele estava aproximando-se das blasfêmias que Satanás disse que ele pronunciaria quando estivesse sob tensão extrema (ver Jó 1.11 e 2.5).

A respiração de Jó era esmagada *para fora dele*, e, em lugar de oxigênio saudável, ele inalava amargor de espírito. Ele estava sendo esmagado (vs. 17) como a posteridade da mulher (ver Gên. 3.15). Ver também Sal. 139.11, onde a palavra hebraica para *esmagar* é usada, completando assim as três ocorrências do termo no Antigo Testamento.

Este versículo deve ser comparado com Jó 7.19, que tem algo similar. As dores de Jó vinham tão depressa e de forma tão inexorável que ele mal podia engolir sua saliva ou respirar. Um homem respira profundamente depois de uma experiência exaustiva ou um esforço muito grande. Deus nem ao menos permitia que Jó respirasse, a despeito de sua exaustão. Jó não estava sofrendo de asma ou alguma afeção pulmonar, que não lhe permitisse respirar, o que é uma interpretação exageradamente literal do vs. 18. Cf. este versículo com Jer. 9.15 e Lam. 3.15,19.

9.19

Se se trata da força do poderoso. Jó não estava em condições de ter um "contexto de forças" com o Todo-poderoso. Se ele pleiteasse justiça, que bem faria isso? Seu oponente era, ao mesmo tempo, Juiz e Júri. Ninguém pode convocar Deus ao tribunal, e, se porventura Ele aceitar vir, ninguém pode derrotá-Lo em um caso. Deus toma as decisões e os homens que sofrem podem sofrer na inocência. Isso envolve um enigma. Não se procurem razões. Não se aplique a força humana. Que cada sofredor apenas sofra e espere por uma morte prematura.

"Ele é Deus e eu sou apenas um homem, e por isso não podemos comparecer juntos em um tribunal" (John Gill, *in loc.*). Jó reconhecia assim quão fútil era pleitear com seu Deus voluntarista e amoral. Quão diferente é esse Deus imaginário do *Pai Celeste* referido por Jesus, o qual, com tanta paciência e misericórdia, ouve Seus filhos que se queixam! (Ver o violento contraste que há em Mat. 7.25 ss.)

A Gargalhada Zombeteira de Deus (9.20-24)

9.20

Ainda que eu seja justo. Chegamos agora ao mais veemente protesto de inocência de Jó. Ele se refere a Deus como um Tirano Todo-poderoso que destrói os bons e os maus, sem discriminar a justiça, conforme os homens a compreendem. Jó insistia sobre a sua inocência. Ele falava com a paixão de um herói abusado. A dor física e mental o levava a falar de maneira precipitada e atrevida. Ele chegou muito perto (de acordo com a mente dos semitas) de blasfemar, conforme Satanás disse que ele faria (ver Jó 1.11 e 2.5).

A minha boca me condenará. Ao defrontar-se com o Todo-poderoso, embora fosse inocente, ele ficaria tão aterrorizado, que terminaria por incriminar a si mesmo. Além disso, ele mostraria ser *perverso*, pela palavra do Juiz. Jó supunha que devesse haver alguma razão para a oposição divina que ele estava enfrentando, mas ele era incapaz de solucionar o enigma. Não obstante, teimava ser inocente.

9.21

Eu sou íntegro. *Embora fosse inocente*, Jó havia sofrido tão terrivelmente que não via mais utilidade para sua vida, nem tinha mais consideração por si mesmo. Havia perdido o seu instinto de *autopreservação* (ver a respeito na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia*). Ele chegou a pensar na vida como um mal, e na morte como um alívio desejável. O pessimismo é uma doutrina condenável. Mas qualquer homem que sofresse o que Jó estava sofrendo seria empurrado para o ateísmo, para o pessimismo, ou para ambas as coisas. É conforme disse Schopenhauer: "O pior pecado de um homem é ele ter nascido". Ele acreditava que a mente divina fosse insana, porquanto insistia em promover a vida, a despeito de todas as suas misérias. A *salvação* consistiria no desejo da mente divina para que todas as coisas deixassem de existir. Se isso acontecesse, só haveria o *nada*, e isso traria a *paz* final. A paz verdadeira, para os pessimistas, só pode existir quando nada mais existir, porquanto a própria existência é um mal perturbador.

> *Todos nós labutamos contra a nossa própria cura, pois a morte é a cura para todas as enfermidades.*
>
> (Sir Thomas Browne)

9.22

Para mim tudo é o mesmo. *Deus, o Nivelador.* Jó, em seu desespero, pensava só haver uma verdade e uma realidade: Deus destrói o ímpio e o inocente, sem fazer a mínima distinção entre eles. Em outras palavras, Deus é o inimigo de toda a vida, pelo que quem pode ficar de pé diante Dele? Outrossim, quem pode alterar a natureza do mal, visto que Deus está por trás do mal? A teologia dos hebreus era fraca quanto a causas secundárias, fazendo de Deus a Única Causa, até do mal. E o hipercalvinismo, com seu exagero na doutrina da predestinação, cai na mesma armadilha.

> *Nem mesmo sentado em casa pode um homem escapar a seu destino determinado.*
>
> (Ésquilo)

> *É a sorte que lança os dados, e quando ela os lança, transforma reis em aldeões, e aldeões em reis.*
>
> (John Dryden)

Este versículo deve ser comparado a algo similar, em Eclesiastes 9.2.

"Por conseguinte, digo: Ele extermina tanto os perfeitos quanto os ímpios" (Samuel Terrien, *in loc.*).

"Minhas próprias observações mostram que, no curso da providência, os justos e os ímpios têm igual sorte. Quando a calamidade vem, o inocente e o culpado caem juntamente" (Adam Clarke, *in loc.*).

9.23

Se qualquer flagelo mata à súbita. *O Deus Zombador.* Na verdade, essas palavras de Jó foram muito amargas, e nem sei como Satanás não ganhou a sua aposta de que o homem sob severo teste blasfemaria (ver Jó 1.11 e 2.5). Mas devemos observar que ele blasfemou de seu Deus voluntarista, não da verdadeira compreensão de Deus. Outrossim, ele ignorava a existência de causas secundárias. Tendo dito isso, nem assim conseguimos explicar como é que os inocentes podem sofrer e realmente sofrem.

"Jó concluiu: Que diferença isso faz? Quer inculpável quer ímpio, Deus haveria de destruí-lo arbitrariamente. Ação tão indiscriminada, como um açoite, traz a morte para os inocentes e para os ímpios" (Roy B. Zuck, *in loc.*).

Flagelo. A metáfora aponta para qualquer tipo de calamidade, acidente, enfermidade ou desastre. Deus olha lá de cima para as pobres vítimas e escolhe a Sua. Ele a golpeia com seu chicote, e esse é o fim dela. Outrossim, quando Ele olha e golpeia com o açoite, não faz distinção entre o homem ímpio e o bom. Deus é um destruidor arbitrário. Uma vez que Ele destrói um homem, Ele pensa que é engraçado e zomba do morto que jaz em terra; então o som das gargalhadas divinas reboam através dos céus. Quando uma calamidade alcança um inocente, Deus ri-se dele! O sofrimento faz parte de um *esporte* celeste.

> *Somos para os Deuses*
> *Como as moscas são para os meninos.*
> *Eles nos matam por esporte.*
>
> (Shakespeare)

Ver os versículos que falam sobre o riso de Deus contra os ímpios: Sal. 2.4; Pro. 1.26; Jer. 48.39; Gál. 6.7. Mas a posição de Jó era a de que Deus revolve a terra inteira atrás de suas vítimas, e a justiça é cega. Deus estaria indiferente às distinções morais tão importantes para o homem. O destino é arbitrário e destruidor. Nenhum indivíduo escapa à arbitrariedade ou à destruição.

9.24

Se não é ele o causador disso, quem é logo? Jó atacava seu Deus arbitrário e voluntarista. Ele acusava Deus de injustiça social e opressão política. E adicionou de maneira desafiadora: "Se não é Deus quem causa toda essa maldade, então quem é?". "Aqui, pela primeira vez, Jó acusou Deus de injustiça. Ao contemplar as injustiças da vida, com ele e com outras pessoas, Jó protestou contra a crença de seus críticos, de que Deus nunca perverte a justiça (ver Jó 4.7 e 8.3)" (Roy B. Zuck, *in loc.*). Jó, por assim dizer, declarou: "Deus entregou a terra nas mãos dos ímpios. E se não foi Deus quem fez isso, então quem foi?". Jó deixou de perceber, uma vez mais, que poderia existir uma causa secundária.

Deus Não Consideraria Jó Inocente (9.25-29)

9.25

Os meus dias foram mais velozes. "Novamente, o poeta revela-se como um profundo mestre da psicologia. Jó havia acabado de fazer uma declaração herética, com risco de sua vida, e imediatamente revelou seu temor pela morte, mediante três imagens de beleza atrativa: o corredor (vs. 25).; os navios (vs. 26) e a águia (vs. 26b). Quando suas corajosas resoluções de ter bom ânimo (vs. 27) foram interrompidas pelo excesso de dores, ele se voltou a Deus com uma oração melancólica (vs. 29), o que, uma vez mais, conduz a uma inquirição filosófica: 'Por que, pois, eu labuto em vão?' (vs. 29)" (Samuel Terrien, *in loc.*).

Assim, pois, os esforços de Jó para vindicar a si mesmo eram fúteis, porque seus dias deslizavam velozmente, e ele se aproximava rapidamente da morte.

Primeira Metáfora: O Corredor. O homem é um grande atleta. Ele tem poder. Ele faz uma corrida com velocidade e graça. Portanto, em breve a termina. Assim acontecia com a vida de Jó, que passava rápida e inutilmente. Não havia bem a ser obtido nessa corrida. A morte era o alvo. Jó, suportando toda aquela dor, corria rapidamente para um fim fútil. Jó lamentava a brevidade da vida, que era insignificante e cheia de dor (cf. Jó 7.6-9; 10.30; 14.1,2,5 e 7.1).

"Jó estava dividido. Ele anelava por Deus, mas O temia. Ele odiava a vida e, no entanto, a amava... Existem milhares de pessoas que fazem de sua atitude desanimada o único comentário sobre a vida" (Paul Scherer, *in loc.*). A vida é como o dinheiro posto em uma sacola com buracos. Para Jó, a vida era tão fútil quanto isso.

A vida de Jó não se assemelhava a uma lenta caravana, mas a um carteiro que montava um cavalo poderoso em seu circuito. O corredor cumpre a sua missão de modo tão rápido quanto possível. O correio precisa apressar-se. Supercavalos e superatletas eram empregados nesse serviço.

9.26

A Segunda Metáfora: Os Navios Velozes. A referência mais provável é aos barcos de papiro do Egito, as *lanchas rápidas* da época. Eram leves e tangidos com grande facilidade pelo vento. Ver Isa. 18.2, quanto a uma referência a esse tipo de embarcação. Tais embarcações eram usadas no rio Nilo, e, quando desciam o rio, iam mais depressa ainda. Os barcos não somente passavam rapidamente, mas também não deixavam banzeiro, exatamente como acontece ao homem. Algumas dessas embarcações eram conduzidas por remos, e homens fortes podiam fazê-las movimentar-se rapidamente.

Terceira Metáfora: A Águia, Ave de Rapina. A águia é famosa por suas asas fortes e por seu vôo veloz. Também é uma caçadora implacável, cuja descida à terra, para apanhar um animal que de nada suspeita, é impressionante. Essa metáfora é especialmente apropriada, porquanto fala de *morte súbita,* que não está no controle do animal morto. Há algo de brutal no mergulho da águia, e algo de brutal na morte calamitosa de um homem inocente. Roy B. Zuck, *in loc.,* pensa que o autor pode estar referindo-se ao *falcão,* o qual atinge velocidades de até 193 km por hora em sua descida para apanhar a presa! A palavra hebraica empregada pode incluir águias, abutres e falcões.

As três metáforas incluem a idéia perfeita de velocidade na terra, na água e no ar. Cf. este versículo com Hab. 1.8 e Lam. 4.19.

9.27-28

Se eu disser. Jó via uma bruxuleante luz de esperança e pensava talvez ser até capaz de parar com suas tristezas e dores. Aqui ele assume uma atitude mais otimista, mas então, de súbito, no meio de suas fantasias, o antigo sofrimento o esmaga novamente. Ele sabia que o severo Juiz não o consideraria inocente e, assim sendo, não permitiria que seu breve alívio durasse por muito tempo. De fato, ele não teve alívio, somente imaginou que assim poderia ser, mas até a idéia foi logo abandonada. "Quando suas bravas resoluções de ter bom ânimo (vs. 27) foram interrompidas pelo excesso de sua dor, ele se voltou para Deus em uma oração melancólica (vs. 28)" (Samuel Terrien, *in loc.*). O trecho, no hebraico original, é muito vívido: "Esquecerei o meu rosto", ou seja, o rosto de tristeza. A Vulgata Latina interpreta isso como: "Mudarei minha fisionomia", mas o temor de um sofrimento constante fizeram-no abortar a tentativa.

9.29

Serei condenado. A *arbitrária aflição divina* em breve poria fim a um rosto feliz, assim por que fingir ser alegre? "Ele continuaria *culpado* diante de Deus; portanto, por que ao menos tentar?" (Roy B. Zuck, *in loc.*). "Jó submeteu-se, não tanto por estar convencido de que Deus tinha *razão,* mas porque Deus é *poderoso,* e ele mesmo era fraco" (Barnes, *in loc.*). Isso exprime um voluntarismo puro. Trasímaco, no diálogo de Platão, que tem o seu nome, perguntou: "Uma coisa é certa porque Deus a fez, ou Deus a faz porque ela é certa?". A *vontade* é predo-

minante, e Jó pensava que a vontade suprema é perversa, a causa de todo o mal, bem como a *fonte* de todos os seus sofrimentos, embora ele fosse um homem inocente.

Intenções de Deus para com o Homem (9.30 – 10.22)

A Necessidade de um Mediador (9.30-35)

"Esta estrofe provê um segundo *marco* na jornada espiritual de Jó (cf. Jó 7.21). Embora tenha dito, pouco atrás, que Deus trata cegamente tanto homens perfeitos como homens ímpios (vs. 22), ele percebe, *superficialmente,* que estava sendo perseguido por Deus, porque este o considerava culpado (vs. 28). Mas agora, em uma declaração, ele proclama a incapacidade do homem de salvar a si mesmo contra a vontade de Deus (vss. 30 e 31). O texto não deve ser pressionado excessivamente, embora possamos reconhecer aqui um homem necessitado de salvação pela graça. Enquanto o teólogo penitente da *sola gratia* implorou a Deus: "Lava-me, e ficarei mais alvo que a neve" (Sal. 51.7), Jó exclamou: "Ainda que me lave com água de neve... mesmo assim me submergirás no lodo". À semelhança do salmista, Jó percebeu que não podia lavar a si mesmo, mas, diferentemente do salmista, não desistiu da idéia de autopurificação e de receber de uma vez por todas as riquezas da misericórdia divina, clamando: 'Tem misericórdia de mim'" (Samuel Terrien, *in loc.*).

Essa é uma excelente e perceptiva nota expositiva de nosso irmão Terrien, mas contém uma grande falha: Jó não estava falando da salvação da alma, mas somente do livramento dos sofrimentos físicos. Ele apelava para a graça divina pura *nesse sentido,* e não em favor da salvação da alma após a morte biológica. É um erro cristianizar o texto sagrado. Por outra parte, é correta a observação de que obtemos muitas coisas através da *pura graça divina,* sem nenhum mérito humano. Isso se estende ao mundo material e ao mundo espiritual.

9.30

Ainda que me lave com água de neve. Jó reconhece aqui a futilidade de limpar-se para agradar a Deus. O *arrependimento* seria a neve que purifica, bem como o *cáustico* com o qual ele lavaria as mãos. Mas, se não era o arrependimento, que poderia ser? De alguma maneira, Jó tentaria lavar-se perante Deus e esperar o melhor resultado. O *melhor* não consiste na salvação da alma, mas no alívio e na cura do corpo. Talvez Jó até chegasse a pensar no sacrifício apropriado. Ver Jó 1.5. Talvez isso exercesse alguma espécie de efeito purificador.

Com cáustico. Os antigos árabes usavam um álcali misturado com óleo, como se fosse sabão. Essa mistura era bastante eficaz como purificador, embora não fosse muito agradável.

Talvez haja aqui uma alusão ao antigo rito da lavagem das mãos como sinal de inocência, o ato usado por Pilatos (ver Mat. 27.24). Mas não sabemos dizer se esse ato é assim tão antigo. Seja como for, Jó não tinha fé na autopurificação. Deus não daria nenhuma atenção a tal ato (vs. 31).

9.31

Mesmo assim me submergirás no lodo. Se Jó se desse ao trabalho de passar por ritos e cerimônias para tornar-se puro diante de Deus, sem importar o que viesse a empregar, Deus não prestaria a mínima atenção. De fato, o Senhor lançaria o homem "limpo" em uma fossa! E faria isso levado pelo desprazer, porquanto o "homem limpo" continuaria imundo com o seu pecado. Esse homem seria tão vil que até suas roupas torná-lo-iam abominável diante de Deus! Ou a idéia pode ser que o Deus arbitrário lançaria um homem inocente no abismo imundo, para ver quão sujo ele ficaria. Em outras palavras, ele pensava ser inútil apelar a Deus sob quaisquer circunstâncias. Jó falava aqui no *enigma* inerente de tratar com um Deus transcendental, cujos caminhos são inescrutáveis.

9.32

Porque ele não é homem, como eu. Jó continuou sua idéia sobre a dificuldade de tratar com um Deus transcendental. Esse trato está cheio de *enigmas,* porque Deus não se parece com um homem, e o raciocínio humano não pode conceber o Senhor. Seria uma situação quase impossível Deus e o homem se apresentarem juntos em um tribunal. Os dois não teriam base comum para julgar um caso entre eles. Cf. isso com Rom. 11.33.

A Futilidade. Quem poderia debater com Deus em um tribunal? Qual árbitro poderia ser chamado para mediar a disputa entre Deus e um mero ser humano? Quem poderia ouvir imparcialmente os argumentos apresentados pelos contendores e fazer um julgamento? Um mediador seria tão impotente para seu papel como Jó. Infeliz o homem que luta com seu Criador! Ver Isa. 45.9.

9.33

Não há entre nós árbitro. Se um *árbitro* tentasse negociar entre Deus e o homem, se um *mediador* fosse chamado, Deus *feriria* o homem, ou o *anjo,* ou qualquer outro *ser* que fosse empregado. Tal ser seria tão impotente quanto Jó. *O Deus transcendental* é tanto o juiz quanto o júri, e não admite nenhum árbitro em Seus casos. Deus faz como melhor Lhe agrada, e deixa o homem a perguntar: *Por quê?* Os intérpretes, neste ponto, costumam cristianizar o texto, fazendo de Cristo o Mediador entre Deus e os homens (ver I Tim. 2.5 e Heb. 8.6). Mas isso é um anacronismo, não o que Jó estava falando. "O nobre príncipe árabe (Jó) não era um profeta do mistério cristão da encarnação, nem era capaz de contemplar o 'chocante' espetáculo de um Deus encarnado. Não obstante, o poeta tentava desesperadamente transpor o hiato que separa o Criador da criatura" (Samuel Terrien, *in loc.*). Em outras palavras, Jó tinha excelente *percepção,* mas não fazia a menor idéia do que lhe era requerido mediar, em uma causa com Deus. Portanto, ele desistiu imediatamente da idéia, como se fosse apenas outro pensamento inútil.

9.34

Tire ele a sua vara de cima de mim. Tendo desistido da idéia de um mediador que lhe pudesse fazer algum bem, Jó voltou à carga com uma oração na qual exprimiu um desejo, esperando que Deus ouvisse a sua voz. "Tira de cima de mim a Tua vara! Pára de bater em mim com ela! Cessa de aterrorizar-me com Teu intolerável julgamento!" Alguns intérpretes, entretanto, fazem do *mediador,* referido no vs. 33, o assunto do verbo aqui. Nesse caso, Jó continuaria a esperar que tal ser, fosse ele um homem, um anjo ou um deus, pudesse mostrar-se eficaz em seu arbítrio e afastasse a vara de Deus de suas costas.

9.35

Então falarei sem o temer. *Abruptamente,* Jó cessou de sonhar acordado e também abandonou suas orações fúteis, tendo compreendido que Deus, que não se parece com o homem em nenhum sentido, não se impressionaria diante de nenhuma mediação ou lamento contínuo de Jó. "Não é assim. Estou sozinho comigo mesmo." Nenhum mediador capaz estava com ele, e ele somente, miserável como era, poderia esperar alguma cooperação da parte de Deus para livrar-se de sua dor. Foi assim que Jó admitiu que a vida é um jogo sem juiz algum, e que tudo estava perdido. Por conseguinte, Jó continuou *temendo a Deus,* porquanto sabia que mais sofrimentos e assaltos ainda o atingiriam.

Não estaria em mim. Esta obscura frase portuguesa traduz um original hebraico obscuro. Várias idéias estão vinculadas a ela, a saber:

1. Jó não tinha nenhum mediador. Foi deixado sozinho, a depender somente de si mesmo.
2. Ele ficou sozinho em seus presumidos pecados e em sua fraqueza.
3. Ele tinha perdido a razão, ou estava no processo de tornar-se insano.
4. Em seu terror diante de Deus, ele havia perdido seu raciocínio normal.
5. Ele nada tinha em si mesmo que lhe possibilitasse confrontar o Deus Terrível.
6. Ele não dispunha de forças nem de circunstâncias que o capacitassem a pleitear sua causa diante de Deus.
7. Ele deixado a depender somente de seus próprios recursos, ou seja, estava condenado ao fracasso.

Capítulo Dez

Jó continua neste capítulo seus lamentos, pedidos de misericórdia e fúteis raciocínios iniciados em Jó 9.1. Ele respondia a Elifaz, a Bildade, ou a ambos, tentando replicar seus argumentos contra ele, os quais essencialmente o tachavam de ser um grande pecador, merecedor do terrível julgamento que estava sofrendo. Jó continuava asseverando a sua inocência. Ele exibia um marcante pessimismo: a própria vida é um mal. Ele via Deus como um Ser voluntarista, cuja vontade arbitrária o tornava um homem miserável, sem nenhuma razão verdadeira. O plano dos discursos (capítulos 3-14) é que os três críticos-amigos de Jó proferiram, cada um, três discursos, exceto o terceiro deles, que fez apenas dois discursos. Por sua vez, Jó replicou a esses discursos-acusações. Mas talvez estivesse em operação uma "ação adiada". Em outras palavras, a réplica de Jó a Bildade, seu *segundo crítico* (de acordo com a cronologia do texto), na realidade, talvez tenha sido contra Elifaz, o *primeiro crítico.*

Ver detalhes nas introduções aos capítulos 4 e 9. O trecho de Jó 9.32-10.22 finaliza o primeiro discurso de Jó, com uma meditação sobre o caráter de Deus. Ver sobre os problemas teológicos do livro, em Jó 1.11.

O Deus Antropomórfico de Jó (10.1-7)

Um *comportamento tipicamente humano* é atribuído a Deus, e Jó é lançado ainda mais profundamente em seu desespero.

10.1

A minha alma tem tédio à minha vida. Jó esperava que surgisse alguma espécie de árbitro, para pleitear o seu caso, algum homem, algum anjo, algum deus; mas ele não achava nenhum (Jó 9.33 ss.). Portanto, resolveu tornar-se seu próprio advogado de defesa. Em seu desespero, Jó desafiou a Deus. Nada tinha para perder. Ele já havia sofrido tudo, exceto a morte, e esta seria extremamente bem-vinda. Significaria paz e livramento de dores intoleráveis. Jó tomou a própria vida nas mãos; mas, visto que viera a detestar sua vida (ver Jó 9.23), decidiu deixar explodir sua ira e permitir que Deus o matasse, se assim o quisesse.

Jó confrontou Deus e pediu que não o condenasse sem que, primeiramente, soubesse quais acusações estavam sendo feitas contra ele.

Minha vida. Jó estava cansado de sua vida física. A palavra hebraica *nephesh* (alma, vida) foi usada na teologia judaica posterior, com o sentido de *alma;* mas ver aqui a alma no sentido moderno é anacronismo. A teologia patriarcal não especulava sobre uma parte imaterial do homem, nem sobre a vida além-túmulo, seja para os bons, seja para os ímpios.

Jó "deixou sua queixa fluir livremente" (Revised Standard Version). Ele falou com "amargor de espírito", porquanto sua vida se tornara amarga e insuportável.

O Targum diz aqui: "Minha alma é decepada em minha vida", ou seja, estou morrendo enquanto ainda vivo. Em outras palavras, Jó estava vivendo uma vida que não era digna de ser vivida. Portanto, ele arriscou aquela vida miserável, a fim de queixar-se ousadamente na presença do Deus Todo-poderoso.

10.2

Não me condenes. Não está em vista a condenação da alma no pós-túmulo. Jó falava das coisas que o condenavam a sofrimentos físicos.

Faze-me saber por que contendes comigo. O primeiro apelo de Jó era que o Todo-poderoso não o condenasse sem primeiramente ouvir a argumentação dele. Ele esperava abalar o Deus arbitrário e voluntarista com argumentos que causavam pena. Portanto, pediu que lhe *mostrasse por que* ele estava sofrendo tantas dores; que lhe mostrasse quais pecados ele havia cometido que mereciam tão terrível julgamento, se é que o *pecado,* na realidade, fosse a razão de sua tão grande miséria. Jó estava buscando a resposta fugidia para o sofrimento humano e, especialmente, por que os *inocentes* sofrem. Ele tinha esperança de que o enigma seria resolvido, mas o livro inteiro, apesar de projetar alguma luz, fica muito aquém dessa esperança. A melhor resposta do livro é que, na *presença* de Deus, todos os problemas são resolvidos, incluindo o problema do mal, mas essa idéia só podemos sentir, crendo que ela é um dogma. Não nos é dado nenhum delineamento nem respostas racionais. Ver a seção V da Introdução quanto às respostas para o problema do mal que o livro de Jó fornece. E ver no *Dicionário* o artigo chamado *Problema do Mal* quanto a um exame mais filosófico-teológico do problema.

10.3

Parece-te bem que me oprimas...? Jó começou argumentando com uma aguda reprimenda: Seria *bom* que o Criador dos homens abusasse daquilo que Ele criara, sem razão aparente? Seria Deus como um homem de *tendências sádicas* que aprecia ferir a outros? Seria a solução verdadeira do problema do mal, a de que Deus *gosta* de ver os homens agonizar? Schopenhauer chamava o Deus voluntarista, que ele imaginava, de *insano.* Jó sugeriu que Deus pudesse ser um sádico. Naturalmente, do ponto de vista da teologia dos hebreus, Jó havia caído na blasfêmia, conforme Satanás disse que ele faria, se fosse sujeitado à pressão suficiente (ver Jó 1.11 e 2.5). Seria a própria existência um mal, porque o Criador da vida gosta de ver Suas criaturas sofrer? Ver na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* o verbete chamado *Pessimismo.* Do capítulo 3 deste livro em diante, Jó defendeu os princípios daquela lamentável filosofia que assevera: o maior pecado de um homem é ele ter nascido, pois a própria existência é um mal.

E favoreças o conselho dos perversos? Seria a razão da prosperidade dos ímpios o fato de que Deus mesmo favorece o mal, ao mesmo tempo que pune o homem bom? Nesse caso, Deus age como um sádico com os bons, e como um benfeitor dos maus. Então, obviamente, Deus é o mal em pessoa, *se* O julgamos segundo os *nossos* padrões morais. Mas o Deus voluntarista de Jó não obedecia às regras humanas, nem mesmo às regras que Ele próprio dera ao homem para observar. Deus havia abandonado as obras de Suas mãos (ver Sal. 138.8), segundo todas as aparências.

A esperança é tão barata quanto o desespero.

(Provérbio do século XVII)

Minha mãe gemeu, meu pai chorou
Quando saltei dentro deste mundo perigoso.

(William Blake)

10.4

Tens tu olhos de carne? Ou seja, Deus *julga* conforme os homens julgam? Não são os Seus pensamentos *inteiramente outros?* Mas Jó falava com *ironia, como se* Deus fosse apenas um Super-homem, visto que Seu estranho comportamento o furtava da natureza do Deus augusto, nas alturas. *Esse Deus,* afirmava Jó, agia como homem e imitava a desumanidade do homem para com o homem. Outra idéia possível é que as coisas correm erradas porque Deus, tal como o homem, tem julgamentos imperfeitos e incorre em toda a espécie de equívocos, ao tratar com os homens. Ele não seria um Deus infinito, e, sim, um Deus finito, e *muito parecido* com os homens.

10.5

São os teus dias como os dias do mortal? *Jó Continua Humanizando a Deus.* Seria Deus um Ser temporal e não eterno, conforme temos pensado que Ele seja, e, como ser temporal, cometeria Ele equívocos, tal como o homem se equivoca? Pois certamente o que Ele estava fazendo a Jó era um equívoco, levando um inocente a sofrer sem causa (ver Jó 2.3). Ou estaria Deus oprimindo Jó, em meio a tantos testes, porque Ele tinha de cumprir Sua tarefa antes que Ele próprio deixasse de existir? "O Teu tempo é curto? Impossível! No entanto, poder-se-ia até pensar, a partir da rápida sucessão de Teus golpes, que Tua existência tem duração limitada, de modo que não tens tempo vago para avassalar-me" (Fausset, *in loc.*).

10.6

E averiguares o meu pecado? *Deus, com pressa,* dispondo de tempo limitado, fez uma rápida e brutal investigação de Jó, e resolveu que ele tinha de sofrer, por razões não declaradas. Os homens, quando estão com pressa, cometem equívocos, conforme diz uma antiga canção: "A pressa se engana". Deus, em vista de Seu tempo limitado, havia-se enganado com respeito a Jó. Deus parecia agir como um Juiz inescrupuloso, mais disposto a ferir do que a descobrir a verdade. Ele agiu precipitadamente, sem dispor de evidências contra Jó.

10.7

Bem sabes tu que eu não sou culpado. Embora Deus, em Seu conhecimento superior, *soubesse* que Jó era inocente, agiu contra ele. Deus era um Juiz injusto, que desconsiderava evidências, ou, então, agindo voluntariosamente, sem recompensar um homem justo, recompensava potencialmente os ímpios (ver o vs. 3 deste capítulo). Jó continuava a manifestar suas idéias sobre um Deus voluntarista, cuja vontade é suprema e inexorável, até mesmo contra os justos. Quanto à *inocência de Jó,* cf. Jó 9.28. Além disso, temos a declaração do próprio Deus, ao diabo, acerca da inocência de Jó (Jó 2.3). Assim, por que os inocentes sofrem? Seria porque Deus é como o homem, cometendo Seus próprios equívocos? Ou seria porque Deus opera segundo os ditames da Sua vontade, que pode ser e é perversa? Jó estava sob a *mão castigadora* de Deus, e não encontrava meio para escapar. Sua inocência não o ajudava, de modo que permanecia um enigma por que a mão divina continuava a esmigalhá-lo.

10.8

As tuas mãos me plasmaram e me aperfeiçoaram. As mãos divinas que, naquele momento, esmagavam Jó, eram as *mesmas mãos* que o tinham criado, em primeiro lugar! Sem dúvida isso era uma maravilhosa *contradição.* Por que Deus criara Jó? Para esmagá-lo? Porventura teria criado Jó para fazer de Sua criatura um brinquedo, e, como se fosse um menino pequeno, ter prazer em prejudicar e matar quem Lhe era inferior? Deus, na opinião de Jó, agia como um mágico ou um artífice louco. Deus gerara intrincadas e belas criaturas, investidas de magnificente desígnio. Mas, quando se cansava de Seu jogo de criação, desfigurava e esmagava a todos quantos havia criado.

"Os homens geralmente dão grande valor às obras nas quais gastaram grandes habilidades e períodos de tempo. Mas embora Deus me tenha *formado* com tão grande habilidade e labuta, agora está prestes a destruir-me!" (Adam Clarke, *in loc.*). Deus mais se parecia com um oleiro desvairado que fazia belos e úteis vasos de argila, mas, em vez de utilizar-se deles ou vendê-los como itens decorativos nas casas, simplesmente os esmagava com alegria feroz.

Recorrendo a outra metáfora, podemos falar sobre o pai que era a fonte da vida de seu filho. Porém, por razões desconhecidas, o pai aflige esse filho e o leva a ponto de morrer. Um dos mais excelentes ensinamentos da Bíblia é sobre a paternidade de Deus. Jó não via nenhuma evidência dessa paternidade divina em seus sofrimentos.

10.9

Lembra-te de como me formaste. *Metáfora do Oleiro e do Barro.* O oleiro louco fazia belos trabalhos de argila para que todos os admirassem. E, de fato, sua maior produção era o ser humano. Embora as obras fossem belas e úteis, o louco oleiro agora "queria" reduzir todas as suas criações de volta ao pó. Notemos como Rom. 9 retém o conceito do Deus voluntarista, por meio do uso dessa metáfora do oleiro e da argila (ver Rom. 9.19 ss.). Caros leitores, entristeço-me por dizer isso a vocês, mas esse tipo de conceito de Deus não se harmoniza com o restante do Novo Testamento. Trata-se de um fragmento de teologia inferior, voluntarista, deixada pelo judaísmo. Ver na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* o verbete denominado *Voluntarismo.* O voluntarismo faz a vontade ser suprema, às expensas da razão, da justiça (conforme os homens compreendem esse termo) e do amor. Deus aparece então como o Destruidor poderoso e voluntarista, não como o Deus que amou o mundo de tal maneira que deu o Seu Filho como sacrifício pelos homens (ver João 3.16). Precisamos lembrar que até mesmo aqueles que promovem grandes avanços espirituais, como foi o caso do apóstolo Paulo, ainda assim carregam antigas idéias como bagagem nas costas. Nenhum ser humano fica livre do que herdou das tradições, de seus próprios genes e de seu meio ambiente.

Veja o leitor como o poema de Tennyson apela para uma teologia melhor:

> *Tu não deixarás no pó!*
> *Tu criaste o homem, mas ele não sabe por quê.*
> *Ele pensa que não foi criado para morrer.*
> *Tu o fizeste, e Tu és justo.*

O presente versículo deve ser comparado com Sal. 22.15. Ver também Gên. 3.19 e Eclesiastes 12.7.

10.10

Porventura não me vazaste como leite...? *A Metáfora do Leite.* Prosseguindo nas metáforas que ilustram a *destruição,* Jó falou sobre o bom leite que se estraga somente porque alguém, devido à sua vontade perversa, simplesmente o derrama no chão! Ou, então, o leite pode coalhar, como acontece quando se fabrica o queijo. Jó desprezou o fato de que o queijo é bom. Ele não estava dizendo, contudo, que Deus fizera o que era bom. Antes, ele enfatizou o processo de *azedume,* do qual resulta o queijo. É como se ele tivesse dito: "Deus azedou a minha vida com todas estas dores!".

Jó tinha receio de que "o amor era doce no começo, mas azedo no fim" (Draxe, 1616).

O *derramamento* do leite pode ser uma alusão ao embrião. Nesse caso, Jó se queixava de ter azedado desde o princípio, tendo saído do ventre materno como leite já azedo. O versículo seguinte sugere que Jó falava da vida *antes do nascimento,* quando estava sendo formado no ventre materno. Até mesmo ali, o Deus voluntarista já o estava azedando. John Gill *(in loc.)* supunha que o leite se referisse à semente de seus pais, porquanto poderia haver alusão direta ao líquido espermático. Mas até mesmo naquele estágio de sua vida, Jó estava sendo azedado, porquanto seu destino era sofrer muitas dores. O queijo sendo formado no coalho, conforme John Gill supunha, referia-se à mistura do espermatozóide masculino com o óvulo feminino. Na concepção de Jó, essa mistura azedou desde o instante inicial, porque um *filho da tristeza* estava prestes a nascer. Cf. o quadro *positivo* do salmista acerca do mesmo processo, em Sal. 139.13 ss.

10.11

De pele e carne me vestiste. Jó estava azedo, mesmo quando o espermatozóide paterno juntou-se ao óvulo materno para formar o *queijo azedo.* Então o processo mau continuou, conforme o feto foi-se desenvolvendo, com a formação da pele, da carne e de todos os órgãos. Tudo parecia um processo maravilhoso e benévolo, mas a dor esperava por uma criança que de nada suspeitava.

Curiosamente, Adam Clarke, em seu espírito puritano (século XIX), deu as idéias dos vss. 10-11 em *latim* e então recusou-se a traduzir o trecho. Disse ele: "Não faço apologia por deixar isto sem ser traduzido". Em seguida, passou a falar sobre a *nutrição* como mensagem desses versículos. Isso, contudo, é um absurdo.

10.12

Vida me concedeste na tua benevolência. O *favor divino* fez Jó como ele era, mas em breve isso haveria seria pervertido. Alguns supõem o corpo otimamente moldado como se fosse a *veste do espírito,* razão pela qual essa palavra aparece aqui. Mas a Revised Standard Version provavelmente está certa quando diz "respiração" em lugar de "espírito". Deus soprou sobre o homem, e ele se tornou um ser vivo (ver Gên. 2.7), mas no período patriarcal não havia doutrina da alma imortal. Porfírio, advogado do neoplatonismo, referia-se ao corpo como a veste da alma (*De Antro. Nymph.*), mas tal idéia era estranha ao antigo pensamento dos hebreus. Em II Cor. 5.4, temos o corpo ressurreto como veste da alma, um desenvolvimento do Novo Testamento. O que Jó estava dizendo é que Deus tinha preservado sua "respiração" ou "vida". Ele era um ser vivo por causa de um ato de Deus. No entanto, nem bem criou o homem com tanto cuidado, Deus o esmagou.

O corpo humano também é chamado de "tabernáculo", em II Cor. 5.1 e II Ped. 1.12,14, mas essa metáfora pertence à doutrina cristã, influenciada pela filosofia grega, e não pela antiga fé dos hebreus.

O teu cuidado. A providência divina foi necessária para formar e dar continuidade à criatura humana, mas logo a destruição arruinou essa obra-prima da arte divina. Ver no *Dicionário* sobre *Providência de Deus.* O artífice e o destruidor eram o mesmo Deus.

O Caçador sem Escrúpulos (10.13-17)

10.13

Este versículo parece introduzir o que se segue, em vez de comentar o que se passara antes. Deus assemelha-se a um *caçador sem escrúpulo.* A destruição está em seu caminho e não há misericórdia. Ele age por vontade arbitrária, e nenhum homem é capaz explicar por quê. O porquê dos atos de Deus está oculto ao coração humano. Aquele antigo elemento do enigma continuava acompanhando o sofrimento. Nós sofremos. Os inocentes sofrem. Por quê? Na verdade, caçar e matar animais por *esporte* deixa a minha mente perplexa. Por que os homens têm prazer em matar? Para o homem, matar é um esporte. Alguns matam outros homens por esporte. Alguns limitam sua loucura aos animais. Estava no propósito (coração) de Deus caçar Jó, injuriá-lo e, presumivelmente, matá-lo. Deus é aqui retratado como o *Louco Caçador Cósmico,* e o problema do mal é lançado sobre Jó, como se fosse sua culpa, mas não sabemos dizer *por que* Deus age conforme faz.

10.14-15

Se eu pecar, tu me observas. Deus, o feroz leão faminto (vs. 16), via o pecado de Jó e o marcara para morrer (vs. 14). Mas, mesmo que não visse em Jó nenhum pecado (vs. 15), Ele o marcaria para morrer, afinal de contas, por ser isso um bom esporte. Conhecemos animais que matam por esporte, e não somente para alimentar-se. Até a humilde gaivota algumas vezes participa desse esporte. É um desgosto ver um animal matar outro por pura diversão. A mente de Jó estava cheia de desgosto por causa do jogo de ferimentos e matança.

Jó ficava horrorizado ao pensar que o Deus, alegadamente benévolo, estava no jogo da matança e do fazer sofrer, sem nenhuma razão evidente. Jó enganosamente acreditara na bondade de Deus. A todo o tempo, porém, o único fim de Deus era destruir.

Olho para a minha miséria. Alguns dizem "bêbado com aflição", contendendo ser a metáfora por trás da palavra hebraica. Bêbado de aflição produz uma idéia poética que faz excelente companhia a "cheio de ignomínia". Esse é um excelente "paralelo", conforme comentou Samuel Terrien, *in loc.*

10.16

Por que se a levanto. O hebraico diz aqui literalmente "Ele se levanta", mas a versão siríaca traz a primeira pessoa do singular: "Se eu me levantar". Outros emendam isso para: "Quando estou (exausto), tu me persegues como um leão". Se o humilde homem pensa em termos de exaltação, se age como se houvesse esperança e significado na vida, então, de súbito, ele vê Deus a perseguí-lo como um leão, pronto para ferir e matar. O leão cósmico opera maravilhas perversas contra a sua *presa.* "Deus era como um leão perseguidor, pronto para atirar-se contra Jó com toda a sua tremenda força (cf. Jó 9.4-13)" (Roy B. Zuck, *in loc.*).

10.17

Tu renovas contra mim as tuas testemunhas. Jó parece voltar aqui ao tribunal onde pleiteava contra Deus. Ele não chegou a lugar nenhum com sua causa. Seu Oponente celeste somente continuava a *multiplicar* testemunhos e argumentos contra ele, diminuindo cada vez mais sua possibilidade de libertar-se da dor. Alguns supõem que a imagem judicial (testemunho) pudesse ser compreendida como "avanço em uma atitude agressiva". Nesse caso, pois, este versículo dá continuação à metáfora do leão do vs. 16. Seja como for (no tribunal ou no campo, lá fora), Jó é retratado como vítima impotente do Atacante celestial (juiz ou leão).

Comparar o versículo com Mal. 3.5. "Os testes acumulados de Jó eram como uma sucessão de testemunhas trazidas como prova de sua culpa, para desgastá-lo" (Fausset, *in loc.*).

A Metáfora Militar. A mente fértil do poeta inventou ainda outra metáfora. Jó estava sendo atacado por um exército hostil; Deus, pois, era o general das tropas que incansavelmente lançavam repetidos ataques (sua variedade de sofrimentos). Deus lançava tropa depois de tropa, o que, no hebraico, quer dizer literalmente "mudanças e uma hoste", ou seja, uma *sucessão* de hostes, uma substituindo a outra, para lançar mais um ataque. Jó era assediado por uma guerra contínua.

10.18

Por que, pois, me tiraste da madre? Vendo que a vida de Jó era de contínuos sofrimentos, *por que* Deus, o Criador e Controlador da vida, lhe permitira nascer vivo? Teria sido muito melhor se Jó tivesse nascido antes do tempo. Este versículo é, virtualmente, igual a Jó 3.11, onde dou informações detalhadas. Ter nascido vivo era visto como um ato especial e benévolo da providência divina (Sal. 22.9), mas Jó encarou esse fato como um mal. A vida se tornara um mal para ele. Seu pior pecado era ter nascido. Conforme disse Schopenhauer: "O pior pecado de um homem é ter ele nascido". Ver, na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* o verbete chamado *Pessimismo.* "Vss. 18-22. Uma vez mais, as queixas de Jó pediam a morte (cf. Jó 3.20-23; 6.8,9; 7.15; 10.18,19; 14.13), desejando que ele nunca tivesse nascido (cf. Jó 3.17). Se ele tivesse ido, como uma criança nascida, bem antes do tempo, do ventre ao túmulo, teria ultrapassado toda a sua miséria. Mas, visto que estava prestes a morrer, pediu para Deus dar-lhe pelo menos um breve momento de descanso, com um momento de alegria" (Roy B. Zuck, *in loc.*). "O sofredor foi atacado pelo tema do não-ser" (*Oxford Annotated Bible,* comentando sobre o vs. 18). Jó deleitava-se no pensamento da morte eterna (esquecimento total) porquanto não antecipava nenhum tipo de vida além do sepulcro, boa ou má.

10.19

Teria eu sido como se nunca existira. Uma criança nascida antes do tempo é como uma não-entidade. O corpo minúsculo é levado da maternidade para o cemitério, para ser relembrado somente pelos seus pais. "Minha vida se acabou antes de começar, e nem sei por que foi iniciada", dizia o epitáfio em um cemitério de um infante no Velho Oeste dos Estados Unidos. Não ter nenhuma memória de vida é melhor do que viver ao longo desta vida de sofrimentos, pelo menos se esse sofrimento é o do tipo experimentado por Jó. O desejo de Jó de não ter existido era tão forte que ele ansiava que essa condição tivesse começado desde o início. Ver Jó 3.11, onde Jó e sua lamentação expressam o mesmo desejo. Outros detalhes da exposição são oferecidos ali. Ver também Eclesiastes 4.3 e 6.3-5. Quanto ao problema do que acontece aos infantes que morrem, ver na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* o verbete intitulado *Infantes, Morte e Salvação dos.*

10.20

Não são poucos os meus dias? Jó esperava alguma misericórdia divina para que tivesse um breve período de descanso, antes da morte inevitável. Seus dias eram poucos, tanto antes de seus sofrimentos como depois deles. Ele fez um apelo por *consolação,* antes do consolo final da morte. Ver Jó 9.25, quanto a um sentimento similar. Ver também Jó 14.1,6 e Sal. 90.10. "Minha vida não pode ser longa. Concede-me um momento de descanso antes que eu morra" (Adam Clarke, *in loc.*).

10.21

Antes que eu vá para o lugar de que não voltarei. *A Terra Sem Retorno.* Jó definitivamente não esperava que houvesse continuação da vida em alguma esfera após a morte. Ele tomou o *ponto de vista do esquecimento.* Somente muito depois a teologia dos hebreus incluiu a idéia de uma alma imortal e da ressurreição. Em Jó 19.16, ele pode ter apanhado um vislumbre da ressurreição, mas esse trecho bíblico é controvertido, e vários significados têm sido vinculados a ele. A vida é aqui retratada como uma viagem para a terra do nada. Ninguém (segundo Jó pensava) poderia voltar nem encontrar ali vida alguma.

O Antigo Testamento usa quatro palavras hebraicas para retratar as trevas do sepulcro: *hosek,* "melancolia" (Jó 3.4); *salmawet,* "sombra escura" (Jó 3.5); *epah,* "noite profunda" (aqui e em Amós 4.13); e *opel,* "trevas" (Jó 3.6; 23.17; 28.3). Nos vss. 21-22, Jó usou três dessas palavras.

Ver as notas em Jó 3.5, que adicionam detalhes ao que comento aqui. "Trevas" aqui não se refere à nossa falta de conhecimento do mundo dos espíritos, pelo que, em grande parte, permanecemos "nas trevas" sobre esse mundo. Jó simplesmente não esperava sobreviver à morte biológica. Em sua imaginação, a morte era a noite eterna.

10.22

Terra de negridão, de profunda escuridade. *Com acúmulo de palavras* para indicar as trevas (vss. 21-22), o poeta fala sobre o mundo do nada, que se seguiria à vida física. Houve o triste dia do nascimento de Jó, para ser seguido pela noite escura de sua morte. Haveria também aquela terra chamada *seol,* mas essa seria uma terra do nada. A teologia posterior dos hebreus fez dela a habitação de almas que ficavam esvoaçando ao redor, sem razão e sem forma real de vida. Ato contínuo, o seol tornou-se o lugar de almas genuínas, boas e más, sem distinção. Finalmente, apareceram compartimentos bons e maus, para os justos e os injustos, respectivamente. Céu e inferno foram desenvolvimentos posteriores, que tiveram seus inícios nos livros pseudepígrafos e apócrifos. O Novo Testamento, por sua vez, ofereceu ainda maior desenvolvimento, mas é admirável quão pouco há, até mesmo no Novo Testamento, acerca da vida pós-túmulo.

"Esse discurso, tal como alguns outros discursos de Jó, terminou em uma nota tristonha sobre a morte (cf. Jó 3.21,22; 7.21; 14.22)" (Roy B. Zuck, *in loc.*).

> *... e, manifestada agora pelo aparecimento de nosso Salvador Cristo Jesus, o qual não só destruiu a morte, como trouxe à luz a vida e a imortalidade, mediante o evangelho.*
>
> (II Timóteo 1.10)

A hora mais tenebrosa é aquela antes da alvorada, mas a teologia de Jó não lhe permitia ver essa esperança. É um erro cristianizar o texto e assim aliviar as agonias de Jó. Em seu lamentável *seol, a luz era trevas.*

Capítulo Onze

Continuamos com a seção dos primeiros discursos dos três amigos críticos de Jó, e com as réplicas de Jó (capítulos 3-14). Temos três discursos de cada amigo (com somente dois discursos do terceiro amigo) e as respostas de Jó a cada um deles. Quanto a uma descrição completa do plano do livro, ver as introduções aos capítulos 4 e 8.

O Primeiro Discurso de Zofar (11.1-20)

A Iniqüidade de Jó (11.1-6)

Os discursos dos três amigos-críticos de Jó não contribuíram grande coisa para espantar o mistério sobre o problema do mal, isto é, por qual razão os homens sofrem e por que sofrem como sofrem. Ver a seção V da Introdução ao livro de Jó, quanto a uma discussão sobre esse problema, e ver no *Dicionário* o artigo chamado *Problema do Mal,* que encerra uma discussão mais detalhada. Os amigos de Jó só podiam enxergar que existia a *Lei Moral da Colheita segundo a Semeadura* (ver a respeito no *Dicionário*), ou seja, a lei do carma. Um homem obtém aquilo que tiver dado, e colhe aquilo que tiver semeado. Portanto, ficava óbvio que Jó era um grande pecador, porque seus sofrimentos também eram grandes. A teologia dos três "amigos" de Jó era deficiente; ela não explicava por que os *inocentes* sofrem, e Jó era inocente, pela própria palavra de Deus (ver Jó 2.3). Ele estava sofrendo "sem causa".

"À semelhança de Elifaz e Bildade, Zofar defendeu o dogma da justiça divina, mas seu temperamento foi ainda mais imoderado do que o de seu antecessor. Ele acreditava que Jó era menos um herege mal orientado do que um *homem cheio de conversa* (literalmente, 'um homem de lábios'). Ele descartou as apologias de Jó mais como 'parolas' (vs. 3); não obstante, mereciam a repreensão apropriada" (Samuel Terrien, *in loc.*).

"Zofar era um indivíduo dogmático religioso que supunha saber tudo sobre Deus; aquilo que Deus faria em qualquer caso possível; por que Ele faria isto e aquilo, e todos os Seus pensamentos a respeito. De todas as formas de dogmatismo, essa é a *mais irreverente* e a menos aberta para a razão" (*Scofield Reference Bible,* comentando sobre Jó 11.1).

Conversas sobre Deus. Caros leitores, considerem todas as frívolas "conversas sobre Deus" de pessoas religiosas, especialmente entre os evangélicos, que fazem Deus entrar em tudo, a cada minuto, suprindo seus pensamentos e dirigindo seus atos. Eles banalizam Deus e fazem Dele uma espécie de bichinho de estimação. Zofar era um homem que tinha muita "conversa sobre Deus".

11.1-2

Então respondeu Zofar. Quanto ao âmago dos discursos dos três amigos de Jó, ver a *Introdução* ao livro. Quanto ao que se sabe sobre *Zofar* e sobre a natureza geral de seus discursos, ver o artigo correspondente no *Dicionário.*

O naamatita. Havia a tribo de *Naamá* (ver esse nome em Jos. 15.41, a única ocorrência na Bíblia). Mas a citação de Josué refere-se à tribo de Judá, pelo que não pode ser o que está em vista neste trecho. Os amigos de Jó eram árabes... Deve ter havido outro Naamá, mas, como na Bíblia não há menção alguma a seu respeito, ficamos sem conhecimento específico da área geográfica do nascimento do terceiro amigo crítico de Jó. Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Naamá*.

A palavra *Naamá* significa "agradável", "doce", e era o nome de uma descendente de Caim, filha de Lameque e Zilá, e irmã de Tubalcaim (Gên. 4.22). Talvez Zofar fosse descendente distante dessa linhagem.

Esse amigo crítico de Jó falou apenas por duas vezes, em vez das três vezes que falaram os outros amigos. Seus dois discursos são o do presente capítulo e o de Jó 20.1 ss. Provavelmente ele era o mais jovem dos três e considerado o menos sábio, a quem também foi dado menos tempo.

Zofar significa "áspero". Na verdade, seus discursos eram exatamente isso. Ele estava furioso com o "palavrório" de Jó (vss. 2-3) e apressou-se a repreender a zombaria contra Deus, da parte de Jó. Ele falava com extremo sarcasmo.

Palavrório. Jó não era algum herege desviado que precisasse de instrução. Era um apóstata atrevido, cujo "palavrório" precisava ser repreendido. Nenhum *garganta grande* como Jó deveria ter permissão de falar sem que se lhe dessem resposta; e Zofar estava certo de que era o homem para esse trabalho. Jó pensava estar *justificado* diante de seus discursos frívolos, mas Zofar mostraria que ele era apenas um louco, proferindo blasfêmias contra Deus. Jó era um *homem de lábios,* conforme diz o hebraico, literalmente, mas *lábios impuros* que derramavam um discurso abusivo. Na verdade, "conversar é barato", conforme diz certo provérbio.

... pensam pouco demais, falam demais.

(John Dryden)

11.3

Será o caso de as tuas parolas fazerem calar os homens? *Jó, o mentiroso,* assim Zofar o chamou, declarando que ninguém deveria enganar-se por homens de sua espécie, deixando sem resposta suas propostas enlouquecidas. De fato, tais discursos seriam apenas *zombaria* contra Deus e os homens. Esses discursos eram vergonhosos, mas Jó era tão insensível para com a espiritualidade que nem ao menos se envergonhava. Portanto, uma resposta aos discursos de Jó deveria *envergonhá-lo.*

Grandes faladores são grandes mentirosos.

(Provérbio francês)

O discurso de Jó era sarcástico, severo e até blasfemo. Ver o capítulo 10. Por outro lado, ele blasfemava contra o Deus voluntarista da teologia dos hebreus. Ver na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* o verbete *Voluntarismo.*

11.4

Pois dizes: A minha doutrina é pura. *Jó asseverava* que sua doutrina era *pura,* e que ele mesmo era *limpo* ou inocente de qualquer pecado. No entanto, lá estava Jó sofrendo daquela maneira, prova do severo julgamento de Deus contra um pecador desavergonhado. Qualquer observador saberia que Jó era um hipócrita, um mentiroso, escondendo um ou mais grandes pecados. Jó seria um notório *pecador privado,* habilidoso para esconder sua vida secreta dos amigos. Cf. Deu. 32.2 e Pro. 4.2.

11.5

Oh! Falasse Deus e abrisse os seus lábios contra ti. O desejo de *Zofar* era que o próprio Deus descesse de Seu céu e corrigisse Jó. Visto que isso muito dificilmente aconteceria, Zofar, em sua sabedoria superior e arrogância, tomou sobre si a tarefa de ser o porta-voz de Deus. O que Zofar diz aqui é que "Deus estava sendo blasfemado pelo mentiroso Jó, e este merecia uma reprimenda direta do próprio Deus, que era a parte ofendida". Visto que Deus não satisfaria os desejos de Zofar, ele prosseguiu com sua diatribe *vitriólica,* crendo estar prestando um serviço a Deus. Quanto amargor é dito contra as pessoas por aqueles que acreditam estar prestando serviço a Deus!

Odium Teologicum

Ó Deus... que carne e sangue fossem tão baratos!
Que os homens viessem a odiar e matar,
Que os homens viessem a silvar e decepar a outros
Com língua de vileza,
... por causa de...
"Teologia".

(Russell Champlin)

11.6

E te revelasse os segredos da sabedoria. *Se Deus aparecesse a Jó,* exibiria Sua famosa *sabedoria,* bem como Seus segredos, que estão ocultos aos homens. Ele exibiria Sua *compreensão* divina. Como resultado, os sofrimentos de Jó, por maiores que fossem, seriam demonstrados como *menores* do que ele merecia. Zofar, assim sendo, solucionou o problema do sofrimento humano mediante um grande princípio dogmático: onde houver sofrimento, aí haverá a colheita do que um homem semeou, que é a operação da lei do carma. Mas nada havia na teologia de Zofar que explicasse como o homem *inocente* pode sofrer. Havia aquela grande verdade que ele ignorava, em razão de seu *dogma* rígido: Jó era um inocente e, no entanto, sofria. Na teologia de Zofar não havia *enigmas* nem mistérios. Ele havia sistematizado uma teologia sem problemas nem deficiências, ou, pelo menos, era isso o que ele pensava. As teologias sistemáticas serão sempre *deficientes,* pois quem pode sistematizar a verdade infinita?

As teologias sistemáticas são forçadas a *distorcer* algumas verdades e *omitir* outras, a fim de obter um sistema perfeito. Caros leitores, a verdade é mais importante do que tais sistemas e o consolo mental que eles nos oferecem. Zofar tinha poderes intelectuais que usava mal. Faltava-lhe a simpatia ocasional que Bildade havia demonstrado, e certamente ele rejeitava a abordagem cortês de Elifaz. Mas os três incorriam no mesmo equívoco: o carma explicaria tudo. Ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Lei Moral da Colheita segundo a Semeadura.*

11.7

Porventura desvendarás tu os arcanos de Deus...? *Zofar Se Contradiz.* Depois de ter-se apresentado como porta-voz de Deus, e de ter atacado Jó com suas palavras *infalíveis,* Zofar falou sobre o Deus *transcendental.* Mas como poderia um homem falar sobre o que é transcendental? Teria ele sido capaz de obter informações da parte de Deus, por meio de alguma revelação secreta, de modo que agora sabia como proceder contra Jó? Zofar era um indivíduo dogmático estrito, mas, pelo momento, escorregara para a teologia mística. Evidentemente, ele pensava que tinha preparado seu coração para buscar sabedoria da parte do Deus transcendental (vs. 13) e disse que Jó também poderia ser iluminado, caso seu exemplo fosse seguido.

Os críticos reconhecem a beleza da poesia atribuída a Zofar.

Os arcanos de Deus. Estas coisas profundas de Deus são *inefáveis,* conforme diz a teologia mística. Mas o *sábio* Zofar as compreendia e era, assim sendo, porta-voz qualificado para revelar a Mente divina. Naturalmente, não há *limite* para o Todo-poderoso, pois Seu poder também é inefável. Mas Zofar pensava saber o bastante para ser o instrutor infalível de Jó. Para ele, ninguém poderia descobrir de modo perfeito o Todo-poderoso, mas ele achava que havia progredido o suficiente para dizer somente a verdade contra o mentiroso Jó.

Jó questionava os *motivos* de Deus para lançar contra ele toda aquela dor. Mas se tivesse entendido mais sobre a essência e a verdadeira natureza de Deus, obteria sua resposta. Zofar estava a dizer: "A imensa *santidade* divina te encontrou, ó Jó. Sofres por causa de teus pecados secretos". A santidade perfeita de Deus estaria entre aquelas *coisas profundas* que podem ser descobertas por uma investigação correta. Este versículo pode ser comparado a Jó 28.16 e Eclesiastes 42.19. Jó certamente laborava em erro ao supor que Deus não distingue entre o justo e o pecador (conforme ele afirmou em Jó 9.22). Ele negligenciara a santidade de Deus e fizera Dele um Deus arbitrário.

A Matemática de Zofar. Pecados + pecados + pecados = julgamento do pecado. Mas Zofar não tinha fórmula para homem inocente + sem pecados + sem pecados = sofrimentos. Ele não adicionava os números certos e continuava a obter uma resposta falsa, que não se aplicava a Jó.

11.8-9

Como as alturas dos céus é a sua sabedoria. A *sabedoria divina* é mais elevada que os mais altos céus, e mais profunda que o seol nas entranhas da terra. Em outras palavras, a sabedoria divina é inefável e está fora do terreno da investigação humana. Mas o verdadeiro interessado (e Zofar pensava ser um interessado) poderia obter o suficiente dessa sabedoria para repreender com sucesso o mentiroso e pecador Jó.

Essa sabedoria (vs. 9) também tem mais extensão que a terra e é mais larga que o mar, duas metáforas que falam da vastidão ou infinidade. Os antigos dos dias de Jó não tinham meios para medir a terra, e ela parecia ser interminável. O

mar era um enigma para os árabes e hebreus. Esses povos não eram marinheiros experimentados na navegação. Os fenícios, no entanto, tinham algo a dizer sobre o mar. Quiçá os marinheiros fenícios tenham chegado à América do Norte, como alguns eruditos modernos asseveram. Mas até eles se confundiam diante da imensidade do mar, que parecia não ter limites ou extremidades. Eles sabiam mais do que os árabes e os hebreus, mas o conhecimento deles também era minúsculo.

"*Comprimento* geralmente é atribuído à terra, e *largura* ao mar. Os *confins* da terra falam de uma grande distância, e o mar é chamado de *espaçoso e largo*. Ver Sal. 72.1 e 104.25. Mas Deus, em Suas perfeições, particularmente em Sua *sabedoria* e *compreensão*, é infinito, Sal. 147.5" (John Gill, *in loc.*).

> *Estas são Suas gloriosas obras!*
> *Tu, Deus Todo-poderoso. Teu é o arcabouço universal.*
> *Quão maravilhosamente justo! Tu mesmo, quão admirável.*
>
> (Milton)

11.10

Quem o poderá impedir? O Deus ilimitado pode limitar a outros, e assim, quem se oporá a Ele? Ele pode lançar outros na prisão, e quem dirá uma palavra? Ele pode chamar a juízo um homem que se pensava inocente, e quem indagará: "Tu não podes fazer isso"? Deus, em Sua sabedoria, conhece a diferença entre um homem honesto e um hipócrita, e teria chamado Jó a juízo, porque ele pertencia à segunda categoria. Cf. Jó 9.22. Jó, em seu palavrório excessivo e blasfemo, tinha feito oposição a Deus e queria impor limites ao ilimitado.

O Targum diz aqui: "Se ele passar e fechar os céus com nuvens e reunir exércitos, quem pode impedi-Lo disso?".

"Ele, o ilimitado, pode fazer o que quer que Lhe agrade, e com nada se satisfaz, exceto com aquilo que é *direito*. Quem Lhe pode atribuir falha?" (Adam Clarke, *in loc.*).

"A sabedoria de Deus detectava o pecado onde o olho humano de Jó não podia chegar" (Fausset, *in loc.*).

11.11-12

Porque ele conhece os homens vãos. Literalmente, no hebraico, "homens ocos", vazios, sem substância, sem inteligência ou fibra moral. Em uma expressão moderna, chamaríamos tais homens de "sem cérebro". Jó era como um *asno estúpido*, que nunca atingiria a sabedoria (vs. 12). Sua linguagem blasfema era *asinina*. O asno selvagem era considerado o mais estúpido dos animais, daí a metáfora. Jó era como o filhote desse animal estúpido, que jamais se eleva acima de seu pai. Um homem é pleno de vaidade e se considera sábio, mas não passa de um asno. Ele vagueia ao redor, fazendo seus ruídos estúpidos. A linguagem tola de Jó nada era senão o zurro de um animal irracional. O asno do deserto não se deixava amansar e era estúpido (ver Jó 39.5-8; Jer. 2.24; Gên. 16.12). Jó era um homem tipo asno, na estimativa de Zofar, que não se incomodava em falar diplomaticamente.

Alguns estudiosos vêem outro sentido possível: o burro selvagem pode dar nascimento a um homem, ou seja, um homem estúpido pode tornar-se sábio. Assim diz o Targum: "Um jovem obstinado pode tornar-se sábio e, assim, tornar-se um grande homem". Mas dificilmente era isso o que Zofar queria dizer. Ele não estava dizendo: "Ó Jó, tu, asno, cresce e torna-te sábio!". Antes, ele falava com ironia: "As chances de Jó tornar-se sábio não eram maiores que a possibilidade de um burro selvagem dar nascimento a um homem" (Roy B. Zuck, *in loc.*).

11.13-14

Se dispuseres o teu coração. *Uma Súplica Apropriada.* O pecador tem de buscar reconciliação com seu Criador, em arrependimento sincero. O homem justo deve primeiramente confessar e abandonar seus próprios pecados, pondo-os longe de si mesmo (vs. 14), mediante um ato permanente de sua vontade espiritual. Em seguida, ele deve certificar-se de que sua casa está limpa e não é um abrigo do mal, no que diz respeito a seus parentes e servos. Zofar não desistiu de Jó como um *réprobo sem esperança*, mas estava certo de que ele era um réprobo, pois, do contrário, não estaria sofrendo daquela forma. Faltando-lhe melhor iluminação, Zofar falava a linguagem usual acerca do arrependimento, da oração e da reparação. A casa de Jó precisava de purificação. "Sua realização era brilhante, sem dúvida, ditada por uma convicção genuína, mas baseada no moralismo familiar do sábio que acredita na salvação por meio das obras" (Samuel Terrien, *in loc.*, o qual, por conseguinte, cristianizou suas observações ao incluir no quadro a salvação da alma, quando tudo o que Jó buscava era alívio para seus sofrimentos físicos).

Cf. o vs. 13 deste capítulo com Pro. 16.1 e Sal. 10.17, que contêm sentimentos similares. Ver também I Crô. 29.18.

11.15

Então levantarás o teu rosto sem mácula. *Restauração.* A combinação feita por arrependimento, oração e reparação operaria a ordem da restauração do homem, e este, por conseguinte, deixaria de temer. Mas o rosto do homem teria de ser *sem mácula*, pois, de outra maneira, Deus continuaria a açoitá-lo com múltiplas aflições. Jó precisava parar de pecar e fazer as devidas emendas. Somente isso tornaria seu rosto limpo. Ver na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* o verbete chamado *Reparação (Restituição)*.

Jó seria capaz de "levantar a cabeça", viver com confiança e saúde. Talvez Zofar fizesse referência às palavras de Jó, em Jó 10.15, sobre não ser capaz de levantar a cabeça. O homem agora humilhado seria exaltado. O homem agora esmagado seria restaurado. Ele seria *constante*, o que, no hebraico original, significa literalmente "dissolvido"; como os metais aquecidos e moldados, ele se tornaria *forte*, endurecido pela fusão de seu sofrimento-arrependimento-restauração. Cf. Jó 37.18.

11.16

Pois te esquecerás dos teus sofrimentos. As águas impetuosas trazem um dilúvio devastador. Mas, quando elas terminam, as pessoas logo se esquecem e edificam suas casas uma vez mais, perto do leito do rio. Assim, Jó, restaurado, esqueceria o dilúvio de suas tristezas e se sentiria feliz e saudável. Mas ele precisava fazer a sua parte: arrependimento, oração e restauração. Cf. Pro. 31.6,7, trecho bíblico bastante similar.

Suas dores foram desgastantes e ruinosas por algum tempo. Mas a restauração as removeria, bem como a memória delas. Na realidade, os réprobos podiam tornar-se homens de Deus, livres da aflição divina.

11.17

A tua vida será mais clara que o meio-dia. *A Vida Brilhante.* A vida de Jó tinha sido embotada com a tristeza e estivera quase a ponto de ir para a noite eterna (ver Jó 10.21,22). Mas o arrependimento e a restauração trariam de volta a *luz da vida*. A noite, de súbito, tornar-se-ia tão clara como o meio-dia. Jó sairia da experiência como um novo homem e desfrutaria as primeiras horas da manhã daquele novo dia. Em vez de terror, ele gozaria de paz e bem-estar. Quanto à metáfora da *Luz*, ver a *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia*. A seção I daqueles artigos contrasta a metáfora das trevas com a metáfora da luz.

> *Porque a mim se apegou com amor, eu o livrarei; pô-lo-ei a salvo, porque conhece o meu nome.*
>
> (Salmo 91.14)

O Targum diz aqui: "Tu voarás das trevas das tuas calamidades". O sol, oculto pelas nuvens, subitamente irrompe e espanta as trevas. A noite, que tinha escondido o sol por tanto tempo, inesperadamente cedeu diante do *sol nascente*, e um novo dia nasceu. Jó poderia ter um novo dia se o buscasse de uma nova maneira. Jó era um pecador, mas não acima de recuperação. Essa era a atitude de Zofar.

> *Mas a vereda dos justos é como a luz da aurora, que vai brilhando mais e mais até ser dia perfeito. O caminho dos perversos é como a escuridão; nem sabem eles em que tropeçam.*
>
> (Provérbios 4.18,19)

11.18

Sentir-te-á seguro. *Esperança para o Justo.* O pecador Jó estava sofrendo o que merecia. Mas o homem arrependido, o justo Jó, renovaria a sua *esperança*. Ele olharia *em redor* e não veria perigo. Seria capaz de descansar à noite em paz, em contraste com suas voltas na cama, em suas dores (ver Jó 7.4). Jó dissera que estava "sem esperança" (Jó 7.6). Mas Deus traria esperança a uma situação destituída de esperança.

Olharás derredor. Ele veria que todo o seu castelo e todas as suas possessões estavam seguros, nenhum inimigo estava atacando, nenhum perigo estava por perto; ele constataria que havia segurança, em contraste com a situação anterior, quando seus inimigos atacavam e espalhavam o terror (ver Jó 1.12,17).

Olharás. Esta palavra também pode ser traduzida por "escavarás", e alguns tradutores e intérpretes preferem esse sentido. Nesse caso, pode estar em vista cavar poços para que houvesse suprimento de água, ou cavar buracos para as estacas que seguravam as tendas. Jó teria abundância de água e suas tendas estariam seguras em seus respectivos lugares.

Vivo na esperança e penso que isso sucede
A todos quantos chegam a este mundo.

(Robert Burns)

A esperança é uma espécie de felicidade,
A principal felicidade que este mundo concede.

(Samuel Johnson)

Ver na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* o artigo intitulado *Esperança*, quanto a detalhes.

11.19

Deitar-te-ás, e ninguém te espantará. O poeta continua a declaração do vs. 18, a respeito do homem justo que descansa em segurança. Antes, o ato de jazer deitado era uma agonia. Jó não encontrava maneira de deitar-se para aliviar suas dores (ver Jó 7.4). Agora, porém, teria paz. E longe de ser objeto de ataques hostis, seria o objeto das súplicas de outros, que buscariam favores dele.

Em paz me deito e logo pego no sono, porque, Senhor, só tu
me fazes repousar seguro.

(Salmo 4.8)

Quando te deitares, não temerás; deitar-te-ás, e o teu sono
será suave.

(Provérbios 3.24)

11.20

Mas os olhos dos perversos desfalecerão. Caso Jó não se arrependesse, contudo, seus olhos não veriam a luz de um novo dia. Sua visão falharia quando a morte cerrasse seus olhos para sempre. Não haveria como escapar dos sofrimentos e da morte final. Sua esperança seria tão-somente exalar o último suspiro, quando então sua vida terminaria. "Sua esperança então o abandonaria como a respiração deixa o corpo quando uma pessoa morre" (Fausset, *in loc.*)

Morrendo o homem perverso, morre a sua esperança, e a
expectação da iniqüidade se desvanece.

(Provérbios 11.7)

"Esses primeiros discursos dos compatriotas de Jó não ofereciam consolo. Embora fossem verdadeiras as suas generalidades sobre a bondade, a justiça e a sabedoria de Deus, a cruel acusação de que Jó precisava arrepender-se de algum pecado oculto errava tremendamente o alvo. Eles não conseguiam perceber que, algumas vezes, Deus tem outras razões para o sofrimento humano" (Roy B. Zuck, *in loc.*).

Capítulo Doze

O *plano do livro de Jó,* no tocante à primeira série de discursos dos três amigos críticos de Jó e suas reprimendas, é que cada um deles falou por três vezes, excetuando o terceiro amigo, que só falou duas vezes. Então Jó ofereceu réplicas a cada um deles. Mas parece haver uma reação adiada, mediante a qual Jó respondeu não ao discurso de um de seus amigos-críticos, que acabara de ser proferido, mas sim ao discurso anterior. Ele também parece haver respondido a ambos ou, de modo geral, apresentado suas réplicas levantadas antes, sem respeitar a ordem cronológica. As introduções aos capítulos 4 e 8 deste livro oferecem mais detalhes sobre esse plano. Ver especialmente o título *Circunstâncias dos Discursos,* na introdução ao capítulo 4. Os capítulos 3-14 ocupam-se desse plano e então prosseguem para novos modos de expressão, a começar pelo capítulo 15, com uma *Segunda Série de Argumentos.*

Réplica de Jó ao Discurso de Zofar (12.1–14.22)

"Este discurso conclui o *primeiro ciclo* de discussões. Sua divisão tradicional em três capítulos ajusta-se bem a seu plano orgânico: 1. Crítica empírica da providência divina (Jó 12.1-25); 2. Acusação contra as ministrações dos três amigos de Jó, o que leva a outro ataque contra Deus (Jó 13.1-27); 3. Meditação regada por oração sobre a tragédia da vida (Jó 13.28–14.22)" (Samuel Terrien, *in loc.*).

Apesar de seus melhores esforços, os amigos-críticos de Jó foram incapazes de silenciá-lo. De fato, sua réplica neste ponto é o discurso mais longo do livro. Jó fez objeção a seus jurados auto-escolhidos e diminuiu o valor deles, dizendo que não eram a metade do que pensavam ser. Ele também criticou sua visão piedosa de Deus. Então, Jó voltou-se diretamente contra Deus, com suas reprimendas, queixas e súplicas por misericórdia.

Reprimenda de Jó a Seus Três Amigos-críticos (12.1-12)

Jó *objetou* aos dogmas dos amigos, que não tinham dado solução a seus problemas. Sua própria experiência e a observação de que os injustos não são punidos foram os principais elementos de seu discurso. "O homem enfermo replica com pesado sarcasmo" (*Oxford Annotated Bible,* comentando sobre o vs. 2 deste capítulo).

12.1-2

Então Jó respondeu. O *tema principal* do livro de Jó é a adoração desinteressada. Porventura um homem adora a Deus pelo bem que pode obter através da sua piedade, ou ele continua a adorar a Deus quando as coisas correm mal? É o homem apenas egoísta? Ver na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* o verbete chamado *Egoísmo.* Jó assumia continuamente a posição do *pessimista* (ver também na *Enciclopédia*), que diz que a própria existência é má, e a morte é a "única salvação do sofrimento" que podemos encontrar. Nela encontramos paz eterna e descanso, além, naturalmente, do *nada.* Jó não apelou para uma vida pós-túmulo, mas manteve sempre a teologia patriarcal, que não tinha nenhuma esperança em um pós-vida, de natureza boa ou má. O problema do mal veio a participar da questão como corolário necessário. Nesse corolário temos de procurar o porquê do sofrimento humano, incluindo a questão: Por que os *inocentes* sofrem? Jó era um inocente que sofria (ver Jó 2.3). O próprio Deus, entretanto, não acusava Jó de pecado, em contraste com seus amigos-críticos. Ver as notas expositivas sobre 1.11, quanto aos problemas teológicos do livro de Jó.

Jó começou sua réplica a Zofar ou, de fato, aos três amigos, com a famosa e sarcástica observação que tem sido repetida através dos séculos: "Na verdade, vós sois o povo, e convosco morrerá a sabedoria".

Os *sábios discursos* dos amigos-críticos de Jó não abandonaram o óbvio e, com esse óbvio, eles não explicaram o *porquê* dos sofrimentos de Jó. No entanto, continuavam exprimindo suas piedosas trivialidades, verdadeiras em si mesmas, mas inadequadas para solucionar o problema do sofrimento humano. Quanto ao que o livro diz sobre isso, ver a seção V da Introdução, e também, no *Dicionário,* o verbete denominado *Problema do Mal.* Os discursos dos amigos de Jó demoravam-se apenas sobre duas respostas: o sofrimento vem diretamente por causa do pecado e é, na realidade, um *julgamento* contra o pecado. Além disso, o sofrimento pode oferecer *disciplina* até para o homem justo. Ambas as respostas são corretas, mas há outras nas quais eles nem pensaram, como também não conseguiam explicar por que os *inocentes* sofrem. Ademais, em sua sabedoria estúpida, eles supunham que tivessem dado *todas* as respostas, e assim deixaram de lado a parte *enigmática* que circunda o terrível fato do sofrimento.

Além disso, tal como Jó também o fazia, eles não levavam em conta a vida pós-túmulo, nem diziam: "O terror é para hoje, para esta vida terrena; mas há uma glória além, após a morte biológica do corpo físico". Ninguém apelou para a vida do outro lado do túmulo como cura para os sofrimentos atuais. Em Jó 19.26, Jó pode ter obtido um vislumbre da ressurreição, mas esse versículo é controvertido, e vários significados possíveis são atribuídos a ele. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Lei Moral da Colheita segundo a Semeadura.*

Jó enfatizou sua posição como não-conformista. Seus críticos falaram o que a *maioria* das pessoas diz, mas nada resolveram. Jó sabia que sem dúvida havia no problema mais do que fora dito. Ele também sabia que a imensidade de seus sofrimentos não se devia ao julgamento contra corrupções secretas. Indivíduos dogmáticos, vindos de todas as denominações e religiões, pensam inutilmente deter o monopólio do conhecimento. A outras pessoas, eles chamam de hereges e ignorantes. As teologias sistemáticas participam dessa *loucura monopolizada.* Os indivíduos dogmáticos são sempre arrogantes. Eles podem solucionar qualquer problema abrindo a Bíblia em algum capítulo e versículo, e somente *eles* sabem como interpretar o que acham. Entrementes, eles distorcem e ignoram outras passagens, nos mesmos livros sagrados, se esses capítulos e versículos não se ajustam a seus sistemas. Os que falam sobre a *única regra* de fé e prática como sendo as Escrituras, realmente querem dizer: "A única regra de fé e prática é como eu e minha denominação interpretamos as Escrituras". Todos os indivíduos dogmáticos deixam de reconhecer que há verdades que vêm ao homem fora dos livros sagrados, porquanto a *verdade de Deus* não está, nem pode estar, contida em nenhum livro ou coleção de livros. Os indivíduos dogmáticos falham em reconhecer que muitas verdades têm de ser abordadas *experimentalmente,* porquanto nosso conhecimento, em seu *melhor aspecto,* é tanto parcial como parcialmente errôneo. A verdade é uma *aventura* contínua, não uma realização definitiva.

Jó sofria profunda dor, mas ainda assim podia *pensar,* o que não é uma característica comum e especial dos indivíduos dogmáticos. O conhecimento que seus críticos tinham a respeito de Deus era comum a sistemas e a muitos falsos sábios. Mas o conhecimento dogmático não tinha resolvido os problemas de Jó.

Da covardia que teme novas verdades,
Da preguiça que aceita meias-verdades,
Da arrogância que pensa saber toda a verdade,
Ó Senhor, livra-nos.

(Arthur Ford)

Ver no *Dicionário* o detalhado artigo chamado *Conhecimento e a Fé Religiosa.* Ver também *Símbolos e o Conhecimento.*

12.3

Também eu tenho entendimento como vós. *Jó, o Pensador.* Caros leitores, penso que é importante notarmos aqui que Jó não sacrificou seus poderes de intelecção a fim de satisfazer indivíduos dogmáticos. Ele estava sofrendo fortes dores, mas ainda assim podia pensar. Seus críticos eram distribuidores de chavões piedosos e truísmos. Mas Jó, muito capaz de pensar, sabia que eles não tinham encontrado a resposta que ele queria receber. Jó continuava a pensar no seu problema, perscrutando respostas. Ele era um advogado da "livre investigação", para consternação de seus críticos dogmáticos. De fato, ele defendeu *com vigor* a liberdade de investigação. Os indivíduos que seguem o dogmatismo têm algo a oferecer. A intuição tem algo a oferecer. O misticismo tem algo a oferecer. Todos são modos de alcançar o conhecimento.

Mas não devemos esquecer que o Grande Pensador criou pequenos pensadores que, quando usam seus poderes intelectuais, imitam o Criador. O intelecto não compete com outros modos de conhecimento. Antes, trata-se de um meio válido de obter conhecimento. Ademais, o intelecto é o *guardião* do ser, rejeitando excessos e exageros que as pessoas ajuntam para si mesmas, quando não pensam. Nunca devemos permitir que nossa inteligência (dada por Deus) satisfaça o dogma. Nunca nos devemos perder na teia das experiências místicas sem usar o *escrutínio* do intelecto.

Jó Não Era um Homem Inferior. Jó tinha bom senso suficiente para comparar argumentos e pessoas. Ele não era inferior a seus detratores em nenhum sentido, nem como pessoa, nem quanto ao seu conhecimento, nem quanto aos seus argumentos. Seus críticos disseram *coisas comuns* que todos conheciam: "Quem não sabe coisas como essas?". Eles nada acrescentaram à compreensão do porquê do sofrimento humano. "O que eles tinham dito sobre Deus era apenas conhecimento comum" (Roy B. Zuck, *in loc.*).

12.4

Eu sou irrisão para os meus amigos. *No passado,* as orações de Jó haviam sido respondidas. Mas agora os céus tinham-se tornado céus de bronze, símbolo do julgamento divino. Por isso Jó veio a ser alvo da zombaria de seus vizinhos. Também era alvo de zombarias porque seus vizinhos e amigos pensavam ser ele um tolo desvairado, sofrendo por seus pecados (que insensatamente ele havia cometido), e obstinado, que se recusava a arrepender-se, apesar de estar sob grande pressão.

Deus tinha permitido (ou causado) a Jó tornar-se alvo de zombarias, o que era *injusto,* de acordo com o pensamento humano de Jó.

"O ridículo não é teste da verdade nem do mérito" (Ellicott, *in loc.*). De fato, novas verdades são sempre ridicularizadas até que cheguem provas avassaladoras. Então os zombadores dizem: "Nós já sabíamos disso o tempo todo".

Com efeito, não é inimigo que me afronta; se o fosse, eu o suportaria; nem é o que me odeia quem se exalta contra mim, pois dele eu me esconderia; mas és tu, homem meu igual, meu companheiro e meu íntimo amigo.

(Salmo 55.12,13)

Eu, que invocava a Deus. É possível traduzir como "oprimia" a palavra hebraica aqui traduzida por "invocava". Nesse caso, o próprio Deus seria considerado um dos opressores de Jó. Vimos antes essa idéia, de maneira que ela não nos surpreende. Ver Jó 10.1 ss., quanto à amarga queixa de Jó contra Deus, como seu perseguidor e opressor.

12.5

No pensamento de quem está seguro. O homem que goza de lazer e desfruta a vida, mostra desprezo pelo infortúnio de outros seres humanos. Ele se julga superior, pois goza do favor divino, enquanto o desafortunado deve ser seu inferior, por estar sofrendo o julgamento divino. Por esse motivo é que falsos amigos facilmente começam a criticar o homem que sofre retrocessos e provações. O homem que vive em tranqüilidade está apenas esperando oportunidade para mostrar o seu desprezo. Mas, quando um homem escorrega e cai, logo se torna motivo de zombaria para os hipócritas.

O lema de um homem feliz é *desprezo pelo desastre.* O homem alegadamente superior ataca o sofredor, porque os fortes atacam os fracos, e até se regozijam com seus prejuízos. Alguns animais atacam e matam outros animais feridos, até os de sua própria espécie. Jó estava dizendo que existem homens dessa natureza. O homem ímpio chega a encontrar *razões morais* para os seus ataques.

Como dente quebrado e pé sem firmeza, assim é a confiança no desleal, no tempo da angústia.

(Provérbios 25.19)

12.6

As tendas dos tiranos gozam paz. Os ímpios, e até os criminosos, prosperam. Até aqueles que provocam a Deus estão a salvo de Sua ira. Ademais, Ele providencia para que até eles prosperem. Portanto, que dizer sobre o argumento de que homens maus e violentos certamente sofrerão o julgamento de Deus? Jó, homem inocente, foi severamente castigado. Mas o ladrão que vive como parasita da sociedade tanto é protegido como goza de abundância. Jó examinou as *incongruências* dos argumentos de seus amigos-críticos e concluiu que a *Lei Moral da Colheita segundo a Semeadura* (ver a respeito no *Dicionário*) não era a resposta à pergunta que diz: Por que os seres humanos sofrem? E isso em certo número de casos flagrantes, incluindo o seu próprio caso.

Três Observações:

1. O homem inocente é alvo de zombaria por parte de seus próprios amigos (vs. 4).
2. O homem que tropeça é empurrado e sofre abusos por parte daqueles que estão gozando, em lazer (vs. 4).
3. Os ímpios, até mesmo os criminosos, permanecem em segurança e prosperam (vs. 6).

Conclusão. Os alegados argumentos "sábios" de seus amigos-críticos realmente não explicaram a razão dos sofrimentos humanos.

Os que provocam a Deus estão seguros. O original hebraico é aqui controvertido, sendo variegadamente traduzido. Se a tradução aqui dada está correta, então significa que os ímpios, além de todos os seus outros crimes, envolvem-se na *idolatria,* que deveria provocar a ira de Deus, mas não o faz. Moffatt traduz esse trecho como: "Que fabricam um deus de seu próprio poder", ou então: "Eles trazem Deus em suas mãos", ou seja, manipulam o verdadeiro Deus (segundo pensam) para benefício próprio. Isso acrescenta uma *quarta razão* que mostra por que chavões "sábios" não identificaram a razão para o sofrimento humano. Aqueles que deveriam sofrer por crimes sérios e blasfêmias permaneciam intocados pela dor. Mas Jó, homem de piedade autêntica, sofria. No entanto, os idólatras e os blasfemos nada sofriam.

Eles escarnecem dos reis; os príncipes são objeto do seu riso; riem-se de todas as fortalezas, porque, amontoando terra, as tomam.

(Habacuque 1.10)

A Visão Monista do Universo (12.7-12)

12.7

Pergunta agora às alimárias. Tudo é um só e é sustentado pelo Um. Há somente uma causa. Todas as coisas exprimem o Ser divino. A natureza ensina-nos verdades. Zofar tinha chamado Jó de filho de um asno montês (ver Jó 11.12). Mas Jó retorquiu que até os chamados animais mudos têm mais verdade para dizer do que Zofar. Todas as coisas na natureza sofrem, e todos sabem que Deus é a causa das calamidades (ver Jó 2.10). O pecado não é a única resposta. A mente sondadora de Jó percebia as distorções dos argumentos de seus amigos-críticos, e apelou para a natureza que sofre, a fim de repreendê-los.

Fazendo parte do Um, as aves do céu e as feras e outros animais dos campos participam dos sofrimentos da natureza. Mas haveríamos de atribuir pecado a eles? A natureza testifica sobre a grandeza e a providência de Deus, mas também testifica ser Deus a Única Causa, ou seja, a causa do sofrimento. O bem e o mal não são resultados de mero acaso. Há poder por trás do desastre: um único Poder, isto é, Deus. Deus cuida dos pardais (ver Mat. 6.26), mas também faz o pardal cair e perecer, finalmente. Não é diferente no caso do homem.

Existem em operação *poderes enigmáticos* que a lei da semeadura e da colheita não explicam.

12.8

Ou fala com a terra. A terra está repleta de animais irracionais, e ela mesma é uma força produtora de vida. Há muitas espécies de peixes no mar, e nos maravilhamos com aquilo que o Criador criou. Sua providência é evidente. Não obstante, também é evidente o Seu poder de destruição, que afeta todos os seres vivos. Ele é igualmente a causa do sofrimento, a *providência positiva* e também a *providência negativa.* Ele é a única Causa.

Outrossim, consideremos os abusos (por nosso ponto de vista). A águia certamente está mais à vontade e mais segura do que um humilde coelho ou pombinho. De fato, são as aves de rapina que tornam a vida miserável para os animais indefesos. A natureza está plena de violência e matança. O leão está em maior segurança do que o boi. A cobra mata para o seu almoço. "*Por que* toda essa violência? Por que todo esse sofrimento? Por quê?" Eu lhe direi por quê: Deus é a causa. Os sábios-estúpidos amigos de Jó punham todos os seus argumentos em uma única cesta: o pecado. Mas isso não explica o que acontece dia após dia na natureza.

A *antiga teologia dos hebreus* era fraca quanto a causas secundárias, pelo que lançava a culpa por tudo em Deus e fazia Dele a causa também do mal, não somente do bem. Ver Jó 1.11 e suas notas expositivas quanto aos problemas teológicos do livro de Jó.

12.9

Qual entre todos estes não sabe que a mão do Senhor fez isto? *A mão do Senhor,* isto é, o Seu poder, a Sua vontade, a Sua determinação, é que fizeram todas as coisas. Ele é soberano e Sua soberania chega até as calamidades, enfermidades e desastres que nos perseguem como praga. Há o bem e há o mal. *Ambas* as coisas vêm da mão de Deus.

"Por que o bem e o mal estão promiscuamente espalhados por toda a natureza e, entre os humanos, vocês são tão ignorantes quanto eu" (disse Jó a seus amigos). A sabedoria deles não havia encontrado solução para o sofrimento humano e para o sofrimento na natureza.

Senhor. No hebraico, *Yahweh.* Esta é a única ocorrência deste nome divino na parte poética do livro de Jó. Ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Deus, Nomes Bíblicos de.* Talvez o autor sacro tivesse evitado que a designação hebraica de Deus fosse usada, visto que estava apresentando Jó como um xeque árabe.

Veja o leitor como Jó 12.9b cita diretamente Isa. 41.20, ou seria isso mera coincidência verbal? Se temos uma indicação do tempo da escrita do livro, com base nessa citação de Isaías, então o livro fala sobre o período patriarcal, mas certamente ele foi escrito muito mais tarde. Quanto à questão da data, ver a *Introdução* ao livro, seção IV.

> *O que for obscuro em mim, ilumina!*
> *Para que eu possa asseverar a Providência Eterna*
> *E justificar os caminhos de Deus aos homens.*
>
> (Adaptado de John Milton)

12.10

Na sua mão está a alma de todo ser vivente. Deus, o *Doador* da vida, é também o *Preservador* da vida. Mas Ele é igualmente o *Consumidor* da vida. Ele dá e Ele tira (ver Jó 1.21). Portanto, bendito seja o Seu Nome. O homem e os animais estão juntos em uma única declaração. Nenhuma distinção é feita.

> *Quem sabe que o fôlego de vida dos filhos dos homens se dirige para cima e o dos animais para baixo, para a terra?*
>
> (Eclesiastes 3.21)

Aquele homem sábio contemplou a possibilidade de tanto as almas humanas quanto as almas dos animais serem uma realidade, e não tinha certeza se deveria fazer aguda distinção entre essas almas. Ver na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* o verbete chamado *Alma dos Animais.* Platão supunha que *toda a vida,* de qualquer tipo e grau, fosse alma imaterial, e que os corpos fossem coisas materiais que agissem como casas das almas. O autor do livro de Jó naturalmente nem ao menos chegara a ponto de crer na existência da alma humana, quanto mais na existência da alma animal. A teologia patriarcal dos hebreus não contemplava uma vida pós-túmulo. Jó colocou os animais e os homens juntos, sob a mesma providência, positiva e negativa. A providência divina tanto protege quanto destrói a vida. O poder destruidor, por conseguinte, existe inteiramente à parte do problema do pecado.

"O homem, raciocinou Jó, está sujeito às mesmas leis que os animais inferiores" (Fausset, *in loc.*).

12.11-12

Porventura o ouvido não submete à prova...? *Duas Metáforas.* Ficamos sabendo das coisas por experiência própria, e as nossas experiências nos são dadas pela percepção dos sentidos (empirismo). O ouvido ouve as palavras, e o cérebro julga o que foi ouvido. A boca prova o gosto dos alimentos, distinguindo os bons dos ruins. Assim, também, um homem tem poderes que distinguem bons argumentos de maus argumentos. E Jó afirmou que seus poderes de intelecção (tal como seu ouvido ou boca) podiam revelar se seus amigos-críticos estavam ou não dizendo a verdade, parte da verdade, ou alguma mentira. Jó sabia que eles haviam dito algumas verdades e algumas mentiras. Seja como for, eles não tinham resolvido o problema do sofrimento humano. A verdade era que ele, um homem *inocente* estava sofrendo. Mas os amigos não conseguiam perceber como isso pudesse ser verdade.

Bildade havia apelado para a sabedoria dos antigos (vs. 12); mas, dessa forma, não foi capaz de resolver o problema em mãos. Por conseguinte, seu apelo era um instrumento fraco. O *homem idoso,* que já vivera neste mundo por longo tempo e aprendera muitas coisas, acumulara certo grau de sabedoria. Ele escreve um livro e apresenta sua sabedoria diante de nós, sob a forma de provérbios. Lemos os provérbios e nos maravilhamos diante do que ele foi capaz de descobrir. Mas aquele homem é sábio apenas em parte. Além disso, ele tem erros misturados com verdades. Jó pôs em dúvida a teoria de Bildade sobre "confiança nos antigos e nas tradições". Não podemos permitir que nossa busca pela verdade seja limitada a esse caminho ou a qualquer outro caminho isolado. Precisamos apelar a muitas fontes, na nossa busca pela verdade, por muitos modos de pesquisa, e respeitar todas essas fontes. Sabemos de coisas que os antigos desconheciam. Nossa ciência e nossa teologia ultrapassam os provérbios dos antigos. *Ver* na *Enciclopédia de Biblia, Teologia e Filosofia* o artigo intitulado *Conhecimento e a Fé Religiosa.* Ver os comentários sobre o vs. 2 deste capítulo, quanto a um desenvolvimento do tema "contra os dogmas".

Devemos lembrar que, com frequência, são os antigos sábios que Deus escolhe como profetas. A esses homens também são conferidos iluminação e conhecimento místico. Então eles se tornam mais sábios ainda. Mas, mesmo em tais casos, ocorre o erro humano, e os homens estão sempre limitados ao seu tempo, de muitas maneiras. O conhecimento dos homens sempre será limitado. Nunca chegará o tempo em que eles poderão abandonar a busca pela verdade. Essa busca é uma aventura, e não uma realização definitiva.

Deus, o Governador Indiscriminado de Homens (12.13-15)

12.13

Não! Com Deus está a sabedoria e a força. Jó volta agora sua mente dos homens sábios para o Deus de toda a sabedoria. Deus é Todo-sábio e Todo-poderoso, mas se mostra arbitrário em Seu governo, o que nos deixa consternados. Devemos lembrar, uma vez mais, que a antiga teologia dos hebreus era fraca quanto a causas secundárias e fazia de Deus a Única Causa, tanto do bem quanto do mal. Essa é uma visão voluntarista de Deus: uma coisa é boa porque Deus assim o quer, não porque ela é boa em si mesma. O *voluntarismo* (ver a respeito na *Enciclopédia de Biblia, Teologia e Filosofia*) ensina que a vontade é suprema a ponto de à razão e à justiça não serem dados os devidos lugares. Poder é direito, e a vontade indiscriminada está por trás do poder.

> *Para mim tudo é o mesmo, portanto digo: Tanto destrói ele o íntegro como o perverso.*
>
> (Jó 9.22)

Ver a exposição sobre esse versículo.

"O mundo revela-nos a natureza absoluta do poder de Deus, mas não Sua justiça. Ele é o autor *exclusivo* de todos os acontecimentos (vss. 13-21 e 11.8) e das trevas totais do *seol* (vs. 22), uma idéia extremamente incomum para a mente dos hebreus, de acordo com a qual o *seol* jaz fora da jurisdição de Deus (Sal. 6.5). Contrastar com Jó 26.6 e Amós 9.2; Sal. 139.8,11; Pro. 15.11. Não somente a sorte dos indivíduos, mas também o surgimento e a queda das nações, depende de Seu *fiat* todo-poderoso (vss. 23-25). Não se pode negar que há grandeza nessa filosofia da existência, a qual é completamente teocêntrica. Mas Jó não se submete sem protestar diante desse *governo de ferro.* De fato, a passagem toda deve ser considerada um prelúdio ao ataque *agressivo* das linhas que se seguem" (Samuel Terrien, *in loc.*).

Caros leitores, era certo Jó mostrar-se agressivo contra a doutrina unipolar da predestinação absoluta e da teologia de uma Única Causa. Mas existem outras causas; o homem está envolvido com seu livre-arbítrio. Ademais, é blasfêmia

IDADE E EXPERIÊNCIA

Está a sabedoria com os idosos, e na longevidade e entendimento?.

Jó 12.12

Quando alguém perguntou de Tales: "O que é difícil?", ele replicou: "Conhecer a ti mesmo". Quando alguém perguntou: "O que é fácil?" Ele replicou: "Dar conselhos aos outros".

Diógenes Laertius

Muitas pessoas recebem conselhos, mas somente os sábios aproveitam.

Publilius Syrus

Os sábios, mesmo que todas as leis fossem abolidas, viveriam as mesmas vidas.

Aristófanes

Nos dias da minha mocidade, eu me lembrei de Deus. Na minha velhice, Ele não tem esquecido de mim.

Robert Southey

Os jovens acham que os velhos são tolos. Os velhos *sabem* que os jovens são tolos.

George Chapman

Estou preparado para encontrar com meu Criador. Se meu Criador está pronto para sofrer a provação de me encontrar, é outro assunto.

Winston Churchill, um comentário feito na noite antes de ele completar 75 anos

A mocidade está cheia de pecados; a velhice está cheia de loucuras.

Samuel Daniel

Quando um homem fica virtuoso na sua velhice, ele somente oferece a Deus o que diabo não quis.

Alexander Pope

Antes de a velhice chegar, meu desejo era o de viver bem. Na minha velhice, meu desejo é o de morrer bem.

Sêneca

atribuir o mal a Deus, o que faz o hipercalvinismo. Ver na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* o artigo sobre *Predestinação (e Livre-arbítrio).*

Jó exaltou o poder e a sabedoria de Deus, mas prosseguiria a fim de demonstrar que aqueles atributos estão envolvidos na destruição, e não meramente na providência positiva. E também objetaria a esse tipo de Deus voluntarista. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Atributos de Deus.* Deus é a única *fonte* de poder e sabedoria, mas, de acordo com a teologia dos hebreus, esses atributos se tornavam destrutivos sempre que Deus pensava que era melhor assim eles se mostrarem.

> *Meu é o conselho e a verdadeira sabedoria, eu sou o Entendimento, minha é a fortaleza.*
>
> (Provérbios 8.14)

"A onipotência divina desconhece obstáculos ou lei" (*Oxford Annotated Bible,* comentando sobre o vs. 13).

12.14

O que ele deitar abaixo não se reedificará. *Os poderes destrutivos de Deus* funcionam quando Ele pensa que isso é apropriado. Ele destrói aquilo que tiver sido construído pelo homem ou por Si mesmo. Ele estabelece mudanças súbitas e varre para longe o *status quo.* Os homens nunca podem sossegar, porque jamais prevêem quando o próximo golpe divino arruinará todas as coisas. Um homem fica *preso* em sua casa de miséria e sofrimentos conforme sucedeu a Jó, e nenhum poder nos céus ou na terra poderá estabelecer a menor diferença. A imagem foi extraída do abismo, no qual caem animais que de nada suspeitam. Ali está Ele, naquele abismo miserável, esperando pelo momento de torturar e matar Sua presa, sem demonstrar piedade alguma pelo pobre animal que ali cair. Buracos também eram usados como prisões (ver Jer. 37 e 38.6). Jó estava em seu abismo-prisão, e a esperança ficava inteiramente de fora. Jó dizia que a Causa real por trás do sofrimento é a vontade imprevisível de Deus, que com freqüência age contra aquilo que chamamos de moralidade. O bem e o mal são igualmente nivelados. Deus age de maneira ilegal, porque o Seu poder não está restringido por regras que Ele impõe ao homem. Ele não precisa obedecer às Suas próprias regras. Os amigos-críticos de Jó erravam o alvo quando supunham que Deus sempre abençoa os bons e castiga os maus. Jó dizia que ninguém pode predizer o que Deus fará.

12.15

Se retém as águas, elas secam. Deus age de maneira imprevisível com as águas. Primeiramente, Ele as retira. As chuvas cessam e os rios secam. Estabelece-se a seca. Logo a fome segue-se à seca, e pessoas, incluindo inocentes, e animais, que nem são inocentes nem culpados, morrem como se fossem moscas. Em seguida, Deus decide que a terra terá água, *grande quantidade de água.* Portanto, Ele determina que caiam chuvas intermináveis. Os rios se enchem e se transformam em grandes e destrutivas torrentes. E, então aqueles que não morreram devido à fome são destruídos pelas catadupas. Algumas vezes, os grandes dilúvios de Deus são quase universais, como o dilúvio de Noé. Então os homens dizem: "Houve justiça e misericórdia em meio a tão grande calamidade". Nas pequenas tragédias, os homens dizem o mesmo. Os inocentes continuam a sofrer, mas ninguém apresenta uma boa resposta quanto à *razão* dessas calamidades.

12.16

Com ele está a força e a sabedoria. O autor sagrado retorna ao tema do vs. 13: a combinação, em Deus, de toda a sabedoria e de todo o poder. Ver as notas expositivas ali. Então, em Sua sabedoria, Deus sabe tudo acerca dos homens. Ele sabe quais deles dizem a verdade e não enganam. Ele também conhece os que dizem mentiras e enganam. Jó diz: "Deus sabe que não sou enganador e mentiroso. Ele também sabe que vocês estão equivocados em seus argumentos". Mas este versículo ensina, principalmente, que enganador, enganado, mentiroso e aquele que diz a verdade são todos iguais para Deus. Todos estão em Suas mãos. Ele tem o poder de fazer prosperar e de matar, e pode fazê-lo *indiscriminadamente,* pois tanto o enganador quanto o enganado são vítimas do exercício arbitrário do poder de Deus. Puro voluntarismo!

12.17

Aos conselheiros leva-os despojados do seu cargo. *Os grandes da terra,* em sua arrogância, supõem que Deus os favorecerá. Auto-enganados, eles também estão nas mãos de Deus. Ele fará o que mais Lhe agradar. Ele os surpreenderá com algum golpe súbito e destrutivo. O poder deles nada significa para Deus. Ele não usa de respeito para com as pessoas. Seus coriscos voam por toda a parte, ferindo tudo. Os sábios e poderosos que naturalmente ficaram ricos são de súbito saqueados pela vontade divina e deixados despidos. Os homens olham admirados, e Deus zomba e se ri deles. Os sábios da terra, como também os juízes, transforma-se em insensatos. Os homens riem-se deles. Até os autores de sábios provérbios são apenas tolos diante de Deus. Ver o vs. 20. Dizem os homens, em sua insensatez: "Deus agirá *assim e assado* sob dadas circunstâncias". Mas Deus não obedece às razões e às regras deles, nem às suas próprias regras.

Leva-os despojados. Talvez tenhamos aqui uma metáfora da *guerra.* Os líderes e os conselheiros de uma nação são levados para o cativeiro, enquanto sua nação é despojada e saqueada. Suas ótimas casas são niveladas, ou os conquistadores vivem nelas. Deus está por trás dos inimigos desses conselheiros. Foi Deus quem lhes deu o poder de fazer aquele mal.

"Desnudando-os de sua sabedoria e poder, Deus demonstra Sua sabedoria e poder *superiores"* (Roy B. Zuck, *in loc.*).

> *Quem pode suportar as chicotadas e zombarias do tempo,*
> *Os erros dos opressores e os insultos do homem orgulhoso?*
>
> (Shakespeare)

12.18-19

Dissolve a autoridade dos reis. "Deus toma as roupagens esplêndidas dos reis e os veste de cilício. Dissolve a autoridade deles e permite que seus súditos se rebelem e derrubem os governos, amarrando os reis como cativos e despojando-os de todo o seu poder, autoridade e liberdade" (Adam Clarke, *in loc.).* Os príncipes (vs. 19) recebem o mesmo tipo de tratamento e perdem propriedades e riquezas nesse processo. A história do mundo é, em certo sentido, uma *crônica das guerras,* com o acompanhamento da desumanidade do homem contra o homem, as mudanças de poder que custam vidas humanas e muita miséria, seguidas por fome e pragas de todas as espécies. O autor via Deus como inspirador de tão nefastas atividades.

Uma corda lhes cinge os lombos. Ou seja, os laços mediante os quais eles governam os homens. Ou, então, estão em pauta os cintos que seguram no lugar as vestes reais. Os reis punham em vigor o *jugo da tirania.*

> *Assim diz o Senhor ao seu ungido, a Ciro, a quem tomo pela mão direita, para abater as nações ante a sua face, e para descingir os lombos dos reis...*
>
> (Isaías 45.1)

Foi assim que Jó lançou dúvidas sobre os chavões piedosos de seus amigos-críticos, que viam uma providência ordenada ferir os maus e sempre abençoar os bons. Disse Jó: "Na vida diária, as coisas não acontecem realmente assim". "Jó era o tipo de homem que sentia o *vazio* da *irrealidade* da *ortodoxia* tradicional, e tateava o seu caminho, em meio a profundas trevas, sustentado, não obstante, por uma fé inquebrantável de que existe a *luz,* e que a luz acabará amanhecendo, finalmente" (Ellicott, *in loc.*). Jó estava efetuando uma investigação livre, contradizendo os dogmas.

12.20

Aos eloqüentes ele tira a palavra. Um *ataque direto* contra os sábios dos séculos. Bildade estava profundamente impressionado pelos sábios compositores de provérbios, os inventores das tradições. Mas Jó tinha certeza de que Deus não estava impressionado com eles. Aqueles que costumavam usar sua fala para compor grandes pronunciamentos de sabedoria eram privados dessa fala, instrumento de seus ensinos. Os homens confiavam nos sábios, mas em breve eles nem ao menos poderiam mais falar.

"Ao que parece, eles tinham aparente discernimento e compreensão, mas Deus anulava tudo isso. Jó dizia que a verdade não está com os sábios, na extensão que os amigos-críticos de Jó pensavam. De fato, os criadores dos provérbios são tolos, à vista de Deus. Existem enigmas na natureza, na doutrina, nos sofrimentos humanos. Não se podem solucionar todos os problemas meramente abrindo as Escrituras Sagradas em algum capítulo e versículo, para então ler o trecho. Existem belas e preciosas jóias nos livros, e nós as respeitamos, mas a verdade de Deus não pode estar contida em um livro ou conjunto de livros. Temos de continuar sondando a verdade, engajados na deliciosa aventura do aprendizado. Não podemos apelar para os livros, para as tradições e para as ortodoxias como depósitos finais da verdade, e então dizer: "Ali não há erros. Eles são a nossa única regra de fé e prática".

Somente uma *mente infantil* diz que as coisas "não têm erros" e "esta é a nossa regra", independentemente de isso se aplicar a Livros Sagrados ou a qual-

quer outro padrão. A verdade divina não pode ser confinada dessa maneira. A linguagem humana não pode conter o infinito, nem o pode fazer uma coleção de livros. Precisamos de toda a ajuda que pudermos e devemos respeitar os livros e as tradições, mas o Espírito de Deus está presente e nos conduz a *mais ainda.* "A linguagem humana não pode aprisionar o infinito" (Erasmo de Roterdã). Nem podem aprisionar o infinito nenhum credo, religião, fé ou denominação, cristã ou não. Deus é maior do que todas as instituições humanas e bibliotecas. Estamos aproximando-nos de *Deus,* e não indo na direção de uma suposta autoridade final entre os homens, inventada ou organizada por eles. Autoridades e tradições nos ajudam, mas não devemos permitir que nos aprisionem. Ver na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* o detalhado artigo intitulado *Autoridade.*

Os homens ficam apaixonados por sua sabedoria e importância, e pensam que já encontraram a solução para todos os problemas.

Quos Deus vult perdere, prius dementat.

ou seja:

Deus deixa apaixonados aqueles a quem Ele resolveu destruir.

Deus tira o *lábio dos confiados,* conforme diz, literalmente, o original hebraico. Os homens põem sua confiança em *absolutos falsos,* mas Deus é o único absoluto. Quando inventamos outros absolutos, criamos ídolos e nos tornamos idólatras, embora, talvez, *idólatras piedosos.*

12.21

Lança desprezo sobre os príncipes. *As classes privilegiadas* não escapam aos julgamentos de Deus nem a Seus castigos, mesmo que inocentes, se porventura isso puder acontecer. Aqueles que têm poder, aqui, não o têm perante Deus, que é o único Poder. A ira de Deus é liberada como um grande *derramamento,* como se fosse um dilúvio. Em outras palavras, essa ira é *abundante* E retira a força dos alegados poderosos.

12.22

Das trevas manifesta cousas profundas. Deus traz à luz *profundas trevas,* o que provavelmente se refere às iniqüidades secretas que os homens ocultam de outros homens. Esses homens pertencem ao reino das trevas, mas se apresentam como se fossem luz. Ver na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* o verbete chamado *Luz, a Metáfora da,* que inclui a metáfora das trevas.

Alguns vêem as coisas profundas como os próprios pensamentos, planos e estratagemas de Deus, que controla todas as coisas. Essas coisas, ocultas dos homens, Deus traz à luz quando as ocasiões certas o exigem. Ver I Cor. 2.10,11 e Sal. 92.5.

Quão grandes, Senhor, são as tuas obras! Os teus pensamentos, que profundos!

(Salmo 92.5)

Este versículo deve ser confrontado com Rom. 11.33,34. Os homens traçam planos secretos que Deus traz à luz, mas Ele também tem planos secretos que fazem parte de Sua providência, positiva e negativa. Suas revelações tomam os homens de surpresa.

12.23

Multiplica as nações e as faz perecer. Deus *permite que grandes nações se formem,* somente para depois esmigalhá-las e reduzi-las a nada. Isso segue alguma vontade misteriosa de Deus, que controla todas as coisas, individuais, comunais e nacionais. As grandes nações são subitamente *dispersas,* uma possível referência ao cativeiro imposto sobre elas, por outras nações, que obedecem ao mandado divino. Deus mostra-se, assim, soberano sobre todos os seres humanos, pessoal e coletivamente, e o fluxo da história individual e universal obedece a Seus estratagemas, bons e maus. Deus mantém um *governo universal,* que não segue o que os homens pensam que deveria ser. É a vontade divina que levanta e derruba os homens. Ver na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* os verbetes chamados *Soberania de Deus* e Determinismo. Mais adiante, Jó objetará ao caráter absoluto do poder de Deus, que também está por trás de todos os eventos maus. Ele se tornará agressivo em sua fala e protestará contra o *governo de ferro* de seu Deus voluntansta.

Ver no *Dicionário* sobre o *Cativeiro Assírio* sofrido pelas dez tribos do norte, e sobre o *Cativeiro Babilônico* sofrido pela tribo de Judá, quanto a ilustrações sobre a *dispersão* das nações. Naturalmente, o autor sagrado escreveu este livro antes desses eventos, mas eles servem para ilustrar o *modus operandi* das guerras antigas.

Cf. este versículo com Isa. 9.3 e Sal. 107.38,39.

Tens multiplicado este povo, a alegria lhe aumentaste; alegram-se eles diante de ti, como se alegram na ceifa e como exultam quando repartem os despojos.

(Isaías 9.3)

12.24

Tira o entendimento aos príncipes. O *príncipe* de cada nação é o general do exército, o rei, aquele que mantém as coisas unidas e em boa ordem. Ele lidera o povo em qualquer empreendimento que assim queira fazer. Quando é ferido, quando seu coração se amedronta, então seu povo se espalha e se dispersa. A terra torna-se um deserto, e a nação transmuta-se em nômades, quando o poder controlador se desfaz. Quando os líderes se acovardam e perdem a compreensão, o povo fica sem pastor. Então aquele povo é sujeitado ao ataque de inimigos, cada um deles um predador. O poeta diz, aqui, que Deus é o poder que desorienta e destrói os líderes, de modo que o povo seja deixado como ovelhas impotentes em campos perigosos. Talvez tenhamos aqui uma alusão aos 40 anos de perambulação pelo deserto, por parte do povo de Israel. O livro de Jó, sem dúvida, foi escrito após esse evento, embora apresente o período patriarcal como seu meio ambiente.

Lança ele o desprezo sobre os príncipes e os faz andar errantes, onde não há caminho.

(Salmo 107.40)

12.25

Nas trevas andam às apalpadelas. O povo, quer se trate de uma nação ou de um indivíduo, tateia nas trevas que Deus cria a propósito. Os homens tropeçam como se estivessem embriagados, por estarem cegos pelas trevas e andando em terreno desconhecido. O povo tateia nas trevas quando está sem liderança. Mas a situação também é geral: Deus aflige os homens com as trevas (ignorância) para que perambulem ao redor como se estivessem intoxicados.

"Eles andam às apalpadelas como se fossem cegos, como se fossem homens de Sodoma, quando foram feridos de cegueira... ou como os egípcios, quando caíram sobre eles densas trevas, tão espessas que podiam ser apalpadas... Eles tropeçavam como homens embriagados que perderam a visão e os demais sentidos" (John Gill, *in loc.*).

O Senhor te ferirá com loucura, com cegueira e com perturbação do espírito. Apalparás ao meio-dia, como o cego apalpa nas trevas, e não prosperarás nos teus caminhos; porém somente serás oprimido e roubado todos os teus dias; e ninguém haverá que te salve.

(Deuteronômio 28.28,29)

Capítulo Treze

Este capítulo dá prosseguimento à réplica de Jó ao discurso de Zofar. A seção ocupa Jó 12.1-14.22. Este discurso conclui o primeiro ciclo da discussão. Ver a introdução ao capítulo 12, que põe esse primeiro ciclo em seu meio ambiente apropriado. Ver também as introduções aos capítulos 4 e 8, quanto a informações sobre o plano do *primeiro ciclo* de discursos, capítulos 3-14.

Desafio de Jó a Seus Amigos e à Deidade (13.1-27)

Os Curadores Incompetentes (13.1-11)

À semelhança de um animal ferido, Jó atacou seus amigos-críticos e também o próprio Deus, que ele supunha ser a causa de seus sofrimentos. À semelhança de um boxeador ansioso por atacar o seu oponente, Jó veio balançando-se quando a sineta tocou. Tornou-se arrogante e cortante com suas palavras, sarcástico e insolente, porquanto, afinal de contas, nada tinha para perder. A dor era imensa e a morte, iminente. Seu longo e eloqüente discurso acerca do Deus Todo-poderoso (capítulo 12) foi uma espécie de introdução a seus ataques contra o *governo férreo* de seu Deus voluntarista. Ver na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* o artigo chamado *Voluntarismo.* De acordo com o sistema voluntarista, a vontade é suprema, às expensas da razão e da justiça. Deus faz as coisas certas. Essas coisas não são corretas em sua própria natureza.

Retratando Deus como a Única Causa (do bem e do mal, edificando e destruindo), Jó não deixava espaço para causas secundárias, o que era típico da primi-

tiva teologia dos hebreus. E continua sendo típico no hipercalvinismo. Se Deus é a causa única, então, como é óbvio, Ele é a causa do mal, e não meramente do bem. Ver Jó 1.11, quanto aos problemas teológicos do livro criados pela natureza primitiva da teologia hebréia envolvida.

"A despeito do desregramento de Deus, os amigos de Jó eram médicos inúteis (vs. 4) e não escapariam à reprimenda da deidade (vs. 10)" (*Oxford Annotated Bible,* comentando sobre o vs. 1 deste capítulo). O Deus voluntarista, por não fazer distinção entre o bem e o mal, mas reduzir *ambas* as coisas a nada (ver Jó 9.22), não deixaria em paz os amigos-críticos de Jó. Eles também chegariam em breve à miséria, e Jó se consolava com esse pensamento.

13.1-2

Eis que tudo isso viram os meus olhos. Jó não sabia todas as coisas, mas sabia, pelo menos, tanto quanto os seus amigos, que o estavam "instruindo". De fato, ele sabia mais do que eles, porquanto sabia que, apesar de todos os discursos sábios, eles não haviam solucionado o porquê do sofrimento humano. E nem os sistemas deles incorporavam a idéia essencial de que os inocentes podem sofrer, o que era o *caso de Jó*. Ver Jó 12.1,2, que contém esses mesmos pensamentos. Jó não ficou impressionado com seus amigos-críticos, como se a sabedoria fosse *propriedade deles* e *morresse* com eles. Eles tinham apresentado um papel alegadamente brilhante, mas que, de fato, era lamentável, porquanto em nada sondara as razões verdadeiras das dores de Jó. Elifaz disse: "Quanto a mim, eu buscaria a Deus" (em contraste contigo, ó estúpido Jó, que continuas a falar em inocência). Ver Jó 5.8. E Jó replicou: "Mas quanto a mim, eu falaria ao Todo-poderoso, visto que falar com vocês é uma futilidade". Assim sendo, Jó denunciou a futilidade dos esforços de seus amigos-críticos. Eles eram meros *besuntadores de mentiras* (vs. 4), falsos porta-vozes de Deus (vs. 7). Seus provérbios pomposos eram meras cinzas (vs. 12).

13.3

Mas falarei ao Todo-poderoso. Os amigos-críticos de Jó supostamente apresentaram palavras douradas de sabedoria. Mas Jó percebeu a farsa toda. "Não era com eles que Jó desejava debater. Ele queria argumentar (no hebraico, disputar, debater) seu caso com o próprio Deus" (Roy B. Zuck, *in loc.*). Jó estava cansado de disputar com a terrível tríade. Ele queria chegar à Fonte do Poder e da Sabedoria, para descobrir a causa de seus sofrimentos e ver se algo positivo poderia ser realizado. Talvez seu anelo se concretizasse: ele teria permissão de morrer e encontrar a *paz no nada*. Cf. 9.34,35, quanto ao desejo de Jó de levar seu caso diretamente a Deus. Seus *médicos* (os três amigos-críticos) o haviam decepcionado. Eles não tinham nenhuma cura a oferecer-lhe. Cf. Jó 16.2. Antes Jó temera um encontro com o Todo-poderoso, mas agora ele se tornara temerário. Ele havia perdido toda a esperança na vida e desejava morrer. Nada perderia se fosse confrontado com o Todo-poderoso. Talvez em Sua vontade caprichosa, Deus acabasse dizendo: "Basta. Deixarei que Jó morra".

13.4

Besuntais a verdade com mentiras. Os amigos-críticos de Jó tinham falado com eloqüência, proferindo muitas verdades. Mas em sua falta de conhecimento e profundidade de pensamento, eles distorceram algumas coisas e fizeram omissões sérias, exatamente da maneira que os dogmáticos fazem, sem importar qual a sua fé religiosa. Em suas distorções e omissões, eles forjaram também algumas *mentiras*. Deixaram essencialmente intocado o problema do sofrimento humano, ao insistir tão-somente na lei da colheita segundo a semeadura, pois há outras razões pelas quais os homens podem sofrer. Mas essas razões não podiam abrir a mente deles para uma visão mais ampla, algo típico dos advogados das teologias sistemáticas, que servem a algum sistema. Ver no *Dicionário* o verbete denominado *Problema do Mal,* bem como a seção V da *Introdução* ao livro de Jó.

> *Há maiores verdades na dúvida honesta,*
> Acreditem-me, do que na metade dos credos.
>
> (Laureate)

> *Há mais coisas no céu e na terra...*
> *Do que são sonhadas em tua filosofia.*
>
> (Shakespeare)

Em lugar de "forjadores de mentiras", a Revised Standard Version diz: "Vós caiais com mentiras", uma tradução possível do original hebraico. As mentiras encobrem defeitos, como a caiadura cobre os buracos e as manchas em uma parede. Os homens encobrem as falsidades com uma argumentação plausível, mas falsa.

Médicos que não valem nada. A antiga cultura dos hebreus tinha pouco respeito pela profissão médica, que fazia uso freqüente da magia e de práticas idólatras. Os hebreus apelavam para que Deus curasse (ver Sal. 91.3,6; 103.3). Os amigos-críticos de Jó se apresentavam como curadores, mas apenas aprofundaram seus ferimentos e sofrimentos Eles eram médicos inúteis, e, assim sendo, foram rejeitados por Jó, que se volta, agora, para Deus, a fim de receber ajuda ou ter uma morte pacífica.

Um *médico bem-sucedido* deve ter tanto conhecimento quanto habilidade. Aos amigos-críticos de Jó faltavam ambas as coisas. Eles eram ricos em palavras, mas não tinham nenhum poder de cura.

13.5

Oxalá vos calásseis de tudo. *Silenciar é Demonstrar Sabedoria.* Os amigos-críticos de Jó multiplicaram palavras, mas não encontraram solução para o porquê do sofrimento humano; não foram capazes de curar a enfermidade de Jó, nem mesmo metaforicamente, mostrando-lhe a razão de suas dores, nem como um fato, prescrevendo medidas curativas. Eram habilidosos como faladores, mas não como curadores. Jó lhes disse para "se calarem". O silêncio seria a sabedoria deles, uma reprimenda muito sarcástica.

> *Até o estulto, quando se cala, é tido por sábio, e o que cerra os lábios, por entendido.*
>
> (Provérbios 17.28)

Os amigos-críticos de Jó, em seu *muito falar,* tinham revelado ignorância. Se tivessem permanecido calados, pelo menos deixariam de mentir, e assim teriam feito *algum progresso* no sentido de tornar-se sábios.

> *Vir sapit, qui pauca loquitur.*

ou:

> Um homem sábio fala pouco.
>
> (Provérbio latino)

Um homem em silêncio provavelmente não é um tolo. O indivíduo insensato está sempre exprimindo seus chavões piedosos e sua falsa sabedoria. Dizer truísmos óbvios não faz de um homem uma pessoa sábia. E as coisas ficam piores, quando verdades óbvias são misturadas com meias-verdades, mentiras e distorções, sem falar em todas aquelas inevitáveis *omissões*.

13.6

Ouvi agora a minha defesa. Era chegada a vez de Jó *multiplicar palavras*, e ele esperava realizar algo mediante suas palavras, pelo menos mais do que seus amigos-críticos tinham feito. Portanto, ele os chamou para se manterem quietos e ouvir o que ele tinha para dizer.

"Por repetidas vezes, neste capítulo, Jó pediu que seus amigos ouvissem, com ouvidos atentos, em vez de multiplicarem palavras ignorantes. Ver os vss. 6, 13 e 17" (Roy B. Zuck, *in loc.*). O corpo de Jó era atravessado por dores, mas mesmo assim ele tinha poderes de raciocínio. Era capaz de pleitear sua causa e de fazer sentido com ela. "Os discursos deste livro foram concebidos como se tivessem sido entregues em um *tribunal de justiça*. Diferentes conselheiros pleiteavam uns contra os outros" (Adam Clarke, *in loc.*). Os lábios de Jó lançariam repreensões contra os seus amigos, conforme a Septuaginta dá a entender.

13.7

Porventura falareis perversidade em favor de Deus...? Jó acusou seus amigos-críticos de serem *testemunhas falsas* e mentirosos que atribuíam suas mentiras e meias-verdades a Deus. Eram *enganadores*, ocultavam a verdade, dizendo meias-verdades e formulando mentiras, e davam a Deus o *crédito* pelo que diziam. Eram "enganadores em favor de Deus", uma contradição de termos, dita com *sarcasmo*. Eles fingiram poder resolver grandes problemas com argumentação inadequada, uma característica de indivíduos dogmáticos e criadores de teologias sistemáticas. Eles tinham conseguido enganar muitos homens com seus chavões, estabelecendo-se como *autoridades*. Mas Jó percebeu claramente a farsa. Algumas vezes, a *fé* consiste em acreditar naquilo que não corresponde à verdade. Essa é uma fé equivocada, mas nossos credos andam cheios dessa espécie de fé. Na verdade, algumas vezes precisamos ser liberados da teologia. Nem todos aqueles que têm um baralho podem jogar bem. Os críticos de Jó tinham seus baralhos, mas jogavam um jogo miserável.

13.8

Sereis parciais por ele? Pensando que Deus estava contra Jó, seus três amigos bandearam-se para o lado Dele, conforme pensavam, e negligenciaram

qualquer argumento que Jó tivesse para apresentar. Mas, ao assim fazerem, caíram na armadilha de dizer meias-verdades e até mesmo mentiras (vss. 4 e 6), em nome de Deus! Eles contendiam por Deus com falácias e pressuposições contra Jó, antes que ele fosse levado a julgamento. Tornaram-se, assim, culpados de injustiça e não deram a Jó oportunidade de provar a sua inocência.

13.9

Ser-vos-ia bom, se ele vos esquadrinhasse? Poderiam pecadores como aqueles, que proferiam mentiras em nome de Deus e, sem dúvida, possuíam outros pecados e imperfeições, sair-se bem quando chegasse a *vez deles* de enfrentar o Deus Terrível, que destrói os maus e os bons igualmente (ver Jó 9.22)? Os críticos de Jó estavam prestes a ser divinamente criticados; os juízes em breve seriam julgados; os arrogantes logo seriam humilhados. Deus é o Nivelador da humanidade, e eles não encontrariam lugar de escape. Era apenas uma questão de tempo: Jó agora; eles, mais tarde. Eles poderiam enganar os homens com seus argumentos falazes e seu fingimento de piedade. Mas de Deus não se zomba. Outrossim, Jó era *inocente,* a despeito de estar sendo terrivelmente castigado. Mas qual seria o castigo daqueles *pecadores* que diziam mentiras em nome de Deus?

Quanto a *zombar de Deus,* ver Gál. 6.7, no *Novo Testamento Interpretado.*

"Deus percebe perfeitamente bem todos os raciocínios falazes dos homens! Ele não julga segundo as aparências externas. Ele vê e conhece o coração, bem como todos os desígnios dos homens. Ele pode detectar sofismas e falsas glosas. E não se deixa enganar por pretensões ilusórias" (John Gill, *in loc.*).

13.10

Acerbamente vos repreenderá. "Assim sendo, o blasfemo (Jó disse que Deus era *injusto* para com ele, mas mesmo assim continuava acreditando na *justiça* retributiva de Deus contra seus amigos!" (Samuel Terrien, *in loc.*). Jó era culpado de magnificente inconsistência, e estava certo de que Deus repreenderia seus críticos autonomeados. A um homem que sofria, como Jó estava sofrendo, poderíamos permitir inconsistências lógicas. Além disso, ele estava exprimindo seu coração, e não sua cabeça. "Se a mente de Jó corria o perigo de tornar-se ímpia, seu coração não corria esse risco... há um Deus que não permite mentiras... Uma coisa ainda precisamos ser: honestos" (Paul Scherer, *in loc.*). Deus sondou a vida de Jó e não encontrou nenhuma razão para ele sofrer (ver Jó 2.3). Mas se Deus sondasse a vida dos três amigos de Jó, certamente acharia *razões* para afligi-los.

13.11

Porventura não vos amedrontará a sua dignidade...? Deus é dotado de uma *majestade* (Revised Standard Version) que amedronta os homens. Ele tem um *terror* em Seu julgamento que assusta terrivelmente os homens. Jó assegurou a seus amigos que eles não seriam isentados desses temíveis atributos de Deus.

O simples temor a Deus pode esmagar psicologicamente um ser humano. Quando vem o golpe divino, então o homem é reduzido a nada. Os críticos de Jó proferiram sofismas em favor de Deus. A justiça divina não haveria de negligenciar esse ato de insolência.

> *Quem te não temeria a ti, ó Rei das nações? Pois isto é a ti devido...*
>
> (Jeremias 10.7)

Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Temor,* que inclui notas sobre o temor de Deus, que supostamente os homens devem ter.

"Posteriormente, eles foram realmente reprovados por Deus, quando os convenceu dos erros de seus pontos de vista (ver Jó 42.7-9)" (Roy B. Zuck, *in loc.*).

> *O temor é um sentimento mais forte que o amor.*
>
> (Plínio, o Moço)

Jó Insulta o Homem e a Deus (13.12-19)

13.12-13

As vossas máximas são como provérbios de cinzas. Jó chegou ao cúmulo dos insultos, quando chamou os provérbios daqueles "sábios" de "cinzas", e suas defesas apenas de "barro". E logo se lançou à mais forte diatribe contra Deus, ou seja, contra seu Deus voluntarista.

"Conforme era seu costume, Jó prefaciou um pensamento ousado (vs. 15, o Deus que assassina), com uma chamada à atenção (vs. 13) e um aviso prévio de sua ousadia (vs. 14)" (Samuel Terrien, *in loc.*). Em seu desespero, Jó destemidamente disse a Deus palavras cortantes, verdadeiras blasfêmias, e estava preparado para aceitar as conseqüências.

Os atormentadores de Jó tinham-se apresentado como curadores, mas lhes faltavam o amor, além de eles não saberem como curar. "O amor, e somente o amor, conhece a arte da cura" (Paul Scherer, *in loc.*).

Visto que aqueles homens falavam apenas *cinzas e barro,* Jó os instrui a calar-se e escutar o que ele tinha para dizer, algo excessivamente amargo. Ele não apenas ousou olhar com ar superior a seus oponentes, mas chegou a chamar Deus de assassino! Por meio de uma avaliação das coisas, Jó caiu na blasfêmia, conforme Satanás disse que ele faria (Jó 1.11 e 2.5). Ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Blasfêmia.*

13.14

Tomarei a minha carne nos meus dentes. *Jó Arriscou a Própria Vida.* Jó, em sua dor severa e sem alívio, nada tinha para perder. De fato, morrer seria lucro, pois traria paz e o nada eterno, segundo ele pensava. Jó não olhava para uma futura vida pós-túmulo. Ele só desejava ser aniquilado. Foi por isso que "tomou sua carne nos dentes", antiga expressão idiomática de significado difícil, mas que fazia sentido para Jó e seus contemporâneos. A frase da segunda metade do versículo define o que isso quer dizer para nós: "Porei a vida na minha mão". Ambas as expressões significam a mesma coisa: Jó arriscou sua vida por aquilo que estava dizendo. Deus poderia golpeá-lo instantaneamente e terminar com tudo. Jó dera um aviso prévio à sua ousadia, que lhe custaria sua vida miserável. "Tomar a carne nos dentes", muito provavelmente, faz alusão às feras que levam as presas nos dentes a um lugar apropriado para matar e devorar a presa.

13.15

Eis que me matará, já não tenho esperança. A King James Version (1611) traduziu mal este versículo, o qual se tornou um dos mais citados do livro de Jó na língua inglesa. Essa versão diz: "Embora ele me mate, contudo confiarei nele". Essa tradução mostra imensa fé e coragem. Jó estava disposto a ver toda aquela miserável situação chegar ao fim, retendo a sua fé em Deus, fazendo a coisa certa. Mas essa tradução não está correta.

Nossa versão portuguesa, seguindo a Revised Standard Version, diz: "Eis que me matará, já não tenho esperança; contudo, defenderei o meu procedimento". Como é claro, Jó falou com beligerância. Primeiramente, Jó chamou Deus de assassino potencial. Mas ser morto por um golpe divino não era um pensamento que detivesse sua língua, antes que isso ocorresse. Ele defenderia a sua causa, a despeito da suposta ameaça divina. Portanto, o que a King James Version transformou em excelente declaração de fé e coragem é, na realidade, amarga diatribe contra o Deus voluntarista. Ver na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* o artigo chamado *Voluntarismo.*

"Jó estava resolvido a apresentar seu caso, embora esse ato pudesse matá-lo! Ele estava disposto a arriscar-se por causa da remota possibilidade de que Deus o exoneraria" (Roy B. Zuck, *in loc.*).

13.16

Também isso será a minha salvação. Novamente a King James Version insistiu em uma falsa tradução, dizendo: "*Ele* também será a minha salvação". A Revised Standard Version é melhor: "*Isso* será a minha salvação", ou seja, sua *ousada defesa* poderia surtir efeitos positivos. Um homem inocente talvez fosse capaz de convencer Deus a revelar o *porquê* de seus sofrimentos, ajudando-o a pôr fim a eles. Nossa versão portuguesa segue bem de perto a Revised Standard Version.

13.17

Atentai para as minhas razões. Jó emitiu outra *chamada para obter a atenção.* Cf. o vs. 13. Ele estava entregando sua mais ousada defesa, jogando, por assim dizer, o seu trunfo. Confiava que seus esforços renderiam efeitos positivos (vs. 18) e precisava que seus amigos-críticos seguissem atenciosamente o que ele tinha para dizer. Ele estava prestes a fazer uma defesa "tão brilhante como o sol, tal maneira que parecesse o mais claro possível, como atitude correta de um homem justo" (John Gill, *in loc.*).

13.18

Tenho já bem encaminhada minha causa. Por alguns instantes, Jó esqueceu seu desespero e pensou que poderia ganhar a causa, tanto contra a terrível tríade de amigos-críticos como até contra um Deus hostil, que aprovaria a sua lógica. Sua preparação foi imaculada e a entrega de seu discurso, insofreável. Seus argumentos foram postos em ordem como se fossem um exército, e ele teve uma chance de ganhar seu caso, até diante do Deus augusto, Todo-sabedor e Todo-poderoso.

Serei justificado. Alguns intérpretes cristianizam o versículo e falam em justificação espiritual. Mas Jó queria somente convencer a Deus para que dissesse *por que* ele estava sofrendo fisicamente.

13.19

Quem há que possa contender comigo? Pleitearíam contra Jó *inimigos formidáveis*, incluindo a terrível tríade de amigos e o Deus augusto. "Não importa!", disse Jó. "Vamos dar prosseguimento ao caso, porque, se eu fizer silêncio, perder-me-ei nesta dor e dela morrerei". Cf. Isa. 50.8: "Quem contenderá comigo?". Essa seria uma tarefa impossível. Contudo, Jó iria tentar. Ele nada tinha para perder. "Jó estava solicitando uma ação legal imediata, em vista da possibilidade iminente de sua morte. Ele já havia dito: 'Pois agora me deitarei no pó' (Jó 7.21). Era Deus, e não o homem, diante de quem ele queria implicitamente pleitear" (Samuel Terrien, *in loc.*).

E renderia o espírito. Estas palavras não implicam que Jó tivesse fé na vida pós-túmulo. Só querem dizer que ele *daria o último suspiro,* e então morreria. Visto que em breve morreria, ele precisava que seu caso fosse pleiteado com urgência. Tanto a Revised Standard Version como a nossa versão portuguesa estão corretas, ao dizer: "Neste caso eu me calaria". A fé na vida pós-túmulo entrou na teologia dos hebreus nos Salmos e nos Profetas. Ver isso aqui é um anacronismo.

13.20-21

Concede-me somente duas cousas. Insistindo uma vez mais em uma tradução distorcida, a King James Version, ao falar nas *duas coisas* que Jó implorou que Deus fizesse, usa a forma negativa: "Não me concedas somente duas coisas: retira a Tua mão de mim e não me aterrorize o Teu temor". Mas a Revised Standard Version e a nossa versão portuguesa estão corretas, ao deixar de fora o "não". A petição de Jó foi positiva: "Alivia a tua mão de sobre mim, e não me espante o teu terror". Jó não estava pedindo que a mão benévola de Deus estivesse sobre ele para seu bem. Antes, solicitava que Deus tirasse sua pesada mão de sobre ele, pois isso produzia dor.

Note o leitor que, em duas ocasiões anteriores (Jó 7.12 ss. e 10.2 ss.), Jó, impulsionado pela intensidade de sua emoção espiritual, abruptamente deixou o simples discurso para fazer um apelo direto ao próprio Deus. Como poderia Ele fazer um julgamento justo, se continuasse sujeitando-o à tortura? Jó não se ocultou timidamente de Deus. Antes, compareceu à Sua presença ousadamente, fazendo-Lhe pedidos, porquanto nesses pedidos poderia haver alguma esperança. Se ele obtivesse as duas coisas que tinha requerido, então não teria de esconder-se de Deus. Poderia esperar algum benefício da parte Dele, para aliviar sua dor.

"Cessa de torturar-me no corpo físico e de aterrorizar-me mentalmente; permite-me ter liberdade da dor física e essa indevida apreensão de teus terrores" (Ellicott, *in loc.*).

13.22-23

Interpela-me e te responderei. Se Jó pudesse ser liberado de seu sofrimento, então faria as devidas súplicas e estaria preparado para ouvir as instruções apropriadas. Um *diálogo frutífero* poderia desenvolver-se, o que era impossível sob as atuais circunstâncias de agonia. Se ele fosse um pecador (vs. 23) e estivesse enganado ao pensar que era *inocente,* estaria pronto para ouvir isso e então fazer os ajustes devidos. Ele não ficaria *limitado dogmaticamente,* conforme sucedia a seus três amigos. Sua mente estaria aberta para qualquer possibilidade, mas primeiro ele precisava ser aliviado de seus terríveis sofrimentos para que pudesse manter um diálogo com Deus.

Em outra ocasião, quando Jó pediu para Deus enumerar seus pecados (ver Jó 6.24), Deus não compareceu ao tribunal. O que fica subentendido na presente passagem é que Deus, uma vez mais, não veio conversar sobre os pecados de Jó. Ele deixou Jó em silêncio, para falar de seu caso sem nenhuma interrupção. Deus não apareceu para fazer barganha alguma. É conforme minha mãe costumava dizer: "Algumas vezes podemos barganhar com Deus, e outras vezes, não podemos". Posteriormente, Eliú diria que não se pode argumentar contra Deus (ver Jó 37.19). Mas Jó, em seu desespero, estava disposto a tentar qualquer coisa, até mesmo algo que fosse fatal para ele. Na verdade, ele desejava que houvesse alguma fatalidade, caso seus sofrimentos pudessem ser aliviados.

13.24

Por que escondes o teu rosto...? *Deus Permaneceu em Silêncio.* Ele não cedeu quanto ao diálogo que Jó tinha requerido. Antes, permaneceu escondido nas sombras, e Jó continuou a sofrer sem nenhuma explicação divina quanto ao *porquê.* Os pecados de Jó não foram enumerados e ele não foi chamado de culpado. Foi simplesmente ignorado. Jó foi tratado como um criminoso em tribunal, sem que as acusações fossem assacadas contra ele, para que isso pudesse ser considerado justo ou injusto. "O herói estava perplexo pela aparente hostilidade do Senhor dos homens. Para ele, todas as calamidades – perda das riquezas materiais, filhos, saúde, amizades e honras – eram menos excruciantes do que a solidão espiritual e o senso de abandono da parte de Deus. Ele bem poderia perguntar, como Cristo fez mais tarde: "Deus meu, Deus meu, por que me abandonaste?" (Sal. 22.1). Deus oculta o Seu rosto quando está irado (Sal. 27.9; Isa. 54.8) ou indiferente (Sal. 30.7). "Sua inimizade é ... desconcertante" (Samuel Terrien, *in loc.*).

13.25-26

Queres aterrorizar uma folha arrebatada pelo vento? Temos aqui as *metáforas* da folha frágil e da palha seca. Diante de Deus, Jó nada era senão uma folha frágil que poderia ser esmagada e transformada em pó, ou como um pedaço de palha inútil que o vento tange ao redor. Não obstante, Deus insistia em perseguir e seguir o que era frágil e inútil. Por que esse nada *merecia* tanta atenção divina? Cf. Jó 7.12,20. O vs. 25 não é uma confissão de pecado, embora o vs. 26 certamente pareça ser. Mas *aqueles pecados* eram típicos da juventude frívola. Porventura Deus traria de volta a história passada e puniria Jó por isso, embora, no presente momento, ele fosse inocente? Os homens demonstram certa indulgência com os pecados dos jovens, supondo que sejam inevitáveis e devam ser negligenciados por terem sido cometidos pelos ignorantes e inexperientes. Talvez Deus, mais severo, esmagasse um homem maduro ou velho, por causa dos pecados cometidos na juventude. Por que Deus conjuraria pecados passados, cometidos na adolescência, e puniria Jó por causa deles? Jó considerava isso improvável, e assim, para todos os propósitos práticos, continuava a considerar-se *inocente.* Jó, contudo, não estava falando sobre inocência absoluta. Jó teria confessado ser pecador em qualquer estágio de sua vida. A contenção dele era a de não ser tão culpado a ponto de merecer a agonia que estava sofrendo. Ele compara suas agonias com as dos prisioneiros que sofrem toda a espécie de abuso, sendo comparativamente inocentes; de maneira que ninguém podia apontar para determinados pecados e então dizer: "Por causa *destes pecados* estás punido!".

"As leviandades e indiscrições de minha juventude eu reconheço. Mas será essa a *base* sobre a qual são formadas acusações contra um *homem,* cuja integridade de vida é inatacável?" (Adam Clarke, *in loc.*). O *mistério* dos sofrimentos presentes permanecia. Jó poderia ter-se envolvido em irresponsabilidades, conforme acontece entre tantos jovens, mas, em sua vida de homem maduro, coisa alguma poderia ser *apontada* que justificasse as suas dores.

13.27

Também pões os meus pés no tronco. Jó compara agora suas agonias com as dos prisioneiros que sofrem toda a espécie de abusos por parte de seus captores. Ninguém aparecera para demandar um *habeas-corpus* e para certificar-se de que as acusações contra o homem eram justas e estavam bem consubstanciadas. Jó simplesmente vivia na prisão da dor, sem que nenhuma acusação fosse feita contra ele. Jó dizia: "Deus é injusto por estar fazendo isto contra mim!". Por que haveria Deus de tratar Jó como se ele fosse um prisioneiro, pondo seus pés no tronco, vergastando-lhe as costas, ameaçando-o com a "disciplina própria da prisão", observando-o ali em seu cativeiro, seguindo-o por toda parte e assediando-o? Cf. Jó 7.19,20; 10.14. Tendo proferido seu discurso ousado, Jó caiu novamente em desespero, continuando a murchar como se fosse uma indumentária apodrecida e roída pelas traças. Jó queixou-se de que Deus estava continuamente a persegui-lo, a ponto de ele nem ter tempo para engolir a própria saliva (ver Jó 7.19).

H. B. Wells conta sobre uma igreja na qual um *grande olho* foi pintado sobre a parede de uma sala de escola dominical, justamente acima da plataforma. Uma inscrição abaixo do olho dizia: "Tu Deus, me vês!" (Gên. 16.13). Assim também havia o *Grande Olho* seguindo o pobre Jó, não lhe dando um momento sequer de descanso.

> *Tira a minha alma do cárcere, para que eu dê graças ao teu nome; os justos me rodearão, quando me fizeres esse bem.*
>
> (Salmo 142.7)

A Sorte do Homem Mortal (13.28 – 14.22)

13.28

Apesar de eu ser como uma cousa podre. Temos agora um poema que conclui a discussão do primeiro ciclo de discursos. Ver o plano dos discursos na introdução aos capítulos 4 e 8. Este poema, naturalmente, divide-se em quatro seções.

1. A precária mortalidade do ser humano (13.28 – 14.6)
2. A finalidade da morte humana (14.7-12)
3. Uma imaginação selvagem especula sobre a vida pós-túmulo (14.13-17)
4. A irrevogável sorte humana do aniquilamento (14.18-22)

Após o ousado discurso que repreendeu a Deus por Sua injustiça e negligência, Jó caiu no desespero. O Todo-poderoso, porém, ignorou tanto ele quanto seu discurso atrevido. "Em uma guinada súbita, Jó mudou da confiança de que poderia ganhar seu caso em tribunal contra Deus, para um lamento melancólico sobre a futilidade da vida e a certeza da morte" (Roy B. Zuck, *in loc.*). Cf. esta conclusão ao discurso com o lamento do capítulo 3.

Caindo no desespero, Jó agora via a si mesmo como algo *podre*, isto é, inútil e nojento, ou como uma veste roída pelas traças, cuja utilidade anterior foi completamente obliterada.

Cousa podre. As versões da Septuaginta, o siríaco e o árabe fazem isso referir-se a um vaso (odre) feito de peles de animais, que ficou velho e estragado, de modo que não tinha mais utilidade. Jó comparou seu corpo enfermo àquele pedaço de couro inútil e em processo de desintegração.

Capítulo Quatorze

Este capítulo continua a seção iniciada em Jó 13.28, onde dou notas de introdução. Jó 13.28–14.6 fala sobre a precária mortalidade do ser humano. Ver as outras três seções envolvidas nesse discurso, que conclui o *primeiro ciclo* de discussões.

14.1

O homem, nascido de mulher. O *homem mortal*, isto é, a criatura que nasce do ser humano do sexo feminino, recebe apenas alguns poucos dias, e até esses poucos dias são repletos de tribulações. O homem nasce para a tribulação como "as fagulhas sobem para o céu", conforme alguém já disse: "As fagulhas parecem não voar noutra direção qualquer". Ver Jó 5.7. Tal como em Jó 7.1 ss., Jó contempla a ridícula brevidade da vida humana. Alguns insetos vivem somente um dia, mas ficam esvoaçando como se fossem viver para sempre. Assim também o homem, em sua arrogância, embora seu período de vida seja ridiculamente breve, esvoaça como se fosse viver para sempre. Mas alguma enfermidade ou acidente logo faz desaparecer essa ilusão.

A *média bíblica* da vida humana é apenas de *setenta anos* (ver Sal. 90.10), e esse é um período miseravelmente curto. Aqueles dentre nós que já atingiram os sessenta anos, ao olhar para trás para a brevidade da duração do dia da vida, maravilham-se de quão rapidamente esse dia se escoou, como se fosse um sonho passado na noite. Mas a até mesmo esse breve dia não se permite passar em paz. Há temores, comoções e tremores, causados por acidentes, esperanças despedaçadas, enfermidades e morte. Para Jó havia aquele sofrimento desmerecido, pois a verdade é que até os inocentes sofrem.

Se eu fosse Deus...
Não haveria mais o adeus solene,
A vingança, a maldade, o ódio medonho,
E o maior mal, que a todos anteponho,
A sede, a fome da cobiça infrene!

Eu exterminaria a enfermidade,
Todas as dores da senilidade;
A criação inteira alteraria,
Se eu fosse Deus.

(Martins Fontes, Santos, 1884-1937)

"Jó 14.1-22: Um dos maiores poemas de toda a literatura" (*Oxford Annotated Bible*, comentando sobre Jó 14.1).

Apesar da *restauração* (ver a respeito no *Dicionário*), Jó não tinha visão para tal acontecimento.

14.2

Nasce como a flor, e murcha. O homem nasce com uma beleza como a da flor, que desabrocha na direção do sol, mas logo, como a flor, é cortado pelo Fazendeiro, que prepara o campo para a plantação. Em breve termina o seu *dia*, e as sombras da *noite* o engolfam. Então chega a *noite* da morte, e esse é o fim da história. Cf. este versículo com Jó 8.9 e Eclesiastes 6.12, que têm figuras de linguagem semelhantes.

... ele passará como a flor da erva. Porque o sol se levanta com seu ardente calor, e a erva seca, e a sua flor cai, e desaparece a formosura do seu aspecto.

(Tiago 1.10-11)

Quanto ao homem, os seus dias são como a relva; como a flor do campo, assim ele floresce; pois, soprando nela o vento, desaparece; e não conhecerá, daí em diante, o seu lugar.

(Salmo 103.15-16)

14.3

E sobre tal homem abres os teus olhos. Além das outras tribulações do homem, que ele precisa suportar em sua breve vida, há também os assédios de Deus, que não dão descanso ao homem. Sempre há razões para Deus punir o homem. Ele sempre cultiva seu conjunto de pecados e vícios, o qual chega ao fim pelo toque da retribuição. Mas até os *inocentes* sentem esse toque, como no caso de Jó. Portanto, para Jó, o problema do mal incluía as duas coisas tradicionais: os abusos da natureza e os abusos do homem contra o homem. Mas para ele isso também incluía uma *terceira coisa*, o desprazer de Deus que nivela os bons e os maus, sem estabelecer nenhuma distinção (ver Jó 9.22).

O Deus da esperança acabou sendo o Deus do desespero humano.

Os olhos de Deus estão abertos sobre os homens, e eles esperam que isso signifique uma providência positiva; mas, para lamentação deles, com freqüência isso aponta para uma providência negativa. Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Providência de Deus*. Foi assim que Jó falou exclusivamente com Deus, para seu desalento. O capítulo inteiro deixa de mencionar os amigos-críticos de Jó. Jó apresentou um pensamento desalentador, que assusta até os homens bons: Deus está sempre vigiando para ver que outras calamidades Ele pode fazer cair sobre os homens, sem importar sejam eles bons ou maus. Jó, pois, promovia o conceito de seu Deus voluntarista. Ver na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* o artigo chamado *Voluntarismo*.

14.4

Quem da imundícia poderá tirar cousa pura? Embora se considerasse inocente, não-merecedor de seus imensos sofrimentos, Jó admitiu que a humanidade está cheia de pecado e corrupção. O homem, como raça, é corrupto, e isso em condição permanente. Ninguém pode tirar algo limpo daquilo que é inerentemente imundo. Cf. os vss. 16-17, onde Jó voltou ao tema do pecado, algo dito no estilo do apóstolo Paulo, em Rom. 3.10-18, tomando por empréstimo do Salmo 14. Portanto, apesar de haver a retribuição sem justificação, também há muita coisa merecida, de acordo com a *Lei Moral da Colheita segundo a Semeadura* (ver no Dicionário). Deus se ocupa em trazer calamidade sobre os que a merecem e sobre os que não a merecem (ver Jó 9.22). Permanecia de pé o *enigma* do sofrimento. O homem é básica e incuravelmente corrupto. Jó não entra nos problemas teológicos quanto ao *porquê* ou *como* tudo começou. Ele só se preocupa com o presente, e trata-se de um presente lamentável.

Este versículo tem sido usado como um texto de prova quanto ao *pecado original*. "Nenhum ser humano nasce neste mundo sem a corrupção da natureza. Todos os seres humanos são impuros e profanos, e do princípio da *depravação* é que toda transgressão é produzida. Dessa depravação da natureza somente Deus pode salvar" (Adam Clarke, *in loc.*). Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Pecado Original*, quanto a uma discussão teológica sobre a questão. Ver na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* o artigo geral chamado *Pecado*.

14.5

Visto que os seus dias estão contados. *A vida e todas as suas condições*, incluindo sua duração, são determinadas por Deus. Encontramos este *determinismo* (ver a respeito na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia*) em Jó 7.1, onde são dadas amplas explicações. Ver também Isa. 10.23 e Dan. 9.27. Até hoje ninguém foi capaz de descobrir um *elixir* que prolongue a vida do homem indefinidamente. Atualmente vemos o estúpido espetáculo do enregelamento de corpos humanos, especialmente entre os abastados, que tolamente supõem que, algum dia, suas tendas de barro poderão ser revivificadas. Mas estudos mostram que a duração da vida, para a maioria das pessoas, é flexível. Que diferença faz se a maioria das pessoas vive um pouco mais ou um pouco menos? Ocasionalmente, uma pessoa tem de morrer em um dia específico, adrede marcado. O rei Ezequias, sem nenhuma razão especial, exceto seu desejo extremo, obteve quinze anos extras de vida (ver II Reis 20.6). Ezequias obteve esses quinze anos extras mediante lágrimas e oração. Portanto, Senhor, concede-nos tal graça!

Existe um limite fixado para todo homem. Esse limite permanece onde foi marcado. Nenhum homem pode movê-lo para trás ou para frente, por nenhum meio.

(Sêneca, *Consolat. Ad Marciam*, Cap. 20)

Naturalmente, os estóicos (grupo ao qual Sêneca pertencia) eram deterministas absolutos, o que explica os sentimentos expressos. Ver na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* o verbete chamado *Predestinação.*

14.6

Desvia dele os teus olhares. Visto que o dia do homem é tão curto, e que sua morte já está determinada em algum ponto do tempo, não muito distante, Jó rogou a Deus que o deixasse sozinho, a fim de que pudesse terminar seus dias em paz, e não assediado divinamente. Naturalmente, ele estava pensando em seu próprio caso. Jó havia feito esse pedido (*ver* Jó 10.20, onde ofereço notas adicionais) e agora retornava a ele.

Como o jornaleiro. Aquele que trabalha por um dia de cada vez, e sabe quando o dia terminará e receberá o seu salário. Nos tempos antigos, os jornaleiros eram pagos a cada dia de trabalho. O trabalhador anela pelo fim do dia. Ele fica cansado do calor do dia e cansado do trabalho. Todos os homens, diante de Deus, não passam de trabalhadores diários, suando em seu rápido dia de vida. O descanso só vem no fim do dia. Era por isso que Jó anelava, mas esperava que as horas da noite, antes de sua morte, passassem em paz.

"Quando a vida de um homem é passada em tribulação e entre as enfermidades da idade avançada, nos dias finais ele não tem prazer" (John Gill, *in loc.*).

A Finalidade da Morte Humana (14.7-12)

14.7

Porque há esperança para a árvore. Jó logo olharia descuidadamente para a possibilidade de sobreviver ante a morte biológica (por meio da alma ou da ressurreição?; vss. 13-17), mas seu pensamento constante era o da brevidade e finalidade da morte humana, o que assinala o verdadeiro e último fim do homem. Nos versículos diante de nós, era isso que Jó levava em conta.

A árvore é algo de maravilhoso. Pode-se cortar uma árvore e deixar apenas o toco, mas sua vida persistirá. Ela lançará novos brotos. A vida soergue-se de suas raízes, que não morreram. No tempo que temos representado no livro de Jó, o período patriarcal, os hebreus não faziam idéia de uma vida pós-túmulo. Esses pensamentos entraram na teologia dos hebreus no tempo dos Salmos e dos Profetas, mas ainda não muito claramente. Mas no mundo lá fora, como nas religiões orientais, já havia doutrinas da imortalidade e até alguma referência à ressurreição. De fato, os ritos e as crenças religiosas no Oriente Médio cultivavam tais idéias. Mas Jó falava de modo brusco contra tal possibilidade, conforme demonstram os versículos que se seguem. O homem, afirmava ele, *não é* como a árvore maravilhosa que aflora em nova vida a partir das raízes e assim volta à vida por si mesma. Os egípcios eram os campeões da doutrina da sobrevivência da alma, de alguma maneira, e Jó poderia ter sentido a influência deles. Contudo, para ele, uma *árvore* cortada tinha esperança, mas um *homem* cortado ia-se para sempre.

14.8-9

Se envelhecer na terra a sua raiz. Para dizermos a verdade, a árvore cortada é mutilada; mas suas raízes, ainda vivas sob o solo, garantem o retorno à vida, acima da superfície. Mas o homem não tem raízes de vida para revivê-lo, uma vez que seu corpo seja deitado no sepulcro. As raízes *cheiram* a água revivificadora e transmissora de vida, e assim florescem e se desenvolvem. Novos ramos crescem na direção do sol. E eis! A árvore revive para que todos a vejam. O poeta produz uma excelente metáfora. A água é um *salvador.* A água opera no toco decepado e traz de volta a vida das raízes que a cheiram ali, gerando nova vida e nova esperança.

14.10

O homem, porém, morre, e fica prostrado. Em contraste com a árvore, ao morrer, um homem se vai para sempre. Ele apodrece no sepulcro. Não cheira nenhuma água doadora de vida nem produz rebentos de vida. Ele nada é de forma permanente. Quando dá seu *último suspiro* (Revised Standard Version), ele está claramente *morto.* Agora, diga-me, onde está ele? Estará em algum céu? Está em algum mundo dos espíritos, esperando pela reencarnação? Não! Ele está *morto.* Essa era a doutrina de Jó, e esse era o ensino dos patriarcas. Não há nenhum apelo em todo o Pentateuco para que se faça o bem e se evite o mal, por causa de alguma existência no pós-túmulo, onde as contas serão resolvidas. Não há ensinos sobre os céus e sobre o inferno no Pentateuco. A teologia dos hebreus era deficiente quanto a esse ponto, e por que isso nos surpreenderia? A doutrina cristã veio para anular tal deficiência. É errado cristianizar textos antigos, tentando injetar neles algo que não existe, por meio de uma eisegese, em substituição à *exegese.*

Ai! Ai!
As plantas aquáticas, quando morrem, e as ervas do jardim,
despertam de novo para a vida, e assim vivem belamente por
outro ano. Mas nós, os grandes, os poderosos e os sábios,
quando morremos... dormimos por longo tempo, de modo
lúgubre, dormindo o sono interminável da morte.

(Moschus)

"Os ciprestes e os pinheiros, quando cortados, não revivem. Para os romanos, eles eram símbolos da morte" (Fausset, *in loc.*).

14.11-12

Como as águas do lago se evaporam. Torrentes de água como aqueles rios cheios pelas chuvas, e até os lagos, podem secar completamente se nenhuma chuva cair por determinado tempo. A seca põe fim à vida porquanto toda a vida depende da água para sua continuação. Assim acontece ao homem que morre. Ele seca para sempre, não tem fonte de vida em si mesmo. Morre como o leito seco de um rio ou de um lago. Antes havia vida ali, mas a falta de água acabou com tudo. Nenhuma fonte subterrânea vem em seu socorro para reviver-lhe o corpo. Nenhuma água secreta dos céus leva-o a viver, em algum estado imaterial. Nenhuma provisão divina de ressurreição reativa os mortos.

Uma Imaginação Selvagem Especula sobre a Vida Pós-túmulo (14.13-17)

14.13

Jó, um xeque árabe, provavelmente sob a influência da cultura egípcia, por um momento deslizou para as especulações sobre algum tipo de vida pós-túmulo. Mas é errado cristianizar isso e dizer: "Era assim que Jó realmente se sentia". É claro que ele realmente sentia o que expressara do começo ao fim: a morte é o fim para o homem. Nada existiria após a morte. Assim dizia a teologia dos antigos patriarcas. Jó desviou-se disso por um momento, mais como uma especulação, um desespero, do que como verdadeira esperança. Definitivamente, Jó não mudou de idéia sobre a questão. Em Jó 19.26, Jó retornou ao assunto, dessa vez com mais seriedade, talvez para aceitar o pós-vida como um seguro para o problema do mal. Mas este versículo é controvertido e poderia significar muitas coisas.

Jó primeiramente morreria, então se calaria no sepulcro. A ira de Deus passaria, enquanto o corpo de Jó ressecaria no sepulcro miserável. As dúvidas de Jó e suas dores físicas inspiraram-no a olhar timidamente para "além do sepulcro". Ali ele obteve um vislumbre de esperança, mas tudo era apenas um *tatear espiritual,* e não a verdadeira fé sobre a sobrevivência à morte biológica.

"Havia um sussurro no coração de Jó. Seria o sussurro de Deus? Haverá ainda *algum lugar,* neste universo misterioso, um amor que não nos deixa ir embora?" (Paul Scherer, *in loc.*).

Oh, Amor, que não me deixas ir-me embora,
Descanso minha alma cansada em Ti.
Devolvo-Te a vida que Te devo,
Para que nas profundezas de Teu oceano
Ela seja mais rica e mais plena.

(George Matheson)

14.14-15

Morrendo o homem, porventura tornará a viver? Uma leve esperança enviou um raio brilhante pelo caminho cada vez mais largo do futuro. Jó levantou aquela dúvida antiquíssima: "Se um homem morrer, tornará a viver?". Ele tentou acreditar que seus sofrimentos, que terminariam mediante a morte do corpo, irromperiam em outra vida, sem sofrimentos. Deus haveria de querer de volta a obra de Suas mãos (vs. 15), mas agora sob outra forma. A primeira forma, o corpo físico, seria aniquilado pela morte e pelo sepulcro; a segunda forma seria diferente e melhor, em substituição à primeira. Assim sendo, o Oleiro celestial receberia de volta Sua obra em uma forma aperfeiçoada. Ou, pelo menos, essa era a esperança de Jó. Ele poderia estar pensando na reencarnação, uma doutrina comum da época, em alguns lugares do Oriente. Ou, mais provavelmente ainda, ele estava pensando na ressurreição, outra idéia comum em algumas culturas. No presente texto, temos um ótimo toque, porquanto Jó, *limitado* que estava pela teologia herdada de seus pais, estava *cego* quanto a esperar algo melhor para além do sepulcro. Mas, em seu desespero, ele avançou para além dos limites impostos pela sua cultura e tentou encontrar consolo em *outra idéia,* que não fazia parte de seu meio ambiente teológico. De fato, caros leitores, isso é tudo quanto temos para fazer. Não nos podemos limitar ao que temos herdado em nossas igrejas tradicionais. Devemos buscar algo diferente, algum bendito suplemento para nossas imposições teológicas. Somente então a teologia fará sentido.

Cf. o vs. 15 com Jó 10.3,8. Jó objetou, à maneira desanimadora, como as *obras* das mãos de Deus estavam sendo manuseadas. O homem Jó fora desfigurado pelos sofrimentos. Agora surgira em cena a esperança de que, embora a primeira obra tivesse sido desfigurada pela dor e pela morte, outra a substituiria, muito mais gloriosa. Isso aconteceria no tempo determinado, isto é, no *dia de Deus*, provavelmente aludindo a uma possível ressurreição.

Veja o leitor como o amor de Deus une o homem físico com o homem espiritual, no outro mundo. Esse amor garante o término do plano, a perfeição da obra-prima que Deus começou e, finalmente, terminará *no homem*.

Na esperança que envia um raio brilhante
Pelo caminho cada vez mais largo do futuro,
Numa paz que somente Tu és capaz de dar,
Contigo, ó Senhor, deixa-me viver.

(Washington Gladden)

A Imortalidade e o Problema do Mal. Com essa especulação, Jó abriu uma janela para o problema do mal. Embora os sofrimentos presentes continuem a reter seus elementos enigmáticos, que nenhuma especulação pode dissipar, um simples olhar para além-túmulo nos leva a encontrar uma *nova obra* de Deus, informando-nos que o problema do mal será finalmente anulado pela imortalidade. Os sofrimentos humanos, até mesmo os dos inocentes, cedem diante da "esperança no além", perante a qual encontraremos cura para todos os males. A fé que Jó apreendeu por um instante foi uma ótima fé. Para nós, porém, a imortalidade tornou-se um *grande dogma*, conforme deveria ser.

14.16-17

E até contarias os meus passos. Agora mesmo, na vida física de Jó, Deus era (conforme Jó conjeturava) um Juiz Terrível, observando e contando os seus pecados e punindo-o por causa deles. Ele mantinha as pegadas de cada passo de Jó, caçando-o como se fosse um animal, infligindo-lhe, a cada segundo, alguma nova aflição. Mas, em havendo vida para além do sepulcro, onde a obra de Deus é aperfeiçoada, então esse tipo de atividade divina (que prejudica) termina. Todos os pecados de Jó seriam reunidos em uma sacola (vs. 17), e suas iniqüidades seriam cobertas. Isso significa que Jó ficaria *livre* desses pecados e de seus temíveis efeitos, e que Deus continuaria formando Sua nova obra, operando através da imortalidade humana.

Deus contaria os passos de Jó de maneira pejorativa. Deus era como um grande espião, vendo e castigando tudo. Deus não negligenciava pecado algum e nunca falhava em castigar. Alguns fazem esse olhar para Deus, um olhar benévolo, ao passo que o olhar para o pecado seria uma negligência, mas, sem dúvida, essa é uma interpretação inferior. Pelo contrário, Jó retorna ao seu atual estado de sofrimento, tendo Deus como seu *Perseguidor*. O vs. 17 também tem sido variegadamente interpretado. A colocação dos pecados em uma sacola é interpretada como "a manutenção de sua memória, para ajudar na questão da punição". Alguns estudiosos insistem em que, somente por um momento, Jó caiu no luxo de esperar uma cura para além do sepulcro. Ato contínuo, ele retornou a seu pessimismo e queixumes, cheio de temores e desespero. Note igualmente o leitor que, pelo momento, Jó caiu no modo de pensar de seus amigos-críticos. As iniqüidades de Jó estavam por trás de toda a sua dor. Cf. Deu. 32.34 e Osé. 13.12. O ajuntamento dos pecados de Jó seria para seu mal, e não para seu bem.

"Adicionando iniqüidade à iniqüidade, tal como em Sal. 69.27" (John Gill *in loc.*).

O Aniquilamento Irrevogável do Homem (14.18-22)

14.18

Como o monte que se esboroa e se desfaz. Somente por um momento Jó permitiu-se olhar para além do sepulcro, como resposta para os seus sofrimentos (vss. 13-15). Mas logo ele cai de novo naquele abismo de terror: seus insuportáveis sofrimentos. Portanto, ele prossegue com várias figuras de linguagem para descrever mais profundamente seu estado *miserável e sem esperança*.

Os vss. 18-19 são de autenticidade duvidosa. A versão cóptica saídica os omite. A recensão de Jerônimo e a versão siro-hexaplarica assinala-os com asteriscos, o que indica uma dúvida quanto à autenticidade. E vários manuscritos da Septuaginta não os contêm. O texto massorético (MT) os apresenta, porém, mais adiante, nenhum manuscrito verdadeiramente antigo poderia ser responsável pela sua inclusão. Ver no *Dicionário* os dois verbetes chamados: *Manuscritos do Antigo Testamento* e *Massora (Massorah); Texto Massorético*.

O vs. 18 nos mostra que tudo está em estado de decadência; tudo chega ao fim, até os alegados montes eternos. Os abalos sísmicos reduzem-nos a pó. Até as rochas gigantescas são arrancadas de seus lugares e caem, repousando em lugares estranhos. Quanto pior se dá com a frágil vida humana!

Mudança e decadência ao redor eu vejo.
Ó Tu, que não mudas, fica comigo.

(H. F. Lyte)

"Tudo na natureza está sujeito à mutabilidade e à decadência. Até as montanhas podem cair de suas bases, despedaçando-se, de súbito engolidas por terremotos" (Adam Clarke, *in loc.*).

Portanto, o homem não tem esperança na morte. Seu estado é irreparável. Jó esqueceu seu vislumbre da imortalidade e retornou ao *pessimismo* anterior (ver a respeito na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia*).

14.19

Como as águas gastam as pedras. A água é um líquido bastante leve e certamente fraco em comparação a uma pedra. Mas, se a água continuar a correr, correr e correr, ou mesmo continuar a pingar, pingar e pingar, desgastará uma pedra. Assim sendo, o severo julgamento de Deus com relação ao homem finalmente o desgasta, e o homem deixa de existir. O famoso discurso de Shakespeare nos diz isso mesmo de forma eloqüente:

Os templos solenes, o próprio grande globo,
Sim, tudo quanto nele está contido, dissolve-se,
E, tal como esse cenário sem substância estiolado,
Conforme os sonhos são feitos, e nossa breve vida
Termina em sono.

(Extraído de A Tempestade)

As coisas mais duras cedem diante das destruições causadas pelo tempo, e o Destruidor divino nivela e desgasta tudo. O homem é reduzido a nada por meio de Seus assaltos.

Tu os arrastas na torrente, são como um sono.

(Salmo 90.5)

As chuvas do desprazer divino, que caem, desintegram todas as esperanças do homem.

"Os mais duráveis elementos da natureza, dos montes, das rochas e do solo desintegram-se sob os vários fenômenos da erosão. Assim também a esperança do homem é destruída, pouco a pouco, gota após gota" (Samuel Terrien, *in loc.*).

Tu reduzes o homem ao pó e dizes: Tornai, filhos dos homens.

(Salmo 90.3)

14.20

Tu prevaleces para sempre contra ele. O belo é desfigurado pela dor, é devastado pelo tempo e torna-se feio. O homem passa. Na morte, sua fisionomia se transforma em uma máscara de horror, quando seu corpo jaz ali, apodrecendo no sepulcro. Em seu pessimismo, pois, Jó disse: "É *isso* o que espera pelo homem". Na morte, o rosto do homem, já idoso, torna-se pálido. O sangue deixa de correr pelo corpo. O fluxo da vida rósea se vai. Em seguida, inicia-se o processo de putrefação, e coitado do homem que tem de desenterrar um cadáver e ver o terror que aconteceu! Jó declarou: "Deus nos está conduzindo a um terror. E por quê? Porque não podemos nos avizinhar do terror do sepulcro com uma vida pacífica?".

"A aparência rosada e florida do homem se vai. Sua fisionomia transforma-se em corrupção. Seu rosto fica pálido e encovado. Seus olhos ficam fundos e sem brilho. Seu nariz fica afilado. Suas orelhas se contraem, e seu queixo cai. No sepulcro ele é transformado em podridão, poeira e vermes" (John Gill, *in loc.*). Ora, isso é uma nota expositiva!

14.21

Os seus filhos recebem honras, e ele não o sabe. Os filhos de um homem podem ser honrados ou aviltados, mas o pai deles não sabe de coisa alguma. Esse homem não está olhando do céu, aplaudindo de alegria *ou* lamentando de desprazer. Ele se foi! Uma *forma espúria* de imortalidade é a de que um homem sobrevive em seus descendentes. Mas um professor de filosofia disse em classe,

certo dia, que esse ponto de vista deixa de exercer qualquer atração nos netos, bisnetos e trinetos. Um homem morto é inconsciente da sorte de seus descendentes (cf. Jó 21.21). Jó falou *como se* um homem tivesse alguma consciência psicológica após a morte, mas isso não passa de artifício literário. O que ele estava realmente dizendo é: "O homem morreu. Ele de nada sabe. Seus filhos podem agir bem ou mal. Mas que importa? Ele não se importa. Ele nada é e não tem mais consciência do que causaria a sua preocupação".

O homem morreu. Ele não se incomoda com a sorte de outros, que continuam na terra. Nem se preocupa com a própria sorte (Eclesiastes 9.5,6). Ele morreu e *se foi*. Ele não tem mais sorte. Ele não tem mais destino.

> *Porque os vivos sabem que hão de morrer, mas os mortos não sabem cousa nenhuma...*
>
> (Eclesiastes 9.5)

14.22

Ele sente as dores. Jó falou *como se* houvesse uma alma no *seol*, engajada em um cântico fúnebre eterno, acerca do sofrimento envolvido em qualquer tipo de existência. Mas podemos estar certos de que a alma de Jó era um nada. Ele falou *como se* a alma, no sepulcro ou no *seol*, retivesse alguma espécie de identidade pessoal, mas, mesmo ali, tudo é dor. A alma pode ocupar-se somente da tristeza eterna, em um cântico fúnebre ilimitado. Se Jó realmente acreditava *nisso*, ele foi verdadeiramente um miserável pessimista. Se um homem sofre no corpo, e então a alma separa-se do barro, e ele cai em lamentação eterna, então que poderia haver de mais lamentável? É improvável, contudo, que Jó tivesse em mente uma alma imaterial que deixasse o corpo somente para encontrar outra vida pessimista. Em Jó 3.13 ss., Jó olha para a morte como um agente que traz a paz eterna. Mas agora ele parece vê-la como introdução a uma interminável continuação da dor. No texto anterior, ele estava apaixonado pela Morte, como sua salvadora. Mas agora ele vê a morte como um terror medonho, o agente do sofrimento eterno. Alguns intérpretes, entretanto, pensam não haver nisso contradição. Eles supõem que Jó *realmente* tivesse chegado a *esse tipo* de pessimismo. Jó assumiu certo ponto de vista de uma existência após a morte, mas imediatamente transformou-a em uma existência de dor interminável. Estou especulando que Jó tenha caído no *pessimismo extremado*, não como uma doutrina séria de um pós-vida, mas somente como meio para enfatizar sua *completa* falta de esperança. Ele estava dizendo: "*Se* porventura existe alguma espécie de pós-vida, ela deve ser pior ainda que o presente estado miserável!".

Assim sendo, com a *mais pessimista nota possível*, Jó terminou o pnmeiro ciclo dos discursos.

Capítulo Quinze

Os capítulos 3-14 constituem o primeiro ciclo dos discursos dos amigos-críticos de Jó, cada qual com sua réplica da parte de Jó. O capítulo 15 introduz o *segundo ciclo* de discursos. Elifaz tornou a falar, para dar uma resposta rude às palavras de Jó, que parecia uma saca de ar. Ver a introdução ao capitulo 4, quanto ao plano geral dos discursos. Descrevi as *circunstâncias* desses discursos e seu âmago geral. Ver os artigos no *Dicionário* sobre cada um dos amigos-críticos de Jó, quanto a detalhes sobre eles e seus raciocínios. Todos eles tocaram a mesma música, embora com ritmos diferentes: "Jó é um grande pecador, pois somente um homem assim poderia sofrer como ele sofre". A resposta deles ao problema do mal era a lei da colheita segundo a semeadura. "Jó está colhendo o que semeou." Também obtemos dos discursos deles a idéia de que a dor pode ser uma *disciplina* para o homem espiritual. Mas, para além dessas duas sugestões, os críticos deixaram intocado o problema de por que os homens sofrem e por que sofrem como sofrem. Jó, por sua vez, continuava afirmando sua *inocência*. Embora fosse um pecador, especialmente na juventude (ver Jó 13.26), seus atuais sofrimentos eram grandes demais para serem explicados pelo princípio da retribuição.

A mensagem principal do livro de Jó é a adoração desinteressada. Continuaria um homem a adorar a Deus se fosse afligido conforme Jó o foi? Não apelaria ele para as blasfêmias (Jó 1.11; 2.5)? Seria o homem apenas um egoísta, que usa a adoração como um meio de lucro pessoal, tal como usa tudo mais em sua vida? Intimamente aliado ao problema da adoração desinteressada, temos o problema da dor humana, porquanto Jó foi afligido para testar a qualidade de sua espiritualidade. Ver a seção V da *Introdução ao Problema do Mal*, e ver também a discussão mais completa sobre esse assunto no *Dicionário*. O problema do mal pode ser definido, essencialmente, através da pergunta: "Por que os homens sofrem e por que sofrem como sofrem?". Apesar de todas as nossas sondagens, permanecem elementos enigmáticos nesse problema.

Segunda Série de Discursos. Os Três Amigos Molestos de Jó Discursam e Recebem a Sua Resposta (15.1 – 21.34)

Segundo Discurso de Elifaz (15.1-35)

15.1

Então respondeu Elifaz, o temanita. Comparar este versículo com Jó 4.1, que é idêntico e cuja exposição nos fornece detalhes sobre esse primeiro amigo-crítico de Jó, Elifaz.

"Até este ponto, os amigos de Jó tinham exibido total falta de compreensão, mas também tinham pensado honestamente que Jó não estava além do consolo humano e da salvação de Deus. A maneira orgulhosa como o sofredor Jó reagiu diante das sugestões pastorais de seus três amigos aprofundou cada vez mais a culpa que, desde o começo, o tinha alienado deles. O tom do diálogo fora aguçado de tal modo que Elifaz, que no primeiro ciclo de discursos tinha observado as regras da civilidade oriental com gentileza (ver Jó 4.2), agora deixou de lado todos os circunlóquios da cortesia" (Samuel Terrien, *in loc.*).

15.2

Porventura dará o sábio em resposta ciência de vento? Jó, o alegado sábio árabe, continuava na verdade sendo apenas a sacola de vento, que enchia seu ventre com o vento oriental, proferindo palavras triviais, que ele apresentava como demonstrações de sabedoria. O ataque foi abrupto, sem nenhum aquecimento preliminar. Elifaz como que dizia: "Bildade estava com a razão (ver Jó 8.2). Se você fosse *sábio*, falaria como um saco de vento? Não há nisso nenhum proveito, e isso não faz nenhum bem. Você é um ímpio" (Paul Scherer, *in loc.*).

E encher-se-á a si mesmo. Literalmente, *ventre*, no hebraico, com o sentido de *pulmões*. Jó proferia palavras *vãs e de vento*. Estava cheio de ar quente e não de sabedoria.

Vento oriental. Ou seja, o vento mais forte de seu conhecimento e, assim, apropriado para ser usado como metáfora do sopro de palavras vãs de um homem pseudo-sábio. Esse vento era o mais destrutivo de todos (ver Isa. 27.8), como o são as palavras de um insensato. Jó era apenas uma grande tempestade, que fazia muito barulho.

15.3

Arguindo com palavras que de nada servem. *A fala de vento tempestuoso* de Jó era destituída de razão, sem o menor proveito. Enevoava a verdade, em vez de revelá-la. Prejudicava, em vez de fazer bem. A fala dele era como o hálito da morte, que rejeitava bons conselhos e continuava a chamar-se de inocente, quando Jó era culpado, conforme seus sofrimentos provavam. Ele derrubava por terra a piedade, opunha-se a conselhos sábios, chamava Deus de todos os nomes feios. Ele estava exercendo uma influência perniciosa. Produzia argumentos pretensiosos que falhavam no teste da lógica e da piedade. Falava desrespeitosamente de seu Criador.

15.4

Tornas vão o temor de Deus. *O temor de Deus* é o princípio da sabedoria (ver Pro. 1.7). Rejeitando o temor de Deus, Jó tinha assim anulado até uma sabedoria primitiva que houvesse em si mesmo. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Temor*, que inclui uma seção sobre o temor de Deus. Ele *quebrou* (hebraico literal) a reverência a Deus (cf. Jó 4.6 e Sal. 2.11).

> *Servi ao Senhor com temor e alegrai-vos nele com tremor.*
>
> (Salmo 2.11)

A totalidade da piedade e da adoração pode ser chamada de "o temor de Deus". Ver Eclesiastes 12.14; Isa. 29.13. Em sua irreverência e declarações blasfemas contra Deus, Jó lançara fora a piedade em geral e tinha-se tornado vão e pretensioso.

É terrível cair nas algemas de uma *mente fechada*. Tal mente não está meramente "fechada para reparos"; ela está realmente fechada! O orgulho tinha fechado a mente de Elifaz, e Jó a tinha ferido (cf. os vss. 2,3,10). A tradição também tinha fechado a mente de Bildade. Jó tinha caído nas algemas da *intolerância*, uma qualidade constante de indivíduos inclinados para o dogmatismo.

15.5

Pois a tua iniqüidade ensina à tua boca. A *iniqüidade* (e não Deus) era a professora da boca de Jó. Não causava admiração, por conseguinte, que ele preferisse usar uma *língua afiada*. Os argumentos de Jó eram pseudo-sábios; espertos, mas não corretos. Ele tentava justificar-se diante de Deus, com conversas sobre a

sua inocência. Dessa maneira, ele simplesmente adicionava algo aos seus pecados, em vez de desvencilhar-se deles. Conforme seus pecados se multiplicavam, assim se multiplicavam os seus sofrimentos. Ele era homem que destruía a si mesmo. Jó tinha acusado seus amigos de serem "forjadores de mentiras" (Jó 13.4,7). Essa era uma boa declaração, mas se aplicava mais a Jó do que a seus amigos. "A iniqüidade que havia no coração dele impulsionou a sua boca a falar como ele estava fazendo (ver Mat. 12.34), e isso era uma notável instância de *insensatez* (Pro. 15.2), bem como uma prova de que ele se desfizera do temor ao Senhor... Ele não controlava sua língua, e sua religião era vã (Tia. 1.26)" (John Gill, *in loc.*).

15.6

A tua própria boca te condena. A boca grande e ruidosa de Jó era seu maior oponente. Ela o condenava. Jó não precisava da ajuda de seis críticos. O melhor argumento contra ele eram suas próprias baboseiras.

> *Ainda que eu seja justo, a minha boca me condenará; embora seja eu íntegro, ele me terá por culpado.*
>
> (Jó 9.20)

Uma linguagem *eloqüente* não é necessariamente uma *linguagem veraz*, embora, como é óbvio, esse tipo de linguagem impressione os homens. Muitos criminosos culpados têm sido libertados em tribunal porque algum advogado eloqüente defende seus casos com argumentos convincentes, ainda que falsos. Nossa linguagem pode ser posta em mau ou bom uso. Ver na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* o verbete intitulado *Linguagem, Uso Apropriado da.*

> *Não saia da vossa boca nenhuma palavra torpe, e sim unicamente a que for boa para edificação, conforme a necessidade, e, assim, transmita graça aos que a ouvem.*
>
> (Efésios 4.29)

Antes de Falar

Faz tudo passar diante de três portas de ouro:
As portas estreitas são, a primeira: É verdade?
Em seguida: É necessário? Em tua mente
Fornece uma resposta veraz. E a próxima
É a última e mais estreita: É gentil?
E se tudo chegar, afinal, aos teus lábios,
Depois de ter passado por essas três portas,
Então poderás relatar o caso, sem temeres
Qual seja o resultado de tuas palavras.

(Beth Day)

15.7

És tu porventura o primeiro homem que nasceu? A *antigüidade* servia de prova da verdade, para algumas mentes de gerações passadas, e até hoje é assim. Aquilo que é *antigo*, presumivelmente, tem resistido ao teste do tempo, de maneira que deve ser válido. Bildade dependeu dos argumentos das tradições antigas, falados em forma de provérbios, por sábios antigos (Jó 8.8-10). Ele era um *tradicionalista* que transformou em *dogmas* as declarações de sábios do passado. Elifaz fala aqui com ironia, *como se* Jó, sendo o primeiro homem a ter nascido no mundo, naturalmente soubesse mais do que os outros. Jó seria tão antigo quanto as colinas (às quais chamamos de eternas) e, portanto, deveria ser sábio. Jó havia reconhecido que "a sabedoria está com os idosos" (ver Jó 12.12), pelo que deveria ser muito idoso na verdade, visto que reivindicava o monopólio da sabedoria.

Ver na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* o artigo intitulado *Conhecimento e a Fé Religiosa*, especialmente a seção II, *Teonas da Verdade.* A quarta dessas seções é o *tempo.* Esse critério da verdade, entretanto, validaria muitas superstições e absurdos, visto que tais coisas são, na verdade, muito antigas. O teste do tempo, entretanto, nem sempre é um critério válido. Além disso, por que deveria ele pensar que os antigos sabiam mais do que nós, em *qualquer* campo? A evidência fala bem ao contrário, até mesmo no terreno religioso. Todos os campos do conhecimento estão no processo de crescimento e evolução, e até o conhecimento espiritual. *Estagnação* não é um vocábulo que se ache no *Dicionário Divino.* Os homens gostam de estagnar a verdade para alcançarem conforto mental. Se já soubéssemos de tudo, ou pelo menos de tudo quanto *podemos* saber, então nenhum esforço seria requerido de nossa parte. Simplesmente acreditamos no que está escrito. Caros leitores, essa é uma maneira infantil de olhar para a verdade e para o processo de adquirir conhecimentos.

A *idéia falsa* promovida por Elifaz é que, quanto mais recuarmos no tempo, mais perto chegaremos da sabedoria eterna. Sem dúvida alguma, essa é uma noção falsa. Pelo contrário, a sabedoria eterna continua a manifestar-se, cada vez mais, conforme o tempo passa. Ela não se manifestou de uma vez para sempre, em algum tempo antigo.

15.8

Ou ouviste o secreto conselho de Deus...? Elifaz acusou Jó de reivindicar o monopólio da sabedoria. Ironicamente, ele disse: "Tu és tão conforme és porque obtiveste os segredos de Deus diretamente da parte Dele. Então, tendo obtido toda essa sabedoria, juntaste toda ela para ti mesmo". Jó ouviu os *conselhos secretos* de Deus. A palavra hebraica aqui usada significa "almofada". No Oriente, os conselheiros sentavam-se sobre suas almofadas confortáveis e deliberavam, e jóias de sabedoria emanavam de seus lábios. Jó, pois, estaria sentado em uma almofada divina, ouvindo Deus a discorrer diante de seus conselheiros, e assim obteve conhecimento da fonte originária, em contraste com seus amigos-críticos, que tinham aprendido a sabedoria mediante as tradições. Jó fora admitido aos segredos de Deus.

> *A intimidade do Senhor é para os que o temem, aos quais ele dará a conhecer a sua aliança.*
>
> (Salmo 25.14)

"Farias parte do *gabinete celeste* quando Deus disse: 'Façamos o homem à nossa imagem, segundo a nossa semelhança?'" (Adam Clarke, *in loc.*).

"Tal como se fosse a Sabedoria personificada (Pro. 8.25), Jó pensou ter sido trazido à presença das colinas" (*Oxford Annotated Bible*, comentando sobre o vs. 7).

Nos vss. 7-8 pode haver alusão ao antigo mito semita, que falava sobre o Homem primevo que existia antes da criação do mundo. Nas mãos dos autores cristãos, o Homem primevo tornou-se o Logos, que se encarnou em Jesus e se tornou o Ungido, o Cristo. Elifaz pode ter sugerido, ironicamente, que Jó afirmava ser o Homem primevo.

15.9

Que sabes tu, que nós não saibamos? Se Jó reivindicava ter o monopólio da sabedoria e ser o Homem primevo, o fato é que todas as suas reivindicações de sabedoria superior eram mentirosas. Ele não sabia mais do que sabiam seus amigos-críticos, de modo que poderia receber as instruções *deles.* Ver um argumento similar usado por Jó em Jó 12.3 e 13.2, onde ele foi repreendido por seus amigos-críticos.

15.10

Também há entre nós encanecidos e idosos. Há certa igualdade entre os homens, porquanto todos são criaturas de Deus, que Ele sustenta em Suas mãos. Mas conforme os homens envelhecem, presumivelmente ficam mais sábios; no círculo de amigos de Jó havia homens idosos, alguns deles mais velhos que seu pai. Assim, ao que se presume, havia um acúmulo de sabedoria reunido por eles, sobre o qual Jó nada conhecia, pelo que ele não era um homem grande e sábio, e ainda tinha muito que aprender. No entanto, prosseguindo em sua atitude de superioridade, ele não era o tipo de pessoa que alguém pudesse ensinar. Ele era arrogante e duro. Era um *pecador* endurecido, que desempenhava o papel de sábio. Não admirava aos amigos de Jó que Deus o punisse da forma que fazia! Jó reivindicava conhecer grandes segredos diretamente de Deus, mas seus segredos eram *pecados secretos.* O Targum declara que Elifaz e Bildade eram homens idosos, mais velhos que o pai de Jó, mas esse comentário é duvidoso. Elifaz não estava apontando para si mesmo como entre os homens mais idosos e sábios. Mas ele conhecia as *tradições* dos sábios e concordava com a doutrina deles, diferentemente do arrogante Jó. John Gill tem um curioso comentário neste ponto: "A verdade é aquele antigo e bom caminho, o caminho mais antigo, mas o erro é quase tão antigo quanto a verdade. Há, pois, um caminho pelo qual homens ímpios caminham. Uma pretensão de antigüidade, cuidadosamente observada, pode conduzir ao erro (Jer. 6.16 e Jó 22.15)".

"Combater a teologia deles era mostrar falta de respeito pelos mais idosos, insulto impensável naqueles dias" (Roy B. Zuck, *in loc.*). A verdade, entretanto, jaz noutro lugar. Para alguém avançar no conhecimento e na espiritualidade, é forçado a combater contra antigas teologias e práticas. Os sistemas ficam estagnados, por pararem seus trens nas estações das tradições e das denominações. Mas a verdade prossegue para novas estações.

15.11

Porventura fazes pouco caso das consolações de Deus...? A *sabedoria dos antigos* produz instruções que tendem ao consolo. Arrependeis-vos e vivei! Arrependei-vos e parai de sofrer! Consolai-vos mudando os vossos caminhos. Os

antigos falavam palavras assim sábias, e as tradições as conservaram em provérbios e livros. A doutrina antiga pertencia aos gentios, mas Jó, em sua dureza, reivindicando inocência, era imune aos gentios. Jó apequenava as consolações de Deus, por causa da dureza de seu coração. A teoria de Jó certamente não continha consolações: Os *inocentes* podem sofrer. Isso era definitivamente contra o credo aceito e deveria ser rejeitado a qualquer preço, mesmo que ao preço do sacrifício da verdade. Jó continuava analisando e sondando. Seus amigos-críticos não queriam seu conforto mental perturbado pela livre investigação.

"... consolos, as *revelações* a que Elifaz se havia referido (ver Jó 4.12,17; 5.7,17-27 e 8.26), serviam de reprimenda consoladora a Jó, o que ele repetiu em parte no vs. 14" (Fausset, *in loc.*).

"Poderá ser coisa difícil para Deus consolar-te? Mas tu impedes isso por tua linguagem desequilibrada" (A Vulgata).

15.12

Por que te arrebata o teu coração? Com olhos chamejantes de ira e consternação, Jó permitiu que seu coração fosse levado para longe da verdade, da instrução e do consolo final. Definitivamente, Jó tinha um problema de atitude. "Somente um homem enlouquecido poderia falar e agir conforme tu fazes" (Adam Clarke, *in loc.*).

> *O homem de Belial, o homem vil, é o que anda com a perversidade na boca, acena com os olhos, arranha com os pés e faz sinais com os dedos. No seu coração há perversidade; todo o tempo maquina o mal; anda semeando contendas.*
>
> (Provérbios 6.12-14)

15.13

Para voltares contra Deus o teu furor. Jó tinha abusado de seus amigos ao rejeitar sábios conselhos que visavam tão-somente o bem dele; mas também havia abusado de Deus. De fato, o seu espírito (ser essencial) tinha-se voltado contra Deus, porquanto seu coração se tornara duro e inflexível. As palavras de Jó tornaram-se palavras de blasfêmia. Ele agora era uma peste, um insensato, um saco cheio de ar. "Seu apaixonado protesto de inocência é a prova mesma de sua rebeldia espiritual" (Samuel Terrien, *in loc.*). Talvez Elifaz tivesse em mente as audaciosas palavras de Jó, como aquelas registradas em Jó 6.4; 7.15-20; 10.2,3,16,17 e 13.20-27.

15.14

Que é o homem, para que seja puro? Note o leitor como Elifaz, indivíduo tradicionalista e dogmático, nos vss. 14-16 deste capítulo, essencialmente, repetia coisas que já havia dito (ver Jó 4.17-19). Portanto, Jó 15.14 é a substância de Jó 4.17, mas ele também usou as próprias palavras de Jó (14.1), e assim preparou uma arma contra o pobre homem, mediante o uso impróprio de *suas* palavras. Ver a exposição em Jó 14.1 e 14.17. Elifaz reiterou sua tese acerca da depravação humana, mas em termos ainda mais brutais do que fizera antes. Um homem nascido de mulher é abominável (literalmente, causador de desgosto, vs. 16), corrupto, imundo, uma criatura tão depravada a ponto de *beber* a iniqüidade como se fosse o seu líquido necessário. Ele tinha sede de pecado e deleitava-se em toda a espécie de vícios e abominações. Ele era o pecador enlouquecido. Comparar isso à tirada de Paulo contra a corrupta natureza humana, em Rom. 3.10 ss., que cita o Salmo 14. A implicação feita por Elifaz era a de que Jó era esse tipo de homem, pois, afinal de contas, nascera daquela pobre e depravada criatura, a fêmea humana. Como, pois, ele podia reivindicar inocência e proferir a blasfêmia de que era um *inocente* sofredor, e Deus era o autor desse sofrimento?

O nascimento natural era tido como uma contaminação automática, o que explica a doutrina do *pecado original*. Ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Pecado Original*. Jó era *imundo* desde o nascimento, e ficou cada vez mais depravado, conforme os anos passavam. A teologia de Elifaz não podia ultrapassar essa posição. Mas existem enigmas no sofrimento, e os inocentes realmente sofrem.

15.15

Eis que Deus não confia nem nos seus santos. Elifaz continua seu manifesto contra a inocência de Jó e descreve mais ainda sua imensa corrupção. Jó nunca disse que não tinha pecado. De fato, ele admitiu os pecados de sua juventude (ver Jó 13.27) e, sem dúvida, teria confessado que continuava pecador. Porém, negou que tivesse cometido pecados tais, públicos ou privados, a ponto de merecer os gigantescos sofrimentos pelos quais passava. Nesse sentido, ele era inocente. Ele nada havia feito para causar tão grande dor!

Este versículo é uma leve modificação (sem afetar o sentido) de Jó 4.18. Nem mesmo os céus e os anjos augustos são puros no sentido absoluto. Até mesmo eles são culpados de insensatez em certas ocasiões. Portanto, como pode o homem mortal falar acerca de inocência? Os *santos*, neste caso, são os anjos, chamados de *servos* em Jó 4.18. Eles servem a Deus e têm grandes missões a realizar, mas não desempenham suas tarefas acima de qualquer crítica. Não obstante, Jó não queria que seus amigos-críticos o criticassem! Em comparação com Deus, todos os seres criados são imundos e profanos. Por *céus* devemos compreender os *seres celestiais*.

Naturalmente, Jó não estava sendo condenado por Deus (ver Jó 2.3), mas somente por seus críticos humanos. Isso, aqueles homens nunca teriam compreendido. Automaticamente, eles relacionavam seus sentimentos e dogmas com os requisitos espirituais do próprio Deus, um erro comum dos indivíduos tradicionalistas e dogmáticos.

15.16

Quanto menos o homem. Se os anjos se saem mal no julgamento de Deus, quanto mais o homem *imundo* que bebe a iniqüidade como se fosse água? Em outras palavras, o homem pecaminoso promove seus vícios com apetite descontrolado. Depois que ele sorve algum pecado, logo está sedento de outros pecados diferentes. O homem é um embriagado espiritual, um vagabundo que se deleita na corrupção. Tal pecador sofrerá julgamento semelhante ao de Jó.

O homem bom tem fome e sede de "justiça" (ver Mat. 5.6), e sua contraparte espiritual é o homem que tem fome e sede de suas variedades de pecado, sobre as quais perdeu todo o controle.

> A boca dos perversos devora a iniqüidade.
>
> (Provérbios 19.28)

"O pecado, como a água, é fácil de obter. Está sempre próximo da mão... Está sempre ao redor de um homem, e os homens facilmente cedem diante dele. Todo homem volve-se para seu curso ímpio, tal como os cavalos de guerra galopam para a batalha" (John Gill, *in loc.*).

15.17-18

Escuta-me, mostrar-te-ei. *Elifaz chama a atenção de Jó.* Com impaciência e fúria, Elifaz apressou-se a chegar à sua conclusão. Ele tinha estado ao redor por tempo suficiente nesta vida para fazer observações. Tinha ouvido e visto coisas, tinha sido um discípulo dos mestres (vs. 18), portanto possuía *autoridade* para aquilo que iria dizer. Elifaz não dependia somente de seus próprios pensamentos. Outrossim, suas conclusões eram estudadas; ele chegara aonde chegara devido ao tempo e à experiência, bem como aos seus estudos. Ele fora *testemunha ocular* de fenômenos estranhos e maravilhosos (Jó 4.12 ss.), pelo que também não era homem comum. De fato, era um homem que merecia e exigia a atenção de outras pessoas. Elifaz estava prestes a citar uma longa lista de declarações de sabedoria dos mestres, todos eles bons em si mesmos, mas aplicava a sabedoria deles erroneamente a Jó. Aqui ele adotou a linguagem dos tradicionalistas, da qual Bildade tinha dependido (ver Jó 8.8, apelando tanto para a própria experiência pessoal quanto para a *tradição universal*). Ele falou de uma época que passara diante da comoção civil e política que resultara da intromissão de estrangeiros (vs. 19).

Naturalmente, a finalidade dessa introdução à apresentação de seus sábios provérbios era humilhar Jó, que não tinha erudição, ou, se a tivesse, não a respeitava como deveria. Certamente Elifaz pensava que a Jó faltava a experiência espiritual que ele mesmo possuía. Usualmente, aqueles que falam de suas próprias notáveis experiências são bastante arrogantes perante seus inferiores.

15.19

(Aos quais somente se dera a terra...) Elifaz informou-nos como segue: "Houve um tempo em que os sábios eram fortes e predominavam na terra. Ensinar era fácil, e os homens obedeciam a seus sábios provérbios. Mas, então, chegaram *estrangeiros*, trazendo seus exércitos, sua cultura e suas filosofias, e atraíram os homens segundo sua insensatez". Elifaz estava dando a entender, se não mesmo declarando abertamente, que Jó tinha sido corrompido por filosofias estrangeiras, razão pela qual se desviara tanto da verdade. Jó tinha passado por más experiências com os sabeus e os caldeus (Jó 1.15-17), e esses homens iníquos também trouxeram falsas doutrinas que corromperam a mente dos homens, roubando-lhes a alma, e não meramente injuriando-lhes o corpo e saqueando-lhes as possessões materiais. Certos homens saqueiam mentes, e não fazendas.

15.20

Todos os dias o perverso é atormentado. Temos aqui o ponto do discurso, a frase-clímax. Aquilo que Elifaz tinha observado e aprendido com os sábios do

passado (entre outras coisas) foi exatamente o que ele e seus amigos vinham dizendo o tempo todo: "*É o ímpio* que geme de dor todos os seus dias, por causa do desprazer de Deus, que o apanhou em uma armadilha. Todos os seus anos são como tesouros que guardam a dor, em lugar do lucro. Esse homem torna-se um *depositário* da ira de Deus e de Sua punição. O homem justo não é tratado dessa maneira por Deus". O homem inocente não é sujeitado a dores, como estava acontecendo com Jó. Portanto, era óbvio que Jó merecia o que estava recebendo. A *Lei Moral da Colheita segundo a Semeadura* (ver a respeito no *Dicionário*) sempre funciona e estava funcionando naquele instante, no caso de Jó. O pecador é um auto-atormentador toda a sua vida.

15.21

O sonido dos horrores está nos seus ouvidos. Talvez o ímpio chegue a prosperar por algum tempo, mas ele é o homem que, ocasionalmente, ao longo de sua vida, ouvirá *sons aterrorizantes.* Ele ouvirá sobre desastres que atingirão seus entes amados e amigos, sobre homens violentos que saquearão suas propriedades; exatamente aquilo que tinha acontecido a Jó (capítulos 1 e 2). Então, finalmente, o destruidor lhe faz uma visita e termina com ele, a despeito da prosperidade que ele tenha conseguido promover em causa própria. Naturalmente, Elifaz, amigo-crítico de Jó, estava descrevendo o caso dele. Jó tinha tido seus ouvidos aterrorizados por notícias de desastres e estava esperando o golpe final: Deus haveria de removê-lo por meio da morte. A voz *dos terrores* (tradução literal do original hebraico) jamais permitirá que o ímpio entre em repouso.

> *Para os perversos, todavia, não há paz, diz o Senhor.*
>
> (Isaías 48.22)

Além das tribulações externas, o homem mau terá uma consciência perturbada, que o esbofeteará o tempo todo, mesmo quando não houver verdadeiro perigo físico (ver Lev. 26.36; Pro. 28.1; II Reis 7.6).

> *Fogem os perversos, sem que ninguém os persiga.*
>
> (Provérbios 28.1)

15.22

Não crê que tornará das trevas. Isto é, o ímpio não acredita que possa escapar ao infortúnio. Cf. Jó 9.16 e 39.12. As *trevas* são a metáfora usada para qualquer tipo de infortúnio. Ver Jó 19.8, quanto a uma declaração direta com esse significado. Jó, na verdade, caiu no *pessimismo,* pensando que a vida em si mesma era um mal, e isso, para Elifaz, servia de evidência de que Jó era um terrível pecador. *Trevas* aqui indicam não a morte, da qual a ressurreição poderá livrar um homem (ver Jó 14.7 ss.). Elifaz não levantava a possibilidade da ressurreição, da qual o "ímpio" Jó não podia esperar participar. Ele se referia apenas às tribulações terrestres e, finalmente, à morte biológica. Os sábios antepassados de Elifaz não lhe tinham ensinado a esperança em uma vida para além-túmulo como solução para o problema do mal. A teologia deles era deficiente.

"As trevas (no hebraico, *hosek,* termo também usado por Elifaz em Jó 15.23,30; cf. Jó 3.4 e 10.21) caçavam Jó, possivelmente uma referência às trevas da morte" (Roy B. Zuck, *in loc.*). "Trevas: perigo e calamidade" (Fausset, *in loc.*). John Gill, *in loc.,* dá ao versículo uma interpretação diferente: "Quando se deitava à noite, ele se desesperava de ver novamente a luz da manhã, por temor a um inimigo, ladrão, assassino ou a alguma outra forma de desastre (Deu. 28.66,67)". E então, quando estava em *aflição* (trevas), ele temia que nunca fosse livrado dela, o que Gill adicionou à primeira idéia.

Que o espera a espada. Ou seja, tendo semeado a violência, ele deveria esperar a morte violenta. Ver Mat. 26.52. Ou então, metaforicamente, violência gera violência, iniqüidade gera maus resultados, o que faz parte da lei da semeadura e da colheita, embora o que seja colhido possa não ser morte violenta, por meio de arma mortífera.

15.23

Por pão anda vagueando. O ímpio chega até a passar fome. Ele fica vagueando, procurando por alimentação básica, mas ninguém sai em sua ajuda. O dia das *trevas* está à mão, o que, neste versículo, provavelmente é o dia da *morte* do indivíduo. O poeta descrevia uma cena de terror, na qual o pecador é reduzido a nada. Sem alimento, e desesperado, o pecador fica vagueando, mas seu único destino é a morte. A qualquer dia, o indivíduo pode ser morto. O homem foi reduzido de um estado de prosperidade e bem-estar material para outro em que nem ao menos é capaz de alimentar-se!

15.24

Assombraram-no a angústia e a tribulação. O indivíduo que prevalecia contra outros, que saqueava, matava e destruía, agora é um homem que espera pela mesma coisa. Exércitos poderosos estão preparados para terminar com ele, tal como os reis se preparam exaustivamente para a batalha. Suas *tribulações e angústias* são figurativamente retratadas como se fossem *exércitos* atacantes. "A aflição e a angústia perseguem-no como um rei preparado para atacar. Cf. as palavras de Jó sobre o *terror,* em Jó 9.34; 13.21; 18.11; 20.25. Jó tinha dito que Deus *prevalece* sobre o homem (Jó 14.20). Elifaz confirmou que é a própria angústia pela qual passa um homem, e não Deus, que o destrói no fim" (Roy B. Zuck, *in loc.*).

> *Poucos usurpadores podem descer às sombras*
> *Por meio de uma morte seca, ou com um fim quieto.*
>
> (Juvenal, Sat. Vs. 112)

Juvenal falou sobre o hades como as sombras, a terrível vida pós-túmulo! A morte *seca* é morte sem derramamento de sangue; o sangue torna-se o líquido da morte, quando verte de algum ferimento fatal. Tais homens não têm morte quieta ou pacífica.

> *Acamparei ao derredor de ti, cercar-te-ei com baluartes e levantarei tranqueiras contra ti.*
>
> (Isaías 29.3)

> *Assim sobrevirá a tua pobreza como um ladrão, e a tua necessidade, como um homem armado.*
>
> (Provérbios 6.11)

15.25

Porque estendeu a sua mão contra Deus. O ímpio naturalmente tem muitos inimigos, mas seu pior inimigo é Deus. Deus é a *causa* primária das dificuldades desse homem, embora muitas causas secundárias possam ser empregadas para a sua destruição. *Deus* é o poder por trás de todos os desastres anteriores que assaltam o pecador. Quando o pecador estende a mão contra seu semelhante, sem que o saiba, está sacudindo o punho no rosto de Deus. Tal insolência não pode passar sem ser notada e punida. Elifaz acusava Jó de pecados sérios, embora ocultos. Mas *Deus os via,* e agora Jó estava sofrendo agonias.

> Diz ele, no seu íntimo: Deus se esqueceu, virou seu rosto e não verá isto nunca.
>
> (Salmo 10.11)

Deus poderia tornar-se um poder não para proteger, mas, sim, para oprimir e destruir. O pecador provoca essa situação, mediante sua loucura.

"O pecador é um *adversário de Deus.* Ele faz papel de herói contra o Todo-poderoso" (Samuel Terrien, *in loc.).*

15.26

Arremete contra ele obstinadamente. O pecador desvairado corre contra Deus com escudo espesso, acompanhado de sua dura cerviz. Em sua loucura, ele lança um ataque violento contra o próprio Deus, mediante seu maltrato contra os semelhantes. Ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Dura Cerviz.* A metáfora contida nessa expressão retrata a rebeldia de um animal teimoso contra o jugo. O animal endurece o pescoço e move a cabeça para um lado e para outro, na tentativa de impedir o jugo. Mas aqui a figura é simplesmente a de um homem enlouquecido e teimoso, que guerreia contra o próprio Deus. A Revised Standard Version dá uma tradução possível do hebraico, na segunda parte do versículo.

O insensato arremete contra Deus com pescoço altivo, dependendo de seu grosso escudo para protegê-lo, conforme ele pensa em vão, contra a vingança de Deus Altíssimo.

> Pois diz lá no seu íntimo: Jamais serei abalado: de geração em geração, nenhum mal me sobrevirá. A boca, ele a tem cheia de maldição, enganos e opressão; debaixo da língua, insulto e iniqüidade.
>
> (Salmo 10.6,7)

15.27

Porquanto cobriu o rosto com a sua gordura. O pecador é *nédio;* seu rosto e seus lombos estão cobertos da gordura de seus excessos e da falta de

exercício. Ele tem vivido a "boa vida", conforme os homens a consideram. Ele tem prejudicado seus semelhantes, ao mesmo tempo que engorda como um porco. É um homem de excessos, e agora deve sofrer castigo excessivo. Esse homem, além de seus exageros alimentares, agradou a si mesmo com toda a espécie de prazeres do pecado, e com os muitos excessos que geralmente acompanham a possessão de riquezas. Seu deus é o seu ventre.

> *O destino deles é a perdição, o deus deles é o ventre, e a glória deles está na sua infâmia, visto que só se preocupam com as cousas terrenas.*
>
> (Filipenses 3.19)

> *Que eu tenha ao meu redor homens que sejam gordos,*
> *Homens de cabeça macia e que durmam a noite toda.*
> *Cassius, que está ali, tem aparência magra e faminta;*
> *Ele pensa demais. Tais homens são perigosos.*
>
> (Shakespeare)

"Ele tem vivido no luxo e nos excessos, e, como homem sobrecarregado de carne, não pode defender a si mesmo" (Adam Clarke, *in loc.*). Havia uma espécie de dinossauro, segundo dizem os cientistas, tão pesado e gordo que era incapaz de fugir de seus predadores naturais, os dinossauros maiores.

15.28

Habitou em cidades assoladas. "O *pecador gordo* finalmente termina em uma cidade fantasma, caçando o seu alimento e temendo toda a sombra, como se algum atacante se tivesse atirado contra ele. Sua cidade-fantasma está caindo aos pedaços e logo se tornará um montão de escombros. Contrastar isso com seu estado anterior de residência luxuosa, abundância e poder. Naturalmente, Elifaz se referia diretamente às tristes condições de Jó, em contraste com seu estado anterior. Ele era o pecador gordo, que agora se tornara magro e faminto. E, como o Cassius do poema de Shakespeare, ele também pensava muito.

Este versículo admite ainda outras interpretações: 1. O rico é aquele que produz cidades-fantasmas devido aos seus assassínios, ataques sexuais e saques. 2. Ou, então, o rico habita em tais lugares esperando a passagem de caravanas, a fim de atacá-las e saqueá-las. Seja como for, Elifaz dizia que Jó tinha praticado opressão social e econômica contra os menos poderosos do que ele e, naturalmente, se tornara objeto da ira divina. 3. Ou, então, o pecador nédio habita em cidades luxuosas que se tornariam cidades-fantasmas, e isso faria parte de sua punição. 4. Ou, finalmente, o pecador gordo, um tirano violento, ataca as cidades dos menos poderosos, reduzindo-as a nada. Em seguida, o rico edifica cidades maiores nos lugares das primeiras, e ali reina como um louco. Mediante tais atos, ele perpetua o seu nome para as gerações futuras, porquanto os grandes assassinos são sempre os grandes heróis da história humana.

15.29

Por isso não se enriquecerá. O *rico e gordo tirano* atinge seu ponto culminante de poder e abundância. Doravante ele deverá declinar e entrar em total desintegração. Ele não será capaz de prolongar a sua posição. Faltam-lhe raízes na terra. Ele edificou apenas uma ilusão. Sua edificação não tem alicerces. Deus viu o que ele estava fazendo e, finalmente, perdeu a paciência com ele. De acordo com a interpretação de Elifaz da miséria de Jó, Deus perdeu a paciência com um pecador secreto que vinha oprimindo outras pessoas. "O transgressor perderá suas riquezas, um cruel lembrete das privações de Jó (ver 1.13-17)" (Roy B. Zuck, *in loc.*).

> *Porventura, fitarás os teus olhos naquilo que é nada? Pois, certamente, a riqueza fará para si asas, como a águia que voa pelos céus.*
>
> (Provérbios 23.5)

15.30

Não escapará das trevas. Jó teve sua época. Agora as *trevas* (o desastre e, finalmente, a morte) já se aproximavam. Uma grande chama queimaria suas raízes e consumiria seus ramos. Os seus *renovos* (que floresciam como uma flor) seriam arrebatados por um vento poderoso. O poema combina várias metáforas que descrevem o fim lamentável do tirano-rico-gordo: trevas, chamas e vento. *Todos os elementos* estavam contra ele.

Talvez a menção às raízes e aos ramos seja uma alusão à "árvore genealógica" de Jó. Sua família tinha sido destruída pelo assopro de Deus (ver Jó 1.18,19). Mas alguns estudiosos pensam que isso alude às suas *plantações,* que tinham sido destruídas, algo que não foi especificamente mencionado no capítulo 1, mas, sem dúvida, deve estar incluído nas perdas das riquezas de Jó. A perda de seus animais domesticados também fez parte dos desastres (ver Jó 1.16).

Ao assopro da boca de Deus será arrebatado. O original hebraico não contém aqui o vocábulo "Deus", mas essa palavra é corretamente subentendida. A boca de Deus assopra o fogo; assopra um vento ressecador. A *ira de Deus* é entendida nessa figura de linguagem. Cf. algo similar, em Isa. 11.4: "Ferirá a terra com a vara de sua boca e com o sopro dos seus lábios matará o perverso".

Alguns intérpretes acham que devemos pensar aqui no *último suspiro* de Jó, por ocasião de sua morte. Mas esse pensamento é menos provável. Devemos antes pensar no sopro de Deus como o *agente da morte.*

15.31

Não confie, pois, na vaidade. Jó confiava no *vazio,* ou seja, em seus pensamentos vãos e em seus argumentos falazes. Ele confiou no pensamento tolo de que Deus não puniria seus pecados secretos. Mas ele estava apenas auto-enganado por sua falsa doutrina e por suas práticas nefandas. Já *vazio,* por ocasião da morte, tornar-se-ia ainda mais vazio, isto é, *nada.* Os vss. 31 e 33 antecipam uma morte prematura para Jó. O homem vazio deveria morrer vazio, e em breve. Um ímpio e gordo pecador, que confiava em suas riquezas, estava destinado a nada ganhar, no fim. Elifaz parece estar aqui acusando Jó de confiança em sua opulência, uma acusação que Jó, finalmente, veio a negar (ver Jó 31.24,25). O vazio rebelde receberia *alguma coisa* no fim: a retribuição de Deus. Isso substituiria suas riquezas. Outrossim, suas riquezas eram temporárias, mas a retribuição que ele receberia seria permanente.

15.32

Esta se lhe consumirá antes dos seus dias. O *pecador* teria de pagar toda a sua dívida antes de morrer. A "verdura" de sua vida tornar-se-ia totalmente negra e queimada. A Vulgata Latina dá uma interpretação diferente ao versículo: "Ele perecerá antes de seu tempo, antes de seus dias estarem completos". Antes de morrer, ele seria uma árvore ressecada e morta, toda a vitalidade de sua vida consumida, quando a morte completaria sua obra terrível. Ou, então, o *verde* dentro da palavra "reverdecerá" refere-se à sua posteridade, porquanto a imagem dos *ramos,* no vs. 30, continua retida aqui. Nesse caso, Jó e sua família pereceriam para cumprir as demandas da retribuição divina.

15.33

Sacudirá as suas uvas verdes. A vida de Jó poderia chegar à fruição, mas o golpe divino faria a vinha de sua vida perder as uvas, antes mesmo que tivessem tempo para amadurecer. Além disso, a oliveira não produziria azeitonas nem se *reproduzina,* porque suas flores, que produzem azeitonas, que por sua vez produzem sementes, seriam sacudidas da árvore pela ira divina. Ambas as figuras de linguagem falam de uma "vida não terminada", de uma morte prematura, antes da realização das coisas e das condições para as quais um homem nasceu. A vinha é *estéril; e a oliveira é* estéril, por causa da iniqüidade. A *posteridade* de Jó pode estar em vista, e não a devida realização que a vida dele deveria produzir.

"Temos aqui a imagem daquilo que é *incompleto.* A perda das uvas imaturas é poeticamente feita como resultado dos atos do próprio indivíduo, a fim de expressar, mais agudamente, que a ruína do pecador é o fruto de sua própria conduta" (Fausset, *in loc.*).

> Ai do perverso! Mal lhe irá; porque a sua paga será o que as suas próprias mãos fizeram.
>
> (Isaías 3.11)

> *Ouve tu, ó terra! Eis que eu trarei mal sobre este povo, o próprio fruto dos seus pensamentos; porque não estão atentos às minhas palavras e rejeitam a minha lei.*
>
> (Jeremias 6.19)

Elifaz continuou seu argumento de que tudo quanto Jó tinha sofrido resultava da lei do carma, a *Lei Moral da Colheita segundo a Semeadura* (Ver no *Dicionário*). Ele nunca imaginaria que Jó pudesse dizer a verdade quando afirmava que os *inocentes* podem sofrer, e realmente sofrem. Isso estava para além de sua teologia e nunca mereceu um minuto de sua consideração, embora exprima uma *verdade.*

15.34

Pois a companhia dos ímpios será estéril. Os hipócritas formam uma companhia que é estéril tanto quanto às realizações potenciais da vida deles como no tocante à sua posteridade. Onde a peita ocorre (os homens engajam-se em atos vis secretos), o *fogo* vem e consome, ou seja, *todos os tipos* de desastres atacam. A

falta de realização e a perda da posteridade são coisas típicas dos pecadores secretos. "O dogma da retribuição, talvez adiado, mas certo, é o argumento sustentado até o fim" (Samuel Terrien, *in loc.*). Provavelmente temos aqui uma alusão ao fogo que consumiu as possessões de Jó (ver Jó 1.16,19), bem como aos ventos que destruíram seus filhos e a casa. Elifaz, pois, sugeriu que Jó era o tipo do homem que se dava licença a atos secretos de suborno e outros crimes parecidos.

Estéril. Esta foi a mesma palavra usada por Jó (ver Jó 3.7) para descrever suas próprias condições. Talvez Elifaz tenha usado essa palavra propositadamente ao lamento de Jó.

"Jó é representado posteriormente por Elifaz como se fosse um opressor e um ímpio magistrado, o tipo de homem que seria culpado dos crimes apontados no texto presente. Ver Jó 22.6-9" (John Gill, *in loc.*).

15.35

Concebem a malícia, e dão à luz a iniqüidade. Os pecadores hipócritas concebem a injúria como uma mulher concebe uma criança, e então dão à luz o mal. Outrossim, o coração deles planeja exatamente a injúria que são capazes de produzir. Eles pensam em termos injuriosos; concebem a injúria; dão à luz a injúria. Nisso consiste a prosperidade deles.

> *Então, a cobiça, depois de haver concebido, dá à luz o pecado; e o pecado, uma vez consumado, gera a morte.*
>
> (Tiago 1.15)

O que realmente acontece é que o mal, que os pecadores planejam acerca de outros, sobrevém contra eles. Eles cometem suicídio físico e espiritual. Naturalmente, um pecador faz com que outros sofram, mas eles mesmos são os principais recebedores do mal que fora planejado.

Capítulo Dezesseis

Réplica de Jó ao Segundo Discurso de Elifaz (16.1 – 17.16)

O plano dos discursos corresponde ao que cada um dos três amigos-críticos de Jó falou por três vezes, exceto o terceiro, que apresentou apenas dois discursos. Jó respondeu a cada um deles por sua vez. Quanto a detalhes sobre esse plano e outros referentes à natureza e à circunstância dos discursos, ver as introduções aos capítulos 4 e 8 do livro de Jó. Não reitero aqui essa informação.

Os Amigos de Jó Causam Tristeza (16.1-6)

Talvez eles tenham começado a dar seus conselhos com boas intenções, mas, diante de um Jó rebelde e arrogante, logo começaram a apelar para diatribes perigosas e ofensivas. Os críticos confundiam sua teologia com a verdade e supunham que suas palavras, por mais agudas que parecessem, fossem realmente modos de consolar um pecador, porquanto podiam levá-lo ao alívio e à restauração. Caros leitores, os indivíduos tradicionalistas e dogmáticos continuam confundindo sua teologia com a verdade e proferindo palavras vitriólicas, *como se* fossem palavras de amor, cujo intuito fosse ajudar.

16.1-2

Então respondeu Jó. Foi devido à sarcástica palavra usada por Jó, "consoladores", que seus três amigos-críticos foram chamados ironicamente de "consoladores de Jó". A expressão "consoladores" tornou-se proverbial para os críticos equivocados que ferem com palavras, em vez de ajudarem, que põem ácido nas feridas, em vez de curá-las. A maioria dos homens, em algum tempo de sua vida, sente a dor do ácido em um ferimento, em vez do azeite suavizador. Infelizmente, em certas ocasiões, até mesmo pessoas religiosas sinceras aumentam a dor de outros, pondo ácido em seus ferimentos. Somos inteiramente descuidados e sem consideração quanto às palavras que usamos. Algumas vezes, a verdade nua e crua causa mais dano do que mentiras gentis. Além disso, as pessoas com freqüência falam aquilo que pensam, recorrendo a verdades brutais, que são meras manifestações de ódio ou ciúme. Apresento um eloqüente poema em Jó 15.6, que ilustra bem o uso apropriado da linguagem e serve de bom comentário sobre os vss. 2-3 deste capítulo. Ver no *Dicionário* o artigo *Linguagem, Uso Apropriado da.*

> *Comum é o lugar-comum,*
> *E a palha inútil é para os grãos.*

Isso é trivial, mas diz uma verdade, e também existem aquelas meias-verdades que não contribuem muito para esclarecer as coisas.

Assim também, os consoladores de Jó inspiravam *cansaço e tristeza,* em vez de consolação genuína. Jó estava sentindo dores; eles estavam passando bem. Portanto, era fácil para eles atribuir causas falsas à dor. A terrível tríade de amigos terminou como consoladores molestos. Eles nada diziam de novo. Eles não deram resposta para o problema do mal, isto é, por que os homens sofrem e por que sofrem como sofrem. Eles pioraram as dores de Jó, em vez de aliviá-las, e nunca mudaram um fio sequer de suas doutrinas inadequadas.

Consoladores molestos. "Temos aqui o que os retóricos chamam de oxímoro; o que os três amigos de Jó disseram, em vez de aliviá-lo, impôs pesadas pressões que ele não conseguia suportar" (John Gill, *in loc.*). *Oximoro* reúne duas palavras gregas: *oxys* (perspicaz, esperto) + *moros* (estúpido). Portanto, está em vista uma figura de linguagem que une termos contraditórios como *leveza pesada, vaidade séria.* Neste vs. 2, temos a contribuição de Jó: *consoladores que trouxeram peso.*

16.3

Não terão fim essas palavras de vento? O hebraico diz, literalmente, palavras de sacos de vento, que, contra toda a razão, continuam a proferir teologias deficientes e atacam um inocente. Palavras que apenas emitem algum som, mas que não têm sentido, é o que está em vista aqui. A King James Version traduziu aqui por "palavras vãs". Os amigos-críticos de Jó não estavam contribuindo em coisa alguma para resolver o problema do sofrimento humano, mas continuavam a falar sobre a lei da colheita segundo a semeadura, que não se aplicava ao caso de Jó. Com a conversa deles de que Jó era um pecador, recolhendo o que dera, eles perderam de vista a meta da situação: um homem inocente pode sofrer. Existem enigmas na questão do *problema do mal.* Ver esse assunto na seção V da *Introdução* ao livro e no artigo que tem esse título no *Dicionário.* Talvez parte do sofrimento do inocente seja que, na realidade, exista o *caso,* no mundo, voltado talvez para o bem e para o homem espiritual, e que algumas vezes o ataca, e não meramente ao homem ímpio. Paulo levou em conta esse elemento (Rom. 8.20). A criação inteira ficou sujeita à *futilidade,* mas o propósito remidor de Deus, em Cristo, anula essa finalidade. Talvez a pura futilidade possa ferir, ocasionalmente, um bom homem, e contra isso pedimos proteção divina especial.

16.4-5

Eu também poderia falar como vós falais. O tema principal do livro de Jó é *a adoração desinteressada.* Sob provação severa, continuaria um homem a adorar a Deus, especialmente (como foi o caso de Jó) ao pensar que Deus era a fonte de sua perturbação? Ou o homem é um ser *egoísta* que só pratica a fé religiosa em troca das vantagens que isso lhe oferece? O problema do sofrimento humano entra na questão como um companheiro necessário do tema principal, porquanto a *dor* submete a teste a qualidade da espiritualidade humana. Jó caiu no *pessimismo,* a idéia de que a própria existência é um mal. Ver na *Enciclopédia de Biblia, Teologia e Filosofia* os verbetes intitulados *Egoismo* e *Pessimismo.*

Se Jó estivesse no lugar de seus amigos, em estado de lazer, e eles estivessem sofrendo, talvez imitasse a conduta deles, apontando-lhes um dedo acusador e sacudindo a cabeça, admirado da estupidez deles, conclamando-os a arrepender-se de seus pecados secretos. Ele *poderia* fazer isso, mas era bom demais para agir dessa maneira. Antes, ele seria um verdadeiro consolador (vs. 5), capaz de fortalecer os joelhos cambaleantes e levantar-lhes a cabeça, em vez de desencorajá-los e amaldiçoá-los. Suas palavras aliviariam o sofrimento, em vez de aumentá-lo. Contrastar isso com os *consoladores molestos* que eles eram (vs. 2). Os amigos de Jó estavam cheios de contentamento e derrisão, conforme deixa entendido o gesto de sacudir a cabeça (Sal. 22.7; Isa. 37.22). Jó não se tornaria, de modo algum, culpado de fazer pouco dos que sofressem dores. Jó estava amargurado diante de seu sofrimento, mas não esqueceria a justiça devida a seus *amigos* nem os trataria como eles o estavam tratando. Jó havia agido corretamente no passado; Jó 4.4; 29.21-23.

> *Como o óleo e o perfume alegram o coração, assim o amigo encontra doçura no conselho cordial.*
>
> (Provérbios 27.9)

16.6

Se eu falar, a minha dor não cessa. Falando, Jó sofria aflições; não falando, continuava em dores; então continuou falando. Ele nada tinha para perder. Deus e os homens o haviam desgastado, e ele prosseguiu para denunciar a ambos, porquanto sabia que era inocente e não merecia o tratamento que estava recebendo. Jó falou a Deus em oração e, humildemente, pediu alívio para sua dor e respostas que explicassem *por que* ele estava sofrendo. Não obstante, suas dores em nada foram aliviadas; parecia que suas orações não estavam sendo ouvidas. Ele nada aprendeu. Por conseguinte, continuou com suas queixas atrevidas e amargas contra Deus e os homens.

16.7

Na verdade, as minhas forças estão exaustas. Deus havia exaurido Jó. Ele estava completamente exausto. E também o deixara inamistoso e sem conforto. Por isso, ele se voltara para o *pessim1ismo,* ou seja, a noção de que a própria existência é má. Schopenhauer dizia que o pior pecado que um homem já cometeu é o de ter nascido. Jó se apaixonara pela morte, como salvadora daqueles que sofrem, porquanto não antecipava uma vida pós-túmulo, boa ou má. Ele queria entrar no total esquecimento da morte. Coisa alguma podia explicar a *origem* de seus sofrimentos, exceto a *hostilidade* de Deus. A teologia dos hebreus era fraca quanto a causas secundárias, pelo que *todas as coisas,* boas ou más, eram lançadas na conta de Deus. Deus se tornara o perseguidor de Jó e encorajara seus "amigos" a serem *consoladores molestos* (vs. 2).

Destruíste a minha família. Jó havia perdido riquezas, servos e até a família. Tudo isso, descrito no capítulo 1, constituía as perdas de Jó. Além disso (capítulo 2), o seu corpo fora atacado da maneira mais violenta e virulenta. E isso só fez aumentar as suas dores, que já eram grandes. Talvez os *amigos* de Jó, que se tinham tornado seus atormentadores, também devam ser incluídos nessa "família". Jó estava sem familiares e sem amigos.

16.8

Testemunha disto é que já me tornaste encarquilhado. Além disso, havia as aflições que Jó sofria em seu corpo, descritas no capítulo 2. Ele estava ressequido por todo aquele sofrimento, prematuramente envelhecido. Havia perdido muito peso e estava reduzido a um esqueleto. Essas miseráveis condições testemunhavam contra ele, chamando-o de pecador sob o julgamento de Deus. Mas Jó sabia que havia alguma *outra razão* para seu deplorável estado. "Ele estava fisicamente emaciado, e a caveira de seu rosto estava em evidência (cf. Jó 17.7)" (Roy B. Zuck, *in loc.*).

> *Fez envelhecer a minha carne e a minha pele, despedaçou os meus ossos.*
>
> (Lamentações 3.4)

Tais coisas testemunhavam contra Jó, tal como se vê em Jó 10.7. Tais condições, para seus consoladores molestos, entretanto, eram provas inquestionáveis da depravação de Jó.

16.9

Na sua ira me despedaçou. *Deus, Fera Feroz e Destruidora.* Jó volta-se agora para outra símile chocante. Deus era como um animal feroz que despedaçava Sua vítima e, finalmente, matava. Jó havia caído como vítima inocente da fúria divina. O Deus-Leão o apanhou no campo, o derrubou no solo e o despedaçou com Seus dentes poderosos; esmigalhou seus ossos sem misericórdia e, pairando por sobre ele, olhou-o com olhos ferozes, preparado para matá-lo.

Na sua ira. Isto corresponde ao original hebraico, que também é seguido por outras traduções. Jó tornou-se homem odiado por Deus, e Deus tornou-se fera feroz, a qual, em seu ódio, gostava de aleijar e matar. A Versão Atualizada da Sociedade Bíblica corretamente retém a idéia de *hostilidade* nos atos de Deus. Não obstante, falamos em Deus como amor (ver I João 4.8). O feroz ataque divino tinha tirado de Jó qualquer pensamento sobre o Deus amoroso.

> *Se o homem não se converter, afiará Deus a sua espada; já armou o arco, tem-no pronto; para ele preparou já instrumentos de morte, preparou suas setas inflamadas.*
>
> (Salmo 7.12-13)

Jó, entretanto, não se arrependia. Por que, pois, o ataque? Porventura Deus também ataca os inocentes? Os intérpretes, cristianizando o texto, fazem de Satanás o autor dos ataques, mas a teologia dos hebreus, com sua doutrina de uma única causa, naturalmente atribuiu ataques a Satanás, como se Deus fosse a *causa real.* O Deus de Jó era um Deus *voluntarista.* Em outras palavras, um Deus cuja vontade é tudo, às expensas da razão e da justiça. Assim é que Trasímico perguntou: "Algo está certo porque Deus o fez, ou Deus o fez por estar certo?". O *voluntarismo* (ver a respeito na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia*) dá primeiramente como resposta o seguinte: Uma coisa é certa porque Deus a faz, através de Sua irresistível vontade, e Ele não é forçado a obedecer às regras morais que Ele mesmo impõe ao homem.

16.10-11

Homens abrem contra mim a boca. Jó continuou com a metáfora da fera terrível. Os homens, à semelhança de Deus, atacavam Jó com a boca aberta, prontos para despedaçá-lo com os dentes e, finalmente, consumi-lo no almoço. Mediante o "ódio" que Deus tinha (vs. 9), eles também infligem feridas. Além disso, não havia apenas um homem. Os homens circundavam Jó como uma matilha de animais selváticos, tornando-o objeto de um ataque comunal. Tal tratamento foi imediatamente transferido para Deus como a verdadeira causa de tudo (vs. 11). Foi Deus quem entregou Jó ao ataque de homens selvagens e violentos. Foi Deus quem o jogou, impotente e inocente, nas mãos de seus atacantes. Novamente, temos Deus como a Causa Única, bem como todas as coisas, boas ou más, atribuídas a Ele. Ver as notas expositivas sobre o vs. 9 deste capítulo.

"À semelhança de uma fera selvagem, Deus, em Suas hostilidades... atacou Jó e o despedaçou com ira (cf. Jó 14.13 e 19.11), e então rugiu e ficou olhando ferozmente para ele. *Além disso,* as pessoas zombaram de Jó (cf. Jó 30.1,9,10), derrubaram-no e, em sua oposição, aliaram-se contra ele como um grupo de soldados. Deus o havia deixado nas mãos de homens ímpios, uma óbvia *contradição* do que Elifaz deixou implícito, isto é, que Jó era ímpio (ver Jó 15.12-35)" (Roy B. Zuck, *in loc.*).

> *Todos os que me vêem zombam de mim... Contra mim abrem a boca, como faz o leão que despedaça e ruge.*
>
> (Salmo 22.7,13)

Outra metáfora poderia estar em vista aqui. Jó, atacado pelo leão (Deus) e deixado ferido e sangrando, sofre então *outra* desgraça. Supostos amigos chegam e encontram-no naquele estado miserável. Em vez de ajudá-lo, postam-se em redor dele, de boca aberta, a fazer pouco dele, atormentando-o com suas palavras. Então ferem-no no rosto para aumentar-lhe as dores. E continuam de pé em redor dele, respirando maldições e ameaças.

A Oração Pura de Jó (16.12-17)

16.12

Em paz eu vivia. Em seu desespero, Jó, uma vez mais, voltou-se para Deus em oração. Ele não dispunha de outro recurso, embora suas orações tivessem deixado de ser recebidas e ouvidas. Ele continuou tentando chegar ao fundo do problema. *Por que* esse sofrimento? Por que os inocentes sofrem?

Este versículo continua a metáfora da fera iniciada no vs. 9. Deus, o Leão divino, tinha apanhado Jó quando ele estava sossegado e não antecipava nenhum tipo de ataque ou reversão em sua vida confortável. O Leão segurou-o pelo pescoço, como é costume dos leões. Eles sacodem a vítima para quebrar-lhe o pescoço e têm facilidade em fazer tal coisa. Com o pescoço partido, o animal fica incapaz de defender-se e morre, e o leão faz então a sua festa. Jó tinha-se tornado o *alvo* dos ataques divinos. Um leão aproxima-se de um bando de animais para escolher a sua vítima. O bando não foge, porque a fuga é inútil. Os animais apenas ficam por ali de pé, aguardando que o leão mate apenas um, e cada animal espera não ser a vítima. Finalmente, o leão, observando calmamente os animais, escolhe um e ataca. A vítima cai e é devorada. Por quê? Jó perguntou por que *ele,* homem inocente, fora escolhido como alvo do ataque divino? Cf. Jó 10.16, onde encontramos a mesma figura de linguagem.

Jó referiu-se à súbita ruptura de sua paz (ver Jó 15.21) e à extinção de seus filhos (Jó 15.33,34) pelos ataques divinos repentinos. Ele se refere a esses desastres respectivamente nos vss. 12a e 15b. Jó havia entornado a taça de amargura e provado formas extremadas de dor e humilhação. Contudo, foi capaz de levantar a cabeça e oferecer outra oração.

16.13

Cercam-me as suas flechas. *Uma Nova Metáfora: Arqueiros Habilidosos.* Os arqueiros jogaram suas flechas, e o corpo de Jó foi rasgado. Seus rins foram abertos e a sua bílis derrama-se no chão. Jó ficou ferido e sangrando. Em breve morrerá. Os arqueiros são os *instrumentos* que infligem dor e morte. Foi *Deus* quem os mandou. Eles cumpriram a vontade de Deus. Mas ali no chão, note bem o leitor, está um homem *inocente.* Por quê? Há uma alusão aos três atormentadores de Jó, a terrível tríade. Eles lançavam suas flechas contra Jó, mas a figura de linguagem inclui *todos* os seus sofrimentos, sem importar as suas causas.

A metáfora poderia basear-se na guerra ou na *caça.* Jó estava sendo caçado incansavelmente pelos inimigos que Deus enviara para "matar o animal". As flechas abriram vários órgãos vitais. Jó sofreu *múltiplos* ferimentos.

16.14

Fere-me com ferimento sobre ferimento. Os atacantes de Jó não se contentam em ferir e abrir seus órgãos vitais. Eles acusam e quebram todos os seus ossos. Eles o pisam enquanto ele jaz, impotente, no chão. Os arqueiros tornam-se agora um *gigante violento* que é capaz de quebrar um homem em pedaços, e passam a fazer exatamente isso.

A metáfora do presente versículo talvez não continue a do versículo anterior, mas pode ser uma nova metáfora: a do *exército atacante.* Esse exército parecia-se com um gigante sem misericórdia que esmagava suas vítimas, ataque após ataque. Nossa versão portuguesa, sem dúvida seguindo a Revised Standard Version, diz "guerreiro" em lugar de "gigante" e, com isso, algumas versões da Bíblia em português concordam.

> *O Senhor sairá como valente, despertará o seu zelo como homem de guerra; clamará, lançará forte grito de guerra e mostrará sua força contra os seus inimigos.*
>
> (Isaías 42.13)

16.15

Cosi sobre a minha pele o cilício. Seguindo as práticas orientais, Jó, o pobre homem, estava vestido com cilício e deitou poeira sobre a cabeça. Ver Gên. 37.34. Ele não mencionou o ato de rasgar as roupas, mas é provável que isso também estivesse envolvido. A palavra "orgulho" que aparece neste versículo provavelmente significa "cabeça", pois no original hebraico é "chifre". Jó teria usado uma metáfora na qual ele se parecia com um animal miserável, sentado ali sobre o montão de cinzas jogadas no monturo, com a cabeça coberta de imundícia. O "chifre", como parte da cabeça, representa a cabeça inteira. Ou, metaforicamente, uma idéia de "força" e, então, depreende-se que a sua "força" foi sujeitada à humilhação.

Ver no *Dicionário* os verbetes chamados *Pano de Saco* e *Lamentação,* especialmente a seção III, *Alguns Modos de Lamentação.* Em lugar de *chifre,* as versões portuguesas dizem "glória" ou "orgulho", que são *interpretações* da metáfora. O chifre pode ser metáfora que indica poder, autoridade ou eminência. Jó, pois, foi totalmente humilhado quando as cinzas chegaram aos seus *chifres.* Jó era um animal derrotado, não mais um ser humano. Ele havia perdido a sua humanidade.

16.16

O meu rosto está todo afogueado de chorar. Seu rosto estava corado de tanto chorar amargamente, inchado e desfigurado, e a *escuridão da morte* já começava a pesar sobre suas pálpebras, até que elas se fechassem definitivamente.

> *Por isso, caiu doente o nosso coração; por isso, se escureceram os nossos olhos.*
>
> (Lamentações 5.17)

"... como um homem moribundo, ele dificilmente podia erguer as pálpebras... Ele não estava esperando livramento da morte... havia um peso morto em seus olhos, a sombra da própria morte" (John Gill, *in loc.*). Ver a exposição em Jó 14.1-6. Alguns eruditos supõem que olhos lacrimejantes e fraqueza de visão estivessem entre os sintomas da enfermidade de Jó. Nesse caso, ele transformou alguns de seus sintomas em metáforas de sua horrenda condição, que acabariam por levá-lo à morte.

16.17

Embora não haja violência nas minhas mãos. Jó manteve a inocência por todo o caminho, em sua miséria. Sua oração era *pura,* portanto, havia uma *chance* de que Deus ainda pudesse ouvir um homem inocente, aliviando suas condições e salvando sua vida. Deus tinha deixado de responder às orações de Jó. Ele chegou a sentir que Deus trata do culto e do inocente da mesma maneira miserável.

> *Tanto destrói ele o íntegro como o perverso.*
>
> (Jó 9.22)

O Deus de Jó era um Deus voluntarista. Ver na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* o artigo chamado *Voluntarismo.* Dentro desse sistema, a *vontade* é suprema, com a exclusão da razão e da justiça. O Deus voluntarista não tem de obedecer às regras morais que Ele impõe aos homens. Sua vontade estaria acima de qualquer lei, mesmo de Suas leis. Eis por que, em seu trato com os homens, Ele pode tratar a todos igualmente, o bom e o injusto, o inocente e o culpado. Contudo, em seu coração, Jó continuava a esperar que sua inocência atraísse a *misericórdia* divina. Sem dúvida, a palavra *inocente* inclui a idéia de que Jó, sofrendo severas dores, não blasfemou contra Deus, conforme Satanás disse que aconteceria (Jó 1.11; 2.5). Portanto, o tema central do livro entra aqui: *adoração desinteressada.* Deverá um homem continuar a adorar a Deus, embora nessa adoração nada mais haja que contribua para sua vantagem pessoal? Seria um homem apenas um ser egoísta, mesmo em se tratando da fé religiosa? Embora, ao longo do caminho, Jó tenha proferido coisas que pudéssemos chamar de blasfêmias (ver o capítulo 9, versículo após versículo), o autor do livro espera que suponhamos que ele tenha permanecido livre de blasfemar. Pois se Jó blasfemou, então Satanás ganhou a aposta com Deus. O problema do sofrimento humano (ver sobre *Problema do Mal,* na seção V da *Introdução*) testou a qualidade da adoração e da fé de Jó. Esse é um tema secundário, mas é o tema *mais discutido* do livro de Jó.

Jó apegou-se à sua esperança com a tenacidade de um homem que estivesse morrendo e não tivesse outra esperança. Ele continuava lançando no rosto de Deus os seus protestos de *inocência.*

16.18

Ó terra, não cubras o meu sangue. "Jó implorou que a *terra* não *cobrisse o seu sangue,* ou seja, que a injustiça de sua situação fosse iluminada e seu clamor por justiça não fosse sepultado juntamente com seu corpo, sob a superfície do solo, sendo esquecido. Sangue inocente era derramado sobre o chão. O sangue seria absorvido pela terra, de modo que ninguém visse o crime que estava sendo cometido. Por conseguinte, Jó retratou Deus como se Ele fosse um assassino que esconderia sangue inocente na terra. Então ninguém poderia jamais dizer: "Vede o que Deus fez a um homem inocente!". Jó pleiteou com a terra para não permitir que tão grande injustiça fosse perpetrada. Talvez o versículo aluda ao caso de Caim e Abel. Caim matou, e a terra absorveu o sangue inocente de Abel. Mas esse sangue clamou a Deus, pedindo vingança. Ver Gên. 4.10.

"Seu *assassinato* deveria ser vingado. A terra, personificada, é convidada a assistir à vingança (cf. Gên. 4.10,11)" (*Oxford Annotated Bible,* comentando sobre o vs. 18). Jó comparou-se a alguém que estivesse sendo assassinado, cujo sangue a terra se recusasse a beber, até que ele fosse vingado (Gên. 4.10,11; Eze. 24.1,8; Isa. 26.21)" (Fausset, *in loc.*).

16.19

Já agora sabei que a minha testemunha está no céu. *Testemunha.* Jó agora apela para a esperança de que outra testemunha cooperasse com ele, em sua inocência. Ele viu a possibilidade de uma testemunha interceder e pleitear em favor dele no Tribunal Celeste. Tal testemunha tornar-se-ia seu advogado perante Deus, para defendê-lo. Os intérpretes compreendem variegadamente a referência a essa *testemunha no céu,* a saber:

1. Talvez as *próprias palavras* de Jó, ao chegar ao tribunal celeste, se tornassem suas testemunhas. Elas seriam ouvidas, e Jó seria considerado inocente. A testemunha, entretanto, é personificada no vs. 20, e isso não se ajusta muito bem à idéia de *palavras.*
2. Talvez o *próprio Deus* esperasse tornar-se a testemunha de Jó e, finalmente, inocentá-lo, estando convencido pelos insistentes argumentos de Jó. Nesse caso, o Juiz também tornar-se-ia uma testemunha e intercederia pelo homem acusado. Esse é um significado um tanto desajeitado, mas não impossível.
3. Talvez esteja em pauta algum *ser angelical,* deixado indefinido, mas real, que poderia tomar o caso de Jó a fim de defendê-lo.
4. Jó parece retornar a Jó 9.33, onde existe a idéia de um *intercessor.* Possivelmente, ao longo do caminho, sua fé nessa idéia foi fortalecida, tendo adquirido mais alguns detalhes. Nesse caso, poderíamos vincular Jó 9.33 a Jó 19.25, onde temos o *Vindicador* (o *Redentor* de algumas traduções). Nesse caso, os versículos poderiam assumir um sentido messiânico, se realmente Cristo, o Redentor, estiver em Jó 19.25.

Este versículo está sujeito a muitas interpretações, e também podemos cristianizar o texto em demasia, vendo o Redentor (conforme entendemos esse termo) com o sentido de Jó 19.25. Em Jó 19.25, temos uma espécie de redenção, porque Jó, uma vez morto, voltaria à vida. É um erro, porém, empurrar esta idéia demasiadamente à redenção cristã. Seja como for, no *texto presente,* Jó não estava falando sobre a redenção espiritual. Apenas esperava que alguma testemunha convencesse Deus a interromper seus sofrimentos físicos, e, assim sendo, salvar sua *vida física. O quanto,* finalmente, Jó prosseguiu para além disso é uma questão aberta. Ver a exposição sobre Jó 19.25 quanto a um completo tratamento dos potenciais desse texto, o que demonstra algum *crescimento* na teologia de Jó. A teologia de Jó no capítulo 16 ainda não havia crescido o bastante para que ele pudesse falar sobre um Redentor em qualquer sentido significativo. Certamente nada existe no texto presente como a *justificação* cristã. Jó estava apenas pleiteando por sua vida física, não pela justificação de uma alma imaterial. Essa doutrina não fazia parte da teologia patriarcal, e só entrou no Antigo Testamento nos Salmos e nos Profetas, e, ainda assim, não muito claramente.

16.20

Os meus amigos zombam de mim. Embora os amigos continuassem zombando de Jó, ele continuava a pleitear diante do próprio Deus para reconsiderar o seu caso e para vindicá-lo, aliviando assim seus sofrimentos. A terrível tríade dos consoladores molestos de Jó (ver Jó 16.2) reagiu violentamente ao novo pretensioso discurso que ele acabara de proferir, e assim Jó falou da *zombaria* deles e pediu a Deus que o ajudasse, a despeito de seus zombadores. A idéia de uma

"testemunha celeste" que pudesse pleitear em favor de Jó era ridícula para os "consoladores", e as palavras zombeteiras deles denunciavam tal possibilidade. Note o leitor o *oxímoro* que há neste versículo: os *amigos zombadores* de Jó. Ver as notas expositivas sobre o vs. 2 deste capítulo quanto a tais figuras de linguagem. Esses *amigos zombeteiros* eram, igualmente, seus *consoladores molestos*.

Os meus olhos se cansavam de olhar para cima. Ó Senhor,
ando oprimido, responde tu por mim.

(Isaías 38.14)

16.21

Para que ele mantenha o direito do homem contra o próprio Deus. Uma vez mais Jó retornou à idéia de um *mediador*, uma *testemunha*, um *intercessor*. Ver as notas expositivas sobre o vs. 19, quanto a significados possíveis. Na sociedade humana, um homem em dificuldades pode chamar seus *vizinhos*, a fim de que o ajudem ou falem uma boa palavra em seu favor. Por que esse tipo de condição não poderia prevalecer no céu? Os tribunais humanos geralmente contam com esse tipo de procedimento. Não poderia uma pessoa esperar que o tribunal celestial propiciasse tal ajuda a um acusado? Naturalmente, a interpretação cristã sobre este versículo é que existe tal Pessoa, Jesus, o Cristo, o único Mediador entre Deus e os homens (ver I Tim. 2.5). Mas Jó não estava pleiteando em favor da justificação, nem em favor de sua alma imaterial. Ele apenas queria justiça que aliviasse seus sofrimentos físicos e salvasse sua vida física da morte prematura. Não obstante, ele tateava na direção de uma nova compreensão teológica que estava produzindo fruto e talvez lhe trouxesse uma vantagem significativa, conforme Jó 19.25 poderia indicar.

O Deus de Amor e do Inferno, juntamente,
Esse é um pensamento que não pode ser pensado.
Se houver tal Deus, que o Grande Deus
O amaldiçoe e o reduza a nada.

(Tennyson)

Jó esperava que seu Deus voluntarista cedesse diante de um Deus de Amor, e o resultado seria uma declaração de inocência, além do que o inocente seria livre, *vindicado*.

16.22

Porque dentro em poucos anos. *Jó Tornou a Cair no Pessimismo.* Tudo quanto restava a Jó era a morte inevitável, que o reduziria a absolutamente nada. Ele deveria ter pensado que lhe restavam alguns poucos e miseráveis anos antes que lhe fosse dado o alívio do nada proporcionado pela morte. Não havia esperança, e o que poderia parecer esperança era somente miséria. Foi assim que Jó logo abandonou a esperança de um intercessor e testemunha (vss. 19 e 21) e escorregou de volta nas trevas. Ver Jó 14.5 ss., quanto a esse mesmo tipo de pessimismo. Ao homem foram dados alguns poucos dias para viver, mas então lhe são cortados, como os homens cortam árvores que não revivem. Algumas árvores, de fato, voltam à vida, mas não o homem que é cortado pela morte. Ele se reduz a nada. Jaz no chão para nunca mais levantar-se, a não ser na ressurreição final, fique entendido. Ele dorme o sono eterno da morte.

Quanto ao fato de a vida ser cortada (sendo ela de poucos dias) cf. Jó 7.6,8; 9.25,26; 10.20; 14.1,2,5; 7.11. E quanto à idéia de que não há retorno à vida, após a morte, cf. Jó 7.9; 10.21 e 14.12.

Capítulo Dezessete

Não há interrupção entre os capítulos 16 e 17, portanto a introdução que dou no começo do capítulo 16 também se aplica aqui. Ver também as introduções aos capítulos 4 e 8 quanto ao plano dos discursos e suas características gerais.

Detido Sem Fiança (17.1-5)

Jó continuou a enumerar seus sofrimentos e a denunciar as injustiças divinas e humanas. Seu *pessimismo* (ver a *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia*) dominava tudo. Ele veio a encarar a vida como um mal, e a morte como uma paz interminável, uma salvadora. Mas ele estava falando de aniquilamento absoluto, não de um estado melhor para além do sepulcro.

17.1

O meu espírito se vai consumindo. A palavra hebraica *ruah*, "espírito", refere-se ao espírito psicológico de Jó, sua coragem, sua força psicológica, e não ao seu espírito ou alma. Seus sofrimentos deixaram-no *quebrantado*. O termo hebraico *hubbalah*, "quebrado", tem sido encontrado com o sentido de *jugos quebrados*, embora também possa significar "doentio" ou "distorcido". Jó fora reduzido a uma personalidade distorcida e agoniada, por todas as dores que sofria. Ele tinha uma *respiração ofegante*, que deixava entrever a morte iminente. A sepultura já estava com a boca hiante e em breve devoraria Jó, e ele deixaria de existir (ver Jó 16.22). O sepulcro se tornara a *porção dele*, conforme o hebraico poderia ser traduzido literalmente. "... o túmulo é a minha propriedade, a minha casa, onde espero estar em breve" (John Gill, *in loc.*, o qual, ato contínuo, cristianizou o texto, ao dizer "até a ressurreição"). Naquele momento, entretanto, Jó esperava somente o *aniquilamento*.

Minha respiração é laboriosa;
Meus dias estão extintos,
O sepulcro é meu.

(Samuel Terrien, paráfrase sobre o vs. 1)

17.2

Estou de fato cercado de zombadores. Entrementes, os *consoladores molestos* (ver Jó 16.2) continuavam zombando dele, com seus discursos mal informados e teologicamente limitados. Eles não compreendiam a *razão* de seus sofrimentos, zombando dele como um pecador secreto, que estava recebendo aquilo que merecia. "Testemunhando o fim iminente de Jó, seus amigos recusavam-se mais do que nunca a considerar suas reivindicações de inocência e persistiam em sua atitude de *provocação*" (Samuel Terrien, *in loc.*). A seus amigos ele chamava de zombadores, enquanto eles aumentavam seus ataques *hostis* contra Jó.

17.3

Dá-me, pois, um penhor. Jó, entretanto, não cedeu diante de seus consoladores-molestos-zombadores, mas renovou o contexto diretamente com Deus. Ele expressou uma oração de *desafio*. "Jó foi compelido a voltar à impossível possibilidade... o próprio Deus, que é o Juiz, deveria ser o seu Fiador" (Paul Scherer, *in loc.*). Deus deveria aceitar uma garantia por Jó, *até* que ele provasse estar inocente. Deus tinha de prover fiança, até que um julgamento justo fosse arranjado e executado. Jó requereu uma espécie de julgamento preliminar que dissesse: "Este homem pode ser inocente. Vamos examinar o seu caso". Cf. a certeza de um melhor pacto do Novo Testamento, em Heb. 7.22.

Quem mais haverá que se possa comprometer comigo? Literalmente, "bata as mãos com", um gesto que significa: "Sou o fiador deste homem. Pago a fiança deste homem, até que seu testemunho ocorra". "Provede uma *fiança* para ele no tribunal, uma fiança dada pelo réu, uma garantia que nenhuma vantagem será ganha contra ele: *desistir da segurança*, literalmente, bater mãos, uma prática mediante a qual um acordo foi ratificado (cf. Pro. 6.1; 11.15; 17.18 e 22.26)" (Roy B. Zuck, *in loc.*).

17.4

Porque aos seus corações encobriste o entendimento. Os consoladores-molestos de Jó eram indivíduos *dogmáticos* que pensavam que sua doutrina poderia resolver qualquer problema nos céus e na terra; assim, eles *fecharam a mente* contra qualquer explicação no tocante à *razão* do sofrimento humano. Eram *tradicionalistas* que encontravam *todas* as respostas em algum capítulo e versículo dos Documentos Sagrados, que eles aceitavam como a única regra de fé e prática. Eles se recusavam a raciocinar sobre a questão e fechavam a mente. Não tinham limites nem problemas em sua teologia. Mas o caso de Jó estava acima do poder da teologia deles, e não havia um capítulo ou versículo, em seus Documentos Sagrados, que pudesse explicar esse caso. Aqueles homens, caros leitores, eram *fundamentalistas combativos*. Jó apelou para que Deus não permitisse que eles triunfassem em seu joguinho, que lhe causava tanta miséria. Ele queria que o próprio Deus mostrasse os pontos inadequados da teologia deles.

Não os exaltarás. Estas palavras são interpretação de um trecho hebraico problemático. A frase também pode ser entendida como se *Deus* exultasse sobre Sua vítima, Jó. Mas alguns pensam que o trecho diz que *Jó* exaltaria a Deus, caso obtivesse a ajuda de que necessitava; Sal. 30.1 é dado como texto apoiador. A Septuaginta simplesmente omite a frase difícil como ininteligível. Talvez o que devemos entender seja o seguinte: "Tu, ó Deus, não Te exaltarás fazendo de mim uma vítima!". Mas essa é, igualmente, uma interpretação conjeturada.

17.5

Se alguém oferece os seus amigos como presa. O texto hebraico original desse versículo também é obscuro, o dando lugar a diversas traduções. A King

James Version faz dessa frase uma simples declaração de que aqueles que lisonjeiam amigos falharão, juntamente com seus filhos. A Revised Standard Version diz: "informes contra seus amigos", para obter suas propriedades. Tais homens terão perturbações e desastres em casa. Talvez o que esteja em foco seja que "Deus, como homem sem coração, ordene a seus amigos participar de uma festa, enquanto seu filho (Jó) sofre calamidades".

Ou podemos fazer da "lisonja" (King James Version) a "linguagem suave" dos amigos hostis de Jó. Aqueles que agirem dessa maneira terão calamidade em casa. Seus filhos *fracassarão,* ou seja, chegarão a um fim mau. John Gill fez da "lisonja" as *promessas vazias* feitas a Jó, de que ele seria restaurado, de que suas riquezas voltariam etc., caso ele se arrependesse. Adam Clarke, ao afirmar que esse versículo tem sido sujeitado a muitas interpretações, oferece a sua própria: "O homem que espera muito da parte de seus amigos será desapontado; apesar de depender deles, os olhos de seus filhos poderiam deixar de encontrar pão".

17.6

Mas a mim me pôs por provérbio dos povos. Jó tornou-se um provérbio tolo entre o povo, o fulcro de toda a espécie de piadas doentias. Também cuspiam nele, ou então, quando seu nome era mencionado, com desprazer, as pessoas cuspiam. Diz a nossa versão portuguesa "aquele em cujo rosto se cospe", o que é um significado possível. Jó era tratado como alguém em quem outras pessoas cospem, por motivo de *desgosto.*

> *Se seu pai lhe cuspira no rosto, não seria envergonhada por sete dias? Seja detida sete dias fora do arraial e, depois, recolhida.*
>
> (Números 12.14)

Cf. Jó 30.10, onde a figura de linguagem é repetida.

17.7

Pelo que já se escureceram de mágoa os meus olhos. Os olhos de Jó estavam gastos com seu choro e seu emagrecimento. Talvez seus males físicos tivessem afetado seus olhos, ou então ele estivesse falando metaforicamente. Mas *todos* os seus membros estavam debilitados a ponto de ele não ser capaz de sobreviver durante muito tempo. Em outras palavras, ele estava uma *ruína* física. Seus membros tinham perdido as forças e as funções. Ele se tornara uma *sombra* de suas condições físicas anteriores. "Qualquer aflição que debilite o arcabouço físico geralmente debilita a impressão visual que as pessoas tenham dele, na mesma proporção" (Adam Clarke, *in loc.*).

17.8

Os retos pasmam disto. Pessoas retas se espantariam diante da visão de Jó e requereriam alguma espécie de explicação dos motivos pelos quais isso acontecera, supondo ser ele um homem reto. Os inocentes levantar-se-iam contra os pecadores e protestariam contra o que ocorrera a Jó. Naturalmente, apesar de haver usado o plural, a fim de trazer a opinião de outras pessoas retas para ajudar sua causa (em sua imaginação), Jó estava falando de *seus próprios protestos* como homem inocente. Jó chamou seus atormentadores de *hipócritas. Eles* é que eram os pecadores, porquanto o tratavam daquela forma. Eles eram os hipócritas, porquanto fingiam ser pessoas retas, quando o tempo todo eram miseráveis que feriam os outros. Alguns estudiosos vêem uma *profecia* neste versículo. Jó seria restaurado e, quando isso acontecesse, os justos ouviriam a sua história com incredulidade, sacudindo a cabeça diante do fato de que um homem inocente sofreu como Jó sofreu. Essas pessoas haveriam de vociferar em altos protestos contra os hipócritas que tinham perseguido Jó.

17.9

Contudo o justo segue o seu caminho. O justo, à semelhança de Jó, manteria seu curso de vida de forma constante, a despeito das perseguições alheias, por estar convencido de sua inocência e de seu triunfo final. Suas mãos estavam limpas e ficariam cada vez mais fortes. Por alguns momentos, o espírito de Jó reviveu dentro dele, e ele viu a luz de um dia melhor. Talvez a imagem que temos aqui seja a de um guerreiro que adquire coragem renovada no meio da batalha.

> *Mas os que esperam no Senhor renovam as suas forças, sobem com asas como águias, correm e não se cansam, caminham e não se fatigam.*
>
> (Isaías 40.31)

"Nenhuma calamidade ou calúnia pode abalar a convicção de inocência de um homem justo. Ele se firmará no seu caminho; ele persistirá e até tornar-se-á cada vez mais forte na manutenção de sua retidão" (Samuel Terrien, *in loc.*).

17.10

Mas tornai-vos todos vós, e vinde cá. Disse Jó a seus amigos-críticos: "Aproximai-vos de mim, ó terrível tríade. Chegai perto de mim e deixai-me olhar para vós. Ao fazer isso, vereis somente hipócritas. *Vós* sois os pecadores! Não sois sábios, conforme reivindicais para vós mesmos. Não solucionastes qualquer problema. Sois apenas perseguidores de um homem inocente".

Falando com ironia, disse Jó: "Voltai-vos para mim e renovai os argumentos entre nós; mas não serei capaz de encontrar um homem sábio entre vós. Estou disposto a ouvir os vossos argumentos, mas confio quanto aos resultados negativos que daí resultarão" (Ellicott, *in loc.*).

17.11

Os meus dias passaram. Tendo desafiado os amigos com essas ousadas palavras (vs. 10), Jó caiu de novo no desespero. Sua época havia passado. Ele esperava agora uma morte para breve, e sua vida logo se acabaria. Não havia propósitos a serem cumpridos; tudo se acabara. Ele não tinha mais desejos no coração, coisas pelas quais trabalhar e realizar. Era como um homem nulo. No fim de seus discursos, Jó caía no pessimismo e falava amargas palavras de desespero. Cf. Jó 3.25,26; 7.21; 10.20-22 e 14.18-22. O texto hebraico original deste versículo está aberto a questões. O *hapax legomena* (palavras que aparecem somente por uma vez no Antigo Testamento), *morashe lebhabhi,* traduzidas aqui por "aspirações do meu coração", poderiam referir-se às *paredes* do *coração.* Então obteríamos uma tradução como:

> *Meus dias estão repletos com meus gemidos;*
> *Os ligamentos de meu coração se partiram.*

Se foram falados literalmente, então Jó estava simplesmente queixando-se de sua condição física cada vez pior, ou metaforicamente "tudo aquilo em que tenho posto meu coração se despedaçou". Seja como for, Jó tinha perdido a esperança na recuperação de sua saúde e nos seus propósitos na vida.

17.12

Convertem-me a noite em dia. *Os atormentadores de Jó* conseguiam transformar a noite em dia, apenas com *suas palavras,* e não na realidade. Eles lhe haviam prometido a luz de um novo dia, caso Jó se arrependesse, mas a luz que prometiam era o nada. Eles mantinham promessas vãs, mas na realidade não tinham descoberto a verdadeira razão dos sofrimentos de Jó.

Parece haver uma alusão ao discurso de Zofar, particularmente, em Jó 11.17: "A tua vida será mais clara que o meio-dia; ainda que lhe haja trevas, será como a manhã".

Jó, entretanto, não estava inclinado a confiar em falsas promessas, de modo que continuava em seu pessimismo. Ele só podia discernir a negridão da morte. O dia vem depois da noite. Essa é a ordem natural das coisas. Para Jó, no entanto, a natureza se tornara caótica, e não havia mais ordem na qual pudesse confiar.

17.13

Eu aguardo já a sepultura por minha casa. O *seol* era o destino pelo qual Jó esperava, a sua casa, o seu lugar de residência final. Ele se deitaria no meio das trevas, que poriam fim à sua história. O *Seol* (ver no *Dicionário*) veio a falar do lugar para onde vão os espíritos, bons e maus. Em seguida, foi dividido em dois compartimentos: um de *bem-aventurança,* para os justos, e outro de *castigo,* para os injustos. Mas a teologia de Jó ainda não havia avançado até esse ponto. O *Seol* (traduzido aqui por sepultura) é, meramente, a sepultura.

Cf. isso com Sal. 139.8, que diz: "Se subo aos céus, lá estás; se faço a minha cama no mais profundo abismo, lá estás também".

Este versículo representa um avanço em relação à teologia de Jó e chega a conceber uma alma que pode subir ou descer, e, quer tenha subido ou descido, pode encontrar Deus, que é onipresente.

17.14

Se ao sepulcro eu clamo: Tu és meu pai. *A Lamentável Família de Jó.* Jó havia perdido suas riquezas materiais, seus servos e sua família. Mas havia adquirido uma nova família. O abismo da morte, o lugar de corrupção se tornara seu pai! E o verme que consome o corpo se tornara sua mãe! Ou então esses vermes poderiam ser chamados de suas irmãs! Jó, em breve, haveria de adquirir uma família que consumiria seu corpo e poria fim total à sua existência. Uma família *usualmente* é uma unidade que suporta, ama e ajuda. A nova família de Jó cuidaria para que ele fosse completamente destruído. Sem dúvida, temos aqui um toque de *humor negro.* O estado doentio de Jó o fazia parente de elementos destrutivos que, finalmente, consumiriam seu corpo. Seu corpo, no sepulcro, sofreria o estado doentio final.

17.15-16

Onde está, pois, a minha esperança? Em outro toque de *humor negro,* Jó chama de *companheira* qualquer *esperança* que ele poderia ter, a qual levaria junto com ele para o sepulcro destruidor e sem esperança! A esperança acompanha o homem, e lhe dá forças para prosseguir:

> Vivo na esperança, o que, segundo penso, fazem todos quantos vêm a este mundo.
>
> (Robert Bridges)

Por outro lado, ditado pelo pessimismo: As esperanças são apenas sonhos daqueles que estão despertos.

(Pindaro)

A esperança de Jó era ter apenas uma sepultura como companheira. Tal como ele, a esperança pereceria ali na putrefação! Fosse como fosse, na poeira da morte, Jó encontraria a paz. Para ele, a vida se tornara um mal (ver na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* o verbete denominado *Pessimismo*), ao passo que a morte seria salvadora e consoladora. Ele olhava para o futuro não como uma existência pós-túmulo, que anulasse o sofrimento, nem como uma resposta para o problema do mal.

Capítulo Dezoito

Quanto ao plano geral dos discursos, ver a introdução ao capítulo 4, onde também dou notas expositivas sobre as circunstâncias e a natureza geral desses discursos. Quanto a outras notas expositivas sobre a questão, ver a introdução ao capítulo 8. O plano geral era que cada um dos três amigos-críticos de Jó faria três discursos cada, mas o terceiro falou apenas uma vez. Jó, então, deu a cada discurso uma réplica.

O *tema principal* do livro de Jó é a *adoração desinteressada.* Deveria um chamado homem piedoso, sob testes severos, preservar a sua piedade, ou cairia na blasfêmia? Ele adoraria Deus pelo bem para o "eu" que poderia obter dessa adoração, ou adoraria Deus por causa de Deus? Um homem é um completo *egoísta?* Faria o homem todas as coisas por si mesmo, até praticaria alguma fé religiosa, só por seus próprios interesses? O corolário necessário desse tema principal é uma longa discussão sobre o *problema do mal,* em que se busca a *razão* dos sofrimentos humanos. Esse é o tema de que se ocupa a maior parte do livro de Jó. Ver na *Introdução* ao livro, seção V, um estudo sobre o *Problema do Mal.* Quanto aos *problemas teológicos* do livro de Jó, ver Jó. 1.11.

O Segundo Discurso de Bildade (18.1-21)

Jó tentava desesperadamente encontrar alguma razão para o sofrimento humano, além da razão óbvia: a lei da colheita segundo a semeadura. Jó sabia que não estava pagando por seus pecados, embora, como seja óbvio, ele tivesse pecados. Contudo, seu sofrimento era tão gigantesco que não podia ser explicado à base de seus pecados. Ele simplesmente não tinha pecados tão grandes. O *porquê* de seus sofrimentos continuava escapando dele. Em contraste, seus amigos-críticos continuavam a tocar a mesma antiga música: a *Lei Moral da Colheita segundo a Semeadura* (ver a respeito no *Dicionário*) revolveria cada caso de sofrimento, incluindo o de Jó.

Os amigos de Jó eram indivíduos dogmáticos e tradicionalistas que resolviam todos os problemas mediante alguma declaração vinda do passado e por dogmas obtidos em seus pequenos círculos. Eles não tinham nenhuma resposta para isso e até se recusavam a considerar a questão. Quando Galileu asseverou que a terra estava *em movimento* e orbitava *ao redor do sol* (duas heresias em sua época!), os cientistas e teólogos recusaram-se a, ao menos, olhar em seu telescópio! Eles sabiam de tudo, portanto para que investigar? Jó, porém, defendia a *investigação livre.*

Bildade continuou a falar, empregando os tesouros da tradição. Belos truísmos foram proferidos, mas ele não via que poderia haver algo acima do que ele sabia. Ele tinha, convenientemente, posto a verdade em sua própria pequena sacola.

Perturbações da Ordem Natural (18.1-4)

18.1-2

Então respondeu Bildade, o suíta. Jó era um incansável caçador de palavras. A despeito de seu enfraquecimento orgânico, ele retinha seus poderes mentais. Era um caçador campeão de palavras e nunca desistiu de seu esporte. Bildade disse: "Nunca desistirás dessa caçada inútil, nem darás ouvidos à razão". Os amigos de Jó, naturalmente, eram o povo dotado de razão e sabedoria (ver Jó 12.1), e a sabedoria morreria juntamente com eles.

O discurso foi dirigido a uma pluralidade de pessoas, portanto devemos supor que Bildade tenha falado com Jó e com um grupo imaginário de circunstantes que estaria ao redor de Jó e poderia ter simpatizado com o caso dele. Bildade admirou-se porque Jó não parou de falar todos aqueles absurdos que somente confundiam o problema. Mais tarde, Jó replicou com o mesmo "Por quanto tempo?" (ver Jó 12.7-9), e essa conversa enraivecia a terrível tríade. Jó continuava a espetar com espinhos que irritavam e injuriavam, uma tradução duvidosa do original hebraico, mas que perfaz uma boa ilustração.

18.3-4

Por que somos reputados por animais...? Bildade agora objetava amargamente às palavras mordazes de Jó, de que os seus detratores nem ao menos eram tão sábios como os animais (Jó 12.7-8). Talvez os hipopótamos tivessem mais inteligência do que as escolas dos profissionais e eruditos. Nesse caso, ele era ensinado por Deus, enquanto os "sábios" cozinhavam seus próprios sistemas. Contrariando as palavras arrogantes de Jó, Bildade proferiu um discurso e acusou Jó de ser uma besta estúpida que rasgava a si mesmo em sua ira (vs. 4). Jó tinha acusado Deus de atacá-lo como se fosse uma fera selvagem (ver Jó 16.9) e, provavelmente, Bildade estaria dizendo que Jó estava no negócio da autotortura, porquanto recusava a arrepender-se e continuava provocando a ira de Deus. O próprio Jó seria o animal insano.

Será a terra abandonada por tua causa? Remover-se-ão as rochas do seu lugar? Jó havia acusado Deus de causar grandes cataclismos que destroem a esperança dos homens (ver Jó 14.18,19). Por conseguinte, Bildade zombou dele com essas palavras, perguntando se Deus faria alguma grande coisa por ele, somente porque ele fingia ser inocente. Deus não haveria de alterar o curso de Sua providência, quer negativa, quer positiva, por causa de um homem como Jó. Deus não cessaria seus atos de terror contra a natureza, nem faria coisas boas a Jó, o pecador culpado. Ele continuava arriscando uma catástrofe ao despertar a ira divina. A natureza estava contra Jó, e Deus estava por detrás da natureza. Mas nem esses fatos detiveram os discursos arrogantes de Jó. Bildade continuava a acusar Jó de ser um grande pecador, pensando que a providência natural de Deus, a operação de Suas leis, finalmente o mataria.

Apagando a Luz (18.5-7)

18.5-6

Jó seria engolido pelas trevas, porquanto a luz do homem ímpio está *destinada* a ser apagada. A *pequena fagulha* de fogo que ele possui é extinta de forma tão fácil. Jó era um caso queimado.

A vida, como é natural, está associada à luz, porquanto *não existe vida sem luz.* Cf. João 1.4.

Os ímpios brilham por pouco tempo. Sua pequena fagulha é visível ali nas trevas. Mas tudo isso passa muito depressa. A figura de linguagem baseia-se no nômade que vive em sua tenda. Esta noite brilha a luz de sua lâmpada. Amanhã, ele mudará sua tenda para outro lugar, mas, antes de fazê-lo, apagará a luz da noite passada. Jó era a lâmpada da noite anterior. Quando amanhecesse, não mais existiria no mundo dos vivos. Sua fagulha estaria morta; sua luz estaria extinta. Jó era como uma fagulha da fogueira do nômade que, na noite anterior, queimara tão brilhantemente. Mas hoje o homem move-se e apaga sua fogueira da noite que passou. O fogo e a lâmpada na tenda apontam para a vida e a prosperidade (cf. Jó 21.17; Pro. 13.9 e 20.20).

> *A luz dos justos brilha intensamente, mas a lâmpada dos perversos se apagará.*
>
> (Provérbios 13.9)

"Sua propriedade será destruída, e sua casa será pilhada. Ele e sua família chegarão a um final. Sua candeia será apagada. Ele não terá posteridade" (Adam Clarke, *in loc.*).

> *O espírito do homem é a lâmpada do Senhor, a qual esquadrinha todo o mais íntimo do corpo.*
>
> (Provérbios 20.27)

18.7

Os seus passos fortes se estreitarão. Os passos vigorosos de um homem demonstram sua mocidade relativa e sua boa saúde. Ele é dotado de vigor viril. Cf. Gên. 49.3; Osé. 12.3. "Talvez Bildade estivesse sutilmente aludindo ao horror que ele sentiu entre os povos semitas, sempre que o nome de uma família corria o risco de extinguir-se (cf. o vs. 19)" (Samuel Terrien, *in loc.*). Além de todas as outras tribulações, Jó corria o risco de ser o último de sua linhagem familiar. O caso ainda era mais triste quando se levava em consideração que o *próprio Jó* havia encurtado

seus passos por sua impiedade (de acordo com Bildade). Jó nunca atingira o lugar que havia determinado como seu destino na vida. Ele teria sua curta viagem lançada no esquecimento. Mediante seus próprios erros de aconselhamento, ele se precipitaria de cabeça na condenação. Jó continuava insistindo em sua mentira de ser inocente. O hipócrita, mais cedo ou mais tarde, dá um passo em falso, devido à sua falta de sabedoria, e, assim, chega a um fim repentino. "Não mais os seus passos são vigorosos e seguros. É o coração dentro dele que leva seus pés a tropeçar" (Paul Scherer, *in loc.*). "Ele tornar-se-á vítima de seus próprios artifícios" (Ellicott, *in loc.*). Jó tinha envelhecido prematuramente por causa de sua enfermidade. Ele não seria capaz de avançar muito longe na jornada da vida.

> *Em andando por elas, não se embaraçarão os teus passos; se correres, não tropeçarás.*
>
> (Provérbios 4.12)

O oposto disso era o caso de Jó. Ele havia decaído fisicamente em sua enfermidade.

> *Tu, minha porção sempiterna,*
> *Mais do que amigo ou vida para mim;*
> *Por todo o tempo em minha jornada de peregrino,*
> *Salvador, deixa-me andar contigo.*
>
> (Fanny J. Crosby)

18.8

Porque por seus próprios pés é lançado na rede. À *semelhança de um animal infeliz* que vagueia pela floresta, ele é apanhado em uma armadilha, mas infelizmente uma armadilha que ele mesmo preparou por seus pensamentos e atos insensatos. Ele tem a consciência pesada, mas não quer admitir isso. Vive rodeado por ardis, e neles cai. O autor usa vários tipos de armadilhas para descrever a queda do homem pecaminoso em seus próprios artifícios. A *rede* e os *laços armados* estão entre eles. Mas, quanto ao segundo, a Revised Standard Version diz "armadilha". Talvez esteja em foco um trabalho de treliça sobre um buraco.

Bildade usou *oito* palavras diferentes para indicar tipos de armadilhas, mas algumas podem ser apenas uma multiplicação de sinônimos. Seja como for, os presentes versículos estabelecem o recorde para o uso veterotestamentário de tais palavras. A mensagem é clara: "Qualquer coisa que Jó fizesse, ele seria imediatamente apanhado em uma armadilha" (Roy B. Zuck, *in loc.*). Bildade falava sobre as providências divinas. O pobre homem estava colhendo o que havia semeado.

18.9

A armadilha o apanhará pelo calcanhar. Certo tipo de armadilha o apanharia pelo calcanhar, talvez uma armadilha de metal com uma mola. Os dentes da armadilha o agarram pelo calcanhar e ele sente dor. Assim também uma espécie de laço espera pelo pecador. Havia três tipos gerais de armadilhas dessa variedade: 1. O *buraco* coberto, no qual o animal caía. Os caçadores e cães vinham atrás do animal em fuga. Uma porcentagem deles cairia nessas armadilhas. 2. Vários tipos de *redes*. Essas poderiam ser espalhadas entre os ramos das árvores ou estendidas no chão. 3. *Armadilhas mecânicas,* objetos que tinham um conjunto de dentes que se fechavam quando se pisava em cima deles.

18.10

A corda está-lhe escondida na terra. Este versículo repete poeticamente o que fora dito antes, para efeito de ênfase. O *caminho* do pecador está impedido por armadilhas. É inevitável que ele seja apanhado, em conseqüência de suas iniqüidades. Ele mesmo garantiu a própria queda, devido às muitas *armadilhas* que seus atos prepararam. "O designio disso é mostrar quão *subitamente* os homens ímpios são apanhados por redes, armadilhas e ardis de vários tipos, tudo de sua própria fabricação. Ele pode clamar: 'Paz, paz', mas uma súbita destruição se apossa dele. Ver Eclesiastes 9.12 e I Tes. 5.3" (John Gill, *in loc.*).

> *Pois o homem não sabe a sua hora. Como os peixes que se apanham com a rede traiçoeira e como os passarinhos que se prendem com o laço, assim se enredam também os filhos dos homens no tempo da calamidade, quando cai de repente sobre eles.*
>
> (Eclesiastes 9.12)

18.11

Os assombros o espantarão de todos os lados. *Terrores haverão de cercá-lo* por todos os lados, caçando-o como a um animal perseguido, até que cai em uma armadilha. Havia tantas armadilhas que ele não seria capaz de evitar todas elas. Ele acabaria sendo vítima de seus próprios feitos, *inevitavelmente*. "De pé, parado ou movimentando-se, o homem mau é dominado por temores, por dentro e por fora, e sua felicidade é distorcida por sua desintegração interior" (Samuel Terrien, *in loc.*). Quanto aos temores, comparar com o vs. 14 e com Jó 24.17.

> *... Terror-por-todos-os-lados.*
>
> (Jeremias 20.3)
>
> *Terror por todos os lados; conspirando contra mim, tramam tirar-me a vida.*
>
> (Salmo 31.13)
>
> *Busquei o Senhor, e ele me acolheu; livrou-me de todos os meus temores.*
>
> (Salmo 34.4)

18.12

A calamidade virá faminta sobre ele. Além de todas as outras tribulações, como um animal caçado por cães, Jó é debilitado pela fome e em breve haverá de tombar por terra. E quando assim acontecer, ele entrará em maiores calamidades ainda.

> *Em vindo o vosso terror como a tempestade, em vindo a vossa perdição como o redemoinho...*
>
> (Provérbios 1.27)

Diz a versão caldaica: "Que seu filho primogênito passe fome, e que a aflição seja preparada para a sua esposa", por meio de uma paráfrase que supostamente dê o sentido ao versículo. Ele é aqui interpretado como o *filho primogênito,* tal como em Gên. 49.3, mas o significado é dúbio. O Targum e Jarchi concordam, porém, com essa idéia.

18.13

A qual lhe devorará os membros do corpo. Este versículo pode declarar especificamente o que poderia ser o significado do vs. 12. Talvez tenhamos dupla referência à destruição da família do pecador, que persiste em seu caminho. Sua possessão mais entesourada, seu *filho primogênito,* cai em calamidades que seu pai causou. Mas ali o primogênito não é seu próprio filho, e, sim, "o filho primogênito da morte", ou seja, alguma praga. A versão caldaica, entretanto, continua com a idéia de que é a *família* do homem que é vítima da insensatez do pecador. "... o anjo da morte consumirá seus filhos". O *filho primogênito da morte* pode apontar para "a pior das pragas", aquela que tem uma força especial, tal como o primogênito de um homem é a sua *força* (ver Gên. 49.3).

Quanto a morrer por causa da própria iniqüidade, ver as notas expositivas em Deu. 24.16 e Eze. 18.20. Quanto a morrer por causa dos pecados do próprio pai, ver Êxo. 20.5.

A Revised Standard Version diz aqui: "Pela enfermidade sua pele é consumida". O original hebraico diz, porém: "Consome os membros de sua pele", que nossa versão portuguesa interpreta como aquela que lhe devorará os membros do corpo. A alusão é a uma perigosa e muito avançada doença cutânea que figurava entre os males físicos que atingiram Jó. Mas a *pele* representa *todos os membros* do corpo totalmente enfermo.

18.14

O perverso será arrancado da sua tenda. Um homem que esteja em sua própria casa tem certo sentimento de bem-estar e confiança. Ali ele se sente protegido. Mas o terror virá e o "arrancará da sua tenda". Naturalmente, a *tenda* dos nômades está em foco aqui, sendo uma "casa" precária. A confiança de um homem será de súbito anulada. A *tenda,* nesse caso, pode falar do *corpo,* mas não há idéia de que uma alma imaterial é retirada do corpo por ocasião da morte. O versículo pode significar que um homem tem uma falsa confiança, um falso senso de segurança e consolo. Mas, se ele é um pecador, então sua falsa confiança subitamente se transformará em temor. A praga (ela, no hebraico, personificação feminina da praga) que o fere em seguida o conduz ao *rei dos terrores,* isto é, a seu temível executor, para que sua vida termine na miséria, após muitas torturas.

"Rei dos terrores. Talvez a mais notável personificação de forças invisíveis a ser encontrada na Bíblia" (Ellicott, *in loc.*).

A morte tem sido chamada por muitas coisas temíveis, devido ao terror que ela é em si mesma, bem como a à dos terrores que ela pode trazer.

Os portões do rei do inferno estão aqui, conforme se noticia.

(Virgílio, Aen. Vi. Vs. 100)

Oh, Plutão, tu, rei das almas.

(Sófocles, *oedip. Col. Vs.* 1638)

Ou seja, o demônio, ou deus invisível do submundo, que arrebata as almas para seu reino temível, quando seus corpos morrem.

18.15

Nenhum dos seus morará na sua tenda. *O lar do pecador enfermo* poderia ser simplesmente incendiado, ou então, se alguém quisesse aproveitar o lugar e morar ali, a tenda teria de ser desinfetada com enxofre e ácido sulfúrico. Este versículo apresenta a segunda possibilidade. Portanto, o que era antes símbolo de confiança do homem é transformado em outra coisa por ocasião de sua morte. Tendo perdido sua residência, o homem tinha de sair ao encontro do rei dos Terrores. O versículo pode dar a entender que algum *ato violento* lançou o pecador para fora de sua casa, o que era verdadeiro no caso da família de Jó. Mas nesse caso, foi um vento violento que fez o trabalho (ver Jó 1.19).

Plínio (*Hist. Nat.*, lib. xxxv. cap. 15.) fala de certo uso do enxofre que santifica e limpa as casas, mantendo longe todos os encantamentos e expulsando espíritos demoníacos imundos que poderiam perseguir o lugar. Ninguém viveria em uma casa que fora residência de um homem ímpio, sem que ela passasse pelo *expurgo* apropriado. Os ritos de Baco tinham cerimônias de expurgo que empregavam enxofre, água e a circulação dos ventos.

Compare o leitor o presente versículo com o expurgo do fogo divino (ver Jó 1.16), que destruiu as ovelhas e os servos de Jó. Cf. também a destruição de Sodoma e Gomorra mediante o fogo e o enxofre (ver Gên. 19).

18.16

Por baixo secarão as suas raízes. *Outra Metáfora.* Agora Bildade ilustrava com uma *metáfora botânica.* Uma pessoa iníqua é comparada a uma árvore ou um arbusto cujas raízes estão ressecadas desde debaixo da terra, e, acima do solo, os ramos mortos foram simplesmente *decepados.* Por conseguinte, o pecador deve morrer. Bildade já tinha usado a figura da árvore. Ver Jó 8.16-19. Embora cortadas, muitas árvores são capazes de "voltar" à vida,; mas Jó não era como uma árvore. Ele não tinha raízes vivas para realizar esse milagre. Suas raízes também estavam ressecadas. Nenhum novo crescimento poderia ser esperado. Quanto a um completo desenvolvimento da metáfora, ver a exposição nas referências dadas. Ver também o mesmo tipo de argumento, na discussão de Elifaz, em Jó 15.30.

Murcharão por cima os seus ramos. O Targum faz os "ramos" falar dos *filhos* de Jó, renovando assim a metáfora dos vss. 12-13. Ver também Jó 8.12, onde o sentido é aparente. "Ele será totalmente destruído, tanto em si mesmo como em sua posteridade, como também em sua propriedade, como uma árvore cujos ramos tivessem sido *todos* cortados, e cujas raízes tivessem sido decepadas" (Adam Clarke, *in loc.*). Talvez a figura em vista seja o temível *raio* que bate em uma árvore, sacode todos os seus ramos e até queima as suas raízes.

18.17

A sua memória desaparecerá da terra. Tudo quanto ele tem será destruído, e a destruição será tão completa que varrerá a sua memória da face da terra. Nenhuma posteridade continuará o seu nome, e ninguém se lembrará dele. Ele foi apenas outro pecador que caiu diante dos terrores de Deus e transformou-se em nada. Os justos, porém, são mantidos em *memória eterna* (ver Sal. 112.6), mas até o nome do indivíduo iníquo é esquecido. Nenhum monumento foi jamais levantado em memória dele. Ele poderia ter sido um homem *famoso.* Poderia ter vivido uma vida piedosa, poderia ter surpreendido os seus contemporâneos, e sua sabedoria poderia ter sido ensinada às gerações sucessivas. Em lugar disso, ele simplesmente caiu no esquecimento.

Porque os vivos sabem que hão de morrer, mas os mortos
não sabem cousa nenhuma, nem tão pouco terão eles
recompensa, porque a sua memória jaz no esquecimento.

(Eclesiastes 9.5)

18.18

Da luz o lançarão nas trevas. O indivíduo *iníquo* ficou por algum tempo na luz, mas logo foi *expulso* dali por meio de julgamentos violentos, forçado a entrar nas trevas da morte. Ele esteve no mundo por algum tempo, mas severos julgamentos divinos "expulsaram-no dali". Ele não era digno de continuar vivendo para ocupar espaço neste mundo. Ele foi subitamente removido, e seu lugar se perdeu. Sua casa foi para outrem (vs. 15). Ele foi esquecido, conforme merecia. Nenhuma posteridade continuou a sua vida (vs. 15). Quem poderia importar-se se ele viveu e morreu?

A esperança mundana do coração dos homens
Vira cinzas – ou prospera; mas imediatamente,
Como a neve, sobre a face poeirenta do deserto,
Após perdurar uma hora ou duas – desaparece.

(Omar Khayyan, Rubaiyat, est. xvii)

De acordo com a teologia patriarcal, o ímpio só podia esperar pelo *aniquilamento* completo, e isso é verdade mesmo quando pensamos no indivíduo justo. Somente em tempos posteriores (dos Salmos e dos Profetas) foi que o conceito de uma alma imaterial entrou na teologia dos hebreus. No livro de Jó não temos nenhum julgamento em uma dimensão imaterial. Isso também pertence a uma época posterior.

"O ímpio é *expulso* desta vida. Ele não quer ir. Ele não quer morrer. Mas o julgamento de Deus *força* a questão. O homem espera pela 'não-existência'" (Fausset, *in loc.*).

18.19

Não terá filho nem posteridade entre o seu povo. Ele não deixará filhos e nenhum outro parente próximo. Seu nome perder-se-á para sempre. Ninguém se lembrará dele; ninguém se importará com isso. Não há "nenhum sobrevivente onde ele costumava viver" (Revised Standard Version). Seu nome desaparece completamente da terra. Ele não deixa herdeiros, nem sucessores, nem sobreviventes de qualquer espécie. Ele morre em total *desolação.*

18.20

Do seu dia se espantarão os do ocidente. O homem, por seu fim de vida agonizante e por sua morte final, espantou homens do Ocidente e do Oriente. Sua história é contada por toda a parte, e seu exemplo é deplorado. Como poderia um homem supostamente bom chegar aonde ele chegou? O *horror* abala aqueles que contam e ouvem a história da vida e da morte do homem. Ele se torna um notório exemplo negativo. O autor referia-se aqui às duas divisões principais da civilização com as quais os habitantes do deserto da Arábia estavam acostumados: a divisão do Ocidente e do Oriente. As limitações geográficas e a falta de conhecimento do "globo" criaram esses limitados pontos de referência. Por igual modo, temos referências geográficas ao "mar ocidental" (Deu. 11.24), isto é, ao mar Mediterrâneo, e ao "mar do oriente" (Eze. 47.18), isto é, o mar Morto. O caso de Jó tornou-se *notório,* e não *famoso.* Notório significa famoso de *maneira negativa.* Ele poderia assustar homens, longe e por toda a parte, mas eles diriam: "Quão terrível! Como pode um homem chegar a tal estado?". O caso de Jó, por conseguinte, tornou-se um *aviso* para todos, e não uma bênção e um exemplo a ser seguido.

18.21

Tais são, na verdade, as moradas do perverso. O que aconteceu a Jó era típico das residências dos ímpios. Qualquer indivíduo que agisse como Jó, reivindicando todo o tempo a sua inocência e zombando de Deus, só poderia esperar chegar a um fim como o dele. Jó nem ao menos conhecia Deus, ou não teria feito o papel de tolo como fez. Jó se afirmava sábio e piedoso, mas sua vida e morte mostravam que ele era um mentiroso hipócrita. Jó afirmava conhecer o caminho de Deus, mas tudo quanto fazia, de fato, era desviar-se desse caminho. Ele esquecera Deus (ver Jó 8.13). O caso de Jó deve ter sido um caso de desvio gradual para a impiedade. Tal desvio levou-o a um estado de impiedade no qual Deus não mais o reconhecia. Ele fora esquecido pelo Ser divino.

Conhecer Deus. Ou seja, ter alguma espécie de comunhão e iluminação da parte Dele; fazer Sua vontade; ter sabedoria da parte Dele; andar em Seu caminho; ter espiritualidade e adoração verdadeira. Jó parecia antes um réprobo que não tinha nenhuma dessas qualidades. Jó vivia sem Deus. Ele poderia ter *acreditado* na existência de um Deus, mas era um *ateu prático* (mesmo que não fosse um ateu teórico).

Capítulo Dezenove

Este capítulo apresenta a segunda réplica de Jó ao segundo discurso de Bildade. O plano dos discursos foi que os três amigos-críticos de Jó falassem por três vezes, mas o terceiro deles pronunciou apenas dois discursos. Jó respondeu a esses discursos, um de cada vez, apresentando as suas réplicas. Quanto ao

plano geral e descrições das principais circunstâncias e de suas idéias principais, ver a introdução ao capítulo 4. Ver as notas adicionais na introdução ao capítulo 8 e também a introdução ao segundo discurso de Bildade, no começo do capítulo 18. Quanto aos problemas teológicos do livro, ver as notas em Jó 1.11.

Até este ponto, os consoladores molestos de Jó (ver Jó 16.2) só tinham tocado uma música: os sofrimentos de Jó resultavam de sua vida pecaminosa; isto é, o que ele havia semeado, estava colhendo. Ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Lei Moral da Colheita segundo a Semeadura*. Outra idéia é a de que o sofrimento é uma disciplina da qual os indivíduos bons tiram vantagem. Mas a terrível tríade não tocou no problema de Jó, embora suas respostas, como é óbvio, tivessem muito que ver com o problema do sofrimento humano, o problema do mal: por que os homens sofrem e por que sofrem como sofrem. Ver também, quanto a esse título, no *Dicionário*, um exame mais detalhado do problema. O caso de Jó era diferente, porquanto ilustrava que os inocentes também sofrem. Isso complica as coisas e insula enigmas na situação. Talvez os sofrimentos dos inocentes se originem do *caos*, conforme Rom. 8.20 mostra que pode acontecer. Nesse caso, não há nenhuma *razão* para os sofrimentos, tão-somente o fato agonizante de que, algumas vezes, até para o homem bom as coisas podem ocorrer sem motivo aparente.

O *capítulo à nossa frente* levanta outra resposta ao problema do mal: um pós-*vida* em que os males da vida presente são anulados (ver Jó 19,25,26). Essa é uma excelente esperança, talvez a mais importante consideração destacada, quando o problema do mal é ventilado. Mas nem isso explica por que os inocentes sofrem nesta vida. Explica, *em última análise*, que todo o sofrimento é anulado em uma gloriosa nova vida que pertence ao espírito. Jó obteve alguma iluminação sobre isso, mas não conseguiu nenhum delineamento. Pelo menos, ele estava no caminho para um maior desenvolvimento, considerando-se os sofrimentos. A teologia patriarcal não incorporava a vida para além do túmulo, nem para os bons nem para os maus. Jó, por conseguinte, rompeu com suas crenças fundamentais e aventurou-se a algo melhor. Sua investigação do problema produziu alguns resultados, ao mesmo tempo que seus críticos continuavam expressando os *antigos argumentos*, estagnados em seus dogmas. Indivíduos dogmáticos e tradicionalistas podem ser piedosos, mas nunca irrompem para novos terrenos teológicos. Antes, ficam estagnados em seus sistemas. "Jó... irrompeu os limites de sua presente condição (vss. 22-24) e transcendeu o prospecto inevitável de sua *morte* iminente. Ele se apegou e triunfou quanto à certeza de uma visão final de Deus (vss. 25-29)" (Samuel Terrien, *in loc.*).

"Jó elevou-se a um novo nível de confiança espiritual, certo de que *veria Deus* e seria vindicado por Ele (vss. 23-29)" (Roy B. Zuck, *in loc.*).

19.1-2

Então respondeu Jó. Jó começou sua réplica repetindo a própria introdução de Bildade aos seus dois discursos: "Até quando...?". Ver Jó 8.2 e 18.2. "Disseste 'até quando?' em tua exasperação comigo e, por isso, agora digo: 'Até quando?', em minha exasperação com tu". Suas palavras danificadoras tinham exercido o seu efeito. Por quanto tempo aquilo continuaria? Por quanto tempo Jó teria ainda de esperar até que alguém dissesse algo significativo sobre o porquê do sofrimento humano? Por que homens *inocente sofrem? Os consoladores molestos* de Jó (ver Jó 16.2), embora reivindicassem ser homens bons e sábios, somente continuavam a vexar a alma de Jó com palavras que o deixavam *aquebrado*. "As palavras fazem um dano incrível quando se derivam do orgulho (ver Jó 6.28-30) e da falta de entendimento e simpatia (ver Jó 6.14,18), ou do temor (ver Jó 6.21-27), ou da presunção (ver Jó 6.28-30)" (Paul Scherer, *in loc.*). Contraste o leitor com as palavras de amor que confortam e curam.

A boca fala daquilo que o coração está cheio (ver Mat. 12.34), e o que está ali é lançado no rosto dos ouvintes. Quando há amor no coração, há cura. Mas quando há *ódio* no coração, então o único resultado possível é o *dano*. "Nenhum deles parece ter sido tocado com um sentimento de ternura para com Jó, nem tipo algum de expressão terna, em nenhuma ocasião, saiu de seus lábios. Que todos aqueles que seguem o mau exemplo deles sejam arrolados nos anais da má fama!" (Adam Clarke, *in loc.*).

A cada palavra morre uma reputação.

(Alexander Pope)

Um caráter morre a cada palavra.

(Richard Sheridan)

Cada palavra é um ferimento.

(Shakespeare)

19.3

Já dez vezes me vituperastes. O autor sacro não queria realmente dizer "dez vezes", nem mais nem menos. Antes, quis dizer "repetidamente". Cf. Gên. 31.7; Núm. 14.22. Seus amigos tinham levado Jó à mais completa humilhação, totalmente alienados. Há muito tinham deixado de ser seus amigos, tornando-se *atormentadores* ou *consoladores molestos* (Jó 16.2), conforme diz o oxímoro. Ver Jó 16.2, sob o título "consoladores molestos". Suas costas estavam alquebradas sob os pesados golpes verbais. Seu coração desmaiava dentro dele. O ódio velo a inspirar os discursos deles. Eles estavam cometendo assassínio espiritual e emocional. "Até quando... me quebrantareis com palavras?" (ver o vs. 2; Jó 22.9; Lam. 3.34 e Isa. 53.5). A tortura moral é similar ao tormento físico e não é menos prejudicial" (Samuel Terrien, *in loc.*). Embora infligissem tão grande dor em um *amigo*, não se envergonhavam e continuavam alegremente em seu curso.

Senhor, disse eu,
Jamais eu poderia matar um meu semelhante;
Crime de tal grandeza cabe a um selvagem,
É o crescimento venenoso de mente maligna,
Ato alienado do mais indigno.

Senhor, disse eu,
Jamais eu poderia matar um meu semelhante;
Um ato horrível de raiva sem misericórdia,
A punhalada irreversível de inclinações perversas,
Ato não imaginável de plano ímpio.

Disse-me o Senhor:
Uma palavra sem afeto, lançada contra vítima que odeias,
É um dardo abrindo feridas de dores cruéis.
Bisbilhotice corta o homem pelas costas,
Um ato covarde que não podes retirar.

Ódio no teu coração, ou inveja levantando sua horrível cabeça,
É desejo secreto de ver alguém morto.

(Russell Champlin, meditando sobre Mat. 5.21,22)

19.4

Embora haja eu, na verdade, errado. *Se Jó tivesse pecado* (errado), ele o saberia, e o pecado estaria em sua memória e consciência. Ele não confessava um pecado nem concordava com as acusações de seus oponentes. Ele meramente ofereceu uma conjectura que rejeitou imediatamente a acusação, asseverando que não tinha consciência nem memória de infração alguma que pudesse ter causado tão grande sofrimento. Cf. Jó 6.24, onde Jó assevera que estava ansioso por ser ensinado por Deus, *caso* estivesse em dor por causa de pecado. Se ele errasse, nem por isso teria ferido os seus detratores. Eles não estavam sofrendo dores. Por conseguinte, deveriam estar dispostos a fazer um julgamento justo. Que ele não feriu a outros por haver conjeturado o pecado, é o significado que alguns intérpretes encontram nas palavras "comigo ficará o meu erro". Mas o mais provável é que não foi isso o que o autor sagrado quis dizer. Sua família e seus servos morreram, presumivelmente por estarem perto demais do pecador, e foram atingidos pelo raio divino por causa dessa proximidade. Pelo contrário, essas palavras significam que Jó não tinha *memória ou consciência* de qualquer grande mal que tivesse o poder de provocar tão grande agonia.

19.5

Se quereis engrandecer-vos contra mim. Os amigos-críticos de Jó queriam *dominá-lo*. Eles se exaltavam às expensas de Jó, o homem sofredor. Magnificavam a justiça deles, aviltando Jó. Eles eram o povo, e a sabedoria haveria de morrer com eles (ver Jó 12.2). "Faziam da humilhação um argumento contra ele" (Revised Standard Version), continuando a asseverar que seu pecado o pusera onde ele estava naquele dia. Ele *se humilhara* por seus tolos pecados secretos, que Deus tinha julgado abertamente.

Não suceda que se alegrem de mim e contra mim se engrandeçam quando me resvala o pé.

(Salmo 38.16)

Ver também Oba. 12 e Eze. 35.13.

19.6

Sabei agora que Deus é que me oprimiu. Jó não se derrubara por meio de atos insensatos. *Deus é que* tinha feito isso. Jó voltou a acusar Deus por causa de seus sofrimentos. Deus era a *Causa Única* de seu estado. A teologia dos hebreus era fraca quanto a causas secundárias, portanto todas as coisas, boas ou más, eram lançadas na conta de Deus. Isso facilitou o desenvolvimento da

doutrina do Deus voluntarista, que agirna sem razão e sem lógica. Deus dá regras aos homens e controla a moralidade deles, mas não tem de obedecer às Suas próprias regras. A vontade de Deus é suprema, e aquilo que Ele faz através dessa vontade está automaticamente certo, creiamos ou não na justiça de Seus atos. Quanto a detalhes completos sobre essa doutrina, ver na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* o artigo chamado *Voluntarismo.*

"Uma vez mais, Jó lançou a culpa diretamente a Deus. Cf. Jó 3.23; 6.4; 7.17-21; 9.13,22,31,34; 10.2,3; 13.24-27; 16.7-14; 17.6. De que outra maneira ele poderia explicar seu estado terrível?" (Roy B. Zuck, *in loc.*).

Deus é que me oprimiu. Bildade perguntou teoricamente, em seu primeiro discurso, se Deus poderia *perverter a justiça (Jó 8.3).* Jó afirma agora que isso era exatamente o que tinha acontecido. "Eloah perverteu o meu direito" (tradução de Samuel Terrien). O termo hebraico por trás do vocábulo português "oprimiu" é *'iwwethani',* que pode significar "falsificar", "distorcer", "subverter". Deus cometera subversão no caso de Jó! "Jó estava dizendo clara e diretamente que Deus, o autor de sua terrível sorte, tinha distorcido voluntariamente a verdade acerca dele. E a acusação foi grave" (Samuel Terrien, esclarecendo a questão). Naturalmente, isso era uma blasfêmia, de acordo com a compreensão semita sobre o Deus voluntarista. Portanto, Jó caiu na armadilha em que Satanás disse que ele cairia. Ver Jó 1.11; 2.5. Mas devemos lembrar que o voluntarismo é uma perversão teológica. Conseqüentemente, Jó blasfemou contra um conceito pervertido de Deus, e não contra o próprio Deus.

19.7

Eis que clamo: Violência! mas não sou ouvido. Jó clamou: "Violência!", mas Deus não ouviu, nem homem algum ouviu. Havia "violência contra a sua pessoa, sem causa alguma" (Jó 2.3). Ele não merecia a violência divina que o tinha atingido. Ele continuava gritando sobre o erro que lhe tinha sido feito pelo Deus voluntarista, mas nenhuma *justiça* era feita. Em outras palavras, Jó pensava estar sofrendo injustamente, e isso pela mão de Deus! Fortíssimas palavras, de fato. Jó não podia interpretar o "silêncio divino" como indiferença. Deus não era indiferente para com Jó. Ele o ferira sem causa, perseguira o homem. Deus estava presente. Não estava distante. Mas Deus estava ali para causar a Jó toda a espécie de miséria. "Ele está sofrendo ataques e não pode obter proteção ou reparação. Está aprisionado, sua esperança foi cortada, como a árvore sobre a qual ele já tinha falado antes (Jó 14.7)" (Ellicott, *in loc.*).

Até quando, Senhor, clamarei eu, e tu não me escutarás?
Gritar-te-ei: Violência! E não salvarás?

(Habacuque 1.2)

19.8

O meu caminho ele fechou, e não posso passar. Jó estava emparedado e aprisionado pelo seu Grande Adversário, o divino Assaltante. Ele não tinha vereda pela qual pudesse caminhar para fora de sua miséria. Todas as saídas estavam bloqueadas. Então, ali mesmo, no lugar onde ele estava aprisionado, Deus fez as trevas vir sobre ele. Ele solicitou luz, mas não obteve nenhuma luz. Ele pediu explicações, mas não recebeu nenhuma explicação. Ele continuava com seus sofrimentos, sem saber *por quê.* Deus maliciosamente havia bloqueado todas as saídas e cegado Seu prisioneiro.

Talvez a metáfora existente neste versículo seja como a do viajante que se perde no caminho. Nenhuma vereda que ele tenta o conduz para fora do perigo. Então, quando cai a noite, ele não pode ver para onde está indo. Seu caso se torna *sem esperança.* Cf. Jó 3.23.

Cercou-me de um muro, já não posso sair; agravou-me com grilhões de bronze.

(Lamentações 3.7)

19.9

Da minha honra me despojou. Jó teve a glória de ser um homem sábio e rico. Mas foi despojado de tudo. Ele teve a glória de ser um pequeno rei entre seu povo. Deus tomou a sua coroa. Ele ocupava uma *posição principesca* entre os homens, mas Deus pôs fim a isso tudo. Ele tinha distinção social e influência política, uma *orgulhosa dignidade* perante Deus e os homens. Ver Sal. 8.5 e Jó 7.17. Jó não caiu na negligência. Ele caiu em *privação* total de tudo quanto era e tinha. Mas acima de tudo, agora, ele tinha aquele corpo enfermo com o qual seria impossível continuar vivendo. Seu desespero era multifacetado.

Caiu a coroa da nossa cabeça; ai de nós, porque pecamos!

(Lamentações 5.16)

... profanaste-lhe a coroa, arrojando-a para a terra.

(Salmo 89.39)

19.10

Arruinou-me de todos os lados. Havia destruição por todos os lados, e a causa de Jó estava perdida no meio do lixo. Ele era como uma árvore que fora *desarraigada* (cf. Jó 14.7). À semelhança daquela árvore, sua *esperança* jazia por terra, com raízes expostas secando ao sol. A vida tinha-se ido embora, e nem podia retornar sob aquelas circunstâncias. "Não há mais esperança de minha restauração... mas havia aquela árvore que tinha crescido e florescido, cujas raízes tinham sido arrancadas da terra. Sou puxado pelas raízes, ressecado e desapareci" (Adam Clarke, *in loc.*).

19.11-12

Inflamou contra mim a sua ira. Deus tornou-se inimigo de Jó, Alguém enraivecido que o atacava. De fato, Ele era como um *exército atacante* (vs. 12), perante o qual Jó não tinha defesa nem esperança de escapar. O exército *cercou-o,* esperando a oportunidade certa de aproximar-se mais para matar. O exército havia levantado "armas de cerco" (Revised Standard Version). A pobre e pequena *tenda* de Jó era a única defesa e refúgio que ele tinha, totalmente fútil! "O exército jazia, à espera do momento propício. Minha rendição é apenas uma questão de tempo. Por quanto tempo serei capaz de resistir?" (Samuel Terrien, *in loc.*). Os soldados são pessoas treinadas *para matar,* para *odiar,* para *não mostrar misericórdia.* Deus estava agindo assim para com Jó, o homem quebrantado, que sofria "sem causa" (Jó 2.3).

19.13

Pôs longe de mim a meus irmãos. *Jó estava isolado e abandonado* pelo decreto divino que o afligia. Sua família estava morta, excetuando a sua esposa. Seus servos estavam mortos. Seus amigos tinham escolhido o caminho da hostilidade contra ele. Jó vivia um estado de total abandono. Mas o pior de tudo é que Deus o havia abandonado. Suas orações não eram mais ouvidas e passavam sem resposta. Ele buscava a luz, mas não a obtinha. Clamava por misericórdia, mas não a recebia. Deus é que provocara a sua solidão social. Ele fora removido de seu círculo familiar e de amigos. Entrado em um estado de *total solidão.* Acima de tudo, porém, ele tinha de viver em um corpo enfermo, que já não tolerava mais.

O desespero é a depressão do inferno, tal como a alegria é a serenidade do céu.

(John Donne)

Quando perdemos tudo, incluindo a esperança, a vida torna-se uma desgraça, e a morte, um dever.

(Voltaire)

Fiquei a vaguear solitário como uma nuvem
Que flutua no alto sobre os vales e as colinas.

(William Wordsworth)

19.14

Os meus parentes me desampararam. Jó perdera seus parentes próximos por meio dos golpes divinos de terror (ver Jó 1.19). Seus parentes mais distantes o abandonaram. Seus amigos íntimos o esqueceram, e a terrível tríade, antes formada por amigos, passou a perseguí-lo. Provavelmente Jó, mediante o uso da palavra "parentes", incluía os que pertenciam à sua *própria raça.* Mas nesse caso ele indica "irmãos", em sua comunidade imediata, no deserto da Arábia.

Os meus amigos e companheiros afastam-se da minha praga, e os meus parentes ficam de longe.

(Salmo 38.11)

Os sofrimentos de Jó tinham levado sua dignidade abaixo da dignidade de um ser humano. Ele se parecia mais com um animal selvagem no campo, que estivesse sozinho e tivesse de enfrentar os perigos da natureza e dos predadores.

19.15-16

Os que se abrigam na minha casa. A residência de Jó não ficara totalmente vazia. Seus filhos e filhas estavam mortos, mas sua esposa continuava presente (vs. 17), para piorar o caso dele. Jó ainda tinha servos que não haviam morrido das

pragas e matanças provocadas pelos atacantes. Mas até mesmo essas pessoas humildes eram muito elevadas para Jó. Elas continuavam a cumprir suas tarefas, ignorando seu senhor, como se ele nem existisse. Quando ele chamava por elas (vs. 16), nem se davam ao trabalho de responder. Jó se tornara um homem praticamente inexistente. Era um *alienado.* Jó foi reduzido a *implorar* que seus servos o atendessem, e até eles o ignoravam ou zombavam dele. Sua palavra, que antes eram *lei,* agora eram apelos patéticos de um homem alquebrado. Os servos sabiam que ele era um homem moribundo, assim por que alguém lhe daria atenção? Os seus salários seriam pagos por outrem, após a morte de Jó; ou, então, se esses servos fossem *escravos* (o que é provável), em breve teriam novos senhores, assim por que dar atenção ao tolo idoso?

19.17

O meu hálito é intolerável à minha mulher. *A esposa de Jó,* que deveria ampará-lo, repelia o mau hálito que saía de sua boca enferma. Ela mantinha confortável distância de Jó, esperando que ele morresse em breve (ver Jó 2.9). Ela saía para ocupar-se dos seus negócios, ignorando o velho tolo e desejando intensamente a morte dele. A presença dele tornou-se um teste severo e uma vergonha para ela. Quem gostaria de ser a esposa de Jó? Ele se tornara *repugnante* para a mulher que era a mãe de seus filhos. As provações de Jó tinham destruído até mesmo os laços mais ternos.

Sou repugnante aos filhos de minha mãe. Nossa versão portuguesa dá a entender que os irmãos de Jó também se afastaram dele. A Septuaginta, porém, fala nos filhos das *concubinas* de Jó, cortando assim um *nó górdio,* em vez de desatá-lo. Ver na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* o verbete chamado *Nó,* quanto a uma explicação sobre essa metáfora. Mas se "filhos de minha mãe" é o texto correto, então Jó se referia à rejeição de próprios irmãos de sangue. "Até meus irmãos de sangue, filhos de minha própria mãe – literalmente, filhos de meu útero (de minha mãe), vs. 17b" (Samuel Terrien, *in loc.*).

> *Se meu pai e minha mãe me desampararem, o Senhor me acolherá.*
>
> (Salmo 27.10)

19.18

Até as crianças me desprezam. Crianças que andavam pela casa, filhos e filhas dos servos de Jó, crianças das ruas, na tenda de acampamento onde Jó e outros viviam, faziam pouco dele. Zombavam de Jó, "aquele homem velho e doente", que estava bem próximo da morte. Até crianças pequenas sentiam ter autoridade e direito de fazer pouco de Jó, de dizer coisas tolas contra ele. "Até os jovens ironizavam Jó, em vez de mostrar-lhe o respeito costumeiro devido aos mais velhos (cf. Jó 30.1,9,10)" (Roy B. Zuck, *in loc.*). A reverência às pessoas idosas no Oriente era uma das principais características da sociedade. Mas Jó fora excluído da sociedade dos homens.

19.19

Todos os caros leitores íntimos me abominam. A referência aqui é principalmente aos três amigos-críticos de Jó, seus consoladores molestos (ver Jó 16.2), a terrível tríade. Eles tinham sido seus amigos especiais. Pertenciam ao seu "círculo interior", e esperava-se que o ajudassem naquela hora severa de provação. Mas a *teologia* equivocada deles os levara a perseguir Jó, em vez de tentarem ajudá-lo.

> *Um amigo em uma vida é bastante.*
> *Dois é muito; três é quase impossível.*
>
> (Henry Adams)

> *Os amigos mais caros estão separados por abismos intransponíveis.*
>
> (Ralph Waldo Emerson)

> *Na prosperidade é muito fácil encontrar um amigo; na adversidade coisa alguma é tão difícil.*
>
> (Epicteto)

> *Ninguém tem maior amor do que este: de dar alguém a própria vida em favor dos seus amigos.*
>
> (João 15.13)

19.20

Os meus ossos se apegam à minha pele e à minha carne. Podemos extrair o sentido geral deste versículo sem dificuldades, mas suas duas linhas têm sido submetidas à controvérsia. As condições gerais de Jó eram deploráveis. Os críticos concluem que o texto original hebraico do versículo provavelmente está corrompido. A tradução portuguesa da segunda parte do versículo: "e salvai-me só com a pele dos meus dentes", quase igual à da tradução inglesa, e que se tornou proverbial, um dos mais constantemente citados trechos da Bíblia, parece indicar que, em suas misérias, Jó foi capaz de apegar-se à vida como que por um fio, ou seja, ele estava quase morto. Em inglês, "escapar pela pele dos dentes" significa "escapar somente com grandes dificuldades, por um triz"

Muitas explicações têm sido dadas, podendo ser reduzidas a apenas sete:

1. A pele dos dentes significa as *gengivas.* O corpo de Jó estava tão corroído que ele havia perdido todos os dentes e, agora, só lhe restavam as gengivas, lembrando-o de que antes fora homem saudável com dentes admiráveis.
2. Está sendo empregado algum tipo de expressão idiomática, cujo sentido se perdeu, mas parece significar que ele havia *conseguido escapar da morte por pouco,* ou com dificuldades, como se a *pele dos dentes* (se é que ela existisse) fosse uma camada *verdadeiramente muito fina.*
3. Por meio de uma emenda, podemos compreender não a *pele dos dentes,* mas a *pele* da boca ou das bochechas. Isso parece significar que Jó havia perdido sua *barba,* por causa da enfermidade, e ser um homem *sem barba,* no Oriente Próximo e Médio, era uma questão séria.
4. Por meio de um rearranjo das palavras podemos chegar ao seguinte resultado: "Estou tão magro que posso morder meus ossos com os dentes".
5. Mediante a vocalização do hebraico de maneira diferente (o hebraico não tinha nem vogais nem sinais vocálicos originalmente, os quais deveriam ser subentendidos), poderíamos ler: "Escapei uma *segunda vez*", deixando de lado qualquer referência aos "dentes", que é o que causa a dificuldade de compreensão.
6. Ou, então, este versículo pode ser um paralelo direto de Jó 13.14: "Tomarei a minha carne nos meus dentes". Esse sentido pode ser conseguido aqui mediante emenda do texto original hebraico. Mas essa expressão também tem sentido incerto e provavelmente representa uma antiga expressão idiomática conhecida de Jó, mas perdida para nós. Ver o versículo citado, quanto a uma tentativa de explicação.
7. Ainda através de outra forma de emenda, podemos obter a tradução: "Todos os meus ossos se destacam em pontas agudas".

Tendo dado sete significados diferentes, é inútil ficar elaborando o versículo. Que Jó estava em condições desesperadoras é evidente, mas o sentido por ele referido neste versículo permanece em dúvida. Talvez dizer, seguindo a expressão moderna, que Jó *escapara por pouco da morte,* seja um sentido tão bom quanto qualquer outro. Assim como a pele dos dentes, *se essa pele* pudesse existir, teria de formar uma camada muito fina, assim também por *pouquíssimo* Jó havia escapado da morte, naquele ponto. O Targum diz: "Fui deixado com a pele dos meus dentes", como se Satanás tivesse ferido todas as partes do seu corpo, mas deixado a boca intacta, a fim de que pudesse blasfemar contra Deus. E essa é outra conjectura bastante interessante.

19.21

Compadecei-vos de mim, amigos meus. Encontramos aqui um apelo patético pedindo *piedade,* que Jó, o pobre homem, repetiu duas vezes, chamando a terrível tríade de seus *amigos.* Ele precisava da simpatia deles, porquanto o *Deus Todo-poderoso* o havia atacado diretamente, com toda a violência. Era uma coisa terrível ter sido diretamente assaltado pelo próprio Deus, e o homem que fosse vítima desses assaltos mereceria ao menos um pouco de nossa piedade. Essa piedade poderia ser traduzida para uma forma de ajuda, e era isso naturalmente o que Jó esperava receber. Cf. Isa. 53.4, a descrição do Servo Sofredor de Deus.

Poderíamos perguntar como aqueles consoladores molestos e miseráveis conseguiriam ajudar Jó. Eles não tinham nenhum medicamento nem conheciam cura para suas enfermidades multifacetadas. Mas poderiam compartilhar da carga, o que, psicologicamente falando, é sempre uma ajuda. As pessoas gostam de contar a outros sobre seus desastres e ouvir palavras de consolo. Além disso, havia *aceitação.* Era importante para Jó, naquele momento, continuar sendo um membro válido da comunidade. Outrossim, havia a *intercessão.* Em vez de o espicaçarem com suas palavras, eles poderiam ter intercedido por ele, na presença de um Deus perseguidor. Eles tinham esplêndida oportunidade de viver a lei do amor, que é a prova da espiritualidade (ver I João 4.7). No entanto, falavam miseravelmente. E assim o faziam, porque o coração deles estava repleto de orgulho e espírito crítico, que eles apoiavam com uma teologia inadequada. Eles falharam quanto ao primeiro teste que indica quem é espiritual: o *amor.* Ver sobre esse tema no *Dicionário.*

> *O amor concede em um momento*
> *O que o trabalho não poderia*
> *Obter em uma era.*
>
> (Goethe)

O amor, como a morte, muda tudo.

(Kahlil Gibran)

Todos nós nascemos para amar. Esse é o princípio da existência e sua única finalidade.

(Benjamim Disraeli)

Bastava que Deus tivesse atacado Jó. Seus amigos não precisavam ser brutais com ele. Ver Jó 16.20.

19.22

Por que me perseguis como Deus me persegue...? Em vez de mostrar a Jó amor e piedade, a terrível tríade passou a ser formada por perseguidores abertos. De fato, conforme Jó declarou, eles estavam *imitando Deus!* Eles se tornaram "comedores de carne", expressão idiomática, no aramaico e no árabe, para "caluniar" e "maltratar". Deus afligira a carne de Jó com terrível enfermidade, e aqueles consoladores molestos (Jó 16.2) o estavam *devorando.*

"Os homens inclinam-se por tornar-se *monstros,* exatamente no momento em que acreditam ter-se tornado divinos. Um dos amigos de Jó havia vinculado suas próprias consolações com as consolações de Deus (ver Jó 15.11). Os homens facilmente se *iludem* ao acreditar que são como Deus, sempre que *presumem* falar no nome de Deus. Em uma única sentença, Jó castigou todos os *inquisidores* religiosos que justificam sua desumanidade aos seus semelhantes, pela *reivindicação ilusória* de terem sido divinamente nomeados para a tarefa. Disse Jesus: "Mas vem a hora em que todo o que vos matar julgará com isso tributar culto a Deus (João 16.2)" (Samuel Terrien, *in loc.*).

O dr. Taylor foi queimado insensatamente na fogueira, em Oxford. Quando ele agonizava nas chamas, um fanático avançou e o feriu na cabeça. O dr. Taylor conseguiu exclamar: "Homem, por que cometes esse erro? Já não estou sofrendo o bastante?".

Ver Jó 16.9 quanto a um versículo muito expressivo sobre a perseguição divina contra Jó.

E, com grande indignação, estou irado contra as nações que vivem confiantes; porque eu estava um pouco indignado, e elas agravaram o mal.

(Zacarias 1.15)

19.23-24

Quem me dera fossem agora escritas as minhas palavras! Jó queria que seus discursos fossem registrados em um *livro,* a fim de ser vindicado pela *posteridade.* Ou, então, se isso não fosse escrito em um livro, mediante pena e papel, ele esperava que a essência de sua história, incluindo sua *inocência,* ficasse gravada por meio de alguma *ponta de ferro,* em uma rocha. Ele queria que uma inscrição na rocha provasse sua inocência, e o fato de que ele estava sendo perseguido injustamente por Deus e pelos homens. Jó imaginava que, com o tempo, seu caso seria vindicado, e almejou por algum escriba que trabalhasse com a pena, registrando o seu caso em um livro, para instrução da posteridade. Ele imaginava, nos olhos de sua mente, um homem, na falda da montanha, a gravar seu caso na rocha, mediante o uso de algum estilete de metal duro.

Livro. A palavra hebraica correspondente significa "rolo", que, por sua vez, pode ser compreendida aqui como relacionada ao termo acádico *siparru,* "bronze"(cf. Juí. 5.14 e Isa. 30.8). Nesse caso poderia estar em foco um *rolo de cobre.* Se a história de Jó fosse registrada em um rolo de cobre, tal registro duraria para toda a posteridade, pois o cobre era muito mais resistente que o papiro ou o pergaminho. Entre os rolos achados no Mar Morto, havia rolos de cobre, pelo que sabemos que eles existiram nos tempos antigos. Mas, se chegaram ou não aos tempos pré-patriarcais, já é outra questão.

Porém, quando a mente de Jó voltou-se para uma *vindicação superior* e uma *esperança superior* (vss. 25 e 26), de natureza celestial e divina, encontramos um ótimo avanço na teologia, e esse texto fornece elementos que nos ajudam a explicar por que os homens sofrem e por que sofrem como sofrem.

Sei que Meu Redentor Vive (19.25-29)

Até esta altura do livro de Jó, seus terríveis consoladores, a tríade molesta, só tinham apresentado duas respostas possíveis para a *razão* dos sofrimentos humanos. Esses sofrimentos podem resultar da *Lei Moral da Colheita segundo a Semeadura* (ver no *Dicionário),* ou podem ser uma questão de disciplina para o homem bom. Jó afirmava que isso não se aplicava ao seu caso. Seu sofrimento era *injusto* e sem causa, e envolvia um enigma (Jó 2.3). Jó constantemente recusou-se a ver uma existência pós-vida como modo de resolver o problema do sofrimento. Por uma vez ele levantou a questão, somente para rejeitá-la como algo ridículo, como alguma "mitologia egípcia", nada mais além disso. Ver Jó 14.14. Somente por um momento, ele se permitiu olhar para além do sepulcro e ali encontrar sua esperança. Mas não demorou muito a cair de novo em seu pessimismo (ver Jó 14.18 ss.).

No presente capítulo, também levantamos o prospecto de um intercessor, de um mediador, de um vindicador. Por duas vezes, Jó chegou a uma doutrina como aquela. Ver Jó 9.33 e 16.19. Na primeira referência, Jó manifestou esperança, e então rejeitou a idéia como ridícula. Mas passou a considerá-la com maior seriedade quando chegou em Jó 16.19. Ver as notas expositivas em ambos os lugares, quanto a detalhes. Em Jó 16.19, dou um sumário de idéias quanto à possível identidade da *Testemunha* envolvida.

Agora chegamos a um Vindicador ou Redentor não-humano, conforme alguns traduzem a palavra. A doutrina tinha avançado, e Jó até esperava ter alguma espécie de visão beatífica, a visão do próprio Deus e de algum tipo de pós-vida, na qual ele pudesse ter aquela experiência. Os versículos à nossa frente são intensamente controvertidos, mas, a despeito das limitações de nossa compreensão, certamente temos algo que ultrapassaria algo que a teologia patriarcal pudesse abranger. Jó definitivamente ultrapassou o seu treinamento e o seu fundo cerebral de conhecimentos, os dogmas e as tradições de sua época. Sua livre investigação estava a pagar-lhe dividendos. Suas descobertas lançaram luz sobre o antigo *problema do mal* (ver a seção V da *Introdução):* por que os homens sofrem e se há alguma *esperança* sobre essa questão. Ou o Oleiro Mestre simplesmente quebra seus vasos e os abandona no monte de lixo?

19.25

Por que eu sei que o meu Redentor vive. A palavra hebraica *goel* é assim traduzida. *Ver no* Dicionário sobre essa palavra, quanto a amplas explanações. A palavra admite ambas as idéias de vindicador e de redentor. Existe aquele parente redentor que vai buscar as propriedades que um homem vendera. E existe aquele *vingador* do sangue, que vinga a morte de um parente e, assim sendo, recebe as honras de um remidor. Ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Parente, Vingador do Sangue.* Isso posto, o *goel* podia ser um redentor, um vingador ou um defensor dos oprimidos. Nesse ofício, ele seria um *mediador.* Deus, como goel, redimiu Israel do Egito (ver Êxo. 6.6; 15.13; Sal. 74.2). Ele também redime do exílio (ver Isa. 41.14) da morte (ver Sal. 69.18; 2.14; Lam. 3.58; Osé. 13.14). Resta saber qual desses sentidos possíveis está no texto à nossa frente.

Jó buscava *vindicação* (vss. 23 e 24), de modo que é provável que ele estivesse pensando em Deus como o divino vindicador, o qual finalmente defenderia o seu caso e diria "Jó era inocente, embora tenha sofrido". Dessa maneira a honra de Jó seria restaurada, e seu nome seria limpo. Deus se levantaria para vindicar Jó e corrigir os seus atormentadores.

... se levantará sobre a terra. Este texto tem sido cristianizado para apontar para Cristo, o Redentor, que voltaria à terra em Seu reino milenar. Mas dificilmente Jó poderia estar vendo aquele momentoso acontecimento. Talvez Jó contemplasse o Vindicador celeste, como quem estaria vindo à terra para intervir em seu caso. Certamente, por enquanto, não havia nenhuma idéia de um céu para os homens, doutrina que ainda não tinha sido desenvolvida no período patriarcal. Portanto, a vindicação de Jó ocorrera sobre a *terra,* provavelmente através de uma *ressurreição.* Essa vindicação seria uma espécie de redenção, embora não em termos da compreensão cristã. O máximo que podemos dizer é que Jó estava "chegando perto" de grandes realidades, embora as compreendesse de maneira preliminar e fragmentar. É uma *eisegese,* e não uma *exegese,* ver aqui esperanças cristãs. Em outras palavras, podemos, como crentes, "ler no texto *algo* que Jó nem imaginava, embora talvez lhe tenha sido outorgada *alguma luz* que penetrava nos ofícios de Cristo".

Alguns estudiosos vêem, aqui, Jó como *reencarnado,* e não como ressurrecto e, nessa condição, vindicado pelo Vindicador, em algum tempo futuro. Ver os comentários sobre essa possibilidade, no vs. 26.

Também devemos lembrar que Jó não estava falando sobre *salvação* e, sim, sobre vindicação. Contudo, se tivéssemos de receber alguma espécie de visão beatífica de Deus, teria de haver, ali, elementos de salvação. Mas constitui um erro avançar aqui a idéia de uma compreensão cristã do que significa a salvação. Novamente, ele residia em estado primitivo, no tocante a uma doutrina mais avançada. Jó tinha começado a ver uma vida pós-túmulo, embora não a visse, exatamente, no modo e com os propósitos que a vemos, exceto que ele sabia que seu caso seria finalmente vindicado.

Identificação do Redentor (Vindicador – o Goel):

1. A maioria dos intérpretes concorda que Jó estava pensando em algo mais do que meramente humano. Ele olhava para algum homem poderoso, que pudesse pleitear o seu caso e obter êxito.
2. Alguns estudiosos simplesmente fazem o *Goel* ser o próprio Deus, e existem referências bíblicas nesse sentido. Ver Isa. 44.6 e 48.12.

Eu sei que o meu Redentor vive, e por fim se levantará sobre a terra.

Depois, revestido este meu corpo da minha pele, em minha carne verei a Deus.

Jó 19.25, 26

*** *** ***

OTIMISMO

Ergue para ti mansões mais firmes, ó minha alma.
Ao passarem as velozes estações;
Abandona o teu passado de teto baixo;
Que cada novo templo seja mais nobre que o anterior.
Fecha-te do céu com uma cúpula mais vasta,
Até finalmente te vejas livre,
Deixando tua concha pequena no mar agitado da vida.

Oliver Wendal Holmes

3. Ou então o *goel* seria algum ser celeste, um anjo poderoso que tivesse uma missão, dada por Deus, em favor de Jó.
4. O versículo foi cristianizado para fazer o *goel* ser Cristo, mas isso é "ver demais no texto", sob a influência do Novo Testamento. Naturalmente Cristo é o *goel*, mas não há certeza de que o texto presente seja profético e messiânico. Quanto a Cristo como o Mediador-*goel*, ver Mat. 20.28; Tito 2.14; I Ped. 1.18,19; Col. 1.13; I Tes. 1.10; I Tim. 2.5. Ver na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* o verbete chamado *Redenção, Redentor*.
5. Ou, então, Jó teria a mera esperança de alguma espécie de mediador celestial (não-identificado) levaria seu caos à presença de Deus.
   Embora existam bons argumentos contra a tese, estou conjeturando que Jó pensava no próprio Deus. O Juiz poderia tornar-se o Vindicador e Redentor. Ver também Êxo. 6.6 e Sal. 103.4. A tentação de cristianizar o texto é forte, por causa de nossa situação histórica. E não é impossível que Jó 19.25 seja uma notável profecia messiânica, mesmo que não tenha sido profundamente compreendida pelo próprio Jó.

19.26

Depois, revestido este meu corpo da minha pele. O sentido do versículo é incerto, tal como o do anterior. Este versículo tem sido sujeitado a certa variedade de interpretações. Assim diz a King James Version, em inglês, "em minha carne", ao passo que a Revised Standard Version diz "fora de minha carne", ou seja, sentidos opostos. A primeira parte do versículo é clara. Jó se aproximava da morte biológica pela terrível enfermidade que o havia acometido.

Tratando com um texto hebraico difícil, as versões têm dado diferentes traduções. A Septuaginta combina as idéias dos vss. 25-26 e apresenta o seguinte resultado:

> *Pois eu sei que aquele que está prestes a libertar-me é eterno (25a). Sobre a terra ele poderá levantar a minha pele (25b), que está exaurida, tendo passado por este sofrimento (26.a).*

O siríaco fala sobre a pele de Jó a *inchar* (isto é, na *morte*), então o processo maravilhoso, qualquer que fosse a sua natureza exata, ocorreria. Apesar de as versões manusearem de maneira diferente o texto, a primeira parte do versículo, pelo menos, não é problemática: Jó morreria como resultado de sua enfermidade. Então, *depois daquilo*, algo grande haveria de acontecer.

Em minha carne. A Revised Standard Version e a versão portuguesa da Imprensa Bíblica Brasileira dizem "fora da minha carne". Mas a Atualizada diz "em minha carne", com o que concorda a maior parte das autoridades. Os críticos muito provavelmente estão corretos ao afirmar que Jó não antecipava um estado *desincorporado*, no qual uma alma imaterial sobreviveria à morte biológica. Essa doutrina não entrou no Antigo Testamento senão já na época dos Salmos e dos Profetas, e antecipá-la no período patriarcal é anacronismo. "... a existência humana fora de um corpo era totalmente estranha à mentalidade semita, conforme é provado pelo crescimento e desenvolvimento da crença na ressurreição *corporal*" (Samuel Terrien, *in loc.*). Mas que Jó esperava sobreviver à morte e continuar vivendo, de alguma maneira, no pós-túmulo, é demonstrado no vs. 26, onde ele "vê a Deus".

Interpretações Possíveis:

1. Alguns intérpretes insistem em que Jó esperava ver a Deus quando ainda era um *homem mortal*, e isso de alguma forma visionária ou através de alguma espécie de teofania. Em outras palavras, a visão seria *pré-mortem, e não pós-mortem*. Mas essa interpretação é contra a seqüência simples de elementos do vs. 26. Primeiramente, haveria a destruição da carne; então Jó teria sua visão beatífica. Seria ridículo fazer este versículo dizer: "Embora eu saiba que vou morrer e meu corpo vai entrar em decadência, contudo, antes disso, terei a minha visão". A Revised Standard Version diz *depois* (da destruição da carne), e *então* um acontecimento ocorreria depois do primeiro acontecimento. Ou então: "*Depois* que eu morrer, *então* verei a Deus em minha carne". Se Jó perdesse a sua carne (mediante a morte), mas na carne houvesse de ver a *Deus*, *então* a carne substituiria a carne, e isso, naturalmente, fala em *ressurreição*, ou então poderia ser também a *reencarnação*.
2. A maior parte dos intérpretes, incluindo os críticos, vêem aqui a *ressurreição*. Se for objetado que o período patriarcal ainda era muito remoto para tal crença, poderíamos dar três respostas:
   a. Não é impossível que a idéia tenha sido *introduzida* naquele período. Novas idéias precisam ser introduzidas em algum tempo.
   b. Tivemos uma antecipação da possibilidade da ressurreição, no caso do proposto sacrifício de Isaque, por parte de Abraão. Ver Heb. 11.19. Entretanto, devemos supor que o escritor da epístola aos Hebreus tivesse tido o *discernimento* para saber o que acontecia no Antigo Testamento, mas a esperança da ressurreição de Isaque não é mencionada no próprio livro de Gênesis. Ademais, para que um corpo recentemente morto fosse ressuscitado, não seria a mesma coisa que a ressurreição de uma pessoa morta há longo tempo. Isso seria mais como um milagre de *restauração* do que uma ressurreição. Portanto, o segundo argumento é fraco e não deve ser pressionado.
   c. Em *terceiro lugar*, pode ser dito que o livro de Jó não foi escrito durante o urante o período patriarcal, embora tivesse sido escrito para representar aquele período. Portanto, não seria surpresa para alguém maravilhar-se de que ali haja uma referência à ressurreição. Esse argumento é forte quanto à interpretação do versículo: está em vista a ressurreição. Mas é inseguro dizer que seja a doutrina da ressurreição patriarcal.
3. *A Alma Imortal*. Se aceitarmos a tradução que diz "fora de minha carne verei a Deus", conforme algumas traduções, então poderia estar em foco a sobrevivência da alma diante da morte. Nesse caso, entretanto, a alma sobrevive e, de *alguma maneira*, que não foi declarada, ela vê Deus. Coisa alguma é dita sobre ver Deus no céu ou em alguma outra esfera não-material. Isso não fazia parte da teologia patriarcal. O vs. 25 presume (ao que tudo indica) que a visão de Deus aconteceria *na terra*. Se está em pauta a sobrevivência da alma, então temos aqui uma doutrina confusa. Roy B. Zuck tenta mostrar que, se o termo hebraico *min* significa "sem" (ver Jó 11.15), contudo, depois do verbo "ver", a palavra não tem esse significado. Deixamos para os eruditos do idioma hebraico a resposta a esse argumento. Seja como for, poucos críticos pensam que a doutrina de uma alma imaterial é introduzida aqui, portanto certamente essa doutrina só veio a tornar-se parte integrante da teologia hebraica no tempo dos Salmos e dos Profetas.
4. *Reencarnação*. Alguns poucos eruditos vêem no texto presente a reencarnação, e não a ressurreição. Essa foi sempre uma doutrina favorita no Oriente Próximo e Médio e, sem dúvida, era conhecida pelos árabes no deserto da Arábia. Nesse caso, um Jó reencarnado, aqui mesmo na terra, teria sua visão beatífica e então seria vindicado. E a Jó seria dito: "Nessa outra vida, você será inocente, conforme insistiu". Contra essa idéia, podemos insistir com os mesmos argumentos usados no caso da sobrevivência da alma (numero 3).

   A *reencarnação*, embora doutrina comum no Oriente Próximo e Médio, não fazia parte da teologia dos hebreus, senão já no tempo do aparecimento do misticismo, na *Cabala* (ver a *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia*), o que só ocorreu em tempos bastante tardios. Sem dúvida, essa doutrina não fazia parte da teologia patriarcal, não sendo provável que um xeque árabe especulasse sobre tal possibilidade.

Uma história divertida é contada por Marcus Bach, que relato a meus leitores. Marcus Bach foi um poder espiritual, de passado e formação evangélica. Em seus últimos anos de vida, entretanto, ele se tornou mais universal e um evangélico *menos restrito*. Nesse estado de coisas, foi convidado a fazer um discurso fúnebre, no sepultamento *evangélico* de um amigo dele de longa data. Portanto, o dr. Bach apanhou a sua Bíblia, abriu-a em Jó 19.15 e fez desse texto a base do sermão. Mas ele fez esse versículo ensinar a *reencarnação*. Temos aí o espetáculo de um ministro a falar sobre reencarnação em um culto fúnebre *evangélico*. O dr. Bach afirmou mais tarde que teve a sorte de não ser expulso do salão. Um amigo ficou tão irado que nunca mais falou com ele. E disse também Bach: "Desde então tenho aprendido algumas poucas coisas sobre o falar em público que antes eu não sabia!".

Conclusão. Embora acompanhado por problemas, este versículo provavelmente fala da ressurreição que finalmente se tornou um dogma da fé dos hebreus. O cristianismo criou mais problemas combinando a imortalidade grega da alma com a ressurreição dos hebreus, e em I Cor. 15 encontramos o esforço heróico de Paulo tentando reconciliar essas doutrinas em um único dogma. A tendência dos intérpretes cristãos modernos consiste em compreender a ressurreição do corpo como realmente a provisão de um *corpo novo*, o corpo espiritual, que revestirá a alma imortal, como seu novo veículo. Esse ponto de vista não requer que os antigos elementos sejam usados e transformados em um novo corpo. Mas, visto que o novo corpo substituirá o velho, então temos, *de fato*, uma verdadeira ressurreição. De acordo com esse ponto de vista, a ressurreição é explicada como *uma nova criação, e não uma renovação miraculosa* de um corpo morto ou de seus elementos espalhados. Caros leitores, estou certo de que essa é a verdade da questão.

Verei a Deus. Ver na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* o verbete chamado *Visão Beatífica*. Esta é a grande esperança cristã, segundo a qual a visão de deus transforma um homem na imagem de Cristo, e assim vem a compartilhar, plenamente, da natureza divina (Rom. 8.29 e I Ped. 1.4). Naturalmente, Jó não tinha esse discernimento, e não devemos cristianizar o versículo para que ele ensine mais do que faz. Jó estava *lendo*, e não descrevendo, uma grande verdade. Notemos que Jó esperava ter a sua visão à face da terra, e não há pensamento de um céu em algum lugar onde a alma imortal veja Deus e seja assim transformada.

O significado primário aqui é simplesmente que, ao ver o Juiz, Jó seria vindicado. Ficaria demonstrado ser ele inocente das acusações feitas por seus miseráveis amigos. Deus seria o seu *goel* e *vindicador*. Jó não especulava sobre

a *salvação*. Havia demonstrado uma luz como um grande raio luminoso, acima do tumulto de suas discussões com os amigos. Havia antecipado algo grande ao ver Deus, mas não tinha definições quanto a isso. Estar na presença de Deus devia significar mais do que uma simples vindicação, embora não seja descrito o que isso significava, nem Jó saberia descrever *esse mais*.

Luz Sobre o Problema do Mal. Agora já temos luz adicional sobre o problema do sofrimento humano:

1. Jó propôs uma *vida* pós-*túmulo*, na qual a dor da vida antiga fosse anulada e esquecida. Essa é uma de nossas melhores respostas ao problema do sofrimento humano, embora ainda não nos diga por qual razão os *inocentes* sofrem neste mundo. Isso continua sendo um enigma, e nenhuma resposta para esse problema nos é dada no livro de Jó, a *menos* que aceitemos a *má idéia* de que os inocentes sofrem por causa de alguma Barganha Cósmica entre Deus e Satanás (conforme encontramos no Prólogo do livro de Jó). Ver Jó 1.11, quanto aos problemas teológicos do livro, onde discuto a questão, entre outros assuntos.
2. Então, na *visão de Deus*, podemos sentir as respostas: tudo irá bem quando os homens virem a Deus, e os sofrimentos da vida passada forem esquecidos. Outrossim, os inocentes serão declarados inocentes. Na presença de Deus, sentimos que há razões pelas quais os inocentes sofrem, mas permanecemos ignorantes quanto a elas. Sabemos apenas que Deus está em Seu trono, e tudo vai bem no mundo.

Permanece o *enigma* sobre *por que* os inocentes sofrem aqui e agora, mas *sentimos* que há respostas *adequadas* a esse problema, e algum dia, na presença de Deus, compreenderemos essas razões.

Eu o encontrei não no mundo do sol,
Nem nas asas da águia, nem no olho do inseto –
E nem nas questões que os homens perscrutam.

Quando a fé tinha caído de sono,
Ouvi uma voz: 'Não creia mais!'.

Um calor dentro de meu peito se dissolveria,
A parte mais fria da razão,
E como um homem em ira, meu coração
Levantou-se e respondeu: 'Senti'.

(Alfred Lord Tennyson)

19.27

Vê-lo-ei por mim mesmo. *Imortalidade Individual*. Quando um homem sobrevive à morte, continua sendo um indivíduo; ou ele gostaria que o rio que corre para o oceano simplesmente se tornasse uma parte do todo, sem ser distinguida e não-personalizada? Jó votou em favor da imortalidade individual e pessoal, e essa doutrina tornou-se dogma padrão na fé posterior dos hebreus e, então, o mesmo aconteceu no cristianismo. Jó seria aquele que veria a Deus, embora de maneira diferente. *Ele* veria a Deus, embora a morte tivesse consumido e transformado seu corpo em nada. Não obstante, ele continuaria sendo uma pessoa que poderia corresponder ao ser divino. Ele teria uma nova forma, que preservaria sua pessoa essencial, sua misericórdia, sua inteligência e sua consciência. Ademais, viveria em um estado superior, porquanto *naquele estado* (em contraste com seu estado anterior de miserabilidade) ele *veria a Deus*. Ver na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* o verbete intitulado *Imortalidade*, onde apresento vários artigos sobre o assunto e uma ampla discussão. Então ver no *Dicionário* os artigos *Alma* e *Ressurreição*.

"Por um momento fugidio, a morte pareceu não ser o fim. De fato, *Deus* é o *Fim*, tal como é o Começo" (Paul Scherer, *in loc.*).

Sou mais parente de Deus
Do que da poeira. Tu, Deus,
És todo o passado, e esta
Rápida hora de vida terrena
Faz parte daquele Grandeza
Que cobre todo o Grande para sempre.

(Adaptado de Paul Scherer)

Ver Isa. 26.19, quanto a uma esperança similar, como a expressa no presente versículo.

19.28-29

Se disserdes: Como o perseguiremos? Após o grande "Olhar para além", Jó retornou a seu estado miserável e proferiu uma súbita explosão de palavras cortantes, uma *ameaça* direta a seus ouvintes, particularmente à terrível tríade, seus miseráveis consoladores molestos (ver Jó 16.2). Se eles insistissem em *perseguí-lo* (um inocente), algum *julgamento temível* (ver o vs. 29) esperava por eles, ao qual Jó simbolizou como "espada"; no entanto, ele provavelmente falava de algum severo golpe divino contra eles, a "espada do Senhor". "Julgamento" era a palavra favorita de Elifaz (ver Jó 35.11; 36.17,31). Jó apanhou sua palavra e a dirigiu contra seus amigos críticos, mesmo que aquela palavra perigosa tivesse sido dirigida por eles contra o próprio Jó. Embora Jó tivesse acabado de ter uma grande esperança, que envolvia ver a Deus, e sua mente se tivesse elevado para fora de sua miséria depois daquela visão momentânea, ele voltou a cair na dor e logo começou a atacar seus inimigos. Isso está em perfeita consonância com a natureza humana, especialmente a natureza humana que sofre. Jó esperava ver o seu Vindicador após a morte biológica, supondo que esse Poder derrubasse seus inimigos em breve, por causa da injustiça deles.

O *julgamento*, neste caso, não é a retribuição divina para além da morte, que alguns mencionam, cristianizando o texto. Antes, é consternação e perda terrenas, o tipo de coisa que o próprio Jó estava sofrendo. Eles tinham sido exemplos conspícuos de perseguidores. De repente, poderiam tornar-se exemplos conspícuos de pessoas julgadas.

Na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia*, dou diferentes tipos de *julgamentos*.

Capítulo Vinte

O Segundo Discurso de Zofar (20.1-29)

O plano dos discursos é a fala dos três amigos-críticos de Jó, cada um por três vezes, exceto o terceiro, que falou somente duas vezes. Então Jó apresentou sua réplica a cada um dos discursos. Os discursos têm como tema a *razão* para o sofrimento humano. Ver na seção V da *Introdução* o artigo chamado *Problema do Mal*, bem como um detalhado artigo no *Dicionário*. Esse assunto entra como companheiro paralelo do tema principal do livro, a *adoração desinteressada*. Porventura um homem continuará a adorar e a servir a Deus, quando sua vida se tornar miserável e ele nada ganhar para si mesmo, se continuar sua adoração? Satanás havia dito que tal homem acabaria amaldiçoando Deus (ver Jó 1.11 e 2.5) Ver na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* o artigo chamado *Egoísmo*. A qualidade da espiritualidade de Jó tinha de ser testada por meio do sofrimento.

Os amigos-críticos de Jó só chegaram até certo ponto da questão ao supor que todo o sofrimento seria causado pelos próprios pecados, isto é, a *Lei Moral da Colheita segundo a Semeadura* (ver no *Dicionário*), ou como uma medida disciplinar. Jó afirmava que tais explicações não se ajustavam ao seu caso, visto ser ele *inocente*. Portanto, havia em operação alguma coisa *enigmática*. Em Jó 19.5-27, Jó chegou a ver que o atual sofrimento pode ser curado e anulado no *outro lado da existência*, mediante a visão beatífica de Deus. Portanto, Jó descobriu uma grande esperança, que tem muito que ver com o sofrimento humano. Essa doutrina, entretanto, não responde à pergunta: "Por que os *inocentes* sofrem *nesta vida?*". Isso poderia fazer parte do *caos* sobre o qual Paulo falou (ver Rom. 8.20): a criação ficou sujeita à *inutilidade*. Mas o prólogo do livro de Jó explica os sofrimentos dele como devidos a uma barganha cósmica entre Deus e Satanás. Isso deve ser um artifício literário, e não uma questão séria, porquanto é uma idéia imoral. Ver Jó 1.1, quanto aos problemas teológicos do livro. Além disso, ver as introduções aos capítulos 4 e 8, quanto à natureza e às funções dos discursos do livro.

"À semelhança de Elifaz e Bildade (ver os capítulos 15 e 18), Zofar desenvolveu somente um tema: a condenação do homem mau pode ser adiada, mas é inevitável. Grande parte do que ele diz é verdadeiro e enérgico, mas nenhum de seus pontos de vista é relevante à situação em mãos. As perguntas feitas por Jó foram ignoradas... As palavras de abertura desse discurso indicaram um elemento de *ansiedade* que até agora não havia sido detectado nas *certezas dogmáticas* dadas por aqueles três sábios" (Samuel Terrien, *in loc.*).

Talvez os raciocínios de Jó tenham quebrado, em parte, as barreiras dogmáticas. Seus amigos eram indivíduos dogmáticos e tradicionalistas que pensavam nada mais ter de aprender, e que a teologia deles era capaz de explicar qualquer questão nos céus ou na terra. Devemos lembrar que todos os sistemas teológicos, até mesmo aqueles do cristianismo, são parciais, e há erros em todos eles. Portanto, convém-nos promover a *livre investigação*. A verdade não é algo que se atinja de uma vez por todas. Antes, é uma *aventura*.

Temos à nossa frente uma das mais estonteantes diatribes, proferida por uma mente endurecida. Jó, o grande pecador, foi objeto de palavras mordazes.

20.1

Então respondeu Zofar, o naamatita. *Este versículo* é idêntico a Jó 11.1, onde a mesma declaração introduz *o primeiro discurso* de Zofar. Ver as notas

expositivas ali. Ver também as notas expositivas que introduzem o presente capítulo, quanto ao plano dos discursos.

20.2

Visto que os meus pensamentos me impõem resposta. *A mente enfurecida de Zofar* estava cheia de palavras venenosas para serem atiradas contra Jó. Não havia como conservar o silêncio. "Zofar retrucou com maior veemência do que antes e adotou um estilo mais ornado e elaborado, mas reiterando ainda a mensagem anterior de que uma condenação imediata está reservada para o ímpio" (Ellicott, *in loc.*). Zofar, pois, quebrou um silêncio que só havia mantido com o máximo de controle. Ele estava furioso e queria atingir a sua vítima com palavras que pareciam uma espada desembainhada. Ele cortaria Jó em pedaços, exatamente o que os indivíduos tendentes ao dogmatismo gostam de fazer com suas vítimas, pessoas diferentes deles.

20.3

Eu ouvi a repreensão. *Zofar* tinha ouvido as réplicas de Jó às diatribes dele mesmo e às de seus amigos, e quase não podia acreditar no que ouvia. Jó dizia blasfêmias contra Deus, praticamente a cada golfada de ar. Somente a cortesia tipicamente oriental fizera o homem esperar sua vez de falar. Quando essa oportunidade finalmente lhe foi dada, ele se precipitou como um animal selvagem para atacar o pobre sofredor. O *espírito* de Zofar ergueu-se dentro dele para fazer parar o homem selvagem, Jó, que não podia continuar a declarar aquelas coisas, como se fosse um saco cheio de vento. Alguém tinha de pôr cobro às suas palavras blasfemas. Zofar estava perturbado diante do discurso rude e precipitado de Jó. Este tinha insultado a Deus e aos homens justos. Jó afirmou que Deus tinha "fechado a mente deles ao entendimento" (Jó 17.4). Mas Zofar asseverava agora: "Pelo contrário, minha mente me confere toda a espécie de compreensão que me apresso a declarar". Assim foi que a *obstinação* de Jó encontrou barreira à altura, no *dogmatismo* teológico de Zofar. A retribuição individual (vss. 4-29) havia de fechar bocas como a de Jó.

Aquele pobre crítico de Jó chegou a acreditar que seu julgamento era infalível e não poderia estar equivocado. Tudo quanto é chamado de *infalível* (excetuando Deus) torna-se automaticamente um *ídolo* para a mente humana. A infalibilidade é atributo exclusivo de Deus. Nenhum ser humano, livro ou sistema teológico podem ser chamados de infalível.

20.4-5

Porventura não sabes tu que desde todos os tempos. É *uma verdade antiga,* conhecida por qualquer homem sensato, que o triunfo dos ímpios não pode ser tolerado por Deus e que os hipócritas têm um *dia breve,* antes de lhes ser cortada a vida. Essa é a *verdade padronizada,* que faz parte da consciência humana, desde o primeiro dia em que Deus pôs o homem na terra. Mas Jó, convencido de sua inocência, não era sábio o bastante para compreender o que todos os homens sempre reconheceram. Um julgamento severo estava prestes a alijá-lo deste mundo, para sempre, e assim ele desceria ao sepulcro com suas estúpidas pretensões.

"Zofar oferecia o espetáculo de um *crente dogmático* que eliminava pensamentos perturbadores, assim que estes batiam na porta da cidadela de sua mente fechada. O tom insultuoso que ele adotou contra o sofredor, Jó, indica a sua insegurança" (Samuel Terrien, *in loc.*).

> *Quanto ao homem, os seus dias são como a relva; como a flor do campo, assim ele floresce; pois, soprando nela o vento, desaparece; e não conhecerá, daí em diante, o seu lugar.*
>
> (Salmo 103.15-16)

> Pois, qual o crepitar dos espinhos debaixo de uma panela, tal é a risada do insensato; também isto é vaidade.
>
> (Eclesiastes 7.6)

"Um lance de escadas leva para cima, mas o mesmo lance leva para baixo (ver Mat. 11.21; Luc. 10.15). As qualidades que contribuem para o sucesso podem executar meia-volta e contribuir para o fracasso" (Paul Scherer, *in loc.*). Assim Jó, antes tão orgulhoso, agora se tornou arrogante e procurava esconder seus pecados. De súbito, começou a descer o mesmo lance de escadas pelo qual antes estava subindo.

20.6

Ainda que a sua presunção remonte aos céus. A *simples observação* confirma o fato perturbador de que os ímpios prosperam. Eles manifestam diabólica inteligência para ganhar dinheiro e obter poder. Vão das realizações humanas até atingir o topo. Mas a subida finalmente será seguida por uma descida e, quando chegarem ao fundo, os ímpios deverão ser esmagados pelo julgamento divino. Os ímpios sobem tanto, que sua cabeça atinge as nuvens. Então proferem palavras blasfemas e dizem que *Deus* os ajudou a chegar aonde se encontram. Eles se afirmam *homens do destino* e, no entanto, são apenas insensatos que agiram espertamente por algum tempo.

> *Se te remontares como águia e puseres o teu ninho entre as estrelas, de lá te derrubarei, diz o Senhor.*
>
> (Obadias 4)

20.7

Como o seu próprio esterco apodrecerá para sempre. A *vulgaridade* tomou conta da língua de Zofar, quando ele atacou o infeliz Jó. Embora fosse o homem orgulhoso, rico e ímpio que prosperou por algum tempo, e sua cabeça tenha chegado às nuvens, contudo, finalmente, Jó pereceria como seu próprio esterco. Como as fezes são expulsas do corpo, caem em um buraco, se perdem e são esquecidas, assim aconteceria à vida de Jó! "Sua reputação seria abominável, e sua carcaça pútrida assemelhar-se-ia aos seus próprios excrementos. Um discurso malévolo!" (Adam Clarke, *in loc.*). Algumas pessoas desrespeitam os cadáveres humanos, como se não passassem de excrementos. Um costume árabe era sepultar os cadáveres nas esterqueiras dos reis! (Estrabão, Geogr. 1.16, parte 539). "A linguagem de Zofar expressa desgosto e a mais vil degradação (Fausset, *in loc.*).

> *Os quais pereceram em En-Dor; tornaram-se adubo para a terra.*
>
> (Salmo 83.10)

> *... e lançarei fora os descendentes da casa de Jeroboão, como se lança fora o esterco...*
>
> (I Reis 14.10)

20.8

Voará como um sonho, e não será achado. Talvez um indivíduo tenha um sonho significativo durante a noite, mas quando acorda e abre os olhos o sonho desaparece e ele não consegue lembrar-se, experiência comum a todas as criaturas humanas. Ou um homem pode ter uma visão noturna que não resiste à luz do dia. Quando a luz natural espalha seus raios ao amanhecer, a visão noturna desaparece. Assim aconteceria com a vida de Jó. Ela teve seu breve tempo, e mesmo assim de forma tão fugidia. Um novo dia encontraria Jó desaparecido e esquecido.

> *Os dias de nossa vida sobem a setenta anos ou, em havendo vigor, a oitenta: neste caso, o melhor deles é canseira e enfado, porque tudo passa rapidamente, e nós voamos.*
>
> (Salmo 90.10)

Quem se importaria se Jó jamais tivesse existido? Nenhum ser humano examinaria sua história ou escreveria um artigo ou livro a respeito. Ele fora apenas como um dos milhões de pecadores que perecem e não deixam vestígio para trás.

> *O tempo, como um riacho de corrente perene,*
> *Expulsa para longe todos os seus filhos;*
> *Eles voam esquecidos, como um sonho*
> *Desaparece no começo do dia.*
>
> (Isaac Watts)

20.9

Os olhos que o viram jamais o verão. Os olhos, que antes tinham observado Jó, não o veriam mais, e até as pessoas que costumavam vê-lo em breve desapareceriam. No lugar onde ele residira, em sua casa e seus campos (personificados), outras pessoas procurariam pelo proprietário e não mais o veriam.

> *Pois, soprando nela o vento, desaparece;*
> e não conhecerá, daí em diante, o seu lugar.
>
> (Salmo 103.16)

Nunca mais tornará à sua casa, nem o lugar onde habita o conhecerá jamais.

(Jó 7.10)

20.10

Os seus filhos procurarão aplacar aos pobres. *Jó, aquele homem iníquo,* roubava a outros, incluindo os pobres e humildes. Depois que ele morresse, seus filhos seriam forçados a devolver aos pobres e humildes o que lhes fora tomado, sob a ameaça de punição da lei ou da vingança pessoal. Haveria *reparação.* Ver no *Dicionário* o verbete denominado *Reparação (Restituição).* Isso faz parte necessária do arrependimento. Embora *Jó* não quisesse arrepender-se e fosse para a sepultura devendo dinheiro a outras pessoas, *seus filhos* teriam de pagar a diferença e restaurar às vítimas o que o pai ficara devendo. Essa circunstância desgraçaria os filhos de Jó e os levaria à pobreza. Os filhos seriam reduzidos à condição humilhante de ter de buscar o favor daqueles que tinham sido oprimidos por seu pai, incluindo indivíduos de classes humildes e pobres, geralmente desprezados pelos aristocratas.

Dessa forma, Jó, o pecador, envolveria os filhos em seus crimes e os sujeitaria à vergonha publica. Comentou Jarchi: "Os pobres oprimirão ou destruirão seus filhos, porquanto foram oprimidos por ele".

Andem errantes os seus filhos e mendiguem; e sejam expulsos das ruínas de suas casas.

(Salmo 109.10)

20.11

Ainda que os seus ossos. Jó teria começado como um pecador e terminaria a vida como um pecador pior ainda! Ele tivera um curso de vida desprezível, nunca se desviara do deboche. Continuava reivindicando inocência, mas fora um jovem pecador e, agora, era um pecador de mais idade. Talvez Zofar quisesse lembrar a Jó suas palavras, quando confessara que, na juventude, tinha cometido transgressões (ver Jó 13.26). Embora tivesse feito tal confissão, nem por isso Jó acreditava que seus atos afetassem seu presente estado de homem inocente. Em sua *maturidade,* ele não havia cometido pecados que pudessem explicar *por que* sofria tantas dores. Nem acreditava que os pecados de sua juventude pudessem ter causado os sofrimentos que agora, como homem de idade, ele sofria.

Não te lembres dos meus pecados da mocidade, nem das minhas transgressões. Lembra-te de mim, segundo a tua misericórdia, por causa da tua bondade, ó Senhor.

(Salmo 25.7)

Conforme nos relembram os comentadores judeus, Balaão morreu com somente 33 anos de idade! Ele brincou com a espiritualidade e fez de seus pecados bichinhos de estimação. Obteve vantagens pecuniárias por meio da traição, mas não demorou a ser cortado do mundo dos viventes. O mesmo aconteceria a Jó.

Esse vigor se deitara com ele no pó. A figura de linguagem é a de um pecador que se deita na cama com a amante. Jó, em sua juventude, pode ter-se envolvido nessa espécie de atividade, além de todas as formas de concupiscência juvenil. No fim, a amante seria seus *pecados,* que se deitariam com ele no pó da morte. A King James Version, em inglês, supre a palavra "pecados" e nos deixa apenas Jó, em sua morte poeirenta. A Revised Standard Version e nossa versão portuguesa dizem "vigor juvenil", que também se deitaria com ele no pó, quando o julgamento divino o atingisse

"Embora estivesse no pleno vigor da vida, contudo, esse vigor deitar-se-ia com ele, no pó" (Ellicott, *in loc.*).

Abreviaste os dias da sua mocidade e o cobriste de ignomínia.

(Salmo 89.45)

20.12

Ainda que o mal lhe seja doce na boca. *Doce Pecado!* Jó havia saboreado seus pecados como uma criança coloca um pedaço de chocolate na boca e não o engole logo, a fim de continuar saboreando o bom gosto! As pessoas comem guloseimas não porque estas lhes façam bem, mas porque têm bom paladar, assim como faz uma criança. A criança põe o pedaço de chocolate debaixo da língua e ali o conserva, como um pequeno tesouro, e outro tanto sucede ao pecador e seu pecado. Suas iniquidades são seu doce tesouro, que ele esconde de outras pessoas, praticando-as em segredo. O pecado, entretanto, consiste em *bombons envenenados,* conforme o pecador descobre tarde demais. É conforme diz um antigo provérbio popular: "Cedo demais para ficar velho. Tarde demais para ficar sábio!".

Talvez o pior e principal pecado, aqui, seja o esforço selvagem para obter e manipular as riquezas materiais (vs. 15). No entanto, devemos lembrar que pecados são associados às riquezas materiais por causa do *abuso* acerca do dinheiro, e não por causa do dinheiro em si mesmo. Jó, segundo a estimativa de Zofar, abusara de seus semelhantes, por ser rico e poderoso, conforme fica suposto no vs. 10 deste capítulo.

20.13

E o saboreie, e não o deixe. O poeta continua a usar a metáfora do pecado como um bombom. A criança continua a reter o bombom em sua boca, porque o estômago não tem nenhuma função de saborear os alimentos. Assim também o homem rico, pleno de vícios e pecados, sempre tem seus doces prazeres, que retém e os prova constantemente. Conta-se a história de certo glutão, chamado *Filoxeno,* que desejava que sua garganta fosse tão longa como a de um grou, para que continuasse a provar seu alimento, antes que chegasse ao estômago.

O que encobre as suas transgressões jamais prosperará; mas os que as confessa e deixa alcançará misericórdia.

(Provérbios 28.13)

20.14

Contudo a sua comida se transformará nas suas entranhas. Uma vez que o homem engoliu o alimento, descobriu, para seu horror, que estava cheio do terrível veneno de uma *serpente!* Os doces (vss. 12-13) aqui tornam-se alimento geral, e alimento representa os *pecados enganadores.* Os doces têm um gosto excelente, mas são cheios de veneno mortífero. Eles começam a agradar a um homem (como um pedaço de chocolate na boca), mas terminam por destruí-lo, como se fosse veneno no estômago. As riquezas materiais estão particularmente em vista (vs. 15), mas também ficam subentendidos todos os tipos de pecados. Os pecados parecem bons na boca, mas no estômago azedam e levam um homem a vomitar. Zofar, em estilo poético, está falando sobre a *Lei Moral da Colheita segundo a Semeadura* (ver a respeito no *Dicionário*). Um homem colhe aquilo que tiver semeado (ver Gál. 6.7).

Os críticos de Jó continuavam a tocar a mesma velha canção. Os sofrimentos dos homens *sempre* resultam de eles terem pecado e serem merecedores do julgamento divino. Mas Jó sabia que essa resposta (apesar de padronizada e veraz, até certo ponto, pelo menos) não explicava o enigma de *seus* sofrimentos, que eram *sem causa* (ver Jó 2.3), sendo ele um homem *inocente.*

Fel de áspides. Muitos antigos acreditavam que o veneno de uma serpente estivesse na sua vesícula biliar, sem saber que as serpentes têm um *saco de veneno* especial. Alguns chegavam a acreditar que a língua da serpente podia transportar o veneno e matar um homem mesmo sem mordê-lo. Ver as notas expositivas no vs. 16 deste capítulo, onde dou mais informações sobre essas crenças fantásticas.

Ver a seção V da *Introdução* ao livro de Jó, que examina as *razões* do sofrimento humano.

"O pecado é um mal amargo, que produz uma tristeza amarga e contribui com sua obra amarga, para que um homem bom se arrependa (ver Jer. 2.19; Mat. 26.75)" (John Gill, *in loc.*).

A tua malícia te castigará, e as tuas infidelidades te repreenderão; sabe, pois, e vê que mau e quão amargo é deixares o Senhor, teu Deus, e não teres temor de mim, diz o Senhor, o Senhor dos Exércitos.

(Jeremias 2.10)

20.15

Engoliu riquezas, mas vomitá-las-á. No final da história, o *pecado* leva os homens a *vomitar,* porquanto amarga a vida e a ameaça com destruição, tal como um veneno ingerido por alguém. Estão em foco as riquezas materiais e os excessos que elas trazem. Jó, como um xeque rico, teria de pagar pelo abuso de suas riquezas materiais e de seu poder. Essas riquezas tornar-se-iam como o veneno de cobras em seu estômago (ver o vs. 14). O pecador tem de vomitar a massa venenosa, mas isso ocorrerá tarde demais. Pois o veneno, a essa altura dos acontecimentos, já terá entrado em sua corrente sanguínea. Esse homem certamente morrerá. O pecado o matou. Deus e os homens se esquecerão dele, porquanto a sua memória de nada mais vale (ver o vs. 9).

Deus é visto aqui como a *causa* do vômito do homem pecador. Alguns intérpretes, entretanto, dizem que a figura em foco é o *emético.* "A figura de Deus administrando o emético é rude e poderosa" (Peace, *Job,* pág. 199). O vômito e/

ou a expulsão dos intestinos é uma figura que fala daquilo que o pecado faz, finalmente, a um homem. Ele vê que foi destruído por sua insensatez e tenta liberar-se de seus pecados, mas seus esforços são tardios e pequenos demais. O homem desfrutava de seus pecados: *estética*. Mas o pecado termina com ele: *ética*. "... a ética não pode ser descartada, mesmo sob a cobertura da estética" (Samuel Terrien, *in loc.*).

O historiador Herbert J. Muller alega que a história não tem nenhuma significação. Seria apenas uma massa confusa de acontecimentos, bons e maus, sem nenhum desígnio e alvo que pudessem ser buscados. O problema é levar as pessoas a agir corretamente, quando, na realidade, nada existe que as impulsione para a frente, porquanto toda a vida é mera incerteza. Reinhod Niebuhr rejeitava essa "teoria do nada", mas punha no lugar disso um "mistério cheio de significado". Zofar tinha respostas simplistas. Simplificava exageradamente as questões difíceis e aplicava erroneamente as verdades óbvias.

Este versículo parece aplicar a figura do vômito e do emético, e isso lhe empresta um impacto vulgar, mas poderoso. Deus está por trás da disposição do pecado, mas isso geralmente vem tarde demais. O pecado mata.

20.16

Veneno de áspides sorveu. A figura aqui parece retornar à do bombom na boca (vss. 12-13). Um homem chupa a doçura da guloseima e usufrui de seu resultado. Entretanto, ele desconhece que, na doçura de que tanto aprecia, há um veneno fatal, uma vez que chegue à sua corrente sanguínea.

Veneno. Algumas traduções estampam aqui a *vesícula biliar* mais literal. Muitos antigos acreditavam que o veneno das serpentes é o seu fel. Eles não sabiam que as serpentes contam com um *saco de veneno* especial que nada tem que ver com a vesícula biliar. Plínio (*Hist. Nat. Lib. xi. Cap. 37)* pensava que o fel de outros animais, como os cavalos, também era venenoso, tanto quanto o veneno das serpentes, mas, como esse veneno não era iracundo, então não tinha efeitos. Eram idéias estranhas e pitorescas, que existiam antes do avanço da ciência.

O hedonismo não satisfaz. Outrossim, trata-se de uma noção fatal, se não nos arrependermos dela. Zofar deixou o caso que ele estava apresentando bem claro; mas Jó, na verdade, não era culpado como seus três amigos molestos supunham.

Língua de víbora o matará. A palavra "língua" aqui usada representa *as presas* de uma serpente. A figura de linguagem pois, pode assumir outra feição. Mas Plínio explicou que o veneno das serpentes está em um líquido presente nas gengivas delas, uma substância amarelada como se fosse um óleo. Durante a cópula, de acordo com essa ciência mal orientada, a serpente macho coloca a cabeça na boca da serpente fêmea e chupa a doçura que há ali, e, nesse prazer, elas se reproduzem! (*Nat. Hist.* Lib. 1, 11. Cap. 27). Alguns antigos pensavam que a língua maldosa que as serpentes põem para fora da boca, contra a pessoa, pode matar suas vítimas, sem que elas tenham de mordê-las. Portanto, que não se deixe que uma serpente nos lamba! Talvez o poeta sagrado também compartilhasse dessas crenças fantásticas, ou, então, ele falou poeticamente, ao substituir as "presas" pela "língua" da serpente.

20.17

Não se deliciará com a vista dos ribeiros. O homem rico acumula riquezas materiais e se ajusta a uma *vida boa*. Ele passa a vida entre os riachos e as torrentes que fluem (poeticamente) com mel e manteiga. Mas Zofar afirmava que muitos homens ricos (incluindo Jó) não teriam permissão de desfrutar dessa vida boa, mas, antes, seriam cortados súbita e *prematuramente*. Não, o hedonismo não satisfaz, mas, mesmo que satisfizesse, suas recompensas não durariam por longo tempo. O que é certo é que o pecador terá um fim mau.

Cf. "o mel e a manteiga" deste versículo com a expressão hebraica padronizada "leite e mel", que descrevia a terra da Palestina, em Êxo. 3.8; Num. 13.27 e Deu. 6.6. Na Palestina, havia muito leite e mel, mas no deserto da Arábia, terra mais pobre e menos abundante, os árabes só tinham leite e manteiga. Jó podia estar agora com uma saúde mais abatida, mas era, definitivamente, um *homem citadino*, aberto aos prazeres, desfrutando de todas as coisas e espalhando suas riquezas para aumentar seus prazeres, conforme Zofar pensava.

A *abundância* de leite e mel subentendem sucesso na criação de gado e também no trabalho de agricultura. Os negócios de Jó iam bem; eles eram produtivos e ele era rico. Ele pôs seu dinheiro a trabalhar de formas negativas e pecaminosas, conforme Zofar também pensava.

> *E será tal a abundância de leite que elas lhe darão, que comerá manteiga; manteiga e mel comerá todo o restante no meio da terra.*
>
> (Isaías 7.22)

20.18

Devolverá o fruto do seu trabalho e não o engolirá. Os projetos agrícolas do pecador finalmente falharão, e ele não usufruirá do fruto de seu trabalho; as atividades de seus negócios também atravessaram tempos difíceis, e ele não obterá lucro daí. Gradualmente ele haverá de ressecar e desapareceria. Deus é seu inimigo. Ele não poderá continuar prosperando durante longo tempo. Cf. Jo 5.5 e 15.17-35. Cf. o contraste espiritual declarado em I Cor. 15.58:

> *Portanto, meus amados irmãos, sede firmes, inabaláveis e sempre abundantes na obra do Senhor, sabendo que, no Senhor, o vosso trabalho não é vão.*

A vida trata com os ímpios generosamente (Mat. 5.45), quanto mais com o homem bom. "A diferença entre o justo e o injusto jaz mais fundo. Mas as retribuições não são da mesma espécie" (Paul Scherer, *in loc.*). Ver na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* o verbete chamado *Galardão*.

Do lucro de sua barganha. Parece que o poeta voltou à idéia do vs. 10. Os filhos do homem rico teriam de devolver aos oprimidos aquilo que lhes fora tirado. Ou, então, a idéia é a de perder tudo por ocasião da *morte*, uma espécie de devolução do que fora adquirido através do labor de uma vida inteira. Na restituição aos moldes mosaicos, devolvia-se quatro ou cinco vezes mais (ver Êxo. 22.1).

> *Pois este, quando encontrado, pagará sete vezes tanto...*
>
> (Provérbios 6.31)

20.19

Oprimiu e desamparou os pobres. Este versículo repete a essência do vs. 10. Jó, o opressor ímpio e social, fez vítimas entre os *pobres*, para sua vergonha eterna. Com tal homem sem coração, esperava-se que Deus tratasse duramente. Além da opressão, ele deixou de fora a caridade. Ele viu os sofrimentos, mas não tentou aliviá-los. Agora ele sofria, e suas dores não eram aliviadas nem por Deus nem pelos homens. Jó vivia em uma casa de fantasia, mas teve coragem de tomar até as casas dos menos afortunados, para aumentar sua fortuna considerável, conforme Zofar dizia. Uma réplica a tais acusações só aparece no capítulo 31. Não há nenhuma evidência de que Jó tenha agido dessa maneira.

> *Se cobiçam campos, os arrebatam; se casas, as tomam; assim, fazem violência a um homem e à sua casa, a uma pessoa e à sua herança.*
>
> (Miquéias 2.2)

20.20

Por não haver limites à sua cobiça. O ventre do indivíduo (King James Version) desejava mais riquezas, para que ele continuasse "devorando" a propriedade e o dinheiro alheio. Diz a Revised Standard Version que sua "ganância não tem descanso". Jó tinha dinheiro e *poder*, portanto não havia nada que cobiçasse e não fosse capaz de obter. Para ele, "poder era direito". Ou, então, era conforme dizia Mao Tsé Tung: "A justiça sai da boca de um rifle".

> *Mas os perversos são como o mar agitado, que não se pode quietar, cujas águas lançam de si lama e lodo.*
>
> (Isaías 57.20)

Não chegará a salvar as cousas por ele desejadas. O ímpio, tendo tomado *tudo* de todos, teria *tudo* quanto era seu tomado no julgamento e seria deixado em necessidade, tal e qual deixara outros. O julgamento tomaria toda a riqueza de Jó, bem como seus servos e sua família. Ele seria reduzido a nada, porquanto assim agira com outras pessoas, conforme Zofar dizia.

20.21

Nada escapou à sua cobiça insaciável. O iníquo *homem faminto*, em sua voracidade, havia devorado tudo e, assim, perdendo finalmente todas as coisas, o homem maligno chegaria a um período de necessidade. O homem que devorava outros seria agora fatalmente devorado por Deus, por meio da lei da colheita segundo a semeadura. O homem era um tirano perigoso, que a ninguém poupava, porquanto estava em seu poder prejudicar e roubar. Portanto, seria tratado da mesma maneira por um Poder Maior. A King James Version tem a idéia de que a pobreza de Jó seria tão completa, uma vez tendo sido julgado, que nem ao menos haveria saqueadores que viessem e saqueassem, pois nada haveria para eles

tomarem. A Revised Standard Version diz que a sua prosperidade não perduraria, e essa é a idéia da nossa versão portuguesa.

20.22

Na plenitude da sua abastança. Justamente quando o pecador pensa que está "cheio" de suas possessões mal adquiridas, e em posição de desfrutar a boa vida, súbito desastre o atingirá e tirará dele tudo quanto tiver acumulado. Sua "abertura" seria reduzida, mediante um único golpe, à "estreiteza". Sua estrada, antes larga e plena de alegrias, agora é estreita e coberta de obstáculos. Sua boa vida tornar-se-ia má. Mãos haveriam de feri-lo, as dos pobres que ele tinha oprimido.

Para o Targum, as *mãos* que ferem pertencem aos trabalhadores, aqueles a quem Jó havia explorado. Os injuriados revidariam com vingança. Os sabeus e caldeus atacaram Jó, roubando-lhe as riquezas.

20.23

Para encher a sua barriga. O pecador ímpio tinha enchido o seu ventre com toda a espécie de coisas boas, e tinha um apetite voraz. Quando fosse julgado, Jó teria o seu ventre cheio de toda a espécie de coisas amargas e venenosas. Deus é quem faria isso com ele, providenciando para que o seu apetite fosse "satisfeito". Uma ira feroz choveria sobre o pobre homem, e isso seria a sua alimentação. Temos aqui uma metáfora. A King James Version diz: "Choverá sobre ele quando estiver comendo", uma tradução muito literal, com a qual concorda nossa versão portuguesa, mas a ira de Deus é que choveria sobre ele e tornar-se-ia seu alimento. Contudo, o original hebraico é um tanto obscuro. Talvez tenhamos aqui uma boa tradução: "Por alimento (Deus) mandará chover ira sobre ele". A *chuva* fala de abundância e provisão para a vida. A chuva do homem mau é abundante, mas traz a morte.

Em lugar de alimento, poderíamos ler "carne". Nesse caso, a ira divina cairia sobre o corpo de Jó, na forma de enfermidades.

20.24

Se fugir das armas de ferro. Os inimigos de Jó, tanto os literais quanto os figurados, haveriam de atacá-lo como um bando selvagem de soldados, munidos com armas de ferro, "o bronze sem misericórdia", conforme Homero chamou tais instrumentos. E Jó, o pobre indivíduo, seria traspassado com muitas tristezas.

> *E alguns, nessa cobiça, se desviaram da fé e a si mesmos se atormentaram com muitas dores.*
>
> (I Timóteo 6.10)

"A morte caça o homem que tenta escapar. Ele consegue evitar a lança, mas é atravessado por um dardo. Extrai o dardo de sua carne, pensando que isso melhorará a situação, mas passa momentos de terror, diante da morte" (Paul Scherer, *in loc.*).

A *espada de Deus,* conforme Bar Tzemach observou, é aqui expressa de modo figurado. Ao fugir dela, ou na sua tentativa de fuga, o homem mostra culpa na consciência. O homem, ferido aqui e ali, sangrando, cai na ira de Deus. Não há como escapar da mão de Deus. Nenhum ser humano pode fugir de Sua presença.

20.25

Ele arranca das suas costas a flecha. A flecha sem misericórdia atravessou o homem, mas com um esforço heróico ele consegue arrancá-la, enquanto geme e agoniza em dor insuportável. A flecha danificou seus órgãos internos e, quando ele a puxou para fora de seu corpo, ela trouxe fragmentos de seus órgãos. O homem se aterroriza. Chegou a hora de sua morte. Não há remédio exceto morrer.

Fel. Ou seja, a secreção da vida, que antes estava nele, operando a sua função, mas agora, fora dele, o fazia morrer.

20.26-27

A terra e os céus se reunirão contra o ímpio. Calamidades de todos os tipos perturbarão sua vida. Ele perderá dinheiro e terras. O *fogo* de Deus o queimará. Ver *Fogo* no *Dicionário* para os usos metafóricos desta palavra. Neste texto fogo literal e metafórico estão sob consideração.

Os céus lhe manifestarão a sua iniqüidade. O ímpio não pode ocultar seus pecados secretos para sempre. Os céus intervirão e deixarão tudo claro. A terra também se erguerá contra aquele homem, para pôr fim à triste história dele. O pecador recebe a oposição de Deus e dos homens, da natureza e de todo elemento que pode voltar-se contra ele. Ele tem de enfrentar inimigos avassaladores, pelo que sua condenação está selada. "A criação inteira inimizou-se com ele, por causa de sua culpa, que ele tanto quis ocultar. Zofar aludiu às próprias palavras de Jó (ver Jó 16.18.19), onde ele apela *aos céus e à a terra,* a fim de que confirmem sua inocência" (Fausset, *in loc.*).

20.28

As riquezas da sua casa serão transportadas. *Toda a riqueza* que o infeliz indivíduo labutou a vida inteira para ganhar será, de súbito, varrida para longe, e ele perderá tudo para sempre.

> *Os montes debaixo dele se derretem, e os vales se fendem; são como a cera diante do fogo, como as águas que se precipitam num abismo.*
>
> (Miquéias 1.4)

Os avisos são menos ouvidos, quando é mais urgente a necessidade deles. Muitos recebem conselhos, mas somente os sábios aprendem. De fato, a maioria dos homens pede conselhos, quando o que realmente querem é aprovação. Assim Zofar deve ter pensado acerca de Jó. Os homens enchem-se de virtudes conforme envelhecem. Eles entregaram a vida ao diabo, mas agora querem a proteção de Deus para enfrentar a morte. Há também a história do homem que assassinou seus pais; então, ao ser julgado, apelou por misericórdia, porque agora era um órfão! O julgamento de Deus ignora essa falta de bom senso, embora os homens possam deixar-se comover por ela.

> *Os sinos do inferno fazem ting-a-ling-a-ling*
> *Por você, mas não por mim.*
>
> (Anônimo)

Mas as coisas não correm dessa maneira, necessariamente. A retribuição tem suas surpresas.

> *O fruto sazonado, que à tua alma tanto apeteceu, se apartou de ti, e para ti se extinguiu tudo o que é delicado e esplêndido, e nunca jamais serão achados.*
>
> (Apocalipse 18.14)

20.29

Tal, é da parte de Deus, a sorte do homem perverso. O indivíduo ímpio, tão repleto de bens, perdeu tudo, mas ainda assim tem uma "rica" herança, a ira de Deus que nivela todas as coisas. Essa é a "porção" dele, e Deus é quem tratou com ele. Quando falamos em riquezas materiais, naturalmente pensamos em heranças, porque as riquezas passam de pai para filho. Quando Zofar falou sobre heranças, viu o que Deus tinha de reserva para o ímpio rico que explorou outras pessoas. Foi, de fato, uma visão terrível. Há um decreto divino envolvido na questão.

Não devemos cristianizar este texto, fazendo a ira de Deus referir-se a algum julgamento *depois* da morte biológica de um homem. Essa doutrina não entrou na teologia dos hebreus senão na época em que foram produzidos os livros do período intermediário entre o Antigo e o Novo Testamento. Zofar falava sobre o aniquilamento absoluto do pecador, antes e por ocasião da morte física.

> *Superficiais meio-crentes em credos casuais,*
> *Mas que nunca sentiram no íntimo, nem desejaram,*
> *Cujo discernimento nunca produziu fruto nas ações,*
> *Cujas vagas resoluções nunca foram cumpridas;*
> *Para quem cada ano que passa,*
> *É um novo começo, mas gera novos desapontamentos,*
> *Que hesitam e titubeiam por toda a vida,*
> *E perdem amanhã o terreno conquistado ontem.*
>
> (Matthew Arnold)

Capítulo Vinte e Um

O plano dos discursos é a apresentação, por cada um dos *consoladores molestos* de Jó (Jó 16.2), de três discursos, excetuando o terceiro deles, que fez somente dois discursos. Então Jó deu resposta a cada um deles, por sua vez. O capítulo 21 registra a réplica de Jó ao segundo discurso de Zofar. Quanto a notas expositivas completas sobre esse plano, ver as introduções aos capítulos 4, 8 e 20 do livro de Jó. Jó objetou à assertiva geral de que as suas dificuldades caíram

sobre ele em resultado da operação da *Lei Moral da Colheita segundo a Semeadura* (ver a respeito no *Dicionário*). Jó continuava insistindo em que era *inocente*. Os dogmas dos "amigos" de Jó não incluíam essa possibilidade. Ver sobre o *Problema do Mal,* na seção V da *Introdução* ao livro de Jó. Talvez o sofrimento dos inocentes faça parte do *caos* que afetou a toda a natureza, de cujo *caso* nem mesmo o crente está isento (ver Rom. 8.20). Mas rejeitamos a idéia de que alguma espécie de barganha cósmica estava em operação, como a descrita no prólogo do livro de Jó, que poderia comprovar algumas respostas. As outras introduções aos capítulos entram nessa questão, assim não repito os comentários aqui.

A réplica de Jó concede-nos um raciocínio meticuloso, proferido através de forte poesia retórica. O homem sofredor, Jó, cria réplicas diretas às afirmações de seus "amigos", como se não fossem aplicáveis ao seu caso, por serem cheias de abusos e distorções.

Raciocínios Principais à Réplica que se Segue:

1. Vss. 2-6, introdução. A chamada de atenção.
2. Vss. 7-13. Os dogmas petrificados dos consoladores molestos estavam simplesmente equivocados. Os homens maus prosperam e parecem imunes aos sofrimentos.
3. Vss. 14-21. O caso de Jó foi um clamoroso caso de *injustiça divina,* que nenhuma moralidade sensível pode aceitar ou justificar.
4. Vss. 22-27. A justiça não é feita mediante a morte, visto que tanto os bons quanto os maus compartilham dela, igualmente. Nem há consideração sobre um julgamento para além da morte biológica, que equilibre as *contas correntes.*
5. O homem mau ganha do homem justo, em uma consideração, pelo menos: sua fama sobrevive; o homem justo é totalmente esquecido.

Pedido por Silêncio e para Escutarem (21.1-6)

Falar com os amigos de Jó era como falar a uma parede de tijolos. Eles não ouviam nem compreendiam. Jó refutou as palavras de Zofar (vss. 7-33), esperando alguma espécie de resposta razoável. Os indivíduos dogmáticos, entretanto, não sabem usar a razão. Antes, estão enterrados até o pescoço na tradição e na arrogância. Em contraste com as outras respostas de Jó, nesta réplica não há nenhum apelo direto a Deus.

21.1-2

Respondeu, porém, Jó. Jó continuou na esperança de que, *se* seus consoladores molestos ouvissem e dessem atenção à sua argumentação, abandonariam, em parte, os seus dogmas teimosos. Eles não faziam idéia de que há coisas nos céus e na terra que a filosofia deles nunca havia imaginado. Eles eram os *donos* da verdade e os seus únicos propagandistas autorizados, conforme pensavam. Ver as notas expositivas em Jó 12.1. A verdade corria o perigo de morrer juntamente com eles! Aqueles homens miseráveis tinham identificado suas "consolações" com as *consolações de Deus* (ver Jó 15.11). Contudo, Jó pediu-lhes atenção benévola. Ele esperava que o que estava prestes a dizer induzisse alguma espécie de *retratação* da parte daqueles beatos.

Embora no capítulo 19 Jó tivesse mostrado fé na retribuição divina, neste capítulo 21, a fim de contradizer com maior eficácia o discurso de Zofar, ele negou que o princípio estivesse realmente em operação neste mundo miserável. Jó havia caído no *pessimismo* (ver na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia*). Ele chegou a acreditar que a própria existência é um mal. O grande cético, Schopenhauer, chegou a ponto de declarar que o maior pecado que um homem pode cometer é haver nascido.

21.3

Tolerai-me, e eu falarei. Os críticos de Jó eram "zombadores". Eles escarneciam tanto de Deus quanto dos homens. Portanto, Jó usou dessa palavra de modo irônico: "Ouvi-me, enquanto continuo a declamar de modo extravagante, ó zombadores". Ele conclamou aquelas *cidadelas do dogma* a escutar um pouco mais. Talvez ele conseguisse irromper através da mente de cimento deles e a fizesse receber um pouco de luz. Havia um *enigma* em seus sofrimentos. Ele era *inocente.* Por que o inocente sofre? O texto massorético contém, aqui, o vocábulo no singular, *inocente.* Jó destacou Zofar para a sua réplica. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Massora (Massorah); Texto Massorético,* quanto a uma discussão do texto hebraico estandardizado. Ver também o verbete *Manuscritos Antigos do Antigo Testamento.* A Septuaginta tem aqui o plural, como se Jó se tivesse dirigido a todos os seus três críticos.

Cf. este versículo com Jó 12.4 e 17.2, onde Jó também chamou seus amigos-críticos de "zombadores".

21.4

Acaso é do homem que eu me queixo? *A vara de Deus* estava sobre Jó (vs. 9), quando deveria estar sobre os iníquos. Por que o inocente sofre? Portanto, o pobre homem, Jó, registrou sua queixa não contra os homens, mas contra Deus, e chamava o Seu tratamento de *injusto.* O paciente Jó tinha-se tornado impaciente. Ele estava cansado de ver e experimentar tanta miséria neste mundo. Para ele, este não era, definitivamente, "o melhor de todos os mundos possíveis", conforme Leibniz propôs certa feita. De fato, Jó não podia imaginar mundo pior!

"Se Deus é um ser perfeito, e criador deste mundo, Ele teria escolhido criar o melhor de todos os mundos possíveis, e devemos supor que Ele assim o tenha feito" (*Dictionary of Philosophy and Religion,* sobre *Leibniz*). Jó rejeitava essa tese. As evidências eram contrárias.

"Visto que Jó tinha uma querela *com Deus,* por que seus amigos mostrar-se-iam impacientes com ele? Pelo menos, deveriam ter compreendido que ele tinha uma razão para estar irado" (Samuel Terrien, *in loc.*). Cf. Jó 6.21-23.

21.5

Olhai para mim, e pasmai. Nossa versão portuguesa, acompanhando a Revised Standard Version, tem uma excelente tradução aqui. A visão era repelente e terrível, ultrapassando qualquer descrição. Não obstante, lá estava ele, um *inocente,* naquela condição. Bastaria um olhar para Jó para modificar alguns dogmas. Mas os indivíduos dogmáticos nunca desistem. Um olhar para Jó teria cessado as tagarelices dos críticos dele. Eles deveriam pôr as mãos sobre a boca. Mas falar era fácil para eles, mesmo diante de um sofrimento espantoso. Provavelmente, este versículo introduz as contínuas blasfêmias de Jó, que deixaram seus críticos espantados. "Eles ficariam verdadeiramente *mudos* diante da ousadia das blasfêmias de Jó (vs. 5b). Ele mesmo já estremecia diante do pensamento de sua própria precipitação (vs. 6)" (Samuel Terrien, *in loc.*).

Harpócrates era o deus egípcio do silêncio. Ele é apresentado nas inscrições e gravuras antigas com um dedo comprimindo o lábio superior, um sinal de silêncio. Cf. Jó 29.9 e 40.4.

21.6

Porque só de pensar nisso me perturbo. A qualquer momento em que Jó pensasse sobre a profundeza de seus sofrimentos, ele se lamentava e começava estremecer. Ele estava sujeitado a *tensões máximas,* para as quais não havia alívio. Mas também é provável que encontremos, aqui, uma introdução às blasfêmias que ele estava prestes a proferir. Ele caía estremecendo, quando considerava a extrema precipitação das palavras que estava prestes a dizer. "Estou pronto para falar das misteriosas obras da providência divina, e estremeço diante do pensamento, ao entrar em detalhes sobre tal assunto" (Adam Clarke, *in loc.*). Quanto ao *desalento* de Jó, cf. Jó 22.10 e 23.15,16.

21.7

Como é, pois, que vivem os perversos...? *Injustiça.* O ímpio enriquece. E com suas riquezas ele assalta outras pessoas. Esse ímpio se espaventa como se fosse um galo, e outros homens o louvam. Ele envelhece sem passar por tribulação especial alguma. Tem alguns poucos lamentos, mas na verdade são sempre poucos demais para serem mencionados. Continua sendo homem poderoso em sua idade avançada, pratica injustiças contra os seus semelhantes e nunca tem um momento para pensar em Deus. Mas porventura Deus fere *esse* homem? Não, pois estava ocupado demais em ferir Jó! Zofar declarou que os ímpios logo desvanecem (ver Jó 20.5 ss.), mas Jó observava exatamente o contrário. Quanto à alegada *brevidade* do triunfo dos ímpios, cf. Jó 15.29,32-34; 18.5; 20.5,8.22. Quanto a esse enigma (os ímpios continuam ativos por longo tempo), ver Rom. 2.4; I Tim. 1.16; Sal. 73.18; Eclesiastes 8.11-13; Luc. 12.16-20 e 16.19-22.

21.8

Seus filhos se estabelecem na sua presença. Parte da prosperidade dos ricos consiste no fato de que a *posteridade* deles continuará em suas riquezas e poder, para deleite dos antigos pecadores que eram seus pais. No entanto, ali estava Jó, depois que sua família foi *destruída* (ver Jó 1.19), e ele era um homem inocente! Quem poderia encontrar sentido em uma situação como aquela? Cf. este versículo com Jó 18.19; Jer. 12.1 e Sal. 73.3.

> *Pois eu invejava os arrogantes, ao ver a prosperidade dos perversos.*
>
> (Salmo 73.3)

Os arrogantes e perversos continuavam a história em seus filhos, uma forma espúria de imortalidade, que envelhece pela segunda geração e nada significa. Mas Jó, pelo menos no momento, via algum valor nessa idéia.

21.9

As suas casas têm paz, sem temor. As casas (tendas) dos ímpios são seguras, em contraste com a casa de Jó, que foi nivelada por uma grande venta-

nia (ver Jó 1.19). A casa é o símbolo do que é bom neste mundo, contanto que se tenha tornado o *lar* de uma família unida. Os ímpios têm famílias unidas em seus excelentes lares, enquanto os filhos de Jó foram mortos em suas propriedades, destruídas por desastres naturais. O *problema do mal* (ver a *Introdução* ao livro de Jó) opera através do *mal moral* (a desumanidade do homem contra o homem) e através do *mal natural* (os abusos da natureza, como incêndios, inundações, terremotos, enfermidades e, finalmente, a morte, a campeã dos males físicos). Jó havia sofrido esses tipos de assalto, mas os perversos, algumas vezes, prosseguem indefinidamente, imunes a qualquer tipo de sofrimento. Zofar tinha predito desastre para os ímpios (ver Jó 20.26), tal como o havia feito Bildade (ver Jó 18.15). Jó, entretanto, observava exatamente o oposto. Os ímpios eram como "gatos gordos", desfrutando de uma boa vida, enquanto o homem inocente atingia a agonia. O que estava predito para os bons não acontecia a Jó (ver Jó 5.22,23). Havia nos sofrimentos de Jó um *enigma* que os argumentos não conseguiam resolver, nem os argumentos dos amigos-críticos de Jó nem os do próprio Jó. Naturalmente, o problema do mal (por que os homens sofrem e por que sofrem como sofrem) é uma das questões mais enigmáticas que existem. Ofereço uma discussão plena a respeito no artigo, do *Dicionário,* denominado *Problema do Mal.*

21.10

O seu touro gera, e não falha. *Os animais domésticos* representavam uma alta porcentagem da riqueza dos antigos. Jó havia observado que o gado de um homem mau se multiplica abundantemente, não apanha enfermidades e continua a aumentar de número, sem parar. As vacas não sofrem abortos, mas são superprodutoras. Em contraste, Jó perdeu suas riquezas, representadas em seus animais domésticos (ver Jó 1.14-17).

> *Que as nossas vacas andem pejadas, não lhes haja rotura, nem mau sucesso. Não haja gritos de lamento em nossas praças.*
>
> (Salmo 144.14)

21.11

Deixam correr suas crianças, como a um rebanho. Os filhinhos dos ímpios correm à vontade, em sua alegria, e brincam e folgam em paz e saúde, em terrível contraste com os pequeninos de Jó, que foram mortos por desastres horrendos. Cf. Jó 15.29-33, onde Elifaz afirmava que as calamidades atingem a família dos pecadores. Veja-os ali! Aquelas crianças pequenas, saltando, dançando e dando pulos de alegria, enquanto os corpos dos filhos de Jó apodreciam no sepulcro. As crianças dos perversos brincam e divertem muito seus pais. Entrementes, os filhos de Jó tinham sido reduzidos à carne pútrida.

21.12

Cantam com tamboril e harpa. É provável que, aqui, Jó tenha voltado a falar sobre os *adultos.* Os adultos também têm tempo para divertir-se, mas de forma mais sofisticada. Os adultos tocam instrumentos musicais de vários tipos. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Música, Instrumentos Musicais.* Uma teoria estética afiança que as belas artes são meramente os *jogos* de pessoas de mais idade, que imitam as brincadeiras infantis. A criança bate em uma panela com uma colher, enquanto um adulto inventa instrumentos que custam muito dinheiro, mas o "jogo" efetuado é idêntico. A observação de Jó era a de que os ímpios gozam de um lazer fácil, depois de ganhar muito dinheiro, a ponto de poderem engajar-se nas coisas doces da boa vida, em muita música, dança e prazeres sem restrição e sem fim. "Com algumas pinceladas, Jó esboçou o idílio tradicional da sociedade patriarcal, onde havia vida e alimentos em abundância, segurança e espaço para a folia e a liberdade descuidada, que alguns observadores chamavam de supérfluas (ver Zac. 8.5; Mat. 11.16,17). A passagem inteira, com seu encantamento concreto e características pitorescas, revela um contraste com o *pathos* do homem que falou, estando ele desolado, destituído, isolado e condenado" (Samuel Terrien, *in loc.*).

"Um homem bom em uma cruz? O Filho de Deus crucificado? Isso parecia blasfêmia! A crucificação de Jesus é algo que deve ter perturbado os santos. Como pode alguém reconciliar a careta na face de um leão, na arena, prestes a devorar um cristão, com o sorriso de Deus nos céus? Será possível que Deus continue no céu, a despeito do fato de que nem tudo corre direito no mundo?" (Paul Scherer, *in loc.*).

21.13

Passam eles os seus dias em prosperidade. É verdade, naturalmente, que os ímpios, afinal, são cortados pela morte, mas outro tanto se dá com o homem reto. Em contraste com o capítulo 19, Jó não levanta a questão de uma vida futura e, certamente, não a de um julgamento em que contas antigas são resolvidas com punição ou recompensa, dependendo da qualidade da vida que foi vivida. O bom e o mau são ambos cortados, sem distinção. Portanto, por que ser bom? Jó apontou aqui para a *futilidade* das riquezas materiais, pois terminam em nada. Contudo, o mesmo é verdade no que diz respeito ao homem bom.

O perverso desce ao *seol* (ver a respeito no *Dicionário) em "paz"* (Revised Standard Version), e, no entanto, alguns homens bons, como Jó, descem ao seol em estado deplorável. Seol aqui é apenas a sepultura. Trata-se de um lugar de existência consciente, e foi um desenvolvimento posterior da teologia dos hebreus. Jó não estava dizendo que até no *seol* (lugar onde se vive para além da morte) os ímpios têm paz, pelo que continuam a escarnecer de Deus.

Os ímpios têm permissão de descer de súbito ao sepulcro, sem nenhuma enfermidade dolorosa e debilitante (em contraste com o violentamente enfermo Jó). Dessa maneira, eles vão para a morte "em paz", "não mediante alguma enfermidade demorada. Grande bênção!" (Fausset, *in loc.*). Por isso Aben Ezra disse: "Em um momento, sem aflições". E Bar Tzemach também exprimiu: "Sem enfermidades malignas".

21.14

E são estes os que disseram a Deus: Retira-te de nós! Desfrutando de uma vida tão fácil e abundante, eles dizem a Deus para *perder-se,* conforme um expressão idiomática popular. Eles dizem a Deus: "Retira-te!". Talvez tenham sido ateus teóricos (eles acreditavam em Deus), mas com certeza eram ateus práticos; não tinham tempo para Deus; o princípio divino não fazia nenhuma diferença para eles. Eram seculares e profanos em todo o sentido das palavras. Assim é que muitos homens ímpios, mesmo que dêem a Deus o crédito pelas riquezas que obtiveram, são, de fato, ateus práticos. Não querem ouvir falar sobre os *caminhos* restritos de Deus, sobre Suas muitas leis dadas para governar nossa conduta. São espíritos livres, mas escravos de toda a sorte de corrupção. Este versículo deve ser contrastado com Sal. 25.4,5: "Faze-me, Senhor, conhecer os teus caminhos, ensina-me as tuas veredas. Guia-me na tua verdade e ensina-me, pois tu és o Deus da minha salvação, em quem eu espero todo o dia".

> *Irão muitas nações, e dirão: Vinde, e subamos ao monte do Senhor e à casa do Deus de Jacó, para que nos ensine os seus caminhos, e andemos pelas suas veredas; porque de Sião sairá a lei, e a palavra do Senhor, de Jerusalém.*
>
> (Isaías 2.3)

21.15

Que é o Todo-poderoso, para que nós o sirvamos? Os ímpios questionam os atributos de Deus. Ele realmente não é tão grande assim, nem se interessa por nós. Se O servirmos, que *proveito* teremos disso? Estamos dispostos a obter vantagens. Somos egoístas. O criador divino transforma as pessoas em escravos. Na sua ignorância, as pessoas oram a Ele e nada obtêm, enquanto nós, sem nenhuma oração, temos tudo. Portanto, para que brincar com esse *estofo* chamado religião? Os ímpios mostram ser completos egoístas. Ver na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* o verbete chamado *Egoísmo.* Um egoísta só servirá a outrem se obtiver alguma vantagem para si mesmo, pelo que, em última análise, até suas boas obras na realidade visam o proveito próprio. Na verdade, existe uma "piedade interesseira". Alguns homens tiram proveito de uma boa vida na igreja, por *serem religiosos.* Os homens glorificam a si mesmos na igreja sendo mais piedosos do que outros homens, a quem consideram inferiores. Fora da igreja, os homens andam atrás do dinheiro. Deus se interpõe no caminho deles. Cf. Jer. 2.20.

Comparar a acusação de Satanás contra Jó, no sentido de que ele serviria a Deus somente em benefício próprio (Jó 1.9-11). Isso é realmente verdade no tocante a muitas pessoas, até no seio da igreja. Muitos dos ímpios nem ao menos pretendem servir a Deus. Eles são mais honestos do que os hipócritas egoístas.

21.16

Vede, porém, que não provém deles a sua prosperidade. "Seus planos não levam Deus em consideração, nem O levam em conta. Eles são os donos de seus destinos. Operam sua própria salvação. São salvos por suas próprias obras. E Deus faz silêncio" (Samuel Terrien, *in loc.*).

Embora os perversos sejam iníquos, a Única Causa (Deus) é a *origem* da riqueza deles, bem como de seu poder e bem-estar. Alguns estudiosos pensam que essas palavras sejam irônicas, mas isso milita contra o contexto. Adam Clarke dizia que Deus meramente *empresta* (não dá de forma permanente) as riquezas e o poder que eles têm. Isso é verdade, mas outro tanto acontece aos justos. O fato agonizante era que Deus observava os ímpios de seus dias, os quais prosperavam, enquanto Jó continuava em miséria abjeta.

Entrementes, o conselho dos ímpios, todos os seus desígnios e arrogância, estavam *longe de Jó.* Nada tinham que ver com ele, nem ele compartilhou de suas atitudes e atos. Contudo, ele vivia em estado de miséria através dos atos da Causa Única.

21.17

Quantas vezes sucede que se apaga a lâmpada dos perversos? No fim, Deus corta os perversos e os envia para o nada do sepulcro. Mas isso também se dá com os justos, e nem um deles esperava, após a morte, recompensa ou retribuição, uma doutrina estranha à teologia patriarcal. Jó desenvolveu esperança no pós-vida, no capítulo 19, mas não aplica aqui essa esperança, nem aos justos nem aos pecadores ímpios.

A *lâmpada* dos ímpios queima brilhantemente, mas Deus, afinal, se cansa e os envia para espessas trevas exteriores. A destruição é a morte, e a morte é negra. A tristeza antecede o processo e também o acompanha. Os ímpios conseguem o que merecem, mas na terra, conforme dizia a doutrina da época. Jó concordou com seus amigos-críticos nesse ponto: embora a retribuição dos pecadores seja adiada, fatalmente chega. Mas então isso também acontece ao homem bom, e da mesma maneira. Portanto, temos aqui a repetição da doutrina de Jó 9.22: "Para mim tudo é o mesmo; por isso, digo: tanto destrói ele o íntegro como o perverso".

Bildade havia dito que a luz e a lâmpada dos ímpios seriam apagadas, em Jó 18.45,6. Jó tirou proveito dessas palavras, mas o contexto não estabelece diferença entre os pecadores e os santos, sendo essa a questão que fez Jó agonizar. Cf. Sal. 32.10; Osé. 13.13 e I Tes. 5.13.

> *Muito sofrimento terá de curtir o ímpio, mas o que confia no Senhor, a misericórdia o assistirá.*
>
> (Salmo 32.10)

Jó viu ser cumprida a primeira parte dessa declaração, embora adiada em muitos casos, mas a segunda parte não se aplicava a ele. Ver Pro. 13.9; 20.20 e 24.20.

21.18

Que são como a palha diante do vento...? As destruições de Deus são violentas como um grande temporal que tange tudo à sua frente. A palha e a pragana não podem resistir à tempestade. Mas isso diz respeito tanto aos maus quanto aos bons, e era o que deixava Jó perplexo.

> *Os ímpios não são assim; são, porém, como a palha que o vento dispersa.*
>
> (Salmo 1.4)

> *A sua pá, ele a tem na mão e limpará completamente a sua eira; recolherá o seu trigo no celeiro, mas queimará a palha em fogo inextinguível.*
>
> (Mateus 3.12)

Jó observava que os pecadores são raramente soprados para longe de súbito e com tanta facilidade como a palha é arrastada pelo temporal. Cf. este versículo com Jer. 41.2 e Sal. 37.35.

21.19

Deus, dizeis vós. Talvez os ímpios morram em *paz* e, além disso, em meio à *prosperidade* (vs. 13), mas nesse caso o julgamento cai sobre seus filhos (em contraste com o vs. 8, onde os vemos continuar na prosperidade de seus pais pecaminosos). Em alguns lugares, as Escrituras retratam os filhos como participantes dos pecados e juízos de seus pais. Ver Êxo. 20.5. Em outros, os filhos são isentados dessas coisas e sofrem por seus próprios pecados. Ver Deu. 24.16; Eze. 18.22. Parece que ambas as coisas acontecem. Então, os filhos sempre têm seus próprios estoques de pecados pelos quais são julgados. Mas o que deixava Jó perplexo era que os justos compartilham dos mesmos desastres que atingem os pecadores, tanto os pais como os filhos. Naquele mesmo momento, os corpos mortos dos filhos de Jó apodreciam no interior da terra, enquanto os filhos dos ímpios dançavam e se divertiam. Os críticos de Jó argumentaram em favor da tese do vs. 19, mas o próprio Jó não via os filhos dos ímpios sendo julgados. Ver Jó 18.19 e 20.10, quanto às assertivas dos críticos de Jó no tocante a essa questão. O que vemos é que, às vezes, os ímpios e seus filhos são severamente julgados, mas, de outras vezes, não. Então testemunhamos exatamente o mesmo acontecimento suceder aos bons. E então perguntamos: *Por quê?* O julgamento de Deus parece ser ao mesmo tempo injusto e arbitrário. Ele ora fere ora não fere, e não podemos prever quando nem por quê.

21.20

Seus próprios olhos devem ver a sua ruína. Julgamento e destruição são como *bebidas* que os ímpios precisam sorver. Mas a verdade é que os justos também são forçados a tomá-las. O Deus Todo-poderoso e arbitrário está por trás de todas essas coisas, conforme parecia a Jó. Temos de lembrar que Jó promovia o antigo conceito dos hebreus que envolvia o *voluntarismo* (ver a respeito na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia*). Deus é Vontade Pura e faz aquilo que melhor Lhe parece, sem obedecer às leis éticas que deu aos homens. Mas mesmo que Ele seja arbitrário, ainda assim é justo, porque é o padrão de Sua própria justiça, à qual os homens não podem objetar. A razão é eliminada e não busca a *justiça,* conforme compreendemos esse termo.

Quanto ao *cálice da ira de Deus,* cf. Deu. 32.33; Isa. 51.17-22; Jer. 25.15; Pro. 14.8. A metáfora pode ser extraída dos cálices de veneno que os criminosos eram forçados a beber, em sua *execução.* "Um cálice de suco de cicuta foi a ira ou punição determinada pelos magistrados atenienses para o filósofo Sócrates" (Adam Clarke, *in loc.*).

> *O seu vinho é ardente veneno de répteis e peçonha terrível de víboras.*
>
> (Deuteronômio 32.33)

Ver também Sal. 11.6 e Lam. 4.21, que encerram declarações similares às do presente versículo.

21.21

Porque depois de morto. "É o próprio homem culpado quem deve experimentar a ira do Todo-poderoso, pois, quando estiver morto, ele realmente não se importará com a sorte de seus descendentes (ver os vs. 21; 14.21; Jer. 31.29,30; Eze. 18)" (Samuel Terrien, *in loc.*).

> *Quem o fará voltar para ver o que será depois dele?*
>
> (Eclesiastes 3.22)

Cortado já o número dos seus meses. Em Jó 14.5, encontramos o ensino de que a duração da vida de um homem é determinada pelo decreto divino. Ver as notas expositivas ali existentes. Isso ocorre com alguns poucos, mas no caso da maioria dos homens poucos anos mais ou menos não fazem a menor diferença. Ver também Jó 7.1, que tem a mesma mensagem e onde dou amplas notas expositivas. Cf. Isa. 10.23 e Dan. 9.27. Em Jó 7.1, temos uma excelente citação ilustrativa de Sêneca sobre o fato de que ele (como estóico) tomou o mesmo ponto de vista determinista acerca da duração da vida de uma pessoa. O ímpio vive sua época e não poderia importar-se com o que acontece a seus descendentes. De fato, de acordo com a teologia patriarcal, ele não existe mais. Foi totalmente aniquilado, e é tolice pensar que está "cuidando" de alguma coisa. Ele não tem consciência para cuidar de nada. Ele é nada.

21.22

Acaso alguém ensinará ciência a Deus? A vontade de Deus é poderosa e não admite resistência. Seu conhecimento é vastíssimo, portanto ele sabe quando e como cortar os homens, e isso se aplica tanto aos justos quanto aos injustos (ver Jó 9.22). Ninguém pode aparecer em cena para ensinar a Deus o que Ele deve fazer. Sua vontade é suprema. Talvez Jó estivesse dando a entender que seus amigos-críticos tinham violado a vontade e o conhecimento de Deus ao condená-lo como pecador. Deus sabia que Jó era inocente, mas nem por isso deixou de injuriá-lo severamente. Críticos, como os de Jó 11.5 ss.; 4.18 e 15.15, atribuem aos homens coisas que eles próprios não têm condição de saber. Por outra parte, Jó pode ter parado por um momento e reconhecido a insensatez de *suas próprias presunções,* como se *ele* pudesse dizer qualquer coisa significativa acerca do que Deus faz e de como Ele age. Seja como for, a vontade de Deus se destaca tanto como suprema quanto como *enigmática.* Deus age de maneira que nenhum homem é capaz de explicar. Cf. Isa. 40.13 e Rom. 11.34.

> *Com quem tomou ele conselho, para que lhe desse compreensão? Quem o instruiu na vereda do juízo, e lhe ensinou sabedoria, e lhe mostrou o caminho do entendimento?*
>
> (Isaías 40.14)

Seja como for, os juízos de Deus não seguiam nem seguem as limitações das teologias humanas, as quais, em si mesmas, são autolimitadas, produzidas na ignorância dos homens. Falamos demais.

21.23

Um morre em pleno vigor. Os vss. 23-26 dizem que algumas pessoas morrem na prosperidade e no bem-estar. Elas morrem subitamente e não sofrem.

Mas outros sofrem terrores antes de morrer, e as suas agonias os levam às trevas. Não importa! Todos finalmente morrem e são reduzidos ao *nada* total! Jó salientava a futilidade da vida. Ele se transformara em um pessimista. Ver na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* o artigo chamado *Pessimismo*. A existência é um mal, e o pior pecado de um homem é o fato de ele ter nascido. Ora, nisso consiste o pessimismo.

Ao que parece, Deus ignora voluntariamente a vida dos homens, o que sofrem ou não. A mesma sorte mortal espera por todos, bons ou maus (repetindo o ensino de Jó 9.22, uma bela demonstração de pessimismo). Não há nenhum estado pós-vida que traga recompensas aos bons e tormentos aos maus. Essa noção fazia parte da teologia da época dos patriarcas.

Despreocupado e tranqüilo. O indivíduo estava bem, rico, desfrutando de conforto e lazer. Lamentações, ele as tinha bem poucas para serem mencionadas. A morte o arrebatava em seu sono. Ele não sofria ao morrer. Caminhava para a nulidade da morte, e nem notava como e quando.

21.24

Com seus baldes cheios de leite. O *peito* de um homem não fica cheio de leite, como o hebraico pode ser traduzido (conforme se vê na King James Version). Mas essa palavra é de sentido incerto. Se estão em foco os *seios*, então isso foi dito sobre um ser humano, porque o gênero feminino da espécie humana pode estar nessa condição, como sinal de prosperidade e bem-estar. Nossa versão prefere a palavra "baldes". A Revised Standard Version diz "corpo", e, em lugar de *leite*, prefere "gordura". O rico é um "gato gordo", conforme se diz em uma expressão moderna, em inglês. A Vulgata Latina e a Septuaginta citam *intestinos* e, nesse caso, o versículo diz que os ímpios vivem *bem alimentados*. As versões árabe e siríaca dizem "costelas gordas", transmitindo a idéia de que o pecador fica gordo devido à sua rica dieta.

Fresca a medula dos seus ossos. Como deveria estar, em vida, porquanto na morte há o ressecamento de todo o corpo morto. Os ímpios gozam de *boa saúde*. O corpo do indivíduo é comparado a um campo bem regado. A vida vem da água, sem a qual não pode haver vida. Ver Pro. 3.8; Isa. 58.11 e 66.14.

21.25

Outro, ao contrário, morre na amargura do seu coração. Em *violento contraste*, outro homem morre depois de experimentar intensos sofrimentos. E morre amargurado. A vida o maltratou. Ele foi esmigalhado. Ele não obtém o bastante para comer,. Além disso, nunca come os acepipes que os ricos têm em suas mesas. Seus ossos são *secos*. Suas costelas são magras. Ele nunca tem descanso, por causa dos desastres e das enfermidades.

21.26

Juntamente jazem no pó. *A Morte é a Grande Niveladora*. O rico e o pobre são nivelados por ocasião da morte. "A mesma sorte mortal espera por ambos. Eis a situação que Deus (aparentemente) ignora. O fato da morte revela menos a igualdade de todos os homens do que a *injustiça* do destino de ambos e, em conseqüência, a irresponsabilidade de Deus" (Samuel Terrien, *in loc.*).

A morte devora tanto cordeiros quanto ovelhas.

(Provérbio do século XVII)

As riquezas e a saúde não são testes da retidão. Um homem perverso pode prosperar, ser saudável e viver por muitos anos. Um homem bom pode ser pobre, enfermiço e morrer prematuramente. Essas coisas não entendemos, mas são fatos facilmente observáveis em nosso mundo de "ais". Jó não reviveu o quadro apresentando um pós-*vida* com um julgamento que pune os ímpios e recompensa os justos. Isso não fazia parte da teologia patriarcal e só entrou no pensamento dos hebreus, com alguns detalhes, nos livros do período intermediário (apócrifos e pseudepígrafos), entre o Antigo e o Novo Testamento.

Esplêndidos monumentos podem retratar a corrupção e celebrar uma vida entregue aos deboches, mas dificilmente isso traz algum bem para o homem morto. O que resta são as carcaças que se putrefazem, tanto as dos justos como as dos injustos. As distinções dos vivos terminam no nada da morte.

Os intérpretes cristianizam o texto, trazendo à tona nossa compreensão sobre a imortalidade, com suas punições e recompensas apropriadas. Mas Jó não antecipava tais coisas. Ele estava ilustrando o fato de que as *injustiças*, em muitos casos, dominam o que acontece neste mundo. O crime pode recompensar!, disse ele, mas esse pagamento é fugidio. Ser bom não recompensa, necessariamente. Em qualquer caso, por ocasião da morte, todos os pagamentos e dívidas cessam. Assim sendo, permanecem *enigmas* nessa questão dos sofrimentos.

21.27

Vede que conheço os vossos pensamentos. Os discursos dos três amigos-críticos de Jó começaram bastante corteses, mas se tornaram gradualmente mais amargos, cortantes e cheios de insultos. Coisa alguma, de tudo quanto Jó disse em sua defesa, alterou as opiniões daqueles indivíduos dogmáticos. Eles encalharam naquela canção única: aquele que estiver sofrendo, sem dúvida, deve ser um pecador, em consonância com a *Lei Moral da Colheita segundo a Semeadura* (ver no *Dicionário*). É extremamente difícil modificar o rumo de uma mente dogmática, e, quando isso está misturado ao tradicionalismo, então a casca grossa torna-se praticamente impenetrável. Mas Jó sabia que as respostas padronizadas deles não eram a única para o *problema do mal* (ver a seção V da *Introdução* ao livro de Jó). Por que os homens sofrem e por que sofrem como sofrem? Jó defendia a sua *inocência*, e isso quer dizer que o problema do sofrimento deve conter *enigmas*. Mas a teologia dogmática é inimiga dos enigmas. Os amigos de Jó nem se deram ao trabalho de investigar "o que existe ali" (vs. 2), pois essa investigação perturbaria a teologia inadequada e incompleta deles.

21.28-29

Porque direis: Onde está a casa do príncipe...? *Investiguem!* Foi isso o que Jó quis dizer a seus amigos-críticos dogmáticos. Eles tinham feito declarações gerais acerca de "por que os homens sofrem conforme sofrem?", mas não haviam submetido a teste suas teorias. Eles asseguraram que os ímpios, mesmo os príncipes, são logo destruídos e não prosperam caso não se arrependam. Mas Jó também declarou que qualquer viajante poderia tê-los informado sobre a noção contrária (ver o vs. 29). Aqueles que viajam costumam ver muitas coisas. São capazes de dizer quem é rico e quem se encontra em dificuldades. Podem informar facilmente os consoladores molestos de Jó (ver Jó 16.2) que existem muitos ímpios, "espalhados pelo mundo", que vivem no lazer, ricos, poderosos e até mesmo famosos. E parecem imunes a qualquer golpe aplicado pelo Ser divino.

Podemos ter certeza de que os "amigos" de Jó não investigariam coisa alguma, porque o dogma é o inimigo do pensamento livre. Os indivíduos dogmáticos são vítimas de seus próprios atos. São prisioneiros que merecem misericórdia, como qualquer outro tipo de prisioneiro.

As suas declarações. Eles contavam com evidências e argumentos baseados nas suas observações. O que eles observavam nem sempre concordava com a "teoria da queda do filho mau".

21.30

Que os maus são poupados no dia da calamidade. A investigação, com as evidências recolhidas *empiricamente*, é enfática quanto à asserção de que os ímpios podem ter uma maneira incrível de escapar aos desastres, ao passo que o homem bom cai neles de maneira inevitável. Os amigos-críticos de Jó não permitiam essa possibilidade. Até os *criminosos* notórios têm grande sorte de escapar à detecção e, mesmo detidos, escapam de qualquer dano. Além disso, eles recebem funerais honrosos (vss. 32,33). Os amigos-críticos de Jó viviam em um mundo idealista, não no mundo real. Inventavam regras para aquele mundo imaginário, sem valor algum no mundo real.

Ninguém ousa denunciar ou confrontar pessoas ímpias e influentes, e verificar se elas eram devidamente punidas. Uma pessoa assim "popular" continua vivendo por muito tempo, recebe sepultamento honroso, e as pessoas se reúnem em redor de seu sepulcro, agindo como se estivessem tristes porque o patife morreu.

Os intérpretes continuam cristianizando o texto, lembrando a retribuição pós-túmulo. Naturalmente, os ímpios saem-se muito mal nesse teste, mas Jó não estava compreendendo tal coisa, nem os seus amigos-críticos.

21.31

Quem lhe lançará em rosto o seu proceder? Os indivíduos ímpios têm cúmplices que podem vingar-se de algum informante ou denunciante. O ímpio rico tem dinheiro para comprar os juízes e vingadores contra os informantes. Assim sendo, prevalece a *lei do silêncio*, e o iníquo fica livre. Dizer que tais coisas não acontecem todos os dias é promover o engano, e era disso que Jó acusava seus "amigos". Para piorar as coisas, o pecador fica livre das enfermidades, de modo que nem a natureza o acusa ou pune. Presumivelmente, até Deus, em Seu voluntarismo arbitrário, favorece o ímpio, "esquecendo-se" de puni-lo, ao mesmo tempo que algum homem pobre, como o infeliz Jó, é *espancado* todos os dias de sua vida.

21.32

Finalmente é levado à sepultura. *Afinal, o Patife Morre*. E então surgirão homens que o denunciem? Absolutamente não, pois agora ele é uma espécie de herói popular. Além disso, restaram-lhe filhos que continuam olhando ao redor para encontrar alguém que cortem em pedaços. E assim as ovelhas obedientes

(muitas delas suas vítimas) seguirão com olhares piedosos atrás do caixão mortuário e louvarão o ímpio por sua "vida boa". Em contrapartida, o homem bom que foi posto no túmulo por um decreto de Deus é alvo de zombaria, por ter sido "julgado pelo Senhor e tê-lo merecido!". Vigilâncias e monumentos são postos em redor do túmulo do ímpio, de modo que os homens continuam a maravilhar-se a respeito daquele "homem bom". A "vigilância", nesse caso, provavelmente, é uma estátua ou monumento, e não algum ser humano, embora isso também não seja impossível. Naturalmente, se objetos valiosos foram sepultados com o homem, então um grupo de vigilância será necessário para evitar a violação do túmulo e o furto dos objetos. Mas um homem bom e pobre não merecia nenhuma atenção parecida. No entanto, o túmulo de um perverso pode tornar-se local de peregrinações, pois o poderoso assume ar de herói e até de semideus.

21.33

Os torrões do vale lhe são leves. *Torrões Leves.* Sob a superfície do solo, o cadáver do ímpio apodrece, mas na superfície torrões leves fecham o buraco. O autor sagrado indica que o pecador notório morreu em paz, honrado por outras pessoas; assim, seu sepulcro foi abençoado, em vez de amaldiçoado. A situação inteira foi *poeticamente doce*. O morto, na verdade, de nada sabe; mas, se soubesse de algo, então diria: "Quão boa e doce foi toda a minha experiência. É bom ser honrado e relembrado". Não há nenhum pensamento de *recompensa* além do sepulcro, que seja doce para o pecador, ainda que, de acordo com os nossos padrões, ele não merecesse coisa alguma. Seu cortejo fúnebre foi quase sem fim, com toda aquela gente presente ao sepultamento. E, mesmo depois da morte, muita gente andou em torno do sepulcro, a dizer coisas boas acerca do miserável pecador. Talvez as palavras "o seguem" e "foram adiante dele" refiram-se aos que morreram antes dele ou aos que morreram depois dele. Ele seguiu os que tinham morrido antes dele, e aqueles que morreram depois agora o seguem. No fim, aqueles que foram antes e aqueles que morreram depois dele são os aqui chamados de "não têm número". Esses terminam da mesma maneira e são reduzidos a nada.

21.34

Como, pois, me consolais em vão? Se o caso fosse assim para o ímpio, ao passo que Jó, homem inocente, sofria toda a sua miséria, então seus amigos-críticos eram uns mentirosos, porque tinham prometido alguma distinção entre o justo e o pecador. Foi por essa razão que Jó os chamou de *mentirosos*, no rosto deles. Eles eram consoladores falsos, molestos (ver Jó 16.2). A *essência* dos discursos dos amigos-críticos de Jó terminara por ser enganadora. Mesmo que Jó fosse culpado de todos os crimes que lhe foram imputados, a essência dos discursos teria sido enganadora, porquanto a questão inteira reduziu-se a nada. A futilidade foi a essência. Em outras palavras, "a existência é má, e o maior pecado de um homem é ter nascido" (ver na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e filosofia* o verbete intitulado *Pessimismo*). O poeta deixou de falar sobre uma vida futura, na qual as contas correntes entre cada pessoa e Deus serão equilibradas, pois os bons receberão recompensa eterna, e os maus, punição eterna.

Capítulo Vinte e Dois

Terceira Série de Argumentos. Elifaz e Bildade Apresentam Novos Argumentos, e Jó Lhes Dá Resposta (22.1–33.33)

Note que o *terceiro amigo* não apresentou o terceiro discurso. Não sabemos por que Zofar não falou pela terceira vez. Talvez seu discurso proposto tenha sido substituído pelo discurso de Eliú (capítulos 32-37). A essa longa série de declarações e exortações, Jó não replicou. Deus interveio e entregou Seu próprio discurso (Jó 38.1–42.6).

O plano dos discursos dos três membros da tríade terrível era que cada um deles falasse três vezes, com as respectivas réplicas de Jó. Quanto a esse plano, ao qual adiciono detalhes com os propósitos e as mensagens principais do livro, ver as introduções dos capítulos 4, 8 e 20.

O Terceiro Discurso de Elifaz (22.1-30)

Deus Não Precisa do Homem (22.1-5)

Jó tinha caído no pessimismo, que é expresso através de suas réplicas. Os amigos-críticos iniciaram seus discursos com cortesia, mas logo começaram a atacar com extrema agressividade, tendo perdido o equilíbrio emocional. Elifaz não conseguiu responder aos principais argumentos de Jó, no capítulo 21. Não foi capaz de perceber que o caso de Jó representava escandalosa injustiça. Jó deu a entender que Deus precisava ser instruído por ele, quanto à moral apropriada. Devemos lembrar que ele tinha uma visão voluntarista de Deus, mediante a qual a vontade é dominante, ao passo que a razão e a justiça (conforme entendemos o termo) são bastante secundárias. Elifaz, assim sendo, apresentou uma visão exaltada de Deus, um Deus que não precisa do homem, em nenhum sentido, nem mesmo do homem justo. O frenesi acusador dos homens não impressiona o Deus Todo-poderoso, pelo que Jó estava completamente fora de propósito em sua réplica. Ver na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* o artigo chamado *Pessimismo*.

22.1

Então respondeu Elifaz, o temanita. Este versículo repete Jó 4.1 e 15.1, palavra por palavra. Dou notas expositivas correspondentes naqueles lugares. Ver também Jó 2.11, onde o homem foi mencionado no início da frase.

22.2

Porventura será o homem de algum proveito a Deus? "Em seu papel de autonomeado sustentador de uma forma exaltada de *teísmo*, Elifaz esticou uma verdade a um ponto absurdo. Sem dúvida, Deus não precisa do homem (a palavra hebraica sugere um homem forte, vigoroso ou mesmo um *sábio*). O renomado mestre, Elifaz, admitiu que nem mesmo um membro de sua profissão é *proveitoso para Deus!* Ao mesmo tempo, a religião é *proveitosa* para o homem" (*Oxford Annotated Bible*, comentando sobre o vs. 2). Ver sobre *Teísmo*, no *Dicionário*. Essa doutrina diz que Deus não somente existe e criou todas as coisas, mas também se faz presente para controlar, guiar, recompensar e punir. Ele não é indiferente para com os homens. No *deísmo* (ver também a respeito no *Dicionário*), Deus, embora iniciador de todas as coisas, está ausente do universo e deixa que as leis naturais cuidem das coisas. Portanto, Deus não intervém diretamente na história humana, nem positiva nem negativamente.

Elifaz repreendeu Jó por sua pretensão de ter algum valor para Deus, reclamando Dele por causa de sua adversidade. Ele até poderia ser um homem bom, mas nem isso seria algo em favor de Deus, nem Lhe adicionaria coisa alguma. Contudo, há a retribuição divina. O homem perverso sentirá a ferroada dolorosa da ira divina.

22.3

Ou tem o Todo-poderoso interesse em que sejas justo...? "A bondade do homem não traz a Deus nenhum benefício. Deus nada ganharia se o homem fosse justo, conforme Jó vociferava. Visto que Deus não é afetado se uma pessoa é próspera e outra é pobre (cf. Jó 21.23-26), elas deverão ser assim por causa de sua retidão ou falta de caráter. Como poderia uma pessoa explicar assim, indiscriminadamente, condições aparentes? Elifaz simplesmente não podia aceitar a idéia de que Deus era responsável por qualquer desvio para longe da justiça" (Roy B. Zuck, *in loc.*). Elifaz proclamava que a religião, pelo menos em parte, consiste em "auto-interesse", ou seja, envolve egoísmo, tal e qual Satanás havia dito (ver Jó 1.9). Assim surge em cena o tema principal do livro. Pode a adoração e o serviço a Deus ser desinteressados? Ou um homem serve a Deus somente em benefício próprio, que ele esperava derivar desse serviço? Ver na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* o verbete denominado *Egoísmo*.

Um corolário do tema principal é o problema do mal, que indaga por que os homens sofrem e por que sofrem como sofrem. Como é óbvio, isso está intimamente relacionado ao problema da qualidade da adoração e da espiritualidade humana. Pode o sofrimento anular a adoração? Nesse caso, trata-se de uma adoração de qualidade espúria e egoísta.

Mas se Elifaz exaltava a majestade de Deus, ele se esqueceu de exaltar a bondade do Senhor: Deus por certo está interessado no homem e intervém na história humana, o que é uma noção básica a qualquer conceito do teísmo.

> *Porque, como o jovem esposa a donzela, assim teus filhos te esposarão a ti; como o noivo se alegra da noiva, assim de ti se alegrará o teu Deus.*
>
> (Isaías 62.5)

> *Digo-vos que, assim, haverá maior júbilo no céu por um pecador que se arrepende do que por noventa e nove justos que não necessitam de arrependimento*
>
> (Lucas 15.7)

Dizer-se que os homens são basicamente inúteis a Deus não anula o valor que Deus dá aos seres humanos, por causa de Sua graça e bondade.

> *Sentimos que nada somos, pois tudo és Tu e em Ti;*
> *Sentimos que algo somos, isso também vem de Ti;*
> *Sabemos que nada somos – mas Tu nos ajudas a ser algo.*
> *Bendito seja o Teu nome – Aleluia!*
>
> (Alfred Lord Tennyson)

22.4

Ou te repreende pelo teu temor de Deus...? Embora Deus pareça indiferente para com o homem que nada representa, Jó não sofria em troca de nada. Ele não sofria porque temia Deus e era um homem espiritual. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Temor*, quanto a detalhes do conceito de "temer a Deus". Isso é básico na piedade do Antigo Testamento. Mas Deus também não estava repreendendo Jó por ser ele um pecador, e esse é o ponto que Elifaz insistia em não compreender. Sua teologia não tinha lugar para a idéia de que um homem inocente possa sofrer. Por que um homem inocente sofre? Talvez seja por causa do *caos* (ver Rom. 8.20), que fere tanto o justo quanto o injusto, com desconcertante freqüência. Certamente a causa desses sofrimentos não era porque Deus e Satanás estivessem fazendo uma barganha e Jó fosse a vítima disso (ver o *Prólogo* do livro de Jó). Temos nisso um artifício literário; ou, se a questão tiver de ser tomada a sério, como o é, naturalmente, temos um exemplo de *teologia deficiente* dos hebreus, quando o livro de Jó foi escrito.

A King James Version transmite a idéia de que Deus poderia temer Jó, em vez de Jó temer Deus, mas outras traduções – incluindo nossa versão portuguesa – rejeitam essa possibilidade. Elifaz não estava dizendo, *ironicamente*, que Deus poderia temer Jó, pelo que o tratava bem.

22.5

Porventura não é grande a tua malícia...? *Novamente, a Mesma Antiga Canção.* Elifaz retomou o tema que tinha dominado, até aqui, os discursos dos amigos-críticos de Jó. Os sofrimentos de um homem ocorrem em resultado do julgamento divino contra o pecado. Naturalmente, temos aqui uma verdade, mas não a única que faz parte do quadro da vida de Jó. Os *inocentes* também podem sofrer e, realmente, sofrem. Na questão do sofrimento humano, há *enigmas* para os quais o livro de Jó nunca apresentou soluções. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Lei Moral da Colheita segundo a Semeadura.*

Até mesmo em nossa melhor teologia, ainda não resolvemos todos os enigmas do sofrimento humano. Aceitamos o caos (ver Rom. 8.20) como causa possível do sofrimento dos justos, sabendo que, finalmente, esse sofrimento será removido do quadro, em escala universal. Então ficamos a girar em torno da doutrina da existência pós-túmulo, quando todas as feridas sofridas nesta vida serão curadas. Essa é uma grande verdade e deve ser lembrada em qualquer discussão sobre as *razões* do sofrimento humano. Mas não resolve o enigma do motivo pelo qual os justos sofrem *agora*, nesta vida terrena. Há também que considerar o caso da *disciplina*, que surgirá nos discursos de Eliú (Jó 32–37). Essa também é uma boa doutrina, mas, mesmo assim, insuficiente para resolver o problema do mal. Ver o *Problema do Mal*, na seção V da *Introdução* ao livro de Jó, e um estudo ainda mais detalhado no *Dicionário*.

Indivíduos de tendências dogmáticas e tradicionais, que figuram no livro de Jó, foram incapazes de compreender os significados mais profundos do sofrimento humano. Em seus sistemas teológicos não havia espaço para problemas ainda não-resolvidos. Eles detestavam *enigmas*. Contudo, não existe coisa alguma tão enigmática, neste vasto mundo, como a *razão* do sofrimento humano e das maneiras miseráveis de sofrimentos dos homens.

As Cinco Injustiças Sociais de Jó (22.6-9)

22.6

Porque sem causa tomaste penhores a teu irmão. *Os Alegados Pecados e Injustiças de Jó.* Elifaz compôs (com base em sua imaginação) uma longa lista de graves pecados que Jó, presumivelmente, havia cometido. Se Jó tivesse praticado todas *aquelas coisas*, então, não nos admiramos de que ele estivesse sofrendo. Mas o argumento de Elifaz era *ad hoc.*, isto é, era inventado "para o caso específico em mãos". Ele não tinha nenhuma evidência em favor de suas asserções, por meio da investigação ou da observação. Provavelmente, parte dessa lista de falhas de Jó vinha de algum *rumor*, e não de uma invenção direta de Elifaz. O pobre homem, Jó, era desprezado. Ele se tornara objeto de calúnias e maledicências injustas. Estas se tornaram amargas e cortantes. E, como toda a maledicência, as acusações eram, essencialmente, inverídicas.

As Cinco Acusações contra Jó:

1. *Jó aceitava garantias pelos empréstimos* de pessoas que lhe deviam, até tirando-lhes as próprias roupas, tão injusto era ele em seus atos. Se um devedor dava sua túnica como garantia por um empréstimo que fizera, essa túnica tinha de ser-lhe devolvida ao cair da noite, visto que era usada como proteção contra o frio. Ver Êxo. 22.26,27 e Deu. 24.10-13. Deixar de devolvê-la era um grande ato de injustiça e crueldade. Jó respondeu a essa acusação específica em Jó 31.19-22. *Mudas* de roupa faziam parte das riquezas materiais no Oriente Próximo e Médio na antigüidade. O pobre homem não teria o luxo de possuir duas túnicas, o que explica a necessidade de ser-lhe devolvida a túnica que havia dado como garantia, a fim de passar a noite. Cf. o presente versículo com Mat. 25.36 e Tia. 2.15. Jó é retratado nessa acusação como homem duro e inflexível, destituído de misericórdia, insensível para com o sofrimento alheio.

22.7

2. Se um homem estivesse trabalhando ou viajando, e ficasse com sede, Jó nem lhe daria água para beber, nem daria água aos animais do homem, como é óbvio. A água era elemento escasso no deserto da Arábia e tinha de ser empregada com cuidado. Jó não era do tipo de homem que compartilhasse sua água, nem mesmo no caso de sede ardente por parte de outras pessoas. Dar um copo de água fria era considerado uma virtude nos países do Oriente, mas Jó não estava interessado nesse tipo de virtude. De fato, dar de beber ao sedento era um *dever*, mas Jó costumava negligenciar esses deveres sociais.

> *Traga-se água ao encontro dos sedentos; ó moradores da terra de Tema, levai pão aos fugitivos.*
>
> (Isaías 21.14)

> *E quem der a beber, ainda que seja um copo de água fria, a um destes pequeninos, por ser este meu discípulo, em verdade vos digo que de modo algum perderá o seu galardão.*
>
> (Mateus 10.42)

3. Água era um elemento escasso no deserto da Arábia, mas *alimento por certo não o era*, para um rico xeque árabe, Jó. Contudo, embora não lhe faltassem alimentos, ele não os compartilhava com pessoa alguma, exceto com seus amigos ricos, que tinham banquetes contínuos em suas propriedades. Jó também respondeu a essa acusação mais adiante, em Jó 31.16 e 22.

Os índios da parte norte do Brasil têm poucos pecados em seu código de ética. Mas furtar bananas é uma de suas proibições. Além disso, ter bananas e não compartilhar com outros, também é pecado. Assim sendo, Jó nem ao menos teria a moralidade de povos selvagens, que reconhecem a necessidade de alguma medida de truísmo.

22.8

4. *Abuso de Poder.* Jó era homem poderoso e tinha prestígio entre os poderosos. Mas abusava de seu poder, promovendo males sociais e até perseguindo seus semelhantes. Jó era um poderoso *proprietário de terras*, e isso lhe dava a oportunidade de exercer opressão sobre outras pessoas. Jó era *homem honrado*, literalmente no hebraico, alguém cuja *face era aceitável*. Mas só era honrado diante dos ricos e poderosos. Para os pobres, era um tirano. Jó não tinha respeito por seus semelhantes. Só dava alguma coisa a alguém se pudesse receber algo de volta. Era um egoísta. Ver na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* o artigo chamado *Egoísmo*.

22.9

5. *Abusos contra Viúvas e Órfãos.* Jó era um tirano sem misericórdia. Entre as suas vítimas contavam-se as viúvas e os órfãos completamente destituídos. Ele confiscava as propriedades das viúvas e dos órfãos, que os maridos e pais pobres tinham deixado ao morrer. Além disso, mediante a fraude, ele obtinha o controle de suas terras e possessões, incluindo quaisquer animais domésticos que porventura os pobres tivessem. Ele *quebrava os braços dos órfãos*, expressão particularmente forte no hebraico, para mostrar quão *sem coração* se alegou que era Jó. O *braço* é um quadro da força, bem como os meios de fazer algo. Jó era um destruidor dos fracos, mostrando-se duro de coração e cruel. Era destituído da simpatia humana comum. Abusar das viúvas e dos órfãos era considerado um crime odioso, segundo a mentalidade do Antigo Testamento. Ver Êxo. 22.22; Deu. 27.19; Jer. 7.6; 22.3 e Zac. 7.10. Jesus acusou os fariseus hipócritas desse crime:

> Ai de vós, escribas e fariseus, hipócritas, porque devorais as casas das viúvas...
>
> (Mateus 23.14)

Todas essas acusações não correspondiam ao caráter de Jó, conforme vemos em Jó 29.12 e 31.16-22.

22.10

Por isso estás cercado de laços. Os *pecados de Jó* tinham armado muitos laços em redor dele; ele caíra em um desses laços, e então em outro, e continuava a cair, de modo que seu estado se tornara verdadeiramente miserável. Cf. Jó

19,.6, onde Jó usa a *linguagem metafórica das armadilhas,* a qual Elifaz a*proveitou* em sua declaração acusatória.

> *Espinhos e laços há no caminho do perverso...*
>
> (Provérbios 22.5)

Repentino pavor. Subiram à mente de Elifaz os desastres terríveis que tinham atingido a família e as possessões de Jó (Jó 1.13-19). Além disso, seu corpo tornou-se o objeto de ataques devastadores (ver Jó 2.7 ss.). Aqueles assaltos também ocorreram de súbito e com o máximo de severidade. Assim sendo, de acordo com Elifaz, Jó estava em meio aos golpes divinos, que ele merecia, de acordo com a lei da colheita segundo a semeadura.

"Elifaz atribuiu a Jó o tipo de sentimentos que ele mesmo tinha atribuído ao indivíduo perverso, no capítulo anterior, vs. 14 ss." (Ellicott, *in loc.*). Os ímpios são primeiro castigados severamente e então (alegadamente) arrebatados desta existência antes do seu tempo normal de vida (vs. 16).

> *Terror, cova e laço vêm sobre ti, ó morador da terra. E será que aquele que fugir da voz do terror cairá na cova, e, se sair da cova, o laço o prenderá; porque as represas do alto se abrem, e tremem os fundamentos da terra.*
>
> (Isaías 24.17-18)

22.11

Ou trevas em que nada vês. Outros desastres, poeticamente chamados de "trevas", que podem apontar para o negrume da noite da *morte,* bem como dilúvios, acompanham o caminho dos perversos. Cf. Jó 11.16 e 27.20, quanto aos perigos da destruição provocada pelo dilúvio. "Calamidades avassaladoras estão em pauta" (Fausset, *in loc.*).

> *Do alto me estendeu ele a mão e me tomou; tirou-me das muitas águas.*
>
> (Salmo 18.16)

Ver Jó 20.28, quanto a algo similar. "Acusar não é a mesma coisa que restaurar. Restauração envolve identificação. E isso depende do próprio Deus" (Paul Scherer, *in loc.*). Ver Gál. 6.1.

> *Salva-me, ó Deus, porque as águas me sobem até à alma. Estou atolado em profundo lamaçal, que não dá pé; estou nas profundezas das águas, e a corrente me submerge.*
>
> (Salmo 69.1-2)

22.12

Porventura não está Deus nas alturas do céu? *O Deus Todo-poderoso, majestático,* poderia ser concebido como tão distante que nem vê o que os homens fazem, ou mesmo que o veja, não se importa com isso. Mas Elifaz assegurou a Jó que Deus tanto vê quanto se incomoda e, por essa mesma razão, Jó estava sofrendo naquele dia. Deus é *transcendental,* mas também é *imanente.* Os pecadores que esperam escapar da atenção do Deus transcendental de súbito O encontram imanente, a julgá-los. O pecador não somente pratica o ateísmo teórico, mas também o *ateísmo prático* e, agora, precisa pagar o preço por esse equívoco. Ele acredita que há um Deus "em algum lugar lá fora", mas se surpreende ao descobrir que o mesmo Deus está subitamente presente em algum desastre. Quanto à distância de Deus do ser humano, cf. Jó 4.17-19; 5.9; 15.14-16. Deus é majestoso em Seu céu, um Ser *totalmente outro,* pleno de sabedoria e conhecimento, e também cheio de severidade. Ele tem consciência de quem Lhe convém julgar.

> *Quer alguém durma, ande ou esteja à vontade,*
> *A Justiça, invisível e muda, lhe segue os passos,*
> *Ferindo sua vereda, à direita e à esquerda,*
> *Pois todo o erro nem a noite esconderá!*
> *O que fizeres, de algum lugar, Deus te verá.*
>
> *E pensas que poderás torcer a sabedoria divina?*
> *E pensas que a retribuição jaz remota, longe dos mortais?*
> *Bem perto, invisível, sabe muito bem a quem deve ferir.*
> *Mas tu não sabes a hora quando, rápida e repentinamente,*
> *Ela virá a varrer da terra aos iníquos.*
>
> (Ésquilo)

22.13

E dizes: Que sabe Deus? Deus, em "algum lugar, lá em cima", talvez não note o homem humilde, independentemente de ser esse um pecador ou um santo. Espessas nuvens O escondem. Ele tem coisas e problemas celestiais com que se preocupar. Dará Ele atenção a coisas na terra? Talvez Ele tenha estabelecido as *leis naturais* para tomar conta das coisas (*deísmo,* ver a respeito no *Dicionário*) e *não intervirá.* Elifaz estava propondo a doutrina de uma deidade passiva, idéia contrária ao Antigo Testamento em geral. Ver Osé. 9; Isa. 62.5 e Luc. 15.7. Grossas nuvens ocultam os céus dos homens, mas não escondem os homens dos céus. No pensamento primitivo, o céu de Deus estava localizado literalmente "lá em cima". Atualmente pensamos em termos de esferas imateriais, que não podem ser referidas pelos termos *em cima* e *em baixo.* É possível que Elifaz, em sua teologia primitiva, tenha pensado literalmente em nuvens que escondiam Deus. Ele não tinha o conceito do grande espaço nos céus, mas sabia que os céus não podem ser vistos, quando as nuvens cobrem tudo. Ou, então, devemos entender as *nuvens* metaforicamente, ou seja, "qualquer coisa que esconda os homens de Deus, e Deus dos homens": mistérios, enigmas, ignorância etc.

22.14

Grossas nuvens o encobrem. O poeta desenvolveu aqui a "metáfora da nuvem". Deus está lá em cima, entre as nuvens. Presumivelmente, a terra está escondida de Sua vista, de maneira que não faz parte dos pensamentos Dele. As nuvens são *espessas,* o que garante que a proteção do escrutínio divino é segura. Ele anda acima da cúpula dos céus, ocupando Sua mente com coisas celestiais. Que Lhe importaria o que acontece na terra, ou se os homens são justos ou injustos? Elifaz falou sobre um *Deus transcendental* (vs. 12), mas isso não significa que Ele seja *indiferente,* uma noção comum ao deísmo, mas estranha ao pensamento veterotestamentário. O próprio Jó usou a linguagem dos vss. 14-15, ao descrever o ateísmo prático dos pecados, e agora Elifaz usou as palavras de Jó contra Jó, fazendo dele um homem entre os pecadores antigos, que acompanha aquela multidão miserável (vs. 15). Ver Jó 21.14,15, quanto ao ateísmo prático. Os homens usualmente acreditam em Deus como uma teoria. São teístas teóricos. Mas, em sua maioria, os homens são *ateus práticos,* porquanto ignoram a Deus na vida cotidiana. Deus não faz a mínima diferença naquilo que dizem e fazem.

22.15

Queres seguir a rota antiga...? *As tradições Não São Tudo.* Existem tradições boas e *más.* Elifaz tomou a posição de que Jó se aliara aos homens perversos antigos e tomou partido de suas odiosas tradições. Jó, pensou Elifaz, não era um ateu teórico e, sim, um ateu prático. As tradições seguem por certas veredas, uma metáfora de vida que segue um caminho costumeiro. Jó se acostumara ao caminho errado que, certamente, o estava conduzindo à destruição (vs. 16).

> *Entrai pela porta estreita (larga é a porta, e espaçoso, o caminho que conduz para a perdição, e são muitos os que entram por ela), porque estreita é a porta, e apertado, o caminho que conduz para a vida, e são poucos os que acertam com ela.*
>
> (Mateus 7.13,14)

Cf. este versículo com Jó 34.8, onde retorna a metáfora contida no presente versículo, e onde dou notas expositivas adicionais. Elifaz estava dizendo: "Jó, você é um daqueles ateus práticos sobre os quais você mesmo falou". Nem todos os caminhos são legítimos para os homens. Alguns deles por certo *são degenerados,* e até a igreja se envolve em degeneração, pensando estar agindo bem, como, por exemplo, o uso de música *degenerada* nos cultos.

O vs. 15 por certo alude ao deboche dos homens antes do dilúvio. A paciência divina finalmente acabou, e o dilúvio arrebatou a todos eles, conforme lemos no vs. 16. Homens debochados não têm fundamento espiritual. São vítimas fáceis da ira divina.

22.16

Estes foram arrebatados antes do tempo. O autor sacro tinha em mente o dilúvio de Noé. Aquele foi um exemplo conspícuo de como Deus perde a paciência com homens ímpios e os varre da face da terra. Eles "são arrebatados antes de seu tempo" (conforme diz a Revised Standard Version). Eles poderiam ter ido mais longe, mas, por causa de seus pecados em multidão, perderam uma vida mais longa. O castigo da ação divina, no caso daqueles pecadores de antes do dilúvio, foi à vida da grande maioria dos seres humanos. Seus "fundamentos" foram, dessa maneira, varridos pelas águas. Isso lembra as palavras ditas por Jesus:

> E todo aquele que ouve estas minhas palavras e não as pratica será comparado a um homem insensato que edificou a

sua casa sobre a areia; e caiu a chuva, transbordaram os rios,
sopraram os ventos e deram com ímpeto contra aquela casa,
e ela desabou, sendo grande a sua ruína.

(Mateus 7.26,27)

Ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Dilúvio de Noé*. Deus é o Deus da intervenção na história da humanidade. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Teísmo*. Ele não se mostra indiferente para com a Sua criação (conforme diz o *deísmo*).

Quanto à morte prematura dos homens, ver Jó 15.32 e Eclesiastes 7.17. Os fundamentos de algumas vidas são "arrastados", isto é, transformam-se em torrentes liquefeitas, misturadas às águas do dilúvio, conforme diz, literalmente, o original hebraico. O livro de Jó não falava de uma retribuição post-mortem.

22.17-18

Diziam ao Senhor: Retira-te de nós. *Estes dois versículos* são virtualmente idênticos a Jó 21.14-16, pelo que solicito ao leitor que examine a exposição naqueles lugares. Elifaz aproveitou as palavras de Jó e condensou um pouco seus dizeres. Jó falara contra os *ateus práticos,* mas seu crítico aplicou as palavras ao próprio Jó, a quem ele pôs na companhia daqueles ateus. O amigo-crítico deu uma pequena distorção às afirmações de Jó, as quais foram aplicadas de maneira diferente. Jó havia declarado que o conselho dos ímpios era estranho a ele; Jó não pensava como eles pensavam (ver Jó 21.16). Elifaz, porém, aplicou essas palavras a si mesmo, e não a Jó, e deixou Jó na companhia dos ímpios, para sofrer suas tristezas. Podemos ter certeza de que Elifaz falou ironicamente, como se Jó não pudesse falar do modo como o fez, porquanto, conforme pensava Elifaz, o conselho dos ímpios era, de fato, o próprio caminho de Jó.

E o ímpio Jó, embora tivesse proferido palavras piedosas, enchia sua casa com coisas boas, ao destruir a casa das viúvas e viver uma existência geralmente egoísta, servindo ao próprio "eu" e prejudicando seus semelhantes. O Todo-poderoso, por sua vez, foi retratado como a *causa* de toda aquela riqueza. Ele se mostrara generoso com Jó e outros homens ímpios, permitindo (e até ajudando) que eles obtivessem casas cheias de coisas boas. Novamente encontramos a doutrina de Deus como a *Causa Única*. Entrementes, em contraste com Jó, Elifaz mantinha-se afastado do conselho dos ímpios, de forma que não podia participar do inevitável julgamento que lhes esperava.

22.19

Os justos o vêem, e se alegram. Quando o julgamento de Deus derruba por terra os pecadores, os justos tomam consciência do que está acontecendo e riem-se zombeteiramente dos ímpios. Pois assim os ímpios, finalmente, receberão o que merecem, em harmonia com a *Lei Moral da Colheita segundo a Semeadura* (ver a respeito no *Dicionário*). E os oprimidos finalmente terão a oportunidade de ver os opressores esmagados, e isso dará prazer aos justos. Estes têm desejos de leito de morte: Oh, se aqueles destruidores fossem destruídos! Quando isso acontece, eles dão graças a Deus e têm uma festa de celebração.

Somente com os teus olhos contemplarás e verás o castigo dos ímpios.

(Salmo 91.8)

Ri-se aquele que habita nos céus; o Senhor zomba deles.

(Salmo 2.4)

Cf. também Pro. 15.3; 16.7 e 19.12.

Também Deus te destruirá para sempre; há de arrebatar-te e arrancar-te da tua tenda e te extirpará da terra dos viventes. Os justos hão de ver tudo isso, temerão e se rirão dele...

(Salmo 52.5,6)

22.20

Dizendo: Porquanto o nosso adversário foi destruído. O que o dilúvio não destruiu, as chamas divinas o fizeram, deixando vazias as tendas dos ímpios. O que restou do "adversário", as chamas consumiram. Os juízos de Deus são múltiplos e eficazes. O autor fala sobre poucos modos, mas Deus tem muitas surpresas no *modus operandi* de Sua ira. Talvez haja neste versículo uma alusão à destruição, pelo fogo, das cidades da planície, incluindo Sodoma e Gomorra. Tanto Bildade quanto Zofar haviam citado o julgamento mediante o fogo. Ver Jó 18.15 e 20.26. E, aqui, Elifaz empregou a metáfora.

22.21

Reconcilia-te, pois, com ele, e tem paz. *Convite Renovado ao Arrependimento.* Tendo experimentado assustar Jó com suas eloqüentes metáforas de julgamento, Elifaz agora dizia a Jó: "Ainda não é tarde demais para ti. Abandona essa tua pretensão de seres inocente. Confessa e abandona os teus pecados, e a *bondade* voará sobre ti, em lugar das águas do dilúvio". Elifaz convidou Jó a *submeter-se a Deus,* em vez de Lhe fazer perguntas e falar falsidades, a fim de parecer um homem bom. Diz aqui o hebraico, literalmente, "concorda com Deus". Nesse acordo (sou um pecador e agora me arrependo), a paz lhe seria concedida e seus sofrimentos cessariam. O indivíduo dogmático, assim sendo, não adicionou nada novo à discussão, mas continuou tocando a única música que ele conhecia: os pecadores sofrem; os justos não sofrem. O hebraico subentende, literalmente: "Sê um companheiro de Deus". A King James Version diz: "Fica conhecido de Deus". O resultado seria a *paz* que nos é dada através da reconciliação, e o fim do conflito com o Ser divino. O pecador pode descansar se cessar de pecar. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Paz*. O texto não deve ser cristianizado para falar da paz que nos é dada por meio da expiação, com a promessa da vida eterna. Antes, devemos pensar aqui em paz, em descanso dos sofrimentos, nesta *vida física.*

22.22

Aceita, peço-te, a instrução que profere. Existe uma *lei,* um *padrão* ou *instrução.* Talvez haja aqui alusão à lei de Moisés, pois o livro de Jó teria sido escrito, de fato, após a lei ter sido transmitida através de Moisés, embora posto no período patriarcal, omitindo assim referências *diretas* à legislação mosaica. Seja como for, em qualquer período histórico, há aquela lei de Deus mediante a qual os homens são instruídos. Há também paz e prosperidade na *obediência.* Mas as palavras de Deus devem ser postas no coração como um *tesouro,* para que sempre nos influenciem a vida. Deve haver uma conversão genuína ao princípio divino. Não basta falar sobre as instruções divinas; elas devem tornar-se parte da nossa vida.

Quando falamos com o Senhor, na luz de Sua Palavra, quanto é a glória que Ele derrama em nosso caminho. Enquanto cumprirmos a vontade de Deus, Ele permanecerá conosco e com todos quantos confiarem Nele e Lhe forem obedientes.

(J. H. Sammis)

Guardo no coração as tuas palavras, para não pecar contra ti.

(Salmo 119.11)

Cf. este versículo com Pro. 2.1 e 4.10.

"Entesourai Suas palavras em vossos corações, como um rico tesouro, muito valioso, preferível ao ouro, à prata e às pedras preciosas, que os homens guardam em caixas e gabinetes, por causa do seu *valor*" (John Gill, *in loc.*). Os homens anseiam por não perder seus objetos valiosos. Quanto mais as instruções de Deus devem ser guardadas em nosso coração, a fim de não se perderem da alma humana, mas sendo constantemente exercitadas. Os tesouros ocultos em câmaras secretas finalmente passam a alguma outra pessoa ou são furtados por ladrões. O tesouro de Deus no coração, porém, não se pode perder. Os homens devem ser "ricos para com Deus".

Não acumuleis para vós outros tesouros sobre a terra, onde a traça e a ferrugem corroem e onde ladrões escavam e roubam; mas ajuntai para vós outros tesouros no céu, onde traça nem ferrugem corrói, e onde ladrões não escavam, nem roubam; porque, onde está o teu tesouro, aí estará também o teu coração.

(Mateus 6.19,20)

22.23

Se te converteres ao Todo-poderoso. *A Volta aos Princípios Corretos.* O autor sagrado falava nas instruções do Todo-poderoso, com a volta do coração ao próprio Deus, o que tem mais valor do que os tesouros ocultos em câmaras secretas. Jó teria todas as iniqüidades condenadoras removidas de si mesmo e de sua tenda. Então as bênçãos de Deus fluiriam, a começar com a cura de seu corpo. Jó estava em desesperadora necessidade de *restauração,* e o verdadeiro arrependimento seria o caminho para a restauração. Elifaz eliminou completamente a possibilidade de que um *inocente* podia sofrer, e esse era o caso de Jó. A teologia de Elifaz não tinha enigmas, mas isso não significa que não haja enigmas neste mundo miserável. Jó, de acordo com a avaliação de seu crítico, era um homem arrogante. Ele precisava de humildade para ser capaz de sentir o impacto dos argumentos dirigidos contra ele. A arrogância era apenas outro dos pecados de Jó. O Todo-poderoso é suficiente para a tarefa restauradora, se confiarmos Nele.

22.24

E deitares ao pó o teu ouro. Nossa versão portuguesa por certo está correta ao começar esta declaração com um "se", e não com um "quando". Se Jó jogasse fora o seu ouro terreno, no pó, e *se* jogasse no rio suas pepitas de ouro, então ele teria a oportunidade de fazer de Deus o seu ouro. "Pára de confiar em tuas riquezas. Entrega tuas pepitas ao pó, aquele ouro de Ofir que tens acumulado (ver Jó 28.16 e Isa. 14.12). Lança teu ouro na ravina. Que as águas o levem. Então, sê rico para com Deus, e teus problemas em breve estarão resolvidos."

Ofir. Para completo entendimento da referência ao ouro daquele lugar, ver o artigo no *Dicionário* chamado *Ofir*. Para ganhar as *riquezas* de Deus, Jó tinha de considerar suas riquezas terrenas como se fossem *poeira*. O hebraico original do texto é difícil, pelo que é traduzido e interpretado de maneiras diversas. "Ao amar o ouro, em vez de amar Deus (vss. 24-25), Jó encontraria estranho deleite no Todo-poderoso (ver Sal. 37.11; Isa. 55.2; 58.14 e 66.11)" (Samuel Terrien, *in loc.*). O ouro é, com freqüência, extraído dos rios. Jó foi exortado a lançar seu ouro de volta ao rio, a fim de obter um tesouro maior, da parte do próprio Deus. *Deus* é o grande Rio da bênção.

22.25-26

Então o Todo-poderoso será o teu ouro. O Deus Todo-poderoso deve tornar-se para um homem o seu tesouro, no qual ele confia. Deus deve tornar-se o ouro, a prata e as pedras preciosas do crente. Somente então um homem pode elevar seu rosto a Deus (vs. 26). Elifaz estava convidando Jó para a verdadeira *espiritualidade*. Ele o estava chamando para longe da vida mundana e para fora das ambições mundanas.

> *Por que gastais o dinheiro naquilo que não é pão, e o vosso suor, naquilo que não satisfaz? Ouvi-me atentamente, comei o que é bom e vos deleitareis com finos manjares.*
>
> (Isaías 55.2)

"Dá menos trabalho encontrar Deus do que encontrar metais ocultos, pelo menos para aquele que O busca humildemente (Jó 28.12-28)" (Fausset, *in loc.*).

"... eleva para Ele a tua face, sem mancha, sem confusão, sem pejo, sem corar, sem a carga da culpa" (John Gill, *in loc.*). Provavelmente, a *oração* é aqui aludida. *Nisso*, os homens elevam o rosto para Deus. Portanto, o vs. 27 continua a tratar da idéia da oração.

22.27

Orarás a ele, e ele te ouvirá. As orações de Jó deixaram de ser respondidas. Ele lançava suas palavras contra a cúpula de bronze dos céus, e estes apenas reverberavam as palavras a ele. Mas o homem que eleva o rosto inocente para Deus (vs. 26) pode esperar respostas às suas orações. O homem justo fará votos e promessas e, quando os estiver cumprindo, a bênção de Deus fluirá para ele das comportas abertas do céu. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Oração*.

Jó seria um homem de *orações* bem-sucedidas, se cumprisse essas condições.

> *Então, clamarás, e o Senhor te responderá; gritarás por socorro, e ele dirá: Eis-me aqui...*
>
> (Isaías 58.9)

Comparar os *votos* mencionados neste versículo com Sal. 56.12,13 e 66.13,14. Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Voto*, quanto a amplos comentários sobre a questão.

22.28

Se projetas alguma cousa, ela te sairá bem. Jó era um miserável pecador, jazendo ali, naquele monturo de cinzas, queixando-se e chorando. Mas o *Jó restaurado* tornar-se-ia, uma vez mais, homem de poder e decisão, pronunciando *decretos* e controlando homens e situações. Quando ele decidisse sobre alguma coisa, estaria aquilo decidido, e outros indivíduos viriam para fazer o que estivesse de acordo com seu desejo. Por trás de tudo isso estaria a providência de Deus ajudando o *homem justo*.

Além disso, Jó teria *luz para a sua vereda*. Ele teria uma mente iluminada. Saberia o que era melhor e o faria corretamente. Não padeceria *dilemas de decisão*. Oh, Senhor, concede-nos tal graça! Abraão sabia que Ló tinha de sair de Sodoma. Não era fácil arrancar Ló de Sodoma, pois até sua esposa voltou o rosto para trás e foi transformada em coluna de sal. A diferença foi *iluminação*. Abraão *sabia* o que fazer. Os demais *hesitavam*.

> *Se, porém, algum de vós necessita de sabedoria, peça-a a Deus, que a todos dá liberalmente e nada lhes impropera; e ser-lhe-á concedida.*
>
> (Tiago 1.5)

> *Confia ao Senhor as tuas obras, e os teus desígnios serão estabelecidos.*
>
> (Provérbios 16.3)

22.29

Se estes descem, então dirás. Um *princípio padronizado* é que Deus humilha os orgulhosos, mas exalta os humildes, e Elifaz empregou esse ensino em seu apelo final a Jó. Seus sofrimentos confirmaram que ele era um pecador arrogante. E Jó seria destruído completamente, caso continuasse a caminhar por aquela vereda. É característico dos arrogantes não ouvir os conselhos alheios, portanto Jó estava em perigo mortal.

> *A soberba precede a ruína, e a altivez de espírito, a queda.*
>
> (Provérbios 16.18)

> *... Deus resiste aos soberbos, contudo, aos humildes concede a sua graça.*
>
> (I Pedro 5.5)

A misericórdia e a graça pertencem àqueles cujo coração participa da genuína espiritualidade. O homem mundano e orgulhoso só pode terminar mal. Jó tinha sido homem poderoso, mas agora - conforme Elifaz supunha – fora humilhado pela ira de Deus. Mas, da mesma maneira que Deus humilha o pecador, pode levantar de novo o pecador arrependido.

22.30

E livrará até o que não é inocente. Jó necessitava desesperadamente ser libertado de suas agonias. Mas, para conseguir isso, precisava ter mãos limpas. Para obter mãos limpas, precisava arrepender-se. Para tornar o arrependimento eficaz, precisava ser sincero e constante em seu novo caminho. Deus estava preparado e disposto a ajudar, mas não haveria de ajudar aquele *pecador arrogante*, Jó. A verdade da questão, contudo, era que o golpe divino caíra sobre um *inocente*, algo completamente fora dos dogmas de Elifaz. Havia um *enigma*, que continuava. Seja como for, o argumento geral de Elifaz era que, enquanto a piedade de Jó não era nada para Deus, para o próprio Jó, uma piedade genuína poderia ser de grande valor.

O hebraico original do versículo é difícil. Quanto a "inocente", a King James Version diz "ilha", o que não faz sentido. Alguns estudiosos opinam que a palavra envolvida é "casa". A casa de um homem é livrada de calamidades. A versão siríaca e a Vulgata complicam a questão, dando a entender que o homem que *não é inocente* será livrado por Deus, um sentido improvável.

Graças à pureza de tuas mãos. Uma metáfora poética para indicar um *inocente*, alguém livre do pecado que domina o indivíduo. As mãos são usadas para fazer coisas, incluindo atos maus. Assim também o *homem* está limpo tem as mãos limpas, sendo mãos o símbolo de sua *pessoa inteira*.

> *Quem subirá ao monte do Senhor? Quem há de permanecer no seu santo lugar? O que é limpo de mãos e puro de coração, que não entrega a sua alma à falsidade.*
>
> (Salmo 24.3-4)

Capítulo Vinte e Três

Terceira Réplica de Jó a Elifaz (23.1 – 24.25)

O plano dos discursos era que cada um dos três amigos-críticos de Jó apresentariam três discursos, e então Jó replicaria a cada discurso. Mas o terceiro dos amigos-críticos apresentou apenas dois discursos, o que significa que o terceiro discurso dele pode ter sido substituído pelo longo discurso de Eliú (Jó 32–37). Jó não respondeu a Eliú, porque foi então que Deus interveio com Seus próprios discursos (ver Jó 38.1–42.6). Quanto a detalhes sobre o plano dos discursos e os problemas principais do livro, ver as introduções aos capítulos 4, 8 e 20.

Os consoladores molestos de Jó (ver Jó 16.2) não desistiram. Continuavam dizendo que Jó era um pecador notório e constante, culpado de atos criminosos e, naturalmente, tinha de sofrer o julgamento de Deus, de acordo com a *Lei Moral da Colheita segundo a Semeadura* (ver a respeito no *Dicionário*). Jó também não desistiu, porque continuava a proclamar em altas vozes a própria inocência. Muitas palavras cortantes e insultuosas foram proferidas tanto pelos amigos-críticos de Jó quanto por ele próprio, e as palavras de queixa e insultos deste último foram lançadas na direção do céu, contra o próprio Deus, o que chocou seus críticos.

Na réplica que temos à nossa frente, Jó não deu resposta aos argumentos de Elifaz. Antes, examinou os pontos fundamentais da situação e deu, em sua maioria, respostas generalizadas. Deus é retratado como a distorcer sempre suas tentativas de obter um encontro (ver Jó 23.2-17) e a recusar-se a responder às orações de Jó (ver Jó 24.1-25). Jó, pois, continuou a sentir-se oprimido, tanto por Deus quanto pelo homem.

Jó respondeu a algumas das alegações de Elifaz, no capítulo 31 do livro. Nos capítulos intervenientes, concentrou sua atenção na relutância de Deus em ouvir o seu caso e responder de maneira significativa. Jó estava decepcionado com a injustiça e o *silêncio* de Deus.

23.1-2

Respondeu, porém, Jó. O vs. 1 é a introdução padronizada a uma nova réplica. Jó retornou ao seu já famoso *pessimismo* (ver a respeito na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia).* A própria existência se tornara um mal para Jó; assim, continuaram suas amargas queixas. Deus ou distorcia ou ignorava todos os seus esforços para "entrar em contato" com os céus. Suas orações não eram ouvidas, tinham deixado de ser respondidas. E Jó continuou sentindo-se oprimido, mesmo sem saber a razão disso. "Ainda hoje" são palavras que, provavelmente, significam "agora". Não sabemos por quantos dias perduraram as discussões, mas devem ter perdurado, ao menos, por duas semanas.

Revoltado. A palavra hebraica tem o sentido de "rebelde". "Era manifesto que os amigos de Jó pensavam que ele estivesse revoltado, e ele continuaria a sentir-se um revoltado. Sempre que o erro estiver entrincheirado e o *status quo* tiver de ser modificado, o desafiador ganha para si mesmo o nome de *rebelde.* Jó parecia um subversivo. Ele se tornara inimigo do povo... Parecia um herege" (Paul Scherer, *in loc.*). O mesmo autor salienta que o *Roget's Thesaurus* lista os seguintes grupos como hereges ou representantes da *heterodoxia:* deístas, teístas, unitários, protestantes, católicos, judeus, luteranos, calvinistas episcopais, metodistas, batistas, islamitas e budistas. *Por quê?* Porque, para *algumas pessoas* (oponentes daqueles grupos), *todas* essas denominações e religiões representam os "alienados", ou seja, os "hereges". Jó também tinha opiniões diferentes de seus amigos, pelo que, para eles, era um herege rebelado, embora ele tivesse a *verdade,* e eles não a tivessem. A curto prazo, as tradições sempre saem ganhando, e a verdade tem de esperar.

> *A verdade, esmagada na terra, levantar-se-á de novo.*
> *Os anos eternos de Deus lhe pertencem.*
> *Mas o erro, ferido, debate-se em meio a dores*
> *E morre entre os seus adoradores.*
>
> (William Cullen Bryant)

Apesar de a minha mão reprimir o meu gemido. A pesada mão da punição divina era ainda mais pesada que os gemidos desesperados de Jó, e pesava mais a cada dia. A Septuaginta e a versão siríaca dizem: "Meu castigo é pesado a *despeito* do meu gemido". Em outras palavras, Deus tornou-se surdo diante dos clamores de Jó e continuou a aumentar as dores dele. Isso dá algum sentido a um trecho hebraico difícil, mas provavelmente temos aqui uma emenda, para tornar mais fácil o sentido da passagem.

Seja como for, Jó estava revoltado e tinha consciência disso. Essa percepção, porém, não o fez parar. Jó continuava a atirar-se contra Deus, conforme seus críticos disseram que ele estava fazendo (ver Jó 5.8; 8.5; 11.12 e 22.23). Mas coisa alguma que ele fizesse alterava sua situação desesperadora.

23.3

Ah! se eu soubesse onde o poderia achar! Jó continuava clamando, buscando e choramingando. Mas o cobre dos céus só reverberava seus apelos, sem lhe dar nenhum "alívio". Se ao menos Jó pudesse localizar o Salão do Trono e ver Deus em Seu devido lugar! Então Jó correria para Deus e lançaria diante Dele todas as suas queixas e agonias, exigindo resposta às suas tristezas, requerendo uma transformação, porque, quanto a ele, estava no fim de suas forças. Mas não acontecia absolutamente nada, a despeito de suas severas dores e de seus clamores intermináveis. É correto salientar que Deus tem encontrado homens em Cristo, e tem sido providenciado o acesso (ver Heb. 6.19,20), mas Jó não antecipava coisa alguma dessa natureza. Ele só queria sair de suas agonias miseráveis. Ver também Heb. 10.19-22 e, no *Dicionário,* o verbete chamado *Acesso.* Finalmente, porém, Jó obteve suas respostas, as quais solucionaram seus problemas (nos capítulos finais do livro de Jó); mas, primeiramente, ele precisava ser submetido a teste.

23.4

Exporia ante ele a minha causa. *Argumentação.* Jó imaginou-se inutilmente na Corte celeste, assediando o Deus Todo-poderoso com uma chuva de queixas e argumentos, exigindo alguma espécie de resposta divina para a sua miséria. Jó seria o seu próprio advogado e assaltaria o Juiz com a apresentação lógica. Ele argumentaria de maneira persuasiva (cf. Jó 10.2); proferiria palavras de peso, que fariam a audição do Todo-poderoso inclinar-se em sua direção. Assim corria o seu sonho. Mas Deus estava ausente e ocultava-se, e continuaria nessa atitude *até* que chegasse o seu tempo para mudar. Ver Sal. 22.1-5, quanto a algo similar.

> Verdadeiramente, tu és Deus misterioso...
>
> (Isaías 45.15)

23.5

Saberia as palavras que ele me respondesse. Se recebesse tal oportunidade, Jó obteria a sua resposta. Ele *compreenderia* a explicação que o Juiz houvesse de proferir. Então conheceria a *causa* de seus sofrimentos, e isso lhe daria certo alívio. Ou assim corria o seu sonho. "Jó buscava obter, da parte do Juiz fugidio, uma audiência e o reconhecimento de sua virtude" (*Oxford Annotated Bible,* comentando sobre este versículo). Jó seria *vindicado* perante seus amigos-críticos. E ficaria demonstrada sua inocência, conforme ele proclamava, insistentemente.

> *Porque de nada me argúi a consciência; contudo, nem por isso me dou por justificado, pois quem me julga é o Senhor.*
>
> (I Coríntios 4.4)

23.6

Acaso segundo a grandeza do seu poder... A fé de Jó aumentou, ao imaginar-se ele, pessoalmente, no Salão do Trono de Deus, pleiteando seu caso diante do Juiz supremo. Porventura o Juiz divino haveria de avassalá-lo e lutar contra ele, reduzindo a nada o próprio Jó e seus argumentos? Não! Pelo contrário, o Juiz haveria de fortalecê-lo, reconhecendo a justiça de sua causa, vindicando-o e restaurando-o, assim lhe segredava o seu sonho. Cf. Jó 9.19,34 e 13.21.

> *Lutou com o anjo e prevaleceu; chorou e lhe pediu mercê; em Betel, achou a Deus, e ali falou Deus conosco.*
>
> (Oséias 12.4)

23.7

Ali o homem reto pleitearia com ele. Jó era homem reto, inocente das acusações feitas contra ele e, pelo menos no momento, apegou-se a esse pensamento e proclamou que um *homem justo* não seria rejeitado na presença do Juiz. Por conseguinte, o resultado era inevitável: seu caso seria ouvido; sua inocência seria reconhecida; o Juiz declarar-se-ia em favor dele, e Deus tornar-se-ia o *Curador* de todos os seus males. Seus temores cessariam. Assim corria o seu sonho. Contudo, ainda não era chegado o tempo de Deus. A vontade de Deus corre de acordo com a cronologia divina, e é muito difícil proceder sem que estejam as coisas no tempo marcado por Deus. Mas então as portas fechadas abrem-se, miraculosamente. Um homem ímpio teria medo de comparecer perante o Juiz (ver Jó 13.16); se ele o fizesse, as coisas correriam muito ruins para ele. Jó, porém, estava convencido de sua inocência. O problema do sofrimento humano envolve enigmas. O fato brutal é que o homem inocente pode sofrer. Ele, juntamente com os pecadores, participa da futilidade deste mundo (ver Rom. 8.20). E não podemos perguntar *por quê?* A vida pós-túmulo *cura* o sofredor, mas por que um homem sofre *agora,* e por muitas vezes mais do que seu vizinho injusto, permanece um enigma. A *adversidade,* todavia, pode atuar como *disciplina,* e esse foi exatamente um dos argumentos de Eliú (Jó 32–37). Mas essa é apenas mais uma resposta, que não resolve completamente o enigma do sofrimento humano, embora possa explicá-lo parcialmente.

23.8

Eis que se me adianto, ali não está. As *tentativas fúteis* de chegar a Deus deixavam vexada a alma de Jó. Ele *avançava,* mas nada acontecia. Ele retrocedia e, ainda assim, nada sucedia. Deus se ocultava. As orações supostamente não chegavam aonde Deus estava. Os sofrimentos de Jó pareciam não impressionar a Deus. Seus apelos e queixumes não eram ouvidos: a dor não era sentida.

O hebraico original diz aqui, literalmente, *leste* (adiante) e *oeste* (para trás). Jó ia até o alvorecer para encontrar-se com Deus. Mas Deus não aparecia. Ia até o pôr-do-sol para encontrar-se com Deus. Mas Deus também não aparecia. No *dia de Jó,* Deus não estava em parte alguma.

"Os vss. 8-9 retratam um quadro vividamente colorido da aflição e ansiedade de uma alma em busca do favor divino. *Nenhum meio* ficou sem ser experimentado, nenhum lugar ficou sem ser explorado" (Adam Clarke, *in loc.*).

23.9

Se opera à esquerda, não o vejo. Deus não podia ser achado no leste ou no oeste, nem do lado esquerdo nem do lado direito. A esquerda nos dá o *norte,* e a direita, o *sul.* Portanto, Jó buscava Deus em todas as posições da bússola. Ele não deixou de experimentar todas as direções. A famosa providência divina cuida do homem no mundo inteiro, mas Jó não a encontrava em parte alguma. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Providência de Deus.* Cf. Gên. 13.9,11 e 28.14.

Foi por esse motivo que Jó descreveu a si mesmo como um viajante solitário, que ia até as extremidades da rosa dos ventos, buscando descanso. "Ele era o peregrino do horizonte, pois a sua peregrinação não tinha centro", Samuel Terrien parafraseou os vss. 8-9 como segue:

> *Se vou para o leste, Ele não está ali; E se vou para o oeste, não O percebo; Vou para o norte, onde ele opera, mas não O vejo; Ele oculta-se no sul, e não O enxergo.*

Jó se tornara homem *solitário* no mundo, rejeitado pelos homens e abandonado por Deus. Cf. Jó 18.20, parte do discurso de Bildade contra o homem que dera a entender tal calamidade. Deus era transcendente para Jó; ele O buscava em todos os lugares, mas não O encontrava em parte alguma.

23.10

Mas ele sabe o meu caminho. *Continuava de Pé a Fé do Inocente.* Embora Jó não conseguisse encontrar Deus na sua experiência com as coisas externas, mesmo assim ele acreditava que Deus se manifestaria em algum lugar, de alguma maneira. Jó presumia que Deus o estava observando, consciente da vereda que ele estava palmilhando. Imaginava que suas provações fossem tais, que seria refinado como o ouro e, finalmente, sairia tão puro quanto o ouro que fosse submetido ao fogo por sete vezes. Jó antecipava, assim, o argumento de Eliú de que a provação é uma *disciplina.* Jó esperava que suas provações o aprimorassem, tornando-se, assim, um homem inocente glorioso. Se Deus *sabe* o que está acontecendo, mais cedo ou mais tarde o justo atrairia sua atenção. Oh, Senhor, concede-nos tal graça!

"Ele me prova, mas, semelhantemente ao ouro, nada perderei no fogo. Sairei mais puro e luminoso... O mais forte fogo não destrói nem altera o ouro" (Adam Clarke, *in loc.).*

> *Farei passar a terceira parte pelo fogo, e a purificarei como se purifica a prata, e a provarei como se prova o ouro; ela invocará o meu nome, e eu a ouvirei; direi. É o meu povo, e ela dirá: O Senhor é meu Deus.*
>
> (Zacarias 13.9)

> *Pois o Senhor conhece o caminho dos justos.*
>
> (Salmo 1.6)

> *Sondas-me o coração, de noite me visitas, provas-me no fogo e iniqüidade nenhuma encontras em mim; a minha boca não transgride.*
>
> (Salmo 17.3)

23.11

Os meus pés seguem as suas pisadas. A despeito de suas severas provações, Jó não se desviara da vereda da justiça. Seus pés estavam fixos na inocência; ele não abandonara a vereda reta, a despeito dos obstáculos e das armadilhas que encontrara ao longo do caminho.

> *Os meus passos se afizeram às tuas veredas, os meus pés não resvalaram.*
>
> (Salmo 17.5)

Ver no *Dicionário* o artigo denominado *Caminho,* que inclui usos metafóricos. Ver também o verbete chamado *Caminho de Deus.* E ver na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* o verbete chamado *Caminho, Cristo como o.* Jó confiava e obedecia, embora não recebesse reconhecimento e recompensa apropriados, pelo contrário: *o homem obediente* estava sendo severamente perseguido pelos Céus.

> *Pois tenho guardado os caminhos do Senhor e não me apartei perversamente do meu Deus.*
>
> (Salmo 18.21)

23.12

Do mandamento de seus lábios nunca me apartei. Sem dúvida, o autor sagrado alude aqui à *lei de Moisés,* embora tenha posto o livro numa data anterior, dentro do período dos patriarcas. Naturalmente, havia leis espirituais nos livros e na natureza, antes da lei de Moisés, mas a alusão à legislação mosaica é bastante óbvia, tal como o fraseado é típico do livro de Deuteronômio. Ver o caráter *distintivo* de Israel, conferido através da lei e, subseqüentemente, mediante a obediência àquela lei (ver Deu. 4.4-8). Ver a tríplice designação da lei, em Deu. 5.16; 22.6,7 e 25.15. A referência do presente versículo obviamente aponta para a lei como o padrão da justiça. Jó observava essa lei, de maneira que era justo e inocente. Ele também realizava os sacrifícios requeridos pela lei (ver Jó 1.5). Portanto, sem dúvida, o livro de Jó foi escrito após os tempos patriarcais e após a outorga da lei mosaica, a despeito de sua colocação artificial no tempo dos patriarcas. O homem que observa a lei pode corretamente esperar bênçãos da parte de Deus, no entanto Jó continuava agonizando. Ele era o modelo de obediência à lei, mas também era o modelo de sofrimento. No entanto, o Deus de Jó o havia abandonado, negando tudo quanto o homem justo esperava da obediência.

Jó tinha feito, da lei e da obediência à lei, um tesouro seu, o que fica implícito na palavra *escondi.* Ele ocultou o tesouro em seu coração. Mas Deus não dava a mínima atenção a Jó.

> *Guardo no coração as tuas palavras, para não pecar contra ti.*
>
> (Salmo 119.11)

"Eis aqui o quadro de um homem que se apegava a seu voto de integridade e declarou sua perfeita obediência à lei divina... Mas Deus recusava-se a cumprir a sua parte, quando Jó tinha feito a sua" (Samuel Terrien, *in loc.*).

23.13

Mas, se ele resolveu alguma cousa, quem o pode dissuadir? *O Deus Voluntarista.* Deus, em Sua vontade suprema, não dava atenção ao devoto que era tão zeloso e inocente. E continuava a fazer a Sua vontade. "O que Ele deseja, isso Ele faz" (Revised Standard Version). E isso incluía ignorar o pobre sofredor, Jó, e até adicionar mais dores às suas grandes agonias. Deus obedecia a Seus próprios padrões e não era obrigado a abençoar o homem justo. Seus padrões não eram, necessariamente, aqueles que Ele tinha imposto ao homem. Ver na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* o artigo chamado *Voluntarismo.* Dentro desse sistema, a razão se esvai e é desconsiderada. Poder é direito. Algo está certo porque Deus o faz; Deus não faz algo porque isso está correto pelos padrões humanos. Ninguém pode questionar a Deus, a despeito da injustiça óbvia das situações. Deus é chamado aqui de *imutável,* em Seus caminhos voluntaristas, e não em seus caminhos beneficentes, como em Sal. 33.5. Suas misericórdias também perduram para sempre (ver I Crô. 16.34), mas Jó não falava sobre isso. De fato, ele lamentava o fato de Deus persistir em Sua punição, quando nenhuma misericórdia podia ser encontrada. A persistência de Deus na perseguição deixava Jó perplexo (vs. 15). Deus tinha posto a Sua soberania antes do sofrimento humano, como sua *causa.* Nenhum homem pode mudar Sua mente e fazer Deus desviar-se de Seus decretos de punição. Note o leitor como até Paulo, influenciado por uma teologia primitiva dos hebreus, caiu nesse modo voluntarista de pensamento, em Rom. 9. Caros leitores, o voluntarismo é uma teologia deficiente, sem importar quem o defenda; ele oblitera o amor de Deus; ignora e distorce um conceito melhor de Deus, que a revelação cristã trouxe, no *geral,* do Novo Testamento.

> *Eis que arrebata a presa! Quem o pode impedir? Quem lhe dirá: Que fazes?*
>
> (Jó 9.12)

> *Para mim tudo é o mesmo; por isso digo: tanto destrói ele o íntegro como o perverso.*
>
> (Jó 9.22)

Melhor: *Deus é amor* (I João 4.8). Os decretos de Deus são beneficentes. O próprio julgamento é *remediai* (ver I Ped. 4.6).

23.14

Pois ele cumprirá o que está ordenado a meu respeito. O Deus da concepção voluntarista é incansável. Ele colocou Jó naquele terrível período de sofrimento e cumpriu os Seus planos com precisão. Eis a razão pela qual os sofrimentos de Jó foram tão variados e as suas dores foram tão diversas. A mente divina planejou tudo! "Ele diversifica as questões humanas. Não há dois homens que tenham precisamente a mesma sorte, e nem uma mesma pessoa tem a mesma porção o tempo todo" (Adam Clarke, *in loc.*).

> *Estas cousas, as ocultaste no teu coração; mas bem sei o que resolveste contigo mesmo.*
>
> (Jó 10.13)

Para os antigos hebreus, Deus era a Única Causa, ou seja, a causa do mal, mas nenhum homem questiona Suas decisões e atos. Cf. Eclesiastes 3.1,2.

23.15

Por isso me perturbo perante ele. Deus era a Única Causa, e todas as coisas corriam erradas; tudo se transformava em sofrimento e dor. Jó veio a *temer* a Deus porque sabia, *em primeiro lugar,* que não havia alívio em vista, e, *em segundo lugar,* porque poderia esperar mais golpes divinos de angústia. A Única Causa era, igualmente, a causa de todos os males e agonias, de maneira que Jó nunca estava em paz. Seu coração era continuamente agitado com *tribulações.* Não era exatamente correto referir-se a Deus como o "Deus desconhecido e enigmático". Em Seus atos, Ele se mostrara um destruidor e um infligidor de dor. Foi assim que Jó se afundou ainda mais em seu *pessimismo* (ver na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia*). Para Jó, a própria existência se tornara um mal, e morrer seria considerado um ato de salvação, não para a alma, mas para libertação dos sofrimentos.

23.16

Deus é quem me fez desmaiar o coração. Algumas vezes Deus mostrava-se escondido, especialmente quando Jó orava. Mas quando Ele se manifestava era para ferir. Sua *soberania* estava por trás daqueles atos espantosos. Jó ficava aterrorizado com Deus quando Ele não agia, e aterrorizado quando Ele agia. Jó não era um homem maligno, mas não gozava de paz. Tinha esperado encontrar o Juiz e ser considerado inocente, pelo poder dos argumentos persuasivos (vss. 4 ss.). Mas acabou perdendo essa confiança. Deus era imprevisível. Ninguém pode *predizer* Deus nem resistir a Ele. Deus se escondia (vss. 23.3,8,9). Ele era soberano (Jó 23.13,14) e Jó estava aterrorizado (no hebraico, *bahal,* "perturbado", "desalentado": Jó 4.5; 21.6; 22.10; 23.15,16). E assim Jó *desmaiou.* Seu coração estava *mole* ou *desmaiado* (Revised Standard Version).

23.17

Porque não estou desfalecido por causa das trevas. Jó estava "pressionado" pelas trevas, ou seja, por uma provação severa e aterrorizante, que lhe prometia a *morte.* Densas trevas lhe encobriam o rosto. A parte do versículo que diz "desfalecido por causa das trevas" pode significar, mediante outra interpretação, "sem fala" (no hebraico, *niphal*). Os decretos de Deus tinham-se tornado trevas e deixaram Jó de boca escancarada, incapaz de proferir um som sequer. O trecho hebraico original é obscuro e não cede diante de nenhuma interpretação certa.

A maioria dos manuscritos hebraicos diz: "não cortado antes das trevas", o que significa que a morte não interveio para salvá-lo de seus próprios sofrimentos. Certo manuscrito hebraico deixa de fora o *não,* e então temos o sentido das trevas a apertá-lo, que é a tradução escolhida pela Revised Standard Version. A primeira tradução poderia significar que Jó não parou de falar, embora cercado de desastres. A segunda tradução significa que Jó ficou sem fala, diante de todas aquelas calamidades. Cf. este versículo com Jó 10.21,22.

Capítulo Vinte e Quatro

Este capítulo prossegue com a terceira réplica de Jó ao terceiro discurso de Elifaz. Ver a introdução à seção, em Jó 23.1. Não repito a informação dada, por ser uma medida supérflua. Em Jó 24.1-17, Jó retorna a uma discussão sobre a *indiferença de Deus* diante de seu triste estado, repetindo anteriores queixumes.

24.1

Por que o Todo-poderoso não designa tempos de julgamento? Deus permanecia indefinível. Não punia os ímpios nem recompensava os justos. "Por que o Todo-poderoso não guarda tempos de julgamento?" (Revised Standard Version). Deus parecia indiferente para com os atos dos ímpios, que espalham a confusão na terra. Entrementes, os bons (aqueles que conhecem Deus) não vêem "seus dias", isto é, aqueles tempos benditos em que as bênçãos e as recompensas foram "dias bons, nomeados por Sua vontade generosa e operados por uma soberania benigna". Em outras palavras, o mal vence "com o homicídio", segundo dizemos em uma expressão idiomática moderna, enquanto os bons permanecem em seu fracasso. Alguns estudiosos pensam que os "tempos" aqui referidos sejam tempos de *vingança.* Os justos esperam ver os ímpios punidos, mas Deus não observa Seus dias marcados nem separa dias para julgamento. Os pecadores se tornam paulatinamente piores, e, no entanto, coisa alguma acontece a eles.

> *Deus, dizeis vós, guarda a iniqüidade do perverso para seus filhos. Mas é a ele que deveria Deus dar o pago, para que o sinta.*
>
> (Jó 21.19)

"Se Deus não fosse *onisciente,* o problema do mal não seria a pedra de tropeço para os homens de fé, como o é" (*Oxford Annotated Bible,* comentando sobre o vs. 1 deste capítulo).

24.2

Há os que removem os limites. *Violência e Pecados Sociais.* Há muitas maneiras de oprimir e causar confusão. Os homens ímpios são *versáteis.* Estudos mostram que os criminosos usualmente ofendem em *todas* as categorias de atos anti-sociais: *danos contra o corpo,* como assalto e estupro; *danos contra a propriedade* – destruição voluntária e furto; desonestidade com dinheiro, brutalidades e crimes de "colarinho branco". No presente versículo, temos crimes contra a propriedade alheia: os marcos de terrenos (indicadores de limites) eram mudados para tirar terreno do próximo e aumentar o próprio terreno. Em seguida, o gado era atacado e arrebatado. O ímpio celebra sua "vitória" oferecendo uma grande festividade, comendo a carne roubada! Os códigos legais antigos puniam severamente o deslocamento dos marcos de terrenos. Ver Deu. 19.14; 27.17; Osé. 5.10; Pro. 22.28 e 23.10. No entanto, Deus, que presumivelmente deu a lei, olha em outra direção e permite que o ímpio continue a agir sem ser punido, ao passo que homens pobres, infelizes e inocentes como Jó eram submetidos a testes severos. *Indicadores comuns de limites* eram pilhas de pedras, formações arbustivas ou cercas.

24.3

Levem do órfão o jumento. Nem ao menos tinham sido poupados *os terrenos e as casas das viúvas.* Os maridos delas estavam mortos. Elas foram deixadas com alguns poucos animais domésticos, como o asno e o boi. Mas homens ímpios levaram esses animais, deixando as viúvas e seus filhos sem recursos, a padecer fome. Jó, pois, foi acusado de ter agido dessa maneira. Ver Jó 22.6. A Septuaginta fala sobre o pastor a trabalhar nas terras da viúva que estava sendo atacada. No caso em foco, o pastor era um dos filhos da viúva, sem dúvida. Ele foi atacado e seqüestrado. A viúva ficou sem um filho amado.

24.4

Desviam do caminho aos necessitados. Adicionando males a seus crimes e às suas violências, eles até expulsavam os proprietários de suas terras, transformando-os em nômades vagabundos, que perderam todas as coisas. E esses ex-proprietários tinham de reunir-se em bandos e esconder-se, a fim de sobreviver. Mas, mesmo no deserto, eles poderiam esperar o ataque de nômades de tipo animalesco, cuja violência aumentava a cada dia.

"A desumanidade do homem contra o homem. O poeta extraiu para a sua geração, tanto quanto para a nossa, não somente o quadro mental, mas também um quadro *vindo do coração,* daquilo que faz um número incontável de pessoas lamentar-se. Nos vss. 22-23 a desumanidade parece tornar-se o projeto do próprio Deus Todo-poderoso. No vs. 25, Jó desafiou qualquer pessoa a contradizê-lo. Ele tinha dito a verdade" (Paul Scherer, *in loc.*).

"A desumanidade do homem contra o homem, infelizmente, é um crime de longa duração" (Ellicott, *in loc.*).

> Quando sobem os perversos os homens se escondem, mas, quando eles perecem, os justos se multiplicam.
>
> (Provérbios 28.28)

24.5

Como asnos monteses no deserto. Os infelizes expulsos de suas terras passavam a viver como animais no deserto. Eles tinham de caçar animais selvagens para alimentar a si mesmos e a seus filhos. Para sua simples sobrevivência, tinham de

fazer esforços ingentes. Entrementes, os ímpios que arrebataram as terras deles engordavam e prosperavam às expensas do próximo. Uma interpretação menos provável faz aqueles que estavam no deserto parecer bandos selvagens que saíam para saquear como animais de rapina. Disse Fausset, *in loc.*: "Aqueles ladrões beduínos, com selvageria a toda brida, como um burro selvagem no deserto, saem à caça. O furto é o trabalho *ilegítimo* deles. O deserto, que não fornece alimentos para *outros homens,* cede alimentos a eles e seus filhos, mediante ataque a caravanas".

24.6-7

No campo segam o pasto do perverso. Os pobres, expulsos de seus campos, caçavam alimentos no deserto como se fossem animais selvagens. Quando podiam, respigavam um pouco das fazendas e dos vinhedos, para adicionar ao que podiam obter no deserto. Vivendo dessa maneira, como era óbvio, eles não tinham recursos para vestir-se de maneira adequada, de modo que andavam virtualmente despidos, usando somente trapos esfarrapados, símbolo de pobreza extrema (vs. 7). Quando fazia frio, eles não tinham cobertas nem vestes externas que os protegessem. Novamente, os intérpretes colocam os *bandos de nômades árabes* como os indivíduos referidos neste versículo, mas essa é uma interpretação menos provável. Aquela pobre gente não era de ladrões do deserto, mas de *exilados* que tinham fugido, aterrorizados, da presença dos assaltantes. A geada não era incomum nas áreas desérticas (ver Gên. 31.40). Por conseguinte, aquela pobre gente com freqüência sofria de frio, pois não tinha casas nem mesmo cobertores para passar a noite.

24.8

Pelas chuvas das montanhas são molhados. Não tendo residências, eles eram molhados pelas águas da chuva, que traziam ondas de frio, forçando-os a sofrer sem roupas e cobertores adequados. Eles habitavam em cavernas frias e úmidas, por ser esse o único abrigo que podiam encontrar, ou construíam cabanas feitas de vegetação esparsa.

Abraçam-se com as rochas. Esta é uma forma poética de "abrigam-se entre as rochas", embaixo de lajes que se projetavam ou cavernas.

> *Habitam nos desfiladeiros sombrios, nas cavernas da terra e das rochas.*
>
> (Jó 30.6)

> ... errantes pelos desertos, pelos montes, pelas covas, pelos antros da terra.
>
> (Hebreus 11.38)

24.9

Orfãozinhos são arrancados ao peito. *Alguns indivíduos ímpios* chegavam a arrancar infantes do seio de suas mães, não demonstrando misericórdia ou simpatia humana. Chegavam a tomar os infantes como garantia do pagamento de uma dívida, reduzindo as mães ao nada. Este breve versículo descreve os *temíveis abismos* em que os ímpios podem cair. Eles não têm misericórdia da mãe nem de seu infante, e separam os dois em sua ganância por mais dinheiro. "Feitos de selvageria são perpetrados especialmente contra os membros indefesos da sociedade, os órfãos e as viúvas" (Samuel Terrien, *in loc.*). Os infantes furtados não eram mais devolvidos, excetuando-se casos raros, sendo antes criados como escravos. Adam Clarke queixou-se que, em seu tempo, na Europa do século XIX, tais crimes continuavam a ser praticados contra os pobres. Ocasionalmente, ouvimos falar em trabalho escravo no Brasil, e escravas prostitutas são enviadas a outros países, a fim de ganhar dinheiro para seus ímpios "proprietários". Cf. este versículo com II Reis 4.1. Tais males podiam acontecer na antiga sociedade dos hebreus, com a sanção da lei!

24.10-11

De modo que estes andam nus, sem roupa. O poeta sacro repete suas idéias, voltando às noções expressas no vs. 7. Mas agora vemos os famintos e despidos andando com alguns poucos molhos colhidos para preparar uma refeição, totalmente inadequada, para si mesmos e para seus filhos. Eram casos avançados de inanição. Eles conseguiam algumas azeitonas, colhidas entre os muros dos campos e vinhedos dos ricos, ou, talvez, compradas a troco de salários magros para servirem os vilões. Eles sofriam sede, tão extrema era a necessidade deles. Ninguém os ajudava, e Deus olhava com *indiferença* para seus sofrimentos (vs. 12). Jó, entrementes, sofria; contudo, ele era inocente, de maneira que se aparentava com pobre gente perseguida. "Deus parecia ter esquecido de tudo quanto estava acontecendo" (Roy B. Zuck, *in loc.*). Não obstante, os ímpios prosperavam e aumentavam suas riquezas, explorando os semelhantes. Os pobres infelizes eram oprimidos de tal maneira, que nem ao menos podiam sugar um pouco das uvas que tinham sido forçados a colher. Chefes sem coração controlavam a operação inteira. Os pobres eram *escravos* famintos e sedentos, sem haver lei que os protegesse, nem ao menos a lei de Deus.

24.12

Desde as cidades gemem os homens. Entrementes, *nas cidades,* as condições eram deploráveis (onde eles sempre estavam e os homens se reuniam em grandes números). Brigham Young, no começo da história do estado americano de Utah, não permitia a construção de grandes cidades, com o propósito mesmo de cessar os abusos que sempre as acompanham. Os moradores das cidades são aqui retratados como homens que *gemiam.* Todos os dias, pela televisão e pelos jornais, vemos os gemidos e as lamentações de populações que vivem nas cidades. Nas cidades há muitas "almas feridas", mas Deus olha com indiferença para tudo. Os homens oram, mas Deus não lhes confere resposta (idéia que aparece na Revised Standard Version). Essa tradução segue a versão siríaca, e não o hebraico, onde a palavra "anormal" é *oração.* A versão Atualizada diz: "contudo Deus não tem isso por anormal". Mas a tradução da Imprensa Bíblia Brasileira tem a mesma idéia da Revised Standard Version: "... contudo, Deus não considera o seu clamor".

Emanuel Kant, em seu argumento moral em favor da alma e de Deus, postulou a necessidade de supormos que Deus existe, para assegurar que a justiça será finalmente feita. É óbvio que a justiça não é feita na terra, pelo que tem de haver suficiente sobrevivência da alma para garantir que cada indivíduo receba aquilo que merece. Além disso, deve haver um Juiz, justo e poderoso, que providencie para que os justos sejam recompensados e os ímpios sejam punidos, após a morte. Antes da morte, porém, isso raramente acontece. Jó, entretanto, não tinha uma doutrina de existência pós-vida, com punições e recompensas, portanto continuou lamentando as condições injustas que prevaleciam na terra.

Adam Clarke conta-nos como ele foi nomeado para investigar as condições reais em que viviam os pobres num distrito de Londres chamado St. Giles. Ele encontrou casas superpovoadas, o povo vivendo na imundície e nas enfermidades. Viu o desespero nas entradas dessas casas e ficou espantado. Adam Clarke, amigo de Charles e John Wesley, não era homem rico, mas possuía bens materiais razoáveis. Ele nem conseguia imaginar a condição dos pobres; precisou vê-las por si mesmo. Fez alguma diferença o relatório daquilo que ele viu?

24.13

Os perversos são inimigos da luz. *Deus concede luz,* mas os homens rebelam-se contra essa doação divina, preferindo andar nas trevas. Nessa condição, perpetram seus deboches e injustiças; preferem as veredas escuras com seus pecados e excessos, prazeres vis e emoções baratas. Há muitos atos tenebrosos na cidade, quando o sol desaparece por trás das colinas e somente uma candeia ilumina as habitações dos ímpios. Os vss. 13 e 16 enumeram os pecados e crimes efetuados nas trevas. Para os pecadores, o alvorecer vem *como se* fossem as trevas. E odeiam o alvorecer, porquanto, para eles, a luz é como as trevas da morte (ver o vs. 17).

> *O julgamento é este: que a luz veio ao mundo, e os homens amaram mais as trevas do que a luz; porque as suas obras eram más.*
>
> (João 3.19)

> *... para andarem pelos caminhos das trevas; que se alegram de fazer o mal, folgam com as perversidades dos maus.*
>
> (Provérbios 2.13-14)

Ver as metáforas da luz e das trevas no *Dicionário,* sob o título *Luz, A Metáfora da.*

Operando nas trevas, livres da luz literal do dia, os pecadores rejeitam a luz da natureza e da consciência. Antes, alimentam sua natureza tenebrosa. São cheios de barbarismo e desumanidade. Fazem muitas vítimas inocentes. E então, ao chegar o amanhecer, deitam-se para descansar de seus deboches, *contentes* com o que fizeram, e não ouvem os clamores dos inocentes. Que lhes importa se suas vítimas estão sofrendo? Eles são como criaturas noturnas, como as corujas e os morcegos, que caçam durante a noite e dormem durante o dia. A coruja é um caçador notoriamente violento. Mas quem pode comparar-se com o predador *homem?*

24.14

De madrugada se levanta o homicida. O sentido da expressão é que certos ladrões e assassinos praticam seus feitos terríveis imediatamente antes da alvorada, quando "a luz está para começar". A Revised Standard Version diz "no escuro". Ou, então, este versículo pode descrever, acima de tudo, os ladrões de estradas

que atacam durante o dia. "Esta descrição é própria dos *ladrões de estrada,* aqueles que furtam durante as horas claras do dia, usando esse modo perigoso e ilegítimo de viver para obter seu pão e enriquecer. Com medo de serem descobertos ou tomados como prisioneiros, eles cometem assassinatos juntamente com seus furtos e, assim, acrescentam crimes aos seus crimes" (Adam Clarke, *in loc.*).

Mas Fausset (*in loc.*) comenta: "De madrugada, quando o viajante do Oriente usualmente sai de casa, e o pobre trabalhador vai para o seu trabalho. É então que o ladrão e homicida fica à espera dele".

> *Põe-se de tocaia nas vilas, trucida os inocentes nos lugares ocultos.*
>
> (Salmo 10.8)

24.15

Aguardam o crepúsculo os olhos do adúltero. Os *pecados de natureza sexual* são listados entre as coisas que são efetuadas melhor durante a noite. Ver no *Dicionário* os artigos intitulados *Adultério* e *Fornicação.* Os povos semitas, no caso dos varões, tinham um código de ética muito frouxo. A poligamia permitia que um homem contraísse concubinas por qualquer período de tempo, até mesmo por um único dia. A única coisa condenada entre eles era seduzir a esposa ou a concubina de outro homem enquanto o contrato de concubinato estivesse em vigência. *Isso* era considerado *pecado grave.* Para as mulheres (de acordo com o eterno duplo padrão), naturalmente, o código era mais estrito. A vida sexual da mulher só podia ocorrer livremente dentro do contexto do casamento ou do concubinato e, mesmo assim, ela só poderia ter um homem de cada vez. Se a mulher se divorciasse, poderia casar-se novamente. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Sexo.* "Os assassinos, ladrões e adúlteros operam à *noite,* pensando que, assim, seus crimes não serão detectados. Eles se recusam a agir à *luz do dia* (João 3.19,20). Por isso, amam as *trevas profundas.* Cf. Jó 3.5 (que diz 'as trevas'). Deus parecia apático para com esses tipos de pessoas, igualmente" (Roy B. Zuck, *in loc.*).

> *Vi entre os simples, descobri entre os jovens um que era carecente de juízo, que ia e vinha pela rua junto à esquina da mulher e seguia o caminho da sua casa, à tarde do dia, no crepúsculo, na escuridão da noite, nas trevas. Eis que a mulher lhe sai ao encontro...*
>
> (Provérbios 7.7-10)

> *... tendo olhos cheios de adultério e insaciáveis no pecado, engodando almas inconstantes, tendo coração exercitado na avareza, filhos malditos.*
>
> (II Pedro 2.14)

24.16

Nas trevas minam as casas. A referência poderia ser à entrada furtiva do adúltero, o qual desliza para dentro da casa da mulher que ele seduziu, continuando a idéia do vs. 15. Mas provavelmente a referência é a ladrões que penetram nas casas, fazendo buracos nas paredes. As casas eram feitas apenas de argila ressecada, e o truque não era assim tão difícil. É por isso que se ouve falar em "escavadores de casas", referindo-se a esse tipo de *modus operandi* dos ladrões. Ver Mat. 6.19.

Quanto a detalhes completos sobre a questão, ver os comentários sobre aquele versículo no *Novo Testamento Interpretado.* Israel tinha uma lei contra a invasão de casas (ver Êxo. 22.2). Ellicott (*in loc.*) fala do ardil de um homem obter acesso a um harém vestindo roupas femininas. Sem dúvida, isso acontecia, mas não parece ser esse o caso do presente versículo. Entrar na casa de um homem e seduzir sua esposa ou concubina era, verdadeiramente, uma *invasão de casa metafórica,* mas a variedade literal está sob questão aqui.

24.17

Pois a manhã para todos eles é como sombra da morte. *Eles Odeiam a Luz.* Eles odeiam a manhã que traz o sol e faz parar a diversão. A noite chega para eles como *sombra da morte,* porque é durante a noite que eles vivem. Sêneca queixou-se de certo tipo de romanos que tinha revertido dia e noite. A noite era para o deboche, o dia era para dormir. Tais homens são amigos da noite, mas inimigos do dia, que revela as suas más obras. Alguns homens temem a escuridão da noite, mas aqueles patifes ficam contentes com ela e amam as oportunidades para o pecado trazidas pela noite. Seus "terrores" são suas alegrias. Esses homens rebelam-se contra a luz (vs. 13) e tornam-se rebeldes durante a noite; cometendo sua variedade de pecados à noite, eram *terroristas da noite,* devidamente temidos pelos inocentes, aos quais transformavam em presas. O texto informa-nos que eles se tornavam amigos dos terroristas, participando do terrorismo de modo pleno.

24.18

Vós dizeis: Os perversos são levados rapidamente. Os *vss. 18-24* apresentam, uma vez mais, a tese da retribuição adiada (vs. 22) mas certa, que vem contra esses pecadores desprezíveis (vs. 23). Naturalmente, *esse* era o argumento dos críticos de Jó, que o presente *contexto* nega. Por isso, tanto a Revised Standard Version como a nossa versão portuguesa iniciam o versículo com as palavras "Vós dizeis", atribuindo esses sentimentos aos consoladores molestos, enquanto o próprio Jó estava convencido, pela evidência, de que Deus se mostra indiferente para com todo esse jogo doentio dos pecados noturnos. No entanto, no vs. 25, Jó parece endossar o dogma. Isso não nos deve surpreender. Um homem em turbulência mental entra em todo o tipo de conflitos e contradições em seus pensamentos e em sua fala. Na tentativa de resolver o problema, alguns estudiosos supõem que os vss. 18 e 24 tenham sido pedidos por empréstimo. Não há como ter certeza sobre a questão, mas voto em favor de um Jó confuso e contraditório, que poderia dizer uma coisa, para então reverter seu curso, dizendo outra contrária.

Seja como for, os perversos são retratados como *arrebatados* pelas correntezas velozes do dilúvio do julgamento divino. Suas propriedades e suas famílias são *amaldiçoadas.* Seus vinhedos, ou o que restou deles, não são cultivados, e as poucas uvas que sobraram morrem na planta. Ellicott (*in loc.*) retrata o criminoso da noite como rápido na corrida, escapando por sobre as águas, ao fugir para não ser detectado pela luz do sol nascente. Mas não parece ser isso o que está em foco. A referência também não é a piratas que cometem seus crimes no mar, conforme alguns pensam, pois dificilmente poderia ser esse o significado do versículo. Cf. Jó 22.16, quanto ao *dilúvio* de Noé, um *julgamento* conspícuo. A metáfora é repetida aqui. O julgamento vem como uma grande correnteza avassaladora, que leva os pecadores ao esquecimento.

24.19

A secura e o calor desfazem as águas da neve. *As enchentes* varrem os ímpios, e o que é deixado deles, a *seca* devora, com sua fome e suas enfermidades, que lhe seguem na esteira. Em alguns lugares, como na parte ocidental dos Estados Unidos, a água deriva essencialmente das neves que se dissolvem, acumuladas nas montanhas durante os meses de inverno. Mas uma seca severa logo esgota essas águas e os reservatórios cheios pela neve dissolvida. E então o *seol* (ver no *Dicionário*) recebe aqueles miseráveis pecadores que foram julgados pelos golpes desfechados por Deus. Assim como a seca extermina as águas, também o *seol* arrebata os que morreram devido à sede e à fome. Por meio dessas metáforas, o poeta sagrado descreveu a retribuição de Deus, adiada, mas garantida, contra os pecadores que não querem arrepender-se. O *seol,* aqui, não é o lugar das almas (conforme se via na teologia posterior dos hebreus), mas meramente a *morte,* o sepulcro (conforme se via na teologia dos *patriarcas*).

Temos aqui uma "imagem árabe: neve dissolvida, em contraste com fontes de água viva. Tal água rapidamente se resseca, na areia escaldante por causa do sol, sem deixar vestígio de sua presença. Cf. Jó 6.16-18. O original hebraico é resumido e elíptico, expressando a rápida e total destruição dos ímpios" (Fausset, *in loc.*). "Jó já se havia referido à morte súbita do ímpio como uma bênção (ver Jó 9.23 e 21.13), em contraste com a demorada tortura que o próprio Jó fora chamado a experimentar" (Ellicott, *in loc.*).

24.20

A mão se esquecerá dele. O original hebraico quanto a este versículo é obscuro. Alguns eruditos, em vez de "mão", preferem "ventre". O ímpio nasceu do ventre da mulher (King James Version), mas esse elemento doador de vida esquecerá o homem mau quando ele morrer. Essa é uma expressão poética que exprime o desespero. A Revised Standard Version, por outra parte, dá "quarteirões da cidade", lugares que o homem tinha visitado, onde conversava com outros, comprava e vendia, mas que logo o esquecerão quando ele morrer. Seu nome nunca mais será proferido por nenhum ser humano. Em lugar de *vermes* (King James Version e a nossa versão portuguesa), a Revised Standard Version diz *nome.* Assim, de acordo com certas versões, os vermes destroem o corpo do pecador, que é lançado no esquecimento. Mas de acordo com outras versões, o nome dele é esquecido. A Atualizada tem a idéia da King James Version e substitui "ventre" por "mãe". O homem mau é esquecido até por sua mãe, quando morre. Mas a palavra "vermes" permanece na Atualizada. Quanto aos *vermes consumidores,* comparar Jó 17.14 e 19.26.

Uma metáfora final fala sobre o *fim* do ímpio. O ímpio é quebrado como se fosse uma árvore (cf. Jó 19.10). Em vez de "árvore", alguns eruditos preferem a palavra "cajado". Um cajado quebrado para nada serve. É jogado no lixo ou queimado. Ver Isa. 14.5, quanto a essa metáfora: "*Quebrou o Senhor a vara dos perversos e o cetro dos dominadores*".

> *A memória do justo é abençoada, mas o nome dos perversos cai em podridão.*
>
> (Provérbios 10.7)

24.21

Aquele que devora a estéril que não tem filhos. *Mulheres solteiras* são sempre objeto do ataque de homens inescrupulosos. Os romanos entregavam as mulheres *jovens* aos cuidados de uma guardiã feminina (uma mulher de *mais idade*), a fim de protegê-las. As mulheres são naturalmente crédulas, e homens espertos sabem como falar docemente aos ouvidos delas. As jovens preferem conversas adocicadas a fatos crus e duros, de maneira que sempre acabam transformando-se em vítimas. A sedução leva ao furto de bens e a todas as espécies de crimes.

A mulher é sempre volúvel e inconstante.

(Virgílio)

Mary Ann foi descansar,
Segura, finalmente, no seio de Abraão,
Isso deve ser bom para Mary Ann,
Mas difícil para Abraão!

(Epitáfio, anônimo)

Aqui jaz a minha esposa,
Aqui ela jaz;
Aleluia!
Aleluia!

(Epitáfio encontrado em Leeds)

O pensamento não ocorre naturalmente a uma jovem.

(Richard Sheridan)

Homens malignos *alimentam-se* da mulher estéril (ver a Revised Standard Version). A sociedade zomba dela, que é um ser humano explorado. Além disso, a *viúva* é igualmente objeto especial de ataque. Cf. Jó 6.7; 22.9 e 24.3,9.

Matam a viúva e o estrangeiro e aos órfãos assassinam.

(Salmo 94.6)

24.22

Não! pelo contrário! A despeito de todos os seus abusos, Deus prolonga a vida dos pecadores. Eles continuam vivendo e pecando, adicionando crimes aos seus crimes. Embora ninguém possa ter *certeza da própria vida*, os ímpios parecem prosperar mais do que os justos, enquanto a vida perdura. Eles têm uma maneira esperta de evitar o desastre, bem como uma maneira inteligente de continuar prosperando em seus feitos ousados.

A primeira parte deste versículo pode ser interpretada como dando a entender que o pecador, em sua arrogância, também ataca com sucesso os poderosos. Ele não tem como presa apenas as mulheres indefesas. Mas a nossa versão portuguesa, acompanhando a Revised Standard Version, faz de *Deus* o sujeito, em lugar do homem forte (um objeto do ataque dos pecadores). Deus prolonga a vida dos tiranos.

É provável que Fausset (*in loc.*) estivesse com a razão ao dizer que Jó se queixava de como homens malignos recebem a proteção de Deus, longe de cair em terrível julgamento. Mesmo quando tais homens chegam a situações perigosas e desesperadoras, que deveriam pôr-lhes fim à vida, de alguma forma eles escapam, para que possam continuar na sua senda de crimes.

24.23

Ele lhes dá descanso, e nisso se estribam. O próprio Deus dá ao ímpio a força, a segurança e a longa vida. Deus o vigia, mas não o julga quando ele comete algum crime. De fato, essa vigilância até parece ser protetora. Jó, pois, queixou-se da *injustiça divina*. Comparar com isso o trecho de Pro. 15.3: "Os olhos do Senhor estão em todo lugar, contemplando os maus e os bons".

Alguns estudiosos pensam que a palavra "olhos", que aparece nessa citação de Provérbios, são os olhos do tirano oriental, o qual olha em derredor para ver outro ato mal que possa praticar. Mas essa interpretação é menos provável.

O *Deus voluntarista* da concepção de Jó não obedeceria às regras que Ele impôs aos homens. Estaria acima de Suas próprias regras, que seriam para *os homens*. Sua *vontade* é suprema, Ele faz o que Lhe agrada, a despeito do que os homens *pensem* acerca da justiça ou injustiça em determinada situação. Ver na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* o artigo chamado *Voluntarismo*. De acordo com esse sistema, a razão é posta de lado. Uma coisa é correta porque Deus a faz. Deus não faz coisa alguma porque ela é correta.

24.24

São exaltados por breve tempo. *Finalmente, Cai sobre o Ímpio o Julgamento.* O perverso chegou ao seu fim. Seu ato ridículo terminou. O sepulcro o engoliu. O pecador foi cortado como um homem corta o alto de uma espiga de cereal. Essa ponta da espiga é jogada fora, por não ter utilidade. Cai por terra para morrer e ser queimada. A maioria dos monarcas orientais (tiranos) morria de forma violenta. Isso se ajusta bem à figura de ser "cortado".

Este versículo, como é natural, não corresponde muito bem à tese de Jó sobre a *impunidade* dos perversos, mas Jó parece ceder, finalmente, diante da tese de seus amigos-críticos. Ele hesitava, conforme acontece a qualquer homem que esteja sendo pressionado. Ver as notas expositivas, no começo do vs. 18 deste capítulo, quanto à dificuldade das *contradições*, que têm variegadas explicações.

A *metáfora agrícola* constante neste versículo pode não ter o sentido de falar da morte violenta. Pelo contrário, pode indicar que os ímpios vivem longamente e morrem somente em idade avançada e em paz, tal como o grão de cereal amadurece e cumpre o seu curso. Nesse caso, Jó estava repetindo o tema de Jó 21.13, onde os pecadores ocupam posições exaltadas e morrem tranqüilamente, não têm morte dolorosa e demorada, que parecia ser o tipo de morte que Jó estava experimentando.

Por breve tempo. Toda a vida humana é breve, mesmo quando é longa, de acordo com os padrões humanos. O ímpio pode viver *longamente*, mas esse tempo é miseravelmente curto.

Tu os arrastas na torrente, são como um sono, como a relva
que floresce de madrugada; de madrugada, viceja e floresce;
à tarde, murcha e seca.

(Salmo 90.5,6)

24.25

Se não é assim, quem me desmentirá...? Jó desafiou alguém que provasse ser ele um *mentiroso*. Ele havia demonstrado detalhadamente como os ímpios prosperam e como Deus olha para eles com indiferença. E então o pecador morre, após uma longa vida, e em paz. *Injustiça* é a regra do jogo. Jó chegou às suas conclusões mediante cuidadosa investigação e observação. Ele *sabia* o que estava acontecendo, ao passo que seus consoladores molestos (ver Jó 16.2) tinham somente dogmas sobre o que *deveria* acontecer. Jó estava afirmando: aquilo que deveria acontecer *não acontece*, aquilo que não deveria acontecer é o que *acontece*. E ele desafiou seus amigos-críticos a provar que ele era um mentiroso, e a *apresentar evidências* contra a tese de que os ímpios prosperam e morrem após uma longa vida. "Jó havia provado, por meio de exemplos, que os justos por muitas vezes são oprimidos, e os ímpios com freqüência triunfam sobre os justos. E também desafiou seus amigos a demonstrar uma única falha em sua argumentação, ou um erro na sua ilustração" (Adam Clarke, *in loc.*).

Capítulo Vinte e Cinco

Terceiro Discurso de Bildade (25.1-6)

O plano dos discursos era que os três amigos-críticos de Jó apresentariam três discursos cada um, e Jó responderia a cada um deles, por sua vez. Mas o terceiro amigo, Zofar, apresentou somente dois discursos. O poeta sacro pode ter substituído o terceiro discurso de Zofar pelo longo discurso de Eliú, um recém-chegado à discussão. Ver os capítulos 32–37, quanto às diatribes de Eliú. Alguns eruditos supõem que tenha havido, realmente, um terceiro discurso de Zofar, e uma terceira réplica a ele por parte de Jó, mas a linguagem ficara tão áspera e abusiva que a seção inteira foi apagada, por ser chocante demais para os ouvidos piedosos dos leitores judeus. Seja como for, visto que nossos atuais manuscritos de Jó não contêm tal material, o discurso diante de nós é o último da terrível tríade de amigos de Jó. Jó respondeu a Bildade no início do capítulo 26, que poderia também conter partes dos discursos feitos por Bildade, mas que não são identificados. Alguns pensam que Jó 26.5-14 pertence a Bildade, e não a Jó. Além disso, alguns eruditos supõem que tenhamos fragmentos do terceiro discurso de Zofar, como Jó 27.13-23. Nesse caso, não houve resposta da parte de Jó. Pelo contrário, temos um magnífico Hino à Sabedoria (Jó 28.1-28), além de outros materiais suplementares.

"No presente texto massorético, o terceiro discurso de Bildade é reduzido à doxologia de alguns poucos versículos (ver Jó 25.1-6). Entretanto, uma análise do capítulo 26 demonstra que ele contém uma passagem (vss. 5-14) talvez posta na boca de Jó, que, com toda a probabilidade, continua a discussão feita por Bildade. Assim sendo, o texto presente pode ter sido resultado de uma transferência editorial de material, numa tentativa de rebaixar o tom das declarações blasfemas do herói" (Samuel Terrien, *in loc.*). Quanto ao texto massorético, ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Massora (Massorah); Texto Massorético.*

Roy B. Zuck (*in loc.*) pensa que a brevidade do terceiro discurso de Bildade mostra que já "lhe faltavam argumentos". Cf. seus discursos prolixos dos capítulos 8-18. Seja como for, (nos manuscritos de que dispomos) Bildade não replicou a nenhuma das palavras de Jó. Ele meramente exaltou a Deus, em contraste com o verme miserável que é o homem. Repetiu o "tema da imundícia e da vileza do homem, que já havia sido desenvolvido por Elifaz (ver Jó 4.17-21 e 15.14-16) e por Zofar (ver Jó 11.5-12), ao que Jó tinha respondido em Jó 9.2-12; 12.9-25; 14.4" (*Oxford Annotated Bible,* comentando sobre o vs. 1 deste capítulo).

25.1

Então respondeu Bildade, o suíta. Este versículo é idêntico a Jó 8.1 e 18.1, onde oferecemos notas expositivas. Ver também Jó 2.11 e os artigos, no *Dicionário,* sobre cada um dos terríveis amigos de Jó.

25.2

A Deus pertence o domínio e o poder. *Bildade exaltou a Deus.* Ele queria contrastar Deus com o humilde e pecaminoso homem, entre os quais ele contava Jó. Deus é soberano, o Rei do universo, e todos O temem, exceto Jó, aquele pecador que continuava propagando sua própria inocência. As hostes do céu temem a Deus; homens sensatos O temem; justos O temem; mas não aquele verme, Jó. Deus, que habita nos altos céus, aplaca toda a oposição e *estabelece a paz,* até mesmo nas habitações mais elevadas de todas as criaturas, incluindo os santos anjos. No entanto, Deus não teria conseguido estabelecer a paz com o rebelde, Jó. Cf. a paz trazida por Cristo na escala universal, em Col. 1.20 e Efé. 1.10. No céu, Deus mantém a harmonia, mas, na terra, é forçado a tolerar homens como Jó, que estão sempre semeando o caos. Seja como for, a profunda admiração nem sempre se transmuda em amor, sendo certo que a rebeldia de Jó não o fazia. Deus governa inúmeras forças, mas o minúsculo e miserável Jó resistia ao governo de Deus, sendo esse o *motivo* pelo qual ele sofria tão grandes dores.

25.3

Acaso têm número os seus exércitos? Deus ordena e vastos e inúmeros exércitos Lhe obedecem, fazendo projetar Sua luz sobre todas as criaturas dotadas de razão. Como, pois, um miserável pecador como Jó continuava resistindo a Deus e aos Seus exércitos, preferindo as trevas à Sua luz? A luz de Deus não era meramente a luz do sol físico. Era a *luz espiritual,* porquanto Deus é Luz e ilumina todas as trevas. Ao assim fazer, deixava pecadores como Jó expostos em sua nudez pecaminosa. A luz de Deus retrata tanto Sua onipotência quanto Sua onisciência.

Quanto aos anjos inumeráveis (que são organizados em exércitos celestiais), comparar este versículo com Isa. 40.26; Jer. 33.22; Gên. 15.5; Dan. 7.11 e Tia. 1.17 (a luz divina que ilumina todos os homens). Deus é "o Pai das luzes". Quanto à cristianização de tais conceitos, na doutrina do Logos, ver João 1.4,5. A vida é luz, e a luz é dada a todos os homens em Cristo. Adam Clarke pensa que "luz", no presente versículo, subentende a providência de Deus. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Providência.*

25.4

Como, pois, seria justo o homem perante Deus...? *Deus é o Altíssimo.* Mas o homem é tão vil quanto um verme. Como pode, pois, um verme exaltar-se tanto a ponto de proclamar sua inocência perante o Deus Altíssimo, que tudo sabe? Um homem que fizesse isso seria *mentiroso,* como Bildade classificou Jó, por implicação. Nos vss. 4-6, Bildade seguiu o tema que era o favorito de Elifaz (ver Jó 4.17 ss.; 15.14-16), bem como de Zofar (ver Jó 11.5-12), com o qual o próprio Jó havia concordado, pelo menos uma vez (ver Jó 9.2). Cf. Jó 12.9-15 e 14.4. Jó, por sua parte, tinha declarado a *impunidade* dos que "se rebelam contra a luz" (ver Jó 24.1). Por conseguinte, Bildade voltou a esse tema, a fim de castigar novamente o rebelde Jó. Ser *justo,* nesta passagem, nada tem que ver com a *justificação* em termos cristãos. Está em vista se Jó poderia justificar-se e provar sua inocência, o que comprovaria a *injustiça* do castigo divino. No presente versículo não há nenhuma idéia quanto à salvação da alma. Jó só queria que sua inocência fosse reconhecida, a fim de que seus sofrimentos físicos terminassem, pelo poder de Deus. Quanto a outros versículos que falam sobre a justificação de um homem perante Deus, ver também Jó 4.17,18; 14.4 e 15.14. Em nenhum desses casos está envolvida a salvação da alma, algo que a teologia dos patriarcas não contemplava. Essa doutrina só entrou na fé dos hebreus nos Salmos e Profetas e, mesmo assim, com pouca clareza. Os livros pseudepígrafos e apócrifos fizeram algo para esclarecer a questão, mas é o Novo Testamento que nos dá mais material, embora não tanto quanto gostaríamos de ter recebido. A verdade marcha. Muitas grandes revelações ainda nos serão dadas, quando chegarmos à morada celeste.

25.5

Eis que até a luz não tem brilho. Os luzeiros do firmamento parecem-nos tão brilhantes, mas são opacos para Deus, cuja Luz brilha mais que todos eles.

Nossos pequenos sistemas têm sua época,
Eles têm seu dia, e logo passam.
São apenas lâmpadas suleantes ao lado
Da Tua Luz, ó Senhor.

(Russell Champlin)

O poeta sacro não estava fazendo dos luzeiros do firmamento pequenas divindades, conforme acontece na antiga mitologia grega e no pensamento popular. Ele estava meramente usando uma metáfora poética. Na verdade, há somente uma Luz. Ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Luz, Metáfora da,* cuja seção II discute sobre Deus como Luz.

Uma luz abafada torna-se luz *suja* e, novamente, estamos abordando uma linguagem poética. Tal luz abafada representa a *imundícia.* Às luzes secundárias falta integridade, visto que são tão secundárias. Se isso é verdade quanto às luzes celestes, que dizer sobre o minúsculo ser do homem, que nem ao menos brilha? O homem é uma criatura *imunda.*

Alguns estudiosos interpretam as luzes mencionadas como seres celestes, mas isso é improvável. As estrelas aparecem e desaparecem no horizonte, e a luz tem manchas em sua face. O autor via evidências disso como imperfeições e ampliou a idéia para simbolizar a imundície. Cf. o presente versículo com Jó 22.12, onde temos outra forma de referência cosmológica.

25.6

Quanto menos o homem, que é gusano...? O homem não passa de um *verme,* ou melhor, um *gusano.* Portanto, como podemos esperar encontrar alguma perfeição nele? Pelo contrário, ele é um modelo de imperfeições e imundícia. Portanto, "tu, Jó, és apenas um hipócrita, apesar de toda a tua conversa de seres inocente. És um pecador notório e recusas a receber a luz e a repreensão do Deus Todo-poderoso. *Essa* é a razão dos teus sofrimentos. Nenhuma criatura humana, nascida de mulher pequena, frágil e pecaminosa, deveria ser tão desavergonhada a ponto de afirmar-se inocente diante de Deus. Cf. Jó 14.1". Ver o homem comparado a um gusano em Jó 7.5; 17.14; 21.26, ou a um verme, em Jó 22.6; Isa. 14.11 e 41.14. A palavra hebraica do versículo corresponde ao português *gusano,* o pequeno animal que devora carne morta e limpa carne apodrecida nos ossos.

"Na Bíblia, o homem é um paradoxo de poeira e divindade (cf. Sal. 2.8; Jó 7.17,18; 9.14-19; 16.3 e 19.22). Bildade reduziu Jó à maior insignificância e argumentou com base nas limitações de Jó, em razão de sua pecaminosidade... Jó foi diminuído a ponto de desaparecer... Não obstante, ele era tanto um príncipe (ver Jó 31.37) quanto um titã. O poder diminui o tamanho de um homem, mas o amor aumenta a sua estatura" (Paul Scherer, *in loc.*).

Ao humilhar Jó, Bildade esperava fazê-lo confessar seu pecado e endireitar sua posição diante de Deus. Dessa maneira, pensava Bildade, o pobre homem teria oportunidade de recuperar sua saúde.

Mas eu sou verme e não homem; opróbrio dos homens e desprezado do povo.

(Salmo 22.6)

Cf. com este versículo Sal. 8.4 e Isa. 41.14.

"Assim terminaram os discursos de Bildade, o suíta, que se esforçou por falar de um assunto que não compreendia" (Adam Clarke, *in loc.*). Na verdade, continuamos tentando deslindar os enigmas do problema do mal: por que o homem sofre e por que sofre como sofre. E, acima de tudo, por que os *inocentes* sofrem.

Capítulo Vinte e Seis

O *discurso de Bildade* (capítulo 25) foi pouco mais do que uma doxologia e, agora, vem uma curta réplica de Jó. Os críticos supõem que algum escriba subseqüente tenha truncado a última parte do livro de Jó, reduzindo o discurso de Bildade e a resposta de Jó, e eliminando, para todos os propósitos práticos, o *terceiro* discurso de Zofar, juntamente com a respectiva réplica de Jó. Talvez os críticos tenham razão ao supor que a linguagem tenha ficado tão dura e abusiva, que se tornara chocante para os piedosos leitores judeus, o que explicaria as partes truncadas. Ver detalhes sobre essas especulações na introdução ao capítulo 25. Talvez o trecho de Jó 26.5-11 deva ser atribuído a Bildade, e não a Jó, o que seria outro fragmento de seu terceiro discurso. Jó 27.13-23 talvez seja um fragmento do terceiro discurso de Zofar.

Terceira Réplica de Jó a Bildade (26.1 – 31.40)

Quando examinados, os *seis capítulos* que supostamente contêm a terceira resposta ao terceiro discurso de Bildade parecem mais uma colcha de retalhos do que uma réplica estudada a um único discurso. Esta seção parece incorporar outros materiais, até mesmo fragmentos do terceiro discurso de Bildade e partes do terceiro discurso de Zofar. Além disso, parece haver alguns suplementos quanto ao Hino à Sabedoria, que provavelmente não fazia parte da réplica de Jó (ver Jó 28.1-28). Enquanto avançamos, tento identificar o que os textos representam, em vez de pô-los em uma *única cesta* (terceira réplica de Jó ao terceiro discurso de Bildade).

Futilidade de Ajudar um Homem Sem Poder (26.1-4)

"Os vss. 2-4 são corretamente atribuídos ao herói Jó, por parte do editor do livro (vs. 1). Quando Bildade celebrava com eloqüência divina (ver Jó 25.2-6), Jó concordou prontamente, como é claro, mas reverberou com triste *ironia* sobre a total *irrelevância* de tal alocução. A ajuda de que precisava consistia em *poder* e *sabedoria* (vss. 2-3)" (Samuel Terrien, *in loc.*). "Aqui, Jó procurou mostrar a Bildade que ele, Jó, sabia mais sobre a majestade de Deus do que seu pugilista. Mas, primeiro, ele repreendeu sarcasticamente a Bildade, dando a entender que *ele,* e não Jó, era o homem minúsculo" (Roy B. Zuck, *in loc.*).

26.1

Jó, porém, respondeu. *Este versículo* é a introdução padronizada das réplicas de Jó. Cf. Jó 6.1; 9.1; 12.1; 16.1; 19.1 e 21.1. Os três amigos-críticos de Jó, a terrível tríade, deveriam falar três vezes cada um, mas Zofar, o terceiro amigo, falou apenas duas vezes. Talvez fragmentos de seu terceiro discurso estejam contidos no material que se segue (ver a introdução ao presente capítulo). Seja como for, Jó respondeu a cada crítico. Então Eliú apresentou seu longo discurso (capítulos 32-37), e Jó não lhe deu resposta, porque Deus interrompeu os discursos, apresentando um discurso todo Seu.

26.2

Como sabes ajudar ao que não tem força! Usando de ironia, Jó procurou repreender a fútil tentativa de Bildade de fazê-lo confessar seus pecados e assim aliviar suas agonias. Bildade tinha tratado Jó como se ele fosse fraco e destituído de poder (cf. Jó 18.2) e sabedoria (ver Jó 18.2). Em sua réplica, Jó queixou-se de que o homem, na realidade, não o ajudou. Ele apresentou discursos irrelevantes e degradou-o, em vez de levantá-lo, como um amigo deveria fazer. Não foi dado nenhum bom conselho. Os discursos de Bildade não explicaram o enigma dos homens sofredores, e mais, especificamente, a dor do próprio Jó. Jó precisava de um *braço poderoso,* mas tão-somente recebeu socos no rosto. Precisava do *poder divino,* mas só obteve os poderes que o homem dirigira *contra ele.*

A versão caldaica diz: "Por que fingiste prestar ajuda, quando tu mesmo estavas sem forças? Por que fingiste salvar-me, quando o teu próprio braço era fraco? Por que deste conselho, quando não tinhas entendimento? Como podes dizer que és a própria essência da sabedoria?".

"Bildade nada fez para aliviar Jó de suas aflições físicas e de alma. Nem contribuiu, no mínimo, para ajudar Jó... Que tinham feito os amigos de Jó para convencê-lo do erro de seu caminho?" (John Gill, *in loc.*).

26.3

Como sabes aconselhar ao que não tem sabedoria! *Aumenta a Ironia de Jó.* O pobre Bildade, tão arrogante em sua presumível sabedoria, dera seu conselho; mas ele era um ignorante. Ele é que precisava de instrução. Ele transmitiu o que era considerado um conhecimento bom e válido, mas não sabia do que estava falando. Seus discursos eram bonitos e, algumas vezes, eloqüentes, contudo não tocaram no problema em mãos: por que os inocentes sofrem? Ele era um indivíduo dogmático e tradicionalista, cujas doutrinas e tradições não continham elementos que solucionassem o *enigma:* por que os homens sofrem e por que sofrem como sofrem? Ver sobre o *Problema do Mal* na seção V da Introdução e sobre o mesmo assunto no *Dicionário,* onde a questão é tratada com maiores detalhes. Os amigos-críticos de Jó eram "médicos que não valiam nada" (ver Jó 13.4) e também *consoladores molestos* (ver Jó 16.2).

26.4

Com a ajuda de quem proferes tais palavras? Agora, o discurso de Jó torna-se duro e abusivo. Bildade fingiu ter obtido sabedoria da parte de Deus, mas Jó suspeitava que sua verdadeira fonte fossem espíritos malignos. "O sofredor novamente usou de um sarcasmo pesado. Deixou entendido que Bildade, por mais exaltado que fosse o monoteísmo dos sábios, à superfície, tinha comunhão com maus espíritos" (*Oxford Annotated Bible,* comentando sobre o vs. 1 deste capítulo). "Jó deixou subentendido que, qualquer que fosse o espírito que eles tivessem, não era o Espírito de Deus, porque, em suas respostas, fora encontrada a falsidade" (Adam Clarke, *in loc.*).

> *Amados, não deis crédito a qualquer espírito; antes, provai os espíritos se procedem de Deus, porque muitos falsos profetas têm saído pelo mundo afora.*
>
> (I João 4.1)

Jó Exagerou na Apresentação de Seu Caso. O pobre Bildade não estava possuído por demônios. Era apenas um indivíduo arrogante e dogmático, cujo sistema fechado não continha respostas para questões críticas, o que é sempre verdadeiro no caso dos indivíduos dogmáticos e seus sistemas fechados. Naturalmente, Bildade estava equivocado ao reivindicar inspiração divina para seu sistema fechado. Essa é outra característica de sujeitos dogmáticos e tradicionalistas. A chave é: *livre investigação.* Com isso, desenvolvemos nossa compreensão da teologia e somos até capazes de abrir novas avenidas de pensamento, que enriquecem e melhoram a teologia. Tudo mais neste mundo está avançando, mas em sua estupidez, os homens têm feito *estagnar* a teologia.

O Discurso de Bildade Termina Aqui? Ou Jó Continuava em Sua Réplica? (26.5-14)

Os *críticos supõem* que o material dos capítulos 26 a 31 contenha fragmentos de outros materiais, além da terceira réplica ao terceiro discurso de Bildade. Quanto às conjecturas apresentadas, ver a introdução aos capítulos 25-26. É possível, portanto, que os vss. 5-14 nos levem de volta ao discurso truncado de Bildade, que nossa Bíblia apresenta como o capítulo 25, com apenas seis versículos. "Esses versículos continuam o tema inaugurado por Bildade em Jó 25.2-6 e também fornecem uma seqüência normal, esperada e quase inevitável para esses versículos. Ali, o orador usou o motivo da *grandeza* de Deus a fim de depreciar o estado mortal e moral do homem sobre a face da terra. Aqui, porém, o orador usou o motivo do *controle* soberano de Deus sobre o *submundo,* a fim de salientar o fato de que coisa alguma criada no mundo escapa ao poder de Sua vontade. Essa idéia edifica e culmina em sua assertiva (declaração final) de que o homem é incapaz de compreender os caminhos de Deus (vs. 14)" (Samuel Terrien, *in loc.*).

Os Olhos Sondadores de Deus: Aplicação de Sua soberania – Sumário:

1. Sobre a morte (vss. 5-6).
2. Sobre o espaço exterior (vs. 7).
3. Sobre as nuvens (vss. 8-9).
4. Sobre a luz e as trevas (vs. 10).
5. Sobre as coisas da terra (montes e mares) (vss. 11-12).
6. Sobre o céu (vs. 13).

26.5

As almas dos mortos tremem debaixo das águas. Está em pauta o *sheol* (vs. 6), naturalmente. As palavras de Bildade (ou de Jó?) falam *como se* houvesse alguma espécie de espíritos sobreviventes que se tinham afastado dos corpos humanos e agora estavam no hades. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Sheol.* Ver como em Jó 21.33 os "torrões do vale" são postos sobre a sepultura do ímpio e, presumivelmente, ele tem prazer no fato. Ver a exposição naquele lugar quanto aos sentidos da expressão. A mensagem constante do livro (exceto no capítulo 19) é que, quando um homem morre, ele está morto e desaparecido, e nada mais dele permanece. Pode ser, portanto, que Bildade (Jó?) tenha falado poeticamente, *como se* os mortos fossem para o seol, de alguma maneira indefinida; até ali, governa a soberania de Deus e, portanto, muito mais na terra. Ou, então, é possível que as palavras diante de nós ensinem, de fato, que os espíritos dos mortos vivem, de alguma maneira indefinida, no sheol. Isso não nos deve surpreender, porquanto o livro de Jó foi escrito para a era patriarcal (isto é, posto naquele ambiente), mas, sem dúvida, após a legislação mosaica ter sido dada e ter feito parte da literatura de Sabedoria: Salmos, Provérbios e Eclesiastes. Sabemos que, por *esse tempo,* a teologia dos hebreus já havia desenvolvido uma doutrina da sobrevivência da alma, embora em uma forma muito primitiva e sem definição. Por conseqüência, é possível que, neste ponto, a doutrina tenha *escorregado para dentro do texto,* embora *anacronicamente,* quando consideramos o ambiente em que o autor nos deu no livro.

Sem importar qual seja a verdade da questão, os espíritos dos mortos são apresentados no vs. 5 como trêmulos diante do Deus soberano que os governa, até mesmo naquele lugar (seol). Eles habitavam um lugar debaixo das águas. Ver na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* o verbete intitulado *Astronomia,* quanto a um diagrama que ilustra a antiga noção dos hebreus referente ao cosmos. Esse diagrama põe o sheol abaixo do solo, e o centro da terra e a própria terra afundados no *abismo de águas.* Ver na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* o artigo sobre *Sheol* (e sobre *Hades*), quanto a detalhes sobre essas crenças.

Os habitantes do submundo não são retratados, aqui, como quem estava em paz, mas vivendo em temor ao Deus soberano e feroz, que governa sobre eles. O ponto frisado pelo autor é o de que não há lugar onde possamos esconder-nos. O próprio sheol está aberto ao olhar de Deus, enquanto os habitantes dele estão sujeitos a Seu

escrutínio. Os homens na terra estão também abertos ao Seu exame, e isso deve ter levado *Jó* a tremer e confessar seus pecados e corrigir seu caminho com Deus.

Mortos. No hebraico, *rephaim* (cf. Isa. 14.9; 26.14; Sal. 88.10). Originalmente, a palavra referia-se aos habitantes aborígenes do sul da Palestina e das vizinhanças do mar Morto, mas aqui é usada para indicar os espíritos dos mortos. Ver o detalhado artigo sobre o termo, no *Dicionário.* A palavra pode significar "afundados", e é provável que esse seja o significado no vs. 5. Eles são "destituídos de poder". As outras referências em que essa palavra hebraica se aplica aos espíritos dos mortos são: Sal. 88.10; Pro. 2.18; 9.18; 21.16; Isa. 14.9; 26.14 e 26.19.

26.6

O além está desnudo perante ele. Se o sheol e tudo mais está exposto aos olhares de Deus, quanto mais a terra, que é iluminada pelo sol. O sheol é o *Abadon,* ou seja, a destruição, e não está encoberto aos olhos de Deus, embora oculto no interior da terra (de acordo com a explicação popular). Talvez *Abadon* fale do mais profundo inferno, tal como o grego *Tártaro,* em contraste com o hades (ver II Ped. 2.4). Ver na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* o verbete *Abadon.*

Considere o leitor o desejo de Jó de esconder-se no sheol, a fim de escapar à atenção do Todo-poderoso, que o perseguia (ver Jó 14.13). Ver também Sal. 139.8,11,12. Mas até o Perseguidor Eterno haveria de encontrá-lo e lançar sobre ele mais sofrimentos ainda. O sheol é retratado como dentro da jurisdição divina, idéia originalmente estranha para a mente dos hebreus. Cf. Jó 12.11; Sal. 139.7; Pro. 15.11 e Amós 9.2.

26.7

Ele estende o norte sobre o vazio e faz pairar a terra sobre o nada. Este breve versículo é, aparentemente, um pouco de ciência surpreendente para uma época em que não teríamos suspeitado de que essa ciência existisse. Ao que tudo indica, a terra está apoiada sobre o *nada.* Naturalmente, sabemos sobre as *forças gravitacionais* e *magnéticas* que firmam a terra no espaço, mas os antigos nada imaginavam a respeito. As forças gravitacionais e magnéticas certamente nada são. Dou um diagrama no artigo sobre *Astronomia* na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia,* que ilustra a antiga cosmologia dos hebreus. A terra está nos abismos de água, mas sobre o que repousam essas águas? Nenhuma resposta foi dada. Talvez este breve versículo nos forneça uma conjectura. As águas repousam sobre alguma coisa no espaço, que os homens não sabiam o que era. Ou o conteúdo de cosmologia perante nós, neste versículo, é simples conjectura, estranha aos pontos de vista ordinários dos hebreus.

Alguns tomam o versículo como uma forma primitiva da idéia do *creatio ex nihilo,* e não uma declaração sobre como a terra está pendurada no espaço. Nessa declaração, a terra veio do nada. Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Ex Nihilo.* Para o autor do livro de Jó, era claro que a terra está suspensa em alguma coisa, que não sabemos dizer o que é e ao que chamamos de *nada.* Mas o poder de suspensão real é o poder de Deus que controla todas as coisas. Sua soberania, pois, estende-se ao *espaço,* e como poderia o homem escapar ao Seu olhar?

O norte. Esta alusão, mais provavelmente, aponta para a *Stella Polaris,* em torno da qual as constelações *parecem* circular. O autor sagrado reteve uma cosmologia geocêntrica, embora não estivesse cego para forças que atuavam "lá fora".

26.8

Prende as águas em densas nuvens. As *nuvens* são depositárias da água, da qual toda a vida depende. Somos informados de que Deus cuida dessa operação e garante o seu sucesso. Deus conserva Suas águas em reserva. A referência pode ser às *águas* acima do firmamento, que Deus não permite que desçam e destruam tudo. Sua soberania funciona em todas as nuvens, onde quer que elas se encontrem. Portanto, Sua soberania também trabalha na terra e estava prestes a ferir aquele pecador, Jó. O conceito, disse Ellicott (*in loc.*), acerca das nuvens é sobre um vasto tesouro de água *acima* do céu visível, guardado ali, em aparente desafio ao que sabemos sobre as leis da gravidade, porquanto aquelas águas são, potencialmente, uma grande força destruidora. Provavelmente, essa é uma opinião correta, pelo que as nuvens deste versículo são mais do que as que o homem pode ver a olho nu. Isso nos envolve na teologia e cosmologia dos antigos hebreus, que não ocorrem no *moderno* pensamento científico ou teológico. Cf. com Pro. 26.9.

26.9

Encobre a face do seu trono. O hebraico diz, aqui, literalmente, "trono", que algumas versões interpretam como "lua" (Revised Standard Version). Seja como for, a linguagem é poética. Deus está no Seu trono, no céu. Ali, Ele é totalmente soberano, pelo que, muito mais na terra, onde o ímpio Jó atuava à sua maneira arrogante. O trono de Deus está oculto aos homens por sua nuvem metafísica, portanto os homens não vêem Deus franzindo o cenho para eles. A lua pode sofrer um eclipse, e assim os homens, por algum tempo, não conseguem vê-la. Por semelhante modo, o trono de Deus pode sofrer um eclipse para os homens, mas isso não significa que Deus não possa ferir do alto e punir os pecadores. "Sua agência está em todos os lugares, embora ele mesmo seja invisível (Sal. 18.11 e 104.3)" (Fausset, *in loc.*).

> *Das trevas fez um manto em que se ocultou; escuridade de águas e espessas nuvens dos céus eram o seu pavilhão.*
>
> (Salmo 18.11)

A Derrota de Raabe (26.10-12)

26.10

"*Deus estabeleceu um limite* entre a luz e as trevas (vs. 10). Cf. Pro. 8.27. Deus definiu um limite às forças do *caos.* Vestígios da antiga crença mitológica em uma *luta cósmica, a Raabe* (vs. 12), são visíveis no pano de fundo do desenvolvimento poético (vss. 11-13; cf. Jó 3.7; 7.12; 9.13). Entretanto, o *dualismo pagão* foi absorvido no *monismo* avassalador do teólogo. Deus governa sozinho e sem nenhum desafio. Ele é verdadeiramente onipotente" (Samuel Terrien, *in loc.*).

Raabe. Nos livros poéticos do Antigo Testamento, este nome é aplicado a um monstro de poderes demoníacos. As alusões ocorrem dentro do contexto do poder de Deus sobre a natureza. Deus domina *Raabe* em uma demonstração de força. Ver Jó 9.13; este versículo; Sal. 89.10 e Isa. 51.9. Nossa versão portuguesa diz "Raabe" em Sal. 89.10. Outras versões portuguesas confundem a questão, não transliterando a palavra hebraica e dizendo "monstro marinho".

O constrangimento das águas (vs. 10; cf. o vs. 8) faz parte do conflito cósmico. A Luz e as Trevas estão em conflito, e o Deus Todo-poderoso é a Luz (ver Jó 25.5) que impede o avanço das trevas (o mal). Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Luz, A Metáfora da.* A maldade pode avançar só até certo ponto; e então Deus põe a mão na questão, garantindo a vitória da Luz. O poder restringidor de Deus é como um *círculo de separação* que foi desenhado. Alguns estudiosos vêem uma alusão à curvatura da terra nessa declaração. Seja como for, a vinda do Dia oblitera a Noite. Os homens ficam de pé e contemplam, admirados, o fenômeno. É escuro, e o horizonte é negro. Então o sol se eleva no horizonte e anula as trevas. O fenômeno ocorre na curvatura da terra, no horizonte. Nasce um novo dia, e é maravilhoso ver isso ocorrer. Cf. Gên. 1.4,6,9. O poder de Deus está sempre trazendo um novo dia, sempre derrotando o mal.

26.11

A *cosmologia dos hebreus* imaginava *colunas* existentes na beirada da terra, que repousavam sobre montanhas ali localizadas, segurando a abóbada do firmamento. Ilustro isso no diagrama apresentado no *Dicionário,* no artigo chamado *Astronomia.* Podemos ter certeza de que os antigos hebreus consideravam tudo isso com grande seriedade, mas, com a mudança dos tempos e o avanço do conhecimento, tais expressões foram aplicadas metafórica e poeticamente. Vimos a metáfora em Jó 9.6, onde dou informações adicionais. Segundo a cosmologia dos hebreus, temos colunas nas beiradas da terra (apoiadas sobre montanhas ali existentes) e também por baixo da terra. Essas colunas suportariam a massa inteira da terra.

26.12

O primeiro parágrafo (em Jó 12.10-12) comenta sobre a antiga cosmologia dos hebreus, por trás das expressões do versículo, incluindo o grande conflito entre a Luz e as Trevas, o Bem e o Mal. A *sabedoria* de Deus aparece por trás do golpe de Raabe, o Monstro Terrível. O poeta ilustra assim a soberania de Deus. Era com um Deus terrível que Jó tinha de tratar. E finalmente ele seria derrotado pela mesma sabedoria que acalma a Tempestade Cósmica. Ele teria de renunciar às suas reivindicações fraudulentas de inocência. Ver no fim do vs. 6 os comentários e o *sumário* sobre os vários elementos da metáfora da soberania divina.

26.13

Pelo seu sopro aclara os céus. A *soberania de Deus* também inclui os céus inferiores da terra e os céus superiores, lugar da habitação de Deus. Tudo é obra de Suas mãos e está sob Sua jurisdição direta. Seu *Espírito* esteve ativo, embelezando a criação para mostrar as supremas habilidades artísticas de Deus. Ato contínuo, Deus também criou e, então, derrotou a terrível e veloz serpente do mar, o leviatã (ver Isa. 27.1; em nossa versão portuguesa, o dragão, serpente sinuosa). Por conseguinte, Deus é soberano sobre os céus e o mar. Com seu sopro (que algumas versões, como a portuguesa, põem em lugar do Espírito de Deus), Ele aclara o temporal e todo o conflito que pode perturbar a harmonia de Sua criação. Naturalmente, leviatã é também uma figura do antigo mal cósmico, que, em tempos posteriores, simplesmente tornou-se outra metáfora. Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Leviatã.* Cf. Jó 41.1.

O texto hebraico, no presente texto, não menciona o leviatã, mas o Targum nos dá essa identificação. Finalmente, dentro da teologia dos hebreus, ele passou a ser identificado como o diabo, a grande Serpente.

26.14

Eis que isto são apenas as orlas dos seus caminhos! Bildade (Jó?) admitiu que dera uma descrição parcial das operações da soberania de Deus. Os homens ouvem apenas um *sussurro* de tudo, e assim permanecem essencialmente ignorantes dos caminhos e do poder do Deus Todo-poderoso. Mas até esse sussurro é um *grito* alto para o homem disposto a ouvir. O infeliz Jó, a proclamar inutilmente sua inocência, não ouvia o Grito Cósmico. Que ninguém confunda as forças da natureza com a plena exibição do próprio Deus! O universo, por mais impressionante seja o seu espetáculo, é apenas *espelho* fosco da magnificência divina. A natureza não revela verdadeiramente Deus. É meramente um sussurro da majestade divina. Há o *trovão* do poder de Deus, em contraste com o sussurro do poder de Deus. Ninguém pode entender esse trovão. Não obstante, o homem pode sentir algo da majestade divina, quando ouve o tipo de descrições que têm sido dadas. Bildade esperava que Jó abrisse os ouvidos para o sussurro divino. Algum dia ele ouviria o trovão e seria destruído por ele, caso não respondesse no tempo hábil. Cf. este versículo e seus sentimentos com I Cor. 13.9,10,12.

Orlas. Os homens só são capazes de descobrir as *bordas* do Ser divino (no hebraico, literalmente, os "confins"). Não podem descobrir a essência divina. Mas até nas bordas de Seus caminhos os homens descobrem bastante de Sua majestade para torná-los humildes perante Ele, fazendo-os cumprir Sua vontade. No entanto, o iníquo Jó não foi conquistado por Bildade nem abandonou sua ignorância. Ele estava distante demais de Deus para ouvir o sussurro divino. Ou assim pensava o seu amigo-crítico.

Capítulo Vinte e Sete

Jó Continua a Sua Réplica (27.1-12)

O Discurso é Reiniciado Depois de Jó 26.4. Quanto aos problemas de *quem* disse *o quê*, a *colcha de retalhos* dos discursos, iniciada em Jó 25.1, ver as introduções aos capítulos 25-26, cujo material não repito aqui. Se Jó foi verdadeiramente o orador de Jó 26.5-14, teria sido supérfluo para o poeta dizer-nos que Jó *estava continuando* o seu discurso. Na obra literária original não havia divisões sob a forma de capítulos. Portanto, devemos compreender que Jó *reiniciou* o discurso que havia sido interrompido por Bildade. Ademais, a veemência do vs. 2 deste capítulo 27 parece ser uma *reação* ao que Bildade acabara de dizer (ver Jó 26.5-14). Os discursos posteriores e as réplicas de Jó parecem ter sido truncados, porquanto o que foi dito se tornou muito pesado e bastante abusivo. Dou explicações sobre isso na introdução ao capítulo 25. O que os críticos dizem hoje em dia talvez seja uma verdade: as partes posteriores do livro de Jó foram mudadas, a fim de não chocar os leitores judeus piedosos.

27.1

Prosseguindo Jó em seu discurso, disse. Ver a *introdução padronizada* que o poeta dá às réplicas de Jó em Jó 26.1, onde ofereço os diversos usos da expressão. "Mas Jó respondeu e disse." Aqui se declara que Jó *reiniciou* sua resposta a Bildade. Isso pode indicar que seu discurso tinha sido interrompido e que o trecho de Jó 26.5-14 pertence ao discurso de Bildade, e não ao de Jó. Ver sobre isso na introdução ao presente capítulo. No entanto, alguns intérpretes preferem o termo "prosseguindo", em vez de "reiniciando", tal e qual faz a nossa versão portuguesa.

27.2

Tão certo como vive o Senhor, que me tirou o direito. Alguns críticos vêem *choque* nesses versículos, e isso poderia indicar que Jó se chocou diante do que Bildade acabara de dizer (ver Jó 26.5-14) ou, talvez, seu espanto tenha sido geral diante das acusações cortantes e abusos exagerados de linguagem de seus amigos-críticos.

De qualquer maneira, Jó ficou desalentado quando viu o que tinha acontecido. Deus (a Causa Única) recusou a Jó os seus direitos como homem inocente e continuava a puni-lo por algo que ele não fizera (ver Jó 2.3). Jó sofria "sem causa". Era o Todo-poderoso que amargurava a sua alma. Essa amargura é refletida em seus discursos de *desespero.* Comparar Jó 3.20; 7.11; 10.1 e 21.25. Jó apelara aos tribunais do céu e buscara o Juiz para apresentar o seu caso. Mas, ignorado, seu caso continuava sem ser ouvido, e Jó continuava sofrendo por seus múltiplos males.

Repetidamente, Jó tinha acusado o Deus Todo-poderoso de injustiça. Ver Jó 6.4; 7.20; 10.2,3; 13.24; 16.12,13; 19.7 e 23.14. Com freqüência, Jó falou em *amargor* de espírito (ver Jó 3.20; 7.11; 10.1 e 23.2) e continuava a sustentar sua inocência, conforme demonstra o versículo seguinte.

Tão certo como vive o Senhor. Estas palavras significam que Jó estava jurando. Ele era *inocente,* a despeito do que o Todo-poderoso lhe fazia. Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Juramentos.*

27.3

Enquanto em mim estiver a minha vida. Há uma alusão, aqui, a como Deus *soprou* na estátua de argila que Ele fizera para torná-la um ser vivo, durante a criação de Adão. Enquanto o *sopro divino* estiver com o homem, ele estará *vivo.* E por todo esse tempo, Jó continuaria afirmando a sua inocência. Somente a morte silenciaria a sua voz, que proclamava ter sido feita uma injustiça. Entretanto, não há indício de uma alma imaterial que Deus teria adicionado ao corpo para tornar o homem um ser vivo *dual.* Essa idéia era estranha ao antigo pensamento dos hebreus e só surgiu na época dos Salmos e Profetas, mesmo assim não muito claramente. Ver Gên. 2.7: "E lhe soprou na narina o fôlego de vida". A vida de Jó se resumira a queixumes sobre sofrimentos desmerecidos e apelos por justiça e misericórdia, para que ficasse livre de suas dores. Cf. este versículo com Jó 10.12; 12.10 e 34.14-15 quanto a algo similar.

27.4

Nunca os meus lábios falarão injustiça. *Apesar de muito falar,* e embora chorando e queixando-se, Jó limitaria seu discurso à verdade. Ele não estava ansioso por enganar e não rebaixaria sua integridade para fazer isso. Não proferiria iniqüidades, acusando Deus ou o homem de coisas exageradas ou inverídicas. O *engano* se caracterizaria se sua causa não fosse justa, se seus amigos-críticos tivessem falado a verdade, ou se ele merecesse os sofrimentos que estava experimentando. Cf. este versículo com Jó 6.28. Foi assim que, ao fazer esse juramento e começar a falar, Jó garantiu a absoluta *veracidade* do que estava dizendo.

27.5

Longe de mim que eu vos dê razão. Seria uma mentira e um engano se Jó revertesse o seu curso e, de súbito, dissesse a seus amigos: "Vocês estão com a razão. Sou um pecador e meu sofrimento é um julgamento divino contra o meu pecado". Se assim falasse, Jó estaria "justificando" os amargos discursos de seus amigos-críticos; mas eles não mereciam tal tratamento, por serem *falsos.* Por outro lado, Jó sabia ser uma verdade por ter um exemplo primário e em primeira mão: *ele mesmo.* Jó manteve a sua *integridade* por não ter negado a validade de seus argumentos. Assim sendo, continuou a firmar o seu juramento, ao dizer as palavras: "Longe de mim que eu vos dê razão".

27.6

À minha justiça me apegarei, e não largarei. O *coração* de Jó dizia que ele estava com a razão, pelo que se apegou à sua causa justa e defendeu a sua inocência. Ele foi apanhado em um esquema de *injustiça.* Ele não estava pagando por um ou mais pecados, em consonância com a *Lei Moral da Colheita segundo a Semeadura* (ver a respeito no *Dicionário*). Jó jamais faria o que sua louca esposa o exortara a fazer (ver Jó 2.9). Ele continuaria na luta pela defesa própria, buscando alguma resposta para o problema de por que os homens sofrem e por que sofrem como sofrem (o *Problema do Mal,* ver na seção V da *Introdução* ao livro de Jó). A consciência (coração) de Jó era clara e limpa. Essa condição continuaria enquanto Jó vivesse. Ele esperava jamais mudar de idéia, pois tinha evidências em favor de sua afirmação.

27.7

Seja como o perverso o meu inimigo. Os inimigos de Jó, seus amigos-críticos, consoladores molestos (ver Jó 16.2), eram como os *ímpios,* por terem abraçado uma causa injusta. Estavam enganados e tentavam enganar. Eles se tornaram injustos ao defender sua *teologia deficiente.*

Este é um versículo interessante, porquanto descreve como até homens bons caem na armadilha do pecado, quando seus *dogmas* são falsos. Os "amigos" de Jó promoviam uma doutrina falsa contra ele, agindo como pecadores fazem quando enganados pelo diabo. A promoção das doutrinas falsas os transformou em *perseguidores,* o que vem a ser um corolário para alguém demasiadamente dogmático e exageradamente tradicional. Caros leitores, o que é mais claro, neste vasto mundo, do que o fato de que os indivíduos dogmáticos também são perseguidores daqueles que deles diferem? Os homens temem o que é diferente, mas o que é *diferente* pode ser justo e verdadeiro.

Os "amigos" de Jó eram ativados por mentalidade e atos criminosos. Eles estavam *ferindo* um homem bom que, de fato, era melhor do que eles. Eles eram impulsionados por uma hostilidade ímpia, nascida da *intolerância.*

27.8

Porque qual será a esperança do ímpio...? O homem ímpio e hipócrita pode prosperar por algum tempo, enganando e exaltando-se entre os homens. Mas qual será o bem de tudo isso, quando Deus puser fim à sua vida? Jó diz que o caminho do hipócrita não é nada atrativo, porquanto termina em nada, em última análise. Jó, por conseguinte, não tinha desejo de imitar tal homem. Essa declaração pode indicar que Jó colocava seus amigos-críticos no lugar dos hipócritas: "Vocês pagarão pela maneira hipócrita com que me estão tratando!". Cf. Jó 8.14 e 9.20, onde a inutilidade de ser um hipócrita também está em pauta.

27.9

Acaso ouvirá Deus o seu clamor...? Quando a vida do hipócrita está prestes a terminar, e ele começa a clamar a Deus, pedindo misericórdia, Deus porventura o ouvirá? Pelo contrário, esse homem será cortado da vida. Ele morrerá e desaparecerá para sempre da cena terrestre. Portanto, que proveito ele tirou por ter sido um insensato durante algum tempo? Ou digamos que, *antes da morte*, uma grande provação sobrevenha ao hipócrita. Serão ouvidas as suas orações de desespero? Pelo contrário, o Todo-poderoso só fará aumentar o calor da dor. Portanto, que vantagem ele obteve por ter feito o papel de insensato durante tanto tempo?

> *Se eu no coração contemplara a vaidade, o Senhor não me teria ouvido.*
>
> (Salmo 66.18)

> *Também eu me rirei na vossa desventura, e, em vindo o vosso terror, eu zombarei.*
>
> (Provérbios 1.26)

27.10

Deleitar-se-á o perverso no Todo-poderoso...? Jó move-se da cena da morte dos hipócritas e fala de sua vida em geral. O perverso, como é óbvio, não tem a integridade da espiritualidade. Jó, em contraste, tinha tal integridade, pelo que não era um hipócrita como seus amigos-críticos pensavam. Um hipócrita não é um homem de oração e devoção, conforme era Jó. E Jó não tinha *pecados secretos*, ocultos por uma piedade falsa, conforme fazem alguns hipócritas. "Jó não mais declarava que Deus se recusa a ouvir qualquer oração. Agora, ele dizia que Deus não ouve o clamor dos ímpios. O ponto nevrálgico de seu argumento parecia ser o seguinte: Como podiam os amigos aconselhá-lo a implorar a Deus, quando eles afirmavam, ao mesmo tempo, que ele era um pecador?" (Samuel Terrien, *in loc.*).

> *Confiai nele, ó povo, em todo tempo; derramai perante ele o vosso coração; Deus é o nosso refúgio.*
>
> (Salmo 62.8)

27.11

Ensinar-vos-ei o que encerra a mão de Deus. *Jó, o Mestre.* Longe de ser um ouvinte humilde e humilhado, Jó toma a iniciativa de ensinar seus amigos-críticos. Ele esteve no conflito; ele esteve na batalha. Sabia melhor do que eles o que estava acontecendo. Outrossim, ele condenava (vs. 6). Seus amigos poderiam ter sido sábios seletos. Eis por que estavam ali, a fim de instruí-lo. Mas Jó era mais sábio que eles. Jó afirmava ter inspiração da parte de Deus, ou, pelo menos, que Deus o havia ensinado por longo tempo. Portanto, ele estava *qualificado* a ensinar outras pessoas. Jó reconhecia um homem *realmente* iníquo, quando via um deles, e passava a descrever tais pessoas, bem como as calamidades que os alcançavam, devido ao julgamento de Deus. No entanto, ele não era membro *daquela tribo*. Os ricos e ímpios prosperam, isso é verdade; mas a retribuição espera por eles, finalmente. "Essas palavras são contrárias aos sentimentos prévios de Jó. Ver Jó 21.22-33 e 24.22-25. Portanto, parece que Jó expressou declarações não tanto sobre os seus próprios sentimentos, mas sobre o que Zofar teria dito, quando chegasse a sua vez (seu terceiro discurso). Por conseguinte, Jó afirmou a opinião de seus amigos (Jó 24.18-21)" (Fausset, *in loc.*).

Há outras maneiras de aproximar-nos dessa linguagem contraditória:

1. Em seus sofrimentos, Jó hesitava em suas opiniões e nem sempre falava como pensamos que ele deveria fazer. Em outras palavras, ele não era coerente e seria errado supor que pudesse sê-lo, em toda aquela dor.
2. Ou então essas palavras realmente não foram ditas por Jó (vss. 11-23), mas faziam parte do *terceiro discurso* de Zofar, que o poeta colocou de maneira bastante desajeitada, *como se* fizessem parte do discurso de Jó.
3. Ou as palavras introduziram uma negação, por parte de Jó, de que tais declarações eram verdadeiras, mas foram truncadas para não obter cumprimento. Ver as introduções aos capítulos 25-26, quanto à mutilação de materiais para salvar os piedosos leitores judeus de choque muito forte, diante da linguagem violenta e abusiva em que os discursos do livro se degeneraram.
4. Já pudemos observar que Zofar não fez um terceiro discurso, o que perfaria o total de *nove* (três de cada um dos três amigos-críticos). Talvez, de fato, ele o tenha feito, e esse discurso tenha sido apagado em sua maior parte por algum escriba subseqüente. Contudo, partes desse discurso podem ter sido incluídas no discurso de Jó, desajeitadamente. Ver a introdução ao capítulo 4, quanto ao *plano* dos discursos. Mas não há apoio para essa idéia nos manuscritos (do original hebraico ou das versões), pelo que ela sempre permanecerá uma conjectura. Talvez o *autor original* tenha truncado sua própria obra, temendo ter ido longe demais em sua linguagem abusiva, já que deixar essas partes no livro original estragaria a sua aceitação.

27.12

Eis que todos vós já vistes isso. A *observação* havia comprovado o caso de Jó, e seus amigos-críticos eram testemunhas oculares. O versículo parece estar dizendo: "Tendes visto os meus sofrimentos e sabeis perfeitamente bem que não sou um hipócrita". Jó haveria de desenvolver aquele tema e apresentar novamente Deus como *injusto* em Seu trato com os homens. Mas então ele concordou (incoerentemente) com seus críticos, quanto à sorte dos ímpios. Suas conclusões, contra tal sorte para os ímpios, não foram expressas, e, subseqüentemente, foram *removidas* do livro, por algum escriba posterior, ou mesmo pelo autor original, para evitar que leitores piedosos deixassem de ler o livro. "O leitor *espera* encontrar aqui outro dos discursos de Jó sobre os temas do silêncio divino, do sofrimento dos justos ou da consternadora prosperidade dos ímpios. Os versículos que se seguem (ver Jó 27.13-23), entretanto, declaram novamente o antigo dogma da retribuição individual e coletiva. A única conclusão possível consiste em conjeturar que o *discurso* original de Jó foi censurado por algum editor e substituído por uma seção emprestada daquilo que, no princípio, foi o *terceiro discurso* de Zofar" (Samuel Terrien, *in loc.*).

27.13

Eis qual será da parte de Deus a porção do perverso. O *ímpio* ganha uma herança especial: a ira de Deus. Ele tem sua porção, mas essa será cortada por desastres de todas as espécies. Cf. com Jó 20.29, que faz parte do discurso de Zofar. É altamente provável que tenhamos nos vss. 13-23 um fragmento do terceiro discurso de Zofar, e não uma parte da réplica de Jó a Bildade. Ver as introduções aos capítulos 25-26, quanto a notas expositivas sobre essa conjetura. Ver também os vss. 11-12, que a desenvolvem. A similaridade entre Jó 20.29 e o presente versículo é óbvia, e isso empresta peso à teoria do discurso truncado. Zofar quase certamente é o orador da seção. Não é muito provável que Jó aceitasse, nesse ponto, os argumentos de seus críticos, quando, por tanto tempo, havia feito oposição à mesma antiga tese da retribuição. Antes, Jó continuou a dizer que o ímpio prospera e o justo sofre. Isso significa que há *enigmas* na questão do sofrimento humano. Jó não aceitou as "respostas fáceis" dos dogmáticos.

27.14

Se os seus filhos se multiplicarem. Um homem ímpio pode ter muitos filhos, o que era considerado bênção especial (ver Sal. 127.5). Mas se ele os tem, podemos estar certos de que cairão vítimas de tragédias e acidentes insensatos. A *espada* abaterá alguns deles; a enfermidade, outros; acidentes, outra parte ainda; o homicídio ficará com alguns; outros morrerão de fome, porque as riquezas do ímpio se acabarão, e ele sofrerá de extrema pobreza. Além disso, os julgamentos de Deus arruinarão as suas plantações. Insetos devorarão seus grãos, e as chuvas pararão de cair sobre os justos.

Essas palavras quase certamente pertencem a Zofar, e não a Jó, quando replicava a Bildade, conforme observo nas notas sobre os vss. 12-13. Por outra parte, as *observações* de Jó lhe segredavam que *ele* era o *justo* que recebia aquele tipo de tratamento, enquanto os ímpios continuavam em paz e abundância.

27.15

Os que ficarem dela. A *maioria* dos filhos de um homem ímpio morrerá. Alguns *poucos sobreviverão* aos desastres naturais. Mas esses, afinal, também morrerão súbita e estupidamente, e serão sepultados sobre a terra eterna. Eles (o pai e os filhos) deixarão um bando de viúvas chorosas. É possível que as palavras "os que ficarem" se refiram a *todos* os seus filhos, de modo geral. Todos os filhos do ímpio terão um fim nefasto. E tudo quanto restará serão viúvas desamparadas.

"A morte haverá de conquistá-los plenamente e o sepulcro terá vitória completa" (Adam Clarke, *in loc.*). Contrastar este versículo com a declaração do

apóstolo Paulo, em I Cor. 15.55,57: "*Onde está, ó morte, a tua vitória? Onde está, ó morte, o teu aguilhão?... Graças a Deus, que nos dá a vitória por intermédio de nosso Senhor Jesus Cristo*".

Cf. este versículo com Jó 18.13; Jer. 15.2 e Rom. 6.8. As declarações de Zofar não antecipavam um pós-vida onde o julgamento ocorre, e muito menos ainda houve declarações de que as fortunas poderiam ser revertidas. No entanto, ver I Ped. 4.6. Deus está na fortuna, revertendo os negócios, até mesmo no que diz respeito aos perdidos. Caros leitores, essa é a mensagem mais sublime do evangelho. Onde quer que estejam os homens, Jesus pode salvá-los, até mesmo *do outro lado* do sepulcro. Ver na *Enciclopédia de Biblia, Teologia e Filosofia* o artigo intitulado *Descida de Cristo ao Hades*. Ver a exposição sobre I Ped. 4.6 no *Novo Testamento Interpretado*.

27.16

Se o perverso amontoar prata como pó. O homem rico e ímpio fica maior e mais rico, mais rico e maior. A prata é apenas como o pó para ele, e ele faz grandes pilhas de prata em seus depósitos. Roupas finas são apenas como barro para ele e decoram a sua casa, guardadas em lugares especiais. As roupas eram, naturalmente, parte dos tesouros orientais, tal como o eram animais domésticos, terras, metais e pedras preciosas. O dinheiro chegava aos montes, e os homens eram despertados em sua ganância! Precisamos de dinheiro para sermos mais capazes de abundar nas boas obras (ver II Cor. 9.8). Mas o ímpio usa o dinheiro para aumentar seu poder e sua glória, isto é, ele *serve a seu próprio eu*. O dinheiro pode ser usado com altruísmo ou egoísmo. O amor ao dinheiro pode ser a fonte de todos os tipos de males (ver I Tim. 6.10). O Pai celeste sabe do que precisamos e de quanto, e confiamos Nele pelo suprimento certo (ver Mat. 6.31-33).

A bolsa do rico está geralmente cheia do dinheiro de outras pessoas. Ele obtém o que possui por exploração e, algumas vezes, por violência. Mas, para o homem pobre, há somente o salário mínimo. Você consegue lembrar-se de uma época em que o dinheiro não fosse escasso?

27.17

Ele os acumulará, mas o justo é que os vestirá. Embora o homem rico tenha acumulado prata e ouro, por um truque esperto da sorte, o justo é que terminará com eles. De fato, os *inocentes* dividirão as riquezas entre eles. Esse *otimismo* acerca do dinheiro dificilmente poderiam ser palavras ditas por Jó. Zofar falou nos vss. 12-23. Ele não estava somente falando, mas também pronunciando todas as espécies de absurdos. Quando foi que os justos se apossaram do dinheiro do rico e o dividiram entre si? Admitimos que o dinheiro é propriedade de Deus (ver Ageu 2.8), mas os pecadores estão neste mundo com o propósito explícito de confundir as coisas.

> *Todavia, o homem não permanece em sua ostentação; é, antes, como os animais, que perecem.*
>
> (Salmo 49.12)

27.18

Ele edifica a sua casa como a da traça. O *pobre homem rico* está voando alto com todo o seu dinheiro e casas excelentes, mas, de fato, sua casa não é mais substancial do que a teia de uma aranha. Qualquer tipo de desastre o reduzirá a nada, até mesmo a ruptura de uma veia em seu cérebro. A Revised Standard Version traz a imagem da *aranha*. Outras traduções – como nossa versão portuguesa – trazem a imagem da traça, outra imagem de fragilidade. Admiramos a aranha e a traça por construírem suas respectivas casas com notável habilidade. Mas, se quisermos falar sobre estabilidade e durabilidade, não citaremos esses pequenos animais. Além disso, há a cabana temporária do vigia, que não tem idéia de permanecer muito tempo no mesmo lugar, ou de fazer de sua cabana lar permanente. A sua cabana é apenas uma habitação temporária. Esta é outra ilustração de como o rico constrói aquilo que em breve deverá ser desmanchado. A Septuaginta diz *aranha* em lugar de *traça;* e alguns estudiosos pensam que o texto original do hebraico dizia mesmo aranha. Cf. Isa. 51.8 e Mat. 7.26-27.

Uma *casa* representa tudo quanto os ricos edificam, a sua *vida geral*. E também alude ao *corpo*, algo comum nos sonhos e nas visões.

27.19-20

Rico se deita. O indivíduo rico, sem suspeitar de mal algum, deita-se em paz e *aparente* segurança. Um desastre súbito o atinge e o deixa pobre (e talvez até morto), em uma única noite. Quando esse homem abre os olhos pela manhã, alguma calamidade natural, ou de feitura humana, o teria deixado reduzido a nada. O vs. 20 sugere que tipos de coisas têm o poder de operar dessa maneira. Uma inundação, por exemplo, pode reduzir milhares de pessoas a nada, em poucas horas, e também destruir muitas vidas. Até um grande furacão, como um tornado, pode fazer a mesma coisa. O forte *siroco* (vento oriental) do deserto também é uma ameaça e, algumas vezes, tem poder suficiente para levar tudo na sua passagem.

"Ocorre lugar entre o crepúsculo e a alvorada. Pobreza ou morte, cataratas de terror, redemoinhos de calamidade. O céu não tem piedade. O céu zomba e assobia diante dos homens, quando eles fogem" (Paul Scherer, *in loc.*).

Cf. com Jó 18.11 e 22.11,21. Calamidades como inundações súbitas apagam os ricos e suas propriedades. Ver Isa. 8.7-8.

> *Assim diz o Senhor: Eis que do Norte as águas, e se tornarão em torrentes transbordantes, e inundarão a terra e a sua plenitude, a cidade e os seu habitantes; clamarão os homens, e todos os moradores da terra se lamentarão.*
>
> (Jeremias 47.2)

Pelo contrário, entretanto:

> *Tu és meu esconderijo; tu me preservas da tribulação e me cercas de alegres cantos de livramento.*
>
> (Salmo 32.7)

27.21-22

O vento oriental o leva, e ele se vai. Isto é, a calamidade, a tempestade, mas por trás dessa tempestade está Deus, a Causa Única, e algumas traduções fazem a referência divina. O vs. 21 identifica o temporal com o vento oriental, o poderoso *siroco*, que não tem misericórdia. O homem rico e ímpio é levado pelo temporal e removido de seu lugar (vs. 21). E, então, Deus o persegue quando ele foge aterrorizado (vs. 22). Não há misericórdia alguma nesse processo. Os céus estão irados com os pecadores e executam o castigo como um ato esportivo, como se tudo fosse hilariante (vs. 23). Cf. Jó 6.4; 7.20 e 16.13.

> *Naqueles dias, os homens buscarão a morte e não a acharão; também terão ardente desejo de morrer, mas a morte foge deles.*
>
> (Provérbios 9.6)

27.23

À sua queda lhe batem palmas. Várias traduções dão diferentes sujeitos ao verbo: algumas delas dizem Deus; outras, os homens; e ainda outras, a tempestade destruidora. Provavelmente, porém, a metáfora da *tempestade personalizada* continua neste versículo e é o sujeito do verbo. Uma vez que a tempestade chega, oblitera a propriedade do homem, provavelmente matando a maior parte de seus familiares e de seus animais domésticos. Aterrorizado, o pobre pecador foge; e a tempestade o persegue, a fim de terminar com ele; então bate palmas e escarnece dele. A tempestade zune de alegria, uma vívida metáfora, visto que os ventos produzem toda a espécie de ruído zumbidor.

> Ri-se aquele que habita nos céus; o Senhor zomba deles.
>
> (Salmo 2.4)

"Ninguém se mostrou tão cheio de alegria feroz como Zofar. Seu deleite diante da sorte do ímpio era selvagem e cômico. Jó sentiu-se impulsionado a pensar em Deus como um Ser maldoso, e até deliberadamente malicioso. Cf. Jó 9.30,31; 13.13. Mas o Deus de Zofar ainda era pior" (Paul Scherer, *in loc.*). Devemos lembrar que Jó, em seu *pessimismo* (ver a respeito na *Enciclopédia de Biblia, Teologia e Filosofia*), havia inventado um Deus *Voluntarista*. Na verdade, porém, ele aprovou aquele tipo de Deus que fazia parte dos antigos dogmas dos hebreus. O *voluntarismo* (ver na *Enciclopédia de Biblia, Teologia e Filosofia*) afirma que a vontade é suprema, às expensas da razão. Deus faz coisas irracionais. Ele não obedece às suas próprias leis morais. Contudo, aquilo que Deus faz é correto, porque Ele é quem o está fazendo. Ele não faz, necessariamente, alguma coisa porque seja correta inerentemente.

O homem, ator ridículo, é apupado no próprio teatro. Ele desempenhou muito mal o seu papel e tornou-se uma piada perante Deus e os homens. Cf. Jó 18.18; Lam. 2.15; Nee. 3.19.

Somos informados sobre o pai da igreja, Tertuliano, que se imaginou a inclinar-se por sobre o peito de Deus, esfregando as mãos e gorgolejando de satisfação por causa dos atormentados no inferno. Caros leitores, isso é uma desgraça. Eu mesmo

já ouvi evangélicos falar com ânimo e alegria, contemplando os sofrimentos dos condenados. Como poderia o amor de Deus habitar no coração deles?

John Gill (infelizmente!) fala de uma suposta alegria futura nos céus, por todos os seus habitantes, porque a justiça foi feita e os condenados estão em tormentos. Mas, se estou pensando corretamente, há "alegria no céu" por causa de um pecador que se arrepende. Alguns cristãos, especialmente os de certas denominações radicais, apesar de alegadamente pregarem o evangelho, certamente estão cheios de ódio e deleitam-se na controvérsia e na destruição. De fato, algumas denominações *atraem* indivíduos que são radicalmente destituídos de sentimentos.

Capítulo Vinte e Oito

Uma Réplica Perdida de Jó? Alguns intérpretes supõem que não somente esteja faltando, em Jó 27.5-11, o terceiro discurso de Zofar (que alguns eruditos imaginam não ter sido registrado, se é que, realmente, existiu), mas, *também*, a *terceira réplica* de Jó. O argumento de alguns é o de que os discursos se tornaram tão cortantes, duros e de linguagem tão abusiva, que um editor posterior apagou porções da parte final deles. Ou talvez tenha sido o próprio autor original que apagou os trechos do livro, ao dar-se conta de que os leitores judeus piedosos não suportariam as blasfêmias proferidas. Ele desejava que seu livro fosse lido e não quis pôr em risco o todo, por causa de uma parte que caíra no exagero. Para salvar o todo, pois, ele sacrificou certas partes menos desejáveis. Ver a discussão, em Jó 27.11, sobre essa questão.

Se algum editor apagou as partes finais do livro de Jó, então é difícil explicar por que não há nenhum apoio, nos manuscritos antigos, quanto a uma versão mais longa do livro de Jó, nem no original hebraico, nem nas versões antigas. Mas se o autor original apagou essas porções, então podemos afirmar que somente sua versão truncada foi enviada para ser lida, de modo que não houve manuscritos que contivessem a versão mais longa.

O Hino à Sabedoria (28.1-28)

Chegamos ao *Hino à Sabedoria* que, segundo se presume, tomou o lugar de certas porções apagadas do escrito original. Isso aparece em nossas Bíblias, como se fosse parte da continuação da réplica de Jó ao terceiro discurso de Bildade, mas que, de fato, não foi realmente escrito por essa razão. Foi uma bela peça escrita que o poeta relutou em excluir, pelo que, um tanto desajeitadamente, a inseriu onde a encontramos.

"Podemos ter poucas dúvidas de que esse magnífico poema, sobre quão *inacessível* é a sabedoria para o homem, não pertence, de fato, aos discursos de Jó. Não acompanha o estilo dele, não está vinculado a nenhum contexto de Jó... Vários detalhes do hino são intimamente paralelos aos discursos de Yahweh" (Samuel Terrien, *in loc.*). Dou as notas expositivas desses paralelos, conforme prosseguimos.

Três Divisões Naturais do Hino:

1. Vss. 1-13: O homem escava fundo, mas não encontra a sabedoria.
2. Vss. 14-22: A sabedoria não se acha nas profundezas do mar.
3. Vss. 23-28: Só Deus sabe o caminho da sabedoria.

Seja como for, o Hino serve tanto para denunciar Jó quanto seus amigos-críticos que pretendiam conhecer a Mente Divina. Deus é *totalmente outro*, transcendental, e precisamos ser lembrados desse fato, para evitar nossas representações extremamente antropomórficas da deidade. Deus também é imanente, mas essa não é a consideração do texto à nossa frente.

28.1

Na verdade, a prata tem suas minas. "A sabedoria não está à disposição do homem, mas permanece como uma das prerrogativas de Deus. Ver os refrãos nos vss. 12, 13, 20 e 21. Assim como Bildade louvou o poder divino no céu, na terra e no seol (ver Jó 25.2-6; 26.5-11), também o poeta pesquisou *cada porção do universo*, a fim de encontrar a sabedoria divina" (*Oxford Annotated Bible*, comentando sobre este versículo).

Na terra, encontramos metais preciosos contidos em veios. Esses metais podem ser difíceis de extrair. Muito labor é necessário para obtê-los, mas eles estão *disponíveis*. Além disso, os homens têm meios para refinar os metais, a fim de torná-los úteis para trabalhos de decoração e construção de objetos. Os homens são capazes de recuperar certa variedade de metais, como o ouro, a prata, o ferro, o cobre e algumas pedras preciosas. Seus esforços são recompensados e os produtos são bons; não é assim que se dá com a sabedoria de Deus. O homem não é capaz de encontrar a sabedoria por seus próprios esforços. A verdadeira sabedoria é *atributo divino*.

O homem tem sua tecnologia e seus métodos científicos, e suas realizações são verdadeiramente estupendas. Mas a sua tecnologia, até a representada pela ciência moderna, não foi capaz de abrir os tesouros da Sabedoria divina. Esses tesouros nos vêm pela *revelação*. Ver na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* o artigo chamado *Conhecimento e a Fé Religiosa*, e no *Dicionário* os verbetes *Sabedoria e Revelação*.

28.2

O ferro tira-se da terra. Metais fortes são usados para fazer instrumentos de guerra, ou são úteis nas edificações, que precisam de materiais duradouros, como o ferro e o cobre. Esses metais podem ser dissolvidos, refinados e trabalhados nos itens requeridos para as tarefas que lhes forem atribuídas. Tais metais úteis estão *ocultos* na terra; é preciso esforço para obtê-los e refiná-los. Mas eles estão *disponíveis* aos que trabalham. Não se trata do mesmo caso com o maior tesouro de todos, a *Sabedoria divina*. Deus dá de Sua sabedoria, até certo ponto, aos homens, através da revelação. Trata-se de um atributo divino e comunicável somente por um ato especial da vontade divina. Logicamente, portanto, que o homem é um ser limitado que, com freqüência, fala como se estivesse falando por Deus. Usualmente, em tais casos, o pobre homem fará tudo impulsionado pela *arrogância*, pensando que é um porta-voz de Deus.

Vss. 2-6. Encontramos aqui "alusões às minas do Egito, provavelmente na península do Sinai" (*Oxford Annotated Bible*, comentando sobre o vs. 2). O autor sagrado enfatizou que a tecnologia humana é *impotente* no terreno do conhecimento divino.

28.3

Os homens põem termo à escuridão. A referência aqui é às antigas técnicas de mineração. O mineiro tem de penetrar na terra, onde tudo é escuro como breu. Não há ali nenhuma luz natural. Portanto, o homem tem de levar sua própria luz, sua tocha, sua lanterna. Com a tecnologia, ele pode iluminar o que era escuro; pode abrir túneis e iluminá-los. Mas não pode descobrir a Luz de Deus, Sua Sabedoria. "Até as pedras que jaziam escondidas no seio da terra, ele escavou e trouxe para a luz. Ele penetrou nos lugares onde a luz do sol nunca entrou; portanto, parece ter penetrado em regiões da sombra da morte" (Adam Clarke, *in loc.*). Grandes são as realizações do homem, mas a Sabedoria divina não está no âmbito de suas buscas, não se sujeita aos métodos científicos.

> *Se buscares a sabedoria como a prata e como a tesouros escondidos a procurares, então, entenderás o temor do Senhor e acharás o conhecimento de Deus. Porque o Senhor dá a sabedoria, e da sua boca vem a inteligência e o entendimento.*
>
> (Provérbios 2.4-6)

28.4

Abrem entrada para minas longe da habitação dos homens. A Revised Standard Version diz que homens *abrem fendas na terra*, longe de onde vivem. Eles exploram lugares onde o viajante nunca pisou, locais "esquecidos" e misteriosos. A King James Version e outra versão portuguesa, diferente da nossa, dizem que os homens descobrem *rios subterrâneos*, águas que há muito foram esquecidas e ocultadas em seus leitos. Esses rios passam no subsolo, mas ninguém sabe deles. Tais rios subterrâneos são alimentados pelas águas que corriam à superfície; aparentemente, esses rios secaram, mas sob a superfície do solo fluem com força, e forneceriam um espetáculo terrível se pudessem ser vistos. O mineiro, porém, *vê* esses fenômenos misteriosos e escondidos; no entanto, não é capaz de descobrir a sabedoria de Deus. O hebraico original é incerto, de modo que existem traduções largamente diferentes. A *navegação aparece* como o sujeito do versículo, por parte de alguns intérpretes, mas isso é completamente estranho ao contexto, que fala da mineração e de suas maravilhas. Algumas vezes, os rios subterrâneos são liberados pelas escavações dos mineiros, aflorando à superfície e espalhando destruição. O que era invisível tornou-se visível, mas outro tanto não acontece com relação à Sabedoria divina.

28.5

Da terra procede o pão. O *pão* procede do solo, mediante algum poder misterioso, ou seja, os grãos crescem e se transformam, subseqüentemente, em pão ou *alimento em geral*, conforme a palavra pode significar. Os agricultores estão familiarizados com o pão e sabem muitas coisas a seu respeito, mas nenhum ser humano sabe muita coisa sobre a Sabedoria de Deus.

Não há certeza quanto ao significado do *fogo* que aparece neste versículo. Há quatro posições:

1. *Combustível fóssil*, como o carvão. Também existem chamas subterrâneas, tanto naturais como provocadas pelo homem. Alguns homens conhecem esses fenômenos misteriosos, mas quem sabe muito acerca da sabedoria? Outros supõem, entretanto, que o fogo dê continuação à metáfora da mineração.
2. Fogo subterrâneo era usado em alguns *processos de mineração*.
3. Fogo é o poder que *refina os metais*. Os homens sabem sobre essas coisas, mas pouco sabem sobre a *ciência divina*.

4. Outros fazem *fogo* significar os metais preciosos que são minados. Ele reflete tem a luz e se assemelham ao *fogo.* Esta interpretação pode ser favorecida pelo fato de que o vs. 6 menciona imediatamente safiras, que é o *lápis-lazúli.*

28.6

Nas suas pedras se encontra safira. Entre os tesouros que os homens são capazes de desenterrar, mediante seu modo de proceder, estão as pedras preciosas, incluindo a *safira* ou *lápis-lazúli.* Elas refletem a luz e brilham como o fogo (vs. 5), admirando a mente humana. Mas a mente humana permanece nas trevas com respeito à Luz da Sabedoria divina, a menos que Ele escolha manifestar-se por meio da revelação. Certas coisas estão além dos esforços humanos. Certas coisas são divinas e não humanas. Então, temos também o metal mais precioso de todos, o ouro, que será sempre objeto de busca dos homens. O ouro é amarelo ou pálido por *temer* a busca constante do homem e os frenéticos esforços para encontrá-lo. O ouro e as pedras preciosas são valiosos para os homens, mas não se comparam ao valor da Sabedoria de Deus (assim dizem os vss. 16 ss.).

Pó que contém ouro. Talvez isso signifique que, em alguns lugares, o ouro seja tão abundante que deva ser comparado ao pó; ou o ouro encontra-se em *partículas de pó* e precisa ser refinado a partir delas. Plínio falou sobre o *pulvis aureus,* partículas de ouro que brilham no pó (*Nat. Hist.* 1.37, cap. 9). Ou talvez estejam em pauta as *pepitas de ouro* chamadas de pó, por serem tão abundantes quanto a poeira da terra. A Vulgata Latina diz *torrões de ouro,* ou seja, as pepitas de ouro são como a poeira da terra. O ouro é abundante, mas a Sabedoria de Deus é rara e continua oculta aos homens. O ouro está disponível, mas a Sabedoria de Deus só é dada mediante intervenção divina, na revelação.

28.7

Essa vereda, a ave de rapina a ignora. *Alguns animais* têm a percepção dos sentidos muito aguçada, como a ciência tem demonstrado. Um pombo, por exemplo, pode ouvir a longas distâncias. Um pombo em São Paulo pode ouvir uma tempestade no Rio de Janeiro, porque ouvir é muito importante para a sua sobrevivência. Algumas aves que costumam caçar à noite podem ver a *aura* de um animal, porque seus olhos vêem fora do alcance da visão normal. Portanto, para tais aves, os animais são *visíveis,* o que significa que podem ser apanhados. Uma abelha tem o olfato muito apurado e pode sentir o odor de um jardim de flores a cerca de 10 km de distância. Uma abelha em Guaratinguetá pode sentir um jardim de flores em Aparecida do Norte. Algumas espécies de aves têm visão muito aguda, necessária para apanharem seu alimento. A despeito dessas habilidades incomuns de visão, as coisas estão ocultas a tais criaturas; isso ilustra como o homem não pode *ver* claramente o bastante, para discernir a Sabedoria de Deus, sem a ajuda divina direta. As aves não podem ver tesouros e rios subterrâneos, nem podem os homens descobrir, por meios naturais, muito sobre a oculta Sabedoria de Deus.

Neste versículo, o poeta pode estar aludindo à adivinhação por meio de *pássaros.* Nesse caso, isso também seria inútil para encontrar a sabedoria. Ver as notas sobre o vs. 21.

28.8

Nunca a pisaram feras majestosas. Os animais da floresta andam procurando por presas e seguem muitas veredas conhecidas. Mas existem veredas desconhecidas por tais feras, sob a superfície da terra e sobre ela. Os animais irracionais são limitados por sua ignorância, e assim também acontece ao homem que tenta encontrar a *vereda da sabedoria.* O leão é a mais feroz das feras, diante do qual os outros animais tremem e se escondem. Seus caminhos são muitos, e seu apetite é enorme. No entanto, o leão é um animal *limitado.* Ele é considerado o rei dos animais, mas não deixa de ter suas limitações. Assim também o homem é o principal animal *da terra,* mas é severamente limitado quando se trata das realidades celestiais. O mineiro escava seus túneis abaixo da superfície da terra, e mesmo as aves de visão mais aguda não podem ver esses túneis. O leão percorre suas veredas à superfície da terra, sem nunca suspeitar de que existem veredas abaixo da superfície. Um homem não pode descobrir por si mesmo a Sabedoria divina, assim como o leão não pode descobrir veredas por baixo da terra.

O leãozinho. O leão é uma fera orgulhosa e sabe o quão forte é. Mas o animal mais orgulhoso de todos é o homem. Ele pensa ser forte e sábio, mas está enganado, pois é apenas arrogante.

28.9

Estende o homem a sua mão contra o rochedo. *O Homem Só é Forte até Certo Ponto.* Ele pode movimentar pesadas rochas. Ele escava a terra e revolve suas entranhas. Por assim dizer, ele escava montanhas por suas raízes. O homem pode partir ao meio as mais duras rochas, incluindo a *pederneira.* No entanto, não consegue rachar a *casca* dos mistérios divinos. Ele ainda não encontrou solução para o problema do mal, isto é, por que os homens sofrem como sofrem. E ainda não descobriu por que os *inocentes* sofrem. O poeta, portanto, continuou a metáfora da mineração iniciada no vs. 1. Ele louva as realizações humanas, mas também sabe, e muito bem, quais são suas limitações. Alguns estudiosos supõem que o trabalho do homem sobre a face da terra esteja incluído neste versículo: ele escava cisternas, canais e represas. Com suas construções, controla seu meio ambiente e, no entanto, não exerce controle sobre a Sabedoria divina, que permanece fora do alcance de sua tecnologia.

28.10

Abre canais nas pedras. É bem provável que este versículo continue a metáfora da mineração. Rios são descobertos, tal como se viu no vs. 4, e o homem é retratado como *se* tivesse criado aqueles rios. Ou talvez esteja em pauta um trabalho feito à superfície da terra. O homem é capaz de construir rios (canais) ou alterar o seu curso. Ele é forte até certo ponto, mas não pode estalar a *casca* dos mistérios divinos. Enfrenta tarefas difíceis e vence por causa de sua determinação. Certas coisas, entretanto, estão acima de seu poder e inteligência. Talvez, este versículo devesse ser interpretado juntamente com o vs. 11. O homem não permite que os rios inundem suas minas; ele desvia as águas, antes que elas possam causar dano. Um homem *também* é capaz de *drenar* águas que tenham penetrado em uma mina, impedindo as operações de mineração. No entanto, ele não é capaz de explorar a Sabedoria divina.

28.11

Tapa os veios de água e nem uma gota sai deles. A fim de *proteger suas minas,* ou com outros propósitos, o homem é capaz de controlar os rios e as inundações. Ele constrói represas que não derramam; ele faz cisternas ou simplesmente desvia as águas à sua vontade. Pode haver referência à drenagem de minas de águas que ali se acumularam, para que a operação pudesse continuar. Seja como for, o homem é visto como capaz de controlar seu meio ambiente, até mesmo as temíveis e destruidoras águas. Mas ele tem pouco controle sobre as Águas do Céu, a Sabedoria que confere vida.

Plínio disse que o homem é capaz de escavar a terra e chegar à moradia dos espíritos malignos, sem dúvida um exagero. Ovídio (*Met.* lib. 1, vs. 137) fazia pouco da capacidade de mineração do homem. O homem *invadiu* a terra com suas atividades, *assaltando-lhe* o ouro e a prata.

28.12

Mas onde se achará a sabedoria? A despeito de todos os esforços dos homens, e apesar de todos os seus avanços no campo da tecnologia, a Sabedoria permanece distante deles, que não se tornaram espertos na compreensão *espiritual.* A Sabedoria não está nos lugares onde os homens a procuram. Eles não têm *escavado* as minas da sabedoria, nem acumulado as águas da compreensão. Embora o homem se mostre otimista e determinado em suas realizações, o poeta não viu razão para otimismo no tocante às realizações espirituais. O poeta não acreditava que a sabedoria estivesse ao alcance do homem. "Ele não acreditava que o segredo da vida jaz ao alcance do homem ou à sua disposição" (Samuel Terrien, *in loc.*). Ver o vs. 20, onde essas questões são repetidas.

O maior de todos os tesouros é a Sabedoria divina. O poeta, pois, antecipou o ensino paulino da *graça.* Deus precisa dar sabedoria, mediante um ato de Sua divina vontade. Deus tem de tomar providências, ou o homem estará para sempre limitado a realizações bastante pequenas.

Os *vss. 12-27* personificam a Sabedoria, e os intérpretes cristãos cristianizam esses versículos. Cf. Pro. 8.22 ss., que alguns transformam em trecho profético e messiânico, fazendo-o falar sobre o Logos, que era chamado o Cristo em Sua encarnação. Ver no *Dicionário* o artigo sobre *Sabedoria,* quanto a amplos detalhes.

> *Mas vós sois dele, em Cristo Jesus, o qual se nos tornou, da parte de Deus, sabedoria, e justiça, e santificação, e redenção.*
>
> (I Coríntios 1.30)

> *Ó profundidade da riqueza, tanto da sabedoria como do conhecimento de Deus! Quão insondáveis são os seus juízos, e quão inescrutáveis, os seus caminhos!*
>
> (Romanos 11.33)

28.13

O homem não conhece o valor dela. Nenhum ser humano pode apreçar a sabedoria e, se algum homem inteligente conseguir fazê-lo, ninguém poderia pagar por ela. Sem essa sabedoria, o homem é pobre. Ninguém conhece o

caminho da sabedoria (ver a Revised Standard Version), e sua vereda não pode ser achada na terra dos vivos. O verdadeiro valor da sabedoria não é conhecido pelos homens, nem podem eles descobri-lo, como um mineiro faz com o ouro.

"É de um valor infinito e a única ciência que diz respeito a *ambos os mundos*. Sem a sabedoria, porém, o mais sábio dos homens é apenas um animal irracional. Mas, com a sabedoria, o homem mais simples só perde para um anjo" (Adam Clarke, *in loc.*).

> *Já não verei o Senhor na terra dos viventes.*
>
> (Isaías 38.11)

A sabedoria tem valor incalculável e seria impossível comprá-la, caso ela pudesse ser apreçada. Em outras palavras, ela é inacessível aos homens, *a menos* que seja dada como dom de Deus, por meio da revelação e transformação da alma para que se faça o que é requerido. "Não há nada no globo terrestre inteiro que se iguale ao valor da sabedoria" (John Gill, *in loc.*).

28.14

O abismo diz: Ela não está em mim. O poeta personifica várias essências inanimadas da terra. O *mar* é uma entidade profunda e misteriosa. Muitos animais incomuns habitam no mar, que oculta surpresas. Mas o mar diz: "A sabedoria não se encontra em mim!". A profundidade é parte integrante do mar, mas fala como se fosse uma entidade desesperada. Essa profundidade é a porção mais enigmática do mar. A metáfora declara que não há como o homem buscar a Sabedoria. O homem pode ter idéias sobre o que procurar, no entanto, todos os homens falham nessa busca. Não há vereda que possa ser seguida e leve à Sabedoria.

O poeta usou o abismo (no hebraico, *tehom)* e o mar (no hebraico, *yam*), como variação poética, mas o primeiro, de fato, é a parte mais misteriosa do segundo, de maneira que esse fato se presta bem à metáfora. Talvez o poeta aluda a certas práticas de culto politeísta e a certas crenças do antigo Egito, nas quais essas essências misteriosas eram *transformadas em deuses* ou habitações de deuses. Isso se parece com a declaração de Plínio, acerca de homens escavando a terra para encontrar em suas entranhas espíritos malignos (ver o vs. 11). Assim, os homens que desciam às profundezas do oceano poderiam encontrar algum deus, ao qual ofereceriam sacrifício e adoração.

"As forças do *abismo* e do *oceano primevo* não somente foram personificadas, mas também *deificadas*. Os homens antigos adoravam-nas como a seres divinos e buscavam seu favor, para dar estabilidade à terra" (Samuel Terrien, *in loc.*). Cf. a antiga crença dos gregos, ainda defendida no tempo de Sócrates, que fazia da lua um deus (500 A.C.). Mas o poeta negou que nas profundezas do oceano houvesse qualquer poder ou inteligência que pudesse dar aos homens sabedoria, e certamente a própria Sabedoria não estava em tal lugar. Os homens falavam sobre Abadon ou a Morte, de maneira personificada, endeusada, mas o poeta não via nenhuma utilidade em tal conversa, *se* um homem estivesse em busca da Sabedoria. Ver sobre o vs. 22, quanto a essa referência.

28.15

Não se dá por ela ouro fino. *Coisas frívolas,* como ouro e prata (embora sejam de grande valor para os homens e buscadas com diligência), não podem comprar a Sabedoria, sem importar o montante de dinheiro envolvido no pagamento. Essa é uma declaração *metafórica* que significa que a sabedoria *não tem preço,* nem pode ser obtida por *nenhum tipo* de esforço humano. Deus dispensa sabedoria àqueles que pensa ser merecedores, de acordo com Sua vontade e graça, que operam através da revelação. Assim sendo, aprendemos que as técnicas religiosas (ritos, cerimônias, sacrifícios, orações) são limitadas. Os homens não podem obter a Sabedoria divina, tal como obtêm a tecnologia científica. A Sabedoria divina é inacessível, salvo pelo *fiat divino.* Assim sendo, os vss. 23-28 enfatizam o tema de que *somente Deus* entende o caminho da sabedoria. Homens espirituais chegam a compreender parte dos mistérios da piedade, mas a verdadeira espiritualidade é uma questão de um *longo cultivo,* não um acontecimento único em que a pessoa diga: "Obtive!". Um número demasiadamente grande de pessoas diz "Obtive a sabedoria", quando, na realidade elas permanecem como infantes espirituais. Os homens vivem com pressa e são sempre enganados por si mesmos e por outras pessoas, para pensarem que algo tão grande como uma avançada espiritualidade possa acontecer subitamente. Essa é uma doutrina falsa. Afinal de contas, nossa glorificação será um *processo eterno,* que sobe de um estágio de glória a outro, mediante o qual somos transformados à imagem de Cristo.

> *E todos nós, com o rosto desvendado, contemplando, como por espelho, a glória do Senhor, somos transformados, de glória em glória, na sua própria imagem, como pelo Senhor. o Espírito.*
>
> (II Coríntios 3.18)

Ver na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* o verbete intitulado *Transformação Segundo a Imagem de Cristo.*

28.16

O seu valor não se pode avaliar pelo ouro de Ofir. Até mesmo o *ouro abundante de Ofir* (ver a respeito no *Dicionário*) não pode comprar a sabedoria. Os homens não possuem recursos adequados para fazer tal compra. A sabedoria é inacessível ao homem. Nem mesmo as pedras preciosas que os mineiros obtêm da terra, com suas habilidades, aproximam-se do preço da Sabedoria divina. "A sabedoria não pode ser comprada em um mercado como pedras preciosas e jóias que o homem tenha descoberto na terra, como o ônix, a safira, o rubi ou o topázio, pois a sabedoria excede em muito ao valor dessas pedras (cf. Pro. 3.13-15; 8.11; 16.16)" (Roy B. Zuck, *in loc.*).

> *Feliz o homem que acha sabedoria, e o homem que adquire conhecimento; porque melhor é o lucro que ela dá do que o da prata, e melhor a sua renda do que o ouro mais fino.*
>
> (Provérbios 3.13-14)

28.17-19

O ouro não se iguala a ela, nem o cristal. Os *padrões de valor* não se aplicam à Sabedoria. Esses três versículos continuam a *metáfora da mineração,* iniciada no vs. 1 deste capítulo. O homem tem admirável engenhosidade e notável avanço tecnológico. É capaz de penetrar na terra e fazer túneis. Pisa as veredas, feitas por ele mesmo, que estão ocultas às aves e aos animais poderosos. Desenterra produtos admiráveis da natureza, aos quais atribui altos valores. Além dos metais preciosos, há pedras preciosas, das quais os vss. 16-19 listam seis tipos. Note como o autor do Apocalipse (capítulo 21) usou tais pedras para descrever as glórias da Nova Jerusalém. Dou artigos separados sobre todas essas pedras preciosas na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia.* Ver também ali o artigo chamado *Jóias e Pedras Preciosas.* Mediante uma lista extensa das coisas avaliadas pelo homem, o autor sacro enfatiza a sua tese: os valores humanos não têm nenhuma aplicação às questões divinas, sobretudo quando estamos falando sobre a Sabedoria. Temos aí alguns *lugares* mencionados que eram fontes famosas dos itens citados, como Ofir (vs. 16, ouro) e a Etiópia (vs. 19, topázio). Existem lugares ricos na terra, mas eles não são fontes das Verdadeiras Riquezas, os valores espirituais que os homens deveriam estar procurando. Cf. os vss. 5,7,10 e 14. Nenhum lugar na terra é a fonte da sabedoria. A sabedoria é um empreendimento celestial, porque somente Deus sabe o caminho da sabedoria (vss. 23-28). Da Mesopotâmia ao vale do rio Nilo, e por todo o Crescente Fértil, os homens se ocupavam da mineração. Esses esforços, entretanto, em nada têm contribuído para produzir o maior de todos os tesouros: a Sabedoria.

As *doze pedras* do peitoral do sumo sacerdote, as *pedras do santuário* (Lam. 4.1), têm sua contraparte neste capítulo. Aquelas pedras preciosas simbolizavam *luzes* e *perfeições* (o sentido das palavras hebraicas *Urim* e *Tumim*). Talvez, ao olhar para elas, o sumo sacerdote atingisse um leve transe que o ajudava em seus pronunciamentos, e suas declarações tinham algo que ver com a Sabedoria divina. Assim, as pedras preciosas estavam *associadas* ao ato de adquirir as mensagens de Deus, mas não eram a fonte de compreensão.

Algumas de minhas fontes informativas dão breves descrições das pedras mencionadas. Não dou aos vss. 16-19 esse tratamento, visto que o leitor pode achar no *Dicionário* artigos individuais sobre as pedras preciosas citadas. O leitor curioso poderá informar-se através desses artigos.

As *descrições elaboradas* foram um esforço heróico feito pelo poeta para informar-nos de que a Sabedoria é "algo diferente", "algo totalmente outro". Não podemos encontrar a sabedoria na terra, sem importar onde e como a busquemos. Tais coisas simplesmente estavam além do homem. A Sabedoria divina é uma dessas coisas. Portanto, confiar na vontade e na graça de Deus é "deixar tudo claro". Algum dia, "Ele deixará tudo claro para mim", como dizia, esperançoso, o autor de um hino.

> *A sabedoria não é finalmente testada nas escolas. A sabedoria não pode ser passada de quem a possui para quem não a tem. A sabedoria é da alma. Não está susceptível à prova. É a sua própria prova.*
>
> (Walt Whitman)

28.20

Donde, pois, vem a sabedoria...? *A Grande Pergunta.* Se a sabedoria não é produto ou empreendimento humano, "de onde" ela vem? Onde é o lugar da compreensão, visto que nenhum lugar humano é seu lar? Deve haver um lugar e uma maneira de buscá-la.

"O homem tem gastado fortunas imensas não somente na construção e ornamentação de santuários, mas também na celebração sazonal de enfeites e rituais festivos. O homem tem pago um alto preço para comungar com as forças universais, ou para proteger-se delas. Muito naturalmente, o homem poderia pedir delas o prêmio mais cobiçado: a sabedoria! Ele poderia até buscar as divindades do submundo, Abadon e a Morte (vs. 22)" (Samuel Terrien, *in loc.*). Mas a sabedoria permanece facilmente oculta para o homem, a despeito de seus esforços e de sua devoção.

Este versículo repete, quase verbatim, o vs. 12 do presente capítulo, onde ofereço outra idéia.

28.21

Está encoberta aos olhos de todo vivente. Não existem *olhos de animais* (a despeito de sua aguda percepção dos sentidos) ou de seres humanos (a despeito de sua busca diligente) que possam encontrar a sabedoria. A sabedoria está *oculta* a todas as criaturas vivas e inteligentes. Cf. os vss. 6-11, onde já vimos essas idéias.

"O dom da adivinhação era atribuído pelos pagãos especiais aos *pássaros*. Seu vôo veloz na direção do céu, e sua visão aguda originaram a superstição. Jó pode estar aludindo à questão. Mas nem mesmo a adivinhação suposta dos pássaros tem coisa alguma que ver com a sabedoria (Eclesiastes 10.20)" (Fausset, *in loc.*). Quando os homens perdem os recursos e não mais confiam na *razão,* voltam-se para certas coisas como a adivinhação. A cultura hebraica estava cheia de "formas aprovadas" da sabedoria. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Adivinhação,* onde dou abundantes detalhes sobre essa questão.

Não digamos nenhuma palavra má contra as autoridades, ou um pássaro pode vir e ouvir suas maldições, e isso seria mau para você. O pássaro em foco, como um *revelador,* era um pensamento comum entre os antigos, e isso fica subentendido em Eclesiastes 10.20: "Nem no teu pensamento amaldiçoes o rei, nem tão pouco no mais interior do teu quarto, o rico; porque as aves dos céus poderiam levar a tua voz, e o que tem asas daria notícias das tuas palavras".

Oculta às aves do céu. Para Jarchi, esses animais representam, no texto, os santos anjos de Deus. Nesse caso, pois, nem mesmo eles podem dar sabedoria. Mas essa idéia está longe da realidade, tanto quanto a idéia dos *demônios,* que é a interpretação de outros estudiosos.

28.22

O abismo e a morte dizem. A *sabedoria* não se encontra na face da terra, nem no *abismo,* nem no hades, onde as divindades *Abadon* e *Morte* dominam. O poeta sagrado personalizou as forças destrutivas que residem no *seol.* Os antigos levavam muito a sério essas forças, supondo que os deuses do submundo fossem reais. Se tais divindades realmente *existem,* então nem elas, embora temidas e reverenciadas pelos homens, são fontes da sabedoria. Esses poderes *ouviram* falar na sabedoria. Rumores sobre a sabedoria penetraram em suas escuras habitações, mas eles mesmos nada sabem a respeito, e com igual certeza não são suas fontes originárias. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Abadon.* Para os antigos, os deuses do submundo não eram demônios e, sim, *entidades diversas* que faziam os homens estremecer, porque nada de bom podiam esperar delas. Era melhor manter-se afastado. Mas se alguém se aproximasse de uma daquelas divindades, ficaria amargamente desapontado.

> *O Anjo da Morte tem estado ao redor por toda a terra. Talvez você até tenha ouvido o bater de suas asas.*
>
> (John Bright)

Quando o Anjo da Morte passar, não pare para perguntar-lhe sobre a sabedoria!

Só Deus Entende o Caminho da Sabedoria (28.23-28)

28.23

Deus lhe estende o caminho. Esta é a resposta! É Deus que conhece o *caminho da compreensão.* Mas como vamos ter com Deus? O autor sagrado responde que *Ele* chega até nós em Suas revelações, embora só visite homens que merecem receber essas revelações. Ou, então, em certas ocasiões, Ele meramente faz o que quer, dando a um homem a sabedoria, mediante um dom da graça. Nesse caso, o recebedor é transformado pelas próprias experiências. "Quando todo o esforço humano tiver fracassado, e somente então, o homem estará pronto para chegar a si mesmo e reconhecer que o Deus que criou o cosmo continua sendo o *Criador fiel* (vss. 24-26), compreendendo o caminho da sabedoria e conhecendo o lugar onde ela está (vs. 23). A sabedoria é a possessão suprema de Deus" (Samuel Terrien, *in loc.*).

Referindo-se à *Sabedoria personificada,* o autor do livro de Provérbios asseverou:

> *O Senhor me possuía no início de sua obra, antes de suas obras mais antigas. Desde a eternidade fui estabelecida, desde o princípio, antes do começo da terra. Antes de haver abismos, eu nasci, e antes ainda de haver fontes carregadas de águas. Antes que os montes fossem firmados, antes de haver outeiros, eu nasci.*
>
> (Provérbios 8.22-25)

Esse texto naturalmente é cristianizado a fim de aludir ao Logos como a Sabedoria Eterna, o Logos que se manifestou na pessoa do Cristo. Ver as notas sobre essa idéia, no vs. 12.

"Desde o começo do tempo, Ele a conhecia, Ele a media, Ele a explorava. Deus, e nenhum outro. Quanto ao homem, ele nunca conhecerá a sabedoria conforme Deus a conhece. Pelo contrário, ele pode ter conhecido o *temor do Senhor.* Para ele, o temor do Senhor é que é a sabedoria" (Paul Scherer, *in loc.*). Na doutrina cristã, entretanto, o homem, transformado segundo a imagem de Cristo, compartilha de modo espetacular a Sabedoria divina, visto que chega a ter a natureza divina (ver II Ped. 1.4). Mas o poeta sagrado não antecipou nenhuma doutrina elevada como essa.

"Deus possui e é, Ele mesmo, a Sabedoria, pelo que somente Ele compreende o caminho da sabedoria e conhece o lugar onde ela se encontra" (Fausset, *in loc.*). "A sede da sabedoria está dentro Dele mesmo" (John Gill, *in loc.*). A seguir, esse mesmo comentador cristianizou o versículo, vendo o Logos, o Cristo, como a Sabedoria de Deus. Ao serem remidos, os homens encontram em Cristo a sua sabedoria (ver I Cor. 1.30).

28.24

Porque ele perscruta até as extremidades da terra. A *onisciência de Deus* garante que Ele conhece o caminho da sabedoria e da compreensão. Os *olhos de Deus* sondam a inteireza da terra e dos céus. Coisa alguma está oculta ao Seu olhar. "Seu conhecimento é ilimitado, e Seu poder é infinito" (Adam Clarke, *in loc.*). Isso é preciso para garantir a possessão e a utilidade da sabedoria. Trata-se de um empreendimento divino, não humano. "A sabedoria é propriedade exclusiva de Deus" (*Oxford Annotated Bible,* comentando sobre este versículo). A mesma idéia é enfatizada em Pro. 8.22 ss., que personificam a sabedoria.

> *Faz da sabedoria tua provisão para a jornada da juventude à idade avançada. Isso te será um apoio mais certo do que todas as outras possessões.*
>
> (Bias)

28.25

Quando regulou o peso do vento. *O ar,* bem o sabemos, tem peso e poder específicos. Foi Deus quem deu ao *vento* essas propriedades, de maneira que o ar funciona no mundo como deveria funcionar. Pode refrigerar o ambiente ou assustar-nos com seu poder. O vento traz as nuvens fornecedoras de água e confere o oxigênio necessário à respiração. Ademais, Deus nos deu água doadora de vida, na medida certa para todos os usos que lhe foram atribuídos. Ele é o Deus das *provisões apropriadas,* pelo que não ficamos admirados que seja, igualmente, a fonte e o doador da Sabedoria, outro elemento necessário para a vida e a existência. O vento e a chuva representam *todos os elementos da natureza,* dados e controlados por Deus. As perfeições da natureza também nos informam que a sabedoria é, igualmente, uma das prerrogativas de Deus. Cf. Pro. 8.29, onde a água é igualmente associada à sabedoria, nas operações de Deus. O vento pode funcionar para o bem. E também serve para impor julgamento. A água pode funcionar para o bem. E, por semelhante modo, também serve para impor julgamento. Deus opera em Suas mãos as forças e os benefícios da natureza. Assim também Ele segura em Suas mãos a sabedona.

28.26

Quando determinou leis para a chuva. Os *decretos divinos* controlam todos os atos da natureza, como a chuva e as tempestades com relâmpagos. Tais coisas ilustram a bondade e o poder de Deus, e são necessárias à sustentação da vida na face da terra.

Caminho para o relâmpago dos trovões. O trovão é produzido por Deus. É a voz de Deus, e a palavra é usada no plural, *vozes,* dando a entender vários raios que caíram. O relâmpago é o causador do trovão, e ambos são produzidos e enviados por Deus. O Targum diz que Deus controla as veredas de um relâmpago, tão preciso é o Seu controle sobre a natureza. Em contraste, Plínio referiu-se ao trovão e ao relâmpago como coisas que acontecem ao acaso (*Hist. Natural* 1.2, cap. 43). Mas Sêneca preferia a posição aceita pelos hebreus: Deus está nesses fenômenos e os controla. Tudo isso faz parte da providência divina (*Mat.*

Quest. 1.2, cap. 13,31). Naturalmente, o poeta fala em linguagem poética e metafórica, sem supor o texto fosse interpretada literalmente.

28.27

Então viu ele a sabedoria e a manifestou. Deus viu que o relâmpago e o trovão são bons, decretou que eles operassem e, então, conservou-os sob Seu poder e direção. Coisa alguma está fora do poder de Deus, especialmente a sabedoria. E há certas coisas que estão exclusivamente dentro de Seu poder, como os atos da natureza e a sabedoria. Foi por isso que o poeta direcionou nossa mente para compreendermos como a sabedoria pertence somente a Deus, pelo que só pode ser buscada Nele.

Atos divinos: 1. ver; 2. declarar; 3. numerar; 4. preparar; 5. determinar e 6. investigar. Todas essas coisas, aspectos do poder e da sabedoria divina, estão exclusivamente dentro de Seu poder. Deus examina Suas obras na natureza, para certificar-se de que elas são adequadas às tarefas a que foram destinadas. Ele as acha boas e as põe em operação. Assim, a revelação é também Seu ato criativo, e é assim que obtemos a sabedoria.

> *Os céus proclamam a glória de Deus, e o firmamento anuncia as obras das suas mãos.*
>
> (Salmo 19.1)

28.28

E disse ao homem. O homem não é capaz de adquirir a sabedoria por meio de sua tecnologia e de ritos e cerimônias religiosas. Nem é capaz de *possuir* a Sabedoria divina. Não obstante, pode ter um bom começo quanto a essa questão. O temor do Senhor é sabedoria, e afastar-se do mal é a compreensão. Tais coisas são apenas aspectos da Sabedoria divina, mas para o homem representam um bom começo. Naturalmente, em Cristo, em quem o homem regenerado adquire natureza divina (II Ped. 1.4), ele chega a compartilhar os atributos divinos, incluindo a sabedoria, posto que de maneira finita. Contudo, o finito cresce cada vez mais, conforme o indivíduo avança para a infinitude, e o homem continuará a mover-se na direção do infinito. Ver os comentários sobre o vs. 15 deste capítulo, que explora essas questões.

> *O temor do Senhor consiste em aborrecer o mal.*
>
> (Provérbios 8.13)

Ver no *Dicionário,* o artigo geral intitulado *Temor,* quanto a detalhes completos.

> *O temor do Senhor é o princípio da sabedoria; revelam prudência todos os que a praticam. O seu louvor permanece para sempre.*
>
> (Salmo 111.10)

O texto ensina que adquirir a sabedoria é uma *questão moral,* e não apenas mística. Somente o indivíduo justo tem chance de crescer na sabedoria. Nós a procuramos sendo bons. O temor do Senhor indica que estamos admirados diante do Ser divino e não ousamos poluir nossos caminhos. E aí que começamos a caminhar pela vereda espiritual. O conhecimento divino pertence exclusivamente ao Criador do cosmos, mas uma *atitude prática* de comportamento humano nos conduz a ela. Contudo, a sabedoria mencionada no vs. 28 não resulta de algum empreendimento humano, mas um homem pode condicionar-se para receber o *dom divino.* O livro trata de uma espiritualidade genuína que o próprio sofrimento não pode anular. Pode o homem adorar a Deus de *maneira desinteressada?* - esse é o tema principal do livro. Pode um homem manter esse tipo de espiritualidade diante de intensos sofrimentos? Ou o ser humano é um egoísta que corre para o ateísmo na primeira vez em que sofre um golpe divino? Ver na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* o verbete intitulado *Egoísmo.* E a *Introdução* ao livro de Jó fala sobre o *Problema do Mal,* seção V.

Essa passagem naturalmente é uma censura aos amigos-críticos de Jó, a terrível tríade. A sabedoria estava fora do alcance deles, mas eles se gabavam como depositários do conhecimento de Deus. Não obstante, eles não resolveram os problemas de Jó nem apresentaram solução para o problema do sofrimento humano. E mesmo para nós, hoje em dia, embora tenhamos superior revelação, a questão do sofrimento humano ainda contém *enigmas.*

Capítulo Vinte e Nove

Bildade tinha discursado pela terceira vez (capítulo 25). Então Jó replicou, mas parece claro que os capítulos 26-31 não são apenas uma resposta prolongada de Jó a Bildade. Provavelmente, temos incluídos aí alguns fragmentos do terceiro discurso de Zofar, bem como a respectiva réplica de Jó. Talvez, conforme supõem alguns estudiosos, esses capítulos sejam uma colcha de retalhos, tornando-se difícil distinguir quem é o orador, em cada ponto. Talvez a linguagem dos discursos finais se tenha tornado tão violenta, cruel e abusiva, que um editor subseqüente, ou o próprio autor original, apagou algumas partes. Talvez o grande Hino à Sabedoria (capítulo 28) seja realmente material que tomou o lugar de partes apagadas, mas, originalmente, era uma peça literária em separado. Comento sobre esses problemas nas introduções aos capítulos 25-28, assim deixo o leitor respigar informações das introduções a esses quatro capítulos.

Agora, encontramos Jó resumindo sua resposta a Bildade, mas é possível que o material à nossa frente também represente parte da resposta, que esteja "faltando", do terceiro discurso perdido de Zofar. Ou, então, Jó respondeu a todos os seus críticos e apresentou seu caso final na presença de Deus.

Solilóquio Final de Jó (29.1 – 31.40)

Relembrando Tempos Mais Felizes (29.1-25)

"Com o toque firme de um grande artista, o poeta permitiu que seu herói refletisse sobre dias passados. Assim sendo, o ideal nômade de quieta felicidade, responsabilidade social e nobreza graciosa foi recriado de forma inigualável na Bíblia, ou talvez até fora dela. No entanto, era isso precisamente o que o poeta sagrado queria atingir. Mais ainda, ele fez seu herói oferecer um auto-retrato que incorpora os mais *puros ideais* de piedade e moralidade, oferecendo assim um pano de fundo convincente para a expressão final do orgulho. 'Como um príncipe, eu me aproximaria de Deus' (Jó 31.37)" (Samuel Terrien, *in loc.,* que apresentou uma observação penetrante).

"A defesa final de Jó. Contrastando seu passado feliz (capítulo 29) com sua aflição presente (capítulo 30), o sofredor fez seu apelo final ou juramento de libertação (capítulo 31)" (*Oxford Annotated Bible,* comentando sobre o vs. 1 deste capítulo).

29.1

Prosseguiu Jó no seu discurso. Este versículo, tal como Jó 27.1, representa a continuação ou o reinício do discurso de Jó. Ver o modo de *introduzir* as réplicas de Jó nas notas sobre Jó 26.1. Este versículo pode subentender que o capítulo 28 não fazia parte da réplica de Jó ao terceiro discurso de Bildade, porquanto aqui Jó *reinicia* o discurso de Jó 27.12. Se essa é a verdade da questão, então Jó 27.13-23 representa o terceiro discurso de Zofar, que "está faltando", ou, pelo menos, fragmentos dele.

29.2

Ah! quem me dera ser como fui nos meses passados. Os *sofrimentos de Jó* tinham-se prolongado por vários *meses* excruciantes, conforme aprendemos neste versículo. Ele olhou para trás, para "antes" de suas prolongadas agonias, e relembrou com prazer como as coisas "costumavam ser". Houve época em que Deus olhava para Jó, zelando pelo seu bem, abençoando-o e garantindo-lhe um lugar decente na sociedade. O período de sofrimento, porém, pusera fim à sua felicidade. Jó vivera em termos amigáveis com Deus, mas então, de súbito, Deus se tornara seu adversário e começara a bater nele com um látego divino. Houve tempo em que "tudo estivera bem" com Jó (ver Jó 16.12), e ele não conseguir entender o *porquê* da mudança. Sem dúvida, não se deveria a algum pecado secreto. Há enigmas no sofrimento, até no caso dos justos. Lá fora há um *caos* que derruba por terra tanto os bons quanto os maus.

> *Jamais digas: Por que foram os dias passados melhores do que estes? Pois não é sábio perguntar assim.*
>
> (Eclesiastes 7.10)

Penso que um homem deve deixar tudo nas mãos de Deus e contentar-se com a sua atual situação.

> *O Senhor me desamparou, o Senhor se esqueceu de mim. Acaso, pode uma mulher esquecer-se do filho que ainda mama, de sorte que não se compadeça do filho do seu ventre? Mas ainda que esta viesse a se esquecer dele, eu, todavia, não me esquecerei de ti.*
>
> (Isaías 49.14-15)

29.3

Quando fazia resplandecer a sua lâmpada. *A luz de Deus* pertencia-lhe, Jó andava naquela luz. Quão bom é caminhar pela vereda iluminada! Algumas vezes, porém, somos solicitados a caminhar pelas trevas, *confiando* na luz que ainda existe e se manifestará no tempo apropriado. Oh, Senhor, concede-nos tal graça! Ver no *Dicionário* a metáfora da luz no artigo intitulado *Luz, Deus como a.* Ver também o artigo geral chamado *Luz, A Metáfora da.*

Guia luz bondosa, em meio ao halo que circula!
Guia-me. A noite está escura e eu estou
Longe de casa. Guia-me.
Guarda meus pés. Não peço para ver
A praia distante. Um passo basta para mim.

(John H. Newman)

Algumas vezes somos guiados passo a passo. Por outra parte, algumas vezes ver a praia distante nos ajuda a dar o passo seguinte. Jó, para sua consternação, havia sofrido blecaute total. Deus retirara dele a Sua luz e cessara de responder às suas orações.

"A lâmpada de Deus estivera sobre ele, como uma lâmpada suspensa no meio de uma tenda (cf. Jó 18.6; Eclesiastes 12.6). O texto indica que Jó estivera sob o favor de Deus, que o guiara através das trevas da dificuldade, mostrando-se amigo e permanecendo com ele. Ele tinha um lar feliz. Seus filhos (agora mortos!) ainda estavam com ele, no passado. Ele era um homem próspero" (Roy B. Zuck, *in loc.*).

29.4

Como fui nos dias do meu vigor. Houve tempo em que Jó era jovem. Naquela época, Deus o favorecia, a despeito dos seus pecados de juventude (ver Jó 13.26). Mas agora, como adulto, ele não tinha pecados, secretos ou de qualquer tipo, que provocassem o julgamento divino. Deus mostrava-se destituído de misericórdia, ao castigá-lo "sem causa" (Jó 2.3).

Dias do meu vigor. Ou *juventude,* conforme dizem algumas traduções. O hebraico diz literalmente *outono,* ou seja, o tempo das frutas maduras, o tempo da abundância e da bênção, o tempo da prosperidade. De repente, Jó foi lançado para dentro de um *inverno* incansável. Jó esteve carregado de prosperidade, tal como as árvores frutíferas de seu pomar estiveram sobrecarregadas de frutos. No entanto, logo tudo morreu ou estava morrendo.

Quando a amizade de Deus estava sobre a minha tenda. Jó era tão abençoado pela divina *providência* (ver no *Dicionário*) que se tornara amigo de Deus Jó tinha sido admitido no círculo secreto dos eleitos de Deus. No entanto, agora era um pária, jazendo ali no monturo, a raspar os seus furúnculos.

29.5

Quando o Todo-poderoso ainda estava comigo. O Todo-poderoso ainda estava com Jó. Seus filhos, agora mortos, ainda estavam com ele. Com profunda saudade, Jó relembrou aqueles dias abençoados. No entanto, o golpe aplicado por Deus havia destruído tudo e transformado sua vida em um inferno. Tudo quanto era precioso para Jó havia sido cremado pelo fogo divino. Houve ocasião em que o poder de Deus estivera presente para abençoar e dar vida, saúde e riquezas. De súbito, o mesmo poder aniquilou Jó. Por quê? Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Problema do Mal,* onde tento dar algumas respostas. Mas nenhuma resposta nos deixa livres de *enigmas.*

29.6

Quando eu lavava os meus pés em leite. Jó teve significativa prosperidade. Seu caminho era lavado adiante dele com leite, tão abundantes eram os seus suprimentos materiais. As próprias rochas (das quais ninguém podia esperar coisa alguma) derramavam torrentes de azeite! Esses itens simbolizavam a opulência. Tudo quanto Jó pensava em fazer produzia maior prosperidade. Ele continuava a pensar em mais e mais meios de ficar rico e aumentar as alegrias de sua vida fácil e boa. De súbito, porém, o teto cedeu, e Jó foi apanhado no desastre. Isso era *ridículo,* pois, embora fosse um homem rico, ele nunca se esquecera de Deus e de sua vida espiritual. Jó era rico espiritualmente, e não apenas fisicamente. Além disso, era *inocente.* Estava sendo castigado *sem causa* (ver Jó 2.3). Isso tornava as coisas impossíveis de compreender e suportar. Ver no *Dicionário* os artigos intitulados *Leite* e *Azeite,* quanto a informações, incluindo os usos metafóricos desses itens.

29.7

Quando eu saía para a porta da cidade. Jó era um *honrado cidadão* da sociedade. Ele se sentava junto ao portão da cidade com sábios e juízes. Homem respeitado, fazia parte do conselho da cidade. Ele julgava os outros, por ser um sábio reconhecido. Era também um homem dotado de poder. Ele tinha muitos amigos, alguns dos quais ocupavam os postos de autoridade mais altos na comunidade. "Jó cumpria com facilidade e intensidade os deveres cívicos que, naturalmente, cabiam a ele. Na qualidade de seminômade, ele vivia em uma tenda durante as estações mais quentes (vs. 4), mas se estabelecia em uma cidade durante o inverno" (Samuel Terrien, *in loc.*).

"Tribunais de justiça eram efetuados nos portões ou entradas das cidades, no Oriente. Jó, como homem especialmente sábio, era um magistrado supremo. Costumava ir ao portão administrar justiça" (Adam Clarke, *in loc.*). Mas, quando chegou o seu tempo de receber justiça, ele se sentiu humilhado.

29.8-9

Os moços me viam, e se retiravam. Jó era um homem altamente respeitado. Todos se escondiam do augusto homem. Os homens idosos se levantavam, em demonstração de respeito, quando ele se aproximava. Até os príncipes (vs. 9), os governantes e os poderosos receavam falar muito em sua presença, temendo sua repreensão, por terem dito algo estúpido. Jó era verdadeiramente um homem "citadino", conforme dizemos em uma expressão moderna. Os príncipes não se aventuravam a emitir opinião contrária à de Jó, pois a palavra dele era a final. Ele sempre tinha algo para dizer sobre cada coisa importante que tocava a vida dos homens de sua aldeia.

Assim causará admiração às nações, e os reis fecharão a sua boca por causa dele; porque aquilo que não lhes foi anunciado verão, e aquilo que não ouviram entenderão.

(Isaías 52.15)

No tribunal ou na rua, Jó era o homem que devia ser ouvido. Sua sabedoria superior tornou-o objeto de admiração para o povo. Mas o castigo de açoite aplicado por Deus reduziu-o a nada. Por quê?

29.10

A voz dos nobres emudecia. Jó não vivia em uma comunidade desprezível. Sua comunidade tinha sábios, príncipes e nobres. Mas, acima de todos eles, Jó brilhava intensamente. Sua luz obscurecia a luz de outras pessoas. Deus brilhava através dele. Jó era uma autoridade política e religiosa reconhecida. Não obstante, *Deus* acabara com ele. Por quê? Nobres e políticos poderosos emudeciam em sua presença. O poeta amontoa descrições impressionantes, todas apontando para as credenciais de Jó como *homem importante* da vila. Mas quanto Deus se importava com homens importantes?

Uma vez Jó derrubado por terra, a tríade terrível chegou e começou a esmagá-lo com suas palavras. Eles o assediavam, cortando-o em pedaços. Mas não teriam ousado fazer isso quando Jó estava bem.

29.11

Ouvindo-me algum ouvido. Quando Jó falava, os ouvintes o bendiziam, bem como às suas palavras. Ele se movia na sociedade como um *benfeitor,* e era reconhecido como tal. Os que o viam passando falavam cortesmente com ele, o *grande homem idoso* da aldeia. Todos o conheciam e lhe tributavam honrarias. Referiam-se a ele com respeito, mas agora ele experimentava a difamação às mãos da *tríade terrível.* Sua fama como benfeitor lhe trazia louvores e congratulações. Agora, porém, tudo isso tinha desaparecido. O nobre Jó era visto jazendo no monturo de cinzas, rapando seus furúnculos. Temos, neste versículo, uma negação direta do que Elifaz havia dito em Jó 22.6 ss., quando foi acusado de várias injustiças sociais praticadas contra vítimas indefesas.

O mais puro tesouro que os tempos mortais dão
É uma reputação imaculada.

Minha honra é minha vida, ambas as coisas se resumem em uma só.
Tira-me a minha honra e minha vida estará destruída.

(Shakespeare)

29.12-13

Porque eu livrara os pobres que clamavam. Jó continuava a negar as acusações de Elifaz (ver Jó 22.6 ss.), que o culpou de sérias injustiças sociais contra vítimas indefesas. Pelo contrário, muitos se beneficiaram de suas boas obras, que eram abundantes e realizadas gratuitamente, sem esperar coisa alguma em troca. Os pobres, os órfãos, as viúvas — todos participavam dos benefícios providos por Jó. "Por que Jó era tão altamente respeitado? Uma das razões era que ele ajudava os necessitados, contra as acusações de Elifaz (ver Jó 22.6,7,9), incluindo os pobres, os órfãos, os moribundos, as viúvas desamparadas (vss. 12-13)" (Roy B. Zuck, *in loc.*). As viúvas começavam a cantar de alegria; os órfãos recebiam um pai; os moribundos tinham suas enfermidades curadas. Jó era, em suma, um benfeitor *público.* Não era um homem bom apenas em seu próprio círculo familiar. Seu amor espalhava-se por uma esfera mais ampla.

O amor concede em um momento
O que o trabalho não poderia
Obter em uma era.

(Goethe)

O amor, como a morte, muda tudo.

(Kahlil Gibran)

Amados, amemo-nos uns aos outros, porque o amor procede de Deus; e todo aquele que ama é nascido de Deus e conhece a Deus.

(I João 4.7)

29.14

Eu me cobria de justiça. Jó usava a justiça como se fosse uma veste, tão intimamente a ela estava ligado. Seu julgamento era como uma veste esplendorosa e imaculada e, também, como uma coroa. Mas quando ele foi derrubado por terra, seus amigos recusaram-se a ajudá-lo. Isso nos mostra quão pequenos eram aqueles homens.

... porque me cobriu de vestes de salvação e me envolveu com o manto de justiça, como noivo que se adorna de turbante, como noiva que se enfeita com as suas jóias.

(Isaías 61.10)

Já agora a coroa da justiça me está guardada, a qual o Senhor, reto juiz, me dará naquele dia; e não somente a mim, mas também a todos quantos amam a sua vinda.

(II Timóteo 4.8)

Cf. também com Rom. 13.14 e II Cor. 5.2-4, quanto à "metátora das vestes". O sumo sacerdote vestia-se com vestes especiais, para desempenhar o seu ofício. Assim também, juízes e magistrados civis usam roupas especiais que os identificam com seus ofícios. As vestes que Jó disse vestir não eram roupas, literalmente falando. A bondade e a justiça eram suas vestes. Ver no *Dicionário* o artigo geral e detalhado chamado *Vestimentas*, especialmente a seção VII, *Metáforas*.

Revesti-vos, pois, como eleitos de Deus, santos e amados, de ternos afetos de misericórdia, de bondade, de humildade, de mansidão, de longanimidade.

(Colossenses 3.12)

29.15

Eu me fazia de olhos para o cego. *Aquilo que faltava aos homens,* Jó provia. Um homem "sem pés" é alguém verdadeiramente fraco. É um aleijado, instável em todos os seus caminhos. É do tipo de homem que a sociedade costuma pisar. Jó, pois, ajudava *esse tipo* de pessoa. Além disso, atuava como se fosse olhos para os cegos. Talvez devamos entender, literalmente, que Jó servia a esse tipo de gente, mas a aplicação metafórica também não deve ser negligenciada. Aleijados moral, espiritual, econômica e socialmente — essas eram as pessoas que recebiam ajuda de Jó. Por conseguinte, longe de ter sido um opressor dos menos privilegiados, ele era o melhor e mais conhecido benfeitor da cidade. Visão e capacidade são as palavras-chave para a grandeza de uma pessoa. Jó possuía essas duas coisas e, por isso, vivia para aqueles a quem faltava alguma qualidade espiritual. Naturalmente, a maior palavra-chave de todas é *amor*. Jó, embora grande e poderoso, não se esquecia de amar os outros, cuidando do bem-estar deles, mostrando-se altruísta e até sacrificando-se por eles. No entanto, quando caiu por terra, a terrível tríade o espezinhou.

29.16

Dos necessitados era pai. Jó continuou, neste versículo, a descrever como beneficiava, geralmente, a sociedade. Existem os órfãos, uma classe que dá pena. Em nosso Brasil, milhares de *crianças* sem lar e sem pais vagabundeiam pelas ruas das grandes cidades. Que temos feito em favor delas? Jó, contrastando com almas menores, saía de seu caminho para encontrar esses necessitadas e ajudá-los. Embora muitas igrejas evangélicas se gabem de ser as únicas a pregar o evangelho, o que fazem pelos enfermos e necessitados? Essas igrejas são notoriamente fracas quanto a boas obras, ao mesmo tempo que falam orgulhosamente de seus *dogmas*. Outrossim, a Igreja Católica Romana envergonha as igrejas evangélicas na questão das obras de *caridade*. Jó chegava ao extremo de procurar pessoas necessitadas. Ele não esperava que elas chegassem às suas portas.

Se um irmão ou uma irmã estiverem carecidos de roupa e necessitados do alimento cotidiano, e qualquer dentre vós lhes disser: Ide em paz, aquecei-vos e fartai-vos, sem, contudo, lhes dardes o necessário para o corpo, qual é o proveito disso?

(Tiago 2.15-16)

Ora, aquele que possuir recursos deste mundo, e vir a seu irmão padecer necessidade, e fechar-lhe o seu coração, como pode permanecer nele o amor de Deus?

(I João 3.17)

Até as causas dos desconhecidos eu examinava. Quando os pobres chegavam e apresentavam uma queixa contra algum opressor, Jó examinava o caso e cuidava para que a justiça fosse feita. Jó opunha-se às injustiças sociais e usava sua sabedoria e poder para diminuí-las, até mesmo em favor de desconhecidos. Opressores notórios eram tirados de seus negócios escusos (vs. 17).

29.17

Eu quebrava os queixos do iníquo. *Esmagando os Esmagadores.* Os opressores ímpios da sociedade são agora retratados como animais ferozes que apanham suas presas e as fazem em pedaços com seus dentes. Jó saía a *caçar* essas feras humanas, arrancando as vítimas de seus dentes, derrotando os desígnios e a violência dos opressores. Cf. este texto com I Sam. 17.34-37.

Levanta-te, Senhor! Salva-me, Deus meu, pois feres nos queixos a todos os meus inimigos e aos ímpios quebras os dentes.

(Salmo 3.7)

Há daqueles cujos dentes são espadas, e cujos queixais são facas, para consumirem na terra os aflitos e os necessitados entre os homens.

(Provérbios 30.14)

29.18

Eu dizia: No meu ninho expirarei. O hebraico original é aqui obscuro. Algumas traduções dizem "no meu ninho", mas a preposição hebraica significa "com", o que resulta em "morrerei com meu ninho". Além disso, alguns estudiosos sugerem que deveríamos ler "cana" e "palmeira", em vez de *ninho* e *areia*. Outrossim, alguns eruditos pensam em *fênix*, em vez de *areia*. Diante de tal confusão, é difícil atribuir um significado indiscutível ao versículo. Mas, se Jó tivesse de morrer "em seu ninho", então o mais provável é que ele estivesse pensando em uma ave segura e de vida longa em seu hábitat, sem ser molestada.

A segunda parte do versículo é mais fácil. Os dias de vida de Jó seriam multiplicados como a areia, isto é, tornar-se-iam sem-número, pois por longo tempo ele esperava viver. Ele falava sobre vida longa, prosperidade e bem-estar, que caracterizavam sua vida e suas aspirações *anteriores*. Na realidade, entretanto, seu ninho fora perturbado e seus dias foram abreviados como se, de repente, a areia tivesse terminado e desaparecido. Jó gostaria de ter longos dias, uma residência confortável, raízes estáveis, abundância de orvalho, glória, elevada reputação, respeito por parte de outras pessoas e forças (o meu arco). Mas o golpe divino pusera fim a todas as esperanças. Naturalmente, no fim, quando as bênçãos de Deus retornassem, as esperanças de Jó receberiam pleno cumprimento (ver Jó 42.16).

Fênix era o pássaro mitológico que vivia por muito, muito tempo, até mesmo centenas de anos, e mesmo depois de morto, era capaz de levantar-se das próprias cinzas e tornar a viver. Jarchi, em seus comentários, dava mil anos como a duração normal da vida da fênix! Ver na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* o artigo denominado *Fênix*.

29.19

A minha raiz se estenderá até às águas. A *vida anterior de Jó* era bem regada. Suas raízes eram espalhadas perto das águas, de modo que nunca sofriam ameaça de morte. Além disso, ele contava com o suprimento de água *do céu e* com o orvalho da atmosfera, para regar-lhe a vida e garantir-lhe saúde e muitos anos de vida. Contudo, é melhor viver bem do que por muito tempo. Mas ainda mais agradável é viver tanto longamente quanto bem. Oh, Senhor, concede-nos tal graça!

Ele é como árvore plantada junto a corrente de águas, que,
no devido tempo, dá o seu fruto, e cuja folhagem não murcha;
e tudo quanto ele faz será bem sucedido.

(Salmo 1.3)

Cf. também com este versículo Isa. 44.4 e Jer. 17.7,8. A metáfora pode ser ampliada para incluir as boas obras, os *frutos* de uma boa vida. No Novo Testamento (João 15), Cristo é a vinha e os crentes são os ramos. A vida está em Cristo, e o fruto é o resultado inevitável. Cf. Gál. 5.22,23, quanto à metáfora do fruto do Espírito. Ver também Osé. 14.5-7.

29.20

A minha honra se renovará em mim. Jó teve a glória da força e do bem-estar em sua juventude, na primavera de sua vida. Poderes naturais e espirituais corriam através dele, como corria o sangue em suas veias. Ele também tinha um arco nas mãos, símbolo da força e do poder para derrotar inimigos que a ele se opusessem. Jó sempre tinha os *meios* para realizar o que queria (uma aplicação mais expansiva do *arco).*

Eis que eu quebrarei o arco de Elão, a fonte do seu poder.

(Jeremias 49.35)

Ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Arco,* quanto a detalhes sobre essa arma e às metáforas que a circundam. Essa metáfora inclui a *força espiritual* de um homem.

Mas os que esperam no Senhor renovam as suas forças,
sobem com asas como águias, correm e não se cansam,
caminham e não se fatigam.

(Isaías 40.31)

29.21-22

Os que me ouviam esperavam o meu conselho. Este versículo repete a questão do *poder especial* de Jó entre os homens, o respeito com que ele era honrado como o homem mais importante da aldeia. Trata-se de um breve sumário do que é dado a longo termo nos vss. 7-11. "Jó retornou aqui, com prazer especial, à sua anterior dignidade nas assembléias (vss. 7-10)" (Fausset, *in loc.*). Os conselhos de Jó eram praticamente como um oráculo de Deus. Sua palavra era a final (vs. 22). Depois de ele haver falado, ninguém ousava modificar o que havia sido dito e, muito menos, desafiá-lo. Suas palavras produziam *silêncio,* e este sempre significava *consentimento.* Jó obteve o seu caminho, não por ser poderoso e persuasivo, mas porque era sábio e sempre dizia o que era correto e melhor para todos os envolvidos. Sua linguagem caía sobre os ouvidos dos homens como o orvalho cai do céu. As palavras de Jó sempre refrigeravam, davam novos discernimentos quanto a problemas diversos, consolavam e fortaleciam. Sua linguagem era virtualmente uma espécie de *profecia,* que caía sobre os outros como gotas caídas do céu (ver Amós 7.16). Suas palavras, como a chuva doadora de vida (Deu. 32.2), eram doces e curadoras (Can. 4.11).

29.23

Esperavam-me como à chuva. "As pessoas recebiam alegremente suas opiniões, como o solo (quebrado pela ação do arado) bebe as chuvas da primavera. Estão em vista as *primeiras chuvas* do outono, após o tempo da semeadura, garantindo a colheita. Tais chuvas eram esperadas ansiosamente, e os homens sempre agradeciam por elas, pois sua vida dependia dessas chuvas. Deus é a força originadora dessas chuvas, pois nelas temos a bênção e uma instância da *providência* (ver a respeito no *Dicionário*). Jó era um meio para fazer os atos providenciais de Deus chegarem até os homens. Como o solo abre a boca (metaforicamente) ansiosamente, para receber as chuvas, assim os homens agiam no tocante aos conselhos de Jó. Eles *dependiam* de Jó, que era o canal das bênçãos divinas, mais do que qualquer outro homem da aldeia. Ver no *Dicionário* os artigos intitulados *Chuvas* e *Chuvas Anteriores e Posteriores.*

29.24

Sorria-me para eles quando não tinham confiança. Até o *sorriso* de Jó fortalecia aqueles com quem ele entrava em contato. Sorrindo, ele espantava as tribulações e restaurava a confiança deles. O rosto deles se iluminava quando viam o sorriso de Jó. Em contraste, os terríveis consoladores de Jó, aqueles *miseráveis* (ver Jó 16.3), nunca sorriram para ele. Mantinham-se de carranca feroz a ameaçar o pobre homem. Olhe o leitor agora para Jó, sentado no monturo de cinzas, rapando seus furúnculos, enquanto a terrível tríade de amigos-molestos balançava a cabeça na sua direção! Metaforicamente, um sorriso é a luz do rosto de uma pessoa. Que poder tem um sorriso! Vemos muita gente de cara *franzida.* Um sorriso gentil algumas vezes pode encorajar mais do que muitas palavras.

Fortuna, ó noite boa!
Sorri uma vez mais.
Gira a tua roda.

(Kent)

29.25

Eu lhes escolhia o caminho. Era Jó quem tomava as decisões para escolher o curso das ações em sua aldeia. Ele habitava no meio de sua gente como se fosse um *rei.* Era o chefe do exército. Era um homem que podia consolar os lamentadores e trazer-lhes de volta a felicidade. Tinha e cumpria responsabilidades pastorais para satisfação de todo o homem. Mas, ao cair por terra, foi abandonado por todos. Jó era homem disciplinado, mas ele curava, em vez de ferir com sua disciplina. E todas as disciplinas e julgamentos de Deus são um poder que ultrapassa em muito a autoridade de Jó.

"Olhem para Jó! Imitem sua benevolência ativa e sejam então saudáveis e felizes. Sejam como anjos guardiães em seus distritos particulares, governantes. Abençoem com o seu exemplo e com a sua bondade. Enviem seus cavalos caçadores com os arados. Enviem seus galos de briga à esterqueira. Ajam como homens e como cristãos" (Adam Clarke, *in loc.*). Foi assim que Clarke objetou às barbaridades praticadas pela sociedade inglesa de sua época, quando os homens abusavam dos animais e os punham para cumprir tarefas sanguinárias!

"Jó sumariou aqui seu relacionamento com *todas as classes* da sociedade: as figuras públicas, os estadistas (vs. 25a), o povo em geral (vs. 25b) e os membros mais débeis da comunidade (vs. 25c)" (Samuel Terrien, *in loc.*).

Capítulo Trinta

Neste capítulo, Jó continua com seu *solilóquio final,* que constitui os capítulos 29-31. O discurso foi entregue, aparentemente, como sua terceira réplica ao terceiro discurso de Bildade; mas, examinando o material, descobrimos que é muito mais do que isso. Também é mais do que mera réplica aos discursos de seus três amigos, que já haviam sido entregues. Ver as notas de introdução ao capítulo 29, onde discuto a natureza e os propósitos do discurso final de Jó.

No capítulo 29, Jó relembra os "anteriores bons tempos", com uma esplendorosa descrição do homem e de seus labores notáveis em favor de outras pessoas da comunidade. Verdadeiramente, ele era o homem mais importante da aldeia, incluindo-se suas qualidades espirituais e suas habilidades de liderança. O capítulo 30 leva-nos de volta aos sofrimentos de Jó. Suas memórias rebrilhantes empalidecem, e ele retorna a seu monturo de cinzas e dores, passando a descrever novamente os sofrimentos de seu presente.

"Em abrupto contraste com o quadro idílico de um passado inapagável, Jó oferece agora uma descrição concreta e circunstancial das calamidades que estava enfrentando" (Samuel Terrien, *in loc.*).

"Jó lamentava sua presente miséria, que contrastava tão violentamente com os dias anteriores à sua enfermidade. Agora, ele era socialmente desrespeitado (vss. 1-15); sofria dores físicas (vss. 16-19); estava espiritualmente abandonado (vss. 24-26) e exausto, física e emocionalmente (vss. 27-31)" (Roy B. Zuck, *in loc*).

30.1

Mas agora se riem de mim. Houve tempo em que os jovens fugiam da presença de Jó. Eles temiam ficar perto do homem augusto, Jó. Ver Jó 29.8. Agora, em sua arrogância, na presença do homem enfermo e caído, eles se punham de pé e proferiam piadas. Escarneciam dele, zombavam de seus sofrimentos e chamavam-no de verme. Aqueles jovens patifes eram de classe tão desprezível que, anteriormente, Jó nem teria chamado seus pais para acompanhar cães aos seus rebanhos, para fazer o mesmo tipo de serviço que faziam seus cachorros, ou para dirigir o trabalho dos animais. Em outras palavras, os pais deles nem eram tão bons quanto cães, e Jó jamais teria permitido que trabalhassem para ele em suas terras. Mas, agora, seus filhos adolescentes, aqueles insensatos, tinham coragem de zombar do nobre Jó. Os pais daqueles jovens idiotas eram tão inferiores a Jó que ele jamais os chamaria para fazer o trabalho de agricultores seus. Mas agora seus jovens filhos tornaram-se atormentadores de Jó.

Um jovem zombar de um idoso era uma descortesia impensada no antigo Oriente Próximo e Médio. E isso nos mostra a que estado aviltante as coisas se tinham desintegrado para Jó.

30.2

De que também me serviria a força das suas mãos? Este versículo é bastante obscuro, de modo que admite várias interpretações. A Revised Standard

Version, tal como nossa versão portuguesa, diz que Jó não poderia tirar proveito das obras das mãos de seus amigos-críticos, pois, embora fossem relativamente jovens, eles já estavam desgastados (pela dissipação?). Aqueles patifes não tinham utilidade alguma para ele; não tinham energia física, estavam magros, famintos e decrépitos, a despeito de sua juventude.

As pessoas aqui referidas parecem ser semelhantes àqueles conhecidos pelos antigos como trogloditas (Heródoto, *Hist.* iv.183 ss.). Os trogloditas viviam em cavernas, mas a vida deles era como a dos párias, e eles preservavam costumes próprios. Eram perseguidos pela fome e pelas enfermidades. Contudo, até tais entidades encontraram tempo para zombar do pobre Jó, sentado ali, naquele monturo de cinzas. John Gill (*in loc.*) os vê como preguiçosos, mais do que como fracos, mas isso não concorda com as diversas descrições que aparecem no texto sagrado. Seja como for, eles eram insensatos, filhos de insensatos, sem utilidade alguma para nenhum homem realizador. A idade avançada não era para eles, ou seja, seus vícios e privações não lhes permitiriam chegar à idade avançada. Ben Gerson e Bar Tzemach viam-nos passando o tempo inteiro na preguiça e nos vícios, ou seja, eles *dissiparam inutilmente a vida deles,* desde a juventude.

30.3

De míngua e fome se debilitaram. Eles eram uma espécie de *nômades selvagens,* que se ocultavam em cavernas, percorriam o deserto e abandonavam lugares. Eram indivíduos solitários, que pouco tinham que ver com a sociedade em geral e certamente não participavam de suas obras e empreendimentos. A Revised Standard Version, juntamente com nossa versão portuguesa, diz "roendo o terreno seco e desolado", ou seja, eles conseguiam viver sob circunstâncias difíceis, extraindo do deserto o suficiente para comer e sobreviver, mas não para viver bem.

"Jó descreve aqui os mais rudes dentre os beduínos do deserto" (Fausset, *in loc.*). Isso é o mesmo que dizer que eles eram "ratos do deserto", conforme alguns chamam tal gente hoje em dia. A despeito de tudo isso, eles ainda tinham tempo de ir ao monturo de cinzas para escarnecer de Jó.

30.4

Apanham malvas e folhas dos arbustos. Jó continuava falando sobre aqueles *zombadores desprezíveis.* Por meio de suas palavras, ele enfatizou quão más as coisas se tinham tornado. Até mesmo *aqueles tipos,* escórias da sociedade, tornaram-se seus críticos e inimigos, mas antes daquela época difícil eles tinham receio até de se aproximar dele. Assim sendo, os vis zombavam do nobre, o que geralmente acontece em nosso *mundo de cabeça para baixo.* Aqueles homens eram tão baixos e desesperados que comiam as miseráveis *malvas,* que nenhuma pessoa civilizada teria ao menos tocado. Chegavam, pois, a comer folhas de árvores e arbustos, conforme costumam fazer os animais. O termo *malvas* vem de uma palavra hebraica que significa algo *salgado,* referindo-se a um arbusto próprio do deserto. Talvez fosse a mesma planta que os gregos chamavam de *alimos* e os romanos chamavam de *halimus.* Alguns pensam tratar-se das *urtigas,* como o que está em foco. Talvez esteja em pauta o *atriplex halimus* ou a *salsola.* Qualquer que seja a planta específica em vista, podemos estar certos de que nenhuma pessoa civilizada faria dela uma salada. As pessoas que consumiam tal espécie pertenciam às classes inferiores, dos ratos do deserto, que comiam qualquer coisa que achassem. No *Dicionário* há um artigo intitulado *Malva;* e, se o leitor quiser considerar outras especulações, poderá encontrar algumas ali. Unger diz-nos que, mesmo quando cozidas, as folhas dessa planta permanecem extremamente amargas, dotadas de pouco valor nutritivo.

Além disso, de acordo com algumas traduções, aquela gente pobre até fazia pão das raízes do junipeiro ou zimbro, um ato verdadeiramente desesperado. Mas a Revised Standard Version diz que eles se *aqueciam* queimando as raízes do junipeiro. Isso significa que eles eram salvos do frio extremo do deserto, à noite, pelas fogueiras feitas com as raízes do junipeiro. É fato bem conhecido que a madeira de junipeiro produz chamas bem quentes, e seu carvão continua queimando e esfumaçando por longo tempo. Essa árvore produz uma espécie de frutinha que homens famintos comem. E também se faziam roupas da casca do junipeiro. Mas somente pessoas extremamente pobres, que padeciam grande necessidade, recorriam a esses usos do junipeiro ou zimbro. Ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Zimbro.*

30.5

Do meio dos homens são expulsos. *Homens decentes* expulsavam esses tipos vis de seu meio, não querendo ter coisa alguma com eles. Eles corriam atrás deles, gritando para nunca mais voltarem. Por isso, esses fugiam para o deserto e assumiam o tipo de vida descrito acima. No entanto, tiveram tempo para voltar e zombar do pobre Jó, em seu monturo de cinzas. Eram homens de moral baixa, uma multidão sem reputação e, ainda assim, foram bons o bastante para assediar o nobre Jó, uma vez que ele estava caído. "Quando aqueles selvagens vagabundos faziam incursões nas aldeias, eram expulsos como o seriam os ladrões" (Fausset, *in loc.*). Tais homens eram apenas *escória* para Jó, embora isso não os tivesse impedido de vexá-lo.

30.6

Habitam nos desfiladeiros sombrios. Tendo sido expulsos para o deserto, eles faziam o que podiam para sobreviver. Comiam coisas que nenhuma outra pessoa comeria (vs. 4) e moravam em fendas sob as rochas ou cavernas. Parece-nos que não tinham meios suficientes para fabricar tendas, como faziam outros nômades do deserto. E assim, aquela gente tornava-se pouco mais do que animais, em suas colinas rochosas. E temiam outras pessoas, por se terem tornado párias completos. Outros homens os abominavam. Não obstante, aqueles homens reduziram ainda mais o pobre Jó, tratando-o como se fosse um pária pior do que eles. Tornar-se habitantes das fendas das rochas e das cavernas era considerado, no Oriente Próximo e Médio, calamidade e desgraça especial. *Até onde você pode ir?,* perguntava uma antiga canção popular. Aquela pobre gente tinha descido tão baixo quanto era possível descer. Mas, em seu atrevimento, conseguiram rebaixar Jó ainda mais do que eles mesmos. Contraste-se isso com o respeitado, nobre, orgulhoso, influente e rico rei entre os homens, Jó, retratado no capítulo 29.

30.7

Bramam entre os arbustos. Eles se refugiavam do sol sob arbustos e produziam sons como se fossem animais. Lugares cheios de espinhos eram o seu hábitat. Eles eram pouco melhores do que animais, mas tinham estatura suficiente, enquanto Jó estava enfermo, e assim assediavam o grande e sábio homem. O poeta comparou aqueles homens miseráveis a jumentos monteses. Nem ao menos eram domesticados. Heródoto degradou esse tipo de pessoas, dizendo que a linguagem delas era como gritos estridentes. Em sua arrogância, elas guinchavam contra Jó. Os jumentos monteses bramam por alimentos e encontram as coisas mais improváveis para comer, em seu desespero. Cf. Jó 6.5.

30.8

São filhos de doidos. Eles eram *insensatos,* filhos de insensatos, e mais vis do que sujos. Formavam uma "raça insensata, sem reputação, que fora expulsa da terra" (Revised Standard Version). Embora fossem indivíduos *expulsos* da terra, tiveram a audácia de atacar Jó quando ele ficou indefeso, devido à enfermidade. "Filhos de *nabal,* ou seja, sem nome, pessoas que não mereciam nenhuma consideração, descendentes daquele tipo de pessoas... eram incapazes de viver na sociedade" (Adam Clarke, *in loc.*). "Insensatos e ignóbeis, em sentido moral e religioso, e não tanto em sentido puramente mental (cf. Jó 2.10; II Sam. 3.33; Sal. 14.1), filhos de 'nenhum nome', homens vis" (Samuel Terrien, *in loc.*).

"Aqueles párias da sociedade, raça que nem ao menos tinha nomes pelos quais fossem chamados, consideravam Jó um pária" (Roy B. Zuck, *in loc.*).

30.9

Mas agora sou a sua canção de motejo. Umas pessoas miseráveis compunham e entoavam canções de derrisão contra Jó, zombando dele. Desconhecendo inteiramente a lei do amor (a essência mesma da espiritualidade), nos ataques contra a sua vítima, eles só se aviltavam. Eram vis em seu caráter básico, enquanto Jó se tornara aviltado pela calamidade. Cf. Jó 16.10 (eles zombavam) e Jó 17.6 (eles cuspiram no rosto de Jó).

Uma Passagem Messiânica? Alguns intérpretes cristianizam o texto, por causa de sua similaridade com Sal. 69.12 (também considerado messiânico). Cf. Lam. 3.14.

30.10

Abominam-me, fogem para longe de mim. O benfeitor Jó tornou-se o odiado Jó. As pessoas pensavam que Deus o estivesse castigando, fazendo dele objeto de desprazer. Ou então, simplesmente, gostavam de ferir quem já tinha sido ferido, por causa de sua mentalidade sádica. Cf. Jó 19.19. As pessoas fugiam de Jó, porque, em sua enfermidade, ele se parecia com alguma espécie de monstro. Cf. isso com o caso do Messias, em Isa. 53.3. Os algozes de Cristo também cuspiram em Sua face. Comparar isso com a experiência de Jesus, em Mat. 26.67; e ver também Isa. 50.6.

O que temos aqui pode ser mera similaridade de linguagem com passagens messiânicas. Mesmo assim é instrutivo ver que os sofrimentos de Jó eram um tanto semelhantes aos sofrimentos do Messias e vice-versa. Houve desespero no caso de ambos. Cuspir na presença de outrem era completamente intolerável no Oriente Próximo e Médio, um insulto por *excelência.*

30.11

Porque Deus afrouxou a corda do meu arco, e me oprimiu. Encontramos aqui uma antiga expressão idiomática, no hebraico, que significa algo como: "Ele desencordoou meu arco, tornando-o, assim, inútil". A Vulgata compreendeu a metáfora do arqueiro, como se significasse que Deus, o grande Arqueiro, tivesse atirado uma flecha contra Jó, ferindo-o mortalmente. A flecha atirada naturalmente é projetada pela corda esticada do arco. Assim sendo, temos a antítese de Jó 29.20: "O meu arco se reforçará na minha mão". Alguns vêem a metáfora como se falasse sobre a soltura das *prisões,* retratadas como cordas que prendem alguma coisa. Mas outros vêem a destruição do sistema nervoso, o sistema de cordas e conexões. Sem importar o que a metáfora pretenda ser, o significado é o mesmo: Jó parecia um destroço, por causa de suas dores.

A segunda parte do versículo é clara. Qualquer *restrição* que pudesse ter atuado sobre Jó foi posta de lado por aqueles homens *miseráveis* e por Deus. Os homens e o Ser divino tinham conspirado contra o pobre Jó, para reduzi-lo a nada. Esta parte do versículo é expressa no ato de soldar as bridas dos animais, que os controlavam. Uma vez livres delas, eles estão soltos para fazer o que bem entenderem.

30.12

À direita se levanta uma súcia, e me empurra. Aqueles homens arrogantes atacavam Jó como se fossem um exército vindo contra ele pela sua mão direita e, depois, vindos de todas as direções. Eles puseram Jó em retirada, "empurrando os seus pés", conforme diz o hebraico, literalmente. "Eles me empurraram para fora do caminho" (foi como Fausset, *in loc.,* entendeu a questão). Cf. Jó 24.4, onde encontramos idéia similar. A metáfora parece ser a de um exército que assediava e expulsava tudo em seu caminho, conforme o inimigo atacava.

Uma súcia. O hebraico diz "colegas", provavelmente referindo-se à *juventude* arrogante que tinha atacado Jó (ver os vss. 1-8). "... a turma jovem, o rebotalho" (Ellicott, *in loc.*). Outros estudiosos pensam que eles formavam a *flor dos homens,* ou seja, a elite entre os perseguidores. Mas estão em pauta os jovens, aqueles que apenas recentemente tinham brotado do solo, "jovenzinhos imberbes", conforme a opinião de John Gill (*in loc.*).

> *Suscita contra ele um ímpio, e à sua direita esteja um acusador.*
>
> (Salmo 109.6)

30.13

Arruínam a minha vereda. Ninguém os impedia (Revised Standard Version), de maneira que, livre e facilmente, eles destruíam as veredas (a vida) do infeliz Jó e assim promoveram a sua calamidade. O poeta continuou a metáfora sobre o exército atacante que empregava a política da terra arrasada.

Gente para quem já não há socorro. Assim traduz a nossa versão portuguesa e a King James Version, mas a Revised Standard Version e a versão da Imprensa Bíblica Brasileira dizem "não há quem os detenha". Se a primeira versão está correta, então o significado é difícil de ser entendido, e foi isso o que deu origem à segunda idéia. Talvez a passagem signifique que um exército de selvagens não precisasse de nenhuma ajuda em sua obra destruidora. Ou, então, que não há nenhuma ajuda divina para tal *cambada* de gente, pelo que finalmente eles haveriam de falhar. Ou então não havia nenhuma ajuda da parte de pessoas notáveis, porquanto o que faziam era um crime. Ou eles não tinham *conselheiros* que pudessem corrigir os seus crimes, ensinando-os a conduzir-se na comunidade dos homens. Coisa alguma restringia a selvageria deles. Mas, se compreendermos o original hebraico, traduzido por alguns como *socorro*, como se fosse *constrange*, então temos o segundo sentido, que é mais fácil.

30.14

Vêm contra mim como por uma grande brecha. Talvez a metáfora agora mude para *águas impetuosas,* que se escoam por uma brecha em uma represa, e assim se precipitam sobre vítimas impotentes. Ou, então, o exército (vss. 12-13) é agora retratado como irrompendo através de qualquer tipo de barreira ou obstáculo, precipitando-se sem nenhum constrangimento. Seja como for, Jó sentia-se avassalado pelo dilúvio de dores, e seus perseguidores eram a principal causa de seus sofrimentos. "Seus inimigos rolavam por cima dele, a fim de esmagá-lo e destruí-lo" (John Gill, *in loc.*). Nenhuma fortaleza era capaz de detê-los; para eles, nenhum obstáculo constituía um problema; nenhuma muralha era forte o bastante para detê-los. Eles saltavam por cima das trincheiras e nivelavam fortificações. Pareciam invencíveis, e Jó era a vítima.

30.15

Sobrevieram-me pavores. A vida de Jó tinha-se transformado em um *terror.* Ele fora derrubado por terra mediante um vento irresistível. Sua prosperidade e sua saúde tinham sido reduzidas a nada. Quanto a *terrores,* ver Jó 21.6; 23.15,16. Jó não era mais respeitado. Era caçado como um animal e ferido sem misericórdia. O evangelho cristão ensina que nenhum homem é um *refugo* e, no entanto, Jó fora reduzido a mero refugo por seus assaltantes e por suas dores. O bem-estar dele não passava de uma nuvem, que tinha permanecido por algum tempo, mas logo fora dissipada por ventos atmosféricos. Cf. Jó 7.9 e Isa. 44.22.

30.16

Agora dentro em mim se me derrama a alma. A vida (alma, vida física) de Jó foi *derramada* dentro dele, tal como um homem esvazia e perde algum líquido de um pote. Jó não se referia à sua alma imortal, doutrina estranha à teologia dos patriarcas. Antes, falava sobre a sua vida física, que quase tinha terminado por seus sofrimentos e calamidades. Sua alma fora derramada para dentro da morte. Ele fora quebrado como um vaso, e assim perdera o seu conteúdo. As aflições o alquebraram.

A começar por este versículo, Jó pára de falar com seus assaltantes. Agora ele se queixa amargamente a respeito de seus sofrimentos, e, uma vez mais, encontra em Deus a causa real desses sofrimentos.

30.17

A noite me verruma os ossos e os desloca. Os vss. 16-23 falam sobre a *crueldade de Deus.* Devemos lembrar que os antigos hebreus tinham um conceito voluntarista de Deus. Ele faz o que quer, a despeito do que pensamos sobre a moralidade de Seus atos, a julgar pelos padrões humanos. O Deus voluntarista estabelece regras, mas não é obrigado a observá-las. A razão não entra no quadro para modificá-lo. Ver na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* o verbete chamado *Voluntarismo.* Ademais, devemos lembrar que Deus era visto como a Única Causa e, portanto, até do mal, e não somente do bem. Por conseguinte, Jó se queixava desse *tipo* de Deus, limitado como estava pela quantidade de amor que lhe era dado. Mas dizer isso não resolve a *razão* dos sofrimentos humanos: por que os homens sofrem e por que sofrem como sofrem. Ver a seção V da *Introdução* ao livro de Jó, quanto às respostas de que dispomos sobre a questão, e ver mais detalhes no artigo do *Dicionário* intitulado *Problema do Mal.*

Os sofrimentos de Jó afetavam todos os seus ossos. Doía-lhe da cabeça às pontas dos pés. Suas infecções eram generalizadas. Ele não encontrava descanso em suas misérias. Suas dores o corroíam como se um grande rato não parasse de atacá-lo. Ou, talvez, ele estivesse falando sobre *vermes* que o roíam, ou seja, gusanos que continuavam a limpar seus ferimentos, comendo a carne em decadência. As noites eram o pior momento de seus sofrimentos. A noite foi aqui *personificada.* Então suas dores duplicavam e não lhe concediam descanso. A noite intensificava os terrores de Jó.

30.18

Pela grande violência do meu mal. A Revised Standard Version continua a metáfora da noite personificada, no que é acompanhada pela nossa versão portuguesa. A noite segurava violentamente as vestes de Jó e o desfigurava. Alguns intérpretes, entretanto, vêem Deus neste versículo. Deus surge em cena como um assaltante, com Seu grande poder (cf. Jó 9.4; 10.16; 12.13; 24.22; 26.12,14 e 27.11). Talvez agora a noite se tenha transmutado em Deus, em uma metáfora expandida. Deus torturava Jó em seu leito, à noite. Mais difícil de explicar é a referência, aqui, às *vestes* de Jó. Provavelmente, Jó falava sobre seu *corpo* como se fossem vestes. Esse corpo, desfigurado pelo pus e pelos ferimentos, tornou-se uma veste apertada que ameaçava sufocá-lo. Antigamente, Jó tinha uma veste decente, mas agora esse corpo era nojento e pútrido, uma "confusão" que o prendia. Talvez a *pele* de Jó esteja particularmente em vista aqui. Alguns supõem que, metaforicamente, o poeta estivesse falando das *aflições* como uma muda de roupa que Jó era forçado a vestir. As vestes emprestam *honras* aos homens. As pessoas usam vestes especiais para ocasiões especiais. Os reis vestem-se com trajes majestosos. Mas tudo quanto Jó tinha obtido era a veste de desgraça e dor.

30.19

Deus, tu me lançaste na lama. *Deus é agora o sujeito,* sem nenhuma metáfora suavizadora. O *poder divino* tinha transformado Jó no que ele era agora. Para os hebreus antigos só havia uma Causa. A teologia deles era fraca quanto a causas secundárias, assim a Única Causa era também a causa do mal, e não somente do bem. Jó, pois, fora lançado na lama. Ele ficara sujo e coberto de

cinzas, assentado sobre um monturo. "Há um sentido no qual, para Jó, Deus se tornara satânico. Deus era *o adversário* por excelência, a Justiça retributiva que enchia Jó de terror (vs. 15; cf. Jó 21.6). Devemos lembrar, entretanto, que o Deus a quem Jó acusava era o Deus da antiga fé dos hebreus, e que uma nova fé ainda teria de nascer" (Paul Scherer, *in loc.*).

Cf. Jó 42.6, onde Jó se arrependeu em poeira e cinzas, sem dúvida uma *ironia*.

> *Disse mais Abraão: Eis que me atrevo a falar ao Senhor, eu que sou pó e cinza.*
>
> (Gênesis 18.27)

Último Discurso de Jó ao Dicionário Atormentador (30.20-23)

30.20

Clamo a ti, e não me respondes. Pela última vez, Jó dirige-se à Única Causa, o divino afligidor. "Não somente Deus recusou-se a responder às orgulhosas orações de Jó... mas também intensificou Seus golpes (vss. 21-22), até que a morte o atingisse (vs. 23)" (Samuel Terrien, *in loc.*).

Estou em pé. As orações parecem mais poderosas quando aquele que ora se levanta e fica passeando para cá e para lá. Mas o gesto de Jó, ao levantar-se, foi sem dúvida um gesto de desafio. Uma vez mais, Jó enfrentaria o Atormentador. Uma vez mais, suas orações não seriam respondidas. Uma vez mais, ele simplesmente cairia em maior dor. Deus estava ocupado demais para ver Jó, de pé, chorando, gritando orações de dor e rebelião.

> *Pois o necessitado não será para sempre esquecido, e a esperança dos aflitos não se há de frustrar perpetuamente.*
>
> (Salmo 9.18)

"... levantou-se como um suplicante diante do rei (I Reis 8.14; Luc. 18.11-13)" (Fausset, *in loc.*). Quanto ao ato de levantar-se nas orações, ver também Jer. 15.1 e Mat. 6.5.

30.21

Tu foste cruel contra mim. *O Deus Cruel.* A *Causa* dos sofrimentos é chamada aqui de *cruel* pelo sofredor. Jó estava sofrendo sem causa (ver Jó 2.3). Até agora não somos informados, no livro de Jó, por que os *inocentes* sofrem. Certamente isso não se deve ao fato de Deus ter feito uma barganha cósmica com Satanás, conforme o prólogo do livro sugere. Quando muito, pode ser considerado um artifício literário, e não uma explicação das *razões* dos sofrimentos de um inocente. Talvez os inocentes sofram por causa do *caos*, que ocasionalmente apanha os homens bons e maus, igualmente. Se isso é verdade, então, diariamente, através da oração, peçamos *proteção* contra o caos insensato ou contra qualquer outro tipo de caos. Caros leitores, é coisa temerosa ser cortado por um acidente estúpido ou enfermidade, enquanto Deus está olhando em outra direção. Oremos para que Ele sempre olhe em nossa direção, e nunca sejamos feridos pelo caos, de qualquer espécie.

No presente versículo, vemos a *poderosa mão* de Deus a afligir Jó, ao que ele chamou de "perseguição". Ele era mais do que *negligenciado* por Deus, conforme declara uma de minhas fontes informativas. Esta envolvida uma perseguição ativa, na estimativa de Jó. Ver Jó 16.12, onde encontramos idéia similar. Este versículo deve ser contrastado com Jer. 30.14; 31.20 e Osé. 11.8,9. Ver também Rom. 8.28, quanto à providência de Deus, conforme vista no Novo Testamento. No caso de Jó, entretanto, essa *providência* (ver a respeito no *Dicionário*) havia falhado.

30.22

Levantas-me sobre o vento. A *tempestade rugidora* trás consigo um vento irresistível que predomina sobre todas as coisas e faz a poeira levantar-se no ar. Jó era apenas pó (vs. 19) e assim era levado em um passeio terrível pelos céus, somente para ser lançado em uma queda que muito o machucava. Deus pusera Jó na tempestade e ali o deixara. Um novo dia tinha raiado. A tempestade nunca se acalmava. Para Deus, Jó tinha-se tornado como a *palha*. O Deus cheio de benevolência tinha desaparecido, e um Deus feroz e perseguidor tinha tomado o lugar Dele.

> *Por pão tenho comido cinza e misturado com lágrimas a minha bebida, por causa da tua indignação e da tua ira, porque me elevaste e depois me abateste. Como a sombra que declina, assim os meus dias, e eu me vou secando como a relva.*
>
> (Salmo 102.9-11)

"Deus o atacou e o jogou longe como se fora um violento temporal, que, como Jó dissera, Deus faz aos ímpios, em Jó 27.21" (Roy B. Zuck, *in loc.*).

30.23

Pois eu sei que me levarás à morte. Jó esperava pelo fim da perseguição divina, a *morte*. Ele tinha perdido toda esperança de ver sua causa vindicada, e esperava sofrer a despropositada injúria final. Seu Deus voluntarista estava prestes a terminar com ele, sem o menor sinal de misericórdia. A morte é aqui chamada de *casa*, um lugar para onde todos os homens vão pois tal é a *decisão de Deus*. Naquela casa não há vida, memória ou consciência. Está morta como um túmulo. Em Jó 19.25 ss., Jó contempla alguma espécie de vida pós-túmulo, embora não em um céu ou outro lugar. Mas aqui ele parece ter abandonado toda a esperança de um céu. Jó apenas contemplava aquela casa vazia e silenciosa, no futuro, o fim de tudo. O próprio aniquilamento é melhor do que o sofrimento, pelo que supomos que Jó tenha proferido essas palavras com alívio. Cf. Jó 28.22, o *reino* da morte. Ver Heb. 9.27 quanto à nomeação para a morte, por parte de Deus.

> *Vais à casa paterna, e os pranteadores andem rodeando pela praça.*
>
> (Eclesiastes 12.5)

> *Há tempo de nascer e tempo de morrer; tempo de plantar e tempo de arrancar o que se plantou.*
>
> (Eclesiastes 3.2)

30.24

De um montão de ruínas não estenderá o homem a mão. *A Morte é o Final.* Quando os homens descem ao olvido, a mão divina não se estende para eles. Eles choram, mas Ele não os ouve; eles oram, mas suas orações não são atendidas. Jó, que estava encarapitado sobre um montão de cinzas, em breve haveria de desaparecer para sempre no abismo do esquecimento. Na literatura lemos a patética história de Sir Leslie Stephen, que lamentava a morte de sua esposa. Ele afirmou: "Eu a amava de coração tanto quanto sei como amar". Contudo Jó, presumivelmente amado por Deus, teve permissão de sofrer e enfrentar aquele grande nada, e suas orações não eram ouvidas. Portanto, perguntamos sobre o famoso amor de Deus. Onde estava esse amor?

> *Nenhuma vida vive para sempre;*
> *Homens mortos nunca se levantam de novo.*
> *Até o rio mais sonolento*
> *Serpeia em algum lugar e deságua no mar.*
>
> (Adaptado de Swinburne)

"No sepulcro há liberdade da calamidade e descanso para os cansados" (Adam Clarke, *in loc.*). Jó esqueceu, pelo momento, qualquer esperança para além do sepulcro, pois seus discernimentos do capítulo 19 foram obscurecidos pela dor.

30.25

Acaso não chorei...? Jó ouviu os clamores de pessoas desesperadas, em contraste com Deus (vs. 24), que lhe voltou um ouvido surdo. Sua alma *se entristecia* por aqueles que sofriam perda e dor. Ele tinha simpatia pelos pobres, mas Deus não tinha piedade pelo pobre Jó. "No passado, ele tinha ouvido os clamores de homens e mulheres angustiados (cf. Jó 29.11-17). Mas para ele nada havia, exceto o mal e as trevas (vs. 26)" (Samuel Terrien, *in loc.*). Ver uma lista das boas obras de Jó em favor dos necessitados, em Jó 31.1-20. Jó amava e agia. Mas *Deus* se mantinha indiferente e parecia não notar o sofrimento humano.

30.26

Aguardava eu o bem, e eis que me veio o mal. Deus não somente se mostrava indiferente. Ele também *agia*, mas para trazer maior dor a Jó, em violento contraste com a maneira com que Jó tratava seus semelhantes. Quando Jó esperava algum alívio durante a noite e continuava choramingando perante Deus, para fazer alguma coisa por ele e diminuir suas dores, mais dores lhe chegavam. Ele esperava o raiar de um novo dia, mas era esmagado na longa noite de seu desespero.

"Jó compartilhou de sua última refeição com um esmoler. Fez isso pela mesma razão por que fizera tudo mais — por ser a coisa correta a fazer" (Daman, *in loc.*). Mas o Deus Todo-poderoso parecia esquecido da "melhor coisa a fazer" por Jó.

A luz. Ou seja, alguma espécie de mudança de situação que clareasse a noite caracterizada pelo sofrimento; alívio da dor; cura da enfermidade; a volta do bem-estar e da prosperidade. ... as *trevas* da adversidade, ainda mais espessas e escuras, continuamente, e sem nenhum aparecimento de luz espiritual e favor, ou qualquer descoberta do amor de Deus, ou aprazimento de Sua presença. Cf. Jer. 8.15 e Isa. 59.9.

30.27

O meu íntimo se agita sem cessar. *Minhas vísceras ferviam* (King James Version) é uma tradução literal melhor do que falar na *tempestade do coração* (Revised Standard Version). "Alude à forte comoção das vísceras, que todo o ser humano sente diante da visão de alguém que está sofrendo miséria" (Adam Clarke, *in loc.*) e, naturalmente, diante de qualquer pessoa que é posta sob severas dores físicas. Nossa tradução portuguesa, "meu íntimo se agita sem cessar", é boa e vivida. As entranhas eram consideradas a sede de sentimentos profundos (ver Isa. 16.11). Talvez a referência seja literal, uma febre violenta causada por infecções internas que requeimavam dentro de Jó. Ou a referência é figurada: ele queimava sob a aflição dos sofrimentos. Cf. Jer. 4.19 e Lam. 1.20.

Quando Jó esperava que sua boa vida continuasse, de súbito, sem aviso prévio, suas aflições lhe sobrevieram, como se fossem um exército, surpreendendo-o inteiramente.

Que horas pacíficas antes eu desfrutava!
Quão doce é até hoje a memória delas.
Mas elas deixaram esse vazio doloroso,
Que este mundo jamais pode preencher.

(Antigo hino)

30.28

Ando de luto, sem a luz do sol. Pálido de dor, Jó não podia ver o sol de um novo dia. Ele se pôs de pé na assembléia de sua aldeia e chorou; mas nenhum homem lhe trouxe alívio, nenhum ser humano se importou com a sua alma. O hebraico original, vocalizado de maneira diferente, pode falar sobre *protetor* ou *guardião*, em lugar de "sol". Jó continuou suas lamentações, mas nenhum homem veio protegê-lo, ninguém saiu em seu socorro. Ou podemos traduzir a palavra "sol" como *quente*, conforme faz a Vulgata Latina. Nesse caso, Jó continuou em sua ira contra a *dor*, indignado pelo que lhe estava acontecendo. Mas esse também era um esforço inútil, pois não trouxe nenhuma mudança em seu estado de saúde.

"Tal era a extrema angústia de sua alma que quando uma multidão de gente se punha ao redor dele para vê-lo em suas aflições, ele não podia conter-se e explodia em lágrimas e choro, embora soubesse que isso era impróprio para um homem de sua idade e de seu caráter" (John Gill, *in loc.*).

Ando de luto. Por causa de sua enfermidade; ou, figurativamente, mediante as divinas chamas da aflição; ou então por causas das trevas, pois o *sol* de um novo dia recusava-se a brilhar.

30.29

Sou irmão dos chacais. Jó tornou-se um animal selvagem. Perdeu a humanidade, em virtude de seus sofrimentos. Era um chacal, uma besta feroz. Seus companheiros eram as corujas (King James Version) ou as avestruzes (Revised Standard Version e a nossa versão portuguesa). Ele não passava de um animal feroz, em seu montão de cinzas.

Acha-se a minha alma entre leões, ávidos de devorar os filhos dos homens; lanças e flechas são os seus dentes, espada afiada, a sua língua.

(Salmo 57.4)

Minha mãe agonizou por quatro anos com câncer, antes de morrer. Ela me disse um dia: "Esta enfermidade nos rouba a humanidade". Jó estava dizendo algo similar neste versículo.

A figura de linguagem usada por Jó fala em "animais uivadores e lamentadores, que podem ser ouvidos à noite, quase em qualquer lugar do Oriente Próximo e Médio, fazendo um som como se fosse uma música amarga, que será ouvida novamente no momento da morte de alguém" (Samuel Terrien, *in loc.*). "Tanto o chacal quanto a avestruz fêmea são famosos por seus clamores lamentadores, e ambos se vinculam a lugares desolados" (Dodd, *in loc.*).

30.30

Enegrecida se me cai a pele. Este versículo repete essencialmente a mensagem do vs. 28. A pele de Jó provavelmente estava enegrecida por sua enfermidade e por infecções internas que queimavam seus ossos com a inflamação. Não obstante, Deus continuava a olhar para o outro lado. Por que os inocentes sofrem? Continuamos formulando a *pergunta*. Compreendemos a *Lei Moral da Colheita segundo a Semeadura* (ver no *Dicionário*). Um homem obtém aquilo que tiver dado, e isso é verdadeiramente uma lei universal. Mas que dizer sobre o sofrimento daquele que sofre "sem causa" aparente? (ver Jó 2.3).

Jó tinha posto uma pele escura como veste de lamentação. Cf. Jer. 14.2 e Isa. 29.9.

Mas, agora, escureceu-se-lhes o aspecto mais do que a fuligem; não são conhecidos nas ruas; a sua pele se lhes pegou aos ossos, secou-se como uma madeira.

(Lamentações 4.8)

30.31

Por isso a minha harpa se me tornou em prantos de luto. A *música de alegria*, como aquela tocada na harpa, transformou-se em cântico fúnebre. Instrumentos de sopro usados para fazer as pessoas dançar acompanhavam os lamentadores. A música de Jó tornou-se ruim com seus tons lamentáveis e dissonantes. A mente fértil do poeta nos deixa admirados com sua interminável invenção de metáforas. Assim, a harpa e a flauta se tornaram instrumentos musicais de luto, prontos para acompanhar os lamentadores profissionais, que pranteavam nos serviços fúnebres de Jó.

"Tanta e tão variegada miséria, como a expressa por Jó neste capítulo, o tinha guiado por uma vereda de grande depressão" (Roy B. Zuck, *in loc.*). Cf. Lam. 5.15 e Amós 8.10. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Música (Instrumentos Musicais)*.

"Esses instrumentos são usados devidamente em ocasiões festivas (ver Isa. 30.29,32), o que torna o emprego deles em momentos de tristeza mais triste ainda" (Fausset, *in loc.*).

Capítulo Trinta e Um

Continuamos a seção iniciada em Jó 29.1. Ver as notas de introdução à seção (ver Jó 29.1-31.40), naquele versículo. O capítulo 32 começa a apresentação dos discursos finais do livro, com o recém-chegado, Eliú. Então, Deus falou e pôs todo o problema em perspectiva correta.

Juramento Final de Inocência de Jó (31.1-40)

"A felicidade do passado (capítulo 29) fora engolida pela tristeza e pela vergonha do presente (capítulo 30). Não havia futuro a ser contemplado, excetuando a morte e, por conseguinte, *nada havia* (ver Jó 30.23,31). Não obstante, Jó continuava asseverando a sua retidão. Portanto, ele terminou seu solilóquio com o mais solene e elaborado protesto de *inocência*, que jamais tentara expressar. Com esse propósito, ele examinou mais de dezesseis *hipóteses* concretas de atos pecaminosos dos quais ele poderia ser culpado. Cada uma dessas hipóteses começa com a conjunção *se* (ver Jó 31.5, 7, 9, 13, 16, 19, 20, 21, 24, 25, 26, 29, 31, 33, 38 e 39). Jó declarou-se inocente de qualquer feito mau, ou mesmo de intenção maligna. Também negou ser culpado de qualquer torpidez religiosa ou ética, revelando a mais alta consciência moral encontrada no Antigo Testamento. Ele tinha um passado limpo e a mente esclarecida, e declarou-se pronto para enfrentar o Juiz, orgulhoso de sua honra, que continuava intacta, e orgulhoso de um registro sem jaça (vss. 35-37)" (Samuel Terrien, *in loc.*).

31.1

Fiz aliança com meus olhos. *A Declaração de Jó Envergonha os Homens.* Jó, aquele homem reto, fez um pacto com seus olhos. Os olhos dos varões são notórios instrumentos de concupiscência. Mas Jó, diferentemente do restante dos homens, fez um acordo com seus olhos de que não cobiçaria relações sexuais com uma virgem! Essa virgem passaria a um casamento honroso com algum homem, tendo sua família sem a mácula do pecado a sujar seu passado.

Não contemples uma virgem.

(Eclesiástico 9.5)

Em outras palavras, não imites o homem maligno, que vive seduzindo virgens como se isso fosse algum grande jogo de conquista. Antes, permita que cada jovem chegue a seu casamento virgem. Cf. Mat. 5.28, que nos confere o comentário do Senhor Jesus: "Eu, porém, vos digo: qualquer que olhar para uma mulher com intenção impura, no coração, já adulterou com ela".

Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Adultério e Fornicação*. Jó acreditava que as atitudes e os atos pecaminosos naturalmente estabelecem o palco para a

retribuição divina (vss. 2 ss.). Deus vigia o que os homens fazem (vs. 4). Nenhum ato pode passar sem o devido julgamento. "Jó não olhava para a beleza feminina com concupiscência, porquanto Deus estava olhando para ele, vendo tudo quanto fazia (cf. Jó 7.19,20; 10.24; 13.27)" (Roy B. Zuck, *in loc.*).

> *Não cobices no teu coração a sua formosura, nem te deixes prender com as suas olhadelas.*
>
> (Provérbios 6.25)

Assim começaram as declarações de inocência de Jó, naquele ponto onde os homens revelam maior fraqueza.

"O poeta representa o *olho*, como a janela pela qual a beleza de uma mulher passa mais rapidamente do que uma flecha ao coração dos homens, e ali deixa impressões" (John Gill, *in loc.*).

31.2

Que porção, pois, teria eu do Deus lá de cima...? Jó esperava receber uma recompensa da parte do céu. Esperava que Deus o abençoasse, o fizesse prosperar financeiramente e lhe conferisse alegria e poder. Mas, se ele ficasse a seduzir virgens, por que esperaria qualquer coisa do Alto? Deus estaria vigiando o que ele fizesse. Deus vigia os sedutores de virgens e lhes dá a "recompensa" apropriada. Ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Lei Moral da Colheita segundo a Semeadura*. Alguns homens pensam que o sexo é entretenimento e esporte. Jó, entretanto, encarava a questão com muito mais seriedade. Cf. o presente versículo com Jó 20.29, que apresenta notas expositivas também aplicáveis aqui. Ver também Gên. 39.9. Muito provavelmente, Jó não tinha em vista nenhuma doutrina de punição e recompensa pós-túmulo, a qual só penetrou mais claramente no Antigo Testamento, bem mais tarde, sendo expressa nos livros pseudepígrafos e apócrifos e, mais claramente, no Novo Testamento.

"O que pessoas impuras podem esperar da parte de Deus?" Esse é o comentário do Targum sobre este versículo. Um apelo é feito à santidade de Deus, que castiga a falta de santidade dos homens. Além disso, Ele não abençoa essas pessoas. Elas poderão prosperar pela força de sua própria vontade, mas logo o teto ruirá sobre elas.

31.3

Acaso não é a perdição para o iníquo...? Ao contemplar os seres humanos, Deus logo se ira diante do que vê e os fere com Seus relâmpagos. A "destruição" (King James Version) ou a "perdição" (nossa versão portuguesa) torna-se a recompensa ou herança deles (vs. 2). "Desastres" lhes sobrevêm sob a forma de acidentes e enfermidades. Suas colheitas fracassam; seus lares são atacados por assassinos; suas esposas são seduzidas e violadas. A *lex talionis* (vingança de acordo com a gravidade do crime) está em operação. Ver sobre *Lex Talionis* no *Dicionário*. No caso de Jó, entretanto, algo havia falhado. Ele era *inocente*, mas estava sendo punido *como se fosse* um grande e incansável pecador. Contudo, quando pensava corretamente (liberto, momentaneamente, de sua dor), Jó via a lei da semeadura e da colheita em operação.

31.4

Ou não vê Deus os meus caminhos...? Cada *indivíduo* é visto, observado e punido de acordo com suas ações. De fato, este versículo personaliza a declaração geral do vs. 3. Deus sabia como Jó tratava as pessoas do sexo oposto ou se ele se envolvia em relações duvidosas e pecaminosas. Jó negava que o sexo consistisse em mera recreação. E, no entanto, apesar de altamente moral, o resultado final foi sua punição, enquanto os ímpios saíam livres de suas iniqüidades; é acerca desse *paradoxo* que o texto fala.

Cf. Jó 18.21; 27.7 e 29.17. Quanto ao modo como cada passo humano é vigiado por Deus, ver Jó 14.16.

> *Os caminhos do homem estão perante os olhos do Senhor, e ele considera todas as suas veredas.*
>
> (Provérbios 5.21)

Três Outros Pecados Possíveis (31.5-7)

31.5

Se andei com falsidade. Jó introduziu suas violações possíveis da lei moral com uma série de "se", referindo-se a dezesseis ou mais violações. Chegamos à *segunda*, à *terceira* e à *quarta* dessas violações. Ele também não era culpado de *falsidade*, *desvio* e *imundícia* (vss. 5-7). Se *tivesse* cometido qualquer desses erros, então desejava ser punido com a *fome* (vs. 8). O vs. 5 fala do pecado humano quase universal do engodo, da falsidade e da hipocrisia, de negócios desonestos com o próximo, cobertos pela *pretensão* e por palavras mentirosas.

> *Falam com falsidade uns aos outros, falam com lábios bajuladores e coração fingido.*
>
> (Salmo 12.2)

A *falsidade* pode envolver a *idolatria* (Jer. 18.15; Sal. 31.6; Osé. 12.11), embora isso não pareça estar em vista no presente versículo.

Se o meu pé se apressou para o engano. Se Jó tolerasse a falsidade em si mesmo, isso o teria levado a cometer pecados específicos, como "enganar os homens nas compras e nas vendas, mostrando-se rápido e esperto quanto a essas coisas, na pressa de *enriquecer* às expensas do próximo e através de meios duvidosos" (John Gill, *in loc.*).

> *O homem fiel será cumulado de bênçãos, mas o que se apressa a enriquecer não passará sem castigo.*
>
> (Provérbios 28.20)

31.6

(Pese-me Deus em balanças fiéis...) Jó também não era culpado de ganância (vs. 6), uma idéia já introduzida (vs. 5). Ele sempre negociara com justiça, tinha *balanças justas* (metaforicamente e, talvez, até literalmente) e estava disposto a ser pesado nas balanças de Deus, que confirmariam sua *integridade*. O homem que clama a Deus precisa ser *inocente* para que Ele o pese em Suas balanças celestes e confirme sua integridade. Não são muitos os homens que ousariam fazer uma declaração como essa. Sua vida era impoluta e, no entanto, ele sofria perseguição da parte de Deus, enquanto homens ímpios viviam soltos e à vontade. Este versículo subentende uma vida honesta, e não apenas honestidade quanto a questões monetárias. Jó, pois, estava livre de qualquer pecado de cobiça.

31.7

Se os meus passos se desviaram do caminho. Jó era inocente de qualquer forma de *imundícia*. Ele não permitia a seu coração seguir o que seus olhos viam. Ele tinha um interruptor de circuito divino que não lhe permitia fazer o que seus olhos mandassem. Ele não tinha manchas de culpa nas mãos. Este versículo poderia afirmar o pecado geral da *imundícia*, mas certamente sugere vários subpecados. Jó apegava-se à *estrada estreita* em sua maneira de viver e tinha um estrito código moral. Cf. a expressão neotestamentária "eram do Caminho" (Atos 9.2). Jó não se desviava do caminho espiritual. John Gill generalizou o versículo, tornando-o a expressão da lei de Deus com seus muitos mandamentos, ou seja, *o caminho de Deus*. Apesar de ter sido posto na época patriarcal, pelo autor, o caminho da lei de Deus poderia ser antecipado. Mas o pecado específico em vista é a imundícia que o olho cobiça. Pensemos no caso de Acã (ver Jos. 7.21). Seus olhos seguiram riquezas ilícitas e ele causou toda a espécie de confusão em Israel.

> *Porque tudo que há no mundo, a concupiscência da carne, a concupiscência dos olhos e a soberba da vida, não procede do Pai, mas procede do mundo.*
>
> (I João 2.16)

31.8

Então semeie eu e outro coma. *Se* Jó fosse culpado dos pecados anteriormente mencionados, então queria que outros colhessem e desfrutassem do que ele tivesse semeado. Nesse caso, que seus filhos também sofressem maldição e padecessem necessidades e privações. Que suas raízes fossem arrancadas da terra. Eles não deveriam ter estabilidade. A confusão seria uma praga na vida deles. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Lei Moral da Colheita segundo a Semeadura*. Jó, entretanto, não temia essa lei, porque nunca semeara males.

Sejam arrancados os renovos do meu campo. Jó costumava semear em *campos literais*. Se ele fosse culpado, queria perder suas colheitas, e que outros tirassem proveito delas. Além disso, ele semeava no *campo de sua família*, através da procriação. As plantas (filhos e filhas) que cresceriam deveriam ser arrancadas do solo. Visto que Jó havia perdido seus filhos, talvez seus netos ou parentes mais distantes estejam em foco.

> *Do trabalho de tuas mãos comerás, feliz serás, e tudo te irá bem.*
>
> (Salmo 128.2)

31.9

Se o meu coração se deixou seduzir por causa de mulher. Jó não era culpado de *adultério* (ver a respeito no *Dicionário*). Vimos que seus olhos não seguiam as virgens (vs. 1), nem ele cobiçava a esposa do próximo, para, então, seguir algum plano com o propósito de seduzi-la.

> *Achei cousa mais amarga do que a morte: a mulher cujo coração são redes e laços e cujas mãos são grilhões; quem for bom diante de Deus fugirá dela, mas o pecador virá a ser seu prisioneiro.*
>
> (Eclesiastes 7.26)

As virgens e as mulheres casadas são as que mais excitam a cobiça moral dos homens. Jó, porém, ganhou a batalha em ambos os casos e assim uniu-se ao grupo de elite dos homens que aprenderam a controlar as paixões.

> *... tendo olhos cheios de adultério e insaciáveis no pecado, engodando almas inconstantes, tendo coração exercitado na avareza, filhos malditos.*
>
> (II Pedro 2.14)

Conta-se a história de Tomás de Aquino, que queria ser um dos líderes da igreja. Seus pais não estavam felizes com as suas ambições, de modo que enviaram uma jovem e bela donzela para seu quarto, a fim de seduzi-lo. Eles calcularam que, uma vez assim seduzido, suas intenções de tornar-se padre seriam debilitadas. Tomás permitiu que a jovem entrasse no quarto, mas, ao perceber quais eram as reais intenções, perseguiu-a com um ferro em brasa, tirado da lareira. Ela fugiu e bateu a porta, trancando-a. Ato contínuo, ele desenhou uma cruz na porta, com o ferro em brasa. Não são muitos os homens, padres ou não, que têm esse tipo de coragem moral. Tomás de Aquino juntou-se, assim, ao grupo de elite e encontrou Jó sorrindo para ele. Epicteto chamou os pecados morais de "falácia bonita".

31.10

Então moa minha mulher para outro. Se Jó tivesse cometido adultério, ele queria que várias maldições caíssem sobre ele. Talvez essas maldições fossem aquelas próprias da *lex talionis* (ver a respeito no *Dicionário*), isto é, "vingança segundo a gravidade do crime", ou aquelas infligidas a outros. Tendo seduzido a mulher que servia a outro homem, sua esposa também terminaria servindo a outro homem. Tendo-se deitado com a esposa de outro homem, deitar-se-iam com sua mulher também. Que o trabalho árduo na mó, moendo grãos, próprio dos *escravos* mais vis, se tornasse o trabalho dela. Mas não podemos ter dúvidas de que muitas mulheres das classes mais baixas trabalhavam como escravas. As versões siríaca e árabe assim compreendiam o texto. Ver Êxo. 11.5. "... realizavam todos os trabalhos braçais, como uma escrava" (Ellicott, *in loc.*). Cf. Mat. 24.41. E cf. esta parte do versículo com II Sam. 12.11 e Isa. 47.2.

"O pecado de Davi com Bate-Seba foi punido pelo ato de Absalão, que se deitou com as esposas e concubinas de Davi ao sol, isto é, aberta e publicamente, para desgraçar Davi (ver II Sam. 12.11). Cf. Deu. 28.30. Jó amaldiçoara a própria esposa, *caso* ele tivesse sido culpado de adultério. Ela poderia perder o controle sobre sua pessoa e seu próprio corpo, servindo às concupiscências de outros homens.

> *Toma a mó e mói a farinha; tira o teu véu, ergue a cauda da tua vestidura, desnuda as pernas e atravessa os rios.*
>
> (Isaías 47.2)

31.11

Pois seria isso um crime hediondo. *Continuam as Maldições contra o Adultério. Se* Jó fosse culpado de adultério, ele queria que toda a espécie de males ocorresse a ele. Além de sua esposa entregar-se a outros homens (vs. 10), também queria que seu caso fosse apresentado aos juízes da tribo e que ele fosse desmascarado, e, subseqüentemente, punido de maneira exemplar e severa. Ele queria ser submetido à desgraça pública para sofrer o devido processo da lei. Ele desejava que seu adultério se tornasse uma *ofensa pública,* sendo então julgado de acordo com seu crime. Êxo. 20.14 torna esse crime proibido, mediante mandamento específico, a saber, um dos dez principais mandamentos. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Dez Mandamentos.* Esses mandamentos regulavam todo o comportamento particular e público, e eram a essência do que se achava certo e errado. A violação desses mandamentos era considerada algo muito sério.

31.12

Pois seria fogo que consome. A morte por apedrejamento era a punição usual para ofensas graves. Mas ser queimado na fogueira era a maneira reservada para os piores pecadores. Se filha de um sacerdote fosse apanhada em pecados de imoralidade, era queimada (ver Lev. 21.9). O incesto com a própria mãe também era um pecado punido dessa maneira, com o que concordava o código de Hamurabi (157). Ver Gên. 38.34 e Lev. 20.11. Um homem que cometesse incesto com a sogra também era punido dessa maneira (Lev. 20.14). Mas o versículo presente é *metafórico,* pois fala das chamas que alguém toma no peito, ao aceitar e praticar pecados morais. Esse é um fogo consumidor que deixa um homem queimado e desfigurado. A prosperidade inteira de um homem também seria queimada com as chamas de *Abadon,* a Destruição. O homem imoral tanto se desgasta no corpo, quanto perde a sua substância.

> *Tomará alguém fogo no seio, sem que as suas vestes se incendeiem? Ou andará alguém sobre brasas, sem que se queimem os seus pés? Assim será com o que se chegar à mulher do seu próximo; não ficará sem castigo todo aquele que a tocar.*
>
> (Provérbios 6.27-29)

O autor sacro fala da desolação e da destruição que mostravam o quanto o pecado do adultério o aborrecia.

Os Direitos dos Escravos (31.13-15)

31.13

O abuso contra os escravos é o pecado referido nos vss. 13-15. "A idéia de que os escravos têm direitos (vs. 13) é uma das idéias mais notáveis deste capítulo, e ainda mais admirável é a declaração de que esses direitos foram estabelecidos pelo próprio Criador de todos os homens. *Aquele que me fez no ventre, não fez também a ele* (o escravo)? (vs. 15). Essa consciência da igualdade do nascimento entre os homens é tanto o alvo como o nível ético do Novo Testamento" (Samuel Terrien, *in loc.*). Ver no *Dicionário* os verbetes intitulados *Escravidão e Escravo, Escravidão,* quanto a completos detalhes sobre essa desgraçada instituição e as atitudes bíblicas relacionadas. Embora, em essência, a Bíblia defenda o *status quo* quanto ao assunto, ela injetou na questão inteira a lei do amor, sendo esse o fato que, afinal, desmantelou tudo e pôs fim à escravidão como fato social universal. Atualmente, temos formas mais sutis de escravidão. Referimo-nos aos *escravos do salário,* que ganham miseravelmente em troca de seu trabalho árduo, por meio do abuso das classes mais ricas e de ricos industriais.

O Antigo Testamento fornece-nos leis que melhoraram as condições dos escravos (ver Êxo. 20.10; 21.2-11; 26.27; Lev. 25.39-55). Mas a presente passagem de Jó vai além do espírito humanitário, tornando o Criador o protetor benevolente dos escravizados. O Antigo Testamento procedeu de uma raça que era culpada de muitos abusos, crueldades, guerras e outros atos lamentáveis. Eles não conheciam as artes, as filosofias e as graças culturais de outros povos, como os gregos, para exemplificar. Mas eles respeitavam os sacerdotes e profetas e tinham profundos sentimentos espirituais. Esse sentimento, finalmente, obteve forte base e as condições se alteraram, embora não tão completamente quanto poderíamos esperar.

No Novo Testamento, ver Efé. 6.9 e Col. 4.1. O próprio cristianismo não promoveu o fim da instituição da escravidão, mas, antes, requeria obediência da parte dos escravos e um bom tratamento da parte de seus senhores. Idealmente, o amor fazia-se presente, e essa idéia finalmente exerceu efeitos universais.

Em Jó 22.8, Elifaz acusou Jó de abusar dos fracos e favorecer os ricos. Mas Jó mostra que não era culpado de opressão, nem mesmo para com um humilde escravo. Antes, ouvia os queixumes deles e cumpria seus desejos, em consonância com a justiça e a bondade.

Um escravo não podia levar seu senhor aos tribunais e forçá-lo a fazer alguma coisa. Seu único recurso eram as queixas pessoais dirigidas ao senhor, na esperança de estabelecer alguma mudança para melhor. Jó, pois, ouvia as queixas e agia em prol dos escravos.

31.14

Então que faria eu quando Deus se levantasse? *Deus Vigiava Jó e Seus Escravos.* Ele avaliava a conduta de Jó. O nobre homem estava tratando com Deus, e não meramente com escravos. Haveria castigo por decisões erradas que resultassem em abusos. Deus se "levantará" em favor dos oprimidos e punirá os opressores. Ele é o Juiz justo. Neste mundo há uma providência divina em operação. Ver no *Dicionário* o verbete denominado *Providência de Deus.*

"Jó afirmou o tratamento justo para com os servos. *Se* ele fosse injusto com seus escravos, depois de terem-se queixado, então ele seria incapaz de enfrentar

Deus... Jó admitiu a igualdade entre eles como objetos da obra criativa de Deus. Cf. Jó 10.8-11" (Roy B. Zuck, *in loc.*).

31.15

Aquele que me formou no ventre materno. *A igualdade* de todos os homens no ventre materno foi reconhecida por Jó, bem como o fato de que Deus é quem assim o fizera. Subseqüentes desigualdades sociais não anularam direitos básicos, dados por ocasião da criação, por parte do Criador. Jó conservava em mente essa igualdade original, quando tratava com os seus escravos. Certo romano expressou vergonha por ter sentido piedade de um escravo que estava sendo sujeitado a abusos! Mas seus sentimentos instintivos estavam corretos, e não sua subseqüente racionalização.

"Os proprietários de escravos tentam defender-se, mantendo a inferioridade *original* dos escravos. Mas Mal. 2.10; Atos 27.26 e Efé. 6.9 fazem da origem comum dos proprietários de escravos e dos escravos o argumento pelo amor fraternal, que é demonstrado pelos primeiros e pelos últimos" (Fausset, *in loc.*, o qual escreveu em um tempo em que a escravidão continuava sendo uma instituição universal). Jó, pois, negou as acusações que Elifaz fez contra ele (ver Jó 22.6,7,9).

Macróbio (*Praecidean Sacr.*, pág. 193, por Hackman) legou-nos uma passagem notável, considerando-se que era romano. Ele nos diz como os *céus* olham para todos os homens, incluindo os escravos, e como forças divinas ressentem-se da desumanidade dos homens contra seus semelhantes.

Pecados contra as Classes Inferiores e os Menos Afortunados (31.16-23)

31.16

Se retive o que os pobres desejavam. Jó estabeleceu aqui um programa de *responsabilidade social,* ao negar que fosse culpado de pecados contra seus vizinhos, amigos e pessoas de classes menos afortunadas e inferiores. Jó tinha vivido a lei do amor: positivamente, dando coisas de que os necessitados precisavam; e negativamente, por não prejudicá-los de maneira alguma. Ele era o próprio modelo de comportamento social. Jó era um homem justo. Mas, além disso, era generoso. Não lhe era bastante ser um homem *reto.* O indivíduo também deve ser positivamente *bom.* Paulo também via isso distintamente, conforme se constata em Rom. 5.7-8: "Dificilmente, alguém morreria por um justo; pois poderá ser que pelo bom alguém se anime a morrer. Mas Deus prova o seu próprio amor para conosco pelo fato de ter Cristo morrido por nós, sendo nós ainda pecadores".

Jó, em sua bondade positiva, teve o cuidado de suprir as necessidades dos mais necessitados, os abjetamente pobres e as viúvas. Devemos lembrar que as sociedades antigas não contavam com programas de ajuda social dirigidos pelo governo. Isso ficava ao encargo das famílias dos necessitados e das pessoas com tendências filantrópicas. Se a lei do amor não operasse, muitos passariam fome.

A prova da espiritualidade consiste em viver a lei do amor, como se vê claramente em I João 4.7.

> *O químico que pode extrair de seu próprio coração os elementos da compaixão, do respeito, do anelo, da paciência, do lamento, da surpresa e do perdão, compondo-os em um só, poderá criar aquele átomo que se chama AMOR.*
>
> (Declarações espirituais de Kahlil Gibran)

Jó respondia às acusações de Elifaz (ver Jó 22.7-9), mostrando que as alegações deste eram falsas. Jó era um benfeitor dos menos afortunados, não um explorador, conforme aquele homem afirmara.

31.17-18

Ou se sozinho comi o meu bocado. Jó *compartilhava* de seu suprimento básico de alimentos, de vestuário, das necessidades básicas da vida, e os órfãos foram os primeiros recebedores dessa generosidade. Ele não se mostrou egoísta, desfrutando sozinho de seus suprimentos. Outros serviam-se de sua mesa. O vs. 18 mostra-nos que ele chegou a receber certas crianças órfãs em sua própria casa, para criá-las. Em outras palavras, ele tinha seu orfanato particular. Jó fora iluminado pelo Espírito Santo acerca do sofrimento humano, e seu *coração* correspondia ao Espírito. Quão pouca *caridade* vemos nas Igrejas evangélicas! Como o amor de Deus estaria nelas? Certo pastor salientou *com orgulho* que virtualmente todos os *membros* de sua Igreja eram *donos* de suas próprias residências. Chocados por isso, poderíamos indagar, em vez de alegrar-nos por tal informação: "Que dizer sobre os pobres? Por que a igreja não os alcançou?". A igreja deveria estar repleta dos menos afortunados, que não têm chance alguma de ser proprietários de suas casas. Ver a vontade de Deus em Deu. 15.7-11, e nos primeiros dois capítulos da epístola de Tiago. Nossas igrejas estão repletas de pessoas que conhecem o cristianismo de Paulo, da justificação pela fé. Mas poucos existem, ali, que estejam praticando o cristianismo de Tiago.

A versão da Vulgata, no vs. 18, diz que "a misericórdia cresceu com Jó". Esteve com ele desde o começo, e ele a cultivava por toda a sua vida. Agora, entretanto, ele estava assentado sobre um monturo de cinzas, e nem mesmo seus amigos procuravam aliviar seus sofrimentos, mediante boas palavras. Jó era um nômade e, às vezes, um seminômade, e isso tornava qualquer espécie de ajuda social uma coisa difícil. Mas quando ele se mudava, levava consigo certas crianças necessitadas.

Órfão... viúva. O original hebraico diz aqui, literalmente, *ele* e *ela.* O sentido poderia ser que Jó tomou tanto meninos quanto meninas em seu lar. Ou o masculino "ele" refere-se aos órfãos, ao passo que o feminino "ela" refere-se às viúvas. Ele aceitava em sua residência os órfãos. A versão da Septuaginta tem esse pronome pessoal masculino como tradução feminina dos termos que sugiro aqui. Outras versões diferem. O hebraico deste versículo é difícil e admite várias traduções possíveis.

31.19-20

Se a alguém vi perecer por falta de roupa. Jó supria aos pobres o vestuário e a proteção necessários. Ele era um modelo de comportamento social. Algumas pessoas assim beneficiadas não expressavam nenhuma gratidão a ele (vs. 20), mas isso não o impedia de continuar suas doações. Ele dava aos *necessitados,* e não necessariamente aos *agradecidos.*

> *A qualidade da misericórdia não é forçada. Ela escorre como a chuva gentil vinda do céu sobre o lugar abaixo. É abençoada por duas vezes: abençoa aquele que dá e aquele que a recebe.*
>
> (Shakespeare)

> *O amor não é amor*
> *Que se altera quando encontra alteração,*
> *Ou que se inclina quando fere a algum perverso.*
> *Oh, não! Antes, é um marco sempre fixo.*
>
> *O amor não se altera*
> *Com as horas e as semanas breves.*
> *Mas prossegue até a beira da condenação!*
>
> (Shakespeare)

"Jó vestia os despidos não com vestes esplendorosas, mas com um vestuário decente e útil, não com a lã das ovelhas de nossos animais, mas com a lã produzida por seus próprios rebanhos" (John Gill, *in loc.*).

31.21

Se eu levantei a mão contra o órfão, por me ver apoiado pelos juízes. *Justiça no Tribunal.* Jó era um homem de poder, um conselheiro e, provavelmente, um juiz. Ele pode ter influenciado casos, de qualquer maneira, que assim tenha querido fazer. Ele não arrebatava a propriedade da viúva, por um testemunho manipulado ou falso. Nem permitia que outros perpetrassem a injustiça no tribunal. *Na porta,* o lugar onde se julgavam os casos, ele estava presente para garantir a justiça e a bondade. Ele tomava a peito a causa do necessitado que não tinha dinheiro para comprar os juízes e conseguir falsas testemunhas.

Jó era o campeão das classes menos privilegiadas. Era um benfeitor social, a força dos fracos.

> *Ele distribui partes iguais.*
> *Ele dispensa justiça às tribos.*
> *Ele fica indignado quando os direitos deles são diminuídos.*
> *Para estabelecer os direitos deles,*
> *Ele desiste dos seus próprios direitos.*
> *Ele age com grandeza mental*
> *E com nobreza de coração.*
>
> (Lebeid, em *o Moallakhat*)

31.22

Então caia a omoplata do meu ombro. Uma maldição foi proferida por Jó contra si mesmo, *se* o que ele dizia não correspondesse à realidade dos fatos. Se ele não tivesse feito essas coisas pelos pobres, se não tivesse sido o protetor deles, um juiz justo, o defensor dos fracos, então ele desejava que seu corpo sofresse súbita desfiguração, ou mesmo alterações fatais, que a sua omoplata lhe arriasse do ombro, e seu braço se soltasse da junta. Que isso acontecesse com *aquele braço* que se tivesse erguido contra os órfãos em tribunal. Seu gesto mau teria sido punido por um golpe de Deus, que arrancasse seu braço da junta. Se a maldição de Jó

caísse sobre todos os gananciosos e injustos, então a maioria das pessoas andaria como aleijadas, hoje em dia. Mas, na realidade, a maioria das pessoas é aleijada, hoje em dia: são *aleijadas espirituais*, que nunca aprenderam a amar.

"Que o julgamento caia particularmente sobre aquelas partes que têm cometido o erro, ou que se têm recusado a fazer o que podem quando estivesse em seu poder" (Adam Clarke, *in loc.*). Que essas partes do corpo "apodrecessem e caíssem" (John Gill, *in loc.*). Jó aludia à acusação de Elifaz, feita em Jó 22.9.

31.23

Porque o castigo de Deus. *Jó Temia a Deus.* Ele supunha que a prática do erro traria contra ele o raio de Deus. Portanto, resolveu fazer o bem, mas também levava em consideração o *fator divino*. Ele respeitava a *Lei Moral da Colheita segundo a Semeadura* (ver a respeito no *Dicionário*).

"Na fonte de sua consciência social, jazia sua profunda dedicação à vontade de Deus, que cuida de todos os homens (vs. 23; cf. o vs. 15). Era a sua fé religiosa que justificava, apoiava, explicava e tornava possível sua moralidade" (Samuel Terrien, *in loc.*).

O poder divino imobilizava Jó para que ele não pudesse cometer erros, mas também mobilizava-o a praticar a justiça e a bondade. Ele era um escravo da vontade divina, liberto para agir impulsionado pelo amor.

Contudo, Jó, o benfeitor, estava sendo punido "sem causa" (Jó 2.3). "A autodefesa de Jó, nos vss. 13, 16-22 e 29.12-17,25, subentendem que ele tinha feito um trabalho melhor do que o próprio Senhor ao efetuar a justiça" (Roy B. Zuck, *in loc.*).

31.24

Se no ouro pus a minha esperança. O dinheiro é necessário e bom, e assim todos corremos atrás dele. Mas o dinheiro pode tornar-se um deus, uma forma de idolatria. Além disso, os homens podem pôr sua confiança nas riquezas, e não em Deus, tornando-as centrais em sua vida diária. Em outras palavras, os homens podem abusar daquilo que é necessário, bem como de tudo quanto é bom. Precisamos de dinheiro para trabalhar, e precisamos trabalhar para servir.

> *Deus pode fazer-vos abundar em toda graça, a fim de que, tendo sempre, em tudo, ampla suficiência, superabundeis em toda boa obra.*
>
> (II Coríntios 9.8)

> *O dinheiro é como um sexto sentido, sem o qual você não poderá fazer uso dos outros cinco.*
>
> *(Somerset Maughan)*

Mas o dinheiro pode tornar-se um monstro, a ponto de eliminar o bom senso e fazer do homem um escravo. "Jó desconsiderava não somente a idolatria dos joelhos dobrados, mas também a idolatria de um coração anelante" (Paul Scherer, *in loc.*). Muitos homens caem na armadilha de desejar o dinheiro, e não Deus. Jó repudiava a adoração ao ouro. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Dinheiro*, onde são oferecidas citações e poesias ilustrativas.

> *Fazei, pois, morrer... a avareza, que é idolatria.*
>
> (Colossenses 3.5)

"Aqui, Jó refere-se à admoestação de Elifaz (ver Jó 22.23,24), declarando que essa nunca tinha sido a sua prática" (Ellicott, *in loc.*).

> *Exorta aos ricos do presente século que não sejam orgulhosos, nem depositem a sua esperança na instabilidade da riqueza, mas em Deus, que tudo nos proporciona ricamente para nosso aprazimento.*
>
> (I Timóteo 6.17)

31.25

Se me alegrei por serem grandes os meus bens. O dinheiro é bom; o dinheiro é necessário; o dinheiro provê prazeres de que os homens necessitam, bem como o suprimento de coisas necessárias à vida diária. Mas o homem pode vir a "regozijar-se" no dinheiro, esquecendo a alegria da existência humana, que um hino majestoso diz que está em Jesus: "Jesus, Alegria da Vida do Homem" (Bach).

> *Amor divino, melhor que todos os amores,*
> *Alegria do céu, desce até a terra.*
> *Fixa em nós tua habitação humilde...*
>
> *Jesus, és todo compaixão,*
> *Puro e ilimitado amor és Tu;*
> *Visita-nos com a Tua salvação,*
> *Entra em cada coração trêmulo.*
>
> (Charles Wesley)

Não obstante, parte da alegria do homem, na existência, é possuir dinheiro suficiente para desfrutar um pouco da vida.

> *Eis o que eu vi: boa e bela cousa é comer e beber e gozar cada um do bem de todo o seu trabalho, com que se afadigou debaixo do sol, durante os poucos dias da vida que Deus lhe deu; porque esta é a sua porção.*
>
> (Eclesiastes 5.18)

O impacto do presente versículo é uma reprimenda ao materialismo. Os homens transformam o dinheiro em um deus. Jó, pois, diz-nos aqui que repudiava essa forma de idolatria. O grande conselho dos gregos era *moderação* em todas as coisas. Os idólatras esquecem-se disso quando exageram.

31.26

Se olhei para o sol, quando resplandecia. Jó repudiava outras formas comuns de idolatria, como o *sabaísmo*, ou seja, a adoração aos corpos celestes, o sol, a lua e as estrelas. "Sabaísmo" deriva de uma palavra hebraica, *tsaba*, referência ao *exército dos corpos celestes*. Esse tipo de idolatria foi uma das mais antigas pragas, porque os homens admiram os céus e supõem que deuses controlem os corpos celestes, ou que esses corpos sejam, eles mesmos, divindades. Ver Eze. 8.16; Deu. 4.19 e II Reis 23.5,11. Foi por isso que os homens vieram a adorar a criação, em lugar do Criador, dando origem ao politeísmo. Os egípcios adoravam as grandes luminárias do céu, a lua, à qual chamavam de Osíris, e o sol, ao qual chamavam de Ísis (*Diodoro Siculo*, 1.1, parte 10). Até mesmo nos dias de Sócrates, homens educados pensavam que a lua era uma divindade. E, naturalmente, os planetas eram altamente estimados como habitações dos deuses. Mas Jó estava isento da idolatria de seu povo e de seus vizinhos, porquanto possuía uma sabedoria superior, que o libertara de todas essas formas de insensatez. Ver no *Dicionário* o artigo geral que versa sobre *Idolatria*, onde ilustro seu imenso poder e suas multifacetadas expressões. Ver também sobre *Deuses Falsos*.

"Jó tinha consciência da deterioração espiritual que há por trás da adoração aos ídolos. A adoração às forças da natureza foi condenada por ele. Cf. II Reis 21.3-5; Jer. 44.17,18 e Eze. 8.16. A adoração à natureza dá aos homens a ilusão de serem os senhores de seus destinos (vs. 28)" (*Oxford Annotated Bible*, comentando sobre o vs. 24 deste capítulo).

> *Mas, desde que cessamos de queimar incenso à Rainha dos Céus e de lhe oferecer libações, tivemos falta de tudo e fomos consumidos pela espada e pela fome.*
>
> (Jeremias 44.18)

A tentativa de gozar da comunhão com as forças da vida, no universo, era aspecto essencial no politeísmo dos egípcios e dos povos semitas. Os instintos básicos dos homens em busca de segurança, prosperidade e cumprimento sexual floresciam em vários tipos de cultura, incluindo a variedade da fertilidade.

31.27

E o meu coração se deixou enganar em oculto. *A idolatria sideral* era atrativa, mas Jó resistia a essa atração. Isso não podia ser dito em relação a Israel, nação que caía e tornava a cair nessa e em muitas outras formas de idolatria.

Beijos lhe atirei com a mão. O gesto consistia em elevar a mão à altura da boca e, então, beijá-la nas costas. Isso servia de sinal de adoração e respeito. De fato, a palavra *adoração* reflete dessa prática. Vem do latim, *ad* (para) e *oris* (boca). Mas Jó era esperto demais para engajar-se nesse tipo de insensatez. No entanto, há muitos "beijadores de mão", que não resistem à atração das maravilhas constituídas pelos céus.

Evidentemente, o gesto do beija-mão incluía a idéia do "lançamento de beijos", como se fosse um apelo aos deuses e um tributo aos seus poderes. Cf. I Reis 19.18 e Osé. 13.2, versículos que falam de outros tipos de "beijo sagrado".

31.28

Também isto seria delito à posição de juízes. O Juiz de toda a terra não deixaria de perceber a tola idolatria de Jó e o castigaria por agir como um pagão. Deus o chamaria a prestar contas, por não viver segundo a luz que possuía. Sua idolatria equivaleria a negar a própria existência de Deus. Assim agindo, ele se tornaria um *ateu prático,* embora teoricamente continuasse afirmando a existência de Deus.

O filósofo Emanuel Kant baseou um argumento filosófico e racional em favor da existência de Deus e da alma humana na idéia de que deve haver um Deus para endireitar as contas, efetuando o julgamento apropriado. Deve haver um Deus poderoso o bastante para retribuir aos homens o que eles têm feito, de bom ou de mal, em recompensa ou punição. De outra maneira, teríamos de dizer que o mundo é *caótico.* A escolha racional deve ser entre Deus e o caos. Um sujeito ateu, como é natural, preferirá o *caos* como seu poder dominador. É fato que a justiça não está garantida neste mundo. Para que a justiça seja feita, é mister que haja tanto um Justo Juiz quanto almas que tenham sobrevivido à morte biológica, para receber sua justa recompensa ou punição.

Alguns estudiosos vêem neste versículo uma alusão à lei mosaica, pensando que o Juiz quis destacá-la; mas, mesmo que o livro de Jó tenha sido escrito depois da outorga da lei de Moisés, essa alusão é improvável. O detalhe foi colocado dentro do período patriarcal, por parte do autor sagrado, mesmo que não tenha ocorrido originalmente.

31.29

Se me alegrei da desgraça do que me tem ódio. Neste versículo, Jó apresenta outro pecado que ele *não cometeu.* Ele não tinha *espírito vingativo,* de maneira que se alegrasse no desastre de quem o odiava. Quão fácil é alguém odiar, especialmente um oponente que assedia! Quão difícil é alguém amar de maneira altruísta, até mesmo aqueles que não o merecem! Tal é a perversidade do coração humano. Existe uma *alegria maligna* que se deleita nas catástrofes de outras pessoas, e penso que quase todos (pelo menos até certo ponto) já sentimos alegria diante da ruína ou da tribulação de inimigos. Algumas vezes, até sentimos alegria perversa diante da consternação de pessoas que nunca praticaram nenhum malefício. Tal é a perversidade do coração humano. Nos escritos de Davi, temos muitos salmos imprecatórios, ou seja, o sentimento de alegria diante da queda de inimigos. Cf. Juí. 5.24-31 e Isa. 14.12 ss. O trecho de Jó 2.4 retrata o próprio Deus, como quem risse (sem dúvida em uma explosão de alegria) diante da destruição dos ímpios, dando-nos, assim, o exemplo. Jó rejeitou, contudo, a alegria devido à queda dos inimigos como desnatural e barata. Aben Ezra fala dos movimentos de alegria que as pessoas fazem quando vêem outras pessoas, a quem desprezam, ser atingidas pela adversidade. Algumas dessas pessoas chegam a dançar de alegria.

> *No bem-estar dos justos exulta a cidade, e, perecendo os ímpios, há júbilo.*
>
> (Provérbios 11.10)

> *Regozijamos no infortúnio de nossos melhores amigos,*
> *Quando encontramos algo que não é agradável.*
>
> (Duque de la Rochefoucauld)

Cf. este versículo também com Sal. 58.10; Apo. 18.20 e 19.1,2.

31.30

(Também não deixei pecar a minha boca). Jó não se regozijava diante da queda de um inimigo, até era cuidadoso para não amaldiçoá-lo com suas palavras. Devemos temer as maldições. E mesmo que outros não as temam, não é nosso direito efetuar ou esperar vingança.

> *Não vingueis a vós mesmos, amados, mas dai lugar à ira; porque está escrito: A mim me pertence a vingança; eu é que retribuirei, diz o Senhor.*
>
> (Romanos 12.19, citando Deuteronômio. 32.35)

Ver no *Dicionário* o detalhado artigo intitulado *Vingança.*

"Quão *poucos* são os crentes que podem falar conforme Jó falou acerca de seus *inimigos,* ou acerca daqueles que praticam qualquer maldade" (Adam Clarke, *in loc.*). Davi estabeleceu um bom exemplo, quando não prejudicou a seu arquiinimigo, Saul, embora tivesse tido a chance (ver I Sam. 26.8,9). E ele deixou outro bom exemplo, quando não permitiu que Abisai matasse a Simei, que o amaldiçoava (ver II Sam. 16.9,10). Naturalmente, o maior exemplo foi dado pelo próprio Jesus, que, embora tivesse poder para matar seus algozes, que O julgaram tão injustamente, não o fez.

31.31

Se a gente da minha tenda não disse. Abruptamente, Jó nos leva de volta a um *pecado social* que ele não cometeu. Sua casa estava aberta aos famintos. Muitas pessoas, até mesmo completos estranhos, paravam para comer em sua residência. Ele tinha uma espécie de serviço particular de SOS. Jó não era mesquinho. Este versículo refere-se, naturalmente, ao costume árabe sagrado da *hospitalidade.* Cf. Jó 19.14,15 e Êxo. 22.21. Ver no *Dicionário* o verbete com esse nome, onde há elucidação completa a respeito. O vs. 31 subentende que Jó alimentava bem os que entravam em sua tenda. Ele era louvado pelas refeições esplêndidas que dava, até aos esmoleres. As pessoas ansiavam por comer em sua tenda. Provavelmente, o versículo fala também de seus servos (escravos), que eram bem alimentados. Jó compartilhava com eles do melhor que possuía. Eles não tinham uma refeição diferente da que lhe era servida.

Abraão e Ló entretiveram anjos, sem saber o que estavam fazendo (ver Gên. 18.1-5; 19.1-3), e isso era sempre inspiração a uma *generosa* hospitalidade. Paulo recomendou que praticássemos "a hospitalidade" (Rom. 12.13). O *Didache* fazia da hospitalidade uma das virtudes cristãs (11.3-6), mas naturalmente a hospitalidade foi, antes de tudo, um princípio judaico. Jó tornou-se conhecido por sua *liberalidade,* apenas outro nome para *amor,* a prova da própria espiritualidade. Ver no *Dicionário* o detalhado artigo chamado *Liberalidade e Generosidade.*

31.32

O estrangeiro não pernoitava na rua. Jó não permitia que viajantes ou esmoleres jazessem nas ruas durante a noite, quando não tinham dinheiro para alugar um local onde passar a noite. Antes, ele os convidava a pernoitar em sua tenda e ali dormir! Isso demonstra a extensão de sua hospitalidade. Não posso imaginar-me a fazer isso. Pode o leitor imaginar-se a fazê-lo? Muito bem, agir dessa maneira pode não parecer seguro, mas, se o fosse, você faria tal coisa? Cf. este versículo com Gên. 19.2,3 e Juí. 19.20,21. O ponto principal é que a generosidade de Jó não se limitava aos seus amigos, à sua família e aos seus escravos pessoais. Estendia-se aos pobres que passavam na rua. Penso que, para alguém agir com essa caridade, é necessário ser um judeu ou um árabe; é necessário ter algo de especial nos genes ou na cultura.

> *Não negligencieis a hospitalidade, pois alguns, praticando-a, sem o saber acolheram anjos.*
>
> (Hebreus 13.2)

Minha mãe contava-me histórias sobre a generosidade de seus pais durante a Grande Depressão de 1929. Certas coisas que eles faziam a deixavam com medo, pois algumas das pessoas necessitadas eram *totalmente estranhas.* Verdadeiramente, eles não perderam sua recompensa. Seus bons feitos os seguiram para o mundo do além.

> *Então, ouvi uma voz do céu, dizendo: Escreve: Bem-aventurados os mortos que, desde agora, morrem no Senhor. Sim, diz o Espírito, para que descansem das suas fadigas, pois as suas obras os acompanham.*
>
> (Apocalipse 14.13)

31.33

Se, como Adão, encobri as minhas transgressões. Outro pecado que Jó não cometia era encobrir (esconder, ocultar) seus pecados. Em outras palavras, Jó não era um hipócrita. Ele não se afirmava um homem impecável, conforme fazem alguns evangélicos tolos, atualmente. Ele admitia que tinha praticado alguns atos errados quando jovem (ver Jó 13.26). Ele pecava tal e qual fazem outros homens, mas não escondia seus pecados; antes, confessava-os e realizava os sacrifícios apropriados, determinado a mudar seus caminhos e a não ser apanhado por algum vício. Ver no *Dicionário* o artigo detalhado chamado *Hipocrisia.*

> *A hipocrisia é uma homenagem que o vício presta à virtude.*
>
> (Provérbio do século XVIII)

A *hipocrisia* consiste no *fingimento* de alguém que pretende ser aquilo que não é, como se representasse ser melhor do que o é, na realidade. Essa é a base do falso orgulho. Ver Mat. 23.28; Mar. 12.15; Gál. 2.13; I Tim. 4.2; Tia. 5.12 e I Ped. 2.1.

Especificamente, Jó não usava nenhuma máscara de integridade social. Não fingia generosidade, a fim de ser visto e louvado pelos homens. Ele não imitava Adão, que pecou e tentou ocultar de Deus os fatos.

Ocultando o meu delito no meu seio. As vestes longas e cheias dos antigos judeus e árabes permitiam que um homem ocultasse uma arma mortífera em seu peito. Jó não fazia isso *figurativamente*. Não havia em sua vida pecados destrutivos e ocultos. Adão fugira de Deus, por temor. Ele tinha algo para esconder. Não era esse o caso de Jó. Ver Gên. 3.

> *Deus fez o homem reto, mas ele se meteu em muitas astúcias.*
>
> (Eclesiastes 7.29)

31.34

Porque eu temia a grande multidão. Se Jó tivesse sido um hipócrita social, isso logo teria sido descoberto, e ele teria sido objeto de alguma espécie de vingança comunitária. Mas, na verdade, ele não se deixava influenciar pela comunidade dos homens, para cometer alguma injustiça ou oprimir alguém. Ele não temia o rosto deles. Jó não se ocultava em sua tenda, quando alguma crise pública ocorria "lá fora". Antes, ele intervinha e falava palavras de justiça, requerendo que as coisas fossem feitas da maneira certa.

Jó não era nenhum hipócrita, em particular, que ocultasse os seus pecados a fim de salvar-se da consternação de seus vizinhos. E nem dava margem à hipocrisia pública, que não permitia que a justiça fosse feita em caso nenhum. "... nem o temor do clamoroso Jó, nem o desprezo de famílias famosas, nem de grandes personagens, impediam-no de executar seu ofício com retidão" (John Gill, *in loc.*).

31.35-36

Oxalá eu tivesse quem me ouvisse! Jó tinha feito a revisão de seu passado e de seu presente. E descobriu que era um homem *inocente*. Ele não era culpado de nenhum daqueles muitos pecados, dos quais os homens costumeiramente se ocupam. Era um homem limpo. E, no entanto, ninguém dava ouvidos aos seus apelos; nem Deus o ouvia. O Todo-poderoso olhava tudo em silêncio, diante do infeliz Jó, sentado em seu monte de cinzas, chorando e sofrendo. Sua dor não era aliviada, e ele não recebera informação alguma sobre o *porquê* de seus sofrimentos. Só sabia que esses sofrimentos eram "sem causa" (Jó 2.3), fato que não influenciou Deus a agir em seu favor. Ele se dirigiu ao Tribunal Divino para pleitear sua causa, mas encontrou-o vazio. Sua voz ecoava no nada.

Eis aqui a minha defesa. A Revised Standard Version diz "minha assinatura" em lugar dessas palavras, isto é, o X (tau), a marca de aprovação de um juiz que tivesse examinado um documento, ou de um rei, quando aprovasse algum decreto. Jó imaginava aproximando-se de Deus com o documento de defesa (vs. 36) já marcado pela aprovação divina, o X de Deus. Nossa versão portuguesa tem uma tradução parecida: "minha defesa assinada".

A sua acusação. Jó estava ansioso por responder às acusações que lhe tinham sido feitas, e imaginava que um documento escrito pudesse ser preparado para leitura no tribunal divino. Ele seria capaz de responder a todas as acusações e ganhar o seu caso. Estava seguro de que poderia replicar com sucesso a todas as acusações. Ele se imaginava "usando" o documento escrito que continha tais acusações, levando-o nos ombros e marchando ao redor do tribunal, evidenciando a tolice das acusações (vs. 36). Ou, então, ele poderia até ter posto o documento com a acusação escrita sobre a cabeça, como se fosse uma coroa, declarando-se um rei moralmente acima de qualquer acusação que pudesse ser assacada contra ele! Foi assim que Jó desafiou aos homens e a Deus, mas sua voz ecoava no silêncio. Sua coroa de acusações tornar-se-ia uma marca de distinção, porque ficaria provada sua inocência. No entanto, a Jó não foi permitido pôr tal coroa sobre a cabeça. Ele foi simplesmente ignorado e continuou a sofrer.

> *Serás uma coroa de glória na mão do Senhor, um diadema real na mão do teu Deus.*
>
> (Isaías 62.3)

31.37

Mostrar-lhe-ia o número dos meus passos. Jó estava disposto e preparado para fazer uma completa declaração acerca de sua conduta, a *cada passo*. Em sua inocência, ele poderia aproximar-se de Deus como um príncipe, com confiança real. Nenhum verme maligno o manteria envergonhado perante Deus. Jó era homem de integridade e poder. Nem mesmo o escrutínio divino poderia abatê-lo. Ele forçaria Deus a pôr a assinatura divina de aprovação sobre ele (vs. 35), conforme a Revised Standard Version traduz as palavras "a minha defesa". A referência é à letra X, a marca colocada no fim de documentos legais, por parte do juiz apropriado. O próprio Deus teria de escrever o Seu X sobre o documento, dizendo: "Jó está aprovado!", Ver os detalhes da metáfora, nos comentários sobre o vs. 35.

> *Aproximemo-nos, com sincero coração, em plena certeza de fé, tendo o coração purificado de má consciência e lavado o corpo com água pura.*
>
> (Hebreus 10.22)

Muitas acusações tinham sido feitas contra Jó por seus "amigos molestos". Ele era um tolo (Jó 5.2); homem cheio de palavras e sem nenhum sentido, mentiroso, zombador (11.2,3); ele era perverso (11.12,14); blasfemo e hipócrita (15.4,5,13,16,34); um ladrão que ignorava os caminhos de Deus (18.5,14); um opressor social (20.15,19); um tirano (22.5,9,13,17). No entanto, quando Jó preparou a sua lista, descobriu ser inocente de todas essas acusações.

31.38

Se a minha terra clamar contra mim. "Como um rico proprietário de terras, Jó poderia ter maltratado seus empregados; no entanto, ele negou ter praticado qualquer fraude ou injustiça. Se trabalhadores nos campos alugados tivessem sido postos a trabalhar em excesso ou se tivessem sido pagos abaixo do merecido, suas *terras* teriam clamado contra ele, e até os sulcos da terra teriam testificado contra ele" (Roy B. Zuck, *in loc.*). Portanto, uma vez mais Jó chegou a responder a acusações de exploração social, afirmando enfaticamente que tinha sido justo com todos os homens, incluindo os que trabalhavam para ele. Jó imaginou a própria terra a erguer-se para testificar contra ele, porquanto era ali que os homens trabalhavam para Jó. Os sulcos feitos na terra chorariam de vergonha, *se* Jó tivesse oprimido aqueles que trabalhavam para ele. Não obstante, não havia necessidade de chorar. Jó tinha sido generoso com todos os homens.

> *O mal fere a terra...*
> *Onde as riquezas se acumulam, mas os homens entram em decadência.*
> *Príncipes e senhores podem florescer, ou podem desaparecer;*
> *Um hálito os fez, e um hálito pode tirá-los.*
>
> (Oliver Goldsmith)

31.39

Se comi os seus frutos sem tê-la pago devidamente. Jó não era um saqueador. Produzia o que era suficiente para ele e para os que viviam ao seu redor. Ele não se apropriava dos produtos agrícolas produzidos por outros agricultores. Pagava o preço justo para tudo quanto obtinha. Ademais, ele não era um assassino que acabasse com a competição. Ele jamais cometeu um ato de violência, a fim de enriquecer. Quão comum é isso hoje em dia! Ainda recentemente fomos testemunhas, no Brasil, do massacre dos "sem-terra" por ricos latifundiários, que tinham algo a perder se suas terras fossem invadidas (abril de 1996). Os proprietários de terras chegaram a alugar assassinos profissionais para aniquilar os inocentes.

Quando o solo era usado erroneamente, era amaldiçoado. Jó talvez estivesse aludindo a Gên. 3.17,18. Jó nunca abusou do uso do solo, nem dos homens que trabalhavam com o solo. Ver I Reis 21, sobre como o ímpio Acabe e a horrenda Jezabel matavam para apossar-se das terras que queriam.

31.40

Por trigo me produza cardos. Esta era a maldição que Jó desejava que sobreviesse a ele e às suas terras, *se* tivesse abusado daqueles pobres agricultores que o ajudavam, não lhes pagando o salário justo — que as próprias terras ficassem sujeitas à maldição divina. Em vez de trigo, que produzissem espinhos; em vez de cevada, que produzissem ervas daninhas. Dessa maneira, haveria fome até mesmo para Jó, o proprietário das terras.

Jó sabia que, se ele tivesse obtido seus campos de maneira criminosa, então, à semelhança de Caim, ele seria "errante pela terra" (Gên. 4.11,12); e se tivesse abusado da terra, tornando-a fonte de proveito pessoal, em detrimento dos agricultores, isso também atrairia contra ele as maldições de Caim.

Fim das palavras de Jó. Esta declaração assinala o fim dos discursos de reprimenda de Jó, e não meramente o seu discurso final contido neste capítulo 31. Dois amigos de Jó tinham proferido três discursos cada, e o terceiro proferiu somente dois. Fragmentos de um possível terceiro discurso, entretanto, podem ser encontrados nos capítulos que se seguem. Seja como for, Jó respondeu às acusações e apresentou *oito*, senão, mesmo, *nove* réplicas. Esses foram os discursos de Jó, mas nem isso pôs fim às acusações. Os discursos apresentam, da maneira mais veemente, a declaração de sua *inocência*, pois, de fato, já fomos informados de que ele sofria "sem causa" (Jó

PECADOS QUE JÓ NÃO COMETEU

Jó confessou que tinha cometido os pecados comuns da mocidade (13.26), mas negou que fosse culpado dos muitos e graves pecados que os seus amigos o acusaram de ter praticado. Também, para Jó, a idéia de que Yahweh o estava castigando com aqueles imensos sofrimentos por causa de seus "pecados atuais" (ou pelos pecados do passado) era inaceitável. O *Jó presente* era um homem "inocente" que não merecia as agonias pelas quais ele estava sendo sujeitado. A maioria de seus detratores tinha pouca imaginação, afirmando, sem cansar, que a lei da colheita segundo a semeadura era *a causa* de suas desgraças. Eliú (cap. 33) era mais hábil e encontrou outras possíveis causas. Ver meu gráfico sobre suas percepções no início da exposição do cap. 33. Por que os homens sofrem, e por que sofrem como sofrem é o *Problema do Mal* (ver o artigo no *Dicionário* que dá um sumário de explicações).

CAPÍTULO 31

Os Alegados Pecados de Jó	**Referências em Jó**
1. Jó nunca seduziu uma virgem como a maioria dos jovens faz. Ele nunca deu promessas falsas de casamento para facilitar o processo de sedução. Ele fez um pacto com os seus olhos para ficar longe da debocheira.	31.1
2. Ele nunca foi uma pessoa desonesta e enganadora.	31.5
3. Ele conduzia sua vida de modo irrepreensível. Sua vida podia ser testada nas balanças de Deus.	31.6
4. Jó praticava o bem, evitando os caminhos perversos. Não foi ganancioso ou violento.	31.7
5. Não cometeu adultério. Nunca empregou meios astuciosos para seduzir uma vizinha.	31.9
6. Não maltratou os seus escravos, homens ou mulheres. Escutava suas queixas e corrigia os excessos. Praticava a justiça social.	31.13
7. Jó era generoso com as pessoas menos afortunadas. Tratava bem as viúvas e órfãos. Compartilhava sua comida com eles.	31.16-17
8. Ele nunca foi um opressor dos membros mais fracos da sociedade. Foi, ativamente, generoso. Alimentava os pobres. Nunca explorou ninguém.	31.19
9. Jó nunca praticou perseguição contra os mais fracos como os órfãos. Nunca explorou os facilmente explorados. No seu ofício de juiz, sempre administrava justiça e misericórdia.	31.21
10. Nunca foi culpado de crimes de sangue para aumentar seus bens. Não cometeu crime algum.	31.21-22
11. Não era materialista que confiava no ouro, nem gastava suas energias em busca da riqueza.	31.24
12. Nunca praticou a idolatria, fazendo do sol um objeto de adoração. Embora árabe e não judeu, ficou longe do politeísmo.	31.26-27
13. Nunca se regozijou das calamidades dos outros, nem dos sofrimentos de seus piores inimigos.	31.29
14. Nunca pronunciou maldição contra uma pessoa, esperando sua morte. Rejeitou o poder da maldição tão temida pelos antigos.	31.30
15. Outra classe fraca que Jó não explorou foi a do estrangeiro. De fato, eles também compartilhavam benefícios de sua mesa.	31.31-32
16. Jó não escondeu os seus pecados dos outros. Não era hipócrita. Sua vida era aberta e limpa.	31.33
17. Jó não era culpado de pecados secretos. Ele era o que parecia ser: um homem inocente.	31.37
18. Ele pagou seus débitos pronta e completamente. Não praticou pilhagem dos bens de outros. Nunca confiscou a propriedade de ninguém.	31.39

No capítulo 31 descobrimos as acusações dos detratores de Jó nas suas negações. Seus "amigos" fizeram muitas e sérias acusações, inventando falsos pecados na vida de Jó que, entretanto, os negou, um por um.

2.3). Por conseguinte, ficamos com a terrível verdade de que até os *inocentes* sofrem, e não temos nenhuma solução final para o *Problema do Mal* (ver a respeito no *Dicionário*). Por que os homens sofrem e por que sofrem como sofrem?

Cf. esta declaração com a afirmativa de Davi, quando terminava o Sal. 72.20. A notícia do fim dos discursos de Jó não se encontra em certo número de manuscritos antigos da Vulgata e, no texto hebraico, essa declaração aparece separada do corpo principal. Essas palavras podem representar uma nota escribal posterior.

Capítulo Trinta e Dois

O *plano* dos discursos dos três amigos-críticos de Jó, seus consoladores molestos (ver Jó 16.2), era cada um deles fazer três discursos, enquanto Jó responderia aos argumentos de cada discurso, um por vez, perfazendo *nove* réplicas. No entanto, não nos é dado (formalmente) o terceiro discurso do terceiro "amigo", Zofar. Os críticos supõem que o livro de Jó tenha sido truncado, como se o terceiro discurso realmente não existisse. Esses mesmos críticos também supõem que a linguagem desse terceiro suposto discurso se tenha tornado tão violenta e abusiva que um escriba subseqüente ou o próprio autor original *eliminou* esse discurso, o terceiro de Zofar, bem como a terceira resposta de Jó. Essa eliminação teve o propósito de evitar que o texto se tornasse um escândalo para os judeus piedosos, garantindo assim a distribuição do livro. Contudo, parte do terceiro discurso de Zofar (e fragmentos da resposta de Jó) pode estar contida na réplica final de Jó ao terceiro discurso de Bildade, a começar pelo capítulo 26 do livro de Jó. O autor sacro suplementou o livro com outras coisas. O grande Hino à Sabedoria (capítulo 28) não parece ajustar-se bem como parte de um discurso de réplica, mas talvez possa ser uma composição adicionada ao livro original, para preencher o espaço do que seria o terceiro discurso de Zofar. Seja como for, é improvável que a resposta de Jó ao terceiro discurso de Bildade tenha tomado todo esse espaço, os capítulos 26-31 do livro de Jó. Não há um único manuscrito em apoio a essas especulações, mas, se o autor original fez as mudanças, então é provável que o livro tenha sido truncado desde o começo, pelo que nunca houve manuscritos da versão diferenciada, o original do livro de Jó, do capítulo 26 até o fim.

Sem importar, realmente, o que tenha acontecido, os discursos de Eliú, que ocupam os capítulos 32-37 (seus *quatro* discursos), podem ter sido uma adição posterior ao livro feita pelo próprio autor original. Jó não teria tido tempo de replicar, visto que Yahweh interrompeu o processo todo e fez um grande discurso para pôr fim às discussões humanas. A introdução de um *quarto* discursador, cuja fala não foi contestada por Jó, quebra a simetria do plano original do livro de Jó. Entretanto, esses discursos têm algumas poucas partes brilhantes, além de adições valiosas, embora, em sua maior parte, sejam repetições de coisas declaradas nos discursos anteriores.

"Esses capítulos introduzem um novo discursador que ainda não tinha sido mencionado, nem no prólogo nem na discussão poética, e, por igual modo, também foi ignorado nos discursos de Yahweh *e* no epílogo. O plano dos discursos de Eliú é indicado, no *texto presente,* por uma série de fórmulas introdutórias que aparecem em Jó 32.6; 34.1; 35.1 e 36.1. Em adição, parece haver clara divisão em Jó 33.1, e outra em Jó 36.26. Qualquer que tenha sido a origem literária desses discursos, eles sem dúvida oferecem uma transição significativa das últimas palavras do herói (ver Jó 31.40) para os discursos de Yahweh (ver Jó 38.1 - 42.6). Tem sido expressa, com freqüência, a opinião de que essas coisas abrandam o poder dramático do livro, mas também podemos observar que constituem uma espécie de transição gradual para a teofania divina" (Samuel Terrien, *in loc.*).

Natureza dos Quatro Discursos de Eliú:

Primeiro Discurso. a) Feito a todos os quatro participantes do drama: Jó e seus três "amigos molestos" (Jó 32.6-9).

Os discursos presumivelmente foram feitos sob inspiração divina (Jó 32.8,9), pois ultrapassava o acúmulo da sabedoria dos homens mais velhos. Por conseguinte, Eliú tinha autoridade para dizer o que disse, embora não fosse idoso "em sabedoria", como os outros supunham que fosse. Eliú não estava interessado em lisonjear os homens, nem Jó nem seus amigos-críticos, mas fingia falar as próprias palavras de Deus. b) Feito aos três amigos-críticos (Jó 32.10-14). c) Feito a Jó tão-somente (Jó 32.15-33.33).

Eliú não aceitou a defesa de Jó. Em sua opinião, Jó certamente não era inocente, conforme afirmava ser. Ademais, Jó lutava contra Deus, mantendo sua tese falsa e, a isso, ele adicionava seus pecados anteriores. O arrependimento poderia ter revertido os sofrimentos de Jó, mas ele era tão arrogante, a ponto de não buscar cura pelo caminho reto. As expressões de Eliú compõem uma excelente poesia, mas ele não adicionou nenhuma novidade à discussão. Ele repetiu, essencialmente, os temas que os três cruéis "amigos" já haviam apresentado.

Segundo Discurso. a) Feito à tríade terrível (Jó 34.1-15). b) Feito a Jó (Jó 34.16-37).

Eliú tomou sobre si mesmo a tarefa de instruir a terrível tríade, homens dotados de suposta sabedoria. Em suas palavras, repetiu elementos dos discursos que já haviam sido dados. Na opinião dele, Jó certamente era um ímpio; ele disse que Deus não se importa com os bons, mais do que com os maus, e trata-os com zombaria. Ele reafirmou o tema principal da *Lei Moral da Colheita segundo a Semeadura* (ver Jó 34.70), o impacto primordial do argumento dos três amigos. Ver sobre este assunto no *Dicionário.* Eliú queria que Jó continuasse a sofrer por causa de suas ousadas blasfêmias (vs. 36). Jó adicionou *rebelião* aos seus pecados (Jó 34.37). E quem poderia tolerar a arrogância dele? (vs. 37). A maior parte do capítulo 34 está preocupada com a lei da colheita segundo a semeadura. Nada novo foi adicionado ao que vemos nos discursos anteriores, mas Eliú disse coisas bem pensadas, acrescentando valor poético ao livro.

Terceiro Discurso. Feito a Jó (Jó 35.1-16): Jó foi violentamente atacado por suas reivindicações ridículas de ser mais justo do que Deus (ver Jó 35.2). Jó era culpado de pecados contra Deus e contra os homens, mas continuava fingindo-se de inocente. Jó era um falador inveterado em suas defesas. Ele multiplicava palavras, mas não apresentava conhecimento algum. Eliú apontava para as vantagens de ser piedoso, em contraste com a asserção de que Deus trata com os justos exatamente como trata com os maus (ver Jó 9.22).

Quarto Discurso. a) Feito a Jó (Jó 36.1-37.1). b) Feito à miserável tríade (Jó 37.2-13). c) Feito a Jó (Jó 37.14-24).

Eliú continuou defendendo Deus contra os ataques mordazes de Jó. Prosseguiu com seu tema da lei da colheita segundo a semeadura, como se isso solucionasse o problema do mal com um único golpe mágico. No vs. 10, ele apresentou valiosa adição, entretanto: a aflição pode agir como medida *disciplinadora,* e não, meramente, como retribuição. Não obstante, em sua rebeldia, Jó negligenciava os possíveis bons efeitos disso. Homens que rejeitam a disciplina devem perecer. Eles demonstram ingratidão e devem sofrer por esse motivo. Eles morrem jovens e na corrupção.

No capítulo 37, é exibida a majestade de Deus. Ele é o Governante de toda a criação, tanto animada quanto inanimada: o homem, as feras selvagens e os elementos da natureza. De fato, Deus é a única causa (vs. 12). Ele produz a *correção em Suas manifestações* (a noção de disciplina é repetida, vs. 13). Eliú aconselhou Jó a respeitar o Elevado Deus, em vez de continuar a blasfemar contra Ele. Ele o convidou a respeitar o Deus Altíssimo e assim exibir verdadeira sabedoria (vs. 24). Os que são sábios, de acordo com seus próprios pensamentos e definições (conforme se julgava que Jó o fosse), não são respeitados pela Mente divina (vs. 24). Nesse ponto, porém, Yahweh interveio e cortou todos os raciocínios humanos, argumentações e insensatez.

Eliú, o jovem místico, conseguiu adicionar algo de valor à discussão, e ofereço um *gráfico ilustrativo* sobre a questão no fim do capítulo 37.

Discursos de Eliú (32.1 – 37.24)

1. O propósito da aflição (capítulos 32 e 33)
2. Vindicação da pessoa de Deus (capítulo 34)
3. As vantagens da piedade (capítulo 35)
4. Deus é grande, e Jó era um ignorante (capítulos 36 e 37)
5. O sofrimento pode servir-nos de disciplina (capítulo 37)

O *principal tema* do livro é a *adoração desinteressada.* Porventura os homens adoram a Deus somente como um meio de obter algo para si mesmos, e não por causa do próprio Deus? Quando afligidos, terminarão eles no ateísmo e na blasfêmia? (ver Jó 1.11 e 2.5). Para tentar descobrir a verdade, Jó tinha de sofrer. Portanto, temos o segundo grande tema do livro: o *problema do mal,* que discuto na quinta seção da *Introdução* e em um artigo existente no *Dicionário.* Por que os homens sofrem e *por que* sofrem como sofrem? Por que os *inocentes* sofrem? Jó era um homem inocente (ver Jó 2.3). Talvez o *caos* atinja tanto os justos quanto os ímpios. *Nesse caso,* devemos pedir proteção contra o *caos,* a cada dia, para nós mesmos, para nossos entes queridos e para nossos amigos.

Prefácio aos Discursos de Eliú, Dados como Prosa (32.1-5)

O Silêncio dos Amigos (32.1)

As palavras de Jó tinham terminado (ver Jó 31.40), deixando mudos os seus "amigos". Eles simplesmente desistiram da tentativa de mostrar a Jó o erro de seu caminho, e retrocederam diante de sua arrogância e da ridícula insistência em ser *inocente.*

32.1

Cessaram aqueles três homens de responder a Jó. *Jó Havia Terminado Seus Discursos.* E outro tanto havia acontecido a seus três amigos. Nada

mais ele tinha para dizer, nem eles continuaram a falar. Isso preparou o palco para Eliú, que afirmaria falar por inspiração divina e, portanto, com maior *autoridade* do que a terrível tríade. Mas Eliú apenas repetiria o que os outros já haviam dito, em boa poesia, mas não com nova substância, exceto porque falaria sobre o sofrimento como medida disciplinadora. Ver a introdução a este capítulo, anteriormente. Jó tinha feito reivindicações ridículas. Suas dores demonstravam que ele era ímpio, estava sendo castigado e, no entanto, continuava afirmando a sua inocência. Conforme dizemos em uma expressão idiomática moderna, seus amigos "desistiram dele", ou seja, consideraram que seu caso era inaceitável e deixaram de gastar mais tempo com ele. Eles disseram tudo quanto podiam. De fato, tinham feito *esforços heróicos*, mas esses esforços foram dilapidados em Jó, aquele homem arrogante. Os amigos molestos de Jó (ver Jó 16.2) simplesmente desistiram da batalha. A boca deles se esvaziara de argumentos (vs. 5). Eles não conseguiram convencê-lo, fato que usualmente acontece nas argumentações. Quanto a Jó considerar-se justo aos seus próprios olhos, cf. Jó 3.26; 6.10; 10.7; 13.15; 19.6; 23.7,10,11 e 27.6.

32.2

Então se acendeu a ira de Eliú. Ver no *Dicionário* o artigo sobre *Eliú*, quanto ao que se sabe sobre ele e seus discursos. Seu nome significa "Meu Deus é Ele", referindo-se a *El*, o Deus Todo-poderoso. No panteão dos semitas, *El* era o Deus principal. No monoteísmo dos hebreus, esse tornou-se o nome do único Deus.

Eliú ficou desgostoso e sua ira acendeu-se pelo fracasso dos consoladores miseráveis em convencer Jó de seu pecado, levando-o ao arrependimento. Mas ele concordou com os *três* amigos, quanto aos argumentos gerais, e esperou, mediante alguma expressão superior (divinamente inspirada, vs. 8), conseguir fazer aquilo que eles deixaram de fazer. Eliú era um "jovem de cabeça quente", que pensava saber mais do que as pessoas mais velhas, e buscava soluções fáceis para questões difíceis, que a "geração mais idosa" não fora capaz de descobrir. O jovem ficara especialmente indignado com Jó, diante de suas declarações bizarras, de seu desrespeito por Deus e de sua contínua insistência em ser inocente. Ele pensava que a justificação de Jó sobre si mesmo era totalmente ridícula, e clamava por uma réplica que ele (em sua arrogância) julgava ser capaz de oferecer. Jó chegara ao extremo de justificar a si mesmo, em lugar de Deus. De fato, ele chamara Deus de injusto, porquanto punia os bons tanto quanto os maus (ver Jó 9.22), sem nenhuma distinção.

Quanto à justificação de Jó sobre si mesmo, cf. Jó 19.6. Jó, pois, defendia tanto os seus motivos quanto a sua conduta.

32.3

Também a sua ira se acendeu contra os três amigos. *Eliú Era Jovem Iracundo.* Ele estava irado contra Jó e contra seus três amigos, por não terem feito valer sua opinião contra Jó; eles tinham falhado em convencer o hipócrita de seus erros. Os argumentos deles formavam bela poesia, mas tinham fraco poder de persuasão. "Ele se inflamou contra os três, porque eles haviam declarado que Jó era culpado, mas sem apresentar evidências adequadas (cf. Jó 32.12). A ira parecia ter caracterizado grande parte daqueles conflitos verbais. Os três *pugilistas* ficaram irados contra Jó que, por sua vez, estava com raiva deles e de Deus. Jó também pensava que Deus estava com raiva deles. E agora Eliú também estava furioso" (Roy B. Zuck, *in loc.*). De fato, *aquele* jovem estava furioso com todos, exceto contra Deus.

Os três amigos tinham condenado Jó, mas não o haviam convencido. Eliú, em sua juventude precipitada, esperava obter maior sucesso, e, de fato, foi isso o que tentou fazer.

32.4

Eliú, porém, esperava para falar a Jó. *Eliú, o cabeça quente*, precisava observar o costume oriental de respeitar os mais velhos. Portanto, sentou-se quietamente, ouvindo toda a discussão, mas ia esquentando mais e mais ao perceber a futilidade de todos os esforços dos três amigos de Jó. Ele mal podia conter-se, quando Jó apresentou sua defesa final. Mas, assim que esta terminou, Eliú se levantou com toda a arrogância, projetou o maxilar inferior e começou a atirar suas palavras de terror. Ele atacou Jó e seus três amigos, pois, afinal de contas, eram *todos* idosos estúpidos que precisavam receber instrução da parte de um jovem superior! "A ira de Eliú *explodiu* ainda com maior violência, porque ele teve de conter-se durante a discussão, por causa de sua juventude" (Samuel Terrien, *in loc.*).

> *Os jovens prestam-se mais a inventar do que a julgar; inclinam-se mais a executar do que a aconselhar. Dispõem-se mais a iniciar novos projetos do que a terminar projetos antigos.*
>
> (Francis Bacon)

> *Os jovens pensam que homens idosos são tolos.*
> *Os homens idosos sabem que os jovens são tolos.*
>
> (Provérbio do século XVI)

> *Não há insensato como um insensato velho.*
>
> (John Lyly)

32.5

Vendo Eliú que já não havia resposta na boca daqueles três homens. Este versículo repete a menção à ira de Eliú vista nos vss. 2-3, onde ressalto a questão. Ele considerou a idade de Jó e de seus amigos, e manteve-se quieto o máximo que pôde, em consonância com os costumes orientais (cf. Jó 29.8,21; 32.6,7,11,12). Finalmente, sua vez de falar tinha chegado, e ele tirou proveito da ocasião com toda a sanha.

> *Eu estava irado com meu amigo;*
> *Eu disse à minha ira "pára" e minha ira terminou.*
> *Eu estava irado com meu adversário;*
> *Eu não disse nada, e minha ira apenas cresceu.*
>
> (William Blake)

> *A ira começa com a insensatez e termina com o arrependimento.*
>
> (Henry G. Bohn)

> *A ira e a insensatez caminham juntas, e então o arrependimento segue a ambas.*
>
> (Benjamim Franklin)

> *A melhor resposta para a ira é o silêncio.*
>
> (Um provérbio alemão)

> *A resposta branda desvia o furor, mas a palavra dura suscita a ira.*
>
> (Provérbios 15.1)

Primeiro Discurso. A Fonte Verdadeira da Sabedoria: o Espírito de Deus (32.6-22)

32.6

Disse Eliú, filho de Baraquel, o buzita. Eliú enveredou pela abordagem do *misticismo;* ver o artigo com esse nome no *Dicionário*, quanto ao problema de "como conhecer as coisas". As *revelações* são uma subcategoria do misticismo. Eliú, pois, rejeitou os pontos de vista tradicionais e dogmáticos. Ele não se deixava impressionar pela sabedoria acumulada, como aquela contida nas declarações dos sábios, e supunha que um homem jovem (conforme ele mesmo o era) fosse tão sujeito à iluminação direta como às declarações dos homens mais velhos. Ver na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* o artigo chamado *Conhecimento e a Fé Religiosa*, onde se encontra uma discussão completa do problema de como obter conhecimento.

Como o Misticismo Funciona:

Deus (deuses, espíritos etc.)

Profeta (um recebedor)

Livros Sagrados

Igreja (protetora e propagadora das "verdades")

Se Deus quiser revelar-se a Si mesmo e a outras verdades, essa é uma questão Dele. Usualmente, Deus tem um mediador, um profeta, um homem santo etc., cujos discípulos registram suas declarações. Esses escritos tornam-se os Livros Sagrados. Uma igreja ou outra organização é formada a fim de proteger, canonizar e propagar as verdades recebidas por profetas. Naturalmente, essa é a maneira geral pela qual as coisas operam, mas os sistemas místicos, apesar de concordes com alguns pontos vitais, diferem quanto aos detalhes.

Existem testes para determinar a validade das experiências místicas e das revelações. O artigo sobre *Misticismo* entra no aspecto da questão Naturalmente, há um *misticismo falso*, o que, provavelmente, constitui a maior parte dessa questão toda. Caros leitores, existe um misticismo falso na igreja cristã, e devemos ter consciência disso. Ainda precisamos discernir os espíritos. E há também um misticismo verdadeiro na igreja, e não devemos ser hostis a essa forma de misticismo. Precisamos do toque místico em nossa vida, visando o desenvolvimento espiritual. Ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Desenvolvimento Espiritual, Meios do*. Eliú *afirmava* possuir iluminação direta da parte do Espírito de Deus, no entanto ele não pôde solucionar o problema de Jó nem desvendar as *razões* do sofrimento humano. Ademais, Eliú acusou falsamente Jó. Portanto, que podemos dizer sobre seu alegado conhecimento especial através da Luz? Parece que Eliú estava auto-enganado, e ser arrogante sobre a sua luz não a faria brilhar. Não obstante, ele tinha algumas coisas úteis para dizer.

Arreceei-me e temi. O *jovem* hesitou em interromper a conversação, por ser sensível ao conceito oriental do respeito aos mais idosos. Ele "temia" (vs. 6) envolver-se. Finalmente, sua *opinião* sobre a questão tinha de ser expressa, tão grandes eram os seus anelos íntimos para revelar sua alegada sabedoria superior, obtida por meio de experiências místicas. O caso de Eliú adverte a não termos tanta segurança quanto a nós mesmos; a não nos deixarmos inchar pelo nosso suposto conhecimento, verdadeiro, falso ou parcialmente verdadeiro, mas, em *todos* os casos *defeituoso*, pois nenhum ser humano é assim tão esperto.

32.7

Dizia eu: Falem os dias. Os *dias* deveriam ter permissão para falar, ou seja, o homem que tinha vivido longo tempo presumivelmente deveria ter acumulado sabedoria, embora existam homens que, como é óbvio, são *idosos insensatos*. A idade não garante a sabedoria, mas, em alguns casos notáveis, há uma correspondência. Portanto, Eliú estava disposto a permitir que homens mais velhos falassem primeiro, mantendo a boca fechada, até que seu espírito se irasse e ele tivesse de falar. A verdadeira sabedoria, ele haveria de dizer, vem pela iluminação, e não pela mera passagem dos anos; ele, como jovem, estava tão sujeito à iluminação (conforme ele pensava) quanto os homens mais velhos que tinham atacado o infeliz Jó. Eliú não se impressionava com a sabedoria acumulada, como aquela contida em provérbios registrados nos livros. Ele não era um tradicionalista nem um indivíduo dogmático. Antes, era um revelacionista, sempre à procura de uma visão, um sonho, uma iluminação interior.

32.8

Na verdade, há um espírito no homem. O *espírito humano* recebe as mensagens do Espírito de Deus. Deus anseia por revelar a verdade, mas precisa de um espírito receptivo. O ponto que os revelacionistas constantemente perdem de vista é que um homem, que vive em batalha espiritual por longo tempo, acumulou não somente sabedoria através da experiência espiritual, mas também é um *depositário* do conhecimento que *outras pessoas* obtiveram, pela iluminação espiritual ou por qualquer outro modo. Caros leitores, tenho de dizer a vocês a verdade. John Gill, em seus comentários versículo após versículo da Bíblia, disse-nos mais verdades e é uma fonte muito maior de sabedoria e verdade do que aquelas pessoas "lá fora" que estão sempre obtendo alguma nova sabedoria e algum presumido novo conhecimento. Se respeitamos o que o Espírito Santo nos dá, então também devemos respeitar o que é dado a outros, por quaisquer meios que Ele tiver escolhido. Há muitas maneiras de comunicar o conhecimento, não somente o meio místico, e todos esses modos são *defeituosos* (incluindo o místico), porquanto o homem é um receptor e um comunicador defeituoso. O *antiintelectualismo* (ver a respeito no *Dicionário*) está sempre em erro, porquanto o intelecto é dom de Deus e poderoso meio de comunicar conhecimento. O intelecto não compete com a iluminação espiritual. Antes, eles jogam na mesma equipe. Precisamos de todos os meios que pudermos obter em nosso conhecimento e progresso espiritual. Eliú era um jovem de cabeça virada para baixo, dependendo demais de um único modo de conhecer as coisas. Uma espiritualidade madura não lança em competição os modos de aprendizado, mas unifica-os em um único esforço para adicionar conhecimento à nossa fé. Há duas grandes colunas espirituais, dois grandes elementos que compõem nossa espiritualidade: *amor* e *conhecimento*. Podemos saber todas as coisas, compreender todos os mistérios e ter visões todos os dias; mas, se não tivermos *amor*, nada seremos (ver I Cor. 13.2).

É possível que a única coisa que a discussão de Eliú tenha adicionado à compreensão do problema do mal tenha sido o discernimento de que o sofrimento humano pode ser uma disciplina, conforme ele declarou. Ver Jó 37.10,13. A *Oxford Annotated Bible*, no vs. 1 deste capítulo, vê mais valor nos discursos de Eliú do que a mera repetição dos argumentos da terrível tríade, e menciona os seguintes elementos: a função reveladora dos sofrimentos; a natureza severa do *amor de Deus*; e um indício da salvação pela fé. Conforme avançarmos, descobriremos que essa avaliação é correta. No fim do capítulo 37, dou um gráfico que ilustra o que Eliú adicionou.

Seja como for, Eliú falou sobre um Deus Todo-poderoso que pode agir conforme achar melhor, e por certo pode inspirar um *jovem* se assim o quiser. Vivemos, movemo-nos e pensamos mediante o poder de Deus, de maneira que nosso conhecimento está envolvido em nossa comunhão com o poder divino.

Espírito. Consideremos os pontos abaixo:

1. Alguns escrevem esta palavra com letra maiúscula inicial e falam sobre o Espírito Santo em nós residente.
2. Outros retêm a letra inicial minúscula e dão a impressão de que se trata do espírito da profecia.
3. Ainda outros vêem no espírito um poder receptivo, no homem, à revelação divina.
4. Outros pensam que Eliú se referia à alma imortal, um agente natural da iluminação. Mas é duvidoso ter aqui uma referência velada à parte imaterial do homem, que não era assunto da teologia patriarcal.
5. Finalmente, esse "espírito" é apenas uma referência à iluminação divina.

32.9

Os de mais idade não é que são os sábios. Os grandes, os anciãos, os que têm conhecimento acumulado, adquirido através dos livros, nem sempre são sábios, e os idosos não compreendem, necessariamente, o que é *correto* (Revised Standard Version). Mas é conforme tem sido dito: "Não há tolo como um tolo velho" (John Lyly). Cf. o vs. 7, onde já encontramos, de forma antecipada, essa linha de pensamento. O trecho diz, no hebraico original, "grandes", mas com essa palavra devemos compreender os *idosos*. Cf. Gên. 25.3, onde temos a mesma palavra hebraica envolvida. Cf. a declaração de Jó, em Jó 12.2: "Na verdade vós sois o povo, e convosco morrerá a sabedoria".

Cf. também I Cor. 1.26. A *sabedoria dos gregos* não encontrou solução para nenhum problema importante, a despeito de toda a excelência e poder intelectual. Por outro lado, isso não significa que devamos desprezar a sabedoria dos gregos, ou qualquer outra espécie de sabedoria, nem que devamos mostrar-nos tão arrogantes a ponto de pensar que a *nossa sabedoria* é tão grande assim. A arrogância quase sempre acompanha os revelacionistas. Não obstante, os tradicionalistas e os dogmáticos, promovendo seus sistemas *sábio-estúpidos*, não são menos arrogantes.

32.10

Pelo que digo: Dai ouvidos. Porquanto os de mais idade não são, necessariamente, os grandes modelos de sabedoria, Eliú disse que tinha o direito de expressar sua *opinião*. Ao assim fazer, não exageraria em suas opiniões? Ver os comentários sobre o vs. 8.

Principais Idéias dos Discursos:

Queixas de Jó	*Respostas de Eliú*
1. Deus silenciou. Ele recusou-se a responder às responder às responder às orações de Jó. 13.22; 33.13.	*Primeiro discurso.* Deus fala por meio dos sonhos e da dor: capítulo 33.
2. Deus é injusto. Ele recusou-ser a aliviar a dor de Jó, embora fosse homem inocente: 2.3; 19.6,7; 27.2; 34.5,6.	*Segundo discurso.* Deus é justo: capítulo 33.
3. Deus não dá atenção aos homens, já que não se importa com eles.	*Terceiro discurso.* Deus é soberano. Portanto pare de se queixar; O sofrimento humano não O atinge, nem mesmo quando um inocente sofre: 10.7; 35.3.
4. Nenhuma queixa de jó foi respondida.	*Quarto discurso.* O educador divino tem métodos especiais. Há propósitos na aflição. Está envolvida a disciplina. O temor do Senhor é central em toda a vida, se um homem deseja ser justo.

Quanto a um tratamento mais detalhado, ver a introdução ao presente capítulo. Ver o gráfico em Jó 33.8 quanto a citações de Jó nos discursos de Eliú, onde também encontramos suas refutações às acusações e presunções de Jó.

32.11

Eis que aguardei as vossas palavras. *Este versículo repete* o que é dito nos vss. 4-10, como se fosse um sumário. Eliú teve cortesia oriental, ao permitir que os idosos falassem primeiro. Ele estava *queimando* e *esfumaçando* de ansiedade, mas permaneceu calmo. Estava irado, porque os chamados homens idosos não demonstraram habilidade em refutar o ímpio Jó. Por conseguinte, nada mais justo que ter a sua vez de falar. Eliú asseverou que tinha *cumprido o* seu dever, ao esperar pela sua vez de falar, mas também disse que tinha o *direito* de manifestar-se.

Os homens idosos buscaram para cima e para baixo (tradução literal do original hebraico) por palavras que derrotassem os argumentos de Jó. Temos aqui uma *fina ironia*. A busca diligente deles não produzira nenhum resultado. Mas o jovem não precisava pesquisar: ele estava cheio de conhecimento revelado, ou não?

32.12

Atentando, pois, para vós outros. *A despeito de esforços heróicos,* que Eliú nervosamente tinha testemunhado, os idosos homens sábios não encontraram solução para o problema do mal (por que os homens sofrem e por que sofrem como sofrem), nem refutaram as blasfemas palavras de Jó e sua constante reivindicação de inocência. Eliú, pois, justificava sua *intrusão* na discussão. Ele tinha o direito de intervir (embora fosse apenas um jovem) porque os homens de mais idade não tinham obtido sucesso. *Deus* precisava de alguém que fizesse Jó retroceder até o lugar que lhe cabia. E Eliú considerava-se a pessoa divinamente escolhida para realizar essa tarefa.

"Eles tinham falado multidões de palavras, mas foram incapazes de derrubar os argumentos de Jó" (Adam Clarke, *in loc.*). Ninguém vencera na argumentação, mas Eliú viu, desolado, que Jó tinha certa vantagem. Alguém precisava ganhar o dia. Ele era o salvador nomeado e poria o ímpio Jó de volta no seu devido lugar, ao mesmo tempo que vindicaria Deus! Na verdade, Eliú era um jovem extremamente pretensioso.

32.13

Não vos desculpeis, pois, dizendo. Eliú chegou a perceber uma *razão divina* pela qual a terrível tríade falhara em derrotar Jó: se tivessem tido sucesso, sentir-se-iam orgulhosos e gloriar-se-iam de que *sua sabedoria* realizara o feito. Mas Eliú, labutando somente em favor da sabedoria de Deus, dada por iluminação, naturalmente daria o crédito a Deus. Fosse como fosse, Jó era um oponente tão poderoso, que somente Deus poderia repreender sua insensatez e suas falsas pretensões. Só Deus poderia fazer aquele *hipócrita* voltar ao devido lugar. Em sua arrogância, Eliú pensava ter uma comissão especial da parte de Deus, e os três amigos de Jó haviam fracassado por contarem somente com a sabedoria humana, não tendo sido nomeados para a tarefa de humilhar o orgulhoso Jó.

32.14

Ora ele não me dirigiu palavra alguma. O sujeito dessa frase é Jó, e não Deus. Jó não havia dirigido ataques verbais contra Eliú, de modo que este não tinha nenhuma obrigação em responder às tolas invectivas de Jó. Além disso, mesmo que Eliú tivesse sido atacado por Jó, estava acima de todas as disputas insensatas. Ele tinha uma mensagem e uma comissão *da parte de Deus,* e soaria como se fosse o próprio Deus que dissesse a Jó como e por que ele estava errado. Foi assim que o jovem Eliú adotou ares de *superioridade,* conforme dizemos em nossa expressão moderna. Ele estava acima de Jó; também estava acima dos miseráveis consoladores de Jó (ver Jó 16.2), e somente *um pouco abaixo* do próprio Deus! De fato, Eliú soava como o fazem os *homens,* quando aceitam uma causa qualquer e agem com precipitação típica da juventude.

> *Os embaraços jovens!*
>
> (Paul Gavarni)

Os jovens são rudes e crus. Dão respostas improváveis a perguntas difíceis. Suas simplificações são embaraçosas.

> *O sangue jovem deve correr o seu curso,*
> *E todo o cão deve ter sua carreira desimpedida.*
>
> (Charles Kingsley)

Se um homem não é radical quando tem 20 anos de idade, não tem coração. Mas, se um homem continua sendo radical aos 30 anos, então não tem cabeça.

Em sua sabedoria superior, Eliú não faria uso de nenhum discurso da tríade terrível (mas, na realidade, foi o que ele fez). Ele apresentaria uma nova argumentação, proveniente diretamente de Deus, por meio da iluminação espiritual! A *antiga* argumentação falhara. Eliú tinha certeza de que seu *novo estofo* alcançaria sucesso retumbante.

32.15

Estão pasmados, já não respondem. Este versículo reitera a mensagem dos vss. 1 e 3. Os molestos amigos de Jó estavam "pasmados" e "silentes", devido aos argumentos usados por Jó. Estavam *embaraçados* (Revised Standard Version). E terminaram todos no silêncio. Por conseguinte, era apenas justo que Eliú tomasse e continuasse a causa que eles haviam abandonado. O ímpio Jó precisava ser confundido, por amor a Deus. O grande Eliú viera em socorro para salvar a causa de Deus. Os *impotentes profissionais* (Samuel Terrien, *in loc.*) tinham fracassado, pelo que o gênio inspirado, Eliú, teve de ocupar-se da tarefa.

32.16

Acaso devo esperar, pois não falam. Visto que os homens de mais idade se calaram, de pé, em sua estupidez, boca aberta mas sem palavras, era *responsabilidade* de Eliú quebrar o silêncio com seus discursos dourados. Teria sido ridículo para ele continuar esperando. "Eles não falavam. Estavam mudos como peixes" (John Gill, *in loc.*). E isso deu ao impetuoso Eliú a oportunidade pela qual ele tanto aguardara.

32.17

Também eu concorrerei com a minha resposta. Este versículo repete o que lemos no vs. 10, cujas notas expositivas também se aplicam aqui. Eliú usaria de muitas palavras. Seu discurso ocuparia 157 versículos, mais ou menos a mesma coisa que o chamado discurso final de Jó (capítulos 26-31). Seu discurso foi mais longo que os três discursos combinados de qualquer dos "amigos molestos" de Jó, ou seja, ele falou mais do que qualquer um deles, isolados, mas não mais do que os três conjuntamente. Portanto, Eliú foi o mais falador dos quatro, e somente o próprio Jó falou mais do que ele.

32.18

Porque tenho muito que falar. *Eliú Estava Cheio de Palavras.* Também estava cheio de poder; cheio de argumentos, e não podia continuar contendo-se. Ele lançava toda a culpa daquela *impulsão para falar* sobre o espírito dentro dele, presumivelmente inspirado pelo Espírito de Deus. Essa circunstância faz-me lembrar de uma história contada por um pregador, acerca de um amigo dele. Certo homem pertencia à classe dos pregadores orgulhosos e pensava não precisar preparar suas mensagens, pois, afinal de contas, o Espírito Santo o inspirava! Por conseguinte, ele se referiu à forma como *o Espírito* enchia sua boca com as palavras que ele falava. Mas o outro pregador replicou: "Sim, sua boca está cheia, mas com ar quente". Caros leitores, profecias espontâneas ou presumivelmente inspiradas muitas vezes são sem substância, o que se evidencia quando são examinadas. Dai-me John Gill, que sempre falava palavras de peso e nunca reivindicou receber iluminação direta para elas. Algumas vezes, o Espírito nos inspira diretamente, mas não com muita freqüência. *Espontaneidade* não é sinônimo de verdade. Eliú estava levando-se por demais a sério. Cf. a ansiedade de Paulo, em Atos 18.5. Algumas vezes, a ansiedade vem da parte de Deus, mas o mais freqüente é haver alguma origem humana para ela. "... meras palavras, como aquelas que nada têm de sólido e de substancial nelas. Isso exibe o caráter de um homem insensato" (John Gill, *in loc.*).

> *O estulto multiplica as palavras, ainda que o homem não saiba o que sucederá; e quem lhe manifestará o que será depois dele?*
>
> (Eclesiastes 10.14)

32.19-20

Eis que dentro em mim sou como o vinho. Eliú era o homem de ventre explosivo. Estava cheio de gases de vinho, produzidos pela fermentação. Seu estômago e seus intestinos eram como velhos odres de vinho, prontos a estourar. Cf. Mat. 9.17. O vs. 19, pois, repete o vs. 18, dizendo a mesma coisa com a metáfora dos odres de vinho. É um perigo guardar vinho novo em odres previamente esticados; esse fato, os fermentadores de vinho novo sempre observavam. Portanto, eles sempre usavam odres novos, que podiam suportar a fermentação do vinho novo, pois o couro era novo e forte. Eliú teve de falar, a fim de *aliviar* a pressão causada pelos gases (vs. 20). Caso contrá-

rio, ele explodiria num ataque de nervosismo. Na verdade, ele era um jovem precipitado e impulsivo!

Minhas palavras voam, mas meus pensamentos permanecem cá embaixo. Palavras sem pensamentos nunca sobem aos céus.

(William Shakespeare)

As palavras podem ser falsas e cheias de arte. Suspiros são a linguagem natural do coração.

(Thomas Shadwell)

Eliú falou sem tato, inspirado por sua mente jovem e inexperiente. Sua sinceridade era precipitada, não abrandada pelo amor, nem temperada com a razão. Ele era puro fogo. Jó terminaria severamente queimado pelo discurso precipitado de Eliú. Sairia cortado e queimado com a sua teologia.

Odium Teologicum

Ó Deus... que carne e sangue fossem tão baratos!
Que os homens viessem a odiar e matar,
Que os homens viessem a silvar e decepar a outros
Com língua de vileza,
... por causa de...
"Teologia".

(Russell Champlin)

32.21

Não farei acepção de pessoas. Conforme diz uma expressão idiomática moderna, Eliú derrubaria a árvore sem se preocupar onde cairiam as lascas de madeira. Ele não temia a fisionomia de nenhum indivíduo nem glorificaria pessoa alguma com títulos honoríficos, como "senhor", "doutor" ou "venerável". Ele era como o Deus Altíssimo que estava acima de todos e não tinha respeito por nenhum ser humano. Presumivelmente, não respeitando a quem quer que fosse, ele não tomaria partido. Ele não defenderia automaticamente os amigos molestos nem Jó. Simplesmente diria a verdade. Eliú, entretanto, tinha todos os sinais de um indivíduo preconceituoso, a despeito de suas corajosas palavras. Em sua maior parte, entretanto, ele simplesmente tomou o lado dos três críticos de Jó.

Títulos Orientais Lisonjeadores que Eliú evitaria: difusor de benefícios; exaltado e pomposo; respeitável; creme dos contemporâneos; benfeitor dos pobres; monarca vigilante; asilo da verdade; difusor da luz; solucionador de todos os problemas humanos; pureza dos morais; sol do firmamento; fio do bom conselho; portão da bondade; porta da pureza; língua inspirada.

Quanto a um tratamento *imparcial,* segundo a lei de Moisés, ver Êxo. 23.3 e Lev. 19.15.

32.22

Porque não sei lisonjear. Além de não tomar partido e não usar títulos honoríficos tolos, Eliú estava *ansioso por agradar* ao Justo Juiz, que poderia chamá-lo a prestar contas por sua frivolidade. Ele contemplava um Criador Severo, que poderia arrebatar-lhe a vida, ferindo-o com alguma enfermidade ou acidente, ou encurtando-lhe a vida, caso ele saísse da linha. Aben Ezra interpreta, aqui, o *golpe* que ele poderia sofrer como uma queimadura produzida pelo *fogo do inferno,* mas essa observação é anacrônica. A teologia patriarcal não desenvolveu uma doutrina de recompensas ou punições na vida vindoura. Cf. Sal. 12.2-3: "Falam com falsidade uns aos outros, falam com lábios bajuladores e coração fingido. Corte o Senhor todos os lábios bajuladores, a língua que fala soberbamente".

"A jactância cômica de suas observações de introdução pode ter sido apresentada como *elemento cômico,* com o propósito de aliviar uma tensão trágica" (*Oxford Annotated Bible,* comentando sobre o vs. 22 deste capítulo).

Quem teme ao homem arma ciladas, mas o que confia no Senhor está seguro.

(Provérbios 29.25)

A despeito de suas faltas, Eliú parece ter chegado mais perto de dizer algo significativo sobre os sofrimentos de Jó do que seus outros três amigos. Mas alguns intérpretes chamam Eliú de saco de vento vazio e arrogante.

Quanto ao tema de Deus como o *doador da vida,* cf. Jó 4.17; 9.9; 35.10; 36.3; 40.19. Aquele que dá a vida também pode tirá-la, e Eliú reteve esse pensamento em sua mente. Ele procurou dizer somente a verdade, não agradando a homem algum. Pelo menos, essa foi a sua intenção declarada.

Capítulo Trinta e Três

Ofereço elaborada introdução ao longo discurso de Eliú, no começo do capítulo 32, pelo que não repito o material. Em Jó 32.10, registro os temas principais de seu discurso. Neste capítulo 33, continuamos a tratar de um desses *quatro* discursos, que ocupa Jó 32.6-33.33. A subseção de Jó 32.15-33.33 foi dirigida a Jó. Os quatro discursos de Eliú ocupam a totalidade dos capítulos 32-37. Eliú falou mais do que os três amigos de Jó, embora um tanto menos que Jó em suas réplicas. Jó não teve oportunidade de responder a Eliú, visto que Yahweh interrompeu o processo inteiro, com Seu próprio discurso.

Em Jó 33.8 apresento um gráfico que mostra como Eliú respondeu a Jó. Apresento sete declarações de Jó que foram contestadas no capítulo 33 por esse quarto oponente. Naturalmente, ele inventou muitas outras declarações e observações que não respondiam diretamente ao que Jó tinha dito.

As Sete Declarações Respondidas por Eliú: vs. 9: três; vs. 10: duas; vs. 11: duas. De modo geral, o capítulo à nossa frente fala do significado da persistência sob os sofrimentos.

Uma divisão menos detalhada é como segue:
1. O propósito da aflição (capítulos 32 e 33)
2. Vindicação da pessoa de Deus (capítulo 34)
3. As vantagens da piedade (capítulo 35)
4. Deus é grande, e Jó era um ignorante (capítulos 36 e 37)
5. O sofrimento pode servir-nos de disciplina (capítulo 37)

Significado da Persistência sob os Sofrimentos (33.1-33)

Eliú Falou a Jó de Homem para Homem (33.1-7)

O prolixo Eliú iniciou seu discurso com uma longa introdução, falando face a face com Jó e declarando as bases de seu discurso. Ele falou primeiramente a Jó (capítulo 33); em seguida, dirigiu-se aos três amigos de Jó (capítulo 34); e, então, falou novamente a Jó (capítulo 35). Eliú era homem atarefado, corrigindo o curso daqueles quatro homens com sua sabedoria superior. Ele afirmou estar falando com total candura (vss. 1-3). E convidou Jó a ouvir sem terror, visto que ambos eram apenas criaturas mortais, feitas de barro (vss. 4-7).

33.1

Ouve, pois, Jó, as minhas palavras. *O Discurso Diretamente Administrado.* Por três vezes Eliú dirigiu-se diretamente a Jó: Jó 33.1,31 e 36.16. Por sete vezes ele mencionou o seu nome: Jó 32.12,14; 34.5,7,35,36; 36.16. Isso fez contraste com o que disseram os outros, os quais nunca dirigiram palavra diretamente a Jó nem mencionaram o seu nome. Eliú definitivamente se levava muito a sério, pensando que suas palavras solucionariam todos os problemas de Jó. O quarto oponente, é de presumir-se, nada falou de supérfluo e valia a pena ouvir todas as suas palavras de sabedoria, todos os seus conselhos dourados, pois eram dignos de ser ouvidos e Jó deveria agir de acordo com eles. "Ele começou professando sua sinceridade e integridade. Com referência ao desejo expresso por Jó, ele queria encontrar um árbitro (Jó 9.33), alguém que mantivesse seu direito com Deus (Jó 16.21)" (Ellicott, *in loc.*). No capítulo 32, Eliú falou à terrível tríade, mas neste capítulo se dirigiu a Jó e queria que ele soubesse o quanto estava tentando ser justo. No entanto, ele não podia esconder seu ar de superioridade. Ele continuou falando sobre toda aquela "inspiração divina" à qual ele estava sujeitado, pelo que não era um tradicionalista nem um indivíduo dogmático, mas, antes, um revelacionista. O que mais o Espírito realmente revelou a ele, é outra questão.

33.2

Passo agora a falar. Eliú, aquele saco cheio de vento, tinha algo digno para dizer, mas com a boca aberta ele exibiu a arrogância usual de um jovem que pensava conhecer tudo. Em vez de "boca", o original hebraico diz *palato.* O homem estava provando (submetendo a teste) toda a palavra que saía de sua boca, certificando-se de que tudo era certo, cheio de poder e retidão. Ele falava com *discriminação* e dizia coisas realmente boas (ver Jó 6.30 e 12.11). Fazendo fazia grandes reivindicações de conhecimento, ele insistia: "Eu sei". Ver Jó 32.6,10,17. "Palato... provando e experimentando alimentos (suas palavras); de fato, ele tinha considerado inteiramente o que deveria dizer, pesando bem as palavras, para não dizer coisa alguma que fosse crua ou indigesta" (John Gill, *in loc.*).

ELIÚ INTERROGA E CONTRADIZ JÓ

Eliú foi o mais hábil dos amigos terríveis de Jó. Em relação ao *problema do mal* (por que os homens sofrem e por que sofrem como sofrem), ele tinha as melhores percepções de todos, inclusive Jó. Eliú empregou o argumento quase exclusivo dos outros: a lei moral da colheita segundo a semeadura, mas acrescentou algumas compreensões. Jó manteve sua inocência em toda a discussão e não achou muita ajuda nos argumentos de Eliú para explicar o *enigma* do sofrimento. De qualquer maneira, o Livro de Jó não resolve o problema, mas fornece alguma luz. Ao fim do cap. 37, apresento as compreensões superiores de Eliú. O gráfico presente ilustra como os comentários de Eliú se originaram de declarações que Jó tinha proferido. Ele apresentou quatro discursos, cujos argumentos são em grande parte ecos da argumentação de Jó.

Sumário de Idéias Principais	**Idéias Principais**	**Referências**
Primeiro Discurso: Cap. 33	**Jó:** Deus é indiferente aos sofrimentos do homem. **Eliú**: Deus fala através dos sonhos e pela dor instrutiva.	Cap. 33; ver também 13.22
Segundo Discurso: Cap. 34	**Jó:** Deus não é justo em Seu tratamento para com os homens. Ele é arbitrário. e não respeita o homem inocente. **Eliú**: Deus é justo embora sua justiça possa ser misericordiosa para os homens. Há muitos mistérios.	Cap. 34; ver também 19.6-7 e 27.2
Terceiro Discurso: Cap. 35	**Jó:** Deus sabe o que os homens estão sofrendo, mesmo assim continua indiferente, não agindo em favor dos inocentes nem castigando os maus. **Eliú**: Deus é soberano e, assim, está além das queixas dos homens. Os mistérios persistem.	Cap. 35; ver também 10.7
Detalhes dos Discursos:		
Primeiro Discurso: Cap. 33	**Jó tinha dito:** "Sou puro", mas Eliú não conseguia entender como um homem puro podia sofrer tanto. Deus é arbitrário? Jó estava proferindo blasfêmias.	33.9,12; cf. 6;10; 9:21; 10.7; 12.4; 16.17; 31.6
	Jó tinha dito: "Estou sem pecado", mas nenhum homem é imaculado.	33.9,12,13; cf. 13.23
	Jó tinha dito: "Estou limpo e livre de culpa", mas sua condição demonstrava claramente uma alma podre.	33.9,12, 13; cf. 9.20-21; 10.7 e 27.6

ELIÚ INTERROGA E CONTRADIZ JÓ

Detalhes dos Discursos	Idéias Principais	Referências
Primeiro Discurso: Cap. 33	**Jó tinha dito:** "Deus me culpa injustamente". O Deus justo é soberano, não podendo agir daquela maneira. O homem bom não se torna o inimigo de Deus.	33.10,13,18; cf a 10.6
	Jó tinha dito: "Deus colocou meus pés em correntes". Melhor: é o próprio homem que se depriva de liberdade por causa de seus pecados.	33.1,12,13,17; cf. 13.27
	Jó tinha dito: "Deus atormenta o homem, observando cada passo seu, esperando para feri-lo". Melhor: se o homem é atormentado, ele é auto-atormentado.	33.11,12,13,17; cf. 7.17-20; 10.14; 13.27; 14.16 e 31.4
Segundo Discurso: Cap. 34	**Jó tinha dito:** "Sou justo". Ele falou assim por ignorância. Era um mentiroso e auto-enganado.	34.5,6,7; cf. 9.15,20; 27.6
	Jó tinha dito: "Deus me nega justiça". Melhor: o homem rebelde fica, aparentemente, roubado de justiça.	34.5,6,7,8,12; cf. 19.6-7; 27.2
	Jó tinha dito: "Não sou mentiroso. Falo a verdade". Melhor: Jó era um zombador.	34.6,7,9; cf. 34.6
	Jó tinha dito: "Nem o homem nem Deus podem descobrir nenhum pecado em mim". Melhor: Deus sabe bem em quem atirar.	34.6,10,11; cf. 10.7 e cap. 31
	Jó tinha dito: "As flechas de Deus me feriram estupidamente". Melhor: Deus sabe bem em quem atirar.	34.6,10,11,14,15; cf. 6.4 e 16.13
	Jó tinha dito: "Deus não recompensa o servo fiel". Melhor: Seu governo é perfeito.	34.9,10,11,21; cf. 21.15 e 35.2
Terceiro Discurso: Cap. 35	**Jó tinha dito:** "Afinal, Deus me vindicará". Melhor: Deus é indiferente às pretensões de Jó. Deus é transcendente.	35.2,6,7; cf. 13.18 e 23.7
	Jó tinha dito: "Nada ganho pecando; nada ganho sendo justo". Melhor: Deus, como professor, esclarece tudo, afinal.	35.3,6,7,11; cf. 21.15
Quarto Discurso: Cap. 36	**Jó tinha dito:** "Deus tem agido erradamente contra mim". Melhor: é ridículo fazer tais acusações contra o Deus Supremo. Quem pode acusar Deus de qualquer coisa?	36.23,33,36; cf. 19.6-7

33.3

As minhas razões provam a sinceridade do meu coração. *Eliú* falou claramente o que era certo. Ele era sincero e bom conhecedor das coisas. Que *jovem* excelente ele era! Quando terminasse seu discurso, conforme pensava, Jó ficaria sem fala e convencido de seu erro, encontraria a vereda do arrependimento, e assim seria curado. Eliú era homem de milagres. Ele solucionaria o problema de por que os homens sofrem e por que sofrem como sofrem, então Jó seria livrado de todas as suas tribulações. Ele era a *panacéia* original, a cura para todas as enfermidades. Isso tudo era verdade, porque era o Espírito de Deus que o inspirava. Portanto, como podia ele cometer um equívoco? Eliú deixou entendido que os *quatro,* isto é, os três amigos terríveis de Jó e o próprio Jó, não tinham sabedoria e distorceram a verdade. Mas os discursos de Eliú endireitariam tudo.

33.4

O Espírito de Deus me fez. O jovem Eliú afirmou ser o homem da mão direita de Deus, o qual estava de pé ao seu lado, a cada minuto, sussurrando palavras de sabedoria em seus ouvidos. Ele tinha sido criado pelo Espírito e continuava a andar bem próximo do princípio divino. Em conseqüência, ele foi capaz de descarregar sua torrente de discursos sábios.

Conforme disse Shakespeare: "Penso que o homem está protestando demais". Havia em Eliú falsidade. Ele fazia um número muito grande de reivindicações estranhas. E muitas pessoas, atualmente, seguem o exemplo de Eliú, falando o tempo todo como se estivessem ouvindo a voz de Deus, e assim acham que podem falar com *autoridade*. Talvez sua *jactância cômica* (*Oxford Annotated Bible*) fosse realmente um artifício literário que o autor do livro colocou ali para aliviar a trágica tensão, com um pouco de *humor*.

> *De nada adianta argumentar com o inevitável. O único argumento disponível contra o vento leste é vestir seu sobretudo.*
>
> (James Russell Lowell)

A parte do mundo onde residia Eliú (o deserto da Arábia) era contra o *vento sul,* por isso os homens precisavam de proteção. Por conseguinte, o pobre Jó tinha de resistir aos redemoinhos do vento sul de Eliú.

Ver na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* o artigo chamado *Conhecimento e a Fé Religiosa,* quanto às maneiras pelas quais adquirimos conhecimento. O *misticismo* (do qual a revelação é subcategoria) é uma dessas maneiras. Eliú pensava ser um especialista na maneira revelatória de tomar conhecimento das coisas.

Quanto ao sopro do Espírito de Deus na criação, ver Gên. 2.7. Uma vez que recebeu o sopro e foi trazido à vida, Eliú *supunha* que o Espírito continuasse soprando revelações em seus ouvidos, tornando-o um vaso especial de comunicação para outras pessoas.

33.5

Se podes, contesta-me. O pobre Jó foi chamado a *erguer-se,* enfrentar o temível revelador, Eliú, e derrotá-lo em suas palavras. O poeta tomou por empréstimo, uma vez mais, a metáfora do tribunal. O culpado Jó devia responder às acusações. Eliú tinha de mostrar a falsidade dos argumentos de Jó e também que seus próprios argumentos eram verazes. Jó devia *confrontar* Eliú (no hebraico, *yasab,* "tomar posição"). Essa palavra também pode referir-se à idéia de preparar-se para a batalha (ver I Sam. 17.16; Jer. 46.4; Jó 41.10). Eliú estava preparado para *lutar*. Cf. Jó 30.20, onde Jó queria apresentar diante de Deus sua própria defesa.

33.6

Eis que diante de Deus sou como tu és. Jó desejou confrontar a Deus e, assim, ter uma chance de apresentar o seu caso. Agora, porém, seu desejo foi cumprido, porquanto Eliú estava em lugar de Deus e ouviria os argumentos de Jó, aceitando-os ou refutando-os. O arrogante Eliú, isso posto, era (em sua mente) o agente especial de Deus, ou Seu substituto, o homem escolhido para a tarefa de submeter a julgamento o caso de Jó no tribunal divino (ver Jó 30.20).

Outro significado é dado a este versículo. Eliú era *favorável* a Deus (quanto ao relacionamento), tal como Jó também era. Portanto, eles eram *iguais,* meras criaturas feitas de barro. Nesse caso, compreendemos "diante de Deus quanto à posição", e não "em lugar de Deus", como um oponente de Jó. Seja como for, ambas as idéias figuram no livro. John Gill interpretava conforme o primeiro sentido: "Ele assumiu a posição de advogado de Deus, vindicando Sua justiça e Seu trato com os filhos dos homens". Mas o Targum dá preferência ao segundo sentido, o de *igual posição* diante de Deus, por parte dos dois homens. Com esse parecer também concordava Ben Gerson. Ambos eram vasos, formados por Deus, de um mesmo bolo de argila. Por conseguinte, Eliú dirigiu-se a Jó como homem igual a ele, não como seu superior, e tentou convencê-lo da veracidade de seus discursos. O vs. 7 parece dar peso à segunda dessas idéias.

33.7

Por isso não te inspiro terror. *Jó se Aterrorizou diante de Deus* (ver Jó 7.14; 9.34; 13.21; 23.15,16). Eliú, embora porta-voz de Deus (conforme ele pensava), não estava ali para aumentar o terror de Jó. Afinal de contas, ele era apenas outro vaso de barro, feito pelo mesmo divino Oleiro. Eliú não tinha *mão pesada,* que pressionasse indevidamente Jó, procurando esmagá-lo. Antes, Eliú trataria gentilmente com ele, procurando apenas convencê-lo com raciocínios bem ordenados, baseados em seu conhecimento especial. Eliú prometeu ser gentil, mas o que se seguiu foi, realmente, amargo e duro. Ver Jó 13.21, quanto à *pesada mão* de Deus. Eliú mostrou-se mais prolixo e até mais aterrorizante do que fora a terrível tríade. O pobre Jó teve de resistir aos *quatro* homens. Presumivelmente, Jó nada tinha que temer da parte de Eliú, que, afinal de contas, era apenas um homem, e não Deus. Mas Eliú mostrou-se tão assustador quanto lhe foi possível.

Implicações das Reivindicações de Jó (33.8-12)

33.8

Eliú ouviu tudo quanto Jó disse em suas réplicas aos três "amigos molestos". Jó fez oito discursos, ou, talvez, nove. Eliú não pensava grande coisa sobre o que Jó havia dito; de fato, ele achava que os discursos de Jó estavam cheios de mentiras. Portanto, nos vss. 9-11, temos referências a *sete* das declarações de Jó, cada uma das quais Eliú passava a atacar. Sem dúvida, Eliú teria desejado responder a muito mais declarações, mas aquelas sete eram suficientes para mostrar quão hipócrita e falsificador Jó fora. "No seu total, Eliú não distorceu os repetidos apelos de Jó, mas citou palavras, sem compreender a profundeza da dor e das tristezas do herói" (Samuel Terrien, *in loc.*).

No capítulo 34, Eliú refere-se a outras seis afirmações de Jó; no capítulo 35, a outras duas; e, no capítulo 36, a mais uma, perfazendo um total de *dezesseis* declarações.

33.9

Estou limpo sem transgressão. *Temos aqui sete citações,* que Eliú mencionou, das réplicas de Jó:

1. Jó afirmara ser *puro* (ver Jó 6.10; 9.21; 10.7; 12.4; 16.17 e 31.6). Mas qualquer *idiota* saberia que nenhum homem puro poderia sofrer como Jó. Na verdade, ele era um pecador imundo, que recebia o merecido, em toda aquela dor e sofrimento.
2. Jó afirmara ser um homem *sem pecado* (ver Jó 13.23 e 23.11), mas não falara em sentido absoluto. Ele não se declarou dotado de *perfeição impecável,* conforme fazem alguns tolos evangélicos de nossos dias. Durante minha vida, só encontrei duas pessoas que afirmavam não ter nenhum pecado: uma delas era um bêbado que vagueava pelas ruas, um homem coberto de vícios e pecados; a outra era um pregador pentecostal, homem obviamente autoenganado. Ver I João 1.8.

   > *Se dissermos que não temos pecado nenhum, a nós mesmos nos enganamos, e a verdade não está em nós.*
   >
   > (I João 1.8)

   Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Pecado,* sexta seção, intitulada *Perfeição Impecável.* Jó confessou haver semeado certas ações más em sua juventude (Jó 13.26). Ele continuava pecando, mas não tinha pecados que justificassem a *enormidade* de seus sofrimentos. Ele não havia pecado de tal modo que *merecesse* o que estava sofrendo. Nesse sentido, pois, é que Jó não tinha pecado. Ele negava que a causa de seu sofrimento fosse a *Lei Moral da Colheita segundo a Semeadura* (ver no *Dicionário*). Esta é, verdadeiramente, uma das principais causas de sofrimento neste mundo, mas não a causa dos sofrimentos de Jó. Alguma outra resposta precisava ser encontrada. Jó estava sendo punido "sem causa" (ver Jó 2.3).

   Eliú naturalmente encarava Jó como pecador ímpio, que desempenhava um papel em um palco, *como se* fosse um homem justo. Em outras palavras, Jó era apenas um *hipócrita*.
3. Jó afirmava ser *limpo de qualquer culpa* (ver Jó 9.20,21; 10.7; 27.6). Em outras palavras, ele estava isento de pecados específicos capazes de torná-lo um indivíduo culpado e objeto da retribuição divina. Eliú, entretanto, tentaria mostrar que Jó fizera muitas coisas que o tornavam culpado. Jó não era culpado de nenhum curso vicioso de vida, jamais abusara de outras pessoas, de indivíduos de classes menos afortunadas, como os pobres, as viúvas e os órfãos. Nem tinha ele permitido injustiças em tribunal. Ver o capítulo 31,

quanto à sua longa defesa, na qual ele nega participação em, pelo menos, *dezesseis* erros e abusos humanos comuns. Jó não era culpado de ter cometido nenhuma dessas *coisas específicas erradas*, nem outras semelhantes.

33.10

4. Deus descobriu que Jó era *culpado* e o estava castigando, embora, na realidade, ele fosse inocente. Ver Jó 10.6. Portanto, Jó acusou Deus de haver-se enganado, ou mesmo de ser injusto. O capítulo 31 é uma longa defesa de Jó contra qualquer acusação de ser um homem culpado. Ele era inocente de *todas as acusações,* mas pensava que Deus o estava chamando de culpado por causa da *aparente dor retributiva* de que era alvo, pela suposta perpetração de vários pecados específicos. Deus encontrou motivos contra Jó, pelas ocasiões que ele tinha pecado. Cf. Jó 13.24,26,27 e 19.11. Essas ocasiões provocaram a *hostilidade* de Deus.
5. Deus parecia considerar Jó Seu inimigo, sendo essa a razão pela qual o punia. Cf. Jó 13.24 e 19.11. Havia guerra entre Deus e Jó, conforme Jó pensava. Além de um inimigo improvável para enfrentar Deus, Jó também era um adversário inocente, que não merecia receber aqueles ataques divinos. Para Eliú, entretanto, a justiça divina estava cumprindo-se. Conforme ele pensava, Jó se atirara contra Deus e provocara a guerra.

33.11

6. Deus *perseguia* Jó injustamente, ao pôr seus pés no tronco e ameaçá-lo como se ele fosse um criminoso. A referência parece ser a Jó 13.27, onde dou plenas explicações. Jó era um *prisioneiro inocente* que sofria os rigores e abusos do carcereiro divino. Essa conversa não fazia sentido para Eliú, que só sabia aplicar a regra da colheita segundo a semeadura. Ele não tinha visão mais profunda para encontrar a solução à causa do sofrimento humano. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Problema do Mal*, e a seção V da *Introdução* do livro.
7. Deus estava *perseguindo Jó* mediante um *escrutínio dominador* sobre a sua vida, seguindo-o exageradamente a cada passo e enviando relâmpagos de tempestade divina, cada vez que Ele imaginava alguma infração na conduta apropriada. Ver Jó 7.17-20; 10.14; 13.27; 14.16 e 31.4. Enquanto os ímpios gozavam de lazer e prosperidade, o pobre Jó era atingido de todas as direções, por causa de pecados imaginários. O seu caminho era de espinhos.

O capítulo 33, portanto, contém sete citações dos discursos de Jó. O capítulo 34 contém outras seis citações; o capítulo 35, mais duas; e o capítulo 36, mais uma citação.

33.12

Nisto não tens razão. *Negação Geral.* Com uma declaração geral, Eliú negou todas as reivindicações de Jó e prosseguiu para entrar em detalhes. Jó não era um homem *justo*. Era apenas um mentiroso que usava de argumentos falazes. Era também um hipócrita que ocultava os seus pecados, mas se movimentava como se fosse um homem justo. Ele blasfemava contra Deus; era um indivíduo abusivo, em palavras e atos. Na realidade, Jó seria um pecador notório, pois, de outro modo, não estaria sofrendo como estava.

Deus é Maior que os Homens. Isso significa que *somente Deus* poderia ser o tipo de pessoa que Jó afirmava ser. Jó era apenas uma criatura miserável, repleta de pecados, e não um semideus, acima dos outros homens. Quando alguém exalta a Deus, o que Eliú estava prestes a fazer, degrada automaticamente outros homens, por comparação. Ver o capítulo 9 quanto à exaltação de Deus.

O Desvendamento de Deus ao Homem (33.13-14)

33.13

Por que contendes com ele...? *O pobre pecador Jó* se atirou contra o próprio Deus, com toda a velha conversa de ser inocente. De fato, Jó era um modelo de imperfeições, pecados e abusos. Em sua arrogância, embora se tenha atirado contra Deus, Jó acreditava que Deus não lhe daria resposta. "Ele não responderá a nenhuma de minhas palavras" (Revised Standard Version), Jó pensou. As traduções manuseiam de forma diferente o original hebraico, neste ponto. Algumas fazem com que *Deus* nada diga, isto é, não dê explicações de Seus pensamentos e caminhos, porquanto nenhum homem merece a condescendência divina. O Deus Altíssimo não condescende diante do homem nem explica as *razões* do que lhes acontece. Ademais, "ninguém pode responder às Suas palavras". Ninguém tem o direito ou a capacidade de replicar a Deus ou de esperar explicações da parte Dele. O sofrimento, pois, contém um *mistério* que está oculto na vontade de Deus, e nenhum ser humano pode objetar ao que Deus faz. Se esse é, realmente, o significado, então temos aqui, como em outros lugares, o *Deus voluntarista.* Em outras palavras, Sua *vontade é tudo,* e não precisaremos esperar que a razão tenha algum peso. Outrossim, Sua vontade pode fazer com que coisas que acontecem nos pareçam erradas. Deus não é obrigado a obedecer às Suas próprias regras, que Ele impôs aos homens. Sua vontade é suprema e não segue as nossas regras. Quanto a uma completa explicação sobre o *Voluntarismo,* ver o artigo assim chamado na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia.* A pergunta de Trasímaco (em um dos diálogos de Platão) se aplica aqui: Deus faz uma coisa por ser ela correta, ou ela é correta porque Ele a faz? O voluntarismo nos fornece a segunda resposta.

33.14

Pelo contrário, Deus fala de um modo, sim, de dois modos. Deus realmente fala, mas o homem, em sua ignorância, não O ouve. Isso se dá, pelo menos em parte, porque o homem, carregado de pecados, não pode ser atingido pela Palavra divina. Ademais, Deus fala em mistérios, em uma linguagem que os pecadores não podem compreender. Alguns homens simplesmente não se acham onde possam ouvir a Deus. Deus não está surdo a apelos como os de Jó. Era Jó que estava surdo para com Deus. Deus fala de várias maneiras, conforme Eliú passou a demonstrar. Deus é um *revelador,* mas o homem se esquece disso. Um pregador que conheci disse estar em *terreno de oração.* Em outras palavras, numa situação e *condição* em que as orações de uma pessoa podem ser ouvidas e respondidas por Deus. Eliú falou sobre um homem que estava em *terreno apropriado para ele ouvir.* Em outras palavras, esse homem estava em uma condição na qual podia ouvir a voz de Deus. Jó, como é óbvio, não estava nesse terreno, pois, de outro modo, não se queixaria por Deus não responder às suas orações.

O compositor de um hino intitulado *Spirit of God, Descend Upon my Heart,* estava mais próximo da verdade quando falou sobre "orações não respondidas":

> *Ensina-me... a impedir a dúvida crescente, o suspiro rebelde,*
> *Ensina-me a paciência da oração não-respondida.*

Parte importante do teste de Jó era que Deus tinha deixado de responder às suas orações. Mas isso não acontecia porque Jó fosse culpado. Havia outras razões, até então ocultas.

Modos Divinos de Comunicação e a Resposta Humana (33.15-30)

33.15

Em sonho ou em visão de noite. *Eliú,* que pensava ser recebedor da iluminação, tinha elevado respeito tanto por visões quanto por sonhos. Há artigos sobre essas manifestações do misticismo no *Dicionário;* e, como é óbvio, Deus pode comunicar-se com os homens através desses meios e realmente o faz. Quando um homem está dormindo e sua percepção dos sentidos está fechada, *então* ele pode receber alguma espécie de sonho ou visão. Esses são meios místicos de comunicação porque, realmente, existem *sonhos espirituais.* O longo artigo sobre *Sonhos* penetra nesses assuntos, pelo que não estendo aqui a questão. E, como é óbvio, visões válidas comunicam toda a espécie de mistérios e conhecimentos que precisamos saber, embora também existam misticismos falsos e reivindicações frívolas sobre coisas que não são verdadeiras. Ver o artigo geral denominado *Misticismo.* As revelações são uma subcategoria do misticismo. Precisamos do toque místico em nossa vida, pois esse é um dos meios do desenvolvimento espiritual. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Desenvolvimento Espiritual, Meios do.* Não devemos esquecer o elemento *ético.* A santificação põe o homem no *terreno do desenvolvimento.* Eliú falava demais e também se jactava em ser um grande místico, mas parece que tinha experiência válida suficiente para ser um *pequeno místico.* Demos crédito a ele por isso. Ele tinha *algo* de valor para comunicar.

33.16

Então lhes abre os ouvidos. Através dos meios místicos mencionados no versículo anterior, o Revelador divino abre a mente dos recebedores e, dessa maneira, eles terminam iluminados. Eliú havia passado por essa experiência, de maneira que estava qualificado para instruir Jó. Esse pobre homem estava privado, não havia passado através do sistema de iluminação e, assim sendo, continuava ignorante dos caminhos de Deus.

Deus "derrama a Sua luz" e dá compreensão aos homens. O Espírito Santo é o iluminador. Presumivelmente, Jó veria quão terrível pecador ele era, o quanto precisava de arrependimento para ser purificado. Diante disso, seria curado. O conhecimento resultaria dessa cura. Um homem informado ficaria "aterrorizado" (Revised Standard Version) pelas advertências divinas que obteria acerca de seu estado deplorável, fazendo algo a respeito. Diz a nossa versão portuguesa "sela a sua instrução", conforme diz igualmente a King James Version. Essa instrução seria "impressa na mente" (John Gill, *in loc.*) e teria o selo da aprovação divina, tornando-a *eficaz.*

quanto à sua longa defesa, na qual ele nega participação em, pelo menos, *dezesseis* erros e abusos humanos comuns. Jó não era culpado de ter cometido nenhuma dessas *coisas específicas erradas*, nem outras semelhantes.

33.10

4. Deus descobriu que Jó era *culpado* e o estava castigando, embora, na realidade, ele fosse inocente. Ver Jó 10.6. Portanto, Jó acusou Deus de haver-se enganado, ou mesmo de ser injusto. O capítulo 31 é uma longa defesa de Jó contra qualquer acusação de ser um homem culpado. Ele era inocente de *todas as acusações*, mas pensava que Deus o estava chamando de culpado por causa da *aparente dor retributiva* de que era alvo, pela suposta perpetração de vários pecados específicos. Deus encontrou motivos contra Jó, pelas ocasiões que ele tinha pecado. Cf. Jó 13.24,26,27 e 19.11. Essas ocasiões provocaram a *hostilidade* de Deus.
5. Deus parecia considerar Jó Seu inimigo, sendo essa a razão pela qual o punia. Cf. Jó 13.24 e 19.11. Havia guerra entre Deus e Jó, conforme Jó pensava. Além de um inimigo improvável para enfrentar Deus, Jó também era um adversário inocente, que não merecia receber aqueles ataques divinos. Para Eliú, entretanto, a justiça divina estava cumprindo-se. Conforme ele pensava, Jó se atirara contra Deus e provocara a guerra.

33.11

6. Deus *perseguia* Jó injustamente, ao pôr seus pés no tronco e ameaçá-lo como se ele fosse um criminoso. A referência parece ser a Jó 13.27, onde dou plenas explicações. Jó era um *prisioneiro inocente* que sofria os rigores e abusos do carcereiro divino. Essa conversa não fazia sentido para Eliú, que só sabia aplicar a regra da colheita segundo a semeadura. Ele não tinha visão mais profunda para encontrar a solução à causa do sofrimento humano. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Problema do Mal*, e a seção V da *Introdução* do livro.
7. Deus estava *perseguindo Jó* mediante um *escrutínio dominador* sobre a sua vida, seguindo-o exageradamente a cada passo e enviando relâmpagos de tempestade divina, cada vez que Ele imaginava alguma infração na conduta apropriada. Ver Jó 7.17-20; 10.14; 13.27; 14.16 e 31.4. Enquanto os ímpios gozavam de lazer e prosperidade, o pobre Jó era atingido de todas as direções, por causa de pecados imaginários. O seu caminho era de espinhos.

O capítulo 33, portanto, contém sete citações dos discursos de Jó. O capítulo 34 contém outras seis citações; o capítulo 35, mais duas; e o capítulo 36, mais uma citação.

33.12

Nisto não tens razão. *Negação Geral.* Com uma declaração geral, Eliú negou todas as reivindicações de Jó e prosseguiu para entrar em detalhes. Jó não era um homem *justo*. Era apenas um mentiroso que usava de argumentos falazes. Era também um hipócrita que ocultava os seus pecados, mas se movimentava como se fosse um homem justo. Ele blasfemava contra Deus; era um indivíduo abusivo, em palavras e atos. Na realidade, Jó seria um pecador notório, pois, de outro modo, não estaria sofrendo como estava.

Deus é Maior que os Homens. Isso significa que *somente Deus* poderia ser o tipo de pessoa que Jó afirmava ser. Jó era apenas uma criatura miserável, repleta de pecados, e não um semideus, acima dos outros homens. Quando alguém exalta a Deus, o que Eliú estava prestes a fazer, degrada automaticamente outros homens, por comparação. Ver o capítulo 9 quanto à exaltação de Deus.

O Desvendamento de Deus ao Homem (33.13-14)

33.13

Por que contendes com ele...? *O pobre pecador Jó* se atirou contra o próprio Deus, com toda a velha conversa de ser inocente. De fato, Jó era um modelo de imperfeições, pecados e abusos. Em sua arrogância, embora se tenha atirado contra Deus, Jó acreditava que Deus não lhe daria resposta. "Ele não responderá a nenhuma de minhas palavras" (Revised Standard Version), Jó pensou. As traduções manuseiam de forma diferente o original hebraico, neste ponto. Algumas fazem com que *Deus* nada diga, isto é, não dê explicações de Seus pensamentos e caminhos, porquanto nenhum homem merece a condescendência divina. O Deus Altíssimo não condescende diante do homem nem explica as *razões* do que lhes acontece. Ademais, "ninguém pode responder às Suas palavras". Ninguém tem o direito ou a capacidade de replicar a Deus ou de esperar explicações da parte Dele. O sofrimento, pois, contém um *mistério* que está oculto na vontade de Deus, e nenhum ser humano pode objetar ao que Deus faz. Se esse é, realmente, o significado, então temos aqui, como em outros lugares, o *Deus voluntarista*. Em outras palavras, Sua *vontade é tudo*, e não precisaremos esperar que a razão tenha algum peso. Outrossim, Sua vontade pode fazer com que coisas que acontecem nos pareçam erradas. Deus não é obrigado a obedecer às Suas próprias regras, que Ele impôs aos homens. Sua vontade é suprema e não segue as nossas regras. Quanto a uma completa explicação sobre o *Voluntarismo*, ver o artigo assim chamado na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia*. A pergunta de Trasímaco (em um dos diálogos de Platão) se aplica aqui: Deus faz uma coisa por ser ela correta, ou ela é correta porque Ele a faz? O voluntarismo nos fornece a segunda resposta.

33.14

Pelo contrário, Deus fala de um modo, sim, de dois modos. Deus realmente fala, mas o homem, em sua ignorância, não O ouve. Isso se dá, pelo menos em parte, porque o homem, carregado de pecados, não pode ser atingido pela Palavra divina. Ademais, Deus fala em mistérios, em uma linguagem que os pecadores não podem compreender. Alguns homens simplesmente não se acham onde possam ouvir a Deus. Deus não está surdo a apelos como os de Jó. Era Jó que estava surdo para com Deus. Deus fala de várias maneiras, conforme Eliú passou a demonstrar. Deus é um *revelador*, mas o homem se esquece disso. Um pregador que conheci disse estar em *terreno de oração*. Em outras palavras, numa situação e *condição* em que as orações de uma pessoa podem ser ouvidas e respondidas por Deus. Eliú falou sobre um homem que estava em *terreno apropriado para ele ouvir*. Em outras palavras, esse homem estava em uma condição na qual podia ouvir a voz de Deus. Jó, como é óbvio, não estava nesse terreno, pois, de outro modo, não se queixaria por Deus não responder às suas orações.

O compositor de um hino intitulado *Spirit of God, Descend Upon my Heart*, estava mais próximo da verdade quando falou sobre "orações não respondidas":

> *Ensina-me... a impedir a dúvida crescente, o suspiro rebelde,*
> *Ensina-me a paciência da oração não-respondida.*

Parte importante do teste de Jó era que Deus tinha deixado de responder às suas orações. Mas isso não acontecia porque Jó fosse culpado. Havia outras razões, até então ocultas.

Modos Divinos de Comunicação e a Resposta Humana (33.15-30)

33.15

Em sonho ou em visão de noite. *Eliú*, que pensava ser recebedor da iluminação, tinha elevado respeito tanto por visões quanto por sonhos. Há artigos sobre essas manifestações do misticismo no *Dicionário;* e, como é óbvio, Deus pode comunicar-se com os homens através desses meios e realmente o faz. Quando um homem está dormindo e sua percepção dos sentidos está fechada, *então* ele pode receber alguma espécie de sonho ou visão. Esses são meios místicos de comunicação porque, realmente, existem *sonhos espirituais*. O longo artigo sobre *Sonhos* penetra nesses assuntos, pelo que não estendo aqui a questão. E, como é óbvio, visões válidas comunicam toda a espécie de mistérios e conhecimentos que precisamos saber, embora também existam misticismos falsos e reivindicações frívolas sobre coisas que não são verdadeiras. Ver o artigo geral denominado *Misticismo*. As revelações são uma subcategoria do misticismo. Precisamos do toque místico em nossa vida, pois esse é um dos meios do desenvolvimento espiritual. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Desenvolvimento Espiritual, Meios do*. Não devemos esquecer o elemento *ético*. A santificação põe o homem no *terreno do desenvolvimento*. Eliú falava demais e também se jactava em ser um grande místico, mas parece que tinha experiência válida suficiente para ser um *pequeno místico*. Demos crédito a ele por isso. Ele tinha *algo* de valor para comunicar.

33.16

Então lhes abre os ouvidos. Através dos meios místicos mencionados no versículo anterior, o Revelador divino abre a mente dos recebedores e, dessa maneira, eles terminam iluminados. Eliú havia passado por essa experiência, de maneira que estava qualificado para instruir Jó. Esse pobre homem estava privado, não havia passado através do sistema de iluminação e, assim sendo, continuava ignorante dos caminhos de Deus.

Deus "derrama a Sua luz" e dá compreensão aos homens. O Espírito Santo é o Iluminador. Presumivelmente, Jó veria quão terrível pecador ele era, o quanto precisava de arrependimento para ser purificado. Diante disso, seria curado. O conhecimento resultaria dessa cura. Um homem informado ficaria "aterrorizado" (Revised Standard Version) pelas advertências divinas que obteria acerca de seu estado deplorável, fazendo algo a respeito. Diz a nossa versão portuguesa "sela a sua instrução", conforme diz igualmente a King James Version. Essa instrução seria "impressa na mente" (John Gill, *in loc.*) e teria o selo da aprovação divina, tornando-a *eficaz*.

33.17

Para apartar o homem do seu desígnio. A *iluminação divina* afasta o pecador de seus feitos e corta o seu orgulho. O pecador arrogante, Jó, seria humilhado e assim tornar-se-ia um candidato *apropriado* para a cura. Mas enquanto ele continuasse a vangloriar-se de sua inocência, sua condição apenas iria tornando-se cada vez pior.

Os castigos de Deus são, assim, vistos como *disciplinadores,* e esse era o grande discernimento de Eliú, que ele repetiria no capítulo 36.

33.18

Para guardar a sua alma da cova. Compare-se isso com algo similar, em Sal. 103.4: "Quem da cova redime a tua vida e te coroa de graça e misericórdia".

Eliú não estava apresentando a idéia de redenção do hades (seol), que não fazia parte da teologia patriarcal. Ele apenas dizia que Jó, *uma vez curado,* não seria em breve um homem morto, apodrecendo na sepultura. Segundo ele, o pobre homem poderia *prolongar sua vida* como efeito do arrependimento apropriado. Ele "o preservaria da morte prematura" (Samuel Terrien, *in loc.*). Ele não sofreria de morte violenta, como a morte à espada. Seria protegido e teria um longo período de paz e prosperidade. Neste capítulo, a palavra "cova" significa sepultura, usada por cinco vezes: vss. 18, 22, 24, 28 e 30.

33.19

Também no seu leito é castigado com dores. Jó estava sendo *disciplinado* ali, em seu leito de dores. Ele tiraria proveito daquilo *se,* porventura, se arrependesse. Deus obtém a atenção das pessoas, quando as faz suportar dores. Esse era outro dos discernimentos de Eliú. Um sonho pode falar a um homem; uma visão pode falar com ele; e o sofrimento também pode falar com ele. Já pudemos observar todos esses três modos de comunicação divina.

Nos seus ossos. Literalmente, como nas infecções, reumatismo e gota, mas aqui a declaração é figurada, e os ossos representam o corpo *em geral.*

> *Espero com paciência até a madrugada, mas ele, como leão, me quebrou todos os ossos; do dia para a noite darás cabo de mim.*
>
> (Isaías 38.13)

Meios de comunicação: 1. sonhos; 2. visões; 3. inspiração secreta (vss. 15-19); 4. aflições; 5. intervenção divina no ministério dos anjos (vs. 23); e 6. finalmente, redenção (vs. 24), que torna o processo inteiro eficaz.

> *Não há saúde nos meus ossos, por causa do meu pecado.*
>
> (Salmo 38.3)

> *A voz do Senhor clama à cidade.*
>
> (Miquéias 6.9)

33.20

De modo que a sua vida abomina o pão. Um homem enfermo perde o apetite e pode chegar a abominar o pão. Ele não tem apetite nem por alimentos saborosos que, ordinariamente, o atrairiam. Ele está doente demais para importar-se com tais coisas. Já começou a agonizar. Mas mesmo, depois de ter chegado a esse extremo, Deus pode trazer de volta um homem arrependido (vss. 23-24). O caso de Jó foi reconhecido como *drástico,* mas Eliú não pensou que fosse impossível sua recuperação.

> *A sua alma aborreceu toda sorte de comida, e chegaram às portas da morte. Então, na sua angústia, clamaram ao Senhor, e ele os livrou das suas tribulações.*
>
> (Salmo 107.18-19)

33.21

A sua carne, que se via, agora desaparece. O *homem enfermo* continua perdendo peso, de modo que logo será possível ver seus ossos através da carne. Seu declínio físico avança. Ele não pode esperar viver por muito tempo, nem mesmo o deseja. Ele se tornou "pele e ossos", conforme diz uma expressão idiomática moderna. *Se* ele estiver sendo afligido por Deus por causa do pecado, convém que se arrependa imediatamente, pois do contrário seu arrependimento será tardio. Sua condição de deterioração é devida ao pecado, e somente o abandono do pecado poderá receber algum bem (vs. 24). Jó havia sido reduzido a um esqueleto vivo.

> *Os meus ossos se apegam à minha pele e à minha carne...*
>
> (Jó 19.20)

33.22

A sua alma se vai chegando à cova. Uma vez mais, o poeta fala na "cova" (cinco vezes nesta passagem, ver o vs. 18). Ele estava falando sobre a morte biológica e não sobre o julgamento no pós-vida. Além disso, a palavra "alma" (no hebraico, *nephesh*), neste caso, não faz referência à alma imaterial. Tal referência seria uma anacronismo na teologia patriarcal. Está em pauta a *vida* de uma pessoa, e, para os hebreus primitivos, isso era a vida física conferida a um homem para fazer dele uma criatura viva, mas não uma vida que sobrevivesse à morte física. Nos Salmos e nos Profetas, *nephesh* começou a referir-se à sobrevivência da alma. Porém, mesmo então, a doutrina ficava indefinida, e nenhuma recompensa ou punição no pós-vida entrava na questão. Esse desenvolvimento deu-se essencialmente durante o período intermediário, aparecendo nos livros pseudepígrafos e apócrifos e, naturalmente, nas páginas do Novo Testamento, onde recebeu dimensões ainda mais importantes.

A sua vida aos portadores da morte. O mais provável é que estejam em vista os *anjos da morte,* aqueles poderes que chegam para garantir que o homem morrerá. Em tempos posteriores, tais poderes eram vistos a transportar as almas para o lugar de bem-aventurança ou punição. Aqui, esses poderes são os *destruidores,* ou seja, efetuam ou garantem a morte biológica da pessoa que visitam. No versículo subseqüente, entretanto, eles se tornam os *mediadores* ou, talvez, devamos pensar nos outros anjos que tinham esse mesmo ofício. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Anjo,* quanto a explicações completas. Portanto, se a teologia patriarcal não continha uma doutrina da alma humana em sua sobrevivência ou imortalidade, tinha uma *angelologia* bem desenvolvida. No livro de Gênesis, naturalmente, já encontramos a atividade dos anjos.

> *Lançou contra eles o furor da sua ira: cólera, indignação e calamidade, legião de anjos portadores de males.*
>
> (Salmo 78.49)

Alguns estudiosos falam aqui sobre *enfermidades mortíferas,* mas não há nenhuma razão para tirar o aspecto pessoal deste versículo. A Septuaginta diz *anjos,* como também o faz Aben Ezra.

33.23

Se com ele houver um anjo intercessor. Temos aqui menção a um anjo, ou anjos, "por ele", um anjo "intérprete" (King James Version), ou, melhor ainda, "mediador" (Revised Standard Version). A Septuaginta estampa a famosa palavra *paracleto,* título neotestamentário (ver João 14.16) para o Espírito Santo. O ajudador ou mediador teria o ofício de mostrar ao homem o que é certo e o que é errado, dando ao pecador a orientação necessária para a cura.

A *esperança* era a de que o pecador assim orientado seria graciosamente tratado pelo Deus Todo-poderoso (vs. 24). A *Oxford Annotated Bible* vê na seção dos vss. 23-28 uma antecipação ao princípio da graça, que se torna tão vívido e evidente no Novo Testamento. Isso pode exprimir uma verdade, mas seria um anacronismo ver a salvação evangélica aqui, efetuada por meio da graça divina. De fato, seria um exagero do texto, uma *eisegese,* e não uma exegese. Não está em pauta a salvação da alma. Antes, está em vista a salvação da morte física prematura de um pobre pecador, dando-lhe uma ajuda divina para arrepender-se e endireitar seu caminho com Deus. Por conseguinte, dizer "Eis a teologia inteira da salvação pela graça, em miniatura" (conforme faz a *Oxford Annotated Bible*) é ver demais nesta passagem. Na verdade, a *mediação* é vista como necessária à salvação do pecador da morte biológica, mas este texto não vai além disso. Não obstante, vemos aqui um princípio em operação, que a terrível tríade havia perdido de vista, mas Eliú compreendeu como um caminho do Ser divino para tratar com os homens.

Um dos milhares. Estas palavras poderiam significar que tal mediador é uma *raridade.* Há muitos anjos, mas apenas alguns estão engajados no trabalho de mediação. Ou então a idéia contrária poderia estar em pauta. Há muitos (milhares) de tais anjos, e um deles poderia ser enviado para ajudar Jó. Cf. Jó 9.3. A passagem de Jó 5.1 antecipa esse ministério, mas o rejeita como improvável. Eliú referiu-se a si mesmo como divinamente enviado (ver Jó 32.8 e 33.6), talvez indicando ser um anjo mediador, um intérprete para explicar certas coisas a Jó. Além disso, Jó esperou que tal personagem o ajudasse em sua

causa (Jó 9.33). Ver esse princípio desenvolvido no Novo Testamento, em passagens como I João 2.1; Rom. 8.34 e Heb. 7.25. Ver também Rom. 8.26 e, na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia*, o artigo chamado *Mediação (Mediador)*.

O autor, assim sendo, adiciona o quinto modo de comunicação, intervenções divinas mediante o ministério dos anjos. Ver os outros *quatro* modos comentados no vs. 19 deste capítulo.

33.24

Então Deus terá misericórdia dele. A *graça divina intervém* em favor do homem arrependido, livrando-o da morte prematura. A "cova" é mencionada uma vez mais. Cf. os vss. 18, 22, 24, 28 e 30 (em um total de *cinco* vezes). É anacronismo fazer tudo isso se referir à salvação nos termos evangélicos. O autor sacro tão-somente falava no livramento da morte física prematura. Não obstante, o princípio da graça e da mediação estão aqui, juntamente com o princípio da *redenção*. Ver os comentários sobre o vs. 23, quanto a explicações mais completas. Ver na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* os artigos chamados *Graça e Resgate*.

Redime-o. O significado da palavra hebraica por trás desta tradução é incerto. Trata-se de um *hapax legomenon*, termo usado somente uma vez em toda a Bíblia. Alguns estudiosos emendam o texto e dizem "redime", ou seja, "redime-o", conforme faz a nossa versão portuguesa. Cf. Sal. 49.8. Se permanecermos com a palavra usada no texto massorético (ver no *Dicionário* o artigo chamado *Massora (Massorah); Texto Massorético*), poderemos supor que esteja em pauta alguma frase como "deixa-o ir-se", "deixa-o sozinho". Nesse caso, o poeta queria ver Jó libertado de descer para o abismo. O Targum e a versão siríaca optam pela outra palavra hebraica como representante do original e falam sobre o *resgate*.

Achei resgate. O *resgate* não é definido, mas o autor sagrado provavelmente tinha em mente a *expiação* efetuada por meio de sacrifícios. Provavelmente, ele escreveu depois da lei de Moisés haver sido dada, embora tenha colocado seu livro no período patriarcal. Mesmo então, havia sacrifícios de expiação, e a lei de Moisés desenvolveu ainda mais essa noção. "O resgate não é definido, mas pode-se reconhecer facilmente a linguagem dos profetas e dos salmistas, particularmente Isa. 43.3. Aqui o resgate pode ser obtido, talvez, pela paciente resistência do sofrimento (cf. Jó 36.18)" (Samuel Terrien, *in loc.*). Cf. este versículo com Êxo. 21.30.

O *resgate* é um sexto meio de ajudar o pecador, um modo de conceder o favor divino. Ver o vs. 19, quanto a uma lista, e o gráfico no fim do capítulo 37, sobre as contribuições de Eliú à discussão, certos *discernimentos* que ele tinha, mas que outras pessoas não possuíam.

33.25

Sua carne se robustecerá. A esperança que Eliú tinha era a de que Jó seria tão completamente restaurado que recuperaria a saúde corporal de uma criança ou de um jovem. Ele recuperaria o vigor físico de um adolescente, uma grande esperança para um homem idoso doente!

> *Quem da cova redime a tua vida e te coroa de graça e misericórdia; quem farta de bens a tua velhice, de sorte que a tua mocidade se renova como a da águia.*
>
> (Salmo 103.4-5)

Oh, Senhor! Concede-nos tal graça! "Ele nascerá como nova criatura. Retornará aos dias de sua juventude. Nascerá de novo" (Adam Clarke, *in loc.*). Cf. a história de como o leproso Naamã foi restaurado e recebeu a carne de uma criança (II Reis 5.14). Alguns intérpretes cristianizam o texto e vêem o *novo nascimento* do crente tipificado. Ver João 3.3-7.

Oração e Confissão do Sofredor (33.26-28)

33.26

Deveras orará a Deus. *Restaurado, Jó se voltaria a Deus* em oração agradecida. Deus tem sido gracioso acima do que se poderia esperar. Jó, em saúde e força, receberia vida nova. Ficaria livre de seus pecados e reconquistaria a saúde e as forças. Uma *nova vida* abriria o caminho para o *homem renovado*. As frases usadas por Eliú deixavam claro que Jó poderia ganhar aqueles benefícios exclusivamente através do perdão dos pecados. Ele deveria primeiramente confessar seus pecados e arrepender-se de seus caminhos ímpios. Então, uma vez restaurado, apresentaria a oração de graças.

Portanto, foi Eliú quem pôs Jó em contato com o programa de "terapêutica teológica" (Samuel Terrien, *in loc.*). Eliú tinha fé nisso, mas perdeu de vista o ponto verdadeiro de toda a dor de Jó, que sofria "sem causa" (ver Jó 2.3), pelo que, em conseqüência, seu problema não era arrepender-se. Ainda havia alguma questão agonizante *sem resposta*. Por que os homens sofrem e por que sofrem como sofrem? Os *inocentes* podem sofrer! Alguma razão deve ser encontrada nos caminhos misteriosos de Deus, ou, então, o *caos* algumas vezes pode atingir até mesmo os justos, e devemos pedir proteção *contra isso*. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Problema do Mal*, bem como a seção V da *Introdução*, que também trata desse problema.

E este lhe restituirá a sua justiça. Isto é, o indivíduo arrependido recebe de volta sua justiça, uma parte natural da restauração. A Revised Standard Version diz aqui "salvação", mas, se traduzirmos o texto dessa maneira, deveremos compreender algo de temporal, pois a salvação da alma não está em foco no presente texto. A Revised Standard Version corrige o texto para obter outra idéia. Isso é uma conjectura e, conforme penso, não muito boa; pelo contrário, Jó receberia de volta seu *estado reto* (comparar as palavras de Bildade, em Jó 8.21). O texto é cristianizado por alguns intérpretes, para que homens convertidos vivam a vida espiritual, produzindo os frutos do Espírito (ver Gál. 5.22,23).

> *Bem-aventurado aquele cuja iniqüidade é perdoada, cujo pecado é coberto. Bem-aventurado o homem a quem o Senhor não atribui iniqüidade.*
>
> (Salmo 32.1-2)

33.27

Cantará diante dos homens. Jó foi induzido mentalmente por Eliú a fazer uma apropriada confissão de pecado. Ele tinha *pervertido* o seu caminho; eis por que sofria. Mas ele abandonara a vida de deboche. Foi assim que, embora tivesse sofrido terrivelmente, fora salvo da morte prematura (vs. 28). Deus favorece o pecador arrependido. Cf. Isa. 42.1; Sal. 44.4 e 147.11. O homem restaurado anseia testificar a outros sua experiência e apresentar-lhes o *seu exemplo*. *O homem restaurado* é tão alegre que "canta perante os homens". Ele diz palavras de agradecimento em um hino improvisado. Ele pecou, foi punido e sofreu, mas nada que se parecesse com o grau que ele merecia. Deus interveio e o perdoou, não retribuindo conforme ele merecia. O que ele merecia era a morte prematura, o fim natural de sua dor, mas Deus o salvou *daquilo*.

33.28

Deus redimiu a minha alma de ir para a cova. O *Deus gracioso*, tendo misericórdia pelo pecador arrependido, salvou-o da morte prematura, não permitindo que seu corpo físico fosse posto no sepulcro, onde ele apodreceria e os vermes o consumiriam. Isto finalmente aconteceria, mas *depois* de ele ter vivido a vida que deveria viver e ter cumprido o seu propósito.

E a minha vida verá a luz. A "luz", neste caso, provavelmente é a do *sol*, que rebrilha sobre os mortais e lhes dá vida e alegria. Experimentar a luz do sol significa desfrutar uma boa vida. Cf. o vs. 30.

> *Doce é a luz, e agradável aos olhos ver o sol.*
>
> (Eclesiástico 11.7)

Metaforicamente, ver a luz do sol é ser beneficiado pela luz espiritual de Deus e receber a iluminação divina, que torna a vida digna de ser vivida.

> *Pois da morte me livraste a alma, sim, livraste da queda os meus pés, para que eu ande na presença de Deus, na luz da vida.*
>
> (Salmo 56.13)

Tipicamente, o pecador restaurado finalmente andará na Luz Eterna, desfrutando para sempre da vida espiritual. Isso exprime uma verdade, mas o autor do livro de Jó não se referia a isso.

> *A vida estava nele e a vida era a luz dos homens.*
>
> (João 1.4)

O Propósito Final de Deus (33.29-30)

33.29

Eis que tudo isto é obra de Deus. Deus está acostumado a tratar assim os homens, de modo que o caso de Jó tinha esperança. Se outros tinham recebido

os benefícios divinos descritos, o mesmo podia acontecer com Jó, *contanto* que ele cumprisse as condições. Com freqüência, Deus age assim. Pois por "duas ou três vezes" (Revised Standard Version) Jó O observara beneficiando os homens (assim também diz a nossa versão portuguesa). Essa é a tradução literal do original hebraico, mas a tradução portuguesa mais acertada é "com freqüência". Em outras palavras, os benefícios divinos estão facilmente disponíveis àqueles que se qualificam para recebê-los. Deus atua através de sonhos, visões, inspirações, aflições, mensageiros angelicais, e do princípio da graça, na redenção. Nos últimos dias, naturalmente, Ele nos tem falado através de Seu Filho (ver Heb. 1.2). Ele age, assim, "com grande freqüência". Bendito seja Deus!

"Este versículo é um sumário do que fora dado anteriormente, a começar pelo vs. 15. Deus é um Ser operante. Ele está sempre em atividade de uma maneira providencial. "Meu Pai trabalha até agora" (João 5.17). Algumas vezes, Deus trabalha na mente dos homens em sonhos e visões; outras vezes, mediante aflições; ainda outras, por meio de profetas, mensageiros e ministros da Palavra" (John Gill, *in loc.*)

33.30

Para reconduzir da cova a sua alma. Este versículo repete os elementos do vs. 28, onde se encontra a exposição. Aqui novamente está a própria nota-chave da doutrina de Eliú. "O trato de Deus visa o propósito da educação e da disciplina, e era com isso que ele queria que Jó se impressionasse" (Ellicott, *in loc.*).

Eliú estava seguro da providência positiva de Deus, enquanto trabalhava em favor de Jó. Contudo, houve condições a satisfazer e, por longo tempo, Eliú continuou dando suas instruções douradas. Ver no *Dicionário* o artigo *Providência de Deus.*

Apelo Final a Jó (33.31-33)

33.31

Escuta, pois, ó Jó. ouve-me. Jó estava impaciente com as diatribes de Eliú e era necessário que Eliú o chamasse para ouvi-lo, conforme se vê também no vs. 1 deste capítulo, que é virtualmente igual. Eliú avançaria mais e mais, e teve de garantir uma audiência receptiva. Ele estava certo de ter muita *sabedoria* para falar, e seria uma insensatez Jó interrompê-lo.

33.32

Se tens alguma cousa que dizer. Um *indivíduo arrogante* tem tanta certeza de suas idéias, que não pode deixar de acumular palavras. Torna-se, então, alguém que fala compulsivamente. Alegadamente, Eliú ofereceu a Jó a chance de dizer alguma coisa, mas nada lemos no sentido de uma réplica. Eliú, hilariante, esperava justificar-se perante Jó. ao ouvir sua resposta. Mas Jó tinha desmaiado sob o ataque do precipitado e impulsivo jovem e não abriu a boca. O jovem começou o seu discurso com ira escaldante (ver Jó 32.2,3,5), mas agora se tinha acalmado e falava em um sentido bastante civilizado. Ele esperava levar Jó à confissão e ao arrependimento e, finalmente, à justificação. Eliú fingiu ser um antagonista justo, permitindo que o amigo criticado replicasse. Mas, na realidade, ele não era um verdadeiro advogado da liberdade de expressão, pois a maioria dos tradicionalistas, dogmáticos e revelacionistas não o são.

Contraste-se esse tipo de atitude com Erasmo, que defendia com vigor a liberdade da investigação.

33.33

Se não, escuta-me. Eliú não esperou que Jó replicasse. Talvez, com um aceno de cabeça, Jó tivesse solicitado que ele continuasse, e foi o que Eliú fez. Jó perdeu sua chance, de maneira que seu crítico, Eliú, o instruiu a calar-se, enquanto lhe dirigia palavras douradas de sabedoria que, estava certo, apontariam a *razão* de seu sofrimento e o fariam voltar à vereda da retidão, onde ele poderia ser curado.

Dá instrução ao sábio, e ele se fará mais sábio ainda.

(Provérbios 9.9)

Todos os quatro conselheiros de Jó perderam de vista o problema central: um homem *inocente* estava sofrendo. Mas todos os quatro apontaram corretamente para a verdadeira possibilidade de restauração. E assim "a experiência de Jó resultou no fato de que ele desfrutou uma relação mais profunda com Deus (ver Jó 42.2,5,6,9) e também uma longa e plena vida depois disso (ver Jó 42.10,12,16)" (Roy B. Zuck, *in loc.*).

Prosseguindo sua fala, Eliú se dirige à terrível triade (ver Jó 34.1-15) e retorna a Jó (ver Jó 34.16-37).

A multiplicação de palavras torna-se cansativa para a alma. Mas se uma pessoa faia palavras dignas de serem ouvidas, então nosso coração salta e aprova. O homem sábio, ato contínuo, tenta incorporar em sua vida o que foi dito. Eliú, o pequeno místico, acabou dizendo coisas boas que adicionaram algo à nossa compreensão, pelo menos até certo grau. Apresento um gráfico sobre isso, no fim do capítulo 37.

Capítulo Trinta e Quatro

Apresento *detalhada introdução* aos discursos de Eliú no capítulo 21, pelo que peço ao leitor que examine aquele trecho. Não repito as informações que dou ali. Os discursos do jovem místico ocupam os capítulos 32-37, e ele falou mais do que qualquer dos três críticos de Jó. Somente as oito ou nove réplicas de Jó ocuparam mais volume. Embora a maioria dos discursos de Eliú fosse apenas repetição do que a terrível tríade já havia dito, ele conseguiu contribuir com algumas valiosas adições à discussão. Ilustro isso no fim do capítulo 37 com um gráfico.

Os Caminhos de Deus São Justos (34.1-37)

"Eliú agora dirigiu suas palavras ao amigo, e, talvez, igualmente, aos circunstantes (vs. 2), enquanto discutia sobre o caso de Jó, usando a terceira pessoa (vss. 5 e 7). Após breve exórdio (vss. 2-4), ele relembrou as implicações blasfemas do protesto de Jó (vss. 5-9) e, com isso, refutou-as em duas contenções. *Primeira:* Deus é justo (vss. 10-22), porquanto criou todos os homens iguais (vss. 10-15). Ele mostrou agora parcialidade aos príncipes e aos ricos (vss. 16-20). *Segunda:* Algumas vezes Deus pode *parecer* injusto (vss. 29-37), mas Ele poupa os ímpios somente para induzi-los ao arrependimento (vss. 29-30), e, em conseqüência, Jó, mediante as suas palavras, levantou-se contra Deus em monstruoso julgamento (vss. 34-37)" (Samuel Terrien, *in loc.*).

O Segundo Discurso (34.1-37)

Eliú fez *quatro discursos.* Ver informações sobre esses discursos, e a quem foram endereçados, na introdução ao capítulo 32. Ver as *idéias principais* dos discursos, explicados em Jó 32.10.

Em Jó 33.8, ver o gráfico que apresenta as citações de Jó, que Eliú relembrou e refutou.

Discurso Dirigido à Terrível Tríade (34.1-15)

Necessidade de Testar as Palavras (34.1-4)

34.1

"Visto que Jó permaneceu em silêncio (33.21), Eliú continuou. Seu *segundo discurso* foi uma defesa da justiça de Deus, em resposta à alegação de Jó de que Deus se mostrava injusto. O jovem protagonista falou primeiro aos três visitantes mais idosos (ver Jó 34.1-15), conforme indicado pelas palavras no plural, 'ouvi' e 'vós' (vss. 2 e 10) e pela palavra 'nós' (vs. 4); em seguida, Eliú dirigiu-se a Jó (vss. 16-37), conforme indicado pelo pronome no singular 'tu'(vss. 16,17 e 33)" (Roy B. Zuck, *in loc.*).

34.2

Ouvi, ó sábios, as minhas razões. *Constantes Apelos por Atenção.* O jovem, para reter a atenção dos seus ouvintes, tinha de continuar a dirigir-se a eles diretamente, chamando-lhes a atenção. Ver Jó 32.10; 33.1,31,33; 34.2,10,16 e 37.14. Em primeiro lugar, os consoladores molestos de Jó tiveram de suportar sua longa diatribe (vss. 1-15) e, então, chegou a vez de Jó ter de suportá-la (vss. 16-37). Ele chamou os três amigos molestos de Jó de "sábios" e "homens de conhecimento", talvez com alguma ironia, pois, afinal de contas, eles tinham falhado na tentativa de convencer Jó da culpa dele, e também não tinham descoberto as razões pelas quais os homens sofrem, exceto pelo fato de que continuamente falavam da *Lei Moral da Colheita segundo a Semeadura* (ver a respeito no *Dicionário*). Embora Eliú também não tivesse descoberto por que os *inocentes* sofrem, pelo menos adicionou algumas boas idéias à discussão, além das apresentadas pelos outros três.

O impacto maior do capítulo presente é este: "Os caminhos de Deus são finalmente justos; não há Nele nem mal nem parcialidade. O pecado de Jó era o pecado da arrogância" (*Oxford Annotated Bible,* comentando sobre o vs. 1).

34.3

Porque o ouvido prova as palavras. *Ouvir com atenção* (vs. 2) significava testar cada palavra para ver quão pesada era, tal como a boca tem a função de provar o que é ingerido, tornando-se um benefício para o corpo todo. Aquilo que tem mau gosto é cuspido fora, para que o corpo não sofra dano. O mesmo ocorre com alegadas palavras de sabedoria e inspiração. As palavras, pois, devem ser submetidas a teste:

Amados, não deis crédito a qualquer espírito; antes, provai os espíritos se procedem de Deus, porque muitos falsos profetas têm saído pelo mundo afora.

(I João 4.1)

Existe o *ouvido* que testa, que não é a audição literal, mas a compreensão iluminada do indivíduo, parte originada do conhecimento acumulado, e parte da intuição, talvez inspirada pelo Espírito Santo.

Naturalmente, Eliú, em sua arrogância jovem, não conseguia provar o seu ponto. Ele tinha certeza de que aqueles velhos e sábios homens, se ouvissem cuidadosamente e submetessem suas palavras a teste, logo reconheceriam que ele tinha mais verdade a proferir do que eles. Em outras palavras, suas revelações lançavam mais luz sobre a situação do que os dogmas, as tradições e o conhecimento acumulado. Eles eram indivíduos dogmáticos e tradicionalistas, ao passo que Eliú era um revelacionista. A exemplo de Eliú, eles dependiam do conhecimento acumulado, mas ele dependia da inspiração direta do Espírito. Ver Jó 33.4. Eliú era um jovem *místico*. A revelação é uma subcategoria do *misticismo* (ver a respeito no *Dicionário*).

Cf. o presente versículo com Jó 12.11 e 33.2, onde encontramos expressões similares.

34.4

O que é direito escolhamos para nós. *Eliú* anelava que *todos* encontrassem a verdade; distinguissem a verdade da falsidade; descobrissem por que os homens sofrem. Isso logo mostraria que Jó era um mentiroso (vs. 5). Ele afirmava ser inocente, mas ninguém poderia sofrer como ele sofria se não carregasse uma grande peso de iniqüidade. Eliú apelava para a iluminação divina (ver Jó 32.18; 33.4), mas também respeitava o *bom senso*. Não obstante, em seu orgulho, ele pensava que a *comunidade* tinha de aprovar o que ele dizia, pois nisso consistia o *seu* bom senso. Fosse como fosse, alguma espécie de *seleção* tinha de ser efetuada. Não se poderia acreditar no que Jó dizia e, ao mesmo tempo, em Eliú. Alguém teria de estar errado.

Irreligiosidade de Jó (34.5-9)

34.5

As acusações de Eliú eram *graves*, porquanto os discursos de Jó tinham sido ásperos e pesados. Ele não somente afirmava ser inocente, mas também dizia que Deus não havia respeitado seus direitos como homem inocente; pelo contrário, lhe havia infligido grande dor, "sem causa" (ver Jó 2.3). Isso significava que Deus abusava de Seu poder sobre os homens. Além disso, Deus trataria os justos e os injustos da mesma maneira miserável, sem distinguir o que estaria errado por qualquer padrão humano (ver Jó 9.22). Jó concebia um *Deus voluntarista*, cuja *vontade* seria suprema, às expensas da razão. Deus não tinha de obedecer às regras que Ele mesmo impusera aos homens. Ver na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* o artigo denominado *Voluntarismo*, quanto a explicações completas sobre esse conceito.

Ver Jó 27.2, onde Jó fez a declaração que Eliú repetiu neste versículo e onde há informações adicionais. Repetidamente, Jó acusou o Deus Todo-poderoso de ser injusto (ver Jó 6.4; 7.20; 10.2,3; 13.24; 16.12,13; 19.7 e 23.14).

Citando Jó. Ver Jó 33.8, quanto a um gráfico no qual ilustro como Eliú citou as declarações anteriores de Jó, tomando-as por base de suas réplicas. O presente versículo tem *duas* dessas citações: Jó era inocente (Jó 9.15,20 e 27.6); Deus lhe negara os direitos de homem inocente (ver Jó 19.6,7 e 27.2). O vs. 6 tem *três* outras citações, e o vs. 9, mais *uma*.

34.6

Apesar do meu direito, sou tido por mentiroso. Jó estava incuravelmente achacado pela aflição divina, que era *arbitrária*, pois ele não merecia o tratamento que estava recebendo.

Três Outras Citações de Jó São Refutadas:

1. Jó tinha direitos e estava coberto de *razões*. Ver Jó 27.5,6. Jó era homem *íntegro*, embora parecesse que ele estava sendo castigado por ser um homem iníquo.
2. Jó não era *culpado*. Ver Jó 10.7 e o capítulo 31, onde ele mostrou que não havia cometido todos aqueles pecados comuns aos homens. Ele listou mais de dezesseis pecados nos quais nunca se envolvera, portanto não era *culpado* deles. A despeito disso, a mão divina o estava esmigalhando.
3. Os dardos de Deus tinham infligido (injustamente) ferimentos incuráveis em Jó. Ver Jó 6.4 e 16.13,17. Esses *dardos* significam maneiras específicas como as suas aflições se expressavam. Mas Jó não merecia um único dardo divino de dor. Para Eliú, entretanto, tais reivindicações de Jó pareciam hipocrisia a toda prova, uma situação vergonhosa. Jó zombava de Deus. Suas dores não eram demais para ele suportar, pois seriam bem merecidas.

As palavras "sou tido por mentiroso", na versão da Septuaginta, aparecem como "Ele (Deus) é um mentiroso". Se isso corresponde ao original, podemos compreender facilmente por que algum editor subseqüente mudou o sujeito do verbo. Alguns supõem que essa declaração possa ter sido encontrada na terceira réplica de Jó ao terceiro discurso de Zofar, que foi removido por algum editor subseqüente ou então pelo próprio autor original, como por demais chocante para os leitores judeus piedosos. Ver a introdução ao capítulo 25, quanto a especulações sobre o suposto terceiro discurso perdido de Zofar e sobre a terceira réplica de Jó a esse discurso.

34.7

Que homem há como Jó...? Jó era o principal dos pecadores, o chefe dos hipócritas, um homem tão corrupto que bebia a zombaria como se fosse água. De fato, Jó tomou sobre si a tarefa de zombar até mesmo de Deus, para nada dizer sobre os homens. Suas palavras eram cortantes, infames e blasfemas. Ver Jó 11.3, onde Zofar disse o mesmo a respeito de Jó. Ele era um zombador desavergonhado. Ver também Jó 15.16 (uma declaração de Elifaz), que é similar. A imagem provavelmente foi extraída do hábito dos camelos de beber água. Apesar de não precisar beber água com freqüência, quando o camelo começa a beber, parece que não mais parará. Ele enche o *tanque* para aquelas longas viagens pelo deserto, onde há tão pouca água. Jó atacava Deus com golpes rebeldes e zombeteiros. Ele declarou que uma pessoa não está em melhor situação por ter servido a Deus (capítulo 35), e que Deus trata justos e injustos do mesmo modo miserável (ver Jó 9.22). Jó nunca parou com as suas reclamações, que tomavam novas formas constantemente, da mesma maneira que um camelo sedento continua bebendo e bebendo, mesmo que seja água *suja*.

34.8

E ainda em companhia dos que obram a iniqüidade. Jó parecia ser um pecador notório, que mantinha a companhia de homens ímpios, como ele mesmo. No entanto, quando foi atingido pelo relâmpago divino, ele mentiu e se fingiu de homem piedoso, *intocável*. Eliú, tal como a tríade terrível, falou coisas cortantes contra Jó, embora não tivesse a menor evidência para o que dizia. Os três atarefaram-se nessa forma de argumento, chamado *ad hominem*, isto é, de maneira apaixonada contra uma pessoa e não contra os seus princípios. O raciocínio é que o homem mau *necessariamente* deve ter maus princípios. Mas os quatro temíveis críticos também atacaram os princípios de Jó. Este pertencia à *classe ultrajante* e era culpado de pecados estúpidos. Mas Jó negou tudo, item por item, no capítulo 31.

Talvez a alusão aqui seja a uma caravana de camelos, que atraía todo o tipo de pessoas, as respeitáveis e as não tão respeitáveis. Ou talvez estejam em foco os ladrões de caravanas. Os indivíduos que pertenciam a esse grupo eram *todos* maus. Elifaz (ver Jó 22.15 e 25.4,5) já havia acusado Jó de manter a companhia de indivíduos maus.

Aves das mesmas penas se juntam em bandos.

(Provérbio do século XVI)

Entrai pela porta estreita (larga é a porta, e espaçoso, o caminho que conduz para a perdição, e são muitos os que entram por ela), porque estreita é a porta, e apertado, o caminho que conduz para a vida, e são poucos os que acertam com ela.

(Mateus 7.13-14)

34.9

Pois disse: De nada aproveita ao homem. Uma vez mais, a sexta, neste capítulo, Eliú citou parte do discurso de Jó que supunha incriminá-lo. De nada valeria a Jó servir a Deus. Ver Jó 21.15. Ele serviria a Deus, mas somente pela "recompensa" e, no entanto, recebera apenas aflições e dor. Ver o gráfico em Jó 33.8, quanto às citações de Jó que Eliú usou como munição para atirar contra o pobre homem. Ver também as declarações de Jó, em Jó 9.20-22,30-31; 10.6,7,14,15. Elifaz disse o contrário, em Jó 22.21.

Contrastar isso com I Tim. 4.8: "Pois o exercício físico para pouco é proveitoso, mas a piedade para tudo é proveitosa, porque tem a promessa da vida que agora é e da que há de ser".

Jó, em suas severas dores, tinha visto evidências contrárias àqueles dogmas religiosos padronizados. Sem dúvida, quando gozava saúde, ele concordava com os dogmas. É mais fácil ser piedoso quando as coisas estão correndo bem, e não é tão fácil quando a maré vira. O tema principal do livro de Jó é a *adoração desinteressada*. Porventura um homem que está sofrendo severos testes reterá a integridade espiritual, ou correrá para o ateísmo e a dissipação? Blasfemará? Satanás disse que Jó blasfemaria (ver Jó 1.11 e 2.5), porquanto considerava a adoração humana totalmente egoísta, ou seja, o homem adoraria a Deus por auto-interesse. Se esse auto-interesse for removido, o homem descontinuará sua adoração, como inútil. Ver

na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* o artigo chamado *Egoísmo.* O problema do mal (por que os homens sofrem e por que sofrem como sofrem) entra no quadro para testar a espiritualidade do homem. Ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Problema do Mal.* Jó é o único livro da Bíblia em que essa questão é discutida longamente. E esse é um dos mais difíceis problemas da teologia e da filosofia.

Defesa da Justiça Divina (34.10-28)

Não Há Mal Algum no Criador (34.10-15)

34.10

Deus, disse Eliú, não seria semelhante ao que Jó afirmava que Ele era. Deus é justo e trata todos os homens com justiça. Portanto, era *óbvio* que Jó não era inocente, conforme afirmava. Eliú apelou a homens de "entendimento" para que concordassem com ele nesse ponto. Todos sacudiram a cabeça, concordando: "sim"; mas Jó tinha um "não" no coração. Para Jó, Deus agia injustamente. Ele pune o reto e faz o ímpio prosperar. Fora isso o que Jó vira "lá fora". Bildade (ver Jó 8.3) já se pronunciara contra qualquer idéia de que Deus possa cometer um erro. Todos concordavam com isso, de fato, mas Jó não tinha tanta certeza. Jó também representou Deus como um Ser "irresponsável". Para Eliú, isso equivalia a uma blasfêmia, parte da zombaria que Jó bebia como se fosse água (vs. 7). Devemos lembrar que a antiga teologia dos hebreus alegava ser Deus a Única Causa, ou seja, tanto do bem quanto do *mal.* Um calvinismo extremado toma a mesma posição hoje em dia, e até Paulo, em Rom. 9, *escorregou* para essa maneira de pensar, influenciado por seu treinamento rabínico. Afortunadamente, o apóstolo *usualmente* não pensava nem falava dessa forma. A *reprovação ativa* por certo é uma doutrina falsa, a despeito de quem a tenha ensinado. Até a reprovação passiva é contra a verdade maior, o Amor de Deus. Ver sobre *Reprovação* na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia.* Há *causas secundárias* que a teologia antiga dos hebreus não reconhecia, mas nenhuma teologia sã pode avançar muito sem esse conceito.

34.11

Pois retribuirá ao homem segundo as suas obras. A posição teológica antiga, a doutrina da *Lei Moral da Colheita segundo a Semeadura* (ver a respeito no *Dicionário*), uma vez mais foi trazida como argumento para debate entre Jó e seus críticos. De fato, os homens colhem aquilo que semeiam (ver Gál. 6.7,8), mas algumas vezes o sofrimento acomete um inocente. Os quatro críticos terríveis de Jó não encontraram essa doutrina em seus livros de teologia. Talvez o *caos* possa atacar e, realmente, ataca os justos, tanto quanto os injustos, por isso precisamos orar por proteção contra essa possibilidade. Além disso, existem os *mistérios* do reino de Deus, que não somos capazes de sondar. A lei da retribuição opera agora em parte, e em parte operará depois desta vida (ver Jer. 32.19; Rom. 2.6; I Ped. 1.17 e Apo. 22.12), mas não pode explicar todos os aspectos do problema do mal: por que os homens sofrem e por que sofrem como sofrem? A teologia patriarcal não antecipava que, após esta vida, "haveria recompensas ou punições", de modo que Eliú falava somente das coisas más que acontecem aos pecadores, aqui nesta vida. Mas a experiência humana demonstra a inadequação dessa doutrina. Outros fatores explicam melhor os sofrimentos humanos.

34.12

Na verdade, Deus não procede maliciosamente. Realizar um ato errado ou perverter a justiça (conforme Jó acusou Deus) era algo *impossível,* uma perversão da própria idéia da natureza de Deus. Nesse caso, de onde vem toda a dor que nos assedia, chegando mesmo a atingir homens bons, de maneira tão arbitrária e inútil? Mas Eliú insistia em não haver nenhuma corrupção ou capricho no trato de Deus para com os homens. Deus é o "Criador Fiel", que sempre faz o que é bom. Ele não se parece com o temível deus dos gregos, Zeus, que feria os homens por qualquer *razão,* ou mesmo sem nenhuma razão. Bildade negou que Deus pudesse perverter a justiça (ver Jó 8.3), e Eliú repete aqui essa noção, para efeito de ênfase. O homem continuava a raciocinar com base em sua fraca teologia, que não levava em conta as causas secundárias. Contudo, para Jó "as tendas dos tiranos gozam paz" (Jó 12.6). Para Jó, Deus parecia indiferente ao destino dos homens (capítulo 12).

34.13

Quem lhe entregou o governo da terra? Deus governa este mundo de maneira absoluta. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Soberania de Deus.* Deus sempre governou a criação. Esse ofício não Lhe foi dado por outrem, que tivesse governado a criação antes Dele. Nesse caso, de onde viria o mal? Apesar de esperar que o governo de Deus sempre fosse exercido mediante *providência positiva,* Jó via a *providência negativa* operar neste mundo. Ateus nascem, sempre que esse princípio é destacado. É conforme um de meus professores de filosofia disse certo dia, em classe: "Se eu fosse Deus e contasse com todo o poder que Lhe é atribuído, teria criado um mundo melhor do que o nosso".

Se eu fosse Deus...
Não haveria mais o adeus solene,
A vingança, a maldade, o ódio medonho,
E o maior mal, que a todos anteponho,
A sede, a fome da cobiça infrene!

Eu exterminaria a enfermidade,
Todas as dores da senilidade;
A criação inteira alteraria,
Se eu fosse Deus.

(Martins Fontes, Santos, 1884-1937)

Por isso, também os que sofrem segundo a vontade de Deus encomendem a sua alma ao fiel Criador, na prática do bem.

(I Pedro 4.19)

Nossas opiniões sobre o que ocorre à face do planeta podem ser como as de Jó ou como as de seus quatro terríveis críticos. Essas opiniões são apenas parciais e laboram em erro. Há muitos mistérios. Mas confiamos que, *finalmente,* o bem prevalecerá sobre o mal.

Deus se move de forma misteriosa
Para realizar as Suas maravilhas.
Implanta Seus passos no mar,
E cavalga por cima do tufão.

A incredulidade cega sempre erra
E examina sua obra em vão;
Deus é o Seu próprio intérprete,
E deixará tudo bem claro.

(William Cowper)

34.14-15

Se Deus pensasse apenas em si mesmo. Deus é o doador e sustentador da vida humana. Ele soprou sobre o homem o hálito da vida, e o homem tornou-se criatura vivente (ver Gên. 3.19). Esse ato não deve ter sido nenhum grande feito para o poder de Deus. Com igual facilidade, Ele pode reverter o processo, tirando o hálito ou espírito do homem. Não há aqui nenhum ensino sobre o recolhimento da alma humana, que então volta a Deus, conforme se lê em Eclesiastes 12.7. Descobrir isso aqui é anacronismo. Isso não fazia parte da teologia patriarcal. Antes, o poeta estava falando meramente sobre a morte biológica. De fato, Deus pode recolher a Si *toda a carne* (vs. 15). Poderia haver um súbito *nada,* tal como antes da criação havia apenas Deus. Isso não acontece, porque a vontade benevolente de Deus mantém toda a vida em continuação.

Pois nele vivemos, e nos movemos, e existimos, como alguns dos vossos poetas têm dito: Porque dele também somos geração.

(Atos 17.28)

Nele tudo subsiste.

(Colossenses 1.17)

Se ocultas o rosto, eles se perturbam; se lhes cortas a respiração, morrem e voltam ao seu pó.

(Salmo 104.29)

Discurso Dirigido a Jó (34.16-37)

Não Há Parcialidade no Juiz (34.16-20)

34.16

Uma vez mais, o impetuoso Eliú chamou a atenção de sua audiência, para que ouvisse cuidadosamente suas palavras de ouro. Cf. o vs. 2, onde discuto sobre essa questão e ofereço referência. Ver Jó 32.10; 33.1,31,33; 34.2,10,16 e 37.14. Agora, Eliú convocou o infeliz Jó para considerar a verdade: não há parcialidade com o Juiz dos céus. Ele dirigiu vigorosamente suas palavras a *Jó,* enquanto os outros três críticos ficavam em pé, nas proximidades, escutando (vss. 16-37). Se Jó tivesse razão, então Deus estaria errado e, como é evidente, isso seria uma teologia má.

Por outro lado, talvez fosse o *conceito de Deus* que estivesse laborando em erro, não o próprio Deus. Jó tinha um conceito voluntarista de Deus, evidentemente equivocado. Ver na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* o artigo chamado *Voluntarismo*. Ver os comentários sobre o vs. 5 deste capítulo.

34.17

Acaso governaria o que aborrecesse o direito? Deus não poderia *governar* o universo se odiasse a justiça. Jó acusou Deus de ser injusto, porque Ele punia sem causa (ver Jó 2.3). Se um tirano sobe a uma posição de poder, então temos o *caos* no governo. Os ateus naturalmente acreditam que o caos governa este mundo, por causa dos sofrimentos humanos, o problema do mal. Eliú, pois, acusava Jó de tomar o ponto de vista ateu sobre o que acontece no mundo. Se rejeitarmos o caos como o poder que domina todas as coisas, então temos de dizer que Deus é justo e Jó acusara Deus falsa e precipitadamente. Ele "condenou injustamente Deus", quanto à maneira como Ele manuseou a sua vida. Tendo dito isso (e isso se parece com uma boa teologia), ainda assim não teremos respondido à pergunta central: "Por que os *inocentes* sofrem?". Portanto, as palavras eloqüentes de Eliú não fornecem a resposta que ele buscava para o caso de Jó. Não faria o que é certo o Juiz de toda a terra? (ver Gên. 18.25). A onipotência precisa andar de mãos dadas com a justiça. De outra sorte, teríamos de supor que Deus se assemelhasse ao deus Zeus dos gregos, que não fingia ter nenhuma moralidade, mas, em certas oportunidades, era o próprio modelo da injustiça. De fato, Jó acusou Deus de ser como Zeus! Se Deus é voluntarista, então está fora das categorias humanas da justiça e do direito, e o argumento de Eliú cai por terra. Ele estava julgando a Deus, pelo momento, em concordância com o que considerava justo.

34.18-19

Dir-se-á um rei: Oh! vil? Chegamos a respeitar os governantes *humanos* e esperamos que eles façam justiça. Mas com freqüência eles nos desapontam, pois a imoralidade é *hábito* dos políticos. Contudo, esperamos mais deles. E quanto mais justiça não devemos esperar da parte do Grande Governante? Não é apropriado dizer aos reis e príncipes que eles são *ímpios*. Isso seria contrário às expectações. Muito menos, podemos acusar Deus de injustiça. Ele não aceita apenas os ricos e poderosos. Ele é imparcial e julga com justiça (vs. 19).

A Revised Standard Version dá aos vss. 18-19 uma distorção diferente da interpretação que acabamos de mencionar. Naquela versão, temos Deus a condenar os reis e príncipes e a chamá-los de "indignos" e "ímpios". Ele chama os nobres de "perversos" (vs. 18); ademais, não mostra parcialidade para com eles (vs. 19) nem olha para ver quão ricos e poderosos são os nobres, a fim de favorecê-los. Deus não os considera mais do que aos pobres, os quais também são obras de Suas mãos. Ora, se Deus reconhece os políticos quanto ao que eles *realmente* são, e os chama de *ímpios* e de *inúteis*, e se Ele não faz acepção de pessoas e dispensa justiça a ricos e pobres igualmente, então temos uma *prova* de que Deus é justo. Deus vê o homem e o condena. Em conseqüência, Jó, estava na mesma categoria. *Conclusão:* Jó era mau e *merecia* o tratamento duro que estava obtendo da parte de Deus.

34.20

De repente morrem. Tanto os ricos quanto os pobres, tanto os fortes quanto os fracos, tanto os príncipes como os aldeões, esperam a mesma sorte, mediante o decreto de Deus: em um momento, Deus pode remover e realmente os remove da vida física. O anjo da morte pode passar à meia-noite, quando os homens temem a escuridão. No meio da noite, o poderoso ou o fraco morrem, e é a mão de Deus que estará em operação. Temos de presumir que a justiça divina esteve em operação, e que a morte foi governada pela sabedoria e retidão. O versículo ensina que nenhum indivíduo resiste às operações do governo de Deus. O homem rico e poderoso não está isento do anjo da morte.

A morte é a grande niveladora.

(Provérbio do século XVIII)

Eliú *estava dizendo* que o governo da justiça divina opera em todos os ângulos as coisas da vida e da morte dos homens. Temos de presumir que algum plano benévolo da razão esteja por trás de sua operação. De outra sorte, o *caos* é o verdadeiro deus deste mundo. Uma coisa que macula a discussão inteira e o livro todo de Jó é a natureza primitiva da antiga teologia patriarcal, entre os judeus. De acordo com essa teologia, não havia nenhuma esperança de vida póstúmulo, e nenhuma promessa de recompensa aos bons, ou ameaça de punição aos maus. Nesse caso, é difícil pensar na morte, seguindo algum plano, exceto o caos. Poderíamos até indagar que bem faria a prática do bem se, no fim, tudo se reduz a nada? A teologia posterior dos hebreus reconhecia essa futilidade e começou a falar sobre a *nephesh* (alma) como sendo um princípio diferente do corpo, uma parte imaterial capaz de sobreviver à morte biológica. Naturalmente, as religiões orientais e até a filosofia grega há muito vinham falando dessa maneira. De acordo com a teologia dos hebreus, a *alma* era uma doutrina recente. Portanto, caros leitores, estou dizendo que, em certo sentido, Platão sabia mais do que Moisés! Seja como for, é bom conhecer as crenças alheias; é bom adquirir novos conhecimentos, incluindo aqueles que são encontrados fora da Bíblia, no mundo das ciências, por exemplo. A Bíblia não assevera ser a única fonte de conhecimento útil, embora alguns crentes ajam assim, negligenciando grandes tesouros que podem ser escavados em outros lugares. O conhecimento deve ser adicionado à nossa fé (ver II Ped. 1.5).

A Onisciência Divina é Absoluta (34.21-28

34.21

A *visão divina* não perde uma única coisa, mas vê tudo. Nenhum homem é justo sem ser visto por Deus. *Seus olhos* guiam tudo. Nenhum ser humano pode ocultar-se de Deus. Ele recompensa e pune, de acordo com o que vê. Jó estava dizendo que Deus os via tentando derrubar um homem inocente, pelo que eles não eram justos! Eliú afirmou que Deus estava vendo o que Jó fazia, sabendo que esses atos não eram bons, de maneira que o castigava. A teologia de Eliú e dos outros três críticos de Jó não tinha espaço para nenhum inocente que estivesse sofrendo. Eliú falava com grande zelo e tinha confiança em seu conhecimento, que, ele cria, lhe viera por meio de revelações divinas (ver Jó 32.8). Mas sua teologia era *defeituosa*, como todas as teologias, sem importar quem mantém e ensina esses princípios. Isso nos alerta a *continuar investigando*. Há um imenso acúmulo de verdade "lá fora", esperando ser descoberto, sobre o qual os livros teológicos nada dizem.

34.22

Não há trevas nem sombra assaz profunda. Deus combina *onipotência* com *onisciência* (ver sobre essas duas idéias no *Dicionário*). E ato contínuo, nessa combinação, ele mistura a justiça, de modo que nos resta o trio de atributos divinos formado pela onipotência, pela onisciência e pela justiça. *Essa* combinação, pois, governa o mundo, de acordo com Eliú. Nenhum ser humano pode escapar dessa Mistura Divina. Um homem não pode ocultar-se nas trevas, continuando em seus pecados, sem ser visto por Deus e, finalmente, castigado. Os feitores da iniqüidade tentam ocultar-se, mas tudo é vão. Se os homens não descobrirem a iniqüidade, para puni-la, *Deus* o fará. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Luz, Metáfora da,* onde também incluo a metáfora das *trevas,* sob o ponto I. Ver ainda sobre *Trevas (Metáforas).* Os homens nem ao menos podem esconder-se nas sombras da morte. De fato, Deus lhes devolve na medida do mal que tiverem praticado. Naturalmente, após isso, nada mais lhes resta fazer; em certo sentido, homens ímpios são capazes de esconder-se nas trevas do pós-morte. Essa era uma deficiência da teologia patriarcal, que discuto na exposição sobre o vs. 20, último parágrafo.

> *Senhor, tu me sondas e me conheces... Se eu digo: as trevas, com efeito, me encobrirão, e a luz ao redor de mim se fará noite, até as próprias trevas não te serão escuras: as trevas e a luz são a mesma cousa.*
>
> (Salmo 139.1,11-12)

34.23-24

Pois Deus não precisa observar por muito tempo o homem. A King James Version dá aqui a idéia de que somente Deus leva o homem ao tribunal divino, para que a justiça seja feita. Mas a Revised Standard Version diz que a justiça não é nomeada para o homem, pois ele não entrará no tribunal divino para ser julgado, como se isso fosse um direito seu. Pelo contrário, Deus *esmaga* o poderoso, mesmo sem fazer investigação (vs. 24). A King James Version diz "sem-número", em vez de "observar". Em lugar desses homens arrogantes, que se pavoneavam como se fossem viver para sempre, Deus põe homens no palco deste mundo. E o tempo marcado para receberem a retribuição divina também haverá de chegar. Eliú estava dizendo que os homens não têm de ser conduzidos ao tribunal divino para que seus casos sejam julgados. Deus já sabe, antes mesmo desse julgamento no tribunal divino, que eles merecem ser removidos da terra, e Ele realmente os remove.

Todavia, poderíamos entender essas declarações em um sentido voluntarista. A vontade de Deus é suprema, e as categorias da justiça humana simplesmente não se aplicam a Ele. Por conseguinte, qualquer coisa que Deus faça é automaticamente certa, independentemente de nossa razão dizer sim ou não. "Deus não precisa marcar nenhum tempo especial para impor julgamento. Ele persegue sua tarefa com justiça estrita e rápida, mesmo sem investigar (vs. 24), e à vista dos homens (vs. 26). Portanto, não expressa verdade dizer que Deus não ouve o clamor dos oprimidos (vss. 27-28; cf. Jó 24.12)" (Samuel Terrien, que negou a idéia voluntarista e afirmou que a justiça é feita, embora sem nenhum ato de investigação divina).

"Nem a onisciência nem a onipotência podem tomar o lugar do *amor*. Sem esse fator, ambas as coisas são intoleráveis. Um Deus que tudo soubesse e de tudo tivesse conhecimento seria uma *Gestapo celestial*, se o todo não fosse temperado pelo amor" (Paul Scherer, *in loc.*).

34.25

Ele conhece, pois, as suas obras. O resultado da combinação de onisciência e onipotência seria a destruição dos ímpios. Mesmo assim, de acordo com uma teologia mais iluminada, sabemos que até os julgamentos de Deus são dedos da mão de Seu *amor*, operando a *restauração*. Ver I Ped. 4.6 e a exposição a respeito, no *Novo Testamento Interpretado*. A cruz de Cristo foi um julgamento, mas também a fonte da bênção e do benefício universal. Foi com essa motivação que Jesus veio a este mundo, não para condená-lo, mas para salvá-lo. A teologia patriarcal era deficiente, e alguns homens tornam a teologia cristã deficiente, impondo-lhe limitações indevidas. Caros leitores, considero que uma de minhas maiores realizações espirituais foi aprender que justiça, julgamento e amor são apenas *sinônimos!* Algumas vezes Deus pode operar seus caminhos de benevolência, de maneira melhor, julgando severamente os homens. Orígenes afirmou corretamente que reduzir o julgamento à mera retribuição é condescender diante de uma *teologia inferior*. O princípio que enuncio aqui aplica-se ao julgamento dos perdidos. Ver na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* o verbete intitulado *Julgamento de Deus dos Homens Perdidos*. Essa doutrina impede que nossa teologia faça do *caos* o verdadeiro deus deste mundo. Não obstante, não me ajuda a falar sobre um caos direcionado por Deus, como se *isso* fosse a justiça. Como poderíamos falar sobre o interminável castigo da vasta maioria dos seres inteligentes, as criaturas de Deus, como qualquer coisa senão o caos?

Tem de haver, e realmente há, uma provisão divina sobre a maioria dos homens, na missão de Cristo, mesmo que essa gente não venha a assumir a posição de eleitos. Ver sobre Efé. 1.9,10 no *Novo Testamento Interpretado*. Para a alma que poderia ter sido remida, mas que será meramente restaurada, essa seria uma punição interminável, mas não do mesmo tipo que alguns homens pregam, hoje em dia, na igreja. A fúria do julgamento divino realizará alguma coisa, sim, alguma coisa boa. Esse julgamento não consistirá apenas em fúria. Antes, será um dedo da mão amorosa de Deus. A missão de Cristo não cairá sobre o solo. *Todos* os homens serão tocados por ela, embora de diferentes maneiras (ver Efé. 1.10; 4.8-10; I Ped. 3.18-4.6).

34.26

Ele os fere como a perversos. Deus é um poderoso golpeador, e os ímpios recebem esses golpes. No entanto, Jó sofria golpes divinos, embora fosse *inocente!* Eliú havia dito ótimas palavras, mas deixou de tocar no problema com o qual Jó se defrontava: Por que os inocentes sofrem? A lei da retribuição não soluciona todos os problemas relacionados à dor. Jó sabia disso, mas seus quatro terríveis críticos não o sabiam. Até hoje continuamos tentando encontrar as *razões do sofrimento humano*. Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Problema do Mal*, bem como a seção V da *Introdução* do presente livro.

Este versículo enfatiza a *maneira aberta* pela qual os homens são punidos. Os homens pecam em particular, nas trevas (vs. 22). Mas Deus os julga à luz do dia. Isso remove todas as dúvidas sobre o que eles merecem. Eliú deixou entendido que o pobre Jó estava ali, sofrendo sobre seu monturo de cinzas, exposto aos olhares de todos como um ímpio, um hipócrita a quem o julgamento divino tinha finalmente ferido.

A imagem é a de uma *execução pública*. Deus executa os homens diante de todos, e assim avisa sobre as conseqüências necessárias de sua iniqüidade. "... de maneira pública, como geralmente ocorre entre os malfeitores, que podem estar sendo aludidos aqui. Isso denota a maneira pública da justiça de Deus contra os ímpios, o que, por sua vez, ilustra a justiça dos Seus atos" (John Gill, *in loc.*).

34.27

Porque dele se desviaram. Deus fere aos que tiveram a chance de praticar o bem, mas recusaram receber as instruções divinas. Poderiam ter seguido no caminho da retidão, mas voluntariamente *voltaram atrás*, rejeitando a luz que possuíam. Dessa maneira, *desprezaram* as divinas provisões de conhecimento e instrução. Não nos admiremos, pois, que tenham terminado tão mal sua carreira terrestre.

Eliú também não considerou os casos de homens ímpios que pecaram por ignorância (Rom. 2). Provavelmente, a exemplo do apóstolo Paulo, ele teria considerado a natureza luz suficiente para a ação correta (ver Rom. 1.20). Seja como for, ele defendeu o julgamento divino em *qualquer caso* e rejeitou qualquer refinamento da questão. Contudo, há respostas melhores do que essa, como o amor universal de Deus, que atinge a todos os homens e dá a todos oportunidade, de alguma maneira, em algum lugar (ver I Ped. 4.6). "Todos os que pecaram sem lei também sem lei perecerão" (Rom. 2.12). Esse princípio, entretanto, não combina com as revelações posteriores dadas a Paulo. Deus também faz alguma coisa por aquela pobre gente, conforme comento no vs. 25 do presente capítulo.

34.28

E assim fizeram que o clamor do pobre subisse até Deus. *Homens ímpios* fazem dos pobres e dos fracos vítimas suas. Jó, pois, foi acusado desse tipo de ação (ver Jó 22.7-9). Porém, Jó havia declarado que isso estava entre os pecados que ele não havia cometido (ver Jó 31.16). Eliú estava falando sobre os *tiranos* que sobem ao poder e lançam a confusão (vs. 18), mas, sem dúvida, Jó também estava em sua mente, quando ele fez essa declaração. Jó reivindicou jamais ter cometido *qualquer* injustiça social. Indivíduos cruéis e opressores provocam a ira de Deus. Deus os observa o tempo todo. Isso reflete o *teísmo* (ver a respeito no *Dicionário*). Deus não somente criou todas as coisas, mas também está presente para governar a Sua criação. Ele recompensa os homens bons e pune os maus. Isso pode ser contrastado com o *deísmo* (ver também no *Dicionário*), o qual propõe que o Criador abandonou a criação aos cuidados das leis naturais. Nesse caso, existe uma espécie de lei da colheita segundo a semeadura, porquanto a quebra de uma lei natural produz conseqüências negativas. Mas, para o *teísmo*, Deus, uma pessoa, está por trás de toda a questão, tornando-a mais *precisa*. "Quando um homem pobre apresenta sua causa a Deus, Ele é um vingador terrível... ai do homem que contende com o seu Criador" (Adam Clarke, *in loc.*).

O Que Significa o Silêncio Divino? (34.29-37)

A Aparente Inatividade de Deus (34.29-33)

34.29

Deus age conforme Lhe parece melhor. Sua vontade é suprema. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Soberania*. Quando Deus se aquieta (decidindo nada fazer, ocultando-se, não se manifestando), quem pode chamá-Lo a entrar em ação? Quando, ao que tudo parece, Ele se oculta, ignorando o homem, quem pode questionar a propriedade das ações do Senhor? Quem é capaz de procurá-Lo e encontrá-Lo, baixando-Lhe alguma ordem? Deus faz o que melhor Lhe parece com um indivíduo ou com uma nação. Seus caminhos são secretos e misteriosos.

> *Ó profundidade da riqueza, tanto da sabedoria como do conhecimento de Deus! Quão insondáveis são os seus juízos, e quão inescrutáveis, os seus caminhos!*
>
> (Romanos 11.33)

Ninguém conhece a mente de Deus. Ninguém pode aconselhá-Lo. Ninguém é igual a Deus ou Seu conselheiro. Ele nada deve a ninguém. Nele está a vida; Ele é a fonte e o sustentador da vida; o alvo de toda a existência humana. Em outras palavras, não temos categorias para descrever Deus, quando falamos sobre Sua *outra* natureza ou transcendência. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Transcendente, Transcendência*.

Eliú julgava Jó um homem inativo e surdo. Ele estava sofrendo sem nenhum alívio. Suas orações não eram ouvidas. Ele tinha caído no desespero e dizia: "Onde está Deus?", mas não obtinha respostas. Não temos respostas para tais coisas. Portanto, vivemos pela fé, em vez de fugirmos para o ateísmo.

34.30

Para que o ímpio não reine. O Deus *soberano* não tolera por muito tempo os hipócritas. Embora Deus se oculte geralmente em Sua *outra* natureza, de súbito Ele se manifesta quando o pecador menos espera. Então é que um golpe divino nivela o ímpio. Um hipócrita pode até chegar a uma posição de destaque e vir a ser rei; mas isso será para punir um povo pecaminoso, para que esse povo receba o que merece. Mas a providência divina, tanto a *negativa* quanto a *positiva*, exerce controle sobre tudo, e atuará no tempo devido. Cf. o vs. 24 deste capítulo. Em pauta está o *hipócrita político*, não o hipócrita privado. Poderíamos perguntar corretamente se existe outro tipo de hipócrita. Seja como for, esse homem torna-se um instrumento que vergasta um povo pecaminoso. Mas tudo isso terminará algum dia.

34.31-32

Se alguém diz a Deus. Em seguida, Eliú leva avante a idéia do hipócrita privado que, finalmente, descobre o erro de seu caminho. Ele suporta a sua dor e, de súbito, percebe quão insensato tem sido. Por conseguinte, volta-se para Deus, procurando correção e alívio para o sofrimento. O homem mau pede a Deus *iluminação espiritual* (vs. 32). Ele já viveu nas trevas por tempo suficiente; agora quer viver sob o sol do favor divino. Portanto, pede que Deus lhe mostre o caminho.

Eliú, naturalmente, esperava que seu discurso ajudasse Jó a ser esse homem, em vez do homem que se oculta de Deus, afirmando-se inocente. Talvez haja alguns pecadores que, em *particular*, se arrependem e, assim, seus sofri-

mentos são aliviados. Essas pessoas não fazem propaganda da questão, mas todos podem ver como suas ações mudaram para melhor. Isso poderia explicar *alguns* casos de prosperidade dos *presumíveis* ímpios. Se esse foi o argumento de Eliú, então este está alinhado entre os seus mais fracos argumentos. Os ímpios não tendem a arrepender-se, em particular. Seja como for, descrevemos aqui a correta atitude dos homens para com Deus: submissão e penitência.

> *Tema ao Senhor toda a terra, temam-no todos os habitantes do mundo. Pois ele falou, e tudo se fez; ele ordenou, e tudo passou a existir. O Senhor frustra os desígnios das nações e anula os intentos dos povos.*
>
> (Salmo 33.8-10)

34.33

Acaso deve ele recompensar-te...? Deus está esperando uma atitude correta da parte do homem. Se a encontrar, porá fim ao sofrimento e derramará a prosperidade. Essa é a verdade, sem importar se Jó estava ou não disposto a ouvi. Porém, rejeitando tal ação divina, Jó permaneceria na miséria causada por seus pecados secretos. Ele permanecia um hipócrita privado. Jó tinha de fazer uma escolha. Portanto, ele tinha de arrepender-se, trazendo seus pecados a céu aberto e abandonando-os. O texto hebraico é extremamente obscuro, mas algo parecido com o que assevero acima provavelmente expressa o intuito do autor sagrado. Deus não age em consonância com a mente dos homens, nem mesmo em consonância com a mente de Jó. Deus fez coisas que Jó nem esperava. Talvez recompensar o hipócrita arrependido, o qual não fez propaganda da mudança operada em sua vida (vs. 32), faça parte do significado do vs. 33. "Visto que Deus é soberano, Ele não se encurvará diante das condições humanas, sobretudo em face de uma atitude impenitente. Eliú, então, disse que Jó teria de decidir se Deus o recompensaria quando ele se arrependesse" (Roy B. Zuck, *in loc.*).

A Rebeldia de Jó (34.34-37)

34.34

Os homens sensatos dir-me-ão. Jó prosseguiu em seus caminhos insensatos, falando sobre como os inocentes sofrem. Eliú, pois, conclamou os homens de *compreensão* a rejeitar tal falta de bom senso. *Homens sábios* lhe dariam ouvidos, mesmo que Jó se recusasse a fazê-lo. Grande companhia de sábios haveria de dominar o pobre Jó, continuando a assediá-lo, tentando mudar sua idéia, para que ele abandonasse as blasfêmias. Aos quatro temíveis críticos de Jó, outras pessoas se ajuntariam, todas entoando a mesma música: "Arrepende-te, Jó, hipócrita, e então a bênção divina retornará à tua vida!". Todos os sábios perderiam o ponto primordial do episódio inteiro: os homens inocentes algumas vezes sofrem de maneira inexplicável.

34.35

Jó falou sem conhecimento. Jó, aquele homem estúpido, tinha fingido ser sábio, mas considerem-no agora, sofrendo ali em seu monturo de cinzas. Deus o havia reduzido a nada, por causa de seus pecados secretos, contudo ele continuava afirmando que sua punição era injusta. Parecia claro que Jó tinha falado sem entendimento. Ele não era nem nunca tinha sido um sábio. Vinha desempenhando um papel teatral. Jó era um bom ator, mas Deus mostrou quem ele realmente era. Jó preferiu a vereda da rebeldia e, portanto, teria de pagar por isso. Jó se rebelara contra o bom senso e contra a luz que já possuía. Que ninguém desperdiçasse com ele a sua piedade!

34.36

Oxalá fosse Jó provado até o fim. "É certo que Deus o está punindo, e espero que continue, até que ele sofra morte miserável. Isso seria uma expressão de justiça, e eu sou um homem que sempre se deleita em ver a justiça ser feita!" Assim falou Eliú, sem nenhuma misericórdia, completamente errado em suas premissas básicas. Ele não tinha espaço em sua teologia para a idéia de que os inocentes podem sofrer, pelo que procurou esmigalhar um homem que já estava derrubado.

"Trata-se de um desejo muito duro, mas o capítulo inteiro foi vazado no mesmo espírito, sendo quase inteiramente destituído de suavidade e compaixão. Quem poderia supor que tais argumentos tivessem saído da boca do Salvador da humanidade?" (Adam Clarke, *in loc.*).

Jó tornou-se *porta-voz* dos ímpios, pleiteando causas más e escondendo pecados secretos. Isso agravava a sua rebeldia. Ele era não somente um pecador; era o chefe dos pecadores, o líder do bando de pecadores.

Eliú compartilhava das atitudes sem coração da terrível tríade e, ao aliar-se a ela, compôs uma quadra temível. Caros leitores, isso parece típico dos *fundamentalistas agressivos*, que *odeiam* em nome de Deus. E, no entanto, a prova da espiritualidade consiste em viver a lei do amor, segundo aprendemos em I João 4.7.

> *Todos nascemos para o amor. Esse é o princípio da existência, e é seu único fim.*
>
> (Benjamim Disraeli)

A leitura da nota posta à margem da Bíblia em hebraico mostra Eliú apelando a Deus como *Pai*, conclamando-O a continuar punindo Jó. E a versão da Vulgata Latina segue esse texto.

34.37

Pois ao seu pecado acrescenta rebelião. Jó parecia já cheio de pecados, mas cometeu o equívoco fatal de adicionar *rebelião* à massa total de seus pecados. Quando Jó falou, também "bateu palmas" para chamar a atenção de seus ouvintes, a fim de enfatizar suas palavras. Jó tornou-se um tolo intolerável. Ele continuava multiplicando palavras, que se tornaram um grande monte de tolices.

Bate ele palmas. Talvez o fato de Jó bater palmas fosse um gesto de ira, e não meramente de ênfase para as palavras. O bater de palmas também pode expressar *alegria* (ver Sal. 47.1), mas Jó não tinha muito para sentir-se feliz.

Capítulo Trinta e Cinco

Os discursos de Eliú começaram no capítulo 32; forneço detalhada caracterização desses discursos na introdução àquele capítulo, portanto não a repito aqui. Eliú falou mais do que a terrível tríade, e somente o próprio Jó falou mais do que Eliú. Contudo, ele tinha algumas coisas para acrescentar, a despeito de sua dureza e arrogância. Forneço um gráfico no fim do capítulo 37, que exibe a contribuição de Eliú, oferecendo também alguma compreensão sobre por que os homens sofrem e por que sofrem como sofrem.

Verdadeiramente, Eliú era homem agressivo, em imitação aos outros três amigos de Jó, que o atacavam sem misericórdia. A despeito disso, ele produziu excelente composição poética, com algumas novas idéias. Eliú era jovem precipitado e impetuoso, místico autoproclamado (ver Jó 32.8). Os três amigos de Jó eram indivíduos tradicionalistas e dogmáticos, ao passo que Eliú era um *revelacionista*. Há diversos tipos de saber, que não competem entre si, embora homens insensatos os separem em classes antagônicas. Ver na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* o verbete denominado *Conhecimento e a Fé Religiosa*, quanto a uma exibição de como tomamos conhecimento das coisas e uma revisão das teorias da verdade.

Deus, o Doador de Canções à Noite (35.1-16)

Direitos dos Homens Diante de Deus (35.1-4)

Eliú continuou a defender a soberania de Deus às expensas de Jó. Jó queixou-se de que era homem *inocente*, mas, apesar disso, estava recebendo providência divina negativa, sem dúvida, um absurdo. Mas Deus está acima de todo o raciocínio humano e a vontade Dele é suprema. Logo, o homem acha-se em posição falsa, quando se queixa do que aparece em seu caminho. Deus não ouviria Jó, seja como for, por causa de seu orgulho teimoso.

Jó prosseguia em seus discursos ímpios, por causa da repreensão de Eliú (vss. 1-4). Nenhum ser humano pode afetar Deus pela sua iniqüidade, nem dar-Lhe alguma vantagem pela sua piedade (vss. 5-8). Muitas pessoas são afligidas, mas poucas têm o bom senso de clamar a Deus da maneira correta, pelo que continuam sendo afligidas (vss. 9-16).

35.1-2

Disse mais Eliú. Este jovem precipitado e impetuoso, místico autonomeado (ver Jó 32.8), continuava a falar. Ele tinha certeza de possuir a resposta para o problema do sofrimento humano (ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Problema do Mal*).

Jó, em sua arrogância e hipocrisia, pôs-se acima do próprio Deus, porquanto O chamou de injusto, quanto à maneira como tratara com seu caso, ao mesmo tempo que estava seguro de que *ele próprio* era justo e inocente. Portanto, Jó estava em um plano moral mais elevado que o do Deus Todo-poderoso! Naturalmente, o Deus concebido por Jó era voluntarista, um ponto de vista que põe a vontade acima da razão e obscurece a justiça. De fato, Jó estava acima *desse tipo* de Deus. Quanto a uma explicação, ver na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* o artigo chamado *Voluntarismo*.

Neste ponto, Eliú citou Jó e, então, o refutou. Ele disse: "Serei justificado". Ou seja, serei declarado inocente, quando a justiça finalmente vier à tona. Ver o gráfico em Jó 33.8, que lista todas as citações usadas por Eliú.

"Como Jó esperava ser vindicado por Deus (cf. Jó 13.18) como alguém inocente ao mesmo tempo que insistia que a sua inocência não tinha valor

diante de Deus? Tal posição era incoerente, argumentou Eliú. Este já havia citado Jó, como quem tinha perguntado que *proveito* ou *vantagem* ele receberia por estar servindo a Deus (ver Jó 34.8; cf. Jó 21.15)" (Roy B. Zuck, *in loc.*). Naturalmente, Eliú acusava Jó de criar uma visão distorcida de Deus, que também consistia em um problema para os outros críticos (conforme fica implícito no vs. 4).

> *Em paz eu vivia, porém ele me quebrantou; pegou-me pelo pescoço e me despedaçou.*
>
> (Jó 16.12)

35.3

Porque dizes: De que me serviria ela? Eliú relembrou várias citações de Jó e passou a refutá-las. Neste capítulo encontramos duas dessas citações: uma no vs. 2, e outra no vs. 3. "De que me adianta ser bom, e que ganharei por não pecar?" (ver Jó 21 15). Jó queixou-se de que Deus tratava tanto os bons como os maus da mesma maneira cruel (ver Jó 9.22). Por conseguinte, aparentemente Deus não observa o que acontece na terra e permite que o mesmo *caos* atinja tanto os bons quanto os maus e, mesmo que Ele esteja vigiando, não aplica Seu poder para garantir que os bons estão sendo recompensados, enquanto os maus sofrem algum desastre. O que aconteceu a Jó o tornou amargo e queixoso. Ver Jó 33.8 quanto a um gráfico que lista todas as citações feitas por Eliú dos discursos de Jó, às Eliú então respondeu. Ele tentava mostrar que Jó tinha um ponto de vista distorcido sobre Deus. Os homens têm o mau hábito de procurar recompensa imediata e dramática por sua piedade e, quando essa recompensa demora, eles começam a questionar e a rebelar-se. Ver Mat. 19.27. O símbolo milenar do cristianismo é a cruz. A cruz manifesta grande sofrimento, *antes* que a vitória seja concedida. Por conseguinte, os homens contemplam o ridículo jogo da vida, tentando encontrar nela algum significado, mas não conseguem ir muito longe. Eles vêem o *caos* golpeando por todos os lados e, em face disso, volvem-se para o ateísmo.

35.4

Dar-te-ei resposta. Eliú, o jovem revisionista precipitado e impetuoso, tomou sobre si a tarefa de responder tanto a Jó quanto a seus três amigos molestos. Ele acreditava que todos os quatro tinham distorcido o conceito de Deus, de modo que proferiram palavras tolas. Primeiro, ele apresentou como parte de sua refutação uma doutrina da *transcendência* de Deus.

Aos teus amigos contigo. Eliú fez dos quatro um todo, como a quem faltava plena compreensão e como distorcedores de certas verdades importantes. "... juntou em um único bloco àqueles que entretinham sentimentos parecidos (ver Jó 34.8,36)" (Fausset, *in loc.*).

Deus Está Livre dos Homens (35.5-8)

Em certo sentido, Eliú afirmava que Deus está além do bem e do mal; Ele está acima de todos. O homem não oferece a Deus nenhuma vantagem por ser bom ou mau, apesar da existência da justiça que equilibrará as contas, afinal. Parece haver certa contradição entre a transcendência de Deus e o fato de Ele ter descido para julgar. A distinção entre o bem e o mal deve permanecer, pois do contrário o mundo cairá no caos (vs. 8). Temos aqui uma espécie de paradoxo: transcendente, mas ao mesmo tempo, iminente. Deus é transcendental, pelo que está acima e além do bem e do mal que ocorrem na terra. Nenhum homem tira proveito por ser bom ou mau. Por outro lado, Sua justiça desce para acertar as contas (um ato de iminência). Temos aqui um paradoxo natural, mas há verdade em ambos os lados. Ver no *Dicionário* os verbetes chamados *Transcendente, Transcendência* e também *Imanência de Deus.* Na sua natureza essencial, Deus é *totalmente outro.* Não temos categorias para descrevê-Lo. Contudo, em outro sentido, *Ele está aqui,* recompensando os bons e castigando os maus. Tal como se dá com todos os *paradoxos* (ver a respeito no *Dicionário*), não temos uma perfeita harmonização dos fatos.

35.5

Ilustrando a transcendência de Deus, podemos contemplar o firmamento, tão elevado, tão insondável. "Aqueles céus e seus exércitos foram criados por Deus. A mera visão deles é suficiente para mostrar que Deus nos ultrapassa infinitamente em sabedoria e excelência" (Adam Clarke, *in loc.*).

Cf. este versículo com algo similar ao que Elifaz disse em Jó 22.12-13. Os homens tateiam em busca do conhecimento. Eles entendem, por natureza, que Deus deve ser grande e poderoso, mas não sabem como aplicar isso a si mesmos. Será possível que um Deus tão *alto* realmente se preocupe com os homens? O *teísmo* será uma verdade? Ver sobre esse assunto no *Dicionário.*

35.6

Se pecas, que mal lhe causas tu? Cf. os vss. 6-7 com partes do discurso de Elifaz (ver Jó 22.2-3) e com um elemento no discurso de Jó (ver Jó 7.20). A idéia da transcendência naturalmente promove o *deísmo* (ver a respeito no *Dicionário*) e não o *teísmo.* De acordo com essa idéia, o Deus transcendental abandonou Sua criação ao governo das leis naturais. Mas a transcendência é apenas uma das idéias. Ela é incompleta e unilateral, sem o equilíbrio da imanência de Deus. Deus está *acima* de todas as Suas criaturas, ao mesmo tempo que está *em* todas elas! Quase todas as grandes verdades nos envolvem em paradoxos. As teologias sistemáticas, entretanto, tentam tirar o paradoxo da fé, pelo que distorcem as idéias, tornando-as abordagens unilaterais. O julgamento divino é *retributivo,* mas também *restaurador* (ver I Ped. 4.6). Isso é um paradoxo. Eliminar o elemento retributivo ou o elemento restaurador do conceito do julgamento divino é cair em uma teologia unilateral, que requer certa distorção. As teologias sistemáticas detestam problemas. Assim sendo, os teólogos sistemáticos simplificam e distorcem a verdade a fim de obter *conforto mental.* Caros leitores, conforto mental não é sinônimo da verdade. Somente porque uma declaração soa aceitável, porque não levanta perguntas, não significa que exprima a verdade. A verdade não é um sinônimo que soa bem. Grandes verdades nos excitam; não nos acalmam. Os pioneiros produzem novas verdades e sempre causam dor aos homens.

O presente versículo usa um tom deísta ao falar sobre a transcendência de Deus, mas o livro de Jó também está repleto da idéia contrária, a noção da imanência. Falando sobre o Deus transcendental, pode-se supor que nossos pecados não O afetam de maneira alguma, nem mesmo despertam Seu julgamento. Mas seja como for, por certo não O prejudicamos, em nenhum sentido, pelo mal que praticamos.

35.7

Se és justo, que lhe dás...? O *tom deísta* continua a ter o lado oposto da moeda. Nossa retidão também em nada afeta Deus. Não O aprimora nem O piora. "Deus não é afetado adversamente pelos pecados, nem beneficiado pelas condições de retidão do homem (cf. as palavras similares de Elifaz sobre as *estrelas* em Jó 22.12), nem pela *indiferença do homem* (ver Jó 22.2-3). A maldade ou a retidão das pessoas afetam somente o homem (vs. 8) e não Deus" (Roy B. Zuck, *in loc.*). Esses são bons argumentos, mas apenas *unilaterais,* porque deixam de fora outra grande verdade, a imanência de Deus, que tantas outras passagens bíblicas enfatizam. É que estamos abordando a questão de um *paradoxo,* conforme comento no versículo anterior.

"Eliú exaltou a grandeza de Deus à custa de Sua graça. Ele exaltou a transcendência de Deus, às expensas de Sua imanência. Estabeleceu um padrão material, em vez de um padrão espiritual de proveito ou perda. Eliú não percebeu que Deus *ganha* o que Ele mais deseja, pela bondade do homem, e perde o que mais ama, pela maldade do mesmo homem. Ele faz Deus tornar-se um Ser tão frio, distante, apático e sem coração... Esse não é o Deus de Israel, nem o Deus de quem Eliú falará nas próximas sentenças" (James Strahan, *The Book of Job, in loc.*).

35.8

A tua impiedade só pode fazer o mal ao homem. Importa muito aquilo que o homem faz ao homem; importa muito se ele vive ou não a lei do amor. De fato, seu *novo nascimento* é submetido a teste ali mesmo, mediante a qualidade do amor (ver I João 4.7). Outrossim, as duas grandes colunas da espiritualidade são o amor e o conhecimento. O centro não é o próprio "eu" e, sim, as *outras pessoas.* Além disso, cada um de nós encontra o seu centro em Deus (ver Col. 1.16). Sem o amor, não há centro em parte alguma. O amor é onde as ações se concentram. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Amor,* quanto a informações detalhadas.

> *Gostaria de ser veraz, pois há aqueles que confiam em mim;*
> *Gostaria de ser puro, pois há aqueles que se importam.*
>
> —
>
> *Gostaria de ser amigo de todos, dos inimigos e dos poucos amigos;*
> *Eu estaria dando e esquecendo tudo.*
>
> —
>
> *E eu teria fé para guardar a vereda pela qual Cristo palmilhou.*
>
> (Howard Arnold Walter)

> *... a piedade para tudo é proveitosa, porque tem a promessa da vida que agora é e da que há de ser.*
>
> (I Timóteo 4.8)

Dons de Deus aos Homens (35.9-12)

35.9

Por causa das muitas opressões. O homem preocupado com o bem-estar de outros homens tem consciência dos muitos e grandes abusos que se acham neste mundo.

> *Vi ainda todas as opressões que se fazem debaixo do sol: eis as lágrimas dos que foram oprimidos, sem que ninguém os condenasse; vi a violência na mão dos opressores, sem que ninguém os consolasse.*
>
> (Eclesiastes 4.1)

Jó sofria "sem causa" (Jó 2.3) e, presumivelmente, às mãos de Deus. Assim também outros sofrem por causa de homens ímpios desprovidos de razão. As massas sofrem, e os programas de alívio são inadequados. Ademais, há homens que seguem uma vereda de egoísmo e pouco se importam com o que acontece a outras pessoas. Mas a espiritualidade serve para *aliviar o sofrimento* (Tia. 2.14 ss.). O versículo pode ser interpretado como se dissesse que os sofredores não encontram ajuda nem mesmo quando apelam a Deus; mas outras interpretações dizem que não "apelam para Deus *de maneira correta*", embora isso seja menos provável.

35.10

Mas ninguém diz. Algumas pessoas angustiadas deixam de apelar para Deus e, por isso mesmo, continuam angustiadas. Outras apelam para Deus, mas suas orações não são ouvidas. Outras, ainda, apelam para Deus, mas não da maneira certa. Mas o que está incluso neste versículo? Se o autor continuasse aqui a expressar o seu *deísmo* (ver a respeito no *Dicionário*), então teríamos o *Deus indiferente* dos vss. 6-7. Talvez a resposta seja que o homem, em suas corrupções, *não sabe* como aproximar-se do Deus Altíssimo, pelo que também não recebe nenhuma ajuda da parte Dele. Os homens, em seu *orgulho* (vs. 10), perderam de tal maneira o rumo, que anularam o conhecimento de como devemos aproximar-nos Dele. *Presume-se* que, se essas pessoas se aproximassem humildemente de Deus, o Criador delas, seriam aliviadas de seus sofrimentos. Parece ser isso o que querem dizer os vss. 14-16, onde o autor sacro retoma à idéia do Deus que vê e pune os errados. Ele *pode ser* um Deus que recompensa, se os homens assim merecerem. Sem dúvida, Eliú tinha em mente o caso de Jó. Este sofria contínua dor, mas não sabia como aproximar-se de Deus, por causa de sua iniqüidade, que conseguira ocultar de seus semelhantes.

Que inspira canções de louvor durante a noite. Alguns estudiosos vêem aqui o opressor dançando a noite inteira em sua alegria, enquanto outras pessoas, "lá fora", sofriam; mas isso não parece ajustar-se bem ao texto sagrado. O que mais provavelmente está em foco é que o alívio do sofrimento é possível, pois poderá haver canções de louvor para os oprimidos, *se* eles aprenderem a clamar a Deus. Uma alma santa tem comunhão contínua com Deus: suas noites e seus dias são cheios de felicidade. "Deus, a fonte de todas as bênçãos, é o alvo contínuo dos cânticos de louvor" (Adam Clarke, *in loc.*).

> *Contudo, o Senhor, durante o dia, me concede a sua misericórdia, e à noite comigo está o seu cântico, uma oração ao Deus da minha vida.*
>
> (Salmo 42.8)

35.11

Que nos ensina mais do que aos animais da terra. Deus é o mestre especial dos *homens*, os quais são objetos especiais de Seus dons e de Sua graça. Outras criaturas vivas, como as feras do campo e as aves do céu, não são *ensinadas* por Ele. O homem que recebe instruções torna-se objeto da bondade de Deus. E é demonstração de *sabedoria* receber os ensinos de Deus, pois é dali que flui a *boa vida*. Naturalmente, o homem é superior aos animais irracionais; mas, devido à sua iniqüidade, ele desce abaixo das feras. Dessa maneira, ele interrompe o fluxo das bênçãos divinas e é lançado nas trevas, onde nenhuma canção de louvor é ouvida. A própria opressão, pois, pode ser um instrumento das instruções divinas, se for recebida da maneira correta. Alguns homens, entretanto, preferem ser afligidos a humilhar-se diante de Deus.

> *O boi conhece o seu possuidor, e o jumento, o dono da sua manjedoura; mas Israel não tem conhecimento, o meu povo não entende.*
>
> (Isaías 1.3)

> *Até a cegonha no céu conhece as suas estações; a rola, a andorinha e o grou observam o tempo da sua arribação; mas o meu povo não conhece o juízo do Senhor.*
>
> (Jeremias 8.7)

35.12

Clamam, porém ele não responde. Os *homens* clamam pedindo a ajuda de Deus, mas suas orações não são ouvidas, porque eles são orgulhosos e não abandonam os males que praticam. Naturalmente, Eliú pensava em Jó ao proferir essas palavras. Jó estava sofrendo a *Lei Moral da Colheita segundo a Semeadura* (ver a respeito no *Dicionário*), de acordo com a opinião de Eliú; ou seja, sem se arrepender, Jó nada poderia esperar da parte de Deus. Jó não elevava a voz aos céus, confessando seus pecados, nem queria esquecer esses pecados, a despeito de seus intensos sofrimentos. Por conseguinte, nenhum alívio divino lhe era conferido.

> *O perverso, na sua soberba, não investiga; que não há Deus são todas as suas cogitações.*
>
> (Salmo 10.4)

A maior parte dos homens acredita na existência de um Deus (ou deus) de alguma espécie. Entretanto, quase todos são *ateus práticos*. Também são *ateus teóricos*, mas não acreditam que isso faça alguma diferença na vida deles. Jó professava crer em Deus, mas vivia (segundo Eliú pensava) como se Ele não existisse. Os ateus práticos clamam a Deus quando estão em angústia, mas não têm nenhuma intenção de arrepender-se uma vez que a dor cessa. "Deus não responde a clamores *vazios* (insinceros), pois tais orações estão alicerçadas na arrogância" (Roy B. Zuck, *in loc.*).

35.13

Só gritos vazios Deus não ouvirá. Deus vela Sua presença e retira Sua graça de pecadores arrogantes que clamam a Ele somente quando precisam de alívio para suas dores. De acordo com a estimativa das coisas feita por Eliú, era o que acontecia a Jó. Ele clamara que não podia ver a Deus nem encontrá-Lo (ver Jó 9.11; 23.8,9), embora tivesse entregado o caso em Suas mãos (ver Jó 13.18 e 23.7). Eliú pensava compreender o que estava acontecendo. Jó era um buscador insincero, um hipócrita arrogante. Não se admirava que Deus ignorasse suas orações e mantivesse a opressão. As orações de Jó, pois, eram inúteis, ou seja, *vazias*. Não havia espiritualidade por trás delas. Jó era apenas um grande fingidor.

35.14

Ainda que digas que não o vês. Jó disse que não podia "localizar Deus". Mas, embora não pudesse localizá-Lo, era certo que Deus sabia onde encontrar Jó para puni-lo, por causa do mau espetáculo que ele estava realizando. O lamentável caso de Jó era conhecido pelo Deus Todo-poderoso, que punia o pecador. Mais ainda viria, e toda aquela miséria terminaria com a morte do ímpio Jó. Eliú volta ao Deus imanente, abandonando a fala sobre a transcendência (vss. 5 ss.). De súbito, Deus desceu de Seus exaltados céus, onde Ele era totalmente "outro", e feriu o pecador com Sua vara. Jó havia negado a moralidade de Deus, acusando-O de ameaçar os bons e os maus da mesma maneira miserável (ver Jó 9.22). Mas esse Deus imoral estava prestes a ensinar a Jó algumas lições sobre a justiça.

35.15-16

Mas agora, porque Deus na sua ira não está punindo. *Pelo momento*, Deus se mantinha relativamente indiferente, permitindo que Jó, aquele homem iníquo, continuasse a seguir seu curso. Deus estava mostrando a Sua ira, mas não com a intensidade com que poderia fazê-lo. Visto que Jó não havia acolhido o "tratamento máximo", ele continuava com a conversa de ser um homem inocente, enchendo a cena com palavras vãs (vs. 16). Ele continuava multiplicando palavras que não tinham sentido, chegando algumas vezes ao extremo de blasfemar. As coisas, porém, não podiam continuar como estavam. Os raios divinos em breve poriam fim a todo aquele teatro. Este vs. 15 é extremamente obscuro, e apresento a idéia que sugere a Revised Standard Version, semelhante à tradução das versões da Imprensa Bíblica Brasileira e da Atualizada. A King James Version não nos oferece muito sentido, reproduzindo fielmente a *obscuridade* do original hebraico.

"O adiamento do julgamento divino não prova que ele deixará de ser executado; nem o adiamento da misericórdia prova que Deus se esqueceu de ser gracioso" (Adam Clarke, *in loc.*).

"Eliú sentia que Deus não poderia justificar Jó (ver Jó 35.2), enquanto este questionasse o valor de servir a Deus (vs. 2) e orasse com coração orgulhoso (vs. 12), ao mesmo tempo que pensava nada fazer Deus quanto à iniqüidade" (Roy B. Zuck, *in loc.*).

Não repreende perpetuamente, nem conserva para sempre a sua ira. Não nos trata segundo os nossos pecados, nem nos retribui consoante as nossas iniqüidades.

(Salmo 103.9-10)

Capítulo Trinta e Seis

Os *discursos de Eliú* ocupam os capítulos 32-37 e são os mais volumosos, excetuando os discursos de Jó, que falou ligeiramente mais em suas oito ou nove réplicas aos oito ou nove discursos de seus três amigos. Eliú não é referido nem no começo do livro (como examinador de Jó) nem no epílogo. Alguns estudiosos supõem que o autor original (ou algum escriba subseqüente) tenha truncado o livro original, eliminando o terceiro discurso de Zofar, bem como a terceira réplica de Jó a ele. Isso aconteceu, segundo supõem esses estudiosos também porque a linguagem desceu a declarações amargas e até blasfemas, que os piedosos leitores judeus não suportariam. Conseqüentemente, no hiato deixado, os discursos de Eliú foram colocados. Seja como for, seus discursos conseguiram adicionar fatores importantes à discussão sobre a questão de por que os homens sofrem, e por que sofrem como sofrem (ver no *Dicionário* o verbete chamado *Problema do Mal*). Quanto às adições feitas por Eliú, ver o gráfico no fim do capítulo 37.

No começo das notas sobre o capítulo 32, dou uma *introdução* geral aos discursos de Eliú, pelo que não repito essa informação.

Deus é Grande, e Jó Era um Ignorante (36.1-37.24)

"Eliú, a esta altura dos acontecimentos, tinha completado sua refutação dos ataques teológicos de Jó. Agora ele oferecerá uma contribuição positiva, descrevendo os propósitos de Deus na aflição dos justos (ver Jó 36.1-25); continuando com uma meditação, em forma de hino, sobre as maravilhas da providência divina (ver Jó 36.1-37.13); e concluindo com uma exortação final para Jó temer o seu Criador (ver Jó 37.14-24)" (Samuel Terrien, *in loc.*).

Capítulo 34: Eliú defende a justiça de Deus.

Capítulo 35: Eliú defende a soberania de Deus.

Capítulos 36-37: Ambos os princípios são novamente defendidos. Eliú tentou responder tanto a Jó (ver Jó 32.2 e 33.10-12) quanto aos seus três "amigos" (ver Jó 32.3,12).

36.1-2

Prosseguiu Eliú, e disse. *Eliú Continuou Falando*. Ele ansiava por apresentar *defesas adicionais* a Deus contra os ataques de Jó e suas tolas conversas, que, algumas vezes, desciam a meras blasfêmias. Ele tinha mais para dizer em *favor* de Deus. Sentia-se infeliz com a conversa insensata de Jó (ver Jó 35.16), mas também com os três amigos, porquanto nada tinham feito para fechar a boca de Jó. Eliú era um *revelacionista* que afirmava receber inspiração divina direta (ver Jó 32.8), ou seja, revelações superiores às dos indivíduos dogmáticos e tradicionalistas, que meramente apresentam conhecimento acumulado como aquele adquirido em livros (que era a condição da terrível tríade).

Começa Aqui o Quarto Discurso de Eliú. O primeiro discurso ocupou os capítulos 32-33; o segundo discurso, o capítulo 34; e o terceiro discurso ocupou o capítulo 35. Eliú apresentou algumas valiosas adições à discussão, as quais sumario em um gráfico no fim das notas expositivas sobre o capítulo 37.

36.3

De longe trarei o meu conhecimento. Temos *outra defesa da justiça* de Deus. Deus é o Criador do homem, e o Criador sempre faz o que é reto, a despeito das queixas contrárias de Jó.

Em contraste com os três amigos molestos de Jó (ver Jó 16.2), que dependiam do conhecimento acumulado dos sábios, Eliú obteria suas palavras *de longe*. Provavelmente, ele se referia à contenção de que recebera revelações diretas "do céu" (ver Jó 32.8). Os três "amigos" de Jó eram indivíduos dogmáticos e tradicionalistas, mas Eliú era um *revelacionista.* Para Eliú, como é natural, isso significava ser um homem superior e um porta-voz direto de Deus. Como é óbvio, ele era um jovem arrogante. Não obstante, ainda assim tinha alguma coisa digna para dizer, o que ocorre no caso de *alguns* homens arrogantes. Ter Eliú por perto tornava desnecessária a aparição de uma teofania (ver a respeito no *Dicionário*). Eliú era a teofania de Deus! Alguns eruditos pensam que Eliú quis dizer somente que tinha *larga gama* de discernimentos; mas isso não está em consonância com a arrogância demonstrada no vs. 4.

Contraste-se isso com a avaliação de Jó, feita por Eliú, a quem ele acusou de ser um homem "sem conhecimento" (ver Jó 34.35; 35.16).

36.4

Porque na verdade as minhas palavras não são falsas. O jovem Eliú era realmente impetuoso e precipitado. Uma vez mais, reivindicou possuir inspiração divina. Deus, aquele Ser Perfeito, inspirava as suas declarações. Portanto, Eliú não poderia estar equivocado. Todas as suas palavras eram autênticas e douradas. Assim é que este versículo amplia e fortalece o que foi dito no vs. 3. Talvez Eliú até afirmasse que a teofania de Deus regularmente o acompanhava, sussurrando segredos em seus ouvidos. Ver Jó 37.16. A Vulgata traduz este versículo de tal maneira, que faz do próprio Eliú aquele ser perfeito que não podia dizer nada errado. Nesse caso, Eliú se revestia de autoridade semelhante à do papa, falando *ex cathedra* aos que lhe eram inferiores. "Eliú apontou para si mesmo em oposição aos raciocínios desonestos dos três amigos de Jó (ver Jó 31.34)" (Fausset, *in loc.*). Mas a maioria dos intérpretes rejeita corretamente esse significado. Eliú simplesmente continuou a reivindicar ser um revelacionista, em contraste com os dogmáticos e tradicionalistas inferiores, que assediaram Jó, mas sem o convencer de coisa alguma.

36.5

Eis que Deus é mui grande. Embora Deus seja Todo-poderoso, não se assenhoreia dos homens como um tirano. Deus não despreza nenhum ser humano. Ele está pronto para revelar o certo e o errado; está pronto para castigar, mas também para abençoar o homem arrependido que abandona sua anterior impiedade. Eliú, pois, apresentou alguma esperança para Jó. "A onipotência divina não é incompatível com a justiça e a bondade divina" (Samuel Terrien, *in loc.*).

Se, porém, algum de vós necessita de sabedoria, peça-a a Deus, que a todos dá liberalmente e nada lhes improperia; e ser-lhe-á concedida.

(Tiago 1.5)

"Deus não repreende nenhum homem por sua falta de conhecimento. Se alguém não tem sabedoria, pode aproximar-se de Deus, o qual dá liberalmente e não censura" (Adam Clarke, *in loc.*). "Alguns *homens* têm forças, mas não dispõem de sabedoria para usar essas forças; Deus, contudo, abunda tanto em sabedoria como em força. Ele é o único Deus Todo-poderoso e *Todo-sábio,* de modo que também não pode praticar nenhuma injustiça" (John Gill, *in loc.*).

36.6

Não poupa a vida ao perverso. Os ímpios estão destinados a um fim mau, mas os inocentes (conforme Jó afirmava ser) têm os *direitos* preservados. Os inocentes têm o direito de viver longo tempo, de prosperar, de gozar de boa saúde e de ser salvos dos desastres da vida. *Jó* teria tais direitos, *se* fosse verdadeiramente inocente. Assim sendo, Eliú repetiu argumentos dos debatedores desgastados. Ver Jó 15.27-35; 20.5-29. Em contraste, Jó observou os ímpios viver por longo tempo e prosperar (ver Jó 21.7,27-33), enquanto um inocente fora cortado miseravelmente e roubado de tudo quanto possuía. Por que os indivíduos *inocentes* sofrem? Essa é a grande pergunta que o caso levantou. Não tocava à teologia dos dogmáticos explicar por que era assim. E também não pertencia à teologia dos tradicionalistas explicar tal coisa. Nem cabia à teologia dos revelacionistas explicar por que as coisas eram assim. A pergunta continuou sem resposta.

36.7

Dos justos não tira os seus olhos. O humilde homem justo é exaltado pelo Deus Todo-poderoso, a ponto de ser elevado com os reis sobre seus tronos. Juntamente com os homens mais poderosos, ele é exaltado para sempre. Não obstante, Jó tinha observado exatamente o contrário "lá fora".

Ele ergue do pó o desvalido e do monturo, o necessitado, para o assentar ao lado dos príncipes, sim, com os príncipes do seu povo.

(Salmo 113.7-8)

Não tira os seus olhos. Os olhos orientadores, protetores e abençoadores do Deus Todo-poderoso acompanham o justo e garantem sua longa vida e seu sucesso.

Os olhos do Senhor repousam sobre os justos, e os seus ouvidos estão abertos ao seu clamor.

(Salmo 34.15)

Assim sendo, Eliú elaborou sobre a *Lei Moral da Colheita segundo a Semeadura* (ver no *Dicionário*). No entanto, Jó sabia que estava sofrendo miséria "sem causa" (Jó 2.3).

Os hebreus esperavam justo tratamento da parte do Deus Todo-poderoso, porquanto combinavam a onipotência com a bondade. Os gregos, em contraste, tinham deuses ferozes e injustos, que podiam praticar a maldade e prejudicar homens bons, abençoando os ímpios, tudo dependendo da vontade deles. Em outras palavras, seus deuses eram voluntaristas, para quem a *vontade*, e não a razão, era suprema. As queixas de Jó retratavam um deus (Deus) voluntarista, uma distorção dos fatos teológicos, mas não uma distorção do que estava acontecendo a ele. Ver na *Enciclopédia de Biblia, Teologia e Filosofia* o artigo chamado *Voluntarista.*

36.8-9

Se estão presos em grilhões. Se um *presumível* homem justo estiver sofrendo alguma aflição, literal ou figurada, preso por cadeias e em desastre, então Deus mostra-se misericordioso, caso ele seja um pecador *honesto,* apontando-lhe os erros, as "transgressões", a fim de que ele se arrependa e se livre de suas dores. Uma vez mais Eliú, imitando os três amigos de Jó, voltou a usar uma *teologia-cura-tudo,* ao asseverar que o sofrimento é causado pelo pecado e que Jó estava envolvido na síndrome do pecado-julgamento. Jó sabia mais que isso. Sua teologia era melhor, embora também ele não tivesse sido capaz de descobrir *por que* os homens sofrem. Os homens bons podem sofrer (ver I Ped. 2.20). Algumas vezes, as causas desse sofrimento são conhecidas, outras vezes não.

Este versículo, como é lógico, transforma o sofrimento em *disciplina,* e não apenas retribuição, e essa foi uma das contribuições de Eliú à discussão. Ver o gráfico no fim do capítulo 37, quanto a um sumário das contribuições de Eliú. Ele trouxe *alguma luz,* embora não tivesse encontrado a solução para o *Problema do Mal* (ver no *Dicionário,* bem como a seção V da *Introdução* ao livro).

Que se houveram com soberba. Esta é uma interpretação do hebraico literal, "eles se mostraram *fortes*". Eles se fanfarronaram perante o Deus Todo-poderoso, como se fossem fortes o bastante para desafiá-Lo. Mas a força deles não passava de orgulho falso, um vício próprio dos fracos e não dos fortes.

36.10

Abre-lhes também os ouvidos. *Deus nos instrui* através das aflições, como também à parte delas, e é capaz de abrir os ouvidos dos ímpios que estejam dispostos a receber a ajuda divina. Durante esse processo, eles são curados e suas aflições cessam. Portanto, Eliú continuou a apresentar aquela resposta *simplista* para as dores dos homens: a lei da colheita conforme a semeadura, e também a lei do *arrependimento,* o cura-tudo. Esses são bons princípios, mas não explicam por que os inocentes sofrem, nem avançam muito para explicar o complexo problema do sofrimento humano.

Cf. este versículo com Jó 33.16,18,23, onde temos declarações similares e cuja exposição também se aplica aqui.

36.11

Se o ouvirem e o servirem. A obediência conduz à *prosperidade.* A prosperidade inclui todas as modalidades de *prazer.* O homem arrependido não pode resistir a tal barganha. Ele se livra dos pecados que vinham causando caos em sua vida, corrige-a, começa a praticar exercícios espirituais, a fim de manter sua espiritualidade, e eis que, em breve, sua vida será caracterizada pela prosperidade e pelo prazer. Essa atitude simplista era imprópria a um homem que se afirmava recebedor da inspiração divina direta (vss. 3 e 4). Jó era um homem justo que vinha praticando exercícios espirituais e contribuindo para o benefício da comunidade e, no entanto, terminou naquele montão de cinzas, com furúnculos por todo o corpo! A doutrina simplista de Eliú não podia reconciliar-se com a miséria da condição humana, que afeta tanto os bons quanto os maus.

Cf. este versículo com sentimentos similares, em Jó 5.17,18,23; 11.18; 17.12. "Um dos impulsos fundamentais da vida humana é o de atravessar a vida neste mundo com toda a segurança possível. Mas ninguém o faz" (Paul Scherer, *in loc.*).

Em última análise, assim acontecerá. O propósito universal de Deus em Cristo, o *mistério de Sua vontade,* garantirá esse resultado. Mas esse é um plano a longo prazo, que opera através dos séculos e, finalmente, centraliza todos os seres inteligentes e todas as coisas em torno de Cristo (ver Efé. 1.9,10). Ver a exposição sobre esses versículos no *Novo Testamento Interpretado;* e, na *Enciclopédia de Biblia, Teologia e Filosofia,* ver o artigo chamado *Restauração.* Caros leitores, é propósito de Deus resolver o problema do mal, mas essa é uma operação a longo prazo. Entrementes, os inocentes sofrem e continuamos perguntando *por quê.* Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Mistério da Vontade de Deus.*

36.12

Porém, se não o ouvirem. Este versículo contrasta os ímpios com os bons, referidos no vs. 11. Enquanto os bons prosperam e têm prazeres, os ímpios sofrem toda a espécie de desastres, dos quais a espada da guerra e da violência é um exemplo conspícuo. Os ímpios não somente morrem, mas morrem sem nunca ter obtido conhecimento ou sabedoria. Talvez até tivessem uma oportunidade de adquirir conhecimento. Não é que necessariamente não tiveram oportunidade, mas, se a tiveram, rejeitaram-na voluntariamente. O *conhecimento* aplicado poderia tê-los salvado da morte prematura, ou de um prolongado período de sofrimentos, até que a morte finalmente chegasse. Jó, porém, tinha conhecimento e sabedoria, e estava sofrendo, prestes a morrer prematuramente. Outrossim, conforme Adam Clarke supôs (*in loc.*), havia meramente alguns "poucos" e "evidentes desvios" para longe da lei, que Eliú destacou. Jó estava mais correto do que Eliú, quando observou que o mundo "lá fora" está cheio de injustiças e sofrimentos, e que os bons não estão isentos deles. Tomemos o caso da vida de Jesus, que foi chamado de "homem de dores", e Suas dores não eram merecidas. Ver Isa. 53.3.

Homem de Dores! Que nome!
Para o Filho de Deus que veio
Pecadores arruinados recuperar!
Aleluia, que Salvador.

(P. P. Bliss)

36.13-14

Os ímpios de coração amontoam para si a ira. Os *ímpios* são hipócritas. Eles continuam fazendo papel de homens bons e honestos. Mas a vida deles é uma mentira, e suas palavras são cheias de engano. Eles guardam a ira no coração (ver a Revised Standard Version). Quando caem em dificuldades, porque as aflições de Deus os atingem, não têm o bom senso de invocar a Deus, pedindo ajuda, nem se arrependem de seus pecados. E assim, continuam fingindo, em seu teatro particular, preferindo enganar os homens e sofrer a corrigir seus caminhos diante de Deus e abandonar o pecado. Eles insistem sobre esse modo de agir, até morrerem, ainda na juventude (vs. 14). A morte prematura é a maneira pela qual Deus os faz prestar-lhe contas. É dessa forma que a vida deles "termina vergonhosamente" (Revised Standard Version), em vez de *alegremente.* Mas porventura um homem que morre e não sai desta vida terrena abençoado por Deus tem morte jubilosa? A teologia patriarcal não prometia a recompensa para os justos, após a morte biológica, nem punição para os ímpios, em alguma espécie de pós-vida. Eliú nunca levantou essas possibilidades. Como é óbvio, sua teologia era deficiente, a despeito de toda a sua conversa infantil em ser diretamente inspirado por Deus (vss. 3-4).

Morrem entre os prostitutos cultuais. Assim é a tradução portuguesa da Atualizada, referindo-se à prostituição sagrada. O homem mau leva avante o seu programa debochado, que inclui a prostituição sagrada, e faz isso até o fim, morrendo "vergonhosamente" entre os prostitutos cultuais (ver Deu. 23.18 e I Reis 14.24). Roy B. Zuck (*in loc.*) afirma que *prostitutos masculinos* dos santuários pagãos é tradução da palavra hebraica *qedesim,* que significa literalmente "consagrados", isto é, homens e mulheres dedicados a ritos depravados, adoração idólatra e prática de prostituição nos templos pagãos, a fim de ganhar dinheiro para a manutenção do culto. Os cultos a Baal, Vênus, Astarote, Príapo etc. contavam com tais instituições abomináveis.

36.15

Ao aflito livra por meio da sua aflição. Em contraste com os pecadores hipócritas, o pobre homem reto tem acesso a Deus. Ele o ouve; Ele o livra; Ele o faz prosperar. Tal homem tem vida longa e cheia de alegria, e morre feliz! A única exceção é que isso nem sempre acontece de fato, embora seja um *bom ideal.* "A aceitação apropriada das aflições é o caminho da salvação" (Samuel Terrien, *in loc.*). Deus *abre os ouvidos* dos pecadores e mostra-se ativo para corrigir a situação. Mas o pecador precisa encorajar a abertura divina, e não rejeitá-la, como Jó fizera (na estimativa de Eliú). Para Eliú, Deus não estava *indiferente* para com o homem nem tratava bem aos maus, e mal aos bons; muito menos tratava ambos da mesma maneira (ver Jó 9.22).

Nos dias antigos, nos Estados Unidos, os homens deixavam a parte oriental para ocupar a parte ocidental do país. Tinham de atravessar leitos de rios e cruzar montanhas íngremes. Assim o faziam, eram bem-sucedidos e muito aprendiam pelo caminho. Agora, aviões a jato voam "por cima" do território e levam pessoas tão rapidamente, que mal se pode acreditar. Mas ninguém aprende coisa alguma. Eliú, entretanto, dizia que a "viagem através das tristezas" pode ensinar algo de valor. Os hipócritas, contudo, nada aprendem.

36.16-17

Assim também procura tirar-te das fauces da angústia. O discurso de Eliú fala da *trajetória* seguida por Jó. Deus realmente o havia feito prosperar. Deus o removeu de seu lugar estreito e o pôs noutro espaçoso. Em seguida, encheu a sua mesa de coisas boas. Infelizmente, porém, a boa vida de Jó logo o levou a cair no pecado. Ele perdeu a disciplina e começou a usar seu dinheiro, posição e poder para promover uma vida pecaminosa (e hipócrita). E Jó continuou a fingir que era o mesmo "homem bom" de ontem. Suas aflições, entretanto, caracterizavam-no como mentiroso. Algo tinha dado uma torção para pior na vida de Jó (vs. 17). A vida próspera e bendita por Deus (vs. 16) se arruinara em uma vida de *juízo divino* (vs. 17). A prosperidade deixou Jó descuidado, distorceu sua visão e engendrou desejos pelo deboche. A justiça divina, no entanto, apanhou o homem.

Alguns estudiosos pensam que os vss. 16-17 são *hipotéticos*. Deus teria feito por Jó o que é dito nestes versículos, *se* ele tivesse cumprido as condições para receber a bênção. Mas ele não as cumpriu, de modo que também terminou na miséria.

36.18

Guarda-te, pois, de que a ira não te induza a escarnecer. *Uma vez irado,* Jó poderia ter-se tornado um homem endurecido, caindo na zombaria e no ateísmo, que, com tanta freqüência, é o resultado dos sofrimentos. Não fora o problema do mal, e o ateísmo dificilmente existiria. Poucos homens são ateus intelectuais. Esses são homens que permitiram aos sofrimentos distorcer-lhes a mente. Eliú acenou com uma esperança para Jó, contanto que ele recebesse de bom grado as aflições e permitisse que elas realizassem sua obra restauradora. Em outras palavras, através do *sofrimento* ocorre disciplina e restauração. Jó, pois, foi exortado a permitir que a restauração atuasse. "O ressentimento de Jó contra Deus não deveria conduzi-lo a um pecado ainda mais grave. De Deus não se zomba. Sua ira deve ser aceita com penitência. Jó suportava, em *suas aflições,* a *expiação* de seu crime. Ele deveria carregar o peso inteiro de sua carga, em vez de ser atraído ainda mais para longe do livramento" (Samuel Terrien, *in loc.*). Cf. este versículo com Jó 33.23-28. Em Jó 33.24, podem estar em vista *sacrifícios expiatórios* para efetuar resgate. Mas, na *resistência paciente* dos sofrimentos, também há um resgate disponível para salvar o homem aflito de suas tristezas. Em nenhuma dessas passagens há nenhuma noção de resgate da alma que a livre do pecado, de modo que ela desfrute da salvação. Isso seria cristianizar o texto. Contudo, há nobres sentimentos ali, que apontam na direção da maior revelação do cristianismo.

36.19

Estimaria ele as tuas lamúrias. Deus, não tendo respeito humano, não se impressionava com as riquezas de Jó, sua posição social, sua influência sobre a comunidade ou qualquer outro fator que os *homens* pensam exaltar uma pessoa. O julgamento divino já estava nivelando aquele pecador e continuaria a fazê-lo, até deixá-lo na sepultura. "Ele não podia salvar a si mesmo por seu próprio poder e seus próprios recursos. O *poder do homem* de nada adianta. O gigante deve render-se. Prometeu está amarrado" (Samuel Terrien, *in loc.*).

Alguns intérpretes cristianizam o versículo, vendo nele o *princípio da graça* em operação. Realmente, o versículo soa um tanto parecido com Efé. 2.8,9, mas ver tão augusto princípio cristão aqui é anacrônico e fantasioso.

> *... dos que confiam nos seus bens e na sua muita riqueza se gloriam? Ao irmão, verdadeiramente, ninguém o pode remir, nem pagar por ele a Deus o seu resgate.*
>
> (Salmo 49.6-7)

> *As riquezas de nada aproveitam no dia da ira, mas a justiça livra da morte.*
>
> (Provérbios 11.4)

36.20

Não suspires pela noite. Alguns eruditos consideram que o presente versículo é ininteligível, e só podem conjecturar quanto ao seu significado. É provável que "suspirar pela noite", neste caso, signifique *desejar a morte*. Jó já havia sofrido bastante. A morte seria o seu livramento, e ele não estava preocupado se a alma, a parte imaterial do homem, sobreviveria ao evento da morte. Ele apenas queria paz. Ver Jó 3.3 ss. quanto aos desejos de Jó no tocante à morte. Algumas vezes, ele orava pedindo cura; de outras vezes, em desespero, simplesmente queria morrer, o que é comum àqueles que passam por intensos períodos de sofrimento. Ver Jó 7.2, onde se lê: "Como o escravo suspira pela sombra". Ver também Jó 16.22; 17.13 e 19.27.

Serão tomados do seu lugar. Literalmente, o texto hebraico original diz "serão cortados do seu lugar". O livro não ensina nenhum tipo de recompensa ou punição além da morte biológica, pois essa doutrina era estranha à teologia patriarcal. A morte era vista como fim de tudo. Jó elevou-se a um nível mais alto, em Jó 19.25,26, mas, mesmo ali, coisa alguma é dita sobre recompensas e punições. Os homens desejam continuar vivendo quando a vida vale a pena. Mas quando a vida se torna indigna, eles preferem morrer.

36.21

Guarda-te, não te inclines para a iniqüidade. Jó tinha optado pela rebeldia, em vez de aceitar humildemente a aflição, que poderia exercer *efeito curador,* um *resgate* do mal por ele experimentado (vs. 18). Eliú, pois, repreendeu-o pela escolha insensata. "Muitos que são afligidos anelam pela morte, no entanto, não estão preparados para comparecer diante de Deus! Que tremenda loucura!... As aflições podem ser o meio da salvação, mas a morte desejada pode ser o portal para a condenação eterna" (Adam Clarke, *in loc.*, que cristianizou o versículo, encontrando ali o julgamento depois da vida terrena). De acordo com a visão de Eliú, Jó adicionava o pecado da rebelião à sua dor. Nunca lhe ocorreu que Jó poderia estar sofrendo, embora fosse *inocente.* Essa idéia estava fora dos limites estreitos de sua teologia.

36.22-23

Eis que Deus se mostra grande em seu poder! O *Deus Todo-poderoso* é, igualmente, o *Mestre Todo-poderoso.* E Jó deveria aprender a verdade da parte Dele. Nenhum homem pode ensinar a Deus, dizendo-Lhe: "Não agiste como deverias ter feito. Estás sendo injusto por mandar-me a aflição" (vs. 23). Não obstante, Jó havia tomado sobre si mesmo o ofício de ensinar a Deus! Ele haveria de receber um poderoso raio divino por causa de tais palavras. Nenhum ser humano pode ensinar a Deus. Aos seus muitos outros pecados, Jó adicionava arrogância e extrema insensatez.

Os Pontos Aqui Salientados São: 1. Deus é a fonte originária de toda a grandeza. 2. Não há mestre como Deus, e nenhum homem pode ensinar-Lhe coisa alguma (vs. 22). 3. Deus é absoluto e Todo-poderoso (vs. 23), insondável e eterno (vs. 26). Se confrontasse esses fatos, Jó deveria abandonar sua arrogância, arrepender-se e ser restaurado pelo único poder verdadeiro, Deus.

> *Bem-aventurado o homem, Senhor, a quem tu repreendes, a quem ensinas a tua lei.*
>
> (Salmo 94.12)

> *Com quem tomou ele conselho, para que lhe desse compreensão? Quem o instruiu na vereda do juízo, e lhe ensinou sabedoria, e lhe mostrou o caminho de entendimento?*
>
> (Isaías 40.14)

36.24

Lembra-te de lhe magnificares as obras. Em vez de afirmar que Deus agira injustamente com ele, Jó deveria ter exaltado a Deus, por causa da magnificência de Suas obras, que se tornaram os cânticos de homens justos. Jó foi convidado a unir-se ao coro universal de louvores. Cf. Jó 33.27 e 35.10. Em vez de agir como um *gigante* insensato, querendo oferecer oposição a Deus, Jó deveria erguer a voz em louvor ao Verdadeiro e Único Poder. As obras de Deus servem de prova tanto de Seu poder quanto de Sua sabedoria. Eliú pensava que a Jó faltavam poderes de observação, pois, se ele ao menos contemplasse tudo quanto existe na natureza, não teria assumido uma posição rebelde contra Deus. O capítulo 35 enfatiza a soberania de Deus, e é a esse tema que Eliú agora retornou, neste e nos versículos que se seguem.

O Grande Deus é, igualmente, o Deus da *Providência* (ver a respeito no *Dicionário*). Deus era capaz de libertar Jó de sua tristeza, *se ele* cumprisse as condições apropriadas.

36.25

Todos os homens a contemplam. *A grandeza de Deus,* ilustrada em Suas obras magníficas, está aqui para ser vista diariamente por todos os homens. Essa questão não envolve segredo algum. Até os indivíduos mais insensatos podem ver a exibição de poder e sabedoria todos os dias. Apesar de Deus ser transcendental (vs. 26), contudo também é imanente em Suas obras. Estas são Seu porta-voz.

> *Os céus proclamam a glória de Deus, e o firmamento anuncia as obras das suas mãos. Um dia discursa a outro dia, e uma noite revela conhecimento a outra noite. Não há linguagem, nem há palavras, e deles não se ouve nenhum som; no*

entanto, por toda a terra se faz ouvir a sua voz, e as suas palavras, até aos confins do mundo.

(Salmo 19.1-4)

A contemplação dará nascimento à musica de adoração. Talvez Jó fosse incapaz de compreender os caminhos misteriosos de Deus, mas ele podia elevar-se acima das vicissitudes da existência e até mesmo transmutar o gemido de suas torturas em um hino Magnificat. Seu lamento autopiedoso pode, portanto, ser transformado em hino de louvor" (Samuel Terrien, *in loc.*).

A Glória Insondável do Senhor da Natureza (36.26 – 37.13)

36.26

Eis que Deus é grande. A *Oxford Annotated Bible* afirma que agora temos o *quinto discurso* de Eliú, embora "sem a introdução usual... O Governante soberano da natureza, Seu propósito e Sua benevolência aparecem no desdobramento majestático das estações, como o outono (vss. 7-33), o inverno (Jó 37.1-13) e o verão (vss. 14-22), seqüência que aponta para o calendário outonal, com a festividade do Ano Novo durante o outono" (o que é dito no vs. 26).

A grandeza da natureza inspira os homens a reflexão teológica. Para que haja tão grande *efeito,* também deve haver uma *Causa, e* essa causa é Deus. A natureza ensina duas coisas principais sobre o Ser divino: há um grande *poder* ali, bem como uma grande *inteligência.* Alicerçados sobre tais fatos, os teólogos inventaram as doutrinas da onipotência e da onisciência de Deus. Ver sobre esses dois termos no *Dicionário.* Além disso, ver os artigos gerais sobre os *Atributos de Deus.*

Nenhum ser humano pode sondar as questões do início de Deus, ou por quantos anos Ele tem existido. Nós o chamamos de *eterno.* Ele é dotado de uma *infinitude* que não pode ser investigada. Bertrand Russell afirmou, corretamente, que há certas perguntas que não podemos formular com proveito, e qualquer pergunta que sonde a eternidade ou a infinitude de Deus é obviamente fútil. Esses são simplesmente dogmas que aceitamos sem investigação alguma, pois há neles um sentido *intuitivo.* A natureza nos *sugere* esses atributos, mas o assunto está acima de nossos poderes de investigação.

36.27-28

Porque atrai para si as gotas de água. O maravilhoso *modus operandi da chuva* formadora (origem da vida física) é aqui comentado. Cf. Jó 5.9,10 e 37.13. Toda a chuva vem dos oceanos, em última análise Nosso autor não menciona isso, entretanto, e provavelmente não sabia desse fato. Mas ele sabia que o poder de Deus estava em operação no processo, e essa é uma das maravilhas da natureza, que inspira nossa mente à contemplação teológica e à invenção de dogmas. O autor movimentou-se da natureza para Deus, um ato comum aos filósofos e aos teólogos. Na natureza há *revelação* de Deus, conforme Paulo assevera no primeiro capítulo de sua Epístola aos Romanos. Essa revelação é poderosa o bastante para deixar o homem sem desculpa (ver Rom. 1.20). Mas a isso, uma revelação direta foi adicionada, por meio dos profetas, para garantir que o homem compreende o que dele é requerido. Eliú acusava Jó de ser insensível diante da natureza. Se não fosse isso, ele não estaria degradando Deus em seus discursos.

O milagre divino da chuva tem início nas águas que se evaporam. Dali, as partículas de água se transformam em nuvens, que são as produtoras da "chuva". Um maravilhoso processo, doador da vida, foi assim divinamente determinado e está sendo conservado (vs. 28). Os agricultores examinam com atenção o firmamento e regozijam-se ao ver *nuvens.* Quando se instala um período de seca, tornamo-nos como os agricultores, buscando as nuvens transmissoras de vida. Os homens oram pedindo chuva, quando um longo período de seca ameaça as atividades agrícolas.

36.29

E os trovões. Literalmente, no hebraico, temos aqui a palavra "barulho", ou seja, grandes rugidos feitos quando os trovões resultam dos relâmpagos. Tudo isso faz parte do milagre da chuva. Nesses ruídos potentes, o poder de Deus se manifesta. Zeus era o deus grego do trovão, que o usava a fim de controlar tanto outros deuses como os homens. Se a teologia hebréia não incluía tal noção, contudo, os tremendos rugidos dos trovões inspiravam a mente dos hebreus com profunda admiração, conduzindo-a na direção de Deus, o único Poder, a Causa Primitiva de todas as coisas.

Seu pavilhão. Os próprios céus são a *tenda* de Deus, o lugar de Sua habitação, e Ele exibe ali o Seu poder, nos vários atos da natureza. Cf. isso com as imagens de Sal. 18.11 e 104.3.

Tais maravilhas da natureza, que o poeta acabara de descrever, ultrapassam a compreensão dos homens, pelo que são mistérios da graça para nós, objetos de profunda admiração. Nenhum homem sabe exatamente como Deus faz essas maravilhas. Naturalmente, a moderna ciência da meteorologia nos dá algumas boas idéias que, por mais incompletas, ultrapassam em muito o que os antigos conheciam. As ciências naturais tiram o elemento divino da questão, mas a *providência divina* continua presente. Deus estabeleceu as *leis naturais,* que cuidam dessas coisas. Jó foi chamado a admirar-se. Ao observar as maravilhas da natureza, ele ansiaria por mudar sua idéia sobre as injustiças de Deus, que o faziam sofrer. Ele sentiria que deve haver algum plano em toda a natureza, alguma operação de inteligência e *designio.* Sua dor deveria tangê-lo ao arrependimento e à restauração, outra das maravilhas de Deus para os seres humanos.

36.30

Eis que estende sobre elas o seu relâmpago. Deus envolve-se em Seus relâmpagos, sinais especiais de Seu poder. Então, temos uma magnífica exibição das operações de Deus que todos podem observar. A parte final do versículo é modernizada por alguns intérpretes para tentar convencer-nos de que o poeta compreendia que toda a água vem do oceano, por meio da evaporação e, então, por meio da chuva. Mas tudo quanto está indicado é que Deus "inunda", isto é, "cobre as profundezas do mar, de modo que o homem não pode ver o que está por baixo". Esse é, igualmente, um dos mistérios de Deus que nossa ciência dispersou apenas parcialmente. As *profundezas* do mar são, poeticamente, chamadas de "raízes". As águas inundam essas raízes e as escondem. Deus controla o céu, suas nuvens e seus trovões. Ele também controla o que está oculto nas profundezas do oceano. Sua soberania, portanto, é *completa,* sendo essa uma das lições que o autor sagrado estava tentando ensinar.

Alguns estudiosos vêem aqui as tempestades do céu como manifestações tão poderosas, que "descobrem" ou "encobrem" as profundezas do mar, isto é, revelam-nas. Nesse caso, temos um paralelo de Sal. 18.15. Notemos, porém, que estão em vista ali os alicerces do mundo, não o mar. A outra idéia, porém, é melhor.

36.31

Pois por estas cousas julga os povos. O processo inteiro resulta em *alimentos necessários* aos povos, e esse é outro aspecto da *providência de Deus* (ver a respeito no *Dicionário*). Se as operações de Deus na natureza garantissem, *universalmente,* o alimento dos homens, então eles poderiam fazer a tarefa menor de prover cura para o enfermo Jó. A *tempestade* poderia ser algo terrível; mas, se fosse recebida da maneira certa, poderia haver bom resultado, a saber, sua cura por meio do arrependimento. Há abundância nas operações de Deus. O caso de Jó não era desesperador. Mas ele tinha de cumprir as condições. Deus pode controlar as chuvas, de modo que julgue os povos, porquanto a seca sempre foi uma das armas à disposição de Deus. As tribulações de Deus também visam o bem, como sucede a todos os juízos divinos. Uma grande tempestade na natureza pode causar muito caos. Outro tanto pode ser dito com relação a uma tempestade particular, que atinja um único homem. Em ambas as possibilidades, porém, Deus estará operando para o bem do homem.

36.32

Enche as mãos de relâmpagos. *Guia para os Relâmpagos.* Um trovão pode ser uma grande força destruidora. Eliú declara que *é Deus* quem guia sua vereda e fere qualquer coisa que queira (assim diz a Revised Standard Version e a nossa versão portuguesa). Mas a King James Version diz "nuvens", em lugar de "mãos", e permanece com a metáfora do vs. 28. Seja como for, compreendemos que Deus é quem controla as forças da natureza, e isso ilustra a Sua *Soberania.* Jó não seria capaz de escapar do poder que fere objetos com Seus relâmpagos. Ele era apenas uma vítima, e em breve seria uma vítima fatal, *se* não se arrependesse. Deus atira Seus relâmpagos como se fossem *dardos,* e Ele é um excelente atirador de dardos. Que os ímpios se cuidem! A providência de Deus pode ser *negativa.* Ele julga os pecadores. O que Eliú não explicou foi *por que* Deus feriria um homem inocente com Seus relâmpagos! Ele não estava fazendo as perguntas certas. Determinadas perguntas vitais estavam fora de sua teologia, mas ele jamais admitiria tal coisa.

36.33

O fragor da tempestade dá notícias a respeito dele. O grande estampido produzido pelo relâmpago explode no ar como testemunha do poder envolvido. Trata-se de um *Deus zeloso* (Revised Standard Version), que fere a iniqüidade. Essa versão segue o Targum sobre o versículo, que tem uma vocalização diferente da palavra em questão. O texto massorético diz *gado* (ver *Massora (Massorah); Texto Massorético,* no *Dicionário*). A versão da Imprensa Bíblica Brasileira retém a palavra *gado,* em lugar de "zeloso", tornando o texto praticamente ininteligível. Isso nos dá base para o sentido do trecho: "Até o gado pressente a sua aproximação", isto é, a *tempestade* no caminho. Mas a versão Atualizada diz (notícias): "Dele que é zeloso na sua ira contra a injustiça". Seja como for, Deus anuncia Sua

aproximação como uma grande tempestade que ferirá homens vis. Jó fora abundantemente avisado de antemão. A tempestade estava a caminho. Ele seria uma vítima fatal, caso não se arrependesse. O vs. 33 tem recebido bom número de interpretações diferentes, das quais Apresentei as duas principais.

"Eliú detectou nas tempestades de outono os sinais da fidelidade providencial e lembrou o juízo ético de Deus (cf. o vs. 31)" (Samuel Terrien, *in loc.*).

Capítulo Trinta e Sete

Não há interrupção alguma entre os capítulos 36 e 37. Apresento uma introdução detalhada aos discursos de Eliú no início dos comentários sobre o capítulo 32, pelo que não repito essa informação. O capítulo 34 defende a *justiça* de Deus. O capítulo 35 defende a *soberania* de Deus. Nos capítulos 36 e 37, ambos os princípios são reiterados. Eliú procurou responder a Jó (ver Jó 32.2; 33.10-12), bem como a seus três consoladores molestos (ver Jó 32.3,12). Ele deduziu que tais argumentos eram defeituosos. Na qualidade de *revelacionista* (alguém que reivindicava inspiração direta da parte do *Espírito Santo;* ver Jó 32.8), Eliú julgava ter mais conhecimento que Jó e sua terrível tríade.

Alguns estudiosos pensam que o capítulo 37 continua a dar o quarto discurso de Eliú, mas outros supõem que tenhamos cinco discursos distintos de Eliú. Quanto a isso, ver a exposição em Jó 36.25. Seja como for, Eliú ilustra como a providência de Deus é retratada na natureza: ela tem manifestações especiais em três das estações do ano: no outono (ver Jó 36.7-33); no inverno (ver Jó 37.1-13); e no verão (ver Jó 37.14-22). Ele deixou de mencionar a primavera. Seja como for, a seqüência dada aponta para um calendário outonal, com o Novo Ano começando no outono.

Deus é o Senhor do Inverno (37.1-13)

"No *inverno,* as tempestades trazem à tona as maravilhas da neve e as catadupas persistentes da chuva (vs. 6), que conservam os homens distantes de sua labuta, para que tenham lazer e considerem as obras maravilhosas de Deus (vs. 7). Aqui, uma vez mais, o cantor descobre uma *lição moral,* no fenômeno da natureza" (Samuel Terrien, *in loc.*).

37.1

Sobre isto treme também o meu coração. *Eliú estava aterrorizado* com os fenômenos da natureza, e o terror levou seu coração a pensar na grandeza de Deus. A providência divina controla todas as coisas. Ele é soberano e justo, e faz com que as coisas aconteçam visando a correção ou a misericórdia (vs. 13). Nada existe de acidental em Seu governo, e nenhum ser humano está fora de Seu escrutínio. Deus é o Soberano de todas as estações do ano. O inverno era uma estação especial para os relâmpagos (que Eliú mencionou por cinco vezes: Jó 36.30,32; 37.3,11,15). A tempestade que se avizinhava fez o coração de Eliú palpitar. Jó, por sua vez, deveria estar aterrorizado pelo Deus-tempestade que se aproximava.

A natureza testifica sobre a grandeza e o poder de Deus. Sua providência torna-se evidente em todos os lugares:

Tal como o galeirão se aninha em terreno pantanoso,
Eis que farei meu ninho na grandiosidade de Deus;
Voarei na grandeza de Deus como voa o galeirão,
Na liberdade que há entre o pântano e os céus;
Como o galeirão se agarra a raízes, no pântano,
De todo o coração me segurarei na grandeza de Deus.

(Sidney Lanier)

37.2

Dai ouvidos ao trovão de Deus. *A Tempestade divina* se aproximava, o trovão que rugia era a voz de Deus. O troar no céu era o Poder que chamava Jó a ouvir e obedecer à Sua voz. O trovão é a poderosa voz de Deus (ver Jó 37.2,4,5), e o relâmpago (ver Jó 36.30,32; 37.3,11,15), a ameaça de Seu julgamento.

Ouve-se a voz do Senhor sobre as águas; troveja o Deus da glória; o Senhor está sobre as muitas águas. A voz do Senhor é poderosa; a voz do Senhor é cheia de majestade.

(Salmo 29.3-4)

37.3

Ele o solta por debaixo de todos os céus. Sua voz de trovão e Seus relâmpagos são dirigidos. Essas coisas seguem um plano e um propósito, e são *universais,* afetando tudo e todos. Manifestam a *soberania de Deus.* O ribombar enche os céus e os relâmpagos ferem por toda a terra.

Plínio falou sobre os atos da natureza como coisas que acontecem por acaso (*Hist. Natural* 1.2. cap. 43), mas o poeta via Deus em toda a natureza, pois Ele estabeleceu as leis naturais. Os teístas exagerados vêem os relâmpagos atingir até mesmo árvores, pelo decreto de Deus. "Sua voz de trovão rola de uma extremidade à outra dos céus. Ele ordena às nuvens com Seus trovões e dirige Seus relâmpagos sobre a árvore, a casa ou o homem que eles deveriam ferir, e faz a chuva cair onde deve" (John Gill, *in loc.*).

37.4

Depois deste, ruge a sua voz. Após o relâmpago e o trovão, a voz de Deus *ruge.* E esse é um sonido espantoso para o pecador. É Sua *voz majestática* que fala sobre Sua soberania. Seus relâmpagos não podem ser limitados por ninguém nem por força alguma que exista nos céus ou na terra.

Tão próxima é a grandeza do nosso pó,
Tão próximo está Deus do homem,
Quando o Dever sussurra baixo "Tu deves",
Então a juventude retruca: "Eu posso".

(Ralph W. Emerson)

"... outono, inverno e, depois do inverno, a primavera; e sempre atrás deles está a mão de Deus... Há o Deus da Bíblia, transcendental, soberano, distante e, no entanto, próximo. Ele está além e, no entanto, próximo. Seu resplendor faz com que a luz do homem orgulhoso se transmute em trevas" (Paul Scherer, *in loc.*).

A Ti, Alma Eterna, seja o louvor!
Ao qual, desde a antiguidade aos nossos dias,
Através das almas de santos e profetas, Senhor,
Enviaste a Tua Luz, o Teu Amor, a Tua Palavra.

(Richard W. Gilder)

37.5

Com a sua voz troveja Deus maravilhosamente. Na soberania de Deus, obras maravilhosas são realizadas pelo poder divino. Sua voz trovejante anuncia Suas obras, e os homens se confundem diante dela.

Isto procede do Senhor e é maravilhoso aos nossos olhos.

(Salmo 118.23)

"Deus troveja maravilhosamente com a Sua voz. Essa é a conclusão da descrição, feita por Eliú, dos trovões e relâmpagos" (Adam Clarke, in loc.). "De que modo Deus realiza Suas obras na natureza, é algo espantoso e além da compreensão humana (vs. 5; cf. Jó 36.26,29), uma verdade que Elifaz afirmou por uma vez (ver Jó 5.10) e Jó proferiu por duas vezes (ver Jó 9.10; 26.14)" (Roy B. Zuck, in loc.).

37.6

Porque ele diz à neve. Eliú prosseguiu com a descrição das maravilhosas obras de Deus na natureza e citou alguns exemplos. Deus é o doador da neve, através de processos pouco compreendidos pelos antigos. Sua neve espalha-se por toda a terra e fornece água às fontes. Ele também envia seus aguaceiros gentis, bem como chuvas violentas, tudo para benefício do homem, porquanto tais coisas são dadas por sua providência positiva, sob o controle de Sua soberania. A água representa vida, e Deus a dá em abundância para homens, animais e plantas. Todas essas coisas são extremamente comuns, mas os homens não as compreendem. Qualquer homem podia observar o vapor d'água a elevar-se da tampa de uma panela; mas, quando James Watt observou esse fenômeno, compreendeu que podia colocar essa força para trabalhar, e logo a poderosa locomotiva a vapor veio à existência. Qualquer homem poderia ter observado como as águas impulsionadas dos rios para os oceanos traziam objetos às praias de Portugal. Mas, quando os primeiros navegadores observaram esse fenômeno, compreenderam que havia novos mundos "em algum lugar". Benjamim Franklin viu o relâmpago no céu e chamou-o de eletricidade, e capturou essa eletricidade na linha de seu papagaio. Intermináveis indústrias finalmente seguiram-se, baseadas nesse poder. Por semelhante modo, Eliú observou as forças da natureza, compreendeu que a Força divina estava por trás delas e aplicou esse conhecimento aos homens.

"Os homens podem depreender dessas coisas que eles e suas obras estão sob o controle de Deus. Eles não são os agentes inteiramente livres como supõem" (Ellicott, in loc.).

Nossos pequenos sistemas têm sua época,
Têm o seu dia, mas logo passam.
São apenas lâmpadas bruxuleantes, ao lado
Da Tua Luz, ó Senhor.

(Russell Champlin)

37.7

Assim toma ele inativas as mãos de todos os homens. O poder de Deus age livremente na natureza. Além disso, Deus limita os homens, que também estão sob o Seu controle e não podem fazer tudo quanto lhes agrada. Os poderes e as limitações são determinados pela soberania de Deus. Por conseguinte, os homens são responsáveis diante de Deus, e ninguém é independente Dele. A independência é atributo divino. Somente Deus é verdadeiramente independente. E um dos principais atributos humanos é a dependência: o homem está sujeito à vontade de Deus. Os bons são recompensados e os ímpios, punidos, e isso foi algo que Eliú repetiu continuamente. Para Jó foi uma repetição ad nauseum. Adam Clarke (in loc.) pensa que o enregelamento é a metáfora que está por trás deste versículo. Deus enregela os homens em seus atos; permite um tanto, mas não mais do que aquilo. Ele menciona a curiosidade no fato de que certas pessoas têm encontrado um texto de prova em favor da quiromancia neste versículo! Essa teoria diz que Deus determinou as marcas em nossas mãos para serem usadas a fim de predizer tudo quanto acontece conosco, de bom ou de mau. O homem é a obra das mãos de Deus, e as obras das mãos dos homens estão sob o controle de Deus. As mãos de Deus estão livres para trabalhar. As mãos dos homens são limitadas.

37.8

E as alimárias entram nos seus esconderijos. Quando a natureza fica violenta com suas chuvas, neve e frio cortante, os animais do campo retiram-se para suas covas. Suas atividades também estão sob o poder da soberania universal de Deus. Os animais também são limitados. Quando há liberdade para eles agirem, é Deus quem lhes dá essa liberdade. E quando seus atos cessam, Deus é a causa disso. Ele é a única Causa neste mundo, um determinismo exagerado (ver na Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia). Quando tudo está enregelado, a natureza providencia que certos animais entrem em estado de hibernação. Portanto, embora eles não possam obter alimentos para comer e sustentar-se, sobrevivem, porque não precisam alimentar-se durante esse tempo. Então, pela ordem de Deus, chega a primavera e, com ela, um novo suprimento alimentar para a continuação da vida.

37.9

De suas recâmaras sai o pé-de-vento. A King James Version diz aqui "do sul sai", mas a melhor tradução é a de nossa versão portuguesa (ver Jó 9.9). Da constelação do sul, isto é, dessa direção dos céus, sai um terrível vento quente, ou, durante o inverno, aquele feroz vento frio. "Esses ventos são poeticamente considerados enviados por Deus, de Suas câmaras no sul, de onde Ele os envia (assim também lemos em Jó 38.22 e Sal. 135.7). 'Ele tira os ventos de Seus tesouros'" (Fausset, *in loc.*). Além disso, há também os ventos frios provenientes do norte, a direção oposta. Os ventos sopram sobre os bons e os maus, e ambos são controlados pelos ditames soberanos de Deus. Ver os ferozes ventos do sul mencionados em Isa. 21.1 e Zac. 9.14. Das *Mazzaroth,* as recâmaras do norte, sopram ventos gélidos, isto é, da direção daquelas estrelas que ficam sob o Ártico ou pólo norte.

37.10

Pelo sopro de Deus se dá a geada. Os ventos são como o hálito de Deus. Seu hálito frio produz o gelo que se deposita sobre lagoas e lagos e causa tantas dificuldades aos homens. Até os grandes lagos (largas águas) podem ficar completamente enregelados, e as atividades humanas são severamente limitadas, e até a fome pode ser o resultado, se provisões apropriadas não forem feitas com urgência. Mas os campos cobertos de neve e os lagos gelados fazem parte do maravilhoso mundo de Deus. A beleza da neve é proverbial, embora seja pouco compreendida pelos habitantes do sul, onde o sol é sempre quente e a terra produz mais de uma colheita por ano. Um hino evangélico celebra as belezas da "terra maravilhosa do inverno", muito bela de contemplar, mas não tão bela quando se tem de trabalhar nela.

No inverno, quando os campos branquejam,
Canto este cântico para teu deleite.

(Lewis Carroll)

Todos os atos da natureza nos fazem lembrar da soberania de Deus. Na verdade, o homem continua dependendo da cooperação da natureza para viver.

Ele envia as suas ordens à terra, e sua palavra corre velozmente; dá a neve como lã, e espalha a geada em migalhas; quem resiste ao seu frio?

(Salmo 147.15-17)

"Admiro-me de qualquer ser humano que permaneça em uma terra fria, se puder achar espaço em uma terra quente" (Thomas Jefferson).

37.11

Também de umidade carrega as densas nuvens. Devido à umidade, as nuvens ficam mais espessas e se acumulam como montes macios no firmamento. As nuvens produzem relâmpagos que ficam a dardejar para frente e para trás entre elas. O autor sacro continuava a descrever as maravilhas da natureza, sinais das obras das mãos de Deus e de Sua soberania. Deus "carrega as nuvens de umidade" (Revised Standard Version), enquanto a King James Version diz "dissipa as grossas nuvens", produzindo assim a chuva. A água cai sobre a terra, e as nuvens diminuem de volume, de maneira correspondente. Nossa versão portuguesa concorda com a tradução da Revised Standard Version. Seja como for, o quadro retrata a providência divina, que produz as nuvens necessárias para a continuação da vida na terra. Tais obras estão acima dos homens e são pouco compreendidas por eles. A vida de Jó também estava sujeita ao controle divino. Não havia nenhum acaso na questão. Jó foi então exortado a "deixar as coisas correr e dar lugar a Deus", conforme os pregadores de meus tempos de juventude costumavam dizer.

37.12

Então elas, segundo o rumo que ele dá. A ação das nuvens, capazes de dar vida, é controlada por Deus, de maneira que elas ficam girando no espaço, impulsionadas pelo vento, e obedecem a Deus, provendo água para os homens, os animais e as plantas. Assim é que o mundo habitável (Revised Standard Version) pode continuar sendo habitado. As nuvens podem impor julgamento aos homens, quando retêm suas águas. A seca e a fome são instrumentos comuns da ira divina. Ou as nuvens podem causar terríveis tempestades que espalham a destruição. Ou, então, quando os tempos são bons, elas suprem a terra com a água necessária. As ações morais dos homens podem levar as nuvens a fazer o que elas fazem. Eliú queria que Jó se lembrasse disso como uma lição objetiva, para aproveitá-la em causa própria. Jó estava abatido e enfermo. Ele podia levantar-se e ficar curado, *se* cumprisse as condições do arrependimento e da humildade.

Ele falou e fez levantar o vento tempestuoso, que elevou as ondas do mar.

(Salmo 107.25)

37.13

E tudo isso faz ele vir para disciplina. *Para o bem ou para o mal,* a decisão cabe ao homem. Deus é a *causa,* mas o homem é quem provoca as ações. As nuvens trazem misericórdia doadora de vida; ou podem trazer a *correção,* uma disciplina destruidora que assedia os pecadores. Por uma vez (de acordo com os hebreus), mas por muitas vezes (de acordo com os egípcios), Deus enviou um dilúvio moral. Razões morais estão por trás dessas coisas. Sem embargo, de dia para dia, a benevolência divina controla as questões das águas que caem do céu.

Copiosa chuva derramaste, ó Deus, para a tua herança;
quando já ela estava exausta, tu a restabeleceste.

(Salmo 68.9)

"A palavra de Deus serve de correção para alguns e consolo para outros (ver II Tim. 3.16); sim, é sabor de morte para alguns, mas sabor de vida para outros (II Cor. 2.16)" (John Gill, *in loc.*). O Targum deste versículo fala sobre chuvas de *vingança* e sobre chuvas de *misericórdia.*

Última Admoestação de Eliú (37.14-24)

O Senhor do Verão (37.14-22)

37.14

"Eliú volve-se agora diretamente para *Jó,* em uma exortação final. Contudo, o tema das estações do ano demora-se em seus pensamentos por algum tempo mais e mistura-se apropriadamente com o seu propósito" (Samuel Terrien, *in loc.*).

Ilustrando como Deus é soberano sobre a natureza (e, por conseguinte, sobre a vida humana), o poeta demonstrou como operam os Seus propósitos

através das estações do ano: o outono (ver Jó 36.7-33); o inverno (36.1-13); e o verão (37.14-22). A seqüência aponta para um calendário outonal, em que a festa do Ano Novo coincidia com o outono.

O inverno é um tempo belo, mas temível. A providência de Deus opera de forma positiva e negativa, e são os atos humanos que determinam o que acontecerá. Jó, uma vez mais, é chamado à atenção para ouvir o discurso de Eliú. Por *oito vezes* ele convocou seus ouvintes a dar-lhe atenção: Jó 32.10; 33.1,31,33; 34.2,10,16 e 37.14. Eliú era um revelacionista que tinha mais para dizer do que os indivíduos dogmáticos e tradicionalistas (a terrível tríade). Conforme a audiência continuava pacientemente ouvindo seu discurso quase interminável, ele chamou a atenção deles, uma vez mais, para as maravilhas da natureza e como Deus opera por meio delas.

"As obras de Deus na natureza são infindas em sua variedade; estupendas em sua estrutura; complicadas em suas partes; indescritíveis em seu relacionamento e conexões; e incompreensíveis em sua formação" (Adam Clarke, *in loc.*). Portanto, Eliú declarou: "Levanta-te e ouve!". Grandes são as lições a serem aprendidas com a natureza.

> *Os céus proclamam a glória de Deus, e o firmamento anuncia as obras das suas mãos.*
>
> (Salmo 19.1)

37.15

Porventura sabes tu como Deus as opera...? Ninguém *sabe* quando e como Deus ordena as forças da natureza, quando o processo começa e como continua. Mas todos conhecemos esse *fato;* com base nele, compreendemos a grandeza de Deus e de Sua soberania. *Eliú* volta, uma vez mais, à questão dos *relâmpagos* (ver os vss. 3,4,11). Jó ignorava todo o *modus operandi* da natureza e, no entanto, tomou sobre si mesmo a tarefa de questionar a justiça de Deus, por ser um homem inocente em relação aos sofrimentos. Para ele, havia um *enigma* naquilo que lhe estava acontecendo, e Deus se recusava a dar qualquer explicação. Mas Eliú não via nenhum enigma nos sofrimentos de Jó, que apenas estava recebendo o que merecia. O Deus soberano estava por trás dessas coisas. O homem é ignorante, mas o conhecimento de Deus (sobre o qual todas as Suas ações estão baseadas) é perfeito. Portanto, Ele sabia bem por que tinha de afligir Jó.

Como faz resplandecer o relâmpago da sua nuvem? Assim dizem tanto a Revised Standard Version quanto nossa versão portuguesa. Mas a King James Version diz "luz de sua nuvem", que alguns eruditos pensam ser o *arco-íris.* Os índios do norte do Brasil supõem que o arco-íris aparece quando o deus do céu tem uma dor de estômago. Os antigos se maravilhavam diante do arco-íris e não compreendiam o que o causava. Sabemos que se trata da luz refratada na umidade do ar. E até nós, que já sabemos o que causa o arco-íris, maravilhamo-nos diante do fenômeno.

37.16

Tens tu notícia do equilíbrio das nuvens...? A formação das nuvens, seus movimentos e seu suposto "equilíbrio", como as nuvens são conservadas no céu, flutuando ao redor, movimentadas pelas correntes de ar, eram todos misteriosos fenômenos da natureza atribuídos à soberania de Deus sobre os céus. Jó, naturalmente, não sabia como as nuvens operam, mas podia prestar atenção e dar o crédito a Deus, que dirige todas as coisas, incluindo a vida e os sofrimentos dele próprio. O grande Deus, perfeito em sabedoria, estava fazendo a coisa certa com Jó, tentando purificá-lo de seus pecados e de suas dores. Jó havia acusado Deus de ser cruel e indiferente. Mas esse foi um julgamento blasfemo, na estimativa de Eliú.

> *Vós, nuvens, tão lá em cima,*
> *Sois postadas e suspensas*
> *Tão altas, no céu.*
>
> (Coleridge)

> *Maravilhas, perfeições da sabedoria.*
>
> (Good)

37.17

Que faz aquecer as tuas vestes. Não são bem conhecidas as *fontes originárias* do calor e do frio. Como é óbvio, o sol é fonte do calor que há na face da terra, mas outras coisas, como o corpo dos homens e dos animais, também geram o próprio calor. Portanto, um homem põe suas vestes, o calor de seu corpo é mantido, e ele se mantém aquecido. Nisso encontramos outro sinal da providência divina, bem como da Sua soberania, e esse sinal é uma fonte de bênçãos para nós. Então o grande aquecedor, o sol, continua sendo um mistério para nós, embora saibamos mais sobre ele do que o sabiam os povos antigos. E até no inverno, o aquecedor interior do homem conserva-o quente, quando captura esse calor por meio de suas vestes. Mas o corpo humano logo se esfria, quando há a intervenção da morte! Um homem pode acender a fogueira e obter dela o calor. Os antigos, entretanto, conheciam pouco sobre como as coisas queimam, bem como o *modus operandi* da produção de calor.

37.18

Ou estendeste com ele o firmamento...? *Deus teria estendido o firmamento,* que seria duro como o bronze. O bronze, uma vez bem polido, virava espelho. Os antigos não contavam com espelhos de vidro, mas metais polidos serviam bem a essa função. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Espelho,* quanto a informações completas. Este versículo nos dá clara referência à antiga idéia dos hebreus sobre a *taça invertida,* aquele tipo de *tampa arqueada* dos céus, feita por uma espécie de substância sólida e dura. Eis a razão pela qual algumas versões da Bíblia chamam o céu de "firmamento". Ofereço completa descrição da cosmologia dos hebreus no artigo denominado *Astronomia,* no *Dicionário,* além de fornecer um gráfico que ilustra a questão. Portanto, não reitero aqui a informação.

Os intérpretes modernos tentam *corrigir* tais noções, preservando assim o mito de que a Bíblia não pode conter nenhum erro. Mas, caros leitores, qualquer coisa que passa pelas mãos dos homens contém erros. E nenhuma pessoa sensível dirá que a revelação, ou qualquer outra forma de obtenção de informações, é perfeita. Tais idéias são apenas dogmas. Além disso, certos intérpretes afirmam que tudo isso é apenas "poético", e não idéias apresentadas pelo autor sacro como se fossem, realmente, verdadeiras. Essa explicação, contudo, é *anacrônica.* Assim sendo, a idéia da taça da antiga cosmologia pode ser poética para nós, mas era a "crença científica" dos povos antigos. Roy B. Zuck (*in loc.*) evitou encarar frontalmente a questão, ao dizer que o firmamento *parecia* duro como um espelho de bronze. Foi isso o que Zuck afirmou, mas não o que o autor do livro de Jó disse. Antes, o côncavo inteiro do céu era supostamente feito de uma substância firme. Era um firmamento arcado, feito de substância sólida. Isso era simplesmente aquilo em que os antigos acreditavam, e não há razão para supormos que o autor do livro de Jó não compartilhasse dessa noção. Por outra parte, tais coisas não são contra a inspiração. Simplesmente, temos de admitir que a revelação não atinge esses detalhes, *corrigindo* crenças errôneas dos homens.

"Eliú descreveu as obras de Deus de acordo com seu aspecto fenomenal, em vez de seu aspecto científico, pois a própria Bíblia não é um tratado científico, mas um tratado religioso" (Fausset, *in loc.*).

37.19

Ensina-nos o que lhe diremos. Que podemos dizer sobre as maravilhas da criação de Deus, como aquelas descritas no versículo anterior? Para dizer algo significativo sobre elas, precisamos ser instruídos por Deus. Portanto, Eliú enviou uma minúscula oração, pedindo informações que corroborassem sua admiração. Alguns estudiosos, entretanto, pensam que Eliú se *dirigiu* a Jó, neste versículo, como se Jó fosse tão sábio que pudesse explicar os mistérios dos céus e da natureza. Se esse é realmente o significado, então o versículo exprime uma ironia cortante. Seja como for, os vss. 19-21 mostram a incapacidade dos homens (e também de Jó) para entender os caminhos de Deus; como poderia Jó acusar Deus de qualquer desgoverno, injustiça ou indiferença? Jó queria entrar em batalha legal contra o Todo-poderoso (ver Jó 13.18), mas, sendo um *homem ignorante,* estava totalmente despreparado para tal encontro.

37.20

Contar-lhe-ia alguém o que tenho dito? Neste versículo, era Deus ou a Natureza que falava aos homens sobre as maravilhas celestiais. O Deus Altíssimo ou Seu porta-voz falava, e o homem caía em silêncio. Se levantasse Sua voz, ele seria engolido na confusão e na destruição. Em outras palavras, a boca do homem foi fechada à força, e todas as blasfêmias e a insensatez que os homens proferem foram silenciadas para sempre. Pedir, pois, para falar na presença de Deus e argumentar contra Ele, tal como Jó quis fazer (ver Jó 10.2; 13.3,22), era uma forma de suicídio, e somente um homem inocente como Jó teria proposto tal contexto. Se um homem contemplar o sol por determinado tempo, ficará cego. Assim também, se um homem chegasse na presença de Deus, por certo seria consumido.

> *Ousaria eu ao menos sussurrar diante de Deus?*
>
> (Adam Clarke)

Não obstante, o ensino do Novo Testamento é extremamente diferente:

> *Acheguemo-nos, portanto, confiadamente, junto ao trono da graça, a fim de recebermos misericórdia e acharmos graça para socorro em ocasião oportuna.*
>
> (Hebreus 4.16)

OS DISCERNIMENTOS DE ELIÚ SOBRE O PROBLEMA DO MAL

Jó é o único livro da Bíblia que se dedica, essencialmente, ao problema do mal. Ver na introdução ao livro, seção V, onde apresento um sumário de idéias sobre este enigma.

O *Problema do Mal*: por que os homens sofrem e por que sofrem da maneira como sofrem? Por que o infante morre e o homem bom não tem o privilégio de ter tempo para completar sua missão? Por que o inocente sofre enquanto o ímpio prospera? Ver este título no *Dicionário*, onde forneço mais detalhes.

Os detratores de Jó não tinham muita imaginação. Todos eles, menos Eliú, apresentaram um só argumento ou explicação: a lei moral da colheita segundo a semeadura. Eliú também empregou esse argumento, mas sendo mais hábil do que os outros, acrescentou algumas idéias valiosas. Os discursos dele se estendem do cap. 32 até o cap. 37. O leitor cuidadoso, examinando essa seção, sem dúvida, encontrará mais discernimentos de Eliú do que apresento no gráfico a seguir. O problema do mal é um dos mais difíceis tanto para a filosofia como para a teologia. Não devemos esperar demais do livro de Jó por causa de sua posição histórica. Todavia, ganhamos alguns conceitos de valor. Ofereço, aqui, *onze* contribuições de Eliú.

hábildo

Os Discernimentos de Eliú	Referências
1. O entendimento do problema do sofrimento exige a ação do sopro do Todo-poderoso, que anima e ilumina o espírito do homem. Verdadeiramente, a inspiração divina é essencial para a compreensão deste enigma. Existem muitos mistérios e existem certas coisas que só Deus sabe.	32.8; 33.4
2. Idade e aprendizagem através de livros não são suficientes para resolver todas as dúvidas que cercam este problema. Por outro lado, é estúpido promover um *antiintelectualismo* (ver na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia*).	32.9; 33.4
3. Uma resposta honrada é a da lei da colheita segundo a semeadura. Muitas coisas que os homens sofrem são castigos contra más ações, pecados, omissões, arrogância, orgulho etc. Todavia, precisa mos de mais informações do que isto. Jó era inocente, mas sofreu terrivelmente.	33.12,13,17,19; 34.37
4. Existe *disciplina* na dor, totalmente à parte de pecados cometidos. O homem pode crescer espiritualmente através da dor.	33.17-19; 36.9, 10,15
5. A dor pode ser *restauradora*, operando assim uma boa obra. O homem que ia morrer continua vivendo e termina ganhando muitos bons anos. Os anjos podem participar deste processo porção de seu ministério.	33.18,22,23,24
6. O sofrimento pode tornar-se um tipo de *resgate* (ou substituto) que Deus aceita em lugar da morte do sofredor. "Você merece morrer, mas já que sofreu tanto, aceito sua agonia em lugar de sua morte. Tenha uma longa vida."	33.24
7. O princípio da *graça* pode entrar no quadro. Este princípio opera no sofrimento para tirar dele alguns benefícios. A graça de Deus brilha sobre o homem que sofreu, como um tipo de recompensa por tanta dor. O homem readquire sua vida e seu vigor e continua a viver uma longa e próspera vida.	33.24,25
8. A dor pode aumentar o *poder da oração* do sofredor. O homem grita, chora e ora, até que Deus escute e aja. O homem procura uma cura e é curado porque suas orações se tornaram poderosas. Vê alegria em lugar de sofrimento.	33.26
9. Muito sofrimento pode ser, simplesmente, *muita insistência* da parte de Deus, fazendo o homem mudar. Neste caso, a dor é restauradora, não esmagadora. O homem vê a luz através do relâmpago e trovões de Deus.	33.29,30
10. O *tratamento gentil* de Deus aos ímpios é seu ato gracioso para levar o homem ao arrependimento, não para confirmá-lo em seu pecado. O homem bom pode sofrer, e o homem mau pode ser tratado gentilmente. São métodos divinos para restaurar os homens. Como Deus age em cada caso, depende de Suas decisões soberanas.	34.29-33. Cf. Rom. 2.4, onde temos um sentimento semelhante
11. O entendimento humano não pode substituir o *temor* do Senhor. que é o princípio da sabedoria. Jó, na sua arrogância, não realizou uma boa atuação. Por isso sofreu.	37.24. Cf. Sal. 119.38 e Pro. 1.7

Seja como for, Eliú ensinou a valiosa lição de que a sabedoria humana não pode substituir o temor a Deus.

37.21

Eis que o homem não pode olhar para o sol. A menos que as nuvens sejam espessas o bastante, o homem não pode olhar diretamente para o sol. Se as nuvens forem ralas, não serão suficientes para proteger os olhos humanos. Quando o céu está descoberto de nuvens, os homens evitam olhar diretamente para o sol. E muito menos ainda o homem é capaz de olhar diretamente para o Sol dos céus, o Deus Altíssimo. No entanto, o arrogante Jó queria ter uma confrontação direta com Deus para pleitear em causa própria. O sol apresenta um brilho insuportável para os olhos humanos; e Deus, muito mais ainda!

O versículo antecipa a súbita aparição de Deus, no capítulo 38. As nuvens protegem os olhos físicos dos homens do brilho do sol. O que protegeria Jó, se ele obtivesse diante de Deus a audiência que tanto desejava? "O fraco homem nem ao menos pode olhar diretamente para o sol, quando ele está em seu brilho límpido, sem ficar cego. Como, pois, podia Jó esperar poder resistir na presença de Deus?" (Roy B. Zuck, *in loc.*).

Mas algum dia possuiremos *olhos* para olhar diretamente para Deus.

> *Porque, agora, vemos como em espelho, obscuramente; então veremos face a face. Agora, conheço em parte; então, conhecerei como também sou conhecido.*
>
> (I Coríntios 13.12)

37.22-23

Do norte vem o áureo resplendor. Diz aqui a King James Version: *"Do norte vem o clima temperado"*, mas é preferível o que diz a nossa versão portuguesa, acompanhando de perto a Revised Standard Version. Deus acompanha o clima em todos os seus fenômenos cósmicos, e nisso, como de muitas outras maneiras, Sua terrível majestade torna-se conhecida pelos homens. Embora Deus seja esplendoroso, isso não significa que Ele é injusto. A onipotência divina não é incompatível com a justiça divina (vs. 23). Dizemos que Deus é Todo-poderoso, mas também dizemos que é Todo-bom, Todo-justo, sem nenhum defeito moral. Ele é dotado de abundante retidão, mas o homem não O aflige, a menos que viole a lei moral. O sofrimento de Jó indicava séria violação. Deus não é um Ser arbitrário. Um homem inocente não poderia sofrer. Portanto, apesar de seu belo discurso, não mais do que os outros, Eliú não havia descoberto *aquela verdade* para a qual as teologias não criam espaço: um homem inocente pode sofrer. Talvez isso derive do caos (ver Rom. 1.20), contra o qual precisamos orar todos os dias; ou, talvez, venha de algum mistério incompreensível para nós, ao qual somente o Ser divino seja capaz de compreender. É digno de ser observado que nossas teologias, os credos tão preciosos para nossas denominações cristãs, não abrem espaço para certas verdades importantes que fazem parte da revelação bíblica. Estamos todos crescendo na verdade, e não somos mestres completos. Somos como crianças que ainda estão freqüentando a escola, e não doutores formados com as mais elevadas notas universitárias. Mas em nossas igrejas e escolas bíblicas, só encontramos doutores que pensam que seus credos contêm toda a verdade. Por meio dessa atitude arrogante, os homens obtêm *conforto mental,* pois é desconfortável confessar que podemos estar errados acerca de certos fatos importantes.

Áureo esplendor. Provavelmente temos aqui uma alusão à beleza do nascer do sol, com sua exibição dourada de raios. Algo semelhante está contido nos mitos ugaríticos, nos quais o elevado deus Baal é declarado como quem deixou seu palácio dourado nas montanhas do norte. O fraseado no livro de Jó é tão semelhante ao daqueles mitos que chegamos a pensar que o autor sagrado, consciente dessa descrição, aplicou-a a El (o Poder).

37.24

Por isso os homens o temem. Eliú trouxe à tona um ponto importante aqui, para concluir seu prolongado discurso (capítulos 32-37). Toda a sabedoria humana é como nada, quando posta ao lado do simples temor a Deus, onde começa toda verdadeira sabedoria (ver Pro. 9.10). Portanto, que o leitor *obtenha a sabedoria* que é divina. Verdadeiramente, "a glória de Deus é a inteligência" (Joseph Smith), e os homens podem participar dessa sabedoria, pelo menos parcialmente. Mas a sabedoria humana com freqüência incha, em lugar de edificar, e um homem pode perder-se em meio às suas pretensões.

> *Tão Moderno Quanto É Possível*
>
> *Esta busca, este anelo, esta sede de saber,*
> *Tão moderno quanto é possível,*
> *Apenas me levaram de volta a Ti.*
>
> *Fortes inclinações, águas revoltas a correr,*
> *Veredas distorcidas do pensar, descendo por muitas vertentes,*
> *Apenas me fizeram esperar de novo em Ti.*
>
> *De noite, de dia, em esperança, em desespero, Vagueando*
> *por ásperas ravinas montanhosas,*
> *em cumes altíssimos e gélidos,*
> *Em veredas estranhas, ainda ali,*
> *Te achei perto.*
>
> *Sorvos intoxicaram meu cérebro quando,*
> *Desejando e aprendendo, provei da fonte Pieriana:*
> *Mas bebendo mais, isso me devolveu a sobriedade.*
>
> (Russell Champlin)

> *Vi ainda debaixo do sol que não é dos ligeiros o prêmio, nem dos valentes, a vitória, nem tão pouco dos sábios, o pão, nem ainda dos prudentes, a riqueza, nem dos inteligentes, o favor...*
>
> (Eclesiastes 9.11)

Capítulo Trinta e Oito

Tinham terminado os discursos dos *quatro* críticos terríveis de Jó. O plano dos discursos era que cada um dos *três* amigos molestos (consoladores. ver Jó 16.2) de Jó apresentasse três discursos. Por sua vez, Jó replicaria a cada um dos discursos, resultando em um *total* de nove discursos e nove réplicas correspondentes. Formalmente, porém, Zofar (o terceiro amigo) apresentou somente dois discursos, com somente duas réplicas. Mas muitos eruditos modernos supõem que um escriba subseqüente, ou o autor original, tenha truncado a parte final dos discursos, deixando de fora o terceiro discurso de Zofar e a terceira réplica de Jó. Isso pode ter acontecido porque a linguagem se tornou tão crua, e as afirmações, tão violentas, ao mesmo tempo que a *honra* de Deus foi tão degradada, que a história foi diminuída para garantir a circulação do livro. Leitores judeus piedosos teriam rejeitado o livro, se lessem tais ultrajes. Por outro lado, há palavras realmente cortantes em todos os discursos, e as queixas de Jó contra Deus foram de fato severas. Não existem manuscritos em apoio à teoria da versão truncada do livro, mas, se foi o *autor original* quem assim procedeu, então a primeira cópia do livro foi feita da edição já truncada, de modo que nunca houve manuscritos da versão original e mais dura. Ver a introdução aos capítulos 25-28, onde amplio essas especulações.

Em seguida, *Eliú* é introduzido, embora não tivesse sido apresentado no prólogo nem mencionado no epílogo. Ele parece ser um intrujão no livro, e seus discursos podem ter sido inventados pelo autor, a fim de preencher o espaço deixado pelo material retirado dos discursos da terrível tríade. Seja como for, Eliú foi muito prolixo em suas palavras, mais do que os três amigos molestos de Jó, e somente as réplicas de Jó ocupam mais espaço. Eliú era um jovem revelacionista (ver Jó 32.2), em contraste com os três amigos de Jó, que eram indivíduos dogmáticos e tradicionalistas. Embora tenha repetido muitas das coisas que seus três amigos já haviam afirmado, Eliú produziu algum material útil adicional. Ilustro isso em um gráfico no fim do capítulo 37. Ver a introdução ao capítulo 32, quanto à natureza geral dos discursos de Eliú.

O *tema principal* do livro (embora não repetido com muita freqüência) é a *adoração desinteressada.* Continuaria um homem a adorar e a servir a Deus, *se* viesse a sofrer severas aflições e houvesse toda a razão para perder a esperança? Ou um homem só continuaria a adorar a Deus se isso o beneficiasse pessoalmente? Ver na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* o verbete intitulado *Egoísmo.* Secundária a esse tema, e também um corolário necessário ao problema geral do mal, é a pergunta: Por que os homens sofrem e por que sofrem como sofrem? Pode sofrer um homem *inocente?* O livro de Jó é o único da Bíblia que examina demoradamente o problema, sendo esse, essencialmente, um antigo manual sobre o assunto. A seção V da *Introdução* do livro versa sobre o *Problema do Mal;* ver também esse assunto, com maiores detalhes, no *Dicionário.* Os três amigos molestos de Jó só podiam ver uma resposta óbvia para esse problema, isto é, *a Lei Moral da Colheita segundo a Semeadura* (ver a respeito no *Dicionário*). Em outras palavras, Jó seria um pecador secreto castigado por Deus. Eliú, porém, conseguiu adicionar alguma coisa à discussão: além disso, uma resposta simplista e uma revisão que tem sua própria contribuição, no fim do capítulo 37 (ver o gráfico). Agora chegamos aos *discursos divinos,* os quais acrescentam um importante fator: a *presença* de Deus. Nela sabemos que "tudo vai bem no mundo, porquanto Deus está em Seu trono", mas não nos são dadas proposições racionais. *Sentimos* essa resposta, e nosso coração consente com ela, apesar de nosso cérebro continuar sentindo a ausência de descrições. Não é dada nenhuma resposta racional ao problema do mal no livro de Jó, embora sejamos exortados a confiar na providência divina, com fé cega, em sua maior parte. Debates filosófi-

cos e teológicos subseqüentes adicionam alguns aspectos importantes à discussão que menciono no artigo do *Dicionário* sobre esse assunto.

A Grande Fraqueza do Livro de Jó. No livro de Jó não há nenhum ensino sobre uma vida pós-túmulo, em que recompensas e punições garantem a justiça para a alma humana. De fato, isso é uma fraqueza e uma deficiência, uma das características da teologia patriarcal. Portanto, nossa melhor resposta para o problema do mal, "Todas as coisas estarão, finalmente, bem", nem é considerada. É verdade que a passagem de Jó 19.25-26 fala sobre alguma esperança para além-túmulo, tema completamente ignorado no livro de Jó (mesmo nos capítulos que se seguem), mas, mesmo ali, não temos nenhuma aplicação da idéia das recompensas e das punições que garantem a cura e a justiça.

A teologia cresce como qualquer outra ciência, e na teologia patriarcal não havia ainda surgido a doutrina da vida pós-túmulo. Essa doutrina começou nos Salmos e nos Profetas, e desenvolveu-se ainda mais nos livros intermediários entre o Antigo e o Novo Testamento, ou seja, nos livros apócrifos e pseudepígrafos. Naturalmente, o Novo Testamento fornece mais informações a respeito, de maneira formal e dogmática. Portanto, o livro de Jó nos dá uma resposta apenas parcial, omitindo o melhor argumento de todos acerca das *razões* do sofrimento humano e de como esse sofrimento será, finalmente, anulado. Mesmo contando com nosso avançado conhecimento, o problema do mal ainda é um dos mais difíceis para a teologia e a filosofia. Saber que "algo de bom nos espera mais adiante" não resolve o problema de por que os *inocentes* sofrem agora. Nem podemos sondar por que os inocentes (ou mesmo os culpados) algumas vezes são submetidos a um sofrimento *irracional e excessivo.* O problema do mal é mais fácil de explicar quando é "outra pessoa" quem sofre, e não nós mesmos ou um ente querido. Talvez o *caos* esteja presente, ferindo bons e maus igualmente (ver Rom. 1.20) pelo que precisamos orar diariamente para que ele não nos atinja, levando-nos a algum acontecimento adverso e *desnecessário.* Rejeitamos a idéia, ventilada no prólogo, que faz o sofrimento humano resultar da barganha de Deus com Satanás, às expensas do bem. Isso, quando muito, é apenas um artifício literário que introduz o livro, não uma declaração dogmática que nos explique por que Jó, o homem *inocente,* sofreu.

Tendo dito essas coisas, deixo ao encargo do leitor ler no *Dicionário* o artigo intitulado *Problema do Mal.* Conforme nossa experiência e teologia forem crescendo, sem dúvida, obteremos outros discernimentos quanto à questão. Portanto, paciência!

Os Discursos de Deus. A Voz Saída do Redemoinho: A Presença Manifesta (38.1 – 42.6)

Deus é Todo-poderoso e Majestático! Jó Percebe Sua Pequenez e Reconhece a Vaidade de Suas Palavras (38.1 – 40.5)

Em sua arrogância, Jó havia exigido uma entrevista com o Poder (El), a fim de apresentar seu caso diante do tribunal divino e provar sua inocência (ver Jó 9.3; 14.20; 28.35 e 31.35-37). Finalmente, manifestou-se a temível presença de Deus. Jó não foi acusado pelo Todo-poderoso de ter transgredido, conforme afirmaram os *quatro críticos.* Mediante um interrogatório irônico, foi mostrado quão pequeno Jó era, como homem, *em comparação* com Deus. A sabedoria e o poder de Deus aparecem então como além de qualquer imaginação ou investigação humana.

A Sabedoria do Criador. Jó é silenciado (38.1-40.5). O Criador tem poder sobre todas as forças cósmicas (40.6-42.6): poder sobre hipopótamo (40.15-24); poder sobre o leviatã (41.1-26); poder sobre todos os inimigos imagináveis (41.27-34).

Mais de Setenta Perguntas Deixadas sem Resposta. As perguntas dizem respeito a coisas que o conhecimento dos dias do autor sagrado não podia responder. A lista foi reduzida pelo conhecimento moderno, mas, como é óbvio, permanecem os grandes mistérios da natureza sobre os quais sabemos muito pouco. Essas perguntas revelam a natureza da majestade e da transcendência do Criador, em comparação com o estado humilhado e apequenado dos homens. Jó não foi repreendido por causa de alguma transgressão, mas pela atitude arrogante em sua busca para descobrir por que ele, um *inocente,* estava sofrendo tantas dores. Apesar de Jó não poder responder às perguntas e se sentir confuso diante delas, o episódio representou um conforto, porquanto, de súbito, suas orações foram respondidas, e ele descobriu que Deus não estava indiferente! *Oh, Senhor, concede-nos tal graça!* A sessão de perguntas e respostas não foi o debate que Jó imaginara ter com o Ser divino. Deus não respondeu à solicitação de Jó de comparecer ao tribunal divino. Antes, o Poder de Deus o intimou! Jó foi repreendido por ser tão arrogante ao desafiar os caminhos de Deus. Nenhuma aplicação lhe foi dada, entretanto, quanto aos caminhos divinos. Jó ficou contava apenas com a própria fé. Mas a presença divina foi confortadora, embora também aterrorizante, porque Deus agiu, preocupou-se e tornou-se disponível para o homem. Deus deixou o Seu silêncio e, de repente, tornou-se dolorosamente imanente. Naturalmente, em tudo isso, temos o Deus voluntarista, cuja vontade é suprema e não deve ser posta em dúvida pela razão. Ver na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* o verbete chamado *Voluntarismo.*

Nessa confrontação com o Ser divino, encontramos a mais longa declaração feita por Deus, na Bíblia. Os críticos louvam a excelência das idéias e o modo de expressão. "Sua exuberante exaltação das maravilhas de Deus na natureza excede todas as outras exclamações de Seu poder criativo. Não admira que Jó tenha silenciado, humilhando-se e arrependendo-se!" (Roy B. Zuck, *in loc.*). Estamos tratando com um grande livro de poesia, que atingiu o clímax nos discursos que se seguem. A *excelência poética* das idéias e expressões do livro de Jó garantiu sua preservação através dos séculos, reservando para ele uma posição permanente no cânon hebraico das Sagradas Escrituras.

O Desafio de Abertura e a Reprimenda (38.1-3)

38.1

Depois disto o Senhor, do meio de um redemoinho, respondeu a Jó. *Finalmente, a Resposta Divina!* Afinal, veio a manifestação divina pela qual Jó tanto pleiteara (ver Jó 9.3; 14.20; 28.35 e 31.35-37). Por muito tempo as orações de Jó ficaram sem resposta, e Deus parecia indiferente, exceto pelo fato de que continuava a massacrá-lo com dores. O poder divino apareceu em meio a um redemoinho. No hebraico, essa palavra é *searah,* "tempestade acompanhada por ventos fortes" (ver II Reis 2.1,11; Isa. 20.24) ou redemoinho (ver Sal. 107.25 e Isa. 29.6). Ironicamente, através de uma dessas tempestades é que os filhos e filhas de Jó foram mortos. Um novo temporal foi assim assinalado como o começo de um Novo Dia. A dor seria revertida, mas não antes de Jó ter sido humilhado por uma ofuscante exibição do poder e da sabedoria divina. A tempestade se dissiparia por Sua própria fúria, e a terra inteira seria limpa. Cf. outras tempestades divinas, em Êxo. 19.16,17 e I Reis 19.19. Não está claro, entretanto, se devemos compreender que houve uma tempestade literal de elementos físicos, ou que Jó passou por poderosa experiência mística de alguma espécie, semelhante a uma tempestade. Pessoalmente, estou convencido de que devemos apostar na segunda dessas possibilidades. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Misticismo.*

A tempestade de Jó foi visionária, e não física e, pela mesma razão, avassaladora. "De acordo com o uso bíblico, o redemoinho é o meio das teofanias e designa uma tempestade de natureza específica (cf. Naum 1.3; Zac. 9.14; Sal. 18.7-15; 50.3; Eze. 1.4 e Hab. 3). Note o nome divino *Yahweh,* que mostra que o autor tencionava falar a uma audiência formada por hebreus" (Samuel Terrien, *in loc.*). A versão caldaica contém fala em "redemoinho de tristeza", expressão alegórica ou mística, não um redemoinho formado de elementos físicos. O Targum concorda com essa avaliação. Jó estava sujeito a grande *manifestação divina,* e não a uma tempestade literal de vento e chuvas.

38.2

Quem é este que escurece os meus desígnios...? O *dedo divino* estava apontado para Jó, e a voz divina perguntou: "Quem é esse homem que está confundindo as questões com muitas perguntas?". As palavras de Jó eram excessivas. Ele falara mais do que a terrível tríade, em seus oito ou nove discursos, e até mesmo mais do que o prolixo Eliú. Suas palavras foram multiplicadas, mas lhes faltava sabedoria, e Jó seria severamente repreendido por sua exibição de ignorância, às expensas da reputação de Deus diante dos homens. Por esse motivo o discurso divino começou com uma *reprimenda.* As perguntas feitas por Jó tinham lançado confusão, em vez de esclarecer a questão. Cf. isso com o comentário de Eliú acerca das *trevas* humanas (ver Jó 37.19). Por duas vezes Eliú declarou que as palavras de Jó eram desprovidas de conhecimento (ver Jó 34.35; 35.16), e nisso ele tinha razão. Por suas *contribuições* às discussões, ver o gráfico após o fim do capítulo 37.

Quem era o homem que tinha vociferado perante Deus?

> *O homem, nascido de mulher, vive breve tempo, cheio de inquietação.*
>
> (Jó 14.1)

"Tu, que pretendes falar a respeito das coisas profundas de Deus, sobre Sua administração da justiça e da providência, que não são compreendidas. Tu, que deixaste meus conselhos e desígnios mais obscurecidos pelas tuas explicações" (Adam Clarke, *in loc.*).

"... o conselho de Deus e Suas obras de providência foram representados erroneamente por Jó, como se não fossem sábios e bons, justos e eqüitativos. Ver Jó 34.35,37" (John Gill, *in loc.*). Finalmente, Deus haveria de vindicar Jó. De fato, ele era um homem inocente, segundo dissera. Em primeiro lugar, entretanto, o homem tinha de ser humilhado, por haver falado tanto! Tinha de ser reconduzido a uma atitude mental correta.

38.3

Cinge, pois, os teus lombos como homem. O pobre Jó quis batalhar com o Deus Todo-poderoso e, agora, era chamado a preparar-se para o confronto. As

vestes longas antigas tinham de ser amarradas em torno do corpo para dar liberdade aos movimentos, e isso, neste versículo, tornou-se símbolo da preparação de Jó para os ataques divinos. Jó teria de ser um guerreiro valente. A expressão "sublinha a zombaria brincalhona, mas não sem gentileza, com a qual Deus convidou o possível oponente a resistir e responder a perguntas difíceis de serem respondidas" (Samuel Terrien, *in loc.*). Deus tomou a posição de grande Inquisidor. A aguda incapacidade de Jó para enfrentar Deus estava prestes a ser exibida. Ele prefigurou qualquer homem que tivesse de resistir na presença do Todo-poderoso, com suas próprias forças e em seus próprios méritos. Jó havia dito: "Que o Todo-poderoso me responda" (ver Jó 31.35), mas agora chegou a vez de o Deus Todo-poderoso lançar um desafio. A boca de Jó teria de ser fechada, mas, após breve e intensa humilhação, a cura estava a caminho.

"A veste de um homem, usualmente flutuante, era apertada em torno do corpo quando ele corria, trabalhava ou combatia (ver I Ped. 1.13)" (Fausset, *in loc.*). Cf. Jó 13.22.

38.4

Onde estavas tu...? A *primeira pergunta* foi sobre a origem da terra. Só podemos responder: *Deus criou.* Mas não sabemos *quando* ou *como.* Jó, de existência ainda tão breve, temporal, foi chamado a refletir sobre as eras eternas do passado, a fim de condicionar sua mente com profundo respeito. A rebelião logo seria arrancada de Jó pelo interrogatório divino. A metáfora usada para falar sobre a criação é a da construção de um edifício que requer, antes de tudo, um *alicerce.* Na criação, Deus lançou o alicerce e passou a criar, a partir daí, em um processo que nenhum ser humano pode sondar. Nossa ciência continua a conjecturar sobre tais coisas. A *Filosofia da Ciência* (ver na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia*) abandonou as pesquisas atrás de quaisquer indagações relativas às origens. Mas a teologia e a filosofia continuam investigando, posto que *fracamente.* Cf. Jó 15.7,8 e 28.12.

> *Ouvi, filhos, a instrução do pai e estai atentos para conhecerdes o entendimento; porque vos dou boa doutrina; não deixeis o meu ensino.*
>
> (Provérbios 4.1)

"Mediante uma série de perguntas sobre cosmologia, oceanografia, meteorologia e astronomia, Deus desafiou a compreensão de Jó a julgar o Seu controle sobre o mundo. Deus usou de *ironia* para destacar a *ignorância* de Jó, mediante declarações como 'dize-mo' (vss. 4, 18) e 'se é que o sabes' (vss. 5, 21)" (Roy B. Zuck, *in loc.*). Ver Heb. 1.3,10.

38.5

Quem lhe pôs as medidas...? *Segunda Pergunta.* Continua a *metáfora da construção.* Como foi planejada a criação? Quem foi o planejador e o arquiteto? A filosofia tem formulado argumentos em favor da existência de Deus sobre essas questões. Ver na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* o artigo geral intitulado *Argumentos em Prol da Existência de Deus;* e mais especificamente o verbete chamado *Argumento Cosmológico; Argumento Teleológico* (origens e designios considerados, respectivamente). Jó não sabia grande coisa sobre a filosofia, e, mesmo que o soubesse, não teria sido capaz de responder às perguntas a respeito do planejamento e execução divinos na criação. Cf. as figuras deste versículo com Pro. 8.27 e Isa. 40.22.

38.6

Sobre que estão fundadas as suas bases...? *Terceira Pergunta.* No artigo do *Dicionário* chamado *Astronomia,* dou uma ilustração sobre a idéia cosmológica dos antigos hebreus. Deve-se notar que as colunas que davam suporte à terra não eram propostas como se apoiadas em alguma coisa. As especulações (a maior parte delas errôneas) não continham nenhuma explicação razoável quanto a apoios finais para a terra. As palavras *pedra angular* nos dão a idéia da terra chata e quadrada, tal como um edifício é quadrado ou retangular. Apesar de falar sobre *expressões poéticas,* para aliviar os erros contidos nas cosmologias antigas, isso não corrige tais crenças, cientificamente equivocadas. Ilustro tudo isso no artigo mencionado, portanto não o repito. Os *fundamentos* da terra estariam, de alguma maneira, *fixados* em algo *por baixo,* tal como ocorre com as edificações terrestres, mas ninguém sabia, à época de Jó, nem sabe sobre tais coisas, atualmente. Falamos da gravidade cósmica e interplanetária, mas conhecemos pouco sobre elas e continuamos tateando atrás de respostas.

> *Ele estende o norte sobre o vazio e faz pairar a terra sobre o nada.*
>
> (Jó 26.7)

Parece-nos uma notável percepção antiga aquela que diz que a terra está suspensa no ar, mas a palavra "nada" dificilmente diz alguma coisa sobre as *forças* que conservam o globo terrestre em seu lugar, e, naturalmente, nada diz também sobre a sua órbita ao redor do sol, do que os antigos nem desconfiavam. Ver a exposição sobre Jó 26.7, quanto ao que pode ser dito sobre aquele antigo *discernimento,* por mais fraco que fosse. Essa especulação era estranha às usuais explicações cosmológicas dos hebreus, pelo que não sabemos onde se originaram.

38.7

Quando as estrelas da alva juntas alegremente cantavam. *Quarta Pergunta.* Houve uma pré-criação, uma criação de seres inteligentes, das quais Jó não participou. O autor sacro não está falando sobre o dualismo de forças do bem e do mal que não foram criadas, conforme outras cosmologias antigas asseveravam. Mas é claro que ele via alguma coisa (provavelmente forças angelicais) em existência, antes de terem sido criados a terra e o ser humano.

Muito provavelmente, as *estrelas da alva* são Vênus e Mercúrio, luzes conspícuas no firmamento, de menor brilho que o sol e a lua, mas, mesmo assim, magníficas. O "cântico", sem dúvida, é a ode divina à manifestação e ao mistério da vida. Não há nenhuma referência à descoberta moderna de que as estrelas fazem um ruído em sua emanação de energias, que poderiam ser tomadas como um *cântico.* Não estão em vista estrelas, e, sim, planetas, dotados de maior poder de reflexo da luz; esses planetas não estão, literalmente, cantando ou fazendo ruídos. É um erro modernizar tais declarações, como se grandes antecipações da ciência moderna fossem encontradas nelas. Isso seria uma *eisegese* e não uma *exegese,* ou seja, seria ler no texto algo que não está ali, em vez de se faiar do que está presente no texto sacro. Alguns estudiosos supunham que a alma humana também fosse preexistente, diferente dos anjos apenas quanto à extensão da queda (assim pensava Orígenes, e era também o ensino da Igreja Ortodoxa Oriental), mas esse tipo de coisa não parece ter sido antecipado nas declarações do presente versículo. "Filhos de Deus", provavelmente, são as *ordens de anjos.* Alguns vêem aqui as *estrelas,* como referências personificadas aos mesmos seres.

> *Louvai-o, sol e lua; louvai-o, todas as estrelas luzentes. Louvai-o, céus dos céus e as águas que estão acima do firmamento. Louvem o nome do Senhor, pois mandou ele, e foram criados.*
>
> (Salmo 148.3-5)

38.8

Ou quem encerrou o mar com portas...? *Quinta Pergunta.* O mar sempre foi misterioso para os homens, e até hoje as explorações marítimas são chamadas de *empreitada de fronteira.* Temos aqui a origem do mar, retratada mediante a metáfora do nascimento. O mar irrompeu de algum ventre cósmico, como um bebê que emerge de seu ninho aquoso. Mas então, para deter o seu fluxo, foram criadas *portas.* Por conseguinte, o mar foi *confinado* por forças desconhecidas e inexplicáveis, sobre as quais podemos dizer que são "de Deus", mas nada podemos afirmar sobre o *modus operandi.* Talvez a referência a este versículo inclua as águas "acima do firmamento", aquele grande oceano "lá em cima", muito superior à superfície do globo terrestre, e não apenas as águas que existem abaixo do firmamento. Ver Sal. 148.4, quanto a uma referência sobre águas "acima do firmamento". Ver Gên. 1.6 e 1.7 (bem como a exposição sobre esses versículos), quanto à separação entre as águas por parte do firmamento. Além disso, o gráfico existente no *Dicionário,* no artigo chamado *Astronomia,* fornece detalhes sobre esses itens da antiga cosmologia dos hebreus. Nosso autor parece supor que os mares "tenham nascido" depois que a terra foi criada. A vontade de Deus deu aos mares o seu nascimento, e sua sustentação e confinamento dependem dessa mesma vontade divina. Jó nada sabia dizer sobre essas coisas; como poderia ele disputar com Deus sobre questões menores, como as razões de seus sofrimentos? Jó estava sendo humilhado a ponto de ter de calar-se. As águas primitivamente cobriam o globo terrestre inteiro (ver Gên. 1.2,9; Sal. 104.9), mas Deus separou os mares das terras, confinando-os em seus limites e estabelecendo espaço para as terras, onde Sua criação da vida vegetal, animal e humana poderia ser produzida. Cf. este versículo com Eze. 32.2 e Miq. 4.10, onde encontramos outras metáforas relativas aos mares e à sua origem. Os autores da Bíblia incorporaram idéias não-científicas em seus livros. Ver os comentários sobre o vs. 18. Talvez Sal. 104.6 signifique que os hebreus pensavam que os oceanos saíram do *interior* da terra (seu ventre) e nasceram para a superfície. Nenhuma explicação é dada sobre como toda aquela água existiria nas profundezas da terra, esperando pelo seu nascimento. Outras cosmologias antigas fazem o *ventre* dos mares ser o caos, no espaço. Os mistérios antigos receberam uma série de respostas ridículas, mas nossas respostas não são muito melhores do que elas.

38.9

Quando eu lhe pus as nuvens por vestidura...? *Sexta Pergunta.* O bebê recém-nascido, o mar, tinha de ser vestido. Portanto, as nuvens tornaram-se suas vestes, e talvez o autor sagrado tenha incluído a porção seca, ou terra, nessa metáfora. O bebê-mar precisou ser vestido, e as nuvens serviram a esse propósito. Mas como podia Deus fazer algo assim? Novamente nos deparamos com o problema da origem e das funções subseqüentes. Compreendemos muito mais sobre a meteorologia que os antigos, equipados como estamos com nossa tecnologia e nossos satélites. Mas a astronomia nunca solucionou, de forma adequada, o enigma sobre como a terra obteve a atmosfera, e como essa atmosfera continua sendo renovada, dia após dia e ano após ano. Muitas dessas perguntas ainda nos deixam perplexos. O autor sagrado, contudo, tinha uma resposta teísta para tudo. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Teísmo.* Deus criou e agora sustenta. Ele intervém no cosmos e na vida dos homens. Também recompensa e pune, sobre bases morais. Sabemos atualmente que as nuvens se formam das águas evaporadas do mar, porém o que mais se refere às nuvens primevas, aquela vasta quantidade de água que foi necessária para formar os oceanos, a fim de *dar início* ao ciclo da evaporação e da queda da água sob a forma de chuva.

E a escuridão por fraldas? É provável que nessas palavras tenhamos referência às trevas primevas que circundavam a terra, antes de Deus ter criado a luz. Ver Gên. 1.2-3. Poeticamente, o autor vê que as trevas perfaziam parte do vestuário do bebê, como se fossem fraldas.

38.10

Quando eu lhe tracei limites...? *Sétima Pergunta.* Esta é uma elaboração da quinta pergunta. A figura simbólica é a do *berço* de um bebê. Antes de tudo, temos uma espécie de imenso golfo, na própria terra, que contém o mar. Em segundo lugar, temos as praias do mar, especialmente equipadas, que fazem estancar as ondas e contêm as marés altas. Portanto, se juntarmos o "berço" com as "portas", temos um limite adequado para os vastos depósitos de águas. Isso é o melhor que os povos antigos podiam pensar sobre a questão. Nós, entretanto, contamos com os refinamentos da ciência moderna, as atrações gravitacionais da terra e do espaço, mas mesmo assim os oceanos ainda nos parecem misteriosos. Temos respostas parciais, mas os enigmas ainda dominam em nossa época. "Quando pensamos na natureza instável do mar, parece uma maravilha que ele permita qualquer espécie de restrição" (Ellicott, *in loc.*). A referência é a Gên. 1.9. O poder de Deus conteve os mares em seus devidos lugares e lhes disse: "Não passeis daqui".

38.11

E disse: Até aqui virás. Este versículo elabora a sétima pergunta, do vs. 10. A ordem divina criou as forças que contiveram as águas. As ondas, orgulhosas, ameaçavam cobrir a terra inteira, mas a voz divina disse: "Parai, não ide adiante". Os homens se põem de pé sobre as praias do mar e se admiram de tudo isso. Por que aquelas vastas ondas simplesmente não chegam e não cobrem toda a terra? Algumas vezes um grande terremoto no meio do oceano cria vastas ondas que inundam a terra, mas, mesmo nesses casos, a superfície de terra coberta pelas ondas é, comparativamente, pequena. As *portas divinas* fazem parar as águas, para nossa admiração. Os antigos sabiam sobre as forças naturais, mas pensavam que elas eram teisticamente controladas. Conhecemos atualmente as atrações gravitacionais exercidas pelo sol e pela lua, bem como essas mesmas forças que atuam na terra, as quais agem como controladoras; mas nosso conhecimento é parcial e, algumas vezes, é abertamente conjectural. É preciso que os cientistas digam algumas coisas inteligentes sobre essas questões, mas, mesmo depois de eles terem falado, elas continuam como *enigmas patentes.*

38.12-13

Acaso desde que começaram os teus dias...? A *oitava pergunta* foi proferida ironicamente. Por acaso Jó teve alguma coisa que ver com a causa dos ciclos dos dias e das noites, para que continuassem operando ininterruptamente? Qual fora o *poder* que fizera tais coisas inicialmente? Jó estava ausente por ocasião da criação original de todas as coisas, e também quando foram estabelecidas as leis subseqüentes, para o funcionamento da criação. Não obstante, *esse era o homem* que queria chamar Deus ao tribunal e repreendê-Lo por Sua injustiça, por havê-lo punido "sem causa" (ver Jó 2.3).

A alvorada eleva as trevas como o véu que estivera repousando sobre a terra, quando ela dormia, e sacode para fora os ímpios que ali havia (vs. 13). Esses ímpios são os indivíduos perversos que praticam toda a espécie de vício durante a noite, que os protege dos olhares de estranhos. A alvorada põe fim às suas nefandas atividades, mas esses iníquos anelam para que logo chegue a noite novamente, a fim de prosseguirem em seus deboches. Os ímpios odeiam a luz, porque ela interfere em suas atividades. Cf. Jó 24.13, cuja exposição ilustra o presente versículo.

> *O julgamento é este: que a luz veio ao mundo, e os homens amaram mais as trevas do que a luz; porque as suas obras eram más.*
>
> (João 3.19)

Os *vss. 12-15* fornecem operações que ocorrem dentro do *tempo,* ou seja, a ordem de acontecimentos e funções que acontecem naturalmente, dentro do cosmo criado. Deus é aqui declarado o "criador do tempo" (*Oxford Annotated Bible,* comentando sobre o vs. 12). Os antigos pensavam que o sol girava em torno da terra e tinham alguma noção sobre o que causava a seqüência de dias e noites, mas não antecipavam que a terra é que orbitava em redor do sol, nem que a terra girava em torno de seu próprio eixo, criando a seqüência de dias e noites. O autor teísta do livro de Jó tão-somente deu crédito a Deus por qualquer coisa que estivesse acontecendo, relacionada ao nascer e ao pôr-do-sol, bem como às múltiplas funções relativas ao tempo. Assim sendo, a ciência dos antigos era primitiva, mas sua teologia estava certa.

38.14

A terra se modela como o barro debaixo do selo. Os *vss. 14-15* prosseguem com uma elaboração da oitava pergunta, bem como com as questões por ela levantadas.

Nesta passagem bíblica, o autor sagrado apresenta duas metáforas: a do *selo* e a das *vestes.* Ele ilustra com essas metáforas os poderes da providência de Deus. O selo molda a argila ou a cera, na forma que essas coisas tomam, as quais são exigidas por sua própria natureza. A referência, nesse caso, parece ser que a *alvorada é o selo* que amolda as coisas em consonância com sua natureza. Os ímpios não mudam, os bons continuam sendo bons; a providência de Deus está ali. Além disso, tudo na terra é tingido como é tingida uma veste pela alvorada. Assim sendo, o autor sacro introduziu *outra* metáfora. A própria terra é como uma veste que Deus, por meio de Seus atos naturais, tinge da maneira como Ele quer, até a noite retornar e reverter as coisas. Alguns estudiosos vêem neste versículo a interminável variedade da natureza, e como ela é *causadas,* ou seja, como o desígnio ordena todas as coisas e faz delas o que elas são, tal como um selo força a argila a ser aquilo que é, quando moldada. Está em vista a *providência geral* de Deus.

No *escuro,* as coisas eram caóticas e informes. Mas, quando chegou a luz de Deus, tudo assumiu o formato por Ele determinado. Os ímpios, se não forem transformados, pelo menos fogem ou param de pecar por algum tempo, esperando que a noite oculte seus pecados.

38.15

Dos perversos se desvia a sua luz. A *verdadeira luz* é retirada dos ímpios, porque eles fizeram das trevas a sua luz. Por conseguinte, eles têm de sofrer as conseqüências da má escolha. Eles se regozijam na noite, mas a noite da alma, a morte, está a caminho e eficazmente porá fim aos seres dedicados à maldade. O braço "levantado" fala da opressão e arrogância dos homens maus. Mas esse braço levantado será quebrado pela ira divina. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Ira de Deus.*

Braço levantado. Isto apresenta o braço como uma arma que fere e mata. Trata-se de uma metáfora para qualquer tipo de mal praticado pelo homem contra seu semelhante. Mas o poder do homem logo termina, devido ao poder de Deus. A *Lei Moral da Colheita segundo a Semeadura* (ver a respeito no *Dicionário*) toma conta da questão. Jó havia sido acusado de toda a espécie de crime social, o que ele negou meticulosamente neste capítulo.

38.16

Acaso entraste nos mananciais do mar...? *Nona pergunta.* Os leitos dos oceanos até hoje constituem mistérios, mesmo para a ciência moderna. Jó, em seu estado primitivo, naturalmente nada sabia sobre esses mistérios, ao passo que nós sabemos algumas coisas. Jó não havia pesquisado os recessos do *abismo,* no hebraico, *tehom,* conforme se vê em Gên. 1.2. O termo hebraico *nebek,* traduzido aqui por "mananciais", apresenta-nos a idéia de que os oceanos, de alguma maneira, surgiram do interior da terra, pelo que a metáfora do vs. 8 deste capítulo continua até aqui (ver as notas expositivas ali). O autor sacro aplicou idéias mistas em suas "indagações divinas", pois a ciência do autor sacro também era primitiva. Fosse como fosse, o pobre Jó não tinha respostas sobre como o mar veio à existência e sobre quais leis o governavam. Não haveria nenhuma água à superfície da terra, sobre ela ou debaixo dela, a menos que alguma atmosfera primeva a tivesse suprido. Mas acerca disso virtualmente nada sabemos e dependemos apenas de adivinhações. Aconteceu, mas não sabemos dizer como. É um erro alterar a idéia dos *mananciais* a fim de indicar as "profundezas sem veredas, sem caminhos, do oceano" (Ellicott, *in loc.*). As idéias eram que "através do fundo poroso do oceano, águas novas fluíam constantemente" (Adam Clarke, *in loc.*). Deus é o Senhor das Profundezas, e basta-nos saber disso. Ele é, igualmente, o Senhor de toda a vida humana e julga de acordo com as leis morais. Jó,

de acordo com a estimativa de seus três amigos, tinha esquecido esse fato e, portanto, vivia em regime de opressão social (vs. 15).

38.17

Porventura te foram reveladas as portas da morte...? *Décima Pergunta.* As *profundezas* do mar sugeriram outra pergunta. O que Jó sabia sobre as *portas da morte,* no mundo inferior? Sem dúvida, há aqui uma referência ao *seol* (ver a respeito no *Dicionário*), o qual é descrito como dotado de portas que se abrem, engolem os homens e se fecham sobre eles, de modo que não lhes permitem mais voltar. Cf. Sal. 9.13; 107.18 e Isa. 38.10. Durante o período patriarcal, a teologia dos hebreus ainda não havia desenvolvido a idéia de *almas* encerradas no seol. Mas a linguagem aqui usada sugere que esse desenvolvimento estava em processo. Em uma teologia posterior, o seol, no interior da terra, seria o receptáculo das almas. O autor sagrado referiu-se elaboradamente à morte, como uma espécie de prisão temível que abre suas portas diante dos mortos, engole-os e nunca mais os devolve. Em outras palavras, a morte é final. Não há aqui nenhuma idéia de uma alma que sobreviva diante da morte biológica, o que era estranho à teologia patriarcal. Temos um começo desse pensamento em Jó 19.25,26, mas mesmo ali não há céu nem inferno, recompensas nem punições. Somente no período entre o Antigo e o Novo Testamento, nos livros pseudepígrafos e apócrifos, é que essas idéias adquiriram forma. O Novo Testamento continuou o processo. O Targum simplesmente interpreta este versículo como referindo-se ao seol, que recebe as almas; mas isso é anacrônico.

38.18

Tens idéia nítida da largura da terra? *Décima Primeira Pergunta.* Os antigos não dispunham de tecnologia para medir as dimensões da terra. Só sabiam que a terra é uma esfera verdadeiramente grande. Eles nem ao menos dispunham da tecnologia de preparar mapas exatos, e mesmo a maior parte da superfície da terra e seus muitos povos (exceto a área do mar Mediterrâneo) eram completamente desconhecidos para eles. A ciência moderna nos confere medidas exatas das *dimensões da terra,* embora persistam muitos mistérios sobre a sua superfície. Pelo menos, podemos dizer que a questão das *dimensões* da terra tem sido resolvida pelo avanço da ciência. Para Jó, entretanto, a questão postulava uma indagação irretorquível.

Largura. Conforme pensavam os antigos hebreus, a terra era concebida como uma vasta *planície* retangular, de maneira que encontramos descrições como *largura* e *cantos.* Eles não sabiam que a terra é um *globo* e, para medi-la, é preciso saber sua *circunferência.* Ver a ilustração sobre a antiga cosmologia dos hebreus no *Dicionário,* no artigo chamado *Astronomia.* Os discursos divinos, aqui dados, incorporam a ciência *deficiente* da era patriarcal. A linguagem não-científica, entretanto, não diminui o poder da mensagem. Contudo, é tolice tentar *modernizar* tais textos, por meio de vários truques interpretativos, como se nenhum erro houvesse neles. O emprego de uma argumentação falsa é imprópria para homens devotos, que estejam buscando apenas conforto mental. Existem erros e deficiências humanos na Bíblia, e negá-los em certo lugar é, simplesmente, encontrá-los em outro. Somente os eruditos mais dogmáticos não admitem isso. Qualquer coisa que passe pelas mãos dos homens contém algum erro. Só Deus é perfeito. Afiançar que qualquer outra coisa é *perfeita* é apenas uma forma de *idolatria.* Não obstante, as imperfeições existentes na Bíblia em nada derrotam qualquer sã teoria de inspiração. Tais *trivialidades,* como os erros científicos, nada têm que ver com a validade da mensagem espiritual transmitida. Ver no *Dicionário* os verbetes intitulados *Inspiração* e *Revelação.* Todos os nossos métodos de adquirir conhecimentos têm suas próprias deficiências.

38.19

Onde está o caminho para a morada da luz? *Nos vss. 19-21 encontramos a décima segunda pergunta.* O nascer e o pôr-do-sol eram fenômenos misteriosos para os povos antigos. Eles não sabiam que a terra gira em torno de seu eixo e, assim, produz a progressão sucessiva de dias e noites. Naturalmente, eles pensavam que o sol se movia pelo firmamento e fazia uma volta a cada dia. Não sabiam que o globo terrestre girava, dando aos homens a ilusão de que o sol é que se movia. Esse conhecimento dos giros da terra só foi averiguado no século XVI, pelo que os homens ignoraram certos grandes fatos científicos por um período excessivamente longo.

O livro de Gênesis naturalmente fala sobre a *luz primeva* que existia antes da luz do sol (ver Gên. 1.3). Talvez exista uma referência a essa noção no presente versículo. As trevas, portanto, são referidas como uma *entidade real,* e não como a privação da luz. Talvez haja aqui indício do antigo mito cósmico da luta entre a Luz e as Trevas, que nos envolve nos poderes e entidades espirituais, e não meramente na luz e nas trevas literais.

Seja como for, a Luz e as Trevas são aqui personificadas e apresentadas poeticamente, como se vivessem em casas. Elas saem de suas moradias e realizam seus deveres diários. Ninguém podia seguir o sol até ele desaparecer atrás do horizonte, e descobrir para onde ele ia. Ademais, nenhum ser humano podia apanhar o sol quando ele saía de sua "casa", para fazer outra aparição sobre a terra. Todas essas questões eram realmente misteriosas, a ponto de o autor sagrado ter de usar uma poesia estranha para falar a respeito. O autor sacro não fazia a menor idéia de como o sol, que agora nos ilumina, no extremo oposto do globo terrestre, abandona os povos na escuridão! O único mundo por ele conhecido era aquela minúscula porção que circunda o mar Mediterrâneo, a qual, na verdade, é o *mundo da Bíblia.*

38.20

Para que as conduzas aos seus limites...? Este versículo prossegue metáfora do vs. 1 e desenvolve ainda mais a décima segunda pergunta. Nenhum homem podia correr atrás do sol e "estar presente" para vê-lo entrar em sua casa. Nenhum ser humano podia ver as trevas sair de casa ou *traçar* a vereda do sol. O sol teria uma mente própria e obedeceria às suas próprias leis. Somente Deus tem conhecimento verdadeiro sobre tais coisas. O ignorante Jó teria de ser humilhado, para que, abandonando sua arrogância, fosse curado. A ciência moderna tem sido capaz de acompanhar os movimentos do sistema planetário; também tem feito algumas descobertas interessantes, que respondem às perguntas dos vss. 19-20. Mas ainda restam grandes mistérios, até mesmo quanto ao nosso sistema planetário, à nossa galáxia da Via Láctea e à grande vastidão da criação, com seus bilhões de galáxias. O artigo sobre *Astronomia* fornece alguns fatos que nos deixam aturdidos.

> *... o qual, como noivo que sai dos seus aposentos, se regozija como herói, a percorrer o seu caminho. Principia numa extremidade dos céus, e até à outra vai o seu percurso; e nada refoge ao seu calor.*
>
> (Salmo 19.5-6)

38.21

Tu o sabes, porque nesse tempo eras nascido. Este versículo prossegue com a décima segunda pergunta. A voz divina ralhou com Jó, com uma observação sarcástica. Jó, aquele tolo homem sábio, também era antiquíssimo, pelo que podia dizer-nos como o sol opera, porquanto, de algum vantajoso ponto cósmico, ele foi capaz de observar o sol sair e entrar em sua casa. Naturalmente, a idéia é que somente Deus, em Seu Dia eterno, poderia ter ordenado os movimentos do sol, estando presente para ver o começo de suas operações. E agora somente Deus poderia observar os atos do sol e informar-nos sobre a questão. Jó, em sua arrogância, presumiu conhecer muito sobre como Deus opera, e teve a audácia de querer convocar Deus a um tribunal celeste para responder às suas acusações! Ver Jó 9.3,14-20,28-35; 13.22 e 31.35-37. Deus, finalmente, apareceu e convocou Jó ao tribunal. A humilhação traria a restauração final, portanto, valeu a pena ser humilhado. Jó não estava por perto para ver os atos criativos, entre eles, a criação da luz e das trevas. Mas estaria presente para ver a sua própria vindicação. Jó não era um transgressor, mas tornou-se um orador arrogante, dizendo coisas duras contra o próprio Deus. Os poucos anos de vida de Jó o reduziam a nada, em comparação com o Deus eterno (ver Jó 36.26).

38.22

Acaso entraste nos depósitos da neve...? *Décima Terceira Pergunta.* Ver os vss. 22-30. Os antigos conheciam muito pouco sobre o que causava as *condições climáticas,* a queda das chuvas, da neve e do granizo, de onde vinham as águas, juntamente com os ventos e os relâmpagos, e como tudo se renovava constantemente. O granizo sempre foi uma das armas de Deus (ver Jos. 10.11; Sal. 18.12-13; Isa. 30.30 e Eze. 13.11,13). Todas as condições climáticas podem ser destrutivas, e suas manifestações eram consideradas dependentes de Deus. Os antigos sabiam que dependiam, de forma absoluta, das condições do clima (com suas variegadas formas de água), pelo que muito se preocupavam, como também nós, hoje, a despeito de toda a nossa tecnologia. Quem poderia depender mais da natureza do que o ser humano? Essa é a *dependência* a que estamos sujeitos. Portanto, o autor desenvolveu o tema em *nove versículos.* Várias formas de feitura de água também se tornam armas na Mão Divina, como elementos de destruição. Portanto, a mesma coisa da qual dependemos pode produzir nossa destruição!

Tal como o sol e as trevas, os elementos da natureza (as formas variegadas de água) também são retratados poeticamente como tendo moradias, ou seja, *depósitos.* Deus retira essas coisas de Seus tesouros para causar manifestações meteorológicas. Cf. Sal. 33.7; 135.7. Uma vez retiradas dos depósitos, as águas obedecem à vontade do Senhor e fazem o que lhes é ordenado.

> *Ele ajunta em montão as águas do mar; e em reservatórios encerra as grandes vagas.*
>
> (Salmo 33.7)

38.23

Que eu retenho até o tempo da... guerra? Deus reserva suas armas de água para intervir nas batalhas humanas, como enviar a saraiva contra um inimigo odiado. Ou, então, Ele retém as águas e envia o julgamento da seca. Parece que a idéia, nesse caso, é que Deus batalha contra os iníquos. Seus *soldados* são os elementos da natureza. Além disso, há o açoitante vento oriental, que resseca e transforma tudo em deserto (vs. 24). Portanto, a água ou a ausência de água pode tornar-se arma na mão de Deus. Ver Êxo. 9.33, quanto ao uso das chuvas de pedra contra os egípcios. Ver também Jos. 10.10-11, quanto a algo similar.

> *Trovejou, então, o Senhor, nos céus; O Altíssimo levantou a sua voz, e houve granizo e brasas de fogo. Despediu as suas setas e espalhou os meus inimigos.*
>
> (Salmo 18.13-14)

Ver também Apo. 16.21; Isa. 28.17 e Ageu 2.17.

38.24

Onde está o caminho para onde se difunde a luz...? Samuel Terrien (*in loc.*) sugeriu que, em vez de luz, neste versículo, deveríamos ler *vapor*, o que requer leve modificação no hebraico original envolvido. Nesse caso, continua a questão da manifestação da água, em suas diversas formas. No caso de termos de ficar com a *luz*, então ficamos com os relâmpagos ou, mais provavelmente, retornamos à metáfora dos vss. 19-20, quanto à questão do nascer e do pôr-do-sol, e quanto à questão da distribuição de luz que essas coisas produzem. A luz *difunde-se* por toda a terra, mas como, era algo que os antigos não sabiam. Isso, pois, poderia formar uma *décima quarta pergunta*, uma espécie de subcategoria da questão *décima segunda*. Roy B. Zuck, *in loc.*, vê o *relâmpago* na referência. Quem poderia predizer como Deus usará esse elemento? Cf. 36.30,32; 37.3,11,15 e 38.35. Essa também é uma das armas divinas e muito temida pelos homens.

O vento oriental. O sopro quente do Oriente podia ressecar todas as águas, tornando-se uma força destruidora e produzindo a seca. Os vss. 22-30 demoram-se sobre as manifestações do *clima*. O que Jó sabia acerca dessas coisas? É óbvio que muito pouco. Portanto, como poderia ousar enfrentar Deus com sua conversa infantil, chamando-o quanto à questão concernente a seus sofrimentos? Teria de haver a vontade divina por trás de tudo isso, bem como razões que explicassem os sofrimentos de Jó. O vento oriental era um fator sério no deserto da Arábia, onde o livro de Jó foi escrito e, de fato, em todo o crescente fértil.

Ver Gên. 1.4, quanto à difusão da luz de Deus e seus poderes de separação. As trevas fogem, e os homens são iluminados, sem importar onde estejam.

38.25

Quem abriu regos para o aguaceiro...? Fortes chuvas caem, e rios são formados. Esses, por sua vez, escavam leitos e ravinas, e começam a corrida de volta ao oceano. O sistema funciona, ao que tudo indica, sem direção e sem causa; porém, de acordo com a teologia do livro de Jó, Deus está por trás dos bastidores, dirigindo tudo. As águas caudalosas falam do poder de Deus e, voltando ao oceano, reiniciam o processo das águas vivas que sustentam toda a forma de vida, vegetal, animal e humana. Deus é o criador do rego, pois o versículo diz: "Quem abriu regos para o aguaceiro?". Ora, se Deus dirige as águas, então também dirige a vida humana. A *providência generalizada* é o poder por trás de todas as coisas que acontecem. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Providência de Deus*.

Os relâmpagos dos trovões. Deus também dirige a vereda dos relâmpagos, que, para nós, parecem tão arbitrários. Com essa parte do versículo, retemos a idéia do vs. 24, as diversas manifestações da luz. Cf Jó 36.30; 37.3,11,15; 38.35.

38.26

Para que se faça chover sobre a terra...? Este versículo desenvolve informações sobre a chuva. A queda da chuva pode parecer arbitrária, mas é Deus quem faz a chuva cair por toda a parte, onde estiverem os homens e os animais que dela precisarem, e mesmo onde nada existir, senão o ermo. Os animais ferozes também se beneficiam, sendo também eles parte da criação de Deus. A Revised Standard Version diz aqui "deserto". Sabemos hoje que o deserto é habitado por certo número de animais muito especializados, que podem sobreviver e realmente sobrevivem em lugares onde não há muita água. Deus também cuida deles. "Deus se preocupa com a sua criação, de forma independente das necessidades dos homens" (Ellicott, *in loc.*). Este versículo fala do *poder beneficente* de Deus. Jó, nas condições espirituais corretas, também poderia ser beneficiado. Ele teria de ser primeiramente humilhado, para libertar-se de sua mente arrogante.

38.27

Para dessedentar a terra deserta e assolada...? Este versículo continua com os benefícios advindos das chuvas de Deus, conferidos tão abundante e gratuitamente. Até os lugares desolados recebem atenção, e os animais daquele lugar e as plantas especializadas do deserto absorvem um pouco da chuva, que é *suficiente* para as suas necessidades. Existem feras, aves e insetos, e todas as formas de lagartos, serpentes e animais que habitam nas áreas desertas, e até essas formas humildes de vida têm sua provisão de água e alimentos, através da providência generalizada de Deus. "Até as formas mais humildes dessas espécies são sustentadas por Sua bondosa providência" (Adam Clarke, *in loc.*).

38.28

Acaso a chuva tem pai? A chuva não tem um pai que a gere, mas Deus Pai está por trás da queda da chuva e da bênção universal. Ele *gera* as águas em suas variegadas formas. O autor sagrado retornou à metáfora da procriação-nascimento empregada no vs. 8, onde vemos os oceanos nascendo do interior da terra.

Orvalho. Até mesmo no tempo de Adam Clarke (1760-1832), os cientistas continuavam a perguntar se o orvalho pode elevar-se da terra, à parte da umidade na atmosfera. Sem dúvida, Gên. 2.6 estava por trás da discussão. Mas a noção de que alguma forma de nevoeiro ou orvalho se elevava da terra e a regava, não havendo ainda chuva, é um pouco de ciência antiga, que, atualmente, sabemos estar equivocada. Não pode haver umidade sobre a terra, exceto por chuvas vindas da atmosfera, provenientes dos oceanos. Naturalmente, alguns intérpretes falam sobre nuvens *miraculosas* de alguma espécie, algum *nevoeiro divino*. Mas isso envolve harmonia a qualquer preço, mesmo à custa da honestidade. O livro de Gênesis não menciona alguma provisão miraculosa de água e, sim, um processo natural. Já vimos, no livro de Jó, que os hebreus tinham idéias equivocadas sobre a natureza, e a inspiração divina não impediu que os autores bíblicos incorporassem idéias não-científicas em seus livros. Ver as notas sobre Jó 38.18. O presente versículo simplesmente assevera a "origem divina" de todas as águas transmissoras de vida, sem importar a origem material. O autor sagrado enfatizou que o homem certamente não é a fonte originária das águas, e, em sua época, a questão inteira da meteorologia estava envolvida em mistérios. Jó ficou confuso por questões relativas a tais coisas, e essa foi a razão do interrogatório divino. Jó precisava ser humilhado para depois ser exaltado.

> *Humilhai-vos, portanto, sob a poderosa mão de Deus, para que ele, em tempo oportuno, vos exalte.*
>
> (I Pedro 5.6)

38.29

De que ventre procede o gelo? Agora volta à tona a *metáfora do ventre*. Os oceanos (vs. 8) nasceram do ventre (recesso interior) da terra, de acordo com a ciência da época de Jó. Agora, poeticamente, somos informados de que os grandes depósitos de gelo, que caem sob a forma de granizo, e a geada que se forma sobre o solo, também têm um ventre divino. Certos processos misteriosos estavam envolvidos, e Jó certamente não podia falar de forma inteligente sobre eles. Deus é o grande Gerador e Pai de tudo, até dos processos inanimados da natureza. Mistérios cercavam o todo, sobre os quais Jó nem podia começar a responder. Mas um Jó humilhado em breve tornar-se-ia um Jó restaurado. O processo de cura pode ser *doloroso*.

Quanto aos processos iniciados por Deus, que envolvem a chuva e o gelo, cf. os comentários de Eliú em Jó 36.27-38; 37.6,10. "Neste ponto, o Senhor é representado como uma mãe, e assim Ele foi representado por Ofeu, e chamado *metropater* (mãe-pai) (Apud Clemente, *Stromat.* 1.5, parte 608). Deus, mediante o Seu hálito, formou a geada. Ver Jó 37.10" (John Gill, *in loc.*).

38.30

As águas ficam duras como a pedra. Estas palavras referem-se ao gelo formado pelo frio. Até grandes corpos de água podem transformar-se em gelo, e isso era misterioso para aquela era pré-científica. Nossa ciência dá-nos detalhes essenciais de como a temperatura muda o estado da água, de maneira que obtemos desde o gelo até o vapor de água; mas os antigos não contavam com termômetros nem teorias sobre a questão, apenas sabiam que essas coisas aconteciam. Em seu *teísmo* (ver a respeito no *Dicionário*), o autor sagrado atribuiu tudo a Deus. O Deus da criação é, igualmente, o Deus da intervenção, tanto na natureza como na vida dos homens. O processo de enregelamento é chamado de "compactação" das águas. Elas se tornam compactas para formar o gelo. "A água perde sua qualidade familiar e torna-se como uma pedra" (Ellicott, *in loc.*). Não sabemos dizer se o autor sacro conhecia algo sobre as calotas polares do norte distante. Provavelmente não. Se o soubesse, certamente teria ficado admirado diante da grande quantidade de gelo ali existente. Para ele, o lugar inteiro teria parecido uma pedra gigantesca.

38.31-32

Temos nos *vss. 31-38* várias questões sobre as estrelas e as nuvens, incluindo as constelações. O que sabia Jó sobre as *constelações* de estrelas? A astronomia continua sendo uma ciência que ainda está em seus estágios iniciais, porque lhe faltam os meios de experimentação em laboratório, porque ela depende da observação e de instrumentos não muito exatos, e por causa das grandes distâncias envolvidas. Chega à terra luz que tem dezesseis bilhões de anos de idade, talvez até mais. É perfeitamente possível que algumas das fontes dessa luz nem mais existam atualmente, pois essa luz partiu há dezesseis bilhões de anos de sua origem. Não foi criada a meio do caminho, atingindo a terra dentro dos seis mil anos que algumas pessoas pensam ter sido o começo da criação. As narrativas de Gênesis não têm por propósito ensinar que a terra (e a criação) tenham apenas seis mil anos, pois, se forçarmos esse livro a dizer tal coisa, terminaremos com estúpidas especulações nada científicas, anuladas pelos muitos anos de pesquisas. Contudo, algumas pessoas continuam insistindo nessa fútil afirmação. Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Astronomia,* que aborda essas questões.

Na discussão sobre os vss. 31-38, encontramos questões que giram em torno de nuvens e vapores, o que também já mencionamos. Todas essas perguntas têm algo que ver com o que acontece "lá fora"; e, naturalmente, são indagações sobre as quais Jó nada sabia. Portanto, ele ficava cada vez mais confundido pelas interrogações divinas. "Jó nada sabia sobre as leis dos céus, os princípios pelos quais se regulam as estrelas, os planetas e a lua. Como, pois, podia criticar as leis de Deus e o modo como Ele trata a humanidade? O domínio sobre a terra era negócio de Deus, não de Jó" (Roy B. Zuck, *in loc.*).

Ou poderás tu atar as cadeias do Sete-estrelo...? Em Jó 38.31-32, temos a *décima terceira pergunta.* Certas estrelas parecem encontrar-se em constelações. Na realidade, porém, elas não estão todas em uma mesma região, apenas parecem estar, devido ao nosso ângulo de observação, que nos faz vê-las como se estivessem agrupadas. Na realidade, elas estão separadas umas das outras por espaços imensos. Mas a idéia nada científica da época era a de que tais constelações se mantinham em seus lugares por alguma espécie de força, que nossa versão portuguesa, juntamente com a Revised Standard Version, chama de "cadeias". Deus é quem manteria essas constelações em seus respectivos lugares, podendo soltá-las pela aplicação de pressões ou relaxamentos das cadeias. Talvez esse vocábulo tenha sido escolhido somente para falar sobre alguma "força cósmica desconhecida". Era natural aos antigos pensar em supostas constelações unidas por uma espécie de força unificadora. Mas atualmente sabemos que tais constelações não formam verdadeiros grupos de estrelas; também não existe nenhum poder interconectador que as mantém juntas. O autor sagrado nos dá os nomes de *quatro* constelações. No *Dicionário,* forneço artigos com comentários sobre cada uma delas e sobre seu uso no livro de Jó, bem como outro artigo chamado *Plêiades (e Outras Constelações).* Não repito o material oferecido nesses verbetes.

"As Plêiades e o Órion são constituídos por estrelas que nos dão a aparência de estar reunidas por cadeias e cordas" (Samuel Terrien, *in loc.*). Jó não podia dar a menor resposta ao seu Divino Interrogador sobre as forças cósmicas que reúnem as constelações. De fato, temos nessa última pergunta apenas uma verdade poética, não científica, pelo que ela se baseia em uma ciência equivocada. Ver os comentários do vs. 18, a respeito das idéias anticientíficas evidentes nos livros bíblicos, embora isso não afete nenhuma sã teoria da inspiração divina da Bíblia.

38.33

Sabes tu as ordenanças dos céus...? *Décima Quarta Pergunta.* O autor sagrado aparentemente retornou à pergunta sobre as *estações do ano* que controlam o clima na terra, repetindo a essência do discurso de Eliú em Jó 36.26-37.22. O governo soberano de Deus proveu distintas estações do ano para a terra, o que o discurso de Eliú salientou ser contado por meio de um calendário outonal, em que a festa do Ano Novo caía no outono.

Os povos antigos não tinham consciência de *como* são produzidas as estações do ano, de maneira que a mente teísta simplesmente atribuía essas mudanças às operações divinas. Observamos que, durante o inverno, os dias ficam mais curtos do que as noites, e menos calor é fornecido pelo sol. Então temos o verão, quando os dias ficam mais longos e as noites, mais curtas, e o sol fornece mais calor. Porventura sabemos dizer o motivo? A ciência moderna sabe dizer, mas e você? Seja como for, Jó nem ao menos contava com uma conjectura decente sobre tais fenômenos. Quem estiver curioso sobre essa questão deve consultar uma enciclopédia. Muitos antigos tinham apenas três estações: a primavera, o verão e o inverno. O autor do livro de Jó fala sobre o outono, o inverno e o verão, deixando de lado a primavera.

38.34

Podes levantar a tua voz até às nuvens? *Décima Quinta Pergunta.* O autor sagrado retorna à questão das nuvens e das águas, sobre o que já havia falado. Nos vss. 9, 25 e ss., o homem mostra-se impotente diante das nuvens. Naturalmente, agora temos um pouco de controle, porquanto, em algumas ocasiões favoráveis, as nuvens podem ser "semeadas", provocando chuva. Mas esse controle é pequeno. Jó, entretanto, não exercia nenhum controle sobre as nuvens. Ele não sabia dizer como Deus controla a produção de chuvas. Mas sabia que ali havia poder que supria águas doadoras da vida. Os homens continuam orando para obter chuvas, para que Deus ouça e responda a tais orações. Esta décima quinta pergunta enfatiza os poderes providenciais de Deus, em contraste com a impotência humana. "Você não pode fazer o que Deus faz, pode?", respondeu a voz divina. Cf. Jer. 14.22 e Jó 22.11. Ver também Zac. 10.1 e Amós 5.8.

38.35

Ou ordenarás aos relâmpagos que saiam...? *Décima Sexta Pergunta.* O autor sacro retorna à questão dos *relâmpagos.* Cf. os vss. 24-25. Nenhum homem pode determinar que o relâmpago ataque. A voz divina perguntou: "Podes fazer o que Deus faz e causar o relâmpago?". A pergunta contrasta o poder divino com a impotência dos homens. Os relâmpagos são uma das armas divinas, mas o homem não tem poder para usá-la. Trata-se de um fenômeno assustador, mas só Deus sabe usá-lo conforme a sua vontade. Contrastar este texto com os atos de Elias (ver II Reis 1.10,12). Ele empregou os elementos para servir a seus propósitos, mas somente porque Deus, naquele momento, lhe permitiu fazê-lo. Mas o poder real por trás de tudo foi o poder divino. Jó certamente não se parecia com Elias. Ele também não tinha poder sobre a providência de Deus na vida dos homens, mas podia submeter-se a essa providência e ser curado. Cf. este texto com Jó 36.29,30. Ver também Isa. 6.8.

38.36

Quem pôs sabedoria nas camadas de nuvens? *Décima Sétima Pergunta.* A King James Version refere-se às maravilhas do corpo humano e à inteligência da mente e do corpo. Quem pôs essas coisas no ser humano? Que poder está por trás do código genético, o DNA, as maravilhosas funções dos órgãos físicos? E o que dá ao homem sua consciência e inteligência? Essas coisas certamente não foram autogeradas. O que Jó sabia sobre fisiologia e sobre psicologia? A Revised Standard Version, por outro lado, continuou com a discussão sobre as nuvens. O autor sagrado via sabedoria naquilo que as nuvens fazem, e compreensão nos atos dos nevoeiros. Como é óbvio, encontramos palavras hebraicas cujos significados são disputados, o que explica diferentes interpretações. As nuvens e o relâmpago atuam como se tivessem mente própria, mas, por trás deles, temos a Mente divina. A Vulgata Latina, na segunda parte deste versículo, traduz por: "Quem dá ao galo entendimento" para que ele cante no tempo certo e cumpra seu dever como uma sentinela? Alguns escritos judeus e o Targum, sobre este versículo compreendem a questão dessa maneira. A versão árabe também diz assim, pois as palavras referentes a *coração* e a *galo* são bastante similares. O galo desperta um bom árabe para realizar seu dever de orar a cada manhã. A Septuaginta também tem um sentido "incomum", ao falar sobre a *sabedoria das mulheres,* as quais, tão habilidosamente, costuram e tecem. Deus lhes dá sabedoria para tais tarefas.

38.37

Quem pode numerar com sabedoria as nuvens? *Décima Oitava Pergunta.* O autor sagrado continua a discussão sobre as nuvens. Elas se assemelham a odres de água, onde os homens guardam fluidos transmissores de vida. Esses odres podem ser inclinados, levando a chuva a cair sobre a terra. Mas não é o homem quem os inclina; Deus é o grande inclinador, o causador das chuvas. Ninguém pode numerar as nuvens que vão e vêm o dia inteiro. Deus escolhe qual desses odres deve ser inclinado para dar a água necessária a cada dia. Há sabedoria e poder na produção de chuva. O homem não tem poder algum sobre essa questão e tem bem pouca compreensão sobre ela. Por certo Jó não era meteorologista. O grande *Meteorologista* cuida das necessidades dos homens. Cf. o vs. 34, Gên. 8.2 e Amós 4.7.

38.38

Para que o pó se transforme em massa sólida. *Décima Nona Pergunta.* Até mesmo o endurecimento de poeira para formar torrões duros, por meio do ressecamento da umidade, é um processo que o homem comum dificilmente compreende. Deus é o diretor de todos os processos naturais, desde o maior e o mais misterioso até o menor e menos difícil. Mas o homem, em sua ignorância, sabe muito pouco sobre qualquer processo natural. Como, pois, podia ele, à semelhança de Jó, chamar o Criador ao tribunal e provar qualquer coisa sobre o modo de governar o mundo *moral?* O homem não sabe muito sobre o poder de coesão das partículas de poeira e, certamente, não sabe como o mundo moral "se mantém coeso" na justiça e no julgamento apropriado. Alguns vêem

nessa pergunta os minerais e as pedras preciosas, os metais e as jóias em estado bruto, e pensam que o autor acreditava que, por meio de algum estranho poder de coesão na terra, tais substâncias eram formadas. Nesse caso, temos verdadeiros mistérios.

As Maravilhas da Vida Animal (38.39 – 39.30)

Conforme se percebe, não há nenhuma interrupção entre os capítulos 38 e 39. Uma divisão natural seria fazer os vss. 39-41 formar uma parte do capítulo seguinte, visto que o mesmo assunto está sendo discutido. *Doze animais* foram mencionados, cada qual tendo sua própria natureza misteriosa e seus próprios caminhos, para que Jó os considerasse e confessasse nada saber sobre zoologia, biologia e fisiologia. Temos *seis feras,* animais grandes, cinco tipos de aves e até um inseto, todos exibindo um tipo particular de gênio, e todos criados por Deus, de maneira notável e providencial. Naturalmente, o rei das feras, o *leão,* encabeça a lista. "Alguém poderia pensar que os animais, estando abaixo do homem, poderiam ser controlados, cuidados e compreendidos por ele. Mas Deus mostrou a Jó que, quanto a certas coisas, ele era *inferior* até o reino animal" (Roy B. Zuck, *in loc.*).

Até recentemente, a ciência subestimava a inteligência dos animais. Agora sabemos que certos primatas são perfeitamente capazes de desenvolver uma linguagem, embora lhes faltem os aparelhos físicos necessários para tanto. Eles podem pensar verbalmente, comunicando-se através de computadores. Portanto, não há tão grande abismo entre os animais e o homem, conforme se pensava. De fato, testes demonstram que os mais espertos entre os macacos são mais inteligentes que os mais estúpidos dos homens, porquanto o quociente de inteligência deles é superior ao de certos humanos! Além disso, como é óbvio, alguns animais, entre eles aves e insetos, têm percepções dos sentidos muito superiores às dos seres humanos. Uma abelha, em Guaratinguetá pode sentir o cheiro de um jardim de flores em Aparecida do Norte (a 10 km de distância!) Um pombo, em São Paulo, pode captar um temporal no Rio, porquanto detectar temporais é algo vital para sua sobrevivência. Um urso polar pode sentir o cheiro de um animal que queira comer, mesmo estando sob o gelo; ele pode sentir o odor de um animal a mais de 16 km de distância. Algumas aves de rapina podem ver a *aura* dos animais, aquele brilho luminoso em torno dos seres vivos, à noite, de forma que mergulham sobre o pobre animalzinho e o apanham. Mas carne morta no campo (a qual, naturalmente, não tem aura) não poderá ser vista à noite pela ave de rapina. Se quisermos falar sobre força física, muitos animais derrotam facilmente o homem, o mesmo ocorrendo no que diz respeito à velocidade. Talvez os golfinhos sejam até mais inteligentes que os homens, embora estejam cativos em um corpo de peixe, o que, por certo, é uma *piada* da natureza.

Então, para nossa surpresa, aprendemos que Deus cuida dos animais, Ele é seu protetor. Ele providencia a sobrevivência para eles. E muito mais, ainda, Deus ama o mundo dos homens, *todo o mundo!* (João 3.16). Quando Deus poupou a cidade de Nínive, parte do motivo foi que Ele estava preocupado com o gado do lugar (ver Jó 4.11).

Alguns supõem que os animais (pelo menos das espécies superiores) tenham alma e sejam pessoas. Platão especulou que toda a vida é psíquica, e que os corpos físicos são apenas veículos materiais de tipos de psiques. Ver na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* o verbete chamado *Animais, Alma dos;* e no *Dicionário* os artigos intitulados *Animais, Direitos dos e Moralidade.*

38.39

Caçarás, porventura, a presa para a leoa? *Vigésima Pergunta.* O leão, poderosa fera, facilmente se refestelaria comigo; alegro-me que ele esteja "longe". O leão precisa ingerir tremenda quantidade de carne e, além disso, tem sua família de leõezinhos carnívoros. O leão precisa de inteligência especial que o ajude suprir suas próprias necessidades e as de sua família, e Deus tem de preocupar-se com ele, para não falhar em sua tarefa. Porventura Jó sabia algo sobre tais coisas? Ele ao menos pensava que é Deus quem cuida dos animais? Se Deus cuida dos animais, é certo que cuida do homem, e Sua justiça será sempre o poder orientador. Jó, por conseguinte, estava errado em suas queixas, ao chamar Deus de injusto e arbitrário, por enviar-lhe a dor. A *providência divina* (ver a respeito no *Dicionário*) está sempre em operação, em favor dos animais e dos homens

> *Os leõezinhos rugem pela presa e buscam de Deus o sustento.*
>
> (Salmo 104.21)

Dizemos que os animais têm instinto, necessário à sua sobrevivência. Um animal nasce com os seus instintos, como parte da herança genética. Porém, além do instinto, eles também têm inteligência. Deus está por trás do código genético dos animais e dos seres humanos. Isso faz parte da providência divina.

38.40

Quando se agacham nos covis...? O *leão,* aquela fera terrível, tem sua própria moradia, de onde sai para caçar; ao mesmo tempo, a caça é seu esporte e seu sustento. Ele *gosta* de sua vida, podemos ter certeza.

> *Está ele de emboscada, como o leão na sua caverna.*
>
> (Salmo 10.9)

O vs. 40 pode estar falando de leões jovens, os quais precisam ocultar-se em suas covas, esperando pela providência do Pai, ou então, fala de leões velhos, incapazes de caçar, que precisam da ajuda de leões fortes. Por semelhança, Deus cuida tanto dos jovens quanto dos idosos.

38.41

Quem prepara aos corvos o seu alimento? *Vigésima Primeira Pergunta.* Quem toma conta do corvo, terrível ave de rapina? Quem deu a essa ave a inteligência e o instinto suficiente para suas necessidades? A *voz celeste* desce do poderoso leão para o roufenho corvo e encontra a mesma providência divina em operação. Jó certamente desconhecia os cuidados com um corvo, mas *Deus* os conhecia e também sabia como cuidar do homem, embora Jó tivesse duvidado disso.

> *Dá o alimento aos animais e aos filhos dos corvos, quando clamam...*
>
> (Salmo 147.9)

Cf. Mat. 6.26 e Luc. 12.24.

> *Observai as aves do céu: não semeiam, não colhem, nem ajuntam em celeiros; contudo, vosso Pai celeste as sustenta. Porventura, não valeis vós muito mais do que as aves?*
>
> (Mateus 6.26)

"Talvez esse pássaro (o corvo) tenha sido escolhido para servir de ilustração, por causa de seu apetite voraz... acima da maioria das outras aves. Ele grita continuamente, e seu grito é o da fome" (Adam Clarke, *in loc.*).

Aeliano (lib. ii. cap. 48) observou o clamor contínuo dos corvos buscando alguma coisa para comer. Essa ave era abundante nas margens do rio Nilo, e o mais barulhento de todos os pássaros.

Capítulo Trinta e Nove

Não há interrupção entre os capítulos 38 e 39. A Bíblia hebraica corretamente faz a divisão em Jó 38.39. Os vss. 39-41 devem pertencer ao mesmo material dado no capítulo 39, até o vs. 30. Forneço a introdução à seção de Jó 38.39, que trata das *Maravilhas da Vida Animal,* quando a voz divina fala sobre seus instintos e inteligência, concedidos por Deus, e também sobre como Ele cuida dos animais, objetos de Sua preocupação. Quanto mais, pois, Deus se preocupa com os homens? Ver Mat. 6.26. No entanto, em suas queixas contra os sofrimentos, Jó tinha duvidado dos cuidados providenciais de Deus, supondo-O cruel e injusto. A voz divina precisou corrigir as falsas impressões de Jó. Por conseguinte, temos uma longa ilustração do reino animal, na qual *doze* animais servem de instrução.

39.1

Sabes tu o tempo em que as cabras monteses têm os filhos...? *Vigésima Segunda Pergunta.* Até a relativamente humilde cabra montês vivia envolvida por mistérios, no que dizia respeito a Jó. O que ele sabia sobre os hábitos desse animal e de seu período de gestação? Tão misteriosas como as cabras monteses são as *corças.* Ora, se Jó não sabia praticamente nada sobre questões simples de biologia e zoologia, como poderia ser tão arrogante e ajuizar os julgamentos morais de Deus? O sofrimento humano tem um propósito, embora Jó não fosse um transgressor (ver Jó 2.3). Aristóteles tornou-se grande conhecedor do comportamento animal, e foi o homem mais inteligente de sua época, quanto a matérias como a zoologia e a biologia. Jó, todavia, era ignorante, embora achasse que, quanto às "questões celestiais", era um grande conhecedor, tendo o desplante de dizer a Deus como governar o mundo.

"Essa cabra montês pode ser o íbex núbio, uma cabra que vive nos lugares ermos do Oriente Médio e se oculta quando tem seus filhotes. Até hoje, relativamente poucas pessoas viram essas cabras dando à luz as suas crias" (Roy B. Zuck, *in loc.*).

Plínio (*Hist. Natural* 1.8, cap. 53) fez algumas observações sobre as *corças* que estavam ausentes na educação de Jó. Esses animais podem viver até os 35

anos, se algum predador natural não os apanhar. Aristóteles também fez menção à longevidade da cabra montês, mas Jó ignorava esses fatos.

A voz do Senhor faz dar cria às corças...

(Salmo 29.9)

39.2

Podes contar os meses que cumprem? *Vigésima Terceira Pergunta.* Conforme se vê na exposição sobre o vs. 1 deste capítulo, os hábitos de gravidez e parto das cabras monteses eram, especialmente, misteriosos para os antigos; esse aspecto particular da vida delas forma uma nova pergunta ou, então, poderíamos considerar o vs. 2 como continuação de uma única pergunta, iniciada no vs. 1. Seja como for, o autor sagrado salientou o *aspecto menos conhecido* da vida das cabras monteses. Enquanto isso, Deus estava nos montes e nos campos, supervisionando o que acontecia com elas, de modo que a Sua providência estava ali, e também acompanhava Jó, que, se ao menos tivesse olhos para ver, constataria tais fatos.

39.3-4

Elas encurvam-se, para terem seus filhos. Os vss. 3-4 prosseguem as informações sobre o parto das cabras monteses e das corças, e sobre os seus filhotes, que crescem e se tornam independentes dos pais. Nesses fatos havia toda a espécie de mistérios para Jó. Não obstante, quanto a outros muito mais importantes, como a justiça e o desígnio universal, Jó se considerava grande conhecedor. Esses animais, uma vez que começam a desenvolver-se, entram nos campos abertos em busca de pasto. Nenhum homem os ajuda, mas Deus garante que nada lhes falte. Eles vivem em condições que nenhum ser humano suportaria, mas se saem bem, crescem, ficam fortes e tornam-se independentes. Os animais aprendem a própria subsistência, mas Deus está por trás de tudo. O mesmo se dá no caso do homem. Deus está presente. Oh, Senhor, concede-nos tal graça!

39.5

Quem despediu livre o jumento selvagem...? *Vigésima Quarta Pergunta.* O jumento selvagem está "lá fora", cuidando de si mesmo. Nenhum homem o amansou, e ninguém cuida dele. Mas Deus está presente. O jumento selvagem é rápido e foge do homem que quer torná-lo cativo. A liberdade é o orgulho dele, sem o qual não quererá viver. Jó nunca amansara um desses animais, pelo que não sabia absolutamente nada a seu respeito. Deus dava a moradia ao jumento, e sua vida corria belamente, sem a ajuda de Jó. No entanto, o arrogante Jó pretendia dizer a Deus como dirigir o Seu universo moral! Deus deu liberdade ao jumento selvagem, o *sine qua non* de sua vida. E Deus deu ao homem a *justiça,* o *sine qua non* da vida espiritual. Plínio (*Hist. Natural* 1.8) conta-nos sobre amansar o jumento, mas isso reduz a sua natureza que, naturalmente, ama a liberdade e odeia a servidão ao homem.

39.6

Ao qual dei o ermo por casa...? Deus conferiu liberdade ao jumento selvagem e deu-lhe um hábitat impróprio para outros animais, mas perfeito para ele. O jumento selvagem aprecia os lugares ermos e as montanhas desnudas. Sua terra é estéril (King James Version) ou salgada (Revised Standard Version e nossa versão portuguesa). Essa terra é improdutiva para outros, mas adequada para o jumento selvagem. A provisão de Deus lhe é *suficiente*, e assim também acontecia no caso de Jó, o homem queixoso sentado em seu monturo de cinzas. O jumento selvagem está fora do bulício da barulhenta civilização, uma vantagem distinta.

Xenofonte (*De Expedition Cyri.* 1.1) conta-nos sobre esse animal que vive no deserto, tão rápido, tão livre. Leão Africanus (*Description Africae* I.9) fala sobre como esses animais conseguem reproduzir-se em grandes números, até mesmo nos desertos e lugares próximos aos desertos.

Jumenta selvagem, acostumada ao deserto e que, no ardor do cio, sorve o vento. Quem a impediria de satisfazer seu desejo?

(Jeremias 2.24)

39.7

Ri-se do tumulto da cidade. *Esse animal livre* em nada se importa com a civilização. Ele evita os homens, suas cidades e sua confusão e, especialmente, que o homem o capture e o reduza à escravidão. Nenhum guia, aos gritos, dirige a vida dele. Ele prefere os rigores da vida selvagem. Esse animal não precisa de livramento, pois já é livre. Sua velocidade ajuda-o a evitar a servidão. Ele deixa os homens consternados. Leão Africanus assegura-nos (*Description Africae,* 1.9, par. 752) que o jumento selvagem pode correr mais depressa que qualquer animal, exceto o cavalo selvagem. Ele podia correr mais rápido do que qualquer cavalo comum, conhecido na Palestina e na Arábia. Tanto Xenofonte (*De Expedition Cyri* 1.1) quanto Aristóteles (*Hist. Animal* 1.9, cap. 5) observaram ser o jumento selvagem espécie dotada de incomum capacidade na corrida. No hebraico, o nome desse animal é uma variação da palavra que significa *correr.*

39.8

Os montes são o lugar do seu pasto. O jumento selvagem tem *fome* e percorre grandes distâncias para encontrar seu alimento. Mas, se estiver livre, isso será uma pequena inconveniência. Ele percorre as montanhas em busca de verdura comestível para a sua espécie. *De alguma maneira,* Deus cuida desses animais sob circunstâncias difíceis. E, *de alguma maneira,* Deus também cuida de nós em situações adversas. O autor sagrado enfatiza a *providência de Deus* o tempo todo, e continua a lembrar-nos de que o queixoso Jó não havia sido esquecido, apesar das evidências contrárias. Depois de humilhado, Jó seria restaurado e receberia prosperidade maior do que a que gozara antes. Cf. este versículo com Jó 6.5, cujas notas expositivas também se aplicam aqui.

39.9

Acaso quer o boi selvagem servir-te? *Vigésima Quinta Pergunta.* Outro animal sobre o qual Jó nada sabia era o *boi selvagem* (ver a respeito no *Dicionário,* e ver outros nomes, quanto a detalhes sobre os animais que estão sendo discutidos). O boi selvagem também era independente, à semelhança do jumento selvagem, e não consentiria em passar uma noite com Jó, comendo seu alimento, de modo que, no dia seguinte, tivesse de trabalhar para o homem. Esse animal era sujeito somente a Deus e bem O servia, da maneira que um homem não poderia fazê-lo. O boi selvagem era um animal domesticável, mas não que apreciasse esse tratamento. Ele não queria ser como o boi domesticado, deitado ali no celeiro de Jó. Nem gostaria de ajudar a arar o campo de Jó. O boi selvagem era um *agente livre,* sob os cuidados de Deus, e não tinha queixas sobre sua vida, em contraste com o que acontecia ao arrogante Jó.

O animal em questão provavelmente é o *remu,* o búfalo acádico ou asiático. Esse animal era muito forte, mas usava sua força para comer e lutar, não para ajudar o homem em sua labuta. O boi selvagem era um animal que encontrava alimento com facilidade, mas levava uma vida difícil. Intérpretes mais antigos viam aqui o rinoceronte, mas essa interpretação atualmente é rejeitada. Nenhum rinoceronte poderia ser ligado a um arado para puxá-lo e trabalhar no campo, conforme o texto sagrado supõe que pudesse suceder ao animal em questão. Imagine-se pôr um rinoceronte em um celeiro, para compartilhar a vida com o gado domesticado.

39.10

Porventura podes prendê-lo ao sulco com cordas? O autor sacro dá mais três versículos ao boi selvagem, e as perguntas feitas poderiam dar categorias separadas em minha enumeração. Considero essas subquestões ampliações das principais questões, como o fato de o boi selvagem ser posto a servir o homem (vs. 9). O animal em pauta tinha grande força física, poderia ajudar um homem em suas atividades agrícolas, mas não estava nem um pouco interessado em ser um escravo do homem. O animal em questão é tão poderoso, que poderia diminuir o trabalho do agricultor pela metade, caso substituísse bois comuns domesticados; mas ninguém pode forçar o boi selvagem a puxar um arado, não há como forçá-lo. Esse animal se rebelaria e o homem não teria forças para domá-lo. Embora incomumente forte, essa sua força não é usada para servir ao homem. Jó não poderia amansar o animal e, muito menos, pô-lo a trabalhar no cultivo da terra. Como, pois, poderia desafiar os caminhos do Deus *Todo-poderoso,* para forçá-Lo a *cumprir a sua vontade?*

39.11

Confiarás nele, por ser grande a sua força...? Seria inútil alguém incluir o boi selvagem em seus planos para completar alguma tarefa. Ele não faria nem uma *parte* do que lhe fosse delegado fazer. Em outras palavras, esqueça o boi selvagem! Precisamos saber a diferença entre o que está sob nosso controle e o que está fora de nosso domínio. Oh, Senhor! Ajuda-nos a fazer tudo o que está sob nosso controle, nos a entregar-Te as coisas fora de nosso controle, e a reconhecer a diferença!

39.12

Farás dele que te traga para a casa o que semeaste e o recolha na tua eira? É inútil confiar no boi selvagem. Ele não cumprirá nenhuma tarefa

que lhe for dada. Ele não tem a mínima disposição de ajudar o homem, é um rebelde constante. Alguém talvez pense que poderia pô-lo a puxar um arado ou um vagão, arrastando os grãos para guardá-los no celeiro. Mas ele desapareceria no campo aberto e nunca mais seria visto. "Você não poderá pô-lo a trabalhar em algum trabalho doméstico ou agrícola" (Adam Clarke, *in loc.*). Ora, se Jó não podia desafiar os caminhos naturais do boi selvagem, como poderia dar instruções ao Deus Todo-poderoso para dizer-lhe o que é certo ou errado?

A Avestruz (39.13-18)

39.13

Vigésima Sexta Pergunta. Você sabe alguma coisa sobre os caminhos da avestruz? Muitos mistérios circundam esse pássaro e seus hábitos. O autor sagrado lançou mão de seis versículos para descrever as maravilhas que circundam essa enorme ave, mas Jó sabia bem pouco sobre ela. Se um simples pássaro constituía uma maravilha para Jó, podia ele falar sobre o Juiz divino e fazê-Lo prestar contas de Seu governo moral?

A versão da Septuaginta não tem esses versículos em seus manuscritos mais antigos, o que pode significar que eles foram adicionados por algum editor subseqüente, por razões desconhecidas. A avestruz combina fatores desejáveis e indesejáveis. Ela é feia (vs. 13), um pássaro tolo e estúpido (vss. 14-17), mas pode correr mais depressa do que um cavalo! A avestruz é uma ave bizarra, com características estranhas, pesando até 180 kg e podendo atingir uma altura de 2,10 m a 2,44 m. Tem pequenas asas agitáveis, mas não pode voar. Várias avestruzes podem pôr seus ovos em um mesmo ninho e, talvez, até na areia. Isso faz parte de sua insensatez ou, pelo menos, tais atos nos parecem estúpidos. Esse pássaro pode abandonar seus ovos. Se algum ser humano perturbar o ninho de uma avestruz, a fêmea pode sentar-se no choco, sobre os ovos de outra avestruz fêmea, abandonando os próprios ovos! Esses atos são considerados estúpidos, mas, mesmo assim, Jó não tinha conhecimentos sobre esse pássaro, portanto como poderia ele resolver qualquer coisa acerca dos mistérios de Deus? Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Avestruz,* quanto a maiores detalhes.

As penas do avestruz são belas e dotadas de alto valor comercial; no entanto, de nada valem para o efeito de voar. Deus equipou esse pássaro com características *estranhas* e, algumas vezes, é difícil seguir as sendas do Deus Todo-poderoso. Há muitas surpresas no caminho. O hebraico da segunda parte do versículo é obscuro, e várias sugestões têm sido feitas. A Revised Standard Version diz "plumagem de amor", mas é difícil perceber o que essas palavras poderiam significar. A Atualizada diz "penas de bondade", mas essa tradução é, igualmente, difícil de ser entendida. Talvez "adorno da sua plumagem" (tradução da Imprensa Bíblica Brasileira) esteja correta.

39.14

Ela deixa os seus ovos na terra. A avestruz pode depositar seus ovos no próprio ninho, no ninho de outra avestruz, ou simplesmente pô-los no chão. Ela também pode deitar-se sobre os próprios ovos ou sobre os ovos de outra avestruz. Algumas vezes ela parece ser insensível ao bem-estar dos filhotes, mostrando-se estúpida em todos os seus caminhos. Mas até mesmo um pássaro estúpido representava muitos mistérios insolúveis para Jó, o *homem* que teve a ousadia de convocar o Deus Todo-poderoso a prestar-lhe contas!

39.15

E se esquece de que algum pé os pode esmagar. "A avestruz só se deita sobre os ovos à noite, quando o rio poderia enregelá-los e destruí-los. Durante o dia, o calor da areia continua o processo do choco" (Ellicott, *in loc.*). Se esse intérprete está correto, então a avestruz é mais *econômica* do que estúpida. Naturalmente, os ovos depositados no chão poderiam ser pisados por algum homem ou animal. Além disso, predadores se deleitariam em encontrar um gigantesco ovo no chão, apenas esperando ser comido. Fausset (*in loc.*) confiava nos instintos dados por Deus a essa ave, para que fizesse a coisa certa, mas o autor do livro de Jó certamente estava falando sobre a *insensatez* do pássaro. Não devemos cometer uma *falácia natural,* ou seja, "o que é deveria ser". *É,* necessariamente, não constitui sinônimo para *deveria ser.* Há coisas loucas na *natureza,* naturalmente errôneas, fracas e defeituosas. As leis naturais certamente não são perfeitas. Alguns explicam as imperfeições da criação, conforme a conhecemos atualmente, com suas leis naturais inerentemente imperfeitas. O Deus Altíssimo deixou que as leis naturais governassem a maioria das coisas. Essa regra é defeituosa, mas, em geral, consegue fazer o seu trabalho. Seja como for, é inútil esperar qualquer coisa como a perfeição da parte da natureza e de suas cnaturas.

39.16

Trata com dureza os seus filhos. A *avestruz* é um pássaro que não atacará se você se aproximar do seu ninho. Na verdade, alguma coisa de somenos importância, como ela ficar com fome, pode levá-la a abandonar aquela atividade e deitar-se no ninho de outra avestruz. Ou, então, ela se levanta de maneira inteiramente arbitrária e se deita no ninho de outra avestruz. E, se algum predador se aproxima, ela usa sua força para sair do ninho, deixando os ovos para a raposa ou outro animal qualquer. Ela é *cruel* (Revised Standard Version) no tocante a seus filhotes. E não teme que seus labores terminem em vão e seus ovos sejam destruídos. Afinal, haverá oportunidades de produzir mais ovos e alguns deles sobreviverão. Isso basta para essa ave. Jovens avestruzes podem ser encontrados vagabundeando famintos, piando e gemendo, esperando a morte pela inanição, enquanto a mãe está deitada no ninho de outra avestruz. Em alguns sentidos, pois, o avestruz é uma das *piadas* da natureza: uma ave gigantesca que, tendo asas, não consegue voar; e, correndo, é mais ligeira que um cavalo; mãe negligente, egoísta e insensata; cruel e independente. Alguns estudiosos desculpam os lapsos da avestruz, dizendo que essa ave é, simplesmente, *esquecida.* Assim também muitas mulheres justificam seus lapsos dizendo: "Esqueci!". Uma de minhas fontes informa que, algumas vezes, a avestruz defende seus filhotes com vigor, quando algum predador se aproxima. Portanto, acrescentemos outro dos seus pecados, o de ser *arbitrária.*

Quando o avestruz abana as asas, não o faz como empreendimento inútil. De fato, é para aumentar a velocidade de sua corrida a pé. Não se trata de uma inútil tentativa de voar.

39.17

Porque Deus lhe negou sabedoria. Deus é aqui acusado pela estupidez do pássaro, porquanto, segundo a antiga teologia dos hebreus, Deus era a *Única Causa.* No que diz respeito ao avestruz, a conclusão é que a estupidez dessa ave é a coisa certa, por ter sido divinamente causada. A teologia dos hebreus era fraca quanto a *causas secundárias,* as quais realmente acontecem e se misturam em todas as espécies de coisas. As leis naturais são cheias de defeitos em suas operações. Na natureza há muitas deficiências, e não precisamos acusar Deus por elas. Mas no texto presente, quando Deus dotava os animais de suas propriedades, que deveriam passar de geração em geração pelo código do DNA, o pobre avestruz foi feito um pássaro maravilhosamente estúpido. O avestruz pode correr a mais de 60 km por hora (tornando-se assim mais ligeiro que um cavalo), mas, ao chegar onde chegou, esquece o porquê de estar correndo tanto. Leão Africanus (*Description Africae,* 1.9, parte 766) diz que esse pássaro é tão estúpido que, tendo depositado seus ovos, logo esquece onde construiu o ninho. Talvez por isso costume deitar-se no ninho de outra avestruz. Além disso, Plínio (*Hist. Nat.* 1.10, cap. 1) diz que esse estúpido pássaro enfia a cabeça em meio a um arbusto para "fugir" de algum predador, pensando que, por não poder vê-lo, também não poderá ser visto. A cabeça do avestruz é bastante pequena e deve ter um cérebro minúsculo. Também somos informados de que Heliogabalo, um dos imperadores romanos, gostava muito de comer cérebros de avestruz e, numa de suas festas, mandou preparar 600 miolos de avestruz, para si e seus convidados!

39.18

Mas quando de um salto se levanta para correr. *A grande força* do avestruz é sua velocidade e, aparentemente, essa é a única característica remidora. Xenofonte (*De Expedit. Cyri.* 1.1) informou-nos que Ciro usava essa ave para testar a velocidade dos cavalos. Ele nunca encontrou um cavalo capaz de correr mais depressa do que o avestruz. Uma grande soma de dinheiro foi oferecida ao dono do cavalo que corresse mais que um avestruz. Em qualquer ocasião em que era posto a competir com um cavalo, o avestruz terminava *rindo* diante do pobre competidor, ou assim disse a imaginação do autor, em sua descrição poética. Xenofonte também afirmou que esse pássaro costumava parar e lançar pedras (com os pés, como se estes fossem uma funda) contra qualquer criatura que o estivesse perseguindo. Seja como for, o avestruz costuma correr em curvas, e não em linha reta, o que muito dificulta ser apanhado.

O Humilde Cavalo é um Animal Admirável (39.19-25)

39.19

Vigésima Sétima Pergunta, a qual se compõe de várias subquestões a respeito do cavalo comum. Jó era proprietário de muitos cavalos e estava com eles todos os dias. No entanto, até mesmo o que era *comum* para Jó estava tão eivado de mistérios, que o deixava confuso.

Qualquer um dos cavalos de Jó possuía propriedades que ele não sabia explicar, e o autor sacro empregou *sete* versículos para justificá-las. Como poderia o pobre homem explicar Deus, o criador dos cavalos? Há muitos mistérios nos caminhos de Deus, e fazer com que os homens sofram, ou permitir que isso aconteça, é um desses mistérios. O problema do mal (por que os homens sofrem e por que sofrem como sofrem) está eivado de mistérios; mas Deus está presente, tal como no caso dos cavalos e de suas misteriosas qualidades, mediante os decretos divinos. *A conclusão* é que Deus sabia dos sofrimentos de Jó e tinha

razões para tanto. O arrogante Jó foi humilhado, seria restaurado e prosperaria mais do que nunca. Mas tinha de atravessar a noite escura da alma, antes de tudo. Jó não era nenhum transgressor (ver Jó 2.3), mas precisava ser disciplinado para melhorar sua qualidade espiritual. Ver a seção V da *Introdução* ao livro de Jó, quanto ao que ele oferece como explicação do *Problema do Mal;* ver também o artigo no *Dicionário* sobre esse assunto.

O cavalo é um animal admirável (vs. 19), cuja força, até onde retrocede a história, tem sido empregada por homens para empreendimentos variegados. O cavalo é um bom trabalhador de fazendas; serve bem na guerra; é útil para os esportes que envolvem a corrida. É um animal obediente. O que há no cavalo que o leva a obedecer ao homem estúpido? Mesmo quando sofre abusos, o cavalo continua a servir o homem. A segunda parte deste vs. 19 tem por trás um texto hebraico obscuro, pelo que há várias conjeturas sobre seu significado. A King James Version apresenta o pescoço do cavalo "vestido de trovões". A Revised Standard Version traz simplesmente uma alusão à "força" do pescoço do cavalo, como uma espécie de vestidura. A palavra "trovão", que aparece em algumas versões da Bíblia, como a King James Version, é "crina" em nossa versão portuguesa. O cavalo, na guerra, é um dos elementos que aterrorizam o inimigo. As vestes do pescoço desse animal são sua crina, que ele pode sacudir violentamente quando excitado ou irado. Com um pouco de imaginação, podemos entender por que os antigos viam isso como se fosse um trovão.

39.20

Acaso o fazes pular como ao gafanhoto? O cavalo é um grande *animal saltador,* quase como se fosse um gafanhoto. Foi Jó quem equipou seus cavalos com esse poder? Além disso, o cavalo tem um relincho terrível, que pode lançar o medo no coração do inimigo, mesmo que a longa distância. A figura naturalmente é a da guerra. O cavalo serve muito bem ao homem na guerra e ajuda-o a vencer as batalhas. Os cavalos do deus Netuno caracterizavam-se por suas habilidades no salto (Homero, *Ilíada*, 13. v.31). Joel 2.4 compara o cavalo a um gafanhoto. Os cavalos são tão bons saltadores que um esporte foi inventado para exibir isso, e muitos ganham dinheiro com cavalos saltadores. Os homens vêem certa beleza nos saltos dos cavalos e pagam dinheiro a pessoas habilidosas que os fazem dar belos saltos.

Ademais, os cavalos têm fogo nas narinas e bufam espantando os inimigos. Há uma bela linha composta por Virgílio (*Geog.* iii. vs. 85) que descreve essa habilidade:

Collectumque premens volvit sub naribus ignem.

Essas palavras significam:

E em suas narinas rolos coligem o fogo.

39.21

Escarva no vale, folga na sua força. *Outra característica* do cavalo é o seu ato de escarvar o chão nervosamente quando está excitado ou, presumivelmente, irado. Seja como for, o animal, com seu escarvar, dá a nítida impressão de que está *ansioso* para entrar na batalha e no derramamento de sangue. Somos informados de que os cavalos de corrida realmente desfrutam da competição, e que o rugido das multidões lhes dá forças extremas para vencer. Mesmo a distância, quando um cavalo corredor ouve o ruído da multidão e sapateia, ansioso por entrar na corrida. Assim também, os cavalos de guerra gostam de sua profissão e ficam excitados por matar, conforme os homens, segundo se presume. "Resfolegando, o cavalo sente o odor da batalha a distância e ouve os comandos. A natureza espirituosa da poesia, nesses versos, equipara-se à vitalidade do cavalo. Visto que Jó era inferior ao cavalo, certamente era inferior ao Criador do cavalo" (Roy B. Zuck, *in loc.*).

Lactâncio (*Instit.* 1.3, cap. 8) diz-nos que é óbvio que os cavalos exultam quando seus soldados vencem uma batalha e *entristecem-se* quando perdem. Talvez um homem acostumado às lides da guerra pudesse informar do que Lactâncio estava falando. Imagino que um cavalo seja uma animal inteligente, que parece estúpido apenas porque não recebeu boa educação. Experiências feitas com a inteligência dos cavalos têm provado alguns fatos admiráveis sobre eles. De fato, a cabeça dos cavalos é grande o suficiente para conter um cérebro bastante sofisticado. Mas, de que adianta um cérebro grande, se ele não for treinado pela educação? Tomemos, pois, uma lição de um cavalo: Eduquemos bem nossas crianças, dando-lhes a chance de competir neste mundo hostil.

39.22

Ri-se do temor, e não se espanta. Embora um cavalo comum possa assustar-se diante de algum acontecimento fortuito, os *cavalos de guerra* não o fazem. Eles são cidadelas de coragem, gostam da violência. Um homem voltará as costas para a batalha, por medo, mas um cavalo *ri-se do medo.* Um cavalo não desanima por causa de condições desesperadoras. Ele não teme a morte; enfrentá-la é um prazer. A espada não o assusta, e lanças são como brinquedos para ele. Um bom cavalo de guerra é corajoso e temerário. Um bom dia de batalha é melhor para um cavalo de guerra do que ficar pastando nos campos. Um bom cavalo de guerra anseia por outro dia no vale (vs. 21), onde os homens efetuam a guerra, porque ele desfruta da matança. Ele gosta de guerras. Ele não pode dizer-nos isso, mas mostra brilho nos olhos, enquanto empina, fogoso. Quando a batalha termina, ele volta cansado e suado, todo coberto de sangue, mas feliz com tudo o que sucedeu. Ele, então, como que pergunta ao cavaleiro: "Quando teremos outro dia como este?". Esse cavalo, em seu estábulo, sente-se muito infeliz. Ele gosta de ação. Não foi por acidente que os egípcios fizeram do cavalo símbolo de coragem e ousadia (Clemente Alex. *Stromat.* 1.5, par. 567).

39.23

Sobre ele chocalha a aljava. O cavalo de guerra sai à batalha enfeitado com armas. Seu cavaleiro leva essas armas, e o cavalo transporta cavaleiro e armas, com orgulho e alegria. Essas coisas constituem suas vestes especiais, que os cavalos de fazenda desconhecem inteiramente. Quando o inimigo atira suas flechas e dardos, e quando outro cavalo corre com o cavaleiro erguendo uma lança para matar, o cavalo *ri-se* de tal esporte. O cavalo gosta de todos os aparatos da guerra e sabe bem como eles são usados. Ele enfrenta a questão com coragem e determinação e não teme morrer.

Com olhos destemidos, ele pesquisa a turma rebrilhante,
E olha diretamente para o rebrilho do elmo;
Ele conhece as palavras de seu senhor e as leis da guerra.
E sabe onde deve estar, e quando deve carregar o inimigo.

(Virgílio, *Oppian Cyneget*, lib. 1, vs. 206)

Aeliano (*De Animal.* 1.15, cap. 25) conta como os persas treinavam os seus cavalos para não terem medo dos ruídos da batalha, nem do entrechocar das armas, nem do arremesso das lanças.

39.24

De fúria e ira devora o caminho. O cavalo corre, furioso, para o meio da batalha, sua coragem inchando-o como as ondas do mar. Ele "devora o caminho", isto é, em seu avanço veloz ele até parece engolir o terreno. "Ele avança pela planície com tal velocidade, que antes parece estar engolindo o terreno, do que estar correndo por sobre ele" (John Gill, *In loc.*). Quando a trombeta soa, chamando homens e cavalos à batalha, não se encontra um único cavalo relutante no campo. Embora alguns homens pareçam ter medo, seus cavalos avançam velozes para o terreno da matança.

Cada um corre a sua carreira como um cavalo que arremete
com ímpeto na batalha.

(Jeremias 8.6)

39.25

Em cada sonido da trombeta. O admirável animal, o cavalo de guerra, assim que ouve a trombeta soar, convocando homens, animais e máquinas de guerra, *diz*: "Avante!". E lá se vão cavalo e cavaleiro novamente. A ação será divertida! O cavalo fareja, da batalha, o suor, a poeira e o sangue derramado. Ele ouve os sons de ordem bombástica que os capitães emitem, bem como os gritos dos soldados, e se deleita em mais um dia de matança. Talvez pensemos que o autor tenha exagerado, mas os estudos sobre os animais nos surpreendem, sendo perfeitamente possível que os cavalos possam ter todos esses sentimentos e ansiedades, bem como os prazeres, conforme indicado na atual passagem. Talvez o cavalo seja, realmente, uma *pessoa* capaz de pensar e sentir, que possa ser apanhado na alegria da guerra, conforme se dá com alguns soldados profissionais. Talvez seja errado chamar essas descrições de "poéticas", segundo fazem alguns intérpretes.

O Falcão e a Águia (39.26-30)

39.26

Ou é pela tua inteligência que voa o falcão...? *Vigésima Oitava Pergunta.* Duas perguntas, uma sobre o falcão e outra sobre a águia (essencialmente a mesma ave), perfazem a vigésima oitava inquirição feita pela voz divina. O conhecimento zoológico de Jó era realmente pequeno, pelo que as perguntas sobre zoologia eram irretorquíveis para ele. A ciência moderna tem respondido à maioria das perguntas desta seção *zoológica* (ver Jó 38.39-39.30). Os vôos dos pássaros sempre foram fascinantes para os antigos e constituíam uma forma de adivinha-

ção. A palavra portuguesa *augúrio* vem do vocábulo latino para pássaro, *avis*. A "ciência" do augúrio se propõe a prever os acontecimentos futuros, mediante a interpretação de *augúrios*, especialmente o vôo dos pássaros. Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Adivinhação*.

Gavião. Ver o artigo com este nome no *Dicionário*. Algumas traduções, em lugar de falcão, dizem "gavião". Estão em vista os vôos individuais do pássaro, o que poderia prover augúrios; ou, talvez, a migração anual desse pássaro para o sul. Jó também nada sabia sobre essa ave e, uma vez mais, penetramos em terreno misterioso. Se o humilde falcão podia deixar Jó admirado, quanto mais poderia fazê-lo o *Criador* desse pássaro. Talvez houvesse razões para o sofrimento sobre as quais Jó nada sabia, de modo que foi encorajado a interromper suas queixas. Alguns pássaros, com propósitos de sobrevivência, têm o instinto de migração, porque a providência divina os supriu com essa propriedade.

> *A cegonha no céu conhece as suas estações; a rola, a andorinha e o grou observam o tempo da sua arribação; mas o meu povo não conhece o juízo do Senhor.*
>
> (Jeremias 8.7)

Estrabão falou de uma cidade onde o gavião era o *deus* principal (*Geogr.* 1.17, par. 562). Para Porfírio, o gavião era corretamente associado à adoração ao sol (*De Abstinentia*, 1.4, 9.1). Homero julgava o gavião um dos pássaros de vôo mais rápido (*Ilíada* 5. vs. 238). Adam Clarke, *in loc.*, menciona certo nobre de sua época, possuidor de um gavião que voava todo o caminho de Londres a Paris em uma única noite! Seja como for, verdade ou não, os egípcios faziam dessa ave o emblema do *vento*, em seus hieróglifos.

39.27

Ou é pelo teu mandado que se remonta a águia. A águia é um pássaro voador campeão, que sobe no ar com notável velocidade, devido a asas incomumente poderosas. Além disso, para efeito de proteção, a águia arma seus ninhos onde nem o homem nem as feras podem chegar. Ela sobe até lá e voa ao redor, pelas vizinhanças, a fim de divertir-se. Mas, quando a fome a impele, eis que desce, caindo sobre algum animal que de nada suspeita. Os hábitos e as capacidades desse notável pássaro (símbolo de Roma e dos Estados Unidos) eram desconhecidos para Jó, o que serviu para deixá-lo ainda mais humilhado, a fim de ser restaurado algum dia. De muitas maneiras, esses animais realçaram um Jó *insignificante*, e esse foi um dos motivos para as perguntas feitas pela voz divina.

> *Quem da cova redime a tua vida e te coroa de graça e misericórdia; quem farta de bens a tua velhice, de sorte que a tua mocidade se renova como a da águia.*
>
> (Salmo 103.4,5)

> *Os que esperam no Senhor renovam as suas forças, sobem com asas como águias, correm e não se cansam, caminham e não se fatigam.*
>
> (Isaías 40.31)

Oh, Senhor, concede-nos tal graça! Ver sobre *Águia* no *Dicionário*. Parece claro que, por voar mais alto do que qualquer outro pássaro, a águia seja chamada de "o pássaro do céu". Apuleius (*Florida*, 1) acredita que o vôo da águia é tão elevado que ela sai da zona do clima em que se encontra, livrando-se da chuva, do relâmpago e dos demais elementos que compõem nossas condições atmosféricas.

39.28

Habita no penhasco onde faz a sua morada. Lá no alto, em reentrâncias das montanhas, onde nenhum outro animal ou o homem podem chegar, esse notável pássaro faz seu ninho. O que a águia fará lá em cima? Jó por certo não sabia responder. Nesse caso, como saberia o que estava acontecendo no céu, onde Deus se encontra? Como poderia proferir palavras altivas sobre a justiça divina? O ninho da águia é uma cidadela, por causa de sua elevadíssima posição. O céu protege a águia e também o homem bom, embora possa haver reveses. A águia é *inacessível*, embora o amor de Deus, que está no céu, não o seja.

39.29

Dali descobre a presa. As aves de rapina possuem visão proverbialmente aguda, embora Adam Clarke, *in loc.*, tenha exagerado ao declarar: "Diz-se que a águia tem uma visão tão aguçada que, quando está alto no céu, um homem não pode vê-la, mas *ela* pode ver um pequeno peixe na água!". Sabemos também que as aves de rapina noturnas podem ver a *aura* (o campo luminoso que cerca todas as coisas vivas), pelo que podem atingir, *à noite*, algum *alvo visível* apenas para elas. Porém, se alguém expuser um pouco de carne morta no campo, a águia não poderá enxergá-la.

Horácio (livro 1. *Sat.* iii) satirizou a aguda visão do *homem*, o qual pode ver os vícios de outras pessoas, mas não os seus próprios! Compare-se essa visão aguçada com a visão de uma águia. Homero (*Ilíada*, xvii) chamou a águia de "pássaro de visão mais aguçada de todas as aves do céu".

39.30

Seus filhos chupam sangue. Mamãe águia ensina seus filhotes a serem aves de rapina. Não precisamos tomar a expressão "chupam sangue" de modo muito literal, pois isso apontaria para o abutre, e não para a águia. Mas é que uma mesma palavra hebraica aponta para ambas as espécies de aves. Cf. Jó 9.26. Esses dois pássaros se deleitam durante as refeições sangrentas de um animal morto recentemente, ou mesmo há algum tempo. Cf. este versículo com Mat. 24.28 e Luc. 17.37. Jesus parece ter essa referência em suas declarações. Fausset (*in loc.*) disse que a águia-mãe traz o *sangue* das vítimas aos filhotes, antes que eles possam alimentar-se de carne. Mas eu, a exemplo de Jó, ignoro essas coisas, pelo que não sei se isso expressa verdade ou não. Além disso, também não sei se John Gill (*in loc.*) está correto ou não, ao afirmar que as águias não gostam de beber água, pois sorvem todo o líquido de que precisam ao beber o *sangue* de suas vítimas.

"Agora o poeta completou sua galeria de belas descrições da vida animal, todas designadas para dar a Jó, o herói do livro, um senso de sua insignificância, e agora retorna à questão essencial, mediante a qual Yahweh desafiou diretamente Jó" (Samuel Terrien, *in loc.*).

Capítulo Quarenta

Primeiro Discurso Divino (40.1-5)

Jó 40.1-6 encerra o *primeiro* discurso divino. As mais de *setenta perguntas* continuam tencionadas a humilhar o arrogante Jó e, pela humilhação, levá-lo à restauração, o que ocupa a parte final do livro. Quanto à introdução aos discursos divinos, ver o começo da exposição sobre o capítulo 38. Naquele ponto, dou informações detalhadas, pelo que não as repito.

"O primeiro discurso de Deus começou com uma repreensão e um desafio (cf. Jó 38.2-3), e também concluiu com uma repreensão e um desafio. A repreensão tem a forma de uma pergunta. *Aquele que contende* refere-se a Jó. Por duas vezes (Jó 10.2 e 23.6), Jó considerou a contenção de Deus com ele (Jó 10.1), marcando um caso de tribunal. Agora, porém, ironicamente, Deus fez as acusações voltar-se contra Jó. Cf. as palavras de Eliú: "Por que contendes com ele...?" (Jó 33.13). Como podia Jó ousar acusar Deus de alguma coisa? Visto que Jó tinha acusado Deus, deveria *responder* a essas perguntas (de maneira que temos o 'responde-me' de Jó 38.3 e 40.7).

Jó é Silenciado (40.1-5)

O Desafio Final (40.1-2)

40.1

Disse mais o Senhor a Jó. Continua aqui o primeiro discurso divino, que logo terminará, e no vs. 6 começará o segundo discurso, que se estenderá até Jó 42.6. É *Yahweh* quem está falando, mostrando-nos que o autor esperava que seus livros fossem lidos pelos hebreus, para quem Yahweh era um nome especial de Deus. Ver sobre esse nome no *Dicionário*. Ver também ali o verbete *Deus, Nomes Bíblicos de*.

40.2

Acaso quem usa de censuras contenderá com o Todo-poderoso? Quanto a explicações sobre este versículo, ver o segundo parágrafo da introdução ao capítulo. Jó e Deus contendiam com acusações e contra-acusações. Jó agora aceitou a reprimenda, visto que sua ignorância era tão profunda, e silenciou completamente. Sua arrogância começou a dissipar-se. Finalmente, Jó chegou a um lugar onde poderia ser restaurado e receber prosperidade, pelo que a graça divina ganhou no final. Jó, o *achador de faltas* (Revised Standard Version), acusou Deus de injustiça arbitrária, porquanto era um homem inocente, que estava sofrendo sem causa (ver Jó 2.3). Porém, continuava havendo enigmas em toda a situação, que sua mente não era capaz de perscrutar; até hoje, nossa mente continua a debater-se com o *Problema do Mal* (ver no *Dicionário*). Responder por que os homens sofrem e por que

sofrem como sofrem, é um dos mais difíceis problemas da filosofia e da teologia. Devemos adicionar a isso a indagação: Por que os *inocentes* sofrem? Jó não olhou para alguma existência além da vida terrena, como solução para esse problema, nem para recompensas no "mundo além", embora em Jó 19.25-26 ele tenha chegado a ver a possibilidade da sobrevivência da alma. Portanto, sem a dimensão eterna (onde todas as coisas podem ser remediadas e curadas), o problema do mal é *insolúvel*. De fato, o livro de Jó não oferece solução a esse problema, embora dê algumas sugestões valiosas. Ver a seção V da *Introdução* ao livro.

40.3-4

Então Jó respondeu ao Senhor. Jó, o homem arrogante, agora totalmente humilhado, respondeu com o devido respeito. Ele não foi capaz de responder às perguntas divinas, que versavam sobre coisas na natureza; como poderia falar com tanta confiança sobre coisas no céu, e como poderia chamar Deus de injusto e cruel? Ele chegou a ver sua condição real como um ser mortal "vil" (King James Version) ou de "pequena importância". O hebraico é *qalal*, algo insignificante, pequeno, sem importância. Essa palavra pode ter má conotação e significa *pecaminoso;* mas, se esse é o sentido desse vocábulo hebraico, então uma palavra melhor poderia ter sido escolhida. Jó, despertado pelas perguntas divinas, passando a enxergar as coisas sob uma perspectiva mais aguçada, pôde ver a si mesmo com mais clareza, e viu virtualmente nada. Portanto, ele pôs a mão sobre a boca para silenciar e parar de ter conversas infantis sobre o Ser divino. Este versículo não parece significar que Jó estava chamando a si mesmo de *transgressor,* o que ele negou coerentemente por todo o livro. Antes, ele via a si mesmo como criatura *indigna* de indagar Deus, e *assim caiu em silêncio.* Naturalmente, Jó era um pecador, como o são todos os homens, mas os seus pecados não eram a causa de seus imensos sofrimentos. Ele já havia sido declarado inocente. Estava sofrendo "sem causa" (ver Jó 2.3), segundo a estimativa do próprio Yahweh.

Ponho a mão na minha boca. Cf. esta declaração com Jó 21.5 e Juí. 18.19. Esse gesto de auto-silêncio prevalece até hoje como um ato humano comum.

> *Todas as nações são perante ele como cousa que não é nada; ele as considera menos do que nada, como um vácuo.*
>
> (Isaías 40.17)

Por outro lado:

> *Sentimos que nada somos, pois tudo és Tu e em Ti;*
> *Sentimos que algo somos, isso também vem de Ti.*
> *Sabemos que nada somos, mas Tu nos ajudas a ser algo.*
> *Bendito seja o Teu nome — Aleluia!*
>
> (Alfred Lord Tennyson)

40.5

Uma vez falei, e não replicarei. As expressões "uma vez" e "duas vezes" não devem ser tomadas literalmente de forma numérica. Jó havia falado por *muitas vezes* em protesto contra a suposta injustiça de Deus, por causa de seus imensos sofrimentos. Mas dizer "uma vez" e, logo em seguida, "duas vezes" significa *por repetidas vezes.* Ele continuara a falar bobagens, em sua ignorância. Agora, porém, resolveu cortá-las. "Nunca mais Jó se aproximaria de Deus como se fosse um príncipe augusto" (Jó 31.37). Jó admitiu não poder replicar a Deus, conforme Deus o desafiara (ver Jó 38.3 e 40.2). Sua réplica era, agora, o silêncio. Cf. este versículo com Jó 23.14. Embora Jó não estivesse sendo punido por causa de alguma transgressão, "tudo é impureza na presença de Vossa Majestade" (Adam Clarke, *in loc.*), e isso força um homem arrogante ao silêncio.

> *Eis que Deus não confia nos seus servos e aos seus anjos atribui imperfeições; quanto mais àqueles que habitam em casas de barro, cujo fundamento está no pó, e são esmagados como a traça!*
>
> (Jó 4.18-19)

Jó não era culpado de falhas morais (ver como ele nega isso no capítulo 31). Mas era culpado de insolência teológica.

Segundo Discurso Divino. A Presença de Deus Garante a Solução Final para o Problema do Mal (40.6 – 42.6)

Ver a introdução aos discursos divinos, no início da exposição sobre o capítulo 38, onde dou um sumário das essências. Ver a seção V da *Introdução*, quanto às contribuições do livro de Jó para o problema do mal. Esta seção continua com as mais de *setenta* perguntas divinas que Jó não pôde responder, e seu estado de humilhação é confirmado. Ele seria restaurado (informação dada no epílogo; ver Jó 42.7-17), mas, primeiro, teve de assumir seu lugar apropriado como pobre mortal, quedando-se admirado diante do poder e da sabedoria divina que subitamente lhe foram revelados.

O *tema principal* do livro de Jó é: Continuará um homem a adorar a Deus *se* não tiver razões egoístas para fazê-lo, e *se* não obtiver algo para si mesmo? Ver na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* o verbete chamado *Egoísmo.* Satanás havia dito a Deus que Jó O amaldiçoaria em Sua face, se viesse a sofrer sem causa e não visse mais vantagem em ser um homem piedoso (ver Jó 1.11 e 2.5). Os duros discursos de Jó sem dúvida contêm elementos blasfemos, pelo menos contra o conceito voluntarista de Deus, por parte dos hebreus. De acordo com essa compreensão do Ser divino, Deus é *vontade pura,* e a razão não influencia tanto assim as Suas decisões. Deus faz aquilo que quiser, e o que Ele quer automaticamente torna-se correto, porque Ele assim o deseja. Nosso conceito neotestamentário de Deus ultrapassou o voluntarismo. Seja como for, o livro retorna a seu *tema principal* em Jó 40.8 ss. Nada é dito sobre a questão de maneira direta, mas pode-se supor que, embora arrogante, Jó não se tenha rebaixado a uma blasfêmia fatal, nem tenha corrido para o ateísmo, conforme fazem tantas pessoas quando estão sob testes severos. O problema do mal é naturalmente um corolário necessário à questão da *adoração desinteressada,* e é sobre esse problema que o livro de Jó se demora, do começo ao fim.

Parece fora de lugar que a voz divina tenha voltado às Suas indagações. Por isso, alguns intérpretes supõem que um editor posterior tenha adicionado material ao documento original. Outros eruditos imaginam que o material fizesse parte autêntica do autor original, mas foi deslocado de sua posição natural, antes das declarações concludentes de Jó 40.1-5. Por que o autor sacro teria continuado com suas ilustrações *zoológicas,* (ver Jó 38.39-39.30) constitui um mistério. Por outra parte, talvez o documento original simplesmente não tivesse a simetria que gostaríamos de impor a ele. A maioria dos autores têm segundos pensamentos, e algumas vezes retornam aos temas antigos, a fim de não esquecer alguma coisa de valor. Talvez seja isso o que aconteceu aqui. De qualquer maneira, para atingir as setenta perguntas ou mais, temos de subdividir as relativas ao *hipopótamo* (capítulo 40) e as atinentes ao *crocodilo* (capítulo 41). A identidade de ambos é controvertida, e talvez tenhamos ali animais de significação mística, e não meros animais terrestres. Anoto sobre essas questões ao chegar às palavras relativas a esses animais (ver Jó 40.15 e 41.1).

Seja como for, chegamos agora ao final de uma grande peça literária de poesia antiga, universalmente reconhecida por sua excelência literária. Ademais, esse é o único livro proveniente da antiguidade que trata essencialmente de certo problema vexatório: Por que os homens sofrem e por que sofrem conforme sofrem?

40.6

Então o Senhor, do meio de um redemoinho. Este versículo, que introduz o segundo discurso divino, é igual ao versículo que introduziu o primeiro discurso. Ver Jó 38.1 quanto à exposição.

"Tal como no primeiro discurso de Deus, este inclui um desafio (ver Jó 40.6-7), uma repreensão (ver Jó 40.8-14) e perguntas sobre a natureza (ver Jó 40.15-41.34). O primeiro discurso de Deus apontava para a criação inanimada e para a animada. Essa oração chamou a atenção de Jó para dois animais. Diferentemente do primeiro discurso, este não termina com uma repreensão final e um desafio (ver Jó 40.2)" (Roy B. Zuck, *in loc.*).

40.7

Cinge agora os teus lombos como homem. Este versículo é idêntico a Jó 38.3, que faz parte da introdução ao primeiro discurso divino. Ver ali a exposição.

40.8

Acaso anularás tu, de fato, o meu juízo? *Vigésima Nona Pergunta.* Seria Jó culpado de adoração e serviço divino egoístas? "As novas indagações de Yahweh penetram até o âmago do problema apresentado pelo livro de Jó e delineiam com grande clareza a sua configuração: o propósito do livro não era essencialmente discutir o sofrimento dos inocentes ou a prosperidade dos ímpios e, sim, meditar sobre o significado da *religião pura* (ver sobre 1.9) e, por conseguinte, sobre a justificação pela fé" (Samuel Terrien, *in loc.*).

Naturalmente, o dr. Terrien exagera um pouco, porque o livro não aborda a questão da salvação da alma (sobre cuja questão não oferece nenhum ensinamento), mesmo porque isso seria anacronismo. Os princípios apresentados no livro, no entanto, podem tocar nesses elementos, quanto a essa *maneira de pensar.* Jó asseverou sua própria inocência, mas pôs em dúvida a questão da justiça de Deus. Ver Jó 19.6-7 e 27.2. Ele *condenou* Deus por fazê-lo sofrer e por fazer prosperar os ímpios. Ele tinha dito que o bem ou o mal não faziam nenhuma diferença. No fim, *tanto o bom quanto o ímpio* seriam destruídos pelo Deus de vontade arbitrária (ver

Jó 9.22). Jó se apresentou como modelo de virtudes, mas suas amargas acusações o tornavam culpado de insolência teológica. Ele não era um transgressor, mas sua arrogância deixava atônitos os circunstantes, e o colocava em posição embaraçosa. Suas queixas modificariam sua adoração pura? Sua adoração era, verdadeiramente, desinteressada, ou Satanás tinha vencido em sua argumentação?

40.9

Ou tens braço como Deus...? *Trigésima Pergunta.* Poderia Jó, aquela criatura sem valor, ser comparado a Deus? Tinha ele um braço como o braço de Deus? Em outras palavras, tinha ele *poder* como Deus é poderoso? A onipotência divina está em mira aqui (ver Isa. 53.1). Quanto poder tinha aquele verme, Jó? Naturalmente, o antigo filósofo falava sobre "o poder é direito", e isso faz parte do conceito voluntarista de Deus. Ver na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* o verbete intitulado *Voluntarismo.*

Jó quase se autodeificava, comparando, desfavoravelmente, Deus *consigo mesmo.* Se Jó fosse Deus, sem dúvida endireitaria o mundo e cuidaria para que a justiça fosse feita. Na verdade, porém, faltavam-lhe o poder e a sabedoria para conseguir realizar esse feito. Ele não contava com o *trovão* de Deus, ou seja, o *poder manifestado* pela Sua palavra, no mundo, e referido poeticamente. Ver a voz de Deus, representada pelo trovão, em Jó 37.4.

> *Ouve-se a voz do Senhor sobre as águas; troveja o Deus da glória.*
>
> (Salmo 29.3)

Braço, símbolo de força e de aplicação eficaz de poder. Cf. Jó 38.15; Sal. 89.13; Isa. 40.10. *Mão* tem o mesmo sentido. Quanto a isso, ver Jó 40.14.

> *O teu braço é armado de poder, forte é a tua mão, e elevada, a tua destra.*
>
> (Salmo 89.13)

40.10

Orna-te, pois, de excelência e grandeza. Jó é ironicamente retratado aqui como se estivesse no processo de deificação. Jó obteria a majestade de Deus, Sua excelência, Sua glória e Sua beleza. Como Deus, ele tem de agir e realizar coisas divinas, derrubando inimigos poderosos, ordenando a natureza, punindo os ímpios e fazendo outras coisas semelhantes. Somente se Jó realmente pudesse agir como Deus, é que Deus lhe conferiria o direito de fazer discursos ribombantes, como os que Jó estava fazendo. Somente então Sua destra poderia salvá-lo (vs. 14). Não está em pauta a salvação da alma. Antes, estão em vista o livramento dos sofrimentos e o tornar-se o senhor de sua própria sorte. Porém, visto que seria um absurdo pensar em um Jó deificado, também seria pensar em um Jó a salvar a si mesmo e a controlar o Seu próprio destino. Essas coisas, Jó teria de deixar nas mãos de Deus, o qual tem a sabedoria e o poder para produzi-las. Naquilo tudo havia *enigmas,* estejamos certos, mas não solucionados pela arrogância do homem.

O propósito desta porção do discurso divino era humilhar Jó mais ainda, para que finalmente ele pudesse ser exaltado.

> *Humilhai-vos, portanto, sob a poderosa mão de Deus, para que ele, em tempo oportuno, vos exalte.*
>
> (I Pedro 5.6)

Se eu fosse Deus...
Não haveria mais o adeus solene,
A vingança, a maldade, o ódio medonho,
E o maior mal, que a todos anteponho,
A sede, a fome da cobiça infrene!

Eu exterminaria a enfermidade,
Todas as dores da senilidade;
A criação inteira alteraria,
Se eu fosse Deus.

(Martins Fontes, Santos, 1884-1937)

40.11-12

Derrama as torrentes da tua ira. Jó, deificado e transformado no Poder Supremo, teria a responsabilidade de punir todos os arrogantes pecadores, derramando sua ira até encher o mundo inteiro e transbordar. Todo o homem orgulhoso seria aviltado e humilhado (vs. 12). Os que tivessem explorado e prejudicado outros seriam devastados pelos relâmpagos divinos. Os que tivessem pisado outros sob os seus pés seriam pisados pelo pé divino. Sem dúvida, *se Jó fosse Deus,* ele teria de fazer todas essas coisas. Além disso, nada haveria do que Jó pudesse queixar-se, porquanto existiria *justiça* absoluta. E, naturalmente, nenhum inocente sofreria. O caos não tocaria nele e nenhum golpe divino se aproximaria dele. Não obstante, a justiça divina não opera dessa maneira, e *imediatamente.* Permanecem enigmas, que não podemos compreender. Talvez Deus esteja esperando que os ímpios se arrependam e sejam curados. Talvez a graça e a misericórdia, agora mesmo, no caso de muitos, sejam, na economia divina, melhores que o julgamento imediato. Entretanto, Jó não usou de paciência e golpeou sem nenhuma pausa. Deus teria sido acusado de negligência, por não haver punido os ímpios (ver Jó 21.29-31 e 24.1-17). O texto sugere razões para isso, sobre as quais Jó nada sabia. Algumas vezes, a cura pode ser efetuada sem que o indivíduo seja esmagado. Seja como for, Deus não está com pressa.

> *... o mau é poupado no dia da calamidade, é socorrido no dia do furor?*
>
> (Jó 21.30)

Além do mais, outra coisa que devemos relembrar é que somente pela *graça* de Deus não somos todos consumidos.

> *As misericórdias do Senhor são a causa de não sermos consumidos, porque as suas misericórdias não têm fim.*
>
> (Lamentações 3.22)

40.13-14

Cobre-os juntamente no pó. Se Jó pudesse realizar a gigantesca tarefa de julgar a todos os homens, da maneira correta e no tempo certo, empurrando o rosto deles para o pó, em um gesto de ira pelos seus *pecados secretos,* então Yahweh confessaria a Jó que sua própria mão direita poderia salvá-lo. Somente se Jó tivesse tal poder, é que poderia ser seu *próprio salvador.* Contudo, não se fala aqui na salvação da alma, por meio da justificação pela fé, conforme alguns intérpretes cristianizam o trecho. Pelo contrário, Jó, o *homem salvo,* seria liberado de seus sofrimentos, por razões corretas e no tempo certo. Só a justiça e a misericórdia divina poderiam arranjar as coisas dessa maneira. Jó, porém, não tinha poder para efetuar seu próprio livramento, através das razões corretas.

No sepulcro. Nossa versão portuguesa muito provavelmente está correta, onde outras versões dizem "escondido". A Revised Standard Version diz "no mundo inferior", mas isso é apenas uma interpretação, que possivelmente tem induzido a pensarmos no *seol,* a residência das almas que partem deste mundo. Tal doutrina, entretanto, não fazia parte da teologia patriarcal, e "estar escondido no sepulcro" provavelmente é tudo quanto devemos entender aqui. Se Jó fosse Deus, ele produziria grande *retaliação* contra os ímpios e, depois de puni-los, os limitaria ao "lugar secreto do sepulcro", onde ficariam escondidos do olhar dos homens. O dia da arrogância deles terminaria, assim, na noite eterna do sepulcro.

O vs. 14, naturalmente, apresenta certo *princípio* de operação divina que antecipa a justificação pela fé, mas não registra nenhuma noção da salvação da alma neste texto.

O Hipopótamo (Beemote) (40.15-24)

No original hebraico, *behemoth* vem da palavra egípcia *p-e-mu,* que significa "cavalo de água", o equivalente à palavra portuguesa derivada do grego *hippos* (cavalo) e *potamos* (rio). Temos nessa palavra, tão somente, um *hipopótamo,* e alguns intérpretes pensam que devemos pensar literalmente no animal (*beemote*). Por outro lado, o próprio texto sagrado diz mais do que estaríamos dispostos a falar sobre qualquer tipo de animal. Portanto, estão corretos os intérpretes que insistem em que o autor sagrado não retornava meramente às suas *indagações zoológicas* (ver Jó 38.39-39.30), mediante as quais Yahweh já teria deixado o pobre Jó confuso e humilhado. Mas, de maneira bastante óbvia, o autor sagrado avança para uma categoria diferente: um animal mitológico, algum tipo de personificação do mal, talvez, ou um poder sobrenatural como o *caos,* acerca do qual Jó naturalmente nada sabia. Essa *diferente categoria de animais* se estende ao *leviatã* (o crocodilo), referido no capítulo 41, o qual não é somente um animal terrestre nesta passagem bíblica. Foram formuladas novas perguntas, sobre as quais os homens nada sabem. Essas perguntas nos deixam perplexos, entrando nos mistérios da fé mitológica. Isso não equivale a dizer que os povos antigos deixassem de acreditar de tais monstros semidivinos somente porque, *agora,* nós os chamamos de mitológicos.

"O poeta tinha em mente uma criatura de significação mítica, e não um mero representante de alguma espécie animal, embora ele tivesse concebido esse animal de acordo com a imagem do hipopótamo. A palavra em foco está no plural, sendo uma instância do plural de majestade, e significando 'o colosso de animal

por excelência'. O monstro em questão é uma criatura de Yahweh, tal como Jó o era (vs. 15). Nenhum dos animais primevos originou-se fora do ato criador de Deus... O beemote aqui mencionado não é um animal similar aos referidos no primeiro discurso, mas um *monstro ímpar*, uma 'obra-prima dos feitos de Deus' (vs. 19). Apesar de alguns detalhes das descrições sugerirem um hábitat egípcio (loto, canas, rio, vss. 21-23), outros detalhes não dão essa impressão (montes, vs. 20; animais do campo, vs. 20; salgueiros do ribeiro, vs. 22; a vegetação das margens do rio Jordão, vs. 23). Seja como for, os egípcios eram bem-sucedidos na captura do hipopótamo comum, mas o poderoso crocodilo escapa de qualquer caçador humano (vs. 24)" (Samuel Terrien, *in loc.*).

Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Beemote*, quanto a outros detalhes. Além do hipopótamo, esse animal tem sido identificado como um elefante, um rinoceronte, um brontossauro (espécie de dinossauro), um búfalo da água, mas nenhum animal terrestre realmente contém todas as descrições do texto sagrado.

O Estilo Diferente da Seção. A esta seção faltam perguntas, embora facilmente pudessem ter sido apresentadas sob a forma interrogativa, como na seção zoológica e em todas as demais seções. Isso pode indicar que o tratado sobre o beemote foi uma adição ao livro original de Jó, ou, então, que o mesmo autor sagrado adicionou a passagem com base em outra fonte informativa, não se tendo incomodado em apresentá-la na forma interrogativa. Seja como for, poderíamos reagrupar o material, transformando o trecho em um grupo de perguntas, e assim aumentaríamos o número das perguntas já apresentadas. Visto que o autor original ou editor subseqüente não arranjou o material sob a forma interrogativa, não apresentarei nenhum trecho como perguntas. Note o leitor, entretanto, que o capítulo 41 volta a mostrar perguntas.

"Este retrato do beemote (como também a passagem que fala sobre o leviatã, Jó 41.1-34) pode ter recebido ampliação literária, mas desempenha parte integral no propósito do poeta: o Deus criador controla todas as forças do mal, incluindo o caos, a despeito das aparências contrárias. O monstro primevo (cf. o vs. 19) não era apenas o hipopótamo, mas um símbolo mítico. *Que eu criei contigo* (vs. 15): o mistério do mal não é dissolvido, mas é claro que o controle divino abarca *todas* as coisas" (*Oxford Annotated Bible*, comentando sobre o vs. 15).

O leviatã também é associado ao *caos*, e isso quer dizer que até o caos está sob o *controle de Deus*, embora não saibamos dizer como. Ver Rom. 8.20.

40.15

Contempla agora o hipopótamo. *Trigésima Primeira Pergunta.* Que sabes sobre o poderoso beemote? Muitas subquestões podem ser compreendidas. O beemote (tal como o hipopótamo terrestre) come erva como o boi. Ver a elaborada introdução sobre a natureza desse animal, que, certamente, é uma criatura mitológica, e não algum animal terrestre. A palavra "beemote" significa "cavalo de água" (de origem egípcia), tal como o termo grego *hipopótamo*. Esse animal tinha algumas características comuns com as do hipopótamo, conforme demonstro na introdução anterior. O autor sagrado não estava somente dando continuidade à sua *seção zoológica* (ver Jó 38.39-39.30), conforme alguns supõem. Ele avança para uma *nova categoria* de animais com o *beemote* do capítulo 40, e com o *leviatã* do capítulo 41. Algumas indicações sugerem um hábitat egípcio, mas outras não o fazem. Não se pode localizar esse animal com precisão em nenhum lugar. Ver a introdução à seção.

Esta seção mostra-nos que Jó não podia submeter ao seu controle nem os animais inferiores (as perguntas zoológicas) nem os animais semidivinos. Ele não podia responder a perguntas acerca deles. Dessa forma, Jó foi totalmente humilhado, esperando subseqüente exaltação e restauração.

Alguns intérpretes, debatendo-se com a identidade do animal e vendo que as características declaradas não se ajustam a nenhum animal conhecido, chegam à conclusão de que o animal em pauta foi *extinto*. Mas a explicação mitológica é provavelmente a mais correta. Foram trazidos à tona assuntos sobre os quais não temos nenhum conhecimento em nossos dias. Mas ouso dizer que Jó sabia muito bem o que estava sendo enfocado pelas referências ao *beemote* e ao *leviatã*. Ele sabia disso através da literatura e da tradição religiosa, mas não por haver descido até a beira do rio e contemplado as feras!

Que eu criei contigo. Os temíveis *beemote* e *leviatã* eram produtos da criação divina, tal como o são os homens. Portanto, esses animais vivem sob o *controle* de Deus. *Todas as coisas* estão sujeitas ao *controle* divino, incluindo o problema do mal, as *razões* do sofrimento humano, e outras coisas que parecem caóticas, de acordo com a estimativa humana, mas que foram ordenadas segundo a vontade divina. A *providência divina* é aqui afirmada como universal. Os homens percebem o caos. Deus vê um desígnio. Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Providência de Deus*.

40.16

Sua força está nos seus lombos. O *poderoso beemote* tem poderosos músculos nos lombos e no estômago. O animal em questão é uma espécie de monstro semifísico, semidivino, talvez um protótipo do mal. Mas até o próprio beemote está sob o controle de Deus. Não dispondo de nenhuma outra referência literária nem tradições orais que aumentem nosso conhecimento acerca desse animal; resta-nos tentar adivinhar o que se pensava a respeito dele. As descrições, neste trecho, são essencialmente físicas, mas não cabem em nenhum animal físico. Devemos lembrar, entretanto, que os antigos misturavam, com grande facilidade, suas mitologias com objetos da "vida real", pelo que algo verdadeiramente temível, não-humano ou não-animal, poderia ter sido retratado como a nadar pelos rios da terra, comendo erva como o boi. Os deuses gregos com facilidade misturavam-se com os guerreiros, para dar-lhes a vitória ou causar-lhes a derrota. Esses deuses podiam ser vistos em algumas ocasiões, mas certamente não pertenciam à ordem natural das coisas. Atributos humanos eram, com freqüência, conferidos a esses deuses, mas eles não eram meras criaturas humanas. Portanto, algo parecido se aplica ao *beemote* e ao *leviatã*. O estômago forte poderia aplicar-se ao hipopótamo, mas incorremos em um equívoco ao tentar "analisar" essa criatura temível.

40.17

Endurece a sua cauda como cedro. O beemote tinha uma cauda tão grande que se parecia com uma árvore de *cedro!* E gozava de um arranjo especial com os terminais nervosos de suas coxas, que eram costurados entre si, dando-lhe força física especial. As descrições ultrapassam as de um humilde hipopótamo, a menos que insistamos em que eles representem um *exagero poético*. Uma de minhas fontes informativas reduz a figura a um "ramo de cedro", em vez de uma árvore de cedro, para tornar o animal crível. Outros estudiosos chegam a falar na *tromba de um elefante*, o que torna um absurdo o texto sagrado. Mas a cauda do hipopótamo é pequena, e não gigantesca, conforme diz o versículo à nossa frente. Além disso, ele não sacode a cauda no ar, ameaçando seus adversários! Novamente, para explicar as descrições, alguns intérpretes continuam a falar em algum animal extinto. Antes, estamos tratando com alguma fera temível das histórias mitológicas, mas que eram tomadas a sério pelos povos antigos. Ver as observações introdutórias ao vs. 15. Ou então o animal é apenas *simbólico*.

40.18

Os seus ossos são como tubos de bronze. O beemote tinha ossos que se pareciam com o ferro. Nenhuma força humana podia partir um daqueles ossos, os quais garantiam força e estrutura que desafiavam qualquer caçador. Em outras palavras, o animal era invencível, não podendo ser preso pelo homem. Mas o que era verdade com relação ao beemote não era verdade com relação ao hipopótamo. Os egípcios capturavam com bastante facilidade o hipopótamo, com seus arpões e outras armas. Haverá algum animal terreno que o homem não tenha conseguido subjugar com suas armas? Alguns estudiosos vêem no beemote uma espécie de dinossauro, mas não havia dinossauros no tempo de Jó. Alguns intérpretes vêem aqui a *tromba* de um elefante, mas isso faz a questão cair no absurdo e não em uma interpretação. Outros vêem os *dentes* de um animal qualquer, outra estupidez.

40.19

Ele é obra-prima dos feitos de Deus. Esse maravilhoso "animal" é o "principal" dos animais terrestres. É difícil perceber de que forma tais descrições poderiam aplicar-se a animais como o elefante ou o hipopótamo, os quais, apesar de impressionantes, dificilmente poderiam ser considerados obra-prima de Deus.

O vs. 19 enfatiza o seguinte: 1. O animal em foco está *fora* da criação animal original. 2. Embora admirável, poderoso e, talvez, um modelo da maldade, é uma criação de Deus, ou seja, está sob o Seu controle. 3. Os homens não têm armas que possam prevalecer contra o beemote. Nenhum homem pode capturar esse dragão, nem mesmo para obter a filha do rei como esposa! 4. Os atos criadores de Deus produzem algumas coisas admiráveis, sobre as quais o arrogante Jó não tinha nenhum conhecimento. Muitas perguntas poderiam ser formuladas sobre esse animal, e Jó não conseguia responder, deixando-o perplexo. Mas apenas a descrição do poderoso beemote teria sido o bastante para fazer isso. 5. Os sofrimentos de Jó eram monstruosos, fora do desígnio ordinário das coisas, mas também estavam sob o controle de Deus, e, de alguma maneira, debaixo dos desígnios divinos, tal como se dava no caso do beemote. O Tecedor divino fez alguns desenhos em Seu tapete, deixando perplexos os homens, mas há alguma razão para cada fio, para cada desígnio e para cada cor. 6. A providência de Deus também pode deixar-nos perplexos. 7. Nenhum ser humano pode avizinhar-se do temível beemote, tal como nenhum homem pode aproximar-se de Seu criador, Deus. Mas a mão divina estende-se para os *homens*, no devido tempo, visando o seu bem.

Um hipopótamo adulto pode atingir quase 3.700 kg, e nenhuma arma manual pode levá-lo ao cativeiro. Mas o texto não está limitando a questão a tais armas, a fim de fazer a descrição ajustar-se ao humilde hipopótamo.

40.20

Em verdade os montes lhe produzem pasto. O hipopótamo logicamente não é um animal *montês*, mas vemos aqui o beemote a correr pelas montanhas, junto com outros animais que, naturalmente, habitam aquele lugar, a caçar seu alimento. Alguns intérpretes, em seu desespero, levam o hipopótamo para as montanhas, pelo menos em *algumas* ocasiões. Mas isso é um absurdo para todos, exceto para os que têm a idéia fixa de que algum animal terrestre *deve* estar em vista. Uma de minhas fontes informativas destaca aqui os rios das montanhas, que trazem sustento para o animal, mas não é isso o que o texto sagrado está dizendo. E também não é verdade que o sustento alimentar do hipopótamo lhe é trazido por rios que descem dos montes. A idéia do texto parece ser a de que o monstro em pauta sai a caçar nos montes, e come outros animais que ali encontra. *Dessa maneira,* os montes lhe fornecem uma fonte de alimento. Assim disse Adam Clarke (*in loc.*), com uma anotação honesta: "Ele freqüenta os lugares onde pode encontrar a maior parte de suas *presas.* Ele zomba de todas as feras do campo. Essas feras nem podem resistir à sua força nem escapar de sua agilidade". De novo, alguns intérpretes falham completamente, vendo o *elefante* a pastar nos montes, onde a *erva* cresce. Antes, o temível beemote caçava outros animais nos montes, transformando-os em refeições. O maravilhoso animal em foco, pois, é tanto carnívoro (vs. 20) quanto herbívoro (vs. 15).

Sessenta por Cento do Antigo Testamento. A exposição chega a essa marca com os comentários sobre Jó 40.20. Dou graças a Deus pela força física, mental e espiritual que me tem sido conferida para chegar onde cheguei hoje. Também agradeço pela equipe que me acompanha neste empreendimento, bem como pela saúde que eles têm desfrutado. Em algum tempo, atingiremos a marca dos 100%, e então veremos, uma vez mais, a boa terra de Dã a Bersebal A marca dos 60% foi atingida a 24 de maio de 1996: 13.888 já foram comentados.

40.21

Delta-se debaixo dos lotos. Vários hábitats são ocupados pela espécie do ser brutal sendo descrita. O beemote é muito diversificado, não se sentindo feliz por confinar-se a um único hábitat. O presente versículo apresenta um tipo egípcio de habitação associado aos rios, mas também vimos que seu hábitat sobe as montanhas (vs. 20). As plantas eram os arbustos de *lotos,* uma flora típica das margens dos rios egípcios. Se contássemos somente com este versículo, pensaríamos corretamente no hipopótamo; mas vimos no vs. 17 que ele tinha uma cauda gigantesca; no vs. 20, que ele sobe pelas montanhas; no vs. 23, que ele habitava no minúsculo rio Jordão; e, no vs. 19, que ele é a obra-prima das criaturas de Deus, tudo apontando para algum outro animal, não o simples hipopótamo.

40.22

Os lotos o cobrem com sua sombra. Os arbustos dos lotos ocultam o beemote do olhar de homens hostis ou, então, ele apenas gosta da sombra fornecida por esse arbusto. Ele estava entre os salgueiros do ribeiro, escondendo-se ou, talvez, apenas tendo um momento de privacidade. Além disso, podia estar caçando por ali, quando algum animal que de nada suspeitava se tornou o seu lanche.

40.23

Se um rio transborda, ele não se apressa. O grande beemote não se apressa, e pára para beber abundantemente, pelo que até parece que engoliria um rio inteiro. Até mesmo quando bebia, o beemote era temível. Contudo, nossa versão portuguesa, acompanhando a Revised Standard Version, diz "Se um rio transborda, ele não se apressa", em vez de "beber", que combina com a King James Version. A versão portuguesa diz que o rio "transborda", mas o beemote não se assusta diante de fenômeno tão trivial. O rio *Jordão* se precipitaria na direção de sua boca, mas isso não perturba a tranqüilidade do beemote. Que era um rio impetuoso contra aquele grande poder místico? O autor sagrado certamente está descrevendo alguma terrível fera semidivina, conhecida de Jó, mediante a literatura ou as tradições orais da época. O hipopótamo obviamente não tinha hábitat algum no rio Jordão, e é inútil dizer que o termo *Jordão* aqui empregado significa qualquer rio caudaloso. O *intuito* da descrição é afiançar que Deus *controla todas as forças,* naturais e sobrenaturais, de modo que o problema do mal também está dentro do escopo de Sua providência. Jó, por conseguinte, não precisava desesperar-se. Havia esperança para ele, uma vez passada a tempestade.

40.24

Acaso pode alguém apanhá-lo...? *O Beemote Era um Animal Invencível.* Nenhum homem podia pôr uma argola em seu nariz para amansá-lo e confiná-lo numa jaula. Ninguém podia pôr um arpão em suas costas e arrastá-lo para um jardim zoológico, no entanto os egípcios capturavam o hipopótamo com grande facilidade. O homem não consegue controlar a criação animal inferior, nem um animal mítico, nem mesmo os seus próprios impulsos. Portanto, como poderia Jó fazer o trabalho de Deus e trazer justiça a um mundo aparentemente caótico (vs. 10)? Essas palavras humilharam Jó, pelo que finalmente ele poderia ser exaltado e restaurado, não antes de ser disciplinado.

A King James Version diz "arpão" para a captura do beemote, mas o hebraico diz literalmente "olhos". Isso talvez signifique que nenhuma *atração* pode chamar a sua atenção, fazendo-o cair em uma armadilha. Ou, antes, pode referir-se à *cegueira* dos olhos com argila, um método de capturar crocodilos, e não os hipopótamos, de acordo com as informações dadas por Heródoto (ver *História,* II, 70). As palavras "lhe meter um laço pelo nariz" provavelmente seriam mais bem traduzidas por "com arpões". Esse método era usado contra o hipopótamo, mas a tremenda fera de Yahweh, neste capítulo, não podia ser capturada ou aprisionada. Como é óbvio, o original hebraico é difícil, podendo ter mais de uma tradução. A mensagem principal é clara: Deus exercia controle até sobre os poderes mais temíveis, males cósmicos e criaturas vivas. A providência de Deus garante o benefício do homem bom, mas isso não significa que Jó não teria de passar por um teste disciplinador. Jó não era nenhum transgressor (ele estava sofrendo sem causa; ver Jó 2.3), mas se tornara arrogante e precisava ser humilhado. Além disso, poderia ser curado e restaurado, mas não *por si mesmo.* Somente o poder divino tinha capacidade para cumprir essa tarefa (ver o vs. 14).

Capítulo Quarenta e Um

O Leviatã (41.1-34)

Continua neste capítulo o *segundo discurso divino,* que se estende até Jó 42.6. Ver as notas de introdução em Jó 40.15, onde o *beemote* está em vista. Ali demonstro que o poeta mudou sua atenção para uma *nova categoria* de poderes. Ele não estava apenas continuando sua seção zoológica (ver Jó 38.39-39.30). As descrições dadas vão além de qualquer coisa conhecida e natural, embora, com relação aos animais míticos, o que é físico e comum esteja misturado às descrições mitológicas. Até aos *deuses* eram conferidas qualidades e emoções humanas. Ver a exposição em Jó 40.15, quanto a uma argumentação completa. O leviatã certamente não é o humilde *crocodilo* a que alguns intérpretes o reduzem e, então, invocam descrições que não se ajustam aos "exageros poéticos". Antes, o autor sacro estava entrando nos relatos sobre semideuses, monstros míticos e coisas similares, que Jó pouco conhecia e, por alguma informação a respeito, saberia mais ou menos o que lhe estava sendo dito. Tais histórias faziam parte da atmosfera religiosa dos antigos. O ponto frisado nas passagens concernentes ao beemote e ao leviatã é que Deus controla todas as forças, cósmicas ou terrestres, não tendo sido apanhado de surpresa pelo problema do mal. Ele sabia muito bem por que os homens sofrem e por que sofrem como sofrem. E sabia muito bem por que os inocentes sofrem, embora boas respostas nem sempre estejam disponíveis, mediante tais *enigmas.* Ademais, a providência divina finalmente cuidará do *problema do mal* (ver a respeito no *Dicionário* bem como na seção V da *Introdução* ao livro de Jó).

A Identidade do Leviatã. 1. O *crocodilo.* Esta é a opinião mais comum dos intérpretes que querem evitar referências míticas. Mas devemos lembrar que o que é mítico para nós era assunto sério para os antigos, e os mitos eram e continuam sendo, pelo menos algumas vezes, veículos esplêndidos para comunicar verdades espirituais, tal como se dá no caso das parábolas. 2. Alguns intérpretes falam em um animal, atualmente extinto, *parecido com um dragão.* Como o fogo sai da boca e do nariz do leviatã (vss. 19-20), dificilmente ele pode representar um animal físico e real, sendo perfeito para retratar alguma fera mitológica. 3. O *lotão de sete cabeças* da mitologia ugarítica é um bom candidato. 4. A *baleia,* o *golfinho* ou algum *dinossauro marinho,* atualmente extinto, são pobres conjecturas que não se ajustam ao contexto.

O Caos. O texto sagrado certamente fala sobre os poderes do caos e, animais marinhos míticos com freqüência tinham esse simbolismo nas histórias antigas. A mensagem é que Deus tem poder sobre o caos ou sobre qualquer outra força, visível ou invisível. Portanto, a providência divina é garantida para o governo do mundo e de todas as criaturas inteligentes, incluindo Jó, o homem que sofria como vítima inocente. Uma vez humilhado, Jó ainda seria restaurado pela graça e pela misericórdia de Deus. Seu caso parecia de solução impossível, mas não estava acima da *providência de Deus* (ver sobre esse tema no *Dicionário*).

O animal em questão está completamente além de qualquer coisa que conhecemos à face da terra: 1. não podia ser capturado (vss. 1 ss.); 2. produzia eclipses (ver Jó 3.8; 25.13); 3. estava associado às forças primevas do caos (ver Sal. 74.14; Enoque 60.7-9; II Baruque 29.4; II Esd. 6.49-52); 4. a humanidade seria totalmente impotente diante dele (vs. 5; Sal. 104.26); 5. ninguém ousava

despertar o animal ou fazê-lo irar-se, porque as conseqüências seriam terríveis (vss. 10-11). Mas Deus o tinha sob controle. Ver a exposição em Jó 3.8. Só Deus pode controlar o *caos;* Sua providência envolve até aquilo que deixa o homem tão perplexo.

O Tema Principal do Livro de Jó. Se as descrições sobre o problema do mal (por que os homens sofrem e por que sofrem como sofrem) ocupam a maior parte do livro, o tema principal do livro, do qual o problema do mal é corolário necessário, é a *adoração desinteressada.* Um homem pesadamente aflito reterá sua piedade ou refugiar-se-á no ateísmo e amaldiçoará Deus (ver Jó 1.11; 2.5)? Um homem é totalmente controlado pelo *egoísmo* (ver a respeito na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia*), a ponto de abandonar a fé religiosa, quando parece não mais servir a seus desejos pessoais? Nenhum ser humano pode ficar de pé diante do leviatã, nem confrontar o aparente *caos* que ele representa. Mas Deus joga com aquele poderoso animal e o controla com facilidade (ver os vss. 10 e ss.). O homem não pode conferir dons a Deus e, no entanto, é obrigado a adorá-Lo. Deus pode negar dons aos homens, mas eles são forçados a adorá-Lo mediante a fé. A adoração do homem precisa ser *desinteressada.* Esperamos pela graça, quando estamos sendo testados. Confiamos na razão, quando as coisas parecem irracionais. Estes versículos falam sobre a *sola gratia* (graça somente). Ver também as exposições em Jó 1.9 e 40.14.

Volta às Indagações. Acerca do beemote, nenhuma pergunta foi feita para confundir Jó. Mas as descrições poderiam ser formuladas sob a forma interrogativa, dando-nos novas perguntas que aumentariam para mais de *setenta* as que a voz divina fez a Jó, a fim de humilhá-lo. Mas, na passagem concernente ao leviatã, voltamos ao método das perguntas. A introdução a Jó 40.15 atribui significado (ou conjecturas) sobre o porquê do autor abandonar as *perguntas* na seção concernente ao beemote. Ver sob o título *O Estilo Diferente da Seção.*

41.1

Podes tu, com anzol, apanhar o crocodilo...? *Trigésima Segunda Pergunta.* Nenhum homem pode *pescar* o leviatã e retirá-lo das águas. Na verdade, o leviatã é alguma espécie de fera gigantesca, que respira fogo (vss. 19-20), pelo que a idéia inteira de capturá-lo é simplesmente absurda. Quanto à sua *identificação,* e como ele e o beemote representam animais míticos, dotados de algumas características físicas, ver as introduções a Jó 40.15 e ao presente capítulo. O autor sagrado realmente tinha mudado para uma *nova categoria.* Ele não estava apenas aumentando sua seção zoológica (ver Jó 38.39-39.30). É ridícula a tentativa de eliminar as descrições que ultrapassam qualquer animal, extinto ou vivo, chamando-as de "exageros poéticos". Caros leitores, Jó não teria nenhuma razão para temer o hipopótamo (beemote) e o crocodilo comum (leviatã). Ver a exposição em Jó 3.8 para saber como devemos aproximar-nos de uma explicação. Não ignoremos o pensamento dos tempos antigos, impondo sobre tais passagens as idéias comuns que apreciamos, para aplicá-las a uma exegese, quando nosso conforto mental for ameaçado.

Ver sob o título *Caos,* anteriormente, especialmente o segundo parágrafo, quanto às qualidades do animal descrito que não se ajustam a nenhuma realidade terrena.

Algumas vezes os *crocodilos* eram apanhados por anzóis com chamarizes (Heródoto liv. ii. cap. 70), de maneira que os intérpretes se deixam enganar, atribuindo à passagem a presença daquele animal comum. Cordas eram usadas para fechar a imensa boca dos crocodilos, de modo que eles não pudessem ferir seus captores. Mas descrições que se prestam para falar dos crocodilos não podem ser usadas para anular as descrições que vão além do que poderíamos dizer sobre o animal ora descrito. Seja como for, é certo que o animal em questão *não poderia* ser apanhado conforme se fazia com o crocodilo, em cuja captura os antigos não encontravam nenhuma dificuldade.

41.2

Podes meter-lhe no nariz uma vara de junco? *Trigésima Terceira Pergunta.* Podes levar o leviatã (o caos) até o cativeiro e fazê-lo obedecer-te? Podes amarrar-lhe o nariz com uma corda (Revised Standard Version) ou atravessar suas queixadas com um gancho? Essas coisas podiam ser feitas aos crocodilos, mas não ao leviatã. Note-se como os vss. 1-2 apresentam duas perguntas cada, mas eu as reduza a uma pergunta cada. Ao multiplicar as questões, obtemos mais de setenta perguntas feitas por Deus (40.3-40.14; 40.15-41.34; 42.1-6, que continua o segundo discurso divino e adiciona mais perguntas). Essas perguntas foram proferidas para confundir e humilhar Jó, a fim que ele fosse finalmente curado e restaurado. Temos dois discursos divinos envolvidos: o *primeiro* (Jó 38.1-40.5) e o *segundo* (Jó 40.6-42.6).

Algumas feras são conduzidas, mediante o emprego de ganchos postos em seus narizes (ver Isa. 37.29; Eze. 29.4), mas não era esse o caso do temível leviatã. Por que, pois, os intérpretes insistem em fazer do leviatã um crocodilo comum? O autor sagrado estava, como é claro, descrevendo algum animal *incomum.* Por que alguns intérpretes, a fim de obter *conforto mental* (a Bíblia não pode empregar um mito!), realizam uma *eisegese,* em lugar de uma *exegese?* Em outras palavras, eles lêem no texto o que não está ali, a fim de evitar o que realmente está.

41.3

Acaso te fará muitas súplicas. *Trigésima Quarta Pergunta.* Porventura o leviatã alguma vez te perguntará alguma coisa? O leviatã é uma fera independente. Ele não se sujeito à bondade do homem nem às provisões humanas para sua vida e bem-estar. É uma criatura que, quanto a certos aspectos, parece-se mais com Deus do que com o homem e com seu reino animal. Somente Deus é verdadeiramente *independente,* mas leviatã é, pelo menos, muito mais independente do que o homem. Ele não se humilhará perante o homem, como um cavalo ou uma vaca se humilham, dependendo das provisões humanas quanto ao seu sustento. Ninguém pode capturar o leviatã, pelo que ele nunca pleiteará para que o libertem.

"Leviatã (não apenas um crocodilo ordinário) era o monstro marinho (ver Jó 3.8; 26.13; Sal. 74.14) associado ao *caos.* Tal como o salmista (ver Sal. 104.36), o poeta mostrou que aquele monstro era apenas um brinquedo aos olhos de Deus" (*Oxford Annotated Bible,* comentando sobre o vs. 1 deste capítulo). Mas, para o homem, o leviatã é uma força temível.

O leviatã não tem palavras *suaves* para o ser humano. De fato, o leviatã é o próprio *caos,* o destruidor da vida humana. Talvez o caos chegue mesmo a envolver os justos e inocentes. Ver Rom. 8.20. Nesse caso, todos os dias, devemos pedir proteção contra aquela força que poderia ser a causa de, *pelo menos, parte* dos sofrimentos dos inocentes.

41.4

Fará ele acordo contigo? *Trigésima Quinta Pergunta.* Poderia alguém forçar o leviatã a fazer um pacto? E, tendo feito isso, serviria o leviatã a alguém, em algum sentido? Portanto, temos aqui duas perguntas relativas à mesma situação. O *caos* não faz pactos com o homem. A atividade dessa força é confundir e destruir. Ele não se limita a barganhas com os homens. Estes entram em acordos com seus inimigos, como uma espécie de situação de benefício mútuo. Eles não matam a fim de não serem mortos. Ou deixam de lado a guerra, para gozar de paz.

O leviatã é uma fera tão poderosa que não pode ser amansada para uso doméstico. É imprevisível e está sempre irado. Não se pode entrar em acordo com ele, para que sirva a alguém. Pelo contrário, ele deve ser admirado como o senhor. Está sempre a ameaçar, e é o homem que se sujeita a condições indesejáveis. O temor a ele pôs o homem em sujeição.

> *... pelo pavor da morte, estavam sujeitos à escravidão por toda a vida.*
>
> (Hebreus 2.15)

41.5

Brincarás com ele, como se fora um passarinho? *Trigésima Sexta Pergunta.* Pode-se fazer do leviatã um bichinho de estimação? Poderia você pô-lo em uma gaiola, como se fosse uma ave, e fazê-lo cantar? Poderia você dá-lo a uma namorada, como um presente agradável? O *caos* não pode ser domesticado, isto é, *controlado* pelos homens.

Alusão do Versículo. "Este versículo provavelmente alude ao costume de apanhar pássaros, amarrar um fio às suas pernas e dá-los às crianças como se fossem brinquedos, costume que parecia execrável para os antigos, mas que continua a ser uma desgraça nos tempos modernos" (Adam Clarke, *in loc.*).

41.6

Acaso os teus sócios negociam com ele? *Trigésima Sétima Pergunta.* Poderia o leviatã ser transformado em um item de comércio, como sucede a tantos outros animais? Os negociantes nunca barganharão por causa dele. Ele nunca será incluído em uma caravana de camelos para ser levado a alguma terra estrangeira. Um negociante não pode vender aquilo que não pode capturar. Não obstante, os *crocodilos* são transformados em bolsas femininas! O leviatã não é um animal para comércio, pelo que não se sabe nada sobre ele. De fato, ele é o tipo monstro-marinho-caos que assusta todos os seres humanos. O contexto inteiro grita contra fazer do leviatã um animal comum e, facilmente, identificável. Antes, ele é uma força maior que a do homem, e só por Deus pode ser controlado. O leviatã é apresentado como senhor dos homens. Desde quando o crocodilo foi senhor dos homens? É somente através da *ignorância* que alguns intérpretes forçam a imagem do crocodilo na seção presente. Pelo contrário, estamos tratando com princípios cósmicos temíveis, subjugados somente por Deus. Esses princípios são referidos por meio do monstro marinho

mítico, o leviatã. Ele é o símbolo desses princípios, conforme o beemote também o era (ver Jó 40.15 ss.).

41.7

Encher-lhe-ás a pele de arpões? *Trigésima Oitava Pergunta.* Os arpões ou outras armas mostram-se eficazes contra o leviatã? Naturalmente não. O homem não pode deter o caos. Ele precisa de Deus para isso. Os crocodilos, entretanto, são facilmente mortos por meio de arpões e outros instrumentos aguçados. Sei de um homem que matou um jacaré, no norte do Brasil, com um único tiro de uma pistola calibre 22, atirando na pobre fera em um dos olhos! Não suponho que um jacaré seja muito mais fraco do que um crocodilo. Em contraste, o leviatã é um animal *invencível.* Seu "couro" é impenetrável. Os homens precisam de Deus para tratar com esse poder. Somente a *graça divina* ajuda o homem bom que espera o favor de Deus, *mediante a fé.* Os homens que enfrentam forças ameaçadoras, incluindo as que causam sofrimentos aos inocentes, devem reter sua integridade, e não tentar refúgio no ateísmo ou no pessimismo. Eles devem continuar a adorar e servir Deus, por Sua própria causa, e não por razões egoístas. Esse é o principal tema do livro de Jó, e o problema do mal é um corolário necessário. O homem justo deve ter uma adoração desinteressada.

41.8

Põe a tua mão sobre ele. Se você quiser pôr a mão sobre o leviatã e combater a fera, fará isso somente por *uma vez!* Os homens põem as mãos ou combatem toda a espécie de animais, e vencem, por causa de suas armas, mas nem mesmo os instrumentos de guerra poderiam ajudar quando ele se defrontasse com o terrível monstro marinho. É óbvio, portanto, que não se fala aqui do crocodilo ou de outro animal conhecido. Somente Deus pode lançar as mãos sobre o caos e sobre as forças cósmicas para subjugá-los.

41.9

Eis que a gente se engana em sua esperança. Longe de ser capaz de derrotar e matar o leviatã, ou transformá-lo em bicho de estimação de seu jardim zoológico, o homem nem ao menos pode olhar para esse animal sem desmaiar de medo. Um homem precipitado poderia atacar o leviatã, mas, ao aproximar-se do monstro, desmaiaria de medo, antes mesmo de arremessar a sua lança.

41.10

Ninguém há tão ousado que se atreva a despertá-lo. *Trigésima Nona Pergunta.* Se um homem tem medo de despertar o leviatã (o que seria fatal, por certo), então muito mais deveria ele temer despertar *Deus,* com acusações de ser injusto, cruel, indiferente ou arbitrário, acusações feitas por Jó contra Deus, por seus insuportáveis sofrimentos. As muitas perguntas (a começar pelo capítulo 38, o primeiro discurso divino) tinham por propósito *humilhar* o arrogante Jó, para que ele visse não ter salvação em si mesmo (ver Jó 40.14), e que, no devido tempo, sua salvação seria dada pelo Senhor, que o curaria e restauraria. Uma salvação terrena está em pauta aqui, e não a salvação da alma, que não fazia parte da teologia patriarcal. Nem o mais corajoso homem atacaria o leviatã; no entanto, Jó, o arrogante, fez uma tentativa contra o Criador do leviatã. Naturalmente, Jó estava alucinado com seus sofrimentos, sendo capaz de qualquer ato. O que poderia tê-lo feito sofrer tanto? Jó nada tinha para perder.

41.11

Quem primeiro me deu a mim...? *Quadragésima Pergunta.* Quem pode dar a Deus alguma coisa, pondo-O debaixo de uma dívida de favor?

Deus é o *Grande Proprietário* dos céus e da terra, e nenhum homem pode acrescentar-Lhe nada. Temos aqui o tipo de linguagem que se aplica à salvação por meio da fé e da *sola gratia* (graça divina somente) Cf. Jó 35.7 e Rom. 11.35. Porém, é anacronismo ver aqui a salvação espiritual. Ademais, temos um argumento em tal linguagem, contra as tentativas ritualistas e moralistas, procurando forçar a mão de Deus a abençoar. Cf. Sal. 50.10. Podemos supor que o poeta sagrado tenha antecipado esses princípios teológicos, que teriam aplicação quando a luz chegasse a mostrar que há uma alma a ser salva, o que deve ocorrer somente pela graça de Deus. Por conseguinte, em certo sentido, que não deve ser exagerado nem cristianizado, "o poeta do livro de Jó tomou seu lugar entre os que cantam teologicamente a *sola gratia.* O homem não pode conceder a Deus nenhum dom, nem da parte de suas riquezas, nem da parte de seus feitos e de seu comportamento. Deus não deveria a Jó coisa alguma, e Jó não poderia dar nada a Deus, nem fazer-Lhe exigências tolas" (Samuel Terrien, *in loc.*).

Ao Senhor pertence a terra e tudo o que nela se contém.

(Salmo 24.1)

41.12

Não me calarei a respeito dos seus membros. As traduções ocultam o fato de que temos aqui um original hebraico obscuro. A Septuaginta simplesmente deixa de lado o versículo, provavelmente porque os tradutores pensaram ser ele ininteligível. Este versículo pode ser compreendido como se introduzisse a longa descrição do temível leviatã, que se segue, ou, então, como o término da discussão anterior. Talvez, referindo-se a Jó, Deus revelasse tudo a respeito, tanto de bom quanto de mau, para ver o que poderia ser restaurado nele. Ou a revelação seria acerca das *jactâncias* de Jó. Nesse caso, isso foi trazido à luz para ser corretamente julgado. Mas se o versículo introduz uma longa descrição sobre o leviatã, então significaria que nenhum item seria deixado de fora: seguir-se-ia completa discussão sobre as propriedades e os atributos do monstro. A Vulgata Latina, entretanto, parece aplicar o versículo a Jó: "Eu não o pouparei nem cederei diante de suas palavras ousadas, por meio das quais ele fez o seu apelo". Mas, se essas palavras se aplicam ao leviatã, então a idéia é a de que o Criador não estava intimidado pelo monstro marinho, a mais formidável de Suas obras. O homem pode tremer diante do leviatã, mas Deus certamente não! Deus não se deixa intimidar pelo *caos* que reina, mas corrigirá todas as coisas, afinal de contas. E até agora o caos é um instrumento que leva os homens ao arrependimento (ver Rom. 8.20). Segue-se, então, uma longa descrição do monstro verdadeiramente terrível; mas Deus não se deixa intimidar por ele.

Este versículo parece adaptar-se melhor à descrição que se segue e serve como introdução a ela. Deus "diria a verdade inteira" acerca do leviatã, incluindo sua poderosa força e seu temível arcabouço, extraordinários atributos.

41.13

Quem lhe abrirá as vestes do seu dorso? *Quadragésima Primeira Pergunta.* Pode um homem despir-lhe suas vestes externas (armadura natural)? Duas perguntas falam da cobertura externa do leviatã, que era impenetrável a qualquer arma que o homem pudesse fabricar. Nenhum ser humano poderia remover aquela armadura natural, a fim de feri-lo ou satisfazer sua curiosidade sobre o que estava "dentro" da fera. Este versículo enfatiza a invencibilidade do monstro, conforme também se vê nos vss. 1-2 do mesmo capítulo. O *caos* é uma espécie de divindade inferior, que espalha a destruição e deixa os homens perplexos, embora Deus esteja controlando até mesmo os Monstros Cósmicos, como esse. Em conseqüência, não temos razão para temer. Os monstros cósmicos são invencíveis diante do homem, mas não diante de Deus. O bem e o mal não estão igualmente divididos. A balança pende para o lado do bem, neste mundo. O autor não se referia a um dualismo cujo resultado do conflito estivesse em dúvida. Deus deve vencer; o homem deve ser abençoado.

"Algum homem sábio, da escola de Jó, deve ter sido o responsável pela lista de maravilhosos detalhes concernentes à invencibilidade do leviatã: suas escamas, queixadas, costas (vss. 13-17); seus olhos, boca, nariz, respiração e pescoço (vss. 18-23); seu poder (vss. 24-30); seus efeitos sobre o abismo e o mar (vss. 31-32); e, em *conclusão,* seu caráter *ímpar* (vss. 33-34)" (Samuel Terrien, *in loc.*). E que o leitor preste atenção a isto: nenhum animal terreno podia estar em vista. Essas descrições são próprias do temível monstro marinho, o emblema do caos e dos poderes cósmicos. Ver sobre Jó 3.8. São cômicas as tentativas para fazer tudo isso se ajustar ao crocodilo terreno. Todavia, os intérpretes que supõem, através de seus dogmas, que o livro de Jó não pudesse conter referências mitológicas, continuam a tentar insensatamente fazer essas descrições ajustar-se ao reino animal comum, ordinário, terreno. Mas o autor sacro não estava continuando a sua *seção zoológica* (ver Jó 38.39-39.30) Com o beemote e o leviatã (ver Jó 40.15-41.34), o autor sagrado apresenta uma categoria de coisas *completamente diferentes,* que simbolizam as forças cósmicas caóticas sobre as quais Deus é o governante, mas contra as quais nenhum ser humano tem a menor chance de sobreviver. Jó passou ao *pessimismo* (ver na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia*), por causa de seus sofrimentos, que eram "sem causa" (ver Jó 2.3). Ele pensava que Deus tinha perdido o controle das coisas, ou simplesmente era indiferente às suas dores. A discussão sobre o beemote e o leviatã (entre outras coisas) demonstra que Deus está no controle de tudo, inclusive das forças cósmicas do caos, apesar das aparências contrárias. O caos não pode escrever o capítulo final da história humana. Há algo para além do "sofrimento".

41.14

Quem abriria as portas do seu rosto? *Quadragésima Segunda Pergunta.* As queixadas do monstro são chamadas aqui de "portas do seu rosto". Quem ousaria chegar suficientemente perto daquela temível entidade, para tentar abrir a sua boca? E, mesmo que alguém ousasse, seria incapaz de abrir-lhe a bocarra. E, se porventura, conseguisse abri-la, seria imediatamente consumido. Ensina-se aqui a lição de que o homem não pode aproximar-se do caos nem fazer coisa alguma a respeito. Esses são poderes completamente acima do homem, mas não acima de Deus. Ele pode aproximar-se da fera e humilhá-la. Coisa alguma está fora do domínio de Deus.

Em roda dos seus dentes está o terror. Seria melhor que a fera mantivesse a boca cerrada. Se algum homem conseguisse abrir-lhe a boca, o que encontraria? Veria um jogo temível de dentes, que estão ali a fim de destruir. O caos está armado com armas terríveis, e o homem, todos os dias, vê-se mutilado por elas. Os homens perguntam: Onde está Deus? Como não podem encontrá-lo, refugiam-se no ateísmo. Talvez Jó estivesse sendo mutilado pelo caos. Ele poderia ter caído entre os dentes do monstro cósmico. O monstro aplicava pressões insuportáveis, e seus dentes aguçados moíam o corpo e a alma de Jó. Deus parecia contemplar a cena com indiferença. Mas a ordem divina punha fim ao espetáculo. O problema do mal até hoje está cercado de enigmas que nos deixam perplexos, mas temos segurança de que o poder divino está no controle de todas as coisas e, de alguma maneira, tudo vai bem no mundo, porquanto Deus está assentado em Seu trono. Os dentes de um crocodilo ordinário não podem estar em pauta, mas podem ter sido usados como ilustração: a fera tem *sessenta dentes,* alguns pontudos e outros serrilhados, todos bem ajustados uns aos outros, como os dentes de um pente.

41.15

As fileiras de suas escamas são o seu orgulho. *Muitas perguntas* poderiam ser deduzidas da seção que se segue (vss. 15-34), mas o autor apresenta o material em sentido declarativo. Assim foram manuseadas as informações sobre o beemote (ver Jó 40.15-24). Para conseguir as *setenta perguntas* que constituem essencialmente os dois discursos divinos (ver Jó 38.1-42.6), teremos de subdividir alguns versículos para que contenham mais de uma pergunta, e compreender as sentenças declarativas de maneira interrogativa. Não tento listar *setenta* perguntas, mas deixo exemplos suficientes para demonstrar como a voz divina humilhou Jó ao revelar-lhe sua total ignorância sobre tantas coisas. Ora, se ele era ignorante sobre *coisas comuns,* o que saberia sobre Deus e *Seus caminhos?* Ele deve ter sido inspirado por essa abordagem dos discursos, para interromper as queixas e acusações contra o Ser divino, sendo primeiramente humilhado, para que, subseqüentemente, fosse curado e restaurado. Naturalmente, essa abordagem foi eficaz, conforme informa o epílogo do livro.

O monstro em foco tinha admirável cobertura de escamas que eram como fileiras de escudos. Em vez de "escudos" (Revised Standard Version), a King James Version e nossa versão portuguesa dizem "orgulho". Em outras palavras, as escamas do leviatã eram tão belas e poderosas que constituíam para ele motivo de *orgulho.* As escamas estavam tão compactamente arranjadas, que funcionavam como um grande *selo,* pelo que o corpo do leviatã era impenetrável. Em outras palavras, o corpo da fera era como um grande *escudo,* razão pela qual nenhuma arma de invenção humana era eficaz contra ela. Ver o vs. 7 deste capítulo, que contém essencialmente a mesma mensagem, sem fazer nenhuma referência direta às escamas. A lição espiritual é que o caos é invencível para o homem, embora não seja para Deus. Os atos do monstro têm limites. As coisas estão sob o controle divino. Há graça para curar e restaurar.

Embora não esteja em vista um mero crocodilo, seus atributos podem ser usados como ilustrações. Um crocodilo tem 17 fileiras de escamas, todas intrincadamente unidas, formando um maravilhoso desenho.

41.16

A tal ponto uma se chega à outra. *O selo formado pelas escamas* (vs. 15) é tão perfeito e compacto que nenhum ar penetra entre elas. A armadura do leviatã é impenetrável. O leviatã é invencível. O homem não tem armas que prevaleçam contra ele. Contemple o leitor esse deus-caos. No entanto, Deus pode controlá-lo e, realmente, o controla e o derrota, pelo menos, no final. O caos não escreverá o último capítulo da história humana. Ele ri diante do ruído produzido pelas lanças e não se importa em fugir quando os inimigos se aproximam. Só Deus é poderoso para impressionar a fera. Os intérpretes continuam com a ridícula luta para ver alguma fera terrena nessas descrições bíblicas, ou, pelo menos, algum animal terrestre, atualmente extinto. Mas a linguagem bíblica transcende ao que é meramente terreno, elevando-se aos poderes cósmicos, como o caos.

Uma de minhas fontes informativas diz que a bala de um mosquete não pode penetrar na armadura do crocodilo, mas pode atingir os olhos, a garganta e a barriga. Assim sendo, devemos acreditar estar em vista aqui o crocodilo? Contra o leviatã, entretanto, não existe arma humana, de espécie alguma, que seja eficaz. Por conseguinte, temos de nos voltar para Deus, como proteção contra o mal e contra as forças cósmicas do caos. O *Problema do Mal* (ver a respeito no *Dicionário*), como é claro, pode lançar tais poderes contra o homem. Somente Deus nos dá solução para tamanho perigo.

41.17

Umas às outras se ligam. Continua a descrição sobre a impenetrabilidade do leviatã. Isto posto, somos informados, mediante detalhes elaborados, que o leviatã é *invencível.* Caros leitores, o crocodilo, porventura, é invencível? Devemos desculpar todas essas descrições que realmente não se ajustam ao animal, chamando-as de "exageros poéticos"? É evidente que o autor sagrado estava no campo do simbolismo religioso e aplicava seu conhecimento àquelas feras mitológicas temíveis, o beemote (ver Jó 40.1 ss.) e o leviatã (ver Jó 41). Somos convidados a considerar condições, conflitos e ameaças cósmicas. O crocodilo, literalmente falando, não se ajusta a esse quadro, embora ocasionalmente, nesta passagem bíblica, fatos sobre esse animal possam *ilustrar* o texto. Jesus também usou *parábolas e* contou histórias fictícias a fim de ilustrar a verdade espiritual. Por que não pode o livro de Jó incluir um par de mitos com o mesmo propósito? Os mitos sempre foram uma rica fonte de instruções religiosas. Carl Jung demonstrou que o mito faz parte vital de nosso fundo psíquico, ou seja, da mente subconsciente, e isso se manifesta em nossos sonhos e visões.

41.18

Cada um dos seus espirros faz resplandecer luz. Quando o leviatã espirra, sai fogo de sua boca, e suas narinas expelem nuvens de fumaçal Agimos erroneamente quando reduzimos essa figura ao espirro do crocodilo, quando as partículas de água expelidas se refletem na luz do sol, que as ilumina. Tal fato ilustra, mas não explica o texto sagrado. Outra figura aqui usada é a dos olhos do leviatã como pálpebras da alvorada. Os hieróglifos egípcios empregavam os olhos do crocodilo como símbolo do irromper do dia, e o autor sagrado pode ter tomado tal símbolo por empréstimo. Mas o que significa o símbolo tomado por empréstimo é outra questão. O grande *monstro maravilhoso* é uma fera cósmica envolvida em manifestações celestiais, como a alvorada. Ele tem poderes que chegam aos mundos do além. É uma espécie de monstro semideus, símbolo das forças caóticas diante das quais os homens não podem resistir; portanto, temos de correr para Deus, pedindo-Lhe ajuda.

A Figura. A alvorada é como uma fera gigantesca que abre os olhos e dissipa as trevas. Os céus abrem as suas pálpebras, e a luz brilha, iluminando a terra. Os *olhos fechados* simbolizam as trevas. Os *olhos abertos* simbolizam a luz. Em Jó 3.8, o leviatã é declarado como uma fera que *produz obscurecimentos.* Cf. Jó 26.13. Leviatã é dotado de grandes poderes e é associado ao caos primevo (ver Sal. 74.14; Enoque 60.7-9; II Baruque 29.4 e II Esd. 6.49-52). A humanidade vê-se totalmente incapaz diante de tais poderes cósmicos. Temos de invocar Deus para enfrentar um monstro como esse.

41.19-20

Da sua boca saem tochas. *A boca do monstro* emite "tochas de fogo" (Revised Standard Version) e "faíscas de fogo". De suas narinas (vs. 20) saem rolos de fumaça, formando uma grande e temível nuvem que obscurece a visão dos homens. De seu caldeirão fervente sai o vapor de água, formando grandes nuvens e, quando os homens queimam arbustos, a fumaça sobe até o céu. O monstro marinho produz fenômenos como esses. Contudo, a despeito de tais descrições pertencentes a um ser do *outro mundo,* alguns intérpretes insistem em falar sobre o humilde crocodilo. Assim é que uma de minhas fontes informativas fala na *hipérbole* das figuras poéticas. Pelo contrário, algo de maior vulto está em pauta. A fera em questão é de origem cósmica, seus poderes estão muito acima dos poderes humanos, apenas podendo ela ser confinada e amansada pelo próprio Deus. É inútil falar aqui sobre a ousadia das metáforas orientais. Para aceitar tais interpretações, seria preciso esquecer as outras passagens citadas na exposição do vs. 18, que falam de algo cósmico e não do humilde crocodilo. Pode o crocodilo causar eclipses (ver Jó 3.8)? É o crocodilo comum o caos primevo e cósmico? (ver Sal. 74.14; Enoque 60.7-9; II Baruque 29.4)? Pode ele produzir efeitos sobre as profundezas do mar (ver Jó 41.31-32)? É o crocodilo um animal ímpar (vss. 33-34)? É um animal *marinho?* Antes, nesta passagem, está em foco o monstro marinho, que tem poderes nos céus e no mar. Ele é o caos, um deus monstruoso. Simboliza os mistérios e os poderes enigmáticos nos céus e no fundo do mar. Porém, o que há de enigmático no crocodilo?

41.21

O seu hálito faz incender os carvões. O *monstro marinho* respira tal abundância de fogo, que é capaz de incendiar arbustos, ou mesmo uma floresta inteira. É fato que, se o leviatã tiver quaisquer inimigos, eles fugirão, pois, do contrário, serão reduzidos a cinzas. Cf. Sal. 18.8. Não obstante, esse monstro era apenas um brinquedo nas mãos de Deus (ver Sal. 104.26).

41.22

No seu pescoço reside a força. O pescoço do leviatã é indiscutivelmente poderoso, e o "terror dança perante ele" (Revised Standard Version). A King James Version diz "a tristeza se transforma em alegria perante ele", tradução obviamente inferior e contrária à natureza temível do contexto. Nossa versão portuguesa diz: "diante dele salta o desespero", uma boa descrição do que o caos pode fazer. Um crocodilo, entretanto, não faz as pessoas desmaiar, mas o sofrimento de inocentes as deixa desoladas, o que pode ser uma obra má do caos. Os vss. 24-30 ampliam a força extraordinária do monstro. Observe-se que o crocodilo não tem pescoço, mas

o monstro marinho certamente tem um pescoço tão comprido que é como uma torre a projetar-se no ar. Pode-se imaginar um crocodilo com o pescoço parecido com o de um dragão? Isso já não seria um monstro, mas uma monstruosidade! Esse semideus, que é um monstro marinho, espalha terror por onde for. Portanto, os homens sofrem. Mas Deus o tem preso por uma corrente, como se fosse um bichinho de estimação com o qual ele brinca. Algum dia, a vida dos homens estará livre da influência do leviatã. Entrementes, a humanidade tem de viver pela fé.

41.23

Suas parte carnudas são bem pegadas entre si. As *dobras* da carne do leviatã se juntam em um arranjo maciço que lhe dá força e proteção. Alguns estudiosos preferem pensar aqui em seus *músculos,* e provavelmente isso está incluído. Outros estudiosos dizem *papada,* a pele pendular que fica defronte da garganta, suspensa e frouxa. O leviatã, porém, não tem partes moles nem gordura. Ele é todo músculo. "Os músculos de seu corpo não flácidos e frouxos, mas sólidos e firmemente compactos" (John Gill, *in loc.*).

41.24

O seu coração é firme como uma pedra. O monstro tem um coração muito forte que pode resistir a qualquer esforço. É como uma pedra, não pode ser prejudicado por nenhum processo. Alguns compreendem sua *disposição* e *vontade,* o que pode ser referido pela palavra "coração", não estando em vista o órgão físico assim chamado. Portanto, coisa alguma pode fazer a fera desanimar ou ficar preocupada. O leviatã é uma força invencível. Seu coração é como as pedras de um moinho, a de cima e a de baixo. Ver no *Dicionário* o verbete denominado *Moinho.* O versículo cita a pedra inferior de um moinho, especificamente, que era a mais dura das duas. Se o versículo fala em sentido metafórico, então somos informados que o leviatã é ousado, destemido, corajoso, cruel, sem misericórdia e invencível. Ele tem um *coração de leão.*

41.25

Levantando-se ele, tremem os valentes. A palavra "valentes", neste caso, pode significar *deuses.* Esse animal é tão poderoso que todos os homens valentes, os demônios, os deuses e as forças cósmicas tremem quando o vêem levantar-se para quebrar as coisas. Eles "fogem espantados", conforme diz o texto hebraico, literalmente. A Revised Standard Version diz "ficam fora de si", conforme a nossa versão portuguesa. Ele lança essas criaturas em um ataque de insanidade, e elas perdem o controle da própria mente, quando o leviatã se aproxima. E ainda querem afirmar que está em pauta o crocodilo comum? Se todos os tipos de seres inteligentes se aterrorizam diante dessa *criatura,* quanto mais aterrorizados deveriam ficar diante do Criador do leviatã! Por conseguinte, Jó devia ser um louco para convocar Deus a um tribunal, onde queria defender a sua causa, acusando-O de cruel, arbitrário e injusto. Os dois discursos divinos, portanto, tinham de humilhá-lo, para que finalmente ele pudesse ser curado e restaurado.

41.26

Se o golpe de espada o alcança de nada vale. *Espadas* atingem o leviatã nas costas, mas não exercem efeito algum. Lanças e dardos são projetados contra ele, o alcançam, mas são ricocheteados como se fossem brinquedos. Até a temível lança não lhe perfura a armadura. Ele é impenetrável e invencível contra qualquer inimigo, e somente Deus pode confinar um poder como esse. Assim também o *caos,* por mais forte, cheio de enigmas e temível, está amarrado pelas cadeias de Deus. Os homens são feridos algumas vezes por razões desconhecidas. Mas tudo vai bem no mundo, porque Deus está no trono. O caos tem seu dia, mas o Dia Eterno pertence a Deus e ao homem.

41.27

Para ele o ferro é palha. As armas de guerra são feitas de ferro, para atravessar escudos e carne. Também são feitas de bronze, para matar e impedir que sejamos mortos. Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Armadura, Armas. Para o leviatã,* entretanto, o monstro marinho, um semideus, qualquer forma de arma de metal que o ataque ou o resguarde de ser atacado, é apenas como madeira podre. "Poderíamos jogar contra ele um pedaço de palha, tanto quanto uma barra de ferro... O aço mais agudo ricocheteia nele, e o bronze é como madeira apodrecida" (John Gill, *in loc.*).

41.28

A seta o não faz fugir. O autor sacro prossegue, a fim de listar *outras armas.* A flecha, lançada de longe, podia atravessar alguns dos escudos menos espessos do homem, e o pobre soldado que levasse uma flechada no pescoço ou nas costas, onde não havia nenhuma proteção, estava perdido. A *pedra* projetada por um bom fundibulário podia ser instantaneamente fatal, caso atingisse um homem em local vital. Tais armas, porém, no caso do leviatã, eram apenas como palha. O monstro marinho não podia ser ferido. Não se podia resistir a ele, em contraste com os animais ordinários e as forças naturais. Uma história clássica conta sobre homens que podiam atirar bolas de ferro com tanta velocidade, com suas fundas, que as bolas se dissolviam no caminho! Mas mesmo que isso acontecesse no caso do leviatã, ele riria da bola dissolvida, quando esta se aproximasse dele.

> *Enquanto a crueldade não foi melhorada pela arte,*
> *E a fúria não forneceu espada ou dardo,*
> *Com punhos, ou ramos, ou pedras lutavam os homens;*
> *Essas eram as únicas armas ensinadas pela Natureza:*
> *Mas, quando chamas queimavam árvores e crestavam o solo,*
> *Então apareceu o bronze e foi preparado o ferro para ferir.*
> *O bronze foi usado primeiro por ser mais fácil de trabalhar*
> *E visto que as veias da terra o continham em maior dose.*
>
> (Lucrécio, *De Rerum Nat.* lib v, 1282)

41.29

Os cacetes atirados são para ele como palha. *Cacetes* feitos de pedra, madeira ou ferro em nada impressionavam o leviatã, embora um único golpe com essas armas pudesse matar um homem. Esses cacetes eram como palitos de madeira para o leviatã, ou como palha dos campos. Quando uma lança atirada contra ele se aproximava, ele *ria* dela e não fazia o menor esforço para desviar-se, porque ser atingido nada significava para ele. Os homens faziam um barulho estrepitoso com suas lanças contra o leviatã, mas esse ruído era como música para o animal, fazendo-o gargalhar. Não obstante, um golpe bem lançado com uma lança pode matar um *crocodilo,* que alguns intérpretes continuam a mencionar como se esse animal comum terreno fosse o monstro da passagem! Adam Clarke, *in loc.*, fala sobre um crocodilo com 3,66 m de comprimento, que causava grande bulício no lugar onde estava confinado. Mas o monstro marinho causa grande agitação nos céus, na terra e nas profundezas do mar (vs. 31). O *caos* é um terrível provocador de tribulação para a terra inteira e para seus habitantes (ver Rom. 8.20), reduzindo os homens à ninharia. Deus está atarefado no trabalho de reverter o caos e não na tarefa de controlar crocodilos.

41.30

Debaixo do ventre há escamas pontiagudas. A parte inferior do leviatã é como fragmentos aguçados de louça de barro (Revised Standard Version). Outros pensam que o leviatã se deitava sobre pedras agudas, como se formassem um leito, mas sem nada sentir; mas a primeira idéia é, mais provavelmente, a correta. Quando o monstro se arrasta pela lama, deixa marcas como as que um agricultor faz na terra, com seu arado. Em outras palavras, ele deixa sulcos no solo. "Quando ele jaz na lama, deixa as marcas de suas escamas tão impressas, que poderíamos imaginar que um instrumento como um arado, com seus dentes afiados, deixou suas marcas no solo (ver Isa. 28.27)" (Fausset, *in loc.*). Este versículo adiciona um pouco mais de informações sobre a temível natureza do leviatã.

41.31

As profundezas faz ferver, como uma panela. Neste ponto, alguns intérpretes vêem o crocodilo avançar por baixo da água, agitando as águas de um rio, fazendo-as parecer-se com uma panela fervendo. No entanto, deixam de comentar sobre o *mar.* Está em vista um *monstro marinho,* uma fera que é um semideus, o caos, e não um mero crocodilo. É ridículo chamar o rio Nilo de *mar. Nas profundezas do mar,* o leviatã se movimenta, provocando o caos. Ele faz as águas da profundeza do mar parecer-se com um pote de ungüento que está sendo mexido pelo boticário, quando ferve o líquido para a mistura atingir seu estado final. Alguns estudiosos referem-se aqui ao mau cheiro que o crocodilo deixa na água, como se isso fosse o medicamento (mau cheiro) do boticário. Mas o que está em pauta aqui é o caos, e não maus odores. Por onde quer que o leviatã avance, agita as coisas. Ele semeia o caos; ele é o próprio caos e somente Deus pode controlá-lo.

41.32

Após si deixa um sulco luminoso. O feroz leviatã, o monstro do caos, faz as profundezas do mar ferver como se fossem uma panela e deixa um brilho atrás de si, quando nada. Ele torna brancas as profundezas do oceano, e branco é a cor da onda, pelo que elas se parecem com uma geada que penetrou nas águas. A vereda de sua natação enche-se de espuma, parecendo espuma branca. Talvez o autor sagrado estivesse referindo-se ao ato de *nadar à superfície* da água, deixando uma esteira branca, ondas que se parecem com cabelos brancos ou com um caminho coberto de geada. "Poderíamos até pensar que as profundezas do mar são *cabeludas,* como os cabelos esbranquiçados de um homem de avançada idade, figura usada com freqüên-

cia pelos poetas do mar, que falam sobre *Nereus (*Phumutus, *de Natura Deodum,* par. 62), que é o *mar,* declarado como se fosse um homem de avançada idade, porquanto a espuma feita pelas ondas se parece com cabelos brancos" (John Gill, *in loc.*).

41.33

Na terra não tem ele igual. Agora o monstruoso leviatã sai do mar e põe-se a vagar sobre a terra, outro de seus esconderijos e lugares de caça. Ele se move com arrogância, porque na terra nada há similar quanto ao poder e à crueldade. Imagine-se o crocodilo comum a nadar nas profundezas do oceano, para então sair da água e espalhar o terror sobre a terra! Sem embargo, vários intérpretes continuam a insistir em fazer do crocodilo essa fera terrível. O poeta, entretanto, fala aqui da natureza ímpar do leviatã, prosseguindo no tema do vs. 34. O crocodilo é um animal interessante, mas nada tem de ímpar. Em contraste, o monstro marinho é tão invencível que absolutamente *não tem medo,* algo que não pode ser dito acerca de todo o animal terrestre. O próprio homem, aquele predador cruel, está cheio de temores e ansiedades.

41.34

Ele olha com desprezo tudo o que é alto. O monstro marinho que é um semideus, o leviatã, olha e zomba de todas as coisas altas e arrogantes, que são como nada em comparação. Até o altivo e arrogante homem está *sujeito* a ele. Pode-se dizer isso sobre um crocodilo? Esse animal comum é *rei* sobre o homem? Antes, o *caos* é o rei que provoca tanta confusão na terra e reduz um homem arrogante a uma criatura trêmula. O orgulhoso leviatã olha para todas as demais criaturas de Deus como seus inferiores. Afinal, ele foi feito, por Deus, um *poder ímpar,* sendo Deus o único Ser que está acima dele. Nenhuma hipérbole oriental descreveria dessa maneira o crocodilo comum. Tal descrição do crocodilo seria uma *piada.* Portanto, o Criador do caos aparece diante de nós como formidável e terrível. A vida do homem perante o leviatã é precária, a menos que a graça divina intervenha e que mensagem trazida por Jesus nos conte a verdade da questão. Por isso mesmo, os homens encontram consolo na presença do Senhor, em vez de O temerem.

> *Acheguemo-nos, portanto, confiadamente, junto ao trono da graça, a fim de recebermos misericórdia e acharmos graça para socorro em ocasião oportuna.*
>
> (Hebreus 4.16)

Adam Clarke, que ao longo de seus comentários se referiu ao crocodilo como leviatã, no fim do capítulo indagou: "Afinal, que é o *leviatã?* Tenho fortes dúvidas se está em foco a baleia ou o crocodilo. Penso até que o crocodilo é avaliado excessivamente por essa descrição". Em seguida, Adam Clarke chega a especular se algum animal atualmente extinto poderia estar em pauta. Mas ele se aproxima da verdade da questão quando começa a falar sobre o leviatã como *emblema,* e não como animal, na verdadeira acepção da palavra, e especula que o próprio diabo pode estar em vista, mas, ato contínuo, duvida igualmente dessa idéia. Ele conclui com esta observação: "Mas, depois de tudo quanto foi dito, ainda temos de aprender o que é o leviatã!". Se ele tivesse tido a vantagem da erudição moderna, estaria consciente da tradição mitológica sobre o monstro marinho, o leviatã, uma espécie de figura de semideus, como falando sobre o *caos.*

Devemos entender que até mesmo essa força temível está sujeita a Deus, o Criador e a origem de todas as coisas e, por conseguinte, o Controlador de tudo. Até mesmo o problema do mal, por que os homens sofrem e por que sofrem como sofrem, embora seja enigmático para nós em muitos aspectos (e compreendido em *alguns* casos), é solucionado pela providência de Deus, afinal. O livro de Jó não apela para uma vida pós-túmulo, na qual todas as coisas serão endireitadas e todos os ferimentos serão curados. Portanto, o autor sagrado deixa o melhor *argumento* de todos, ao discutir as *razões* do sofrimento humano. Jó aproximou-se da crença no pós-vida em Jó 19.25-26, mas pós isso dentro do contexto da defesa de sua inocência, e não da solução do problema geral do mal. Esse tema do pós-vida é inconsistente em todas as discussões. A teologia dos hebreus era deficiente nessa área, e foi somente no tempo dos Salmos e dos Profetas que a idéia da alma começou a figurar no pensamento dos hebreus. Ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Problema do Mal,* bem como a seção V da *Introdução* presente livro.

Neste ponto, termina o segundo discurso divino, e agora olhamos a reação e a esperança de Jo quanto à sua própria *restauração* (temas do capítulo 42).

Capítulo Quarenta e Dois

O Arrependimento de Jó (42.1-6)

O primeiro discurso divino reduziu Jó a um silêncio atônito, mas não arrancou dele nenhuma ação. Ver Jó 40.3-5. Ele confessou que "nada significava" e pôs a mão sobre a boca. Mas agora ele agia, respondendo positivamente, ao ver a luz no fim do túnel de seus sofrimentos. Ele confessou sua ignorância e arrogância. Ele esteve errado ao abusar de Deus com suas queixas amargas. Ele falou de assuntos sobre os quais pouco ou nada sabia; confessou que havia coisas "altas demais para ele", e que não deveria ter saído a falar infantilmente sobre elas. Jó, porém, experimentou uma espécie de experiência mística (vs. 5), vendo Deus, ou seja, Sua *teofania.* Por conseguinte, ele se "arrependia" e abominava a si mesmo. Naturalmente, ele era um pecador, mas as coisas tinham ficado claras, já que ele não sofria por causa de algum estado pecaminoso, nem era punido em razão desse estado. Ver Jó 2.3. Seus sofrimentos tinham sido grandes demais para serem lançados na conta de sua vida moral. Não obstante, quando fitou a Deus, Jó viu a massa lamentável em que se transformara e arrependeu-se de todas as palavras duras e de todos os atos maus que tinham caracterizado sua vida. O humilhado Jó podia agora avançar para a cura e para a restauração, o que encontramos no epílogo do livro.

"Na primeira reação de Jó (ver Jó 40.3-5), ele admitiu seu caráter finito diante da exibição divina de numerosas maravilhas da natureza, acima, neste mundo e debaixo da terra. Mas ele não se submeteu à soberania de Deus para livrar-se de seu orgulho. Agora, em sua segunda reação e resposta, Jó confessava essas duas coisas. Avassalado pela força de beemote e leviatã, Jó sentiu sua inadequação para conquistar e controlar o mal que eles representavam. Portanto, Jó viu novamente a grandeza do poder e da soberania de Deus... Seus esforços por cortar o *plano de Deus* foram, agora, vistos como fúteis" (Roy B. Zuck, *in loc.*).

42.1-2

Então respondeu Jó ao Senhor. Ver a introdução a este capítulo, que oferece uma caracterização geral. Jó respondeu pela *segunda* vez, e sua réplica ao segundo discurso divino ocupa Jó 40.6-42.6. Ele deu resposta a *Yahweh,* o nome distintivo de Deus entre os hebreus, o que demonstrava que o livro estava destinado aos leitores hebreus.

Todas as coisas são conhecidas por Yahweh e estão sob o Seu controle; Ele pode fazer todas as coisas. Ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Atributos de Deus,* onde são enfatizados assuntos como *onipotência* e *onisciência* de Deus. Ver no *Dicionário* os artigos separados sobre esses assuntos.

Os *discursos divinos* exerceram efeito! Jó viu Deus conforme Ele é, e também viu a si mesmo conforme ele realmente era (vs. 6). A cura estava a caminho. Ele confiou em Deus para fazer o que é certo, abandonando sua conversa infantil sobre o caráter arbitrário de Deus, Sua justiça e Sua indiferença. Deus provou a *debilidade* de Jó (ver Jó 40.15; 41.34). em contraste com Jó (ver Jó 40.8-14), Deus era competente para tratar com o mundo. Nenhum mal pode emanar da parte de Deus Pai (ver Tia. 1.13,17).

42.3

Quem é aquele, como disseste...? *Os ousados discursos de Jó* tiveram o efeito de ocultar o conselho divino, sendo conversas inchadas sem grande conhecimento. Ele falou do que não compreendia, proferindo coisas por demais elevadas para ele. Em outras palavras, conforme dizemos em uma expressão idiomática moderna, "ele estava fora do seu elemento". Schopenhauer disse sobre Hegel e Fichte: "Eles são sacos cheios de vento na filosofia". E, por causa dessa declaração, ele perdeu sua posição na Universidade de Berlim. Jó, pois, agora, confessava ser o saco de vento da teologia e perdeu a sua arrogância. "Agora estava abandonada a idéia de que ele poderia refutar ousadamente qualquer das acusações 'falsificadas' de Deus (ver Jó 23.4-7; 31.35,36)" (Roy B. Zuck, *in loc.*).

Jó, pois, deveria ter tido a mesma atitude de Davi e poupado a si mesmo muitas tribulações:

> *Senhor, não é soberbo o meu coração, nem altivo o meu olhar; não ando à procura de grandes cousas, nem de cousas maravilhosas demais para mim.*
>
> (Salmo 131.1-2)

Quem é aquele, como disseste, que sem conhecimento encobre o conselho? Com essas palavras, Jó citou a voz divina que lhe tinha sido endereçada e confessou que a verdade fazia parte da pergunta. Ele estava ocultando o conselho, mediante seus discursos tolos. A citação foi feita a partir das palavras de Deus, em Jó 38.2, proferidas no início do primeiro discurso divino. A exposição naquele ponto aplica-se também aqui.

42.4

Escuta-me, pois, havias dito, e eu falarei. Jó citou novamente o que a voz divina lhe havia dito a ele, no começo de cada um dos dois discursos divinos. Ver Jó 38.3 e 40.7, onde ofereço notas expositivas abundantes. "Quanto de nosso conhecimento de Deus deriva apenas do ouvir dizer? Assim será enquanto não nos for dado o *ensino experimental* do Espírito Santo, o que nos revela Deus à nossa

consciência, capacitando-nos, realmente, a vê-Lo com nossos olhos internos. A confissão de Jó, por conseguinte, é a confissão de todo o homem convertido" (Ellicott, *in loc.*). Cf. Gál. 1.16, quanto à experiência do apóstolo Paulo. Jó citou Yahweh, admitindo sua incapacidade de responder às perguntas feitas por Deus. "Jó foi reprovado em seu exame teológico". As *setenta perguntas* (expressas de forma interrogativa ou declarativa) feitas por Deus deixaram Jó confuso. O propósito dessas indagações era tapar a boca de Jó, levando-o a reconhecer a própria ignorância, e, nessa "nova atmosfera", obter um lance de olhos da majestade de Deus.

"Jó agora estava disposto a tomar o conselho de Eliú e segui-lo (ver Jó 34.31-32)" (John Gill, *in loc.*).

42.5

Eu te conhecia só de ouvir. O *conhecimento experimental*, por meio da administração do Espírito Santo, é muito mais revelador, poderoso e eficaz do que aprender de outros, ler em livros etc. A visão que Jó teve da teofania lançou nova luz sobre os seus problemas de conhecimento e sabedoria. Jó foi soerguido, mediante sua experiência mística (ver sobre *Misticismo*, no *Dicionário*). É deveras maravilhoso obter conhecimento da parte de outras pessoas; podemos obter muito conhecimento a partir de livros que outros escreveram laboriosamente. Mas também precisamos da iluminação do Espírito. Dessa maneira, nosso crescimento espiritual é auxiliado. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Iluminação* e também o verbete denominado *Desenvolvimento Espiritual, Meios do.* Essas diferentes maneiras de obter conhecimento não competem umas com as outras. Sempre será uma tolice depender somente da experiência mística. Algumas pessoas muito superficiais reivindicam demais para si mesmas. Existe aquele *misticismo falso* das massas populares. Em muitos casos, as *profecias* das pessoas são vazias, em comparação com o conhecimento acumulado que os mestres descrevem em livros. Mas isso não significa que o Espírito Santo ocasionalmente não aja de forma independente, conferindo conhecimento e sabedoria como um dom da graça.

Importância da Experiência de Jó Neste Versículo. A voz divina levou Jó à revelação divina, e foi assim que ele foi colocado na vereda certa e atingiu a maturidade espiritual que lhe faltava. A *teologia tradicional* é insuficiente. A inspiração divina deve permear nossa mente e continuar a ensinar-nos novos discernimentos e novos conhecimentos. *Eliú* tinha afirmado ser um revelacionista, em contraste com os três amigos de Jó, que eram apenas indivíduos dogmáticos e tradicionalistas. O dogma é bom; as tradições são boas. Mas também precisamos da revelação. Ver Jó 33.8. Mas sempre entram *abusos* em qualquer sistema. Eliú afirmava demais a seu próprio respeito. Ele se julgava possuidor de tremendas revelações, mas não foi capaz de responder à indagação: "Por que os *inocentes* sofrem?". Não obstante, pôde fazer mais adições proveitosas à discussão do que fizera a terrível tríade. Ver o gráfico no fim do capítulo 37, quanto às contribuições de Eliú. O misticismo, por certo, é motivo de abuso pelos fingidos, consciente ou inconscientemente. Além disso, sempre tenhamos receio do homem que faz de "suas revelações" algo mais importante do que o conhecimento de outras pessoas, porque esse homem é um arrogante. Além disso, as revelações tendem a ser subjetivas e auto-inventadas, algumas vezes baseadas nas próprias funções psíquicas do indivíduo, que ele confunde com os movimentos do Espírito de Deus. Ademais, *todos* os modos de conhecimento são *imperfeitos* e contêm erros. A primeira coisa que o verdadeiro místico faz é duvidar de sua própria revelação. Ele precisa submeter tudo a teste, "provando os espíritos". Mas também deve ter receio dos indivíduos dogmáticos e tradicionalistas que negam a necessidade da inspiração do Espírito. Esses fazem *estagnar* a fé religiosa, e aquilo de que menos necessitamos é a estagnação. Precisamos de pessoas que experimentam os modos de conhecimento e anseiam por "ultrapassar" as tradições. Nada existe de tão mortífero para a busca pela verdade do que o homem que só sabe citar versículos bíblicos, como se esse método resolvesse todos os problemas no céu e na terra. Em primeiro lugar, a própria Bíblia não pretende solucionar todos os problemas de conhecimento. Em segundo lugar, as *interpretações* podem fazer a Bíblia apoiar sistemas muito diferentes entre si. Portanto, precisamos avançar e experimentar, precisamos dedicar-nos à perene investigação.

O versículo que ora comentamos, para algumas pessoas, apresenta a "lição suprema" do livro de Jó. Porém, embora versículo não nos dê a lição suprema, ainda assim temos uma lição importantíssima. Nem mesmo para o verdadeiro místico a inspiração recebida é *suprema*. Caros leitores, a *lei do amor* é a revelação suprema. As pessoas ficam inchadas tanto pelo conhecimento acumulado como pelo revelado, mas o amor ultrapassa ambos os tipos.

> *Ainda que eu tenha o dom de profetizar e conheça todos os mistérios e toda a ciência; ainda que eu tenha tamanha fé, a ponto de transportar montes, se não tiver amor, nada serei.*
>
> (I Coríntios 13.2)

Defronte da minha residência há uma igreja evangélica carismática, e as pessoas ali presumivelmente falam em línguas e profetizam, querendo demonstrar uma espiritualidade superior. Mas quando a esposa do porteiro teve um derrame e ficou paralisada em seu leito, nenhuma das mulheres da igreja veio para dar à pobre mulher o seu banho diário. Oh, sim, elas vieram para tentar expulsar os "demônios causadores do derrame" e provocaram-lhe dores físicas aplicando-lhe tabefes, na tentativa de expulsar os espíritos. Mas ninguém lhe deu um banho. Então, minha esposa, que nada sabe sobre as experiências místicas, visitava aquela irmã todos os dias e lhe dava um banho. As mulheres daquela igreja ouviram falar desse ato de amor, e uma delas observou sobre minha esposa: "Oh! Ela é um anjo!". Se estou entendendo corretamente I Cor. 13, então digo: é melhor ser um anjo de boas obras, de atos de amor, do que falar em línguas e profetizar. Por outro lado, que nenhum crente negligencie a comunhão com o Espírito e o que isso confere; a espiritualidade deve ter *ambas* as qualidades sobre as quais falaram tanto Tiago quanto Paulo, sob pena de se ficar de cabeça para baixo. Um número demasiadamente grande de pessoas viradas de cabeça para baixo enfatizam o *seu próprio lado* das coisas, e logo se tornam arrogantes.

"O que *agora* Jó conhecia acerca de Deus era incomparável a suas idéias anteriores, pois, então, ele era realmente um ignorante. A confrontação pessoal com Deus silenciou sua argumentação e aprofundou ainda mais seu respeito por Deus" (Roy B. Zuck, *in loc.*).

"Os meus olhos te vêem. O sábio tornou-se um *profeta* (cf. Isa. 6.5). E, à semelhança de um profeta, que contempla um Deus santo, foi lançado nas manoplas do auto-aborrecimento... Assim sendo, o vs. 5 está indissoluvelmente ligado às linhas que se seguem. Finalmente, Jó, o orgulhoso xeque, tomou consciência de sua pecaminosidade e foi capaz de se confessar" (Samuel Terrien, *in loc.*).

Os intérpretes hebreus falam aqui da glória *shekinah* (ver sobre essa palavra no *Dicionário*), ao passo que os intérpretes cristãos cristianizam o versículo para que ele ensine que Jó viu uma aparição do *Logos* no Antigo Testamento. Naturalmente, nenhum homem viu ou poderá ver Deus em Sua essência. Mas as teofanias divinas podem ser vistas. Ver João 1.18, no *Novo Testamento Interpretado*, quanto a uma discussão sobre os problemas envolvidos.

A Presença Divina. Em sua *visão beatífica*, Jó obteve a melhor resposta para o problema do mal. Na presença de Deus, sabemos que há respostas para o enigma do sofrimento, embora não obtenhamos respostas *racionais*. Deus está em Seu trono, Sua Presença está à disposição dos homens e, *finalmente*, tudo correrá bem no mundo. Ver sob o ponto *10* de minha discussão no vs. 6 deste capítulo, quanto a uma aplicação da discussão.

42.6

Por isso me abomino, e me arrependo. *O Arrependimento de Jó.* Pontos a considerar:

1. Jó não disse que seus *pecados* tinham *causado* seus sofrimentos, pois, afinal, o próprio Deus havia declarado que ele sofria "sem causa" (ver Jó 2.3).
2. A terrível tríade dos consoladores molestos de Jó (ver Jó 16.2), bem como Eliú, dependeram da explicação de uma *Lei Moral da Colheita segundo a Semeadura* (ver a respeito no *Dicionário*), como se isso resolvesse todos os problemas atinentes à razão do sofrimento dos homens e por que eles sofrem como sofrem (ver no *Dicionário* o artigo chamado *Problema do Mal*, bem como a seção V da *Introdução* ao livro de Jó). Mas *essa* explicação, que esclarece grande parte do sofrimento humano, não era a solução para o caso de Jó, pois ele, como indivíduo *inocente*, ainda assim sofria.
3. Sem embargo, temos uma verdadeira confissão de pecado. Jó jamais afirmara não ter nenhum pecado. Ele tão-somente havia insistido sobre o fato de serem seus sofrimentos tão grandes, que não podiam ser explicados por seus pecados. Ele também confessara ter plantado algumas sementes do mal na juventude (ver Jó 13.26), mas não sentia que estava sofrendo por causa desses erros. A confissão de pecados, que vemos no presente versículo, por conseguinte, era a arrogância por haver falado infantilmente contra Deus, em seus discursos ousados. Naturalmente, ele obteve uma boa visão de todos os seus pecados e sua confissão abriu caminho para a cura e a restauração, sobre o que o epílogo trata, embora seus pecados não fossem a *causa* de suas dores.
4. Para que Jó fosse curado e restaurado, ele teve de experimentar a presença de Deus e crescer espiritualmente. Dessa maneira, seus sofrimentos atuaram como *medida disciplinadora* que provocou o seu crescimento espiritual.
5. Além disso, os sofrimentos de Jó faziam parte do seu *destino*, para seu crescimento espiritual. Os homens que sofrem, se aceitam corretamente esse sofrimento, ganham terreno espiritual inteiramente à parte de seus pecados.
6. Jó tinha sido um *egocêntrico* em sua suposta sabedoria e espiritualidade superior. Ele foi um homem exemplar, conforme deixa claro o prólogo. Contudo, sua visão de Deus o tornou um homem muito mais teocêntrico do que ele era, e isso foi necessário ao seu crescimento. Embora Jó tivesse sido um homem exemplar, em comparação a Deus ele se "dissolvia no nada"; então, ele desprezou a si mesmo, como uma criatura pecaminosa, e arrependeu-se no pó e na cinza. Arrepender-se no pó e na cinza era uma "cerimônia externa

usada pelas pessoas chorosas e penitentes (ver Jó 2.8 e Jon. 3.6) como expressão da sinceridade do arrependimento" (John Gill, *in loc.*).

7. Jó foi reduzido ao *auto-aborrecimento,* uma experiência especial para os homens que usualmente são arrogantes acerca de quem são e do que fazem. Estando assim reduzido, Jó pôde ser exaltado em sua restauração. Jó abominou suas palavras, mas também abominou a si mesmo. Ele atingiu o máximo de humildade. A humildade é uma virtude espiritual que falta ao ser humano e faltava também a Jó.

> *Humilhai-vos, portanto, sob a poderosa mão de Deus, para que ele, em tempo oportuno, vos exalte.*
>
> (I Pedro 5.6)

8. Amargura e orgulho tinham-se seguido à sua perda de riquezas, familiares e saúde (ver Jó 32.2; 33.17; 35.12,13 e 36.9). Ele tinha de libertar-se desses sentimentos antes que pudesse ser restaurado. Mas não foram eles que causaram as suas dores; ele já estava sofrendo quando essas coisas lhe sobrevieram; na verdade, as dores de Jó é que as *causaram.*
9. "Por isso me abomino." As palavras hebraicas por trás dessa declaração são obscuras. Mas provavelmente estão relacionadas a uma raiz que significa "dissolver-se no nada": *eu me arrependo.* A palavra hebraica aqui usada não era comumente empregada para indicar o arrependimento de pecados, mas é um vocábulo que expressa o máximo de tristeza e autodepreciação. Tal experiência seguiu, em vez de preceder, a visão de Deus" (*Oxford Annotated Bible,* comentando sobre o vs. 6 deste capítulo).
10. *A Presença.* "O problema do qual o livro de Jó é a discussão mais profunda encontra aqui a solução. Levado à presença de Deus, Jó revelou-se a si mesmo. Em nenhum sentido um hipócrita, mas piedoso e possuidor de uma fé que toda a sua aflição não pôde abalar, Jó, ainda assim, possuía autojustiça e era falho quanto à humildade. O capítulo 29 desvendou plenamente essa questão. Na presença de Deus, entretanto, ele antecipou, por assim dizer, a experiência de Paulo (ver Fil. 3.4-9), e o problema foi solucionado. Os piedosos são afligidos para que possam ser conduzidos ao autoconhecimento e ao autojulgamento. Tais aflições não são penais por causa de seus pecados, mas são *remediais* e purificadoras. O livro de Jó fornece uma sublime ilustração da verdade anunciada em I Cor. 11.31-32 e Heb. 12.7-11. O melhor de tudo é que tais autoconhecimento e autojulgamento são o prelúdio para maior frutificação (vss. 7-17; João 15.2). Cf. Jos. 5.13,14; Eze. 1.28; 2.1-3; Dan. 10.5-11" (*Scofield Reference Bible,* sobre Jó 42.6, fornecendo anotações brilhantes e espirituais).

A Presença. Encontramos a solução para o *problema do mal* na presença de Deus. Nem por isso, temos uma resposta intelectual ao problema; mas, na presença de Deus, sabemos que o bem deve triunfar e que há razões genuínas para explicar o enigma do sofrimento. Ainda não aprendemos muitas dessas razões, mas, na presença de Deus, sentimos que elas existem. Ademais, sabemos que há cura e prosperidade no Espírito, finalmente. "*O problema filosófico* não fica resolvido, mas é transfigurado pela *realidade teológica* do arrebatamento divino-humano" (*Oxford Annotated Bible,* comentando sobre o vs. 5 deste capítulo).

Na *Introdução* ao livro de Jó, seção V, apresento um sumário de "respostas" ao problema do mal, que o livro registra. Conspícua por sua ausência, é qualquer argumentação de que o pós-*vida* soluciona todos os problemas da dor, na vida presente. O livro de Jó não apela para a noção da sobrevivência da alma e recompensas e punições como meio de explicar ou infundir esperança quanto ao sofrimento humano nesta vida. A teologia patriarcal ainda não havia avançado a esse ponto, mas isso se tornou uma resposta a qualquer discussão moderna sobre o problema. Enfatizo isso nos artigos chamados *Problema do Mal e Visão Beatífica,* no *Dicionário.*

Epílogo (42.7-17)

Os molestos consoladores de Jó são repreendidos Deus reverte a fortuna de Jó. Paz e abundância material substituem a enfermidade e a carência.

Tive um professor de latim que observou diante de mim, certo dia, que as tragédias gregas são superiores à história de Jó, porquanto a experiência humana mostra que o homem esmagado morre esmagado. Por outro lado, algumas vezes, grandes reversões caracterizam a *presente vida* do ser humano. Nem sempre precisamos esperar pelo céu para prosperar e ficar livres dos sofrimentos e dos problemas. Alguns eruditos pensam que o término "exageradamente otimista", que foi dado a Jó, indica que esse *epílogo* não fazia parte original do livro de Jó, mas, antes, foi adicionado por algum editor subseqüente para "corrigir" o livro, criando um final que inspira a esperança e não o desespero. Todavia, não há nos manuscritos nenhuma evidência quanto a essa conjectura, tanto no hebraico quanto nas versões. Portanto, afirmo novamente que Deus pode reverter um curso lamentável, transformando-o em um término de triunfo e alegria, *nesta vida.* Algumas vezes, o silêncio de pedra é quebrado de súbito, com a voz jubilosa de Deus vinda do céu, que abençoa e faz prosperar. *Oh, Senhor, concede-nos tal graça!*

Caros leitores, a sombra da mão de Deus cai sobre a seção final do livro de Jó; nós a vemos e nela percebemos a providência divina em nosso favor. E corretamente discernimos essa esperança, porque, afinal de contas, Deus é o Deus de amor. Além disso, Deus é a solução para os problemas, e não a deidade que nos abandona em nossas dores. Os homens sofrem de maneiras horríveis, e até os inocentes sofrem. Mas *isso* não representa o capítulo final do livro da vida humana, tal como essa situação não terminou o livro de Jó. Em sentido real, o *epílogo* do livro de Jó é, igualmente, o epílogo de toda a existência humana. Para os remidos, haverá redenção, mas, para os perdidos, haverá restauração em uma glória menor. Certamente, é isso o que ensina Efé. 1.9-10. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Mistério da Vontade de Deus.* Os homens que enfatizam demasiadamente o julgamento esquecem que ele é apenas um lado da mão divina amorosa, e é remedial, e não meramente retributivo, conforme ensina I Ped. 4.6. Não nos inclinemos diante de uma teologia inferior nem rejeitemos a esperança.

Portanto, permitamos que o *epílogo de Jó* fique como está. Que ele permaneça como o fim de um livro que versa sobre o sofrimento. Que o epílogo do livro de Jó represente toda a experiência humana e como as coisas finalmente terminam. As operações de Deus se estendem às eras futuras, muito para lá da morte biológica da raça humana. Nesse futuro, o amor continuará a operar e a restaurar. É exatamente isso o que podemos esperar da parte do Deus de amor.

42.7

Tendo o Senhor falado estas palavras a Jó. Os consoladores molestos de Jó (ver Jó 16.2) tinham insistido na estrita operação de uma *Lei Moral da Colheita segundo a Semeadura* (ver a respeito no *Dicionário*). Portanto, eles mesmos deveriam colher o que haviam semeado. Eles perseguiram um homem inocente por causa de uma teologia deficiente, e tiveram de sofrer as dores enviadas pelo céu. O Deus temível apareceu a *Elifaz* para transmitir-lhe a mensagem da condenação. Ele passou por uma experiência mística notável, como um sonho, uma visão ou a visita de uma teofania, e essa palavra se cumpriu. Houve apresentações falsas de Deus a atacar Jó. Os três amigos de Jó exaltaram seus dogmas e suas tradições, onde não havia nenhum conceito que permitisse a um inocente sofrer. Por conseguinte, eles chegaram à conclusão de que Jó era culpado. A teologia deles era deficiente e, na verdade, todas as teologias o são. Temos de continuar aprendendo, a fim de que a verdade prospere entre nós. Não existe estagnação, nem há, em nenhum ponto da história, um sistema sem defeitos, erros e inadequações. E não existe, hoje em dia, um sistema que seja como Deus, isto é, *perfeito.* Ter como perfeição qualquer outra coisa além de Deus é criar um *ídolo.*

"Conforme Jó predissera, as coisas não correram bem para os seus três amigos (ver Jó 13.7-9). Eles pensavam conhecer os caminhos de Deus, mas não esperavam pelo que presenciaram! As palavras 'meu servo, Jó', ditas por Deus por quatro vezes, em Jó 42.7-8, apontam para sua posição restaurada de servo obediente e para a confiança do Senhor (cf. Jó 1.8 e 2.3)" (Roy B. Zuck, *in loc.*).

Quanto ao que sabemos sobre os três "consoladores", ver as notas expositivas em Jó 2.11. Provavelmente Elifaz era o mais idoso (e sábio) dos três, pelo que foi escolhido como o instrumento que receberia a mensagem de repreensão divina.

Eliú não é mencionado no epílogo nem no prólogo. Os críticos vêem nisso uma evidência de que seus discursos foram adicionados a um livro truncado, para preencher espaço, e não faziam parte do plano do autor original. Ver essa idéia na introdução ao capítulo 32. Os estudiosos conservadores supõem que os discursos de Eliú tenham sido essencialmente puros e irreprimíveis. Contra isso, podemos observar que ele repetiu os argumentos dos três amigos de Jó, embora tivesse contribuído muito mais para a discussão do que eles. Ver no fim do capítulo 37 o gráfico que ilustra as suas contribuições.

42.8

Tomai, pois, sete novilhos e sete carneiros. Isso para evitar que fossem severamente punidos, por causa da *insensatez;* eles precisariam de: 1. sacrifícios apropriados; e 2. orações medianeiras de Jó, que devem ter sido muito amargas, sem falar no elemento *surpresa* contido nelas. Eles apresentaram mal a verdade, pois não falara, em *favor* de Deus e perseguiram Jó com falsas acusações. Nem uma única vez aqueles homens miseráveis oraram por Jó, porém, o homem perseguido seria generoso e oraria por eles. Irados, eles procuraram ferir Jó e reivindicaram estar servindo a Deus, algo tão comum entre os perseguidores nos círculos religiosos. A arrogância sempre se faz presente nesses casos. "Jó tinha anelado por um mediador entre si mesmo e Deus (ver Jó 16.19-21), visto que seus três compatriotas não intercediam por ele. Ironicamente, entretanto, ele mes-

mo se tornou o mediador *em favor deles,* embora eles não tivessem pedido nenhum mediador" (Roy B. Zuck, *in loc.*).

Oferecei holocaustos. Cf. Jó 1.5, onde vemos Jó fazendo tais sacrifícios em prol de seus filhos. Jó 1.2 mostra que Jó tinha *sete* filhos, sendo provável, pois, que ele oferecesse sete sacrifícios. Contudo, não parece haver coisa alguma de especial quanto ao número. Provavelmente, é por pura coincidência o número de *sete* animais em Jó 1.5, bem como no presente versículo. O número sete representa um sacrifício completo ou total. Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Holocausto.*

Esta passagem deve ser comparada a Núm. 23.2-29. O livro de Jó foi escrito como se pertencesse à época dos patriarcas, e a discussão sobre a lei foi cuidadosamente evitada. Mas os sacrifícios expiatórios eram uma prática antiquíssima, antecedendo ao período patriarcal. Cf. também Eze. 4.22-25.

42.9

Então foram Elifaz... Bildade... e Zofar. *A terrível tríade* agiu conforme ordenado: sacrifícios foram devidamente oferecidos, e Jó desempenhou seu ofício de mediador. O resultado foi o *perdão* para aqueles que tinham errado. Portanto, esse é outro bom resultado que encontramos neste epílogo.

"O espírito perdoador de Jó serve de prefiguração do amor de Jesus Cristo e dos cristãos, quanto aos seus *inimigos* (ver Mat. 5.44; Luc. 23.34; Atos 7.60; 16.24,28,30,31)" (Fausset, *in loc.*).

Tipo. Os que cristianizam o episódio vêem em Jó um tipo de Jesus, o Mediador. Ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Mediação (Mediador).* "Seu povo é aceito no Amado, tal como o são todos os seus serviços e sacrifícios de oração e louvor (Mat. 3.17; Efé. 1.16; I Ped. 2.5)" (John Gill, *in loc.*).

42.10

Mudou o Senhor a sorte de Jó. Aprecio a tradução da King James Version, "O Senhor mudou o *cativeiro* de Jó", pois ela subentende que Jó estivera cativo dos poderes caóticos que causaram sua enfermidade e dor, bem como a perda de tudo quanto possuía. Suas orações não foram respondidas, mas a voz do céu livrou-o de todos os seus adversários. Mas é provável que nossa versão portuguesa, que acompanha a Revised Standard Version, esteja mais correta. Jó intercedeu por seus amigos molestos e, no meio daquele serviço altamente humanitário, ele mesmo foi grandemente favorecido e ganhou da parte do Senhor o *dobro* de tudo quanto tivera. Sua juventude e suas forças físicas foram renovadas para assemelhar-se às da águia. Seu período de maldição havia terminado. Em seguida, ele recebeu de volta todas as suas possessões materiais, em dobro, e uma nova família. O *epílogo* dá-nos conta do poder de Deus em curar e restaurar, *revertendo* as tragédias e os retrocessos. Também se destaca a *intervenção divina* em tempos difíceis, pelo que oramos e olhamos para o céu, a fim de recebê-la.

> *Quem perdoa todas as tuas iniqüidades; quem sara todas as tuas enfermidades; quem da cova redime a tua vida e te coroa de graça e misericórdia; quem farta de bens a tua velhice, de sorte que a tua mocidade se renova como a da águia.*
>
> (Salmo 103.3-5)

Jó foi abençoado com o "efeito de Ezequias", recebendo vida além das expectações de seu código genético e de sua herança e condições físicas, porquanto ainda tinha coisas para fazer, e recebeu longa vida a fim de cumpri-las. Oh, Senhor, concede-nos tal graça! (ver II Reis 20.6).

O *problema do mal,* pois, foi resolvido para Jó. Ver as notas expositivas no vs. 6, bem como a introdução ao epílogo, no vs. 7, quanto a um desenvolvimento do tema. Note-se que foi Deus quem redigiu o último capítulo do drama, e não as forças do caos.

Eliú tinha prometido que a juventude de Jó seria restaurada e ele teria um novo dia, se cumprisse as condições divinas:

> *Sua carne se robustecerá com o vigor da sua infância, e ele tornará aos dias da sua juventude.*
>
> (Jó 33.25)

"A disciplina pessoal de Jó não se completou, enquanto ele não passou da esfera de suas próprias tristezas para o trabalho de intercessão em favor de seus amigos; foi através desse ato de auto-esquecimento e auto-sacrifício que se processou o seu próprio livramento. Mas, quando ele orou por seus amigos, conforme somos informados, o Senhor mudou a sua sorte! Em outras palavras, ele foi restaurado e reintegrado na prosperidade, ainda mais do que o era no começo"(Ellicott, *in loc.*).

A Lição Universal. O texto fala sobre a aplicação da lei do amor. Jó orou por aqueles que se tinham mostrado seus amargos inimigos. Aquele que segue a lei do amor abençoa e é abençoado.

> *Quando o Senhor restaurar a sorte do seu povo, então, exultará Jacó, e Israel se alegrará.*
>
> (Salmo 14.7)

"Deus estava agora prestes a mostrar a Jó a Sua *misericórdia,* que só pode ser revelada aos *misericordiosos.* Jó precisou perdoar seus amigos sem ressentimentos... Aquele que *ora* por outrem não pode entreter inimizade contra ele. Portanto, Jó orou e, quando orou por seus amigos, Deus mudou sua sorte" (Adam Clarke, *in loc.*).

"Note-se que a restauração de Jó é enfaticamente vinculada à sua atitude para com os amigos, porquanto o texto hebraico significa literalmente: '*porque* ele orou em favor de seu próximo'" (Samuel Terrien, *in loc.*).

"Um homem bom orará não somente por si mesmo, conforme Jó sem dúvida o fez, mas também por outras pessoas, por seus amigos naturais e espirituais, por pessoas sem gentileza, e até pelos inimigos. E a oração do homem reto é muito aceitável diante do Senhor" (John Gill, *in loc.*).

42.11

Então vieram a ele todos os seus irmãos. *A Jubilosa Reunião e Celebração.* As boas novas se espalharam rapidamente, e todos os ex-amigos, incluindo a terrível tríade e Eliú, bem como todos os seus parentes, reuniram-se na casa de Jó para um banquete de ação de graças. Todos eles trouxeram ao bom homem presentes, entre eles um anel de ouro, sinal especial de amizade. É provável que fosse, na realidade, um anel de nariz (ver Gên. 24.22,47 e Isa. 3.21). Esses presentes simbolizavam cortesia e amizade e, na ocasião, foram um sinal de alegria especial. A intervenção divina corrigira tudo quanto estava errado.

> *Isto procede do Senhor e é maravilhoso aos nossos olhos. Este é o dia que o Senhor fez; regozijemo-nos e alegremo-nos nele. Oh! Salva-nos, Senhor, nós te pedimos; oh! Senhor, concede-nos prosperidade. Bendito o que vem em nome do Senhor.*
>
> (Salmo 118.23-26)

Jó foi restaurado; seus amigos voltaram; sua saúde lhe foi devolvida; agora ele era novamente um homem próspero. Foi permitido a Jó ver a reversão do passado e o alvorecer de um novo dia. O crocodilo abriu seus olhos, e o sol gloriosamente iluminou a terra inteira. Ver sobre a figura do crocodilo e seus olhos, em Jó 41.18. O hieróglifo egípcio para indicar a alvorada era um olho aberto de crocodilo. Essa fera era capturada encobrindo-se seus olhos com barro, e figurativamente tinha sido removido o barro dos olhos de Jó. Um novo dia amanhecera diante de Jó. Ele era um homem de oração e de observâncias religiosas, e não deixou seus amigos de fora, nem mesmo os que se tinham voltado contra ele. Esse era o segredo do poder de Jó.

> *Ora melhor aquele que ama mais.*
> *Ele ora por todas as coisas, as grandes e as pequenas.*
> *Pois o caro Deus que nos ama,*
> *Ama a todos.*
>
> (Coleridge, adaptado)

Os amigos reunidos e os familiares de Jó lamentaram pelo que lhe havia acontecido, e o *consolaram* (o que deveriam ter feito antes, mas não o fizeram). Talvez Jó ainda tivesse cicatrizes psicológicas, devido à má experiência. Falar sobre as coisas ajuda as pessoas a entrar em bons termos com as perdas, e a começar a esquecer a má sorte.

42.12

Assim abençoou o Senhor o último estado de Jó. *Dupla Restauração.* Jó estava de volta às atividades normais da vida, mais forte do que nunca. O autor sagrado teve o cuidado de dizer com detalhes como as possessões materiais de Jó lhe foram restauradas. Já constatamos que sua saúde e sua posição social lhe foram recuperadas. Seus amigos voltaram a ele. Adicione-se a essas coisas desejáveis sua prosperidade material, considerada no Antigo Testamento um sinal de bênçãos divinas. Este versículo repete Jó 1.3, que descreve as riquezas anteriores de Jó, mas agora essas riquezas foram duplicadas. Este versículo diz que foi *bom* Jó ter mantido a integridade, que ele não se refugiou no ateísmo em meio à provação. Ele demonstrou que um homem pode adorar e servir Deus na

adversidade, mesmo quando não há nenhuma vantagem pessoal à vista. Jó derrotou a diabólica tese do *egoísmo* e também demonstrou que existe a *adoração desinteressada*, o tema principal do livro. Ver as notas expositivas que se seguem ao subtítulo, *Ao Leitor*, na introdução ao livro, quinto parágrafo. Ver as notas expositivas na introdução à seção de Jó 1.9-12, bem como as observações visando o esclarecimento sobre o tema principal de Jó. Ademais, para Jó, o *Problema do Mal* (ver a respeito no *Dicionário*) foi solucionado pela presença de Deus e por eventos subseqüentes ao seu encontro com a teofania. Ver o vs. 6 do presente capítulo. O problema do mal era um corolário necessário ao tema principal.

Os consoladores molestos de Jó (ver Jó 16.2) predisseram que haveria prosperidade material para um Jó penitente, como sinal do valor divino (ver Jó 5.8,17-26; 8.5-7; 11.13-19). Podemos afirmar que, sob circunstâncias normais, a prosperidade no Antigo Testamento era considerada sinal da aprovação divina a uma vida humana, mas isso não significa que Jó, ao perder tudo, tivesse caído na desaprovação divina. A prosperidade material, de acordo com a doutrina dos hebreus, era dada a um homem por causa da *justiça* (um homem é recompensado se ele é bom) e mediante a *graça* divina (Deus dá Suas bênçãos a alguém livremente, pois a nada está obrigado).

"Todas as bênçãos vêm do Senhor, as temporais e as espirituais, e, algumas vezes, os últimos dias de um homem bom são seus melhores dias, quanto às coisas temporais, como sucedeu a Davi e a Jó, embora nem sempre aconteça assim. Entretanto, se os dias finais de um homem são os seus melhores, quanto às coisas espirituais, isso será suficiente" (John Gill, *in ioc.*).

Seja como for, um homem goza de prosperidade, de maneira que pode promover causas boas e ajudar os outros, para que assim participe, com maior eficácia, das *boas obras.*

> *Deus pode fazer-vos abundar em toda graça, a fim de que, tendo sempre, em tudo, ampla suficiência, superabundeis em toda boa obra.*
>
> (II Coríntios 9.8)

O Novo Testamento mostra-se cuidadoso em adicionar as razões *altruístas* de por que riquezas são dadas a alguém: é para que sejam usadas em favor alheio e para financiar boas causas. Portanto, até o amor é envolvido no praticar a lei do amor. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Amor.*

42.13

Também teve outros sete filhos e três filhas. O número de filhos e filhas permaneceu o mesmo, como antes. Cf. Jó 1.2. Mas o Targum, notando que o hebraico tem um dual pelo número, *duplicou* o número, que certamente é exagerado, e uma interpretação improvável para fazer o vs. 13 concordar com a duplicação do vs. 12.

Naturalmente, os outros filhos de Jó não se *perderam,* pelo que, na realidade, houve duplicação. Eles ainda existiam no mundo da luz, mas a teologia do livro de Jó não contempla essa possibilidade, embora seja verdadeira. Portanto, seria anacrônico fazer os dez filhos deste versículo serem os originais, para, então, adicionar outros dez, duplicando-se, assim, o número original. Um novo filho que nasceu não substitui, na mente de seus pais, a criança que morreu. Mas, em sentido real, a primeira criança, morta, fez apenas uma transição, em vez de ter morrido. Naturalmente, se a reencarnação é verdadeira, então um filho desses, que "morreu", pode voltar; mas isso não é afiançado no livro de Jó. Isso *poderia* acontecer, não obstante, de acordo com a crença de alguns, o que tem alguma consubstanciação científica em nossa época. Ver na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* o verbete chamado *Reencarnação,* quanto a uma discussão completa, pró e contra.

42.14-15

Chamou o nome da primeira Jemina... Quezia... Quéren-Hapuque. É curioso que o autor nos dê os nomes das três filhas de Jó, mas não os nomes de seus sete filhos. Samuel Terrien (*in loc.*) sugeriu que o autor sagrado tinha um ponto de vista pró-feminista: "Ele registrou os nomes das jovens, que significam respectivamente Pomba (Jemina), Cinamomo (Quezia) e Chifre de Sombra dos Olhos (Quéren-Hapuque), mas ignorou os nomes dos filhos. Ele salientou a extraordinária beleza das donzelas e terminou sua narrativa com o *detalhe* ímpar de que o pai lhes deu herança entre os seus irmãos (vs. 15; cf. Núm. 27.1-11, que só permitia que as filhas recebessem herança quando não houvesse filho algum)". A referência ao "chifre" lembra-nos de que os chifres de animais eram usados como receptáculos para líquidos. As mulheres, então, como agora, pintavam as pestanas, pálpebras e sobrancelhas, o que elas acreditam torná-las mais belas. Além disso, havia toda aquela tinta que elas punham nos lábios e nas bochechas, além de tingir os cabelos!

Outros significados são dados aos nomes, como, em vez de Pomba, *Luz do Dia,* talvez falando do novo dia de Jó, após sua noite de sofrimento. A Septuaginta fala em Chifre de Amaltéia, isto é, a aia de Júpiter, que o alimentava com leite de cabra, quando ele era menino. Acidentalmente a cabra teve os chifres quebrados, pelo que Júpiter lhe deu um lugar no firmamento, transformando-a em constelação. Não sabemos dizer por que a Septuaginta fez uma alusão a esse exemplo da mitologia.

Tipo. Em Cristo não há macho nem fêmea, pois são todos iguais (ver Gál. 3.28), mas ver no presente texto uma antecipação é uma interpretação dúbia. Não obstante, tal é a verdade da questão, e essa verdade foi destacada pelo Novo Testamento, em tremendo avanço sobre as atitudes do judaísmo.

42.16

Depois disto viveu Jó cento e quarenta anos. *Vida Longa.* Não sabemos dizer qual seria a idade de Jó quando sua provação começou, portanto também é impossível dizer qual era a idade dele ao morrer. Os intérpretes hebreus nos dão como 70 anos a idade de Jó, quando ele começou a ser testado, o que significa que sua vida total foi de 210 anos. Contudo, não há como comprovar essa teoria. A Septuaginta nos dá a idade total de Jó como 240 anos, o que é apenas outra conjectura. Seja como for, uma vida longa (tal como as riquezas) era considerada uma bênção de Deus conferida aos justos. Há um eco desse pensamento em Efé. 6.3. As figuras concordam com as informações de que dispomos sobre a vida geralmente longa dos patriarcas, em contraste com a média de 70 anos nos dias de Davi (ver Sal. 90.10). Fazia parte das crenças dos hebreus que guardar a lei contribuía para uma longa vida (ver Deu. 4.1; 5.33; 6.2; Eze. 20.1). Quanto à *desejabilidade de uma longa vida,* ver as notas detalhadas sobre Gên. 5.21.

Ter vivido por tantos anos permitiu que Jó visse seus descendentes até a *quarta* geração. Para os hebreus, isso também era tido como dispensação especial de Deus.

> *O Senhor te abençoe desde Sião, para que vejas a prosperidade de Jerusalém durante os dias de tua vida, vejas os filhos de teus filhos.*
>
> (Salmo 128.5-6)

"José viu somente até sua *terceira* geração, mas Jó viu até a quarta. Ele foi trisavô. Sem dúvida, foi-lhe muito agradável ver tão numerosa descendência... especialmente andando nos caminhos de Deus, conforme provavelmente aconteceu" (John Gill, *in loc.*).

> *... verá a sua posteridade e prolongará os seus dias; e a vontade do Senhor prosperará nas suas mãos.*
>
> (Isaías 53.10)

"De acordo com as condições judaicas, os últimos dias de Jó (140 anos) foram exatamente o *dobro* do número de seus dias anteriores (70 anos)" (Roy B. Zuck, *in loc.*), pelo que obtemos outro número duplo (ver o vs. 12).

Os vss. 16-17 constituem um tema patriarcal que também pode ser visto em Gên. 25.8; 35.29; 50.23; ver ainda Sal. 128.6; Pro. 17.6 e I Crô. 29.28. "A grande idade de Jó mostra-nos que ele deve ser colocado no início dos tempos patriarcais, provavelmente antes de Moisés" (Ellicott, *in loc.*). Naturalmente, o livro de Jó foi escrito muito depois disso, mas coloca a ação nos tempos patriarcais. Ver sobre a questão da *Data,* na seção IV da *Introdução* ao livro de Jó.

42.17

Então morreu Jó, velho e farto de dias. Jó morreu, pleno de dias, e não prematuramente, conforme esperara morrer, quando sob seu teste severo. Ver Jó 3.20-26 e 10.18-22. Este versículo enfatiza a mensagem do vs. 16. Note-se que coisa alguma é dita sobre a sobrevivência da alma, que não fazia parte da doutrina dos hebreus da era patriarcal. Jó, contudo, elevou-se até esse nível em Jó 19.25-26, mas esse não foi um tema bem desenvolvido no livro de Jó, nem entrou na discussão sobre o problema do mal. Atualmente, ninguém pode falar no *Problema do Mal* (ver a respeito no *Dicionário*) sem se ver envolvido em afirmações e especulações sobre uma existência pós-túmulo. Emanuel Kant baseou na *justiça* um argumento em prol da existência de Deus e da realidade da alma humana. É claro que não vemos a justiça sendo feita nesta vida. Homens bons são perseguidos e explorados, e homens maus mostram-se prósperos e vivem longa vida em paz, embora causem confusão para outras pessoas. A fim de equilibrar as narrativas, fazendo com que os bons sejam recompensados e os maus, punidos, temos de supor que a existência da alma continue após o sepulcro, para que os ajustes próprios possam ser feitos. Por conseguinte, o homem deve sobreviver à morte biológica. Ademais, deve haver um juiz com sabedoria e poder suficiente para fazer os devidos ajustes, e esse Juiz é Deus. Somente dessa maneira a justiça pode ser alcançada, uma importante consideração quando se trata do problema do mal.

É difícil chegar a qualquer conclusão decente acerca do problema do mal, a menos que nos envolvamos em uma discussão sobre a existência pós-túmulo. Jó não recebeu explicações racionais para o problema do sofrimento, embora possa-

mos depreender alguma explanação apropriada do livro de Jó. Ver a seção V da *Introdução,* bem como a contribuição de Eliú, retratada no gráfico no fim do capítulo 37. Entretanto, Jó chegou a desfrutar de uma vida espiritual mais profunda, depois que recebeu sua visão da teofania (vs. 5), e assim veio a compreender, em seu coração, que estava na presença de Deus. Sabemos que Deus está em Seu trono e que tudo vai bem no mundo.

Portanto, o livro de Jó não resolve o problema filosófico do sofrimento humano, embora nos apresente uma realidade espiritual que, pelo menos, nos tranqüiliza a mente. Há aquele arrebatamento divino-humano que garante que a providência divina ganhará no fim. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Providência de Deus.*

"Uma das grandes lições da história é a maneira como a malícia de Satanás está sendo frustrada. Ele insinuou que *todo o culto* que Jó prestava a Deus era movido pelo *interesse,* tendo em vista sua própria proveito. Mas Jó demonstrou claramente que era capaz de amar Deus, mesmo sob as mais severas aflições" (Ellicott, *in loc.*). Tomando a liderança de Ellicott, repito aqui a declaração de minha fé, que amplio na introdução ao epílogo (ver nas notas expositivas sobre o vs. 7), afirmando que Deus finalmente transformará o mal em bem *para toda a humanidade.* Deus deverá escrever o último capítulo para todos os homens, embora isso vá ser feito nas eras distantes da eternidade futura. Quando Deus acabar de escrever esse último capítulo da história, veremos que Ele terá restaurado todos os homens, através de uma experiência parecida com a de Jó, e *através do sofrimento,* não sem ele. Afirmo que o julgamento é *remedial.* e não meramente retributivo. Esse é o princípio enunciado em I Ped. 4.6, ensino que podemos concluir, indiretamente, do *epílogo* do livro de Jó. Confio que toda a malícia de Satanás será finalmente frustrada, ou seja, derrotada, anulada. Efé. 1.9,10 dá-me razões para sustentar essa fé.

"Jó conheceu o pior e o melhor aspecto da vida humana e, nele, a história inteira da providência divina foi exemplificada e ilustrada, e muitos de seus mistérios foram desdobrados" (Adam Clarke, *in loc.*).

Laus in Excelsis Deo!

Aqui flui a maré que vem do mar sem praias,
De longe, uma vereda incomensurável,
Atingindo a ti e a mim.

(Russell Champlin)

Sua graça é grande o bastante para corresponder às grandes coisas:
As ondas que ribombam e avassalam a alma,
Os ventos rugidores que nos deixam atônitos e sem respiração,
As tempestades súbitas que fogem ao nosso controle.

A graça divina é grande o bastante para satisfazer todas as pequenas coisas:
As pequenas tribulações que nos irritam como picadas de alfinete,
A preocupação com os insetos, zumbindo persistentes,
As rodas que chiam e nos desgastam a alegria.

(Annie Johnson Flint)

A VIDA LONGA QUE AGRADA

Depois disto viveu Jó cento e
quarenta anos; e viu a seus, e
aos filhos de seus filhos, até à
quarta geração.
Então morreu Jó, velho e farto de dias.

Jó 42.16,17

Ó Senhor, concede-nos tal graça!

*** *** ***

COMO O TEMPO AGE

Considere como o Tempo age:
Nós confiamos a ele nossa juventude
E tudo que temos, inclusive as nossas alegrias.
Daí ele devolve para nós velhice e poeira,
E o sepulcro escuro e silencioso.
Depois que vagueamos em muitos caminhos,
O Tempo termina a história dos nossos dias;
Mas desta terra, deste sepulcro, desta poeira,
Meu Deus me levantará – eu espero.

Sir Walter Raleigh